

António Manuel Coelho Laginha

MEMÓRIA DA SAUDADE
O percurso e identidade artística do Ballet Gulbenkian
como estrutura de referência na dança portuguesa (1961-2005)

Universidade de Coimbra



António Manuel Coelho Laginha

MEMÓRIA DA SAUDADE
O percurso e identidade artística do Ballet Gulbenkian
como estrutura de referência na dança portuguesa (1961-2005)

Tese de Doutoramento em Estudos Artísticos apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Março de 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

MEMÓRIA DA SAUDADE

O percurso e identidade artística do Ballet Gulbenkian
como estrutura de referência na dança portuguesa (1961-2005)

António Manuel Coelho Laginha

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho:	Tese de Doutoramento
Título:	Memória da Saudade - O percurso e identidade artística do Ballet Gulbenkian como estrutura de referência na dança portuguesa (1961-2005)
Autor:	António Manuel Coelho Laginha
Identificação do curso:	Doutoramento em Estudos Artísticos
Área científica:	Artes
Especialidade:	Estudos Teatrais e Performativos
Ano de apresentação:	2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

*O lugar da vida não é o lugar da História. Num passa-se o mistério.
Noutro corrige-se a realidade.*

Agustina Bessa-Luís

(Frase inscrita na exposição alusiva à estreia do bailado *A sibila* – em 16 de Dezembro de 1998 – baseado na obra literária de A.Bessa-Luís, numa co-produção CeDeCe/Acarte, com coreografia e concepção cénica de António Rodrigues)

FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia

O presente trabalho teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal – 30170 / UCB -durante o período compreendido entre 01/10/1991 e 30/09/1994.

O Poeta e a Alma da Nação

Os entes psíquicos chamados nações têm cada um, no mistério espiritual da sua constituição, um segredo de virtualidade que se furta tanto à análise teórica do sociólogo como à síntese prática do político. [...] Assim uma nação tem uma alma, um corpo espiritual invisível à razão, que é suprema apenas no mundo da experiência, um destino indeterminável pela lógica, incriável pela vontade serva e pelo pensamento pseudo-nosso.

Nada nos diz que essa alma não exista; antes nos segreda a experiência intuitiva da vida que, deveras, uma nação tem um espírito, uma pessoa, um seu destino, como um homem.

Fernando Pessoa¹

1 Texto atribuído por António Quadros na obra *A ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos últimos 100 anos*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1989, p. 11.

Dedicatórias

Dedicado à memória de Carlos Trincheiras e Isabel Santa Rosa, artistas ímpares da nossa dança.

e também de António Ribeiro dos Santos e de Dulce Matos, amigos saudosos e entusiastas e que muito me incentivaram.

E a Águeda Sena, bailarina, coreógrafa e actriz e a Bernardette Pessanha, bailarina e, por muitos anos, assistente da direcção do BG

... e a todos os artistas e amigos que vive(ra)m a Dança com amor, generosidade, dedicação e seriedade.

Agradecimentos

Ao escolher um vasto tema relacionado com a história da dança portuguesa dita contemporânea e sabendo, desde logo, situar-se num campo relativamente pouco explorado por académicos, foi necessário partir de muitos testemunhos orais e material impresso cedido por diversas pessoas e instituições.

Porém, ficarei, para sempre, em dívida para com todas as pessoas que, graciosa e desinteressadamente, me ajudaram. E foram muitas. As que, simplesmente me incentivaram a conceber uma obra única e necessária e as que me forneceram dados, fotos, ideias e opiniões que ajudaram a construir este retrato vivo e rigoroso da história de uma companhia feita por muita gente de fibra e com personalidades vivas e estimulantes. Por tal, e com o maior reconhecimento e gratidão, quero deixar assinalada a importância da sua assistência neste projecto. Se, involuntariamente, o nome de alguma delas se encontrar omissa na subsequente lista, dever-se-á apenas a alguma infeliz traição de memória.

Para todos os que me apoiaram e trabalharam para que esta obra se tornasse realidade, palavras apenas não poderão traduzir a amizade e apreço que mantenho por todos eles.

Devo manifestar a minha grande estima pela acção extremamente positiva desenvolvida por Isabel Gago, Ana Vian e Otília Ribeiro dos Santos, amigas que me apoiaram, incentivaram e insistiram na importância deste trabalho durante os tempos mais difíceis em que a "motivação" escasseou e, sobretudo, quando faltou a disponibilidade física e emocional necessárias para combater alguns princípios de desencorajamento.

Desejo agradecer, encarecidamente, a todos os coreógrafos visados, especialmente àqueles que me inspiraram para desenvolver este projecto. Entre eles destacarei, em primeiro lugar, Carlos Trincheiras, meu querido mestre e amigo, o qual sempre me dedicou algum do seu precioso tempo, e Águeda Sena, uma Grande Senhora da dança portuguesa, amiga privilegiada e admiradora "incondicional" do meu trabalho, que sempre me incitou como bailarino, professor e crítico de dança, e pôs à minha disposição toda a sua documentação pessoal, a muita experiência artística e um saber e humanismo ímpares. Bem como as contribuições de Norman Dixon, o director-fundador do GEB, de D. Margarida

de Abreu (que me ensinou os primeiros passos de dança), de Bernardette Pessanha, com toda a sua generosidade, entusiasmo e incomensurável amor pelo BG, do grande Fernando Lima, e dos antigos elementos do BG, os bailarinos Marta Ataíde, Carlos Fernandes, Elisa Worm, Maria da Graça Bessa, Manuela Valadas, João Costa, Rui Reis, Lúcia Lozano, Vera Ribeiro da Silva, Manuela Varela Cid, Ana Rita Baeta Neves e Isabel Arbúes e do notável mestre Jorge Garcia.

E ainda de Isabel Ayres e Mafalda Aguiar, funcionárias da Fundação Calouste Gulbenkian e de Maria João Castro, que me forneceram dados históricos de relevante importância.

Todas elas foram importantes e muito apreciadas.

Gostaria, finalmente, de deixar expressa a incomensurável admiração por Deborah Jowitt, insigne escritora, jornalista e professora que, com grande amizade e dedicação, me ensinou a "ler" a dança nos palcos e a "vê-la" nos livros, preparando-me, a muitos níveis, para a elaboração desta tese, durante os meus tempos de Mestrado, na Universidade de Nova Iorque, na Tisch School of the Arts. A ela devo muita da inspiração necessária para este trabalho se tivesse realizado com muito rigor, dedicação e, sobretudo, a maior honestidade artística e intelectual possível.

Um especial agradecimento vai para Fernando Ferreira, Manuel Madeira e Isabel Gonçalves que se ocuparam, respectivamente, da elaboração dos gráficos e de outros pormenores técnicos da tese e para a Professora Doutora Cássia Navas que, já terminada, a leu.

Resumo

Este estudo teve como objectivo primeiro enquadrar o trabalho de uma companhia de bailado e dos seus artistas numa realidade que, pela sua importância histórica, se agigantou nos espaços nacional e internacional por mérito próprio. O título proposto, “Memória da Saudade”, remete-nos para uma realidade mista de orgulho e nostalgia, já que o Ballet Gulbenkian foi, sem qualquer dúvida, o grupo de dança com maior qualidade de obras, projecção e longevidade, dando, de certo modo, uma forma definitiva à História da Dança Portuguesa do século XX. A grande maioria das carreiras dos bailarinos e coreógrafos ligados à dança portuguesa contemporânea surgiu na sequência do trabalho levado a cabo pelos artistas portugueses e estrangeiros do BG. Este pertinente estudo visou a análise do percurso artístico do Ballet Gulbenkian através do legado das muitas figuras que o integraram e lhe deram vida enquanto importante estrutura coreográfica. O nosso olhar balizou-se entre os anos de 1961 e 2005, correspondendo a primeira data à formação do Grupo Experimental de Ballet e a segunda à extinção do Ballet Gulbenkian. Procedeu-se a uma mapeação cronológica do trabalho desenvolvido, bem como à caracterização da gestão artística de cada um dos períodos correspondentes aos seus seis directores principais.

PALAVRAS-CHAVE: Ballet Gulbenkian, Fundação Gulbenkian, Portugal, Companhia, Dança contemporânea, Criação coreográfica, História da dança, Bailado, Bailarinos, Coreógrafos.

Abstract

The primary objective of this study was to frame the work of a dance company and its artists within a reality, which, for its historical importance, won national and international scope in its own right. The proposed title, "Memory of Saudade", refers to a reality, with pride and nostalgia, as the Gulbenkian Ballet was, without a doubt, the dance group with the highest quality of works, projection and longevity, giving form to the Portuguese Dance History of the twentieth century. The vast majority of the careers of dancers and choreographers linked to Portuguese contemporary dance were the result of the work carried out by Portuguese and foreign artists from the Gulbenkian Ballet. This relevant study aimed to analyze the artistic journey of the company through the legacy of the many figures that built it and gave it life as an important choreographic structure. We focused on the time period between 1961 and 2005, corresponding first to the date of the formation of the Experimental Ballet Group, and second to the extinction of the company. The procedure adopted consisted of making a chronological mapping and also characterization of the artistic management of each of the six periods corresponding to their artistic directors.

KEYWORDS: Gulbenkian Ballet, Gulbenkian Foundation, Portugal, Company, Contemporary dance, Choreographic creation, Dance history, Theatrical dance, Dancers, Choreographers.

Lista de Siglas e Abreviaturas

Siglas

BG – Ballet Gulbenkian

BL – Ballets de Lisboa

BR – Ballets Russes

CDL – Companhia de Dança de Lisboa

CIC – Círculo de Iniciação Coreográfica

CPB – Companhia Portuguesa de Bailado (*)

CNB – Companhia Nacional de Bailado

GEB – Grupo Experimental de Ballet

GGB – Grupo Gulbenkian de Bailado

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

IAC – Instituto de Alta Cultura

RTP – RadioTelevisão Portuguesa

SM – Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

SNI – Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo

TEC – Teatro Experimental de Cascais

TNSC – Teatro Nacional de São Carlos

VG – Grupo de Bailados Portugueses "Verde-Gaio"

Abreviaturas

cen. – cenografia

cor. – coreografia

doc. – documento(s)

fig. – figurino(s)

fl. – folha(s)

mús. – música

p. – página

pp. – páginas

trad. – tradução

séc. – século

(*) Devido à coincidência de sigla, CPB, utilizada para a Companhia Portuguesa de Bailado e o Centro Português de Bailado, todas as referências a este último foram mantidas no texto sempre por extenso.

Apresentação

Desde o primeiro dia que me comecei a interessar pela Arte da Dança que a minha curiosidade me levou a procurar entender – sobretudo a um nível mais subterrâneo – todas as particularidades e subtilezas de uma actividade que abracei com particular entusiasmo e dedicação há mais de quatro décadas.

Posso, mesmo, afirmar que não houve um segundo da minha vida que o movimento não fizesse parte da respiração e do pensamento e que, sem qualquer exagero, a presente tese começou a ser elaborada (na minha cabeça) no dia em que integrei as fileiras do Ballet Gulbenkian. Pois, a partir de Setembro de 1975 – a par de uma carreira de intérprete cujo fim sempre teimei em adiar – a minha universidade da dança foram as centenas de palcos que pisei e os meus mestres, os colegas mais velhos, cuja sabedoria artística e dotes pedagógicos, nunca pararam de me espantar e de me valorizar física e intelectualmente.

Com eles aprendi não só todo um manancial de informação técnica e de preciosos conhecimentos artísticos, como me foram alimentando com toda a espécie de factos e histórias relativamente à dança portuguesa do século vinte. Apesar de contar na minha bagagem com um precioso acervo de memória, só comecei, verdadeiramente, a sistematizar esse tipo de dados a partir do momento em que me tornei jornalista profissional e, posteriormente professor universitário, na Escola Superior de Dança de Lisboa e no Instituto Universitário Afonso III e em algumas universidades estrangeiras, designadamente no Brasil e Chile.

O estudo da História da Dança Portuguesa – cadeira que ensinei na Academia de Dança Contemporânea, de Setúbal –, foi corolário de uma intensa actividade de jornalista que exerço regularmente desde 1986. Desde então, publiquei não só em diversos jornais e revistas nacionais e estrangeiros, como na Internet, milhares de artigos de fundo, programas para espectáculos de dança e galas de bailado e estudos específicos, como colaborei em diversas publicações da área da dança, realizei inúmeras conferências e participei em

muitos colóquios. Vai particular destaque para um projecto ímpar, a Revista da Dança, por mim fundada e dirigida a partir de 1998.

Conhecendo em profundidade a literatura da dança portuguesa e tendo escrito sobre o Ballet Gulbenkian mais do que qualquer outro jornalista ou académico português ou estrangeiro, foi bastante forte o apelo para, a partir da minha experiência como elemento do elenco da companhia da Gulbenkian, escrever a sua história. Uma história que testemunhei com grande intensidade, durante quase três décadas, até à última respiração do grupo de bailado da Fundação Gulbenkian. Apesar de terem sido muitas as dúvidas na maneira de tratar o tema escolhido, desde logo o caminho se afigurou orientar na convergência de vectores que apontavam para uma leitura do percurso do BG através de testemunhos de alguns dos seus mais expressivos protagonistas. Dando naturalmente primazia, àqueles que embarcaram nessa aventura e viveram por dentro a história do grupo. Referenciando, naturalmente, como contraponto ao discurso institucionalizado, todos os que tiveram uma voz – ainda que diversa e com perspectivas nem sempre consentâneas – nem sempre ouvida durante a existência do BG. Foi, por assim dizer, dada oportunidade aos artistas para enfatizarem aspectos que lhe são ou foram caros e, mesmo, discordar do que os chamados teóricos, ao longo dos anos, lançaram para a História tendo-se feito verdade duma realidade que nem sempre coincidiu com o que, verdadeiramente se terá passado nos bastidores e sobre as tábuas. Foi esse, seguramente, o maior desafio de reescrita de alguns factos que formam a história de uma companhia, sem nos determos em aspectos puramente técnicos ou em análises estéticas das obras do seu reportório. Começou-se pelo enquadramento dos pressupostos que deram origem à criação do BG tendo-se analisado, seguidamente, a companhia como um todo, partindo da soma das partes que se identificam com os diversos períodos que correspondem aos vários directores. E, mesmo, a alguns que, na ausência de uma direcção artística explícita, não impediu o grupo de traçar de uma linha continuada e, por vezes, mesmo coerente, em termos sequenciais.

Não só o verdadeiro carinho por uma estrutura artística que tanto deu a Portugal e aos artistas da dança portuguesa, como a necessidade e pertinência deste estudo para a Arte e Cultura nacionais, me fizeram passar para o papel uma imagem vívida do “percurso artístico” da mais conceituada companhia portuguesa de todos os tempos.

Convicto de que o estudo e reflexão sobre o papel do BG na cultura portuguesa não se esgota num só trabalho – e mais, que existirão sempre leituras diversas sobre este mesmo tema –, um novo desafio de colocará seguidamente e que consiste em realizar um

próximo estudo sobre o nosso olhar crítico relativamente a tudo o que publicámos acerca dos espectáculos e memórias do BG.

Este foi um trabalho muito longo, pois abrange praticamente toda a História da dança do século vinte português, porém prazenteiro, já que contou com a colaboração de alguns dos maiores e mais respeitados artistas do panorama da dança portuguesa. Todos os que quiseram colaborar com informações e ideias reveladoras tiveram acesso ao desenrolar dos trabalhos e a voz, relativamente a pormenores da escrita e, por isso, esta tese mais do que um projecto individual é pertença de todos eles.

A finalizar esta curta apresentação é da maior importância mencionar que a enorme variedade de testemunhos orais – muitos dos quais não aparecem registados por se referirem a dados e casos pontuais – foi complementada pela recorrente consulta ao meu arquivo de memórias e, muito especialmente, ao do Núcleo de Pesquisa e Documentação de Dança, por mim criado no Centro de Dança de Oeiras, que dirijo desde a sua fundação a 13 de Julho de 2001.

A título de informação deve-se acrescentar que no referido acervo se contém toda a documentação utilizada para suportar este trabalho de pesquisa, designadamente programas, recortes de jornais e revistas, fotos e outros documentos impressos, bem como livros nacionais e estrangeiros.

Índice

Dedicatórias.....	6
Agradecimentos.....	7
Resumo	9
Abstract.....	11
Lista de Siglas e Abreviaturas	13
Apresentação.....	15
Índice	19
Introdução.....	21
Contributo	21
Delimitação e objectivos.....	22
Metodologia e fontes.	26
Nota explicativa.	30
Capítulo 1 – Dando forma à identidade da dança portuguesa.....	35
1.1. Reminiscências e influências do século XIX.....	35
1.2. Lisboa: um pesadelo na existência dos Ballets Russes.	42
1.3. As experiências de Almada.....	56
1.4. O impulso nacionalista.	63
Capítulo 2 – Os anos pioneiros.	69
2.1. O Grupo de Bailados Portugueses "Verde-Gaio".....	69
2.1.1. Génese de uma coreografia "nacional".	69
2.1.2. Ascensão e apogeu com Francis Graça.....	73
2.1.3. Período de indefinição.	82
2.1.4. Declínio e extinção.....	86
2.2. O papel formativo de Margarida de Abreu e o Círculo de Iniciação Coreográfica.....	89
2.3. Duas companhias efémeras saídas do Círculo de Iniciação Coreográfica e do "Verde-Gaio".....	98
2.3.1. Os Ballets de Lisboa.	99
2.3.2. A Companhia Portuguesa de Bailado.....	114
Parte II – A Fundação Calouste Gulbenkian e o seu grupo de dança	121
Capítulo 1 – A Fundação Calouste Gulbenkian.....	123
1.1. Calouste Sarkis Gulbenkian – uma vida, muitas obras.....	123
1.2. Azeredo Perdigão e a criação da Fundação	134

1.3. Madalena Perdigão – a alma do bailado na FCG.	144
Capítulo 2 – O Grupo Experimental de Ballet (1961-1965).....	165
2.1. Aspectos relevantes da década de 60.	165
2.2. Norman Dixon e o primeiro interregno.	173
Capítulo 3 – O Grupo Gulbenkian de Bailado (1965-1975).....	195
3.1. Walter Gore e o segundo interregno.	195
3.2. A internacionalização com Milko Sparemblek.	207
3.3. O terceiro interregno.	225
Capítulo 4 – O Ballet Gulbenkian (1975-2005).....	239
4.1. O longo consulado de Jorge Salavisa.	239
4.2. Os derradeiros directores.	256
4.2.1. O período Iraciy Cardoso.	256
4.2.2. A passagem de Paulo Ribeiro pelo BG.	260
4.3. O fim trágico.....	266
Considerações finais.....	283
Referências Bibliográficas	291

Anexos

A – Reportório do GEB/GGB/BG por ordem alfabética de título (1961-2005)	305
B – Lista de espectáculos do GEB/GGB/BG por temporada (1961-2005).....	533
C – Bailados e respectivo número de representações	659
D – Salas de espectáculos e número de representações	673
E – Cronologia dos elencos directivo e pedagógico do BG	683
F – Criações de artistas nacionais e estrangeiros.....	689
G – Mapa geral de apresentações do BG	695
H – Testamento de Calouste Sarkis Gulbenkian.....	703
I – Estatutos da FCG	709
J – "Extinción del Ballet Gulbenkian: a sangre fría".....	717
K – Cronologia dos espectáculos de bailado nos Festivais Gulbenkian de Música.....	721
L – Delarações	729
M – Blogue BG.....	735
N – Breve historial da CNB	749

Introdução

Contributo

O Ballet Gulbenkian (BG), mesmo depois de aniquilado, continua a assumir-se como um verdadeiro "património nacional" já que, desde a sua fundação, sempre foi considerada a "companhia de dança portuguesa" do séc. XX. Por ela passaram os melhores artistas nacionais (bailarinos e coreógrafos) e muitos estrangeiros de nomeada. Nela se formaram artistas – sendo hoje lembrada também como uma espécie de escola –, e o seu extenso reportório representa o que de melhor se criou em Portugal, naquele extenso período de tempo.

O grupo da Fundação foi, inclusivamente, escolhido com alguma regularidade para acompanhar comitivas oficiais em viagens protocolares ao estrangeiro e, ao longo de 44 anos, foi para a maioria dos portugueses, na prática, a companhia estatal ao representar simbolicamente o nosso país lá fora. Ainda que privada e perfeitamente independente dos poderes públicos. Mesmo após a criação da CNB, em 1977, os sucessivos presidentes da República Portuguesa continuaram a requisitar à FCG o seu grupo de bailado para os acompanhar, como atractivo cultural, nas suas saídas do País. Em casos pontuais a própria Fundação fez a sua companhia de dança exibir-se perante ilustres convidados forasteiros que visitaram Portugal, designadamente Leopoldo Senghor, Presidente da República do Senegal, em 28 de Janeiro de 1975; o Presidente da República Federativa do Brasil, João Baptista de Oliveira Figueiredo, em 1 de Fevereiro de 1981; a rainha Isabel II da Grã-Bretanha, em 27 de Março de 1985 e os Príncipes de Gales em, 28 Fevereiro 1987.

O seu sucesso poderá medir-se, entre outras premissas, pelo seu extenso e eclético reportório, que rivalizava com o das melhores e mais conceituadas companhias de dança de todo o mundo. O nível artístico e profissional do BG, reconhecidamente como um dos mais elevados na dança contemporânea europeia, nunca teve paralelo em Portugal, e o carisma e personalidade dos seus artistas foram uma marca sempre presente nos seus espectáculos. Durante a sua existência formou públicos e um número muito significativo de profissionais, marcou percursos, renovou visões e, sobretudo, elevou a vivência artística de um público muito limitado em opções e artisticamente subnutrido. A qualidade das suas produções sempre foi uma mais-valia para um grupo que fora das nossas fronteiras, elevava bem alto o nome de Calouste Gulbenkian, da sua Fundação e, acima de tudo, o de Portugal.

Não havendo no nosso país muitas publicações sobre dança (o seu número é, objectivamente, muito reduzido, condicionando todo e qualquer estudo), um trabalho sobre a mais representativa companhia portuguesa do século passado e os seus importantes criadores será, naturalmente, de grande interesse não só para todos os que estão ligados a esta arte, mas também para o público em geral. Sobretudo após a sua inesperada e controversa extinção.

Esta será, pois, uma obra que dará a conhecer o percurso de uma companhia que define praticamente na totalidade a dança contemporânea portuguesa na segunda metade do séc. XX, revelando-se, desse modo, um trabalho de incontestável importância para a arte e a cultura portuguesas. E que irá, seguramente, resgatar do esquecimento a que foi votado um grupo que é uma fortíssima referência cultural na nossa dança.

Delimitação e objectivos.

Se um dos maiores legados de Calouste Sarkis Gulbenkian ao nosso país terá sido, sem qualquer dúvida, a extensa rede de bibliotecas (incluindo as itinerantes), que proporcionou o primeiro contacto a grande parte da população portuguesa com um bem essencial – o livro –, num plano semelhante encontra-se o grupo de dança da Gulbenkian, um dos três conjuntos artísticos a que a Fundação deu vida.

A par da orquestra e do coro Gulbenkian, o grupo de bailado proporcionou a milhões de portugueses o seu primeiro "deslumbramento" com a arte de Terpsícore, quer no Grande Auditório situado na lisboeta Avenida de Berna, quer em inúmeros outros palcos, fixos ou móveis, do continente, das ilhas e até das antigas províncias ultramarinas. Antes disso, o Secretariado Nacional de Informação do governo presidido por Salazar (conhecido popularmente por SNI)¹ havia criado, em 1940, o Grupo de Bailados Portugueses "Verde-Gaio" (VG), e o Instituto de Alta Cultura (IAC)² e promoveu, a partir de 1956, cursos de

1 Fundado por António Ferro, em 1933, no governo de Salazar, o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) era o organismo público responsável pela propaganda política, informação pública, comunicação social, turismo e acção cultural, durante o regime do Estado Novo em Portugal. Desenvolveu uma acção importante na área das artes plásticas, cinema, teatro, dança, literatura (com a instituição dos prémios literários) e edição, folclore, etc. O organismo adoptou a designação SNI em 1945, e em 1968 foi transformado na Secretaria de Estado da Informação e Turismo (SEIT). Depois do 25 de Abril de 1974, a área de informação e comunicação social do antigo SNI/SEIT, serviu de base para a nova Secretaria de Estado da Comunicação Social (ocasionalmente, em alguns governos, elevada ao estatuto de ministério).

2 O IAC funcionou entre 1952 e 1976 e foi o organismo responsável pela condução da política cultural, de divulgação da língua e cultura portuguesas no estrangeiro e de investigação científica durante o Estado Novo. Sucedeu, nessas funções, à Junta de Educação Nacional (1929-1936) e ao Instituto de Alta Cultura (1936-1952), de acordo com o Artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 46038 de 16 de Novembro de 1964 (que reestruturou o Instituto de Alta Cultura) e o Preâmbulo do Decreto-lei n.º 538 de 9 de Julho de 1976.

dança no Teatro Nacional de São Carlos (TNSC) com a ideia de se criar uma verdadeira escola de bailado adstrita ao teatro¹. Os mesmos viriam a ser extintos em 1969 porque, a determinada altura, o Estado resolveu dar mais ênfase e investir mais na escola de dança do Conservatório Nacional, que apresentava um ensino cujo nível era tido por medíocre e ineficaz. A 24 de Maio de 1961, numa iniciativa do casal constituído por Maria Antónia Luna Andermatt e Francisco Brás de Oliveira, e com o patrocínio do IAC, do TNSC e do SNI, surge a efémera Companhia Portuguesa de Bailado (CPB), sonho que nem um ano duraria, pois entretanto rebenta a guerra nas colónias e todas as atenções e avultadas verbas do orçamento do Estado começam a ser canalizadas para um único destino: o conflito em África. Mais tarde, em 1978, foi criada – ainda por iniciativa de Luna Andermatt e alguns dos seus colaboradores mais próximos – a Companhia Nacional de Bailado (CNB), dependente da recém-criada Secretaria de Estado da Cultura. As sucessivas experiências de concepção de uma escola de dança portuguesa e de uma companhia nacional à semelhança do que se passava em países europeus como França e Inglaterra – tidos por "desenvolvidos" na área da cultura e que serviam de modelo a Portugal, não só pela tradição de alianças políticas, como pela proximidade geográfica e pela facilidade de acesso – falharam devido aos poucos investimentos, à falta de interesse das populações e, acima de tudo, às políticas praticadas em Portugal.

Numa época em que o ensino da dança apresentava uma qualidade objectivamente deficiente e o VG – após uns anos, no início, de algum fulgor – se encontrava em declínio, o aparecimento, em 1955, da FCG, surgiu como uma espécie de "luz ao fundo de um túnel", que o regime fascista de Salazar e Caetano havia tornado negro e demasiado estreito. Os poucos artistas com algumas ambições na dança tiveram, mesmo, que deixar o país já que então as perspectivas profissionais eram reduzidíssimas. Entre eles contam-se, numa primeira geração, Águeda Sena, Fernando Lima e a ítalo-portuguesa Anna Mascolo, todos discípulos de Margarida de Abreu (1915-2006). Ela própria, oriunda de uma família abastada, buscou ensinamentos especializados na Suíça, de onde a sua mãe era originária. Apenas Isabel Santa Rosa, nascida em Marrocos em 1931 e diplomada pelo Conservatório de Casablanca, em vez de seguir uma possível e bem-sucedida carreira em França, potência colonizadora de Marrocos (ou em outro qualquer país), rumou a Lisboa, tomando assim um caminho inverso ao que seria de esperar; depois de trabalhar alguns anos no VG, seria um dos membros fundadores do grupo de dança da FCG, bem como uma das estrelas mais cintilantes de todo o panorama da dança portuguesa.

1 Sob proposta e impulso de Maria Antónia de Luna Andermatt (1925-2013) – antiga bolseira em Londres do governo português – cria-se, em 1956, nas instalações do Teatro Nacional de São Carlos, o Centro de Estudos de Bailado do Instituto de Alta Cultura com o objectivo de formar bailarinos para uma futura companhia nacional.

Acima de todas as estruturas oficiais a FCG foi, sem dúvida, ao longo de quase meio século, a que mais fez pelo apoio às artes e à cultura em Portugal. A consistência deste apoio foi de tal modo decisiva para o progresso do país – ao que se junta um significativo investimento também na ciência – que, durante as décadas de 60, 70 e 80 do séc. XX, se tornou comum encarar a FCG como um verdadeiro "ministério da cultura e da ciência". A situação de quase monopólio cultural, ainda que involuntária por parte da própria Fundação – como os seus responsáveis repetidamente afirmaram –, na prática, sobrepôs-se ao Estado na dupla qualidade educativa e cultural durante cerca de duas décadas e só acabaria por se modificar, fruto de uma evidente evolução nas mentalidades e da própria mudança política e económica do país. As expressivas transformações pós Abril de 74 e que tiveram a ver, sobretudo, com a "Revolução dos Cravos", fizeram com que se passasse, literalmente, de uma situação nada exaltante – comparativamente a outros países europeus – para um clima artístico caracterizado por uma certa (e expectável) euforia.

Essa realidade acabou por trazer algumas surpresas, na qualidade das propostas e realizações e no profissionalismo dos artistas, sobretudo ao nível do espectáculo. No chamado período "pós-revolução", a Europa – até então tão perto e tão distante – e os próprios Estados Unidos começaram a ser cada vez mais procurados como destino de uma geração de bailarinos portugueses mais liberal, com um pouco mais de poder de aquisição e, sobretudo, impossível de conter dentro das apertadas fronteiras do País. Dentro de uma lógica vigente na Europa, no que concerne ao desenvolvimento das artes no século XX, foram surgindo, em Portugal, ao longo dessa fase, várias iniciativas e instituições que iriam definir os contornos que a dança portuguesa adquiriria no século seguinte. Todos os que saíram do país e voltaram, mais esclarecidos e com a energia e convicção que faltavam em Lisboa e nas principais cidades portuguesas, procuraram, primeiro junto de Azeredo Perdigão e, mais tarde, de sua mulher, Madalena Perdigão, através de pedidos pessoais ou mais ou menos formais, os necessários apoios que o Estado, simplesmente, não lhes dispensava.

O "grupo de bailado" da FCG como foi conhecido em Portugal durante sucessivas décadas teve, basicamente, origem num dos referidos pedidos de apoio com vista a se formar uma associação privada constituída por "baletómanos" lisboetas: o Centro Português de Bailado. Inicialmente era para se chamar Ballet Experimental, mas acabou por adoptar no ano de 1961 o nome de Grupo Experimental de Ballet (GEB) que, em 1965, passou a designar-se Grupo Gulbenkian de Bailado (GGB) quando a Fundação incumbiu ao seu Serviço de Música a gestão artística e financeira daquele. Dez anos depois voltaria a mudar o nome para Ballet Gulbenkian, numa época em que essa designação pareceu, aos que o dirigiam, mais abrangente e com um carácter mais universal. Após uma fase de algum eclectismo, em que a par de obras criadas para o grupo se foram apresentando algumas peças do reportório académico-clássico, virou-se inequivocamente para a dança

contemporânea e durante três décadas de incontestável sucesso artístico, o BG veio a transformar-se numa referência no panorama artístico nacional e internacional tendo, inesperadamente, sido extinto em 2005. Criado pois, embora não oficialmente, com o patrocínio do primeiro Presidente da FCG, José Azeredo Perdigão, o GEB, assim como o GGB, sempre se revelaram projectos pessoais da sua mulher, Madalena Perdigão, a primeira e mais entusiasta directora do Serviço de Música da Fundação.

Tendo na direcção do grupo, sucessivamente o inglês Norman Dixon, o escocês Walter Gore, o esloveno Milko Sparemblek, várias comissões artísticas (formadas por alguns bailarinos, professor e coreógrafos do elenco), Jorge Salavisa, a brasileira Iracity Cardoso e, finalmente, Paulo Ribeiro, a companhia passou por alguns períodos menos felizes sem, no entanto, jamais perder a sua essência e, sobretudo, uma forte personalidade artística. Bailarinos nacionais de gabarito como a já referida Isabel Santa Rosa (1931-2001), para além de Carlos Trincheiras, Armando Jorge, Jorge Trincheiras, Graça Barroso, Carlos Caldas, Isabel Queiroz, Carlos Fernandes, Marta Ataíde, Miguel Lyzarro, Maria José Branco, Benvindo Fonseca, Elisa Ferreira, Paula Pinto, Luís Damas, Francisco Rousseau, Rui Pinto e José Grave, entre muitos outros, e estrangeiros como Paula Hinton, Ger Thomas, Margery Lambert, Johanne O'Hara, Patrick Hurde, Gagik Ismailian e Barbara Griggi, deram corpo a grandes criações de coreógrafos portugueses como Águeda Sena, Carlos Trincheiras, Armando Jorge, Olga Roriz, Vasco Wellenkamp e Paulo Ribeiro, que, infelizmente estão hoje esquecidas e arredadas dos nossos palcos. A par de obras de estrangeiros de linhagem como Norman Dixon, Walter Gore, Milko Sparemblek, John Butler, Lar Lubovitch, Louis Falco, Christopher Bruce, Hans van Manen, Jiri Kylian e Mauro Bigonzetti, entre muitos outros.

Peças como *Homenagem a Florbela* (do período Dixon), *Devoradores da escuridão* (do período Gore), *Messias* (do período Sparemblek), *13 Gestos de um corpo* (do período Salavisa) e *Cantata* (do período Cardoso) foram bailados que, verdadeiramente, marcaram épocas e douraram o riquíssimo repertório de uma companhia tão viva e carismática quanto sofisticada.

Sem menosprezar o muito importante apoio financeiro que a FCG concedeu às múltiplas áreas da criação humana, das ciências (investigação) e da solidariedade social – ainda que numa lógica de instituição privada e, portanto, com regras não necessariamente regidas por princípios rigorosamente transparentes e indiscutivelmente democráticos –, o BG foi uma pedra basilar da dança portuguesa e a sua história encontrava-se por fazer. Foi, pois, o riquíssimo percurso do BG nas suas três fases cruciais – surgimento, ascensão e queda – que nos propusemos levar a termo.

Metodologia e fontes.

Segundo Denzin e Lincoln (1998), um paradigma é algo que define as acções e que tem em conta determinados princípios – é uma construção humana que define a forma do investigador ver o mundo. Para estes autores um paradigma é constituído por três elementos:

- i) o epistemológico, que questiona, como vemos, o mundo;
- ii) o ontológico, que levanta determinadas questões sobre a natureza da realidade;
- iii) o metodológico, que se foca em como podemos adquirir conhecimento sobre o mundo. Neste trabalho optou-se pelo paradigma interpretativo por ser aquele que mais se adequa ao tipo de estudo que pretendíamos desenvolver. Na perspectiva de Taylor e Bogdan (1997), este relaciona-se com a compreensão dos fenómenos sociais através da perspectiva dos actores e de uma análise de como o mundo é encarado por eles. Mais importante do que determinar o "porquê" é precisar o "como", havendo uma preocupação em entender as interacções sociais e a organização por elas construída recusando o impulso para generalizar, interpretando as particularidades de cada processo, situação ou contradição (Denzin, 1989). Se o paradigma positivista silencia a dimensão individual, já o paradigma interpretativo dá-lhe todo o relevo. Ainda de acordo com Denzin (1989), o rigor sofisticado deste paradigma relaciona-se com o facto de serem utilizados vários métodos de pesquisa que podem adequar-se à diversidade empírica das situações; este tipo de pesquisa pode produzir descrições e interpretações dos processos sociais proporcionando, ainda, um melhor entendimento e compreensão de algumas situações. Para Esteves (2006) este trata-se "de um procedimento essencialmente indutivo: caminha-se dos dados empíricos para a formulação de uma classificação que se lhes adequa" (p. 110).

Escolheu-se uma metodologia qualitativa, já que esta se encaixa na linha do paradigma atrás referido seguindo a orientação do mesmo. O termo metodologia qualitativa refere-se, no seu sentido mais lato, à pesquisa que produz dados descritivos, através das próprias palavras das pessoas e da observação dos seus comportamentos (Taylor & Bogdan, 1997); geram-se portanto, dados não quantificáveis e, mais importante, não se faz um estudo ou uma investigação no sentido de comprovar uma ideia preconcebida: a metodologia qualitativa é, pois, indutiva, uma vez que se desenvolvem conceitos e pontos de vista através dos dados recolhidos, e não o inverso. A adopção deste tipo de metodologia efectuou-se com a consciência de que grande parte do estudo fica circunscrito às declarações que o informante cede ao investigador, e que acabam por ser essas informações que definem os passos a dar em seguida, mas consideramo-la "valiosa não só pelo conhecimento que produz sobre o objecto de estudo, mas também pelas novas zonas

de sentido que permite descobrir em relação aos objectos de estudo" (Rey, 2002, p. 73). Neste sentido o problema na metodologia qualitativa não precisa de ser definido na fase inicial pois é só uma orientação de partida, uma vez que "as abstracções são construídas à medida que os dados particulares recolhidos se vão agrupando" (Investigação qualitativa em educação Bogdan & Biklen, 1994, p. 50), permitindo que se vão formulando questões para as quais se vai tentando encontrar respostas.

Para tal estudo, o *instrumentarium* de pesquisa avançou-se variado, desde materiais audiovisuais (entrevistas gravadas, fotografias, filmagens) a material impresso (artigos e entrevistas e publicados em jornais e revistas, notas de programas, notas coreográficas dos autores, correspondência, e até – em casos muito residuais que nem se referem nesta tese – a desenhos de cenários, figurinos e de planos de luzes e registos coreográficos em sistemas específicos de notação). Curiosamente, em áreas como, por exemplo, as artes plásticas, existe um vasto acervo documental para além de muito material de apoio (projectos, cartas e relatórios) necessário e suficiente para que um pertinente estudo se realize com rigor e objectividade (Martins, 2007), o que não sucede na área da dança, já que o material literário e documental é escasso, perene e, quantas vezes, inacessível por se encontrar em posse privada (quer particular, quer institucional) particularmente ciosa.

Deve-se mencionar que a FCG, na sua qualidade de instituição privada, possui uma bem-recheada Biblioteca de Arte aberta ao público, porém, o acesso a documentação relativa ao BG, desde a sua extinção, encontra-se condicionado com o pretexto de "não estar devidamente catalogada". De um modo geral, para além de memórias individuais, pouco mais existe para documentar a dança portuguesa do século XX do que entrevistas com coreógrafos e bailarinos, textos críticos publicados (sobretudo) na imprensa nacional, programas e fotos de espectáculos e gravações esparsas feitas pela RTP. A esmagadora maioria das obras criadas e exibidas no país e no estrangeiro, não tendo sido a sua natural efemeridade devidamente acompanhada de uma preservação organizada por se tratar de uma reconhecida, significativa e importante "herança cultural", encontra-se irremediavelmente perdida.

A pesquisa para este trabalho foi efectuada quase exclusivamente em Portugal – note-se que todos os livros e a quase totalidade dos documentos citados na presente tese fazem parte e estão disponíveis para consulta no arquivo do Centro de Dança de Oeiras, que tem vindo a desenvolver um Núcleo de Pesquisa e Documentação de Dança na sua sede – e a primeira preocupação foi a recolha exaustiva de documentação relativa a espectáculos, obras e artistas da companhia de dança da FCG. Começou-se por seleccionar todos os programas do GEB, GGB e BG de modo a elaborar grelhas que permitissem uma caracterização rigorosa da companhia a diversos níveis, designadamente de reportório,¹ autores, intérpretes e apresentações (número, datas e locais), enquadrados nas respectivas

1 Para informações mais detalhadas consultem-se os Anexos A, B e C.

temporadas. Procurou-se a bibliografia disponível sobre a companhia, coreógrafos e bailarinos, que se verificou diminuta, assim como material jornalístico, designadamente críticas de espectáculos e entrevistas com criadores e intérpretes. Consideram-se fontes primárias todas as que focam o Ballet Gulbenkian em particular, e como fontes secundárias, aquelas que se reportam a temas sobre arte, cultura, e dança, em sentido lato.

Sabendo muito valiosos, sobretudo, os depoimentos de diversos bailarinos e coreógrafos com peso artístico e pessoas com estreita ligação à companhia, procedeu-se à recolha de testemunhos orais para além das entrevistas e relatos que se encontraram publicados. As entrevistas feitas obedeceram a um critério estabelecido *a priori*: apenas se colocaram questões a artistas da dança cuja representatividade, de todo um elenco mutável ao longo de 44 anos, é reconhecida tanto pelo público como pela crítica. Para Ruquoy (1997) as entrevistas podem ser classificadas em duas categorias: numa, o entrevistador favorece a expressão mais livre do seu interlocutor, intervindo o menos possível; na outra, é o entrevistador quem estrutura a entrevista partindo de um objecto de estudo estritamente definido. Na pesquisa qualitativa a entrevista "tem sempre o propósito de converter-se em diálogo, em cujo curso as informações aparecem na complexa trama em que o sujeito as experimenta no seu mundo real" (Rey, 2002, p. 89). Para tal, é "necessário que o entrevistador ocupe a 'posição inferior' – escutar, informar, questionar –, para que o narrador possa ocupar a função esclarecida, criadora, activa" (Digneffe & Beckers, 1997, p. 216).

Foram realizadas entrevistas em profundidade no sentido explicitado por Taylor e Bogdan, ou seja, encontros repetidos entre o investigador e os seus informantes, com o intuito de entender as perspectivas destes sobre os acontecimentos. Mas este é também um tipo de entrevista que procura um conhecimento e informação profundos no que se refere a assuntos pessoais, experiências vividas, os seus valores e decisões, a sua ideologia, as suas perspectivas ou conhecimento cultural que possui. Johnson, B., e A. Onwuegbuzie (2004), "*Mixed Methods Research: A research paradigm whose time has come*", em *Educational Researcher*, 33: 7, pp. 14-26. mencionam que, apesar de entre os variados tipos de entrevista, ser, talvez, a que mais se aproxima de uma conversa entre amigos, mais do que um desafio de perguntas e respostas, em que o entrevistador é quem conduz, exercendo controlo sobre a conversa, mais do que o entrevistado. Segundo Taylor e Bogdan (1997), o entrevistador é a própria ferramenta de pesquisa, já que à medida que vai obtendo respostas, vai sabendo que perguntas fazer e como fazê-las, sendo que o guia de partida não é um protocolo estruturado – raramente é mais do que uma lista com os tópicos principais que se pretende que sejam abordados pelos entrevistados, cuja função é, unicamente, servir de suporte ao entrevistador sobre certas questões incontornáveis, que serão colocadas no momento mais oportuno da entrevista – e que pode ser expandido e revisto à medida que a entrevista decorre. É portanto essencial que o entrevistador seja assertivo o suficiente para saber escutar e encaminhar o informante ao curso da conversa

que lhe interessa, tendo uma atitude flexível que pode levar também à aquisição de informação inesperada (Johnson, B., e A. Onwuegbuzie (2004), "*Mixed Methods Research: A research paradigm whose time has come*", em *Educational Researcher*, 33: 7, pp. 14-26). Isto revelou-se-nos um problema em algumas ocasiões: embora outros factores pudessem estar em jogo, sentiu-se que, no esforço de se respeitar o espaço do entrevistado, não se conseguiu aprofundar algumas questões que este não quis focar, por motivos (sentimentais) que só o próprio saberá. Mas sentiu-se que, de forma geral, as questões eram colocadas como resultado de um diálogo, permitindo ao entrevistado expor-se de forma descontraída e natural, e considera-se que a informação obtida foi a suficiente tendo em conta o tipo de investigação de que se tratava.

Foram realizadas uma ou várias entrevistas, conforme se revelou necessário, com cada um dos intervenientes, frequentemente complementadas por outros testemunhos pontuais, com o intuito de conhecer de uma forma geral o trabalho do(a) entrevistado(a) e o seu percurso na companhia, bem como aprofundar determinados temas e a sua visão específica do seu trabalho, ou do dos colegas e da direcção artística e técnica – entendendo-se por esta as relações estabelecidas entre bailarinos e entidade patronal. Recorreu-se ao uso de um gravador (tornando possível a audição total de algumas delas que se estendem por longas horas e em que os entrevistados, frequentemente, incluem relatos de natureza artística e também pessoal) e de anotações escritas, posteriormente validadas pelos próprios entrevistados através de declarações por si assinadas. Sempre que se mostrou necessário anotaram-se, num diário de campo, observações suplementares e dados de observação e contactos, para além de conversas menos formais para a recolha de informações avulsas que pudessem ser importantes, mas cujo contributo não justificava uma profunda e demorada entrevista. Assim, as referências às conversas com os artistas seleccionados aparecem na tese com dois tipos de designação: as de fundo e que abordam aspectos mais gerais são denominadas entrevistas e as restantes informações. Tanto umas como outras identificam devidamente os respectivos autores, excepto num único caso em que uma personalidade da Dança Portuguesa e que esteve na génese do BG preferiu manter o anonimato. Respeitada tal solicitação o seu verdadeiro nome foi substituído por um pseudónimo que surge referenciado como Vasco Rebelo de Sousa e o local e a data da entrevista como, Lisboa, 2010.

O cruzamento de todas as entrevistas permitiu ter uma visão geral do material conseguido nos momentos de recolha de dados. Como forma de analisar os dados recolhidos utilizou-se a análise de conteúdo que Bardin define como "um leque de apetrechos ou, com maior rigor, um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações" (Bardin, 2006, p. 27). Foram usados procedimentos abertos, o que significa que "nenhum quadro categorial teórico ou empírico (serviu) de suporte à análise. Os resultados são

devidos unicamente à metodologia de análise, estando esta isenta de qualquer referência a um quadro pré estabelecido [...] a metodologia é auto-geradora do sentido do resultado" (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 232).

Convém, ainda, assinalar que em relação às fontes utilizadas, existe um número, porventura, excessivo de citações de obras nossas. Nas primárias – entre artigos surgidos em jornais e revistas e publicações em livro – são ao todo oito, e nas secundárias, duas. Por outro lado, remeteram-se para a lista de anexos mais dois longos artigos de fundo cuja importância é inquestionável na história de vida do BG, mas cuja extensão é manifestamente despropositada para inserir no corpo de uma tese. A razão de se ter optado pela sua inclusão deve-se apenas ao facto de, em determinadas épocas – ou em situações específicas – termos sido apenas nós a ter publicado artigos de reflexão crítica sobre certos eventos que acabaram por se revelar de primordial importância para o percurso da companhia.

Nota explicativa.

Na primeira parte do nosso trabalho trataremos do enquadramento da dança nacional, desde o aparecimento do bailado no Teatro de São Carlos (séc. XIX) até ao ano de 1961, data crucial da criação de duas companhias de dança em Lisboa.

Os temas sucessivamente desenvolvidos têm por título, Reminiscências e influências do século XIX, os Ballets Russes, as experiências de Almada (Capítulo 1), o "Verde-Gaio", o Círculo de Iniciação Coreográfica e os Ballets de Lisboa e a Companhia Portuguesa de Bailado (Capítulo 2). Numa segunda parte focaremos, especificamente, a companhia de dança da FCG sob os temas: a FCG e seus protagonistas (Capítulo 1), o GEB (Capítulo 2), o GGB (Capítulo 3) e o BG (Capítulo 4).

Cada um dos capítulos apresenta características algo diversificadas devido à sua intrínseca natureza. De um modo geral para os primeiros capítulos, relativos ao enquadramento do objecto de estudo propriamente dito, encontraram-se algumas publicações, designadamente uma *História da dança em Portugal*, que nos serviu de base para os pontos que cremos essenciais tratar. Quanto ao "percurso de vida" do BG, feito por etapas que, *grosso modo*, correspondem a cada um dos sucessivos directores artísticos, o tratamento dado a cada um deles foi diverso. Não havendo literatura específica apenas nos podemos socorrer da consulta de programas e artigos de jornais e revistas, e de informações personalizadas.

No caso de Norman Dixon, que esteve no difícil papel de mentor artístico do grupo à data do seu arranque, recorreu-se a várias entrevistas com o visado; para o período de Walter Gore, já falecido, fomos obrigados a registar opiniões de terceiros que com ele privaram próxima e regularmente; no caso de Milko Sparemblek deu-se preferência à

extensa documentação por si elaborada para o Serviço de Música da FCG e que contém valiosas reflexões (e mesmo justificações perante a entidade patronal) muito importantes para o entendimento não só da sua bem pensada política artística como da difícil gestão laboral e de recursos humanos numa fase de grandes convulsões na vida da companhia e dos portugueses. No que toca à época protagonizada por Jorge Salavisa na direcção, a mais longa de todas – cerca de dezoito anos –, fizemos uso sobretudo da sua autobiografia, na qual, em boa hora, decidiu tornar públicas as posições artísticas que presidiram a uma gestão que, assim, pode ser analisada de diversos ângulos. Quanto a Iracity Cardoso e a Paulo Ribeiro, os derradeiros directores do BG, a primeira teve uma actividade discreta e pouco expressiva – que foi escassamente comentada por artistas e críticos – e o segundo nem teve tempo para deixar grandes marcas na companhia. Os seus testemunhos, vertidos para a imprensa, poderão ser considerados, na sua maioria, algo vagos, não constituindo matéria de grande proveito documental.

Deve-se mencionar que ao longo do estudo se equacionou o trabalho das sucessivas direcções artísticas em articulação e/ou dependência do SM, muitos anos sob a determinante influência de Madalena Perdigão e depois de José Blanco (administrador) ou Carlos Pontes Leça, representando uma entidade patronal mais ou menos visível aos olhos dos artistas mas pouco significativa no que toca ao entendimento que dela o público fazia.

Parte I – A dança em Portugal com origem no São Carlos e nos teatros lisboetas

Na longa história da Humanidade um sem número de impérios e nações nasceram e desapareceram. Aqueles que não conseguiram produzir obras de arte duradouras estão hoje reduzidos a discretas notas de rodapé nos nossos compêndios de história. A arte de uma nação é sua herança mais preciosa. É através da obra de arte que revelamos a nós próprios e aos outros a visão interior que nos guia como nação.

E onde não existe essa visão, os povos irremediavelmente perecem.

(Johnson, 1993, p. 7)

Capítulo 1 – Dando forma à identidade da dança portuguesa.

1.1. Reminiscências e influências do século XIX.

Sem dúvida muito por inspiração dos famosos Ballets Russes (BR) de Serge de Diaghilev, que estiveram em Portugal entre os finais de 1917 e o início de 1918¹, António Ferro (1895-1956), homem forte do governo de Salazar, funda, em 1940 – em pleno apogeu da ditadura salazarista – a primeira companhia de dança portuguesa em moldes verdadeiramente profissionais: o Grupo de Bailados Portugueses "Verde-Gaio".

Ao contrário de uma ideia de efemeridade amplamente generalizada entre jornalistas e escritores de dança – sendo que o principal, José Sasportes (1979), afirmou mesmo que o VG teve uma primeira fase que durou até 1944, e que o grupo de dança digno desse nome durou apenas quatro anos, pois ao fim desse tempo "já estava desagregado" (p. 282) – a companhia resistiu oficialmente nada menos que 43 anos, chegando a atingir *"uma certa expressão artística e notoriedade no nosso país (colónias incluídas) e, até sucesso no estrangeiro, quando, pontualmente, por lá se apresentou"* (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011). "Há muitas leituras a fazer do grupo e nem todas coincidem", segundo testemunhos de antigos elementos ligados ao VG, designadamente três destacadas bailarinas – Isabel Santa Rosa, Águeda Sena e Bernardette Pessanha – bem como de um renomado coreógrafo – Carlos Trincheiras. De acordo com aquela última:

Quando o "Verde-Gaio" se apresentou em Paris, o êxito foi tal que, após um dos espectáculos, umas pessoas que estiveram no público encontraram alguns bailarinos portugueses no metropolitano (quando regressavam ao hotel), dirigiram-se a eles e deram-lhe os parabéns pela magnífica soirée de dança variada, colorida e prazenteira e pelo bom gosto musical e pictórico de todas as produções coreográficas, da autoria do Sr. Francis Graça (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

1 A companhia deveria estreiar-se em Portugal no dia 24 de Novembro como noticiado em jornais da época designadamente o *República* de 16 de Outubro (Lisboa artística..., 1917). O *Século* – do mesmo dia – acrescenta que, devido a uma greve ferroviária na Argentina, se atrasou quatro dias o vapor que vinha para Cadiz; assim, a estreia no Coliseu foi transferida para os primeiros dias de Dezembro (artigo sem título, 1917). O *República* de 3 de Dezembro menciona a chegada da companhia a Lisboa na noite de 2 de Dezembro de 1917, vinda de Madrid, onde se tinha apresentado no Teatro Real (Por Lisboa, 1917). Os artistas partem de Lisboa para Valladolid a 28 de Março de 1918, conforme refere Grigoriev (2009, p. 135).

A verdade é que, antes dessa época, embora Portugal não fosse um país completamente desprovido de dança, não há referências sólidas, em compêndios de história, relativamente à existência de bailarinos portugueses de reputação e com carreira expressiva aquém e além-fronteiras. A mais antiga nação da Europa, possivelmente, não teria sido diferente de muitas outras que hoje se orgulham de ter um passado rico em dança teatral – pelo menos no que concerne ao século XX – se se tivesse desenvolvido um determinado estilo de dança com intuítos profissionais, como por exemplo, aconteceu com os alemães com a sua *ausdrucktanz*, ou os espanhóis com o seu flamenco, uma dança étnica que fez escola e se pratica um pouco por todo o Mundo. Entre os estudiosos da cultura popular portuguesa (nos seus aspectos ligados à etnografia e ao folclore) é reconhecida a quantidade e diversidade do nosso espólio em matéria de dança. Pedro Homem de Mello (n.d.) abre um dos seus livros afirmando:

Sendo Portugal tão rico em danças populares, impunha-se a publicação de um manual onde, para além de citação dos bailados, figurassem normas, capazes de pôr a nu a raiz dos passos e das suas desinências, variáveis essas com o andar dos tempos (p. 9).

E outro não menos renomado escritor na área, Tomaz Ribas, afirma: "Dado que a dança é uma actividade e uma função tão velhas como a própria Humanidade, poderemos dizer que na Península Ibérica se baila desde que nela surgem seres humanos, autóctones ou vindos de qualquer outra região da Terra" (1982, p. 26). Na opinião da escritora Lucile Armstrong (1948), numa publicação sobre folclore português editada sob os auspícios da Royal Academy of Dancing e da Ling Physical Education Association: "Portugal é tão rico em danças rituais sazonais como qualquer outro país da Europa e possui um dos melhores e mais completos exemplos desta extraordinária mescla, por exemplo a dança dramática do género Mourisca" (p. 13).

Se, por outro lado, a fixação em terras lusas de um qualquer bailarino ou coreógrafo oriundo da Rússia, ou mesmo "russianizado", dos muitos que pertenceram aos inovadores Ballets Russes ou das companhias subsequentes que utilizaram o mesmo nome ou designações semelhantes, tivesse dado origem a uma boa e sólida escola de bailado clássico, bem estruturada e apoiada tanto pelo público como, naturalmente, pelas instituições estatais. Ou, até mesmo, se a prodigiosa companhia de Diaghilev tivesse influenciado determinadamente algum artista português que, posteriormente, tivesse tido capacidades artísticas e condições financeiras para ter dado origem a um agrupamento coreográfico com uma base solidamente alicerçada em princípios estéticos e técnicos bem definidos, apoiado por uma escola que o alimentasse por muitos e bons anos, a evolução da nossa dança teria sido outra...

Como foi, por exemplo, nos Estados Unidos da América com o New York City Ballet, fundado em 1948 e que teve origem na School of the American Ballet, criada pelo coreógrafo George Balanchine e o escritor Lincoln Kirstein. Uma famosa instituição

pedagógica norte-americana fundada em 1934 tendo dela saído grupos como a Producing Company of the School of American Ballet (1934), o American Ballet (1935) e o Ballet Caravan (1936) que em 1941 se juntaram no American Ballet Caravan. O City Ballet nasceu, dois anos depois, do Ballet Society, fundado em 1946¹. Mas, em Portugal, tal não aconteceu e mais parece que o rumo da dança portuguesa dependeu de sucessivos avanços e recuos e até de uma espécie de recorrentes ciclos de pouca dura. Com a honrosa excepção, é evidente, do BG que apesar de alguns altos e baixos duraria nada menos do que 44 ininterruptos anos – curiosamente apenas mais um do que o periclitante VG que, na realidade, nunca lhe fez qualquer concorrência, positiva ou negativa, tendo as duas companhias se cruzado apenas num evento além-fronteiras: o projecto multidisciplinar, *Namban Matsuri*, apresentado na Expo'70 de Osaka, no Japão.

Em alguns países da Europa, nomeadamente no Reino Unido, e, sobretudo, nas américas do Sul e do Norte (Estados Unidos, Cuba e Argentina, por exemplo), floresceram companhias de gabarito internacional de consistente formação de base académico-clássica, nascidas com base no frutuoso trabalho e com algum do "espírito" dos BR. No Brasil, curiosamente, alguns professores europeus de nomeada, saídos da árvore genealógica "diaghileviana", abriram escolas que se espalharam pelo país e criaram, em paralelo, algumas companhias de linha clássica e outras de cariz menos tradicional, designadamente de danças ditas brasileiras. Apesar de Portugal se ter mantido como um país neutro durante as duas guerras mundiais – e por isso uma zona geográfica, de passagem entre a Europa e as Américas, que oferecia alguma segurança –, a verdade é que só em meados do século XX alguns artistas estrangeiros de qualidade permaneceram por algum tempo em Portugal. E a esmagadora maioria em Lisboa, seguramente, movida por uma certa tranquilidade, os brandos costumes dos portugueses e alguma curiosidade cultural. E poder-se-á mesmo afirmar, até, que com algum espírito "de missão" foram contribuindo, um pouco à sua maneira, para a evolução do panorama terpsicórico que se viveu no nosso país e que terá atingido um nível reconhecido já só no último quartel do século XX. Todavia, alguns pedagogos europeus que se fixaram, ou apenas passaram por Portugal, acabaram por não apresentar uma obra particularmente expressiva tendo até, alguns deles, sido obrigados a abandonar a ideia de, antes da fundação do VG (1940), introduzir em Portugal uma prática pedagógica e uma linha coreográfica que se afastasse dos modelos "tradicionais", designadamente a implementação da via expressionista, ligada à *ausdrucktanz* germânica².

A história da dança portuguesa não terá sido particularmente famosa nos séculos XVIII e XIX, apesar de por cá terem passado alguns nomes de peso na época em que imperou na Europa o chamado "bailado romântico". Sobre esse período apenas existe um

1 Para mais informações veja-se: Dunning, J. (1985), p. 40, p. 70 e p. 87.

2 Forma de dança europeia expressiva, incluída no Movimento Expressionista Alemão iniciada por Rudolf von Laban e Mary Wigman, uma sua aluna (bailarina e coreógrafa) que se viria a tornar também famosa.

estudo de fundo fiável de José Sasportes (*História da dança em Portugal*, FCG, 1970), uma outra história de dança nunca publicada – *Arabesques in Lisbon*, 1982 – assinada pela grande professora e historiadora inglesa, Anna Ivanova (1906-1992) e alguns trabalhos académicos pontuais, designadamente a dissertação de Doutoramento de Maria Helena Coelho (1998).

Entre as estrelas da dança da citada época, talvez tenha sido Arthur Saint-Léon (Paris, 17 de Setembro de 1821 – Paris, 2 de Setembro de 1870) o coreógrafo maior, cuja notoriedade perdura até hoje. O seu nome é uma referência obrigatória em qualquer compêndio de história, apesar da coreografia original da sua azougada *Coppélia* ou *A rapariga dos olhos de esmalte*, e da quase totalidade das suas peças se encontrarem irremediavelmente perdidas. Sabe-se que desenvolveu obra pedagógica em Portugal mas o livro de técnica de dança clássica que alguns estudiosos da dança portuguesa – designadamente Tomaz Ribas – nos afirmaram ter escrito durante a sua estada no nosso país, intitulado *De l'état actuel de la danse*, não aparece em qualquer biblioteca ou museu. Também a estrela Augusta Maywood (nascida em 1825, provavelmente na cidade de Nova Iorque e falecida a 3 de Novembro de 1876, em Lwów, Polónia, no então Império Austríaco e agora Lviv, na Ucrânia) dançou nos nossos palcos. Ela foi a primeira *ballerina* americana a atingir renome internacional e, à data em que residiu em Lisboa, era uma famosa figura do Chiado conhecida também por M.^{me} Mabile. Isto, por ser mulher e parceira nos palcos do bailarino e coreógrafo francês Charles Mabile, que em 1843 mostrou, pela primeira vez, o drama de *Giselle* aos portugueses e que ela protagonizou. Bem como o famoso Carlo Blasis (Nápoles, 4 de Novembro de 1803 – Cernobbio, Itália, 15 de Janeiro de 1878), pedagogo e autor de um importante manual sobre técnica de dança – (1820) *Traité élémentaire, théorique, et pratique de l'art de la danse* (Milão: Chez Joseph Beati et Antoine Tenenti – que trabalhou em Lisboa apenas numa única temporada: 1857-58. Tomaz Ribas afirma (1970):

Entre as grandes figuras que passaram à história do *ballet* mundial e que trabalharam no Teatro de S. Carlos durante o século XIX como mestres de dança e coreógrafos, poderemos distinguir: Gaetano Gioja, o aluno de Salvatore Viganò; os Angiolini – Josefa, Joana, Pascoal e Pedro; o grande Carlo Blais, Noverre, o maior coreógrafo de todos os tempos; os Vestris, Saint-Léon; e outros ainda como Luísa Ponzoni, Luísa Ravina, Stefenska, Joana Zampó, Angélica Adock, Pedro Maria Petrelli, etc. (p. 280).

E mais adiante:

A insuficiência técnica da maior parte dos bailarinos portugueses levava as empresas do S. Carlos a contratarem bailarinos e bailarinas estrangeiras. Podemos, no entanto, recordar alguns portugueses que, de uma maneira ou de outra, se distinguiram na dança de arte: António Barata –

do século XVII é o mais antigo nome português que encontramos no *ballet* –, Emília Campos, o grande Francisco José de Brito, José Maria da Conceição, Delfina do Espírito Santo – que acabaria por trocar a sua carreira de bailarina por uma gloriosa carreira de atriz –, Urbano Garcia – que foi também coreógrafo –, Romão António Martins, Maria Emília Moreno – que foi professora do Conservatório –, José António Nascimento, Brígida Ramos, José Ramos, José Ribeiro, Josefa Soller – que viria, depois, a ser uma das maiores atrizes do seu tempo – e Vitorino José de Sousa – o único bailarino português do século XIX que fez carreira brilhante no estrangeiro (Ribas, 1970, p. 281).

Outro vector (não muito positivo) a considerar foi o facto de só quase no final do século XIX se ter criado, no Conservatório Nacional de Música de Lisboa, o Curso de Bailarinas que, como o nome indicava, era frequentado apenas por elementos do sexo feminino. E apenas em 1950 foi oficialmente autorizada a (tardia) matrícula de rapazes naquela instituição. Na opinião de Tomaz Ribas (1970) "quer pela sua antiguidade, quer pela deficiente orgânica, quer pela sua limitada frequência, jamais poderia constituir uma sólida base técnica e artística que pudesse proporcionar a formação a verdadeiros bailarinos" (p. 281). No âmbito de um plano para a fundação e organização de um teatro nacional, proposto por João Baptista de Almeida Garrett, tinha sido fundado em 1836, por Decreto da Rainha D. Maria II, com a denominação de Conservatório Geral de Arte Dramática, um estabelecimento que estava dividido numa Escola Dramática ou de Declamação, numa Escola de Música e numa Escola de Dança, Mímica e Ginástica Especial. Em reformas posteriores, o nome do Conservatório foi alterado para Conservatório Real de Lisboa e, já depois da implantação da República, passou a ser designado apenas por Conservatório Nacional.

Apesar da manifesta ausência de nomes nacionais que assinassem as coreografias apresentadas nos nossos teatros, desde logo, um certo "portuguesismo" ligado aos temas de alguns bailados (protagonizado quase sempre por estrangeiros que, por razões diversas, nomeadamente políticas, foram compelidos a tal), parece ter pontuado a dança portuguesa. Conforme refere Sasportes (1970) "o próprio São Carlos se constituiu numa espécie de espelho da Nação: lá se confirmavam ou contrariavam as correntes de opinião e os movimentos políticos, lá se conspirava, até" (p. 185). A conjuntura política e o espírito mordaz dos portugueses parecem ter dado um particular colorido ao ambiente da dança lisboeta na época. Tendo mesmo ficado para a história as polémicas, em pleno período romântico, entre os defensores de temas e histórias nacionais e aqueles que consideravam tal vertente completamente irrelevante. Em revistas e jornais do período em causa, designadamente *O Entre-Acto* do prestigiado romancista Almeida Garrett – o fundador do supracitado Conservatório Geral de Arte Dramática, da Inspeção-Geral dos Teatros, do Panteão Nacional e do Teatro Normal (hoje, Teatro Nacional D. Maria II) todos em Lisboa –, relatam-se em detalhe e criticam-se os bailes com títulos como *Forjas de Vulcano* e *Dança*

de *Vulcano* (presume-se que o autor de ambos seja o próprio Garrett, na edição de Junho de 1837). Logo após a abertura do Real Teatro de S. Carlos, em 1793, os *intermezzos* – trechos bailados nos intervalos de óperas –, ou mesmo as danças que ocupavam todo um espectáculo, executadas frequentemente por bailarinos importados, muitas vezes exibiam títulos bastante expressivos tais como *La felicità lusitana* (1793), bailado alegórico de Gaetano Gioja, no programa de inauguração do belo edifício que se situa num plano acima da Baixa Pombalina. Seguiram-se-lhe, *A batalha do Vimeiro* (de 1809, remontado em 1915), *A restauração do Porto ou um dos triunfos de Wellesley* (1810), *A defesa da ponte de Amarante pelo general Silveira* (1811), de Pedro Maria Petrelli, *O resgate dos portugueses cativos em Argel* (1811), *Afonso de Albuquerque ou a conquista de Malaca* (1925), *Portugal restaurado* (1835), de Bernardo Vestris, *Os portugueses em Tânger* (1840), *As heroínas lusitanas* (1840), *Lísia libertada pelo herói lusitano* (1843 ou 1844 – não foi possível determinar o ano) e *Os salteadores ou o processo do fandango* (1856), obras que a elite lisboeta pôde apreciar no TNSC.

As exhibições de bailados de teor político não eram, porém, eventos do acaso, já que os seus mentores, empresários e coreógrafos, utilizavam-nas para agradar aos governantes. A situação político-militar do país reflectiu-se inevitavelmente na produção coreográfica apresentada nos vários teatros da cidade de Lisboa, designadamente o do Salitre e o Condes, e no Teatro de S. João, do Porto, para além do já referido Real Teatro de S. Carlos – local emblemático e particularmente importante também do ponto de vista económico e social, algumas vezes compulsivamente fechado durante épocas conturbadas "por ser assim conveniente à tranquilidade pública desta capital" (Sasportes, 1970, p. 185). O patriotismo dos temas dançados renasceu em 1810, devido às invasões francesas iniciadas no ano de 1807 e reacendendo-se por volta de 1834, por altura das lutas entre as históricas facções absolutistas e liberais.

Nos anos que se lhe seguiram, durante os quais o bailado romântico começou a fazer as suas incursões em Lisboa – embora com algum atraso relativamente a cidades como Paris, Londres, Milão e São Petersburgo – o patriotismo como tema dos bailados nacionais começou a escassear, até porque a grande maioria dos coreógrafos que passaram por Portugal eram estrangeiros que aqui reproduziam trabalhos que haviam dançado, ou até apenas assistido em cidades de referência, como as atrás citadas. Mas não acabaram, sendo vistos por alguns (e referenciados em textos no já aludido periódico *O Entre-Acto*) como uma alternativa positiva às danças "de importação". Na opinião de Sasportes (1970) "para o bailado em S. Carlos, o século XIX terminara em 1856, com a partida de Saint-Léon" (p. 214). A partir daí as apresentações coreográficas em Lisboa quase se resumiram a "bailados de ópera" de qualidade pouco convincente. De tal modo que Fonseca Benevides escreveria mesmo em *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa desde a sua fundação em 1793 até à actualidade* (1894), a "arte coreographica tem andado

tão desprezada durante estes últimos anos no teatro de S. Carlos, que se tornou verdadeira raridade o facto de um baile decente no palco da primeira scena lyrica de Lisboa" (p. 369).

A extinção da monarquia e a revolução republicana voltariam a obrigar ao encerramento do Teatro Real em 1910, só retomando este, pontual e brevemente, a sua actividade no início de 1918 para duas únicas apresentações dos BR de Diaghilev (a 2 e 3 de Janeiro), que antes se haviam apresentado no Coliseu entre os dias 13 e 27 de Dezembro de 1917, num total de nove espectáculos. Devido ao facto de a famosa companhia não ter obtido o êxito esperado na Rua das Portas de Santo Antão e de se considerar digna do primeiro teatro português, este foi apressadamente reaberto para a receber. Sem que o seu precário estado não tivesse afectado negativamente, entre outras coisas, as sapatilhas e roupas de cena, a avaliar pelas muitas queixas deixadas pelos artistas. Dois anos depois, a famosíssima bailarina russa Anna Pavlova – que dançara com a trupe de Diaghilev nos primeiros tempos da companhia mas que já se havia autonomizado aquando da sua vinda a Portugal – apresentou-se em Lisboa, por conta própria, no Teatro (Nacional) de S. Carlos, entre 20 e 24 de Novembro de 1919.

A instabilidade decorrente do atrás referido clima político e social foi, seguramente, um entrave significativo para que as artes em geral, e a dança em particular, pudessem florescer em Portugal; tal conjunto de circunstâncias originou uma situação em que a vida cultural e, conseqüentemente, a prática da dança tivesse estagnado e quase desaparecesse. Lisboa não possuía, então, nem uma companhia de bailado ou de ópera e as diversas temporadas organizavam-se com artistas estrangeiros que dançavam os *ballets* das óperas – quando não eram pura e simplesmente suprimidos – ou bailados autónomos nos intervalos das apresentações das mesmas. Até 1940 – data da fundação do Grupo de Bailados Portugueses "Verde-Gaio" – também a formação de profissionais era bastante deficiente e, por tal, muito reduzida, pelo que não foi possível formar um público ao sabor de um escasso número de espectáculos de artistas assinaláveis como Cléo de Mérode, Loie Fuller, Anna Pavlova, Pastora Imperio e Vicente Escudero" (Coelho, Sasportes & Assis, 1994, p. 28). A esta lista poder-se-ão também acrescentar os artistas de flamenco, La Argentina (Antonia Mercé), La Argentinista (Encarnación Lopez), Carmen Amaya e Mariemma, para além do conhecido casal germano-ucraniano, Clotilde e Alexandre Sakharoff, e da mais exótica (Pérola Negra) americana que tanto sucesso fez na Europa: Josephine Baker (1906-1975). Tomaz Ribas também afirma (1970) que,

[...] no princípio do século XX passaram por Lisboa – e, por vezes, pelo Porto – alguns artistas que se exibiram com grande êxito: Zoula de Broncza, uma croata duncaniana; a espanhola Laura de Santelmo; a italiana de Paris, Mimi Blurette; [...] La Bilbainita, outra espanhola que fez grande furor entre nós e foi retratada por António Carneiro; Lolita Astolfi, em 1923, a

grande artista espanhola que acabou por ser a intérprete do filme português *Os lobos* (p. 282).

Apesar da pouco questionável aridez daquelas quatro décadas – na qual se inclui a de 20 conhecida como "os anos loucos"¹ – ver-se-á, seguidamente, que nunca deixou de surgir uma ou outra figura ligada à dança que foi dinamizando a parca oferta artística na capital portuguesa.

1.2. Lisboa: um pesadelo na existência dos Ballets Russes.

Nos finais da primeira década do século XX – época de muitas revoluções e em que se impuseram vanguardas artísticas – Paris exibia triunfalmente uma luxuosa (e exótica) importação: os Ballets Russes.

Em pouco tempo as notícias e a fama da companhia de bailado com origem na Rússia que, sob a notável batuta de Serge Diaghilev revolucionou o ver, o sentir e, até, o pensar a dança recuperando-a como uma arte maior e autónoma, chegaria a todo o mundo civilizado. A notável e controversa personagem que ajudou a marcar as artes de muitas décadas nasceu em Selistchev, perto da cidade de Nóvgorod, a cerca de 150 quilómetros de São Petersburgo, a 19 ou 31 de Março de 1872 (de acordo com os dois calendários então em vigor na Rússia), e morreria de diabetes tendo sido sepultado na ilha de San Michele, em Veneza, no dia 19 de Agosto de 1929. A dança, a partir da "aventura diaghileviana", tornou-se numa arte bem mais influente, graças não só a um inovador método de colaboração entre criadores de diversas áreas, mas também à própria gestão de meios artísticos e humanos, aliados a um cosmopolitismo que os novos tempos, inevitavelmente, trariam. Será exagerado afirmar-se que o século XX foi o "século da dança", pois também foi o do cinema, mas a verdade é que nunca antes a divulgação daquela arte foi tão ampla, nunca o público terá acorrido a espectáculos de um modo tão massificado, nunca terá havido um número tão significativo de intérpretes e criadores e

1 Os "anos loucos" referem-se, em sentido lato, ao período entre guerras mundiais e a uma época de excepcional prosperidade económica vivida nos EUA que se consolidaram definitivamente como potência mundial, apesar do revés a que a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, levou. Pelo contrário na Europa sofriam-se as consequências da Primeira Guerra Mundial, o que permitiria a ascensão do Nazismo sob o comando de Hitler após a "crise de 29", o surgimento do Fascismo italiano e ainda o Salazarismo em Portugal. Na dança, cada país terá respondido em termos artísticos de maneiras muito diversas – a Inglaterra, apesar de todas as adversidades desenvolveu as bases de uma companhia nacional de dança e de um estilo próprio; a França terá optado por um conservadorismo algo estéril protagonizado por Serge Lifar à frente da Ópera de Paris, entre 1930 e 1944, e 1947 a 1958; na Alemanha surge a dança expressionista e na Espanha institucionaliza-se o flamenco, buscando na alma cigana um folclore que se tornaria um dos *ex-libris* da cultura da sua fragmentada regionalização. Portugal, algo fora dos circuitos artísticos dominantes, pautou-se por um certo amadorismo que pretendia, frequentemente, dançar aquilo a que se convencionou chamar uma "alma" portuguesa.

nunca a metodologia de produzir e consumir dança se terá alterado tanto na forma como no conteúdo em períodos tão reduzidos no espaço temporal. Diaghilev começou por procurar a total unidade na produção das obras apresentadas, bem como uma nova organização dos eventos, deixando estes de se constituir nas tradicionais e longas noites preenchidas com uma só peça, adoptando, ao invés, uma fórmula de programa-triplo: apresentação de um conjunto de bailados com duração aproximada de meia hora cada, por espectáculo. Diaghilev também promoveu a dança, a matéria artística de pleno direito e não subsidiária da partitura musical ou de um qualquer enredo mais ou menos sofisticado.

Os BR, que se deslocaram em digressão à capital portuguesa cerca de oito anos e meio após a sua estreia parisiense, a 19 de Maio de 1909, já tinham passado, breve e informalmente, por Portugal, na segunda quinzena de Agosto de 1913. Porém, que se saiba, o facto nem terá suscitado qualquer notícia nos jornais lisboetas. É curioso, mas não completamente incompreensível, o facto de Serge Leonidovich Grigoriev nas suas informativas anotações sobre a vida da companhia passadas a livro com o título *O ballet de Diaghilev 1909-1929*, nem ter mencionado aquela primeira passagem da trupe por Lisboa. É pois, segundo o testemunho de Rómula Nijinsky (1894-1978), bailarina e aristocrata húngara cujo nome de solteira era Rómula de Pulszky ou M.^{lle} de Pulska – como é referida por Grigoriev (2009) e que se havia juntado à trupe na mira de se vir a relacionar (intimamente) com a estrela da companhia, Vaslav Nijinsky, que sabemos terem desembarcado em Lisboa, feito uma curta visita turística que se estendeu até Sintra e, depois, retomado a viagem no paquete *Avon* – a última novidade lançada ao mar pela Royal Mail Steamship Company que partira de Southampton no dia 15 de Agosto – em direcção ao Funchal (na ilha da Madeira), a caminho de Buenos Aires (Nijinsky, 1934).

A futura Senhora Nijinsky deixa, na biografia do bailarino, umas vagas impressões das duas paragens em Portugal e até de algumas peripécias, num tom algo romanesco, como o facto de que, em Lisboa, um pequeno grupo de artistas e respectivos acompanhantes, munido de "máquinas fotográficas e binóculos", aproveitaram o dia de paragem do navio para ir ao "castelo real de Cintra" e passear pelos seus "encantadores palácios e jardins" (Nijinsky, 1934, p. 187). Rómula narra também que, antes disso, viram "palácios e teatros magníficos" na capital portuguesa, e depois de um "almoço inesquecível" (p. 187) com pratos bem condimentados regados a vinho verde se deslocaram a Sintra, antes de regressarem ao porto e prosseguir viagem. Depois de vários dias no barco, Rómula relata que atracaram no Funchal, não deixando de salientar a sua grande tensão por ainda não ter seduzido Nijinsky. Escreve que a Madeira era uma ilha "deliciosa", que fazia "um tempo esplêndido" e que o grupo que saiu para uma curta visita – do qual Nijinsky não fazia parte – quase perdeu o barco por se ter atrasado no regresso ao porto.

Embora Diaghilev não contratasse amadores, é curioso (e talvez premonitório) o facto de ter acedido a que a jovem bailarina húngara – contra a vontade do *régisseur* da

companhia, Serge Grigoriev – seguisse viagem para se apresentar na digressão à América do Sul – Buenos Aires (Argentina), Montevideu (Uruguai) e Rio de Janeiro (Brasil) (Nijinsky, 1934). Uma das razões que se invoca para uma situação que haveria de mudar os destinos dos BR (o casamento e o posterior afastamento de Nijinsky, que era a estrela maior da companhia para além de conhecido amante do próprio Diaghilev) foi o facto de vários membros da trupe terem pedido a rescisão dos seus contratos por não estarem interessados numa digressão que compreendia longas viagens e sem Diaghilev por perto. É de notar que Mademoiselle de Pulska, após ter feito alguns ensaios com a companhia, foi a própria a pedir para viajar na condição de pagar as suas próprias despesas de deslocação.

Após o fim da temporada londrina dos BR, a 25 de Julho de 1913, a companhia teve um período de férias, tendo Diaghilev se despedido dos artistas na capital inglesa seguindo depois para França e, de seguida, para a sua "amada Veneza" (Grigoriev, 2009, p. 86). Outro dado rocambolesco desta narrativa é o facto de ser na orla da capital portuguesa que se situa o último porto em que o empresário, vindo por terra, se poderia ter juntado à sua companhia antes da grande viagem marítima; porém, o seu atávico medo do alto mar – superstição enraizada, desde jovem, devido às palavras de uma vidente que vaticinara a sua morte na água dos oceanos – impediu-o de acompanhar os artistas. Esta sua forçada ausência e a consequente quebra de controlo directo, ainda que temporário, sobre os artistas terá permitido a Rómula uma aproximação que culminou num precipitado noivado seguido de casamento com o bailarino estrela do grupo, Vaslav Nijinsky, em Buenos Aires – o que, mais tarde, teria como consequência directa o seu despedimento da companhia. Na óptica da direcção, por justa causa, uma vez que o recém-casado Nijinsky – talvez influenciado por Rómula – recusara-se, sem estar doente nem apresentar qualquer justificação verosímil, a dançar no Rio de Janeiro o bailado *Carnaval*, depois de duas apresentações dos BR em Montevideu.

Lucy Moore em Nijinsky: A Life (2013) tenta provar que toda a questão à volta do casamento do bailarino e da ruptura com Diaghilev foi um incidente muito complexo para todos os intervenientes e alvitra que Nijinsky não dançou no Rio usando como motivo um pagamento salarial em atraso mas, sobretudo, para provar que “sem ele os Ballets Russes eram nada” (cap. 7, n.p.). O que fez com que, no Inverno de 1913, meses depois de terminada a digressão e quando o casal se encontrava em Budapeste, lhe tenha sido enviado um telegrama de Moscovo (assinado por Grigoriev) terminando abruptamente a ligação à companhia daquele que fora a mais poderosa e duradoura imagem dos BR. Para além de manter uma pública relação de intimidade com Diaghilev, também era o mais carismático bailarino do grupo e viria a ser conhecido, muitos anos depois, como um marco importante no universo coreográfico. Nijinsky já então contava nos seus créditos obras com o provocador Prelúdio à sesta de um fauno (mús. Debussy, 1912), os ambíguos Jogos (mús. Debussy) e, sobretudo, uma tumultuosa A sagração da Primavera (mús. Stravinsky) estas

duas peças criadas em 1913. O afastamento do artista terá sido uma decisão complicada para Diaghilev devido às ligações do passado e às (futuras) consequências para muitos, mas nem isso o fez recuar na sua vingança. Até porque nessa altura a sua maior preocupação já era arranjar – ou fazer – um novo premier danseur para substituir Nijinsky na temporada que se aproximava. Esse papel coube a Léonide Massine, um atraente bailarino de 18 anos, que havia se ser o seu próximo amante.

Quando os BR surgem em França, a dança teatral no Ocidente (Europa e Estados Unidos da América) atravessava uma enorme crise devida a muitos factores que arruinaram o enorme prestígio que outrora a arte de Terpsícore tinha conhecido em palcos tanto europeus como americanos. Eram notáveis as proezas técnicas dos bailarinos russos – que tinham ultrapassado os italianos e franceses –, mas, a nível de criatividade, o bailado clássico, como forma de arte, encontrava-se cristalizado quando entrou na recta final do século XIX. O Ballet Imperial que Diaghilev conheceu na Rússia sofria, mais ou menos, dos mesmos males que as companhias do Ocidente; porém, a presença de artistas inovadores que viriam a estar na base da chamada dança moderna, já estava no horizonte. Mikhail Fokine (1880-1942), que conhecia o trabalho e as teorias da bailarina norte-americana Isadora Duncan, ao tornar-se o coreógrafo de Serge Diaghilev trouxe para o seu grupo um mais naturalista e variado vocabulário balético. Mas só isso não chegava e o visionário empresário também contrataria para a sua trupe dois amigos cenógrafos que haveriam de espantar o Ocidente com a sua criatividade e pujança plástica: Alexandre Benois e Léon Bakst. Assim sendo, não só a invenção coreográfica como a beleza, em geral, da cenografia e dos figurinos, tal como o requintado gosto e alto nível musical, eram marcas que, após uma fase no início, seriam ampliadas com contribuições de artistas não russos.

A história dos BR é única e irrepetível, e ficará, para sempre, ligada a uma plêiade de artistas maiores que atravessaram com incomparável (e inesperado) fulgor todo o século XX. Tratou-se de uma constelação de estrelas de primeira grandeza que foram passando pela companhia e que deixaram um intenso, único e marcante rasto de luz e cor, muito para além do fim da sua presença física. Não só a trupe, com os seus multifacetados artistas, tocou indelevelmente todo o mundo culto e inconformado da época, como se transformou numa lenda que permanece viva após mais de um século sobre o seu desaparecimento. Ainda hoje se revela algo enigmática para os que não tiveram oportunidade de a apreciar durante as suas duas escassas décadas de existência (1909-1929) e que, actualmente, apenas podem recorrer a pouco mais que testemunhos orais ou escritos, algumas exposições de figurinos e cenografia, assim como uns raros filmes da época. Apesar disso são muitas as obras dos BR que, com mais ou menos qualidade, e mais ou menos fidelidade, se vão podendo desfrutar nos palcos, ainda que cada vez em menor número e com mais dificuldades de reproduções fidedignas.

Portugal onde os BR permaneceram – ainda que involuntariamente – quase quatro meses, tendo apresentado onze espectáculos em Lisboa, poderia ter sido um país bafejado pela sorte se o impacto artístico e social não tivesse sido, quase por completo, ofuscado por um clima de guerra, acentuada pobreza económica e até intelectual. Por outro lado, se se tiver em conta que Portugal entrou na I Grande Guerra – ao lado dos aliados – em 1916 e que os BR chegaram a Lisboa no ano seguinte (numa época em que o resto da Europa estava privada das suas apresentações) pode-se considerar que a sorte ofereceu aos portugueses uma “pérola” que eles não souberam prezar.

Quase um século depois as opiniões sobre esses eventos ainda não são muito consensuais no que respeita ao enquadramento dos BR no âmbito artístico-social uma vez que os seus espectáculos não deixaram de ter um impacto considerável no meio artístico lisboeta – mas bem menor no público – embora sem consequências directas para a formação de um grupo profissional, dentro ou fora do representativo TNSC. A semente dos BR, que se foi disseminando por muitos países – em Espanha, por exemplo, a companhia actuaria várias vezes e a própria cultura do país inspirou diversas obras do seu repertório com um original sabor a flamenco – só voltaria a entrar em terras lusas em 1948, com a apresentação em Lisboa, novamente no TNSC (entre 12 e 29 de Fevereiro) do Grand Ballet de Monte Carlo, dirigido por René Blum, e no Coliseu dos Recreios (entre 2 e 14 de Julho), do Original Ballet Russe, do Coronel Vassili de Basil, companhias "herdeiras" do grupo original dirigido por Diaghilev. Todavia, só pelo facto do modesto Grupo Experimental de Ballet – futuro Ballet Gulbenkian –, em Dezembro de 1961 (sete meses após a sua fundação), ter incluído no seu repertório *As sílfides*, 32 anos após o desmembramento dos originais BR, se percebe a enorme importância artística que já então era imputada à companhia de Diaghilev.

A complementar esta ideia verifica-se que, em Abril de 1978, a recém-constituída CNB apresentaria a mesma peça logo no seu segundo programa. Anos depois, e já com o nome de Grupo Gulbenkian de Bailado, a companhia que, em 1974, haveria de passar a ser conhecida pelo nome de Ballet Gulbenkian importaria várias peças "diaghilevianas" como *Carnaval*, *O pássaro de fogo*, *O belo Danúbio*, *Petruchka* e até *As danças polovtsianas do Príncipe Igor* – uma *suíte* extraída do 2.º acto desta ópera, de Alexandre Borodin que, a partir de certa altura, começou a ser apresentada separadamente em espectáculos de bailado. Tanto esta obra como a já mencionada *As sílfides*, curiosamente, foram dadas a apreciar ao público lisboeta no primeiro espectáculo dos BR, a 13 de Dezembro de 1917, dos nove apresentados no Coliseu dos Recreios. Ainda que não seja difícil traçar a extensão do rasto da mítica companhia em Portugal, a verdade é que se deve, em grande parte (senão exclusivamente) a Madalena Perdigão a reposição de (algum) repertório dos BR em palcos portugueses. Na opinião de alguns artistas e académicos, ainda que

inconscientemente, ela própria "*ter-se-á identificado um pouco com a imagem de mecenas deixada por Diaghilev*" (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010).

Bailarinos e coreógrafos carismáticos e inovadores (com quem Diaghilev manteve relações artísticas e pessoais muito próximas) como Vaslav Nijinsky, Léonide Massine, Anton Dolin e Serge Lifar – os três últimos estiveram nas décadas de 60 e 70 em Lisboa, a convite da FCG, para remontar obras para a sua companhia de dança residente –, Mikhail Mordkin, Stanislas Idzikovski e Anatole Vilzak; para além de coreógrafos como Mikhail Fokine – também representado no reportório do BG –, Bronislava Nijinska e George Balanchine; bailarinas lendárias como Anna Pavlova, Tamara Karsavina, Ida Rubinstein, Matilde Kchessinska, Olga Spessivtseva, Alice Nikitina, Vera Nemchinova, Sofia Feodorova, Ludmilla Schollar, Lubov Techernicheva, Lydia Lopokova, Olga Preobajenska, Lydia Sokolova (de nome verdadeiro, Hilda Munnings), Felia Doubrovska, Lubov Egorova, Marie Rambert, Alícia Markova, Ninette de Valois e Alexandra Danilova; para além do mestre Enrico Cecchetti e de colaboradores do mais alto gabarito vindos de outras áreas artísticas como Pablo Picasso, Richard Strauss, Igor Stravinsky, Juan Miró, Maurice Ravel, Henri Matisse, Serge Prokofiev, Eric Satie, Georges Braque, Manuel de Falla, Max Ernst, Claude Debussy, Jean Cocteau, Francis Poulenc, e muitos outros, fizeram dos BR não só uma companhia única no Mundo, como um imenso alfobre de celebridades. Procurando aliar talento e novidade, Diaghilev descobriu alguns dos maiores génios coreográficos do século XX juntando, para cada bailado, colaboradores (mais ou menos) improváveis. Talvez porque a pintura, a música e a ópera russas antecederam o vigoroso grupo de bailado trazido de São Petersburgo a Paris – bem como a outras cidades europeias – com um sucesso nunca visto.

Poder-se-á mesmo afirmar que o empresário e mecenas russo com a ajuda de artistas mais ou menos desconhecidos (muitos dos quais, a determinada altura, começaram a fazer de Paris a sua casa e que tinham uma certa propensão para chocar o público) marcou de um modo indelével a História da dança. O toque escandaloso, omnipresente nas produções dos BR, servia às mil-maravilhas os interesses do empresário tornando-se um excelente veículo de promoção¹. A sua história ficou ligada a muitas danças que tratavam de temas de forte componente sexual, fosse ela homo-erótica ou não, a par de reproduções dos clássicos, muito cuidadas e, como tudo leva a crer, muito necessárias para a gestão comercial do enorme grupo. Bons exemplos dessa premissa são os chamados "bailados orientais", designadamente *Sheherazade*, *Thamar*, *O deus azul* e *Cleópatra*, bem como o ambíguo *Prelúdio à sesta de um fauno* (1912), assinado por Nijinsky. Um ano antes, em 1911, ele aparecera (ao lado de Karsavina) num dueto romântico e muito movimentado,

1 Depois da estreia de *A sagração da Primavera*, a 29 de Maio de 1913, diz-se que na ceia que se lhe seguiu Diaghilev terá dito a Nijinsky e Stravinsky sobre o escândalo da *soirée*: "era exactamente o que eu queria" (Ballets Histoires, 2011, n.p.).

encarnando uma assexuada flor, no conhecido *O espectro da rosa*, com coreografia de Fokine, para uma partitura, *Convite à dança* (1819) de Carl Maria von Weber e cenografia de Bakst. Outra obra, acima mencionada, *A Sagração da Primavera* – também de Nijinsky e com uma estrondosa música de Stravinsky – a nível de pateada e gritaria na noite da estreia, superou todas as expectativas de Diaghilev, que tão bons dividendos extraíram até da má publicidade (Garafola, 1989).

Por outro lado, socialmente falando, o "fenómeno Nijinsky", um bailarino acima de qualquer categorização e cuja personalidade instável (e saúde mental muito frágil), serviu muito bem os propósitos artísticos de Diaghilev. Ele que dera escândalo no Teatro Maryinsky, em São Petersburgo, por ter desafiado os costumes ao abolir o hábito de dançar com calções por cima dos collants para mais claramente mostrar os seus atributos sexuais – incidente que parece ter sido instigado pelo próprio empresário já seu amante para o libertar daquela rígida estrutura patronal – afigura-se como um "produto diaghileviano" e terá surgido, deliberadamente, para apimentar um reportório de grande qualidade mas ainda pouco transgressor assinado por Fokine. Mas Nijinsky, por razões de ordem pessoal – o casamento nas costas do ex-amante, a imediata gravidez de Rómula e a recusa em dançar no Rio de Janeiro – que, mais tarde, deu dado azo a ser espalhafatosamente dispensado, abandonou os BR em 1913 e apenas regressaria, em 1916, para integrar uma digressão aos Estados Unidos, justamente uns meses antes da companhia se apresentar em Lisboa (1917-1918). Contudo, o bailarino-coreógrafo já não viria a Portugal devido ao seu débil estado de saúde, pois apresentava sinais de esquizofrenia.

Por tudo o referido, Diaghilev ainda hoje é considerado um visionário e um artista moderno, características que o colocaram numa vanguarda que se prolongou por várias décadas depois da sua morte, tendo influenciado decisivamente centenas (para não dizer milhares) de bailarinos, coreógrafos, directores de companhias, empresários, artistas plásticos e outros artistas.

A experiência lisboeta dos BR, numa fase algo conturbada da vida da famosa companhia foi, não só singular mas, ao mesmo tempo, pouco produtiva, tendo decorrido entre duas frutuosas passagens por Espanha. Durante as quais Diaghilev fomentava junto da então figura maior da companhia, Massine, não só a aprendizagem do flamenco como a colaboração com artistas nativos tendente à criação de obras de cunho e temática espanhola. Em pleno período de conflito mundial (1914-1918) os BR vieram de Madrid – onde tinham actuado sete vezes no teatro Real, a última das quais com *Thamar*, *Petrouchka* e *Cleópatra*, no dia 29 de Novembro de 1917 – a convite do Rei Afonso XIII, fizeram a viagem para Portugal no comboio Sud Express. Tentando manter a sua muito publicitada aura de encanto e sedução, ainda que o dinheiro escasseasse, chegaram a Lisboa, no dia 2 de Dezembro de 1917, Serge Diaghilev acompanhado do bailarino principal e coreógrafo residente, Léonide Massine (Leonid Fyodorovich Myasin, de seu nome original), de Serge

Grigoriev, o famoso *régisseur* (ensaiador e mestre-de-bailado) e da maioria dos artistas da companhia dos quais se destacavam, Lubov Tchernicheva (mulher de Grigoriev), Stanislas Idzikowski, Lydia Lopokova e Vera Nemchinova, para além do famoso mestre italiano Enrico Cecchetti e da sua mulher Giuseppina Cecchetti.

A data da entrada dos BR a Lisboa foi confirmada por notícias, respectivamente, nos jornais *O Século* e *A Lucta*, (abaixo reproduzidas) bem como noutras publicações como *Portugal, Monarquia, República, Capital* e *Diário Nacional* já que os jornalistas insistiram em brindar os BR com consideráveis elogios até antes da sua chegada no dia 2 de Dezembro;

Desde hontem á noite que se encontram em Lisboa todos os artistas que compõem a celebre companhia de bailes russos que, tendo á frente o barão Serge Diaghilew, conquistou nos primeiros teatros do mundo os mais delirantes aplausos. Assim que estiver montado o seu enorme material será anunciada a sua estreia no Coliseu dos Recreios, onde continuam indo numerosíssimas pessoas procurar bilhetes (nota sem autor e sem título, 1917, n.p).

Desde hontem á noite que se encontram em Lisboa os artistas que constituem a companhia de bailes russos que vem realizar no Coliseu dos Recreios uma brilhante temporada. Assim que estiver concluída a montagem do seu enorme material, anunciar-se-ha a estreia, que todos esperam com verdadeira impaciencia e que representará um notavel acontecimento artistico e mundano, pois o baile russo tem conquistado nos primeiros teatros aclamações e apoteoses vibrantissimas (sem autor e sem título, 1917, n.p).

Apenas uma bailarina principal, a inglesa Lydia Sokolova – que juntamente com Grigoriev nos viria a deixar relatos preciosos desses tempos – chegaria três dias depois, a 5 de Dezembro (no próprio dia do violento "golpe sidonista") acompanhada pelo bailarino espanhol Félix Fernandez García, que viria a Lisboa com a missão expressa de continuar a ensinar Massine a dançar flamenco.

Tendo chegado à estação do Rossio foram, de seguida, todos encaminhados para o Hotel Avenida Palace, através de uma discreta passagem de acesso directo da plataforma dos comboios para o hotel, à semelhança das que então existiam em todas as gares europeias adjacentes a hotelaria de luxo, construída propositadamente para acolher os passageiros de elevado estatuto económico e social, que utilizavam os comboios internacionais e queriam manter a discrição. Três dias depois, Diaghilev, Grigoriev e Massine ao dirigirem-se para o Coliseu, tiveram que voltar para trás debaixo do fogo da revolução sidonista¹. Segundo este último refere na sua biografia, nessa tarde acompanhava-os um português, provavelmente Almada Negreiros. Anos depois, o

1 Recorde-se que a chamada "revolução sidonista" (tendo à frente o militar, político e diplomata Sidónio Pais) se iniciou a 5 de Dezembro e acabou, triunfante, a 8 de Dezembro.

arquitecto Carlos Ramos recorda esses acontecimentos assegurando que "em consequência da revolução sidonista, foram-nos impostos, de parceria com Almada Negreiros, uns dias de fraternal convívio com a trupe no Hotel Avenida Palace" e o pintor "passa os dias com a companhia, fazendo amizade com Diaghilev e Massine, seu coreógrafo e primeiro bailarino" (Ramos, 1926, citado por França, 1974, p. 69).

Alguns jornais, com grande entusiasmo, haviam anunciado a estreia dos BR em Lisboa para 6 de Dezembro mas como no dia 5 estalou a revolução de Sidónio Pais, a companhia só se apresentaria uns dias depois, estreando-se finalmente a 13 de Dezembro de 1917 e tendo por acompanhamento musical uma orquestra de sessenta elementos (do Coliseu e do Teatro Real de Madrid) sendo o evento apresentado pelo empresário do Coliseu dos Recreios, António Santos. É certo que alguma Lisboa – uma minoria intelectual e progressista – se encontrava entusiasmada com a chegada da companhia. O *Portugal* de 26 de Outubro de 1917 exibia uma curta notícia em que se lia:

Embora muito se tenha escrito sobre a famosa companhia de bailes russos de Diaghilev [...] a prova completa de que a nossa capital os esperava com enorme ansiedade está no facto de inúmeras pessoas terem ido já ao Coliseu dos Recreios em procura de bilhetes. [...] (Os bailes russos no Coliseu, 1917, n.p.)

Os BR dançaram na capital portuguesa nove espectáculos, entre 13 e 27 de Dezembro, no Coliseu dos Recreios, e mais duas récitas suplementares a 2 e 3 de Janeiro de 1918, no Teatro de S. Carlos. De acordo com Tomaz Ribas (1970) a curta temporada programada para o Coliseu, apesar do "sucesso obtido pela companhia" não pôde ser prolongada uma vez que já se havia "contratado uma companhia de circo" (p. 283). Este testemunho, porém, pode estar comprometido uma vez que, de acordo com Mário Moreau, "no dia 29 do mesmo mês (Dezembro) recomeçaram os espectáculos cinematográficos" naquela conhecida e ampla casa de entretenimento da capital (Moreau, 1994. p. 56).

Pelos programas dos espectáculos realizados em ambos os teatros verifica-se que o repertório dançado em Lisboa se baseou em obras de Fokine, o coreógrafo que deixara a companhia no final da temporada de 1912. Na primeira noite do Coliseu exibiu-se *As sílfides* (1909), *Scheherazade* (1910), *O espectro da rosa* (1911) e *As danças polovtsianas do Príncipe Igor* (1909). Já no segundo espectáculo, repetiu-se *Scheherazade* e *O espectro*, tendo-se acrescentado *Carnaval* (1910) também com coreografia de Fokine, e uma criação de Massine: *Lê solei de muito* (1915). Na terceira ¹ e quarta *soirées para além de As*

1 O *Jornal do Comércio* de 15 Dezembro 1917 tal como outros diários portugueses, assinalaram para o dia seguinte o terceiro espectáculo dos BR como a *soirée* da moda. Esta curiosa designação referiu-se a um evento que ficou (tristemente) conhecido por ter sido interrompido por falta de luz, como se pode ler no artigo "Os bailes russos" saído no *Monarquia* de 18 Dezembro 1917: "Por causa da falta de luz que interrompeu o espectáculo da moda de ontem no Coliseu dos Recreios, ficou este transferido para hoje. Na quinta-feira, antepenúltimo espectáculo da companhia de bailes russos com a estreia do bailado *As Borboletas*, um encanto de graça e uma das obras-primas de Fokine, um dos nomes mais prestigiosos da coreografia

Sílfides, *Carnaval* e *As danças polovtsianas do Príncipe Igor*, incluiu-se *Thamar* (1912), na quinta dançaram-se *As Sílfides*, *Scheherazade*, *Le soleil de nuit* e *Les papillons* (1914), e na sexta, *O espectro da rosa*, *Thamar*, *Carnaval* e *Sadko* (1911). Finalmente, no sétimo programa, incluiu-se uma outra peça "exótica" do mesmo coreógrafo, *Cleópatra* (1909) sendo que as obras "avulsas" e consideradas menores levaram todas a assinatura de Fokine. Nas oitava e nona *soirées* repetiram-se peças dançadas nos programas anteriores.

Devido à revolução a nossa temporada em Lisboa começou com uma quinzena de atraso e não foi um sucesso. Estando o Teatro Real (o S. Carlos) fechado fomos obrigados a dançar num enorme edifício que mais parecia um circo. Este nunca esteve cheio e quando Diaghilev, sempre ansioso por mostrar a companhia no seu melhor, conseguiu fazer abrir o Teatro Real, que estava tão sujo que os nossos fatos, meias e sapatos quase ficaram arruinados. Estando em Dezembro estava um frio amargo e nenhum dos dois teatros era aquecido. Creio que aqueles espectáculos no Teatro Real devem ter sido os piores que alguma vez dançámos: felizmente que foram só dois (Sokolova, 1989, p. 116).

A bailarina inglesa refere-se às apresentações de 2 e 3 de Janeiro no TNSC. O primeiro dos dois espectáculos organizados pela Comissão das Madrinhas de Guerra, em benefício dos soldados portugueses que lutavam em França – repetiu-se *Scheherazade* e acrescentou-se o *divertissement* de 1909, *Le festin*, e uma novidade de Massine (criada a 12 de Abril de 1917) *As mulheres de bom humor*. Já no adeus a Lisboa (no dia 3 de Janeiro de 1918), repetiu-se *Cleópatra* e *As mulheres de bom humor* e apresentou-se, a fechar, uma peça de Fokine que hoje é mais lembrada pelos exuberantes desenhos dos figurinos de Léon Bakst: *Narcisse* (1911). Como se pode imaginar, o ambiente não podia ter sido mais adverso, do ponto de vista artístico, social e até económico.

Apesar de, em plena I Guerra Mundial, numa profunda crise europeia, Portugal se apresentar como um país neutro, a inesperada situação política local provocada pelo golpe sidonista, veio alterar os planos previstos e reduziu drasticamente o impacto da apresentação dos BR em Lisboa. A sua vinda deveu-se, em muito, à influência e *démarches* feitas pelo casal de pintores Sónia e Roberto Delaunay que viveram em Vila do Conde entre 1915 e 1917, porém foi, em muito, prejudicada pelo facto de ter acontecido num período revolucionário em que se trocaram tiros, rebentaram bombas e se derramou sangue em plena baixa lisboeta (Sasportes, 1970). Há, porém, leituras diversas dos acontecimentos e dos factos que determinam o percurso dos BR em Portugal. Por exemplo Tomaz Ribas (1970), no mesmo ano que Sasportes, afirma que o "sucesso obtido pela companhia de Diaghilev (no Coliseu) foi enorme e o público exigia a continuação da temporada" (p. 283), e acrescenta:

moderna" (Os bailes russos, 1917, n.p.).

[...] a título anedótico é curioso recordar que, precisamente, no momento em que rebentou a revolução Diaghilev recebia, no Avenida Palace, hotel onde se alojava, o pintor Almada Negreiros e o maestro Ruy Coelho que, impossibilitados de sair para a rua, foram hóspedes do grande empresário russo durante três dias que foram tantos quantos o movimento revolucionário durou. Terminado este, a companhia não pôde seguir para Madrid porque reinava em Espanha uma greve de ferroviários. Na impossibilidade de sair do país ou de voltar ao Coliseu, Diaghilev decidiu realizar mais alguns espectáculos no Teatro Nacional de S. Carlos (p. 283 e 284).

Poder-se-á, pois, afirmar que em Lisboa, ao contrário do que aconteceu noutras capitais europeias e mesmo em algumas cidades de província, o comum dos cidadãos assistiu com alguma dose de indiferença à estadia da companhia de Diaghilev em Lisboa. Esta, porém, encontrou alguma base de apoio apenas numa elite de que faziam parte os modernistas portugueses da época (com destaque para Almada Negreiros), para além de Manoel de Sousa Pinto e de alguns jornalistas da capital. Sousa Pinto (Rio de Janeiro, 1880-Lisboa, 1934), autor de uma obra eclética cuja actualidade, em certos aspectos, ainda hoje se mantêm, foi um notável homem de cultura, escritor, historiador, docente universitário, publicista, crítico literário, de arte e de dança, e, em particular, amigo e biógrafo de Malhoa. Em 1918, justamente no rasto da passagem por Lisboa dos BR, Sousa Pinto – que era, verdadeiramente, o único crítico de dança da época – publicou um pequeno livro dedicado à bailarina Lydia Lopokova (ou Lopukova), "pequenina, infantil e deliciosa no ar" (1924, p. 231) no qual descreve, uma a uma, quase todas as peças que vira dançar. A obra reproduz duas fotos de Lopokova e uma de Lubov Tchernicheva, todas da autoria do fotógrafo português Pedro Lima.

Anos depois, em 1924, os mesmos doze textos são recuperados na obra *Danças e bailados*, editada pela Portugália Editora, constituindo todo o terceiro capítulo do livro. Desta vez surgem as seguintes peças: *As sílfides* (ilustrada por José Zamora), *Scheherazade*, *O espectro da rosa* (ilustrada por George Barbier), danças de *O Príncipe Igor* (ilustrada por René Bull), *Carnaval*, *Borbolêtas*, *Tamar*, *Sadko* – o "baile mais original que os russos deram em Lisboa" (Pinto, 1924, p. 219) – *Sol da noite* (ilustrada por Almada), *Cleópatra* (ilustrada por José Zamora), *As Mulheres de bom humor* e *Narciso*. No quarto e último capítulo, "Pela dança portuguesa", Sousa Pinto exorta, de um modo expressivo e veemente, ao aparecimento da dança nacional, afirmando, ao mesmo tempo, não haver "bailarinas portuguesas em Portugal" (Pinto, 1924, p. 246) – um testemunho, ou melhor, um anátema que irá acompanhar a dança portuguesa por muitos e longos anos. Alguns autores corroboraram esta ideia, designadamente Tomaz Ribas (1970) que afirmou:

Não despertou entre nós a companhia de Diaghilev o aparecimento de uma camada de bailarinos; proporcionou, no entanto, entre os nossos artistas plásticos e musicais um interesse especial pela arte da dança,

levando alguns deles a dirigirem, de uma maneira ou de outra, a sua atenção para o *ballet* (p. 284).

O conjunto de circunstâncias históricas a que atrás se aludiu fez com que os BR permanecessem em Lisboa mais tempo que o previsto. No relato de duas testemunhas privilegiadas – Serge Grigoriev e, sobretudo, Lydia Sokolova – foram três meses dramáticos, de quase completa inactividade artística, grande instabilidade e até algum perigo para os bailarinos. Estes suportaram os muitos tiroteios que aconteceram nas cercanias do Hotel Avenida Palace, onde a companhia inicialmente se encontrava alojada, e em toda a zona dos Restauradores onde também se situa o Coliseu dos Recreios – justamente do outro lado da avenida, numa rua atrás.

Na sua primeira e única visita a Portugal dos BR poder-se-á afirmar que o entusiasmo e a recepção da vanguarda intelectual nacional foram uma realidade, mesmo antes das suas exposições, mas, da parte do público e da crítica, já não se pode dizer o mesmo. Talvez por a companhia ter trazido a Lisboa um reportório marcadamente convencional – sem as obras de ruptura que marcaram a sua modernidade – já que Diaghilev parece ter achado que para um país periférico e atrasado era bem melhor não arriscar. Não foi apresentada a novíssima *Parade* (1917), nem a contestada *A sagração da Primavera* (1913) ou o erótico *Prelúdio à sesta de um fauno* (1912), dando-se preferência a peças menos significativas bem como à promoção do coreógrafo Massine com *O sol da meia-noite* (1915) sobre uma partitura de Rimsky-Korsakov e *As mulheres de bom humor* (1917) com música de Domenico Scarlatti.

A muitos críticos e músicos portugueses não passou despercebido o sabor vagamente português da música de Scarlatti, o que não era de espantar, pois o grande mestre italiano viveu largos anos no nosso país onde foi mestre-de-capela de D. João V e professor da infanta D. Maria Bárbara, filha daquele rei e a quem acompanhou quando a princesa se tornou rainha de Espanha (Ribas, 1970, p. 284).

E, para tornar a paisagem artística menos atractiva, também se notou a ausência dos mais carismáticos bailarinos que pontuavam num formidável elenco. No meio de tão complexa teia de acontecimentos, as críticas da época saídas em jornais como *O Século* e *A Lucta* vieram demonstrar uma visível falta de bases culturais e reduzido ou nenhum poder de análise, entrando, sistematicamente, em contradição. Pela leitura dos escritos publicados pode concluir-se não só que a literatura de dança era escassa e muito pobre e, sobretudo, que poucos foram os que realmente se mostraram capazes de reconhecer – ainda que em condições nada propícias – a essência da proposta dos BR.

Ressalvando algumas excepções – a crítica não viu para além dos seus próprios limites: escassamente informados sobre os estilos baléticos em vigor na Europa e ainda menos documentados sobre as últimas evoluções da arte de Terpsícore que as vanguardas difundiram, os críticos

não escreveram muito para além dos lugares comuns que copiaram das publicações estrangeiras, preenchendo as folhas de jornais com generalidades que raramente ultrapassaram o trivial (Castro, 2012, p. 65).

Posto isto, a estada da companhia em Lisboa não terá passado de uma espécie de "soma" de acidente de percurso de péssima memória para os celebrados artistas que, inevitavelmente, levaram uma desagradável impressão de Portugal e, provavelmente, dos portugueses. Nada que hoje possa espantar após toda a espécie de peripécias e graves dificuldades pelas quais todos, sem excepção, passaram. Não só o clima de pobreza e terror, numa Lisboa sitiada, fizeram com que os artistas se ressentissem de espectáculos nada entusiasmantes, mas também a objectiva falta de condições para ensaiar outras obras, como era hábito nos BR e em qualquer companhia itinerante, tornaram improdutivos os infundáveis dias na esperança de uma rápida partida. O clima de caos começou logo no adiamento da prevista estreia do grupo, no Coliseu, que terá sido atrasada uma semana devido a um dos muitos levantamentos militares, rapidamente reprimido. Os últimos espectáculos, no TNSC – que abriria as suas portas forçada e propositadamente para receber a companhia – estiveram longe de conhecer as enchentes de outras cidades, o que facilmente se compreende dadas as circunstâncias em que se realizaram.

Perante esta situação diz-se que Diaghilev, ao terminarem os espectáculos de Lisboa, se mostrava "mais irritado do que aborrecido" porque concluiu que "estava a perder um valioso tempo de ensaios" (Grigoriev, 2009, p. 134). Decidiu, pois, retirar-se, com Massine e Randolpho Barocchi – administrador da companhia e marido de Lydia Lopokova – para Madrid, não tendo dado notícias durante cerca de um mês (Grigoriev, 2009). Por iniciativa de Grigoriev, que ficou em Portugal para dar aulas à companhia e manter os bailarinos em forma, ainda se planeou trabalhar na obra *Dáfnis e Cloé* (que não se dançava desde 1914), enquanto a direcção usufruiria de uma cláusula contratual que permitia à administração da empresa, em períodos de inactividade em digressão, pagar um salário reduzido. Porém tornaram-se infrutíferas as tentativas de manter os artistas ocupados pois não havia condições para levar a cabo um trabalho de índole criativa ou tão só os rotineiros ensaios já que o grupo se encontrava completamente desmotivado. Esta situação, contrária ao estatuto "luxuoso" que a companhia gozava, numa altura em que não havia liquidez para suportar as despesas e as dívidas se acumulavam, devia-se também ao facto de as viagens estarem altamente condicionadas na Europa. Para além de um factor que não deixava de ser relevante, e ao qual Diaghilev era bastante sensível: após as revoluções de 1917 na Rússia – a de Fevereiro¹, que derrubou Nicolau II da Rússia, o último czar a governar aquele país, e procurou estabelecer em seu lugar uma república de cunho liberal; e a de Outubro², na qual o Partido Bolchevique, liderado por Lenine, derrubou o governo provisório e impôs o

1 Março de 1917 pelo calendário Ocidental.

2 Novembro de 1917 pelo calendário Ocidental.

governo socialista soviético – a maioria dos russos era vista como revolucionária e indesejável e Diaghilev, marcado por esse estigma, não suportava a violência e, muito menos, que, em Lisboa, uns insurrectos portugueses lhe ameaçassem o êxito que costumava acompanhar a sua companhia.

No dia 28 de Março de 1918¹, também via Madrid, e no mesmo comboio internacional (Sud Express) que ligava Lisboa a Paris, os BR deixaram a capital portuguesa sem grande aparato, desmoralizados, completamente falidos, sem recordações positivas nem muitas saudades na bagagem, dando início à sua terceira digressão espanhola no dia 31 de Março, um Domingo de Páscoa, em Valladolid (Buckle, 1984). Como já se afirmou Diaghilev tinha partido para Espanha deixando a companhia à deriva e os artistas, em "férias forçadas", a ser pagos com fundos de emergência e sentindo-se abandonados pelo seu mentor, como relatado por Lydia Sokolova (1989). Na altura, o país vizinho encontrava-se em guerra civil, tentando o empresário assinar alguns contratos devido às péssimas condições financeiras em que todos se encontravam. Aliás, esta terceira digressão espanhola começaria justamente em Valladolid, onde os BR actuaram no Teatro Calderón de La Barca a 31 de Março de 1918, com *Carnaval*, *As sílfides*, *O espectro da rosa* e *O Príncipe Igor* (Grigoriev, 2009; Pritchard, 2009), prosseguindo depois em Salamanca, San Sebastian, Bilbao, Logroño, Saragoça, Valência, Alcoy, Cartagena, Córdoba, Sevilha, Granada, Madrid (entre 25 de Maio e 2 de Junho) e Barcelona (entre 6 e 16 de Junho)².

Infelizmente não se conhecem quaisquer testemunhos de outros indivíduos ligados à companhia, designadamente, do chamado pessoal técnico. Para além dos de Grigoriev temos os vívidos relatos deixados para a posteridade por Lydia Sokolova nas suas memórias (1989) nas quais, entre muitas outras coisas, refere ter sido obrigada a deixar em Portugal uma filha com uma ama portuguesa, a Sr.^a Abrantes, que, mais tarde, viria buscar. Posteriormente, já em Madrid, por não possuir dinheiro para tratar uma enfermidade da criança, afirma que Diaghilev lhe dispensou para o efeito, "as últimas moedas de prata vindas de outros países que lhe restavam no fundo de um saco de cabedal" (p. 122). Percebe-se, pois, que apesar da enorme resistência e dose de imaginação de Diaghilev – que muito se esforçava mas não conseguia encontrar trabalho – o seu enorme grupo esteve inactivo em Lisboa durante cerca de três meses e viveu de crédito. Léonide Massine, na sua obra biográfica (1968) resume com grande objectividade a imensa angústia lisboeta vivida por todos:

1 Data apurada unicamente na obra de Serge L. Grigoriev, *The Diaghilev Ballet 1909-1929* (p. 135), não tendo sido possível corroborar a mesma com mais vasta documentação.

2 A primeira inclui, entre 26 de Maio e 28 de Agosto de 1916, espectáculos em Madrid, San Sebastian e Bilbao; e a segunda, de 1 Junho a 27 de Dezembro de 1917 apresentações em Madrid, Barcelona e, novamente, Madrid, antes de Lisboa.

Após uma curta temporada em Barcelona, fomos, primeiro para Madrid e, de seguida, para Lisboa onde tivemos que nos apresentar no Coliseu dos Recreios, que era sombrio e impessoal como um *drill-hall* [...] Uma noite, uns poucos dias após a nossa chegada a Lisboa, quando regressava do teatro, com Diaghilev, Grigoriev e um amigo português, ouvimos gritos e o som de disparos. Bombas e granadas explodiam nas ruas. Corremos para o hotel e foi-nos dito para nos abrigarmos debaixo da escadaria principal onde ficámos durante os três dias e três noites que durou a revolução. O nosso amigo português¹ era um elegante 'baletómano' e ainda hoje me lembro como a sua pregueada camisa branca como a neve se foi tornando cada vez mais cinzenta com a entrada do fumo que invadia o vestíbulo do hotel. Diaghilev estava mais irritado do que assustado e queixava-se amargamente da perda de valioso tempo de ensaios. O resto da companhia, espalhado pelo hotel, parecia aguentar bem a tensão. [...] Depois da revolução o vitorioso general Sidónio Pais tornou-se Presidente de Portugal mas foi assassinado um ano depois. Provavelmente devido a todo este turbilhão político os portugueses não estavam com disposição para ver espectáculos de *ballet* e a nossa temporada em Lisboa foi um fracasso. A companhia atravessava então o mais deprimente período da sua história. Mas em face de problemas financeiros e de outra ordem que ameaçavam o colapso da companhia, Diaghilev lutava para manter a coragem. Depois do fiasco da nossa estada lisboeta ele não conseguia arranjar outra digressão. Voltámos a Barcelona e, durante um mês ou dois, as coisas pareciam desesperadas. Diaghilev fez repetidas viagens a Madrid na vã tentativa de conseguir espectáculos para a companhia (pp. 120-122).

E assim terminou a "saga lusa" dos BR que tanto Massine como Sokolova rotulam de "fracasso" e que terá sido um dos piores capítulos na vida da companhia que mais impacto e influência teve na história do bailado do século XX.

1.3. As experiências de Almada.

As notícias da chegada à Europa dos BR, mais precisamente a Paris em 1909, terão suscitado muita expectativa e um grande entusiasmo em alguns artistas e intelectuais portugueses residentes na "cidade-luz", nomeadamente, o pintor Amadeu Sousa Cardoso e José Pacheco – nome artístico do arquitecto José Pacheco. Possivelmente fruto da semente – e desse feitiço – que Diaghilev parece ter lançado em muitos artistas da época, o compositor Ruy Coelho compôs, em 1912, em Berlim, o bailado em 3 actos *A princesa dos sapatos de ferro*. Em Lisboa, Fernando Pessoa terá recebido informações sobre a vida

1 Referência ao pintor Almada Negreiros, segundo Tomaz Ribas (1970). O ballet em Portugal. In Adolfo Salazar. *História da dança e do ballet* (p. 283). Lisboa: Artis.

cultural e o esplendor das noites de Paris do início do século, através da revista *Comoedie*, que o seu amigo Mário de Sá-Carneiro lhe enviava regularmente de França. Simultaneamente, José de Almada Negreiros (1893-1970) um artista transgressor que frequentava os meios artísticos e boémios da baixa lisboeta inscreve o seu nome na primeira edição (Abril de 1915) da famosíssima revista *Orpheu*.

Em muitos aspectos o perene e multímido (nos seus caminhos) Almada, ou “poliápto” como o caracterizara Pessoa (França, 1974, p. 126) era uma personalidade exuberante, por vezes incendiária, que aparece nas letras portuguesas como uma espécie de reverso do seu genial amigo, tímido e romanticamente discreto, Fernando Pessoa. É o homem polissémico que escandalosa e provocadoramente se fez fotografar nu e que na terceira edição da supra citada revista – que acabou por não sair da tipografia – pagina o “extenso poema de rima e métrica estilhaçadas” (Vieira, 2006, p. 48) intitulado *A cena do ódio* (Maio de 1915). De seguida, passa ao histórico (e bem arquitectado) gesto provocador contra o popular Júlio Dantas, escritor, médico, político e diplomata, que se distinguiu como um dos mais conhecidos intelectuais portugueses das primeiras décadas do século XX, símbolo de toda uma ideologia conservadora da época. Almada não só defende publicamente o grupo do *Orpheu*, contra o qual o escritor lacobrigense se havia insurgido, como o insulta deliberadamente, chamando a si todas as atenções, com o humorístico e demolidor *Manifesto anti-Dantas* (datado de 25 de Outubro de 1915). No ano seguinte “num derradeiro acesso de entusiasmo, Almada, ainda se deixará atrair por uma actividade diferente de tudo o que (até então) fizera: o bailado” (Vieira, 2006, p. 53).

Sasportes afirma que nem todos os bailados inventariados no reportório de Almada foram realmente apresentados (1970) *História da dança em Portugal*. Lisboa:

Fundação Calouste Gulbenkian, p. 272.

Assinale-se que os artistas tomavam por bailado o texto que encerrava a ideia de acção coreográfica. Pelo contrário *O sonho da princesa da rosa*, bailado em um só acto, teve lugar, justamente, no Palácio da Rosa, imóvel pertencente aos Condes de Castelo Melhor, e foi “interpretado por gentis damas da Aristocracia de Portugal” (Negreiros, Coelho & Pacheco, 1917, n.p.)¹. É Helena de Castelo Melhor a condessa que financia a extravagância realizada nos seus jardins. No final da apresentação houve, mesmo, um luxuoso e concorridíssimo baile-festa de gabarito que fez germinar no grupo organizador a ideia da posterior realização de um recital no TNSC. Naturalmente, com maiores ambições artísticas e cujos proventos seriam destinados à Associação das Madrinhas de Guerra, uma organização então acabada de criar e que tinha por missão prestar auxílio moral e material aos soldados portugueses anteriormente

1 Tanto o título como a data de apresentação, desta e de outras peças, aparecem com versões diferentes nas obras de Sasportes e de Joaquim Vieira, sendo Almada acusado, anos depois, de ficcionar factos e transmiti-los como reais.

mobilizados e que tinham estado ao serviço do C.E.P. – Corpo de Exército Português – em França, durante a I Grande Guerra que, então, tinha findado. A citada associação de carácter filantrópico compunha-se, na sua maioria, por senhoras da alta sociedade portuguesa tendo à cabeça a Condessa de Mafra, Sofia de Mello Breyner, a qual seguidamente convidaria o grupo de Almada para criar *A lenda d'Ignez*, bailado em um prólogo e três actos, cuja apresentação teve lugar no seu palácio de Anadia, no Inverno de 1916, preparando-se a sua execução para o fim de 1917. O que nunca veio a acontecer.

No ano anterior (1915), Almada, que teve "a audácia de se transformar em bailarino e coreógrafo, usando como simples bagagem uma extraordinária agilidade e uma rara capacidade de realização teatral" (1970) *História da dança em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 272., criara um bailado em um acto – *História da Carochinha*. Porém a grande apresentação no TNSC só se viria a concretizar a 11 de Abril de 1918, e logo, quatro meses após o *début* dos BR nessa mesma sala. A imprensa terá saudado com entusiasmo esta incursão de Almada no S. Carlos, apelidando de "bailes russos" o divertimento para a sociedade mundana – também com o contributo da Condessa de Castelo Melhor –, em que Almada movimentou, nada menos que "66 bailarinos sem qualquer experiência" (Vieira, 2006, p. 61) e ainda desempenhou dois dos papéis principais n'*A princesa dos sapatos de ferro*: respectivamente, a Bruxa e o Diabo. Note-se que, passado quase um século sobre esta época de euforia e deslumbramento, se reacendeu em Portugal a moda dos eventos de dança de cariz social feitos com base na (muita) boa vontade e na (pouca) disponibilidade física de indivíduos puramente diletantes ligados a eventos de índole comunitária.

Com grande dose de coragem (e um atrevimento ainda maior), Almada apresentou-se num programa – mais uma vez patrocinado por Helena Vasconcelos e Sousa, Condessa de Castelo Melhor – com duas peças: *Bailado do encantamento* e a já citada *A princesa dos sapatos de ferro*. Terá ficado no ar a ideia – ou terá sido o próprio Almada a divulgar o boato como publicidade em proveito próprio – que, durante a forçada estada dos BR em Lisboa alguns colaboradores de Diaghilev teriam dado uma ajuda na preparação deste evento. Falou-se, até, que o próprio Massine teria aconselhado Almada sobre as suas coreografias e que Diaghilev "viu a preparação de *A lenda d'Ignez*, mostrou-se muito interessado e levou consigo o argumento, a planificação e os desenhos dos cenários e figurinos assinados por Almada" (Sasportes, 1970, p. 272).

Os elogios na imprensa – a mesma que, pouco sabedora em matérias de dança e, portanto, incapaz de elaborar juízos de valor sólidos e que fora algo cruel para os BR – terão sido rasgados, mesmo tendo em conta as inevitáveis comparações com os muito profissionais, e aplaudidos em todo o Mundo, bailados de Diaghilev. Como já se escreveu, não só a crítica lisboeta mas também o público se dividiu, não tendo sido consensuais as opiniões no que respeita às *performances* lisboetas dos pioneiros BR, que o próprio Almada

registaria em desenho em 1917. Na página 251 do livro *Danças e bailados* de Manoel de Sousa Pinto (1924) aparece um registo gráfico de Almada do bailado de Massine, *O sol da meia-noite* (*Le soleil de nuit*).

Todas as partituras, libretos, cenografia, figurinos, cartazes e coreografias dos bailados criados pelo grupo português – mas nem todos foram, necessariamente, apresentados em público – eram da autoria dos três artistas acima mencionados, Almada, Coelho e Pacheco. Com visível entusiasmo e uma certa efabulação, Almada escreveria na revista *Portugal Futurista*, em 1917 (chamando a si alguma publicidade, como era seu apanágio): "O nosso sucesso ficou garantido na sensação que ainda hoje persiste" (Negreiros, Coelho & Pacheco, 1917, n.p.).

Após a experiência lisboeta dos BR, um novo ímpeto nacionalista pareceu reacender-se no grupo de Almada, no qual o pintor e poeta modernista, bailarino e coreógrafo, geria um grupo de intérpretes que – como não poderia deixar de ser –, não passavam de amadores entusiasmados e cheios de boas intenções. Porém, ele era um artista instigador e a estética por ele defendida, ainda antes da esperada visita da companhia de Diaghilev à capital portuguesa, fê-lo gritar bem alto no *Manifesto aos Ballets Russes* (subscrito também pelo compositor Coelho e o arquitecto Pacheco, a 14 de Outubro de 1917) e distribuído no Coliseu:

Portuguez, atenção! É a ti-próprio que nos dirigimos. Vimos propôr-te a tua liberdade! Escuta: [...] Os Bailados Russos estão em Lisboa! Isto quer dizer: uma das mais *belles étapes* da civilização da Europa moderna está na nossa terra! Os Bailados Russos são a melhor expressão de Arte que hoje te podemos aconselhar, porque elles explicar-te-hão a Sublime Simplicidade da Vida, onde tu, Portuguez, vives ignorantemente crucificado. [...] Finalmente: é preciso criar a pátria portuguesa do século XX (Negreiros, 1917, p. 38).

Os excertos aqui citados, impressos num folheto distribuído ao público, e inserido, posteriormente no primeiro e único número da revista *Portugal Futurista* (logo apreendido pela polícia republicana de Afonso Costa, em Novembro de 1917, o que significa que os seus organizadores não previram incluí-lo e muito menos publicá-lo nessa altura) apareceram em público sob a forma de "manifesto". Uma moda que apareceu na Europa no chamado "explosivo período" – entre 1909 e 1914, no estrangeiro e que só mais tarde teria repercussões em Portugal – fazendo parte de um texto literário de intervenção com uma forte marca vanguardista. Tratava-se de obras construídas em torno de um referencial político – cujo objectivo era serem ouvidas e não lidas –, dirigidas, frequentemente, a uma certa elite do espaço público e cuja tradição remontava ao século XIX. Também era normal organizarem-se em forma doutrinária e, essencialmente, provocatória, focando temas como a política activa, a ciência, a arte, e o pensamento em geral. Percebe-se que o grupo de Almada ao engendrar o citado manifesto, com alguma oportunidade, tentou aproximar-se da companhia de Diaghilev – com um elogio marcadamente hiperbólico – ainda antes da sua

chegada. E, como seria de esperar, o empresário russo recebeu entusiasticamente o texto chegando mesmo a afirmar – supõe-se que, em grande parte, motivado pelo reconhecimento e pela publicidade ao seu grupo – ter sido "a melhor coisa que se tinha escrito sobre os BR" (Diaghilev, 1917, citado por Sasportes, 1970, p. 264). Porém, como anteriormente tratado, sem grande efeito prático nos lisboetas que não se deixaram entusiasmar grandemente pelos espectáculos¹.

Almada, que se considerava pintor, desenhador, poeta, ensaísta, conferencista, panfletário, polemista, romancista, dramaturgo, caricaturista, vitralista, ilustrador, gráfico, filósofo, humorista, actor, bailarino, coreógrafo, cenógrafo e figurinista – mas cuja experiência prévia em matéria terpsicórica era praticamente nula – fantasiou, criando para si uma "miragem" dos BR, a qual serviu para iniciar um sonho que obviamente terminaria devido à falta de meios financeiros mas, sobretudo, de consistência artística dos seus intervenientes. Na fase que se seguiu às apresentações dos BR terá, durante pelo menos durante meio ano, se dedicado com afinco a formar uma companhia de bailado apoiada no mecenato aristocrático e constituída por amigos e conhecidos – um dos quais o arquitecto do Padrão dos Descobrimentos, do Museu de Arte Popular, da Estação Ferroviária do Sul e Sueste e da Praça do Império, bem como cineasta da mítica película *Canção de Lisboa*: Cottinelli Telmo (1897-1948) – e ainda algumas jovens da alta sociedade lisboeta. Quatro meses passados sobre os espectáculos dos BR no Coliseu e no TNSC, Almada não desdenhou apresentar no teatro de maior prestígio em Portugal, o S. Carlos – perante um público seleccionadíssimo que até incluía o Presidente da República, Sidónio Pais – o já mencionado programa constituído pelo *Bailado do encantamento* e *A princesa dos sapatos de ferro*, com música de Ruy Coelho, coreografia de Almada e realização plástica dos arquitectos José Pacheko e Raul Lino. Estas danças – coreograficamente desfasadas (pela negativa) das suas intervenções literárias e sem as esperadas propostas modernistas foram, contudo, saudadas pela imprensa num tom algo nacionalista. Depois do TNSC, o palco seguidamente pisado por Almada e companheiros foi o menos ambicioso Teatro da Trindade – situado também em Lisboa, no Chiado – onde apresentou uma nova peça, *O jardim de Pierrette*, em Junho de 1918. A última das suas incursões na dança foi um evento ao ar livre em Lisboa, ainda no Verão de 1918, nos jardins do Palácio das Laranjeiras, adjacentes à antiga residência do Conde Farrobo e ao Teatro Thalia, onde actualmente se situa o Jardim Zoológico de Lisboa, na zona de Sete Rios.

Em face do reduzido número de peças exibidas pelo grupo, do facto de se não constituir como um corpo de obras coreográficas apresentadas com um cariz profissional e demonstrativo de uma determinada continuidade devidamente preservado e documentado, ou sequer bem dançadas (tecnicamente falando) para terem ficado na memória e se tornarem representativas de um período histórico, não se poderá propriamente falar de um

1 Vejam-se os testemunhos da imprensa lisboeta da época reproduzidos em: Castro, 2012, pp. 97-188.

reportório. Até porque, pelas razões apontadas e devido a todas as contingências da época (designadamente a falta de registos de imagem em movimento e de qualquer notação verosímil e rigorosa), nem sequer se tratou de trabalhos passíveis de reconstituição. À semelhança, exactamente, de uma obra tão emblemática como *A sagração da Primavera* de Nijinsky e Stravinsky que sete anos após a sua estreia, a 29 de Maio de 2013, já não foi possível reconstruir, mas que nem assim morreu para a Humanidade. Para além de algumas senhoras de alto nível económico, outras personalidades da vida social portuguesa de então fizeram parte deste grupo de bem-intencionados artistas, seguramente envolvidos e apaixonados pela arte da dança. Tal como o Conde de Castelo Melhor, de nome Luís Reis Santos (1898-1967) –, crítico de arte que também usou o nome artístico de Luís (de) Turcifal em posteriores intervenções performativas de impacto diletante e pouco expressivo.

Almada, figura seminal de época – considerado por muitos o mais criativo, fantasista e *clawnesco* dos seus “compagnons de route” – personalizou um “futurismo” nacional com ligações europeias várias, nomeadamente a Marinetti e à bailarina Valentine de Saint-Point (1875-1953)¹ de quem se reproduziram “O Music-Hall, manifesto futurista” (publicado originalmente pelo *Daily-Mail* de 21 de Novembro de 1913) e o “Manifesto da Luxuria” no primeiro (e único) número de *Portugal Futurista* (1917). Estas aproximações a figuras importantes da época não viriam, contudo, a dar frutos palpáveis na área do bailado devido ao amadorismo em que Almada laborou e a uma manifesta ausência de preparação técnica de todos os artistas envolvidos. Mas a sua função de dinamizador de festas artísticas numa comunidade em que dominava a sede da *performance* lúdica em que os seus protagonistas pudessem ser vistos com a frivolidade típica de uma qualquer festa carnavalesca, não deixa de ser importante por ter aberto um espaço, anos depois na década de 20, ao aparecimento, em Lisboa, dos salões artísticos. Também grande novidade desses tempos foi o aparecimento das novas salas de cinema assim como o grande entusiasmo com a prática das danças de salão – danças sociais importadas da Europa – que acabaram por se estender aos palcos mas que em muito pouco ou nada contribuíram para o fortalecimento de uma verdadeira consciência artística profissional. O projecto (de companhia) de Almada Negreiros baseado no encontro de algumas dezenas de bailarinos inexperientes acabou por

1 Valentine de Saint-Point iniciou a sua carreira como modelo de artistas famosos como Alphonse Mucha e August Rodin. Escritora francesa e artista multifacetada (poeta, pintora, dramaturga, crítica de arte, conferencista, bailarina, coreógrafa e jornalista) foi uma feminista frequentadora dos salões parisienses e impulsora dos movimentos literários e artísticos da *belle époque*. Conhecida por ter sido a primeira mulher a ter redigido um manifesto futurista, terá sido, com a sua *cross-media form* de arte performativa a que chamou *Métachorie*, a inventora da *performance*. A sua proposta passava pela fusão de todas as artes. Nas suas próprias palavras: “J'écris ma danse graphiquement comme une partition d'orchestre. Et, si voulant créer une danse vraiment essentielle, j'ai exprimé l'esprit général de mes poèmes par une stylisation naturellement géométrique, c'est que la géométrie est la science des lignes, c'est-à-dire l'essence même de tous les arts plastiques, comme l'arithmétique est la science du nombre, c'est-à-dire l'essence même des arts rythmiques: musique et poésie” Sina, A. & Wilson, S. (2011) *Valentine de Saint-Point*. Londres: Tate Modern.

se resumir a uma curiosidade mundana desprovida de qualquer viabilidade artística e económica.

Sem emprego e encomendas há anos, sem sucesso na escrita e já tendo gasto “quase toda a herança materna” (Vieira, 2006, p. 53), a Almada não restava muito “para fazer em Portugal” (Vieira, 2006, p. 53). Ainda por cima fora “agredido à bengalada no Porto pela Formiga Branca, a tropa de choque do partido democrático de Afonso Costa” e “só escapando devido à sua agilidade física” (Vieira, 2006, p. 53). No início de 1919 parte para Paris, para tentar a sua sorte na capital do mundo_modernista, só regressando a Portugal a 7 de Abril de 1920. Ao contrário de muitos dos seus amigos e seguidores, Almada, num período de grande actividade em várias frentes, nunca saía de Lisboa. Sete anos depois, em Março de 27, deixaria Portugal, pela segunda vez, dirigindo-se a Madrid, onde permaneceria até 15 de Abril de 1932.

Muitos anos após ter vivido no estrangeiro, Almada Negreiros voltaria a ligar, mais uma vez, o seu nome à dança ao assinar a cenografia e figurinos do bailado *Mefisto-valsa*, obra surrealista com coreografia de Paul Szilard¹ estreada pelo Círculo de Iniciação Coreográfica (CIC), de Margarida de Abreu, a 2 de Julho de 1949, no Coliseu dos Recreios, com a famosa bailarina búlgara Sónia Arova e o próprio Szilard, nos papéis principais.

Curiosamente, o grande artista, já contando 75 anos, acabou por deixar o seu nome e génio gravados nas paredes do edifício-sede da FCG, em Lisboa, num enorme painel inciso sobre calcário polido, desenhado em 1968 e executado no ano seguinte (Vieira, 2006). De título *Começar*, a obra domina o vestíbulo principal do edifício da autoria dos arquitectos Ruy Jervis Athouguia, Pedro Cid e Alberto Pessoa, o qual abriu as suas portas em Outubro de 1969. Estranhamente, o popular artista – que foi a estrela da primeira edição do histórico programa televisivo *Zip Zip*, em Maio do ano seguinte – não terá revelado qualquer interesse em (ou não terá sido convidado para) colaborar com o BG, entre a sua fundação, em 1961, e 1970 – já, então, solidamente implantado no meio artístico português –, ano em que Almada viria a falecer.

Tudo leva a crer que, apesar de ter afirmado num programa televisivo da RTP (Almada Negreiros, 1996, realização de Manuel Varella) que “não lhe interessava pintura, a escultura, a escrita, o teatro e nenhuma das outras artes, mas sim o espectáculo”, em determinada altura da sua vida, terá abandonado definitivamente não só os seus delírios de juventude mas também as suas ambições performativas. Sobretudo em relação à dança, apesar de se manter teatral e panfletário até ao fim. Porém, os discutíveis frutos de uma arte que abordou de um modo tão entusiástico como amador perder-se-iam na espuma do tempo e nas fragilidades da sua própria natureza.

1 Bailarino, coreógrafo e empresário norte-americano de origem húngara nascido em Budapeste a 16 Dezembro de 1912.

Ainda que as suas palavras inscritas no poema *Rosa dos ventos*¹ continuem verdadeiras:

(...) e por isso me estimaram através da História
ansiosos por este meu resultado que até hoje foi sempre futuro.

1.4. O impulso nacionalista.

Para além do seu fascínio pelas proezas técnicas e estéticas da trupe de Diaghilev, o escritor e crítico de dança Manoel de Sousa Pinto, entre as obras *Bailados russos* (1918) e *Danças e bailados* (1924) que faziam a apologia do "teatro diaghileviano", escreve, em 1921, um artigo intitulado "Pela dança portuguesa", no qual lança a sua ideia da invenção de "bailados portugueses":

Motivos são o que não falta para que a dança portuguesa surja e prospere na cseña. Ha-os à farta, de sobra, esplêndidos. Motivos coreográficos, motivos musicais e os motivos decorativos, que, dando interesse aos cenários, salpicassem de pitoresco as figuras isoladas ou os conjuntos dançantes. [...] Sonho, para a bailarina portuguesa, de que a minha prosa anda, desejosa, a anunciar o advento, ligeiras mimodanças, com um seguro fundo etnográfico, onde se divisem, perpassem e rítmem os movimentos típicos da raça. [...] Que riqueza de gestos, que emoção de atitudes poderia dar-nos a bailadeira esperta, que combinasse, enfeixasse, reproduzisse, os ritmos, de ordinários namorados, ou gaiatamente atrevidos, da rapariga que vai à água! Não o fazem de modo idêntico as serventes e criadas das várias regiões. Razão de mais para que a dançadeira nos mostre as diferenças entre a sorumbática alentejana, a apalermada saloia e, por exemplo, a tricana de Coimbra, tão Tanagra algumas vezes (Pinto, 1921, pp. 282-283).

Mas, em *Danças e bailados* vai ainda mais longe na sua cruzada:

A dança portuguesa, bailados portugueses? Porque não? O difícil é lançar a semente. Depois as flores nascem. Ainda não desesperei de poder respirar com os olhos o perfume rítmico de uma bailarina portuguesa, a brincar no palco toda a graça lânguida, sentimental e airosa do seu torrão. [...] Urge criar em Portugal, artisticamente, o gosto pela dança. Cuidar da educação rítmica da mulher. Aprontar bailarinas (Pinto, 1924, p. 271).

1 Variante do poema *Rosa dos Ventos* (Inédito sem data) de Almada Negreiros. *Poesia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1971, p. 219.

É curioso notar que o último capítulo de *Danças e bailados*, intitulado "Pela dança portuguesa!" – do qual fazem parte o extracto anterior e o que se segue –, apresenta como subtítulo "Venham as bailarinas!", identificando, o autor, a intérprete com a arte de Terpsícore, numa postura romântica e *démodé* conotada com os escritores franceses que, sensivelmente um século antes, haviam glorificado a bailarina etérea e a magia da dança em pontas.

Obter-se-iam, assim, os instrumentos, que, manejados por decoradores de fantasia, por músicos inteligentes, por argumentistas de inspiração e coreógrafos inovadores, permitissem tentar, ainda que com cautelosa modéstia, o bailado português, dançado em português, vestido à portuguesa e enriquecido com a valiosíssima série de coisas, a bem dizer, inéditas, e lindas, que Portugal – tesouro farto – ainda tem ou já teve. Pensemos no caso (Pinto, 1924, p. 277).

A revolução de 28 de Maio de 1926 volta a trazer a Lisboa um clima de forte tensão pontuado por grandes pressões económicas e políticas, razão pela qual o TNSC, necessitando de obras de restauro, fecha novamente as suas portas para só reabrir em 1941, inteiramente remodelado. A busca de um reportório que justificasse uma companhia nacional de bailado – ou uma companhia que com o selo do nacionalismo, pudesse justificar uma estética que não necessitasse de uma escola organizada e uma filosofia artística sólida e que pudesse deixar raízes – prosseguiu com Francis Graça (1902-1980). Com notável sentido de missão este dedicou-se à causa e, entre 1940 e 1968 – data da sua última criação para o GGB – produziu cerca de uma dúzia de obras de cariz marcadamente nacionalista, mormente *Inês de Castro* (1940) com música de Ruy Coelho e argumento de Adolfo Simões Müller, e *D. Sebastião* (1943) com música também de Ruy Coelho e argumento do jornalista, escritor e político, António Ferro. O próprio Francis interpretou o papel titular desta obra.

Margarida de Abreu, sua sucessora à frente do Grupo de Bailados Portugueses "Verde-Gaio", e cuja obra coreográfica apresenta um maior eclectismo temático, também deu a sua contribuição para o portuguesismo no bailado com peças como *Arraial da ribeira* (1946), *Tágides* (1947), *Condestável – a espada e a cruz* (1961) e *O Douro correu para o mar* (1963) – estes dois últimos co-coreografados com Fernando Lima – assim como *Festa na aldeia* (1965), e ainda outras peças menos expressivas.

Aquele seu antigo aluno e companheiro na direcção do VG, também se sentiu atraído por temas portugueses, designadamente ao recriar uma história lisboeta em *A severa* (1956), com música de Fernando de Carvalho e argumento inspirado na peça homónima de Júlio Dantas (1910), coreografado para os seus *Bailados e cantares de Portugal* e retomado posteriormente com o título de *Fado* (1961), desta vez com música de Jaime Silva Filho, para o VG e, muito depois, remontado pela CNB em 1987. Para outro dos seus grupos, o Ballet-Concerto, criou, em 1957, *Galaaz*, inspirado numa outra narrativa de

Júlio Dantas, com música de Rachmaninov e abordou também temas portugueses em danças como *Nazaré* (mús. Fernando de Carvalho) e *O 111* (mús. Béla Bartók) incluídos, a partir de 1958, no repertório dos seus Ballets de Lisboa (BL). Em 1961 cria, associado a Margarida de Abreu *Condestável – a espada e a cruz* para o VG. Anos depois Fernando Lima coreografou *Fandango* (mús. Luís de Freitas Branco, 1964) e *Tema alentejano* (mús. Joly Braga Santos, 1964) para o mesmo grupo, bem como *A ilha dos amores* (mús. Debussy, 1968).

Águeda Sena prosseguiria esse mesmo caminho – se bem que numa perspectiva menos heróica mas mais sofisticada – com *O crime da aldeia velha* (1967) com música de Shostakovitch baseado na obra homónima de Bernardo Santareno, e com *Namban Matsuri* (1970) com música de Luís Filipe Pires. Inserido num contexto muito especial – este *happening* foi concebido para a quase totalidade dos elementos da embaixada cultural portuguesa à Expo '70, em Osaka e outros tantos artistas japoneses – apesar de propor um estranho casamento entre *performers* de diversas áreas e nacionalidades baseava-se num facto histórico português – a chegada dos portugueses ao Japão.

Carlos Trincheiras (1937-1993), confessadamente “nacionalista” na escolha de alguns dos temas históricos para bailado, ilustrou os amores de Simão e Teresa em *Amor de perdição* (1968), os de Pedro e Inês em *O trono* (1970) e os de Florbela em *Os últimos segundos do último sonho* (1975), como exemplos maiores – todos criados no seio do grupo de dança da FCG.

Já Armando Jorge, ainda que de um modo menos confessado, demonstra também um certo “portuguesismo” com laivos contemporâneos, primeiro em *Canto da solidão* (1973) para uma partitura original de Álvaro Cassuto e, depois, em *Hossana para um tempo novo* (1975) com música de João de Sousa Carvalho e canções da Beira Baixa em vozes populares, tendo por cenário uma foto gigante da cidade de Lisboa.

Posteriormente é a vez de Vasco Wellenkamp procurar uma outra abordagem, estritamente musical, com *Danças para uma guitarra* (1982) sobre peças da autoria de Carlos Paredes, retomando uma ideia de Fernando Lima que, em 1971, coreografou *Imagens em guitarra portuguesa* com sons mesmo compositor-intérprete. Mas, sobretudo, com a trilogia composta por *Fado* (para o Ballet de Genebra, em 1990), *Trovas do vento que passa* (para o Ballet Nacional da Croácia, em 1992) e *Amaramália* (para o BG, em 1994). Esta terceira versão dançada de fados de Amália Rodrigues, mais do que as precedentes – até porque foi exibida em Portugal, ao contrário das outras – apostou num certo apelo nacionalista utilizando predominantemente a figura de Amália Rodrigues, a grande “dama do Fado”, para legitimar um trabalho que o coreógrafo, desde logo, fez questão de frisar “traduzir-se numa leitura muito pessoal do fado e do seu envolvimento emocional” (Wellenkamp, 1994, n.p.).

Olga Roriz andou por perto de uma temática de origem portuguesa em *Terra do Norte* (1985) embalada por música tradicional do Minho e de Trás-os-Montes recolhida por Michel Giacometti. Todavia, e apesar de algumas afirmações da coreógrafa nesse sentido, será bastante difícil encontrar nessa obra pouco mais do que uma ideia subliminar alimentada por música genuinamente folclórica e ilustrada por um movimento visceral e com características algo biográficas da parte da coreógrafa. Só anos mais tarde a coreógrafa de Viana do Castelo iria produzir uma obra de fundo – que abrange todo um programa – intitulada *Pedro e Inês* (2003), para a CNB, sobre uma colagem musical de trechos variados, seleccionados, editados (e mantidos sem autor) pela própria coreógrafa.

O bailarino-coreógrafo Rui Nunes, conotado com um movimento apelidado por alguns de "nova dança portuguesa", trabalhou também sobre a temática da História de Portugal com uma peça para a Europália '91, *A ilha dos amores* (1991), numa interpretação algo pessoal e com tonalidades idiossincráticas de *A arte de cavalgar toda a sela do Rei D. Duarte* (estreada no Pequeno Auditório do CCB, em 1993), assim como a bailarina-coreógrafa Sílvia Real com a peça humorística *Pour bien* (1994), vagamente inspirada na biografia da mãe da "Ínclita Geração", a rainha portuguesa de origem inglesa, D. Filipa de Lencastre.

Após as Comemorações do 1.º Centenário do Nascimento de Fernando Pessoa, a 12 de Junho de 1988, para as quais se concebeu o espectáculo *Olha Daisy: Muitos Parabéns!*, apresentado no Largo de S. Carlos – com coreografia e figurinos de António Laginha, música do grupo português Telectu e das Vozes Búlgaras interpretada por João Taquelim (Daisy Lust /Fernando Pessoa), Lúcia Marta (Ophélia Queiroz) e Paulo Fonseca, Rui Lopes Graça, António Laginha e Albino Moura (os Outros) em frente da casa onde nasceu o poeta – e pela década de 90 a dentro, a descoberta de Fernando Pessoa pela dança motivou um bom número de trabalhos protagonizados por artistas portugueses e estrangeiros. Baseados na biografia e (ou) em referências literárias da obra pessoana – nalguns casos apenas como pretexto para danças dificilmente conotadas com a mesma – surgiram os seguintes trabalhos coreográficos: Catherine Diverrès (*Concertino*, V EA, 1991), Pierre Deloche (*Tej'além*, VI EA, 1992), Mary Fulkerson (*Faust*, CAM, Abril 1993), Olga Mesa (*Des/aparições*, CCB, Maio 1994), Paula Massano (*Anteros, o amante visual*, CAM, Novembro 1995) e João Fiadeiro – *O desejo ardente deve ser acompanhado de uma vontade firme*, CAM, Dezembro 1995). Todos eles, com excepção da espanhola Olga Mesa, foram apresentados no âmbito dos Encontros ACARTE ou na programação regular daquele serviço da FCG.

Curioso será registar que pelo menos dois outros nomes, ainda que estrangeiros, mas fortemente ligados ao bailado português, deixaram obras tendo por inspiração vultos históricos: Norman Dixon, com a sua *Homenagem a Florbela* (1962) para o GEB, com música de Frank Martin inspirada na vida de poetisa Florbela Espanca e Lazlo Tamasik,

com *Duelos* (1978), para a CNB, com música de Joly Braga Santos sobre os famosos amores de Inês de Castro e do Rei D. Pedro I.

Fora de Portugal o mito dos amores inesianos inspirou a artista portuguesa radicada em Paris, Lúcia Martínez, com várias leituras sobre o tema: *Inez rime avec Martinez et la Reine St. Isabel* (Centre Latina, Paris, 1984); *Café de la danse* (Paris, 1987 e 1989), *Festival de Jacob's Pillow* (American Dance Festival, Duke University, Durham, EUA, 1989), *Dead Queen* (Goawnus Art Exchange, Nova Iorque, EUA, 1991), *As falas da Castro* (espaço Abril em Maio, Lisboa, e delegação da FCG em Paris, 2004), *E o resto é silêncio* (em Coimbra e Alcobça, em 2005, e na delegação da FCG em Paris, em 2006), *Les reines chutent* (Biblioteca de Paris, 2012) e outras.

Também a professora da escola do Ballet Real de Inglaterra e coreógrafa norte-americana Ana Ricarda, cujos bailados eram, por vezes, conotados com um certo "estilo" espanhol, criou, para o Grand Ballet do Marquês de Cuevas a obra *Doña Inês de Castro*, estreada em Cannes em Março de 1952, e apresentada em Lisboa, no Teatro de S. Carlos, em Maio de 1953, durante a segunda visita desta companhia ao nosso país. Bailado em um acto e cinco cenas, sobre o amor trágico do filho de Afonso IV e de Inês, aia de D. Constança de Navarra, com *libretto* também de Ricarda, música de Joaquín Serra e cenários de Celia Hubbard, tendo Rosella Hightower e George Skibine nos principais papéis. Talvez o envolvimento, ou apenas, o interesse de Hightower, a grande bailarina norte-americana de ascendência índia, com a história deste bailado, motivou as suas posteriores apresentações no nosso país. Até mesmo depois de se retirar dos palcos, a famosa mestra sedeadada em Cannes voltaria a Portugal algumas vezes para leccionar no BG.

Por este breve inventário se depreende que, de um modo ou de outro, a grande maioria dos coreógrafos portugueses mais representativos do século XX, em alguma altura da sua vida, acabou por dar corpo a trabalhos evocativos senão da centenária História da nação portuguesa pelo menos da história das suas próprias raízes.

Capítulo 2 – Os anos pioneiros.

2.1. O Grupo de Bailados Portugueses "Verde-Gaio".

2.1.1. *Génese de uma coreografia "nacional".*

A década de 40 ou, simplesmente, os anos 40, período no qual, em Lisboa, nasceu o Grupo de Bailados Portugueses "Verde-Gaio", foi uma época em que os conflitos armados procedentes da década anterior atingiram um ponto determinante com o Holocausto. O ataque realizado pelo Japão em Pearl Harbor marca a entrada dos Estados Unidos da América na Segunda Guerra Mundial, que respondem com o rebentamento das então inovadoras bombas atómicas nas cidades de Hiroxima e Nagasaki, matando milhares de civis no Japão, e, supostamente, precipitando o fim da guerra. Hitler diz-se que comete suicídio e Mussolini é fuzilado. Ocorrem também os julgamentos de Nuremberga em que compareceram 24 criminosos de guerra aliados a Hitler, dos quais 13 foram condenados à morte na forca, três foram absolvidos e os demais sentenciados a outras penas. Na mesma década teve início a Guerra Fria, em que as tensões diplomáticas entre os Estados Unidos e a União Soviética aumentaram drasticamente. É criado o primeiro computador, o ENIAC, assim como também o primeiro helicóptero de carga e o primeiro transístor. Estabeleceram-se instituições tão importantes como a ONU, a OTAN, o FMI e o Banco Mundial. Tem também início o Plano Marshall, um esquema tendente à recuperação económica da Europa pós-guerra, em que um dos principais objectivos era deter o avanço do comunismo no "velho continente". A moda feminina dessa década é considerada uma das mais belas e sensuais do século XX e de Hollywood saía para todo o mundo imagens de beldades como as morenas Rita Hayworth, Ingrid Bergman e Ava Gardner, para além da explosiva loira, Marilyn Monroe, que surgia pela primeira vez nas telas e, de imediato, estabeleceu um novo paradigma de beleza com origem nos EUA.

O VG nasceu em 1940 sob a influência de uma espécie de "manifesto" da autoria de António Ferro¹, um indivíduo altamente comprometido com o regime salazarista – director do Secretariado da Propaganda Nacional, posteriormente denominado Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo – e que, curiosamente, demonstrava alguma

1 Texto incluído numa separata apensa ao programa de estreia do "Verde-Gaio" no Teatro da Trindade, a 8 de Dezembro de 1940.

coerência nos princípios e propostas artísticas defendidas por um homem que inicialmente se dedicou às letras.

O Bailado [...] não é apenas uma escola de dança, mas uma escola de música, de pintura, de cenografia, de teatro, de escultura, de arquitectura. Ou não fosse a dança a menos egoísta de todas as artes. À volta de uma organização de bailados, superiormente dirigida, pode fazer-se um movimento renovador. Não foi ao acaso que Diaghilev principiou a sua grande revolução, antes de formar a sua companhia, por uma exposição de pintura. É que na composição de um bailado não trabalham somente o bailarino e o músico, mas também o cenógrafo, o figurinista, o escritor, toda a arte antiga e moderna, a própria alma do povo, numa intimidade, numa conjugação que não julgo possível obter nem no teatro propriamente dito nem na ópera (Ferro, 1940, citado por Santos, 1999, p. 40).

Tudo leva a crer que o ideólogo do VG, que pertencera à primeira geração de modernistas portugueses associados ao grupo de Almada, tenha assistido aos espectáculos dos BR em Lisboa, em 1917-18, e posteriormente também em Paris, no início dos anos 20, como destaca a sua mulher, Fernanda de Castro (1900-1994), muitos anos depois nas suas memórias¹.

Tal como já se afirmou, para além do protagonismo de Ferro – e Francis Graça na vertente artística, propriamente dita – a criação do VG tem subjacente o trabalho de divulgação por parte dos modernistas das ideias (já então com vários anos) expressas por Sousa Pinto nos seus livros. E, sobretudo, da prática do Teatro Novo, o grupo de teatro dirigido por aquele político quando contava apenas 30 anos e que se produziu pela primeira vez em 1925 no *foyer* do, então, moderno cinema Tivoli em Lisboa, assim como do amodernado teatro de revista.

A vontade, talvez mais política do que artística – exactamente ao contrário dos princípios que nortearam a formação de grandes companhias, mormente os BR de Diaghilev que lhe serviram de matriz, e por isso os resultados terão sido tão diferentes – de criar uma companhia de dança portuguesa, parece ter surgido com alguma urgência na mente de quem deu paternidade ao VG. O projecto parece ter começado a criar forma na cabeça de António Ferro quando, no início da década de 20, este se tornou director da revista *Ilustração Portuguesa*, na qual deixou escrito:

A Ilustração Portuguesa procurará mostrar Portugal aos Portugueses, procurará, com o auxílio de todos, estilizar a raça. A linha do bailado português, por exemplo, está por descobrir. Encontrada essa linha, Portugal pode ter a sua companhia de bailados, como os russos, bailados modernos, nas nossas danças populares, nos nossos trajes regionais, nos nossos costumes, temos matéria-prima para estilizações admiráveis, temos tinta de

¹ Castro, 1987, p. 38.

sobra para um grande cartaz a pôr na Europa, a pôr no mundo... Portugal, meu amigo, eu já o disse algures, ou será um "baile russo" – ou não será (Santos, 1999, p. 13).

José Estevão Sasportes, nascido em 1937, afirma (1970) que "a partir de 1940, nas vésperas da reabertura do São Carlos, tomou forma a vontade de ter mesmo uma companhia de dança" (p. 279) e porque não se dispensou o tempo necessário para criar uma estrutura pedagógica que lhe servisse de base, o VG surgiu de uma espécie de "improvisação". Curiosamente, a mesma "necessidade imperiosa" de fazer aparecer um novo grupo de dança voltaria a surgir em 1961 com a criação da CPB, que já teve por base a contribuição dos professores e alunos de um curso, então ministrado no TNSC, sob o patrocínio do Instituto de Alta Cultura. No mesmo ano também se assiste à criação do GEB a partir de um modesto curso de dança organizado pelo Centro Português de Bailado, sob os auspícios da Fundação Gulbenkian. Quase duas décadas depois o mesmo tipo de impulso, corporizado por alguns dos protagonistas da CPB e dentro de um contexto artístico que *grosso modo* se poderá comparar aos anteriores, re-improvisou-se, em 1977, a CNB. Para tal reuniram-se bailarinos em Portugal e no estrangeiro – que pouco mais tinham em comum que uma certa juventude e energia – para dar corpo a um reportório que, entre outras coisas, certamente necessitaria de mais maturidade interpretativa e, sobretudo, um corpo de baile coeso e competente, assim como, naturalmente, alguma coerência programática.

A réplica artística ao pensamento de António Ferro foi dada por Francisco Florêncio Graça (Lisboa, 7 de Novembro 1904 – Lisboa, 31 de Agosto de 1980), artista intuitivo e talentoso, sem grande preparação técnica em dança mas que em jovem havia frequentado o Conservatório Nacional como aluno da escola de música. Encetou a sua carreira como bailarino de musicais e, como era normal para a época em Lisboa e em Portugal, sem a necessária preparação para uma profissão bastante exigente e que necessitava mais do que um corpo minimamente flexível. À bailarina-atriz italiana, radicada em Portugal, Luísa Satanela (que estudara na escola da ópera de Milão) se deve o lançamento artístico de Francis numa época em que se poderá afirmar que a "experiência de palco seria uma das formas mais eficazes de aprendizagem" (Alvarez, 2011, p. 142). Ele próprio afirmou, como "base possuía seis anos de estudos de música, (no Conservatório) depois adaptei os músculos e cultivei o espírito... Com uma certa professora russa, de passagem entre nós, aprendi um pouco de técnica... o resto foi o meu esforço" (Graça, 1943, citado por Sasportes, 1970, p. 283; Graça, 1943, citado por Santos, 1999, p. 16). Mais tarde, num programa de um espectáculo do VG, já com Francis como primeiro-bailarino, coreógrafo e seu director artístico, faz publicar na sua biografia um dado interessante e talvez em contradição com as afirmações anteriores:

A dança sempre foi a sua maior e mais forte vocação, de tal maneira irreprimível que seus pais tendo sonhado fazer dele um grande músico,

compreenderam que o seu destino era o bailado e deram-lhe a possibilidade de viajar para orientação e estudo dessa arte. Artista e bailarino nato Francis fez a sua estreia em Lisboa no Teatro Novo (Graça, 1943, citado por Sasportes, 1970, p. 304).

Sabe-se também que a influência dos BR não se fez esperar no teatro português de revista tendo este, a partir da sua passagem por Lisboa, começado a incluir pequenos apontamentos dançados nos seus "quadros". E daí o aparecimento dos primeiros bailarinos nacionais no chamado Teatro Novo, contando-se entre eles Luísa Satanela (Turim, 1894-Óbidos, 1974), cujo nome de baptismo era Paola Luiza Maria Oliva, Lubélia Stichini (Lisboa, 1914-Estoril, 2008) baptizada Lubélia Verganista Stichini Quartin, ambas com sangue italiano, e Francis Graça, entre os mais famosos. Em 1927 Satanela e Francis recriaram alguns números de folclore – "O fox dos elefantes", "A embriaguez do tango" e "Bonecos russos", na triunfal revista *Água-Pé* (1927) que esteve em cena mais de um ano – o que terá sido um trampolim para a evolução do género nos palcos portugueses. Mas a falta de uma estrutura pedagógica de qualidade (corporizada num conservatório nacional e em alguns regionais ou numa competente escola adjacente a um teatro estatal virada para o ensino da arte de Terpsícore) e de produção coreográfica consistente em teatros de ópera e (ou) de dança, resultou numa situação que, praticamente, conduziu todo bailado dos primeiros 40 anos do século XX a uma enorme dependência das outras artes teatrais, muitas vezes visto como mero acessório entre números de teatro.

Decorrente das práticas de outros países, nomeadamente França e Inglaterra, a dança em Portugal, até à fundação do VG acabaria por se diluir em géneros como o *vaudeville* (teatro de variedades), para além da opereta e da comédia musical, da qual é herdeiro o teatro de revista. Este género de espectáculo foi o "que mais se popularizou e desenvolveu nas duas capitais [Lisboa e Porto] e no qual as bailarinas de serviço imitavam as vedetas de prestígio" do famoso Folies Bergère de Paris (Alvarez, 2011, p. 144). Aos poucos, e por motivos perfeitamente comerciais, os empresários dos géneros referidos começaram a introduzir os mais variados estilos de dança nos espectáculos – designadamente a clássica, as exóticas, as acrobáticas, as tradicionais, as de salão e outras – para aceder ao gosto de mais espectadores e, assim ampliar o seu número e melhorar o negócio. Na década de 20 começam a aparecer nos cartazes da capital espectáculos de variedades no Teatro São Luiz e nos vários do Parque Mayer, assim como em clubes como o Salão Foz, o Bristol, o Éden Teatro e o Monumental, para além dos *cabarets* Maxim's e do Alster (Alvarez, 2011)¹. Uma variante dos espectáculos coreográficos da época foi a dos chamados "benefícios" ou "festas artísticas" que, posteriormente, se viriam a chamar "récitas de homenagem"; tratava-se de espectáculos nos quais os artistas "libertos de constrangimentos empresariais tinham a oportunidade de exhibir práticas artísticas que

¹ Para mais informações sobre este assunto vejam-se também: Barros, J. (1990) e Teixeira, N. (1990).

apelavam à construção coreográfica numa dimensão estética menos mediática ou popular" (Alvarez, 2011, p. 145). Por vezes, deles até saíram alguns trabalhos de contornos mais experimentais que, por via do seu êxito, acabaram por transitar para outros espectáculos. A progressiva mudança de designação destes eventos a que assistiam, normalmente, artistas, críticos e pessoas ligadas às artes ou pertencentes a uma classe social acima da média, deve-se ao facto de os mesmos terem começado a adquirir alguns contornos depreciativos por se terem transformado em sinónimo de ajuda financeira aos artistas em causa.

2.1.2. Ascensão e apogeu com Francis Graça.

Embora, segundo o próprio Francis, os seus pais tivessem desejado que se tornasse músico profissional, a sua vocação para o teatro e, sobretudo, para a dança foi sempre mais forte. Teve aulas de música no Conservatório de Lisboa e alguma formação em dança clássica com uma professora russa, também na capital, já depois de debutar profissionalmente nesta arte. Porém, tal como a maioria dos seus contemporâneos portugueses em matéria de dança, Francis foi, acima de tudo um autodidacta, resumindo-se muitos dos seus conhecimentos aos adquiridos com o contacto com esporádicas visitas de companhias estrangeiras a Lisboa. Terá dançado em quase todos os teatros de Lisboa e Porto e em inúmeras de cidades de província, contribuindo bastante para o êxito dos espectáculos nos quais participou. A sua ligação inicial ao teatro ligeiro parece ter-se revelado de grande importância nos anos vindouros como bailarino mas, sobretudo, na qualidade de coreógrafo.

De acordo com um discurso de António Ferro, "Francis foi algumas vezes assobiado e vaiado, não pela sua arte, que todos reconheciam, mas pela simples impertinência de pretender seguir, em Portugal a carreira de bailarino" (Ferro, 1940, citado por Sasportes, 1970, p. 304). Na ausência de uma companhia profissional de bailado em Portugal e de escolas de dança com intuitos profissionalizantes, já em pleno primeiro quartel do século XX, adicionalmente ao facto de que a profissão de bailarino, por tradição, era exercida no nosso país quase sempre por artistas estrangeiros, uma presença como a de Francis não era comum numa Lisboa em que as experiências de Almada não foram consequentes, e o único teatro lírico existente – o TNSC – abria para espectáculos isolados e consumidos por um diminuto extracto social, no qual se cruzavam aristocratas e artistas de diversas áreas em busca de novas experiências, tentando acertar o passo por uma Europa bem distante em eventos artísticos. Facilmente se compreende que uma figura masculina encarnando o papel de *danseur*, ainda que como fenómeno citadino e lisboeta, não podia ser bem aceite na época. Por tal, poder-se-á inferir que uma certa homofobia pairava sobre a figura de Francis, expectável num país atrasado, marcadamente rural e conservador.

O corajoso artista fez a sua estreia em Lisboa no *foyer* do Salão Tivoli adaptado a sala de espectáculos para a apresentação do Teatro Novo, em 2 de Junho de 1925. Iniciativa considerada arrojada nesse tempo e levada a cabo por um grupo de intelectuais liderados por António Ferro. A ideia do chamado Teatro Novo suscitou alguma polémica nos jornais e acaloradas discussões nos centros literários, tertúlias e cafés. Com 23 anos e até então completamente desconhecido, o bailarino apareceu no cartaz com o nome de Florêncio e "foi a verdadeira novidade da noite porque nunca se tinha apresentado em público" (Almeida, 1925, citado por Santos, 1999, p. 14). Porém, terá sido recebido, nas aparições seguintes, "com vaias e dichotes amarialvados já que consideravam insuportável ver um homem dançar" (Santos, 1999, p. 14). "Depois do traumatizante escândalo do Teatro Novo, a conselho da mãe, passou uma temporada em Paris", onde contactou com artistas e algumas companhias de dança. Porém não só não parece ter estudado a fundo a técnica mais sólida da época, a de dança clássica, nem se terá interessado pelo "music-hall", tão em moda na cidade-luz. De regresso a Lisboa, estreia-se no Éden Teatro, em Setembro de 1926, na revista *Cabaz de Morangos*, com o nome de Francis num "Nu Artístico" (Santos, 1999, p. 17). Para evitar mais melindres, não só começou a usar publicamente um nome algo afrancesado como se exhibia em palco de mascarilha, o que não era, exactamente, uma condição artística divorciada de constrangimento. De seguida trabalhou em várias companhias de revista, designadamente no Éden-Teatro (1927), no Teatro Avenida – ao lado da conhecida actriz e bailarina Luísa Satanela – e no Politeama, tendo, aí, interpretado um número intitulado *O fado* (1932). A sua primeira parceira de palco terá sido Lubélia Stichini (irmã da actriz Ilda Stichini) quando ela tinha apenas 14 anos, e Francis apareceu, seguidamente, ao lado de algumas bailarinas e actrizes afamadas na revista, até conhecer Ruth Walden¹ (1910-1990) em 1931, durante a preparação de revista *Ai, ló!*, no Teatro Avenida. Com ela formaria, durante mais de três décadas, a primeira grande parceria da dança portuguesa.

A bailarina alemã começou por dançar no *cabaret* germânico de Lisboa, o Arcádia, numa época em que em Portugal era frequente a presença de grupos estrangeiros nas revistas e nos *cabarets*. Ruth, que viera para o nosso país por ter sido informada que o campo era fértil para desenvolver a actividade de bailarina, adaptou-se tão bem ao modo de dançar e às coreografias de Francis que logo fizeram grande sucesso em números como "Gente do mar", na revista atrás citada. Sendo o bailarino – que também cantava – já então considerado uma estrela da revista, juntamente com Ruth, começaram a trabalhar, sucessivamente, de revista em revista, em teatros como o Variedades, o Politeama e o Apolo, até partirem para a primeira digressão juntos ao estrangeiro nos finais de 1933, ao Théâtre de la Michodière, em Paris, para um espectáculo promovido pela Casa de Portugal.

1 Nome artístico da bailarina alemã Hildegard Engelmann, nascida em Magdeburgo, na Alemanha Oriental, em 1910.

Em Março de 1934 apresentam-se outra vez na "cidade-luz", na conhecida Salle Gaveau, e no mês seguinte no Théâtre des Ambassadeurs. Em meados desse ano partiram para o Brasil, e por lá fizeram um certo sucesso, designadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, a dançar alguns dos seus êxitos lisboetas que, posteriormente, também mostrariam num recital-conferência intitulado *Soirée Portugaise*, apresentado em 1935 por António Ferro e sua mulher, Fernanda de Castro, no Grand Théâtre de Genebra, na Suíça.

Ao longo dos anos 20 e 30 surgiram algumas tentativas de recriação em Portugal de obras vibrantes dos BR a que Lisboa não teve o privilégio de assistir mas que se haviam instalado no imaginário dos artistas portugueses. Entre elas citemos o *Fauno*, peça concebida por Francis para um recital organizado por Luís (de) Turcifal – nome artístico do Dr. Luís Reis Santos (1898-1967)¹ – no Teatro Politeama, em 1928, numa homenagem a Debussy, e em que além do *Amor bruxo* coreografou (e interpretou) a sua própria versão do *Prelúdio à sesta de um fauno*². Peça que outro português, Fernando Lima, retomaria em 1952 (como coreógrafo e bailarino) “de um modo brilhante” para o seu Ballet-Concerto, e só muitos anos depois, Vasco Wellenkamp, em 1989, criaria para o BG. A herança dos BR ficou, por muitos anos, viva em Portugal e, segundo Tomaz Ribas (1970), para além dos “pseudo-bailarinos da geração de Almada”:

[...] a semente ficou em pessoas tão diferentes como o Prof. Dr. Martinho Nobre Mello, que foi autor de alguns argumentos baléticos e impulsionador da arte da dança; o engenheiro Prof. Paulo de Brito Aranha que se tornou o primeiro crítico português de *ballet* e dança; o Dr. Jorge de Faria, crítico e colecionador e, sobretudo o escritor António Ferro, que escreveu algumas das mais brilhantes páginas publicadas entre nós sobre dança e que viria depois a ser o criador da primeira companhia portuguesa de bailado: o “Verde-Gaio” (p. 285).

Não foi por acaso que Francis, o coreógrafo, não se afastou do chamado repertório clássico, designadamente o dos BR e, sobretudo, o do próprio Nijinsky, facto esse que se poderá associar à importância de uma parte da crítica, e particularmente do seu mentor, António Ferro, apontar a necessidade da *danse d'école* na formação do artista bailarino. Quando Francis organiza o seu primeiro benefício, em Abril de 1930, no Teatro da Trindade, e em que, entre outras peças dançou *O espectro da rosa*, não se sabe (por não encontrar registado em quaisquer escritos da época) se o bailarino tentou copiar ou recriar a romântica coreografia de Fokine, para a música de Carl Maria von Werber intitulada *Convite*

1 Professor universitário, especialista em pintura portuguesa e flamenga dos séculos XV e XVI, nomeado, em 1951, director do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, nascido no Turcifal e falecido num trágico acidente de automóvel.

2 A tradução de *Prélude à l'après midi d'un faune* teve, em alguns casos, uma versão discutível em Portugal. Por vezes utilizou-se a palavra “tarde” em vez de “sesta”. Porém, segundo uma especialista na matéria, a Prof^a Doutora Maria de Jesus Reis Cabral, a forma correcta é *Prelúdio à sesta de um fauno*.

à dança (1820), também conhecida por *Convite à valsa*. Dois anos depois, a *Noite Francis* (Dezembro de 1932, no Teatro Politeama), em que actuaram, para além deste, ilustres artistas de teatro como Vasco Santana, Hortense Luz, Ester Leão, Ilda Stichini (irmã da referida Lubélia, sua antiga *partenaire*), a cantora Corina Freire, e Ruth Walden, que dançou *A morte do cisne*, "serviu para a legítima consagração do bailarino" (Faria, 1932, p. 9). Em 1935, noutra beneficência, Francis surge ao lado de Ruth Walden, tendo o recital se revestido de um interesse muito particular por ter sido constituído apenas por números dançados pelo par que, no futuro, haveria de liderar, por muitos anos, o VG. Apesar de Eduardo Scarlatti (1936) ter criticado a "monotonia do recital", o jornalista não deixou de salientar "o poder criador de Francis" (pp. 243-244).

A persistência de Francis haveria de frutificar e concretizar-se, finalmente, cerca de 20 anos após os seus primeiros voos. Às portas de 1940, em plena euforia panfletária do Estado Novo e com a Exposição do Mundo Português já em preparação, as danças de Francis e Ruth terão feito nascer a ideia de se criar o VG, patrocinado por António Ferro, responsável pelo SPN. Amigo de Salazar e dotado de um privilegiado estatuto político que, naturalmente lhe conferia um grande poder de acção, Ferro vai convidar Francis para dar corpo ao grupo com a tripla função de primeiro bailarino, coreógrafo e director artístico. Juntando à sua volta um expressivo grupo de colaboradores – cenógrafos, compositores, figurinistas, escritores e bailarinos – formou-se um grupo heterogéneo unido por um ideal comum: criar uma companhia de dança vinculadamente portuguesa. Com o patrocínio da Comissão dos Centenários e do SNP, as Festas dos Centenários, a Exposição do Mundo Português e a reabertura do TNSC – restaurado após anos de inactividade – estava criado o contexto no qual surgiria um grupo de dança que seria expressão emblemática da "política do espírito" do Estado Novo¹.

Sob a égide de compromisso, Ferro, com o aval do Estado Novo, desenhou todo um esquema político de protecção cultural investido de uma face dinâmica que se queria moderna; o VG constituía, em palco, a exaltação de motivos nacionais sob uma orientação de cariz folclórico (que aspiraria, anos depois, ao estatuto de companhia de bailado clássico). Aos BR António Ferro não foi só buscar a ideia de uma companhia nacional que veiculasse um ideal, mas acrescentou-lhe um cunho acentuadamente português que espelharia um carácter nítido de folclore estilizado, tão caro ao Estado Novo. Na mente de António Ferro o empreendimento coreográfico apareceu como a síntese de todo um conjunto de referências (estéticas, ideológicas, culturais e artísticas) que se desejava concretizar. Por tal não é de estranhar que o grupo tenha recorrido ao elemento do folclore como modelo coreográfico: o VG foi criado e adaptado ao condicionalismo nacional que preconizava uma estética que fosse entendida por todos, baseando-se assim em temas

1 Nome que teve, em Portugal, a acção de fomento cultural subordinada aos fins do regime político vigente, fortalecido pela vitória, em Espanha, do Franquismo.

populares ou de índole histórica. Dentro desta linha, o director do SPN, nas palavras de apresentação, ressaltava:

[...] essa maravilhosa companhia de Diaghilev [...] guardou e enviou para fora da pátria as imagens, os ritmos, as melodias da Rússia de todos os tempos, da Rússia eterna [...] sobrevivendo e escapando à revolução. Se hoje, na verdade, ainda a podemos evocar [...] é através dessa pátria ambulante dos Bailados Russos (Ferro, 1940, citado por Sasportes, 1970, p. 304).

Fernanda de Castro, esposa e colaboradora de António Ferro, relembra esses tempos e a forma como tudo se efectivou:

[...] o António tinha o "Verde-Gaio". Quantos anos teria andado este sonho a bailar na sua cabeça? Talvez, tenho quase a certeza, desde aquele tempo em que vimos pela primeira vez, em Paris, os bailados russos de Diaghilev... É claro que ele sabia perfeitamente que não tínhamos à mão um Nijinsky ou uma Pavlova para levar a cabo um empreendimento dessa natureza, mas sabia também que tínhamos um folclore riquíssimo, um dos mais puros da Europa, usos e costumes com raízes profundas, lendas que vinham do fundo dos séculos, e, além disso, todo o material humano necessário: compositores, artistas plásticos, etnógrafos. Não tínhamos, é certo, uma tradição balética, nem escolas de bailado, nem bailarinos, mas também a ideia de António não era pôr de pé uma companhia de bailados clássicos mas de bailados portugueses (Castro, 1987, p.38).

Muitos anos antes do aparecimento do VG, Francis e Ruth cimentaram a sua carreira e foram afinando as danças que lhes serviriam de base. Como atrás se afirmou, em 1933 apresentaram-se em Paris, em 1934 estiveram no Brasil com um grupo de revista (Companhia Luísa Satanela-Francis) e em 1935 mostraram-se em dueto acompanhados ao piano no Teatro Politeama. Nesse mesmo ano deram um recital em Genebra, voltando ao Politeama em 1936 mas, desta vez, condignamente acompanhados pela Grande Orquestra da Emissora Nacional. Porém, nos anos seguintes o duo luso-germânico manter-se-ia, por razões artísticas, afastado dos palcos portugueses.

Têm já um vasto reportório, por certo ensaiado com muito trabalho e cuidadosamente preparado, que lhes permite viajarem ao Brasil e por lá se apresentaram durante um largo período de tempo, como uma passagem pela Argentina. Em Agosto de 37 Francis e Ruth chegam a Buenos Aires... (Santos, 1999, p. 33).

De regresso ao país-irmão para uma longa tournée em que as críticas foram entusiásticas referindo que,

[...] não foi pequena a contribuição de Francis para um conhecimento mais profundo de Portugal no Brasil [...] Para além de agradar ao público [...] com o seu ardente desejo de dançar temas portugueses, sempre muito bem, compreendido e acompanhado por Ruth, conseguia transmitir, apesar

dos limites da sua técnica, uma imagem de beleza à qual ninguém ficava indiferente (Santos, 1999, p. 35).

Os dois artistas, num dos seus espectáculos, "dançaram mesmo uma segunda parte preenchida com danças brasileiras" (Santos, 1999, p. 35), tendo regressado a casa no Verão de 1938.

Tendo em conta os escritos de Vitor Pavão dos Santos (1999), os recitais que ambos os artistas deram ao longo dos anos por vários países eram já o "embrião" do VG, cuja espécie de ante-estreia se realizou na noite de 11 de Maio de 1939, exactamente 22 anos antes da primeira apresentação pública do Grupo Experimental de Bailado, que vira a ser o futuro Ballet Gulbenkian. Este "ensaio" do VG realizou-se no Teatro da Trindade, com danças brasileiras na primeira parte e de todas as províncias portuguesas na segunda, com músicas de António Melo e Frederico de Freitas (entre outros compositores), acompanhado ao piano por Regina Cascais. A verdadeira estreia do grupo, porém – para a qual se juntaram ao par Francis e Ruth doze bailarinos preparados, em poucos meses, pelo próprio coreógrafo –, viria a dar-se no Teatro da Trindade, a 8 de Novembro de 1940, numa breve temporada inicialmente prevista até ao dia 13 mas que acabou por se estender até ao 21, tal foi o sucesso junto do público. E em cuja apresentação António Ferro discursou antes do espectáculo, validando o projecto como mais uma concretização da supracitada "política do espírito". Citou Diaghilev e os BR, agradeceu a Francis, a Ruth e a todos os artistas que tornaram possível divulgar imagens vivas de Portugal embaladas por músicas espantosas com a verdadeira essência da terra, "na presença do Presidente da República, Óscar Carmona, e tendo na assistência tudo de quanto havia de gente conhecida, nas artes, nas letras e na sociedade" da época (Ferro, 1940, citado por Sasportes, 1970, p. 304).

Francis foi primeiro bailarino e coreógrafo exclusivo do VG durante seis anos (entre 1940 e 1946). Terá sido a "doutrina" dos bailados portugueses defendida por Sousa Pinto nos seus escritos, datados de 1924, exortando ao aparecimento de uma dança nacional – como atrás se afirmou – mais até que os "voos diaghilevianos" de António Ferro, que começou por alimentar as pretensões artísticas de Francis Graça. Foi, mesmo, a estilização das danças portuguesas que Francis, com a colaboração da sua fiel parceira, vinha fazendo no teatro de revista, quer em Portugal quer no Brasil, que serviu de base ao repertório do grupo que acabara de nascer. Para o VG, Francis coreografou, em 1940, *A lenda das amendoeiras* (mús. Jorge Croner de Vasconcelos), *Ribatejo* (mús. Frederico de Freitas), *Inês de Castro* (mús. Ruy Coelho) e *O muro do derrete* (mús. Frederico de Freitas), *Passatempo* (com músicas de compositores vários), *O homem do cravo na boca* (mús. Armando José Fernandes) e *A dança da menina tonta* (mús. Frederico de Freitas)¹. Em

1 "A dança da menina tonta consegue ser um verdadeiro bailado-diremos, mesmo, o único bailado apresentado até hoje pelo 'Verde-Gaio' [...]. Sobre uma música assim sugestiva e um argumento assim plástico, elaborou Francis Graça uma coreografia que revela o seu talento de coreógrafo e confirma a sua arte de bailarino, admiravelmente secundado por Ruth Walden. [...] e por isso este bailado é, de facto, um bailado, e não um

1941, *D. Sebastião* (mús. Ruy Coelho) e *Imagens da terra e do mar* (mús. Frederico de Freitas) e em 1943, *Nazaré* (mús. Frederico de Freitas).

Logo depois voltou à revista, no Parque Mayer, e de seguida partiu para o Brasil onde permaneceu quase dois anos tendo, então, emparceirado com algumas bailarinas brasileiras conhecidas, como Madeleine Rosay. Regressado a Portugal, retomou a sua actividade como director artístico, coreógrafo e primeiro bailarino no VG, que havia sido dirigido sucessivamente pelo italiano Guglielmo Morresi (1910?-1982?), e pelo sueco Ivo Cramér (1921-2009) durante a sua ausência. Coreografa, então, *Sinfonia italiana* (mús. Mendelssohn) em 1948, e em 1949 apresenta o seu VG em Paris, no Théâtre des Champs Elysées, tendo Francis, a partir daí, se afastado progressivamente do grupo, que entretanto tomara um rumo mais clássico. Em 1953 criou *Prelúdios* (para música de Liszt) e em 1954 danças de óperas para o TNSC, designadamente *Orfeu e Eurídice* (para músicas de Monteverdi). Nesse mesmo ano, intercalado num espectáculo da ópera *Electra*, de Richard Strauss, Francis apresenta uma nova coreografia, *Prelúdios*, com música de Liszt, peça que marca uma viragem na sua obra já que, abandonando os temas e imagens da terra portuguesa, se baseou nas *Méditations poétiques* do escritor francês Lamartine. Apesar de um espectáculo em honra da rainha Isabel II de Inglaterra no TNSC, em 1957, ter suscitado críticas bastante negativas na imprensa quanto à sua qualidade artístico-técnica, tendo então sido até sugerido o afastamento de Francis da companhia, ele só se haveria de concretizar já no final de 1960. Anos depois estabeleceu-se no Porto (em 1964), a fim de leccionar na Academia Parnaso, regressando a Lisboa passados quatro anos para coreografar *Encruzilhada* (sobre uma partitura de Joly Braga Santos e com cenários e figurinos do pintor Artur Casais) para o GGB, a convite de Madalena Perdigão, antes de se retirar definitivamente da vida artística.

Se houve quem vaticinasse que, independentemente da intrínseca qualidade artística do grupo, o seu fulgor – bem como o de festejos em geral – estariam, à partida, comprometidos pelas consequências da Segunda Guerra Mundial, e apesar da ausência de uma necessária solidez técnica e coreográfica, assessorada, contudo, por uma vertente plástica e musical de certa qualidade, entre intelectuais, críticos e artistas houve, mesmo, quem considerasse o VG de nível superior. O grupo foi, mesmo, acolhido pelo público com algum entusiasmo nos primeiros anos da sua existência, certamente devido a uma estética de cariz populista e de efeito fácil. E a crítica, por vezes feroz, exercida por jornalistas sem grande formação artística ou por músicos pouco versados em dança, provavelmente não era muito respeitada. Ou porque estava comprometida com o regime e com os seus protagonistas, ou porque não sendo sólida e rigorosa era desvalorizada, pelo público em

pretexto para uma exibição de figurinos e de dança sem concatenação necessária [...] o folclore acabará por nos matar, se ele nos não serve apenas de trampolim para darmos o necessário salto para uma arte mais substancial e de mais larga ressonância" (Graça, 1990, p. 265).

geral; situação que se afigura diferente da maioria dos países europeus relativamente aos quais Portugal apresentava um atraso cultural digno de registo. Segue-se a enumeração das peças criadas e exibidas pelo grupo num período inicial em que o seu trabalho foi sequente e cujo reportório se deveu, maioritariamente, a Francis Graça.

A lenda das amendoeiras (mús. Jorge Croner de Vasconcelos), *Ribatejo* (mús. Frederico de Freitas), *Inês de Castro* (mús. Ruy Coelho) e *O muro do derrete* (mús. Frederico de Freitas), constituíram o programa do espectáculo inaugural, todo coreografado por Francis, além de oito canções populares portuguesas da autoria de Artur Santos e quatro de Alexandre Rey Colaço, na interpretação de Maria Paula, "com a sua linda voz e o seu talento musical, no auge da sua juventude e beleza, envergando um esplendoroso traje de mordoma vianense" (Ribas, 1993, p. 58). Posteriormente, em Abril de 1941, no Teatro Nacional D. Maria II, estreiar-se-ia um divertimento da autoria de Francis Graça, do qual faziam parte uma chula do Douro (posteriormente retomada pelo grupo com coreografia de Constante Rocha e música de Viana da Mota), uma dança de Trás-os-Montes, *Os noivos* (mús. Ruy Coelho), *Pastores* (desconhece-se compositor), a dança de campinos *Ribatejo* (mús. tradicional), *O fado* (mús. António Melo), *Três danças* (mús. de Óscar da Silva orquestrada por Frederico de Freitas) e ainda *Passatempo* (cor. Francis Graça; mús. Ruy Coelho), uma pequena série de coreografias curtas que entremeavam os programas dos espectáculos, sem enredo nem grandes arranjos cénicos seguindo a estrutura dos *divertissements* dos bailados clássicos ou dos *intermezzos* dos *ballet-operas* de Setecentos. No TNSC, em Junho desse mesmo ano, Francis cria *O homem do cravo na boca* (mús. Armando José Fernandes) e *A dança da menina tonta* (com partitura de Frederico de Freitas). Em Dezembro e Janeiro de 1943, respectivamente, dançaram-se, no mesmo teatro, *D. Sebastião* (mús. Ruy Coelho) e *Imagens da terra e do mar* (mús. Frederico de Freitas), e em Abril de 1944, em Sevilha, estreou-se *Noite de S. João* (mús. Frederico de Freitas) – todas ainda assinadas por Francis. Em Maio de 1946 estrearam-se no Porto *Tarantela e Farândula*; e em Maio e Novembro de 1947, e Dezembro de 1948, apresentou-se no TNSC, *Les petits riens* (originalmente denominada Festa no Jardim) de Guglielmo Morresi. Também entraram para o reportório da companhia várias peças de Ivo Cramér: *Quatro danças* (mús. Rameau), *Balada* (mús. Ravel), *Noite sem fim* (mús. Moussorgsky), em 1947, e *Aventuras de Arlequim* (mús. Scarlatti), *Para lá do Oriente* (mús. Prokofiev) e *A menina e os fantoches* (mús. Prokofiev), todas datadas de Dezembro de 1948¹.

A falta de comparação, ou seja, de companhias concorrentes, tornaram a vida fácil ao VG durante os primeiros anos, e a política cultural que subsistiu mesmo depois da saída de Ferro, acabaria por, inevitavelmente, relegar o VG para actividade ornamental da ópera, numa instrumentalização cultural que haveria de se encaminhar noutras direcções e preocupações que não a dança. No fundo, o VG constituiu uma representação simbólica

¹ Ver mais informação e detalhes no Anexo K.

gizada por António Ferro de um Portugal idealizado pelo Estado Novo mas que mal sobreviveu ao afastamento do seu mentor. A sua reanimação, em várias ocasiões ao longo das décadas seguintes, foi mal sucedida e culminou, já nos anos 90, numa última iniciativa falhada – pela mão de Fernando Lima e do Ministério da Cultura – quando estes tencionaram reinventá-lo; o projecto ficou-se por uma apresentação formal no Palácio da Ajuda, que nem saiu do papel.

O VG, ao elevar a dança a uma arte maior em Portugal constituiu em si um gesto moderno mas raras vezes ultrapassou a sua temática histórico-folclórica. Como objecto de propaganda, a companhia vagamente educou o espírito (segundo os valores instituídos) e serviu de veículo de prestígio no estrangeiro, projectando a imagem de uma nação que se pretendia valorizar. Por detrás destes dois aspectos está, sem dúvida, uma certa ascendência e uma notória influência da companhia de Diaghilev; mas por não se saber, não se querer ou não se poder, o VG não se efectivou na arte nacional e internacional da maneira que Ferro desejara, e ainda não foi com esta experiência que se estabeleceria uma efectiva companhia nacional. Mas apelidar o VG, ainda que de um modo fantasioso, de "bailados russos portugueses" pode induzir a ideia de que a companhia de Diaghilev foi criada a partir de uma raiz folclórica o que não é de todo verdade – apesar de os BR incorporarem no seu reportório temáticas folclóricas, o fundamento da companhia encontra-se na escola clássica dos teatros imperiais da Rússia czarista que, ao longo de muitos anos tinha vindo a aperfeiçoar a arte balética e a sedimentá-la como linguagem madura e do agrado popular. Ora como em Portugal não existia qualquer lastro de “escola clássica” e, muito menos, uma identificação do público com tal estética, inventou-se, então, uma dinâmica baseada no folclore estilizado posteriormente complementada com algumas derivações de contornos clássicos.

Na opinião de Fernando Lopes-Graça (1990), a vida do VG terá tido curta duração, se se considerarem as temporadas em que, realmente, funcionou como um agrupamento coreográfico:

Por motivos talvez nem para toda a gente compreensíveis (políticos, obviamente) eu tinha-me absterido até hoje (1943, data das comemorações festivas do 150.^o aniversário da fundação do Teatro de S. Carlos) de me pronunciar sobre os bailados do "Verde-Gaio". [...] Três bailados se apresentaram em S. Carlos: *A lenda das amendoeiras em flôr*, *a Dança da menina tonta* e *Imagens da terra e do mar* [...] O presente espectáculo confirmou-nos mais uma vez a impressão de que o "Verde-Gaio" está medularmente enformado por uma estética que tem produzido as suas devastações em bastantes outros sectores da arte portuguesa contemporânea mais ou menos oficial: a estética do belo. É uma arte essencialmente ornamental, decorativa, mas em que o próprio ornamento perdeu a sua função nobre, e se tornou arrebique, e em que a decoração já não é composição larga e sóbria, mas sim sarabanda de cores berrantes e

cartaz de propaganda turística (p. 263).

O tempo haveria de confirmar as previsões de Lopes-Graça e dar razão a quem rapidamente se apercebeu de que a verdadeira arte não se compadece com soluções imediatistas e projectos de índole nacionalista e algo provinciana, que apenas serviu o regime enquanto este o desejou. A incapacidade de reformulação do projecto no seu todo ditou uma “morte (mais que) anunciada”. Pois não tendo o grupo adquirido uma pujança artística consistente e que o justificasse em Portugal e no estrangeiro, e competindo com companhias internacionais de qualidade e esteticamente revolucionárias, o seu figurino rapidamente se esgotou. O próprio Francis, em 1946, regressaria à revista no Parque Mayer e, daí, embarcaria em mais uma "digressão de 19 meses pelo Brasil" (Sasportes, 1970, p. 287).

2.1.3. Período de indefinição.

Com a saída de Francis Graça, perdendo a sua inicial feição nacionalista, o VG teria todas as razões para se reencontrar a um outro nível. O grupo tentou reorganizar-se buscando António Ferro, no estrangeiro, uma personalidade que, se não substituísse Francis na dupla função de primeiro bailarino e coreógrafo residente, pelo seu passado e experiência, pudesse dar alguma consistência e profissionalismo aos trabalhos da companhia.

Guglielmo Morresi, professor e coreógrafo, antigo primeiro bailarino da Ópera de Roma e ex-aluno de Enrico Cecchetti, veio a Lisboa para coreografar durante a temporada de ópera de 1947 e foi, para alguns bailarinos, "um mestre de alto gabarito que Portugal e os poucos artistas que estavam interessados em evoluir tecnicamente, bem precisavam". A então bailarina principal do VG acrescentou: *creio, mesmo, que se empenhou na criação de uma verdadeira escola de dança clássica no São Carlos, mas foi mais um que não teve sucesso!*" (entrevista com Isabel Santa Rosa, Lisboa, 1989). Convidado para dirigir o grupo retoma algum do repertório de Francis e acrescenta-lhe algumas peças da sua autoria designadamente, *Prelúdio n.º 21* interpretado por Santa Rosa (sobre música de Chopin), *Festa no jardim* (mús. Mozart) e *Tarantela* (mús. Rossini), nos programas de bailado. Uma vez sediado no TNSC, e por uma questão naturalmente economicista, o VG, desde cedo, começou a dar apoio às suas temporadas de ópera, participando nos respectivos bailados. Não só a necessidade de dar resposta positiva, do ponto de vista técnico, às imposições dos coreógrafos – sobretudo os estrangeiros que vinham pontualmente – mas, simultaneamente, um natural desejo de melhoria artística sentida por alguns dos seus bailarinos, resultou na posterior contratação de professores de bailado clássico.

Depois de Guglielmo – que aparece nos programas como Guilherme – Morresi, viria, em 1948, o sueco Ivo Cramér discípulo de Birgit Cullberg e Sigurd Leeder, e de Lilian Karina

e Vera Volkova, o qual se fez acompanhar por duas bailarinas, Bárbara Thiel e Tyyne Talvo, sua mulher. Cramér nasceu em Estocolmo e, tal como Francis, começou por estudar música. Antes de vir para Lisboa dirigiu o Swedish Dance-Theatre e fez digressões pela Escandinávia, Holanda, Bélgica e Checoslováquia. Coreógrafo premiado trabalhou para alguns dos mais importantes teatros da Escandinávia. O grupo começou, então, a balançar-se entre o estatuto de companhia nacionalista de perfil clássico – de dimensões reduzidas, é certo – e de um grupo com características algo expressionistas. Cramér parece ter tentado, sem grande sucesso, estabelecer cursos de dança moderna para os bailarinos do VG de modo a prepará-los para um reportório por si coreografado mas, com o regresso de Francis Graça, esta tentativa gorou-se.

Curiosamente, em 1948, com o VG já a denotar graves problemas internos a nível de gestão artística e financeira, mas ainda dentro de uma inspiração "diaghileviana", haveria de se voltar a fazer planos em Lisboa – mais ou menos privados – para a criação de uma companhia de bailado do Teatro de S. Carlos, que teria por director David Lichine (1910-1972). O conhecido criador do *Baile dos cadetes* que, entretanto, em Lisboa, durante uma digressão se zangara com o empresário do Original Ballet Russe – que laborou de 1939 a 1952 – o Coronel de Basil, de nome verdadeiro, Vassily Grigorievich Voskresensky (1888-1951). Antigo oficial do Exército Imperial Russo, que Lichine até desafiou para um duelo, teve encontro com várias personalidades portuguesas, designadamente João de Freitas Branco, Luís Reis Santos e Joly Braga Santos. Todos terão alimentado a ideia de fazer parte de uma nova companhia internacional (ainda que com uma escola em Lisboa, ficaria sediada em Paris) até que o maestro Pedro de Freitas Branco terá feito ver a todos eles que, apesar de tudo, o Original Ballet Russe, ainda ia cumprindo o reportório e o sonho de Diaghilev. Com a reconciliação entre coreógrafo (Lichine) e empresário (Basil), a companhia partiu e com ela mais uma tentativa de criação de uma estrutura coreográfica com fundos, estabilidade e efectiva consistência artística em Portugal.

Na digressão do VG a Paris, em Junho de 1949, ao Théâtre des Champs-Élysées, "retribuindo a visita que nesse mesmo ano o Ballet da Ópera de Paris (dirigido por Serge Lifar) fizera a Lisboa" (Sasportes, 1970, p. 289) Francis, de volta ao S. Carlos, leva *Nazaré* (Frederico de Freitas), uma obra nova estreada no TNSC em Dezembro de 1948, juntamente com uma peça de Morresi *Les petits riens* (de Maio de 1947 e originalmente denominada *Festa no jardim*) e várias obras de Ivo Cramér: *Noite sem fim* (mús. Moussorgsky), de 1947, e *Aventuras de Arlequim* (mús. Scarlatti), *Balada* (mús. Ravel), *Para lá do Oriente* (mús. Prokofiev) e *A menina e os fantoches* (mús. Prokofiev), todas datadas de Dezembro de 1948 e desenhadas por Paulo Ferreira. As coreografias de Cramér faziam contraponto à linha folclórica de Francis que, entretanto regressaria a um VG já sem um rumo aparente. Depois de uma rápida passagem pelo Coliseu, o grupo apresentou-se em Dezembro de 1950 no Casino do Estoril e partiu em digressão pelas principais cidades

portuguesas. Em honra dos componentes de diversos congressos o VG apresentar-se-ia no TNSC a 17 de Outubro de 1950, e a 10 e 27 de Setembro do ano seguinte. A partir desse ano e, nos tempos futuros, a sua actividade haveria de se resumir praticamente aos espectáculos de ópera do S. Carlos e a algumas digressões internacionais. Entre as saídas para o estrangeiro contam-se, no historial do VG, uma a Espanha (Madrid, Barcelona e Sevilha, 1943), outra a França (Paris, 1949), à Suíça (Lausanne, 1951 e 1957), ao Brasil (São Paulo, 1965), a África (Angola, Moçambique e África do Sul, 1966) e ao Japão (Osaka, 1970). Apesar dos mais diversos problemas em solo luso, curiosamente, todas terão tido um sucesso que se pode qualificar de assinalável, de acordo com testemunhos de muitos dos artistas envolvidos nas mesmas.

E no caso de Francis, o sucesso também não o abandonou. Apesar das suas fragilidades e evidentes limitações a nível de técnica dança, aos 50 anos, ainda protagonizou no Teatro D. Maria II – ao lado de alguns dos maiores actores da época – a comédia “shakespeareana” *Sonho de uma noite de Verão*. Tendo recebido críticas elogiosas como a que se extraiu de O Século: [...] Francis, na figura principal do «sonho», Obéron, o rei das Fadas, soube dar com justeza, autoridade e particular segurança cénica, o imaterial e imponderável dessa personagem irreal. Foi para nós uma outra revelação vê-lo representar. (L. de B., 1952, p. 5)

Em 1952, a bailarina francesa Violette Quenolle (1923-2004) radicou-se em Portugal e tornou-se o modelo de bailarina, competente e profissional, capaz de fornecer ao grupo algumas obras na linha da tradição clássica. Esse facto faria, uma vez mais, relocalizar o grupo, mais uma vez para uma vertente clássica a que ele, objectiva e humanamente, não podia dar réplica. Com a remontagem de algumas obras conotadas com o reportório da Ópera de Paris – companhia com a qual “Madame Violette” tinha dançado em Lisboa, antes de se casar com um português de apelido Rey – e outras criadas na miragem de tornar o grupo numa pequena companhia de bailado clássico. Nunca tendo abandonado o cariz nacionalista nos seus bailados, apesar da aparente mudança de “filosofia artística” e de uma acentuada melhoria técnica, o reportório não chegou, verdadeiramente, a adquirir qualquer solidez estilística. A própria Violette, além de mestra-de-bailado também dava a sua contribuição ao grupo como primeira bailarina tendo não só protagonizado bailados de temática nacionalista, tal como *Inês de Castro*, de Francis Graça, bem como encaminhado artistas com potencial, como o jovem estreante Armando Jorge vindo do CIC de Margarida de Abreu, com quem se apresentou em obras como o *Grand pas-de-deux* (igualmente conhecido por *Grand pas classique*) com coreografia de Georges Gzowsky e música de Auber, em 1961.

Com o intuito de trazer para Portugal professores de bailado de gabarito internacional sucederam-se, no VG, a Morresi, Cramér e Quenolle, cerca de dez anos depois, Daniel Sellier (1926-2012). Antigo elemento da Ópera de Paris e do Ballet do

Marquês de Cuevas, Daniel Sellier, vem para Lisboa dar colaboração como bailarino – juntamente com a sua mulher, Olga Makcheeva –, professor e coreógrafo, a um projecto que não duraria muito: a CPB criada e dirigida por Luna Andermatt. Nos programas do VG nos finais do ano de 1961 – e em que a direcção artística e coreográfica do grupo estava confiada conjuntamente a Margarida de Abreu e Fernando Lima – Daniel Sellier, que deixara a extinta CPB após breves meses de laboração, aparece listado como mestre-de-bailado da companhia, com Olga Makcheeva, como bailarina principal do elenco. Quando em 1963 Sellier deixou Portugal, além de *maître du ballet* do VG era também professor do Centro de Estudos de Bailado (adstrito ao TNSC), criado em 1956 e patrocinado pelo IAC.

Em Outubro de 1961 deslocou-se a Portugal uma notável figura da dança internacional, William Dollar (1907-1986), por iniciativa da direcção do TNSC e a expensas do governo norte-americano – por intermédio dos serviços culturais da Embaixada dos EUA em Lisboa. O conhecido professor e coreógrafo norte-americano permaneceria em Lisboa até Fevereiro do ano seguinte para reger um curso no TNSC, aberto a todos os bailarinos interessados, mas a sua permanência não teve resultados convincentes; dos poucos bailarinos profissionais que se encontravam à altura de aproveitar os seus ensinamentos nem todos acorreram ao referido teatro. Diz-se que a decepção deste "embaixador" oficial da dança norte-americana terá sido grande, tendo mesmo colocado a hipótese de regressar aos EUA logo após a sua chegada, devido, sobretudo, à falta de nível técnico e artístico que encontrou nos bailarinos em Portugal. Além da leccionação de aulas aos melhores artistas que conseguiu cativar para os seus cursos, Dollar coreografou o bailado da ópera *Lakmé* para o TNSC, e ainda esboçou uma nova criação para o VG, *Os pássaros*. Infelizmente, tendo partido antes da data prevista para o seu regresso, não teve tempo de preparar uma peça para o GEB como chegou a estar planeado.

Expressamente para o Centro de Estudos de Bailado – já sob nova direcção, de Margarida de Abreu e Ivo Cruz –, e eventualmente, para o VG, viria pouco tempo depois de Dollar, a conceituada mestra Anna Ivanova. Esta virtuosa professora, ligada a grandes companhias como os Ballets do Século XX, de Maurice Béjart, nos anos em que esteve em Portugal ensinou uma geração de bailarinos que, no futuro, haveriam de ocupar alguns lugares de destaque, como foi o caso de Graça Barroso, que chegou a bailarina principal do BG, e de Miguel Lyzarro, artista principal da CNB.

A partir do momento em que o poder governamental deixou cair o projecto VG assegurando salários e um local para ensaiar – o vetusto estúdio de dança do TNSC – e os magros salários dos bailarinos e professores, o grupo perdeu completamente a sua identidade e objectivos programáticos. Apesar dos professores acima citados terem, cada um à sua maneira, tentado fortalecer a vertente académico-clássica na companhia numa tentativa de a transformar num organismo que pudesse aproximar-se das muitas companhias de bailado dos seus países de origem, nada de muito positivo se conseguiu

verdadeiramente. O facto de os seus elementos manifestarem uma visível falta de bases técnicas, devido à ausência de escolas de dança dignas desse nome em Portugal, e possivelmente, também, aos regressos cíclicos de Francis Graça (o qual, seguramente, continuava a insistir numa vertente folclórica) também não ajudaram a manter uma indispensável coesão, um estilo definido e, sobretudo, a desejável evolução do grupo.

Já um pouco fora de contexto, Francis Graça voltaria a coreografar para o VG, em 1954, uma última peça, *Prelúdios*, sobre música de Liszt.

2.1.4. Declínio e extinção.

Em 1960, com um novo afastamento de Francis Graça, bem como da sua constante parceira Ruth Walden, por César Henrique Moreira Baptista (1915-1981)¹ após duas décadas de um trabalho errático mas que nos tempos de Ferro terá servido, melhor ou pior, os interesses propagandísticos do regime autoritário e provinciano de Salazar, o VG passa para outras mãos. Tendo feito durante cerca de 20 anos com o seu grupo privado um percurso mais ou menos paralelo ao VG, Margarida de Abreu, embora recusasse o estatuto de rival de Francis acabou por, algumas vezes, com ele se cruzar no seu percurso já que as danças das óperas das temporadas do TNSC eram partilhadas pelos dois únicos grupos de bailado em actividade. Coadjuvada pelo seu discípulo dilecto, Fernando Lima, coreógrafo com provas dadas e director de vários pequenos grupos independentes de maior ou menor sucesso e duração, Margarida de Abreu assumiu, em 1961, a direcção da única companhia estatal com carácter profissional no nosso país. Muitos acharam natural que D. Margarida – que praticamente dominava o ensino da dança privada em Lisboa – finalmente ascendesse a um cargo oficial. Até porque a professora e coreógrafa que estudara no estrangeiro (caso raro na época) mas que nunca se conseguiu afirmar como bailarina, apesar de, muitos anos depois, afirmar que o governo português "*não a ajudara na sua insistente vontade de criar uma companhia a partir do Círculo de Iniciação Coreográfica*" (entrevista com Margarida de Abreu, Lisboa, 2005) mantinha relações privilegiadas com o então director do SNI.

1 Formado em Direito, foi Presidente da Câmara Municipal de Sintra entre 1953 e 1957. Depois substituiu José Manuel da Costa à frente do SNI, em 1958, que 10 anos depois Marcelo Caetano iria transformar na SEIT. Durante o período desta instituição afasta o VG da orientação de Ferro incluindo a cultura popular ou folclórica, tornando-a mais vocacionado para a promoção do país, e conseqüentemente do regime, em moldes mais modernos e integrados na linha dos organismos de promoção turística, como forma de suavizar a imagem externa do regime. É também um elemento fundamental para a instrumentalização da RTP, que deixa de ser um serviço passivo de relato dos acontecimentos pelo ponto de vista do regime, para se tornar efectivamente numa ferramenta de propaganda, pró activo a favor do governo. Caetano, posteriormente, chama-o para Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, e mais tarde, a 7 de Novembro de 1973, nomeia-o Ministro do Interior, funções que desempenhava a 25 de Abril de 1974. Nesse dia é um dos únicos dois ministros que acompanham o Presidente do Conselho de Ministros no Quartel do Carmo. Depois vai para o Funchal e no regresso é preso, sendo libertado uns meses depois.

Durante as duas décadas de existência do VG – em que Salazar parece apenas ter-se deslocado uma única vez ao TNSC para "*assistir a um ensaio geral do grupo*" (entrevista com Margarida de Abreu, Lisboa, 2005) – ele foi gradualmente perdendo o seu fulgor inicial, sendo que as várias saídas e regressos de Francis Graça contribuíram para desequilibrar artisticamente o grupo, cuja situação difícil se viu agravada pelo afastamento de Ferro. O Secretário da Propaganda Nacional foi um dos que acreditaram piamente na função de uma companhia de "bailados portugueses" como meio de publicitar um regime que, em vez de se preocupar em estabelecer bases sólidas para o ensino da dança no país – à semelhança de outros que não ostentando uma forte tradição de séculos foram a tempo de criar verdadeiras escolas de bailado nacionais –, preferiu levar ao estrangeiro os "amores de D. Pedro e Inês de Castro" ou os "costumes dos saloios de olhos e cabelos negros, pele morena e membros desajeitados" (*Programa do "Verde-Gaio"*, 1940, n.p.). Por outro lado, o facto de o próprio grupo se ter debatido sempre com uma crescente indefinição artística, entre o folclore e a dança clássica, fez com que a sua credibilidade junto do público e da comunidade artística fosse progressivamente diminuindo.

Entre os artistas contratados pelo VG de Abreu e Lima, contavam-se então o jovem Armando Jorge, antigo membro do CIC, e Vasco Wellenkamp, que naquele grupo iniciou carreira, tendo por professores, além de Violette Quenolle, os directores artísticos do grupo. Apesar de uns espectáculos com sabor a reinauguração logo no início do período em que o VG passou a ser gerido por um par de directores, a progressiva deterioração da companhia foi uma constante até ao seu colapso oficial, muitos anos depois, em 1983. Com um reportório formado quase exclusivamente por peças assinadas pelos seus directores – e com um sabor mais ou menos nacional – o grupo cada vez mais necessitado de bailarinos estrangeiros ainda fez algumas digressões internacionais (por África, e também ao Japão, como parte da embaixada portuguesa à Expo '70 de Osaka).

Após anos de reduzida actividade, em que as suas rotinas praticamente se resumiram a "abrilhantar" temporadas de ópera, congressos internacionais e espectáculos avulsos na província e na capital, já ferido de morte, a extinção do VG tornar-se-ia inevitável. Ainda assim, após o 25 de Abril, as cerca de duas dezenas de bailarinos remanescentes que, durante anos, pouco mais faziam do que aulas diárias para assegurarem as coreografias das óperas do TNSC, ainda sob a batuta de Fernando Lima (então já bastante ligado ao teatro musical e, outra vez, à televisão) e de Margarida de Abreu – esta simultaneamente envolvida com o seu estúdio particular e com coreografias avulsas, nomeadamente de algumas óperas e espectáculos para a RTP), com Paula Gareya como mestra-de-bailado, o VG apresentou ainda uns derradeiros espectáculos movidos por uma certa "chama revolucionária". O antigo casal Fernando Lima e Águeda Sena – ambos numa época de fraca produtividade – voltaram a juntar-se para pôr de pé, em Outubro de 1975, um programa que abriu e fechou, respectivamente, com as obras: *Canções heróicas* (cor.

Fernando Lima; mús. Fernando Lopes-Graça) e *Ritual-para uma criança que vai nascer* (cor. Águeda Sena; mús. Fernando Lopes-Graça) e apresentou ainda, *Estudo* (cor. Margarida de Abreu; mús. J.S. Bach) e *O Zé* (cor. António Rodrigues sobre uma colagem musical de vários autores).

A companhia viria a ser oficialmente extinta nos finais de 1983, pelo Decreto-Lei n.º 147/83, de 27 de Dezembro, quando já nada havia que a justificasse. Alguns dos seus bailarinos em melhor forma (Isabel Fernandes, Madalena Sá Pessoa, Kimberley Ribeiro, Maria José Palmeirim e João Miranda) e a professora Paula Gareya já, então, haviam transitado para a recém-formada CNB, fundada em 1977. Os remanescentes (Jorge Trincheiras, Magda Cardoso, Albino Morais, Maria José de Azevedo, Antonieta Ribeiro – anteriormente conhecida por Maria Antonieta – Victor Castelo-Branco, António do Carmo, Ana Lorena, Jorge de Almeida, Maria Bermudes, Marcelo Filipe, António Garcia, Lurdes Marcelino, Paulo Silva e Isabel Sousa) ou simplesmente deram por terminadas as suas carreiras, ou voltaram-se para o teatro de revista ou, mesmo, para o ensino a tempo inteiro.

Entre as várias conclusões que se podem tirar das três décadas e meia de existência do VG, duas saltam à vista. Primeiro, apercebemo-nos de que a fórmula folclorista utilizada, se não foi capaz de suportar uma companhia de dimensões expressivas – embora melhorada, por ciclos, do ponto de vista técnico ao longo dos anos – serviu, todavia, para levar algumas das nossas danças tradicionais (ou um esboço delas) a alguns países estrangeiros. Posteriormente, um pequeno agrupamento privado, os Bailados e Cantares de Portugal (1956), criado e dirigido por Fernando Lima, seguiu-lhe a senda prossequindo a linha folclórica do grupo do SNI em casinos e teatros estrangeiros mais ou menos modestos, durante a sua efémera existência. Depois destas exportações de peças de tradicionalismo mais ou menos fantasiado, as danças tradicionais portuguesas voltaram a ater-se aos numerosos grupos de folclore – que há muito existem de norte a sul do país – os quais, com a crescente facilidade de deslocações ao estrangeiro, foram progressivamente aumentando as suas saídas e a divulgação dos seus muito variados acervos.

Uma outra conclusão que se pode deduzir é a de que as tentativas de ampliar o repertório – uma vez que não parece que a presença mais ou menos regular de Francis Graça no VG permitisse um corte drástico com os bailados de folclore estilizado – também não tiveram grande sucesso. Pelo menos duas personalidades estrangeiras que se estabeleceram em Lisboa – primeiro o coreógrafo sueco Ivo Cramér (em 1948) e, posteriormente, a bailarina francesa Violette Quenolle (em 1952) –, tentaram, cada um a seu modo, uma certa renovação. Cramér, ligado à escola sueca e aluno de Cullberg e Leeder, foi o mestre-de-bailado do VG na temporada de 1948-1949 e, apesar de ter contribuído com alguns trabalhos para o grupo, este não viria a adquirir um perfil verdadeiramente expressionista como o das raízes do então director. Embora em conjunto com as diversas obras de Francis Graça tenham aparecido, nessa temporada, cinco de Cramér – entre as

quais *Balada* (1947), inspirada em romances portugueses da Idade Média – e *Les petits riens* (1947) de Guglielmo Morresi (chegado em 1947 e que Cramér veio substituir no cargo de mestre-de-bailado do VG), o reportório do grupo não se viria a diversificar suficientemente nem a manter um nível de qualidade que justificasse, artisticamente, o futuro da companhia. Uma segunda tentativa deveu-se a Violette Quenolle que, quer como mestra-de-bailado do VG, quer também como bailarina, haveria de dar um novo fôlego aos artistas e público, melhorando o nível técnico daqueles e fazendo incluir no reportório alguns *ballets* "à moda" da Ópera, com coreografias de Albert Aveline. Apesar de algumas transformações – motivadas por mudanças de públicos, de métodos e, até, de políticas – mas sem nunca abandonar, definitivamente, uma certa fidelidade às suas origens folcloristas, bem como desempenhando, simultaneamente, o papel de "corpo de baile das óperas" do Teatro Nacional de S. Carlos, a direção conjunta de Margarida de Abreu e Fernando Lima em duas décadas pouco mais fez que prolongar um estado de letargia apenas interrompido com uma ou outra exceção pontual.

2.2. O papel formativo de Margarida de Abreu e o Círculo de Iniciação Coreográfica.

Margarida de Abreu é, indubitavelmente, uma figura ímpar da dança portuguesa. Poder-se-á mesmo afirmar que, tendo em conta certas limitações que se reflectiram no seu longo percurso artístico, a sua influência foi particularmente importante num período em que a pedagogia e a profissionalização no bailado em Portugal eram, praticamente, inexistentes. Para muitos, teve o mérito de, ainda em vida, ter entrado "definitivamente na ainda pequena história do bailado clássico português de que ela é a verdadeira precursora, a grande impulsionadora e uma persistente animadora e lutadora" (Ribas, 1979, p. 5). A ela se deve a criação de uma geração, primeiro de bailarinos e depois de professores que saíram do seu estúdio e do seu grupo de bailado. E, acima de tudo, de um significativo grupo de criadores – que vão de Águeda Sena a Olga Roriz, passando por Fernando Lima, Carlos Trincheiras, Armando Jorge, Vasco Wellenkamp e Jorge Trincheiras – além de outros artistas de menor envergadura mas ainda assim de certa importância na história da dança portuguesa.

Um pouco à semelhança de Ninette de Valois (1998-2001) – personalidade inglesa referida no seu *Manifesto* (1946) – Margarida de Abreu, que também estudou fora do seu país de origem, empenhou-se na criação e desenvolvimento de uma companhia privada sustentada pelos seus alunos do Conservatório Nacional e do Círculo de Iniciação Coreográfica, para que dela nascesse uma estrutura verdadeiramente profissional. Ao fundar o CIC, complemento natural e lógico da sua Academia de Bailado, Margarida de Abreu apostava na formação de artistas, de público e, de um modo geral, do gosto e compreensão da dança. Para isso, lança as bases da sua doutrina estética:

Fusão de dança e música no quadro da acção dramática. [...] Nem só virtuosismo escolástico, pois sem coração não há arte, nem só inspiração plástica, pois sem técnica não há estilo: fusão estética do corpo e da alma, ardendo nas etéreas regiões do sonho (Abreu, 1946, p. 31).

Filha de mãe suíça de origem alemã, a professora Marie Anna Helena von Hoffmann Abreu – da família dos marqueses von Leuchtenstern – e pai português, o advogado António de Barros Mendes de Abreu¹, teve em Lisboa, cidade onde nasceu em 26 de Novembro de 1915, o primeiro contacto com a rítmica "dalcrozeana" através da inglesa Cecil Kitkat (de quem se desconhecem os dados biográficos tais como as de nascimento e morte), professora das educandas do Instituto de Odivelas. Após esta ter deixado Portugal para leccionar numa universidade norte-americana, prosseguiu os seus estudos com a professora grega Sosso Dukas² (1911-1997) nascida em Esmirna (Turquia) e falecida em Lisboa. Madame Schau, como se tornou conhecida na comunidade da dança portuguesa, veio para Lisboa por influência directa da mãe de Margarida de Abreu junto do Instituto Dalcroze de Genebra que a enviou, em 1931, para substituir a inglesa Miss Kitkat e ensinar dança de acordo com as teorias de Jacques Dalcroze (1865-1950). De acordo com a própria Margarida de Abreu "a 'ginástica rítmica' é uma ginástica ritmada com movimentos soltos e livres enquanto a 'rítmica' de Jacques Dalcroze define-se como um estudo dos ritmos, dos fraseados, do metrum, das dissociações, etc. através do corpo humano" (entrevista com Margarida de Abreu, Lisboa, 2005).

A dança rítmica era, pois, uma actividade dominante entre as duas guerras e parece que o seu introdutor em Portugal foi o maestro Francisco Lacerda que esteve indigitado, em 1913, para a direcção da orquestra dos Ballets Russes, convite que rejeitou para ser substituído por Ernest Ansermet (Sasportes, 1970, p. 330).

Era uma actividade a que se dedicavam principalmente algumas meninas e senhoras de sociedade com intuítos puramente diletantes e de fruição do movimento em estúdios particulares cujo nível artístico-técnico rivalizava em falta de qualidade com o Curso de Preparação Profissional de Bailarinas, oferecido no Conservatório Nacional³. Um desses

1 António de Barros Mendes de Abreu era filho de Albano Mendes de Abreu, médico, e de D. Emília de Almeida Coelho e Campos, irmã do General António de Almeida Coelho e Campos e do escritor Luís de Campos. Era cunhado do advogado Afonso Costa (1871-1937), por três vezes primeiro-ministro de Portugal e figura dominante da Primeira República. Marie Anna Helena von Hoffmann Abreu era filha de Joseph Anton Friderich Robert von Hoffmann e de Anna Elisabetha Hugentobler.

2 Posteriormente ficou conhecida por Dukas-Schau, por via do casamento.

3 As estudantes do Conservatório Nacional apresentavam-se, por vezes, no Teatro Nacional de S. Carlos em "festas de caridade" ou "serões d'arte", frequentemente com direcção coreográfica de M. Albert. Por curiosidade, refira-se que um destes espectáculos, no qual se apresentaram trabalhos de música, dança e teatro, datado de 11 de Maio de 1931, no TNSC e para a Assistência Nacional aos Tuberculosos, contou com a colaboração de Francisco de Lacerda na recolha e harmonização de algumas canções.

estúdios era o da conceituada professora espanhola M.^{me} Britton (1880?-1962?), de seu nome verdadeiro Carmen Brito, "personagem curiosíssima de temperamento 'duncaniano' [...] que durante quase quarenta anos foi uma das mais estimadas professoras de dança do nosso meio" (Sasportes, 1970, p. 329). Fugida de Espanha após a Primeira Grande Guerra, M.^{me} Britton, depois de ter passado por vários países, para os quais o seu marido português, militar de carreira, a levou, tendo neles estabelecido escolas de cariz mais ou menos amador, instalou-se em Lisboa, por volta de 1924, na Avenida António Augusto de Aguiar – em cuja extremidade oposta Margarida de Abreu, posteriormente, compraria um estúdio para instalar a sua escola –, aí leccionando dança clássica espanhola juntamente com uma variação de ginástica rítmica de inspiração "dalcrozeana" – um método muito utilizado para atrair estudantes femininas na Lisboa da época.

Nenhuma das três referidas professoras (Britton, Kitkat e Schau) parece ter tido o desejo, ou a pretensão, de ensinar profissionais. Essa tarefa estaria, pois, a cargo do Conservatório Nacional no qual se criara, em 1911, uma Escola da Arte de Representar – que pelo decreto de 22 de Maio do referido ano estabeleceu um "curso anexo de Bailarinas" (Sasportes, 1970, p. 319) – a cargo da mestra espanhola Encarnación Fernandez (Madrid, 1875-Lisboa, 1939). Mestra que durante cerca de um quarto de século (1912-1939) esteve à frente da nova secção de dança da escola pública.

Margarida de Abreu, tal como sua irmã Helena de Freitas Branco¹, que seguiu a carreira de pianista, recebeu desde criança uma sólida formação musical em Portugal que posteriormente completou na Suíça e Alemanha. O seu interesse pela dança fê-la estabelecer-se em Genebra, na Suíça, em 1934, para estudar no Instituto de Jacques Dalcroze. Três anos depois concluiu o curso de Rítmica, Plástica e Interpretação Musical, tendo seguido, posteriormente, em Berlim, na Deutsche Tanz Schule, os cursos de dança clássica, dança teatral, coreografia e pedagogia. Entre 1937 e 1938 estudou nessa escola com Kurt Jooss (1901-1979). No ano seguinte, frequentaria os cursos de música, dança e técnica expressionista na Hellerau Laxemburg Schule, em Viena. As suas precoces qualidades pedagógicas terão levado o próprio Dalcroze a convidar Margarida de Abreu a ficar na sua escola como sua assistente, em 1937; contudo, o início da Segunda Grande Guerra (1939) faria a jovem professora, que prosseguia outro curso em Viena, regressar definitivamente a Portugal.

É esta "estrangeirada" que, de volta a Lisboa, sucede a Encarnación Fernandez no Conservatório – que, entretanto falecera –, leccionando na Rua dos Caetanos durante quase meio século (entre 1939 e 1986) e, em simultâneo, no seu estúdio particular. Sentindo uma óbvia necessidade de aprender mais sobre uma técnica que, naturalmente,

1 Nome artístico de Maria Helena von Hoffmann de Abreu, que após deixar os palcos e o acompanhamento musical de dança foi a primeira professora de yoga em Portugal. Foi casada com o musicólogo João Pedro de Freitas Branco (1922-1989), filho do compositor Luís Maria da Costa de Freitas Branco.

não dominava, deslocou-se a Londres nos anos de 1947 e 1948 para participar em dois estágios de Verão para professores de dança clássica junto da escola do Sadler's Wells, hoje Royal Ballet School. Entre 1964 e 1972 foi também professora de dança clássica no Centro de Estudos de Bailado do IAC, vulgo Escola de Dança do TNSC.

Apesar de uma formação que não privilegiava a dança académico-clássica (e de uma total ausência de carreira teatral nos palcos), Margarida de Abreu enveredou pelo seu ensino, a fim de dar resposta a um indisfarçável desejo de lidar com este estilo de dança. Diz-se que, apesar de não ter o físico ideal, a sua desenvolvida musicalidade e uma verdadeira paixão pelo bailado clássico levaram-na a dedicar toda a sua vida ao *ballet*. A essa opção também não terá sido alheia uma procura crescente das classes abastadas da burguesia lisboeta e de um mercado praticamente sem concorrência que, naturalmente, via na frequência de aulas de bailado clássico, além de uma certa promoção sociocultural, um veículo educativo para as meninas vencerem a timidez e se moverem com elegância. Com uma situação semelhante se deparou Ruth Aswin (1897-1988) que leccionou em Lisboa durante quase quatro décadas até ao seu desaparecimento, em 1988, e que foi, devido a numerosas solicitações, forçada a leccionar dança clássica abandonando a ideia de introduzir em Portugal uma prática pedagógica e uma linha coreográfica expressionista ligada à *ausdrucktanz* na qual fora educada.

Tendo deliberadamente como modelo o bailado inglês, que D. Margarida afirmou "constituir, sem dúvida, a única escola nacional estruturada da actualidade" (Abreu, 1946 p. 23), e na qual brilharam nomes como "Robert Helpmann, Marie Rambert, Frederick Ashton, Pamela May, Harold Turner, Margot Fonteyn, além de Vaughan Williams, Constant Lambert e Arnold Haskell, entre outros" (Abreu, 1946 p. 23), pode se afirmar que foi Margarida de Abreu quem iniciou uma prática no país que duraria várias décadas: a de convidar artistas ingleses para remontar bailados, coreografar, dançar e ensinar em Portugal. Contam-se entre eles Norman Dixon (n.1926), e, posteriormente, Paul Szilard (bailarino, coreógrafo e empresário norte-americano de origem húngara, nascido em Budapeste a 16 Dezembro de 1912) e a jovem búlgara, Sonia Arova (1926-2001). Até à importação de modelos de dança dos Estados Unidos, já nos anos 70, a influência inglesa a nível pedagógico e coreográfico foi, em Portugal, a todos os níveis, preponderante. Com excepção do trabalho da já referida Ruth Aswin e de Alice Turnay (dados biográficos inexistentes), professora no Conservatório Nacional entre 1943 e 1948, ambas alunas da famosa Mary Wigman, quase todos os outros pedagogos com alguma expressão que trabalharam em Lisboa (e no Porto) eram ingleses ou de "escola" inglesa.

Foi, pois, num ambiente muito pobre do ponto de vista da dança que surgiu o CIC, fundado em 1944, e Margarida de Abreu começou a traçar um caminho algo paralelo ao do VG em termos de apresentações públicas. A visita esporádica de algumas companhias estrangeiras de gabarito (o Grand Ballet do Marquês de Cuevas, em 1948, 1953, 1956, 1959

e 1961; o Ballet da Ópera de Paris, em 1949; o Sadler's Wells Ballet, em 1952; o London's Festival Ballet, em 1954, 1958, 1962, 1964 e 1966; o New York City Ballet, em 1955; o American Ballet Theatre, em 1957; e outros) vinha acentuar, aliás, o desnível da nossa dança relativamente à realidade exterior, desenvolvendo-se num clima sociopolítico pouco propício, sem grande competição e carenciada de estímulos artísticos e bases pedagógicas sólidas.

Sem se desviar muito da sua filosofia inicial, o CIC foi, ao longo da sua existência mantendo uma actividade mais ou menos regular e formando artistas que dançariam, basicamente, em Portugal. De uma primeira geração de artistas formados por Margarida de Abreu – e que haviam de constituir o primeiro núcleo da sua companhia – contavam-se, entre outros, Georgina Villas-Boas, Amélia Amil Mata, Ilse Porst, Isabel Affonseca, Ruth Aragão, Bernardette Pessanha, Lilly Neves, Anna Mascolo, Águeda Sena, Lourdes Carvalho, Luísa Vitorino, Tomaz da Costa, Bento José da Câmara, Pedro Marcos, Armando Cortês, Fernando Lima, Bruno António, José Maquiné e João Salo (pseudónimo do escultor João Hermínio Salomão de Oliveira, futuro marido de D. Margarida). Foi através do seu impulso e com a sua ajuda pecuniária que saíram para o estrangeiro – e para uma futura profissionalização – os coreógrafos Sena e Lima, e a professora Anna Mascolo, para frequentarem, em França, aulas de grandes mestres que exerciam na cidade-luz a sua carreira docente. E, anos depois, Carlos Trincheiras para a escola do Ballet Rambert, em Londres. Embora o investimento da conhecida professora tivesse sido feito a pensar na melhoria artístico-técnica dos seus discípulos, de modo a fixarem-se posteriormente no seu grupo, o que é facto é que, à míngua de uma estabilidade proporcionada por uma situação financeira cómoda, praticamente todos eles – e por razões diversas – acabaram por abandonar o CIC. José Lobão, Ana Lázaro, Luís Bernardo e Luísa Vitorino deixaram mesmo o país para fazer carreira no estrangeiro.

As primeiras experiências coreográficas de Margarida de Abreu, a nível profissional, terão surgido em 1941 com as danças para a ópera *Leonor Telles* de João Arroyo, que posteriormente seriam remontadas em forma de *suite* com o título *Sequência de danças*, nunca tendo sido apresentadas em público. Dois anos depois, e durante as Comemorações do 150.^o Aniversário do TNSC, Margarida de Abreu assume-se como coreógrafa num espectáculo em que se estreiam *Bailado setecentista* (mús. Carlos Seixas) e *Pastoral* (mús. Ivo Cruz). As primeiras apresentações do CIC realizaram-se em Maio de 1945, no Teatro Nacional D. Maria II com "dois espectáculos de índole doutrinária" (Abreu, 1948, p. 5) intitulados *Evolução do bailado* e *Rítmica e bailado*. No ano seguinte estrearam-se no TNSC os primeiros espectáculos com coreografias suas, com *Serenata* (mús. Mozart, 1945), *Quadros de uma exposição* (mús. Moussorgsky, 1945-48), *Pássaro de fogo* (coreografado sobre a versão sinfónica do bailado original homónimo de Stravinsky, 1946), *Fêtes* (mús. Debussy, 1946) e *Arraial na ribeira* (mús. Ruy Coelho, 1946) "lançando tão auspiciosamente

como 'decorador' do bailado o pintor Abílio de Mattos e Silva" (Abreu, 1948, p. 5). Nesse mesmo teatro coreografou as danças da ópera *Crisfal* de Ruy Coelho.

Seguiram-se no repertório do CIC bailados como *Miniatura setecentista* (mús. Mozart, 1947), *Tágides* (mús. Tchaikovsky, Britten e Bach, 1947), *Sequência de danças* (mús. Arroyo, 1947), *Nova chopiniana* (mús. Chopin, 1948), *Concerto de Schumann* (mús. Schumann, 1949), *Polaca heróica* (mús. Chopin, 1949), *Metamorfose de Eva* (mús. Ingelbrecht, 1949), *Tito e Berenice* (mús. Tchaikovsky, 1949), *Dança do vento* (declamação de Afonso Lopes Vieira, 1949), *Mefisto-valsas* (mús. Litz, 1949), um bailado surrealista de Paul Szilard, estreado pelo CIC no Coliseu dos Recreios, a 2 de Julho de 1949, com a famosa bailarina búlgara Sónia Arova e o próprio Szilard nos papéis principais, e com cenografia de Almada Negreiros.¹ Para as temporadas de ópera do TNSC, Margarida de Abreu coreografou *Orfeu*, *Adriana Lecouvreur* e outras óperas (em 1950), e ainda bailados como *Sinfonia em Dó* (mús. Beethoven, 1951), *Grazioso* (mús. Bach, 1952), *Claire de lune* (mús. Debussy, 1952), *Ab initio* (mús. Dvorak, 1953), *Folha de álbum* (mús. Chabrier, 1955), *Impressões românticas* (mús. Schumann, 1955), *O passeio público* (mús. Elvira de Freitas, 1957), *Nocturnos* (mús. Debussy, 1958), *Variações para um poema* (mús. Beethoven, 1959) e *Sinfonia italiana* (mús. Mendelsshon, 1960), este desenhado por Armando Jorge.

Para os seus espectáculos, Margarida de Abreu fez apelo a maestros convidados tais como Pedro de Freitas Branco, Ruy Coelho, Jaime Silva Filho e Frederico de Freitas, assim como a conhecidos pianistas: Nella Maïssa, Helena Coelho, Helena Sá Moreira e Abreu Mota. Como desenhadores de figurinos e cenários para os espectáculos do CIC contaram-se os já citados Abílio Mattos e Silva, Armando Jorge e Almada Negreiros, entre outros.

Este projecto, pessoal e totalmente privado, o CIC, durou, sensivelmente, até 1960, altura em que a professora e coreógrafa, juntamente com Fernando Lima – bailarino já então com créditos firmados e com provas coreográficas dadas –, é convidada para a direcção artística do VG, que bipolarizava os espectáculos de dança em Portugal com o CIC. Os primeiros anos desta colaboração, segundo Margarida de Abreu, terão sido especialmente frutuosos devido às boas relações pessoais e artísticas entre ambos, assim como à boa forma criativa de Lima. Dada a reduzidíssima oferta de trabalho, muitos dos alunos de D. Margarida acabaram por se integrar na companhia e daí seguiram outros caminhos.

Para o VG a co-directora coreografou quase uma dezena de peças, entre 1961 e 1978: *Prólogo galante* (mús. Carlos Seixas, 1961), *Condestável, a espada e a cruz* (mús. Luís de Freitas Branco, 1961), *O Douro correu para o mar* (mús. Cláudio Carneiro, 1963) –

1 "A obra teve algum impacto na altura, basta ver que, naquela época, era apenas a D. Margarida que trazia alguma coisa de interessante a Lisboa para nós bailarmos. E logo para um público tão respeitável e exigente como o do Coliseu!" (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

estas duas em colaboração com Fernando Lima –, *Pastoral* (mús. Ivo Cruz, 1963) numa nova versão desenhada por Armando Jorge), *Festa na aldeia* (mús. Ruy Coelho, 1965), *Auto da alma*, sobre a peça teatral de Gil Vicente (mús. Luís de Freitas Branco), *Menina dos olhos verdes* (mús. Cláudio Carneyro, 1972), *Dança da bandurra* (mús. Santos Pinto, sobre trechos recolhidos na antologia de música regional com guarda roupa tradicional, 1973) e *Estudo* (mús. Bach, 1975).

Um tempo houve [...] em que, entre nós, era de bom tom intelectual não considerar os Bailados Portugueses "Verde-Gaio", o CIC ou os Bailados Margarida de Abreu, arrastando nesse desprezo sobranceiro Francis Graça e Margarida de Abreu; era a mesma época em que também era de bom tom criticar desapiedadamente os filmes portugueses, a actividade teatral de Amélia Rey-Colaço-Robles Monteiro, o nosso teatro de revista e, até, uma personalidade como o foi António Ferro. Mas o tempo tudo clarifica e repõe no seu lugar. E assim aí temos hoje [...] a justa homenagem ao talento de Francis Graça, e ao significado do Grupo de Bailados "Verde-Gaio" e ao talento e à constante persistência de Margarida de Abreu e ao significado da obra realizada no Círculo de Iniciação Coreográfica e nos Bailados Margarida de Abreu. [...] Obrigada Senhora D. Margarida de Abreu por tudo o que no nosso país tem feito pela Dança e pelo *Ballet*, pelo muito que uma e outro lhe devem, por sozinha e sem apoios com que hoje ambos contam, ter lançado as sementes daquilo a que já hoje talvez possamos chamar o *Ballet* Português (Ribas, 1989, n.p.).

Após se ter desvinculado das responsabilidades directivas no VG, Margarida de Abreu retoma o seu anterior projecto que, com contornos puramente amadores, se transforma no Bailado em Acção e levará a efeito espectáculos avulsos com as suas alunas e a participação de artistas profissionais convidados. Assim, com a falência do projecto VG, a professora e coreógrafa volta a dedicar-se ao ensino de "meninas de sociedade" no seu estúdio particular, e a investir em apresentações anuais destinadas a mostrar aos respectivos pais o talento de suas pupilas.

Fecha-se, assim, um ciclo que (praticamente) coincidiu com uma época político-económica associada com o regime "salazarista" ao qual Margarida de Abreu sempre foi dedicada. Recordando, mesmo, com saudade – após o 25 de Abril – os tempos do passado. Porém, é de notar que a própria professora afirmava que os Bailados de Margarida de Abreu nunca foram patrocinados pelo SNI, sendo que apenas uma única vez o CIC foi convidado para actuar nos jardins do Palácio de Queluz, durante o 1.º Festival de Música de Sintra, em 1957 – acompanhado pela Orquestra de Câmara da Emissora Nacional e em que se dançou a primeira versão do *Prólogo galante*. Segundo a própria, uma das razões que levaram a que nunca tivesse tido qualquer subsídio estatal – tal como nunca teve da FCG, que contactou logo após a sua fundação, na pessoa de Azeredo Perdigão – deveu-se ao facto de possuir ligações familiares com um político malquerido ao Estado Novo: a irmã mais

velha de seu pai, Alzira de Barros Mendes Abreu Costa, era esposa de Afonso Costa. Essa coincidência, todavia, não impediu que, durante mais de quatro décadas, a conhecida professora leccionasse isolada na única escola de dança oficial portuguesa: o Conservatório Nacional. O CIC resultou num projecto que poderia ter dado frutos mais sólidos deixando mais artistas no terreno, mas não se conseguiu impor como um grupo de raiz clássica cujo gabarito pudesse ter dado origem a uma verdadeira companhia nacional. Apesar disso, uma dos maiores nomes da cena mundial da época, o bailarino e coreógrafo britânico Robert Helpmann, de visita a Lisboa deixou as seguintes frases:

Rogo-lhe que diga a todos como admirei o espectáculo de ontem (28 de Outubro de 1947). Fiquei verdadeiramente encantado. Os vossos bailados são maravilhosos, tanto pela invenção coreográfica como pelo sentido musical, pela interpretação e pelas luzes. Gostaria de neles colaborar. (...) vaticino-vos e desejo-vos os maiores triunfos do mundo. (Helpmann, 1948, citado por Abreu, 1948, n.p.).

As várias tentativas nesse sentido (VG e CPB, entre outras) tiveram a mesma sorte, até ao aparecimento de um núcleo de artistas vindos de vários estúdios particulares, inclusivamente do de Margarida de Abreu, que conseguiram com o apoio de uma instituição particular, a FCG, dar corpo ao GEB – ao qual não terá sido alheio o trabalho daquela professora e coreógrafa.

Margarida de Abreu foi agraciada com a Ordem de Instrução Pública em 1979, Troféu da Casa da Imprensa (1979), Homenagem do Conservatório Nacional com a Medalha Almeida Garrett (1980), o Troféu do Jornal *Sete* (1988) e Prémio do Conselho Brasileiro da Dança, em 1990. A 4 de Março de 1989 comemorou 50 anos de actividade artística com um espectáculo realizado no TNSC e em que, entre outras obras, apresentou novas versões coreográficas de *Sinfonia Italiana* e *Concerto*. Após deixar o ensino oficial continuou a leccionar no seu estúdio, tendo ainda coreografado algumas peças tais como *Improviso* (1988), *Uma alma que se liberta* (1997) e *Viagem sem destino* (1989), todas sobre partituras de Mahler, e ainda *Movimento perpétuo* (2000) sobre o *Concerto brandeburguês n.º 4* de Bach, bem como organizado apresentações esporádicas com os seus alunos mais fiéis. Em 1994 remontou *Nuages* (mús. Debussy), para alunos da Escola Superior de Dança e seis anos depois, no ano 2000 (31 de Março), comemorou 60 anos de actividade, com mais um espectáculo no TNSC, com um programa constituído por vários bailados interpretados por várias companhias nacionais, ao que se juntou o Grupo Studium de Margarida de Abreu. Em Junho de 2004, com o mesmo grupo, apresentou, ainda, um pequeno recital com as suas alunas no Centro Cultural de Belém. No ano seguinte (2005), a CeDeCe remonta excertos da sua obra, *Quadros de uma exposição* e Margarida de Abreu participa num colóquio no Auditório Municipal Eunice Muñoz – com Fernando Lima, Maria José Salavisa e António Laginha – no qual falou sobre a sua vida e obra.

Faleceu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, no dia 29 de Setembro de 2006, deixando lugar marcado na história da dança portuguesa do século.

Na opinião de Elisa Worm, uma antiga aluna que foi bailarina do elenco do BG, e, mais tarde, professora e directora de companhia:

A Sr.ª D. Margarida tinha um especial talento para coreografar. Talvez as suas obras nem sempre tivessem um grande fulgor criativo mas ninguém como ela era capaz de pôr em cena uma formiga ao lado de uma girafa ou um mosquito junto de um elefante com tão grande sentido de harmonia visual¹.

Também a musicalidade foi sempre uma premissa importante do seu trabalho pedagógico e coreográfico, reconhecida por artistas como Manuela Varela Cid (1938) – elemento original do GEB – que lembra assim a sua mestra: *Na primeira vez que entrei no seu estúdio encontrava-se ao piano a tocar... A música sempre fez parte integrante da sua vida e do seu trabalho. Era curioso como a Sr.ª Dona Margarida, nas aulas, se desdobrava entre os exercícios de dança e as teclas do piano².*

Nas palavras certas de uma outra sua aluna, Isabel Arbués:

A D. Margarida, em termos de coreografia, do nada fazia uma coisa vistosa. Tudo no seu trabalho era muito digno e bem organizado, embora ela não passasse muito de um certo esquema-tipo. Fui sua aluna alguns anos e sempre achei que ela era uma boa arranjadora de danças mas, a determinada altura, quando percebi que precisava de outros desafios, a D. Margarida, sem qualquer problema, indicou-me a nova escola do S. Carlos da qual me informou que era iria ser (apenas) directora e não professora, para não haver dúvidas. Para ensinar estava lá a fantástica Anna Ivanova que, posteriormente, foi minha mestra e de algumas das melhores bailarinas que, futuramente, haveriam de integrar o elenco do BG.³

No artigo “Margarida de Abreu: seis décadas de memórias”, nós próprios, num elogio de circunstância, referimos que,

Ao longo de várias décadas foi passando os seus ensinamentos a muitos que viriam a concretizar o sonho da velha Mestra: uma companhia de dança portuguesa! (*Laginha*, 2000, n.p.).

Mas o seu melhor epitáfio terá sido o conjunto de palavras de uma das suas mais talentosas e conhecidas discípulas, Águeda Sena. Esta, reconhecida pela sua ajuda e forte presença artística, atribui-lhe o mérito de ter sido D. Margarida “uma das melhores professoras que teve”, e acrescentando:

1 Informação fornecida por Elisa Worm ao autor, Lisboa, 1976.

2 Informação fornecida por Manuela Varela Cid ao autor, Lisboa, 2013.

3 Informação fornecida por Isabel Arbués ao autor, Lisboa, 2013.

Ela sabia muitíssimo de música e esse conhecimento profundo veio da sua cultura e sensibilidade. Foi uma das alunas favoritas de Jacques Dalcroze. Pena foi que o tipo de dança que, então, se fazia na Europa central, não tivesse vingado no nosso país. A Margarida tinha um fascínio pela dança clássica mas, por razões físicas, não estava muito talhada para esse estilo. Diz-se que os dedos dos seus pés tinham uma proporção que não lhe permitia usar sapatilhas de pontas. Pena foi que acabasse por cair num pseudo-ballet que a afastou da sua natural vocação para a dança livre e, sempre, preñe de musicalidade. Era uma pessoa muito bem-educada e de enorme cultura que fazia todas as coisas com um misto de seriedade e bom gosto. Devemos-lhe imenso. Acima de tudo o gosto e o amor pela dança (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010).

2.3. Duas companhias efémeras saídas do Círculo de Iniciação Coreográfica e do “Verde-Gaio”.

Apesar de a História ter sido inclemente para as duplas Águeda Sena-Fernando Lima, e Luna Andermatt-Francisco de Assis Brás de Oliveira, mentores, respectivamente, dos Ballets de Lisboa e da Companhia Portuguesa de Bailado, ambos os projectos revelaram o seu espírito empreendedor, sendo os três primeiros, bailarinos portugueses bem conhecidos na sua época. A primeira companhia ensaiou uma fórmula mais audaciosa – a criação coreográfica e a gestão de um grupo independente – enquanto a segunda procurava viabilizar uma estrutura artística apoiada nos recursos e em alguma abertura para as artes por parte do autoritário governo de então. Ambos os casais tiveram que “seduzir”, cada um à sua maneira, respectivamente uma jovem fundação – a Gulbenkian, através da figura de Madalena Perdigão, com verbas destinadas a apoiar uma arte que oferecia perspectivas de sucesso – e os responsáveis por um instituto público (o de Alta Cultura) que já tutelava uma outra companhia, o VG, com quase duas décadas de existência e uns tantos problemas afectos à sua actividade.

Ainda que aparecidos em anos diferentes (em 1958 os BL, e em 1961 a CPB), os dois projectos viram a sua continuidade posta em causa, em primeira análise, pela exigência de certas cláusulas por parte dos financiadores. Lima afirmou *“ter sido a imposição de Madalena Perdigão de que os BL fossem sempre acompanhados por música ao vivo o que mais problemas trouxe”* (entrevista com Fernando Lima, Lisboa, 2004) – algo que também sucederia com a CPB *“que teve nos seus dois primeiros programas no TNSC a Orquestra Sinfónica (dirigida por Jaime Silva filho) ao seu serviço, o que fez o grupo colapsar financeiramente”* (entrevista com Francisco de Assis Brás de Oliveira, Lisboa, 2011). Na opinião de Águeda Sena os BL:

[...] até estariam mais motivados para outro tipo de acompanhamento, que não fosse uma grande orquestra, designadamente

uma dupla de pianos, o que tinha muito mais a ver com o tipo de repertório musical utilizado nas nossas coreografias, nomeadamente partituras de Igor Stravinsky e de outros compositores contemporâneos (entrevista com Águeda Sena, Lisboa, 2010).

É certo que não se podiam furtar a certas condições para puderem subsistir com algum apoio financeiro. A CPB, conforme afirmaram os seus mentores, teve como estrangulamento orçamental decisivo a despontante Guerra do Ultramar que lhe viria a roubar as verbas prometidas para uma carreira mais longa. É de imaginar que a guerra nas colónias, cuja data de deflagração é apontada como sendo o dia 4 de Fevereiro de 1961 – no qual sucedeu o ataque a uma cadeia e esquadra de polícia em Luanda (Angola) por parte de militares do MPLA – poderá ter influenciado, em termos de subsídio estatal, a continuação da companhia sediada no TNSC, mas tudo leva a crer que também terá havido algum défice de entusiasmo por parte de um público pouco dado a vibrar com fenómenos de dança e, muito menos, de origem portuguesa. É bem possível que, a juntar aos motivos mencionados, faltasse ao projecto uma superlativa e inquestionável qualidade em termos artísticos, bem como um afastamento de conotações governamentais, que evitasse que o público pudesse vir a associar a nova companhia ao controverso VG de linha governamental.

Se a CPB parece ter vislumbrado o seu futuro em jovens artistas portugueses apostando em bailarinos formados na chamada "Escola do S. Carlos" – igualmente dependente do IAC – já o grande mérito dos BL foi o ter procurado intérpretes na reduzida comunidade "independente" da dança de então, e ajudado a cimentar o nome de dois coreógrafos de mérito: Fernando Lima e Águeda Sena. Ambos contribuíram com todas as peças para o repertório do grupo onde pontuaram alguns artistas emergentes numa área particularmente carenciada: a dança dita contemporânea.

Como se referiu, razões de ordem vária fizeram com que as duas companhias viessem a ter uma existência efémera, sem possibilidades de construir um caminho e deixar um vincado cunho na História na dança portuguesa dos meados do século XX. Os BL durariam cerca de um ano (1958) e a CPB dançou apenas dois programas no TNSC, no ano de 1961. Quatro décadas depois de fundar o Ballet-Concerto, Lima, um homem com uma larga história no bailado e conhecido pelo seu empreendedorismo, ainda se espantava: *"foi um acto heróico. As pessoas não fazem ideia do tudo aquilo por que passámos. Não sei dizer como conseguimos sobreviver"* (entrevista com Fernando Lima, Lisboa, 2004).

2.3.1. Os Ballets de Lisboa.

Os BL são um caso de popularidade no panorama da dança da época e, segundo Fernando Lima, seu co-director artístico com Águeda Sena, a *"primeira companhia de dança portuguesa financiada pela FCG"* (entrevista com Fernando Lima, Lisboa, 2004). Fundados

na Primavera de 1958, foram precedidos por outros grupos da iniciativa de Lima (ou, mais precisamente, do casal Lima-Sena) designadamente o Ballet-Concerto, que deu o primeiro espectáculo a 30 de Novembro de 1955, sendo a primeira companhia independente em Portugal, e de Bailados e Cantares de Portugal – Bailados Portugueses de Fernando Lima, no ano seguinte. O Ballet-Concerto voltaria a participar em alguns espectáculos pontuais antes de, em 1958, ter sido rebaptizado com o nome de Ballets de Lisboa e estreiar-se no Teatro Monumental – na Primavera de 58 – com a dupla de directores também no cartaz como artistas principais. O novo grupo herdou algumas peças do Ballet-Concerto às quais se acrescentaram *Variações* (mús. Saint-Saëns) e *Carroussel do mundo* (o programa não refere o autor da música), ambas com coreografia de Águeda Sena. A qual contribui com apenas duas peças – em contraste com as 14 do seu parceiro – por, na época da estreia do grupo, se encontrar grávida do seu primeiro filho que nasceria a 4 de Outubro de 1958.

Poder-se-á afirmar que tanto Céu (Sena) como Fausto (Lima), juntamente com Anna Maria (mais tarde conhecida por Anna Mascolo), haviam sido os “alunos dilectos” de Margarida de Abreu, que a respeitada professora ajudou a tornar “estrelas” da dança lisboeta da época. Formados no seu estúdio, passaram a bailarinos principais do CIC e, pouco depois, viriam a brilhar por direito próprio. Ainda com o apoio da mestra apresentaram-se, em 1952, no Teatro Monumental (Lisboa) nos eventos intitulados *Recital* e *Tarde de ballet*, e, posteriormente, em *Noite de arte*, no Teatro Dona Maria Pia (Leiria), acompanhados por conhecidos pianistas e violoncelistas de então, para além de declamadores famosos, como foi o caso de João Villaret. Enquanto Anna Mascolo, italiana de nascimento, no futuro se viria a aproximar da “escola italiana”, Águeda Sena começou por se deslocar várias vezes a Paris para aí estudar mas acabou por orientar o seu trabalho para Inglaterra, vivendo em Londres e frequentando a escola do Ballet Real. Ao contrário de Fernando Lima (seu futuro marido) que preferiu permanecer em Paris, onde começou a aperfeiçoar-se em conjunto com as duas colegas tendo, depois, vindo a trabalhar profissionalmente em várias companhias francesas.

Entre os seus pares parece não haver grandes dúvidas, Águeda Sena era “*uma artista muito à frente do seu tempo*” (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011). Do “tempo português”, note-se, mas também de outros tempos, pois a sua metodologia de trabalho – que alguns consideravam muitíssimo criativa, embora um pouco desorganizada – incluía uma vertente completamente estranha para os artistas da época: a improvisação. Não foi por acaso que Maria do Céu, desde jovem, sempre quis ser actriz e, desde logo, parece ter tido uma visão muito particular da maneira como o movimento se poderia articular com a arte dramática.

A Céu, como era conhecida entre os colegas e que, depois, adoptou o nome artístico de Águeda Sena, era uma artista particularmente expressiva e loira (ao contrário da sua melhor colega bailarina da altura, Anna Mascolo) e uma mulher com um visual muito atraente. Mesmo quando

a sua técnica não era particularmente forte era uma bailarina que impressionava pela maneira harmoniosa e impulsiva com que sempre dançava (entrevista com Luna Andermatt, Lisboa, 2011).

Maria do Céu Águeda Camacho de Sena Faria de Vasconcelos nasceu em Lisboa, a 16 de Junho de 1927. Bailarina, atriz, professora, encenadora, coreógrafa e directora artística, era filha de mãe boliviana, Nazária Celsa Camacho Quiroga de Vasconcelos (conhecida como Celsa Camacho), e de António de Azevedo Sena Belo Faria de Vasconcelos, pedagogo, escritor, e professor catedrático de Português na Faculdade de Letras de Lisboa e na Universidade Jean-Jacques Rousseau de Genebra, entre outras. Bem como o fundador do Instituto de Orientação Profissional Maria Luísa Barbosa de Carvalho, em Lisboa. Águeda começou, aos quatro anos de idade, por aprender dança rítmica com Madame Schau, com quem estudou até aos oito anos, pisando o palco, pela primeira vez, num recital da sua professora no Teatro Nacional D. Maria II, em 1932. Por volta dos doze anos começou a estudar dança clássica com Margarida de Abreu, no Liceu D. Filipa de Lencastre, tendo, em 1942, ingressado (com quinze anos) no seu estúdio, no qual se manteve cerca de uma década. Participou, como intérprete – inicialmente com o nome de Maria do Céu Vasconcelos – em diversos espectáculos da escola e do CIC, designadamente nas “tardes literárias” (no Teatro S. Luiz, em 1947) e em espectáculos de ópera no TNSC e no Coliseu dos Recreios. Foi assistente da sua professora no estúdio particular desta, entre 1947 e 1948. Seguiu, em simultâneo, os cursos de Dança e de Teatro no Conservatório Nacional. Aí estudou dança, especialmente, com Margarida de Abreu, teatro com Alves da Cunha e Maria Matos e, em simultâneo, recebeu lições particulares de violino do professor Gonçalves Pereira. Terminou o curso do Conservatório em 1948 – com provas de Dança Clássica, Carácter, Plástica e Composição Individual – com média final de 17 valores após prestar exame no Teatro Nacional D. Maria II com um solo de sua autoria na prova de composição (*Prelúdio*, para a música de piano de Rachmaminov), tendo-lhe sido, seguidamente, concedida a Carteira Profissional de Atriz/Bailarina.

Águeda Sena desde logo se revelou um dos nomes mais promissores do CIC começando por integrar o corpo de baile e, de seguida, dançando alguns papéis a solo, designadamente em *Chopiniana*, *Arraial na ribeira*, *Polaca heróica* e, sobretudo, em *Tito e Berenice*. Para se aperfeiçoar fez repetidas viagens a Paris na qualidade de bolseira do IAC (entre 1948 e 1953), tendo estudado dança clássica com os célebres mestres Olga Preobrajenska, M.^{me} Rousanne e, sobretudo, com Lubov Egorova. Naquela cidade teve os primeiros contactos com a dança moderna ao estudar com Lenwood Morris, bailarino principal e professor da companhia da bailarina, antropóloga e coreógrafa norte-americana, Katherine Dunham, então em digressão pela Europa. Juntamente com a colega portuguesa Luísa Vitorino – também uma antiga aluna de Margarida de Abreu que em França para além de bailarina foi atriz e utilizava o nome artístico de Maria Luisa da Silva – trabalhou, durante alguns meses, com a citada companhia. Na capital francesa também frequentou o Curso de

Pedagogia da Sorbonne (entre 1948 e 1950) e um curso nocturno de História de Arte no Museu do Louvre, durante o ano de 1949, estabelecendo contactos com artistas famosos do teatro francês, designadamente Jean-Louis Barreault e Jean Villar. Dançou a “Valsa” e o “Prelúdio” de *As sílfides*, em 1950, no Teatro Alhambra (em Paris), num espectáculo dirigido por Jean Guélis, e em 1952 dançou o solo *Les Mains*, da sua autoria, como solista na companhia Galas de Danse, da *étoile* francesa Lycette Darsonval. Juntamente com Lima e Mascolo participou, no ano de 1952, nos supracitados espectáculos intitulados *Recital*, *Tarde de ballet* e *Noite de arte*, sob a direcção conjunta de Margarida de Abreu e Fernando Lima, em criações da professora e dos colegas.

Depois de várias estadas em França, Águeda toma contacto com a escola inglesa tendo frequentado, em 1953, um curso de verão para professores de *ballet* na escola do Saddler’s Wells Ballet, em Londres. Cidade onde também trabalhou com alguns professores particulares de elevada estatura pedagógica, mormente Cleo Nordi e Ana Northcote. De seguida ingressou naquele estabelecimento de ensino oficial onde frequentou as classes de nível profissionalizante. No início do ano de 1954, quando o seu trabalho estava a começar a dar frutos e a haver da parte dos seus mestres e da direcção da companhia algum interesse, adoeceu gravemente com tuberculose tendo permanecido internada quase ano e meio em hospitais londrinos (mormente o Royal Brompton Hospital)¹, só tendo regressado a Lisboa em Maio de 1955. Após um rápido período de convalescença junto do mar na linha do Estoril, Águeda Sena casa-se com Fernando Lima², e, em breve, recomeça a dançar a seu lado na “super-fantasia musical” de Vasco Morgado (1924-1978), *Melodias de Lisboa* (entre Agosto e Dezembro de 1955) e, posteriormente, no Ballet-Concerto – grupo patrocinado pelo IAC que se estreou a 29 de Novembro no Cinema Império, e em cujo reportório constavam, além de peças de Lima e da veterana Margarida de Abreu, também uma obra sua: *Em nossas torres de marfim* (mús. Stravinsky).

Com o grupo Bailados e Cantares de Portugal – Bailados Portugueses, Águeda Sena dança como primeira figura diversas obras, entre as quais *A severa* (cor. Lima; mús. Fernando de Carvalho, 1956), no Teatro Monumental, no Casino do Estoril, e de seguida numa digressão europeia que durou vários meses; no teatro de Annecy, na Alta Sabóia, em França, durante mais de uma semana, o grupo fez a primeira parte de uma série de espectáculos com a famosa Edith Piaf (Albert, 1959).

Mais uma vez com Fernando Lima, após o regresso do estrangeiro, participa na revista *Melodias de sempre* no Teatro Monumental, em 1956, e em duas peças de teatro,

1 De acordo com carta dirigida a Águeda Sena enquanto internada no sanatório (Brompton Hospital) de Arnold Haskell, director da Escola Sadler’s Wells, em Londres, por cuja interferência, "alegando talento e capacidades", anteriormente, ela obtivera duas bolsas, em Portugal, do IAC, respectivamente em 1953 e 1954. (Carta escrita por Arnold Haskell a Agathe Sena, a 14 de Dezembro de 1954).

2 A união durou de 16 de Julho de 1955 até Março de 1962, e dele nasceu o filho Gonçalo (1958).

protagonizadas por Laura Alves (1921-1986) e Artur Semedo. Pode-se afirmar que, entre 1955 e 1958, o casal Sena-Lima colaborou regularmente com Vasco Morgado – marido de Laura Alves e o mais famoso empresário da época – dançando e coreografando para o teatro ligeiro. Tendo Águeda, nessa época, ficado bastante popular, sobretudo, por interpretar o papel de Severa com uma certa regularidade. Um dos elencos desse número avulso contou, mesmo, com Águeda como Severa, Fernando como Marialva, e a conhecida atriz Laura Alves como Custódia, em travesti.

Ainda num período de implantação da Radio Televisão Portuguesa (RTP), que começara a emitir (esporadicamente) a 4 de Setembro de 1956, Águeda e Fernando participam na sua primeira emissão oficial, a 7 de Março de 1957. A mesma realizou-se no antigo parque de Santa Gertrudes, em Palhavã (onde posteriormente se viria a construir a sede da FCG), e onde se situava a Feira Popular de Lisboa, local onde a RTP produziu os seus primeiros trabalhos televisivos:

Começam hoje as emissões da Radiotelevisão Portuguesa, que ainda não terão carácter definitivo, visto tratar-se justamente de ensaio que se alongará por alguns meses, até que esteja pronta a instalação da cadeia de emissores que cobrirá 60% do território metropolitano. Só então se farão emissões de tipo definitivo (*O Século* de 7.3.1957, citado por Teves, 2007, As emissões regulares, p. 1)

Mesmo ao lado da Praça de Espanha – onde anos depois Águeda e Fernando viriam a coreografar para o BG – participam no bailado *Os enganados do amor*. Na peça, com música de Tchaikovsky, enredo de Tomaz Ribas, realização de Artur Ramos e coreografia apenas de Fernando Lima¹, o casal foi acompanhado no elenco por Wanda Ribeiro da Silva e (o futuro actor) João D'Ávila. Esta honrosa e histórica participação do quarteto de bailarinos na emblemática emissão inaugural da televisão é descrita com as seguintes palavras na obra *RTP 50 Anos de História*, livro comemorativo do aniversário da RTP, da autoria de Vasco Hogan Teves, com prefácio de António Barreto, que retrata o percurso da televisão oficial portuguesa;

Às 21h30m de 7 de Março de 1957, um som estridente de campainha acompanha a voz que grita “silêncio no estúdio”. O genérico da RTP acabava de entrar “no ar” e mantém-se, acompanhado da marcha de abertura – um indicativo musical que chegava para ficar. [...] E aí estava o primeiro programa com movimentação de estúdio – de câmaras, técnicos e intervenientes. Eram as *Canções a Granel* a iniciar uma série que faria carreira. Uma produção de Francisco Mata, realizada por Ruy Ferrão, apresentou-nos Maria de Lurdes Resende, Rui de Mascarenhas, o conjunto Domingos Vilaça e Raúl Solnado, cuja demora não enfastia nos ecrãs.

1 Neste caso o trabalho criativo não foi um projecto conjunto do casal, como habitualmente, tendo Lima ganho mais mil escudos do que a esposa pelo trabalho acrescido.

Também na TV podem ser prorrogados os contratos de Raúl Solnado... O público gosta dele. Às 22 h veio o *Noticiário*. Leram-no, Gomes Ferreira e Luís Arnaut Pombeiro [...] documentário filmado *A TAP por dentro* iria anteceder uma outra rubrica de estúdio. [...] Breve regresso da locutora para introduzir o último programa, o do terceiro cenário – um bailado por Águeda Sena, Fernando Lima, Wanda Ribeiro da Silva e João d'Ávila. Dançaram *Os enganados do amor*, sob música de Tchaikovsky, numa produção de Tomaz Ribas e realização de Artur Ramos. [...] Obtiveram-se notáveis resultados desta primeira experiência, considerada a falta de prática e de conhecimentos relativos à TV dos dirigentes e dos executantes [...] Para satisfazer o interesse do público e compensar a dedicação à arte dos executantes, que bem merecem toda a consideração pelos sacrifícios suportados até agora, os espectáculos de bailado na TV devem continuar. [...] Um breve serviço informativo, *Últimas Notícias*, precedeu o encerramento das primeiras duas horas de emissões regulares da RTP, com nova presença de Maria Helena que, pelo seu trabalho nessa noite, recebeu... 100 escudos (Teves, 2007, p. 3).

A título de curiosidade reproduz-se a folha de *cachets* desta primeira emissão, pagos a dinheiro, logo após as intervenções dos artistas na transmissão televisiva em directo: conjunto de Domingos Vilaça – 1500\$00; Rui de Mascarenhas e Maria de Lurdes Resende – 750\$00 para cada um; Raúl Solnado – 1000\$00; Francisco Mata – 600\$00; Luís Horta (por uma letra de canção) – 150\$00; Luís Arnaut Pombeiro e Gomes Ferreira – 150\$00 a cada; Fernando Lima – 3000\$00; Águeda Sena – 2000\$00; Wanda Ribeiro da Silva e João d'Ávila – 1000\$00 a cada; Tomaz Ribas – 1200\$00. O nome de Domingos Lança Moreira não aparece, pois, ao que consta, recebia ao mês (ref. Da folha de *cachets*).

A partir daí Sena e Lima começam a trabalhar em televisão com uma certa regularidade – mais ou menos de três em três semanas, segundo a coreógrafa – dançando diversos bailados coreografados por Fernando e mesmo uma *suite* de *As sílfides*. Ambos intervêm também no primeiro teleteatro apresentado pela RTP, *Monólogo do vaqueiro* do realizador Álvaro Benamor (transmitido a 11 de Março de 1957) no qual Rui de Carvalho foi o único personagem falante da peça. Em Setembro de 1957 dançam numa nova revista do Teatro Monumental, *Música, Mulheres e...*, na qual, como era costumeiro, assinaram também as coreografias.

No dia 28 de Setembro de 1957, Águeda apresenta à FCG um plano para a criação da Academia Calouste Gulbenkian, um projecto que não foi aceite pela instituição mas que teve uma certa continuidade noutros moldes, em 1960, com a participação de Águeda Sena no programa Pássaro Azul – movimento de iniciação às artes para crianças de condição humilde de alguns dos bairros de Lisboa. Nesta academia de artes infanto-juvenil, sob a orientação da poetisa Fernanda de Castro, directora dos parques infantis de Lisboa, Sena encarregou-se durante dois anos e meio do ensino da dança.

Tive uma escola extraordinária, subsidiada e aberta aos menos favorecidos, onde as crianças eram escolhidas entre as classes pobres. Os alunos eram muito dotados, física e intelectualmente. Acabou por falta de subsídio e eu que me dava de alma e coração a essa escola fiquei um pouco traumatizada. Foi uma perda incalculável [...]. Nessa escola aprendia-se música, teatro, dança clássica (*ballet*) dança rítmica, desenho e modelação a par de aulas normais. Quer dizer, o ensino visava a parte intelectual e a artística (Sena, 1968, citada por Azevedo, 1968, p. 12).

Ao formar-se o Grupo Experimental de Ballet, a coreógrafa participou no seu primeiro espectáculo – a 11 de Maio de 1961, no Porto – e nos seguintes, com a peça *Pastoral* (mús. Stravinsky; cen. E fig. Inês Guerreiro), dançada treze vezes em cidades como Porto, Aveiro, Lisboa, Guimarães e Viseu. Em Dezembro desse ano o seu nome aparece como bailarina principal no VG, integrando o elenco da temporada de 1961-62, sob a direcção de Margarida de Abreu e Fernando Lima, na qual, uma vez mais, dançou o papel de Severa no bailado homónimo (um *remake* de *O Fado* de Lima, agora com música do compositor Jaime da Silva, filho). Em Agosto de 1962, transfere-se para o GEB, sob a direcção de Norman Dixon, que havia de se tornar seu amigo para a vida. No início do ano seguinte recebeu o Prémio da Casa da Imprensa de melhor coreógrafa, ao lado de Isabel Santa Rosa e Armando Jorge, como os melhores bailarinos portugueses. A 4 de Abril de 1963, como refere Carlos Trincheiras¹, Águeda Sena:

[...] inicia na televisão portuguesa uma forma inédita de dança com a rubrica “Poesia e Movimento” em que se deu relevância, por exemplo, aos poemas de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos, conjugando dança, música e declamação em quadros de admirável e inesquecível beleza e de grande inventiva. Esta foi a nossa primeira forma de dança-teatro. (entrevista com Carlos Trincheiras, Lisboa, 1989).

A mãe de Águeda, Celsa Camacho, em correspondência trocada com familiares, refere que nesses programas – que tiveram origem numa ideia conjunta de três amigos, a filha, a pintora Inês Guerreiro e o poeta Manuel G. Crespo – se coreografaram obras de dezanove poetas portugueses, uns já falecidos e outros seus contemporâneos, tais como Fernando Pessoa, Cesário Verde, Herberto Helder, Mário Beirão, Mário de Sá-Carneiro, Bernardim Ribeiro, Camilo Pessanha, Sebastião da Gama, Augusto Santa Rita e Carlos Queiroz, entre outros. Curiosamente acrescenta: “só no início de 1964 aparece na Alemanha o mesmo género de dança, sem qualquer intercâmbio de impressões. O que significa que, espontaneamente surgiu quase ao mesmo tempo em vários centros culturais, sendo Águeda Sena quem se antecipou” (Camacho, 1972, p. 68).

1 O coreógrafo e bailarino Carlos Trincheiras frequentou a Folkwang Hochschule de Essen-Werden (Alemanha), onde teve contacto com a escola alemã estudando dança moderna e pedagogia da dança clássica com Hans Zülig e Vera Volkova.

Na verdade, a dança-teatro de Águeda Sena terá surgido anteriormente à de Pina Bausch, que regressa à Alemanha em 1962, vinda dos Estados Unidos para dançar no Folkwang Ballet, mas apenas se estreia como coreógrafa em 1968 (Bentivoglio, 1994). Os citados programas televisivos (*Poesia e Movimento*) estendem-se, com a abordagem também de alguns dos poetas portugueses perseguidos pela Censura, até Julho de 1967. Não tão comprometida socialmente nas suas danças como Pina Bausch, mas muito interventiva politicamente já que, na época, a poesia para a qual criou movimento era, na maioria dos casos, mal aceite pelos poderes vigentes, Águeda toma uma posição política forte e até perigosa. Testemunha, mesmo, que numa ocasião foi a iniciativa do próprio General Humberto Delgado (amigo dos seus pais) que viabilizou a estreia pública de um dos seus trabalhos que havia sido interdito pela Censura. A coreógrafa, na mesma altura, referiu que também foi proibida de fazer um trabalho sobre o poeta cabo-verdiano Jorge Vera Cruz Barbosa (1902-1971) e que muitas das coisas que então criava “eram esquisitas demais para o público português” e houve, mesmo, quem lhe tivesse dito, “com essas danças ninguém te pega”¹.

Numa altura em que os poucos coreógrafos portugueses se empenhavam, sobretudo, em trabalhar temas históricos portugueses, Águeda Sena foi a única a entrar por caminhos controversos abordando, mesmo, alguns temas fracturantes, como foi o caso de *O crime da aldeia velha* – obra marcante estreada a 24 de Maio de 1963 pelo GEB no âmbito do VII Festival Gulbenkian de Música – com música de Dmitri Shostakovitch, o compositor favorito da coreógrafa, e cenografia e figurinos de Inês Guerreiro. Começou por ser exibida no Paço dos Duques em Guimarães e teve apresentações posteriores em Coimbra (no Jardim Botânico e no Teatro Avenida), em Leiria, no Porto (no Jardim do Museu Soares dos Reis), e ainda nas Caldas da Rainha e Aveiro. O então director da companhia, Norman Dixon, afirmou que “*em geral, o seu trabalho de coreógrafa era particularmente interessante [...] e a sua peça [O crime...] sobre uma aldeia em chamas era especialmente dramática e cheia de momentos visualmente poderosos*” (entrevista com Norman Dixon, Zagreb, 2013). A própria Águeda, meses mais tarde, haveria de se integrar no elenco do GEB para dançar o papel de Joana em substituição de Elisa Worm.

No final de 1963, a artista participa no projecto Teatro de Câmara António Ferro, fundado pela sua viúva Fernanda de Castro, que se apresentou no Teatro Tivoli (a 30 de Janeiro de 1964) com o espectáculo *3 Modos de Poesia*, como bailarina e coreógrafa, ao lado de alguns nomes importantes do teatro e da poesia nacional (Ary dos Santos, Maria do Céu Guerra, Norberto Barroca e João Paulo Guerra) que recitaram mais de dezena e meia de poetas. O grupo apresenta-se também na Estufa Fria, em Lisboa, a 20 e 21 de Junho do mesmo ano.

1 Entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010.

Seguidamente Águeda embarca noutro projecto, ao lado de Norman Dixon, antigo mestre-de-bailado e coreógrafo do GEB, baptizando-o de Ballet-Teatro; nele aparece como directora associada e bailarina de um grupo constituído por alguns dissidentes do GEB numa “soirée” intitulada “Homenagem a William Shakespeare”, a 2 de Junho de 1964, no Cinema Império (Lisboa), sendo que a sua peça *Macbeth* recebe excelentes críticas (Ribas, 1964; Azevedo, 1964), como documenta Celsa Camacho na sua correspondência referindo a finalizar que “assim se fecha o *curriculum* de Águeda Sena como bailarina” (Camacho, 1972, p. 66).

Nas reminiscências da bailarina e professora Manuela Valadas, nessa época, curiosamente, aos bailarinos associados a Águeda não lhes faltava trabalho já que a RTP exibia na sua grelha pelo menos três programas regulares dedicados à dança. Para além do já citado Poesia e Movimento – oferecido aos poetas pelos bailarinos – também se emitia uma rubrica intitulada Bailado (em que se exibiram obras de fundo, designadamente, “Macbeth” e “A Rainha de Kashmir”), para além de uma série infantil semanal, em que se deu corpo a várias fábulas de La Fontaine. Como é fácil concluir, nunca a televisão fez tanto pela dança em Portugal e, provavelmente, a arte de Terpsícore também terá ajudado a “caixa que revolucionou o Mundo” a fazer sonhar os telespectadores com a magia do bailado dançado em português.

Cada vez mais absorvida com a coreografia e o ensino da dança, Águeda foi, progressivamente, deixando de se apresentar em palco como bailarina, iniciando, em paralelo, uma carreira de actriz, que adiará ao deixar o Conservatório, então ciente da urgência da sua carreira como intérprete e criadora. Posteriormente, substituindo Dixon na direcção do Ballet-Teatro, Águeda chama a si a autoria de todo o reportório do grupo que se apresenta – com Inês Guerreiro como directora associada – no Pavilhão da Feira das Indústrias, integrado no Congresso Internacional do Penteado Feminino, a 25 de Janeiro de 1965. A 12 de Agosto, os artistas rumaram ao Castelo de Silves (no âmbito do II Festival do Algarve, dirigido por Fernanda de Castro) e a 18 de Setembro a Faro, antes de se apresentar, a 22 de Dezembro, no Teatro Tivoli, cerca de um ano e meio após a sua estreia.

Em Outubro do ano seguinte Águeda regista mais um enorme sucesso ao coreografar a luxuosa revista à portuguesa “Esta Lisboa que eu amo”, estreada no Teatro Monumental (Lisboa). A bailarina Manuela Valadas referiu que “a Censura tinha abortado uma obra que Águeda já tinha bastante adiantada com música de Fernando Lopes-Graça e produção de Vasco Morgado. Para colmatar tal situação perante a pressão da coreógrafa – e de alguns artistas – o empresário aceitou a substituir essa peça ‘musical’ por outra, e assim nasceu uma obra que resultou numa revista que não era para ser revista mas que acabou a fazer grande sucesso”¹. O crítico Goulart Nogueira escreveu mesmo: “A principal vedeta deste espectáculo, aquilo que constitui uma revelação e inovação feita por

1 Segundo informações prestadas por Manuela Valadas ao autor, Lisboa, 2013.

portugueses em espectáculos deste género, é a coreografia de Águeda Sena” (Nogueira, 1966, n.p.).

No mês seguinte a artista inicia uma longa e frutuosa colaboração com o encenador Carlos Avilez, no Teatro Experimental de Cascais (TEC), coreografando *A maluquinha de Arroios* (de André Brun). Até fins da década de oitenta envolve-se, com crescente intensidade, no teatro, na parte da movimentação de algumas encenações em que, pontualmente, também actua como actriz. Foi marcante a sua interpretação do papel da prostituta Neusa Suely na peça do brasileiro Plínio Marcos, *Navalha na carne* (1967), estreada no cinema Quarteto, em Lisboa, em Outubro de 1977. Antes, porém, no último dia do ano de 1966, o *ballet* de Águeda Sena apresenta a peça para “crianças de todas as idades”: *Parque infantil*, em associação com Francisco Nicholson e Armado Cortês, no “moderno e confortável” Teatro Villaret (Parque Infantil, 1966).

Regressa ao antigo GEB – já sob a alçada da Gulbenkian e rebaptizado com o nome de Grupo Gulbenkian de Bailado, sob direcção de Walter Gore – a fim de remontar *O crime da aldeia velha* para dois espectáculos no Teatro Tivoli, a 28 e 30 de Janeiro de 1967, com excelentes críticas e, sobretudo, o aplauso do autor da obra literária, Bernardo Santareno. Logo depois, a 5 de Fevereiro de 1968, o GGB estreia mais uma obra sua, *Judas* (mús. Frei Miguel Cardoso e música concreta), no Teatro Politeama, com o promissor Jorge Trincheiras como protagonista e, a 7 de Março, no programa seguinte, *Instantâneo* (mús. Luís Filipe Pires). Pelo meio coreografa *D. Quixote* para uma peça do TEC, encenada por Carlos Avilez – que se apresentou em Madrid, a 17 e 18 de Abril de 1967 – tendo colaborado, posteriormente, nas premiadas *As bodas de sangue* (com texto de García Lorca), estreada a 13 de Setembro de 1968, em *O comissário de polícia* (também em 1968) e em *Antepassados, vendem-se* (1970). A 17 de Março de 1968, depois de um espectáculo do GGB no Politeama, em que se estreou *O lodo* de Carlos Trincheiras, Águeda Sena recebeu o seu segundo e importante Prémio da Casa da Imprensa, para a melhor coreógrafa, juntamente com Fernando Lima do VG, e Carlos Trincheiras do GGB – este último como “revelação” na coreografia. No ano seguinte coreografa *Tempos modernos* (mús. Marius Constant), que se estreou a 10 de Janeiro de 1969 no Politeama, e *Concerto* (mús. Chopin), cuja primeira exibição se deu a 14 de Fevereiro já no Grande Auditório da FCG, ambos para o reportório do GGB.

No ano em que o Japão organizou a grande Exposição mundial Expo’70, em Osaka, Águeda Sena considera ter tido “o maior triunfo da sua carreira” com *Namban Matsuri* (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010), um espectáculo multidisciplinar interpretado por duas companhias de dança, vários actores e um grupo musical.

Foi a coisa mais sensacional que fiz na minha vida, curiosamente, foi deliberadamente escondida da imprensa da época pois o governo gastou muito dinheiro para se mostrar além-fronteiras mas estava muito pouco interessado em produzir cultura no país e, muito menos, mostrar um trabalho

que promovia a paz e a amizade entre os povos (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010).

Com coreografia de Sena (e produção e encenação de Carlos Avilez), a obra teve Expedito Saraiva na assistência coreográfica e ensaios e de Luís Filipe Pires na composição musical, para além de vários artistas plásticos de renome, dos quais se destacam Júlio Resende, Francisco Relógio, José Rodrigues e Amândio Silva (no trabalho dos adereços). A sua estreia absoluta aconteceu a 24 de Agosto, numa co-produção luso-nipónica com mais de 200 intérpretes portugueses nos quais se incluíam artistas do GGB, do VG, do TEC, do Coro da Universidade de Coimbra, bem como de grupos japoneses.¹ Apesar do sucesso e da espectacularidade da proposta, a coreógrafa não tirou grandes dividendos nem da sua originalidade nem do seu êxito. Nas suas próprias palavras: “*Ainda se pensou em ‘reproduzir’ a obra em Portugal, no Estádio Nacional, mas o interesse das entidades oficiais foi praticamente nulo abortando qualquer tentativa nesse sentido*” (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010). O matutino *Diário Popular*, num artigo não assinado de 16 de Agosto, antecipa o destino da obra (já com destino anunciado) com as seguintes palavras: “500 figurantes lusos e nipónicos estarão em cena no momento culminante do espectáculo principal (*Namban Matsuri*) que não será exibido no nosso país por falta de recinto apropriado” (Portugal estará presente na grande feira de Osaka com um grande espectáculo de teatro, bailado e folclore, 1970, p. 21). Contudo, o sucesso da peça e o entusiasmo pessoal terão levado a coreógrafa, de volta a Lisboa, a levar a cabo algumas tentativas para montar uma versão de *Namban* (ainda que reduzida) em Lisboa, tendo ficado com a ideia de que o poder político e artístico da época não “*viram com bons olhos um projecto com aquela pujança*” até porque, mesmo antes de ele ter acontecido já se fazia constar que não havia em Portugal um espaço adequado, o que era um perfeito disparate (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010).

Depois da experiência japonesa, Sena passa a colaborar regularmente com o TEC e Carlos Avilez na encenação. Aparece, no final de 1970, como actriz e coreógrafa da obra *Breve sumário da história de Deus*, de Gil Vicente (que foi antecédida da peça *Sotoba Komachi*, de Yukio Mishima, trazida do Japão), encenada por Avilez para o TEC. Em 1971 colabora, uma vez mais, com esta companhia na montagem de *Ivone, Princesa da Borgonha*, que recebeu o Prémio da Imprensa, nesse ano, para a melhor peça. No final do ano (a 2 de Dezembro) encena um espectáculo duplo com *Acto sem palavras* (de Samuel Beckett) e *Sinfonia dos salmos* (mús. Stravinsky), novamente para o TEC. Posteriormente, voltaria a colaborar com Carlos Avilez em *Fuenteovejuna* (1973), *Cerimonial para um combate* (1975), *A ópera dos três vinténs* (1976), *O que é que aconteceu na terra dos Procópios* (1980), *Onde Vaz, Luís?* (1981), *Portugal, anos 40* (1982), *Jedermann* (Todo-o-

1 Para informações mais detalhadas ver Anexo E.

Mundo), *auto da moralidade da morte do homem rico* (1983), *Galileu Galilei* (1986) e *A dama das camélias* (1995).

Em 1971 foi convidada para montar, na Noruega, um espectáculo composto por peças curtas do dramaturgo, poeta e músico francês (por vezes associado com o “teatro do absurdo”) Jean Tardieu (1903-1995). Na qualidade de bolseira da FCG partiu para Copenhaga – no início de 72 – para encenar no Durhan-Banden Group, companhia com a qual ganhou um prémio para peças infantis. Segundo o *Diário de Notícias*, Águeda seguiu para a Dinamarca por no ano anterior “ter sido, no Conservatório de Lisboa, um dos professores-assistentes dos mestres estrangeiros que regeram várias cadeiras do curso de teatro” (Águeda Sena dirige em Copenhaga 15 actores da Comedievognen, 1972, n.p.). A professora tem “dirigido o treino de um grupo de quinze actores, havendo ainda dois grupos, cada um deles também com quinze elementos, dirigidos por Jens Schmidt e Danny Anderson. Estes quarenta e cinco actores constituem a Companhia Comedievognen” (Águeda Sena dirige em Copenhaga 15 actores da Comedievognen, 1972, n.p.).

Em Novembro de 1972 o SM da FCG voltou a contratar a coreógrafa mais uma vez para o GGB para criar *Amargo*, sobre música tradicional indo-portuguesa. Em 1975 Águeda volta ao grupo para conceber *Adsum* (mús. Vivaldi) e, em 1977, *A valsa mais triste* (mús. Mahler), a sua derradeira obra para a Gulbenkian.

Em 1979 recebe a carteira profissional de Pedagoga de Teatro e Dança Internacional, tendo, então, sido convidada para exercer funções docentes em conservatórios de Teatro e de Dança em Berlim, Leipzig e Dresden. Nesse mesmo ano lecciona um seminário de Dinâmica Educativa (para professores) no Instituto Cultural de Macau e dirige um espectáculo luso-chinês sobre textos de Gil Vicente. Em 1981 elabora para o GETAP¹ o decreto que regulamentava o ensino da expressão dramática desde o básico ao secundário.

A convite de Carlos Trincheiras, Águeda Sena voltou a apresentar-se com a companhia da Gulbenkian em 1982, pela última vez como intérprete, na obra daquele coreógrafo, *Da vida e da morte de uma mulher só*.

Entre 1989 e 1994 ocupou lugar de professora na Escola Superior de Teatro e Cinema e, entre Setembro de 1998 e Janeiro de 2000 leccionou também na Escola Profissional do TEC. A partir do ano 2000 empenhou-se na edição e encenação de obras de seu pai, Faria de Vasconcelos. No cinema participou em dois filmes, respectivamente *Tráfico* (1998) de João Botelho, e *Mal* (1999) do mesmo cineasta em parceria com Alberto Seixas Santos.

Durante a sua carreira recebeu diversos prémios, designadamente os já mencionados da Casa da Imprensa (1963 e 1968) e o de Melhor Espectáculo na Expo ‘70 em Osaka, mas também diversas medalhas de mérito: Grau Ouro, do Concelho de Oeiras (7

¹ Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional do Ministério da Educação.

de Junho de 1990), Comendador da Ordem do Infante Dom Henrique (10 de Junho de 1994), Medalha de Honra da Sociedade Portuguesa de Autores (Maio de 2005) e o título de Cidadão Honorário de Cascais (7 de Junho de 1996). Em Maio de 2005, juntamente com Fernando Lima e artistas de outras áreas, foi homenageada pela SPA. Três anos depois, o Centro de Dança de Oeiras e a *Revista da Dança* homenagearam-na no Auditório Municipal Eunice Muñoz, no Dia Mundial da Dança, 29 de Abril (2008).

Aquele que ficou conhecido por Fernando Lima tinha no bilhete de identidade quatro nomes: Fausto Fernando Baptista Lima. Nasceu em Lisboa a 14 de Maio de 1928 e morreu em Carnaxide a 17 de Agosto de 2005. Bailarino, coreógrafo, pedagogo e director artístico, embora entre amigos fosse conhecido por Fausto, mudou o nome artístico para Fernando e foi o primeiro português a dançar no estrangeiro num universo de dança estritamente clássica. Pode-se afirmar que, em Portugal, é o intérprete maior durante os anos 50 e é, em grande parte, responsável pelos primeiros elencos de bailarinos portugueses profissionais. Na opinião de Bernardette Pessanha:

[...] Eles formavam um par muito especial, enquanto ele era um indivíduo muito empreendedor, Águeda era um cérebro mais criativo. No início era ele que andava para a frente com os projectos que, na altura, acabavam sempre por despertar alguma atenção e entusiasmo na pequeníssima comunidade da dança lisboeta (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

Fausto já cursava a Faculdade de Ciências de Lisboa (estudos preparatórios de engenharia) quando, em 1947, se começou a interessar pela dança. Estava familiarizado com a prática desportiva, pois era campeão de patinagem artística antes de se tornar aluno de Margarida de Abreu, com quem começou a estudar, naquele ano, no CIC. Posteriormente participou na criação do bailado *Quadros de uma exposição* e, de seguida, em espectáculos em Leiria e em Lisboa, no TNSC. No ano seguinte já dançava papéis de destaque em obras da sua mestra, tais como *Nova chopiniana* e *Pássaro de fogo*, e os papéis principais de *Concerto de Schumann*, *Polaca heróica* e *Metamorfose de Eva*. Nesse mesmo ano faz, juntamente com Anna Maria (Mascolo), o primeiro dos vários estágios de Verão que haveria de realizar em Paris, como bolseiro do IAC. Nessa cidade trabalha com Olga Preobrajenska e outros mestres de renome internacional tais como Lubov Egorova, Serge Peretti, Nora Kiss, Boris Kniazev e M.^{me} Rousanne, e fez, a nível particular, algumas aulas com a Companhia do Marquês de Cuevas.

Posteriormente estudou em Londres, na companhia do Sadler's Wells (futuro Royal Ballet), com destacados professores, designadamente Harold Turner e Michael Wood. Nas suas próprias palavras: *“foram estes estágios que possibilitaram não apenas a compreensão fundamental da arte da dança, mas também uma verdadeira consciência do métier que, simplesmente, não existia em Portugal”* (entrevista com Fernando Lima, Lisboa, 2004). Com *Varição clássica*, montada em Paris por Preobrajenska, e dançada com Mascolo e Lima

começa a dedicar-se ao repertório clássico tendo posteriormente dançado o *pas-de-deux* no *Pássaro azul* e o dueto do 2.º acto de *O lago dos cisnes*. Terá sido, assim, o primeiro bailarino português a dançar papéis do repertório clássico tradicional, num contexto profissionalizante, em alguns dos nossos melhores teatros.

Com o CIC participa na estreia da peça *Mefisto-valsas* (cujo título é o mesmo de uma peça pouco conhecida estreada pelos BR de Diaghilev) no Coliseu dos Recreios (1949) e nas óperas *Orfeu* e *Adriana Lecouvreur*, na temporada do TNSC em 1950. Dois anos depois participa numa série de recitais com Águeda Sena e Anna Mascolo, tutelados por Margarida de Abreu – *Recital* e *Tarde de ballet* – nos quais estreia as suas primeiras coreografias no Teatro Monumental, em Lisboa: *Macbeth* (mús. Tchaikovsky), *Prelúdio à sexta de um fauno* (mús. Debussy) e *Epílogo* (mús. Addinsell). Posteriormente estabelece-se em Paris abandonando definitivamente os estudos de engenharia para se dedicar totalmente à dança. Em França dançou em companhias dirigidas, respectivamente, por Jean-Jacques Etchevery (em 1952), Jean Guélis (em 1953), e Janine Charrat (em 1953) e, finalmente, na Ópera de Estrasburgo. Ainda em 1953 deslocou-se a Lisboa, como convidado do CIC, para dançar com a bailarina francesa Sabine Leblanc num dos seus espectáculos, estreado, também, a peça *Piquenique*. Com a companhia de Jean Guélis fez uma digressão ao Brasil, em 1954, tendo dançado nas comemorações do IV Centenário da fundação da Cidade de São Paulo, e nesse país estudou e dançou sob a orientação das mestras Nina Verchinina (1910-1995) e Tatiana Leskova (1922), no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no Golden Room do Hotel Copacabana Palace, e também para a televisão e no cinema. De regresso à Europa, em 1955, dançou na Ópera de Lyon (as “Danças Guerreiras” da ópera *O Príncipe Igor*) e voltou a estudar brevemente em Londres, na escola do Sadler’s Wells, como bolseiro do IAC.

De regresso a Portugal, em 1955, fundou o Ballet-Concerto com o apoio da empresa do Cinema Império, o patrocínio do IAC e a colaboração do CIC de Margarida de Abreu. Com esse grupo apresentou várias peças da sua autoria, designadamente “um solo de foi autor e intérprete e era sensacional”¹: *Prelúdio à sexta de um fauno* (mús. Debussy) em 1952, para além de *Piquenique* (mús. Darius Milhaud), em 1953; *Delphiada* (mús. Debussy), em 1955 e *Galaaz* (mús. Rachmaninov), também em 1955. “Embora tenha sido considerada por muitos a maior realização do ano” (entrevista com Fernando Lima, Lisboa, 2004) o insucesso financeiro da companhia levou o casal Fernando e Águeda, então regressada de Londres, a participar na “super-fantasia musical” de Vasco Morgado, *Melodias de Lisboa*, ao lado de Laura Alves e João Villarett.

Posteriormente, Lima organizaria mais espectáculos na capital – com um novo grupo de bailarinos que se estreou no Cinema Império – com as obras anteriores e novas peças de sua autoria, todas datadas de 1955, designadamente: *Sonata* (mús. Mozart), *As más línguas* (mús. Jean Françaix), *Dança profana* (mús. Debussy) e *Polka do circo* (mús.

1 Segundo informações prestadas por Manuela Valadas ao autor, Lisboa, 2013.

Stravinsky). Voltando a entrar em colapso financeiro, Lima realizou vários espectáculos em cidades portuguesas com o Ballet-Concerto antes de se associar a Eduardo Osório, o qual financiaria a contratação de bailarinos, cantores e músicos para formar, em 1956, um novo grupo: Bailados e Cantares de Portugal – Bailados Portugueses de Fernando Lima. Com direcção artística e coreografias apenas de Lima (Águeda Sena tendo objectivos menos comerciais para a sua carreira manteve-se afastada da linha folclórica pela qual o marido enveredava em caso de necessidade), os Bailados Portugueses de Fernando Lima estrearam-se no Teatro Monumental em Lisboa, apresentando-se, seguidamente, no Coliseu dos Recreios. No ano seguinte a actividade do coreógrafo desenvolveu-se maioritariamente junto da novíssima RTP, coreografando e dançando com Águeda Sena em vários programas, como atrás se mencionou. Para além de *Enganos do amor* coreografou também *As quatro estações* e *Os meninos e as nações*, entre muitas outras peças. Ainda com Águeda Sena participa na revista do Teatro Monumental *Música, mulheres e...* tendo por estrelas Laura Alves, Maria Domingas, Raúl Solnado e Camilo de Oliveira, dançando e assinando as partes coreografadas e dirigindo “um corpo de baile composto por dezoito elementos ingleses” (*Programa do Teatro Monumental*, 1957, n.p.).

O Ballet-Concerto voltaria a aparecer em 1958, com o nome de Ballets de Lisboa (o primeiro agrupamento de dança a ser subsidiado pela FCG, como já referido) e que se estreou no Teatro Monumental, acompanhado por orquestra. O reportório do novo grupo de bailarinos herdou algumas peças do Ballet-Concerto às quais se acrescentaram *Jogos sinfónicos* (mús. Prokofiev), *Claire de lune* (mús. Debussy), *Dança para a Primavera* (mús. Vivaldi), *Bonecas e malandrins* (mús. Stan Kenton), *A severa* (mús. Fernando de Carvalho), *Nazaré* (mús. Fernando de Carvalho), *O capote* (mús. Prokofiev), *Auto da Índia* (mús. não indicada), e *O 111* (mús. Béla Bartók). Mais uma vez devido a problemas monetários o coreógrafo retoma, em 1959, os Bailados Portugueses de Fernando Lima. Este pequeno grupo, virado para a vertente folclórica e que durou mais de dois anos, exibiu-se durante uma temporada no Casino Estoril e em vários países da Europa: França, Suíça, Bélgica, Jugoslávia, Alemanha, Holanda, Dinamarca e Suécia e, ainda, no Egipto. Do *Jornal do Egipto* de 21 de Agosto de 1960, recebe uma elogiosa referência ao ser apelidado de “um *ballet* de enorme classe e de celebridade internacional” (Un ballet de grande classe et de célébrité internationale, 1960, n.p.).

No início de 1961, em parceria com Margarida de Abreu, começou a dirigir o Verde-Gaio e fez a coreografia de uma comédia musical de muito sucesso no estrangeiro, “A Tia de Charlie”, que foi estreada no Teatro Monumental, com encenação de António Cabo e Raul Solnado como protagonista. Para aquele grupo criou *O Condestável – a espada e a cruz* (mús. Luís de Freitas Branco) e *Passatempo* (mús. Ruy Coelho), bem como uma nova versão de *A severa*, com um novo título, *Fado*, com música de Jaime Silva, filho. Em 1963, para uma breve temporada do VG no Teatro da Trindade (Lisboa) criou, com

Margarida de Abreu, *O Douro correu para o mar* (mús. Cláudio Carneiro) e *O homem do cravo* (mús. Armando José Fernandes). Além de, nessa época, ter continuado a coreografar vários programas para a RTP, Lima concebeu também, para o VG, *Fandango* (mús. Luís de Freitas Branco) e *Tema alentejano* (mús. Joly Braga Santos), ambos em 1964, e *A ilha dos amores* (mús. Debussy) e *Engrenagem* (mús. não indicada) – pelo qual ganhou o prémio Casa da Imprensa – já em 1968. Criou *A banda* (mús. Tavares Belo), em 1970, e *Imagens da guitarra portuguesa* (mús. Carlos Paredes) em 1971. Neste mesmo ano é convidado a coreografar *Metamorfoses* (mús. Hindemith), para o GGB, e em 1973 estreou *Fragas e D. Garcia* (ambos com partituras de Joly Braga Santos). Para os derradeiros espectáculos do VG produziu *Canções Heróicas* (para músicas homónimas de Fernando Lopes-Graça) em Outubro de 1975, antes de o grupo se extinguir oficialmente.

A partir de 1968 Fernando Lima recomeça a trabalhar com regularidade em programas de televisão (*Minuto zero*, *Teleritmo* e o premiado *Sabadabadu*), e coreografa algumas peças de teatro, designadamente no teatro de revista, como *Tudo a nú*. Em 1974, e ainda fazendo parte do VG – no qual as suas funções se resumiam praticamente ao ensino – foi membro fundador do Teatro Ádoque (1974-1982), para o qual coreografou as danças de diversas revistas. Após se desvincular do VG, em Dezembro de 1983, continuou a coreografar para televisão e a ensinar dança clássica no Centro Cultural de Benfica, fundado em 1982 por Magda Cardoso (n.1941), bailarina e professora de bailado clássico, Francisco Nicholson (n.1938), actor, autor e encenador teatral, Lourdes Norberto (n.1935), actriz, e o próprio Lima. Em 1994, remontou para a CeDeCe a peça *Jogos sinfónicos* (mús. Liza).¹

Em 2005, no âmbito do Dia Mundial da Dança, participou no encontro *Memórias da Dança I*, com Margarida de Abreu, Maria José Salavisa e António Laginha, realizado em Oeiras e no qual se abordaram várias matérias relacionadas com a vida e obra de artistas pioneiros da dança portuguesa., bem como do cenógrafo-figurinista, Abílio de Mattos e Silva (1925-2006) numa organização do Centro de Artes e Espectáculos de Alcobaça e Óbidos.

2.3.2. A Companhia Portuguesa de Bailado.

Na noite de 24 de Maio do ano de 1961 estreou-se, no TNSC, a CPB, após cerca de oito meses de trabalho, e treze dias depois do *début* do GEB no Porto. Escreveu-se que a companhia afecta ao regime¹, ao contrário da sua suposta "rival" que tinha ligações com a esquerda maçónica, se apresentou "com êxito excepcional e sala cheia [...] com a presença de Sua Excelência o Presidente da República" (Santos, 1961, p. 7) que assistiu a parte do

¹ Espectáculos com o alto patrocínio do Instituto de Alta Cultura, Teatro Nacional de S. Carlos e Secretariado Nacional da Informação, com música pela Orquestra Sinfónica dirigida pelo Maestro Jaime Silva, filho.

espectáculo¹, contando também com a presença dos Ministro das Corporações, Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Secretário Nacional da Informação, Presidente do IAC e de outras individualidades. Dançou-se *As sílfides* (numa versão de Luna Andermatt, reduzida para cinco solistas), o dueto *Dança caucasiana* (que substituiu o anunciado *Pássaro azul*), *O festim da aranha*, o solo *Vodka*, e ainda *Esquina do tempo* com o acompanhamento musical da Orquestra Sinfónica do S. Carlos, dirigida pelo Maestro Jaime Silva, Filho.

O programa impresso para os espectáculos, que contou com o alto patrocínio do Instituto de Alta Cultura, do Teatro Nacional de S. Carlos e do Secretariado Nacional da Informação, abria com uma citação do director da companhia, Francisco de Assis Brás de Oliveira, em jeito de promessa e de objectivo:

“À loucura queremos dar equilíbrio. Ao medo queremos dar confiança e fé. Ao egoísmo opomos a dádiva de nós mesmos...”

Na base da CPB estavam alunos e professores das classes da Escola de Bailado Clássico do TNSC – fundada, para tal, cinco anos antes por Maria Antónia – “dois ex-bailarinos da Companhia do Marquês de Cuevas e duas primeiras figuras estrangeiras dos bailados do SNI” (Sasportes, 1961b, p. 12), leia-se Grupo de Bailados “Verde-Gaio”. Três dias depois da estreia, a 24 de Maio de 1961, numa *matinée* de sábado, apresentou-se o segundo programa da companhia idealizada pelo casal Luna Andermatt-Brás de Oliveira com as peças *Milagre* (cor. Luna Andermatt), o dueto *Soir de fête* (cor. de Staats, num arranjo de Violette Quenolle) e, na segunda parte, a repetição do primeiro programa: *O festim da aranha*, *Vodka* e *Esquina do tempo*.

A minha intenção sempre foi a de criar uma estrutura com raízes oficiais. Não era a minha pessoa que interessava mas a solidez de um projecto que teria criações que ficassem para o futuro. Sempre com a ajuda do meu marido, uma altura houve em que tinha quase uma obsessão em criar estruturas oficiais que permitissem a implementação de uma escola como base para uma futura companhia de dança clássica em Portugal (entrevista com Luna Andermatt, Lisboa, 2011).

Durante muitos anos andou a bailarina pelos corredores do poder. “*Fiz muitos quilómetros e tentei convencer muita gente*” (entrevista com Luna Andermatt, Lisboa, 2011). A então professora foi, seguramente, uma das pessoas que mais entrevistas deu, nos jornais da época, para falar da bondade do seu projecto, nas quais explanava os seus conceitos para a criação de uma companhia nacional de bailado. Não só ela, mas igualmente teóricos como Tomaz Ribas e, sobretudo, José Sasportes produziram, na década de 50 – e na década seguinte a professora e historiadora Anna Ivanova, uma figura

¹ Américo Tomaz assistiu apenas à primeira parte do espectáculo uma vez que já se havia comprometido com a Sociedade de Geografia que organizou um outro evento na mesma hora do espectáculo da CPB.

de gabarito internacional a trabalhar e a residir em Lisboa nos anos 60 – peças jornalísticas em que se teciam longas considerações e se davam prescrições para um (risonho) futuro, estruturado e contextualizado, do bailado em Portugal. Nas palavras de Brás de Oliveira:

Já havia na escola do S. Carlos um grupo de bons bailarinos que serviam perfeitamente para formar um corpo de baile de linha clássica, pois, naquela época, o "Verde-Gaio" só fazia bailado folclórico estilizado. Havia que dar emprego aos artistas que se formavam. Para bailarinos principais da CPB escolhemos o melhor que, então, havia em Portugal: duas figuras estrangeiras de nomeada (Daniel Sellier e Olga Makcheeva) e alguns portugueses, designadamente Luna Andermatt e Vera Varela Cid, para além de dois convidados do "Verde-Gaio", a francesa Violette Quenolle e o israelita Michel Lazrah (entrevista com Francisco de Assis Brás de Oliveira, Lisboa, 2011).

Apesar do crítico de música e bailado Nuno Barreiros ter escrito na crítica ao primeiro espectáculo da companhia, que "se criara grande expectativa à volta do esforço e tenacidade de Brás de Oliveira, Luna Andermatt e Tomaz Ribas" (Barreiros, 1961, p. 14), e do "*entusiasmo, juventude e eclectismo do projecto*" (entrevista com Francisco de Assis Brás de Oliveira, Lisboa, 2011)

[...] a comunidade da dança da época não se consciencializou que uma nova companhia despontava para as artes. Para os bailarinos em actividade era apenas uma curiosidade. Os apoios, que se sabia serem todos oficiais, vieram do Teatro do S. Carlos e do Estado e, por tal, não se esperaria grandes rupturas. A coisa, como começou, sem grande impacto, também acabou sem que se tivessem visto grandes resultados. Não creio que se terá dado uma grande importância a essa empresa de Luna Andermatt e do marido, que todos nós conhecíamos e estimávamos no pequeno meio lisboeta (entrevista com Vasco Rebelo de Sousa, Lisboa, 2010).

A nível de imprensa, porém, o *marketing* (ou os conhecimentos de um dos críticos de dança mais respeitados da época, Tomaz Ribas, que era Secretário Geral da CPB) funcionou na perfeição, já que, antes da estreia, surgiram algumas notícias sobre o grupo n'*O Século*, *Diário de Notícias*, *Plateia*, *Diário Ilustrado*, *Diário Popular* e, até numa publicação estrangeira, o jornal *O Mundo*, do Rio de Janeiro. "*Foram convidados todos os críticos de todas as publicações lisboetas e vieram quase todos assistir ao sucesso que os dois espectáculos da companhia fizeram junto do público*" (entrevista com Francisco de Assis Brás de Oliveira, Lisboa, 2011). De um modo geral, os jornais da altura deram notícias muito expressivas sobre o aparecimento da nova companhia. Ou porque queriam agradar ao poder vigente ou porque, não falta de assuntos mais empolgantes a nível social e político um assunto artístico acabou por constituir notícia. Nada menos do que nove publicações mencionaram a estreia do primeiro programa (*Diário Ilustrado*, *O Século*, *República*, *Diário*

de Notícias, Diário de Lisboa, Diário Popular, A Voz, Primeiro de Janeiro, Diário da Manhã) e quatro do segundo (Diário Ilustrado, República, A Voz e Diário de Notícias). De entre eles, surge uma enorme variedade de opiniões, que vão de "empreendimento de transcendente significado no meio artístico português" a "milagre" (Ribas, 1961, p. 8) e a "iniciativa necessária, oportuna e digna de estímulo a que pode estar reservado um brilhante futuro se lhe for dada a protecção que merece" (MLR, 1961, n.p.).

Pela sensatez e objectividade sobressaiu a opinião de José Sasportes (1961b) que afirmou: "a companhia não conseguiu definir no seu primeiro contacto com o público o programa artístico que justificasse a necessidade do seu aparecimento com o aparato de que se revestiu a estreia" (p. 11). Contudo, o crítico assinala, de seguida, que foi "grato verificar que, apesar de muitas incongruências, de uma visível falta de unidade e de uma discutível escolha da música, o melhor *ballet* da noite foi coreografado por uma jovem bailarina portuguesa – Vera Varela Cid", acrescentando que "os sacrifícios que todos fazem devem ter o objectivo comum de dignificar o esforço geral para que haja bailado em Portugal. A 'simples' designação de CPB não chega" (p. 11). Curiosamente, apenas um jornalista, que assinou com as iniciais F.F. no diário *Primeiro de Janeiro* (1961) levanta um problema primordial, ao questionar-se da seguinte maneira: "Receamos, muito sinceramente, que os positivos naipes de bailarinos e técnicos, disseminados pelas quatro companhias de *ballet* agora existentes se percam em esforços, dentro de elencos inconsistentes" (n.p.). Este, era, muito possivelmente o retrato da dança numa época em que todos, individualmente, se tentavam agarrar aos seus sonhos, sem que conseguissem trabalhar em conjunto para um projecto comum, como era o desenvolvimento da dança em si, em Portugal. Em relação ao segundo espectáculo, a crítica mais sugestiva deveu-se a Nuno Barreiros (1961) que conclui o seu texto da seguinte forma:

Resta-nos acrescentar que a lisonjeira impressão que a Companhia Portuguesa de Bailado deixara no primeiro espectáculo se manteve e intensificou ontem. Oxalá que os propósitos que alimentam os seus orientadores encontrem o estímulo, o carinho, e igualmente, o apoio material das entidades oficiais competentes. A obra a que em boa hora se lançaram o engenheiro Brás de Oliveira e a bailarina Luna Andermatt e os seus colaboradores merecem-no. E a cultura e o futuro da arte nacional só terão a ganhar com o êxito do empreendimento (p. 16).

Aquando da estreia, já a direcção da CPB sabia que uma perigosa crise estava para chegar, uma vez que havia acabado de rebentar a guerra em Angola e os fundos destinados a actividades artísticas acabariam por ter outro destino: o financiamento da luta armada no continente africano.

Estivemos para estrear antes mas, com as notícias de África, protelámos a abertura da companhia. Também já tínhamos alinhavada uma viagem a Goa (aos territórios ainda portugueses) que acabou por ser

anulada. Apesar do sucesso junto do público dos dois programas, desde logo, se desenhou um mau cenário para o futuro. Quando estreámos já sabíamos, pelo secretário do IAC, Dr. Medeiros de Gouveia, que as verbas destinadas à companhia seriam canalizadas para fins bélicos (entrevista com Francisco de Assis Brás de Oliveira, Lisboa, 2011).

O sonho, ou melhor, o trabalho efectivo da companhia durou cerca de um ano. Começámos os ensaios por volta de Setembro de 1960 e demos o último espectáculo em S. Carlos doze meses depois quando todas as atenções políticas (e dinheiros) se viraram para uma guerra que acontecia num continente longínquo (entrevista com Luna Andermatt, Lisboa, 2011).

Após os dois espectáculos inaugurais no Teatro de S. Carlos, a CPB ainda haveria de se apresentar, no mesmo teatro, num espectáculo privado comprado para um congresso da Associação de Seguradoras. A 19 de Setembro participou num serão cultural e recreativo comemorativo do 28.º aniversário da FNAT¹ e o 4.º "da instituição das primeiras corporações" (D.P., 1961, n.p.), no qual dançou *As sílfides* e partilhou o palco do Coliseu dos Recreios com o Rancho Folclórico da Mealhada, Amália Rodrigues e alguns dos melhores cantores líricos e ligeiros da época. A sua derradeira exibição verificou-se no palco do TNSC para os participantes do I Colóquio Nacional do Trabalho, na tarde de 22 de Setembro, tendo feito a segunda parte de uma *matinée* em que a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, sob a direcção do maestro Silva Pereira, tocou, essencialmente, música portuguesa e depois acompanhou os bailarinos em *Dança caucasiana*, *Vodka* e *O festim da aranha*.

Para além dos referidos cinco espectáculos ao vivo, a CPB ainda se apresentou, em directo, num programa da RTP, com a peça *O festim da aranha*. De acordo com as palavras de Brás de Oliveira, o grupo "*já afectado por alguns conflitos internos, acabou por se ver asfixiado financeiramente e não teve outra alternativa senão pagar as dívidas e fechar*" (entrevista com Francisco de Assis Brás de Oliveira, Lisboa, 2011). Mas poderemos supor que se a companhia, após a estreia, tivesse obtido um inquestionável sucesso, a consequente adesão da comunidade de modo a criar um público, talvez ela própria se tivesse tornado numa espécie de "necessidade" cultural?

Estávamos num tempo de ditadura. Não havia uma conjuntura política que permitisse sequer esse tipo de revindicação. Isto é, ninguém ia insistir ou reclamar junto das autoridades. O melhor que se conseguiu foi, depois de uma carta que escrevi a Salazar dando conta dos problemas financeiros graves, ele mandar pagar umas dívidas que ainda estavam pendentes (entrevista com Francisco de Assis Brás de Oliveira, Lisboa, 2011).

1 Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.

Apesar de ser uma pessoa assumidamente de direita – foi, depois da "revolução dos cravos", fundador e proprietário do jornal *O Dia* – Brás de Oliveira não deixa de lamentar a estreiteza de Salazar no que toca às artes. Mas tal seria de esperar de uma pessoa que responde "não dou dinheiro aos que choram quanto mais aos que cantam", quando lhe foi pedido um apoio especial para um grupo de cantores líricos do TNSC. Governando um país de características rurais e pouco desenvolvido em determinadas vertentes devido ao seu deliberado isolamento – e de neutralidade política numa Europa muito afectada pela guerra – a política do ditador era fechar os ouvidos aos que cantavam e os olhos os que dançavam, mesmo que todos chorassem o desprezo com que eram tratados apenas por decidir ser artistas!

Já para Luna Andermatt, ainda que não tivesse servido para muito mais, a experiência com a CPB – a todos os níveis, desde o artístico ao organizativo – revelou-se, seguramente, um precioso instrumento para quando, já depois de "Abril de 74", a então professora de dança volta a trabalhar e a insistir sobre o projecto de um novo agrupamento: a CNB, que deu o seu primeiro espectáculo em 1978, e na qual Maria Antónia aparece na qualidade de fundadora e directora, em parceria com Vera Varela Cid e o crítico de dança Pedro Risques Pereira. Só mais tarde Armando Jorge se juntaria ao corpo directivo da companhia.

Maria Antónia Luna Andermatt Brás de Oliveira nasceu em Lisboa, a 23 de Novembro de 1925 e o bailado entrou na sua vida no Instituto de Odivelas quando, aos 10 anos, entrou para a 3.^a classe, pois "gostava muito das aulas de ginástica, especialmente quando faziam ginástica rítmica" (Pereira-Müller, 2007, p. 27). Só começou verdadeiramente a dançar quando saiu do Instituto, em 1945, e descobriu a sua vocação, tendo frequentado as aulas da professora Margarida de Abreu. Ao terminar o liceu, inscreveu-se no Conservatório Nacional, contra a vontade da família que não via com bons olhos uma profissão ligada à dança, com excepção da mãe, Maria João Luna Andermatt (professora iluminista e primeira Presidente da Associação das Antigas Alunas do Instituto de Odivelas) e o, então namorado, Francisco de Assis Brás de Oliveira (Lisboa, 1929), que mais tarde viria a ser o seu marido e director técnico e artístico da CPB, que apoiaram a sua decisão. De acordo com a própria:

Tinha uma força de vontade selvagem, muita tenacidade e empenho. Praticava de manhã, à tarde e à noite, horas e horas seguidas e, só após o exame final do Conservatório Nacional (no qual dançou três peças e passou "com distinção") é que o resto da família se rendeu à sua opção de vida (entrevista com Luna Andermatt, Lisboa, 2011).

Em 1953 segue para Londres, como bolseira do IAC, onde frequenta a escola do Sadler's Wells e onde trabalha com o mestre russo Goncharov. *"Londres era outro mundo e a arte da dança uma coisa muito diferente de Portugal. Fiquei fascinada com a escola, os espectáculos, toda a vida do bailado, as pessoas em si, tudo era diferente. Um grande*

civismo. Adorei" (entrevista com Luna Andermatt, Lisboa, 2011). Passado um ano regressa a Portugal, com uma bagagem artística muito maior e a cabeça cheia de ideias de coisas que se poderiam desenvolver onde o *ballet* era ainda uma arte bastarda. Até então ninguém conseguira dignificar, oficialmente, a profissão de bailarino e ninguém conseguia oficializar a arte da dança. Em 1954, entrou como bailarina principal para o CIC. Dois anos mais tarde criou, nas instalações do TNSC, o Centro de Estudos de Bailado do IAC, com o objectivo de formar bailarinos para uma futura companhia. Entretanto, fez cursos de especialização no país e no estrangeiro, tendo trabalhado com os professores Preobrajenska, Egorova, Gzowsky e Nora Kiss. Também passou uma temporada na escola da Ópera de Paris. Em 1961, juntamente com o marido, um bom conhecedor do meio e respeitado por muitos elementos das direcções das várias instituições oficiais, cria a CPB com a intenção de que se transformasse numa companhia nacional – coisa que só viria a acontecer em 1977. Nos anos seguintes lutou com toda a sua energia

[...] pela dignificação e qualificação do bailado em Portugal gastando milhares de horas entre ministérios que haveriam de ter um final feliz quando, em 1977, o então Secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira, oficializou o projecto apresentado para a criação da CNB (entrevista com Francisco de Assis Brás de Oliveira, Lisboa, 2011).

Em 1977 realiza finalmente o seu sonho tendo chamado Vera Varela Cid e Pedro Risques Pereira para lhe darem apoio. Surgiu mais um projecto novamente agregado ao TNSC. Luna Andermatt, paralelamente às suas actividades artísticas – como fundadora, directora artística e primeira bailarina da CPB, em 1961, e fundadora e co-directora artística da CNB, em 1977 – e pedagógicas – sobretudo no seu estúdio de dança, fundado em 1955, e na Escola de Bailado Clássico do TNSC, entre 1955 e 1963 – foi uma incansável divulgadora da arte da dança ao produzir e apresentar os programas (juvenis) para a RTP *Metamorfoses da dança* (sobre a história do bailado nos anos de 1966 e 1967) e *Do estúdio ao palco – rubrica de divulgação do bailado* (sobre os bastidores de espectáculo entre 1970 e 1971). Ambos foram escritos e apresentados em parceria com Vera Varela Cid, e com a colaboração de várias personalidades ligadas ao meio balético português.

A partir de Dezembro de 2011 começou a integrar espectáculos da Companhia Maior, no CCB e em outros teatros. No âmbito das celebrações do Dia Mundial da Dança de 2012, o Centro de Dança de Oeiras e a *Revista da Dança* homenagearam-na no Auditório Municipal Eunice Muñoz. O seu último projecto, em Maio de 2013, foi a participação numa *Sagração da Primavera* da encenadora Mónica Calle, no CCB.

Parte II – A Fundação Calouste Gulbenkian e o seu grupo de dança

Capítulo 1 – A Fundação Calouste Gulbenkian.

1.1. Calouste Sarkis Gulbenkian – uma vida, muitas obras.

É não só elementar como justo começar por mencionar três nomes que, a níveis completamente diferentes, foram figuras centrais de uma importante instituição nacional, a Fundação Calouste Gulbenkian, e que estiveram na origem do Ballet Gulbenkian; se bem que um deles, o "senhor Gulbenkian", à partida, nada teve a ver com a arte da dança e nem sequer chegou a conhecer o grupo de bailado que muito viria a honrar o seu nome e, certamente, a ajudar a devolvê-lo, por muitos anos, ao mundo dos vivos. Os outros dois, o Dr. Perdigão e, sobretudo, a Dr.^a Madalena, tiveram um peso enorme num agrupamento que se tornou, inicialmente, numa referência no panorama artístico e social português e cujo nome, tempos depois, viria a transformar-se em sinónimo de Portugal no mundo da dança a nível europeu. As citadas personalidades formam um improvável triângulo que se revelaria original e único na história da cultura portuguesa: um conhecido magnata do petróleo, Calouste Gulbenkian, um ilustre advogado português, Azeredo Perdigão, e uma organizadora entusiasta formada em matemática e música, Madalena Perdigão.

O primeiro nome, naturalmente o mais emblemático, tornou-se conhecido – para não dizer familiar – da grande maioria dos portugueses e sobreviveu, com bastante peso e perenidade, ao desaparecimento físico de um homem que deixou um legado artístico (o mais visível) e financeiro (o mais expressivo) que veio a ser gerido com grande inteligência e forte sentido de responsabilidade. Primeiro pelo próprio Gulbenkian, que acumulou um património ímpar e, após a sua morte, por algumas pessoas que ficaram encarregues de seguir em frente com actividades mecenáticas e filantrópicas, tentando manter, senão ampliar, as diversas fontes de rendimento. Entre elas, Azeredo Perdigão, que dedicou quase metade da sua vida (com mão de ferro) à gestão de tão avultados bens. Após a sua desapareção, os seus sucessores na FCG foram introduzindo algumas reformas – mais ou menos necessárias e mais ou menos positivas para a própria Fundação – tendo, juntamente com elas, acabado por tomar decisões algo polémicas a vários níveis. Desde logo a inesperada e triste extinção do BG.

Mais de meio século após se finar, Calouste Sarkis Gulbenkian permaneceu um enigma de difícil decifração e tem vinda a ser alvo de muitas fantasias de jornalistas e escritores. Não só porque a sua personalidade era complexa e quantas vezes

desconcertante, mas porque teve nas suas mãos, desde pequeno, muito poder e autoridade sobre os que o rodeavam devido ao facto de ter nascido em "berço de ouro" e ter sido "considerado, em vida, o homem mais rico do Mundo" (Hewins, 2009, p. 20). Diz-se que os seus maiores interesses eram, para além do petróleo, a arte e a horticultura. Uma vez que ele próprio sempre se recusou dar a conhecer-se – para além dos limites que a si próprio e aos outros impunha – e a Fundação com o seu nome e sede em Lisboa mantém inacessíveis os seus diários e anotações pessoais, serão sempre os testemunhos dos vivos e os registos dos que já faleceram e que com ele privaram, que podem ajudar a construir o *puzzle*, necessariamente incompleto e algo desfocado, que será sempre um qualquer retrato do famoso "rei do petróleo".

Calouste Sarkis Gulbenkian nasceu em Üsküdar – antes Scutari na Calcedónia; uma zona da cidade de Istambul, na parte asiática, no lado esquerdo do Bósforo – a 23 de Março de 1869, e faleceu na manhã de 20 de Julho de 1955, em Lisboa, tendo os seus restos mortais sido cremados. Nasceu e cresceu sob a alçada do Império Otomano e, apesar de em determinada altura da sua vida, e por conveniência profissional, se ter naturalizado inglês e (oficialmente) não se perceber muito bem se em tempos de guerra terá perdido esse vínculo, o filho Nubar afirmava que o pai "morreu persa domiciliado em Portugal. Filho de Sarkis e Dirouhie Gulbenkian, membros de uma ilustre família arménia da Cesareia cujas origens remontam ao século IV (Guedes, 1992).

Calouste era, sem dúvida, um cidadão do Mundo e, em particular, do Oeste onde nasceu e do Este onde foi educado. Geração após geração, durante os quatro séculos que permaneceu na Capadócia, a família Gulbenkian, originária do Médio Oriente, sempre se dedicou ao mecenato e a obras de beneficência. Sarkis Gulbenkian, comerciante de tapetes e pai de Calouste, instalou-se, aproximadamente em 1880, nas margens do mar Bósforo. Encontrava-se na posse de concessões importantes que então tinham sido adquiridas nos campos de petróleo no Cáucaso russo. O jovem Gulbenkian começou por estudar em Kadikoy (na Calcedónia), na escola Aramyan-Uncuyan. Prosseguiu os estudos na Europa: primeiro em Marselha, onde aprofundou os conhecimentos de francês, depois no King's College de Londres onde se diplomou com distinção, em engenharia e ciências aplicadas, aos dezanove anos. Nessa altura, encorajado pelo futuro Lord Kelvin, considerou enveredar pela carreira da investigação científica, mas foi dissuadido pelo seu pai de vir a ser investigador pois havia muito para fazer nos negócios familiares. Contudo, Calouste manteve-se sempre interessado pela ciência ao longo da sua vida tendo, mesmo, chegado a afirmar que "onde se sentia mais feliz" era a trabalhar num jardim que ele próprio tinha concebido em Les Enclos, um local para férias junto da natureza que adquiriu próximo de Deauville, em França (Guedes, 1992), mas onde nunca construiu uma casa pois hospedava-se num hotel da cidade, o Normandie.

Aos 22 anos, intimado pelo pai, Calouste Gulbenkian viajou para Baku para fazer um "estágio" e complementar da sua formação. Foi essa viagem aos campos petrolíferos que exerceu nele um fascínio tal que inspirou a escrita de vários artigos para a *Revue des deux mondes*, entre os quais "Le pétrole, source d'énergie" ("O petróleo, fonte de energia") e a obra *La Transcaucasie et la Péninsule d'Apchéron – souvenirs de voyage (A Transcaucásia e a Península de Apecheron – recordações de viagem)* (FCG, 2010), que cobre a passagem por países como a Arménia, a Geórgia e o Azerbaijão, e nela, premonitoriamente, o autor dedicou todo um capítulo aos tapetes do Oriente. Os mencionados artigos, e possivelmente também o livro, atraíram a atenção do Ministro das Minas do Governo Otomano que pediu ao jovem Gulbenkian, em 1891, para elaborar um rigoroso relatório sobre os recursos petrolíferos do Império, especialmente na Mesopotâmia (actual Iraque). Tanto o seu pai como o tio Séropé mantinham relações amistosas com a corte Otomana, o que mais tarde viria a ser de grande utilidade para Calouste Gulbenkian que, em 1898, é nomeado conselheiro económico das Embaixadas Otomanas de Paris.

Em 1892, casou-se em Londres com Nevarte Essayan (1874-1952), uma jovem oriunda, igualmente, de uma família arménia, e abastada, da Cesareia. O casal fez vidas praticamente separadas e teria apenas dois filhos: Nubar Sarkis Gulbenkian, nascido em Kadi Koy, perto de Istambul, a 2 de Junho de 1896 e falecido em 1972 – que não deixou descendência –, e Rita Gulbenkian, nascida em Londres, a 2 de Julho de 1900 e que morreu em 1977. Dois anos depois do nascimento da filha "inglesa" – como lhe chamava – Calouste adquire em 1902 a nacionalidade britânica, triunfo que lhe vai permitir associar os interesses das suas duas pátrias, tendo em conta a grande influência que os ingleses exerciam sobre o todo o Império Otomano. O magnata viveria nos subseqüentes 23 anos na capital inglesa e, de seguida, duas décadas em França, muito embora, durante este período, continuasse a deslocar-se regularmente ao seu escritório londrino. Acrescente-se que, nos treze derradeiros anos da sua vida em que viveu em Lisboa, nunca deixou de tratar dos seus negócios através daquela base que sempre manteve em Londres.

Mesmo antes da I Guerra Mundial, despoletada em 1914, numa altura em que alemães e ingleses se digladiavam para garantir concessões de exploração petrolífera no Império Otomano, Calouste, hábil negociador, conseguiu juntar esforços evitando conflitos armados ao repartir o território entre aqueles países, tendo, ele próprio, ficado com 15% do petróleo dos campos otomanos. Após a Grande Guerra, Gulbenkian foi nomeado representante comercial e diplomático da Pérsia – que em 1935 passou a chamar-se Irão – em Paris, cargo que exerceu durante 24 anos. A França ficar-lhe-ia a dever infatigáveis esforços para proteger os interesses do país a nível petrolífero. A partir de 1920 começou a beneficiar de um passaporte arménio, emitido pela Presidência da Delegação da República Arménia. Ainda no rescaldo do conflito armado que forçou o desmembramento do Império Otomano, quando os arménios, sacrificados pelos jovens turcos, foram vítimas dos

interesses franco-britânicos, Calouste Gulbenkian também exerceu um papel importante na defesa dos seus compatriotas, nomeadamente, nas negociações que conduziram à assinatura do Tratado de Sèvres (1920) e à do Tratado de Lausanne (1923). Seguidamente, Gulbenkian veio a intervir nas longas negociações entre a Turkish Petroleum Company, Ltd., e o governo Iraquiano, conducentes à obtenção, em 1925, da concessão para a exploração petrolífera, numa altura em que este combustível estava definitivamente a sobrepor-se ao carvão nas fábricas europeias.

Entretanto, outros países começaram a despertar para a importância do petróleo do Médio Oriente, nomeadamente, os Estados Unidos da América que não queriam deixar de ter um papel relevante naquela região, e Calouste tratou de os acolher como novos parceiros. Habitado a complexas transacções comerciais, desempenhou, uma vez mais, em 1928, um papel fulcral nas negociações multipartidas entre grandes empresas internacionais – com o aval dos governos inglês, turco e alemão – para a divisão da Turkish Petroleum Company em Anglo-Persian Oil Company (hoje, BP – British Petroleum), o Royal Dutch Shell Group, a Compagnie Française des Pétroles e a Near East Development Corporation (dividida em partes iguais pela Standard Oil e pela Socony Mobil Oil). Todo o difícilimo acordo se realizou com base na célebre "*red line*" – uma linha vermelha traçada sobre o mapa do antigo Império Otomano, desenhada pelo punho do próprio Gulbenkian. A cada uma das partes coube 23,75% do capital na Turkish Petroleum Company que, na sequência do acordo estabelecido, mudou de designação e começou a chamar-se Iraq Petroleum Company. Calouste, então, concordou reduzir a sua quota de 15% para 5% do capital, com o objectivo de facilitar a conclusão das negociações – facto que originou que ficasse mundialmente conhecido na indústria do petróleo (e não só) como "o Senhor Cinco por Cento", e que conquistasse o maior êxito profissional da sua vida.

À persistente capacidade negocial e também à necessária flexibilidade para acomodar novos interesses e situações – após a derrota alemã na I Guerra Mundial trouxe os franceses para a liça –, mantendo-se sempre como parte interessada no negócio da exploração petrolífera, se deveu o enorme sucesso de Gulbenkian. É de salientar que a percentagem acima referida se aplicava, igualmente, à proporção de trabalhadores arménios que Calouste exigia que fossem contratados nos poços petrolíferos controlados pela Iraq Petroleum – imposição essa que valeu ao cidadão Gulbenkian uma definitiva inimizade com o governo soviético.

"Entre Agosto de 1940 e Março de 1942, dezanove meses em plena II Guerra Mundial, Calouste Gulbenkian permaneceu na cidade de Vichy (França), como conselheiro comercial da embaixada do Irão" (Guedes, 1992, p. 439). Entretanto, a sua participação na Iraq Petroleum Company tinha sido temporariamente confiscada pelos britânicos uma vez que, como residente num país ocupado, Calouste era considerado "um inimigo de guerra" de acordo com a lei. Apesar do facto de se tratar de uma decisão legal – e após a guerra a

sua concessão foi-lhe devolvida com indemnização –, a atitude do seu país adoptado continuou a causar-lhe incómodo porque então começou a suspeitar que o governo Britânico estava a ajudar os seus sócios a retirar-lhe os seus estipulados 5%. "Uma das consequências desta aparente ingratidão foi que Gulbenkian começou a reconsiderar seriamente se deixaria os seus quadros à National Gallery" (Hewins, 2009, p. 315).

Em Setembro de 1941 o Xá Reza Palevi abdicou em favor do filho e partiu para o exílio. Terminara, assim, a independência do Irão sem que alguém pudesse imaginar quando e se viria a ser restabelecida. Esse facto fez com que a continuação de Calouste Gulbenkian em Vichy fizesse menos sentido. A evolução dos acontecimentos levou-o, naturalmente, a querer trocar a França por um "país neutro". A Suíça terá sido a opção mais óbvia, mas foi com desgosto que soube que as suas fronteiras lhe estavam fechadas. Por outro lado, Portugal, não muito longe de França, então funcionava a nível político – e, também humanitário – como uma espécie de "porta para o novo continente" onde milhares de refugiados procuravam encontrar paz e meios de subsistência. E onde o filho de Gulbenkian, Nubar, já estivera algumas vezes e poderia fornecer informações úteis ao pai. E assim, o engenheiro e perito financeiro mas, sobretudo, figura mundialmente conhecida a nível do emergente e poderoso negócio do petróleo (e, por consequência, muito próximo da esfera da grande política), por imposição dos destinos mundiais, dos meios e objectivos com que geriu a sua vida e fortuna, viria, quase por acaso a terminar os seus dias em Portugal.

O país terá começado a interessar Calouste que, através de Nunes de Almeida, "um rapaz da Embaixada de Portugal" como menciona Corrêa Guedes (1992), se inteirou de alguns "aspectos práticos da vida portuguesa" (p. 441). Mas, segundo outras fontes um "moroso e complexo processo" que terá começado, casualmente, em amenas conversas em Vichy entre Calouste Gulbenkian e o embaixador Caeiro da Mata, viria a passar, posteriormente, pelos gabinetes de Salazar, Caetano e Perdigão para terminar, finalmente, na Praça de Espanha, em Lisboa. Assim, o magnata terá decidido, no início de 1942, emigrar para os Estados Unidos da América, tendo como primeira etapa Lisboa, a convite do embaixador de Portugal em França, por ser "o ponto mais ocidental da Europa, oferecendo, por conseguinte, acesso privilegiado ao novo continente" (FCG, 2010, p. 61). A referida pausa foi, como não poderia deixar de ser para alguém como Gulbenkian, cuidadosamente preparada de modo a que, eventualmente, pudesse vir a transformar-se numa permanência. Como, na realidade, veio a verificar-se.

A "família" Gulbenkian, constituída pelo patriarca, a mulher, Nevarte, a secretária e dama de companhia M.^{me} Theis (ou Theiss), um massagista russo e a mulher e mais um *chef* (cozinheiro) oriental, conduzida pelo motorista da família, atravessou uma Espanha "desolada e misérrima, esfacelada pela guerra civil" (Guedes, 1992, p. 441) e chegou de Paris, em Abril de 1942, num sumptuoso *Rolls Royce*. Enquanto Calouste se estabeleceu no

Hotel Aviz¹ em Lisboa, após aturada pesquisa (levada a cabo ainda em França) com o intuito de encontrar um local que reunisse as condições traçadas pelo rico viajante, Nevarte instalou-se numa zona mais calma, no Estoril (no Hotel Palácio). Ao contrário do que eventualmente se pudesse supor, não era anormal que casais do nível social dos Gulbenkian levassem vidas separadas. Ao que consta, apesar de fisicamente separados, viam-se regularmente, até à morte de Nevarte, em 1952. Faleceu aos 77 anos, de crise cardíaca, tendo estado doente nove, em Paris, no palacete da Avenida D'Iéna. Todos afirmam que estiveram casados 60 anos e se entendiam muito bem, tendo o desaparecimento de Nevarte provocado um período de luto de que nunca se viria a restabelecer. Apesar de se falar que o Sr. Gulbenkian, "sob conselho médico" tinha "uma amante, com não mais que dezassete ou dezoito anos, que mudou todos os anos até aos 80 anos" (Coelho, 2005, p. 35) e que, estivera ligado muito anos a M.^{me} Theis "por laços bem mais fortes do que os profissionais" (Guedes, 1992, p. 189). Sabe-se que Calouste "amava (Nevarte) à sua maneira, sempre cortês e mostrando-se generoso para obter o perdão pelos seus deslizes da fidelidade conjugal" (Ezran, 2013, p. 127). Por seu lado, a esposa mantinha deliberadamente as aparências e a paz familiar porém, antes de falecer, incumbiu o filho Nubar de fazer o pai respeitar um desejo que acalentou durante cerca de uma década: a construção e manutenção de um orfanato para jovens arménios. Esse terá, mesmo, sido um dos motivos que levou Gulbenkian a modificar, em 1953, o seu testamento gizado três anos antes para incluir o derradeiro anseio da piedosa defunta.

O Aviz situava-se na zona de Picoas, no coração da cidade, no local onde, após a sua demolição, em 1961, se viria a construir o Hotel Sheraton e o Centro Comercial Imaviz e, de acordo com o que os seus clientes faziam contar – e confirmado por um antigo empregado² – “tinha um serviço tão exclusivo que o número de funcionários era duas vezes maior que o dos hóspedes”. “O Sr. Gulbenkian era muito reservado e funcionava como um relógio. Isto é, não se dava com quase ninguém e mantinha as suas rotinas em horários perfeitamente rigorosos”³. Curiosamente, almoçava numa plataforma que mandou construir no restaurante do hotel para poder observar tudo o que se passava à sua volta. “Eu raramente o via pois ele ia do quarto para o restaurante e do restaurante para o seu quarto, sem nunca passar pelo bar onde eu mais trabalhava. O que até era meio estranho, pois o hotel, afinal de contas, era uma vivendazinha com apenas 25 quartos e *suites*⁴. Calouste Gulbenkian vivia na número 42 que dava para o jardim, acompanhado de vários pássaros e

1 O nome do hotel aparece grafado nas duas formas Aviz e Avis nas biografias citadas [nota do autor].

2 Francisco António Pimpista, antigo chefe do bar do Hotel Ritz que iniciou a sua actividade profissional muito jovem no Hotel Aviz.

3 Idem.

4 Ibidem.

cerca de uma dúzia de gatos. Fazia-lhe também companhia a sua fiel secretária, que se hospedava numa ampla divisão ao lado, para poderem trabalhar sempre que desejava, frequentemente nada menos que 10 horas por dia, nos seus negócios, que nunca descuroava. Rapidamente contratou mais uma secretária (Maria Helena Knott, uma lisboeta de origem irlandesa), advogados e médicos permanentes, que complementavam os membros da *entourage* que trouxera de França. Contudo, esse pequeno núcleo em nada se parecia com o “exército” de 25 pessoas que serviam a família no palacete de Paris.

Para além de país neutro, Portugal funcionava como abrigo, no qual se refugiaram e foram acolhidos em paz muitos estrangeiros, e como placa giratória para outros com o intuito de partir para o Novo Mundo (EUA), o que politicamente não podia ter agradado mais a Gulbenkian. Também a aparente pacatez social de Lisboa e, sobretudo, o sistema fiscal – em que os mais ricos e estrangeiros não pagavam impostos –, para além da não interferência dos órgãos de comunicação social na vida privada (dos cidadãos), terão, muito provavelmente, pesado na sua decisão (Guedes, 1992). Afirmaria, até ao fim dos seus dias, ter sido muito bem acolhido em Portugal, com uma hospitalidade muito particular, numa cidade tranquila longe de uma Europa devastada pela guerra. Mas não se ficou apenas por palavras, como reconhecimento e agradecimento presenteou, entre 1949 e 1952, o Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa com um importante núcleo de azulejos oriundos do Médio Oriente, uma escultura egípcia do período ptolemaico, um torso grego do século V A.C., bem como um notável conjunto de arte europeia constituído por obras de Lucas Cranach o Velho, Van Dyck, Largillière, Hubert Robert, Reynolds, Hoppner, Dupré, Courbet e Rodin.

“Os livros foram companheiros sempre presentes ao longo da vida de Calouste Gulbenkian, que cuidou deles com o empenho e a dedicação de um verdadeiro bibliófilo” mas o “engenheiro de raro e sensível gosto” – como lhe chamou Azeredo Perdigão – acumulou ao longo da vida uma enorme riqueza que lhe permitiu ir mais além e satisfazer a sua paixão pela grande Arte¹.

Coleccionador exigente e particularmente eclético diz-se que nutria pelos seus livros e demais objectos que colecionou ao longo da vida, uma rara afeição, designando-os carinhosamente por *“mes enfants”*². A sua extraordinária colecção, com mais de seis milhares de peças, era constituída principalmente por arte europeia e asiática, mas também incluía um importante conjunto de esculturas do antigo Egipto, cerâmicas, manuscritos, encadernações e livros antigos do Médio Oriente, artigos de vidro da Síria, mobiliário francês, tapeçarias, têxteis, peças de joalharia de René Lalique, moedas gregas e medalhas italianas do Renascimento, entre outras. Ao longo dos anos, o acervo foi aumentando e,

1 Sítio oficial da Fundação Calouste Gulbenkian: <http://www.gulbenkian.pt/>

2 Tal designação relativamente às suas obras de arte – quadros, esculturas, tapeçarias e preciosas peças de mobiliário – aparece referenciada nas duas biografias citadas (Guedes e Hewins) e em muitos outros documentos.

como medida de segurança, as peças do palacete de Paris foram divididas e parte delas enviadas para Londres. Em 1936, a colecção de arte egípcia foi confiada ao British Museum e os seus melhores quadros à National Gallery. Mais tarde, entre 1948 e 1950, essas mesmas peças seriam transferidas para a National Gallery of Art de Washington. Sabe-se que "as delicadas deslocações das obras foram realizadas à custa de diligências fastidiosas e arriscadas" (Guedes, 1992, p. 473).

Era grande a preocupação de Gulbenkian no que respeitava à preservação do seu património e a forma de evitar o pagamento de impostos sobre o seu legado, à medida que o número de obras de arte se multiplicava. Sabe-se que em 1937 Calouste encetou negociações com Kenneth Clark, director da National Gallery de Londres, para que a sua colecção ficasse num futuro Instituto Gulbenkian naquela galeria. Não tendo esta iniciativa sido bem-sucedida considerou, mais tarde, a National Gallery em Washington para onde tinha sido já transferida parte do seu acervo de obras. No que respeitava aos assuntos relativos ao seu património Lord Radcliffe, o seu advogado britânico, tornou-se o seu principal conselheiro e confidente, a partir de 1943.

Não tendo sido tomada qualquer decisão, até à morte de Calouste, relativamente ao destino de unificar sob um mesmo tecto tão valioso espólio, acaba Radcliffe por assumir a solução desta questão: sabendo que Gulbenkian tinha muito empenho no destino dos seus "filhos", e também que as pessoas pudessem testemunhar o empreendimento levado a cabo por um só homem durante a sua vida, após árduas negociações com o governo francês e revendo as condições em que o empréstimo à National Gallery of Art (de Washington) havia sido realizado, foi possível tornar aquele desejo realidade. A colecção completa veio para Portugal, em 1960, tendo estado exposta no Palácio dos Marquesses de Pombal, em Oeiras, entre 1965 e 1969; posteriormente cumpriu-se a vontade do coleccionador agrupando tão valiosa herança artística num mesmo edifício.

O desaparecido Hotel Aviz em Lisboa foi a casa de Gulbenkian durante treze anos. Nas palavras de João Manuel Serra (1931-2010), curiosa personagem lisboeta conhecida pelo "senhor do adeus", Calouste Gulbenkian "fez algumas *démarches* para adquirir o belo palacete que se situava nas imediações daquele hotel de luxo e pertencia à sua família", pois "parece que não queria morrer num hotel" (Serra, 2003, citado por Sofia Jesus, 2010, n.p.). Corrêa Guedes no seu livro vai mais longe e afirma que "durante os mais de onze anos que permaneceu no Hotel Aviz, em boa saúde e perfeitas condições mentais, raro terá sido o dia em que não pensou adquirir uma casa para si e outra para a sua mais que fidelíssima secretária" (Guedes, 1992, p. 273)¹. De acordo com os seus biógrafos era um homem, por vezes, egocêntrico e muito solitário que no final da vida, após algumas semanas em coma profundo, morria só, no dia 20 de Julho de 55, entre turnos das

1 Com mais rigor foram treze anos e três meses que viveu em Lisboa, pois Gulbenkian e seus acompanhantes chegaram em Abril de 1942 e o Senhor 5 % faleceu a 20 de Julho de 1955.

enfermeiras que dele cuidavam e "tão só como, afinal, toda a vida vivera" (Guedes, 1992, p. 485). Depois de um velório numa capela lisboeta e dentro da maior discricção – na altura nem havia televisão em Portugal para cobrir o acontecimento – os restos mortais de Calouste seguiram para Zurique num avião especial a fim de serem cremados "de acordo com os seus desejos" (Guedes, 1992, p. 485). Tal desiderato também não era, então, possível num país fortemente católico e pouco dado a "modernidades". Um ano após o desaparecimento físico do homem a quem Portugal muito ficou a dever uma "urna contendo as suas cinzas foi transferida para Londres e depositada na igreja de São Sarkis que ele tinha mandado construir" (Ezran, 2013, p. 128).

Assim acabou a vida de um homem que, não tendo uma mão amiga para apertar na hora da despedida, até ao último suspiro diz-se que desconfiava de tudo e de todos – uma opinião consensual entre os que com ele privaram de perto. O derradeiro período da sua vida em Portugal aparece exemplarmente retratado na já citada obra de Francisco Corrêa Guedes, *Calouste Gulbenkian-uma reconstrução* (1992) e, com menos verve, na biografia autorizada pela família, *O Senhor Cinco por Cento* (1957) de Ralph Hewins, escritor britânico especializado em biografias, cuja primeira edição traduzida para português se efectivou dezassete anos depois da saída da biografia de Corrêa Guedes, 52 anos após a sua primeira edição, em língua inglesa, e 140 após o nascimento de Calouste¹. Entre obras menos expressivas – incluindo literatura de ficção – há que assinalar também *Gulbenkian an interpretation of Calouste Sarkis Gulbenkian*, da autoria de John Lodwick, de colaboração com D. H. Young, (1958, Londres, Ed. Heinemann) em que o editor "adverte" no prefácio não se tratar de uma biografia oficial – essa encomendou a FCG em 2013 a um escritor inglês, Jonathan Conlin, professor da Universidade de Southampton – e *Calouste Gulbenkian Le pétrol et l'art*, do engenheiro francês Maurice Ezran (2013).

Também os que conheceram Calouste Sarkis Gulbenkian sabiam que, no plano pessoal, levou a discricção ao extremo. Era conhecido como o "Millionário Misterioso", tendo mesmo um dia afirmado que "a coisa mais preciosa que o dinheiro pode comprar é a privacidade" (C. Gulbenkian, citado por Hewins, 2009 p. 21). Por testemunhos do filho Nubar sabemos que o "financeiro, industrial, religioso, filantropo, conhecedor e Casanova" era um "conquistador de corações femininos" e se orgulhava da sua virilidade (N. Gulbenkian, 1955, citado por Hewins, 2009 p. 22, p. 32 e p. 33). "Cuidava de si com esmero", era "moderado na alimentação e frugal nos vinhos", "fazia por estar em forma", e "por vezes era

1 Poder-se-ão, igualmente, consultar inúmeros artigos em periódicos – designadamente um publicado no *Diário de Notícias*, a 20 de Julho de 1996, da autoria da jornalista Antónia de Sousa, no quadragésimo aniversário da criação da FCG, e outro de Maria Filomena Mónica aparecido no *Público* de 16 de Julho de 2006, na semana em que a FCG completou meio século – para conhecer a personalidade e os acontecimentos dos últimos anos da vida de Calouste Sarkis Gulbenkian, que são justamente os que nos interessam para entendermos a génese da FCG e da formação dos seus corpos artísticos, muito especialmente, o Ballet Gulbenkian.

considerado hipocondríaco" (N. Gulbenkian, 1955, citado por Hewins, 2009, p. 32). Relata-se que estava sempre rodeado de remédios e que tinha, no mínimo, dois médicos sem que um soubesse do outro para poder confrontar os respectivos diagnósticos. O facto é que, nas palavras de Hewins (2009), gozou sempre de boa saúde até ao falecimento da esposa, que o deitou muito abaixo. Num plano mais psicológico, "cauteloso" e "desconfiado" são adjectivos usados tanto por Corrêa Guedes como por Hewins, justificando-se tal comportamento, provavelmente, por via hereditária já que os seus antepassados foram vítimas de vários massacres.

Também parece não haver dúvidas, de acordo com ambos os biógrafos, quanto à forma excessiva como poupava, por vezes de uma maneira algo ridícula e gananciosa, o seu abundante *argent de poche*; o escritor inglês, contudo, levanta uma questão muito pertinente interrogando-se se seria lícito apelidá-lo de "o homem mais avarento" da sua época já que, quando morreu, doou "ao mundo" os seus bens e uma fortuna no montante de 25 milhões de libras (mais de 28 milhões de euros numa avaliação actual) e rendimentos anuais que somavam cinco mil milhões de libras (Hewins, 2009), ou seja cerca de 5,5 milhões de euros, na moeda europeia. Calouste Gulbenkian deixou, também, em testamento, um importante legado aos seus dois filhos, Nubar Sarkis Gulbenkian e Rita Sivarte Gulbenkian (casada com Kevork Essayan do qual teve um filho, Mikhael Essayan, um dos administradores da Fundação), tendo ainda instituído pensões vitalícias em favor de outros familiares e colaboradores de longa data, como a sua secretária. O citado testamento¹ datado de 18 de Junho de 1953, criou a Fundação com o seu nome, com fins caritativos, artísticos, educativos e científicos, que herdou o remanescente da sua fortuna, elegendo Portugal para a sua fixação. Este foi o melhor agradecimento póstumo de Gulbenkian ao acolhimento que teve num momento crítico da história da Europa, sabendo o respeito que Portugal haveria de ter pelo escrupuloso cumprimento da sua vontade. Como se pode ler no referido documento, "o testador deseja e espera ter ocasião de criar, ele próprio, em sua vida, a mencionada Fundação"², o que afinal acabou por não acontecer.

Sobre os últimos anos de vida do Sr. Gulbenkian em Portugal, as relações com os seus familiares e colaboradores mais directos; sobre os tempos em que muitos lutaram por dar continuidade ao seu testamento e pela forma como ele foi interpretado e gerido para que a FCG se tornasse um legado essencialmente português e destinado, preferencialmente, aos portugueses, existe literatura abundante. Para além das duas citadas biografias, existe um sem número de artigos saídos na imprensa que dão uma ideia muito precisa de como todo o processo se desenrolou, desde a sua génese, passando por todos os períodos da vida de uma instituição que se tem desenvolvido e evoluído, paralelamente à própria história

1 Veja-se a reprodução parcial no Anexo F.

2 § 2.º do Anexo F.

de Portugal, na segunda metade do século XX. Para que se perceba o alcance das muitas vontades de Calouste seguidamente se reproduzem excertos da 10.^a cláusula do testamento, justamente a que sustentava a actividade artística – que poderia, ou não, incluir a criação de estruturas performativas – da futura Fundação:

Pelo presente testamento é criada, nos termos da lei portuguesa, uma Fundação, que deverá denominar-se "Fundação Calouste Gulbenkian". As bases essenciais dessa Fundação são as seguintes:

- a.** é portuguesa, perpétua, a sua sede é em Lisboa, podendo ter, em qualquer lugar do mundo civilizado, as dependências que forem julgadas necessárias;
- b.** os seus fins são de caridade, artísticos, educativos e científicos;
- c.** a sua acção exercer-se-á, não só em Portugal, mas também em qualquer outro país onde os seus dirigentes o julguem conveniente; (...)

A FCG é, pois, uma instituição portuguesa privada criada em 1956 cuja sede funciona em Lisboa, na Avenida de Berna, n.º 45 A, e possui uma delegação em Londres (no n.º 98 da Portland Place) e teve um centro cultural, em Paris, estabelecido em 1965 na antiga residência do fundador, num palacete na Avenue d'Iena, com o n.º 51, que ele próprio mandou construir. O mesmo foi vendido em 2010 tendo o novo Centro Cultural Calouste Gulbenkian passado a funcionar no n.º 39 do Boulevard de La Tour Maubourg, também na cidade-luz. Além dos citados imóveis, a FCG construiu e ofereceu à Cidade Universitária de Paris a Residência André Gouveia, destinada ao uso de estudantes portugueses na capital francesa. O edifício-sede da FCG, da autoria dos arquitectos portugueses Rui Atouguia, Pedro Cid e A. Pessoa, abriu em 1969 e alberga o Museu Gulbenkian, consagrado à exposição das colecções de obras de arte do Senhor 5 %, vindas de Paris, Londres e Washington (num total de 6440, em exposição ou em reserva), três auditórios, uma biblioteca de Arte e, em edifício separado, o Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão.

A acção da FCG em Portugal tem tido grande relevância no campo da saúde e protecção social, para além do apoio a múltiplos projectos científicos e, naturalmente, à cultura artística. Também tem como objectivo apoiar e desenvolver iniciativas pertencentes aos domínios da museologia, da museografia, das artes plásticas, da história de arte, da arqueologia, da estética, da música, do bailado, do teatro, do cinema e de actividades editoriais. No intuito de contribuir de maneira eficaz para o desenvolvimento do gosto pela música, pela dança e pelo canto, a FCG criou os seus próprios agrupamentos artísticos – uma orquestra (1962), um coro (1964) e uma companhia de dança (1965), não só para dar ao público concertos e outros espectáculos de qualidade, mas também para que os artistas portugueses tivessem oportunidade de, através da realização regular de apresentações daqueles e de outros grupos, exercerem a sua actividade ao mais alto nível.

1.2. Azeredo Perdigão e a criação da Fundação.

Advogado brilhante e homem pragmático, visionário, determinado, vaidoso e com inata habilidade negocial – muitos dizem que tinha um "olhar afiado e raciocínio provido de acutilância fria e convincente" –, Azeredo Perdigão arquitectou a verdadeira estratégia que não só levou à criação da Fundação Calouste Gulbenkian, mas igualmente assegurou a sua residência em Portugal. O Dr. Perdigão "era um homem com vontade e foi uma grande figura no desenvolvimento cultural do país. Sem a sua acção a cultura em Portugal seria bem diferente", foram as palavras do arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, a título de elogio pessoal, no popular programa *Grandes Portugueses* (de todos os tempos) da RTP, emitido no decorrer do ano de 2006. Pode-se, mesmo, afirmar que Azeredo Perdigão esteve no centro de uma silenciosa mas bem visível "revolução cultural" no país, através da notável acção formadora e divulgadora da FCG.

Entre as muitas coisas importantes que fez, destaca-se a sua acção para trazer para Portugal as colecções de arte do multimilionário Calouste Gulbenkian, para além de ter sido o primeiro – e o mais importante – Presidente da FCG, transformando-a numa das doze maiores do mundo e na segunda maior da Europa. Foi, seguramente, uma das pessoas que, após o longo e espinhoso processo de estabelecimento da fundação idealizada por Gulbenkian – cuja missão era a de agir em benefício de toda a humanidade concebendo estruturas para englobar e reunir diferentes nações, grupos e interesses – se tornou numa das mais influentes e poderosas do país, imbuído pelo mesmo desejo e objectivos do homem que lhe proporcionou os meios necessários para levar a efeito semelhante empresa. Perdigão não só colocou em prática aquilo que Gulbenkian deixou em papel, como geriu cuidadosamente um muito complexo processo de administração de enormes recursos financeiros, bem como de humanos. A questão da divisão da fortuna de Gulbenkian e da própria formação de uma estrutura de direito privado para dar seguimento ao seu famoso testamento tem sido amplamente estudada, comentada e divulgada. Facto que seria, desde logo, expectável pois tratou-se de um processo, para além de singular, altamente significativo para Portugal dado que envolveu vários países, governos e personalidades de enorme importância no xadrez mundial.

Faz parte das muitas histórias da História da Fundação um episódio – bem conhecido entre os funcionários da casa e por muitas outras pessoas – no qual um Gulbenkian já idoso, calculista, astuto, autoritário e, muito teimoso, logo após a sua chegada a Lisboa, solicita ao Embaixador Caeiro da Mata (que já conhecia de França), uma recomendação para contratar um bom advogado em Portugal. Pela grande projecção alcançada na nossa advocacia, o rico estrangeiro manda contactar o dispendioso e prestigiado Azeredo Perdigão para que se encontre com ele no Hotel Aviz, onde residia,

para uma reunião de trabalho. Ao que o causídico, então considerado o melhor advogado português – teve a seu cargo alguns dos maiores processos civis, criminais e comerciais que alguma vez subiram à barra dos tribunais portugueses – terá respondido (ao atrapalhado e comprometido embaixador) que, por razões deontológicas, "são os clientes que se deslocam aos escritórios dos advogados e não estes a casa dos clientes!" (<http://www.azedoperdigao.pt>).

Aliás, o Dr. Perdigão, anos mais tarde, até viria a afirmar que o indivíduo em causa (Calouste Gulbenkian) "não lhe interessou muito no primeiro contacto", mas "a sua personalidade, sim", por ser "um homem muitíssimo inteligente e um amante de arte" (<http://www.azedoperdigao.pt/sociedade/fundador/>). O singular episódio revela o carácter independente de Azeredo Perdigão como profissional do Direito, atributo que terá sido "pedra basilar da advocacia que exerceu e o princípio que sempre presidiu nas suas decisões" (<http://www.azedoperdigao.pt/sociedade/fundador/>) e, desde logo, muito valorizado pelo próprio Gulbenkian. Iniciava-se, assim, uma relação profissional que havia de evoluir em termos mais pessoais e que culminaria com uma amizade e confiança ímpares, que se poderá considerar mútua. E a Fundação Gulbenkian foi, por assim dizer, não só o corolário dessa relação mas também uma espécie de "sonho a dois" que Calouste Gulbenkian gizou e Azeredo Perdigão concretizou.

Francisco Corrêa Guedes (1992) acrescenta no seu volumoso livro sobre Gulbenkian uma informação mais que curiosa sobre o seu advogado dilecto. Referindo-se ao filho primogénito de Calouste, Nubar – que parece ter sido frequentemente problemático para o Sr. Cinco por Cento – dá a conhecer factos interessantes de uma "guerra" continuada com o pai. E até de um processo em tribunal que ele moveria contra a jovem Fundação. O escritor afirma que Azeredo e Nubar "não morriam de amores um pelo outro" e a Fundação, através do causídico, terá feito passar o rebelde Nubar por "trapalhão e mentiroso" (p. 389). Porém, mesmo após lutas intestinas e a publicação de uma rocambolesca obra com memórias do filho varão do Sr. Gulbenkian, *Pantaraxia, ou um retrato em petróleo* (que a Fundação parece ter adquirido todos os exemplares disponíveis nas livrarias com o objectivo de abafar as suas "crónicas de costumes" e de *faits divers*) Nubar nunca pôs em causa os "princípios e seriedade" de Perdigão, mas "tão-somente a sua vaidade e, no limite, a sua pomposidade" (pp. 389-390). A bailarina e professora Manuela Varela Cid validou a opinião do filho de Calouste ao relatar que juntamente com alguma formalidade de Madalena no trato com os bailarinos, numa "visita de honra" à sede provisória do Centro Português de Bailado no início da companhia, o Presidente do Conselho de Administração da FCG não só anunciou que iria ser construído um estúdio para ser posto ao serviço do grupo como "informou os artistas que a sua presença no Grupo Experimental de Ballet era uma honra para eles"¹.

¹ Informação fornecida por Manuela Varela Cid ao autor, Lisboa, 2013.

É perfeitamente natural que, desde logo, aquele que viria a ocupar o mais importante cargo na futura Fundação, estivesse bem consciente de que a fortuna de alguém que foi muitos anos um apátrida fosse olhada com muito apetite pelos países onde viveu, mormente a França, a Grã-Bretanha e, posteriormente, Portugal, país que o Sr. Gulbenkian escolheu para viver os últimos anos da sua vida. E também pelos Estados Unidos da América, onde tinha interesses financeiros e muitas obras de arte emprestadas. Sendo conhecidos os problemas de ordem familiar de Calouste – com o filho, a filha e o genro – este teve, em vida, um natural e extremo cuidado de acautelar o futuro dos seus bens, através de dois testamentos datados respectivamente de 1950 e 1953¹ – vindo a falecer antes de modificar o último, como era sua vontade. Calouste, para além de não confiar na capacidade dos seus familiares mais chegados – Nubar e Rita – para gerir o seu imenso e variado património – a Fundação incluída –, também não depositou tal tarefa apenas nas mãos de um dos seus advogados, neste caso Azeredo Perdigão. A verdade é que todo o processo de herança se complicou de um modo que o previdente Gulbenkian, provavelmente, nunca terá imaginado². Desde logo, o maior problema parece ter sido estabelecer-se quem iria gerir o quê, e onde. Na verdade, as diversas interpretações da sua vontade motivaram uma renhida luta entre os seus familiares e os indivíduos legalmente designados para dar destino aos seus bens, sobretudo entre dois dos testamenteiros: o velho advogado inglês de Gulbenkian, Lord Radcliffe³ e o Dr. Perdigão. Este tinha um tipo de relação mais "sentimental" e de contornos algo "filiais" com Calouste e, desde logo, forçou aquilo a que alguns chamaram a "portugalização" da instituição, com relevantes intervenções ao mais alto nível nacional, de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano, por exemplo (Antunes, 1997).

Perdigão acabou por levar a melhor contra o poderoso Radcliffe, "subtraindo" a Fundação Gulbenkian aos ingleses e tornando-se, desde logo, na mais poderosa força dentro da própria instituição. Um dos passos importantes no processo de implementação da FCG terá sido convencer Salazar a não interferir na vida interna da "casa", o que não terá sido muito difícil já que apesar de Salazar não gostar das opiniões políticas do advogado estava convencido de que ele era patriota e acreditava, também, que Azeredo Perdigão defendia e colocava acima de tudo os interesses nacionais. O causídico teve relativamente a Oliveira Salazar – o que quer dizer, analogamente ao autoritário poder político da época –, uma actuação curiosa. Se no início do processo de construção da FCG se socorreu do

1 Reprodução parcial no Anexo F.

2 Na obra *Portrait in oil – the autobiography of Nubar Gulbenkian*, aparece a uma compilação de 13 cartas trocadas entre Azeredo Perdigão e Cyril Radcliffe, entre 16 de Janeiro de 1956 e 1 de Junho do mesmo ano, sobre a constituição da FCG.

3 Cyril John Radcliffe (30 de Março de 1899-1 de Abril de 1977), 1.º Visconde de Radcliffe, foi um famosíssimo advogado britânico, formado em Oxford, que ficou na História inglesa e asiática pelo seu trabalho na divisão do território imperial na Índia.

ditador (e, posteriormente, também do seu sucessor, Caetano), para caucionar a aceitação e a segurança do projecto junto das mais altas entidades políticas da nação, seguidamente opôs-se a qualquer interferência externa na Fundação, tendo, por assim dizer, conseguido impor uma certa independência política. Já que a económica estava mais do que assegurada com os fundos e acervo artístico que pertenciam ao multimilionário. Após o desaparecimento do Dr. Perdigão, aquela muito positiva e conveniente situação de distanciamento da política e dos políticos parece ter-se tornado muito menos visível e, sobretudo, difícil de controlar.

José Henrique de Azeredo Perdigão natural de Viseu, onde nasceu a 19 de Setembro de 1896, tomou as rédeas de um modo vitalício da FCG, desde a sua constituição, a 18 de Julho de 1956, até ao seu falecimento, a 10 de Setembro de 1993. Contando com os anos em que se envolveu intensamente na preparação do caminho que levou ao estabelecimento da instituição, a sua acção durou quase quatro décadas traduzindo-se numa vida muito intensa e frutuosa, dedicada a uma causa ímpar e, reconhecidamente, de excelência. Era neto do Major Roque Rangel de Azeredo (c. 1810-?) um dos liberais exilados em Inglaterra que ficaram na História como os "bravos do Mindelo" por ter integrado a companhia de D. Pedro IV que em 1832 combateu as tropas miguelistas. E era filho de Raquel Azeredo (c 1875-?) e de José Cardoso Perdigão (1869-?), um republicano convicto, que não escapou ao advento das ideias republicanas, tendo dado refúgio, na sua casa, ao oposicionista Aquilino Ribeiro e partilhado do ideal político que tinha em José Relvas o seu grande ideólogo. O seu forte envolvimento no movimento republicano levá-lo-ia, praticamente, à falência obrigando-o a transferir a sua família para Lisboa.

José Henrique nasceu na Beira Alta e frequentou o liceu da cidade de Viseu até ao 5.º ano, inclusive, mas é já em Lisboa, em 1913, que conclui o respectivo curso nas duas secções Letras e Ciências, no Liceu Camões, actual Escola Secundária de Camões. Posteriormente, matriculou-se na Faculdade de Estudos Sociais e de Direito, de Lisboa, no primeiro ano do seu funcionamento, e nessa escola fez os exames do primeiro, segundo e terceiro grupos, com as classificações de 19, 19 e 18 valores, respectivamente. A 15 de Janeiro de 1919 foi, na Universidade de Coimbra, a exame de Estado da parte complementar de Ciências Jurídicas, tendo sido aprovado com a classificação de "Muito Bom" (18 valores). Ainda como estudante, empregou-se no Ministério das Finanças, como 3.º Oficial, custeando os estudos com o salário e verbas auferidas ao dar explicações. Ainda na qualidade de estudante, elaborou e publicou o estudo *A indústria em Portugal* (1915), *Lições de Direito internacional público* e *Lições de Economia social* (1916). Em 1915 conheceu António Ferro na Faculdade de Direito e passou a frequentar as tertúlias modernistas onde pontuavam personalidades como Fernando Pessoa, Santa-Rita Pintor e Almada Negreiros, entre outros. Ao tomar a defesa de um colega de faculdade – Augusto Cunha, que, posteriormente viria a tornar-se cunhado de António Ferro –, acusando os

professores doutores de Direito de terem cometido uma grave injustiça na classificação deste colega, terá tido um dos primeiros revezes da sua carreira, ao ser expulso da faculdade. Este episódio obrigou-o a concluir o curso em Coimbra, tendo, de seguida, iniciado a sua brilhante carreira de advogado na capital, em 1919, abrindo escritório de advocacia na Baixa, na Rua de São Nicolau, no segundo andar do n.º 23. Desde então, aí permanece a sede da Azeredo Perdigão e Associados¹, com gestão do seu filho mais velho, José Pedro Dantas de Azeredo Perdigão (1921).

Rapidamente Azeredo tornou-se num dos profissionais mais requisitados da sua época, tendo sido contratado para alguns processos espinhosos que surgiram na justiça portuguesa. Por tal, ganhou fama de ser o melhor advogado português e, conseqüentemente, dizia-se que "era pago a peso de ouro". Exerceu com grande intensidade a actividade de jurisdição e, em simultâneo, foi consultor jurídico de algumas das mais importantes empresas industriais e comerciais do país. "No ano académico de 1920-1921 regeu um curso de Economia Social na Universidade Popular, e exerceu actividade docente também em outras universidades portuguesas. Democrata republicano, participou na fundação e fez parte do primeiro corpo directivo da revista *Seara Nova* – cujo primeiro número saiu a 15 de Outubro de 1921 –, numa iniciativa de Raúl Proença, ao qual se juntariam nomes de peso como Jaime Cortesão, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Raúl Brandão, Faria de Vasconcelos, Augusto Casimiro, Câmara Reis e Ferreira de Macedo, entre outros, e na qual publicou vários estudos e comentários sobre economia e finanças.

Em 1926, mediante concurso público – no qual obteve a mais alta classificação: 20 valores – foi nomeado Conservador do Registo Predial, em Lisboa, cargo que exerceu no seu consultório, na Baixa, até 1954. Também fez parte do Conselho Superior Judiciário e pertenceu ao Conselho de Administração do Banco Nacional Ultramarino e de outras renomadas empresas. Foi Presidente da Assembleia-Geral do Banco Fonsecas, Santos & Viana e da Sacor e foi Presidente da Assembleia-Geral e do Conselho de Auditoria do Banco de Portugal. Fez parte do Conselho Geral da Ordem dos Advogados, nos triénios 1945-1947 e 1948-1950, tendo exercido as funções de Presidente do Instituto da Conferência da mesma Ordem nos anos entre 1951 e 1954, e entre 1957 e 1960, tendo-lhe sido concedido, por essa Ordem, a categoria de "advogado honorário".

A par da sua actividade profissional de advogado, entre 1920 e 1952, que deliberadamente – mas com pesar – abandonou, a favor da presidência do Conselho de Administração da FCG, Azeredo Perdigão publicou diversas obras e realizou numerosas comunicações e conferências, tanto sobre assuntos jurídicos como sobre matérias de

1 Sociedade de advogados que tem sido assegurada pelo filho (José Pedro Dantas de Azeredo Perdigão), pelo neto (Miguel de Azeredo Perdigão) e colaboradores vários honrando com esse funcionamento regular desde 1919, um nome maior e prestigiado da advocacia portuguesa a caminho de celebrar um século de ininterrupta actividade em Portugal.

cultura, em geral. É de sua autoria o livro *Calouste Gulbenkian, Coleccionador*, no qual relata a forma como este benemérito seleccionou e adquiriu as obras de arte que constituíam a sua colecção e, posteriormente, passaram para o património da Fundação Gulbenkian. Também publicou, sob o título *Relatório do Presidente (1955-1978)*, sete longas e pormenorizadas exposições acerca da organização, funcionamento e actividades da Fundação. A partir daquela data, e sempre sob sua orientação, esses relatórios passaram a ser anuais e a denominar-se *Relatórios de Actividades da Fundação Calouste Gulbenkian*, tendo o último sido editado em finais de 1992, e relativo ao ano anterior.

Após ter, em 1942, conhecido e ter sido contratado como assessor jurídico de Calouste Gulbenkian – com a tarefa expressa de tratar de assuntos relativos às transferências de fundos, assuntos fiscais e contractos da aquisição de obras de arte – acabou por colaborar activamente, seis anos depois, na feitura do seu testamento, cujo objectivo maior era dar destino à sua fabulosa colecção de arte. Perdigão, desde logo, impressionou Gulbenkian, homem exigente e rigoroso, e a sua confiança no causídico foi decisiva para a criação da futura estrutura mecenática em Portugal, tendo este negociado as condições – que se julgaram as mais favoráveis para todos – com o Governo Português.

Assim que o velho Gulbenkian faleceu, em 1955 e, após uma feroz batalha jurídica e pessoal com Cyril Radcliffe, Azeredo Perdigão fez impor a sua estratégia, tendo os estatutos da Fundação Gulbenkian sido aprovados pelo Estado Português, pelo Decreto-Lei n.º 40690, de 18 de Julho de 1956, como instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins são a arte, a beneficência, a ciência e a educação. As instalações da sede e do museu em Lisboa, projectadas pelos arquitectos Athougua, Cid e Pessoa, e que ocupam uma área de aproximadamente 25 mil metros quadrados em frente do palácio de Palhavã, em Lisboa, só foram inauguradas em 1969. Integram, para além das áreas reservadas à administração e aos serviços, um Grande Auditório, espaços para exposições temporárias, uma zona com vários auditórios e salas, e um edifício próprio para albergar o Museu Calouste Gulbenkian, os Serviços Educativos do Museu e a Biblioteca de Arte.

O complexo é envolvido pelo Parque Gulbenkian, projectado pelos arquitectos Viana Barreto e Ribeiro Telles. Em 1983, numa das extremidades do parque – do outro lado do edifício principal e separado deste por um jardim com um auditório ao ar livre –, foi inaugurado o Centro de Arte Moderna, construído segundo o projecto do arquitecto britânico Sir Leslie Martin. Em 1993, ano da morte do primeiro presidente do conselho de administração, o Centro passou a ser designado como Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (CAMJAP), em sua homenagem. Além do espaço que exhibe parte da colecção de arte moderna e contemporânea da FCG, o centro dispõe de uma galeria de exposições temporárias, de uma sala polivalente e de espaços para as actividades do Sector Educativo do Centro. As acções desenvolvidas directamente pela Fundação no campo da investigação científica e do ensino estão concentradas no Instituto Gulbenkian de

Ciência que está instalado em Oeiras, num campo científico constituído por diversos edifícios, junto ao Palácio dos Marqueses de Pombal.

Azeredo Perdigão faleceu com 97 anos, viúvo de Maria Madalena, depois de exercer, durante quase 40 anos o cargo de Presidente da Fundação, instituição que se tornou uma referência mundial nas artes, e nacional na cultura e também em muitos outros domínios. Sob a sua direcção, a Fundação teve um papel determinante no desenvolvimento da cultura portuguesa com a criação de bibliotecas itinerantes – que, até 2002, levaram a leitura aos mais remotos pontos do país –, de festivais de música, da criação de uma orquestra, coro e grupo de bailado próprios, bem como de inúmeras outras importantes iniciativas que, verdadeiramente, marcaram a diferença. Com a organização das mais variadas exposições de arte, da construção do primeiro centro de arte moderna de Portugal e da atribuição de bolsas de estudo e de subsídios à criação artística, a FCG ganhou um peso nacional ímpar que, mais de meio século após a sua criação, não tem paralelo no país.

Ganhas várias e denodadas batalhas – designadamente desenhencilhar-se dos elementos que obstavam a que a FCG fosse criada com uns estatutos do seu agrado e convenientes para Portugal, chegar à presidência da mesma e estabelecer definitivamente a instituição na vida artística e científica portuguesa – Azeredo Perdigão decidiu que era tempo de analisar as carências da nação aos mais diversos níveis e passar à acção. Já que Portugal se encontrava em situação de subdesenvolvimento económico, científico e cultural relativamente à maioria dos países da Europa. Embora não descurando áreas como a beneficência e a educação (e mesmo acções determinantes a nível de reabilitação patrimonial em diversos pontos do mundo), foi, contudo, no plano artístico que a administração da FCG parece ter sentido urgência em actuar, colocando-se na posição de um inexistente "ministério da cultura", agindo no sentido de começar a educar um país rural e pouco sofisticado culturalmente.

Assim, a Fundação chamou a si a incumbência de desenvolver as artes não só no espaço nacional mas igualmente a nível internacional. Já que, com uma delegação no Reino Unido e ramificações em Paris e noutros centros culturais, a obra de Perdigão e Gulbenkian nunca deixou de partilhar os seus fundos em acções fora de Portugal, como, aliás, era vontade do mecenas arménio. Praticamente logo após a criação da instituição a meio do ano de 1956 – organizada como se de um pequeno governo se tratasse para gerir assuntos ligados a muitas áreas e ainda com a sua sede no escritório do Dr. Perdigão, no já citado edifício da Rua de São Nicolau – parece ter havido alguma urgência em mostrar trabalho, já que se começou, de imediato, a "atribuir subsídios individuais. Pouco depois começou a atribuí-los também a instituições, ou a indivíduos, por intermédio delas, e criou bolsas de estudo" (Magalhães, 1958, n.p.).

Conhecendo tal objectivo, muitos artistas – incluindo alguns da dança – viram na "casa" do Dr. Perdigão uma oportunidade única de poderem desenvolver alguns projectos,

em tempos muito difíceis e em que as hipóteses de sucesso eram escassas e as estruturas, praticamente, inexistentes. Porém, ao nível dos diversos administradores, havia seguramente algumas divergências – para não dizer discordâncias – na maneira como o processo se deveria desenrolar. Em documento manuscrito datado de 21 Outubro de 1958, o administrador José Raposo de Magalhães, antigo colega de escritório designado por Perdigão como secretário do Conselho Administrativo da FCG, director dos Serviços Gerais de Educação e o criador do Serviço de Bibliotecas Itinerantes, não tem a mesma visão ao referir "parece que não competirá à Fundação um grande esforço financeiro na formação de novos artistas, porque a construção do Museu e o desenvolvimento de um programa de actuação artística nele estruturado [...] preencherão suficientemente os fins artísticos fundacionais" (Magalhães, 1958, n.p.).

Contudo, noutra frente, Madalena Biscaia (1923-1989), que posteriormente passou a utilizar o nome Perdigão, por casamento – e 6 de Novembro de 1960 – não perdeu tempo nas áreas que monopolizou, designadamente a dança e a música, aproximando-se, deliberadamente, ou deixando que certas pessoas com iniciativa, experiência, visão e profissionalismo, se aproximassem dela. Designadamente coreógrafos, bailarinos, artistas plásticos e músicos e, mesmo, alguns indivíduos ligados a uma vertente mais teórica das artes. Na opinião de Águeda Sena, que conhecia bem Azeredo Perdigão e esposa, *"era impossível separar a situação familiar e profissional do casal Perdigão"* (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010). Enquanto Madalena acreditava ser um mecenas – um pouco na senda do notável trabalho de Diaghilev no início do século –, naturalmente com as verbas da FCG, dizia-se que o seu marido, pelo menos, no início, não estava muito sensibilizado para a dança. Aliás, quando se referia ao grupo de bailado, dizia frequentemente: *"não quero saber nada disso"* (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010). Tudo leva a crer que "isso" era uma palavra demasiado distante para se acreditar que Madalena, quando se tratava dos seus projectos artísticos, não impunha a sua férrea vontade ao marido. É, pois, lícito questionar se o Dr. Perdigão gostava mesmo de dança ou se, gostava muito da mulher e era isso fazia toda a diferença. Águeda Sena afirma que *"ele tinha uma enorme paixão por ela e que Madalena era de uma invulgar inteligência e que sabia muito bem como conseguir os seus propósitos"* (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010).

De acordo com Bernardette Pessanha:

É óbvio que ele adorava a mulher e a dança vinha por arrasto. Ela era uma pessoa que exalava felicidade quando estava em contacto com os artistas bailarinos mas, nunca, dentro do Ballet Gulbenkian, procurou qualquer protagonismo. Sempre deixava para os outros o estatuto e a projecção social. Ela não precisava disso. Porém, em última análise, era ela quem mandava na companhia. E quando era preciso não hesitava em afirmar o seu poder, ainda que discretamente, para fora mas incisivamente

junto dos seus colaboradores. É certo que nada se fazia na cave (isto é, nas instalações do BG, no subsolo da Fundação) que não viesse determinado do primeiro andar (onde funcionava o Serviço de Música de que Madalena era directora). Era uma mulher muito astuta e quando queria conseguir certas coisas, por exemplo que os outros serviços da Fundação colaborassem com as (suas) iniciativas ou as três instituições artísticas que tutelava directamente – quer fosse com verbas quer fosse na prestação de serviços – muitas vezes apresentava certos factos como adquiridos. E assim já as coisas não podiam deixar de avançar dentro de uma casa onde se sabia que nem todos os administradores eram tão "generosos" como o seu próprio marido. Uma nota muito significativa tem a ver com o carinho que ambos sempre revelavam pelos artistas: o "casal presidencial" nunca perdia uma estreia da companhia, o que era motivo de orgulho para todos ligados à dança. Mas acima de tudo, eram de uma simpatia e dedicação notáveis. No início nunca deixavam de mostrar o seu afecto e reconhecimento para com os bailarinos e equipa artística, dedicando-lhes, invariavelmente, palavras de estímulo e agradecimento. No final de cada espectáculo, visitavam os camarins e cumprimentavam os elementos da companhia um a um. Depois que a Dra. Madalena saiu do BG nunca mais ninguém mostrou tal gesto de amizade, partilha e consideração profissional. (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

O que não impediu de, por exemplo, a 30 de Abril de 1961, justamente na altura da criação do GEB, o Presidente da FCG ter escrito: "[...] devemos [...] estar muito atentos para não cometer o erro, mais do que o erro a falta grave, de estimular a mediocridade ou de concorrer para o êxito [...] temporário de algumas mistificações" (J.A. Perdigão, 1961, citado por Perdigão, 2005, p. 37).

E, em 1965, quando o Grupo Experimental de Ballet se transforma em Grupo Gulbenkian de Bailado, em grande parte devido à lucidez e persistência de Madalena Perdigão, directora do SM (entre 1958 e 1974), o Presidente do Conselho de Administração da FCG justifica a integração do pequeno grupo do Centro Português de Bailado – que funcionaria entre 1960 e 1968 – com a seguinte argumentação:

Foi longa a nossa hesitação. Por um lado não se afigurava recomendável que a Fundação aumentasse os seus encargos permanentes com a manutenção de mais um agrupamento artístico, mas, reconhecendo que o bailado representa, na vida artística contemporânea, um papel de grande relevo (J. A. Perdigão, 1961, citado por Perdigão, 2005, p. 37).

Essa característica visionária e, sobretudo, eivada de pragmatismo da personalidade de Azeredo Perdigão, é acentuada por artistas que com ele conviveram, ainda que fugazmente. De acordo com Jorge Garcia¹:

¹ Mestre-de-bailado de renome internacional que trabalhou com regularidade no BG desde os anos 70 até à data da sua extinção e que prestou informações ao autor, Lisboa, 2010.

Aquando da primeira grande crise do petróleo, nos anos 70, o Dr. Perdigão convocou os responsáveis dos organismos artísticos da FCG para lhes comunicar pessoalmente que o "tempo das vacas gordas" tinha acabado e que era preciso restringir custos. O Milko [Sparemblek] não quis ir sozinho à reunião e pediu-me para o acompanhar. Ouvimos todas as explicações, bem claras e objectivas, de um senhor que sabia muito bem do que falava e o que pretendia. Não foi pronunciada uma única palavra extemporânea nem foi necessária qualquer observação ou comentário complementar, da parte dos presentes. A sua sabedoria e sensatez eram perfeitamente notáveis.

Em condições semelhantes, anos mais tarde, no gabinete do próprio Presidente da FCG e na presença de José Blanco (n. 1934) – então administrador responsável pelo Serviço de Música – e de alguns elementos directivos, uma bailarina do grupo que esteve numa reunião presenciou um facto inédito que relatou a Bernardette Pessanha:

Nos últimos anos do Dr. Perdigão na Gulbenkian reuniram-se os representantes do BG e da Orquestra Gulbenkian para uma conversa mais ou menos formal no seu gabinete. Estavam em cima da mesa três propostas e vários acordos para se proceder à reformulação dos regulamentos internos e dos estatutos dos corpos artísticos e, posteriormente, se estabelecer objectivos referentes aos grupos representados. Já na recta final do encontro, surgiu um aviso certo do 'patrão', justamente para os elementos do BG: tenham em conta o seguinte, aqui as coisas têm que funcionar bem: o jardineiro jardina e o bailarino baila. Mais nada. Boa tarde a todos. E, assim, os presentes ficaram, uma vez mais, cientes do pragmatismo, exactidão e excelência de raciocínio do Dr. Azeredo Perdigão. Infelizmente, pouco tempo após a morte da sua mulher dizia-se na Fundação que lhe enviaram uma carta informando-o que ele já não tinha qualquer poder na casa. Isso terá sido fatal para ele e, seguramente, foi o princípio do fim da companhia de dança. Grupo que nasceu com muito trabalho, entrega, dedicação e generosidade e que nós fundámos e amávamos incondicionalmente até ao seu último espectáculo. (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

Desaparecido de cena Azeredo Perdigão – e tendo em conta a conjuntura nacional e internacional –, a instituição começou a esforçar-se para que a sua actividade se tornasse mais orientada para acções de índole internacional, em parte, para fazer face a problemas mais prementes da sociedade. Não deixando, contudo, de continuar a honrar os desejos do Fundador. Assim, a Fundação começou a colaborar activamente com outras fundações em questões internacionais tendo instituído, em 2006, no seu cinquentenário, o Prémio Internacional Calouste Gulbenkian, em memória de filantropo. Prémio que é atribuído anualmente por um júri internacional a uma entidade que labute em prol da compreensão, defesa e promoção dos valores universais da condição humana.

Ao longo da vida, o grande português José Henrique de Azeredo Perdigão recebeu vários doutoramentos *Honoris Causa* outorgados por universidades nacionais e estrangeiras de grande prestígio, tais como em Direito, pelas Universidades de Coimbra, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo; em Letras, pelas Universidades de Lisboa; e em Artes, pelo Royal College of Arts de Londres; em Ciências Humanas, pela Southeastern University de Massachusetts (EUA); em Humanidades, pela Universidade de Sophia (Japão); e em Arquitectura, pela Universidade Técnica de Lisboa. Era também doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Porto.

Para além disso, recebeu nada menos que 37 condecorações – tantas quantos os anos que esteve como presidente da FCG –, dezassete medalhas de ouro e diversas homenagens públicas¹. Após a sua morte o seu nome foi dado ao Agrupamento de Escolas de Abraveses, Viseu, ao Conservatório Regional de Música de Viseu, e a um largo nas imediações da FCG.

Uma das suas maiores coroas de glória daquele a quem aos 10 anos a imprensa católica da sua cidade natal apelidou "o ateu de calções", terá sido o seu nome ter feito parte de uma lista sugerida por Salazar, em 1965, para candidato a Presidente da República. Não se conhece publicamente a reacção de Perdigão mas a do primeiro-ministro de então ficou registada em livro: "Nenhum dos nomes agrada absolutamente a Salazar; mas também não os rejeita. Nada dirá, quanto a qualquer, antes de ouvir a União Nacional" (Nogueira, 2000, pp. 49-50). Diz a História que, posteriormente, aquele organismo terá optado pela reeleição de Américo Tomaz.

Não menos honroso foi, já depois da Revolução de Abril, a designação do Dr. Perdigão para membro do Conselho de Estado (cargo que desempenhou entre Maio de 1974 e Março de 1975). Porém, a sua maior láurea é, seguramente, fazer parte de uma restrita galeria de Portugueses notáveis onde repousam todos "aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando".

1.3. Madalena Perdigão – a alma do bailado na FCG.

Para além de Azeredo Perdigão, a sua segunda mulher, Madalena Perdigão foi, umas vezes, directa, outras indirectamente, figura cimeira dos meandros das artes na década de 60, mas sobretudo nas de 70 e 80, em Portugal. Há quem a considere, mesmo, a primeira e a maior "programadora" da dança portuguesa, tendo ela própria iniciado uma actividade – sem contornos muito definidos – totalmente inexistente no país na sua época: a de gestora cultural (integrada numa instituição privada) em contraponto com os empresários teatrais existentes no meio.

¹ Para informações detalhadas veja-se o *sítio* da Sociedade de Advogados Azeredo Perdigão & Associados em: <http://www.azedoperdigao.pt>.

Maria Madalena Bagão da Silva Biscaia de Azeredo Perdigão nasceu a 28 de Abril de 1923, Figueira da Foz e morreu em Lisboa a 5 de Dezembro de 1989, foi, sem dúvida, uma das figuras que maior influência exerceu na vida artística de Portugal no longo período em que desenvolveu actividade na FCG e, de igual modo, fora dela. A sua figura parece ter surgido no momento certo (para a dança e para a música) na vida da jovem Fundação e, aparentemente, também na do seu Presidente. De personalidade forte, viva e dinâmica, adquiriu um poder que lhe conferiu pesadas responsabilidades no meio artístico português, sobretudo no musical, já que foi fundadora e, durante muitos anos directora, do Serviço de Música da instituição. Departamento vocacionado para as artes teatrais e que, numa interpretação bastante amplificada do testamento de Calouste Gulbenkian, viria a criar os três corpos artísticos residentes na sede da FCG. Sendo que o grupo de dança teve uma génese e trajectória bem diferente dos outros dois agrupamentos, uma vez que se ergueu sobre uma estrutura já existente e que, desde a sua criação, era subsidiada pela Fundação: o Grupo Experimental de Ballet, constituído em 1961.

O GGB foi, por assim dizer, o herdeiro dos esforços artísticos do GEB; nas palavras da bailarina Marta Ataíde *"o grupo de dança era a jóia mais preciosa de Madalena Perdigão"*.¹ De acordo com artistas e alguns colaboradores próximos que com ela privaram, apesar da falta de unanimidade nas opiniões não restam dúvidas quanto ao seu desempenho profissional.

A Dr.^a Madalena era uma mulher com duas faces muito intensas. Uma delas, de uma luminosidade que cegava, deixou-nos a ideia de que, desde logo, a sua vocação e destino era o apoio às artes. Nos círculos mais privados, quase se podia entender que queria ser para a dança em Portugal o que Diaghilev fora na Europa do início do século vinte. Com as devidas distâncias, é óbvio. Não nos aspectos empresariais, é óbvio, mas num plano estritamente mecenático ao nível das artes. Era uma pessoa de grande inteligência que sabia muito bem como chegar aos seus objectivos e quanto era importante colher informações junto de quem sabia ser mais conhecedor do que ela em determinadas matérias. Sobretudo no caso da dança. Também era conhecida, entre os que com ela conviviam, por ser uma lutadora persistente, como qualquer aspirante ao sucesso pessoal e profissional. Quando necessário, usava a sua beleza e elegância como elementos de sedução. Diz-se, também, que sabia utilizar as suas armas com o rigor do seu espírito matemático, o que a tornava, aos olhos de muitos, uma pessoa algo calculista, porém, sempre encantadora. Quando queria conseguir alguma coisa difícil, também podia ser um pouco manipuladora, pois era muito focada e ambiciosa. Para os que conheciam a fundo a gestão do SM e do próprio GGB não havia dúvidas, quando havia algum problema para resolver dentro da companhia de dança, ela punha e

1 Segundo informações prestadas por Marta Ataíde ao autor, Lisboa, 2013.

dispunha quando era caso disso. Seguramente apreciava muito alguns artistas do grupo e tinha orgulho neles. Suponho que, em relação a outros, podia ser algo insegura, sobretudo àqueles que a podiam desafiar a nível artístico e intelectual. Com o continuado convívio com bailarinos e coreógrafos foi-se esforçando por conhecer a História da Dança e as suas especificidades, mas, naturalmente, estava arredada dos seus aspectos mais técnicos e, até, estéticos. Para isso existiram os directores artísticos, a quem dava ouvidos mas que dela dependiam, Quanto aos críticos, na maioria dos casos, limitavam-se, de certo modo, a bajular a FCG ou a criticá-la segundo critérios que, poder-se-á dizer, dependiam dos seus pouco relevantes atributos artístico-intelectuais ou, pior ainda, de interesses mais ou menos pessoais.

[...] O seu trabalho relativamente à música foi mais criticado, na época, do que o na área da dança. Havia uma massa crítica na música que não existia na dança e, naturalmente, ela tinha mais obrigações relativamente a uma arte que, por razões óbvias, lhe era mais fácil dominar. Já que, quando começou a trabalhar na FCG, presume-se que, de dança, apenas conhecia uns laivos da sua história. Em resumo, poder-se-á afirmar que o seu lado luminoso se evidenciou de um modo recorrente, pois era uma mulher fascinante que se tornou muito poderosa e que não cedia perante as dificuldades em atingir os seus objectivos. Uma coisa é certa, sempre demonstrava tenacidade em todas as missões a que se propunha e não recuava perante obstáculos. Algumas vezes, possivelmente, terá utilizado o seu poder para impor algumas regras que o seu coração ditava, mas nunca deixando para trás uma aura de ponderação e sensatez que, efectivamente, deixava transparecer. Houve, porém, uma batalha (ao mesmo tempo pública e pessoal) que não conseguiu ganhar e foi, mesmo, contra um cancro que, com grande pena dos bailarinos, professores, coreógrafos e demais artistas da dança – não os mangas-de-alpaca lambe botas-que com ela privaram –, a levou prematuramente (entrevista a Águeda Sena, Cascais, 2010).

Bernardette Pessanha, antiga bailarina do GEB e assistente da direcção do BG, tendo trabalhado com Madalena Perdigão muito tempo e sua admiradora confessa, afirmou:

A Dr.^a Madalena era uma pessoa invulgarmente inteligente e sempre discreta, que nunca se tentava valorizar aos olhos dos artistas. Jamais a vi impor em público as suas decisões. Normalmente não se punha a dizer o que ia fazer mas mostrava o trabalho já feito. Algumas vezes, também apresentava aos seus colaboradores factos consumados com o argumento de que assim já se não podia cancelar isto ou aquilo, e que tinha que ser feito. Ela gostava genuinamente dos bailarinos e o Dr. Perdigão surgia sempre, como um verdadeiro senhor a seu lado, dando-lhe todo o apoio. Dizia-se que, quando não tinha dinheiro para os seus projectos, ia ao "saco azul" do marido. Leia-se fundos agregados à Presidência da FCG. Ambos faziam a maior questão de tratar os artistas com todo respeito e simpatia e

isso era a prova que davam importância ao nosso trabalho. Para se ter uma ideia do que estou a falar, depois que a Dr.^a Madalena deixou o Serviço de Música, nunca mais alguém [da Administração] se deslocou regularmente aos camarins junto do palco para nos cumprimentar. Eu sempre tive o maior respeito por ela pois sabia bem o trabalho que tinha na área da dança dentro de uma casa em que a música estava muito mais defendida. Quando me via nos corredores, inevitavelmente, perguntava-me "Menina, como é que vai o seu ballet?" Eu, que fui assistente da direcção artística até quase ao fim da companhia e, frequentemente fazia a ponte entre artistas e directores e às vezes, até com o Serviço de Música, normalmente até lhe respondia com um ar sorridente: Oh minha senhora, não é meu... é seu! Creio que ela o dizia de um modo genuíno e, sobretudo, muito incentivador. Lembro-me bem que, certas vezes, sobretudo no estrangeiro, algumas pessoas, designadamente os directores que representavam a companhia, tentavam colher os louros dos triunfos do grupo junto das entidades oficiais e da própria imprensa – o que até era normal. Porém, eu, que estava quase sempre presente nesses momentos, fazia questão de dizer que quem estava por trás deles e de todos nós era a Dr.^a Madalena. Que não se esquecessem que toda a aquela estrutura – que dentro ou fora da FCG funcionava sobre rodas – era obra dela! No meu entender era uma questão da mais elementar justiça, mas sempre me pareceu que ela não se preocupava em aparecer nos jornais ou na televisão... penso que não tinha essa necessidade. Era uma pessoa de uma grande discricção, qualidade essa que era do tamanho do seu valor (entrevista a Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

Por outro lado, Isabel Santa Rosa, a bailarina portuguesa mais conhecida da sua época – e a única com o estatuto de "estrela" quer no GEB quer no GGB – recordava com igual reverência o trabalho da directora do Serviço de Música da FCG:

Ainda antes de a Fundação ter chamado a si a direcção do pequeno Grupo Experimental, já os bailarinos viam a Dr.^a Madalena como uma espécie de anjo da guarda. Ela trazia o Dr. Perdigão para ver os nossos espectáculos, o que nos enchia de orgulho e...muita esperança. Não só no futuro do grupo mas, sobretudo, da dança em Portugal, séria e com profissionalismo. Era uma mulher muito sensata e, desde logo, se fez aconselhar por algumas personalidades de grande competência, ligadas à dança quer nacionais quer estrangeiras. Em Portugal, ouviu sempre o melhor, do pouco que havia na época. Durante muitos anos foi o árbitro justo a quem os artistas-bailarinos recorriam em caso de necessidade ou diferendo com as direcções artísticas do BG. Mas o seu estatuto dentro da Fundação também lhe permitiu impor a sua vontade em situações como, por exemplo, a escolha dos directores artísticos para o agrupamento. Lembro-me que, no caso de Anna Mascolo que, apesar das boas intenções em chamar alguém ligado ao panorama da dança portuguesa para a direcção do grupo, foi um mau passo que ela, rapidamente, corrigiu. Ou melhor, um

equivoco que, felizmente, durou apenas seis meses. O que prova que a FCG (Madalena Perdigão) não facilitava quando se tratava de defender o grupo. Para além de decisões mais ou menos acertadas e mais ou menos tomadas a quente – até do ponto de vista sentimental – Madalena Perdigão, desde sempre interferiu na vida artística e financeira do GEB e do GBB. Sabia-se na Rua Cristóvão de Figueiredo – sede do GEB depois de este sair do estúdio de Wanda Ribeiro da Silva, na Praça Olegário Mariano e do de Anna Mascolo, na Infante Santo – bem como no "piso menos dois" (do edifício-sede da Fundação onde se situaram os nossos dois estúdios e espaços de apoio do Ballet Gulbenkian), que era ela que tinha a última palavra. Para além de decisões menos visíveis, sabe-se que impôs muita coisa talvez um pouco ao arrepio da direcção de Milko Sparemblek que estava muito mais interessado em mostrar as suas obras e um "modernismo" com que lidava em Nova Iorque onde trabalhava ao mesmo tempo que passava grandes temporadas em Lisboa. Por exemplo, a vinda de Anton Dolin para remontar um Quebra-nozes luxuoso, foi decisão sua. E foi do melhor que o grupo apresentou ao longo de toda a sua história – juntamente com o bailado Petrouchka – pois fez imenso sucesso numa altura em que, finalmente, havia condições para em Portugal, haver respaldo financeiro e humano para se produzirem peças do repertório clássico com dignidade, coisa que não acontecia desde o século XIX (entrevista com Isabel Santa Rosa, Lisboa, 1993).

Certo é que:

A Sr.ª Perdigão considerava que, naquela época, era importante, a par de bailados contemporâneos, apresentar o repertório do passado em Portugal, o que era visto como curiosidade (e com grande excitação) interpretado por companhias estrangeiras que tocavam Lisboa de passagem¹.

Da sua biografia consta que, no ano lectivo de 1936-37, Maria Madalena Biscaia concluiu o 6.º ano do Curso Geral de Piano do Instituto de Música de Coimbra, no qual foi aluna do grande compositor Fernando Lopes-Graça. Em 1944 licenciou-se em Matemática, na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, tendo no ano seguinte começado a frequentar o curso superior de piano. Anos mais tarde, já casada com João Farinha – doutorado em Matemática e professor assistente na supra citada universidade – partiu para Paris como bolseira do IAC para prosseguir estudos com o renomado professor de piano Marcel Ciampi. João Farinha, que foi um dos primeiros bolseiros da recém-criada FCG, viria a falecer subitamente na cidade-luz, em Setembro de 1957.

Depois do seu regresso a Portugal e com a finalidade de agradecer o apoio financeiro dado ao precocemente desaparecido marido, Madalena Farinha deslocou-se de Coimbra a Lisboa (acompanhada pelo pai) ao escritório do também recém-viúvo Azeredo

¹ Segundo informações prestadas por Jorge Garcia ao autor, Lisboa, 2010.

Perdigão. "Ele indicou-me nessa altura o remédio para o grande desgosto que acabava de sofrer e deu-me conta do seu exemplo em situação idêntica: o recurso ao trabalho como meio de ultrapassar a dor" (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 18). Refere ainda Madalena que o seu futuro marido lhe terá também dito: "Não tenho lugar para uma matemática, porém na música ainda está tudo por fazer e terei o maior gosto na sua colaboração" (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 18-19). Tendo, assim, regressado a casa com a promessa de, muito em breve, voltar à capital. Já integrada na estrutura da jovem Fundação Gulbenkian:

Fez um cerco cerrado ao Dr. Perdigão até que se tornou sua secretária – profissão que, até então, nunca exercera. A sua ascensão na FCG foi notória e vertiginosa, tendo acabado por se juntar a um grupo de personalidades que já estava na instituição a trabalhar na área cultural. Uma vertente importante na linha de acção da jovem Fundação, arquitectada, justamente, pelo futuro marido (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010).

A par de José Raposo de Magalhães, do professor Artur Nobre de Gusmão e de João Couto, que inicialmente se ocuparam da dinamização das artes plásticas e da gestão do museu, Madalena deveria, em princípio, laborar apenas na área da música mas, desde logo, alargou o seu âmbito às artes teatrais em geral, designadamente, à criação artística. Assim que começou a trabalhar na FCG, rapidamente gizou um programa de actividades que acabaria por servir de lastro para o que, a partir de 1958, viria a ser o Serviço de Música, departamento do qual, naturalmente, viria a ser a primeira directora, exercendo funções, segundo fazia constar, sem qualquer remuneração. "Não fui nomeada Directora do Serviço de Música no início da minha entrada na Fundação Calouste Gulbenkian, mas apresentei desde logo o plano de actividades do que viria a ser esse Serviço" (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 19).

A sua influência foi de tal modo significativa que a ela se terá devido, inclusivamente, a construção de um auditório no novo edifício, de dimensões até então nunca vistas em Portugal, e um outro – também amplo – nos jardins, de inspiração nos teatros clássicos da Grécia antiga, integrados no famoso projecto da sede da Fundação. Construção essa que havia de ganhar um Prémio Valmor em 1975 e ser classificado Monumento Nacional em 2010. De acordo com as palavras ditas aos seus colaboradores mais directos e, posteriormente, em declarações à imprensa, nos planos iniciais da Dra. Madalena a criação de quaisquer agrupamentos para animar o Grande Auditório e o Auditório ao Ar Livre, não estava nos seus planos. Porém, as carências do meio e os elevados recursos financeiros disponíveis na Fundação animaram a jovem e expedita directora do SM a avançar com propostas mais ambiciosas. Na tentativa de dignificar os artistas portugueses e, muito acertadamente, reduzir a contratação estrangeira, começou por apoiar a criação de um

pequeno grupo de dança, na sequência de vários projectos que lhe foram apresentados – o GEB.

Madalena – que passa de Farinha a Perdigão por matrimónio a 6 de Novembro de 1960 e teria apenas um filho, o advogado Pedro Paulo Biscaia de Azeredo Perdigão (1962?) – foi a impulsionadora e organizadora de treze Festivais Gulbenkian de Música (entre 1958 e 1970). O primeiro por si organizado, ainda sem o "selo" Gulbenkian nas capas dos programas, decorreu nos dias 5, 8, 14 e 21 de Junho de 1957, no Teatro São Luís, em Lisboa; nele participaram a Orquestra Sinfónica Nacional, os maestros Vladimir Golschmann e Pedro de Freitas Branco, e os artistas Henryk Szering, Arthur Rubinstein, Victoria de Los Angeles e o Quarteto de Lisboa. Foi organizado pela Marquesa de Cadaval, sob o patrocínio da Fundação, tendo sido constituída, para o efeito, uma Comissão de Honra, da qual faziam parte a referida marquesa, Olga Maria Nicolis di Robilant Álvares Pereira de Melo, Elisa de Sousa Pedroso e o Maestro Pedro de Freitas Branco. Mas o festival seguinte, no Verão de 1958, já teve a marca de Madalena e, curiosamente, apresentou para além de música, espectáculos de bailado clássico.

O II Festival Gulbenkian decorreu em Lisboa e no Porto, entre 9 e 30 de Junho de 1958, e compreendeu uma série de concertos sinfónicos, música de câmara, recitais e espectáculos de dança. De salientar a participação de um grupo de solistas do Real Ballet da Dinamarca, para além de Sir John Barbirolli, Janos Starker, Carlo Maria Giulini, Alexander Brailowsky, Pedro de Freitas Branco, Ensemble Baroque de Paris, Haïganouche Torossian, Walter Susskind, Isaac Stern, Benedetti Michelangeli e Ettore Gracis.

Anos mais tarde e no que se refere ao desenvolvimento da dança dentro dos muros da Fundação:

[...] poder-se-á afirmar que o BG foi uma obra totalmente sua, até porque, os seus pares na Gulbenkian, todos puxavam pela música, que era uma arte com muito maior visibilidade que a dança. Devido à sua tenacidade e persistência chegou, mesmo, nos anos 60 dentro da Fundação, a falar-se que recebeu ameaças de morte, que, aliás, nunca se percebeu se vieram de dentro ou de fora da instituição (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

Embora a sua formação artística, como foi já assinalado, não tivesse passado pela dança, diz-se que *"tinha paixão por esta arte, ao contrário do seu marido que marcava presença a seu lado e satisfazia a sua vontade mas nunca terá sido contagiado com o vírus"*.¹ Numa entrevista dada a um amigo e colaborador de longa data – cerca de oito meses antes de falecer e já afectada pela doença que a havia de vitimar –, refere-se, de um modo que deixa transparecer contornos testamentais, aos primeiros tempos de Fundação e às três instituições de que, inequivocamente foi mãe:

¹ Segundo informações prestadas por Marta Ataíde ao autor, Lisboa, 2013.

Devo dizer-lhe que a fundação da Orquestra, do Coro e do *Ballet* não constavam desse esquema [testamento] pois a ideia da respectiva criação surgiu à medida que fui verificando as lacunas do meio musical português. O primeiro orçamento do Serviço de Música para o ano de 1957 foi de 1.590.839\$00. O recurso sistemático à colaboração de agrupamentos estrangeiros parecia-me errado e nada dignificante para a cultura portuguesa. Nessa altura, as disponibilidades orçamentais da Fundação Calouste Gulbenkian eram bastante amplas e não tive dificuldade em fazer aceitar as propostas de criação da Orquestra e do Coro Gulbenkian. Já quanto ao Ballet as dificuldades foram grandes, porque havia uma rejeição ao ingresso de bailarinos no quadro de funcionários da Fundação. [...] Os meus objectivos eram ambiciosos, mas não a curto prazo. Foi pouco a pouco que os projectos se desenvolveram (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 19).

É fácil perceber que o referido programa de actividades que, originalmente, também contemplava planos para o teatro e a criação de uma academia de música – que não foram aprovados pelos administradores da FCG –, apresentava contornos inovadores numa sociedade subdesenvolvida e culturalmente muito deficitária. Tratou-se de um verdadeiro programa de política cultural, especialmente para a música, e que consubstanciava a "criação de estruturas, planos educativos e de apoio à prática e à vivência musical", o que era completamente novo no país.

A descentralização cultural esteve, desde o início, no meu pensamento. Parecia-me, porém que era primordial assegurar o regular funcionamento das instalações da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa como Centro Cultural vivo e actuante [...] A Comissão de Musicologia foi uma das minhas primeiras acções [...] e o Programa de Bolsas de Estudo da Fundação Calouste Gulbenkian no país e no estrangeiro foi determinante para a formação de muitos estudantes portugueses de música, assim como os subsídios para deslocações ao estrangeiro (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 19-20).

Madalena não menciona os apoios dados a estudantes a profissionais de dança por, naturalmente, não terem sido muito substantivos, embora alguns artistas da área tenham usufruído de apoios da Fundação que, mais tarde, se viriam a revelar de enorme importância.

A criação dos acima citados Festivais Gulbenkian de Música foi também um acontecimento de superlativo valor no qual Madalena Perdigão pegou e insuflou vida. Esses eventos trouxeram a Portugal uma sensação de novidade e de frescura, traduzida em lotações esgotadas em vários teatros no país, designadamente o mais expressivo em termos de público – o lisboeta Coliseu dos Recreios. Também as digressões de orquestras e grupos de dança pelo país "teve um impacto comparável ao das bibliotecas itinerantes, no

sentido em que ambas as iniciativas surpreenderam, em absoluto, os hábitos culturais da população" (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 23). É de imaginar que, através dos festivais que constituíam uma experiência única, ela se satisfazia profissional e pessoalmente e cimentava a sua autoridade no seio da Fundação pelos avultados orçamentos que conseguia obter. Daí o seu grande empenho e muito esforço, também de uma pequena equipa de colaboradores muito coesa que consigo trabalhavam. Todavia, sabe-se que o Conselho de Administração da FCG, a partir de 1968, começou a questionar a sua realização devido aos elevados custos tendo, em 1970, decidido pôr fim a essa iniciativa. Não sem, contudo, ter a óbvia e desgostosa oposição de Madalena Perdigão e até, mesmo, ter enfrentado alguma contestação a nível nacional. "Lutei quanto pude pela continuação dos festivais que, entretanto, me tinham conquistado completamente e que achava constituírem um acontecimento de grande importância para a vida cultural do país, com uma adesão de público espantosa" (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 23).

Os festivais ficaram sempre marcados por episódios, alguns pitorescos e de natureza até pessoal, em relação à organização e aos artistas. Porém a Sr.^a Perdigão "demonstrava o maior gosto em trabalhar numa área que visivelmente dominava, que ia da pura gestão às relações públicas e que, naturalmente, lhe dava a oportunidade de contactar com grandes artistas", revelando bem "o enorme investimento e o forte compromisso da sua directora" (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 23). Até Salazar já muito doente, e substituído no poder por Marcelo Caetano – como referiu o filho Pedro Paulo – terá dito, em plena "primavera marcelista" ao pai: "Chamei-o cá para que o Senhor me explicasse uma coisa: porque é que a Fundação decidiu acabar com os Festivais Gulbenkian de Música?" (J. A. Perdigão, n.d. citado por Perdigão, 2009, p. 21).

Um dos momentos mais tensos e estrondosos entre o governo português, leia-se Salazar, e a FCG foi, sem dúvida, o "caso Béjart" após a expulsão de Portugal, a 7 de Junho, do coreógrafo e da sua companhia, o Ballet do Século Vinte. Cinco dias depois do ocorrido, Azeredo Perdigão quando soube da expulsão do coreógrafo francês:

Escreveu uma carta indignada e enérgica ao Presidente do Governo, Prof. Doutor António de Oliveira Salazar, clamando contra a injustiça da posição tomada pela PIDE. Eu própria telefonei ao Embaixador Franco Nogueira, ao tempo Ministro dos Negócios Estrangeiros, pedindo a sua intervenção no caso [...] chegando ao ponto de perguntar porque não prendiam também o Papa, que uma semana antes havia feito, para todo o Mundo, apelo idêntico ao de Bogart (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 21).

O caso é relatado em pormenor na biografia de Salazar de Franco Nogueira (Nogueira, 2000, pp. 357-363).

Para além de Portugal, a Fundação investiu no apoio e co-produção de eventos com origem no estrangeiro, nomeadamente, através de artistas que convidava. Estão nesse caso

o citado coreógrafo francês Maurice Bogart (1927-2007) cuja criação da sua escola Mudar, junto do Ballet do Século Vinte (sediado no Tataré de La Monice, em Bruxelas) subsidiou. Esta aposta na internacionalização – um dos desejos de Calouste Gulbenkian – fez com que a Fundação passasse a ser solicitada para ser parceira em projectos internacionais com um certo cunho vanguardista como foram os casos da fundação do Centre International d'Études Théâtrales, dirigido por Peter Brook (n. 1925) e a criação do Centre d'Études de Mathématiques et Automatique Musicales, dirigido por Iánnis Xenákis (1922-2001).

A enorme influência de Madalena Perdigão na dança portuguesa corporizou-se, acima de tudo, no GGB fundado sob a sua tutela, em Outubro de 1965, depois de anexado o GEB ao débil Centro Português de Bailado. Começou por lhe ampliar os recursos financeiros, aumentou-o em material humano e mudou-lhe o nome incorporando-lhe, simbolicamente, o do mecenas Gulbenkian. Sob proposta da Dr.^a Madalena ao Conselho de Administração da FCG, o grupo base – que de experimental tinha muito pouco, era administrado por um "inexperiente" Centro Português de Bailado e, desde sempre, dependido financeiramente da própria Madalena Perdigão – embora continuasse nas suas instalações originais no estúdio da Rua Cristóvão de Figueiredo, no Bairro Santos (perto do Rego e da Praça de Espanha), passava para a administração directa da FCG. Estava-se, então, numa fase algo conturbada a nível financeiro e directivo do GEB e em que os artistas recearam, até, uma eventual extinção do pequeno conjunto coreográfico. Este arriscado passo da mulher de Azeredo Perdigão, inserindo o grupo nos projectos de actividades artísticas regulares que a Fundação iniciara uns anos antes, como já se afirmou, não terá sido pacífico dentro da casa, porém, foi recebido com a maior das alegrias pelos artistas. Eles viram nessa decisão a única saída para acabar com um clima artístico pouco propício para a evolução profissional e não muito produtivo do ponto de vista criativo. Estava na hora de se pôr fim a amadorismos, a nível de direcção e de alguns bailarinos e, sobretudo, de uma certa indisciplina que reinava nas hostes baléticas.

O passo seguinte para um salto qualitativo do grupo foi a contratação do escocês Walter Gore (1910-1979), para as funções de director artístico. Aquela conhecida individualidade da dança europeia traria consigo uma bailarina resistente e com maturidade, a sua mulher Paula Hinton (1924-1996), e assim se estava reorganizando e consolidando uma companhia que haveria de ser o orgulho de Madalena Perdigão, e que resistiria muito para além da sua morte. O director que se seguiu a Gore – cuja nomeação foi igualmente da responsabilidade da directora do SM – seria o esloveno Milko Sparemblek, com quem a Dr.^a Madalena terá tido relações privilegiadas. Com o passar dos tempos, a aura de "salvadora" – imbuída de um misto de respeito e admiração – que os elementos do GGB vindos do GEB dela conservavam, foi-se diluindo, mas sem nunca desaparecer por completo do seu imaginário. Com o seu afastamento da direcção do SM, um seu assistente, Carlos Pontes Leça (n. 1938), assume tacitamente a responsabilidade do então já Ballet Gulbenkian. Três

anos depois, em 1978, ele será nomeado director-adjunto do SM enquanto o lugar de Madalena Perdigão é oferecido ao musicólogo e programador Luís Pereira Leal (n.1936), cargo que ocupou até à sua reforma em 2009.

Mudanças significativas vão dar-se numa fase conturbada e fervilhante da instituição (e do próprio país) tendo mesmo surgido uma nova geração de artistas portugueses que, expectavelmente, começa a olhar a própria Fundação de um modo diverso. Para a maioria dos jovens bailarinos portugueses, contratados pela FCG no período pós-saída de Sparemblek e em plenos "anos quentes" da revolução de Abril de 74, naturalmente, também a percepção dos elementos que asseguravam a direcção do BG era muito diversa da dos seus antecessores. Numa altura em que a fundadora do SM estava oficialmente afastada do seu *ballet*, os artistas dividiam-se em dois grupos: os mais jovens que nunca trabalharam debaixo da sua "dependência" e os seus colegas mais velhos (alguns deles já professores na casa) que tinham uma consciência muito mais clara do papel que Madalena Perdigão tivera na implantação e no desenvolvimento do grupo, até, mesmo, a um nível internacional.

Na nossa própria opinião, como avançámos já num outro lugar:

A Dr.^a Madalena era vista essencialmente como uma figura tutelar e, em simultâneo, uma mulher elegante, requintada, de fina inteligência e muito poderosa, que marcava presença, frequentemente, ao lado do seu marido nos eventos da Fundação. Em relação aos artistas do Ballet Gulbenkian, ainda antes de se ter retirado da direcção do Serviço de Música, era tida como uma figura semi-invisível. Mesmo quando administrava a companhia raramente descia aos estúdios e espaços ocupados pela dança no subsolo. Quanto muito espreitava, com extrema discrição, algum ensaio de palco do camarote presidencial entre cortinas e, depois, invariavelmente, aparecia nas estreias com o marido. Pode-se, mesmo, dizer que havia um certo mistério à sua volta que continua até hoje. Sobretudo em relação à sua saída motivada por causas bem mais profundas do que meras birras de artistas. Ainda que o ambiente não fosse nada pacífico e as confusões geradas no seio do BG pelos bailarinos tivessem transvasado para a esfera pública, a maior pressão para o afastamento de Madalena Perdigão terá vindo da parte de alguns músicos e pessoas ligadas à área musical, dentro e fora da Fundação.

Após a sua saída a influência que poderá ter exercido nos destinos do SM e, sobretudo, nos do BG nunca foi muito clara. Nos anos a seguir ao 25 de Abril, em que a companhia começou a renovar-se devido a uma política artística que parecia passar pelo fomento de uma geração de bailarinos portugueses – enérgicos e muito empenhados no seu trabalho – e alguns coreógrafos de uma nova safra, ela continuava (ainda que fora da casa) a ser a mulher do Presidente vitalício e (dentro), a ter pessoas da sua confiança a trabalhar na instituição. Para os artistas mais maduros do elenco do BG, a sua "sombra" nunca abandonou o grupo de dança. Referia-se,

amiúde, que os problemas que se verificavam no quotidiano do grupo de bailado – primeiro gerido por sucessivas Comissões Artísticas, após a saída de Sparemblek, e, posteriormente, por Jorge Salavisa – "seriam resolvidos de imediato pela mão sábia da Dr.^a Madalena, não tivesse ela sido saneada!" Havia, pois, todo um capital de confiança e uma aura de competência e eficiência que se não desvaneceu. Ao contrário das "novas caras" que se apoderaram do BG que pareciam ter uma atitude (discretamente) mercantilista e menos emocional em relação aos artistas! Após dez anos de uma condição que a própria afirmava ter sido uma espécie de "interregno" na sua carreira mas que se dizia ter sido forçada a tal – apesar de Madalena Perdigão nunca ter deixado de ser a omnipresente mulher do Presidente de Administração da FCG – a "demitida" directora do Serviço de Música recupera a acção directa e o brilho. Reaparece com uma posição que fazia crer (ou pretendia) ser algo "marginal" dentro da própria Fundação, sem grande alarido e com um novo tipo de estatuto. E logo, justamente, com um trabalho que foi, a todos os níveis, notável e reconhecido dentro, mas sobretudo fora das paredes da Gulbenkian. Esse longo período de "reflexão" a que, voluntaria ou involuntariamente, se obrigou, sobre as artes no Mundo, fê-la, depois, trazer a Lisboa alguns homens ligados às "novas tendências europeias" com os quais gizou a criação de um novo "filho gulbenkiano", o viçoso ACARTE. Esse outro impulso imprimido às artes performativas em Portugal, foi testemunhado por toda a Lisboa quando, durante anos e anos, se passava junto do edifício da Praça de Espanha e os consumidores de uma "nova vaga de espectáculos vanguardistas" davam a volta ao quarteirão para assistir – fora do edifício principal – ao que de melhor e mais expressivo, então, se fazia na Europa e no resto do Mundo. [...] Até ao fim da sua vida o casal Perdigão sempre exibiu uma postura a que habituou todos os que frequentavam os eventos da Fundação. Por ironia do destino, algumas vezes dava a impressão (muito positiva, aliás) que Madalena Perdigão quase "arrastava" o marido – já de uma propecta idade – para os espectáculos do Ballet Gulbenkian. Mostrava, assim, o seu amor pela dança e a sua admiração pelos bons profissionais – os melhores do país – a que a Fundação dava trabalho. Mas já na recta final da sua vida, já afectada pela doença que a vitimaria, aparecia nos eventos do ACARTE, com o mesmo brilho nos olhos mas, então, amparada pelo fiel marido (Laginha, 2009b, n.p.).

Como se assinalou, a enorme influência que Madalena exerceu, não só na criação de obras de arte, como nos próprios destinos artísticos e administrativos do BG, foi marcante. Mesmo para além da sua saída do SM, como muitos – com enorme convicção e lato sentido de justiça – continuam a afirmar. Três anos após deixar a Gulbenkian, na sequência dos acontecimentos de "Abril de 74", tempo em que esteve praticamente ausente das suas habituais rotinas e actividades ligadas à cultura, foi nomeada em 1978 assessora do ministro (socialista) Sottomayor Cardia, que detinha a pasta dupla da Educação e da

Cultura. E até 1984 presidiu, nessa condição, a um grupo de trabalho para a reestruturação do Ensino Artístico.

Não de somenos importância foi a sua gestão do ACARTE – Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte – criado pelo Conselho de Administração da FCG, a 20 de Julho de 1983, fundado a 7 de Maio de 1984 e extinto em 2003. Nele se manteve até aos seus últimos dias, no fim 1989. Dezanove anos depois da criação do GGB e depois de tempos muito conturbados a nível social e político em Portugal, quando a Dr.^a Madalena voltou à ribalta na FCG foi para criar o Serviço ACARTE, por assim dizer, o braço mais vanguardista no seio da instituição e destinado a actividades ligadas às artes performativas. Departamento complementar do Centro de Arte Moderna (CAM) – um equipamento cultural cujo programa da autoria de Azeredo Perdigão apontava como objectivo principal, à data da sua abertura, tornar-se num "amplo fórum para a discussão dos problemas da cultura e aberto à inovação e ao experimentalismo, sem preferenciar quaisquer escolas ou correntes estéticas" (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 24). Tratou-se de uma criação audaciosa e, em algum sentido, com um toque transgressor de Madalena Perdigão que, assim, tentou preencher um espaço específico no panorama cultural lisboeta, respondendo aos anseios e necessidades de jovens criadores e intérpretes, bem como aos de um público emergente, nas áreas da dança, do teatro, do cinema, da música, da literatura, das artes plásticas e artes circenses, arquitectura, vídeo e fotografia. A Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna tornou-se, assim, num palco privilegiado, senão mesmo singular, na capital portuguesa, para a circulação de jovens criadores e produções inovadoras, nacionais e internacionais, o qual teve uma importância essencial num certo distanciamento da Europa e mesmo, de um isolamento cultural, até então verificado naquelas áreas.

Sobre a criação do CAM, Madalena Perdigão resumiu numa exemplar – muito curta mas incisiva – frase debitando na imprensa as razões que a levaram a tomar tal iniciativa: "a Fundação, depois do 25 de Abril, caiu numa rotina, de qualidade, mas rotina" (M. Perdigão, 1984, citada por António Laginha, 2009a, n.p.). Para uns, uma vez mais e contra muitas dificuldades em impor uma nova proposta, essa foi mais uma luta que ganhou com brilho e distinção. Para outros, a sua necessidade de estar na Fundação foi bem vista pelo seu marido, o Presidente vitalício do Conselho de Administração da FCG, que, praticamente, impôs o seu regresso à casa através da criação de um instrumento chamado CAM. A 22 de Agosto de 1979, numa reunião extraordinária, rotulada de urgente, que terá obrigado alguns dos administradores da FCG a interromper as férias, foi decidido que se "aprovava a construção de um Centro de Pesquisa e Divulgação nos Domínios da Arte Moderna" (FCG, 1979, n.p.). A justificação registada em acta foi simples e com concisa "a ideia de a Fundação criar e construir o respectivo edifício e instalar um Museu de Arte Moderna, não é de hoje mas data dos primórdios da Instituição" (FCG, 1979, n.p.).

O projecto do futuro CAM – no qual Azeredo Perdigão muito investiu e, que, posteriormente viria a receber o seu nome – não foi nada pacífico tendo alguns dos membros do Conselho de Administração colocado reservas várias, com o argumento de que "um equipamento dedicado exclusivamente à arte moderna não teria sentido dentro da Fundação Gulbenkian" (FCG, 1979, n.p.). Sempre arguto e persuasivo, Azeredo Perdigão invocou a abertura de espírito presente nos fins estatutários da Fundação, o facto de no testamento do Fundador não haver quaisquer restrições ao investimento ou à aquisição de obras de Arte Moderna e, sobretudo, a óbvia necessidade da Fundação se adaptar, por razões educativas e também estéticas, às artes contemporâneas e aos anseios das gerações mais novas. Deitados por terra todos os obstáculos, foram considerados como objectivos essenciais do Centro ter um "carácter polivalente, incluindo instalações para animação cultural (tais como encontros de artistas, debates, espectáculos audiovisuais, *performances*, etc.), para documentação e arquivo de arte moderna e, eventualmente, para *ateliers* experimentais" (FCG, 1983, p. 420).

Em Maio e Junho de 1983, a convite de outro ministro, Francisco Lucas Pires, Madalena Perdigão organiza o I Festival Internacional de Música de Lisboa, que segue o modelo dos anteriores Festivais Gulbenkian de Música, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. Na programação deste evento a programadora vai mais além de um certame de música erudita alargando o conceito ao *jazz* e até organizando, em complemento, "um congresso estimulador de práticas musicais de longas tradições em Portugal" (Perdigão, 2009, p. 25). Porém, este seu projecto cultural, um quarto de século após o primeiro, era muito mais ambicioso. Não é de estranhar, portanto, que, um ano depois, a 7 de Maio de 1984, regressasse oficialmente à FCG com um novo desafio que traz as marcas da experiência da educação artística, num contexto já substancialmente diferente daquele em que tinha sido criado o SM. Em Portugal vigorava, então, um regime democrático e o país estava a dois anos de entrar, de pleno direito, na Comunidade Económica Europeia. A FCG dispunha de um novo equipamento cultural, cujas premissas programáticas, da autoria do próprio Azeredo Perdigão, naturalmente, em muito coincidiam com as perspectivas culturais e artísticas da sua mulher.

O grande empenho e o poder organizativo da esposa do Dr. Perdigão foram particularmente visíveis na criação dos Encontros ACARTE – Novo Teatro/Dança da Europa: festivais multidisciplinares que, a partir de 1987, começaram a atrair aos diversos espaços (alguns inusitados, como o parque de estacionamento) da FCG alguns dos maiores expoentes das artes teatrais portuguesas e estrangeiras, nos finais de cada Verão. É, então, uma figura muito prestigiada e com experiência, solidez nos métodos e conhecedora da casa, ainda com muita energia e ambição para produzir obras de arte e continuar a contribuir para a mudança cultural e artística do país, que regressa à "sua casa". Traz consigo uma ideologia própria para a cultura e um programa rigorosamente delineado.

Madalena Perdigão tem consciência de que o SM por ela criado sofria de um certo conservadorismo e inércia, tendo deixado de responder plenamente aos novos ventos e ambiente cultural e à profunda contaminação dos géneros artísticos que se fazia sentir no início da década de 80. Com a curiosidade que sempre a caracterizara, e invulgarmente informada, Madalena estava ciente do papel omnipresente da dança, do teatro e da *performance* em todo o circuito das artes na Europa, e na vida de certos sectores da sociedade. Ela própria o afirmava, repetidamente, em conferências e entrevistas. "A política cultural do ACARTE é baseada em critérios de qualidade mas reclama-se a possibilidade de correr riscos", tem "carácter internacionalista, embora pretenda considerar e estimular a criatividade dos artistas portugueses" e "não tem preconceitos quanto a géneros artísticos nem privilegia escolas ou correntes estéticas" (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 24).

Assim, o CAM propiciou a crescente inclusão de Lisboa nas redes de festivais europeus abertos às novas tendências tendo, simultaneamente, formando novos públicos interessados no convívio com múltiplas áreas do espectáculo. Do "Jazz em Agosto" às diversas "Mostras de Dança", o ACARTE foi abrindo um espaço privilegiado para a nova criação artística e cujas consequências foram evidentes, em especial, na alteração do panorama da dança em Portugal e na criação de expectativas de renovação do teatro português. As novas correntes, associadas a outros métodos de treino e de composição coreográfica, encontraram em Madalena Perdigão eco também a nível pedagógico com a organização de oficinas diversas, conferências e seminários abertos a bailarinos e coreógrafos portugueses que, aproveitando a estada no nosso país de artistas estrangeiros, tomaram contacto com a discussão teórica e uma prática cultural e artística até então, praticamente, inexistente em Portugal.

Note-se que já no passado o eminente crítico e conhecida personalidade da dança inglesa, Arnold Haskell, organizou em Lisboa – em 1950 – uma exposição cenográfica, patrocinada pelo Instituto Britânico, em que, com elevado sentido pedagógico, tentou promover o conhecimento da arte da dança clássica. Quase duas décadas depois foi, a convite da Sra. Perdigão, que voltou a Lisboa para, na Fundação, protagonizar um ciclo de "conferências sobre ballet" no Auditório Dois, entre 4 e 14 de Novembro de 1968.

Acrescente-se que o poder de Madalena Perdigão na FCG, mesmo já numa fase em que o marido estava fisicamente debilitado e cuja influência nos destinos da instituição já não seria tão substantiva, ainda era grande. De tal modo que, antes de falecer, deixou, numa espécie de "carta de intenções", propositadamente, a indicação do nome daquele que lhe viria a suceder, afastando, assim, certos pretendentes ansiosos por se sentarem na cadeira que, por direito, a ela lhe pertencia. Essa pessoa era, justamente, alguém com quem manteve um relacionamento privilegiado nos tempos em que tentava "agarrar" o GEB, então pertença do Centro Português de Bailado, associação artística de que o jovem teórico

Sasportes era co-director. Assim, por morte da sua fundadora e por indicação expressa desta, o cargo de director do ACARTE foi confiado, em 1990, ao historiador e crítico de dança José Sasportes, o qual, em sua memória, instituiu no ano seguinte o Prémio ACARTE / Madalena Perdigão. O mesmo – que adquiriria alguma projecção – passou a ser atribuído anualmente com o objectivo de destacar, no campo das artes do espectáculo, um artista português ou estrangeiro, que estivesse a desenvolver a sua carreira em Portugal, e que indubitavelmente se tivesse distinguido, pelo carácter inovador e de originalidade, da sua obra. E que, indiscutivelmente, tivesse contribuído para o alargamento das fronteiras estéticas e dos modelos de produção usuais e se poderia espelhar no espírito visionário da Sra. Perdigão. O primeiro, relativo ao ano de 1991, foi ganho pelo coreógrafo João Fiadeiro com a peça *Retrato da memória enquanto peso morto*. Desde esse ano foram galardoados com o prestigiado prémio, na área da dança, a dupla de bailarinos-coreógrafos Paulo Ribeiro-Clara Andermatt (1994) e o bailarino-coreógrafo Francisco Camacho (1995).

Após o desaparecimento da sua criadora e quatro anos depois da morte de Azeredo Perdigão, o ACARTE sobreviveu ainda dez anos nas mãos do referido Sasportes – e de alguns outros directores que sem grande personalidade nem determinação e, provavelmente, também sem o necessário apoio financeiro do Conselho de Administração da FCG não deixaram qualquer marca – do qual saiu em litígio para ir ocupar (por não mais de um ano) o cargo de Ministro da Cultura, num executivo do Partido Socialista liderado por António Guterres. Gradualmente, o serviço foi perdendo a competência, o fulgor e a dinâmica caindo numa rotina de contornos quase meramente administrativos. Foi extinto em Dezembro de 2003, tendo o topo da hierarquia da casa-mãe considerado que ao ter sido desenvolvido "todo um programa inicial relacionado com práticas artísticas performativas", que se "tinha alterado o panorama nacional" e que o "modelo adoptado fora desenvolvido por outras instituições, um pouco por todo o país", esse serviço já não se justificava (FCG, 2003, p. 61). Poder-se-á afirmar que com esta decisão, embora aniquilando o último grande projecto de Madalena Perdigão gerado dentro dos seus muros, a Fundação ao mesmo tempo confirmou e reconheceu o seu incansável trabalho e incomparável legado (melhor dizendo, a sua notável obra na área das artes performativas, educação artística, cinema e formação de públicos, criada e desenvolvida na década de 80), admitindo não haver "seguidores" à sua altura.

Apenas pela sua acção com o GEB/GGB e pela posterior criação do ACARTE já o nome de Madalena Perdigão teria ficado definitivamente ligado não só à nossa dança como às outras artes. Porém, a sua actividade estendeu-se também à chamada "experiência pedagógica" no Conservatório Nacional entre 1971 e 1974. Depois da realização, na FCG (a 21 e 22 de Abril de 1971) de um colóquio sobre o projecto de reforma do ensino artístico, é nomeada pelo Ministro da Educação, José Veiga Simão, Presidente da Comissão Orientadora da Reforma do Ensino Artístico, instituída no Conservatório Nacional, após este

ter entrado em regime de "experiência pedagógica" no ano lectivo de 1971-72, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 47587, de 10 de Março de 1967 (Gomes, 2003). A gestora abandonou o cargo (tal como o SM da FCG) em 1974, na sequência de acontecimentos hostis verificados naquele estabelecimento de ensino, bem como de diversas críticas à sua actuação. Entre 1978 e 1979 dirigiu o Projecto de Decreto-Lei do Plano Nacional de Educação Artística (Vasques, 2007). Posteriormente foi nomeada directora do Gabinete Coordenador do Ensino Artístico – cargo que exerceu entre 1978 e 1984, assim como Presidente do Conselho Português da Música e da Associação Portuguesa de Educação Musical.

De acordo com Carlos Gomes (2003), a acção de Madalena Perdigão ao nível do ensino das artes em Portugal assume especial relevância não só pelos projectos apresentados – mesmo que não concretizados como, por exemplo, a proposta de criação de uma Academia de Música no seio da própria FCG – como pelo reflexo da acção desenvolvida ao nível da Comissão Orientadora da Reforma do Ensino Artístico, que se revestiu de um carácter "eminentemente prático", tentando "fazer chegar as artes do espectáculo a toda a população portuguesa" ao mesmo tempo que "promove a excelência e a qualidade ao nível da formação artística em Portugal" (p. 1066). Porém, "não deixou de ser uma pessoa polémica", o que "é patente nas clivagens existentes dentro do ensino artístico e as quais se repercutem na dicotomia criada em torno dos conceitos de 'educação pela arte' e de 'educação para a arte' da formação de 'profissionais' e 'amadores', de 'artistas' e de 'públicos'" (Gomes, 2003, pp. 1065-1067).

Ciente das muitas falhas na qualidade do nosso ensino artístico, Madalena acedeu a fazer parte do grupo encarregado de levar por diante a "reforma" do Conservatório, no qual a Escola de Dança, finalmente, deixou de ser uma secção da Escola de Teatro que, por sua vez, era então muito afectada pela evidente preponderância da de Música. Durante muito tempo a objectiva falta de bailarinos portugueses e a pouca qualidade da maioria dos então formados no Conservatório Nacional, fez com que surgissem outras alternativas, designadamente, a Escola do S. Carlos, apoiada pelo IAC, que, apesar de alguns resultados positivos devido à excelente qualidade de ensino da mestra Anna Ivanova (e também do seu assistente David Boswell) acabaria por ser extinta. Com o apoio do Ministério da Educação, não só Madalena Perdigão tentou a integração das cadeiras artísticas ao nível preparatório – de colaboração com a lisboeta Escola Francisco Arruda – como abrir o âmbito das matérias ensinadas e contratar docentes com alguma formação académica e profissional, dentro de um meio manifestamente inóspito e nem sempre convidativo. Após a extinção da Comissão de Reforma surgiu, em 1977, uma Comissão de Reestruturação a que Madalena Perdigão presidiu e que haveria de elaborar um Plano Nacional de Educação Artística que nunca foi objecto de qualquer despacho. Não foi aprovado nem desaprovado, simplesmente não teve qualquer continuidade. Todavia, em 1983 foi publicado um Decreto-Lei que teve uma influência notória no Plano Nacional de 1979, de que a Dr.^a Madalena foi uma das

principais responsáveis. Com o passar do tempo, pouco antes da sua morte e consciente das qualidades e defeitos do Decreto-Lei n.º 310/83, verificou-se a "exclusão" da proposta da Direcção Geral do Ensino Artístico, grande aspiração do meio, por se considerar que esse tipo de ensino necessitava de um órgão especializado do Ministério para tratar especificamente dos seus assuntos.

Como epílogo, pode-se afirmar que uma das consequências das tímidas reformas levadas a cabo no ensino da dança ao longo dos anos 70, apesar de se não terem conseguido resultados visivelmente satisfatórios, foi que o empenhamento de uns poucos, nos quais se contam, naturalmente, Madalena Perdigão, levou ao aparecimento de mais e melhores professores de dança – alguns dos quais estrangeiros que se estabeleceram em Portugal – e esse facto viria a produzir alguns frutos. Nos finais da década, e pela primeira vez, um grupo expressivo de jovens portugueses – a maioria dos quais saídos da Escola de Dança do Conservatório Nacional –, integrariam o elenco do BG como estagiários num período "pós-revolucionário" e de alguma abertura a "sangue português" após a saída de um director estrangeiro, Milko Sparemblek.

Já no fim da vida, Maria Madalena foi feita Comendador da Ordem Militar de Santiago da Espada, a 21 de Janeiro de 1964, e da Ordem do Infante D. Henrique, a 22 de Agosto de 1983. Foi elevada a Grande-Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada, a 5 de Setembro de 1985, e a Grã-Cruz da mesma Ordem, a título póstumo, a 8 de Março de 1990. Antes disso fora nomeada "Mulher da Europa – 1988", um importante prémio para um indivíduo ou um grupo que num dos então doze países da comunidade europeia "tenha contribuído para durante os dois anos precedentes para fazer progredir a União Europeia" (M. Perdigão, 1989, citada por Branco, 1989, p. 26).

Após o seu desaparecimento a autarquia lisboeta deu o seu nome a um largo na freguesia de São Domingos de Benfica (não muito longe do Palácio de Fronteira e Alorna) e surgiram artérias com o seu nome na Charneca da Caparica (Almada) e na Serra da Mira (Amadora), entre outras.

Habituei-me, desde jovem, a associar o nome de Madalena Perdigão a uma das principais referências na área da Cultura em Portugal. Foi ela que me proporcionou o acesso aos eventos culturais que a Fundação oferecia na década de 60 e 70, incluindo as temporadas do Grupo Gulbenkian de Bailado – no Grande Auditório – e as digressões ao Sul do país, para além dos concertos de música erudita. Também devido a ela aprendi a gostar de Dança e a ver toda a espécie de exposições, desde pintura até à escultura, passando pela fotografia e arquitectura, quando frequentava a Escola Superior de Belas Artes, de Lisboa. Foi com ela que o nosso país, nesses anos de grande isolamento, apesar de tudo, foi podendo ver alguns dos maiores vultos mundiais no campo da música e da dança. A criação do Ballet Gulbenkian, da Orquestra e do Coro e, duas décadas depois, do Serviço ACARTE, com os seus espectáculos de vanguarda na Sala

Polivalente do CAM, conferências e oficinas artísticas, concertos à hora de almoço e toda uma panóplia de eventos avulsos e ciclos de programas culturais (dos quais, naturalmente, se destacavam os estivais Encontros ACARTE) só podiam ter partido de uma mulher multifacetada cuja formação académica estava ligada às ciências exactas mas que, inteligentemente, soube alargar os seus horizontes para uma área que igualmente dominava na perfeição: a Música. Tanto ela como o marido faziam a diferença, quer na qualidade artística com que agigantaram a Gulbenkian, quer na postura de abertura de portas que sempre demonstraram enquanto estiveram à frente da instituição. Mais do que uma vez Azeredo Perdigão deu instruções directas para que fosse franqueada a entrada a jovens que não conseguissem bilhetes para espectáculos e que fossem acomodados na sala, pelos arrumadores, nas coxias laterais ou, mesmo, atrás da plateia ou no balcão. Ele utilizava, com generosidade, a máxima: a Gulbenkian nunca fecha as portas a ninguém; enquanto Madalena soube sempre imprimir criatividade e uma imensa qualidade aos programas que criou e desenvolveu. O seu poder (e presumivelmente o seu espírito mação) muito contribuiu para ter ficado na história das artes portuguesas. Ambos formaram um casal raro e batalhador tendo sido uns verdadeiramente ministros da cultura neste país (Laginha, 2009b, n.p.).

Independentemente de todas e quaisquer polémicas que sempre se poderão alimentar quanto à vida e obra de Madalena Perdigão uma coisa parece certa: o seu legado é inquestionável. E se uma pergunta sempre ficará em suspenso – teria ela alcançado os seus objectivos e levado a cabo (tantos e ambiciosos) projectos se não tivesse havido a herança de um Gulbenkian e um casamento com Azeredo Perdigão? –, a resposta parece de somenos importância perante os significativos resultados alcançados.

Como já se referiu, Calouste Gulbenkian proporcionou a Portugal meios que lhe permitiram sair de uma certa letargia artística e provincianismo cultural nos quais se encontrava mergulhado; António Salazar que com mão de ferro dominou o país durante quatro décadas, e mesmo o seu sucessor Marcelo Caetano, seguramente não ficaram na História por serem indivíduos com interesses muito artísticos ou ligações substantivas às artes. Já a dupla a quem na Gulbenkian se chamava o "casal maravilha"¹ foi um marco referencial na vida cultural lisboeta.

Certamente por isso, e também pelas suas personalidades fortes e, naturalmente, controversas, os membros do casal desenvolveram uma obra que deveria merecer a edição de rigorosas obras biográficas que fizessem jus ao mérito do seu trabalho e à incansável determinação com que levaram a cabo uma enorme série de realizações de grande profundidade e envergadura; enquanto não estiverem publicadas essas biografias, o nosso

1 Epíteto ouvido, durante muito anos, dentro e fora da FCG.

país, certamente, estará em dívida para com essas duas personalidades de grande relevância na história do século XX português.

Capítulo 2 – O Grupo Experimental de Ballet (1961-1965).

2.1. Aspectos relevantes da década de 60.

É praticamente consensual entre os historiadores que, de certos pontos de vista, a década de 60 do século XX representou, no seu início, a realização de projectos culturais e ideológicos alternativos aos modelos vigentes até então. Aqueles anos foram marcados por uma crise no moralismo rígido da sociedade, expressão remanescente do "sonho americano" que foi perdendo significado para a juventude. Relativamente ao plano cultural, a segunda metade dos anos 50 já prenunciava as alterações decorrentes na década seguinte, que se pautaram pelo aparecimento da literatura *beat* de Jack Kerouac, do *rock* de garagem à margem do *rock* comercial, e dos movimentos de cinema e de teatro de vanguarda, inclusivamente em Portugal. Pode-se, com alguma propriedade, asseverar a divisão da década de 60 em duas fases: a de 1960 a 1965, tocada por um sabor de inocência e até de lirismo nas manifestações socioculturais e, no âmbito político, de um evidente idealismo e entusiasmo, designadamente no espírito de luta do povo; e a de 1966 a 1968 – porque o ano de 69 adivinha já um "estado de espírito" que haveria de definir os anos 70: as experiências com drogas, a perda da inocência, a revolução sexual e os protestos juvenis contra a ameaça de endurecimento dos governos. É, pois, exemplificativo que os Beatles, banda que fez furor em toda a década de 60, tenha trocado as canções melosas dos seus primeiros registos discográficos pela excentricidade psicadélica de letras surreais e sons de guitarras distorcidas. Pode, mesmo, ilustrar-se tal situação com dois títulos desta banda: enquanto "I want to hold your hand" representará o espírito da primeira metade dos anos 60, "A day in the life" corresponde ao da segunda.

Estas alterações no panorama cultural traduziram a expressão de uma mais profunda revolução social com o surgimento de movimentos como o feminismo e de luta pelos direitos dos negros e homossexuais, ou o *hippie* com os seus protestos contra a Guerra Fria e a do Vietname. O Papa João XXIII presidiu ao Concílio Vaticano II e desencadeou uma verdadeira revolução na Igreja Católica, tal como aconteceu com o racionalismo modernista e o existencialismo no campo intelectual. Na área política, rebenta a Revolução Cubana, movimento armado que levou à queda do ditador Fulgêncio Batista, a 1 de Janeiro de 1959, pelo Movimento 26 de Julho liderado por Fidel Castro, que assumiria o poder nas quatro décadas e meia seguintes. O chamado "El Comandante" – que só em

2006 se retirou oficialmente da vida política – estaria à frente do plano revolucionário de Novembro de 1956 em diante tendo, posteriormente, formando o "Exército Rebelde", no qual um dos seus comandantes foi o mítico médico argentino, Ernesto "Che" Guevara. Data também deste período temporal a chamada "descolonização" da África e das Caraíbas, com a gradual conquista de independência das antigas colónias europeias. No velho continente os soviéticos enviaram o primeiro homem ao espaço (Iuri Gagarin), as duas Alemanhas foram separadas com o Muro da Vergonha erigido em Berlim – que só foi destruído em 1989 – e do outro lado do mundo, a União Indiana invadiu o "Estado Português da Índia. A título de curiosidade refira-se que a Organização das Nações Unidas (ONU) apelidou 1961 de "Ano Mundial da Semente". Esse ano foi muito negativo no que concerne às relações políticas e diplomáticas entre os Estados Unidos da América e Portugal, tendo aquela potência votado, na Assembleia Geral das Nações Unidas, contra os interesses portugueses – leia-se, o seu "império colonial" –, causando um profundo descontentamento no governo de Lisboa. Segundo Jaime Nogueira Pinto, num artigo intitulado "1961, o *Annus Horribilis* de Salazar", tudo começou em "23 de Janeiro com o assalto ao (navio) Santa Maria" e "todo o ano foi marcado pela adversidade até ao dia 31 de Dezembro, com o assalto ao quartel de Beja" (Pinto, 2011, p. 14). Com efeito, ainda em Dezembro de 1960, os EUA tinham-se absterido de votar uma série de resoluções no plenário da ONU condenando a política portuguesa em África; nos primeiros meses de 1961, porém, esta política foi profundamente alterada e os novos princípios da política africana da administração de John Fitzgerald Kennedy passaram a determinar o voto da delegação estadunidense na ONU.

No território continental português, 1961 vai ser um ano especialmente conturbado. O regime sofre um primeiro sobressalto com o episódio do Santa Maria, protagonizado por Henrique Galvão, a 21 de Janeiro, um dia depois de John Kennedy ter tomado posse do cargo de Presidente. Depois, a nível interno, operam-se importantes mudanças na elite dirigente, com o afastamento dos cargos governativos de uma facção que, de alguma maneira, apoiaria uma evolução mais liberalizante dentro do próprio regime; o desfecho da famosa "abrilada" de 1961 permite a Salazar afastar algumas chefias militares que teceram críticas em relação à sua política nacional e colonial. A estratégia externa, por seu lado, vai continuar a ser definida primordialmente em função da resistência do próprio regime salazarista às pressões exteriores, ou seja, apostando num factor determinante que se traduzia na sobrevivência do próprio regime. O qual, de acordo com o pensamento dos principais responsáveis pela definição da política externa, se encontrava intrinsecamente ligado à manutenção do império colonial. Assim, embora no final de 61 os Estados Unidos tenham votado ao lado de Portugal na condenação da União Indiana, a posição de fundo dos norte-americanos só viria a ser alterada já durante o ano de 1962, através da negociação de um novo acordo de utilização da Base das Lajes, nos Açores, pelas forças aéreas dos EUA, forçando, assim, o seu governo a uma posição mais consentânea com os

interesses portugueses. Nos últimos meses do ano, porém, ficava no ar uma ameaça do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira: caso os Estados Unidos tomassem nova atitude hostil a Portugal nas Nações Unidas:

Deve o Governo americano estar consciente... que o facto terá as mais graves repercussões nas relações entre os dois países, que tais relações deixarão de ser, no plano bilateral, o que actualmente são, devendo considerar-se como terminadas e finda a posição de que os Estados Unidos têm beneficiado em Portugal (Nogueira, 1979, pp. 70-75).

Num Portugal em que, pelas razões apontadas, e por muitas outras, pouca coisa relevante acontecia no restrito universo das artes de palco, uma figura despontante no futebol nacional começa a fazer as delícias do Portugueses: Eusébio (da Silva Ferreira, 1942-2014), coroando de glória o popular Sport Lisboa e Benfica. Para além do futebol, curiosamente, a sétima arte – ainda que sob um cerrado controle da censura salazarista – era uma das poucas actividades artísticas que ligavam os portugueses à Europa e ao Mundo. 1960 é o ano do famoso filme franco-italiano *La dolce vita*, de Federico Fellini (normalmente citado como o marco da transição do seu estilo neo-realista para o simbolismo) que nos traz a impagável imagem de uma sedutora sueca, Anita Ekberg, na Fontana de Trevi ao lado do galã italiano Marcello Mastroianni. Em 1962 surge aquele que é considerado – mais pela crítica do que pelo vulgo – o maior *blockbuster* da década, *What Ever Happened to Baby Jane?*, com duas das maiores estrelas do firmamento fílmico: Bette Davis e Joan Crawford. Uma antiga bailarina francesa, Brigitte Bardot, reina absoluta como símbolo sexual da década, sobretudo na Europa, enquanto do outro lado do Atlântico, Jane Fonda se perfila como actriz cimeira para lhe disputar o lugar ao interpretar Barbarella, a personagem principal do filme homónimo, de ficção científica e com enorme carga erótica, realizado por Roger Vadim, em 1968; depois de escandalizar a França (aquando do seu lançamento em livro ilustrado aos quadradinhos que chegou a ser proibido) aos poucos foi-se espalhando pelo continente europeu e pelo mundo, tornando-se uma espécie de ícone do movimento feminista dos anos 1960. É também o ano do musical *West Side Story*, do lendário coreógrafo norte-americano Jerome Robbins e de Robert Wise, com notável coreografia assinada pelo mestre Robbins, que só chegaria a Portugal anos depois, a 23 de Abril de 1963, com o título *Amor sem Barreiras*.

Em Portugal o “novo cinema” começa a ser conhecido por Cinema Novo, à semelhança do *cinéma nouveau* francês e de um movimento homónimo no Brasil. Tratou-se de uma linha vanguardista da sétima arte portuguesa que, em pleno Estado Novo, nos anos 60, rompeu com a vinculação à ideologia vigente e se assumia como vanguarda tendo iniciado um movimento que viria a vingar nos anos seguintes.

Inspirava-se não só na “nova vaga” francesa mas também no chamado *neo-realismo italiano*. Ao movimento aderiram jovens cineastas de forte matriz intelectual, sendo uma boa parte deles estudantes universitários, que se deixaram seduzir por um tipo de cinema que

era quase exclusivo das salas dos cine-clubes. Muitos passaram pela primeira cooperativa de cinema existente em Portugal, o Centro Português de Cinema, que prosperou apoiada, justamente, pela Fundação Calouste Gulbenkian. O citado movimento, que tanto envolveu a ficção como o documentário e que se prolongou pelos anos setenta, revelou-se como um dos mais inovadores em toda a história do cinema português. Posteriormente a maioria dos historiadores convencionou estabelecer a Revolução dos Cravos (74) como a data limite daquele movimento dividindo-o em duas fases: a das produções aventurosas de António da Cunha Telles e a dos filmes produzidos pelo Centro Português de Cinema, com obras financiadas pela FCG, em condições de produção bem mais folgadas.

Curiosamente *Os verdes anos* (1963) de Paulo Rocha é considerado um dos filmes fundadores do chamado Novo Cinema – juntamente com o *Dom Roberto* (1962) de José Ernesto de Sousa – impressionou pela carga poética que a música de Carlos Paredes lhe acrescentou e foi protagonizado pela bailarina Isabel Ruth que, inesperadamente, deixou o Grupo Experimental de Ballet na sua segunda temporada. Ela própria, artista de grande intuição, nascera em Tomar e estudara dança clássica em Lisboa, para onde viera aos 12 anos e, posteriormente, em Londres, antes de se tornar bailarina profissional e actriz de cinema e teatro.

Não é de estranhar que a geração de Isabel Ruth se tenha aproximado da capital inglesa, após uma leva anterior que começou por procurar em Paris um ensino e uma vivência artística que Portugal não lhes podia oferecer. É que é, sem dúvida, o “ballet” britânico que, sozinho na Europa, marca o mapa da dança clássica europeia do pós-guerra.

Jennifer Homans chama-lhe, na sua história do bailado, o “british moment”¹ uma vez que no panorama do século vinte a Grã Bretanha desempenha um papel importante nas artes performativas mundiais. Durante mais de dois séculos a dança clássica fora um produto italiano, francês, dinamarquês e russo, nunca tendo sido inglês, alemão, espanhol ou português. No início do século XVIII alguns “reformadores” tentaram, sem grande sucesso, ligar a arte da dança à elevação cultural, educação e nobreza das cortes inglesas, porém (como na maioria dos países europeus) até meados de século vinte nunca deixou de ser uma “arte de circunstância” protagonizada maioritariamente por estrelas francesas e italianas importadas. A presença dos Ballets Russes e os resquícios por ele deixados na Inglaterra, designadamente a presença do grande Mestre Enrico Cecchetti (1850-1928) e também a escolha de residência por Anna Pavlova (1881-1931) em Londres, acabariam por despertar um sem número de artistas para a dança. Designadamente a irlandesa Ninette de Valois (1898-2001), fundadora do Vic-Wells Ballet em 1931 e que se tornaria no Sadler’s Wells Ballet e no Royal Ballet, para além de Marie Rambert (1888-1982) uma bailarina polaca que pertenceu aos Ballet Russes e se estabeleceria em Londres fundando uma companhia britânica com um repertório de características mais abrangentes, o Ballet

¹ Tradução: o momento britânico.

Rambert. Derivado deste conjunto de circunstâncias, nos anos 50, não só Margot Fonteyn (1919-1991) é mais famosa bailarina do seu país como da Europa, Frederick Ashton (1904-1988) um coreógrafo muito apreciado e o Ballet Real um dos líderes mundiais entre as companhias de dança. A companhia estreia uma versão de “contornos ingleses” de *A bela adormecida*, na reabertura da Royal Opera House em Covent Garden, em 1946, e realiza uma digressão de sucesso aos estados Unidos da América, cinco ans depois.

Enquanto nos países atrás citados o bailado clássico vai esmorecendo, os ingleses, através da criação de inúmeras escolas e de uma expressiva actividade teatral, conferem-lhe um estatuto “nacional” elevando-a a uma arte moderna e de grande prestígio. Não se deve deixar de mencionar também a “segunda” companhia inglesa, o London’s Festival Ballet, criado em 1950 com origem em sucessivos grupos protagonizados pelos bailarinos-estrela ingleses Alicia Markova (1910-2004) e Anton Dolin (1904-1983) vindos dos Ballets Russes, que esteve em Lisboa em 54, 58, 62, 64 e 66 – com Jorge Salavisa no elenco em 64 e 66 e Margot Fonteyn, como artista convidada, em 66.

Ainda com o nome de Sadler’s Wells Ballet, o futuro Royal Ballet visita Lisboa de 15 a 23 de Abril de 1952 (Teatro Nacional de S. Carlos). Regressa ao S. Carlos e Coliseu de 7 a 15 de Junho de 1968 – já com Rudolfo Nureyev (1938–1993) ao lado de Fonteyn – e também em 72, de 14 a 26 de Maio. A sua derradeira, visita no século vinte, verificou-se em 1985, nos dias 18 e 19 de Maio, com dois espectáculos de *A bela adormecida*, no Teatro Nacional de S. Carlos.

No ano de 61 deu-se um dos acontecimentos (na dança mundial) que mais tinta fez correr na imprensa da época. Aquele que se não é o maior bailarino do século XX, foi o que mais se aproximou do mito Nijinsky, Rudolfo Nureyev, protagonizou um escândalo que havia de ter repercussões nas relações diplomáticas entre a sua nativa Rússia e os países ditos ocidentais. A sua deserção das fileiras do Ballet Kirov no aeroporto de Bourget, em Paris, foi muito mais que um acto de rebeldia tendente a conduzi-lo à liberdade artística e política. Foi, acima de tudo, uma porta que se abriu e o Ocidente, através de Nureyev (e depois de outros artistas como Natalia Makarova, nascida em Leningrado em 1940, e Mikhail Baryshnikov, natural de Riga – Letónia, 1948) teve acesso a algumas jóias da dança bem guardadas para lá da “cortina de ferro”. O famoso artista não só realizou um grande número de remontagens dos bailados clássicos mais emblemáticos como lhes imprimiu novas roupagens e lhes abriu perspectivas diversas. Mas, sobretudo, foi um porta-estandarte da imagem do (novo) homem no mundo da dança.

Na época em que Nureyev e, naturalmente, a arte da Terpsícore, começaram a ser cada vez mais falados por todo o mundo, algumas premissas de relevo se devem considerar nas actividades performativas no nosso país.

O aparecimento da televisão, surgida em 1955, ainda era uma novidade acessível a poucos, mas já divulgava programas culturais em alguns locais do país, mostrando alguns

registos artísticos avulsos, muitas vezes em directo. Os programas de bailado eram, então, seguidos com um misto de curiosidade e de interesse. Também a moda da dança no cinema – com filmes como *Os Sapatos Vermelhos* (1948), obra-prima do cinema britânico e um dos mais belos musicais de sempre, inspirado na obra de Hans Christian Andersen, realizado por Michael Powell e Emeric Pressburger – torna aquela arte mais abrangente e popular. Outros filmes, cuja temática era a dança, também passaram pelos nossos cinemas, designadamente um português intitulado *O cantor e a bailarina*, realizado por Armando Miranda em 1960. Nele participaram os bailarinos Bernardette Pessanha, Fernando Isasca, Albino Morais, Jorge Salavisa e Fernando Lima, sendo a coreografia deste último. Ainda que, sobre o mesmo, António-Pedro de Vasconcelos num programa televisivo datado de 2010 e transmitido pela RTP no Verão de 2013 ter, desabridamente, afirmado ser uma obra “indigente e inverosímil”. Cinco anos depois, José Sasportes e Jorge Couto Guerra (realizador), apresentam à FCG o projecto de um pequeno filme didáctico intitulado “Dançar”, que virai a ser produzido pela London School of Film Technique. Nas palavras do crítico português, o objectivo do documentário foi para que a história da Royal Ballet School “aproveite a todos os que em Portugal se interessam pelo Bailado”¹. Acrescente-se que, na época, a escola referida “oferecia um ensino com uma forte base científica, já que os ingleses tinham feito uma síntese entre a escola italiana (método Cecchetti) e a russa, apostando fortemente na pedagogia do bailado clássico”².

O ano de 1961 assiste à fundação do Teatro Moderno de Lisboa, para além de dois projectos na área da dança: um que não passou de uns espectáculos avulsos, a efémera Companhia Portuguesa de Bailado, e um bem mais significativo, o pequeno Grupo Experimental de Ballet.

O Teatro Moderno de Lisboa (1961-1965), no seu curto, mas marcante, percurso, foi uma obra corajosa e inovadora de actores e demais gente de teatro que soube tomar o futuro nas suas mãos, constituindo uma sociedade artística para fazer o Teatro de que gostavam e achavam necessário. Tarefa bem difícil num Portugal do início da década de 60 em que a contestação político-cultural à ditadura do Estado Novo se tornara mais forte e constante e em que a repressão da Censura oficial, sempre vigilante para com as manifestações artísticas heterodoxas, se fazia sentir de uma forma asfixiante. Devido à sua acção, princípios fundamentais e prática, o TML lançaria as sementes do riquíssimo movimento dos Grupos de Teatro Independentes, tendo iniciado o caminho de um Teatro interventivo e actual que estes, mais tarde, se encarregaram de continuar (Lívio & Dolores, 2009).

1 Sasportes, 1965, n.p.

2 Informação fornecida por Isabel Arbués ao autor, Lisboa, 2013.

Embora para um público algo reduzido edita-se, na época, uma revista, *Bailado*, exclusivamente dedicada à dança e associada ao jovem Centro Português de Bailado. Entre 1961 e 1963 saíram onze números, alguns duplos, o que se traduziu, na prática, em apenas oito exemplares.

Só anos depois, Portugal voltaria a ter uma outra publicação de dança, cujo título era *O Ballet*. De periodicidade irregular, foi dirigida pelo diplomata António Pinto Machado, e o seu primeiro número saiu em Maio de 1966. A revista tinha sede em S. Pedro de Sintra e teve como subdirectora Noemí Fonts, uma professora argentina de dança clássica e mulher de Pinto Machado. O seu derradeiro número, o décimo, foi publicado em 1970, antes do seu director e proprietário ter partido para Havana (Cuba) a fim de ocupar as funções de Encarregado de Negócios de Portugal naquele país.

A próxima tentativa seria bem mais duradoura e melhor sucedida e foi iniciada em Fevereiro de 1998, com o título *Revista da Dança*. Após vários números impressos, a publicação com sede no Centro de Dança de Oeiras, começou a ser editada em 2003 apenas em suporte digital, mantendo-se acessível ao público de um modo regular e contínuo no sítio www.revistadadanca.com.

Vem, a propósito, referir-se que a própria Fundação Gulbenkian lançou, em Janeiro de 1959, com direcção artística de Reynaldo dos Santos e leiterária de Hernâni Cidade, a primeira edição da *Revista Colóquio Artes*. Só na sua vigésima edição – em Outubro de 1962 – essa revista faz referência à dança portuguesa num artigo assinado por um colaborador de longa data, o musicólogo João de Freitas Branco (1922-1989), sobre o VI Festival de Sintra. Porém, no número quatro – Julho de 1959 – já saíra um texto de (José) Estevão Sasportes (p. 66 e 67) que versava a dança na educação.

Embora tenha começado a ser preparado nos finais de 1960, é no ano seguinte que surge na capital o Centro Português de Bailado e o (seu) Grupo Experimental de Ballet. Enquanto este e a Companhia Portuguesa de Bailado germinavam, Margarida de Abreu que, há muito, rivalizava com Francis Graça – embora nunca o tenha assumido¹ – acabou por pôr o seu grupo de lado e aceitar dirigir, ao lado do seu discípulo Fernando Lima, o VG que, ciclicamente, fora conduzido por Francis. Essa era a paisagem lisboeta no início de 1961 e, na objectiva falta de grupos (de qualidade) no país, sendo as companhias visitantes muito publicitadas na imprensa e, obviamente, faziam grande sucesso junto do público e dos artistas. Entre 1955 e 1960, pode-se afirmar que passaram por Lisboa alguns dos melhores

1 Antes de falecer, no ano de 2005, Margarida de Abreu repetiu em público ao autor (num encontro realizado no Teatro Eunice Muñoz em Oeiras, no âmbito do Dia Mundial da Dança – juntamente com Fernando Lima, Maria José Salavisa e António Laginha – organizado pelo Centro de Artes e Espectáculos de Alcobaca e Óbidos), o que lhe havia confessado em privado: que, deliberadamente, sempre se manteve muito afastada de Francis Graça nos aspectos artísticos.

agrupamentos do mundo, tais como o New York City Ballet (1955), o Grand Ballet do Marquis de Cuevas (1956 e 1959), o American Ballet Theater (1957 e 1960), um grupo de estrelas da Ópera de Paris (1957) e solistas do Ballet Real da Dinamarca (1958), para além das companhias de José Limón (1957), de Maurice Béjart (1959), de Jerome Robbins (1959), de Carmen Amaya (1960) e do supre citado London's Festival Ballet.

Caso nunca antes visto, Lisboa tem, assim, no ano de 1961, três companhias de dança profissionais em funcionamento – para além do semiamador Círculo de Iniciação Coreográfica – o que acaba por conferir uma verdadeira e forte respiração à dança em Portugal.

Nas palavras de Elisa Worm (1939) "o ambiente do bailado em Lisboa – que era onde, praticamente, tudo se passava – no final dos anos 50 era muito especial. Nessa altura havia, mesmo, muitas pessoas motivadas para a abertura de uma nova companhia. A esse facto não era alheia a regular presença na capital portuguesa de companhias francesas itinerantes e do próprio Ballet do Marquês de Cuevas. Mas o que veio dar um certo fôlego aos bailarinos em actividade foi, sobretudo, a visita de três companhias norte-americanas de topo: o City Ballet, o ABT e os Ballets USA (de Jerome Robbins). O confronto dos artistas portugueses com realidades tão distintas da sua, parece ter precipitado os acontecimentos para todos os que queriam ser profissionais a sério desta arte. Na época, qualquer pessoa que desejava dançar e tinha objectivos precisos em relação a esta arte, acabava por se aproximar de Margarida de Abreu e do seu Círculo de Iniciação Coreográfica. Todos sabíamos que no Grupo Verde-Gaio se dançavam histórias portuguesas e se interpretavam danças folclóricas estilizadas enquanto na Rua Castilho o CIC era um espaço muito conhecido em que Margarida de Abreu – melhor ou pior – representava a arte da dança clássica. Era fácil ter conhecimento dessa escola e dos espectáculos anuais que realizava no Teatro de S. Carlos. Na antiga Casa da Madeira (bem no centro de Lisboa) a D. Margarida tinha o grande mérito de abrir as suas portas a todos. Depois, só quem tinha unhas é que tocava viola!¹

Assinale-se, a propósito, que então, não sendo a profissão vista com particular respeito nem tendo qualquer relevância no país, o mercado de trabalho era mais que escasso. Ainda assim não era, de todo, anormal que os artistas mais empenhados e sérios na profissão evitassem um género que dava trabalho a bailarinos nacionais, quantas vezes com uma formação deficiente, ou a estrangeiros – sobretudo elementos femininos – que vinham para Portugal sem quaisquer preconceitos profissionais: a revista à portuguesa.

Na época da criação do "Verde-Gaio" dizia-se, mesmo, de um modo pejorativo, que em Lisboa os bailarinos eram recrutados (para o S. Carlos ou para a revista) na Brasileira² e as bailarinas na Margarida de Abreu.

¹ Segundo informações prestadas por Elisa Worm ao autor, Lisboa, 2013.

² A Brasileira – de seu nome original – é um emblemático café lisboeta fundado em Dezembro de 1905, no nº

Talvez por tudo isso, nas duas décadas posteriores a paisagem não se alterou substancialmente e não deixa de ser curioso que, à míngua de trabalho regular num grupo estável, um bailarino como Carlos Mendonça (1939) saído do estúdio de Mme. Ruth Asvin e com formação complementar em Paris, Bruxelas e Londres, se encontrasse, em 1961, integrado na opereta *Campinos, mulheres e fados*, no Teatro Capitólio e, no ano seguinte, no elenco do II acto de *O quebra-nozes*, do GEB, obra filmada pela RTP em 1962. O jovem artista antes fizera parte de dois grupos profissionais com reportórios algo distintos: os Ballets de Lisboa – de Fernando Lima e Águeda Sena – e o Grupo de Bailados Portugueses de Fernando Lima.

2.2. Norman Dixon e o primeiro interregno.

A alternativa ao Círculo de Iniciação Coreográfica e ao "Verde-Gaio" apareceu então com o GEB, numa iniciativa do Centro Português de Bailado.

Nascido em tempos difíceis, já que, meses depois, a CPB, que se formou mais ou menos na mesma época, após uns poucos espectáculos e umas filmagens para a RTP, se extinguiu. De acordo com José Sasportes (1970) – que deixou o seu nome ligado ao projecto inicial do GEB, na qualidade de dirigente do Centro Português de Bailado – o grupo surgiria "de forma absurda" (p. 297) de um Curso Especial para Bailarinos que o professor inglês Norman Dixon (n.1926) regera em Lisboa com o suporte financeiro da FCG e a colaboração logística do Instituto Britânico. Porém, esta contundente opinião (que surgiu uma década após os factos e quando o escritor já estava definitivamente afastado do Centro Português de Bailado) deve ser vista com algumas reservas pois a história da dança está cheia de casos igualmente "absurdos".

No dia 15 de Dezembro de 1960, o Centro Português de Bailado promoveu uma primeira manifestação artística pública – a segunda seria um concerto pela bailarina Anne Sendrez no Teatro Tivoli, a 18 de Dezembro – e, embora o nome de Grupo Experimental de Ballet nunca seja referido no respectivo programa, ela traduz-se no embrião de um grupo que viria a arrancar em moldes profissionais meio ano depois, a 11 de Maio de 61, no Porto e que havia de ter uma vida longa até 2005: o Ballet Gulbenkian. O referido evento, intitulado "Iniciação à arte da dança", foi integrado na Semana de Recepção aos Novos Alunos e promovido pela Comissão Pró-Associação dos estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa, que teve lugar na sua Sala de Alunos. De características marcadamente didácticas foi composto por uma conferência pelo jovem crítico de dança, Sasportes, então director da comissão organizadora do Centro Português de Bailado intitulada "Da procura de modernidade na arte da dança", seguida por uma aula por alunos

do Curso de Aperfeiçoamento do Centro Português de Bailado, regida por Norman Dixon e a peça *Balada para três*, com coreografia daquele mestre inglês sobre música de Gabriel Fauré, interpretada por Isabel Ruth, Wanda Ribeiro da Silva e Carlos Trincheiras. As notas impressas no programa deixavam bem claro os seus objectivos e a definição de uma futura estrutura que deveria trabalhar no sentido de dotar Portugal de uma companhia de dança profissional de qualidade.

O Centro Português de Bailado é a primeira organização de carácter associativo que se forma no nosso país com o objectivo de preparar o público vastíssimo que a arte da dança granjeara nos últimos anos. Paralelamente, aquele centro propôs a si próprio a missão de criar as condições necessárias para uma real radicação do bailado no nosso país. Foi no sentido de concretizar essa tarefa que apareceu como de maior necessidade e urgência a fundação de uma escola de aperfeiçoamento, regida por um mestre estrangeiro de reconhecida competência (Norman Dixon) destinado a promover a completa formação dos bailarinos portugueses (*Programa do Grupo Experimental de Bailado*, 1961a, n.p.).

O mesmo programa confirma igualmente a existência de "utilíssimas e indispensáveis bolsas de estudo" (*Programa do Grupo Experimental de Bailado*, 1961a, n.p.) num país em que não havia tradição académica em dança. Refira-se, a título de curiosidade, que o GEB não se formou de um modo muito diferente de muitas dezenas de companhias norte-americanas – muitas delas de autor – que partiram do zero, apenas movidas pelo enorme desejo de dançar e fazer dançar. Algumas delas tiveram, mesmo, origem em universidades, em que alunos ligados a áreas como a educação física começaram com muito poucos meios e estabeleceram grupos que haveriam de florescer futuramente a nível mundial. Mais adiante o texto de apresentação do supra citado espectáculo aos alunos de Medicina justifica a escolha de um "professor estrangeiro" para orientar "um corpo docente recrutado entre os professores portugueses de reconhecido mérito e competência", refere que "graças a um compreensivo subsídio da Fundação Gulbenkian foi possível contratar por um período de nove meses" um mestre-de-bailado e coreógrafo e que "as melhores boas vontades e alguns dos melhores talentos aproveitaram com ambas as mãos a magnífica oportunidade que se lhes oferecia e estão já a colher os frutos de um trabalho regular e bem orientado" (*Programa do Grupo Experimental de Bailado*, 1961a, n.p.).

Para a bailarina Marta Ataíde, a origem do GEB e a sua ligação a Madalena Perdigão e à Fundação não levantam quaisquer dúvidas:

Ainda nem Norman Dixon tinha chegado a Portugal já nós sabíamos no estúdio da minha professora, a Madame Rute, através do Carlos Trincheiras seu amigo chegado, que ele vinha dar um curso para bailarinos. Ora, o mesmo era patrocinado pela Dr.^a Madalena e já se falava até na abertura de uma companhia subsidiada pela Fundação Gulbenkian. O Carlos que coreografava muito para os espectáculos de Rute Asvin, sabia que havia interesse no Lisboa Ginásio Clube em que nós – eu, a Isabel

Queiroz e a Susana Coimbra e os alunos mais avançados – fôssemos aprender mais. Os trabalhos iniciaram-se no estúdio da Wanda Ribeiro da Silva, que era pequeno e não tinha boas condições espaciais, tendo depois passado para o da Anna Mascolo, onde o GEB ainda trabalhou algumas temporadas. Ela própria também deu aulas aos bailarinos para ajudar o Norman já que o ritmo de trabalho era duro incluindo aulas de manhã e à tarde¹.

Como atrás se mencionou, por testamento datado de 18 de Junho de 1953 do conhecido pioneiro do desenvolvimento petrolífero no Médio Oriente foi criada uma fundação portuguesa, perpétua, com o seu nome e com sede em Lisboa. Gulbenkian, ao escolher a capital portuguesa para viver e ter proporcionado a implantação de uma Fundação nos termos da lei portuguesa, revelou não só a sua estima e preferência pelo país a que se acolheu como demonstrou que a sua resolução foi um acto de fé e de confiança numa instituição com "fins de caridade, artísticos, educativos e científicos" (FCG, 1992, p. 13) que havia de se estender à dança.

O aparecimento da FCG – que começou a funcionar plenamente em 1956 –, criou, naturalmente, algumas esperanças nos artistas portugueses da dança. E, muito especialmente na pessoa de Madalena Perdigão, cuja acção dinamizadora esteve na base dos treze Festivais Gulbenkian de Música, que terão "contribuído para manter e desenvolver o nível internacional da vida musical no país, no que se refere tanto à interpretação como à criação" (FCG, 1992, p. 13) e, por extensão, a qualidade da dança a que se podia assistir no nosso país. Seis deles – o segundo e os cinco últimos – trouxeram a Portugal alguns artistas famosos da área da dança, designadamente, Maurice Béjart e o seu Ballet do Século Vinte e Alvin Ailey à frente do American Dance Theatre, além de alguns dos melhores solistas do Ballet Real da Dinamarca, o Berliner Ballet, Les Grands Ballet Canadiens e o Nederlands Dans Theater. Ao contrário do que se poderia supor, e até em oposição à tese que defende a ideia de que o BG teve uma origem algo inconsequente, num dos primeiros relatórios do Presidente da FCG (1961) – designação que inicialmente se deu aos "relatórios de actividades" da Fundação assinados por Azeredo Perdigão, pode ler-se:

[A Fundação] após ter estudado os diversos projectos que foram sujeitos à sua apreciação, concluiu que só deveria subsidiar uma nova organização que, além de juridicamente erecta sob a forma de associação, em termos de a continuidade da sua acção não depender da vida, da vontade ou dos caprichos de uma só pessoa ou de um número limitado de pessoas, pudesse reunir e congregar, sem discriminações, todos quantos ao desenvolvimento do bailado queiram dar um pouco do seu esforço, sejam professores de dança, bailarinos, críticos, coreógrafos, músicos ou argumentistas (J.A. Perdigão, 1961, citado por Leça, 1976, n.p.).

1 Segundo informações prestadas por Marta Ataíde ao autor, Lisboa, 2013.

Aqueles projectos, apresentados em 1960 e que apontavam para o estabelecimento de bases sólidas para o desenvolvimento do ensino e da prática da dança no nosso país, foram devidamente examinados e mereceram a análise e ponderação da jovem (e rica) estrutura filantrópica. Os três mais estruturados e sólidos foram assinados por Águeda Sena (com um plano de ensino integrado, inicialmente apresentado em Setembro de 1957 com a intenção de se criar a Academia Calouste Gulbenkian), Anna Mascolo e Wanda Ribeiro da Silva (1938). Em 1958, com a colaboração desta última, Águeda Sena reformula a sua proposta inicial e volta a apresentar mais um plano pedagógico à Fundação.

Embora seja lícito afirmar que o testamento de Calouste Gulbenkian não contemplava a criação de qualquer companhia de dança (residente ou não) na Fundação, o Doutor Azeredo Perdigão – seguramente por influência não só da sua mulher como também de pessoas do seu círculo mais próximo – acederia a subsidiar o projecto de Wanda Ribeiro da Silva, em que estavam envolvidos alguns dos seus familiares e colaboradores. Não sem antes se ter tentado "o entendimento das três propostas numa só hipótese, a estudar", o que não chegou a verificar-se porque "cada uma das bailarinas se fechou sobre o seu plano e nada se conseguiu" (Sasportes, 1970, p. 297). Aproveitando assim uma certa abertura da Fundação à arte da Dança, que apontava para o estabelecimento de um organismo que tinha por espírito os *ballets clubs* ingleses vindo, como já se mencionou, a resultar na criação do Centro Português de Bailado. A ideia do *ballet club*, contudo, já não era nova. Ela vinha de trás, pelo menos, na cabeça de alguns "estrangeirados", mormente Fernando Lima, o qual trabalhou bastante fora do país. Em entrevista ao *Diário da Manhã* o bailarino, coreógrafo e director de vários grupos e companhias de dança afirma que, na sua óptica – e após uma tentativa frustrada de estabelecimento de um pequeno grupo – "a hipótese de uma associação privada em que através de quotização os interessados poderiam ter acesso a espectáculos de dança, e não só, seria a mais adequada para se trabalhar fora do 'Verde-Gaio'" (Lima, 1955, citado Quirino Teixeira, 1955, n.p.). Três anos depois, em 1958, ele haveria de protagonizar mais uma aventura, ao lado de Águeda Sena, criando e dirigindo os Ballets de Lisboa, a primeira companhia de dança independente apoiada por Madalena Perdigão, o que quer dizer, pela recém-criada FCG.

Na ausência de uma política governamental com alguma consistência – o Estado apoiava apenas uma companhia oficial, o "Verde-Gaio", e o IAC limitava-se a dar algumas bolsas para cursos de dança (mais ou menos temporários) no estrangeiro – a génese de uma qualquer companhia independente passaria, então, por projectos privados que só se pagariam se conseguissem a qualidade mínima para conquistar um público fiel e regular, coisa que por falta de tradição e hábito dificilmente se verificaria. Quando o VG definhava irremediavelmente com a saída, primeiro, de Francis Graça, depois do Morresi e Cramér, Lima tomou as suas rédeas, em 1961, ao lado da sua mestra Margarida de Abreu. Ao mesmo tempo nascia num restrito grupo de bailarinos, com alguma preponderância no meio

da dança nacional e com ideais e objectivos comuns, a ideia de começar a trabalhar no sentido de se implantar uma companhia profissional e que fosse uma alternativa viável aos outros focos de dança existentes apenas em Lisboa. O seu intuito era "lançar as verdadeiras raízes do bailado em Portugal, levando a todos os sectores da população portuguesa uma arte, que, até há pouco parecia votada ao conhecimento e apreço de reduzidas plateias de Lisboa [...] além de exercer acção no plano da formação profissional, (promover) espectáculos e outras" (*Programa do Grupo Experimental de Bailado*, 1961b, n.p.).

Com esse espírito surgiu o Centro Português de Bailado, uma associação cultural sem fins lucrativos, da qual faziam parte figuras ligadas à dança e às artes com origens e percursos diversificados. Entre elas, Madame Schau, uma respeitada professora "dalcrozeana" que, a pedido da direcção do GEB, contactou "mestres de bailado em Frankfurt e Berlim, nomeadamente Hans Züllig¹, que conhecera quando da sua estada em Zurique em 1954" (Schau, 2011, p. 46). Os seus esforços, contudo, revelaram-se iam infrutíferos tendo sido contratado o inglês Norman Dixon, o qual já havia trabalhado em Lisboa com Margarida de Abreu.

Desde logo o Centro obteve "um subsídio de instalação e manutenção", para o ano de 1961 (que se prolongaria até 1965, inclusive) da parte da Fundação depois de "equacionada e estruturada de forma a merecer a sua confiança" (Sasportes, 1970, p. 297). O GEB, fundado em Fevereiro de 1961, três meses após o início do curso regido por Norman Dixon, nasceu dos sonhos de um núcleo de bailarinos que, uns meses, antes "se juntaram e se propunham, além do mais, apresentar bailados na Radiotelevisão Portuguesa" (J.F., n.d. n.p.).

Entre eles contavam-se Águeda Sena, Wanda Ribeiro da Silva, Isabel Ruth e Carlos Trincheiras, aos quais, posteriormente, se juntariam Anna Mascolo, Albino Morais e outros. A primeira peça filmada para o pequeno ecrã foi "Balada para três", com coreografia de Dixon. O grupo, já com algumas baixas no elenco de base, teve a sua estreia no Teatro S. João, a 11 de Maio de 1961 e refere na capa do programa ter sido subsidiado pela FCG, Câmara Municipal e Centro Universitário do Porto, e organizado pela delegação portuense da Juventude Musical Portuguesa. A nota introdutora do mesmo, que, de seguida, se transcreve na totalidade, começa com um dado de grande importância, o modo de financiamento da pequena companhia:

O GEB pertence ao Centro Português de Bailado e é inteiramente subsidiado pela FCG, que assim possibilitou a criação de um agrupamento destinado a levar a arte do bailado por todo o Portugal, do Continente às mais longínquas Províncias. Dele fazem parte nomes escolhidos entre os dos mais destacados bailarinos portugueses, formados no nosso país e em

¹ Hans Züllig (1914-1992) bailarino, coreógrafo e professor suíço que haveria de ser professor de Carlos Trincheiras em Essen, Alemanha.

conhecidas escolas estrangeiras como as do Royal Ballet, do Scala de Milão, do Sadler's Wells, etc. Não fará arte com espírito lucrativo: mas com espírito de mecenato, trabalhará para que possa reforçar o seu elenco, dar asas às suas justas ambições, crescer, enfim, para que possa ser um dia a verdadeira Companhia de Bailado a que Portugal aspira (*Programa do Grupo Experimental de Bailado*, 1961b, n.p.).

O seu *début* na capital ocorreu no Teatro da Voz do Operário, a 15 de Maio de 1961, num espectáculo consagrado aos alunos da Academia Militar e da Escola Naval, integrado nas Semanas Musicais organizadas pela FCG, como base dos posteriores festivais de música. Era, então, notória uma procura de melhoria técnica e a assunção de novos desafios artísticos, primando pelo profissionalismo – a partir de um espaço de trabalho comum – que pudesse elevar o seu nível e estatuto a um plano semelhante ao que exibiam as companhias estrangeiras visitantes. Apesar dos valores artísticos em presença, o Centro Português de Bailado parece, em primeira análise, partir de premissas algo "domésticas", tentando, em primeiro lugar, numa Lisboa que se pretendia tão europeia como qualquer capital do velho continente, mas sem as tradições nem o necessário cosmopolitismo, melhorar o trabalho dos bailarinos profissionais que se juntaram num projecto comum. Deveria também formar novos bailarinos – tarefa praticamente impossível com simples cursos de dança – para, de seguida, constituir um grupo profissional mais alargado. Numa segunda fase também se propunha formar um público para a dança que, na realidade, nunca existira no país.

A verdade é que a sua origem está alicerçada numa espécie de "empresa familiar" – que se deveria intitular Ballet Experimental, segundo documentação alusiva à criação do GEB – que teve na origem e foi fomentada pelo comerciante lisboeta e maçã¹ João Luz Ribeiro da Silva (1905-1999), pai da bailarina Wanda Ribeiro da Silva. O mesmo pertencia à loja maçónica Grande Oriente Lusitano Unido – Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa (GOL), fundada em 1802, sendo detentor do grau 33, que corresponde ao topo da hierarquia dos Graus do Rito Escocês Antigo (entrevista com Vasco Rebelo de Sousa, Lisboa, 2010).

No entender de Águeda Sena:

O Sr. Ribeiro da Silva era muito mais que um mero comerciante do Chiado, com as suas relações na comunidade e as suas crenças políticas e religiosas. Era, acima de tudo, uma pessoa de grande integridade e muito respeitada. Tratava-se de um indivíduo muito interessante e que demonstrava um imenso gosto pela dança. À qual estava ligada a sua mulher e as duas filhas, que mantinham contactos a vários níveis com

1 Optou-se pela utilização do termo "maçã" que parece ser o mais adequado para a língua portuguesa, embora o mais utilizado seja, na grafia original francesa, "maçon" (pedreiro). De acordo com alguns dicionários, "maçom" também é uma forma correcta. Maçã é o aumentativo de "maço", espécie de martelo de madeira, e também o pedreiro-livre, membro da Maçonaria.

indivíduos das artes e das letras da sociedade lisboeta (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010).

Para a criação do Centro Português de Bailado, Ribeiro da Silva reuniu, desde logo, uma parte do seu círculo de amigos e familiares – onde se incluía a filha mais velha, Wanda, e o seu marido Carlos Andrade, também maçã – tendo buscado, de imediato, apoio na FCG. Entre outras ligações existia, desde logo, uma forte e longa amizade com o Professor Fernando da Fonseca, médico de confiança de Calouste Gulbenkian e reputado maçã.

Apesar das muitas desconfianças que lhe eram atribuídas em todas as frentes da sua vida, Calouste tinha, em Portugal, de um lado o médico e, do outro, o advogado. Aquele era o Professor Fonseca, médico da Família Ribeiro da Silva, que, já depois do desaparecimento do Sr. Cinco por Cento, voltou as costas à Fundação Gulbenkian por se ter incompatibilizado com o advogado Azeredo Perdigão (entrevista com Vasco Rebelo de Sousa, Lisboa, 2010).

A citada filha de João Ribeiro da Silva estudara, a expensas da família, na escola do Royal Ballet em Londres e, após o seu regresso a Portugal, para além de ter fugazmente dançado nos Ballets de Lisboa de Fernando Lima e em programas da RTP, começou a leccionar num estúdio que o pai lhe abriu no topo da Rua Pascoal de Melo (entre Arroios e Penha de França) o qual, futuramente, haveria de vir a ser usado por vários artistas da dança que trabalhavam em Lisboa. Outra via para chegar ao Presidente da FCG foi a trilhada por Wanda, prima direita da pintora "Milú" Freitas, que tinha um ateliê de pintura (que já então era subsidiado pela FCG) em frente do estúdio da família Ribeiro da Silva, na Praça Olegário Mariano n.ºs 5 e 6, onde funcionou a primeira sede do Centro Português de Bailado.

Tanto Maria de Lurdes Freitas – que, em 1961, assinou os figurinos da obra de Dixon *Balada para três* – como a irmã, a médica pediatra Maria Helena de Freitas (filhas de uma tia materna de Wanda) eram amigas pessoais da filha de Azeredo Perdigão, Maria Alice Dantas da Silva de Azeredo Perdigão (1923) e o pai de ambas, o Major Óscar de Freitas, exercia um cargo importante e de grande visibilidade na administração pública da época: Director-Geral dos Espectáculos (entrevista com Vasco Rebelo de Sousa, Lisboa, 2010). Estava assim esquematizada uma paisagem que deveria dar origem a um pequeno grupo de dança – o Ballet Experimental – para Wanda e alguns dos seus amigos e colegas bailarinos dançarem, que mais tarde, passaria a um esquema mais elaborado que viria a dar os primeiros frutos ao levar a FCG a custear uma associação (Centro Português de Bailado) que, por sua vez, se ocupou da contratação de Dixon para leccionar jovens promissores mas, sobretudo, fomentar a aproximação de alguns artistas experientes em actividade. A ideia era trabalhar um reportório inicial da autoria de Dixon, ao mesmo tempo que se ia desenvolvendo um pequeno grupo que teve o seu *début* na jovem Rádio Televisão Portuguesa e, meio ano depois, embarcou numa temporada de espectáculos. Mas,

sobretudo, com a certeza de uma regularidade e qualidade que o pudesse estabelecer no sedento tecido artístico lisboeta.

Da Comissão Organizadora do Centro Português de Bailado – reunida em finais do ano de 60 – faziam parte o Prof. Dr. Mário Chicó, historiador de arte e professor universitário, os críticos de dança Dr. José Blanc de Portugal, Manuela de Azevedo e José Estevão Sasportes, Wanda Ribeiro da Silva, o compositor Dr. Filipe de Sousa, o Dr. Afonso Howell, Carlos Andrade, Maria de Lurdes Freitas, Raquel Simões, Pilar Coimbra Torres, Sosso Dukas-Schau e o Dr. Luís de Carvalho Oliveira. Da mesma saiu a sua primeira direcção: Luís de Carvalho e Oliveira – um advogado ligado à educação – a jornalista Manuela de Azevedo, Carlos Alberto Ferreira de Andrade (marido de Wanda Ribeiro da Silva), o Dr. Afonso Howell, pai de uma aluna do estúdio de Wanda, Madame Schau, José Estevão Sasportes, um jovem crítico de dança, a professora de música Raquel Simões, a pintora (Maria de) Lurdes Freitas, a bailarina Wanda Ribeiro da Silva e seu par de dança ocasional, João D'Ávila. O primeiro mestre-de-bailado e coreógrafo principal do grupo foi, naturalmente, Norman Dixon – que, posteriormente, acabaria por ser também nomeado director artístico – tendo por "directores delegados" do Centro Português de Bailado: Carlos Andrade, marido de Wanda Ribeiro da Silva (em cujo estúdio o Centro Português de Bailado teve a sua primeira sede e os artistas ensaiaram mais de seis meses) e José Sasportes.

A aproximação à FCG foi uma (bem pensada) solução para João Luz Ribeiro da Silva, que já tinha investido muito para realizar os sonhos da filha Wanda – e ainda tinha uma outra, seis anos mais nova, de nome Vera, que aspirava tornar-se bailarina profissional. O estúdio dos Anjos, suportado maioritariamente por Ribeiro da Silva, foi um importante foco de dança, bem como de outras artes. Nas palavras dos bailarinos João D'Ávila e da, então, sua mulher, Isabel Ruth, que tinham sido alunos da professora Ruth Asvin e estiveram “por sua conta e risco em Inglaterra e estudar na escola do Royal Ballet” (onde também estudou Wanda), “as ligações da família Ribeiro da Silva – de João Luz, do seu genro Carlos Andrade e, eventualmente, de outros elementos – à Maçonaria eram secretas e, por tal, não se percebia até que ponto se reflectiam em projectos e decisões que se poderiam associar ao domínio dos espectáculos”.¹ Ambos desconheciam, à época, a ligação dos Ribeiro da Silva à supra citada loja maçónica lisboeta, porém, devido à divulgação de dados no dia 1 de Agosto 2012 – com informações que causaram perturbação nos meios maçónicos e que foram reproduzidas por alguns jornais e na própria Internet – soube-se que o "irmão" Ribeiro da Silva, que foi um conhecido opositor ao regime de Salazar, fez parte da lista do GOL. Loja em que foi grão-mestre António Arnaut, advogado, antigo ministro do II Governo liderado por Mário Soares, fundador do PS e também antigo resistente ao regime do Estado Novo que não só declarou, em 2002, que "o trabalho dos maçons deve ser feito no maior recato" mas também que "só falaria publicamente em situações limite e se estivessem em

1 Segundo informações prestadas por João D'Ávila e Isabel Ruth ao autor, Lisboa, 2013.

causa a democracia, os direitos humanos, a identidade e a cultura portuguesa" (Vilela, 2013, p. 64).

Uns meses antecedendo a estreia do grupo na cidade do Porto – antes de passar por Aveiro, e se apresentar em Lisboa – Carlos Andrade escrevia no n.º 1 da *Revista Bailado* (1961), que a constituição do GEB "nasceu do sonho dos bailarinos e da confiança do Centro Português de Bailado, apoiado pela FCG" e que ficava "para a história" como o "maior acontecimento de bailado em Portugal" (Andrade, 1961, p. 4). Curiosamente, nessa mesma publicação são impressos dois anúncios comerciais de duas lojas emblemáticas do Chiado. Na contracapa, um da Casa Bénard (estabelecimento que vendia artigos de bailado, brinquedos e vestuário para bebé), propriedade de João Ribeiro da Silva, e outro, no verso da contracapa, da Casa Leonel, propriedade do sogro de José Sasportes, cujo pai também era comerciante no Chiado e amigo da família Ribeiro da Silva. É, pois, de admitir que o empreendimento de contornos algo "privados" tinha, entre outros, como objectivo promover a carreira de Wanda Ribeiro da Silva, que, para além de pertencer à direcção do Centro Português de Bailado, era uma das estrelas propostas para o grupo. E até, as pretensões de Sasportes nos meios jornalísticos da dança.

Aquela bailarina ainda participou nas primeiras filmagens de peças para a televisão, porém, por falta de estrutura técnico-artística e de empenhamento nos ensaios de preparação para a primeira digressão do GEB, acabou por não fazer parte do elenco do grupo que se estreou no Teatro S. João, na capital do Norte (entrevista com Isabel Santa Rosa, Lisboa, 1989). Conforme um relatório assinado por Luís Carvalho e Oliveira e Afonso Howell, apresentado em reunião da Direcção do Centro Português de Bailado no dia 2 de Junho de 1961, pouco tempo após a estreia do grupo já Wanda (e o marido) se encontravam incompatibilizados com muitos dos bailarinos e, sobretudo, com o mestre Dixon, tendo ambos abandonado o Centro e Grupo. A futura professora, que alegava problemas de ordem física para não ensaiar enquanto o grupo se preparava afincadamente para as suas primeiras apresentações públicas, solicitou, oficialmente, à direcção do Centro Português de Bailado, o seu "afastamento temporário das actividades do GEB a conselho de Madalena Perdigão" (Carta escrita por Wanda Ribeiro da Silva ao CPB, a 6 de Junho de 1961). Por tal razão revela-se curioso o facto do nome da outra filha de João Ribeiro da Silva, Vera, surgir nos primeiros programas do grupo a dançar no bailado *Ritmo violento* (de Dixon). Nos espectáculos apresentados em Lisboa – entre os dias 25 de Abril e 26 de Maio, integrados nas Semanas Musicais organizadas pela FCG – pode ler-se no programa que "a bailarina Vera Ribeiro da Silva colabora amavelmente" no citado bailado (o 2º Programa, para além de *Ritmo violento* apresentava os bailados *Divertimento*, *Balada para três* e *Pastora*).

Desde o início, o GEB mostrou uma vocação marcadamente descentralizadora actuando, após a sua estreia no Porto, em Aveiro e em diversos locais na capital (na

Sociedade Filarmónica Operária Amorense, na Academia de Santo Amaro, no teatro da Voz do Operário) e ainda no Estoril, em Extremoz, Guimarães, Mangualde, Viseu e Lamego, antes de uma apresentação mais "oficial" no Tivoli, em Lisboa, no dia 30 de Outubro de 1961, às 18h30, para os associados do Centro Português de Bailado, "com presença dos sócios da Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal" (programa com os bailados *Suite Romântica*, *Pastoral*, *Balada para três*, *Pas de Deux*, *Ritmo violento e Divertimento*). Nos meses seguintes e enquanto procurava alargar o seu estreito reportório e o elenco, o GEB apostaria também em apresentações junto de estudantes universitários (da Faculdade de Medicina e do Técnico) e, sobretudo, na RTP (um curto programa com *La source*, um *pas-de-deux* dançado por Isabel Santa Rosa e Carlos Trincheiras, e outro posterior com o 2º acto de *O quebra-nozes* com realização de Fernando Frazão). Sem muitas garantias de futuro, mas ainda assim totalmente envolvidos num profundo desejo de se lançarem numa nova empresa, bailarinos com mais ou menos experiência, e alguns "amantes" da arte da dança (jornalistas que exerciam a crítica de dança e simples diletantes ou, traduzindo uma palavra inglesa, "baletómanos"), partiram para um projecto algo arriscado, com a direcção e orientação técnica e artística de Dixon, um profissional com provas já dadas junto dos bailarinos do CIC, do Teatro Nacional de S. Carlos e do público português. O próprio, na altura elemento essencial da companhia na tripla e basililar função de director, coreógrafo e professor afirmou, sobre os anos pioneiros em que esteve à frente da companhia:

O Centro Português de Bailado deixou todas as decisões artísticas nas minhas mãos. Eles não eram nada impositores e até aceitaram de bom grado as minhas propostas. Por outro lado, eu também não levantei quaisquer problemas quanto aos coreógrafos convidados por Madalena Perdigão para complementar o meu trabalho criativo no GEB: Águeda Sena e Carlos Trincheiras e, mesmo, Anna Mascolo e Pirmin Trecu. Talvez a Fundação, nessa época, tenha exercido alguma pressão sobre a direcção do Centro Português de Bailado mas, creio, que nem eu nem os bailarinos nos apercebíamos disso. Curiosamente, nunca recebi quaisquer direitos de autor pelos trabalhos criados e dançados da minha autoria. Talvez por esse tipo de responsabilidades e implicações legais a Fundação – sempre cuidadosa e previdente – evitasse meter-se directamente em certos aspectos do foro burocrático, deixando-os para o Centro (entrevista com Norman Dixon, Zagreb, 2012).

Dos nove elementos que constituíram o elenco original do GEB, apenas Isabel Santa Rosa (nascida e formada em Marrocos), Isabel Ruth e Carlos Caldas – estes dois bailarinos começaram os seus estudos em Lisboa com a professora alemã Ruth Asvin – não tiveram as suas primeiras lições de dança clássica com Margarida de Abreu e tendo sido, posteriormente, absorvidos pelo CIC ou pelo VG. O projecto acabou por reunir à sua volta alguns dos mais aventureiros e dedicados artistas da época. Do VG, criado 20 anos antes, e numa fase de franco declínio antes de Fernando Lima e Margarida de Abreu tomarem em

mãos os seus destinos artísticos, vieram Santa Rosa, Bernardette Pessanha, Maria Antonieta – que mais tarde mudaria o seu nome artístico para Antonieta Ribeiro – e Albino de Moraes; do CIC, Carlos Trincheiras, Manuela Varela Cid e Jorge Trincheiras (este já tinha pertencido ao VG); do estúdio de Madame Ruth (Asvin), Carlos Caldas e, ainda, Isabel Ruth (que, juntamente com o marido João D'Ávila), tinha trabalhado com Lima nos Ballets de Lisboa e no Casino Estoril.

Apesar da modéstia de meios – embora o nome da FCG, associado ao projecto, lhe desse alguma credibilidade, para além do suporte financeiro – verifica-se que quase todos os artistas em actividade em Lisboa com alguma projecção se aproximaram do GEB. Apenas ficou de fora do grupo, Fernando Lima, já que fora convidado para dirigir o VG ao lado de Margarida de Abreu. Curiosamente, a sua mulher e *partenaire*, Águeda Sena, não tendo conseguido junto da Fundação financiamento directo para os (muitos) projectos que lhe "*fervilhavam na cabeça*" (entrevista com Fernando Lima, Lisboa, 2004) aparece não como intérprete mas como coreógrafa convidada logo no arranque do grupo. Tendo criado expressamente *Pastoral* – um "poema coreográfico, sob um concerto para piano e orquestra de Stravinsky, plasmado em moldes modernos" (*Pastoral, Revista Bailado, nº1, 1961a, p. 9*).

O primeiro número da revista *Bailado*, saída antes da estreia do grupo, apresenta uma lista dos seus bailarinos principais, em que, para além de Santa Rosa, Isabel Ruth, Carlos Trincheiras e Albino de Moraes, também aparecem Anna Mascolo e Wanda Ribeiro da Silva. Esta última, como já se assinalou, acabou por não integrar o elenco à data da estreia enquanto a bailarina italo-portuguesa já teria, mesmo, abandonado o projecto ainda antes de ficar grávida quase na altura da estreia do grupo. Porém, ambas lidaram de maneira diferente com a situação já que não tendo integrado o elenco do grupo e abandonado o seu lugar na equipa directiva do Centro Português de Bailado, Wanda, exigiu a saída do seu estúdio tendo a sede e os trabalhos do GEB, pouco depois do arranque do grupo, passado para o espaço de Anna Mascolo, situado no n.º 48 da Av. Infante Santo, também em Lisboa (confirmado na ficha técnica da *Revista Bailado, nº2-3, 1961a*).

Apesar de ter colaborado no primeiro número da revista do Centro Português de Bailado, o crítico de dança Tomaz Ribas, ligado ao Centro de Estudos de Bailado do IAC sediado no TNSC e, naturalmente, mais chegado ao projecto de Luna Andermatt e Brás de Oliveira, acabou por não entrar inicialmente no projecto. Para fazer no GEB aquilo que Ribas fazia na CPB, perfila-se José Sasportes, um jovem e emergente crítico de dança, então em funções no *Diário de Lisboa* mas já relacionado com direcção do Centro Português de Bailado. O mesmo escreveu naquele jornal um longo, oportuno e elogioso artigo, saído a 18 de Maio de 1961, após a estreia lisboeta do GEB. Nele se pode ler em título que o GEB "revelou que se está a realizar um trabalho sólido e meritório", terminando com a afirmação de que "começou bem, resta-nos desejar que o programa que, progressivamente, vai realizar se processe com a mesma felicidade" (Sasportes, 1961a,

p. 6). O jornal *A Voz do Operário*, de 1 de Junho de 1961, também saúda a apresentação do GEB no seu teatro numa “breve” assinada por “J.F.”:

A nossa congratulação por esta estreia tem vários motivos. Primeiro pelo aparecimento da primeira associação dedicada exclusivamente à difusão do gosto pela dança, num país onde ela não passou ainda de um simples amadorismo, e segundo, pela apresentação do seu Grupo Experimental que veio marcar um passo em frente na conquista da companhia de bailado a que Portugal aspira. [...] É preciso que [o Centro Português de Bailado] se transforme plenamente naquilo a que tem direito, isto é, uma magnífica oportunidade para o público, para os bailarinos e para os coreógrafos portugueses (J.F. 1961, p. 3).

Um mês depois das primeiras apresentações, em Maio, o GEB desloca-se, a 11 de Junho ao Estoril, a 15 de Julho a Guimarães, e a 8 de Setembro a Viseu. Após uma apresentação mais “oficial” num conceituado teatro da capital, o Tivoli, José Sasportes escreve já num tom menos entusiástico:

Era lícito pensar que o GEB ao aceitar, após quase um ano de trabalho, expor-se ao julgamento de uma plateia de *habitués*, se sentia com a força bastante para resistir ao choque e sair triunfante. Mas a tensão criada entre a sala e o palco foi demasiado obsessiva e viciou todo o ritmo do espectáculo (Sasportes, 1961c, n.p.).

Mas nem todos estariam de acordo: “Quaisquer que sejam as deficiências, ou melhor, as dificuldades ainda por vencer, estamos em presença de uma realidade, de uma demonstração do caminho andado desde os primeiros passos do GEB e das primeiras pedras lançadas, há já tempo, pelos entusiastas fundadores do Centro Português de Bailado (A.F., 1961, n.p.) ou como escreveu o crítico Luís de Oliveira Nunes:

Assistimos, pois, a um belo espectáculo de bailado e todos temos que nos felicitar. Desejável é que a pequena companhia, agora que já vestiu as suas galas, volte novamente ao meio do povo, dos bairros populares e da província, e levar-lhe a sua arte (Luís de Oliveira Nunes, 1961, citado pela *Revista Bailado*, 1961b, p. 9).

As actividades crescentes do GEB, se bem que não divorciadas de problemas prementes como a falta de instalações próprias – o trabalho de preparação técnica e criação era feito em estúdios emprestados, primeiro o de Wanda Ribeiro da Silva e depois o de Anna Mascolo – suscitaram ao mesmo jornalista as seguintes reflexões:

E afigura-se-nos que o futuro da dança em Portugal se encontra, antes de tudo condicionado pelo entendimento que seja possível estabelecer entre três grupos ou entidades baléticas existentes, ou sejam, por ordem de antiguidade, o “Verde-Gaio”, subsidiado pelo SNI e radicado no S. Carlos desde a sua fundação (1939-40); a Academia de Bailado Clássico, com a sua Companhia Portuguesa a funcionar no mesmo teatro desde a sua

fundação há três anos e subsidiada pelo Instituto de Alta Cultura; e o Centro Português de Bailado, com o seu Grupo Experimental de Ballet, associação particular e autónoma, subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Quer dizer, existem dois grupos vivendo dos dinheiros públicos e um vivendo de um subsídio particular. E existe também, e paradoxalmente, um teatro nacional de ópera e de bailado que não possui o indispensável corpo de baile e os solistas que se tornem indispensáveis para servir as óperas, mas onde vive há anos a única companhia e a primeira companhia profissional até hoje fundada com subsídio do Estado e que sempre serviu, com todos os seus defeitos, para remendar as temporadas de ópera e os espectáculos especiais que, em certos momentos, se torna indispensável oferecer aos que nos visitam (Luís de Oliveira Nunes, 1961, citado pela *Revista Bailado*, 1961b, p. 9).

No dia 5 de Dezembro o GEB exhibe-se, a convite da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, com *Suite romântica*, *La source* e *Balada para três*, nos dias 22, 23, 24, 25 e 31 de Dezembro, e no primeiro dia Janeiro de 1962, no popular Teatro Monumental, em Lisboa, como um reportório incrementado com *As sílfides* e o II Acto do clássico natalício *O quebra-nozes*. Especialmente para este espectáculo o elenco é reforçado com novas bailarinas (Célia Vieira, Inês Palma e as estagiárias Olga Maria, Manuela Valadas, Marta Ataíde, Isabel Queiroz e Susana Coimbra) e um bailarino: Carlos Mendonça que substituiu Carlos Caldas e Jorge Trincheiras, que, juntamente com Antonieta Ribeiro, deixariam (temporariamente) o grupo.

Apesar de todas as vicissitudes, o GEB teve melhor sorte do que seria de supor porque, indirectamente, acabou por ser um produto da jovem FCG que o subsidiou regularmente a partir da sua primeira respiração. Desde logo, em todos os programas da pequena companhia, bem como nas filmagens do grupo pela RTP – designadamente a peça *Homenagem a Florbela*, no ano de 1962 – aparece bem clara essa informação. É também do conhecimento dos bailarinos que, desde logo, muitas e importantes decisões eram emanadas da FCG, tais como convites a coreógrafas, contratação de artistas e, mesmo, cartas de afastamento de bailarinos. Muitos desses documentos eram assinados pelo próprio punho de Azeredo Perdigão (entrevista com Vasco Rebelo de Sousa, Lisboa, 2010).

1962 é um ano feliz e de "afirmação" do grupo com a maioria dos espectáculos realizados em digressões pelo país e com assinalável êxito. Foi, acima de tudo, uma época particularmente frutuosa para Dixon, que a 2 de Maio estreia no teatro Avenida de Coimbra a sua obra-prima e um marco importante na história da Dança Portuguesa: *Homenagem a Florbela*.

Inevitavelmente a maior influência que se podia detectar na peça era a de Antony Tudor. O que é perfeitamente normal já que havia imensos trabalhos dele no reportório do Ballet Rambert e dancei alguns deles. Aprendi com essas obras como lidar com as personagens e que elas devem saber porquê e onde estão a dançar, como comunicam umas com as outras

e como se relacionam com as situações dramáticas. Além de que a dança deve fluir naturalmente dos impulsos dramáticos. Sempre considerei Homenagem... um dos meus melhores trabalhos coreográficos, produzido num período muito estimulante e criativo das nossas vidas. Os bailarinos do elenco eram muito jovens e cheios de entusiasmo. É verdade que alguns deles apresentavam algumas limitações técnicas mas eram muito perseverantes e estavam sedentos por experimentar novos desafios. Trincheiras e Santa Rosa faziam um par muito atraente e completava-se quando dançavam. Creio que explorei muito bem o seu potencial o que ajudou ao seu sucesso pessoal e ao da peça. Todo o elenco desempenhou muito bem os seus papéis e devo mencionar o importante trabalho, muito meticoloso, de Bernardette Pessanha que foi minha assistente na criação da obra. Devo também referir que houve um facto que muito me impressionou, Isabel Santa Rosa que tinha vivido uns dois anos em Évora e tinha bons conhecimentos do mundo florbeliano conseguiu parecer-se muito, em cena, à própria Florbela Espanca, como alguns, então, me diziam (entrevista com Norman Dixon, Zagreb, 2012).

Homenagem a Florbela é um trabalho ambicioso e de grande poder visual. Quando a cortina sobe entendemos imediatamente o real significado do novo trabalho de Dixon. [...] Não há nenhuma explicação [...]. Não é uma história contada mas um estado de emoção psíquico que mostrou a vida e obra de Florbela Espanca. Com a sua "homenagem" à trágica poetisa portuguesa, Dixon soube revelar a realidade dolorosa de sua vida, e a obra transmitiu a essência da pureza, com que a música, a dança e a poesia se ligaram (Azevedo, 1962, n.p.).

De destacar, porém, o último *ballet Homenagem a Florbela*. Evocava-se a figura da admirável poetisa, que foi Florbela Espanca, cuja memória na voz de Carmen Dolores, esvoaçou pela sala em versos belos e bem recitados. A poesia, o bailado e a música, de braço dado nesse evocativo momento, dava a impressão que se completavam, que ambiente e movimento e sons viviam instantes de mistério, buscando personificar a emoção que deslizava nas figuras que se exibiam. Foi, realmente, um excelente número do programa (triplo), que dominou. Diga-se, porém, em abono da verdade, que Dixon foi sempre prejudicado pela incapacidade orgânica do Centro (Português de Bailado) [...] Deve-se-lhe, apesar de tudo, o primeiro *ballet* de nível internacional criado por um grupo português: *Homenagem a Florbela* (Frank Martin), apresentado com um grande rigor na escrita coreográfica e uma excelente imaginação dramática no traçar do retrato psicológico dos amores frustrados da poetisa Florbela Espanca. O clima desta obra evoca os bailados de Antony Tudor e atinge uma

intensidade semelhante. Foi este o único dos seus *ballets* que passou ao Grupo Gulbenkian de Bailado (Sasportes, 1970, p. 299).

A 29 de Junho de 1962, tendo já a original Comissão Organizadora do Centro Português de Bailado sofrido diversas baixas, teve lugar uma Assembleia Geral em que se elegeu uma nova direcção para o centro. Dela faziam parte quatro elementos que nada tinham a ver com dança: José Nogueira, Manuel Sena Rego, Afonso Howell (que transitou da direcção anterior) e José Salgueiro dos Santos. Para Presidente da Assembleia Geral foi eleito o compositor e musicólogo Filipe de Sousa (1927-2006), tendo como secretários João Ribeiro da Silva (1905-1999), que, curiosamente, aparece a substituir a filha e o genro na instituição e o actor e locutor Francisco Igrejas Caeiro (1917-2012). Da anterior direcção transitam Raquel Simões, como vogal do Conselho Fiscal, e Sosso Dukas-Schau como vogal suplente. José Sasportes que, entretanto, havia abandonado o Centro Português de Bailado e a sua efémera ligação ao GEB sem que se vissem resultados dos seus projectos (teóricos), clamou, em 2012:

Há mais de cinquenta anos que escrevo sobre dança e o primeiro texto significativo [em Portugal] saiu na página literária do *Diário de Notícias* com um título tão longo quanto o artigo "Dificuldades que retardam a criação de um bailado português – bases para uma solução" (11 de Outubro de 1956). Aí propunha diversos modelos para a renovação da dança em Portugal, e, logo na semana seguinte, fui repreendido por não ter sabido ver que o grupo "Verde-Gaio", então em plena decadência, satisfazia as necessidades do público português. A única desculpa era a minha juvenil erudição (Sasportes, 2012, p. 11).

No ano em que o jurista Luís Carvalho e Oliveira deixa a direcção do GEB (1962) – seis anos depois de Sasportes ter publicado o supra citado texto no DN – surge com um livro bastante curioso e, qual sinal dos tempos, também propunha "modelos" para a implantação da dança em Portugal. Tal como a esmagadora maioria do que se continuou a escrever de doutrinário durante cerca de meio século, as suas teorias não tinham a substância que poderiam ter se vindas de um qualquer artista, já que Oliveira era jurista e proprietário de um colégio em Lisboa. A obra intitulava-se *Problemas do ballet em Portugal* e foi editada e distribuída pela prestigiada Editora Seara Nova. O autor, que já antes publicara ficção, para além de vários estudos sociológicos sobre Economia Política, Criminologia e Direito, propõe – à semelhança de Sasportes – uma verdadeira cartilha para a, uma vez mais, despontante dança portuguesa. Num país em que ao longo de décadas muitas foram as vozes (e as mãos) a debitar ideias e a esboçar planos, em jornais e "prelecções", sobre a matéria da qual a dança portuguesa deveria ser feita e a metodologia a seguir para se conseguirem objectivos práticos e positivos, este pequeno livro – de 56 páginas apenas – é o único que se conhece que tenha sido dado à estampa e surgido com um alvo bem definido: apontar o caminho ao jovem GEB.

O ano de 63 começa com espectáculos em Fevereiro e Março, no Tivoli, mas sem quaisquer estreias. Repete-se, mesmo, *O quebra-nozes* (fora de época), o que obriga a contratação de mais artistas, designadamente Águeda Sena, Elisa Worm e Carlos Fernandes. A *matinée* de 9 de Março aparece referida no programa como "espectáculo duma série dedicada pela FCG aos estudantes pré-universitários de Lisboa" (com Suite romântica, Homenagem a Florbela e *O quebra-nozes*) prosseguindo-se, assim, a vocação pedagógica do GEB. No mês seguinte o grupo deixa definitivamente de utilizar casas emprestadas para ensaiar e com o apoio da FCG inaugura as suas "modestas" instalações no rés-do-chão do n.º 10 da Rua Cristóvão de Figueiredo – entre a Cidade Universitária e a Praça de Espanha – onde haveria de funcionar até 1969, altura em que se transfere para a subcave da sede da FCG. Apesar disso, o espaço só foi alienado quase nos anos oitenta, pois nele se mantiveram aulas de dança para crianças e adolescentes. Assim, no dia 3 de Abril de 1963 – sendo Presidente da direcção do Centro Português de Bailado, José Nogueira – foi inaugurada a primeira sede do GEB, com dois estúdios, na presença do casal Azeredo Perdigão, ao qual foi prestada uma homenagem, uma vez que a FCG "deu apoio económico ao Grupo Experimental e ao Centro para a execução de obras que permitiram instalar e apetrechar a sede" (*Revista Bailado*, 1963, p. 5).

O *Diário de Notícias* fez, no dia seguinte, uma detalhada resenha das celebrações, citando, Azeredo Perdigão que afirmara:

[...] embora no início tivesse posto reservas à concessão do subsídio ao GEB verifico agora que a obra está progredindo e que o subsídio tem sido bem aproveitado. Acentuou que o papel de uma Fundação com as características daquela a que preside, obriga por vezes a correr riscos que entidades de fim lucrativo não podem correr. A sementeira – disse – feita por uma Fundação em regra rende visivelmente pouco, mas muito na formação do património cultural e espiritual. No caso do GEB o rendimento é patente – afirmou com satisfação. [...] O Sr. Dr. Azeredo Perdigão concluiu o seu brilhante improviso afirmando que nos edifícios em construção para os serviços da Fundação e para a instalação das actividades artísticas e seu pleno exercício, a dança e o *ballet* terão o seu lugar, a sua casa... (A Nova Sede do Centro Português de Bailado, 1963, n.p.).

A 24, 26 e 28 de Maio, o GEB apresentou-se, respectivamente, em Guimarães, Coimbra e Leiria – espectáculos integrados no VII Festival Gulbenkian de Música, estreando-se uma obra exemplar de Águeda Sena, *O crime da aldeia velha*, inspirada no romance homónimo de Bernardo Santareno, para além do dueto *A Péri*, assinado por Carlos Trincinhas. Meses mais tarde, a 27 de Julho, estreou-se a peça *Perfis*, de Anna Mascolo – cujo estúdio particular partilhou com a companhia quase dois anos –, num programa em que se exibiram outras obras do reportório. Então o grupo recebeu a primeira crítica de um jornalista estrangeiro, o conhecido crítico norte-americano Jack Anderson, numa revista internacional, a inglesa *Dance & Dancers* (edição de Verão, 1963, n.p.).

Apesar do sucesso do grupo, curiosamente, só em Julho de 63 a prestigiada Revista Colóquio Artes, propriedade da FCG, na sua vigésima quarta edição, publica um artigo bastante genérico (e não assinado) sobre o Centro Português de Bailado. Nele se afirma que:

[...] O exercício desta arte (o bailado) nunca permitiu entre nós um contacto com a maioria das camadas populacionais. Alguns agrupamentos baléticos que apareceram tiveram vida efémera, não chegando sequer ao conhecimento dos que vivem afastados de Lisboa e de uma ou outra cidade que acidentalmente os recebeu. As companhias estrangeiras vindas ao nosso País, fazem estadias breves e raramente têm saído de uma ou duas casas de espectáculos para as quais são contratadas. [...] O ballet, em especial, de tal forma tem vivido cingido a escassas plateias que, proporcionar-lhe vida, era tarefa de necessidade imediata. Iniciar o trabalho apenas por meio didáctico, esperar os frutos de escola a abrir, seria trabalhar em separado daqueles que imediatamente precisavam de contacto com a arte balética. Também não seria aconselhável a criação de uma escola cujos alunos viessem a exercer a arte sem o treino que a própria actividade artística concede.

[...] A Fundação Calouste Gulbenkian, que entre nós abre uma nova era no mundo de todas as artes, concedeu subsídios para que o Centro (Português de Bailado) pudesse atribuir bolsas a todos os componentes do Grupo Experimental, possibilitando assim que cada um dos seus bailarinos vivesse exclusivamente para aperfeiçoar a sua arte.[...] Foram dados mais de 50 espectáculos nos lugares mais variados, por todas as províncias, não se tendo limitado a tournées às sedes de distrito. [...] Ao mesmo tempo deu-se oportunidade ao desenvolvimento da coreografia pois que, no seu reportório, aparecem bailados de coreógrafos portugueses que são também bailarinos do Grupo Experimental. [...] Hoje o CPB tem uma sede com amplas instalações, cuja adaptação foi paga pela Fundação Calouste Gulbenkian. [...] (O Centro Português de Bailado, 1963, pp. 34-35).

Devido, essencialmente, a desentendimentos de ordem pessoal, a saída de Dixon do GEB, dá-se uns meses depois, em Novembro, desencadeada por um número significativo de artistas através de carta dirigida à direcção do SM da FCG e, posteriormente, concretizado por Madalena Perdigão. O coreógrafo confessará, meio século depois, que não recebeu a notícia de bom grado já que,

[...] nunca levantou quaisquer problemas à contratação de coreógrafos convidados pela Fundação Gulbenkian, designadamente Águeda Sena e Carlos Trincheiras – de quem sempre foi amigo do coração. Se bem que arte, poder e benefícios pessoais nunca se encontravam

separados na Gulbenkian. Para além de diferentes filosofias de vida, é claro (entrevista com Norman Dixon, Zagreb, 2012).

Entre os que se opuseram à sua saída contam-se Manuela Valadas e, naturalmente, Águeda Sena. Com esta coreógrafa, Dixon ainda criaria em Lisboa o Ballet-Teatro, sob os auspícios do British Council. Na qualidade de coreógrafos, director artístico e directora associada, respectivamente, realizaram o espectáculo *Homenagem a William Shakespeare*, no Cinema Império, em Junho de 1964, a propósito do quarto centenário do nascimento do bardo (poeta) de Avon. As últimas obras que Dixon criou em Lisboa foram: *Suite de danças* (música tradicional inglesa), *Homenagem a Mr. W.S.* (sobre sonetos de Shakespeare em gravação na voz de Paulo Renato) e *Otelo* (mús. Ernest Bloch). Pouco tempo depois deixou Portugal, para nunca mais voltar.

Em Novembro de 1963 Anne Heaton (n.1930) fora chamada a Lisboa como mestra-de-bailado convidada e encarrega-se de coordenar um programa com as peças *Homenagem a Florbela*, *Perfis* e *La Peri*, e uma nova coreografia sua: *Variações para dez*. De acordo com Dixon, a bailarina veio para Lisboa através de contactos com a agência inglesa da Gulbenkian, na pessoa de Peter Brinson – director da Delegação da FCG em Londres, entre 1972 e 1982.¹ Nessa fase de "transição", Heaton, que tinha a sua vida organizada na capital do Reino Unido, não se parece ter proposto suceder ao primeiro director do GEB. O coreógrafo – que, então, ainda se encontrava em Lisboa – referiu-se a ela da seguinte maneira:

Conhecia-a bem como artista mas não como pessoa. Era mulher do bailarino principal do Royal Ballet, John Field, e era uma bailarina famosa e adorável. Eu assisti à estreia do seu bailado com música de Glazunov e foi a primeira vez que algumas das bailarinas do GEB usaram um tutú comprido. A obra não era especialmente memorável mas, sobretudo, as raparigas apresentaram-se muito bem (entrevista com Norman Dixon, Zagreb, 2012).

A bailarina Marta Ataíde, que fazia parte do grupo mas, então, estava grávida, mencionou que Norman Dixon *"se encontrava na plateia e chorou ao ver o bailado num misto de alegria e mágoa"*². Após dois meses em Lisboa e concluído o seu trabalho, como era de esperar, Anne Heaton deixou Lisboa em Fevereiro de 1964, não sem antes indicar para a suceder como "mestre de baile", o australiano John Auld (n.1930), um "bailarino de carácter" afiliado com uma outra companhia inglesa de renome, o London's Festival Ballet, no qual era "primeira figura" e assistente de direcção. Para o espectáculo seguinte –

1 Peter Neilson Brinson (1920-1995) escritor e conferencista de dança inglês, produtor e argumentista do filme *The black swan* (1952) com Beryl Grey e John Field, ambos do Royal Ballet, foi o organizador do grupo *Ballet for all* (em 1964), director da Royal Academy of Dancing (em 1968) e da delegação do Reino Unido e também da Commonwealth, da FCG. Foi co-autor, com Fiona Dick, do livro *Fit to dance?* (1996), editado pela Gulbenkian.

2 Segundo informações prestadas por Marta Ataíde ao autor, Lisboa, 2013.

apresentado na tarde de 31 Março de 1964 no Teatro Tivoli, “dedicado aos sócios do CPB” e com entrada gratuita para estes – a direcção do CPB (John Auld na direcção artística e Bivar Salgado na executiva) provavelmente, também através da delegação da FCG do Reino Unido, convidou a bailarina, professora e coreógrafa Joanna Denise (1928-2010) com que a jovem bolseira da Fundação, Maria da Graça Bessa estudava em Londres. Joanna era, na altura, uma conceituada professora *freelance* na capital inglesa (juntamente com Anna Northcote e Errol Addison) e traria consigo como convidado o jovem e talentoso bailarino Jeffery Taylor – com quem ela casaria quatro anos depois e que se tornou crítico de dança e jornalista cultural. Denise esteve algumas semanas em Lisboa tendo coreografado um dueto, *Magia do Vento* (mús. Liszt) que teve por intérpretes Jeffery Taylor e Maria (da Graça) Bessa que, no programa, surgem como “colaboradores” do grupo, e um bailado de conjunto, *L’Amour Dangereux* (mús. Prokofiev). As obras dividiram o público tendo metade da plateia a aplaudir e outra metade a manifestar-se contra¹. O crítico do Diário da Manhã (C. de Panaventosa, 1964, n.p.) foi mais longe e escreveu “o que vimos no Tivoli (...) teve um nível mais baixo do que a vulgar festazinha de apresentação dos alunos que as professoras de ballet tanto gostam (...) Compreendemos que as culpas terão vindo “de cima” e que a direcção do Grupo Experimental de Ballet não tenha querido desagradar àqueles de quem materialmente depende (...). José Sasportes, anos depois, afirmou, simplesmente, ter-se tratado de “dois bailados desastrosos” (Sasportes, 1970, p. 299),

Após a coreógrafa e os dois bailarinos que se apresentaram como solistas em ambas a peças, terem regressado a Londres, John Auld assegurou os trabalhos da companhia, na dupla qualidade de mestre-de-bailado e director artístico, até Outubro do ano de 64. Antes, porém, embarca naquela que foi a primeira digressão do grupo ao estrangeiro, tendo-se apresentado no dia 8 de Julho de 1964 no Alameda Théâtre, em Gibraltar.

A artista que se seguiu a Auld na direcção artística do GEB, foi Anna Mascolo a quem o Centro Português de Bailado e a FCG acabariam por lhe confiar o grupo dando-lhe a oportunidade de o dirigir até ao fim da temporada, no Verão de 65. Sob a sua gestão dançou-se um programa de Natal, algo desusado na concepção, “dedicado aos filhos dos empregados da Fundação Calouste Gulbenkian”, na tarde de 22 Dezembro no Teatro Monumental. Não só se incluem, na primeira parte, *9 canções Populares de Natal*, como, pela primeira vez no grupo, e também em Portugal uma companhia portuguesa no século XX protagoniza um bailado clássico integral: *A filha mal guardada*, numa remontagem de Auld, que se mantém no cargo de mestre-de-bailado ao lado de Mascolo.

No programa seguinte, a 24 de Abril, por sugestão (ou imposição) de Madalena Perdigão, Anna Mascolo faz repetir no mesmo Teatro Monumental aquele bailado clássico, juntamente com duas obras anteriormente estreadas: a peça de Anne Heaton (*Variações para dez*) e o seu bailado, *Perfis*, e convida a dupla Armando Jorge-Margery Lambert para

1 Segundo informações prestadas por Maria (da Graça) Bessa ao autor, Lisboa, 2012.

se apresentarem como bailarinos convidados no *pas-de-deux Cisne negro*. O artista português radicado no Canadá e a, então, sua mulher, integravam o elenco da companhia de Montreal, Les Grands Ballets Canadiens. Duas semanas depois o Teatro Tivoli recebe o GEB com um programa idêntico mas em que a o bailado de Heaton é substituído por *Mosaico* (de Walter Gore), que encerra o programa de 10 de Maio.

De seguida o grupo embarca numa digressão nacional que passa por Coimbra, Porto, Leiria, Espinho, e pelas ilhas – Funchal, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo –, integrada no IX Festival Gulbenkian de Música. Já com Walter Gore em vista para temporada subsequente, Mascolo despede-se do grupo e, embora a sua peça *Perfis* tivesse ficado em repertório durante algum tempo, tanto os colegas bailarinos como Madalena Perdigão não terão encontrado nela a pessoa certa para levar por diante os objectivos da FCG em matéria de dança. Na opinião de alguns artistas do grupo (designadamente Águeda Sena, Isabel Santa Rosa, Bernardette Pessanha, Carlos Fernandes e Marta Ataíde) a forte e impositiva personalidade de Anna Mascolo terá levantado dúvidas quanto à bondade da sua acção directiva optando a Fundação por encontrar uma alternativa no estrangeiro¹. Mascolo, que se considerava, ela própria, "a primeira bailarina clássica portuguesa" (Mascolo, 1967, n.p.) sempre foi uma figura controversa, apesar do seu empenhamento e conhecida militância em favor da dança e, sobretudo, do estatuto do artista bailarino. Antes de ter sido convidada para criar a obra *Perfis* para o GEB, a *Revista Bailado* (1961b) escreveu sobre Anna Mascolo que "é a bailarina portuguesa mais discutida, não obstante a sua arte ser indiscutível" (p. 19). Essa não era, porém, a opinião de Bernardette Pessanha:

Na altura em que a direcção do GEB mostrava cada vez mais dificuldades em assegurar o normal funcionamento do agrupamento e havia demasiada gente a mandar – ao fim de pouco tempo de existência era uma companhia com mais directores do que bailarinos, seguramente devido ao facto de as direcções artísticas se irem sucedendo – os artistas insistiram que a FCG chamasse a si a administração directa do GEB, uma vez que todos estavam convictos que o Centro Português de Bailado, a breve trecho, deixaria de lhes assegurar não só os salários como condições de trabalho decentes. Um dos mais graves problemas do pequeno grupo, desde a sua primeira respiração, era o facto de muito facilmente se misturarem problemas artísticos e pessoais, o que fez com que se sucedessem crises atrás de crises, a que ninguém estava imune (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

Águeda Sena, por seu lado, refere com objectividade:

[...] a inveja, sempre a inveja, minava os trabalhos no grupo. Por isso eu que nunca me limitei aos papéis de bailarina e coreógrafa, entrava e saía frequentemente do GEB, pois não só tinha interesse por outros projectos

¹ Segundo informações prestadas pelos artistas referidos, entre 1989 e 2013.

artísticos como não suportava a intriga e o mau ambiente que, por vezes, se sentia. A Fundação, que nunca dava ponto sem nó e que zelava bem pelos seus interesses dentro do grupo, com a sagacidade e sentido prático de Madalena Perdigão, foi fazendo tentativas para preencher a cadeira vaga de Dixon até que surgiu no horizonte um outro nome ligado ao Ballet Rambert, o conceituado coreógrafo Walter Gore (entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010).

Quando o John Auld – pessoa que eu não conhecia – chegou, também não fiz qualquer tentativa para o contactar. E creio que ainda estava em Portugal também quando Walter Gore e Paula Hinton se estabeleceram em Lisboa. Embora os conhecesse bem e tivesse trabalhado muito com ambos no [Ballet] Rambert, não vi qualquer razão para me dirigir a eles em Portugal. Afinal de contas tinha sido afastado por ordem da Senhora Perdigão (entrevista com Norman Dixon, Zagreb, 2012).

O espaço de tempo entre Novembro de 1963 e Setembro de 1965, no decorrer do qual foram postos à prova quatro nomes com o cargo de director artístico – Anne Heaton, Joanna Denise, John Auld e Anna Mascolo –, ficou conhecido na cronologia da companhia como o "primeiro interregno". Alguns anos após a criação do GEB, a FCG, a fim de "branquear" todo o longo e desigualado período de implantação da companhia tentou-se fazer passar a ideia de uma "pré-história" do grupo – que do nosso ponto de vista é errónea – quase sempre através dos escritos de Carlos Pontes Leça o "eterno" assistente de direcção do SM. No pouco espesso livro da sua autoria, *Ballet Gulbenkian, 1965/1975*, que a FCG editou em 1975 como um catálogo fotográfico – numa época algo conturbada da qual trataremos mais adiante –, o autor daquilo a que chamou uma história (provisória) do BG começa, justamente, por assinalar um intervalo *grosso modo* de quatro anos que denomina de "pré-história do BG".

Assim surgem caracterizados os primeiros anos de existência da companhia, mais precisamente entre 1961 e 1965, ano em que Fundação a rebaptizou com o nome de Grupo Gulbenkian de Bailado e a começou a administrar directamente em termos artísticos e financeiros. Esse "eufemismo" da autoria de Pontes Leça colide não só uma situação análoga em muitas outras companhias – designadamente o New York City Ballet que antes de adoptar o nome pelo qual é mundialmente conhecido teve nada menos que quatro denominações e nem por isso deixa de contabilizar na sua pegada histórica os primeiros anos de existência artística – mas, sobretudo, com a opinião de quase todos os membros fundadores do GEB – designadamente Norman Dixon, Bernardette Pessanha, Isabel Santa Rosa, Águeda Sena e Carlos Trincheiras –, que sempre afirmaram que o grupo esteve, definitivamente, na origem directa do BG. Até mesmo os elementos do quadro artístico que não transitaram do GEB para o GGB, no futuro, sempre se identificaram com a companhia e afirmaram publicamente ter pertencido ao BG. E os que foram base e espinha dorsal do

mesmo, ao longo dos anos, sempre o definiram como um agrupamento cuja fundação se remete para o ano de 1961. Para confirmar tal afirmação citamos o *curriculum vitae* que o bailarino e coreógrafo Carlos Trincheiras – que foi ininterruptamente assalariado da companhia desde o início do ano de 1961 até à sua saída em meados de 1979 – fez publicar num programa do Ballet Teatro Guaíra (de Curitiba no Brasil) no ano de 1983, enquanto director artístico daquela estrutura artística:

Criou mais de trinta bailados para o repertório do Ballet Gulbenkian e da Companhia Nacional de Bailado em Portugal. As suas obras já foram apresentadas em vários países da Europa, da África e do Brasil. Foi membro fundador, com a esposa Isabel Santa Rosa, do Ballet Gulbenkian, no ano de 1961 (*Programa do Grande Circo Místico*, 1983, n.p.).

A corroborar esta ideia, Norman Dixon admitiu que aquando da primeira digressão do BG ao seu país de origem, o Reino Unido, entre 9 e 14 de Julho de 1973, ficou "absolutamente chocado" com o facto de a FCG nem sequer referir o seu nome no programa impresso para os sete espectáculos no conhecido Sadler's Wells Theatre (entrevista com Norman Dixon, Zagreb, 2012). Nele se refere que a companhia tinha no seu elenco uns 40 bailarinos, também a sua relação com o bailado britânico através de Walter Gore, que "guiou a companhia até Dezembro de 1969" e que o BG "foi formado em Outubro de 1965, quando a Fundação Gulbenkian, de Lisboa, interveio para assegurar a independência e continuidade ao que tinha sido o Grupo Experimental de Ballet". Esta última frase é a que aparece sucessivamente em todos os programas como justificativo de uma data que, utilizando outros critérios que não os da própria FCG, se pode considerar apócrifa.

Capítulo 3 – O Grupo Gulbenkian de Bailado (1965-1975).

3.1. Walter Gore e o segundo interregno.

Após cinco temporadas ininterruptas de trabalho, o Centro Português de Bailado, que funcionou entre 1960 e 1968 sediado em Lisboa, foi perturbado por acontecimentos que acabaram por determinar uma profunda alteração na vida do seu GEB. Um agrupamento artístico que, entretanto, já conquistara algum público e uma certa notoriedade dentro e fora do (seu) espaço geográfico lisboeta. Não obstante terem passado por ele "algumas das pessoas mais qualificadas e mais em evidência do meio 'balético' português que, em maior ou menor grau, se deram à tarefa com grande devoção e espírito de sacrifício" (III Relatório do Presidente da FCG, 1967, citado por Leça, 1976, n.p.) as sucessivas crises devido a divergências entre directores, geraram alguma instabilidade artística num grupo ainda bastante frágil.

Percebe-se que a própria FCG, após a forçada saída do seu primeiro director, Norman Dixon, terá incentivado e contratado, para dar aulas e coreografar, os dois estrangeiros mais cotados a trabalhar em Portugal: o basco Pirmin Trecu (1930-2006) e a italo-portuguesa Anna Mascolo. Esta última, que veio viver para Lisboa ainda criança e teve, mesmo, algum tempo depois, a oportunidade de dirigir o grupo e, após o seu afastamento, deixado "espaço" para a contratação de um estrangeiro que não devesse levantar qualquer dúvida a nível artístico e de competência profissional.

Todos os elementos do GEB sabiam que a FCG contribuía com verbas significativas para o bom funcionamento do conjunto coreográfico, mas a partir de alguns anos de trabalho, as sucessivas direcções do Centro Português de Bailado não se mostraram suficientemente competentes para levar a bom porto a gestão do pequeno grupo de dança. Em determinada altura a Dr.^a Madalena Perdigão veio a tomar conhecimento que havia salários em atraso mas que os bailarinos, apesar disso, nunca deixaram de trabalhar com zelo e muita seriedade. A Directora do SM estava ciente do valor e da dedicação dos artistas pois lia com todo o cuidado os relatórios da direcção do Centro Português de Bailado e não perdia um dos seus espectáculos. Para além disso, levava sempre consigo o marido para, seguramente, o influenciar no apoio financeiro da Fundação ao grupo. Um marco importante, que viria a determinar o futuro do GEB, foi uma reunião

entre artistas e direcção que ficou na memória de todos por serem menos os bailarinos que os membros directivos e em que os artistas mostraram, decididamente, à Dr.^a Madalena a sua inquietação e grandes dúvidas sobre o futuro do grupo. E foi nela que tudo se decidiu (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

Embora a Fundação estivesse consciente de algumas das deficiências do trabalho do centro que financiava, reconheceu ser o GEB a sua "criação mais válida e aquela que conduziu a resultados mais satisfatórios" (III Relatório do Presidente da FCG, 1967, citado por Leça, 1976, n.p.) em detrimento de outras actividades para as quais não houve disponibilidade financeira nem meios humanos. Por outro lado, tanto a FCG como as sucessivas direcções do Centro Português de Bailado reconheceram a dificuldade de gestão artística e administrativa de um agrupamento coreográfico dependente de um centro/associação devido ao tipo de constituição interna do mesmo. E, naturalmente, de pessoas (umas com boas intenções e outras nem sempre) cujos parcos conhecimentos de dança e de gestão de agrupamentos coreográficos eram notórios. Daí as várias diligências no sentido do prestigiado organismo lisboeta tomar a seu cargo o grupo de dança, à semelhança dos outros dois agrupamentos já existentes na instituição: a Orquestra Gulbenkian fundada em 1962 e o seu Coro, fundado dois anos depois, com o propósito expresso de contribuir de maneira eficaz para o desenvolvimento do gosto pela música, pela dança e pelo canto e para dar ao público concertos e espectáculos de alta qualidade em Portugal. E, naturalmente, também para que os artistas portugueses tivessem oportunidade de, através dos citados agentes exercerem a sua actividade ao alto nível a que FCG, já na altura, tinha habituado o país.

Sob proposta da Dr.^a Madalena ao Conselho de Administração, a FCG chamou ao SM a gestão artística e financeira do GEB, em Outubro de 1965, mudando-lhe, de imediato, o seu nome para Grupo Gulbenkian de Bailado. Pouco tempo antes, uma das pessoas ligadas à direcção do Centro Português de Bailado e que se encarregava de gerir as suas finanças, o já citado Dr. Luís de Carvalho Oliveira, terá convidado o Presidente da FCG e sua mulher para um espectáculo, a fim de os convencer a aumentar o suporte financeiro que a Fundação já, então, garantia ao grupo – suporte esse que, basicamente, se saldava em subsídios destinados às montagens de peças coreográficas e a convidar mestres estrangeiros para melhorar a preparação física e artística da jovem companhia. Convite esse que terá sido decisivo para o futuro do BG.

Muitas pessoas do meio sempre acreditaram que o GGB surgiu, em grande medida, devido ao forte empenho e pertinácia de Madalena Perdigão mas, na opinião de outros, devia também ter-se em conta que o Dr. Perdigão gostava demais da sua jovem mulher para lhe negar tal anseio. Por outro lado, a decisão por parte da entidade da qual o Centro Português de Bailado sempre tinha dependido economicamente, inseria-se nos projectos de actividades artísticas regulares que a Fundação iniciara uns tempos antes. O que equivale a

dizer que a Sr.^a Perdigão, ao fim de alguns anos a lidar com a dança, tomaria finalmente em mãos, todos os aspectos da gestão de um grupo que, afinal, sempre controlara. Ao contratar um director à altura das responsabilidades e com obra feita, Azeredo Perdigão, falando em nome do Conselho de Administração a que presidia justifica oficialmente do seguinte modo, a citada incorporação:

Foi longa a nossa hesitação pois se, por um lado, não desejávamos ver perdido um esforço prometedora que tão avultadas despesas nos havia causado, por outro lado não se nos afigurava recomendável que a Fundação aumentasse os seus encargos permanentes com a manutenção de mais um agrupamento artístico que, para corresponder ao que dele se esperava, carecia de uma não só custosa como também difícil remodelação (J.A. Perdigão, 1967, citado por Leça, 1976, n.p.)

Todavia, reconhecendo a lacuna da dança no meio artístico nacional e o facto "do número dos seus adeptos e cultores, os jovens de preferência, terem vindo a aumentar de uma maneira impressionante" (J.A. Perdigão, 1967, citado por Leça, 1976, n.p.) e a necessidade da inclusão de espectáculos de dança nos auditórios do edifício-sede da FCG, então ainda em fase de construção, o Conselho de Administração, mediante proposta de Madalena Perdigão, decidiu abraçar a "nova" companhia que, doravante, levaria o emblemático nome do ilustre falecido benemérito Calouste Gulbenkian. Com a sua passagem para a tutela da FCG, naturalmente, houve que encontrar um nome de prestígio e acima de qualquer suspeita, para conduzir os destinos do agrupamento que viria a representar uma das artes performativas mais selectas dentro da mais vigorosa instituição cultural do país. Essa tarefa coube ao escocês Walter Gore, conhecido artista do bailado britânico pelas suas interpretações nas duas companhias mais importantes da época, o Royal Ballet e o Ballet Rambert, onde criou papéis que se tornaram clássicos, designadamente o titular em *The rake's progress (A carreira de um libertino)* numa das duas peças coreografadas por Dame Ninette de Valois, a mãe do bailado inglês. Coreógrafo muito conceituado pelo vigor e espessura dramática dos seus trabalhos, tanto quanto hábil luminotécnico, Gore veio para o GGB em fins de 1965. O artista estivera em Lisboa, seis meses antes, para criar o bailado *Mosaico*, a convite do Centro Português de Bailado, por indicação de José Sasportes que conhecia a bailarina Maria (da Graça) Bessa que, por sua vez, tinha trabalhado com ele em Londres¹. Por feliz coincidência, nessa altura, em pleno mês de Maio de 1965, também se encontrava em Portugal outro coreógrafo europeu bastante conhecido: Milko Sparemblek.

Sparemblek viera expressamente para montar o seu *O mandarim maravilhoso* para um espectáculo único no Coliseu dos Recreios, realizado a 24 de Maio e integrado no IX

1 Através dos escritos de José Sasportes (1970), sabe-se que o Centro Português de Bailado convidou Walter Gore para vir montar o bailado *Mosaico*, por sugestão de Maria (da Graça) Bessa que estudava em Londres na escola do Ballet Real de Inglaterra, ao que a FCG deu a sua anuência.

Festival Gulbenkian de Música, tendo requisitado dois bailarinos ao GGB: Carlos Fernandes e Albino Morais. Numa época de grande azáfama coreográfica e aproveitando o encontro das duas personalidades, a quem se juntou John Auld, José Sasportes menciona, na sua *História da Dança em Portugal* (1970) ter solicitado ao trio um decálogo – conjunto de dez princípios artísticos – para instituir as bases para o "edifício do futuro do bailado em Portugal" (pp. 301-302)¹. Este foi mais outro "plano" da iniciativa de um académico² que acabou por vir a ter algum significado "sentimental" porque nele estavam envolvidos o mestre-de-bailado da companhia da Fundação e aqueles que viriam a ser os futuros directores do GGB.

Walter Gore, estivera em Portugal nove anos antes integrado nos Ballets des Etoiles de Paris, que dançavam a sua peça *Les saisons* (para a música de Glazunov). Outras duas obras suas, *Peepshow* (1952) e *Devoradores da escuridão* (1958) tinham também sido apresentadas em Lisboa pelo American Festival Ballet, e em 1960 também no Teatro Tivoli. Esta última – e já depois de entrar no repertório do GGB, que a dançaria regularmente e com grande sucesso entre 1966 e 1969 – voltaria a ser mostrada em palcos portugueses pelo norte-americano Harkness Ballet – que nos EUA a gravou para televisão –, no Teatro Monumental, em Outubro de 1970, quase um ano depois de Gore ter abandonado Lisboa no fim da sua frutuosa estadia em Portugal. Após ter formado alguns pequenos grupos de dança, depois de ter sido mestre-de-bailado da Ópera de Frankfurt e director artístico e bailarino principal – juntamente com sua mulher – do London Ballet e do Australian Theatre Ballet, Gore, que viu frustrada uma oferta de trabalho com que estava a contar, subitamente, encontrava-se livre para vir para Lisboa. O que lhe não terá desagradado após a sua positiva experiência portuguesa, em Maio anterior, com o GEB³.

O prolífico artista, que coreografou desde 1938 até ao ano em que faleceu (1979) em Pamplona, traria consigo a sua companheira, Paula Hinton, uma *ballerina* madura e experiente, conhecida como uma *tragedienne* da dança. A artista, que era sólida e consistente em palco, ainda apresentava uma técnica invejável, acima de qualquer das colegas, embora os bailados de linha "romântica" não lhe assentassem muito bem. Seguramente por imposição do marido foi contratada como "artista residente convidada" do grupo. John Auld, que "não soube ou não pode superar os condicionalismos vigentes, enquanto director, após a saída de Mascolo, parece ter visto como segura a vinda de um profissional como Gore" (Sasportes, 1970, p. 300), continuando no cargo de mestre-de-

1 O texto original, publicado no *Diário Popular* de 3 de Junho de 1965, aparece na íntegra na citada obra de Sasportes.

2 Em Julho de 1976, Sasportes volta a apresentar publicamente mais outro plano de "revitalização" da Dança Portuguesa. Desta vez em O Jornal, p. 26, sob o título "A dança está a morrer!" e bem mais detalhado e esquematizado que os anteriores.

3 Segundo informações prestadas por Maria (da Graça) Bessa ao autor, Lisboa, 2012.

bailado que, até então, vinha a exercer. Além do seu trabalho pedagógico na companhia continuou a contribuir com algumas remontagens de clássicos, dançando, em simultâneo, em alguns deles, papéis principais "de carácter".

Após uma experiência mais ou menos desastrosa de "gestão nacional" no GEB, com Anna Mascolo, e da passagem pela direcção de alguns estrangeiros em regime "experimental" – que não aceitaram o cargo ou não deixaram a melhor das impressões nem nos bailarinos nem no público –, na ausência de um profissional da dança português com conhecimentos sólidos e uma experiência de gestão que pudesse protagonizar uma direcção competente e confiável, a maioria dos bailarinos que então integravam o GEB terão aceitado com expectativas muito positivas a vinda de um director estrangeiro. E, que, justamente, haveria de traçar um caminho com contornos de profissionalismo nunca antes vistos em Portugal. Apesar de algumas excentricidades de Gore e de sua esposa – eram conhecidos por terem aves esvoaçando livres pela sua casa –, a presença do casal foi bastante útil para a dança portuguesa criando mesmo um clima de confiança e de respeito à sua volta, que perdurou por muitos e longos anos. Além de ter ensinado aos artistas nacionais muitas das coisas que um bom profissional da dança deveria ter presente, ter valorizado os dotes interpretativos e incentivando a maioria dos elementos do grupo e de, praticamente, ter formado uma razoável equipa técnica para lhe dar apoio, Gore granjeou a amizade da grande maioria dos seus bailarinos. Tendo, mesmo, contratado alguns com quem havia trabalhado em Inglaterra. Deve mencionar-se que a chegada do multifacetado artista foi saudada pela imprensa nacional pois, na altura, o coreógrafo escocês era tido com um profissional experiente e com um trabalho criativo considerado bastante actual.

O GGB – cuja estreia em palco se deu a 23 de Dezembro de 1965, num espectáculo de Natal para os filhos e trabalhadores da FCG no Teatro Vasco Santana, com *Copélia* numa versão de Auld – contou, no seu elenco, com quase todos os bailarinos integrantes do GEB que transitaram para o novo agrupamento, bem como Patrick Hurde, Joahne O'Hara, Carmen Galindo, Ulrike Dethlefsen – que mais tarde trocou o seu nome próprio por Ulrica e o seu apelido de solteira pelo do seu marido Carlos Caldas, Maria (da Graça) Bessa e António Rodrigues, entre outros. Paula Hinton, com o seu estatuto "especial", não participou no evento que ainda não era da responsabilidade programática do seu marido. Cerca de um mês depois, a 25 de Janeiro de 1966, Walter Gore inaugurou oficialmente a primeira temporada do GGB, no Teatro Tivoli, e fez imprimir um programa – de capa dourada e com destacadas fotos suas, de Hinton, e de Auld no interior – em que se sinalizava *Carnaval*, um clássico (pouco visto) de Fokine que Lisboa vira no Coliseu em 1917, juntamente com duas peças suas: *Devoradores da escuridão* e *Mosaico*. Nele se apresentava o novo director do GGB como "uma das personalidades mais versáteis e simultaneamente um dos criadores mas notáveis do bailado contemporâneo" e Paula Hinton – já com mais de 40 anos – como "uma das principais figuras mundiais do bailado, tanto moderno como clássico", uma

"primeira bailarina das principais companhias de bailado e teatros de ópera europeus" bem como, "a mais admirável bailarina dramática da Europa" (Gore, 1965, n.p.). Nesse mesmo programa, o director, sentindo-se na obrigação – ou tendo, talvez, a isso sido compelido por Madalena Perdigão – escreveu um texto no qual se estabelecia, genericamente, um "plano de intenções" para um segundo fôlego da companhia.

O propósito era fazer-se do GGB "dentro de dois anos" nada menos que "um dos melhores agrupamentos europeus do seu género" e "na medida do possível, embora tendo em vista sobretudo o reportório moderno, espero poder apresentar em cada programa um bailado clássico" (Gore, 1965, n.p.). Aparecem também expressas as intenções de formar públicos e coreógrafos portugueses, bem como criar uma escola de bailarinos, de modo a "desenvolver o mundo do bailado em Portugal e dar-lhe condições de vida tão estáveis como as que se desfrutam em qualquer outro país da Europa" (Gore, 1965, n.p.). O artista estava consciente da tarefa hercúlea que teria pela frente e o seu "realismo" manifestou-se ao afirmar que essa tarefa exigiria tempo e trabalho árduo, assim como uma grande disciplina para que com uma meta de dois anos o grupo estivesse "em condições de percorrer regularmente o país, dando espectáculos" (Gore, 1965, n.p.). Tendo pela frente a difícil tarefa de tornar mais "profissional" e unificar um grupo que, à míngua de condições financeiras e de artistas formados em escolas que lhe dessem uma necessária preparação técnica rigorosa e uma forte componente humanística apostava num conjunto maioritariamente formado por bailarinos portugueses, mais persistentes e devotados do que tecnicamente brilhantes. Na ausência de, pelo menos, uma escola de nível razoável em todo o país, propunha-se:

[...] para a formação de futuros elementos do Grupo [...] abrir uma escola, o que, esperamos, fazer tão breve quanto as circunstâncias o permitam. Nas nossas digressões pelo país encorajaremos os bailarinos a seguirem a dança como carreira profissional. Porque não há-de um bailarino triunfar em Portugal? E porque não há-de haver anualmente uma brilhante temporada de bailado em Lisboa, seguida de *tournées* por todo o país? (Gore, 1965, n.p.).

"A seu tempo pediremos a colaboração de outros coreógrafos" afirmaria Gore que, naturalmente, contava bastante com o seu trabalho criativo, "sem esquecer os portugueses. Com efeito Portugal deverá formar os seus próprios coreógrafos ao nível internacional" e que essa formação "não é tão simples como parece. Um coreógrafo faz-se mas, sobretudo, nasce. Há muitos arranjadores de bailado, mas muito poucos coreógrafos autênticos" (Gore, 1965, n.p.). Estes postulados deixariam o campo aberto não só para si como também para os criadores estrangeiros que, eventualmente, viesse a convidar. "Entre outros pontos essenciais, deve o coreógrafo ter em conta que a linguagem do bailado, sendo universal, não pode ficar confinada pelo idioma (coreográfico) e a música de cada país. Mais do que o assunto em si, importa o modo como este é tratado. Com um assunto irlandês e música

irlandesa, é perfeitamente possível fazer um bailado português. O coreógrafo deve recriar o mundo segundo a sua própria visão. É isto que eu espero dos coreógrafos portugueses" (Gore, 1965, n.p.). Walter propõe-se, pois, fazer o seu melhor para chegar à companhia de que Portugal necessitava.

Com o novo director as coisas mudaram bastante, sobretudo, na dinâmica do grupo. Desde logo para os bailarinos, uma vez que o coreógrafo estabeleceu uma política artística que passava, em muito, pela introdução de peças da sua autoria e de uma maior regularidade nas apresentações. Até a forte presença de Paula Hinton, *"que era uma bailarina que se formara no tempo da II Guerra Mundial"* e, no trabalho, *"um verdadeiro cavalo de batalha"*¹, terá estabelecido um nível de competitividade mais alto entre as colegas portuguesas e, mesmo, um desafio para os homens que com ela começariam a dançar regularmente. Pode-se afirmar que se estabeleceu um outro patamar de exigência, a todos os níveis, na dança portuguesa. Nas palavras de Bernardette Pessanha era aquilo que todos precisavam:

O Sr. Gore foi a pessoa que nos ensinou, realmente, a ser verdadeiros profissionais. Não só aos bailarinos, como a cenógrafos, figurinistas, iluminadores e a todos os que trabalhavam no mundo da dança. Coisas tão simples como dominar o uso de sapatilhas de bailado, aprendemos com ele. Ele incentivou, mesmo, um sapateiro a criar uma pequena oficina – a primeira em Portugal – para a confecção, individualizada e por medida, de calçado para a dança. Um dos que viria a ser um dos desenhadores de luzes mais talentosos e bem-sucedidos na dança portuguesa, Orlando Worm, também muito aprendeu com as suas directivas e orientação. Assim como muitos outros profissionais que tiveram a sorte de com ele trabalharem, nas mais diversas vertentes da dança. (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

Isabel Santa Rosa, que tinha uma visão alargada da sua carreira (e da época) e que muito lutou por um lugar ao sol e por manter o seu estatuto de bailarina principal do grupo, resume as suas memórias de então deste modo:

Foi aqui, em Portugal, que cresci artisticamente, que me tornei primeira bailarina da única companhia que então existia, o "Verde-Gaio". Um grupo, em que, ao contrário do que muita gente julga, não se fazia apenas folclore! Nele dancei muitas e boas obras com bastante sucesso de público, crítica e bilheteira. Ao trocar tudo por um projecto chamado Grupo Experimental de Ballet (que posteriormente viria a transformar-se no Grupo Gulbenkian de Bailado e depois no Ballet Gulbenkian), apostei nele a minha vida. Foi naquela casa, a Fundação, que, depois, casei e tive um filho e construí uma carreira de que muito me orgulho. E também me sinto honrada pelos vários convites que tive para deixar Portugal. No início da companhia

1 Segundo informações prestadas por Marta Ataíde ao autor, Lisboa, 2013.

alguns dos bailarinos em busca de novos horizontes foram para fora, demonstrando até um certo "desprezo" por colegas que com todas as suas forças e energia deram corpo a um grupo algo "doméstico", mas que se viria a tornar no mais importante agrupamento de dança português. Mas eu aguentei firme e convicta de que estava a trabalhar para o futuro da nossa dança. Teria, certamente, sido muito fácil partir com alguns grandes nomes da dança mundial que por aqui passaram e me fizeram propostas tentadoras – por exemplo com Serge Lifar, para a Ópera de Paris, George Balanchine, ou mesmo Murray Louis para os Estados Unidos – e, quem sabe, voltar um dia como "estrela"! Mas essa não foi a minha opção. Eu vesti a camisola e tentei receber de braços abertos todos os que vinham por bem. Os que traziam algo para nos ensinar e melhorar o nosso trabalho e, por conseguinte, a dança em Portugal (entrevista com Isabel Santa Rosa, Lisboa, 1989).

Curiosamente, até Norman Dixon mostrou uma visão muito positiva (e bastante sentimental) do casal Gore-Hinton, que se apresentou uma única vez a dançar em conjunto, em Lisboa, a 21 de Maio de 1966, interpretando uma coreografia de Gore para a música de Monteverdi, *O combate de Tancredo e Clorinda*, integrada no IX Festival Gulbenkian de Música. Sobre a dupla afirmou:

Devo imenso a esses dois grandes artistas e aprendi bastante a trabalhar com eles. Paula era considerada, pelo público e pela crítica, uma das melhores bailarinas dramáticas do seu tempo e as obras de Wally [Walter] permaneceram muitos anos no repertório do Ballet Rambert. Quando ele saiu da companhia acabei por ter a sorte de dançar uns quantos dos papéis que o vira interpretar em cena. Alguns eram muito divertidos e outros altamente dramáticos. Um dos meus favoritos foi The gentle poltergeist, com música de Gabriel Fauré, criado para a companhia deles. Era a história de um espírito (Gore) pelo qual a filha do dono da casa (Paula Hinton) se apaixonava e, no final – em todos os espectáculos – ela vertia lágrimas sem parar. Eram momentos inesquecíveis de dois grandes artistas em palco (entrevista com Norman Dixon, Zagreb, 2012).

Walter Gore contribuiu com uma apreciável quantidade de coreografias originais para o grupo "com notável êxito junto do público mas razoáveis reticências da crítica" devido a "uma programação e a um tipo de bailados monocórdicos" (Sasportes, 1970, p. 303), muitos deles criados para a sua companheira Paula Hinton. Conforme testemunho de Maria (da Graça) Bessa "o sucesso do Sr. Gore junto do público e dos bailarinos deveu-se ao facto dele ter paixão pelas pessoas... ele estudava profundamente os temas que abordava nas suas peças quer fossem passadas num manicómio quer no meio de uma tribo aborígene. Frequentemente, em bailados de grupo, ele architectava as obras e nós construíamos as nossas próprias personagens"¹.

¹ Segundo informações prestadas por Maria (da Graça) Bessa ao autor, Lisboa, 2012.

Também remontou alguns clássicos designadamente *Coppélia*, *Carnaval*, *La fille mal gardée*, *Les sylphides*, *Giselle*, o II acto de *O lago dos cisnes*, *As danças polovtsianas do príncipe Igor*, *As bodas de Aurora*, *O pássaro de fogo* e o *Belo Danúbio*. Dos 52 bailados estreados em quatro temporadas, 24 (cerca de metade) eram da autoria do director o que significa que o GGB começou a ter um estatuto que o aproximava mais de uma "companhia de autor" do que de uma "companhia de reportório". Foram apresentados em paralelo bailados de Milko Sparembek (*O mandarim maravilhoso*), Michel de Lutry (*Esboço de Orfeu*), Serge Lifar (*Salade*) e Nini Theilade (*Psyché*, *A ressaca* e *Variações sem sentido*), para além de nove criações de coreógrafos portugueses: Carlos Trincadeiras (*Amor de perdição*, *A Péri* e *O Iodo*), Águeda Sena (*Judas*, *O crime da aldeia velha* e *Tempos modernos*) e Francis Graça (*Encruzilhada*).

A 2 de Outubro de 1969 inaugurou-se a sede e o Museu Calouste Gulbenkian na Avenida de Berna, junto da Praça de Espanha, em Lisboa, com uma sessão solene no Grande Auditório, seguida de recepção e almoço no Palácio das Necessidades. No dia seguinte, é a Orquestra de Câmara e o Coro Gulbenkian que fazem ouvir na "sua nova casa" a primeira audição moderna do *Te Deum* de João de Sousa Carvalho. É de notar que o GGB fizera uma longa (e triunfal) digressão a África – entre 5 de Agosto e 3 de Setembro –, e que, um mês depois da sua chegada a Portugal, poderia muito bem ter participado nos festejos de abertura daquela que viria a ser a sua residência fixa e palco privilegiado nos 25 anos futuros; contudo, Gore terá levantado objecções e exercido forte resistência à mudança. A ausência do GGB no citado espectáculo inaugural da sede da FCG ter-se-á devido, justamente, ao processo da transferência da companhia para as novas instalações. Segundo testemunhos de bailarinos que então integravam o elenco, a razão directa apresentada pelo director artístico terá sido a de discordar do local subterrâneo onde se construíram os dois estúdios de bailado, que considerou impróprio para a prática da dança e a sanidade mental dos bailarinos. Primordialmente por estar dois pisos abaixo do chão e não ter janelas que permitissem fazer entrar ar puro e luz natural. Gore, terá afirmado até, com uma honestidade e franqueza dificilmente igualáveis, que nunca iria trabalhar num local que estragaria a saúde dos bailarinos. Preocupações que não seriam de esperar em alguém que tinha uma posição invejável numa instituição tão prestigiada e num tão reduzido meio artístico, quando a dança nacional estava, finalmente, a adquirir um estatuto e uma projecção nunca antes vistos.

O Sr. Gore foi o director mais verdadeiro e determinado que o Ballet Gulbenkian conheceu. Tendo-se estabelecido em Portugal com o propósito de criar no país um fluxo de qualidade – regular e contínuo – na dança, não hesitou em abandonar o projecto quando um "pequeno" incidente assombrou as suas relações com a FCG. Tendo tomado conhecimento que no projecto da sede da instituição os seus autores e o Conselho de Administração não previram estúdios de dança adequados para o seu grupo – apesar de estar em construção

um belíssimo auditório para música e bailado, com confortáveis salas de ensaio, camarins e amplos espaços adjacentes – Gore pressionou os seus superiores a incluírem também na obra um espaço de trabalho adequado e de modo a que o GGB se mudasse condignamente para o novo edifício. Uma vez que o projecto já se encontrava numa fase em que, de acordo com as informações prestadas, não podia ser alterado, a solução foi utilizar-se um espaço previsto para armazéns nas caves para aí se construir dois estúdios, camarins, escritórios, espaço para guarda-roupa e produção e depósito de cenografia e adereços. Ao visitar as obras, Gore, tendo percebido que a opção dos arquitectos (ou da própria Fundação) não terá sido a mais dignificante para as artistas da Dança – já que os músicos não iriam parar às caves – afirmou, peremptório e indignado, que jamais sujeitaria os seus bailarinos a trabalhar em estúdios sem a luz do dia nem ar fresco, dois pisos abaixo do chão (entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011).

E, apesar das excelentes condições financeiras proporcionadas pela FCG – a si e à sua mulher –, o coreógrafo manteve a ameaça terminando, unilateralmente, em Dezembro de 1969, a sua ligação a Portugal. Findou, assim, um período de direcção artística que durou quatro anos. Quando o GGB dançou pela primeira vez no Grande Auditório – *Concerto* de Águeda Sena, e *Giselle* numa versão de Anton Dolin – a 14 de Fevereiro de 1970, ficando em cena com três programas seguidos que duraram até 17 de Março, já Walter Gore se encontrava em Espanha.

O silêncio da FCG em relação a esta matéria – a mudança de director artístico sem aparente justificação – não seria de estranhar se se tiver em conta o perfil do coreógrafo escocês: *"Com o Sr. Gore não havia dúvidas com nada nem para ninguém. Com ele tudo era ou preto ou branco. Era um homem de trabalho – o último, entre artistas e técnicos, a sair do palco após os espectáculos – não era um indivíduo mundano, como tanta gente gostava na casa, nem tinha paciência para andar de gabinete em gabinete a tratar de burocracias, por isso o coreógrafo, Madalena Perdigão e Administração da FG, nunca casaram muito bem",*¹ afirmou a antiga bailarina do GGB e co-fundadora e directora da CeDeCe – com o seu marido António Rodrigues –, Maria (da Graça) Bessa.

Outra bailarina do elenco do GGB, na época, Ana Rita (Baeta Neves), descreve assim as suas reminiscências: *para nós podia ser o Francis Graça, o Béjart, o Norman Dixon ou o Sparemblek, mas quando se tratava de Walter Gore era sempre o Senhor Gore. Apesar de ser uma pessoa fechada – pouco penetrável, sucinto nas palavras e leal nos olhos – havia um enorme respeito pela sua pessoa devido ao zelo com que tratava os bailarinos. Também por ser um grande artista, muito generoso, honesto e demonstrando sempre um enorme profissionalismo. Para ele era ponto de honra o bem-estar dos seus colaboradores e quando alguém se lesionava ele ficava em estado de choque. Quando íamos em digressão, para além das habituais despesas, o Sr. Gore exigia que a Fundação*

¹ Segundo informações prestadas por Maria (da Graça) Bessa ao autor, Lisboa, 2012.

abrisse os cordões à bolsa e ainda pagasse aos bailarinos umas boas “ajudas de custo”. Não tenho dúvidas que o célebre “episódio dos estúdios” foi um factor de importância determinante na sua ruptura com a Gulbenkian. Quando foi visitar a futura sede da Fundação, ainda em fase de obras, comunicou aos presentes que os novos espaços de trabalho deveriam ficar onde estava projectada a cantina – no topo do edifício – e não nas caves. Pode-se comer, afirmou, com luz artificial e ar condicionado, mas dançar, não! Ele não só gostava incondicionalmente dos seus artistas como os defendia com unhas e dentes”¹.

É, pois, de crer que o coreógrafo se terá sentido verdadeiramente insultado com o caso da transferência dos bailarinos dos modestos estúdios da (Rua) Cristóvão de Figueiredo para os sumptuosos espaços enterrados na nova sede da FCG e que “na presença de Madalena Perdigão, deu uns valentes murros nas paredes dos futuros estúdios no subsolo do complexo da Fundação, e que não teve hesitações ao dizer-lhe que o fazia porque não se bate numa senhora. Como o piso dos dois novos espaços de trabalho não ia ter ‘caixa-de-ar’ e seria em madeira de cerejeira muito dura assente sobre cimento, ele vaticinou os acidentes e problemas de saúde que aconteceram nos anos seguintes com os bailarinos. Tendo, mesmo, assegurado que a Fundação ia arruinar a saúde dos seus artistas”².

Da parte da Gulbenkian nunca se conheceram publicamente as razões invocadas para “deixar” Gore partir, mas não deixa de ser significativo que Pontes Leça, trinta cinco anos após esse facto, venha afirmar que “saiu por vontade própria devido a cansaço ou a uma crise nervosa” (Leça, 2005, citado por Claudia Galhós, 2005, p. 8).

Dizia-se, contudo, entre os bailarinos, que Madalena Perdigão já tinha na calha uma estrela mais florescente: Milko Sparembleck. Curiosamente, após uns meros cinco anos depois do artista escocês se ter mostrado adverso ao espaço destinado à dança pela Administração da FCG na sua sede, o seu sucessor, no final de Agosto de 1974, assinala num plano de trabalho do BG que, entre os cinco problemas principais da companhia para resolver, se encontra o piso dos dois estúdios (Sparemblek, 1974, p. 12). Enquanto os bailarinos adoeciam com problemas pulmonares e continuaram a queixar-se também da dureza do chão e do palco e, até, a partir braços!

Refira-se ainda que no elenco do GGB então, já apareciam os nomes de três dos futuros coreógrafos mais importantes da casa: Carlos Trincheiras – elemento original do GEB –, Vasco Wellenkamp – que integrou o conjunto a partir da temporada de 1967-68 –, e Armando Jorge que, juntamente com sua mulher, a canadiana Marjorie Lambert, viera dançar como convidado no IX Festival Gulbenkian de Música, em 1965, e posteriormente

1 Segundo informações prestadas por Ana Rita (Baeta Neves) ao autor, Lisboa, 2013.

2 Segundo informações prestadas por Maria (da Graça) Bessa ao autor, Lisboa, 2012.

seria contratado quando, após uma digressão a Lisboa dos Grands Ballets Canadiens (na 13.^a edição do mesmo festival, em 1969), deixou aquela companhia e se estabeleceu definitivamente em Portugal.

Ainda que o repertório, segundo uma estética de contornos mais ou menos "ingleses" e (em última análise) construído de acordo com as características artísticas e físicas de Paula Hinton que muito bem utilizava, nem sempre correspondesse nem às necessidades nem ao próprio "gosto" português, Gore soube lançar as bases de um agrupamento que, a par de obras originais, poria em cena, com alguma regularidade, também bailados do repertório clássico, estabelecendo, assim, um padrão técnico e artístico que muitos artistas almejavam e o público nunca antes vira em Portugal. Numa época em que as artistas mais jovens eram chamadas a "competir" com Paula Hinton – como foi o caso da primeira bailarina portuguesa do grupo, Isabel Santa Rosa, com menos sete anos e no auge das suas capacidades físicas e artísticas – também houve alguns bailarinos portugueses que se distinguiram em consequência de terem sido muito bem aproveitados por Gore. Foi o caso, muito especial, de Carlos Fernandes que numa peça seminal do coreógrafo, *Devoradores da escuridão*, brilhou ao lado da *ballerina* residente. E, no futuro, havia mesmo de se tornar seu *partenaire* tendo, inclusivamente, dançado com Hinton para Isabel II, rainha de Inglaterra.

Já para abrilhantar obras de fundo do repertório clássico, o director artístico chamou alguns *danseurs nobles* estrangeiros de gabarito, como Ronald Hydn, Palle Damm, Michel Renault e Jelko Jureska, para partilharem o palco com Hinton e Santa Rosa. Assim se desenvolveu uma companhia que, durante quatro anos, não só cresceu como ganhou uma certa popularidade nos meios culturais portugueses. Note-se que foi com Gore que o grupo começou a assegurar uma presença regular e constante da dança não só nos palcos do continente e ilhas portuguesas, mas também nos das então ainda colónias portuguesas.

A história dos primeiros 15 anos do Ballet Gulbenkian apresenta três períodos particularmente curiosos nos quais a sua direcção não dependeu de um artista que, aos olhos do público (e da crítica), apareceria como o responsável máximo por uma determinada programação. Há, pois, uma natural tentação de associar esses espaços de tempo intermédios ou "interregnos" – de acordo com a designação utilizada por Pontes Leça (1976) que esteve ligado à direcção do SM da Fundação durante muitos anos – a três fases da vida do grupo algo "cinzentas" pela natural ausência de uma liderança visível e "temporárias" esteticamente coerentes, por servirem de "ponte" entre os anos que os três primeiros directores oficiais (Gore, Sparemblek e Salavisa) estiveram à frente da companhia. Mas, na realidade, em todos eles, o grupo continuou a desenvolver um trabalho mais ou menos regular e todas as mudanças operadas, tendo sempre por base as orientações emanadas do SM, foram muito relevantes, tanto nos seus aspectos positivos como nos negativos. E, se as causas foram distintas nos três casos, já os efeitos não resultaram muito diferentes, pois

acabaram na contratação de novos directores em quem a FCG depositou a sua confiança. O primeiro interregno na direcção do grupo de dança da FCG ficou a dever-se à "dispensa" de Dixon por Madalena Perdigão, impelida por um grupo muito substantivo de bailarinos. Já o segundo e o terceiro – como à frente se verá – deveram-se, respectivamente, à inesperada saída de um Gore (algo paternal, muito humano e particularmente sensível aos problemas dos bailarinos) e ao saneamento de Sparemblek instigado por um grupo (muito) reduzido de bailarinos

Voltando ao fim do período Gore, a coesão interna do grupo, após a partida do director escocês do GGB, foi assegurada, inicialmente, pelo mestre francês Roland Casenave (1923-1980), durante uns poucos meses, e depois pelo inglês Geoffrey Davidson (1921-2009), que assegurou os trabalhos que mantiveram o grupo em actividade até à efectiva contratação de Sparemblek, em Outubro de 1970. Foi por decisão da direcção do SM que o GGB, mesmo sem director artístico – dos finais de 1969 até Setembro do ano seguinte – repõe dois clássicos de fundo: *Petruchka*, na versão de Davidson, e *Giselle*, na de Anton Dolin, ambas no recém-inaugurado Grande Auditório do edifício-sede. Enquanto a obra de Fokine/Stravinsky recorreu a intérpretes da casa – o inglês Patrick Hurde no papel de *Petruchka*, Isabel Santa Rosa no de Bailarina, Carlos Fernandes no de Mouro e Carlos Trincheiras no de Mágico –, para *Giselle* a FCG convidou três estrelas de gabarito internacional: a australiana Lucette Audous, o inglês John Gilpin e a francesa Janine Monin.

Antes da posse oficial de Sparemblek a companhia, a convite do governo português, deslocou-se em digressão ao Japão para se apresentar na emblemática Exposição Universal de Osaka, em 1970, integrada numa expressiva e prestigiada delegação artística nacional.

3.2. A internacionalização com Milko Sparemblek.

Em meados da década de 50, numa época em que por Lisboa passavam algumas das mais importantes companhias mundiais a par de grupos formados por bailarinos *free lance* oriundos da Ópera de Paris, apresentaram-se no Teatro Tivoli em Lisboa – de 18 a 20 de Dezembro de 1956 –, os Ballets 1956 des Étoiles de Paris, dirigido pela dupla Milorad Miskovitch (1928-2013), bailarino estrela de origem jugoslava e Irene Lidova (1907-2002), crítica de dança francesa.

Curiosamente, o grupo trouxe no seu repertório um bailado de Walter Gore – *Les saisons* (1959), para a música de Glazunov – e um bailarino esloveno, Milko Sparemblek (n. 1928) no seu reduzido elenco. Essa pequena companhia, na qual se integrava Gore, que pretendia mostrar "os novos valores da coreografia europeia" (Sasportes, Coelho & Assis, 1994, p. 70) embora incluísse na lista de "peças em carteira" alguns trabalhos de Sparemblek, só no ano seguinte, e sob a denominação de Ballets 1957 de Paris, traria a

Lisboa – ao mesmo Teatro Tivoli, a 22 e 23 de Outubro – uma sua obra, *Quatuor*, com música de Raffaello de Banfield e cenários e figurinos de Jacques Dupont.

Entreí pela primeira vez em Portugal [...] com uma pequena companhia francesa de reportório, para aquela época decididamente contemporâneo, que viera dar alguns espectáculos no Tivoli. Tive ocasião de me aperceber da existência de um público para a dança que poderia transformar-se em espectadores em potência para uma companhia estabelecida em Lisboa e cujo conceito fosse mais largamente internacional do que o do "Verde-Gaio" (Sparemblek, 1974, n.p.).

Cerca de uma década depois, quando em 1965 Maurice Béjart e o seu Ballet do Século Vinte visitam Lisboa, apresentando-se no Cinema Tivoli, entre 27 e 31 de Maio, o grupo traz em programa uma peça do seu mestre-de-bailado, Milko Sparemblek: *O idílio de Siegfried*, coreografado nesse mesmo ano, que o GGB viria a adquirir na temporada de 1973-74 e para o qual Artur Casais haveria de conceber uma nova cenografia e expressivos figurinos. Anos depois, no célebre *Relatório da Jugoslávia* (1974) que Sparemblek antes da sua saída redige para o SM, também refere que nessa época teve um primeiro contacto com "um grupo de artistas corajosos" que formavam "uma pequena companhia" que a Fundação tomara "a seu cargo" (n.p.) e que voltaria a Portugal para remontar duas obras suas: o já citado *O mandarim maravilhoso* (mús. Bartók) a 24 de Maio de 1965 e *Sinfonia da requiem* (mús. Britten), a 3 de Junho de 1967, "por ocasião de um Festival Britten" (Sparemblek, 1974, n.p.). Em 1969, o Ballet Théâtre Contemporain de Amiens apresentou-se no TNSC, entre 18 e 21 de Abril, com um reportório no qual também pontuava um trabalho do coreógrafo: *Cantata profana*, criado em 1968.

Assim, quando regressa a Portugal, em Junho de 1970 – antes de se estabelecer definitivamente em Lisboa, em Outubro – para remontar *Gravitação* para o GGB, o nome de Sparemblek, por todas as razões apontadas, já era relativamente conhecido do público português; não só como criador mas também como intérprete, pois tinha dançado em Lisboa e Coimbra o papel titular do seu *O mandarim maravilhoso* ao lado da "estrela" da Ópera de Paris, Claire Motte, e dos portugueses Carlos Fernandes, Albino Morais, Albino Frias e João Silva, e do inglês David King. Sparemblek tinha créditos firmados numa companhia europeia de gabarito internacional, o Ballet do Século Vinte, mas também no Ballet Théâtre Contemporain e em duas companhias nova-iorquinas, o Harkness Ballet e o Ballet da Metropolitan Opera House, ambas sediadas em Nova Iorque, onde mantinha um estreito contacto com as novas correntes norte-americanas da *modern dance*. Ao convite de Madalena Perdigão para colaborar no XIV Festival Gulbenkian de Música com o seu trabalho *Gravitação* (que o GGB apresentou com mais duas obras, de Michel Descombey e Juan Corelli), juntou-se a oferta de se tornar director artístico da companhia portuguesa.

Houve hesitações da minha parte, pois, apesar de haver observado o desenvolvimento incontestável do Grupo, as obras que figuravam no

reportório eram antagónicas à minha própria atitude em relação à dança: reposições de reportório clássico com um grupo que, para tal, se não encontrava perfeitamente preparado, como é evidente; uma pronunciada inclinação para o passado dos anos 20-40, e tudo isso numa grande e importante capital que merecia melhor... Retive portanto a minha resposta até à estreia do meu novo trabalho com o Grupo a fim de verificar não só as reacções dos bailarinos como as do público (Sparemblek, 1974, p. 1).

Tendo, certamente, ficado satisfeito com o interesse dos bailarinos e do público no seu trabalho, Sparemblek acederia a preencher o lugar deixado vago por Walter Gore, e assinou um contrato por dois anos.

É perfeitamente natural que o coreógrafo tenha manifestado a Madalena Perdigão as suas reservas sobre a preparação técnica de alguns dos bailarinos do elenco deixado por Gore e mantido por Casenave (antigo solista do Marquês de Cuevas) e Davidson – um ex-bailarino do Rambert a quem os artistas jocosamente alcunharam de Ti – bem como sobre a estética que o seu antecessor imprimiu na companhia. Mas, embora tenha utilizado bem algumas das bailarinas do grupo não terá repetido o procedimento (para alguns, o erro) de Gore, plasmando o reportório em, praticamente uma bailarina principal. O coreógrafo propôs-se, então, realizar um projecto escalonado, cujo objectivo seria transformar o grupo numa companhia de dança com "uma identidade própria e um perfil mais internacional" (Sparemblek, 1974, p. 3) ancorado, obviamente, nos conhecimentos e contactos que o coreógrafo, então, poderia aportar ao GGB. Segundo afirmou no documento supracitado:

A primeira temporada foi um período muito difícil de vencer. Cometi um grande número de erros visto que só ao cabo de alguns meses se veio a formar em mim uma ideia clara do conceito a desenvolver num Grupo com sede em Lisboa, Portugal. Uma longa ruptura com a tradição da dança desequilibrara o público, o qual se deixaria conquistar somente pouco a pouco e sob condição de lhe trazerem novidades, sem intermitências. De igual modo, os bailarinos careciam grandemente de uma pedagogia sólida e de um suplemento de informações acerca da sua profissão (Sparemblek, 1974, p. 2).

É, pois, com Sparemblek que o GGB adquire não só um reportório extremamente eclético, formado por peças do próprio director artístico e de alguns coreógrafos contemporâneos emergentes, como também de criadores nomeada além-fronteiras e uma linha pedagógica sob a responsabilidade do mestre cubano Jorge Garcia (n.1938). Outra coisa não seria de esperar de um artista esclarecido e com uma visão abrangente e segura de várias realidades, tentando, conscientemente, que os artistas portugueses deixassem de ser meros espectadores das "estrelas" que fugazmente passavam por Lisboa e colocando-se a eles próprios "num patamar de subalternidade que já era tempo de acabar" (Sparemblek, 1974, p. 2).

Para os aproximar de um mundo que lhes era relativamente alheio, Sparemblek optou por lhes fornecer mais informação relativamente à sua arte e profissão. Como primeira medida convidou alguns dos melhores coreógrafos que conhecia para virem criar para o GGB, com métodos de trabalho diferentes dos seus e que utilizassem bailarinos que não teriam que passar, necessariamente, pelas suas próprias escolhas pessoais. Quase todos originários do Estados Unidos da América do Norte (Lar Lubovitch, Paul Sanasardo, Lynn Taylor-Corbet, Richard Kuch, John Butler e Norman Walker) criaram para o GGB obras que não só marcaram uma ruptura definitiva com o "reportório Gore" – mais convencional e dramático segundo modelos vinculados a um certo neoclassicismo britânico – como tornaram mais apelativas as saídas do grupo para o estrangeiro. E mais, todos os coreógrafos a convidar pelo director esloveno, deveriam pertencer à geração para a qual a dança clássica e a dança moderna se pudessem fundir na dança contemporânea.

Para além de convites a importantes artistas vindos de fora, Sparemblek também abriu as portas a estrangeiros que trabalhavam no BG como Jorge Garcia, Patrick Hurde e Jim Hughes, assim como aos criadores portugueses Carlos Trincheiras, Águeda Sena, Fernando Lima e Armando Jorge. E, curiosamente, repescou uma obra de Gore, *Sassenach suite* (1961) dançada no início de 1972. Tendo sempre lamentado a ausência de um outro grupo de bailado de qualidade em Portugal que funcionasse como alternativa e contraponto a público e bailarinos, Sparemblek, tentou dar uma identidade própria ao BG abandonando o "conceito" de Gore, embora, como atrás se referiu, não tivesse deixado de mostrar respeito e reconhecimento pelo seu antecessor, ao remontar a referida peça no 4.º programa da temporada de 1971-72.

Durante os anos em que esteve à frente da companhia o reportório cresceu exponencialmente, em qualidade e quantidade, como o público e a crítica o haviam de reconhecer. Embora Sparemblek fosse, simultaneamente, director e coreógrafo residente da companhia – cargo que não existia formalmente – ele não fez do GGB aquilo que se entende por uma "companhia de autor". Solução que o SM também terá evitado para o seu agrupamento. Apesar dos seus trabalhos serem bastante dançados ao longo das temporadas, Sparemblek, de um modo perfeitamente consciente, não tentou "apossar-se" da companhia. Até Abril de 1975, data em que abandonou o grupo – na sequência de grandes divergências, frustrações e cansaço no seio do próprio grupo, mas sobretudo de um difícil contexto político-social "pós 25 de Abril" – foram montadas 55 obras, em que apenas 14 tinham a sua assinatura. Refiram-se *Gravitação*, *Passacaglia*, *Sinfonia dos Salmos*, *Antigas vozes de crianças*, *Opus 43*, *O combate de Tancredo e Clorinda*, *O Idílio de Siegfried* e *O triunfo de Afrodite*.

Nunca quis dominar a companhia. Convidei imensos criadores e quis que os portugueses colaborassem na produção coreográfica. Recordo o trabalho de Carlos Trincheiras, por exemplo... O critério foi sempre a

qualidade e não a nacionalidade. Jorge Garcia apurou a preparação técnica do Ballet Gulbenkian (Sparemblek, 2003, citado por Gastão, 2003, n.p.).

Relativamente à produção coreográfica portuguesa – estimulada sobretudo através de uma iniciativa intitulada "estúdios coreográficos"¹, iniciados em Maio de 1972 – o coreógrafo afirmou:

Era indispensável fazê-lo. E a aprendizagem dos coreógrafos portugueses tinha de passar pelo conhecimento do que se fazia lá fora: como se usava o espaço, a música... Para depois se aprender a tomar decisões. Portugal era um país fechado. Dessa interacção nasceu uma das melhores companhias da Europa (Sparemblek, 2003, citado por Gastão, 2003, n.p.).

Sabe-se também que Sparemblek tentou fomentar uma certa competição entre os coreógrafos portugueses já consagrados e os emergentes, que, então, não ultrapassariam em número uma meia dúzia. Eles deveriam, nas suas próprias palavras:

[...] abandonar uma visão talvez demasiado local, descrever uma longa curva, passando primeiro pelo internacionalismo, quer dizer, reaprender o ofício com a ajuda dos convidados estrangeiros, não se limitando somente a temas históricos ou literários nacionais, mas procurar transformar o nacional em universal para, finalmente, e em profundidade, se compreenderem em si mesmos o seu país e a sua tradição (Sparemblek, 1974, p. 2).

Considerava, pois, que os artistas-criadores portugueses em actividade, não sendo muitos, já constituíam um pequeno núcleo que poderia vir a melhorar bastante.

Paradoxalmente "Sparemblek ensaiava muitíssimo bem os seus próprios bailados para que brilhassem em palco, todavia, não era particularmente generoso em tempo de trabalho para com os coreógrafos portugueses. Por exemplo as obras de Carlos Trincinhas sofreram imenso com essa desproporção na agenda de ensaios quase não havendo tempo para terminar algumas delas antes da estreia. Não há dúvida que o director da companhia poderia ser bastante injusto em certos aspectos da sua gestão. Embora não deixasse de ser uma prática comum na maioria dos grupos, ele olhava muito pouco aos aspectos humanos – leia-se ao trabalho dos intérpretes nacionais – quando se tratava de zelar pelos seus interesses e pela qualidade dos seus bailados. E, é claro, que os artistas percebiam muito bem a sua maneira de funcionar", referiu a bailarina Isabel Arbués que apenas dançou uma

1 De acordo com informações prestadas por Elisa Worm ao autor (Lisboa, 2013) a abertura dos Estúdios Coreográficos do BG não se terá devido, em rigor, a Milko Sparemblek. Apesar de ele o afirmar (no chamado *Relatório da Jugoslávia*, Agosto de 1974, p. 3), alguns bailarinos do elenco da companhia terão pedido directamente a Madalena Perdigão – "já que era ela quem mandava em tudo" – para se iniciarem essas mostras anuais de trabalhos coreografados exclusivamente por eles. Ao que Sparemblek terá acedido de bom grado e, posteriormente, até incentivado a sua realização periódica.

temporada na Fundação tendo abandonado o GGB (e uma carreira artística) por vontade própria¹.

Também o grupo de artistas plásticos associados ao GGB poderia vir a contribuir com uma visão mais vanguardista nas criações de coreógrafos portugueses e estrangeiros. Premissa que Sparemblek, posteriormente, viria a considerar ter constituído "um autêntico êxito" da sua direcção (Sparemblek, 1974, p. 3). Um número expressivo de artistas portugueses e estrangeiros foram chamados a "desenhar" para o BG destacando-se, no primeiro caso, os nomes de Artur Casais e Espiga Pinto. Para estimular o aparecimento de futuros coreógrafos, o director artístico do GGB promoveu os supracitados "estúdios coreográficos", respectivamente em 1972, 1973 e 1974, os quais deixaram raízes para as décadas futuras. As dezanove obras, apresentadas em estreia, foram preparadas dentro de um esquema de trabalho quase totalmente "livre", sem a interferência da direcção, e em que os coreógrafos se desdobravam em intérpretes, cenógrafos e figurinistas e produziam as suas criações com recursos mínimos e... imaginação máxima.

Como seria de esperar de uma personalidade artística da natureza de Sparemblek, e tendo reconhecido este então não existir na companhia um "corpo de baile" afinado e experiente, as remontagens clássicas sofreram uma quebra considerável. Essa posição colidiu com a ambição de uma parte dos bailarinos portugueses mais conservadores. Alguns deles afirmavam mesmo que, "quando se remontava um clássico", Sparemblek, sabendo as carências do seu grupo e da falta de rigor técnico para esse tipo de trabalho, "saía por uns tempos para não ter que ser obrigado a ver esses bailados" (de acordo com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011). Porém, o seu mestre-de-bailado preferido, Jorge Garcia, desmente tal ideia, afirmando:

O Milko era uma pessoa de cabeça muito aberta e não se opunha a que se fizesse bailado clássico no grupo para satisfazer o público (e provavelmente também a Sr.ª Perdigão) e até os bailarinos que se sentiam realizados e que achavam que esse tipo de reportório era importante para subir os padrões técnicos da companhia. Simplesmente, ele, que tinha muitos contactos no estrangeiro e que não se queria isolar em Portugal, aproveitava esses períodos para sair, trabalhar e, mesmo, arejar. Não nos esqueçamos que Sparemblek esteve três temporadas na direcção do Ballet da Metropolitan Opera House, em Nova Iorque.²

O próprio Sparemblek referiu – aquando do seu regresso a Lisboa em Fevereiro de 1985 – "que apresentou *O quebra-nozes* (de Tchaikovsky), sempre com um grande êxito", e também *Petruchka* (de Stravinsky) já que "o grupo não tinha recursos para montar todo o

1 Informação fornecida por Isabel Arbués ao autor, Lisboa, 2013.

2 Segundo informações prestadas por Jorge Garcia ao autor, Lisboa, 2010.

tipo de produções clássicas. Sabe-se que a estrutura (então) não era grande (Sparemblek, 2003, citado por Gastão, 2003, n.p.).

Para uma terceira remontagem de *Giselle*, em Janeiro de 1973, assinada por Jorge Garcia – e, provavelmente, um clássico uma vez mais por imposição de Madalena Perdigão – uma vez que o GGB contava nessa temporada apenas 22 bailarinas e dezoito bailarinos, a direcção teve que recorrer não só a um par de artistas internacionais de gabarito com larga experiência em bailados românticos, Noella Pontois e Cyril Atanassoff, da Ópera de Paris, mas também a bailarinos do Grupo de Bailados Portugueses "Verde-Gaio", a alunas de Anna Mascolo, a actores do TEC e, finalmente, a crianças do Curso de Iniciação ao Bailado sob a alçada da FCG. O que constituiu um estímulo para todos os participantes e até para o público que começava a aperceber-se dos esforços da FCG para formar e projectar, cada vez mais, artistas portugueses.

A verdade é que as recriações, sobretudo, de *O quebra-nozes* (na versão de Dolin) e *Petruchka* (numa remontagem de Yurek Lazovsky) foram enormes sucessos de bilheteira, dando a ideia, ao público mais sofisticado da capital, que apesar da mais completa ausência de tradição os portugueses eram capazes de pôr em cena peças do reportório académico-clássico com o nível e a qualidade de qualquer companhia de topo da Europa. Para além de Isabel Santa Rosa, impuseram-se como bailarinos de primeira grandeza, durante o período áureo do GGB, a canadiana Margery Lambert, Armando Jorge, Ger Thomas, Penelope Wright e Isabel Queiroz, numa estrutura em que o director artístico deliberadamente tentou equalizar os elencos feminino e masculino. Uma vez que num reportório contemporâneo o bailarino teria, necessariamente, um lugar importante a desempenhar. O reportório da companhia orientou-se, definitivamente, para a dança contemporânea nas suas mais variadas vertentes, mantendo-se, no entanto, um trabalho de raiz académico-clássico na preparação artística dos seus componentes. Uma vez que, apesar das tentativas de Sparemblek para contratar pedagogos de dança moderna, a falta de verba concedida pela FCG, bem como o desinteresse da maioria dos bailarinos, limitou, em muito, o seu projecto de chamar, ainda que por breves intervalos, professores de outras técnicas.

Um marco verdadeiramente importante no percurso do GGB foi a contratação de um jovem coreógrafo de Chicago, Lar Lubovitch (n. 1943), então com menos de 30 anos, em princípio de carreira e ainda pouco conhecido nos meios internacionais. O artista norte-americano que fundara a Lar Lubovitch Dance Company em 1968 acresceu em 71 uma obra ímpar no reportório da companhia: *Algumas reacções de algumas pessoas à notícia da vinda do Messias* – comumente conhecida apenas por "Messias" – na qual, com grande felicidade, casou uma dança contemporânea aberta, luminosa e tecnicamente acessível, com um treino clássico e o forte histrionismo de alguns dos solistas do grupo. O trabalho "branco" de Lubovitch¹, – que o grupo haveria de dançar durante muitas temporadas mais

1 Em contraste com a peça *Whirligogs*, coreografada em 1970 para a companhia israelita Bat-Dor e remontada

do que qualquer outra peça do reportório – era como que uma espécie de *ex-libris* da companhia, e foi uma das mais bem conseguidas obras da história do grupo. O heterogéneo conjunto de bailarinos que então constituíam o GGB viu-se desafiado por um artista sensível e inteligente, e que não só conseguiu aglutinar as várias personalidades num grupo coeso, como criou para ele uma peça que exalava pureza e harmonia visual. Sendo contagiante na música e enérgica no movimento, trazia à mistura, inclusivamente, alguns laivos de misticismo. O crítico José Sasportes testemunhou desta maneira tal proeza: o "Grupo vibrou como nunca a um diapasão comum e o público, incauto, surpreso e logo conquistado, recebeu em cheio a mensagem que se lhe oferecia: a do poder único da dança como simples arte do corpo humano em movimento" (Sasportes, 1971, n.p.).

Com o coreógrafo esloveno, a companhia que já se afirmara no meio português no tempo de Gore, "destronando" definitivamente a presença do VG, adquiriu então um nível técnico-artístico que lhe granjeou projecção internacional, em digressões ao Japão, Rodésia, Malawi, Espanha, Brasil, Inglaterra, França, Itália e Jugoslávia. Além de ter tentado, a nível interno, fazer a promoção do GGB em camadas de público pouco habituadas à prática e fruição da dança. Este foi um dos maiores esforços de Sparemblek, para além da evidente melhoria do nível de produção dos espectáculos, designadamente, na cenografia, figurinos e desenho de luzes, feita no sentido de promover o grupo a nível internacional. Quanto à digressão ao Reino Unido – uma semana no prestigiado Teatro Sadler's Wells no mês de Setembro de 1973 – as referências escritas e orais são algo contraditórias: por um lado recebeu de John Percival, o conhecido crítico britânico, referências elogiosas (sobretudo no que tocava aos bailarinos) e alguns dos artistas recordam a adesão do público inglês a um programa muito variado; por outro, Sparemblek, ao deixar a FCG e reconhecendo publicamente a importância para o desenvolvimento do grupo das digressões internacionais, não deixou de assinalar o "fracasso" da digressão a Londres. O antigo director do GGB analisou, do seguinte modo, os factos:

O malogro da dispendiosa digressão londrina [...] deveu-se parcialmente ao nosso reportório e, grandemente, à conjuntura política muito desfavorável para Portugal nesse momento em plena guerra colonial. Não só uma reunião de "líderes" da África negra em Londres como a visita do Presidente do Conselho de Ministros de então, Marcello Caetano, fez com que a companhia, mesmo antes de se exhibir, tivesse sido muito maltratada pelos jornais ingleses (Sparemblek, 1974, p. 8).

De seguida, o grupo voltaria a Portugal e, depois da frustrada "greve de Faro", dançaria na capital algarvia, em Portimão e em Lagos, antes de entrar de férias.

A temporada seguinte decorreu sem grandes sobressaltos com, nada menos que, seis programas de sucesso no Grande Auditório, entre 10 de Novembro de 1973 e 9 de Abril

no BG quatro anos depois, que era toda vestida a negro.

de 1974. No dia 23 de Abril o GGB parte em digressão para o Porto tendo-se apresentado no dia seguinte com um programa constituído por duas peças de Sparemblek, *O idílio de Siegfried* (mús. Wagner) e *Opus 43* (mús. Beethoven); o animado *Baile dos mendigos* (também com música de Beethoven e coreografia de Paul Sanasardo) e o circunspecto *Canto da solidão* (com coreografia de Armando Jorge e música de Álvaro Cassuto). Apesar dos acontecimentos políticos do dia, e com o mesmo programa de 23, a companhia dançou no dia 25 de Abril em Viana do Castelo. Já o espectáculo seguinte, agendado para Guimarães, fruto das notícias e ventos revolucionários que sopravam de Lisboa, seria cancelado, pois que, na verdade, não havia mais que duas ou três pessoas na plateia. Num estado de grande confusão social e política poucos terão sido os que se atreveram a sair de casa para ir até ao teatro Jordão. Seguiram-se, com a normalidade possível, os espectáculos seguintes programados para Braga, Aveiro e Coimbra, antes dos bailarinos se embrenharem nos trabalhos do III Estúdio Coreográfico.

Depois de umas semanas de pura autogestão artística, envolvidos na criação coreográfica, a companhia cumpriu uma curta digressão de cinco dias ao Algarve e apresentou-se, de seguida, em pleno "Verão quente de 74", no Auditório ao Ar Livre na sede da FCG durante o mês de Junho. E ainda em dois espectáculos especiais no Teatro Vasco Santana, a 25 de Junho, às 16h30 e 21h30 – para os quais, curiosamente, o programa foi impresso em papel de embrulho – logo após o pedido de Madalena Perdigão para deixar o SM. Esta decisão surgiu logo a seguir à Revolução dos Cravos, na sequência de acusações de que a programação musical tinha um carácter elitista, remetendo os artistas portugueses para um segundo plano. Já sem a sua mentora no gabinete do primeiro andar, no início de Julho, a companhia parte para Marselha e, daí, para Angers, Nervi, e Zagreb.

Na sequência da verdadeira novela em que se transformou o epílogo desta última digressão de Sparemblek com o GGB no Verão de 1974 ao seu país de origem – apelidada de "catástrofe" no documento "A propósito do Grupo Gulbenkian de Bailado", publicamente conhecido por Relatório da Jugoslávia (Sparemblek, 1974, p. 5) – devido a um incidente que colocou bailarinos contra bailarinos, e estes contra o próprio director artístico, o coreógrafo acabaria por deixar a companhia em Abril do ano seguinte sem nunca as feridas, então abertas, terem verdadeiramente sarado. A *tournee* que levaria o grupo a França (Marselha e Angers), a Itália (Nervi) e à antiga Jugoslávia (Zagreb), em Julho de 1974, revelou-se dramaticamente problemática. Quis a meteorologia que na semana antes da partida para o estrangeiro, a inusitada chuva de Verão, fez com que fossem cancelados alguns dos muito concorridos espectáculos no Auditório ao Ar Livre da Fundação na capital. Esse acontecimento pode ser visto como um mau presságio mesmo antes da partida ou, como refere Sparemblek, um aspecto positivo antes do início da digressão pois a companhia teve mais tempo para nos seus estúdio afinar melhor as peças a apresentar no estrangeiro. Isto é, os bailados que levavam no reportório de uma viagem na qual o próprio director, colocava

grandes expectativas, não só por ser um país de “leste” com o qual Portugal nem tinha relações diplomáticas mas, sobretudo por serem programadas exibições na capital e em mais duas cidades do seu país de origem.

Ganhamos, portanto, um pouco de tempo e procedemos às correcções mais urgentes (...) pareceu-me que a conjuntura internacional era, nesse momento, muito favorável a Portugal e que o nosso grupo seria certamente acolhido com benevolência. Com efeito, apesar da tensão reinante no interior do grupo, os êxitos foram muito grandes, mesmo inesperados, tanto em Marselha como em Nervi, como em Angers. A companhia constituiu uma surpresa, já que, desde há muito, ninguém mais tinha ouvido falar de dança em Portugal (Sparemblek, 1974, p. 11).

Chegados a Zagreb, recorda a bailarina Palmira Camargo¹, “os artistas estavam cansados e algo desorientados pois tinha havido reuniões em vários hotéis para decidirem se prosseguiriam o périplo ou voltavam para Lisboa. Quase todos se queixavam da desorganização da tournée desde que saíram de Lisboa, de imensa confusão com teatros e alojamento e sobretudo da enorme tensão entre eles devido a desentendimentos com o director (Sparemblek, que, frequentemente desaparecia) e, sobretudo, com a situação da companhia que andava fora, face aos acontecimentos sociais e políticos do país e das directivas oriundas da Fundação através de um seu representante no terreno. Entre as muitas informações chegadas, a determinada altura recebemos, mesmo, um telegrama de Madalena Perdigão (ou de alguém em seu nome), dirigido a Isabel Santa Rosa – primeira bailarina, veterana e elemento influente no grupo – no sentido de se continuarem os trabalhos com a normalidade possível. Mas nada disso apaziguou os ânimos”.

Apesar de todos os esforços de Sparemblek e de haver um representante do Serviço de Música a coordenar as operações, o camião com os materiais de cena acabou retido na fronteira italo-jugoslava durante um fim-de-semana. Decorrente desse facto o primeiro espectáculo em Zagreb foi cancelado, porém, o segundo – para uma plateia em que pontuavam militares – realizou-se sem grandes percalços e com êxito junto do público. O problema mais grave viria a acontecer, no dia seguinte, 17 de Julho, em Split com todo o material de cena montado e os artistas prontos para se exibirem, os bailarinos do GGB, ao tomarem conhecimento dos acontecimentos “revolucionários” em curso na casa-mãe através de uma carta enviada de Lisboa pelo representante sindical dos trabalhadores da FCG, por um voto decisivo, os elementos presentes optaram por não realizar o espectáculo, bem como o seguinte agendado para Hvar, ilha croata do mar Adriático. Esta insólita situação obrigaria a Fundação a pagar indemnizações aos empresários envolvidos devido ao cancelamento dos espectáculos da ponta final da digressão. E não terá sido sem uma grande dose de humilhação e, particularmente, de muita frustração, pela

¹ Segundo informações prestadas por Palmira Camargo ao autor, Lisboa, 2012.

“irresponsabilidade” dos bailarinos e pessoal técnico de apoio ao GGB, que Sparemblek regressa a Lisboa não tendo conseguido realizar, como previra, todos os espectáculos na sua Jugoslávia. Na ponta final de uma igressão na qual, por todas as razões, naturalmente, muito se empenhara. Os imensos problemas que todo este processo acarretou e uma boa dose de impotência para gerir uma companhia moralmente despedaçada, deu origem à sua saída (mais ou menos voluntária) de Portugal a escassos meses de terminar o seu vínculo laboral com a FCG.

É de mencionar que este não foi o primeiro conflito laboral nem de Sparemblek nem da própria FCG com os bailarinos. Muito antes do 25 de Abril, altura em que não havia qualquer "acordo colectivo de trabalho" na casa eram habituais as reclamações para o SM acerca da maneira pouco correcta com que os artistas achavam que eram tratados em digressão. A FCG, ou melhor, Madalena Perdigão, que fazia um excelente "serviço público" ao levar a dança para fora dos seus auditórios lisboetas, mostrava-se bastante comedida no valor que destinava à assistência em viagem. Leia-se, por vezes a qualidade do alojamento e das refeições (sobretudo após os espectáculos) em locais com pouca oferta e a sobrecarga nos horários de trabalho, não correspondiam à expectativas dos artistas. Várias foram as vezes que os bailarinos reclamaram e ameaçaram fazer greve aos espectáculos ao encontrarem-se em situações difíceis, afastados das suas casas e famílias e do seu regular local de trabalho. Houve, mesmo, um acontecimento insólito, muito antes da greve em Zagreb e que custou o emprego a alguns artistas. Num relato da bailarina Maria (da Graça) Bessa:

Logo a seguir à primeira viagem da companhia a Londres, que terminou a 14 de Julho de 73 no Sadler's Wells, e imediatamente antes do espectáculo inaugural de uma digressão ao Algarve, que se iniciou em Faro cerca de duas semanas depois, os bailarinos decidiram fazer greve antes do espectáculo, protestando contra as distâncias entre os palcos e os locais de alojamento e as condições financeiras impostas. Uma vez mais, a Gulbenkian escolhera um hotel com preço superior às ajudas de custo que por si decidiu atribuir aos artistas. A greve deu-se na véspera do espectáculo, à chegada do autocarro ao local para a aula e ensaio geral, os quais recusámos fazer. Durante a noite houve telefonemas por parte da equipa da direcção da companhia à Gulbenkian e vice-versa até que de madrugada chegou uma comunicação da Fundação ameaçando com as "forças da ordem", caso não levantássemos a greve.

Depois de uma certa confusão e de algumas posições mais extremadas, por interferência directa dos representantes da Fundação, os artistas acabaram por levantar a greve e prosseguir a digressão como fora agendada em Lisboa, terminando em Lagos. No dia seguinte, depois do espectáculo de Faro estava à espera de alguns artistas um funcionário da Fundação com cartas, fazendo todo grupo de garantia de "aviso de

recepção". De regresso a Lisboa, o incidente teve repercussões para alguns dos bailarinos que foram punidos pela sua intervenção no protesto. Eu recebi uma "carta de despedimento" com efeito imediato a seguir à tournée e, tanto quanto recordo, o Patrick Hurde, a Elisa Worm e o António Rodrigues, meu marido, receberam "cartas de censura". Para além de dois outros bailarinos que permaneceram no anonimato. Vi apenas a do António que não aceitando as condições (indecentes) que lhe eram impostas para continuar no BG – entre elas a perda de direitos adquiridos – e, embora contra a vontade do Sparemblek que o tentou dissuadir – acabou também por sair. Como é fácil imaginar ainda hoje considero muito injusta a situação até porque dessa vez, nós os dois, nem tínhamos sido a "cabeça da greve"!¹

O director da companhia também não deixou de comentar o caso no seu elucidativo relatório (da Jugoslávia): "O assunto das ajudas de custo no Algarve foi conduzido de modo assaz inábil, tanto duma parte como da outra (incluindo eu próprio), e a paz que se viria a estabelecer a seguir seria mais ou menos frágil. Após os acontecimentos do Algarve, estabeleceu-se um certo número de sanções; mas como estas, até aí, haviam sido bastante raras, inexistentes mesmo, deixam marcas profundas no espírito dos bailarinos sancionados, que as levam extremamente a peito" (Sparemblek, 1974, p. 7). Nos escritos de Carlos Pontes Leça, Milko Sparemblek deixa o país, e o grupo, em Abril de 1975, após uma temporada "assinalada por graves perturbações na vida da Companhia [...] reflexos do clima de instabilidade social e de crise de autoridade que se viveu por todo o país durante o primeiro ano e meio após a Revolução dos Cravos" (Leça, 1991, n.p.).

O bailarino Carlos Fernandes, expressou *a posteriori*, uma posição que parece ter ido ao encontro da grande maioria dos artistas do elenco do BG:

Pela minha parte, estou convencido que o saneamento de Sparemblek foi uma consequência de uma ocasião política excepcional que vivemos. Uma ambiência política que afectou e, de certo modo, teve implicações em todos os sectores da vida portuguesa. Estavam na "ordem do dia" os saneamentos. Era até uma moda, que poucos sectores da actividade artística, cultural, social, etc., em Portugal, se podem hoje orgulhar de lhe haverem resistido. A verdade é que fui dos que alinharam no saneamento do director, acto deveras injusto e que, não só eu como a maioria da companhia está profundamente arrependida, até porque ele foi o director que mais prestigiou internacionalmente o Ballet Gulbenkian. Foi sob a sua direcção que se fizeram digressões ao estrangeiro com assinalável êxito. Um erro lamentável, até porque o contrato de Sparemblek com a Fundação caducava dois meses após o incidente (Fernandes, 1976, citado por António Jorge Andrade, 1976, p. 4).

1 Segundo informações prestadas por Maria (da Graça) Bessa ao autor, Lisboa, 2012.

"Efectivamente, uma assembleia-geral de artistas da Companhia delibera irradiar Sparemblek, com base numa série de acusações injustas e sumamente demagógicas. E, em face das referidas condições sociopolíticas, o Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian vê-se forçado a ceder" (Fernandes, 1976, citado por António Jorge Andrade, 1976, p. 4). Ao contrário de Walter Gore, que terá saído voluntariamente argumentando a falta de condições dos novos estúdios destinados à companhia, Sparemblek terá partido derrotado mas com uma avultada compensação monetária pela quebra de contrato por parte da entidade empregadora. Segundo o próprio, partiu de Lisboa "com um sentimento de injustiça", e, em jeito de justificação, acrescentou: "Viviam-se momentos conturbados. Havia uma imensidade de partidos, da extrema-esquerda à extrema-direita. As pessoas estavam divididas, mesmo quanto à minha saída. Imperava uma certa ideia de orgulho nacional. Por isso, os estrangeiros eram mal aceites. Tive de partir" (Sparemblek, 2003, citado por Gastão, 2003, n.p.).

Sabe-se que apenas dois bailarinos do grupo – um português, Miguel Lyzarro, e uma estrangeira, Michèle Rimbold, bailarina belga que viera para Portugal com Sparemblek e que era sua companheira – não assinaram um documento no qual se pedia o afastamento do director do GGB por ser pouco humano para os bailarinos. E que foram três elementos (especialmente revolucionários) que, alegadamente, agindo de "má-fé" levaram todos os outros a colaborar numa decisão contrária aos objectivos do próprio SM. Pela primeira vez em toda a história do grupo, as ordens do "primeiro andar", numa época em que, politicamente, a própria FCG perdeu muita da sua força como entidade empregadora perante as imposições de uma Comissão de Trabalhadores muito aguerrida, parecem não ter conseguido controlar eficazmente os destinos do "piso menos dois". Seguem-se alguns excertos do documento assinado por 27 artistas do GGB, tendo à cabeça Graça Barroso (sobrinha de Maria Barroso, mulher de Mário Soares, então Ministro dos Negócios Estrangeiros do III Governo Provisório), e, no final a assinatura de Elisa Worm, então, duas das mais enérgicas opositoras de Sparemblek.

"Durante os últimos 4 anos o GGB tem sido dirigido por Milko Sparemblek. O GGB, reunido em Assembleia Geral Extraordinária, na 6.^a feira dia 21 de Março de 1975, decide, após votação, sanear imediatamente esse senhor das funções que até agora tem exercido no referido grupo. A actuação de Milko Sparemblek como director artístico deste grupo foi, até agora, bem digna da sociedade corrupta em que então vivíamos. Seria impossível e até desnecessário criticar aqui o seu procedimento desumano e de ataques pessoais para com a maior parte dos bailarinos. Impossível porque esses ataques pessoais e desumanos, que para um bailarino podem significar a destruição da sua vida, poderão parecer, para quem não conhece o mundo artístico, mesquinhos e insignificantes; desnecessário enumerá-los, porque, além de ser numericamente impossível fazê-lo, bastar-nos-á uma análise geral dos resultados práticos do trabalho de Grupo

durante estes quatro últimos anos, para chegarmos a uma única conclusão: BASTA! [...] Sempre para esse senhor, lhe foi difícil "compreender" os portugueses, considerando-os seres atrasados e inferiores. No entanto Milko Sparemblek conseguiu integrar-se, e desta vez fácil e rapidamente, no maquinismo infernal dum sistema capitalista decadente, ou seja, naquele em que melhor se identificava. [...] Desde o início do seu contrato nesta Fundação, os bailarinos são transformados em simples objectos, postos ao serviço do lucro-prestígio da "empresa" contratante e também, claro está, ao serviço do seu prestígio pessoal e da sua "algibeira". Desde que entrou nesta companhia, o Sr. Sparemblek esqueceu (ou nunca soube...) que a Arte e o artista têm uma função social importante e definida e que o povo ou a comunidade em que estão inseridos é a grande força que os impulsionam. Bem cedo, Milko Sparemblek mostrou o caminho a seguir, com a confiança que lhe vinha do apoio incontestado da então Directora do Serviço de Música desta instituição. O seu lema era: produção pela produção, e produção para lucro. Para isso, os bailarinos foram transformados em máquinas de produção e tratados como tal. Nos referidos quatro anos o GGB produziu um expressivo número de criações e, verdade seja dita, este grupo possivelmente bateu todos os *records* de produção mundial. Para os bailarinos, tal "glória" não foi nunca "festejada" ou sentida. Pelo contrário, além da insatisfação crescente que sentíamos (pocas vezes ou nunca, nos identificávamos nessas criações), éramos até então, uma verdadeira fábrica, em que a produção de mercadoria "em série" era proporcional ao baixo valor social que apresentava. [...] Dos bailarinos que iam ficando, grande parte era fatalmente escrava de um salário – arma fortíssima que o Sr. Sparemblek e a Fundação Gulbenkian usavam escandalosamente, dada a posição monopolista desta instituição respeitante ao bailado em Portugal –, e os poucos que recusavam cooperar nesse esquema de produção alienante, os que tentavam a custo lutar contra o isolamento, a materialização das relações humanas, a negação do indivíduo, e outras mais tácticas de "canalização", esses poucos eram vítimas de represálias e injustiças escandalosas, e ameaçados de desemprego, caso não fechassem a boca...

Ainda há bem pouco tempo, numa assembleia-geral do GGB, o Sr. Sparemblek define, num ataque de fúria, um desses elementos que lhe fez frente, como "elemento subversivo de esquerda", com o qual lhe era impossível continuar a trabalhar...!! Como não bastasse essa frase, que só por si o define e situa no momento actual que o país atravessa e que todos queremos, conseguiu retirar este elemento do seu bailado para o terceiro programa, alegando, perante uma Comissão Artística estupefacta e impotente que a razão era um problema básico de relações humanas... Muito haveria a dizer, mas acreditamos e estamos seguros que, o que dissemos até aqui, bastará para justificar largamente o saneamento imediato do senhor Sparemblek de Director do Grupo Gulbenkian de Bailado" (Sobre o Saneamento de Milko Sparemblek, 1975, n.p.).

Tempos antes de abandonar a direcção do GGB, Sparemblek deixou um interessante balanço da evolução do grupo durante a sua direcção assumindo erros e contratempos, e deixando uma imagem bem mais humana e compreensiva do que a que circulava entre os bailarinos. Todavia, a sua lucidez e visão artísticas são inquestionáveis ao agradecer e reconhecer a qualidade de "artistas maravilhosos, que possuíam um instinto e uma consciência artística fora de série, cuja participação, sentido de disciplina e de vida comunitária foram decisivas no decurso dos anos de esforços" (Sparemblek, 1974, p. 24) e, simultaneamente, acusando uma fracção do GGB de:

[...] sofrer da mais completa miopia política, de lhe faltar qualquer sentido das realidades, de ter tomado decisões resultantes de climas emocionais negativos, de querer destruir um trabalho cuja realização exigiu muito tempo, esforços e meios económicos a fim de satisfazer apenas frustrações pessoais. Em suma, de agir caprichosamente em prejuízo da companhia, fechando os olhos à realidade portuguesa num momento tão importante e decisivo (Sparemblek, 1974, p. 25).

Não deixará de ser curioso notar a defesa que Sparemblek faz no seu *Relatório* da sua entidade empregadora, a FCG. A dado passo o coreógrafo afirma mesmo:

A Fundação [...] cometeu erros [...] é evidente. É impossível não cometer erros quando se desenvolve uma actividade tão ampla como a desta instituição. Os erros são corrigíveis [...] deve considerar-se não só o lado negativo mas também o positivo e não nos podemos esquecer de situar tudo isso no contexto histórico e político de Portugal dos anos 60 e 70. [...] A Fundação é acusada de ter colaborado com o regime deposto de Marcello Caetano. A este nível de raciocínio, pois trata-se evidentemente de um dos raciocínios possíveis, toda a pessoa que viveu em Portugal nos últimos trinta anos é um colaboracionista. [...] trata-se de uma afirmação bastante gratuita visto que, contra ela, está praticamente toda a gente sem defesa. Na minha opinião, no seu aspecto mais positivo a Fundação sempre procurou uma abertura para o Mundo; as ideias novas vinham do mundo exterior e abriam caminho, pouco a pouco, através da consciência portuguesa. Em milhares de concertos, conferências, espectáculos e exposições, realizados pela Fundação, eram apresentados ao público artistas adeptos de correntes políticas em absoluta contradição com a do Governo então no poder. Só o facto de a FCG ter apoiado (desde o Outono de 1973) e mantido a digressão do GGB à Jugoslávia, um país de Leste, portanto com o qual Portugal – sob o regime precedente – não tinha quaisquer relações diplomáticas, demonstra claramente a atitude da casa em face da política oficial (Sparemblek, 1974, p. 10).

Sparemblek deixa o GGB pronto a ser incluído numa obra publicada em Nova Iorque, em 1977, *Ballet and dance, the world's major companies*, da autoria de Linda Doeser, na qual o grupo de bailado da Gulbenkian aparece referenciado entre as melhores companhias

de bailado do mundo com um reportório eclético e extenso – cerca de 115 peças no total, contabilizadas até 1975 – e muito mais expressivo do ponto criativo do que a maioria dos conjuntos assinalados.

Mas, talvez mais importante do que isso, Sparembek deixa no SM um documento precioso na hora da partida: um projecto completo para a temporada de 1974-75. Nessa proposta elaborada com grande exactidão e, sobretudo, com um profissionalismo que, no futuro, deixaria grande saudade em muitos dos elementos do BG, o director demissionário deixou anotadas as obras a remontar e que constituiriam o reportório base da temporada em questão. Entre elas encontravam-se cinco peças da sua autoria (*Voices, O combate de Tancredo e Clorinda, O idílio de Siegfried, Tekt e Opus 43*), duas de Carlos Trincheiras (*Satélites e Inter-Rupto*), uma de Águeda Sena (*Amargo*), e outra de Armando Jorge (*Canto da solidão*), além de um trabalho do mestre-de-bailado residente, Jorge Garcia (*Variações Sinfónicas*). Sparembek deixou também mencionado um capítulo de "*Ballets em reserva*", muitos da sua autoria, dois de Trincheiras e alguns pertencentes ao reportório académico-clássico: *O quebra-nozes, Giselle, O lago dos cisnes e As sílfides*; quanto a novas criações, propunham-se quatro composições da sua autoria, *O triunfo de Afrodite* (mús. Carl Orff), *Sextuor* (mús. Stockhausen), *Espace Mozart* (mús. Mozart) e *Os sete pecados capitais* (mús. Brecht-Weill) e trabalhos dos coreógrafos sediados em Lisboa: Armando Jorge, Águeda Sena, Fernando Lima, Carlos Trincheiras e Jorge Garcia, "... e talvez para o futuro, Vasco Wellenkamp e António Rodrigues" (Plano de Sparembek para a temporada do BG 74/75, p. 7). Quanto às suas escolhas a nível de coreógrafos internacionais, detecta-se simultaneamente uma vontade de juntar nomes sonantes, como sejam os já "clássicos" Antony Tudor e José Limón, a outros completamente desconhecidos em Portugal, tais como Rudy Perez, Elizabeth Keen e James Wearing. Entre os famosos, além dos dois atrás apontados, Sparembek propunha, complementarmente, do melhor que havia nos Estados Unidos: Merce Cunningham, Bella Lewitzky e Murray Louis, para além dos jovens Louis Falco – que acabaria por vir a Lisboa a convite de Salavisa em 1982, 1983 e 1986 –, Carolyn Carlson e Lary Richardson (que visitara Lisboa duas vezes com o seu pequeno grupo, actuando no Teatro Tivoli a 23 de Novembro 1967, e no S. Luiz entre 2 e 4 de Agosto de 1972). Entre os europeus na lista, estariam Birgit Cullberg (que já trabalhara com o GGB) e Hans van Manen que, posteriormente, Jorge Salavisa contrataria amiúde. O nome de Peter Goss, bailarino e coreógrafo britânico de origem sul-africana que se estabeleceu em Paris em 1973, também aparece mencionado no documento de Sparembek.

Várias ilações (curiosas) se podem retirar de semelhante plano. Milko Sparembek deixava em aberto, junto do SM – o qual tinha a palavra final em termos de decisões financeiras que possibilitavam a aquisição de reportório –, a hipótese de se remontar um ou outro clássico por temporada. O director artístico e também coreógrafo tentava conciliar e equilibrar as suas criações com as de artistas portugueses, dando prioridade ao trabalho de

Carlos Trincheiras, ensaiador da companhia, mas sem descartar os poucos coreógrafos profissionais existentes em Portugal, e criadores em potencial. Sendo que dois deles, no futuro, haveriam de marcar posição na dança contemporânea portuguesa: o coreógrafo-professor Wellenkamp e o professor-coreógrafo António Rodrigues. Possuidor de uma visão ímpar dentro do nosso estrito mundo da dança, Sparemblek tencionava também adquirir obras de grandes nomes do panorama mundial, designadamente, Tudor, Limón, Louis, Lewitzky e Cunningham; posteriormente, coreografias de todos eles, seriam apresentadas em Lisboa, ao longo da segunda metade do século XX e, na sua maioria, sob os auspícios da FCG. Bailados de José Limón, o famoso coreógrafo de origem mexicana, viriam a ser incluídos, cerca de uma década depois, no reportório da jovem CNB: *There is a time* (em 1985), *Oferenda coreográfica* (em 1987) e *A pavana do mouro* (em 1990).

Sparemblek, que como atrás se referiu, trouxe para Portugal o então desconhecido Lubovitch, planeava convidar, de seguida, Falco e Richardson, dois coreógrafos que seguiam uma linha algo semelhante, para além de três dos melhores nomes da vanguarda norte-americana: Perez, Waring e Keen. Terminado um período de algumas dificuldades no BG (o "terceiro interregno") e já durante a vigência de um novo director artístico, Jorge Salavisa, o BG, através do SM, não só chama Sparemblek a Lisboa três vezes – primeiro, na temporada de 1989-81, para apresentar uma nova versão de *O triunfo de Afrodite* (que tinha sido estreado em 1974) e a *Sinfonia dos salmos* (1972) e posteriormente para montar *Pulcinella*, na temporada de 1984-85 – como vai, repetidamente, recorrer a trabalhos de Hans van Manen. Este torna-se um coreógrafo emblemático na época de Salavisa, que faz de Vasco Wellenkamp uma espécie de "substituto" de Sparemblek como coreógrafo residente.

O artista esloveno que, antes de se estabelecer em Portugal, já passara por algumas dificuldades de ordem política, devido à sua nacionalidade jugoslava, saiu de Portugal numa época de alguma instabilidade, deixando atrás de si aqueles que poderão ser considerados os anos mais estimulantes da companhia a nível internacional, e sem quaisquer receios de encarar o desemprego, uma vez que manteve sempre uma forte relação profissional com o grupo de bailado da Metropolitan Opera House, de Nova Iorque, o que, como já se afirmou, o levava frequentemente a deslocar-se ao estrangeiro. De Lisboa partiu para a Jugoslávia na Primavera de 1975, e em 1977 torna-se director da companhia de dança da prestigiada Ópera de Lyon, que geriu artisticamente até 1980.

Curioso é cruzar as opiniões de alguns dos protagonistas da época e, especialmente recuperar as de Elisa Worm: "Se depois de deixar de dançar e me ter consagrado ao ensino e à descoberta e incentivo de novos talentos e consegui pôr de pé duas companhias – o Dança Grupo e o Ballet Contemporâneo do Norte – isso se deve ao meu convívio com o Milko Sparemblek no BG. Foi aí que eu aprendi o que é orientar um grupo e, sobretudo, dirigir ensaios e produzir espectáculos. Ele foi um dos maiores profissionais da dança que

trabalhou em Portugal mas, acima de tudo, teve a enorme visão artística de ir buscar ao estrangeiro os grandes coreógrafos (e mestres-de-bailado) daquela época. Coisa que muito valorizou a companhia que era reconhecida internacionalmente e dançava para amplas plateias esgotadas em muitos países. Enquanto bailarina admito que não tive a capacidade de reconhecer muitas das suas qualidades mas, actualmente, vejo a sua importância na nossa dança e verifico que os que depois dele se tornaram responsáveis pela direcção do BG não souberam manter o nível que atingimos com ele e que nos deixou como legado mas, sobretudo, o foram destruindo até acabar de vez com a companhia. Como coreógrafo devo acrescentar que Sparemblek, antes de se tornar director do BG apresentou várias obras, inovadoras e criativas, em Lisboa, com companhias francesas que dançaram no Tivoli. Lembro-me particularmente de uma peça notável, “O Mandarim Maravilhoso”, e de ele ser um artista com grandes conhecimentos de composição coreográfica. Já em Lisboa, e acumulando as funções de director artístico e coreógrafo principal do Grupo Gulbenkian de Bailado, ele viu-se obrigado a criar regularmente o que é muito diferente em termos de disponibilidade mental e rentabilidade artística. Por tal, as obras de um período posterior, designadamente “Sinfonia dos Salmos” e “Gravitação” resultaram em danças mais geométricas e menos dramáticas. Creio que sua saída da Gulbenkian foi consequência da de Madalena Perdigão que, na altura do 25 de Abril, alguns queriam ver fora da Fundação. Essa foi uma altura muito especial em que os artistas perceberam que trabalhavam num grupo que lhes garantia privilégios incalculáveis mas onde havia muita repressão. Creio que o maior erro de Sparemblek foi ter começado por fazer política e acabado na politiquice, dentro de uma estrutura em que apenas se devia ter concentrado estritamente nos aspectos de ordem artística.”¹

Em relação à sua contribuição – e de Graça Barroso – para afastar Sparemblek da direcção do BG, Worm afirmou que nem uma nem outra tinham “assim tanto poder para tal”, enquanto Jorge Garcia, o então mestre-de-bailado do grupo, testemunhou que “ambas protagonizaram ‘guerrinhas’ dentro de um conflito que envolvia forças muito mais significativas”.² Para complementar o seu raciocínio afirmou que “a mais invocada e ilusória premissa para empurrar Milko para fora do GGB era a necessidade imperiosa de se ter um português na direcção da companhia. Tratou-se de uma situação semelhante à que acontecera uma década antes quando alguns dos elementos do GEB, achando-se já preparados para dirigirem o grupo, ao invocar junto do SM o mesmo argumento, precipitaram a saída de Norman Dixon. Um bom exemplo do que, depois do 25 de Abril, se passava entre os artistas foram as posições de Isabel Santa Rosa, uma personalidade forte na companhia e com sólidos princípios e ética profissional, que ficou revoltada com tal

1 Segundo informações prestadas por Elisa Worm ao autor, Lisboa, 2013.

2 Segundo informações prestadas por Jorge Garcia ao autor, Lisboa, 2011.

argumentação. Já o seu marido, Carlos Trincheiras – uma vez mais – não estaria assim tão desgostoso com a hipótese da FCG optar por um português o que, concomitantemente lhe daria a hipótese de entrar na lista de potenciais candidatos para dirigir o grupo”.

Em tempos de tão desbragada liberdade, incomensuráveis esperanças, legítimas ambições, doses espalhafatosas de entusiasmo, reivindicações mais ou menos consentâneas, descontrolo emocional, oportuniíssimas vinganças um sem fim de incertezas, seria possível política sem politiquices e guerra sem guerrilhas num mundo tão sinuoso e complexo como o da dança?

3.3. O terceiro interregno.

O período que se convencionou apelar, na história do BG, por "terceiro interregno", foi bastante mais longo do que os dois precedentes e traduziu-se num intervalo de tempo artístico ainda mais instável que os precedentes e prenhe de contradições. Porém, não deixou de ser muito entusiasmante em termos sociais e, naturalmente, políticos, decorrente dos acontecimentos motivados pelo 25 de Abril em Portugal. O mesmo durou cerca de dois anos e meio, entre a partida de Sparemblek, em Abril de 1975, e a nomeação de Jorge Salavisa (como director) em Setembro de 1977. Não há apenas uma razão compaginável com este facto, uma vez que "tudo e todos" contribuíram para que os acontecimentos cavalgassem a onda da euforia – e, quantas vezes, também do descontentamento – de um modo que quase desembocou numa situação de completo descontrolo. A própria FCG foi, na época da "revolução dos cravos", confrontada com uma realidade política que, naturalmente, teve muito a ver com as grandes alterações a nível de mentalidades no país, e das modificações político-sociais que então ocorreram e, inevitavelmente, se reflectiram no seu grupo de dança.

Quando Madalena Perdigão se coloca como demissionária – através de carta enviada ao Conselho de Administração da Gulbenkian em Maio de 1974 –, os aspectos decisórios em relação à Dança, sofrem alguma dispersão já que foram os seus colaboradores mais directos – Carlos Pontes Leça, Maria Fernanda Cidrais, e Luís Pereira Leal – que tentaram dar a resposta possível. Este último só toma o lugar da Dr.^a Madalena, como director do Serviço de Música, em 1978 (FCG, vol. 2, 2007, p. 396). A partir da saída da figura tutelar daquele serviço, a situação do GGB e de Sparemblek fragilizaram-se bastante, sobretudo por via das reivindicações dos trabalhadores. E as relações laborais entre os próprios artistas e entre estes e a entidade patronal vão sofrer alterações significativas. Doravante, as ligações entre o grupo de dança e a administração da FCG passam a ter outros protagonistas.

Durante os anos seguintes a direcção do SM vai funcionar discretamente enquanto Pereira Leal não assume oficialmente o cargo directivo. Quando isso acontece, Pontes

Leça, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, e em Jornalismo pela de Navarra (Espanha), é designado Director-Adjunto e torna-se o responsável pelo BG dentro da hierarquia da Fundação. O musicólogo e programador, que frequentou a Universidade de Pamplona – fundada em 1952, por Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer, como entidade oficial difusora do apostolado da Opus Dei – foi, quase desde o seu início, o autor da esmagadora maioria dos “comunicados de imprensa” e do material escrito com que a FCG divulgou o GGB e o BG ao longo da sua existência. A partir do momento em que o seu poder aumenta relativamente aos destinos da companhia de dança, passa a ser um estreito colaborador – ou melhor, um aliado de peso – de Jorge Salavisa e um admirador confesso e apoiante do coreógrafo Vasco Wellenkamp.

A primeira aparição pública do grupo, após a abalada de Sparemblek, foi uma memorável participação numa jornada de luta (com grande exaltação à mistura) no Estádio 1.º de Maio, em Lisboa. A companhia dançou *Messias* com redobrado entusiasmo, já que o fazia para muitos milhares de espectadores no primeiro dia do quintro mês – o Dia Internacional dos Trabalhadores –, celebrado em liberdade após a revolução. Seguidamente, o GGB continuou com o programa estabelecido pelo ex-director para o Grande Auditório e o Auditório ao Ar Livre da FCG tendo, em simultâneo, se lançado numa campanha de sensibilização de novos públicos, cujo objectivo principal era, naturalmente, chegar às chamadas “classes trabalhadoras”, um pouco à semelhança dos programas de alfabetização preconizados pelo Movimento das Forças Armadas. Houve, mesmo, da parte de um grupo de elementos mais entusiásticos – lutadores e verdadeiramente engajados na “revolução” –, a tentativa de popularizar a companhia, acção essa eivada de ideologias contrastantes e lutas com objectivos nem sempre muito consequentes. Num espaço de tempo reduzido, e na falta de um director, os referidos artistas acabaram por partir para uma reivindicação que fazia todo o sentido: a autogestão artística. Assim, a direcção, a partir de Maio de 1976, foi confiada a uma primeira Comissão Artística eleita democraticamente por todos os bailarinos em actividade, e constituída pelo coreógrafo-ensaiador Carlos Trincheiras, o bailarino-coreógrafo Armando Jorge e os bailarinos principais Isabel Santa Rosa, Ger Thomas e Penelope Wright.

O reportório que a Comissão imprime na companhia nessa altura é bem revelador de um certo clima de “festa” procurando-se obras que desvinculassem o GGB do período antecedente, centrando-se os seus objectivos na criação nacional e, simultaneamente, regressando um pouco à “magia” dos velhos clássicos. A hibridez impera num reportório em que coabitam peças como o “Grand pas classique” de *Raymonda*, o *Grand Pas-de-Quatre* (com música de Pagni), *Petruchka*, *As sílfides* e *O quebra-nozes*, a par de novas criações como *Adsum* (de Águeda Sena), *Hossana para um tempo novo* e *Canto da solidão* (de Armando Jorge), *Os últimos segundos...*, *Inter-Rupto* e *Lamentos* (de Carlos Trincheiras), e *Concerto em sol maior* (de Vasco Wellenkamp). Assim também como algumas danças

soltas, inúmeras vezes exibidas, como o luminoso *Messias* e o enigmático *Whiligogs*, ambos de Lar Lubovitch, e ainda uma criação do então mestre-de-bailado da companhia, *Variações sinfónicas* (Jorge Garcia). O grupo, inevitavelmente, participou, em algumas "campanhas de dinamização cultural" com espectáculos no estaleiro da Lisnave e na Escola Militar. Dir-se-ia que essas acções revelavam alguma "inspiração cubana", ao que não terá sido alheia uma tendência ideológica de esquerda de alguns artistas, bem como a visita a Portugal do Ballet Nacional de Cuba, dançando em Lisboa – entre 14 e 19 de Maio de 1975 – e, posteriormente, em localidades como Almada, Évora, Coimbra, Porto e Braga.

A partir de Novembro de 1975, o Grupo Gulbenkian de Bailado passou a denominar-se oficialmente Ballet Gulbenkian. Nesse ano e no seguinte, a sua programação foi reduzida e o repertório tornou-se mais híbrido, revelando, assim, uma enorme indefinição conceptual. Essa época foi saudada pelos críticos como o período em que Jorge e Wellenkamp surgem como coreógrafos profissionais com duas obras maduras e de sucesso, respectivamente *Canto da solidão* (mús. Álvaro Cassuto) e *Concerto para sol maior* (mús. Ravel). A primeira, estreada em Novembro de 1973, foi mesmo referenciada (e, naturalmente, aclamada com grande entusiasmo) como uma dança com características eminentemente portuguesas. De seguida, Carlos Trincheiras inspira-se na poesia da amargurada Florbela Espanca em *Os últimos segundo do último sonho de...*, e Armado Jorge volta à criação misturando numa mesma peça, *Hossana para um tempo novo*, a música sacra de João Sousa Carvalho e música popular portuguesa, em busca de uma identificação nacional que não terá dado frutos muito significativos. Num país que, definitivamente, não possuía um conjunto de obras que se constituíssem como reportório¹ e, mais ainda, que se pudesse apelidar de "nacional", começou, então, a esboçar-se um movimento nesse sentido mas que, futuramente, acabaria por não ter uma verdadeira continuidade.

O aparecimento de Jorge (um bailarino principal da companhia com créditos firmados no continente americano) e de Wellenkamp, um artista de reduzidos recursos técnico-interpretativos e que muito raramente se destacou do conjunto, quase em simultâneo no nosso pouco estimulante panorama terpsicórico, não terá, todavia, sido consequência directa do afastamento forçado de Milko Sparemblek. Ambos dançaram sob a sua direcção e já lhes tinha sido dada oportunidade de mostrar os seus dotes coreográficos: Wellenkamp, participando em dois Estúdios Coreográficos e Jorge já com uma peça incluída na programação da última temporada assinada pelo director esloveno. Sem qualquer exagero poder-se-á, mesmo, afirmar que tanto um como outro foram rotulados pela crítica como "revelações" no nosso exíguo meio balético, substituindo, em parte – nos títulos de artigos e

1 Por "reportório" entenda-se uma colecção de obras vivas, passível de repetição e com a qual os bailarinos tenham a oportunidade de crescer e desafiar as suas capacidades artísticas e técnicas.

nas críticas na imprensa – o nome de Carlos Trincheiras que, por sua vez, praticamente, já se impusera ao de Águeda Sena.

Numa situação de autogestão e bastante fragilizado por lutas internas de poder, o GGB atravessou uma crise bastante pronunciada e que terá posto em perigo a sua própria existência. Durante muito tempo falou-se, bastante, na possibilidade da FCG poder terminar com o seu grupo de bailado. Ciclicamente, dentro do grupo, o tema vinha ao de cima, entre bailarinos e colaboradores do BG, pois todos estavam cientes do elevado custo do agrupamento e das poucas receitas que gerava. Se bem que a orquestra, que se apresentava com muito maior regularidade no Grande Auditório, *grosso modo*, gastaria o dobro do que o grupo de bailado pagava em salários e despendia com novas produções. De acordo com dados lançados para a imprensa “em 2004 a Fundação gastou ou investiu cerca de cem milhões de euros assim distribuídos: 43% com a Arte (cerca de 30% com a música e bailado), 31% com a Educação, 14% com a Ciência e 12% com a Beneficência” (Vasconcelos, 2005, p. 3).

Por vezes pairava a estranha ideia nas caves, ainda que subtilmente espalhada, que a companhia, desde o dia em que começou esteve sempre para acabar! Provavelmente era essa uma maneira (sofisticada e tortuosa) de exercer alguma pressão psicológica nos artistas para que não achassem que, por mais que trabalhassem no estúdio ou tivessem bons resultados artísticos em cena e financeiros na bilheteira, os seus lugares, na mais poderosa instituição cultural e de beneficência portuguesa privada, os seus empregos não eram dados por adquiridos. Porém, apesar de todos os temores, sobretudo na sequência da Revolução dos Cravos) tal nunca aconteceu.

Na ausência de uma força artística aglutinadora, as ambições pessoais de alguns elementos que durante vários anos trabalharam no grupo como bailarinos e/ou coreógrafos, vieram ao de cima, notadamente, durante o terceiro interregno. Surgiram, até, várias “facções” lideradas por alguns dos artistas mais antigos do grupo que tendo trabalhado com Dixon, Gore e Sparembek – além de uma assinalável quantidade de “coreógrafos visitantes” de gabarito internacional – não duvidavam das suas capacidades para gerir uma companhia que, até então, a FCG se vira relutante em colocar nas mãos de um português. Numa altura em que até se falava que a FCG iria abdicar do seu grupo de dança (boato que repetidamente circulava entre os bailarinos), ficando apenas com os que lhe não davam problemas de maior – o coro e a orquestra –, optou-se por uma espécie de solução de compromisso para a direcção: um conselho artístico em que os bailarinos se viam representados e que, ele próprio, representava algumas das tendências artísticas reinantes no grupo. Tendências essas que iam desde privilegiar, com uma certa nostalgia, os grandes clássicos (dançados em versões mais ou menos interessantes) até uma linha mais contemporânea personificada por artistas como Wellenkamp que, entretanto, estudara em

Nova Iorque tomando contacto com as escolas de Martha Graham, José Limón e Merce Cunningham.

Por outro lado, Carlos Trincheiras, o mais respeitado e prolífico coreógrafo português do GGB, que fora uma espécie de alternativa portuguesa aos trabalhos de Sparembek e que trabalhava numa certa sintonia com este, apesar de um discurso alimentado pela técnica académico-clássica, representava uma linha algo original apoiada num grupo de bailarinos que se adaptaram ao seu estilo e contava com a colaboração da sua mulher e bailarina principal do grupo, Isabel Santa Rosa. Coreógrafo assistente nas temporadas entre 1970-71 e 1976-77 (e mestre-de-bailado nas duas seguintes) o artista português, naturalmente, viria a ser indigitado pelos seus pares para fazer parte de sucessivas comissões artísticas que haveriam de escolher o repertório e os elencos para os bailados a apresentar até à designação de um novo director. Verificou-se, então, uma redução no elenco artístico, definida por uma direcção repartida por uma administração (através do SM), um grupo de trabalhadores empenhados que tentaram – na medida do possível – ter em conta as várias sensibilidades e linhas estéticas dos artistas da companhia, e um mestre-de-bailado que continuou a manter o nível técnico e artístico dos bailarinos.

No essencial, mudou-se o nome do grupo mas a crítica continuou a apontar, entre outros problemas, a indeterminada e indefinida fisionomia estética e a falta de visão do grupo. Um eclectismo algo forçado no repertório de uma companhia que se sentia na obrigação de, uma vez, por outra – e na falta de um agrupamento alternativo vocacionado para o repertório tradicional no país – levar à cena bailados clássicos, criou uma situação de um certo desorientamento num público cujo referencial então consistia, outra vez, na visita de companhias estrangeiras, de maior ou menor qualidade, designadamente de países comunistas por via da abertura ao Leste verificada após o 25 de Abril. A aura da "dança russa" fez com que, logo após um conturbado período revolucionário, grupos, ou solistas de companhias de bailado clássico ou folclórico, de teatros famosos dos mais diversos pontos da URSS e países limítrofes, comesçassem a visitar Portugal com alguma regularidade. Por arrastamento, a companhia oficial de um outro país de regime comunista, Cuba (como atrás se referiu) também se deslocou a Portugal dançando com visível agrado do público que a acarinhou em teatros e em alguns "lugares de trabalho", designadamente fábricas e estaleiros.

Os muitos e complexos problemas com que o grupo se debateu nessa época reflectiram-se, necessariamente, nas suas apresentações. No entanto, ressalve-se, alguns críticos referem (com uma certa alegria) que as mudanças operadas durante os primeiros tempos sem director não afectaram o nível técnico do grupo, tendo-se, mesmo, adquirido trabalhos de dois coreógrafos famosos: John Butler e Birgit Culberg.

Por exemplo Tomaz Ribas escreveu:

[...] regozijemo-nos, portanto, com o facto de, pelo menos, o Ballet Gulbenkian, apesar de reduzido quantitativamente no seu elenco, não ter sido afectado no seu nível qualitativo. Tal facto deve-se, seguramente – é justo assinalar – aos nunca desmentidos entusiasmo e espírito de sacrifício dos bailarinos e à continuação da presença de Jorge Garcia no posto de mestre-de-bailado (Ribas, 1975, p. 28).

Pouco mais de um ano depois, porém, o mesmo escritor ao intitular um seu artigo "Ballet Gulbenkian: indeciso início de temporada" afirmará:

Acreditávamos todos nós que os principais objectivos do GGB e do seu sucessor, o Ballet Gulbenkian – desenvolver a dança de arte em Portugal e levá-la a todas as camadas do público e ao maior número possível de localidades do país; profissionalizar cada vez mais os bailarinos portugueses; dar ao público português uma verdadeira e real temporada de *ballet* que iniciando-se na capital percorreria outras localidades – iriam manter-se e, até, ampliar-se. Contudo, assim não é, já que o Ballet Gulbenkian tem uma actividade artística cada vez menor e mais reduzida e cada vez menos se declara através do país. Com efeito, a sua última temporada, além de ter sido, do ponto de vista artístico, inferior a muitas outras das suas anteriores temporadas, manteve-se quase exclusivamente em Lisboa. E não deixa de ser anacrónico e incongruente o facto de um agrupamento, no preciso momento em que abandona a designação de grupo para passar a designar-se de *ballet*, ter prescindido de um director artístico, ter reduzido substancialmente o número dos seus elementos, ter reduzido o número de espectáculos das suas temporadas anuais e quase ter deixado de efectuar digressões para além da sua casa. É que grupo disto ou daquilo é uma designação humilde, ao passo que *ballet* isto ou aquilo é uma pomposa designação que implica responsabilidades (Ribas, 1976, p. 36).

O citado crítico não viu grande vantagem na mudança do nome de um grupo que durante cerca de duas temporadas desenvolveu uma actividade consentânea com o clima de exuberância e liberdade que o país atravessava mas cujos alicerces fraquejavam. Em vez de alimentar a chama e produzir obras enérgicas tocadas pelo espírito de fervor e pela abertura que a revolução proporcionara ao país, para o reportório do BG escolheram-se obras de contornos didácticos e, simultaneamente, facilmente reproduzíveis em sessões de dinamização cultural levadas a cabo em lugares onde até então a dança não tinha chegado. Esta "democratização" do *bailado* consistia numa alternância entre digressões pouco extensas e não muito longe da sua sede, com os espectáculos regulares calendarizados para o Grande Auditório da Fundação. O espírito "militante", que se instalou no grupo, bem acolhido por alguns, foi, porém, olhado com desdém por aqueles que não concordavam que artistas do seu nível, dentro de um país em que, praticamente, eram os únicos profissionais na sua área, andassem a dançar em refeitórios de fábricas ou em parques de campismo,

lugares sem as condições dos teatros a que há muito se tinham habituado. E os quais, isso sim, dignificavam o seu trabalho e a sua arte.

É verdade que, em termos de divulgação da dança, os artistas do BG não deixaram de ter um papel importante numa época em que uma Alicia Alonso à frente do seu emblemático e internacionalmente reconhecido Ballet Nacional de Cuba se deslocou a Portugal e, com o "espírito revolucionário" que os caracterizava, não desdenharam apresentar-se expressamente para o proletariado em lugares tão inesperados como os estaleiros da Lisnave nos intervalos dos seus espectáculos do Teatro Nacional de S. Carlos e do Coliseu dos Recreios. Um depoimento particularmente assertivo é o do bailarino veterano Carlos Fernandes:

[...] há pessoas, de dentro e de fora, que teimam em afirmar que a Companhia não está dividida. A verdade, porém, é que, em minha opinião, está. Essas divisões, esses problemas internos, motivam-se sobretudo pela distribuição de posições de bailarinos (as), pois entendo que se não pode pretender entregar papéis importantes a elementos que, de modo algum, estão à altura de os executar, preterindo-se desse modo outros, com mais capacidade para esses lugares. [...] Daí que os espectáculos tenham sido poucos, motivado pelas razões aduzidas. O que mais se tem feito inscreve-se numa dinamização e descentralização da actividade da companhia. Este é o termo, ou denominação, que empregamos (aliás, plenamente em moda, também!) para referir os espectáculos ou excertos de bailados que damos em escolas e fábricas com a preocupação em atingir um público mais vasto e que, por inúmeras razões e factores, não se desloca de casa para assistir a um espectáculo. Entretanto, entendo isso não ter sido conseguido, porque não basta dizer-se e fazer-se espectáculos ou partes de bailados em escolas, fábricas e outros locais de ensino e trabalho como se de obra de fachada se tratasse. O que é importante é que aquilo que se faça, seja feito com qualidade, não ludibriando um público que nem iniciado está e que convinha formá-lo dignamente para que ele tenha uma visão correcta do bailado em Portugal ou de como é a arte balética nas suas linhas fundamentais (Fernandes, 1976, citado por António Jorge Andrade, 1976, p. 4).

Tendo a FCG recuado bastante na prodigalidade que lhe era peculiar em termos do financiamento de novas criações nos tempos "áureos" de Madalena Perdigão, o reportório decresceu em quantidade e, obviamente, em diversidade. O que não significou que não tenha trazido uma certa liberdade nas motivações temáticas a artistas como Carlos Trincheiras que criou obras de cariz erótico como foi *Lamentos*, ou de contornos surrealistas como *Os últimos segundos do último sonho...* Por outro lado, Armando Jorge com *Hossana para um tempo novo* e Águeda Sena com *Ad Sum* mostraram uma opção mais ecuménica nas propostas.

Tempos depois da abalada do último director, muitos foram os que, como Carlos Fernandes, consideraram a sua saída pouco edificante. "Foi um acto injusto em que participei e do qual estou arrependido" (Fernandes, 1976, citado por António Jorge Andrade, 1976, p. 4). Na supracitada entrevista ao *Jornal da Madeira* o antigo bailarino e jovem director de cena do BG ainda acrescentou:

Depois do saneamento de Sparemblek o Ballet Gulbenkian começou a ser orientado por "comissões artísticas", tendo eu já feito parte de uma delas. Estas comissões equivalem noutras profissões às "comissões de trabalhadores", o que, afinal, é o que também somos, logicamente. Porém, a breve trecho, teve-se, necessariamente, de concluir que a experiência não resulta, nem funciona numa companhia de *ballet* gerida por este sistema. Penso até que isto se pode aplicar a qualquer outro género artístico porque só vem prejudicar os próprios colegas no campo artístico, dado que as tarefas são destinadas por colegas a colegas que, a maioria das vezes não estão à altura para o fazer. Um bailarino(a) pode ser excelente a dançar, pode ser um profissional de qualidade notável, mas não ter capacidade alguma para orientar. Ora eu defendo que essas funções devem ser da competência dum director artístico, devidamente credenciado e naturalmente aceite pela companhia. Na minha vivência de bailarino não conheço nenhuma companhia que seja dirigida por "comissões de trabalhadores". Sei de algumas companhias que fizeram a experiência (isso aconteceu na Alemanha Federal e na Suécia) e acabaram por se destruir a si mesmas e é isso que eu vejo estar a acontecer no Ballet Gulbenkian (Fernandes, 1976, citado por António Jorge Andrade, 1976, p. 4).

Para que a dramática situação a que Fernandes se refere não atingisse a única companhia de bailado verdadeiramente em actividade em Portugal e perante a inoperância das várias comissões artísticas, o SM tomou a decisão de contratar um director artístico. Assim começou a envidar esforços nesse sentido, apenas junto de elementos estrangeiros. Entre os muitos nomes alvitrados para o lugar – tal como o francês Joseph Lazzinni, ex-director da ópera de Marselha, que veio a Lisboa remontar o seu *Ecce Homo*, por sugestão de Jorge Garcia – nenhum se concretizou. Tendo a FCG, antes, optado pela contratação de um português residente no Reino Unido e habituado a trabalhar no estrangeiro, Jorge Salavisa. Mas, curiosamente, para o cargo de mestre-de-bailado do BG.

Juntamente com *Ecce Homo*, no último programa da temporada de 75-76, apresentou-se, a abrir, *As sílfides*, seguida da obra-prima de John Butler, *Catuli Carmina*. Se o público não se terá apercebido de nenhum fenómeno estranho no desempenho da companhia, já a crítica acentuou o "eclectismo à força"¹ na programação do grupo naquela temporada. Todavia, em presença do texto *BG: tentando dar vida a cadáveres*, os artistas,

¹ *Grupo Gulbenkian – eclectismo à força*, foi o título de um texto de Luís Cid Pinto saído no Diário de Notícias de 18 de Maio de 1976.

no piso menos dois, ficaram muito abalados com a mais contundente crítica aos bailarinos BG nos últimos dez anos. Crê-se mesmo, que Maria José Nobre, uma (falsa) jornalista que mantinha relações com a Administração da FCG e era (alegadamente) amiga de Madalena Perdigão tendo tido mesmo um subsídio do SM para a montagem de uma peça “independente” intitulada *Cuboverusfera* dentro da sede da própria Gulbenkian, com coreografia de Patrick Hurde (1937-2013), terá utilizado como tribuna um espaço em O Jornal, para desferir um veemente ataque aos artistas e tecer conjecturas quanto ao futuro do grupo. Depois de trucidar as três peças acima citadas, como epílogo, deixa as seguintes frases:

O que resta da companhia de bailado da Fundação Gulbenkian? À vista pouco; em potência acreditamos que alguma coisa ainda. O que é o Ballet Gulbenkian, é bom, é mau? Não nos iludamos nem deixemos que nos iludam: o Ballet Gulbenkian é tão bom ou tão mau quanto a Administração quiser que ele seja. Está a Administração interessada em manter uma companhia «indiferente»? Mas está a administração interessada em modificá-la? (Nobre, 1976, p. 55-56)

Deste trecho se conclui que alguém que aparece a escrever e desaparece de seguida, como que para apenas deixar um recado “à navegação”, e utiliza uma linguagem algo ambígua aparentemente dirigida à Administração da FCG, podia perfeitamente estar a fazer o jogo da mesma. Nobre só podia ter interesses pessoais para ter servido de porta-voz de uma mensagem que a alguém, de dentro para fora da própria Fundação, convinha difundir.

Numa casa em que situações complexas podiam ser habilmente manipuladas de modo a que a opinião pública, através da imprensa, pudesse ter uma outra percepção dos factos – e em que quantas vezes as dúvidas se escondiam atrás das próprias dúvidas – pode-se, eventualmente, imaginar que esta foi uma das maneiras de preparar o caminho a Jorge Salavisa que, após pouco mais de meio ano como professor da companhia, ser-lhe-ia oferecido o lugar de director artístico para... “salvar” a companhia!

A última comissão, que ficou em funções até Setembro de 1977, apenas com carácter meramente “consultivo” a partir da chegada de Salavisa em Janeiro desse ano, teve como elementos, para além do mestre-de-bailado Jorge Garcia – que fizera parte de algumas formações anteriores daquele órgão – Carlos Trincheiras, Armando Jorge e Vasco Wellenkamp.

Trincheiras, após a temporada de 1978-79, rumou a Curitiba desiludido com a sua situação na companhia e com o modo como a FCG, sobretudo Salavisa, “descartou” a sua mulher, Isabel Santa Rosa, que deixou o BG para se tornar mestra-de-bailado e assistente da direcção do Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a convite de Jorge Garcia, que, por sua vez, deixara Lisboa para ser director da companhia carioca. Na capital do Paraná, trincheiras veio a tornar-se num dos directores mais prestigiados da história do Ballet do

Teatro Guaíra. Antes de partir para o Brasil, Garcia, o incontestado pedagogo do grupo e membro de algumas “direcções provisórias” – leia-se comissões artísticas – foi contactado pela FCG para assumir a direcção. Porém, nas suas palavras” o convite veio um pouco tarde, mas, independentemente dessa premissa, talvez por uma questão de lealdade, nunca quereria ser o sucessor de Sparembek”¹.

A indicação de Jorge Salavisa para director artístico não terá ocorrido sem uma certa surpresa de uma boa parte dos artistas que – discretamente, como era apanágio na casa – foram sondados sobre as qualidades daquele para o cargo. Muitos deles, apesar de não levantarem reservas quanto ao seu trabalho como professor, manifestaram-se contra a ideia de ter uma personalidade tão declaradamente “anglófona” e que em tão reduzido tempo até já criara anticorpos em alguns bailarinos da companhia. A decisão do SM surgiu após várias tentativas públicas de contratação de um director estrangeiro, e é de imaginar a relutância daquele serviço numa figura nacional já que a última experiência com uma figura “portuguesa”, Anna Mascolo, a primeira professora de Salavisa, fora desastrosa. Por outro lado, as divergências no seio do próprio agrupamento continuavam a ser uma amarga realidade. Pode-se, mesmo, afirmar que havia, nada menos, que três facções distintas que criavam alguma tensão até porque, artisticamente, se encontravam em quadrantes muito diferentes. E, naturalmente, todas sorriam a um poder que estava diluído entre elas e centralizado num SM, então, já menos fragilizado com a orfandade motivada pela partida de Madalena Perdigão e, sobretudo, pelos conturbados tempos de “revolução”.

Se bem que a Gulbenkian, apesar dos acontecimentos políticos nacionais, nunca deixou de ser “um mundo à parte” num Portugal em que nenhuma instituição funcionava com punhos tão engomados nem com tanto cuidado na preservação da sua exclusiva imagem.

Era conhecido o particular desvelo que colocava, por exemplo, nas cartas de recusa aos muitos pedidos de apoio financeiro que regularmente recebia, sobretudo para áreas como as artes, as ciências e a beneficência. Na qualidade de instituição privada e, portanto, com regras próprias ou mesmo sem elas, os mais carenciados agradeciam os subsídios ou lamentavam as recusas, porém ninguém punha em causa as razões (ou a sua ausência), dentro de princípios que não eram necessariamente transparentes nem democráticos.

É aos conselhos de administração das fundações privadas – ainda que de utilidade pública – que, exclusivamente, compete a sua gestão e que têm a faculdade de, face aos respectivos fins estatutários, pôr em práticas as acções que, segundo a sua óptica, melhor de adequam ao escopo fundacional em apreço. E Pedro Paulo Perdigão, filho de José e Madalena Azeredo Perdigão, na sua qualidade de advogado acrescentou, num artigo saído após a extinção do BG: O controle do estado é feito a simplesmente a jusante por altura da criação da fundação e o facto de não haver assembleia-geral ou qualquer órgão fiscalizador

¹ Segundo informações prestadas por Jorge Garcia ao autor, Lisboa, 2010.

do papel destas instituições na sociedade portuguesa permite às administrações das fundações gozarem de um poder quase ilimitado e absoluto, não tendo, na prática, de prestar contas a ninguém relativamente àquilo que fazem ou deixam de fazer. Aos beneficiários ou utentes dos serviços prestados pelas fundações privadas não lhe resta, assim, grande alternativa para além de publicamente apoiar ou desapoiar esta ou aquela iniciativa [...] (Perdigão, 2005, p. 37).

Antes do 25 de Abril a FCG era, fisicamente, uma espécie de oásis no meio da capital – houve muitos que lhe chamaram “um estado dentro do estado” – que movimentava milhões que provinham do (longínquo) petróleo e que tinha um prestígio e visibilidade ímpares a nível nacional. A parte mais expressiva das suas actividades traduzia-se em programações de alto nível em termos de exposições, colóquios e, sobretudo, de espectáculos, tendo à cabeça as regulares e estimulantes temporadas de música clássica. Por isso também era apelidada de “Ministério da Cultura”, provavelmente na esperança que um ministério próprio para as artes, no sentido lato, viesse a surgir no país. O que só aconteceu em ... continuando a Fundação – embora em muito menor escala – a servir uma certa camada da população sem nunca abdicar do seu estatuto de privilégio em relação aos beneficiários e utentes.

Um exemplo paradigmático da forma de agir da FCG é revelado por um caso que o autor relata na primeira pessoa:

“Quando participei – como coreógrafo, bailarino, cenógrafo e figurinista – no 1.º Programa do VII Estúdio Coreográfico do BG, em Junho de 1979, convidei uma conhecida actriz para colaborar numa obra da minha autoria. Uma vez que o *cachet* previsto para o pagamento do seu trabalho era bastante reduzido – todos os elementos da companhia trabalhavam gratuitamente nos programas de criação artística fornecendo a FCG apenas os materiais necessários e algum apoio logístico – fui chamado ao SM para me informarem que o valor estipulado e o respectivo pagamento seria feito directamente pelo coreógrafo à sua colaboradora. Percebi, de imediato, que a FCG se queria resguardar da eventualidade de, no futuro, ser acusada de pagar um valor residual a um artista de gabarito. Concluí, facilmente, que tudo era contabilizado ao milímetro e que a imagem de Fundação era mantida sempre ao mais alto nível e rigorosamente preservada”.

Voltando ao tecido artístico do BG, propriamente dito, nessa altura falava-se, em tom jocoso entre os bailarinos, de uma casa com três famílias: a “Forsythe”, a “Bellamy”¹ e a “outra”. O que, em bom rigor, se traduzia na existência de um grupo ligado a alguns bailarinos com peso, e dois outros aos coreógrafos Carlos Trincheiras, elemento importante desde o início da companhia e artista estabelecido, e Vasco Wellenkamp.

1 Nomes roubados às conhecidas séries televisivas inglesas que haviam passado na RTP.

Recentemente regressado dos Estados Unidos, onde se deslocara a fim de estudar dança moderna – sobretudo as correntes Graham e Limón – Wellenkamp estava a iniciar, então, uma (longa) carreira de coreógrafo. A sua primeira obra, de contornos ligeiros e ainda algo académica aproximando-se de uma estética muito vinculada às escolas que encontrou nos EUA, data de 1974: *Concerto em sol maior*. Seguiram-se-lhe *Requiem*, *Libera me* e, sobretudo, *Outono*, dueto em que a bailarina Graça Barroso (acompanhada por Carlos Caldas) se impõe verdadeiramente como a musa que irá acompanhar a carreira criativa de Wellenkamp durante os próximos mais de 15 anos. Sendo considerado uma "jovem" promessa que o "primeiro andar" diligenciava – era pública e notória a protecção e admiração que Carlos Pontes Leça, no SM, dispensava ao emergente coreógrafo – ele ainda se mostrava bastante instável artisticamente e nem sempre muito seguro no seu trabalho criativo. Apesar da positiva contribuição de uma (útil e fiel) *entourage* que tinha à cabeça a bailarina em visível ascensão no grupo, Graça Barroso, que acabou por vir a preencher o lugar deixado por Isabel Santa Rosa. No outro vértice do triângulo, havia uma "facção" menos expressiva liderada pelos casais Carlos Fernandes e Marta Ataíde e Carlos e Ulrica Caldas, que reunia também Armando Jorge. Com tais divisões no grupo a situação não era fácil para os que estavam interessados acima de tudo em dançar, pois entre a memória e o pragmatismo e a evolução a um preço desconhecido, não era fácil escolher. O grupo, então, mostrava-se como um organismo vivo e com algum sangue novo em busca de uma solução programática conveniente e, sobretudo, de um entendimento entre personalidades e interesses muito distintos que mediam forças tanto no estúdio como no palco.

É de realçar que, ao mesmo tempo, a imprensa, provavelmente motivada pelas declarações de alguns dos bailarinos mais respeitados e influentes do país e que tinham voz no mundo das artes, exercia alguma pressão na emblemática instituição para que fizesse face à "crise do bailado" e tomasse em consideração que a sua companhia de dança era um "tesouro a defender". Num artigo saído na *Revista Plateia* no final do ano de 1976 fazia-se um extenso inventário do bailado em Portugal, radiografando-se a preocupante situação do BG e referindo-se a "situação provisória", para além um passado brilhante e um futuro incerto. Desde a forçada saída de "uma bailarina de grandes predicados" – como era Isabel Santa Rosa – até se questionar se "a televisão é adversa ao bailado" (Pinto, 1976, pp. 11-14). Na sequência de tal situação, a nomeação de Jorge Salavisa para director da temporada de 1977-78 – exarada em Setembro de 1977 – foi inesperada para os artistas mas, presumivelmente, motivada por pressões interiores e conhecimentos exteriores, catapultando o antigo mestre-de-bailado para a direcção de uma instituição na qual haveria de se manter por dezoito anos e meio.

Salavisa tinha feito carreira e um certo nome como professor nos estúdios de dança comerciais da zona do Covent Garden londrino, muito em voga nos anos 70, devido a por

eles passarem, com alguma frequência, candidatos a mestre-de bailado. Designadamente bailarinos na reforma, ou artistas ainda no activo que tentavam a sua sorte, assim como muitos diplomados em dança mas sem grandes carreiras interpretativas que tentavam impor-se no mercado inglês. Inicialmente o artista português viera de Londres para Lisboa, em resposta a um anúncio numa revista de dança internacional, após Carlos Fernandes o ter encontrado na capital do Reino Unido – enquanto fazia um estágio para director de cena – e lhe ter dito que procuravam um director para o BG. Mas quando chegou, no início de 1977, em vez do cargo de director a FCG apenas lhe garantiu o de mestre-de-bailado. Tal como se afirmou, pouco mais de meio ano depois, apesar da maioria dos bailarinos se terem eles manifestado negativamente, após férias em Agosto, ao regressarem ao trabalho, viram-se confrontados com a presença de um director que estava longe de ter reunido o consenso dos artistas. E Salavisa sabia-o bem.

Com a saída de Sparembek, e com ele de alguns estrangeiros que o próprio contratara, as portas do BG parecem ter-se aberto para alguns artistas portugueses que entretanto se formaram, inclusivamente, nos seus próprios cursos. No início da temporada de 1975-76 ingressaram na companhia seis bailarinos estagiários, tendo o seu número (na temporada seguinte) aumentado para mais do dobro. A maioria desses artistas – Angelina Bacelar, Maria de Freitas Branco, Elisa Ferreira, Margarida de Mello, Ana Rita Palmeirim, Maria João Salomão, Olga Roriz, Pedro Coelho, António Laginha, Florêncio Morgado e João Natividade – viria a entrar nos quadros do BG na temporada de 1977-78, já com Jorge Salavisa na direcção. A esse facto não foi alheia a contribuição da Escola de Dança do Conservatório Nacional, juntamente com os cursos de bailado da própria FCG, que pela primeira vez formava uma quantidade de bailarinos portugueses de que só havia memória uma década antes na Escola do S. Carlos, na qual leccionava a notável pedagoga e historiadora inglesa, Anna Ivanova.

Dever-se-á referir que um dos aspectos mais negativos que, ao longo de toda a sua existência, sempre castigara o grupo era a falta de preparação técnica dos artistas portugueses. É verdade que a FCG, desde o seu início, apoiou alguns projectos pedagógicos ao nível da dança mas nunca se mostrou particularmente empenhada em – como muitos propuseram – constituir uma verdadeira escola que pudesse fornecer material humano para a sua companhia. Desde sempre confiou na contratação de bailarinos no estrangeiro pelos directores, também eles estrangeiros, que regularmente foram renovando os elencos onde os portugueses com qualidade e que entenderam fazer carreira em Portugal, foram mantendo os seus lugares. Além da falta de incentivo para a própria profissão e a manifesta ausência de escolas, quer oficiais quer privadas, muitas vezes, os portugueses apresentavam-se em desvantagem a nível técnico, tanto no VG como no BG. Até à chegada a Portugal do francês Daniel Sellier (antigo solista da companhia do Marquês de Cuevas contratado para leccionar e dançar na efémera CPB) e, sobretudo, de Anna

Ivanova – que em poucos anos conseguiu fornecer ao GGB uma meia dúzia de boas bailarinas formadas no Centro de Bailado, vulgo Escola do S. Carlos – todos os portugueses, praticamente, tinham saído dos estúdios de Margarida de Abreu e Ruth Asvin, ou das fileiras do próprio VG. O que não se poderia, verdadeiramente, considerar um grande curriculum em termos académicos. Além dos mestres estrangeiros já mencionados que contribuíram decisivamente para o incremento e respitabilidade do ensino da dança no nosso país há que referi a contribuição de mais dois, os quais forneceram bailarinos para a Companhia Nacional de Bailado, a francesa Violette Quenolle e o basco Pirmin Trecu.

Madalena Perdigão, personalidade com grandes responsabilidades no nosso meio artístico, ciente das muitas falhas verificadas no tecido pedagógico, na qualidade de colaboradora do Ministério da Educação haveria de vir a participar na reforma do Conservatório Nacional, em que a dança, naturalmente, estava incluída. Apesar de se não terem conseguido resultados visivelmente satisfatórios, o facto é que o empenhamento de alguns e o aparecimento de mais e melhores professores de dança – alguns dos quais estrangeiros que se vieram a estabelecer em Portugal – viria a dar frutos no pós 25 de Abril. Não confiando, obviamente, nas escolas existentes para preencher as vagas na sua companhia de dança e tentando colmatar essa lacuna, o próprio SM haveria de estabelecer cursos de iniciação ao bailado (infantil) e, posteriormente, de formação de bailarinos, mais ou menos acelerados, para jovens com aspirações profissionais, aproveitando os mestres residente (como Jorge Garcia) e visitantes, e alguns bailarinos em actividade mas já vocacionados para o ensino.

Embora a Fundação nunca tivesse tido a pretensão de subsidiar uma verdadeira escola de dança em Portugal – como, aliás, o fizera em Bruxelas com a Mudra, de Béjart – os cursos administrados em Lisboa, nos estúdios do BG em horário pós-laboral, atraíram muitas centenas de candidatos a artistas. De tal modo que, no início de 1976, quando se anunciou o seu encerramento para o final desse ano lectivo, muitas vozes se levantaram contra. Perante uma situação de cortes orçamentais devido à diminuição substancial das receitas do petróleo, entendeu a FCG restringir certas actividades que se consideravam menos essenciais. Para poder manter as que serviam um público mais alargado, mormente o Ballet, o Coro e a Orquestra – e não dependendo a revitalização da companhia dos elementos que, eventualmente, viessem a sair desses cursos – a solução seria acabar com eles. Os de iniciação seriam mesmo extintos tendo-se continuado, mais algum tempo, com os intermédios que, a partir do início de 1977, começaram a ser orientados directamente por Jorge Salavisa. O director do BG, através deles, haveria de se empenhar – com bons resultados, assinale-se – em descobrir talentos para integrar a sua companhia uns anos depois.

Capítulo 4 – O Ballet Gulbenkian (1975-2005).

4.1. O longo consulado de Jorge Salavisa.

Quando Jorge Salavisa chegou a Lisboa, em 1977, estava muito longe de pertencer ao que então se poderia chamar a comunidade da dança nacional; como tinha dançado em Portugal umas escassas vezes, com grupos estrangeiros visitantes, não era muito conhecido como bailarino. Que se saiba, antes de sair do país, entrara apenas num filme, ao lado de artistas bem mais experientes, dançando uma coreografia de Fernando Lima, *O cantor e a bailarina*, cuja discreta participação foi muito pouco notada no restrito meio da dança da época. Começara já tarde na profissão, aos dezanove anos, no estúdio de Anna Mascolo e terminou a carreira de bailarino em palcos estrangeiros, aos 35 anos. Veio de Londres, para "reciclar" a sua carreira respondendo a um anúncio para o cargo de director artístico colocado pela FCG numa revista internacional, tendo entrado para a companhia como professor. Haveria de ficar quase duas décadas dirigindo a (parte visível da) companhia, tendo mudado, definitivamente, a face do BG.

Antes de se reformar tinha já passado a trabalhar em simultâneo na função pública, pois acumulava com a direcção do BG o lugar de professor de dança clássica na Escola de Dança do Conservatório Nacional. Saído da companhia, passou a director artístico e gestor na CNB e, posteriormente, a programador no Teatro Municipal de S. Luiz. Pelo meio foi o responsável pela área da dança e do teatro no festival Lisboa Capital Europeia da Cultura (1994) e até participou num programa de televisão – um concurso de dança na RTP que nunca chegou a atingir grande popularidade. Quando em 2011 deixou a vida profissional activa, tinha ascendido a um cargo invejável, sendo Presidente do OPART, um organismo que dirigia o TNSC e a CNB. A sua promoção na esfera política foi algo inesperada e muito contestada publicamente (o jornal *Público* publicou vários artigos muito negativos sobre a sua nomeação para o OPART) sobretudo pelos que conheciam as suas características profissionais.

Sobre o início da sua carreira profissional no nosso país, Salavisa relata nas suas memórias (2012) que antes de assinar contrato com a FCG, em 1977,

[...] o panorama que o Dr. José Blanco (administrador responsável pela orientação e direcção superior dos pelouros de música e bailado na FCG) me descreveu sobre o BG foi assustador [...] Fiquei francamente

impressionado com Graça Barroso [...] além de duas outras excelentes bailarinas, Isabel Queiroz e Maria José Branco, existiam mais dois ou três rapazes com muita qualidade. O resto da companhia apresentava um nível quase provinciano (pp. 191-193).

É verdade que dançara em muitas cidades – pelo mundo fora – ao lado de artistas muito conhecidos e por isso a sua opinião era tão contundente. Mas, para alguns elementos que então integravam o elenco da companhia, ignorar, pura e simplesmente, a maior bailarina portuguesa da sua época, Isabel Santa Rosa (a quem a professora alemã Ruth Asvin havia chamado “a nossa Margot Fonteyn” na sua autobiografia *Ma vie et le ballet*, 1967, p. 51.), e desprezar e desprestigiar os dotes artísticos, a experiência e a personalidade de artistas que, com denotado esforço construíram uma companhia à qual tantos momentos de glória tinham proporcionado num passado não muito longínquo, foram atitudes difícil de aceitar. E, ao contrário de todos os seus antecessores, não sendo Salavisa um criador, a sua trajectória e acção foram bastante diferentes, centrando-se noutras premissas. Ao entrar na Gulbenkian Salavisa tinha bons contactos na casa – designadamente com um dos membros do Conselho de Administração, José Blanco – mas, ao leccionar as primeiras aulas, nem se apercebeu que estava a ser posto à prova como professor pela Comissão Artística (que representava os bailarinos), como, aliás, relata na sua autobiografia (Salavisa, 2012).

Nos primeiros meses de trabalho pode-se afirmar que a sua atitude foi diferenciada relativamente aos diversos artistas do grupo. Ele próprio terá criado um fosso entre os bailarinos de que gostava e os outros, tendo, contudo, tentado uma aproximação a muitos dos elementos mais jovens. O novo mestre-de-bailado de uma companhia, então, sem director apresentava-se como um “estrangeirado” que exhibia com visível orgulho as suas ligações à Inglaterra, onde vivera muitos anos. Rapidamente se verificou entre os artistas do elenco do BG, que a Fundação contratara para lhes dar aulas um indivíduo com entusiasmo, mas sem os conhecimentos técnicos, o prestígio e a fibra pedagógica de um Jorge Garcia, nem a chama e a tradição académica de um Roland Casenave, que o precederam. Como professor era considerado por muitos do tipo que não melhora nem piora a condição física dos artistas. Por outras palavras, era um bom “técnico de manutenção” mas na falta de um adequado sentido de comunicação, ninguém parece ter feito grandes progressos com a sua chegada em termos de preparação corporal e evolução artística. Ainda como mestre-de-bailado conseguiu de José Blanco um despacho emanado da Administração da FCG em que lhe eram conferidos “poderes de director” tais como, responsabilidade pela disciplina de trabalho da companhia, programação das temporadas, elaboração dos elencos dos bailados e contratação de bailarinos e coreógrafos, o que fez com que a Comissão Artística eleita pelos bailarinos e em actividade antes da sua nomeação – então constituída apenas por Carlos Trincheiras, Armando Jorge e Vasco Wellenkamp – ficasse, de imediato, apenas com “poderes consultivos” aos quais Salavisa, na verdade, nunca recorreu. E deste modo a FCG

recuperou, através do recém-contratado elemento, todo o poder sobre os artistas que, durante os anos "quentes" do pós-25 de Abril, acreditaram ter voz relativamente aos seus destinos laborais.

A partir de Setembro, aquele que fora mestre-de-bailado da companhia durante apenas meio ano, assim que assinou um contrato de director e, como, aliás, afirma no seu livro, iniciou uma "cruzada" que duraria vários anos e que, do ponto de vista humano, esteve longe de se revelar muito edificante. "Mal fui nomeado, achei urgente 'limpar' os elementos que não possuíam os requisitos artísticos para integrar uma companhia de qualidade" (Salavisa, 2012, p. 194). Se os artistas do BG tinham empurrado para fora Sparemblek com o argumento de que sempre lhe havia sido difícil compreender os portugueses "considerando-os seres atrasados e inferiores" (Sobre o Saneamento de Milko Sparemblek, 1975, n.p.) viram-se, então, confrontados com um director nascido na Maternidade Alfredo da Costa (Lisboa) mas que, numa verdadeira sanha depurativa, mostrou, de imediato, que também não tinha o amor à dança e aos seus bailarinos demonstrado por Walter Gore. Provavelmente uma característica apreciada por quem, acima dele, estava empenhado em voltar a controlar o que se passava nas caves da Fundação, como outrora o fizera, ainda que de um modo mais subtil, Madalena Perdigão, e algumas vezes o próprio marido, Azeredo Perdigão, figura omnipresente na vida da Fundação durante cerca de três décadas e meia.

Sobre o mau clima que se estabeleceu entre várias pessoas pertencentes ao quadro artístico do grupo, anos mais tarde, Jorge Salavisa utilizou uma linguagem pouco apropriada e que nada tinha a ver com a generosidade da maioria dos artistas do BG, sobretudo os mais novos, mais cultos e sempre abertos a novas experiências: "se eu tentasse que eles fizessem (William) Forsythe, que eu já tinha vontade de fazer, eles pensavam que isso era diabólico". (Leça, 2005, citado por Claudia Galhós, 2005, p. 8). Anos mais tarde foi ainda mais longe afirmando peremptório nas páginas da sua biografia: "Até as minhas duas assistentes se odiavam" (Salavisa, 2012, p. 196). Não sem antes se ter colocado fora do problema ao referir ter sempre sido "imune a intrigas":

[...] se assim não fosse, nunca teria sobrevivido no ambiente envenenado que se sentia nos 'subterrâneos' do BG. Em 1977, os estúdios da companhia eram um poço de intrigas, de má-língua, um verdadeiro antro de ciúmes e invejas. A atmosfera era insuportavelmente irrespirável (Salavisa, 2012, p. 195).

Mais de três décadas depois, Salavisa (2012), ao proferir afirmações como "os [meus] primeiros anos no Ballet Gulbenkian foram um autêntico pavor" (p. 206), indicia uma desmedida ambição e eventuais laivos de (incompreensível) masoquismo; é, por demais, evidente que muitas das palavras impressas na referida biografia – que terá tido a "mão literária" de um seu amigo pois o autor nunca antes publicara qualquer texto – devem ser relativizadas pois não é difícil imaginar estarem contaminadas com uma boa dose de

exagero e fantasia. Se entre os visados houve, realmente, vítimas, seguramente não foram os artistas sumariamente despedidos ou cerceados nos seus mais básicos anseios artísticos. Ainda que seja compreensível que a forte competitividade do meio fomentasse algum tipo de tensão, e até de mexericos como alguns referem, certamente a maior preocupação dos bailarinos que eram conscientes e trabalhadores era lutar diariamente para desenvolver uma carreira séria e construtiva. Na época, sabendo que "existiam sérias dúvidas sobre o futuro da companhia" (Salavisa, 2012, p. 192) quase todos desejavam dar o seu melhor e exibir o mais possível as suas capacidades, quase só se preocupando em dançar, e, se possível, entrar em três bailados por noite. Pelas razões apontadas pode-se concluir que Salavisa não se terá esforçado muito para criar uma plataforma de entendimento e um clima saudável que granjeassem a necessária amizade e a consideração dos artistas que representava e dirigia, mantendo o respeito com que, inicialmente, fora recebido. Décadas depois, ao analisar essa conturbada fase da dança portuguesa, verifica-se que os mais pequenos detalhes nas acções de todas as partes envolvidas foram melindrosos e tiveram grande peso, pois tudo se entrelaçou com tudo do ponto de vista humano e artístico e as suas consequências perduraram por muitos e longos anos.

Com o intuito de mostrar trabalho no "segundo piso", Salavisa tratou de contratar algumas "estrelas" estrangeiras para expor aos artistas e público portugueses o modelo de bailarino que aspirava para o "novo" grupo. Porém, muitas dessas aquisições resultaram em verdadeiros fracassos. Erro que cometeu repetidamente ao longo da sua carreira de director e que até menciona, em jeito de lamento, no "Prólogo" da sua autobiografia (Salavisa, 2012). A título de exemplo refira-se que a escolha de um amigo íntimo em fim de carreira, Cristian Adams, para bailarino principal do elenco – para além de uma boa bailarina inglesa, Jane Salier, que trouxe consigo o marido de nacionalidade sueca, Peder Lewin, fisicamente debilitado e que não se apresentou em palco uma única vez – foram factos a que o SM fechou os olhos mas que os artistas sentiram na pele. Perante casos como estes (e outros) não só é difícil falar de sensatez mas, sobretudo, de qualidades de gestão.

A administração da FCG, e, sobretudo, o responsável no SM pela companhia de dança, Carlos Pontes Leça, sempre atenta ao que se passava no "piso menos dois", quando começou a perceber que nem tudo "funcionava sobre rodas" com o novo director, decidiu passar a controlar melhor as opções de Salavisa. A título de exemplo refira-se que este quis trazer para a companhia uma obra que ele próprio dançara com alguma frequência e que lhe era muito querida, *Otelo*, do seu amigo Peter Darrell (1929-1987), coreógrafo e director do Ballet da Escócia. Nessa peça Salavisa criara o papel de Iago que terá sido o mais expressivo de toda a sua carreira e no qual terá brilhado numa das mais escabrosas personagens da literatura "shakespeariana". Ainda numa fase insípida de ensaios, na qual estava envolvido o autor da presente tese, o bailado foi bruscamente retirado da tabela de

serviço devido ao Dr. Pontes Leça ter descido aos estúdios e verificado, com os seus próprios olhos, a falta de qualidade (ou de interesse) que a peça teria para o público do BG. De um modo eufemístico foi sugerido, na altura, que a inesperada exclusão se devia ao título da dança, o qual poderia ser identificado com a paradigmática figura "revolucionária" daquele período, o capitão Otelo Saraiva de Carvalho; argumento muito pouco convincente que terá sido lançado para não desautorizar o director artístico da companhia. Independentemente de qualquer justificação – que, aliás, por delicadeza ou lisura profissional, deveria ter sido dada aos artistas envolvidos – a verdade é que essa decisão, contrária aos propósitos de Salavisa, prova que, muitas vezes, o que a FCG lhe dava com uma mão lhe retirava com a outra.

Noutra ocasião, Salavisa fez deslocar a Sintra a *ballerina* francesa Violette Verdy – uma das musas de Balanchine que se encontrava de férias em Lisboa – para lhe mostrar a qualidade da sua companhia a fim de acertar com ela a importação do emblemático *Tchaikovsky pas-de-deux* do mestre russo-americano, do qual ela detinha não os direitos de autor mas a autorização de "remontagem". Amiga do bailarino Jorge Trincheiras, que a levou até ao Cine-Teatro Carlos Manuel – hoje Centro Cultural Olga Cadaval – Mme Verdy, após assistir ao espectáculo, recusou a pretensão de Salavisa. Dessa vez, com o argumento de que não havia, na sua companhia, um par de bailarinos com o nível técnico exigido para abordar tal obra, mais outro projecto do director do BG que resvalou para o vazio!

No que concerne à mudança operada na companhia a nível de elenco, consubstanciada na dispensa de muitas pessoas forçando-lhes a saída do grupo, a FCG, como era seu apanágio, tentou sempre manter a discrição sem, no entanto, lhes ter evitado sérios problemas do foro psicológico, na sua grande maioria decorrentes da desajeitada actuação de Salavisa. O processo de saída de alguns dos elementos que ajudaram a construir e fizeram parte da história do grupo "crescendo" com ele, foi lento e doloroso e, também por isso, a afirmação do novo director nem sempre foi muito pacífica, até porque, como atrás se afirmou, muitos deles o consideravam uma espécie de *outsider* que, tendo abandonado o país ainda jovem, pouco ou nada fizera pela dança portuguesa nos pioneiros anos 60. Quando foi confiada a Salavisa a direcção artística do BG, Carlos Trincheiras passou a ocupar oficialmente o cargo de coreógrafo residente e, nas duas temporadas seguintes (1977-78 e 1978-79), cumulativamente, o de mestre-de-bailado.

Enquanto ainda de professor da companhia, Salavisa já tinha convidado um coreógrafo de origem inglesa com quem havia trabalhado anteriormente e cuja obra conhecia bem, Jack Carter (1917-1998). Posteriormente continuou essa tendência, juntando àquele outro britânico, Christopher Bruce (n. 1945), assim como o australiano Barry Moreland (n. 1943). Posteriormente começou a convidar também coreógrafos europeus de renome mundial, tais como o holandês Hans van Manen, o checo Jiri Kylian e o francês Maurice Béjart. Uma linha, aliás, proposta por Sparembek, como assinalámos no capítulo

precedente, ao deixar registados como sugestão os nomes de Van Manen e do norte-americano Louis Falco. Posteriormente, Salavisa alargaria a sua "política artística" chamando alguns coreógrafos que já haviam trabalhado no BG, nomeadamente um norte-americano de reconhecidíssima qualidade, Lar Lubovitch, e o próprio Sparemblek. Quanto ao (inusitado) convite ao seu antecessor, respectivamente nos anos de 1981, 1982 e 1985 para remontar *O triunfo de Afrodite* (mús. Orff) e *Sinfonia dos salmos*, e criar *Pulcinella* (ambos com música de Stravinski), Salavisa argumenta que foi para se parar de endeusar uma pessoa que fora saneada e em *Dançar a vida* afirma mesmo: "Se Sparemblek voltasse a ser aceite pela companhia, eu, logicamente, poria de imediato o meu lugar à disposição" (Salavisa, 2012, p. 200). Tal não aconteceu no primeiro regresso do ex-director esloveno, e os factos fazem supor que terá sido a FCG que, independentemente dos sentimentos altruístas e de grande sinceridade que Salavisa, muitos anos depois, pretendeu fazer passar no seu livro, lhe impôs um segundo retorno – ainda mais importante para Sparemblek – com o fim de realizar uma criação. Que se saiba ninguém se demitiu ao fim de três regressos e, sem qualquer espanto para quem bem o conhecia, o ex-director do BG acabou por concluir, duas décadas depois, que "Sparemblek fora uma desilusão" e "estava ultrapassado" (Salavisa, 2012, p. 200) sem, contudo, admitir o óbvio: este foi mais um dos muitos reveses que alguém no SM (ou na Administração) da FCG lhe infligiu.

Tendo recebido uma companhia bastante desfalcada, sobretudo em relação ao elenco masculino, Salavisa – como já se mencionou – trouxe alguns bailarinos seus conhecidos de Inglaterra e audicionou, em Londres, jovens artistas que, juntamente com alunos dos cursos de bailado da FCG, que ele próprio se dedicou a preparar, deram origem ao "novo" Ballet Gulbenkian, uma companhia com o seu "rosto". O seu maior mérito terá sido o incentivo dado a esse grupo de bailarinos nacionais, especialmente do sexo masculino, que agrupou à sua volta, construindo, assim, um elenco maioritariamente português. Este trunfo foi amplamente publicitado na imprensa tal como o facto de com Salavisa o BG ter, finalmente, conquistado o direito a um director português. Uma combinação de *marketing* que a FCG e o próprio director muito utilizaram em seu proveito.

A verdadeira mudança no elenco do BG vir-se-ia a operar com a maturação profissional do citado conjunto de bailarinos portugueses que se foram formando nas poucas escolas privadas da capital e arredores, e também na do Conservatório Nacional; alguns deles incentivados para a carreira artística nos cursos pós-laborais que Salavisa, pessoalmente ou com a ajuda de outros professores, arregimentou com visível dedicação. Inclusivamente através de uma planeada campanha de anúncios na imprensa diária. Esses profissionais não só trouxeram sangue novo mas também um certo perfil "latino" ao elenco masculino. Ao contrário do feminino que nem com a saída de várias bailarinas que vinham do "tempo de Sparemblek" e até de Gore (como foi o caso de Isabel Queiroz, uma das de maior longevidade na companhia) abandonou o seu falado eclectismo e adquiriu, por assim

dizer, alguma uniformidade técnica e estilística. Resta acrescentar que tudo isto coincidiu com o fim de uma geração de artistas que por razões óbvias, acabariam por, mais ou menos, compulsivamente, se "reformatar" ou buscar novos caminhos quer fosse na dança, no ensino ou mesmo na produção teatral e áreas afins. Campos que, então, começaram a surgir em Portugal e a criar algum emprego e perspectivas de outro tipo de actividades associadas a essa arte.

Em termos de reportório, a maior novidade da "era Salavisa", foi, sem dúvida, a total exclusão das obras ditas clássicas e o afastamento de coreógrafos portugueses ligados ao GEB e ao GGB, privilegiando-se, primeiramente, o trabalho de Vasco Wellenkamp e, numa fase posterior, o de Olga Roriz. Pelo número de obras que criou e o impacto das mesmas, seguramente, foi a coreógrafa mais identificável com o longo período Salavisa. Este, na sua autobiografia, assegura:

"O futuro estava ali, mesmo ao meu lado, e foi para mim um verdadeiro privilégio poder assistir às metamorfoses sempre crescentes e inovadoras do percurso profissional de Olga" (Salavisa, 2012, pp. 208-209).

Em relação aos trabalhos coreográficos de Wellenkamp é de referir o peso que desde sempre neles teve outra figura feminina de proa, Graça Barroso, tendo esta bailarina, em certos aspectos, preenchido o lugar de primeira artista portuguesa no elenco após a partida de Santa Rosa. Mas enquanto esta bailarina, ao longo de duas décadas e meia, dançou um reportório muito variado (e em que se incluíam quase todas as obras de seu marido, Carlos Trincheiras), Graça Barroso optaria por uma fidelidade muito especial ao "reportório Wellenkamp", procurando, por todos os meios, evitar a participação em peças de outros coreógrafos. Justamente ao contrário da sua antecessora que parece ter-se mostrado quase sempre disponível para dançar trabalhos de bons coreógrafos e até *"lamentado o facto de nem sempre ter tido oportunidade de participar em algumas criações de artistas visitantes [ainda que em lugares que não tivessem necessariamente que ser os de primeira figura compatíveis com o seu estatuto dentro da companhia] apenas pelo prazer da descoberta e de poder trabalhar com artistas de outras gerações"* (entrevista com Isabel Santa Rosa, Lisboa, 1989).

Graça Barroso, na recta final da sua carreira, com excepção de um dos papéis principais de *As bodas* – uma criação de Christopher Bruce para o BG filmada para a RTP, na qual, aliás, só dançaria nos espectáculos de estreia – decidiu remeter-se para um conjunto restrito de obras no qual participou activamente como intérprete e, sobretudo, como "musa" inspiradora de Wellenkamp.

Bailarina de grande *finesse* artística, técnica apurada e enorme sensibilidade, Graça Barroso, durante cerca de quinze anos deu corpo a algumas peças memoráveis – sobretudo duetos – tendo sido distinguida com os mais importantes prémios de interpretação para o bailado nacional e,

acima de tudo, com o caloroso e cúmplice aplauso do público (Laginha, 1993, n.p.).

Embora tenha, ao lado de Ger Thomas – que, por sua vez, já tinha sido um dos parceiros dilectos de Isabel Santa Rosa –, depois de Gagik Ismailian e, numa fase já mais próxima do epílogo da sua carreira, também de Benvindo Fonseca, brilhado intensamente em peças que faziam história (num período em que o intérprete masculino já tinha, definitivamente, destronado a mulher no BG), ainda protagonizou o solo *Casta diva* e a obra *Isolda*, ambas de Olga Roriz, respectivamente em Dezembro de 86 e Janeiro de 90.

Desde o início da sua actividade como director, Jorge Salavisa desenvolveu um plano de actividades com vista à solidificação de uma companhia de repertório contemporâneo muito variado. O *Quebra-nozes* foi o último bailado clássico que a companhia exibiu nos finais de 1977 e início de 1978. A nível criativo, os novos coreógrafos fizeram com que trabalhos de Águeda Sena, Carlos Trincheiras, Armando Jorge, Carlos Fernandes, e outros artistas portugueses que coreografaram pontualmente, fossem definitivamente suprimidos do repertório do BG, bem como o “repertório Sparemblek”, com excepção das três peças que atrás se referiu: *O triunfo de Afrodite*, *Sinfonia dos salmos* e *Pulcinella*. Para um dos bailarinos principais e de maior longevidade na companhia, Ger Thomas, a opção de Salavisa em relação ao seu antecessor não terá sido errada uma vez que *“Sparemblek era um coreógrafo competente mas não muito criativo e a sua linha ‘bejartiana’, com o tempo, começou a ficar fora de moda”*¹. Embora, como já se assinalou, o conceito que Salavisa imprimiu no grupo não se viria a afastar muito de um rumo que o próprio Sparemblek deixara traçado. *“Inteligentemente, para além de reforçar o elenco (masculino) com artistas nacionais jovens e carismáticos, não sendo um criador, promoveu também alguns coreógrafos no próprio elenco”*².

Em conclusão, as suas opções artísticas parecem ter implicado mais rupturas a nível de meios humanos do que, propriamente, numa filosofia de repertório. O que é um facto a salientar é que Jorge Salavisa (ou Pontes Leça) assegurou no SM as verbas suficientes para trazer repetidamente coreógrafos europeus de nomeada – embora caros – como foi o caso do notável trio formado por Hans van Manen, Christopher Bruce e Jiri Kilyan. Salavisa acabou por gerir um certo eclectismo – que, indiscutivelmente agradava ao público da Gulbenkian – apostando sistematicamente em coreógrafos seguros a par do talento criativo da casa. Primeiro impôs-se Vasco Wellenkamp – que dera os primeiros passos na coreografia ainda antes da entrada de Salavisa na Gulbenkian –, depois Olga Roriz, que desenvolveu o seu trabalho durante o longo consulado de Salavisa mas abandonou o grupo ainda dentro desse período; e, com bastante menos expressão, alguns jovens criadores

1 Segundo informações prestadas por Ger Thomas ao autor, Lisboa, 2012.

2 Idem.

emergentes no elenco: Vera Mantero, Benvindo Fonseca, Luís Damas e Rui Pinto, entre outros.

A meio da década de oitenta, Salavisa convidou oficialmente para coreografar para o BG alguns bailarinos-coreógrafos que tinham passado pelo seu elenco e se evidenciaram, posteriormente, na cena "independente". Estão neste caso os nomes da supra citada Vera Mantero e também de João Fiadeiro e Francisco Camacho. Clara Andermatt, que recebeu quatro encomendas do director do BG, nunca pertenceu como bailarina às hostes do grupo. Nem Paulo Ribeiro, outro "protegido" de Salavisa, que, a seu convite, havia de criar duas peças em 1990, uma em 1991, outra em 1993 e mais duas em 1996. A partir dos anos 90 a direcção do BG tentou conciliar – sem que na maioria das vezes conseguisse cativar o público do Grande Auditório – linguagens e estilos diversos, por vezes antagónicos, de coreógrafos que em comum tinham apenas o gosto de Jorge Salavisa. Um dado a salientar foi uma tentativa, algo frustrada, de se mostrar na Fundação um conceito vindo da Alemanha, a dança-teatro. Salavisa convenceu Wellenkamp a juntar-se ao encenador Ricardo Pais para a criação de *Só longe daqui* (Abril de 84), um trabalho que apesar das críticas positivas não teve continuidade, demonstrando que Salavisa não era tão avanguardista como posteriormente tentou fazer crer ou que o Serviço de Música terá entendido que essa via não satisfazia os objectivos da companhia delineados a um nível superior à direcção artística.

“Antes, mesmo, de existir o ACARTE e antes de Pina Bausch passar pelos palcos portugueses «sempre me interessou essa linguagem (dança-teatro), gostava muito desse *non sense*”, diz Salavisa, que nunca deseju ser coreógrafo, e afirma que se o desejasse seria «um Pina Bausch» precisamente pelo interesse por esta abordagem à dança” (Salavisa, 2005, citado por Cláudia Galhós, 2005, p. 8).

É de notar que as "pequenas aventuras" de alguns artistas, mormente, António Rodrigues (juntamente com umas poucas alunas da EDCN) e Elisa Worm, com o seu Dança Grupo, se traduziram em tentativas de navegar em outras águas que não as do BG, demonstrando, assim, um espírito de liberdade e inovação que, então, tinha muito a ver com os ventos que sopravam de outras paragens.

A antiga bailarina do GGB afirma, mesmo, que “o Dança Grupo nasceu para contrariar a forma dos programas que a Fundação apresentava com três ou quatro bailados por espectáculo – esquema tradicionalmente em voga nas companhias de reportório e que vinha a ser posto em prática desde o início do século XX nos Ballets Russes de Diaghilev. Ao formar a sua pequena companhia a ideia era fazer-se uma peça por programa. Outro aspecto fundamental do espírito do grupo era dar oportunidade a alguns bailarinos que pretendiam ser coreógrafos (designadamente Olga Roriz), para que pudessem experimentar as suas ideias. Já que, exceptuando os Estudos Coreográficos da Gulbenkian, geralmente

fechados a artistas exteriores ao elenco do BG, não havia quaisquer espaços que dessem guarida a artistas com um estatuto “independente”.

As referidas tentativas, ainda que protagonizadas por dois ex-bailarinos da FCG, Rodrigues e Worm, despertaram em outros criadores, como por exemplo Paula Massano (1950-2012) – aluna de ambos e de Anna Mascolo – a apetência para a chamada “nova dança” que se disseminava um pouco pela Europa e para o “pós-modernismo” que, havia muito, que conquistara os Estados Unidos.

Dentro da própria FCG, por exemplo Gagik Ismailian, um bailarino de origem arménia (como Calouste Gulbenkian mas que começou por utilizar o apelido Ismaily) vindo da escola do Royal Ballet, em Londres, surge num papel criativo em sintonia com o que então se fazia no estrangeiro, designadamente no Reino Unido. Também Olga Roriz – que inicia a sua carreira de coreógrafa justamente numa obra em parceria com Ismailian num Estúdio Coreográfico do GGB, – abraça outras áreas artísticas ao trilhar novos caminhos e, na sua senda, vieram João Fiadeiro, Francisco Camacho e, sobretudo, Vera Mantero.

De Fiadeiro pode dizer-se que, durante o pouco tempo em que fez parte do elenco da companhia, na temporada 88-89, participou apenas em duas criações – numa delas, *As bodas*, num papel em que, praticamente, não dançava –, e criou uma coreografia para o XII Estúdio Coreográfico. Tendo, por tal, a sua contribuição para o grupo se revelado nada expressiva. Já Francisco Camacho deu melhor conta do recado, embora também não tenha ficado mais do que duas temporadas (1984-85 e 1985-86) sem sequer conseguir passar da categoria de estagiário. Vera Mantero, com quem Camacho entrou no grupo, foi desde logo “apadrinhada” por Salavisa – que possivelmente terá visto nela a continuação da “escola Anna Mascolo” no BG, e que fora a sua própria escola – viria a ter uma carreira bem-sucedida, primeiro como intérprete e depois como coreógrafa. Apesar dos continuados elogios de Salavisa (2012) nas suas memórias, afirma que o SM não pareceu apostado em segurá-la como bailarina para lhe dar asas como coreógrafa, de modo a que ascendesse, dentro do grupo, a um estatuto semelhante ao de Olga Roriz. Com uma carreira planeada cirurgicamente, Mantero deixou, por decisão própria, o BG para se dedicar a trabalhos na cena independente e de maior visibilidade para si própria, primeiro em Portugal e, posteriormente, no estrangeiro, tendo conseguido fora o que não logrou dentro da Fundação: estatuto e reconhecimento internacional.

Ainda dentro deste contexto há que referir:

[...] a presença portuguesa no festival Europália, na Bélgica, em 1991 dedicada ao nosso país, reuniu em Lovaina, no festival de Klapstuk [...] quase todos os nomes atrás mencionados, alguns deles [...] coreógrafos despontantes dentro de um contexto completamente diferente daquele em que o BG se apresentou nas cidades do Luxemburgo e Bruxelas. Juntamente com uma companhia (de reportório) que mostrou um trabalho de contornos mais tradicionais apostou-se num ciclo dedicado à jovem dança

portuguesa protagonizado por alguns coreógrafos já conhecidos e por outros que então começavam a dar os primeiros passos. (Laginha, 1998, p. 209).

A partir de 1986, com a aprovação do "Estatuto Jurídico" do pessoal dos quadros artísticos – orquestra e grupo de dança –, a FCG criou um conjunto de regras internas que, naturalmente, favoreceram os bailarinos e cercearam algumas arbitrariedades a que Salavisa, durante cerca de uma década, se permitiu. Apesar dos artistas começarem a "ter alguma voz" junto do SM e, certas vezes, também do Conselho de Administração – através de representantes laborais eleitos – surgiram alguns problemas que, irremediavelmente, afectaram o desempenho do grupo na intimidade dos bastidores. Entre incidentes vários que se prenderam com a permissividade que o director permitia a alguns elementos, e que ele próprio abafou, houve algumas situações que, alegadamente, apresentaram contornos de forte violência psicológica sobre bailarinos. João Natividade – que fora um dos artistas mais próximos e utilizados nas criações de Vasco Wellenkamp – acabou a sua carreira afastado dos palcos e Carlos Carvalho foi impedido, durante sucessivas temporadas, de exercer normalmente a sua actividade. Aquele que ficou conhecido como o "caso Carvalho" foi um dos mais graves, persistentes e singulares. O mesmo afectou deliberadamente um bailarino cujo talento era reconhecido pelos seus pares e, no auge da sua carreira, não estando doente nem incapacitado de dançar, foi, sistematicamente, excluído das distribuições dos bailados por Salavisa, até à sua reforma compulsiva. O mesmo clamou ser vítima de perseguição e, se não fosse a posição de apoio tomada pelos colegas junto da administração do BG, certamente, teria deixado a companhia mais cedo e em situação (do ponto de vista financeiro) bem mais precária.

Como balanço positivo pode-se assinalar que durante a longa vigência de Salavisa à frente dos destinos do BG, de Setembro de 1977 até ao final da temporada de 1995-96 – o seu espectáculo de "despedida" foi em Março de 1996, tendo saído oficialmente uns meses depois – entre os coreógrafos estrangeiros mais requisitados destacam-se Hans van Manen, com seis obras, Christopher Bruce e Jiri Kylian com quatro, Louis Falco com três e Peter Sparling com duas. Recuperaram-se duas peças de sucesso de John Butler (*Catulli Carmina* e *O som da noite*) e as famosas danças *Messias* e *Whirligogs* de Lubovitch a quem, posteriormente, foram solicitadas duas remontagens de obras nunca vistas em Portugal: *Por onde as sombras-Valley* e *O tempo antes do tempo depois* A norte-americana Elisa Monte criou *Life time*, e o jovem inglês Johnatan Lunn, *Movimento para uma tela*. Apesar de não ter conseguido o sucesso que invariavelmente conhecia com a companhia de Paul Taylor e, até, com algumas outras, Salavisa adquiriu para o 4.º Programa da temporada de 1989-90 – estreada a 20 de Abril de 1990 – a apreciada peça do conhecido coreógrafo norte-americano, *Arden court* (1981), um trabalho de um dos grandes mestres da dança moderna, que surgiu algo isolada no acervo do grupo.

A presença do "reportório van Manen" no BG foi uma constante desde que Jorge Salavisa assumiu os destinos do grupo. Facto que não será de admirar, por ele ser não só

um dos mais importantes coreógrafos europeus do século XX, como também pela segurança que a direcção artística viu no assumir compromissos com obras estrangeiras – ainda que onerosas – já depois de testadas e aclamadas em palcos de prestígio em outros países. Hans van Manen começou por trazer a Lisboa as belas *Canções sem palavras*, voltou com *Twilight*, *Cinco tangos*, *Grosse fugue* e *Squares* terminando com *Andante*. Na temporada de 1988-89 estreou-se oficialmente como coreógrafo convidado, um dos artistas principais da companhia, o arménio Gagik Ismailian – que adquirira a nacionalidade portuguesa, por casamento com Olga Roriz –, com a peça *Domingo, 29 de Novembro*. No ano seguinte, o espanhol Nacho Duato, ligado à escola de Kylian e antigo bailarino do Nederlands Dans Theater, remonta o seu conhecido *Jardim cerrado* (7 de Março de 1990) no programa seguinte ao qual se estreara Paulo Ribeiro com *Ad vitam* (a 31 de Janeiro de 1990). São exactamente estes os três coreógrafos que, nas temporadas seguintes, se verão regularmente representados pelo BG até à recta final do "reinado de Salavisa", enquanto se assiste à exclusão total de trabalhos de Olga Roriz – que deixara o grupo para se dedicar a "projectos de autor", primeiro na Companhia de Dança de Lisboa (CDL) e depois com a sua Olga Roriz Companhia de Dança –, e a um certo "ressurgimento" de trabalhos de Wellenkamp. Esta opção pareceu tratar-se de uma espécie de processo de "compensação" para o único coreógrafo residente da companhia em homenagem à sua longevidade criativa. Em simultâneo Salavisa promove dois bailarinos principais ao estatuto de coreógrafo: Benvindo Fonseca e Rui Pinto.

De entre os bailarinos portugueses que, uma ou mais vezes, tentaram a sua oportunidade nos Estúdios Coreográficos do BG – oficinas anuais que vinham do tempo de Sparembek e nas quais, a dada altura, Salavisa substituiu o nome original por Programa Jovens Coreógrafos –, contam-se Elisa Worm, António Rodrigues, Vasco Wellenkamp, Carlos Fernandes, Isabel Santa Rosa, Marta Ataíde, António Laginha, Pedro Coelho, Olga Roriz, Lúcia Lozano, Elisa Ferreira, Ana Rita Palmeirim, César Moniz, Paula Pinto, Luís Damas, Vera Mantero, Carlos Carvalho, Ângela Clemente, Margarida Bettencourt, Rui Pinto, João Fiadeiro, Lindanor Xavier, Benvindo Fonseca, Wilson Domingos, João Costa, Agnelo Andrade e Cláudia Nóvoa.

Recuando no tempo, assim que Salavisa foi promovido a director a função de mestre-de-bailado do BG, como atrás se mencionou, foi oficialmente entregue a Carlos Trinchêiras que a ocupou entre Janeiro de 1978 e Agosto de 1979. Com a sua saída Salavisa contratou o casal sul-africano Denise Schultz e Louis Goddfrey, seguindo-se outros profissionais cujas estadias foram, invariavelmente, de curta duração. A partir da temporada de 1980-81, Wellenkamp passou a acumular os cargos de coreógrafo residente e professor de dança moderna, aos quais viria a juntar, posteriormente, o de ensaiador. No ano de 1984 Jorge Garcia voltou ao BG mas abandonaria o seu (sempre desejado) lugar de pedagogo em Agosto desse mesmo ano – data em que desaparece oficialmente o cargo de mestre-de-

bailado sendo substituído pelos de professor residente e professor convidado. É o casal Carlos e Ulrica Caldas, dois veteranos que tinham deixado o elenco da companhia para se diplomar na Rússia, como professores de bailado clássico, que passam a ocupar o cargo de pedagogos residentes.

Quanto aos artistas plásticos contratados como cenógrafos e figurinistas mais representativos deste período contam-se José Costa Reis, Jasmim de Matos, Nuno Côrte-Real, António Lagarto e, muito especialmente, Nuno Carinhas, cenógrafo-figurinista que começou por trabalhar com Wellenkamp passando, posteriormente, a assinar a maioria das peças de Olga Roriz. Helena Lozano, antiga bailarina da companhia e mulher do coreógrafo, assinou a grande maioria dos figurinos utilizados nas obras do marido, os quais raramente saíram de um esquema pré-estabelecido, abdicando da criatividade e colorido em detrimento de uma liberdade formal que não perturbasse em nada a amplitude de movimento. Orlando Worm, a quem já haviam sido confiadas muitas das iluminações de obras dos coreógrafos portugueses e estrangeiros do GGB – a par de Fernando Bessa e dos jovens Paulo Graça e de Rui Fernandes – constituíram o grupo de desenhadores de luzes mais solicitados pela companhia.

As escolhas musicais foram tão variadas que só por si dariam um estudo autónomo; pode-se afirmar, em síntese, que foi usada música tradicional desde a do Minho e Trás-os-Montes, num bailado de Olga Roriz (*Terra do Norte*), até à irlandesa, britânica, norte e sul-americanas nas obras de Bruce, *Sergeant earl's dream* e *Danças dos espíritos*. Quanto a compositores portugueses, na época, António Emiliano foi o mais requisitado, tanto por Roriz para *Treze gestos...*, *Cavaleiros da noite* e *Espaço vazio*, como por Paulo Ribeiro, para o qual criou partes de *Ad vitam*. O grande Carlos Paredes não só inspirou *Danças para uma guitarra* (de Wellenkamp) como tocou ao vivo – com grande impacto – em diversos espectáculos acompanhado por Luísa Amaro os trechos do seu repertório que serviram de base à coreografia em questão. Tanto Carlos Zíngaro, em *Madrigais*, como António Victorino de Almeida, em *Memória para Piaf* e Constança Capedeville, em *Libera me* e *Só longe daqui*, contribuíram com colagens de música e alguns excertos originais para os referidos trabalhos de Wellenkamp, a par de músicas de compositores estrangeiros, mais ou menos conhecidos. Pode afirmar-se que, a partir de certa altura, o coreógrafo residente do BG começou a demonstrar um particular pendor para a música "retalhada" e manipulada em estúdio. Constança Capedeville apenas compôs uma peça integralmente para aquele coreógrafo: *Lúdica*, integrada na temporada 1980-81. De resto, as escolhas musicais dos coreógrafos da companhia – a que nos últimos anos de Salavisa na direcção, de resto, não terão sido estranhas à influência do próprio director –, revelaram-se bastante variadas indo de Monteverdi a Bach, passando por Boyce, Mozart, Wagner, Xenakis, Cage, Reich, Meredith Monk, Dead Weapons e Nina Hagen.

No final do chamado "período Salavisa", a FCG voltou a deixar transparecer alguns sinais de contenção financeira, reflectindo-se esta na redução do número de obras estreadas por temporada. Em consequência, o BG voltou em força "à estrada" tendo participado em inúmeros festivais de música (clássica) que se organizaram de norte a sul de Portugal. E tendo, assim, reforçado o seu papel de "companhia nacional". Neste aspecto deve-se assinalar que, na ausência de um agrupamento oficial para levar a dança a todos os palcos para ela dimensionados no país – papel que, por inerência dos seus estatutos, deveria recair sobre a Companhia Nacional de Bailado integralmente subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura – o grupo da Gulbenkian, desde os anos 60, desempenhou um papel essencial na vida artística portuguesa visitando regularmente algumas das capitais de distrito, designadamente, cidades como Faro e Leiria (onde, anualmente, se realizaram festivais de música), e também algumas das regiões autónomas. Possuidor de um reportório em que, para além de trabalhos de coreógrafos portugueses com alguma projecção internacional – como era o caso de Wellenkamp e Roriz – também apresentava algumas obras de coreógrafos regularmente dançadas em companhias europeias e norte-americanas, o BG – que depois da vigência de Sparembek, diminuiu drasticamente o seu elenco – apresentou-se em diversas cidades europeias como Amsterdão, Budapeste, Londres, Bruxelas, Luxemburgo e Varsóvia. E participou em alguns prestigiados festivais de dança, como o de Cannes, em França, e no de Taormina, em Itália.

Com a necessidade de levar o trabalho da companhia a locais e a públicos mais diversificados – desde os tempos do GEB – a RTP filmou algumas obras do agrado do público e particularmente referenciadas pela crítica especializada. Assim, e após um significativo intervalo durante as direcções de Gore e Sparembek, retomaram-se, na década de 80, as filmagens de produções que demonstraram uma inequívoca qualidade comercial. Algumas das quais foram até vendidas para cadeias de televisão no estrangeiro. Contam-se entre elas obras de Wellenkamp e Roriz: *Benção de Deus na solidão* (cor. Wellenkamp e mús. Liszt), *Danças para uma guitarra* (cor. Wellenkamp e mús. Paredes), *Antemanhã* (cor. Wellenkamp e mús. Crumb), *Cinco poemas de amor* (cor. Wellenkamp e mús. Wagner) e *Memória para Piaf* (cor. Wellenkamp e canções de Edith Piaf e António Victorino de Almeida), *Três canções de Nina Hagen* (cor. Olga Roriz e mús. Nina Hagen), *Treze gestos de um corpo* (cor. Olga Roriz e mús. António Emiliano) – este filmado em Berlim em sistema de alta definição e no âmbito de um projecto pioneiro,¹ bem como peças de alguns coreógrafos estrangeiros de nomeada. Nesta categoria há que salientar o registo de *Cinco tangos* (cor. Van Manen; mús. Piazzolla) e *As bodas* (cor. Bruce; mús. Stravinsky), espectáculo que a RTP fez acompanhar de um documentário alusivo à preparação do bailado, dando ambos um relevo muito especial a esta criação de Bruce para o BG.

1 Um grupo de bailarinos deslocou-se expressamente a Berlim para a realização deste programa televisivo que, posteriormente, foi difundido por todo o mundo.

No início da década de 1990 a companhia pela qual Jorge Salavisa dera a cara durante um longo período temporal – quase duas décadas –, deixava atrás de si muitos triunfos mas denotava, internamente, uma enorme fragilidade na gestão devido a um evidente desgaste artístico no palco e, sobretudo, pessoal nos bastidores. Voltara a crescer em número de elementos – tendo chegado, em 2005, a custar três milhões de euros à FCG, verba que incluía os bailarinos que se foram reformando – e uma série de forças dentro do grupo, mais ou menos antagónicas, começaram a condicionar fortemente a própria acção do director. Como atrás referido, o clima entre artistas nem sempre era dos melhores e o poder discriminatório que Salavisa algumas vezes demonstrou no BG em nada o suavizava.

Apesar de cerceado pela sensatez e humanidade demonstrada pelos seus superiores no SM, o director artístico ao negar trabalho a certos bailarinos por razões puramente pessoais, levou-os a um certo desalento. Vítima das suas decisões, Salavisa, era frequentemente confrontado com exigências dos indivíduos que ele, deliberadamente, protegia. Aliás, deixa bem claro nos seus escritos biográficos que foram tempos muito difíceis, utilizando expressões como "tornar um inferno os meus dias" e "ser constrangido a lidar com decisões de muitos superiores que há muito deveriam ter aprendido a saber o que não sabem" (p. 313). Sem jamais revelar os nomes – que todos conheciam – culmina as suas confissões num tom dramático mencionando um aspecto pessoal traduzido n' "uma relação que se degradou lenta e penosamente ao longo dos anos" e "para tornar o cenário mais negro, havia drogas envolvidas" (p. 16).

Em 1992 Jorge Salavisa colabora "em ambiente de grande secretismo" (Salavisa, 2012, p. 224), com Carlos Pontes Leça e Rui Vieira Nery na elaboração de um texto com propostas de reformas para o BG, a pedido da administração da FCG. O referido documento e as recomendações nele delineadas só se tornaram públicos já depois da extinção do grupo. Nele se alvitrava a associação da Companhia Nacional de Bailado com o Ballet Gulbenkian e a criação de uma companhia mais jovem, gerida por uma administração e direcção centralizadas e dependentes do Ministério da Cultura, mas com o apoio financeiro da Gulbenkian. Na verdade tratava-se, *grosso modo*, de uma reformulação da trilogia que existira na dança da capital no ano de 1985: BG, CNB e CDL. A Fundação tentou assim encontrar a chave para abrir uma porta por onde saísse um grupo que indubitavelmente lhe dera enorme projecção além-fronteiras. Essa solução, paradoxalmente, fazia a Fundação retroceder quatro décadas tentando voltar-se ao início do ciclo, quando apoiava financeiramente o Centro Português de Bailado que, por sua vez, geria o seu Grupo Experimental de Ballet. Mas Salavisa vai mais longe nas suas confissões em livro e refere que apresentou a José Blanco e a Pereira Leal, os nomes de Paulo Ribeiro e Luísa Taveira para a direcção, respectivamente, da "companhia experimental" e da "companhia nacional" (Salavisa, 2012, p. 225). Inexplicavelmente, ou não, ao longo da sua vida profissional, quando não ocupou cargos de relevo na dança portuguesa teve o privilégio de sugerir e o

poder de ver aceite nomes que lançou ou impôs, ditados pelo seu livre arbítrio. Enquanto Pontes Leça, dentro da Fundação, teve o subtil – mas nem por isso menos eficaz – poder de, entre muitas outras coisas, seleccionar até os candidatos à concessão de bolsas para estudos de dança, mais ou menos alargados, dentro e fora do país. Inclusivamente verificou-se um caso peculiar de um pedido de apoio para a elaboração de uma tese de doutoramento sobre o Ballet Gulbenkian que dirigido ao então Serviço de Bolsas de Estudo foi negado pelo Serviço de Música, com a assinatura única do seu director-adjunto.

Na prática, o modelo praticado na companhia não era muito diferente do de muitas outras instituições europeias de dança contemporânea de sucesso. Também não era um molde esgotado como alguns, com interesses pouco transparentes, quiseram fazer crer para justificar o seu estrangulamento. Entre as grandes companhias russas de São Petersburgo e Moscovo, as norte-americanas de Nova Iorque e as nacionais de Paris e Londres, e os pequenos grupos ou o universo dos chamados criadores-solistas, sempre existiu um espaço à medida do BG e de um país com as características do nosso.

Quando Salavisa saiu da companhia, de acordo com afirmações suas, a seu próprio pedido, apesar de todas as críticas tecidas pela imprensa deixa atrás de si uma companhia com nome feito na Europa e até conhecida nos Estados Unidos, América do Sul e Extremo Oriente. Sai com a consciência de que o grupo denunciava problemas de várias ordens como claramente deixa transparecer na sua autobiografia. Porém, não se parece ter apercebido que a companhia já denunciava uma crise identitária que se havia de ampliar e ser bem mais visível uns anos depois. A grande maioria dos artistas estava cansada da longa gestão de Salavisa e sem o estímulo de outrora; o público e a crítica denotavam algum esgotamento artístico perante as escolhas cada vez menos interessantes de um director que, abandonando os grandes coreógrafos, se deixou contaminar por um certo efeito de moda. O que, aliás, foi fazendo perder a empatia e a identificação dos espectadores habituados a obras com profundidade, coreograficamente consistentes e dançadas com inquestionável energia e vibração.

Entre os poucos críticos que, na época, aproveitaram a saída de Salavisa para analisar e reflectir sobre a situação do BG encontra-se o autor desta tese, pelo que aproveitamos para transcrever uma reflexão feita na altura da ocorrência:

O programa do Ballet Gulbenkian em cena [...] no Grande Auditório (da Fundação), não seria mais do que o segundo de 96 se não tivesse a particularidade de ter por protagonistas o arquitecto Siza Vieira e um director que afirma ter chegado a hora de "arrumar as sapatilhas"... Num ano particularmente baço em termos de Dança, 1995, e em que, mais uma vez, se alvitrou a hipótese de autonomização da Orquestra e do Ballet da Fundação Gulbenkian – leia-se a sua "transferência" para a tutela do estado –, Jorge Salavisa, após anos e anos na direcção do antigo Grupo Gulbenkian de Bailado, decidiu (a título voluntário) anunciar a sua saída.

Não sem, curiosamente, ter sugerido o nome da brasileira Iracity Cardoso para o substituir, já a partir de amanhã. No meio de muitos comunicados e entrevistas em jornais e rádios Salavisa afirmou, então, não estar "muito interessado em nomear um coreógrafo para a companhia". Talvez por isso Vasco Wellenkamp – um criador português que, aliás, já estava na casa antes de Salavisa chegar à Praça de Espanha, em 1977 – tivesse sido, desde logo, eliminado da corrida. A escolha de alguém sem qualquer relação directa com a companhia, nem com a própria dança portuguesa terá, seguramente, inconvenientes e vantagens. Mas uma coisa é certa, Salavisa – que outrora muito se aproveitou da publicidade de ser o primeiro director artístico português no BG –, terá, deste modo, contribuído (erradamente) para que se volte a querer fazer acreditar que o cargo em questão exige um perfil de tamanha transcendência que não existe na nossa dança ninguém tão "iluminado" que esteja à sua altura! Após ter sido contratado para escolher os grupos e companhias importados por Lisboa '94, o director do BG parece ter-se cansado de lidar com as exigências dos mais bem pagos bailarinos portugueses e, ao contrário de todos os outros, já com reforma "dourada" assegurada. Ele próprio afirmou querer, doravante, "apenas" dirigir um teatro [...].

Herança controversa

A falta de "mobilidade" tem sempre tido, na nossa dança, um efeito perverso e um peso extremamente negativo. A título de exemplo, refira-se que, ao contrário dos outros países, directores de escolas e de companhias a partir do momento em que entram (por nomeação, pois nos últimos 10 anos o PSD acostুমou-nos a privilegiar caras e não projectos), tem sido para sempre! É quase como o estatuto de embaixador, assina-se contrato e morre-se director. Só mesmo em Portugal é que não se sendo coreógrafos reputados – e ao contrário do próprio Presidente da República que, embora democraticamente eleito, não pode ficar mais que dez anos no poder –, os directores das nossas companhias acumulam décadas de serviço como se tratassem de cargos de repartições públicas. Talvez seja mesmo de lembrar que Salavisa (num período pós-25 de Abril) respondeu, do estrangeiro, a um anúncio público para professor de dança e, depois, passou a director "saltando" por cima de um criador de gabarito que, praticamente deu toda a sua vida ao BG: Carlos Trincheiras. A herança de Salavisa, "querido por uns e detestado por outros", não deverá ser analisada de ânimo leve nem por citações pontuais encomendadas a amigos de conveniência. Não tendo obra como coreógrafo, terá apostado no trabalho de outros e na sua experiência de professor, incentivando uma geração (sobretudo) de rapazes para a dança e apoiando alguns coreógrafos da sua preferência. Wellenkamp, que já vinha da "gerência" anterior, de Milko Sparemblek – que foi quem, na realidade, fez do GGB uma companhia internacional e, antes de sair, já tinha trazido nomes como Butler e Lubovitch e até planeado trazer a Lisboa Hans

van Manen, Murray Louis, Carolyn Carlson, Bela Lewitzky, Louis Falco e mesmo Cunningham – lançou-se definitivamente na vigência de Salavisa. Mas terá sido Olga Roriz quem mais alegrias lhe terá dado, pois foi ela, durante cerca de uma década, quem mais terá feito brilhar o BG além-fronteiras. Por outro lado, o *outsider* Paulo Ribeiro, dentro e fora dos muros da Gulbenkian, terá sido o que mais beneficiou do gosto pessoal do também professor no Conservatório Nacional. O BG que vimos na quarta-feira traduz-se, basicamente, numa companhia polivalente em que, com maior ou menor facilidade, os seus artistas passam bruscamente de autor para autor – sete no caso vertente – mas que, mesmo quando as obras parecem ter "mais tempero do que carne", quase sempre são capazes de incutir uma personalidade própria a nível interpretativo. Vinte anos de um eclectismo sem rupturas deixaram marcas num grupo que tem vindo a diminuir em tamanho e cujas virtualidades, naturalmente, não cabe agora analisar. Todavia, algo de extremamente importante não deverá ser esquecido: a Fundação Gulbenkian, tal como há décadas tem proporcionado o prazer da leitura aos portugueses, através da sua companhia residente tem feito um esforço (que, aliás, não lhe caberia) para ciclicamente levar um grupo de pessoas que dançam bem às principais cidades de Portugal continental e insular e, de vez em quando, também ao estrangeiro.

(...) (Laginha, 1996, p. 44).

4.2. Os derradeiros directores.

4.2.1. O período Iracy Cardoso.

Após quase duas décadas à frente de uma companhia que, a nível dos aspectos artísticos, se encontrava algo desgastada e com os pessoais particularmente deteriorados, Jorge Salavisa deixou, surpreendentemente, o BG nas mãos de uma antiga bailarina brasileira, Iracy Cardoso (n.1945).

Não é claro o seu envolvimento no processo de mudança de direcção – existem mesmo testemunhos contraditórios – mas tudo leva a crer ter dado o seu aval a um estrangeiro para evitar que Vasco Wellenkamp, o seu mais provável sucessor, ascendesse ao seu lugar, seguindo-se-lhe como o quinto director oficial do BG. “A Fundação contactou Gradimir Pankov – quando este se encontrava em Lisboa como professor convidado da companhia – mas o antigo director artístico do Nederlands Dans Theater II, do Ballet Nacional da Finlândia, do Cullberg Ballet e do Ballet do Grande Teatro de Genebra, queria melhor e declinou o convite. Para aceitar, no ano seguinte, a direcção dos Grands Ballets Canadiens¹.

¹ Segundo informações prestadas por Rui Reis ao autor, Lisboa, 2012.

Após o malogro das negociações com o artista macedónio, Salavisa terá sugerido à FCG não um professor, mas uma ensaiadora que, por sinal, tinha sido assistente de Pankov em Genebra e “que viera em visita particular a Lisboa para ver um colega (Alphonse Poulain) que estava a leccionar na companhia (Salavisa, 2012) e, que, muito pouco ou nada sabia da dança portuguesa. Através do próprio director foi oferecer os seus préstimos ao SM, tendo, por assim dizer, apresentado uma "candidatura espontânea" para um lugar que oficialmente ainda não estava vago. Todavia, já na altura em que Salavisa começou a dizer publicamente que estava “cansado” e que queria sair para prosseguir outros projectos, nos quais, aliás, já se encontrava envolvido – dava aulas na Escola de Dança do Conservatório Nacional e tinha-se aproximado definitivamente do poder político ao ter programado a dança e o teatro e participado em outras iniciativas no festival Lisboa '94 Capital Europeia da Cultura – já se falava que a FCG, estava a preparar o terreno para a sua sucessão. Dizia-se, mesmo, que a Administração, por sugestão do ainda director, tinha mandado cartas a alguns coreógrafos estrangeiros de gabarito que tinham colaborado com o grupo para enviar nomes de potenciais directores.

Embora tenha ajudado o ex-marido, António Carlos Cardoso, a criar o Balé do Teatro Castro Alves (em S. Salvador da Baía) e de ter dançado em alguns países da Europa, a notoriedade de Iracity no "velho continente" era mais que modesta. Ao ter em comum com Salavisa o facto de não ser uma criadora, a sua escolha prova que a FCG não só não procurou recuperar um modelo de gestão que passasse por um coreógrafo residente, como também não abriu essa vaga ao mercado nacional onde, seguramente, teria encontrado muito por onde escolher. Esse é outro "mistério", associado à passagem de Salavisa pelo BG, uma vez que se sabe que Wellenkamp era particularmente estimado e admirado como coreógrafo no SM que o elogiava e promovia publicamente. A verdade é que a vontade de Salavisa, já em fase de saída da Gulbenkian, prevaleceu – muito possivelmente por influência directa de José Blanco que, desde que foi nomeado administrador em Setembro de 1974, teve uma papel decisivo nos destinos da companhia até se jubilar em 2004 – e Vasco Wellenkamp apenas se tornou director de uma companhia de dança quando criou o seu próprio grupo, em 1997, com Graça Barroso como co-directora, após ambos se terem aposentado da FCG. E com reformas bastante generosas, para o padrão nacional, como foi o caso de muitos artistas que completaram 20 anos de casa e deixaram o grupo com um rendimento mensal que lhes permitiu investir noutros projectos, designadamente Olga Roriz.

A notícia da entrada oficial de “Ira” na Gulbenkian não gerou particular entusiasmo entre os artistas e não se terá reflectido no público. Salavisa teve muito tempo para a “preparar” e deixou programada toda uma temporada para ela cumprir. Assim, muito tempo depois, relatou os factos: “Passei o primeiro ano a aprender o que era o Ballet Gulbenkian. Diziam-me que a companhia era um serviço bastardo criado por Madalena Perdigão; e uma estrutura fechada, com um quadro que não permitia renovação. Os directores (do SM)

sublinhavam sempre a 'existência de uma outra companhia' que era preciso pagar: a dos inactivos, ou seja, os reformados." (Cardoso, 2005, citada por Galhós, 2005, p. 28-29).

De acordo com o seu antecessor, "a gestão de Iracity em nada alterou a rotina da companhia" (Salavisa, 2012, p. 227), que se contradiz, de seguida na sua biografia, ao afirmar que a nova directora "convidou conhecidos coreógrafos internacionais, procedeu à renovação de parte do elenco com bailarinos estrangeiros, impôs uma disciplina férrea e dispensou com excessiva agressividade uma quantidade expressiva de bailarinos que haviam contribuído para a personalidade da companhia" (p. 227). Dezassete anos depois de ter colaborado decisivamente na sua contratação, ou, apenas ter sido conivente com a mesma, Salavisa escreve nas suas memórias algo sobre o trabalho da sua sucessora que, na verdade, também resume exemplarmente o que ele fizera quando tomou conta da companhia. Peremptório, afirma que ela "não soube aproveitar a experiência, a maturidade e o talento destes elementos, essa herança viva que representava os alicerces de todo um edifício que se dedicara durante anos com todo o talento a um repertório muito específico" (Salavisa, 2012, p. 227). É claro que, tempos depois, tendo Iracity fugido ao controle do seu "mentor" e se revelado numa pessoa muito diferente do que todos esperariam para a direcção do grupo, Jorge Salavisa havia de lamentar referindo que a companhia "se tornou naquilo que tanto lutara para que não fosse: uma companhia de repertório igual a tantas outras da Europa" (p. 227). As iniciais boas relações entre ambos rapidamente se tornaram tensas uma vez que a nova directora do BG, logo em 1996, não esteve com meias medidas e – chamando-o à palavra dada – o censurou "por ter aceitado o cargo de director da CNB, e não o de um teatro" (Cardoso, 1996, citada por Salavisa, 2012, p. 227) como, aliás, ele havia proclamado *urbi et orbi* aquando da sua saída da FCG.

O que para Salavisa era a rotina da companhia e na qual não viu grandes alterações após a sua saída foi, para os bailarinos, substancialmente diferente. Logo após a nova directora ter entrado na FCG, eles aperceberam-se de uma maior rigidez decorrente da retoma de uma disciplina e uma concentração no trabalho que, há muito, haviam perdido. Mas, na opinião de alguns deles, a nova directora foi muito além do que se esperava dela, provavelmente com directivas superiores para tal. No relato de uma das bailarinas principais, *"apareceu na companhia uma pessoa que não conhecíamos de lado nenhum e que entrou logo com o pé esquerdo"*¹. De imediato *"mostrou claramente que uma das suas opções seria 'dispensar' bailarinos, implementado o medo entre eles e um visível clima de insegurança, para além de uma competitividade nada saudável. Muitas vezes tentava, mesmo, seguir alguns esquemas que não se coadunavam com as regras anteriormente estabelecidas, naquilo a que os artistas tinham como 'regulamento interno', com um estilo militarista e pouco flexível, o que criou algum mal-estar e um ambiente algo pesado. Durante os sete anos em que esteve à frente do BG não só contratou alguns jovens portugueses que*

1 Segundo informações prestadas por Paula Pinto ao autor, Oeiras, 2010.

Ihe foram aparecendo como muitos estrangeiros que audicionou e "dispensou" nada menos que treze artistas maduros do elenco. As relações de Ira – como era conhecida na companhia – com os bailarinos tiveram muitos altos e baixos, continuando o SM a servir de 'fiel da balança' em situações de conflito, como já tinha acontecido com Salavisa. Foi uma péssima directora porque deu o seu contributo para o afundamento da companhia mas só a posteriori é que percebeu que tinha sido utilizada (pela Fundação) como ferramenta de destruição do muito estimado Ballet Gulbenkian¹.

Todavia, Iracity era uma ensaiadora competente – nesse campo trazia boas credenciais do Ballet de Genebra onde também fora assistente do argentino Oscar Araiz – e aplicou-se visivelmente nessa área. Como corolário a subida de nível técnico e de organização nos ensaios repercutiu-se, de imediato e positivamente, na qualidade dos espectáculos. Premissa que o público e a crítica mais atenta terão observado. Para assegurar a preparação técnica dos artistas a directora investiu na escolha de professores de dança convidados, contratando para residente o norte-americano Bruce Michelson, para além da francesa Elisabeth Gibiat e de um jovem português Vítor Garcia, para ensaiadores. Pode-se afirmar que os pedagogos que, na época, começaram a leccionar na companhia lisboeta mostravam ter uma visão bastante actualizada dos métodos de ensino da dança clássica, a par de outras técnicas mais ou menos difundidas. No que toca a coreógrafos, a directora fez rodar pela companhia nomes muito em voga na cena europeia tais como Mats Ek, William Forsythe, Hans van Manen, Nacho Duato, Jiry Kylian, Ohad Naharin, Itzik Galili, Angelin Preljocaj, Mauro Bigonzetti e Marie Chouinard, para além de Cesc Gelabert e Meryl Tankard. A juntar a estes, os consagrados brasileiros Rodrigo Pederneiras e Henrique Rodovalho e os jovens Stijn Celis e Didy Veldman, bem como os portugueses Vasco Wellenkamp, Olga Roriz, Rui Horta, Vera Mantero e Paulo Ribeiro, que se mantiveram na lista de convocados. Pode-se afirmar que, independentemente da combinação das peças em programa, a sua qualidade estava frequentemente assegurada pelos nomes (famosos) em jogo. É também de supor que a FCG tenha imposto certos artistas – como sempre fora hábito – designadamente Roriz e Wellenkamp e que a directora do BG tenha acolhido com agrado os coreógrafos "protegidos" de Salavisa: Ribeiro, Horta e Mantero. Mal sabendo que, alguns deles iriam, mesmo, ser sondados para, anos depois, a substituir nas suas funções, quando a Fundação resolveu deixá-la cair.

Fazendo um balanço dos "anos brasileiros" do BG, poder-se-á afirmar que um dos primeiros erros que Iracity cometeu terá sido ter-se apressado a contratar o seu antigo patrão, Araiz, para remontar uma peça de 1974, na qual ela própria tinha criado um dos papéis do quinteto. A obra, que a crítica e o público consideraram "ultrapassada" e "desinteressante", traduziu-se num verdadeiro fiasco artístico e, desde logo, se percebeu o tipo de gosto que ela poderia vir a imprimir ao BG, caso no "segundo piso" Ihe tivessem

1 Idem.

dado total liberdade de acção. Outro passo em falso foi a contratação do jovem Stijn Celis para uma criação, *Pra lá e pra Cá*, com figurinos da pintora Paula Rego. Mesmo tendo a conhecida artista colaborado na cenografia e adereços do bailado e marcado a sua presença na estreia, a obra esteve longe de transmitir o universo da ilustríssima artista da Casa das Histórias. Mas a directora do BG não se ficou por aí e voltou a contratar Celis para produzir, em 2003, mais outra obra menor, *Paradise practice*. Em oposição, o reinado de Cardoso no BG foi coroado com uma peça que representou o que de melhor se fez em 44 anos de companhia: *Cantata*, da autoria de Mauro Bigonzetti, estreada a 29 de Junho de 2001 e incluída na programação de Porto Capital da Cultura. Naturalmente, meses depois o coreógrafo italiano voltaria a Lisboa para remontar outra peça: *Psappha*, essa, infelizmente, sem o relevo da anterior.

A verdade é que, após a partida de “Ira” para o Brasil no Verão de 2003 (não tendo visto o seu contracto renovado pela FCG para além da temporada de 2002-2003), muitos dos artistas que então trabalhavam na casa não lembravam com saudade os anos em que a companhia foi perdendo público, como resultado de uma programação avulsa e sem grandes referências nacionais. E, para além de poucas inovações a nível de reportório, a directora quase sempre se mostrou algo insensível do ponto de vista humano para com os seus bailarinos. Um deles resumiu numa frase curta (e pouco emotiva) a sua opinião sobre os anos passados com Iracity Cardoso:

A sua chegada foi positiva pois o trabalho na companhia estava muito viciado. Ela começou por estabelecer uma competição saudável entre os bailarinos. Os coreógrafos que trouxe, sobretudo Ohad Naharin e Mauro Bigonzetti, foram uma lufada de ar fresco, porque produziram muito bons trabalhos. Não foi uma grande gestora e ainda por cima foi pena que ela tivesse mudado a maneira de dirigir não tendo, no final, sido muito correcta para alguns colegas¹.

Em Julho de 2005, Iracity Cardoso, afastando quaisquer outros problemas – e, muito especialmente, os relativos à sua gestão –, em sua própria defesa declarou publicamente na altura da extinção do BG: “A grande discussão é uma discussão económica” (Cardoso, 2005, citada por Galhós, 2005, p. 28-29).

4.2.2. A passagem de Paulo Ribeiro pelo BG

Ao contrário do que acontecera com a sua antecessora, Paulo Ribeiro (n.1959) uma figura muito mais dócil, entrou no BG por concurso aberto a nível nacional e internacional uns meses antes. Foram muitos os candidatos, desde antigos elementos do BG e bailarinos em actividade no grupo, a intérpretes e professores de outras companhias nacionais e

¹ Segundo informações prestadas por Rui Reis ao autor, Lisboa, 2012.

estrangeiras, e até pessoas com muita prática em direcção de companhias, que enviaram *curricula* por correio – como requerido –, ao SM.

Antes de Ribeiro ser contratado – por uma verba muitíssimo mais modesta da que a FCG pagava a Iracity – o lugar de director foi oferecido a várias pessoas, que não se sentindo entusiasmadas com as condições em cima da mesa da Administração, declinaram o convite. Um deles foi Rui Horta que, sem que ninguém o imaginasse, recusou o cargo. Mas não terá sido, seguramente, por falta de ambição que o antigo director da CDL e da SOAP – nome porque era conhecida a companhia residente do Künstlerhaus Mousonturm (de Frankfurt, Alemanha) – e, então a dirigir o Espaço do Tempo, em Montemor-o-Novo, não avançou. E, muito menos, por desconhecer os meandros de uma companhia com a qual trabalhara várias vezes. Para além disso, Horta possuía excelentes contactos dentro da Fundação, desde que privara de perto com Madalena Perdigão que, no ACARTE, apoiara a sua companhia. Não foi por saber não ter o apoio dos artistas mas sim, numa perspectiva bem mais racional, porque através de alguma inconfidência terá percebido – ou terá, mesmo, sido expressamente informado – que o director que a FCG, então, procurava, já era uma figura "a prazo". E Rui Horta, um verdadeiro mestre do *marketing*, habituado à gestão de toda a espécie de projectos artísticos e muito bem colocado nos meios do poder, sempre actuou com particular tacto.

Na verdade, terminado o concurso – que não terá passado de uma simples análise de provas documentais recebidas por correio – Paulo Ribeiro foi convidado para director do BG pela Administração da FCG, tendo começado a sua tarefa em Setembro de 2003. Dois anos depois o coreógrafo, afirmaria estar “mais do que arrependido” de ter aceitado o cargo pois, então não percebeu que fora enganado. Uma vez que só depois teve “uma série de indícios” de que “já se sabia que a companhia iria acabar antes de tempo” pois “a orgânica interna já apontava nesse sentido” (Ferreira, 2012, p. 3).

Ribeiro recebeu uma companhia que com Salavisa começara a perder figuras de proa e com Iracity se tornara num conjunto massificado de bailarinos, com um ou outro jovem emergente mais visível. Contudo, sem que nenhum apresentasse o carisma e, mesmo, a “finesse” dos solistas dos tempos de outrora. Esteve à frente da companhia menos de dois anos e, em vez de contrariar a tendência para anular personalidades e valorizar e dar relevo às suas especificidades, ainda tornou mais “anónimos” os intérpretes e mais opacas as linhas mestras de uma companhia que, para o bem e para o mal, não tinha, desde 1975, um director-coreógrafo. Basta referir o último programa com a sua assinatura e no qual apresentou a criação *Espírito orgânico, batida orgânica e Cage orgânico*, peça com uma visível falta de vocabulário que acabou por enfraquecer uma obra-homenagem a John Cage, sobre a qual mantemos a nossa própria crítica já avançada num outro lugar:

[...] apostando numa massa de cerca de 30 artistas em cena e recorrendo à improvisação, às danças sociais, à corrida, a acções como rebolar no chão, esbracejar e espernear, Ribeiro fez os bailarinos

(desnudados) cumprir uma receita pouco convincente, tendo por cenário sombras e projecções dos mesmos, em tempo real, e deixando para o grupo de percussão Drumming o melhor da festa (Laginha, 2005a, p. 43).

O judo terá sido o primeiro interesse de Paulo Ribeiro, ao que se seguiram outras artes marciais. Viveu no Rio de Janeiro entre 1975 e 1978, cidade onde estudou psicologia antes de regressar à Europa. Radicou-se em Bruxelas, onde iniciou a sua formação em dança clássica e contemporânea com Carmen Larumbe; teve aulas de composição de dança em algumas escolas belgas antes de, em 1981, debutar profissionalmente no Ballet Contemporâneo de Bruxelas, dirigido por aquela bailarina, professora e coreógrafa argentina. Seguidamente, dançou com o Ballet da Ópera de Lyon (1982-1984) e, como *freelance* com várias pequenas companhias experimentais conotadas com a *nouvelle danse*, como as de Anne Dreyfus, Christine Bastin, Charles Cré-Ange, Anna Marie Reynaud e Serge Keuten, fundador do Groupe de recherche chorégraphique de l'Opéra de Paris. Em 1984 forma a Stridanse com quatro bailarinos da ópera de Lyon e é com este grupo que cria as suas primeiras peças: *Meu caro amigo* (1984), *Stride la vampa* (1984) e *Facéties* (1985), obra com a qual ganha o Prémio de Humor no concurso Volinine, em Paris, e, no ano seguinte, o 2.º Prémio na secção de "criação contemporânea". Em 1987 regressou a Portugal e integrou, como bailarino, e depois também como coreógrafo, o elenco da CDL, da qual foi, durante apenas seis meses, director. Para esse grupo, que fora fundado por Rui Horta em 1985, cria *Taquicárdia*, em 1988 (com música composta expressamente por Luís Cília), seguindo-se *O derradeiro beijo* (1989) sobre uma partitura do mesmo autor. Em 1988 e 1989 participa na criação dos espectáculos *Drama per la danza*, com a Four Solaire e *Sonho de uma noite de verão*, com a Companhia de Charles Cré-Ange. Monta duas peças para a Maison de Culture de Tournai e para o Chapiteau Français de La Danse, e trabalha nas comemorações do Bicentenário da Revolução Francesa, em Nevers.

Regressado de França, desenvolve uma forte afinidade com a FCG, na qual entra por convite expresso de Jorge Salavisa para criar, em 1990, as peças *Ad vitam* (mús. Richard Strauss, e António Emiliano) e *Percursos oscilantes* (mús. John Laurie, Nina Simone, Henry Torgue e René Aubry) para o BG. Nesse mesmo ano apresentou um projecto a Madalena Perdigão, intitulado *O beijo da técnica no futuro*, que viria a ser dançado na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna da FCG. *Encantados de servi-lo* (mús. Luís Cília) foi a sua criação para o Nederlands Dans Theater II, em 1991, que, de seguida, entraria para o reportório do BG na temporada de 1991-92. Antes tinha-se apresentado a solo com *Modo de utilização* (mús. George Senton, John Zorn e um "chorinho brasileiro") – criado para a Bienal Universitária de Coimbra, em 1990, e retomado na Europália, Klapstuk, no ano seguinte – e depois coreografa, em 1992, para o Ballet do Grand Théâtre de Genebra, *Uma história de paixão* (com partituras de Luís Cília e Tchaikovsky), e *Uma ilha num copo de sumo* (mús. Luís Cília) para um grupo de estudantes liceais e alguns bailarinos profissionais, a convite da Comissão dos Descobrimentos que se

apresentou na Expo '92 de Sevilha, baseado no seu *Beijo da técnica no futuro*. No ano seguinte (1993), concebe *Le cygne renversé*, um quarteto para o Centre Choréographique National de Nevers, em França. *Waiting for voluptia* foi a sua segunda peça para o Nederlands Dans Theater II, também em 1993. Nesse mesmo ano coreografa *Inquilinos* (mús. Dumisani Marraire, Evan Lurie e Pixinguinha) para o BG, e *Ninfas* para a Companhia de Dança Contemporânea de Setúbal, além de "Rambo Ribeiro", apresentado no ciclo *Auto-Retratos*, no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém.

A sua obra de maior fulgor terá sido *Dançar Cabo Verde*, apresentada no Coliseu dos Recreios (em Lisboa em Abril de 1994) e criada em parceria com Clara Andermatt. Esse trabalho, desenvolvido na cidade da Praia, viria a ser galardoado com o IV Prémio Acarte/Madalena Perdigão. Em Maio de 1995, Ribeiro estreia no Centro Cultural de Belém *Sábado 2* um trabalho para a sua nova companhia, constituída, inicialmente, por apenas cinco bailarinos e que viria a ter sede no Teatro Viriato, em Viseu. Espaço esse onde, com o apoio da autarquia local, se esboçou uma espécie de centro coreográfico regional – à semelhança da organização francesa de descentralização de instituições de dança – desde logo, também subsidiado pelo Ministério da Cultura. Pode-se afirmar que o trabalho coreográfico de Paulo Ribeiro começou a ter maior projecção, quer em Portugal quer no estrangeiro, após o convite de Salavisa para coreografar quatro temporadas seguidas para o BG. Aliando a obras inseridas num contexto de projecto de autor um trabalho coreográfico regular em companhias de reportório, Paulo Ribeiro definiu o seu método de composição com apenas duas palavras: "selvajaria inspirativa". Especialmente interessado em movimentos resultantes de situações de natureza psicológica, a ironia e a exploração de corporalidades antagónicas são também factores presentes na sua obra. Na qualidade de director do BG, Ribeiro começou com um programa duplo da sua autoria com as peças *Delicado* e *Branco*. Retomou obras do tempo de Iracity Cardoso, como a popular *Cantata* e apenas teve tempo de convidar Rui Horta e Clara Andermatt, para além do suíço Gilles Jobin e da holandesa Regina van Berkel. Não tendo dado particular importância à preparação técnica dos artistas manteve Vitor Garcia como ensaiador – e também professor residente – de um grupo que estava reduzido a quase metade dos bailarinos dos seus tempos áureos.

No dia 5 de Julho de 2005, acabaria por assistir, estupefacto e impotente, à notícia da extinção de uma companhia para a qual trabalhara durante muitos anos. Estranhamente, na altura, manteve-se praticamente em silêncio sobre tão dramática situação, uma vez que não é possível encontrar na imprensa desse Verão "quente" de 2005 muitas declarações do último director do BG. Ao contrário dos muitos artistas, colaboradores e admiradores da companhia que, aberta e ruidosamente, mostraram o seu descontentamento a propósito de tão marcante acontecimento. Em 13 de Julho realizou-se uma "concentração de protesto"

em frente à porta principal da FCG, que juntou “quase mil pessoas”¹ e dela saiu, para os meios de comunicação social, uma Carta Aberta ao CA da FCG, assinada por cerca de 40 personalidades da dança portuguesa. A maioria dos jornais portugueses, bem como rádios e algumas revistas, cobriram extensivamente o encontro de artistas e público anónimo, numa manifestação, no dia que o Presidente da FCG, Rui Vilar, afirmou que a decisão era “irreversível”.

Perante a postura de Paulo Ribeiro – que só reagiu publicamente, “ferido e em carne viva”, à hecatombe mais de um mês depois – é de supor que não encarou com grande pesar a perspectiva de voltar para Viseu, onde arranjava um substituto (temporário) para tratar dos aspectos de ordem burocrática da sua companhia e deixara a sua mulher, a bailarina Leonor Keil, também a gerir o grupo. Essa foi uma solução conveniente para quem se distinguiu como coreógrafo no BG mas, ainda que involuntariamente, contribuiu para a queda – vista de um ponto de vista estético – de um conjunto coreográfico que perdera muito do fulgor de outrora e, praticamente, toda a sua personalidade. Aliás, é o coreógrafo que afirmará em entrevista que “a própria Fundação não tinha uma estratégia, o BG era um agrupamento considerado menor dentro da orgânica da Casa”. E mais, “a própria direcção do BG não tinha voz, porque a voz era o Serviço de Música. Logo, nós estávamos completamente manietados, estávamos completamente atados para poder dar vida a um projecto porque tínhamos uma hierarquia tão grande a ultrapassar que não se chegava lá. Essa hierarquia tinha projectos e prioridades diferentes” (Ribeiro, 2005, citado por Catarina Ferreira, 2005, p. 3).

A verdade é que Ribeiro, menos sagaz que Rui Horta em relação a procedimentos com a Fundação, se comportou de um modo desatento durante o tempo em que esteve à frente do BG. Especialmente por não ter dado crédito a sinais que, provavelmente, estavam diante dos seus olhos. Após Carlos Pontes Leça abandonar o cargo de director-adjunto do Serviço de Música – permanecendo, contudo, ligado ao departamento como consultor – faz revelações muito assertivas ao Jornal de Letras. “Hoje é muito discutido se faz sentido haver um Ballet Gulbenkian. Com os tempos que correm e com o que já se fez em Portugal, se faz sentido continuar a haver uma companhia de repertório. No panorama nacional temos a Companhia Nacional de Bailado, de repertório, e as de autor a fazer, melhor ou pior, o seu papel. É importante, neste contexto, como estamos na ponta da Europa, que continue a haver uma companhia que assegure para o público português uma amostragem do que de melhor se vai fazendo lá fora. Mesmo que hoje os coreógrafos se apresentem cá, ficam-se por Lisboa, não vão ao resto do país. E o Ballet Gulbenkian vai onde haja um teatro. Dada a posição do país e a posição da companhia dentro do país, eu defendo que este binómio de equilíbrio entre criação/repertório contemporâneo deve ser mantido, acho que isto é fundamental para continuar a justificar a existência do BG. Reduzi-lo a uma companhia de

¹ Segundo o subtítulo de um artigo publicado no Jornal de Notícias no dia 14 de Julho de 2005, p. 45.

autor, com dois bailarinos chega perfeitamente, e isso já há por aí. Nesse caso, a Fundação Gulbenkian, na minha opinião, deixaria de ter razão para manter a companhia, nessa altura mais valia acabar, porque já há pelo país fora.” (Leça, 2005, citado por Claudia Galhós, 2005, p. 8).

Ainda que de um modo algo ambíguo – como algumas vezes o “porta-voz” do Serviço de Música se apresentava em declarações para fora da Fundação –, Pontes Leça fala abertamente no encerramento do BG. Justamente por a companhia estar, depois de Salavisa e Iracity, nas mãos de um coreógrafo. Ao recusar a ideia de companhia de autor, Leça põe, desde logo, em causa o trabalho de Ribeiro que, em face de sucessivos cortes orçamentais, se vê obrigado a ampliar o repertório da companhia à custa das suas obras. Uma situação algo paradoxal criada pela própria Fundação ao voltar a ter como director do seu grupo de dança um coreógrafo no activo.

Do ponto de vista interno, se não teve o total apoio dos seus superiores, Paulo Ribeiro, também nunca parece ter verdadeiramente cativado uma parte substantiva dos artistas da companhia. Muitos deles não se sentiam incentivados pelo tipo de repertório que aquele escolhera, baseado em criações suas, nem achavam que o mesmo tinha o alto nível de um passado ainda recente. Para além disso havia muito quem questionasse as suas qualidades directivas (não lhe reconhecendo mérito artístico na carreira nem capacidade de liderança) e, até, pessoais. Pouco tempo depois de ter tomado posse abriu um processo disciplinar ao bailarino “dilecto” de Jorge Salavisa, no rescaldo de uma digressão ao estrangeiro, vindo-se a provar que, então, não havia quaisquer motivos para sancionar o artista visado. Situação que fragilizou, em muito, o carácter do director perante a maioria dos seus subordinados.

A sua orientação para uma espécie de realismo urbano nas coreografias acentuado por uma gestualidade compulsiva – ao que se juntou a perda de uma das suas mais vibrantes qualidades como criador, o humor nas pequenas coisas – não trouxe qualquer mais-valia ao grupo. Ou melhor, a um percurso de 44 anos pautado por danças vibrantes e feitas por artistas que sempre viram na FCG o garante de uma qualidade e de um bom gosto que foram adoptando novas formas ao longo dos tempos. Ainda assim, os artistas que faziam parte do elenco do BG na sua última formação afirmaram, aquando da dissolução do grupo, um facto que a Administração da FCG fez por esconder do grande público: Paulo Ribeiro tinha uma programação feita para os dois anos seguintes, com os direitos de autor das peças importadas já pagos e várias digressões agendadas¹, bem como um contrato em vigor até Agosto de 2006. No meio de tantos paradoxos (e até traições), a verdade é que, em certos aspectos o que hoje mais deixa transparecer é que entre o Ballet Gulbenkian, o Serviço de Música e o Conselho de Administração da Gulbenkian, havia alguns, com um certo ar seráfico a tentar enganar muita gente e outros a enganarem-se mutuamente.

1 Segundo informações prestadas por Paula Pinto ao autor, Oeiras, 2010.

4.3. O fim trágico

Ao início da tarde de 5 de Julho de 2005, uma terça-feira quente nos jardins da Avenida de Berna, mas temperada dentro do edifício-sede da Fundação, enquanto os bailarinos cumpriam os seus ensaios – trabalhava-se na peça *On peut pas toujours être en apnée*, do brasileiro Guilherme Botelho – como em qualquer dia normal de trabalho, muitos telefonemas começaram a ser feitos a partir da FCG a fim de justificar uma notícia que deveria ter permanecido confidencial, pelo menos, até à manhã do dia seguinte. Ou, de preferência, até ao mês de Agosto, altura em que os artistas iriam para férias e Portugal costuma "parar", e, naturalmente, o impacto na opinião pública, em artistas e comunicação social fosse mitigado pela dispersão das pessoas em plena *silly season*. Uma fuga de informação – um bom eufemismo para uma oportuna traição de que alguém se terá aproveitado para tirar dividendos – terá apressadamente levado alguns quadros superiores da FCG a avisar pessoas bem colocadas no meio para que não soubessem pela imprensa falada – a mais veloz –, que o BG acabara de ser extinto pelo seu Conselho de Administração, durante a manhã do quinto dia do sétimo mês do ano de 2005. Essa era a metodologia informativa que a FCG preparava para que o choque fosse ligeiramente atenuado. Quanto aos artistas, cerca de uma hora e meia antes do final dos trabalhos pelas 17h30, foi com espanto que viram descer o director do Serviço de Música, Luis Pereira Leal ao “menos dois” – coisa que raramente acontecia –, acompanhado dos dois directores-adjuntos do SM, Rui Vieira Nery e Miguel Sobral-Cid, e de Paulo Ribeiro com cara de caso. O primeiro tentou ler o comunicado da administração, mas começou a chorar. E foi Vieira Nery quem concluiu espinhosa a tarefa de transmitir a decisão que fora tomada nos pisos de cima.

“Foram informados que não iriam dançar mais. Todos os espectáculos previstos, incluindo seis estreias absolutas (de bailados), ficavam sem efeito. Os bailarinos deviam dirigir-se aos Recursos Humanos para serem informados sobre reformas antecipadas, indemnizações e compensações. A Fundação considerava já não se justificar uma companhia própria e prometia investir na formação e no apoio pontual à criação. Paulo Ribeiro soubera-o duas horas antes. Os presentes souberam ali e os ausentes foram sabendo pela rádio e por telefonemas de amigos. O comunicado a que tiveram acesso era o mesmo que fora enviado para os *média*. E a Administração (da FCG) não desceu ao – 2” (Coelho, 2005a, p. 18).

Durante essa fatídica tarde de 5 de Julho, os telefonemas não paravam de chegar à Praça de Espanha pois as rádios, televisões e jornais queriam confirmar a notícia que surgiu em forma de frio comunicado exarado pela Administração. A estação de rádio TSF foi a

primeira a emitir, às 19h15, uma peça com essa lacónica nota com o título "Fundação Calouste Gulbenkian extingue Ballet", na qual se relatava a bombástica decisão: a FCG iria extinguir a companhia de dança criada há 40 anos para adaptar a intervenção nesta área às novas realidades; a extinção da companhia, dirigida por Paulo Ribeiro e composta, então, por 25 bailarinos, seria concretizada até Agosto do ano seguinte. Ao que se acrescentou, de seguida, um comentário proferido por nós mesmos enquanto comentador especialista em dança, e no qual afirmámos o absurdo daquela decisão gravíssima para a dança.

Para a comunidade da dança é uma notícia violentíssima, porque não se pode, impunemente, perder uma coisa que tem estes anos todos. E o problema não está, apenas, em ter muitos anos, mas sim porque durante muito tempo o BG era uma espécie de tocha que iluminava a noite, muito escura, que era a dança portuguesa. Não nos podemos esquecer que foi do próprio BG que saíram quase todas as pessoas que hoje estão em cargos, digamos, importantes. Não estamos a falar em cargozitos desses aí que aparecem à toa para oportunistas e que hoje é o que mais há na dança portuguesa. Estamos a falar de pessoas sérias que trabalham com competência pois, realmente, o BG fez uma boa escola (Laginha, 2005a [Noticiário, TSF Radio Jornal]).

O anteriormente referido comunicado do Conselho de Administração da FCG informava que a companhia seria extinta "no quadro de reestruturação" da instituição e face à "alteração do panorama da dança em Portugal, reconvertendo a Fundação o seu apoio nesta área" (p. 1-2). Numa retrospectiva dos 40 anos da companhia, a Fundação recorda que visava, nessa altura, apresentar ao público português o repertório de dança contemporânea e proporcionar aos bailarinos e coreógrafos uma oportunidade profissional em condições de excelência. "Quarenta anos depois, o panorama da dança em Portugal alterou-se profundamente" no que se refere à "criação, acesso ao repertório internacional e formação profissional", acrescenta (p. 1). O documento reconhece a necessidade de criação de condições para o bailado em Portugal e anuncia "modalidades alternativas que constituirão a base de um programa de [sua] intervenção" na dança (p. 1). Assim, a FCG propunha-se reforçar a dança e a coreografia no âmbito do seu programa de criatividade e criação artística, instituir bolsas para a formação académica no estrangeiro e ainda apoiar escolas e companhias através de ateliês e *master classes* e da vinda de professores visitantes. Outros projectos a levar a cabo seriam a criação de programas de apoio a digressões ao estrangeiro, tanto para companhias como para bailarinos e coreógrafos, e o convite a companhias estrangeiras para actuarem em Portugal, não só em Lisboa como noutros espaços "onde se verifica uma maior carência de espectáculos desta natureza" (p. 2).

Ao tomar conhecimento do fim da companhia, Ribeiro abandonou os estúdios alegando que com o BG extinto a sua presença era desnecessária. Ao contrário, os artistas

voltaram na manhã seguinte e continuaram, por vários dias, a fazer a sua preparação física diária, ainda que os ensaios das obras em curso fossem anulados. Provavelmente na esperança de que tudo não passasse de um pesadelo, começaram de imediato a fazer contactos e a divulgar entre amigos e comunicação social a bizarra situação.

O elaborado conteúdo do comunicado do CA da FCG motivou reacções dos mais diversos quadrantes da sociedade portuguesa. Mais ou menos "sentimentais" ou mais ou menos "oportunistas", muita gente fez questão de se pronunciar. E a grande maioria repudiando a inesperada e negativa decisão da responsabilidade de Rui Vilar (n. 1939), o Presidente do Conselho de Administração em exercício. Uma onda de incredulidade, desgosto e rejeição varreu as pessoas mais ligadas à dança pelo país fora, e até algumas no estrangeiro. Os telejornais deram a notícia e as rádios e cadeias de televisão foram pródigas em opiniões e entrevistas com artistas e pessoas com ligações mais afectivas ou mais profissionais ao BG. Rui Vilar foi dando algumas explicações mais ou menos lacónicas mas, sobretudo, pouco convincentes. Quer para o comum dos cidadãos – quem nem estaria especialmente vocacionado para as áreas artísticas, designadamente a da dança – quer para artistas e admiradores de 44 anos de ininterrupto trabalho do BG, era difícil entender que o factor financeiro (coisa, aliás, difícil de acreditar na mais rica e poderosa fundação portuguesa e considerada uma das mais cotadas a nível europeu) viesse a determinar a sorte de um agrupamento filho, justamente, de uma instituição que em Portugal era conhecida como a mãe da filantropia artística, científica e cultural. Era este o paradoxo que estava subjacente ao triste acontecimento e que feria de fragilidade qualquer das explicações emanadas do CA ou da presidência da FCG. Até porque ninguém acreditou que as alternativas oferecidas alguma vez viessem a ser cumpridas e, muito menos, a dar algum resultado positivo.

Como sempre foi habitual na conhecida e respeitada instituição, a situação, apesar do percalço do prematuro anúncio, foi tratada com grande cuidado e de modo a evitar o menor "dano" possível à Fundação na opinião pública. Teresa Patrício Gouveia (n. 1946), antiga Secretária de Estado da Cultura (1985-1990) e ministra de várias pastas em governos do PSD-Partido Social Democrata, e então responsável pelo pelouro que geria o BG na Fundação, prudentemente remeteu-se ao silêncio e Rui Vilar, rapidamente, trocou a disponibilidade para os devidos esclarecimentos pela negação a futuras questões. Naturalmente por se esperarem demasiado inconvenientes para serem respondidas. É que se não era, definitivamente, um problema estritamente do domínio financeiro e se a FCG não decidira fechar de uma assentada todos os agrupamentos artísticos (ou seja o *ballet*, a orquestra e o coro) porque se aniquilaria, justamente, um organismo que sempre contribuiu para elevar bem alto o nome de Calouste Sarkis Gulbenkian dentro e fora das fronteiras portuguesas?

Nos dias seguintes sucederam-se os mais diversos comentários em entrevistas quase sempre muito emocionadas, designadamente de bailarinos, professores e coreógrafos, no activo ou não, na esperança de que os seus argumentos e, sobretudo, indignação pudessem demover a FCG da decisão tomada. Opiniões negativas vieram de todos os quadrantes – como se pode comprovar pelos registos na imprensa – até porque poucos acreditavam na "necessidade" de acabar com a companhia e, muito menos, nas promessas de (boas) alternativas. Transcreve-se, de seguida, uma notícia publicada no dia seguinte ao comunicado, que fizemos enquanto crítico de dança do diário português de maior tiragem:

A comunidade da dança está em estado de choque e incrédula mas já começou a reagir com a notícia da extinção do BG. Além de uma petição *online* dirigida ao Conselho de Administração da Fundação – que até ao momento já conta com quase 4000 assinaturas – está previsto um "encontro de cidadania" amanhã, pelas 19h30, nos jardins da Gulbenkian. A mais sólida referência da dança nacional, terminou abruptamente, ao fim de mais de quatro décadas, com um comunicado lacónico e ferido de contradições. Subscrito por uma ex-Secretária de Estado da Cultura do PSD, Teresa Patrício Gouveia, para "alimentar", segundo tudo leva a crer, um projecto de uma outra ex-Secretária de Estado da Cultura (mas do PS), Catarina Vaz Pinto, que, juntamente, com Pinto Ribeiro – cuja formação básica é a Filosofia – dirige, há uns meses, um programa de "criatividade e formação artística" na Fundação Gulbenkian. O cancelamento de todos os trabalhos em curso – incluindo os ensaios para uma oficina coreográfica, a apresentar em breve, e para as peças já programadas para a próxima temporada – surgiu como uma punhalada. Problemas financeiros parecem não se colocar, já que as verbas do defunto BG irão directamente para os mencionados cursos que, a avaliar pelos resultados apresentados recentemente no Acarte, não auguram nada de positivo! E será que "os tempos mudaram" na FCG apenas para a dança ou já estão na calha a orquestra e o coro para mais uma execução a frio? Quem conhece o percurso do grupo sabe que a primeira vez que se falou em extinção remonta ao chamado "pós-25 de Abril". Numa época de uma certa confusão, apenas o testamento de Calouste Gulbenkian – que, tanto quanto é possível verificar, nem refere a existência de qualquer orquestra, coro ou grupo de bailado – e os esforços de Madalena Perdigão, terão, então, assegurado a companhia. O nível artístico e profissional do BG, sem dúvida uma das melhores companhias de dança contemporânea da Europa, nunca teve paralelo no nosso país. Além de que, poucas companhias no mundo possuem um acervo de obras tão extenso e representativo. Durante todos estes anos, ela foi a verdadeira companhia nacional, formando públicos e um número muito significativo de profissionais. O BG marcou percursos, renovou visões e, sobretudo, "elevou a vivência artística de um público

limitado em opções e artisticamente subnutrido" tornando-se, indiscutivelmente, "património nacional". Na opinião da esmagadora maioria, este desbaratar de elementos artísticos e humanos não faz justiça à FCG nem a Portugal e, pelas reacções nada ingénuas de certas "personalidades" – a quem a dança muito pouco ou nada deve – já se vislumbra um bando de abutres pronto a saltar em cima da carne ainda latejante da melhor companhia portuguesa de todos os tempos (Laginha, 2005b, p. 40).

Logo por baixo surgiu impressa em “caixa” a opinião de uma personalidade de peso na dança internacional: Nacho Duato, coreógrafo e director da Companhia Nacional de Dança de Espanha, com diversos trabalhos no repertório do BG. O famoso artista lamentou a situação e disse não compreender como é que num país em que a dança não tem uma tradição como no seu, acontece uma coisa destas.

Jorge Salavisa, com alguma inabilidade para se expressar em público – característica que o próprio refere na sua autobiografia (Salavisa, 2012, p. 245) – na qualidade de antigo director da companhia, foi muito solicitado na altura a prestar declarações. A sua posição foi bastante ambígua pois pareceu concordar com a extinção da companhia “desde que as verbas não faltassem para futuros projectos” e afirmou ao DN, “tenho um enorme respeito pela Fundação Gulbenkian. E, nesta perspectiva, só posso confiar na decisão do CA. Penso que foi reflectiva e pensada, apesar da minha primeira reacção ter sido de choque. Acho, no entanto, que as chamadas modalidades alternativas podem ser uma boa solução” (Salavisa, 2005, citado por Figueiredo, 2005, p. 34). Anos passados, acrescentou apenas, no seu revelador livro, não ter ficado “surpreendido” (Salavisa, 2012, p. 228). Opinião muito lacónica e que deixa transparecer o seu conhecimento sobre o que, internamente, já se estava a planear.

Como se pode inferir, perante a falta de respaldo da parte da FCG, é na imprensa que se faz o debate e o confronto de opiniões. No jornal A Capital do dia seguinte à saída ao comunicado da Fundação, surgiu uma notícia com o título “Extinção do Ballet Gulbenkian” e subtítulo: Rui Horta vê aspectos positivos, Wellenkamp lança acusações”. Aquele, provavelmente esperando dividendos da situação, dá-se ao trabalho de enviar à agência Lusa um comunicado que vai contra a corrente da maioria dos testemunhos com origem em artistas que sentiram a perda da companhia com dor na alma e aperto no coração. Horta, o gestor cultural, qualificou de “positivas as medidas anunciadas pela Fundação Gulbenkian para intervir na área da dança, depois da extinção da sua companhia” e, acrescentou, “numa primeira leitura dos objectivos do futuro programa de intervenção da Fundação Gulbenkian, na área da dança, só consigo vislumbrar aspectos positivos e necessários ao país” (Capital, 6 de Jul. 2005, p. 56).

Quando, uns dias após a dramática tarde de 5 de Julho, Paulo Ribeiro voltou à Fundação muitos bailarinos – sobretudo os mais maduros e que estavam particularmente descontentes com a sua inabilidade directiva, falta de competência para levar por diante o

projecto e, sobretudo, a mais completa ausência de solidariedade num momento de enorme tensão pessoal e artística – convidaram-no a ir embora de vez.

Perante tais (complexos) factos, alguns nomes ligados à política foram, de imediato, confrontados com a situação e, tanto o Presidente da CML como a Ministra da Cultura da época se sentiram na obrigação de vir a público prestar algumas declarações de circunstância. E que, o futuro, viria a provar serem completamente demagógicas. O *Diário de Notícias* fez, aliás, título com uma delas, "Santana Lopes deseja 'preservar' Ballet Gulbenkian":

Santana Lopes, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa (CML), decidiu propor o início de conversações com a administração da Fundação Gulbenkian, no sentido de procurar solução para o Ballet Gulbenkian (BG), conforme comunicado emitido ontem à noite. O DN soube, junto de fonte da autarquia, que a CML procura uma solução que concilie os interesses da Fundação Gulbenkian e do Ministério da Cultura. Sendo ponderada a eventual integração do BG na Associação Música, Educação e Cultura (responsável pela Orquestra Metropolitana), e levantando-se, como possíveis sedes residentes, os espaços do Teatro São Luiz ou o Cinema Paris (a recuperar na Estrela). Paulo Ribeiro, director artístico do BG, afirmou ao DN "Não me parece que isto pressuponha um projecto de trabalho. Parece-me mais uma demagogia, uma posição eleitoralista. Estou muito cansado deste jogo de aparências. Por mim, não vou dar qualquer passo neste período delicado." O coreógrafo diz achar "isto tudo muito estranho". O director artístico do BG confirmou ao DN ter recebido ontem, à hora de almoço, um telefonema da vereadora da cultura da CML, Maria Manuel Pinto Barbosa, "mas foi tudo muito rápido e a conversa ficou de ser retomada". A estranheza do coreógrafo resulta de episódio que recorda: "Há três anos, quando fui convidado para o BG, planeando trabalho, fiz contactos com Maria Manuel Pinto Barbosa, no sentido de se encontrar um espaço na cidade para estabelecer um *interface* entre a companhia e o resto do mundo da dança, com actividades pedagógicas, produções de outras companhias, todo um programa retirado da subcave da Av. de Berna. Disse-me que não faria muito sentido um espaço para uma instituição rica, quando há outras que precisam. Fui eu quem lançou o desafio e não tínhamos voltado a falar". No comunicado, a presidência da autarquia afirmou que, "respeitando" a decisão da Gulbenkian de extinguir a companhia de bailado, "considera também que, em Portugal, onde existem poucas instituições de referência no campo da cultura e das artes, designadamente companhias de bailado, os poderes públicos não podem assistir com indiferença ao desaparecimento de todo um património de excelência que deve ser preservado, incentivado e devidamente enquadrado". A vereadora da cultura irá conduzir o processo para tentar encontrar uma solução com a administração da Gulbenkian e com o director artístico da companhia, bem como com outras instituições e

personalidades ligadas a este sector, adianta o comunicado da CML. "Não temos conhecimento de que tenha havido qualquer contacto prévio [com a autarquia]", limitou-se a dizer ao DN Leonor Vaz, do gabinete de comunicação da Gulbenkian, ressaltando que, pela hora a que foi emitido o comunicado da CML, não era possível confirmar se a administração o recebeu (França & Lobo, 2005, p. 18).

Notícias posteriores sobre o desmembramento do BG informavam o público, de forma categórica, que a "Administração da Fundação não volta atrás" complementando Rui Vilar a decisão com a seguinte frase: "a decisão de extinção foi unânime e é já irreversível" (Pereira, 2005, p. 45). Depois de receber uma carta enviada por bailarinos e colaboradores do BG a Ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, admitiu estar disposta a "dialogar com o elenco, a Fundação Gulbenkian e a Câmara Municipal de Lisboa, que se disponibilizou para encontrar uma solução" (Canelas, 2005, p. 33), pouco antes de aqueles terem remetido, via Internet, um convite para a derradeira apresentação do grupo:

A Mayra Becker, a São Castro, a Mónica Gomes, a Barbara Griggi, a Sofia Inácio, a Wubkje Kuindersma, a Laura Marín, a Daniela Neugebauer, a Cláudia Nóvoa, a Ana Cláudia Ribeiro, a Sylvia Rijmer, a Iolanda Rodrigues, a Sandra Rosado, a Ana Sendas, a Teresa Alves da Silva, a Ann De Vos, a Lindanor Xavier, o Jordi Alguacil, o Allan Falieri, o Bernardo Gama, o Bruno Guilloré, o Hillel Kogan, o Danilo Mazzotta, o Pedro Mendes, o Carlos Prado, o Rui Reis, o Romeu Runa, o Jermaine Maurice Spivey e o Rodrigo Vieira, reunir-se-ão por uma última vez em palco, no próximo domingo dia 31 de Julho, pelas 19h00, no Teatro Camões. Gozarão o prazer de estarem juntos em palco, fazendo com paixão aquilo que mais gostam e melhor sabem: DANÇAR! Com esta oportunidade pretendem, uma vez mais, transmitir, a todos os que a eles se queiram juntar, esse sonho de se exprimirem com movimento, sensações capazes de despertar no corpo de todos nós viagens sem fim...Mauro Bigonzetti, coreógrafo de *Cantata*, e todos os seus co-autores, ofereceram os direitos para que esta obra seja, de novo, apresentada. O complemento será servido com uma pequena surpresa que contará com a presença ao vivo dos Danças Ocultas. As entradas gratuitas serão distribuídas no Teatro Camões, no domingo, dia 31 de Julho, a partir das 15h00¹.

Na manhã do dia em que se agendou o evento, um dos jornais que referenciou o assunto foi, uma vez mais, o *Correio da Manhã*, no qual publicámos um outro artigo, tendo o matutino seguido atentamente todo o desenrolar deste assunto e noticiado do seguinte modo:

O pesado e estranho clima que se vivia ontem nos estúdios de dança da Fundação Gulbenkian (FCG), onde os artistas do Ballet Gulbenkian (BG)

¹ Existe uma cópia impressa do documento digital no acervo do Centro de Dança de Oeiras.

ensaiavam juntos pela última vez, podia-se resumir à frase de uma das bailarinas – "É muito bom e, em simultâneo, demasiado triste". Assim resumia Cláudia Nóvoa, a sensação de desconforto, receio, desilusão, frustração e muita, muita mágoa. Todos sabiam que o espectáculo que vão apresentar hoje, pelas 19h00 no Teatro Camões, composto pelas peças *Cantata* e *Aqui e agora*, é uma espécie de "birra de morto", após uma decisão inqualificável e inesperada, irreversível e tomada por unanimidade pelo Conselho de Administração (CA) da FCG. Os 27 artistas decidiram agradecer ao público o seu carinho e solidariedade dançando uma das melhores obras criadas no grupo (para o Porto 2001) *Cantata*, de Mauro Bigonzetti, e um trabalho em estreia sobre a música de um grupo com o qual criaram uma enorme empatia – Danças Ocultas (Laginha, 2005c, p. 38).

Considerando valiosas as opiniões e a visão de alguns artistas com uma estreita ligação à companhia, empenhámo-nos na recolha dos seus depoimentos nas vésperas da apresentação para complementar o artigo em causa, os quais passamos, seguidamente, a transcrever. De acordo com as palavras de circunstância de João Costa, um antigo bailarino que se tornou assistente da direcção do BG:

Esta é mais uma oportunidade de estarmos todos juntos. É uma forma assumida de ter a sensação de um "último espectáculo" já que o que foi determinado pela FCG – por coincidência no Teatro Viriato, onde Paulo Ribeiro, o director artístico, tem a sua companhia de dança – os bailarinos não o sentiram como tal, por, então, não conhecerem as intenções da entidade patronal. Para eles tem sido muito importante todas as reacções vindas do público anónimo, admiradores e amigos, que demonstraram as mais variadas formas de apoio à sua causa repudiando a forma como a FCG acabou com uma instituição tão emblemática. Nestes dias sentiu-se a força da indignação de um público que se identificava com a companhia e reconhece a qualidade do trabalho que todos nós fazíamos. A petição *online*, para enviar ao Conselho de Administração da FCG, já vai em quase 20000 assinaturas, além das inúmeras cartas de repúdio que artistas e outras pessoas enviaram directamente (João Costa, 2005, citado por Laginha, 2005c, p. 38).

Carlos Prado, um veterano que pensava que não iria dançar mais com os seus colegas pois, praticamente, já tinha "arrumado as sapatilhas" recordou que, em Viseu, dançou oficialmente o seu "último espectáculo" pois a sua reforma – como bailarino – estava para breve, após dezasseis anos na Gulbenkian e mais alguns, antes, na CNB. "Tenho muito gosto em estar com os meus colegas pela derradeira vez, se bem que vou dançar com uma companhia que já não existe" – diz num misto de ironia e pesar (Carlos Prado, 2005, citado por Laginha, 2005c, p. 38)

O bailarino israelita Hiller Kogan, que viveu sete anos em Lisboa enquanto fez parte do elenco da companhia, afirmou:

É muito duro dançar nestas condições. Quero despedir-me do público pois estou convicto que ele merece o nosso adeus, digno e sincero, ao contrário do que o Conselho de Administração da FCG planeou. Seria uma falta de respeito acabarmos de um modo envergonhado e desonroso. Depois vou-me afastar um pouco para reflectir sobre a minha carreira e a minha relação com Portugal. Isto para mim foi mais do que um choque, foi uma primeira morte que preciso de digerir (Hiller Kogan, 2005, citado por Laginha, 2005c, p.).

Cláudia Nóvoa que, para além de bailarina, já estava a investir numa carreira de coreógrafa, acrescentou:

Tem sido muito difícil controlar todas as emoções. Muitos de nós nem acreditam no que se está a passar. Está ainda tudo muito à flor da pele. Este corte nas nossas vidas é uma realidade muito dura de aceitar. Parece uma coisa de contornos surrealistas pois o nosso trabalho que era válido, honesto e muito importante foi aniquilado sem mais nem menos. Vai ficar um vazio muito profundo porque o país necessita de uma companhia como a nossa e não existe outra que se lhe compare! Pessoalmente tenho pena de no futuro não poder levar os meus filhos a ver a companhia como me levaram a mim e a milhares de crianças ao BG. Muitos portugueses tiveram nele, ao longo de mais de 40 anos, o seu baptismo na dança (Cláudia Nóvoa, 2005, citada por Laginha, 2005c, p. 38).

O conhecido coreógrafo italiano requisitado internacionalmente, Mauro Bigonzetti, director artístico da mais relevante companhia de Itália, o Aterballetto, confessou a sua mágoa ao CM, visivelmente consternado depois de conversar e abraçar alguns bailarinos do BG:

É muito difícil falar duma companhia na qual remontei uma peça e criei outra e que me deixaram as melhores recordações. Tenho trabalhado em muitas companhias pelo mundo fora e, entre elas, destaco duas, uma clássica, o New York City Ballet, e uma contemporânea, o Ballet Gulbenkian. São instituições diferentes mas que se situam a um mesmo nível profissional. Em ambas os artistas possuem uma especial inteligência e uma cultura muito profunda. O Ballet Gulbenkian é uma força artística que fará muita falta não só a Lisboa, como a Portugal e... à dança no Mundo. É bastante triste que a política possa causar mais danos que a própria ignorância. E mais não digo (Mauro Bigonzetti, 2005, citado por Laginha, 2005c, p. 38).

Depois do último suspiro do BG e do som das últimas palmas, no dia seguinte, o *Correio da Manhã* publicaria um texto mais informativo do que crítico:

O "teatro azul" da Expo, que o Ministério da Cultura (MC) "despachou" para a dança e que passa o tempo "às moscas", rebentava ontem pelas costuras com um público muito especial que, ao fim da tarde, assistiu a um espectáculo memorável. Tratou-se da última vez que o elenco

do Ballet Gulbenkian – oficialmente extinto no dia 5 de Julho – se reuniu em palco. Os 29 bailarinos (e mais o pessoal de apoio) quiseram mostrar reconhecimento ao seu público, fazendo aquilo que melhor sabem fazer, dançar com talento, carisma e generosidade. Por outro lado os que amam e sempre assistiam aos seus espectáculos – na Praça de Espanha ou em qualquer outro palco do país ou estrangeiro – quiseram demonstrar um apoio simbólico aos que hoje sofrem devido a uma decisão desleal e pouco própria da Administração da FCG com a qual estilhaça a mais antiga e prestigiada companhia de dança nacional.

Este "pesadelo de uma tarde de Verão" surgiu quando a FCG decidiu, de uma maneira sobranceira, dar o golpe de misericórdia na sua companhia de dança – o elo mais fraco – não beliscando o coro e a orquestra. Ao invocar "mudança de tempos e vontades" não o terá feito da maneira mais inteligente já que poderia aproveitar-se das comemorações dos 40 anos do BG e da dos 50 anos da Fundação, em 2006, para parecer menos mal engendrando uma temporada "de despedida". Num país em que a dança dos "novos tempos" (e que de dança tem cada vez menos) vive divorciada do comum dos cidadãos e a única companhia de reportório, a CNB, afina pela mediocridade, os artistas do BG deram uma bela lição de profissionalismo. A consternação e o sentimento de perda eram bem visíveis em muitos artistas (dentro e fora do palco do Teatro Camões) e no público que conseguiu reservar bilhetes. A procura superou, de tal modo, as expectativas que a "organização" ainda tentou providenciar um ecrã gigante para todos se associarem a este movimentado "velório" de um corpo que insiste em não baixar à terra. Na 1.^a parte *Cantata* uma das mais emblemáticas e emocionantes obras que o BG dançou com enorme sucesso pelo país e estrangeiro. A fechar o espectáculo *Aqui e agora*. Assim cai o pano sobre 44 anos de história com o desbaratar de um valioso capital artístico e humano como não há memória no país! Este crime de lesa-cultura decorre de um processo inquinado e que tresanda a (baixa) política. O Ministério da Cultura faz acordos com Madrid – nas pessoas de Isabel Pires de Lima e Carmen Calvo, respectivamente ministras da Cultura para intercâmbios artísticos vários mas é pena que não olhe para o que se passa dentro das fronteiras de um país que deixa "assassinar pelas costas" uma referência artística tão importante como o BG –, enquanto o Instituto das Artes subsidia os projectos dos "amigos" e o MC esbanja milhões de euros com a CNB, para cobrir os buracos orçamentais e os caprichos de uma direcção medíocre, a boa dança "morre por decreto" arrastando consigo memórias de um trabalho sólido e pioneiro que se desfaz na espuma das ondas de um mar com vista para um país continuamente aviltado. Um estado que deixa arder florestas e cair património edificado permanece impávido perante a decisão de uma Fundação que, embora privada, tem responsabilidades públicas já que também goza de certos privilégios e benesses (Laginha, 2005d, p. 26).

E o *Diário de Notícias* relatava no mesmo tom o último espectáculo do ex-BG com um título idêntico – *Despedida emocionada*:

O público acorreu ao Teatro Camões para assistir à última representação do Ballet Gulbenkian e os bilhetes não chegaram para todos. Os bailarinos não encontraram melhor solução do que vir dançar para a rua e foi uma excitação. Flores aos molhos, muitas palmas, abraços e algumas lágrimas nos olhos, marcaram, ontem à noite, no Teatro Camões, no Parque das Nações, Lisboa, a despedida do Ballet Gulbenkian – que oficialmente já perdeu o título e, com bastante ironia, fez imprimir cartazes onde se lia: "Os bailarinos da 'Avenida de Berna' voltam a reunir-se". A noite foi de emoção para todos e o único 'senão' de um serão que prometia ser perfeito foi mesmo a confusão que se armou à porta do teatro. É que apareceu muito mais gente do que a organização esperava e, mesmo depois da direcção da sala ter colado um papel onde se lia "Lotação Esgotada", as pessoas não desarmaram e continuaram a fazer fila à porta do Camões [...]. O Ballet Gulbenkian, no espectáculo de despedida, não só ofereceu a sua arte a amigos e desconhecidos, mas ainda subverteu a tristeza que, à partida, dominava os ânimos [...]. O programa e a mensagem divulgados pelo Ballet Gulbenkian, em folhas A4, sob o título "Domingo no Teatro Camões" [...] podia tomar-se, à partida, como uma espécie de epitáfio para participantes no ritual fúnebre da companhia. "Não venho ao funeral, faço parte do morto, de alguma maneira", dizia Nuno Carinhas, acompanhado pela cenógrafa Ana Vaz. O ex-colaborador do BG, também cenógrafo e figurinista [...] lamentava que, no quadro do encerramento diário de fábricas no país, "tenham resolvido fechar uma das tão poucas fábricas de beleza que tínhamos". Tristeza, perplexidade, indignação e desconfiança dominavam a atmosfera que os bailarinos subverteriam, porém, na sua desesperada e contagiante alegria. Desespero da impotência para inverter o destino por outrem definido, alegria de dançar ainda assim, logo na explosão telúrica e erótica de *Cantata*, "a agradecer a onda de calor que se gerou à volta deles". Esta vontade que determinara a prestação pública e gratuita no Teatro Camões, pequeno nos seus quase 900 lugares para acolher quantos queriam integrar "a onda", levando os 27 intérpretes da coreografia colectiva *Aqui e agora*, com os músicos do Danças Ocultas, a uma *performance* suplementar à beira Tejo [...] Tanto que Paulo Ribeiro, o último director, chegado com a família [...] só articulou duas frases "Vim ver os bailarinos pela última vez. Agora não vou dizer nada."

Entre a imensidão de gente que, num domingo 31 de Julho, esperara, firme e com mais de uma hora de antecedência, a abertura da bilheteira improvisada no *foyer* [...] ombreavam figuras públicas com cidadãos anónimos. À aproximação das 19h00, observava-se certa exaltação por parte de quem não chegara a tempo para ter ingresso – largas dezenas, amontoadas à porta. Entre as figuras públicas [...] encontrámos o casal

Manuel Maria Carrilho/Bárbara Guimarães. O professor de filosofia, ex-ministro da Cultura e candidato à presidência da CML, que não tem querido "falar sobre isto" nem comenta propostas avulsas mas acha "um bocadinho esquizofrénico fazer distinções entre o cidadão e o candidato", fez breves declarações ao nosso jornal. "Em primeiro lugar, foi uma decisão lamentável extinguir o BG. Azeredo Perdigão, como se sabe, era de Viseu, era um conhecimento de família e, desde miúdo, segui o projecto. O BG era uma das melhores representações exteriores do país. Compreendi mal a decisão, que será legítima da parte duma fundação, mas não se pode abrir mão de uma instituição como o BG, assim, sem mais. É um empobrecimento grande para a cidade e para o país. Principalmente num momento em que as coisas estavam a correr bem, do ponto de vista artístico e [da frequência] de público." Tem havido grande desinvestimento e desorientação, com falta de uma política de espaços culturais". A extinção do BG, para o encenador João Lourenço, chegado na companhia da tradutora, dramaturga e professora Vera San Payo de Lemos, "é horrível, inacreditável, não se sabe o que se há-de dizer". Todavia, o director do Novo Grupo/Teatro Aberto diz também que "isto representa um espelho da cultura do país. É um gesto muito feio da Fundação acabar com o BG é acabar com muito trabalho e sacrifício, com uma das melhores companhias de dança do mundo. E é um exemplo para o Governo: se a Gulbenkian o fez, por que não podem outros fazer?" Completamente cúmplice com os atingidos, o cantor Luís Madureira recordava-nos que "Apesar de a Fundação ser livre de fazer o que entender, é uma questão de cidadania. As soluções alternativas apresentadas não me parecem suficientes, enquanto frequentador ou enquanto colaborador" (Lobo, 2005, p. 19).

E o mesmo jornal fechou o ciclo com um artigo sob o título: "Então e agora?":

Vai tudo de férias e acabou-se? Em Março, estava longe de pensar que "Le Sacre du Printemps", de Stravinsky, na coreografia de Marie Chouinard, e a de Paulo Ribeiro para três partituras de John Cage/Drum'n Bass, seriam as últimas peças dançadas no Grande Auditório da Fundação pelo Ballet Gulbenkian (BG), estreado como Grupo Gulbenkian de Bailado, que segui desde o Politeama, de 1965 até à abertura do edifício-sede. Ainda em Março, pensava, sim, que o BG, com fases mais e menos boas nestes 40 anos, exibia excelente energia criativa, nível artístico e técnico. Anteontem, fora da fundação como há 40 anos, dançou pela última vez o BG, na sede da Companhia Nacional de Bailado, sua filha clássica, de si saída em 1977. Será conseqüente a acção cultural anunciada por uma administração que, abruptamente (com um estúdio coreográfico em marcha, uma temporada publicamente anunciada e ensaios já iniciados e muitas assinaturas vendidas), cancelou tudo e extinguiu a companhia? Ao contrário de tanta empresa e instituição, a Gulbenkian goza de boa saúde financeira. Porque não decidiu, por exemplo, anunciar a temporada a vir como última,

propondo, a poderes públicos e eventuais mecenas, a continuidade do grupo noutros moldes? Era o mínimo a esperar duma entidade cujo respeito se nos impusera, oásis no nosso deserto, mantendo-se, mesmo após 1974, na vanguarda da oferta artístico-cultural. Em anos recentes, porém, à mão que dava sobrepôs-se a mão que tira (Jornadas de Música Antiga, Encontros de Música Contemporânea, Bibliotecas, Encontros Acarte). O próprio Serviço Acarte foi extinto. Acredita-se que, quem liquida um serviço de educação pela arte (Acarte) aposte, fundamentalmente, na formação, conforme apregoa? O BG formava, enquanto escola e viveiro de criadores dele saiu a geração da Nova Dança Portuguesa. No entanto, é mais barato financiar avulso, exibindo a flor mecenática na lapela... embora as frágeis companhias existentes não tenham, de todo, condições para suceder ao BG (França, 2005, p. 14).

Muitas foram as reacções ao desaparecimento do BG a nível da imprensa especializada internacional. O que equivale a dizer que se levantaram muitas vozes no estrangeiro de pessoas familiarizadas e (ou apenas) admiradoras do trabalho da companhia portuguesa. O *Neue Zürcher Zeitung* (o diário suíço-alemão publicado em Zurique) em 18 de Julho escreveu:

Na Fundação Gulbenkian em Lisboa os administradores mantêm-se silenciosos, ou estão de férias ou incontactáveis por outra qualquer razão. O departamento de relações públicas (da instituição) promete retornar as chamadas mas isso não acontece. Parece que em Lisboa todos se entrincheiram atrás de portas fechadas até que todos deixem de ligar...(<http://balletgulbenkian.blogspot.pt/>)

O alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung* de 21 de Julho, sob o título "Sem Razões" afirmou que "Foi dissolvida a melhor companhia da dança portuguesa. A notícia, sem justificação, deixa Portugal sem uma única conhecida companhia". (<http://balletgulbenkian.blogspot.pt/>)

"To say that the closure of Ballet Gulbenkian is a huge disappointment is the understatement of the century. A cultural institution, an iconic dance company, the company that most dancers and choreographers can only dream about- what a loss for the dance community and for the world. As a member of the most underappreciated art form in Canada, I must admit that yet another company closure is (unfortunately) not surprising anymore. But for the culturally rich country of Portugal to make such a decision is mind-blowing. Is globalization killing yet another country's cultural integrity? Because that is what it is-integrity- a respect for your country's identity, heritage and innovative spirit. Dance is the most accessible art form to promote a country's identity to the rest of the world. Dancers represent a nation's most effective cultural ambassadors. Portugal might as well stop producing and exporting wine...! With my heartfelt wishes to the dancers who, once again must bear the brunt of a heartless bureaucracy's decisions-

keep on pushing. The dancers of the world are within your struggle” foi publicado por Neelanthi Vadivel, Montreal, Canadá em (<http://balletgulbenkian.blogspot.pt/>)

E nos Estados Unidos da América – Califórnia –, a revista bilingue *Danzahoy* (publicada na Internet em inglês e castelhano), então, encomendou-nos o texto "Extinción del Ballet Gulbenkian: a sangre fría", que, devido à sua extensão, incluímos neste trabalho como anexo¹.

Entre a fatídica notícia da extinção do BG e o derradeiro espectáculo – a 31 de Julho – mediaram 25 dias. Nos círculos mais próximos dos bailarinos do agrupamento que nasceu na Praça Olegário Mariano e foi se finar em terrenos da Expo'98 (já sem João Ribeiro da Silva e Madalena Perdigão entre o número dos vivos), ainda se “ouviu falar de histórias de ameaças e retaliações traiçoeiras sobre alguns artistas mais interventivos. Diz-se que os telefones da área do bailado estavam sob escuta (para se saber tudo o que os bailarinos revelavam para o exterior quando para tal eram solicitados) e que um deles foi, mesmo, chamado à direcção dos Recursos Humanos e avisado para ter muito cuidado com o teor das suas conversas e revelações sobre assuntos (do que restava) da vida interna da companhia. É claro que confrontados com a “deserção” de Paulo Ribeiro, uns poucos artistas, vendo o Ballet Gulbenkian desmoronar-se perante os seus olhos, enquanto ainda lhes era permitido o acesso aos estúdios e áreas circundantes, não só falaram para a imprensa – e, sobretudo, para algumas rádios – como deram a cara para as televisões. Também tomaram algumas iniciativas complementares que, então, julgaram positivas e necessárias, por desconfiarem da boa-fé da Administração. Tais como contactar a directora do Museu Nacional do Traje, ao tempo, Madalena Braz Teixeira, a fim de a sensibilizar para a preservação da importantíssima colecção de figurinos da companhia. Diligência completamente inútil como, futuramente, havia de se comprovar” (entrevista com Vasco Rebelo de Sousa, Lisboa, 2010).

Inconformados com o fim acre do BG, os mais resilientes ainda questionaram a FCG e até consultaram escritórios de advogados especializados em direito de trabalho com o intuito de contestar, na Justiça, a extinção do grupo de dança, pondo em causa todo o enviesado processo de rescisões "amigáveis" de contractos. Mas, até com receio que isso os viesse a prejudicar financeiramente em cima da mesa das negociações, tudo se desfez na espuma do tempo e quase dois meses sobre a extinção da companhia um prosaico e lacónico artigo saído em vários jornais diários e passado nas estações de rádio tentava colocar uma pedra sobre o caso.

A 13 de Outubro a TSF repetiu nos noticiários, ao fim da tarde, o seguinte texto: "Os bailarinos do BG chegaram hoje ao fim do processo de acordo, com a Administração, para a rescisão dos seus contractos. Na sequência da notícia de 5 de Julho irão todos receber uma

1 Ver Anexo I.

quantia igual, ou superior, à soma de quatro anos de vencimentos." Na verdade, cada um, *per sí*, artistas e técnicos do grupo, desde logo, aceitaram de bom grado a negociação das rescisões amigáveis dos contractos.

No dia seguinte, a 14 de Outubro de 2005, saiu a público uma "breve" num jornal de referência com o seguinte título, "Acordos concluídos no Ballet Gulbenkian", baseada no mesmo comunicado da Agência Lusa em que se afirmava que "as negociações decorreram de forma muito individual, mas, independentemente da categoria profissional, cada trabalhador recebeu, no mínimo quatro anos de salários" (Diário de Notícias, p. 40).

Encerrou-se, assim, um caso que deixou muitas dúvidas em alguns que afirmavam conhecer a lei e que continuaram a garantir que "se os trabalhadores do BG tivessem, em conjunto, feito valer os seus direitos a companhia não teria acabado de uma maneira tão inglória!" (afirmação de artista que solicitou o anonimato).

Fora dos muros da Gulbenkian, as manifestações de repúdio e descontentamento foram, gradualmente, esmorecendo até que todas as vozes emudeceram e na Internet deixaram de aparecer notícias e os respectivos comentários.

Restava ainda saber o viria acontecer ao riquíssimo espólio do BG. Um património que, em caso algum, deveria cair no esquecimento, como já havia acontecido a muitas peças de cenografia, desperdiçadas no lixo a pretexto de não haver espaço de armazenagem e, até, a figurinos que foram parar à CBN ou a pequenos grupos como a Companhia de Dança de Almada e a CeDeCe sediada em Setúbal. Nelas, muitos deles acabaram por se estragar ou serem reconvertidos, enquanto os restantes foram entregues aos seus autores (figurinistas) que os receberam em suas casas, seguramente, com mais angústia do que entusiasmo. Faltava ainda dar destino ao (muito) material impresso sobre a companhia – que viria a ser catalogado mas não acessível ao público – já que os registos de imagem foram, muito discretamente, desaparecendo ao longo dos tempos...

Em 2012 o jurista e político Rui Vilar, terminou, sem grandes sobressaltos uma década à frente da Administração da FCG (2002-2012) com uma intensa mancha no seu *curriculum vitae*, chamada BG. Um acidente que o tempo atenuou mas não conseguiu limpar! Pouco preocupado em conservar a memória de várias décadas e um riquíssimo espólio documental e artístico, foi da sua pena que saiu o despacho que ditou a solução para, rapidamente, esvaziar o armazém de guarda-roupa no " piso menos dois". Rui Vilar mandou oferecer os figurinos aos autores que os desenharam, ficando a FCG apenas com algumas peças para..."recordação". Estando perfeitamente ciente que, tanto o material cenográfico como uma imensa quantidade de figurinos – associados a muitas centenas de obras criadas em Lisboa –, dariam para constituir um museu único e de elevadíssima qualidade, mas que a Fundação preferiu delapidar.

A confirmar a maneira canhestra com que a administração em exercício em 2005¹ lidou com o "caso BG" estão não só o destino das supostas verbas destinadas ao grupo de dança e, provavelmente, canalizadas para o "projecto Pinto Ribeiro" – leia-se Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística (2004-2008) cujos resultados foram mais do que modestos –, como o convite endereçado àquele programador para, no ano seguinte, escrever o capítulo sobre "Arte" no primeiro volume da obra *Fundação Calouste Gulbenkian Cinquenta Anos 1956-2006*. Editada pela FCG, foi planeada por Rui Vilar, como se afirma nos agradecimentos, para coroar as Comemorações do 50.^o Aniversário da Fundação Gulbenkian, a 18 de Julho de 2006, tendo a coordenação dos dois livros sido confiada ao sociólogo António Barreto. Lendo com atenção o último capítulo do primeiro volume (Arte), verifica-se que o programador e ensaísta, António Pinto Ribeiro, para além da pesquisa documental a que teve acesso em primeira mão, através dos arquivos privados da Fundação, no que toca ao BG, exibiu uma postura marcadamente crítica em relação à sua gestão artística, na globalidade, e, muito especialmente, nos últimos anos da sua existência. Como que a justificar o seu encerramento e transferência de verbas para os seus cursos, como corolário de uma necessidade de a FCG entrar por outros caminhos no que tocava às verbas cativadas para a Dança. Pinto Ribeiro parece ter usado bastante da sua criatividade ao sintetizar, num subcapítulo intitulado "Serviço de Música: Glória, Poder e Interrogações", uma resenha do BG – de 1965 a 2005" – em apenas dezassete páginas.

Cerca de quatro anos após a extinção do BG, os seus resquícios resumem-se, praticamente, a dois factos: o "fantasma" da "menina dos olhos" de Madalena Perdigão paira na CNB – qual palhaço Petrushka sobre o triste circo onde foi assassinado – cada vez que se dança no Teatro Camões (justamente no palco onde exalou o seu último suspiro) uma ou outra obra que a companhia herdou do repertório que se dançava na Praça de Espanha, designadamente, *Cinco Tangos* ou *Cantata*; e um inesperado, nostálgico e saudoso "suspiro" na imprensa internacional. Já que a portuguesa – que, tal como o país, tem não só memória curta como é, genericamente, resignado e pouco militante em termos culturais – acabou por se submeter ao poderio e determinação da FCG. Assim, no rescaldo do período *post mortem* da companhia apenas se sinaliza um artigo publicado por Bruce Michelson (2009), antigo mestre-de-bailado do grupo ao tempo da direcção de Iracity Cardoso, na revista inglesa *Dance Europe*, intitulado "Pilgrimage to a Frozen Grave" (Peregrinação a uma Sepultura Gélida). Nele o professor norte-americano refere:

Quando voltei à Fundação Gulbenkian, a antiga residência daquela que tinha sido a principal companhia de dança contemporânea portuguesa

1 Presidida por Rui Vilar e da qual faziam parte três ex-ministros: a já citada Teresa Patrício Gouveia, para além de Isabel Mota e Eduardo Marçal Grilo, o Engenheiro Diogo de Lucena e o Dr. Michael Essayan, neto do fundador Calouste Sarkis Gulbenkian, para além do seu pai o Dr. Mikhael Essayan como Presidente Honorário, e Artur Santos Silva, Eduardo Lourenço e André Gonçalves Pereira, como administradores não executivos).

até ter sido desmantelada (apagada) pelos novos responsáveis pela herança de (Calouste) Gulbenkian. [...] quis rever os velhos estúdios onde trabalhei às ordens da casa e que sobreviveram ao dano perpetrado pelos tecnocratas que deliberadamente obliteraram (destruíram por completo, sem deixar vestígios) quarenta e quatro anos da história da dança portuguesa e para sempre silenciaram um futuro incerto da dança portuguesa. A erradicação do Ballet Gulbenkian ocorreu a 6 de Julho de 2005 e num curto lapso temporal o *website* da Gulbenkian foi limpo de toda informação relevante sobre a companhia. E o que ficou, anos depois, do espírito, do passado e dos seus estúdios? Talvez eu tenha esperado – em vão – ser testemunha de uma vã tentativa de eliminar completamente toda e qualquer evidência de dança da memória colectiva [...] que apenas vieram confirmar as minhas piores suspeitas e demonstra como infundadas as palavras debitadas pelos dirigentes da Fundação em 2005, com a promessa de maior apoio para a dança independente. Acima de tudo, creio que esperaria ver o espaço habitado por "outros" desconhecidos que nem teriam a menor ideia de estar a caminhar sobre o túmulo subterrâneo do Ballet Gulbenkian (p. 22).

Depois do aniquilamento da companhia – e tendo em conta o panorama da dança portuguesa pós-Ballet Gulbenkian – pode-se afixar, sem qualquer exagero, que, com o desaparecimento daquela instituição artística morreu um pouco da Cultura e um muito da Dança portuguesas. Depois da sua infeliz extinção nada voltou a ser como era pois não só o tecido da nossa dança – em termos de estruturas e metodologias criativas – tinha mudado drasticamente, como o investimento e comprometimento do grupo não encontra par nas outras companhias privadas, nem na estatal CNB, que desenvolvem actividade em Portugal no início do século XXI. E, por incrível que possa parecer, ele nunca fez tanta falta ao público e aos artistas nacionais, porque marcou uma época, imprimiu um estilo e atingiu um nível difícil de igualar. Em memória do "grupo de bailado da benemérita Fundação Calouste Gulbenkian" (*Programa do Grupo Gulbenkian de Bailado*, 1966, n.p.), sucessivamente apelidado de GEB, GGB e BG, pleno de saudade, citamos, a finalizar um luxuoso catálogo editado pela FCG, intitulado *Ballet Gulbenkian, 1965/ 1975* e escrito em Dezembro de 1975, que no final do seu primeiro bloco de texto afirma:

Aqui termina a história dos primeiros dez anos de vida do Ballet Gulbenkian. História apenas provisória. Porque a definitiva se há-de fazer quando o decurso do tempo nos permita o distanciamento necessário para, além de registar factos (estes e outros), os julgar serenamente, com interesse mas sem paixão (Leça, 1976, n.p.).

E quase quatro décadas depois da publicação desses escritos, é o que cremos ter conseguido fazer.

Considerações finais

Através deste estudo verifica-se que a criação do Ballet Gulbenkian se ficou a dever à notória procura de melhoria de profissionalismo, bem como de um espaço de trabalho que pudesse elevar o nível e estatuto artístico de um grupo de valorosos bailarinos oriundos dos poucos agrupamentos e estúdios de dança em laboração em Portugal, no início da década de 60 do século vinte.

Ao contrário de muitos outros países pelos quais passaram os Ballet Russes de Diaghilev, em Portugal as suas sementes não deixaram raízes profundas, como se pode verificar na primeira parte deste trabalho, na qual se começou por referir alguns dados importantes sobre a dança portuguesa no século XIX, se abordaram as experiências “baléticas” de Almada Negreiros e amigos e a agitada passagem por Lisboa da mais famosa companhia de dança ocidental do século XX – os Ballets Russes. Tudo isso deu origem a um “impulso nacionalista” que haveria de culminar na criação dos Bailados Portugueses “Verde-Gaio”, em 1940. Nas duas décadas seguintes, a dança portuguesa revelou-se bastante irregular, vivendo na sombra das companhias estrangeiras que visitavam Lisboa e mantinham viva nos bailarinos e coreógrafos nacionais a chama e a esperança de virem a encontrar as condições propícias para desenvolver a sua arte.

Após algumas tentativas menos conseguidas no final da década de 50 e início da de 60 surge em Lisboa o embrião de uma companhia de dança, na sequência de várias propostas de apoio feitas (mais ou menos oficialmente) à jovem Fundação Gulbenkian, financiada com verbas com origem na fortuna do multimilionário arménio Calouste Sarkis Gulbenkian. José de Azeredo Perdigão e, sobretudo, a sua mulher Madalena Perdigão são os entusiastas de um novo paradigma nas artes portuguesas em que a concretização de uma companhia de dança, liberta de cânones tradicionais, não estava fora do contexto da nova instituição e nem dos seus desejos e ambições culturais e artísticas. Em torno de um ideal comum, bailarinos e “amantes” da arte de Terpsícore (familiares e amigos, jornalistas que exerciam a crítica de dança e simples artistas diletantes), partiram para um projecto algo arriscado mas estimulante, com a direcção do inglês Norman Dixon e o inequívoco apoio da FCG. Um grupo de nove bailarinos saídos respectivamente de uma companhia profissional, o “Verde-Gaio” (já numa fase de evidente declínio), do CIC de Margarida de Abreu, e do estúdio de Madame Ruth (Asvin), serviram de base de apoio a um projecto que

haveria de congregar também uma componente pedagógica da qual sairiam mais alguns artistas portugueses que, aos poucos, foram dando forma a uma companhia que se estreou com o nome de Grupo Experimental de Ballet do Centro Português de Bailado. Posteriormente foi chamada Grupo Gulbenkian de Bailado e, por último, Ballet Gulbenkian.

O CPB era uma pequena associação da qual faziam parte figuras ligadas à dança e às artes, com origens e percursos muito diversificados, numa época em que alguns críticos (nomeadamente José Sasportes e Tomaz Ribas) apontavam novos caminhos para a dança portuguesa, e até foi publicado um livro com os mesmos propósitos pelo jurista Luís Carvalho e Oliveira, ligado ao CPB (*Problemas do Ballet em Portugal*, 1962). Numa altura em que circulavam no país duas revistas da especialidade – embora para um público muito reduzido –, tanto uma como outra, para além dos jornais em circulação, faziam uma publicidade relativamente expressiva às companhias estrangeiras visitantes. As quais, aliás, obtinham muito sucesso junto do público e da crítica. Assim como os filmes de dança que, então, estavam muito na moda. Também o surgimento e difusão da rede de televisão viria a contribuir, em Portugal, para uma certa divulgação dos artistas e da nossa dança. Foi num cenário complexo mas estimulante e (até) propício, com a criação da poderosa FCG, que nasceu a mais conhecida e de maior longevidade companhia portuguesa de dança. Note-se que o "Verde-Gaio", oficialmente, funcionou 43 anos (entre 1940 e 1983), embora com diversas discontinuidades, e o BG apenas um ano mais (entre 1961 e 2005), mas, ao contrário da sua congénere, sempre em laboração contínua.

O primeiro período da companhia, sob a direcção de Norman Dixon, foi uma época de muito trabalho – por vezes algo caótico – e sedimentação, junto do público e da crítica. Sempre com o precioso patrocínio e a apertada vigilância de Madalena Perdigão, antes, mesmo, das suas primeiras apresentações públicas. Quando o grupo é oficialmente absorvido pela FCG e a sua administração passa directamente para as mãos do Serviço de Música, dirigido, desde a primeira hora por Madalena Perdigão, esta convida Walter Gore para a sua direcção e muda-lhe, em Outubro de 1965, o nome para Grupo Gulbenkian de Bailado. O "Sr. Gore", foi o director que, definitivamente, chamou a si a imagem do grupo através das suas coreografias e exerceu uma forte actividade pedagógica junto da reduzida "comunidade da dança" portuguesa a vários níveis, designadamente o artístico e o técnico. Com o director seguinte, Milko Sparembek, que assumiu a direcção em 1970, a companhia vira-se definitivamente para o exterior até que o "25 de Abril" veio interromper um ciclo de grande vitalidade e projecção do agrupamento. A saída de Madalena Perdigão da FCG deixa o grupo numa situação peculiar a nível artístico e de gestão, embora a companhia já tivesse passado por alguns períodos sem director fixo, intitulados pelos estudiosos e jornalistas de "interregnos". Sobretudo nesses "intervalos" falou-se, muitas vezes, que a Fundação podia deixar cair o seu grupo de bailado mas, apesar de todas as ameaças (mais ou menos veladas designadamente a seguir à revolução dos cravos) tal nunca aconteceu.

Em 77 o grupo acabaria por transitar para as mãos de Jorge Salavisa, que durante quase duas décadas dirigiu o BG e lhe imprimiu uma dinâmica e um perfil próprios, fortemente apoiado pelos Serviço de Música e administração da FCG, nas pessoas, respectivamente de Carlos Pontes Leça e José Blanco. A sucessora de Salavisa, Iracity Cardoso não teve uma passagem muito convincente artisticamente e Paulo Ribeiro, por vontade da FCG, funcionou como um director “a prazo” até à ruidosa e muito contestada extinção do grupo, no Verão “quente” de 2005.

Uma importante conclusão retirada do nosso estudo é de ordem temporal, uma vez que a partir de agora a história do BG deve ser balizada entre 1961 e 2005, abarcando um período de 44 anos e não de 40 como, erradamente, se tem vindo a considerar até aqui.

A FCG, mãe do BG, sempre foi muito cara aos portugueses por ser uma instituição realmente especial no panorama da cultura artística, no século XX em específico, e para toda a sociedade (portuguesa) em geral. Uma das principais razões desse “fenómeno” é o facto de as suas portas, até praticamente aos anos 90, franqueavam um sonho ao público e a muitos artistas e cientistas. Até à construção de peças arquitectónicas como o CCB, a Casa da Música e o auditório da Culturgest – dentro do enorme edifício da Caixa Geral dos Depósitos –, o complexo-sede da FCG era tudo o que não existia em Portugal e nos aproximava do estrangeiro civilizado. Poderemos até avançar com a remota comparação de que o edifício de Athouguia, Cid e Pessoa é o que, por cá, existe de mais parecido com o famosíssimo Lincoln Centre for the Performing Arts (inaugurado em 1962) no West Side, da ilha de Manhattan, bem no coração de Nova Iorque. Quando as artes teatrais “nobres” (leia-se dança e ópera) praticamente se resumiam em Lisboa – o que equivale a dizer em Portugal – a uma única estrutura estatal, o Teatro Nacional de S. Carlos, tudo o resto eram focos mais ou menos perenes e palcos mais ou menos activos. Aliás, pode-se mesmo afirmar, sem grande margem de erro, que se após a reabertura do S. Carlos, depois da sua remodelação em 1940, ele se tornou num palco de ópera no qual alguns melómanos afirmam que as grandes “vozes” gostavam de se apresentar, também a dança – ainda que de um modo colateral – aí marcava presença em algumas temporadas. Foi, contudo, uma casa de espectáculos mais modesta, o Teatro Tivoli, também na capital, que durante os anos 40, 50 e 60 apresentou, com alguma insistência, as companhias internacionais de menores dimensões que passavam por Lisboa num traçado de rotas que incluíam as grandes capitais europeias.

Mesmo após a criação da Companhia Nacional de Bailado, em Outubro de 1977 – que teve em Armando Jorge o seu director mais duradouro – foi o grupo da Gulbenkian que assegurou uma presença regular e constante da dança nos palcos do continente e ilhas, entre 1970 e 1975, e se internacionalizou com o talento coreográfico e a visão artística de Milko Sparembek. E, após um período “pós-revolucionário”, estabilizaria com o português Jorge Salavisa. Os 44 anos de vida do BG provam que o trabalho de base – embora sempre

passível de questionamento a nível de metodologia e de opções coreográficas – teve continuidade e que, mesmo nascido de um modo pouco usual para os padrões da época no nosso país, os nove artistas que estiveram na sua base provaram bem o seu empenhamento e capacidades artísticas.

Foi recorrente, durante quase meio século, tanto os breves escritos sobre o BG como as resenhas históricas da companhia, começarem com a seguinte ideia da autoria de Sasportes: “improvisou-se o Grupo Experimental de Bailado, posteriormente chamado Grupo Gulbenkian de Bailado” (Sasportes, 1970, p. 279). Ou com essa mesma ideia ainda que escrita de outras formas. O referido escritor – que esteve na primeira direcção do Centro Português de Bailado e foi autor da mais completa história da dança portuguesa – também acrescenta que “dificuldades várias levaram o curso (especial de aperfeiçoamento para bailarinos) a transformar-se, de forma absurda, no pequeno Grupo Experimental de Ballet” (Sasportes, 1970, p. 297). Porém estas duas afirmações, como se pode verificar, não só contêm uma ideia pouco rigorosa como distorcida da realidade. A FCG, através de Madalena Perdigão – e com a anuência, desde logo, do seu marido, então Presidente do Conselho de Administração – esteve sempre consciente da paisagem terpsicórica portuguesa e dos seus protagonistas. E também muito vigilante em relação a um pequeno grupo que patrocinou e subsidiou desde o primeiro minuto. O GEB começou por ser uma estrutura que não estando sob a alçada directa da instituição durante os primeiros quatro anos, não foi deixada ao acaso pela Senhora Perdigão. E o seu (muito positivo) percurso técnico e artístico que evoluiu e conquistou um lugar de destaque e com alguma solidez no país, levou a FCG, em 1965, a assumir a gestão artístico-financeira de um conjunto coreográfico que, então, foi colocado no mesmo pé de igualdade da Orquestra Gulbenkian. A divulgada ideia de que os primeiros anos do BG – durante os quais se criou uma obra de inquestionável qualidade, *Homenagem a Florbela*, que ainda hoje pode ser apreciada – foram alheios à tutela da FCG, deve-se, em parte, aos escritos de Carlos Pontes Leça, director adjunto do Serviço de Música da FCG nas últimas duas décadas de existência do BG. O mesmo apelidou, eufemisticamente, os anos que abrangem o período entre Maio de 1961 a Setembro de 1965 (data de mudança de nome para GGB) – de “pré-história do BG”. Na verdade, como pudemos verificar, o GEB foi um empreendimento concertado, em que se juntaram muitas pessoas ligadas à dança lisboeta – ainda nem havia no Porto um pequeno foco personalizado pelo professor Pirmin Trecu (1930-2006) antigo bailarino do Royal Ballet, radicado no Norte de Portugal a partir de 1961 –, entre as quais alguns dos melhores bailarinos da época. Entre eles encontrava-se, mesmo, aquela que haveria de se tornar na bailarina portuguesa de maior prestígio e cuja carreira apresenta uma consistência de mais de três décadas, Isabel Santa Rosa, a par de jovens artistas com grande potencial como foi o caso do seu futuro marido, o coreógrafo Carlos Trincheiras – que se veio a revelar um dos maiores criadores portugueses do século XX – e o irmão mais novo deste, Jorge

Trincheiras, que haveria de ter uma carreira internacional em companhias como os Ballets do Século XX, de Maurice Béjart, e o Ballet da Ópera de Chicago, de Ruth Page. Se aos alunos pouco experientes, que acabaram por mais tarde se juntar ao elenco do grupo, eram oferecidas pela Fundação bolsas de estudo para financiar as suas actividades, os artistas profissionais eram pagos como em qualquer outra companhia. Designadamente Isabel Santa Rosa que abdicou de um lugar de primeira bailarina do “Verde-Gaio” para ganhar um salário mais modesto no recém-formado grupo, por genuíno empenhamento na construção de um projecto que muitos abraçaram sem muitos questionamentos.

Por outro lado, através de alguns factos apontados, verifica-se que, desde logo, a FCG coagia, ainda que indirectamente, a direcção do grupo a apresentar boas contas e resultados positivos. O que facilmente se prova pelas várias visitas à sede, pelos contactos que mantinha na direcção e até pelas “cartas de desvinculamento” de artistas assinadas por Perdigão. Designadamente uma, em meados de 1961, destinada a uma colaboradora do grupo (Vera Ribeiro da Silva) poucos meses após a estreia do GEB, e outra, em Novembro de 1963, com o fim de afastar oficialmente o coreógrafo e professor Norman Dixon, sumariamente despedido da companhia por decisão da directora do Serviço de Música, Madalena Perdigão. Deveremos, pois, ler a história “oficial” do BG com algumas reservas pois foi escrita e habilmente publicitada – em edições próprias e na comunicação social – por funcionários da própria Fundação, pagos para defender pontos de vista, estratégias artísticas e políticas, e, naturalmente, os interesses da “casa”. Tendo sido o mais importante deles, o citado Carlos Pontes Leça, que foi o que mais obra teórica deixou sobre a companhia. E, muitos estarão plenamente convencidos que foi muito mais nos gabinetes do SM que se lançaram os dados relativamente aos destinos do BG que na mesa de trabalho de alguns dos directores. Os mais fracos, como Paulo Ribeiro que o admitiu em público, foram completamente “manietados” pelo Serviço de Música – leia-se por Madalena Perdigão e Pontes Leça – ou mesmo por outras pessoas ligadas a esse serviço ou à Administração – tendo a FCG utilizado a sua imagem, em muitas situações, como a “parte visível do icebergue”. Os indivíduos que, verdadeiramente, conduziram os destinos da companhia (com assinalável recato), não sendo dados a assumir em público o seu poder – por razões que não foi possível confirmar – acabaram por utilizar alguns directores artísticos do BG como “agentes de transmissão” e até como figuras mais ou menos “decorativas”, quando isso servia os seus interesses e objectivos.

Outro factor importante relativamente à vida do BG, e cuja importância nunca foi estudada, prende-se com o facto de a sua génese estar associada a um nome de grande prestígio no círculo maçónico, João Ribeiro da Silva, e que, muito possivelmente, terá sido apoiado por outros elementos ligados ao Grande Oriente Lusitano – o seu vínculo – ou a outra qualquer “loja” portuguesa. Este tipo de informações não foi fácil obter por razões que se prendem com o exemplar secretismo imposto aos irmãos maçons. Porém, tudo leva a

crer que, ainda numa fase inicial da vida do grupo, tivessem havido "interesses" mais ou menos dissimulados e nunca perceptíveis aos olhos do público e, nem mesmo, dos artistas. Parece, pois, que existe um período que se estende por quase duas décadas – em que Madalena Perdigão reinou "forte e segura" no Serviço de Música e, naturalmente, no BG – sobre as quais será difícil obter dados seguros que associem a companhia a "valores" ou "directivas" com origem na supra citada organização.

Já no que toca à fase que sucedeu à revolução do 25 de Abril de 1974, e que corresponde a um segundo fôlego da companhia, depois dos cinco anos com Milko Sparemblek na direcção, parece ter-se proporcionado a aplicação de uma certa filosofia e até, mesmo, seguido orientações a nível de gestão que podem indiciar influências e até o poder, mais ou menos oculto, da Opus Dei. O que não seria de estranhar pois muitos funcionários superiores da FCG pertenciam (discretamente) àquela instituição, sendo que um deles, até nem podia esconder totalmente essa sua filiação por viver num lar da Obra de Deus, situado na vizinhança da FCG.

O clima de secretismo que acompanhou estas duas instituições, durante tantos anos, criou em muita gente uma natural relação de desconfiança, se bem que, na Fundação, e mais precisamente no BG, os bons resultados artísticos não tivessem sido negligenciáveis. Antes pelo contrário.

Por durante muitos anos, viveram à sombra da ocultação – nos mais diversos aspectos – da sua actividade, entre "indícios", "influências" ou "domínio" de elementos filiados nas organizações acima referidas, quer na FCG, quer no próprio BG, apesar de alguns dados seguros, a investigação de certos factos não pôde ir muito mais além, como, aliás, seria de esperar.

Independentemente destas considerações, o BG atravessou o meio século mais importante e produtivo da dança portuguesa de todos os tempos, até ser dissolvido por razões muito pouco claras e nunca devidamente esclarecidas. Com ele morreu a companhia portuguesa de bailado de maior prestígio internacional e que deixou um espólio notável a nível de acervo coreográfico – e também musical e plástico – cuja qualidade foi sucessiva e regularmente atestada pelas críticas nacionais e internacionais.

Podemos afirmar que apesar de alguns directores como Dixon e Gore terem investido numa coreografia marcadamente estrangeira – estes ao "estilo inglês" – e Sparemblek ter equilibrado o repertório com criações nacionais, foi Salavisa quem encomendou um número maior de obras a coreógrafos portugueses do que a estrangeiros, verificando-se, num total de 425 peças, 219 criadas por artistas nacionais, em paralelo com 203 da autoria de estrangeiros.

A peça mais dançada foi, sem margem para dúvidas, o glorioso e muito aplaudido *Messias*, do norte-americano Lar Lubovitch. Esta obra – uma "luminosa escada para o paraíso ao som de Haendel" – foi interpretada 140 vezes enquanto o seu "negativo" do

mesmo criador, *Wirligogs* (uma “fantasmagórica descida aos infernos”) aparece na sétima posição. Em segundo e terceiro lugares, surgem, respectivamente, *Trezes gestos de um corpo* (mús. de António Emiliano), de Olga Roriz, e *Danças para uma guitarra* (mús. de Carlos Paredes), de Vasco Wellemkamp. Estas são as duas únicas peças portuguesas no “top ten” dos bailados mais dançados pela companhia. Para além das duas creditadas a Lubovicht surgem, por ordem decrescente, um par de bailados do holandês Hans van Manen (*Canções sem palavras* e *Cinco tangos*, esta em oitavo lugar), *Cantata* do italiano Mauro Bigonzetti, *Sinfonia em Ré*, do checo Jiry Kylian, *Jardim cerrado*, do espanhol Nacho Duato e em décimo lugar *Hero* do norte-americano Louis Falco. Só em décimo primeiro lugar volta uma dança de autoria portuguesa, um *remake* do *Prelúdio à sesta de um fauno*, de Nijinskly-Debussy, assinado por Vasco Wellemkamp.

Em resumo, o BG foi, inquestionavelmente, a companhia portuguesa de maior projecção nacional tendo realizado 2051 espectáculos ao longo dos seus 44 anos de existência.

Pelos registos jornalísticos – notícias e críticas – o seu sucesso foi bastante acentuado quer junto do público quer da crítica nacional e internacional.

Pelo número de países visitados, cerca de três dezenas o BG foi a companhia portuguesa por excelência na promoção das nossas artes. Foi a embaixadora oficial da nossa dança aquém e além-fronteiras e uma digna vitrina que o Estado abriu para alguns notáveis que oficialmente nos visitaram.

No nosso país o grupo apresentou-se maioritariamente na sua “casa” – o Grande Auditório da Fundação Gulbenkian – tendo aí realizado 881 espectáculos ao longo da sua existência. Os palcos que mais visitou, tratando-se de espectáculos inseridos em digressões nacionais, foram, por ordem decrescente, os do Teatro Baltazar Dias, no Funchal (Madeira), o Gil Vicente (Coimbra) e o Rivoli (Porto), com 59, 54 e 53 exhibições, respectivamente. De seguida aparecem dois teatros de Lisboa (o Tivoli, com 43 espectáculos e o Politeama, com 42), justamente antes da companhia possuir o seu próprio local de trabalho. De seguida, Leiria, Évora e Faro foram as cidades mais visitadas em Portugal respectivamente com 40, 33 e 29 apresentações. Em décimo lugar, curiosamente, encontra-se o Grande Auditório do Europarque, em Santa Maria da Feira, um palco moderno que começou a desenvolver uma programação regular a partir do ano de 1998.

No estrangeiro o BG deslocou-se a 21 países em quatro continentes, com predominância na Europa.

O Ballet Gulbenkian (BG), mesmo depois de aniquilado, continua a assumir-se como “património nacional” já que, na prática, ao longo de mais de quatro décadas sempre funcionou como a verdadeira “companhia estatal” apresentando-se por todo o país, ilhas e até colónias ultramarinas. Foi não só requisitado para acompanhar comitivas oficiais ao

estrangeiro na qualidade de representante da dança portuguesa – ainda que com estatuto privado – como, pontualmente, a FCG o exibiu perante ilustres personalidades estrangeiras que visitaram Portugal.

Para algumas dessas viagens ao exterior e para certos projectos que a Fundação privilegiou nunca faltaram as necessárias verbas. Houve mesmo casos, como foi a (luxuosa) montagem de *O quebra-nozes*, em 1970, da autoria de Anton Dolin, segundo o original de Lev Ivanov (1834-1901), em que, por ordem de Madalena Perdigão, se gastou tudo o que foi necessário para que Lisboa pudesse assistir a uma obra do repertório bailado clássico de alta qualidade. Na senda do espírito “diaghileviano”, mas dançado e produzido por portugueses, ainda que supervisionado por um estrangeiro do mais alto gabarito. A lista de convidados da FCG no que concerne a bailarinos-estrela e, sobretudo, a coreógrafos famosos foi impressionante e facilmente se percebe que a herança do Sr. Gulbenkian foi bem utilizada para realçar a qualidade e o empenho da Fundação na criação de uma instituição feita por portugueses e para portugueses, ao construir um repertório ecuménico, variado e notável, que se constituía como um desafio quotidiano para os artistas que integravam a tão simbólica companhia. Se nos últimos anos os quadros superiores da Fundação começaram a ver a sua companhia de dança como um pesado fardo (a nível financeiro, naturalmente) o certo é que nunca, em tempo algum, deixou de ser o mais eficaz instrumento promocional da instituição dentro e, sobretudo, fora das nossas fronteiras.

E, curiosamente, deixou de “herança”, àquela que seria uma espécie de prima afastada mas nunca se chegou a constituir como sua rival, a CNB, um acervo coreográfico onde os seus directores foram buscar algumas obras incontornáveis. Ainda que os seus directores o tenham feito de um modo pouco crível em termos programáticos, o certo é que a Fundação Gulbenkian – antes de e após a extinção do BG – acabou por ceder gratuitamente à Companhia Nacional a cenografia de figurinos de algumas peças do seu vastíssimo repertório.

Talvez por isso o Ballet Gulbenkian, personificado por todos os seus artistas – sobretudo os bailarinos e coreógrafos portugueses – que, quando não foram o seu cérebro, fizeram mexer os músculos e pulsar todas as veias da companhia, se reveja numa citação que a coreógrafa Águeda Sena atribuiu ao poeta “metacientista” António Maria Lisboa (1928-1953):

Não morremos quando deixamos de viver, mas sim, quando deixamos de sonhar!

E muitos dos que genuinamente amaram um grupo que tantas alegrias e momentos de êxtase deu aos Portugueses e ao Mundo, nunca desistirão de sonhar lembrando os seus tempos de criatividade, acção e paixão, com um misto de orgulho, ternura e bem-aventurança.

Justamente para que ele nunca morra na memória da (nossa) saudade...

Referências Bibliográficas

Fontes Primárias

- A.F. (1961, 31 de Out.). *Diário Popular*, n.p.
- Anderson, J. (1963, Verão). Première of Choreographer's First Ballet. *Dance & Dancers*, London, n.p.
- Andrade, C. (1961). *Para a história do maior acontecimento de bailado em Portugal. Revista Bailado*, n.º 1, p. 4.
- Azevedo, M. (1968, 31 de Maio). Entrevista a Águeda Sena. *Diário de Notícias*, p.12.
- Azevedo, M. (1962, 3 de Jun.). Homenagem a Florbela. *Diário de Lisboa*, n.p.
- Branco, J.F. (1989, Maio). Entrevista a Madalena Perdigão. *Revista do São Carlos*, (n.º 9), pp. 18-23.
- Canelas, L. (2005, 19 de Jul.) Ministra diz que não cabe ao Estado assumir o Ballet Gulbenkian, *Público*, p. 33.
- Coelho, A. (2005, 17 de Jul.). O homem que não conseguiu não ser público. *Pública*, (n.º 477), p. 35.
- Decreto-Lei n.º 40690 de 18 de Julho de 1956. Paços do Governo da República, presente à Assembleia da República. Lisboa.
- Extinção do Ballet Gulbenkian (2005, 6 de Jul.). *A Capital*, p. 56.
- Ferreira, C. (2005, 10 de Set.). Sinto-me ferido e em carne viva. *Jornal de Notícias*, p. 3.
- França, E. (2005, 2 de Agos.). Então e agora? *Diário de Notícias*, p. 14.
- França, E. & Lobo, P. (2005, 15 de Jul.). Santana Lopes deseja 'preservar' Ballet Gulbenkian. *Diário de Notícias*, p. 18.
- Fundação Calouste Gulbenkian (1979). *Acta do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian de 22 de Agosto de 1979*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fundação Calouste Gulbenkian (1983). *Fundação Calouste Gulbenkian, 1956-1981: 25 anos* (1983). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fundação Calouste Gulbenkian (1992). *Relatório anual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Fundação Calouste Gulbenkian (2003). *Relatório – balanço e contas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fundação Calouste Gulbenkian (2005). *Comunicado do Conselho de Administração da FCG de 5 de Julho: Fundação Calouste Gulbenkian extingue Ballet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Música.
- Fundação Calouste Gulbenkian (2007). *Fundação Calouste Gulbenkian, Cinquenta Anos 1956-2006* (Vols. 1-2). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fundação Calouste Gulbenkian (2010). *Calouste Sarkis Gulbenkian, O homem e a sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço das Comunidades Arménias.
- Galhós, C. (2005, 19 de Jan.). *40 Anos de Ballet Gulbenkian – História de uma paixão*. *Jornal de Letras*, p. 8-9.
- Galhós, C. (2005, 16 de Jul.). *A dança da morte*. *Expresso*, p. 28-29.
- Gastão, A. (2003). *Milko Sparembek: duvidar metodicamente*. Acedido em Janeiro, 2012 em: http://www.musica.gulbenkian.pt/cgi-bin/wnp_db_dynamic_record.pl?dn=db_notas_soltas_articles&sn=em_directo&rn=10
- Gore, W. (1965, 25 de Jan.). *Programa do Grupo Gulbenkian de Bailado – apresentação no Teatro Tivoli*. Lisboa: FCG.
- Guedes, F. (1992). *Calouste Gulbenkian, Uma Reconstituição*. Lisboa: Gradiva.
- Gulbenkian, N. (1965). *Pantaraxia, ou Retrato em petróleo*. London: Simon and Shuster.
- Gulbenkian – acordo com trabalhadores (2005, 14 de Out.). *Agência Lusa*, n.p.
- Hewins, R. (2009). *A Biografia de Calouste Gulbenkian, O Senhor Cinco por Cento*. Lisboa: Texto Editora. Edição original: Londres (1957).
- J.F. [José Figueiredo] (n.d.). Grupo Experimental de Ballet. *A Voz do Operário*, n.p.
- Laginha, A. (1993, 6 de Nov.). *Programa comemorativo dos vinte anos de carreira de Graça Barroso*. Lisboa: CCB, n.p.
- Laginha, A. (1996, 22 de Mar.). *Despedidas à portuguesa*. *Correio da Manhã*, p. 44.
- Laginha, A. (1998) *Portugal 45-95 nas artes, nas letras e nas ideias*. Lisboa: CNC.
- Laginha, A. (2005a, 6 de Jul.). *Gulbenkian extingue companhia de dança*. *Correio da Manhã*, p. 41.
- Laginha, A. (2005b, 31 de Jul.). *A última dança*. *Correio da Manhã*, p. 51.
- Laginha, A. (2005c, 1 de Agos.). *Adeus, despedida emocionante*. *Correio da Manhã*, p. 26.
- Laginha, A. (2005d). *Extinción del Ballet Gulbenkian: a sangre fría*. Acedido a 20 de Dezembro de 2005 em: <http://www.danzahoy.com>.
- Laginha, A. (2009, Dez.). *Duas décadas de Madalena Perdigão*. Acedido a 20 de Dezembro 2010, em: <http://www.revistadadanca.com>

- Leça, C. (1976). *Ballet Gulbenkian, 1965/1975*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leça, C. (1991). *Ballet Gulbenkian – 25 anos*. Lisboa: FCG, n.p.
- Lobo, P. (2005, 1 de Agos.). Despedida emocionada. *Diário de Notícias*, p. 19.
- Magalhães, J. (1958). *Monografia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Michelson, B. (2009, Abr.). Pilgrimage to a frozen grave. *Dance Europe*, p. 22.
- Mónica, M.F. (2006, 16 de Jul.). Calouste Gulbenkian Um filantropo autoritário. *Público*, p. 38-39.
- O Centro Português de Bailado* (1963) Colóquio Artes, nº 24, pp. 34-35.
- Oliveira, L. (1962). *Problemas do ballet em Portugal Lisboa*: Seara Nova.
- Panaventosa, C. (1964, 3 de Abr.). Insucesso no Tivoli. *Diário da Manhã*, n.p.
- Perdigão, P.P. (2005, 20 de Jul.). In Memoriam do Ballet Gulbenkian. *Jornal Público*, p. 37.
- Perdigão, P.P. (2009). Madalena. *Faces de Eva – estudos sobre a mulher*, n.º 21, p. 21.
- Pereira, C. (2005, 14 de Jul.). Extinção “irreversível” do Ballet Gulbenkian. *Jornal de Notícias*, p. 45.
- Programa do Ballet Gulbenkian – Amaramália* (1994, 9 de Mar.). Lisboa: FCG.
- Programa do Grupo Experimental de Ballet – estreia no Teatro de S. João do Porto* (1961a, 11 de Maio). Porto: FCG.
- Programa do Grupo Experimental de Ballet – apresentação no Parque da Cidade de Viseu* (1961b, 8 de Set.). Viseu: FCG.
- Programa do Grupo Gulbenkian de Bailado – Teatro de São Pedro* (1966, 5 de Set.). Abrantes: FCG.
- Ribas, T. (1975, 11 de Nov.) O Ballet Gulbenkian inaugurou a sua temporada 1975-76. *A Capital*, n.p.
- Ribas, T. (1976). Ballet Gulbenkian: indeciso início de temporada. *Capital*, n.p.
- Salavisa, J. (2012). *Dançar a vida*. Lisboa: D. Quixote.
- Sasportes, J. (1961a, 18 de Maio). Grupo Experimental de Ballet. *Diário de Lisboa*, p. 6.
- Sasportes, J. (1961b, 25 de Maio). *Diário de Lisboa*, pp. 11-12.
- Sasportes, J. (1961c, 8 de Nov.). A apresentação no Tivoli do GEB. *Letras e Artes*, n.p.
- Sasportes, J. (1971, 14 de Nov.). *Diário Popular*, n.p.
- Sasportes, J. (2012). *A quinta musa*. Lisboa: Bizâncio.
- Sobre o Saneamento de Milko Sparemblek* (1975). Lisboa: 1 de Abril de 1975.
- Sousa, A. (1996, 20 de Jul.). *Diário de Notícias*, n.p.
- Sparemblek, M. (1974). *Relatório da Jugoslávia*. Lisboa: edição dactilografada.

Vadivel, N. (2005, 19 de Jul.). Ballet Gulbenkian. Acedido a 20 de Julho de 2010, em: <http://balletgulbenkian.blogspot.pt/>

Vasconcelos, J. (2005, 8 de Jul.) O Ballet Gulbenkian. *Jornal de Letras*, p. 3.

Fontes Secundárias

A Nova Sede do Centro Português de Bailado (1963, 4 de Abr.). *Diário de Notícias*, n.p.

Abreu, M. (1946). *Manifesto*. Lisboa: Bertrand (Irmãos).

Abreu, M. (1948). *Bailados do Círculo de Iniciação Coreográfica*. Lisboa: Bertrand (Irmãos).

Águeda Sena dirige em Copenhaga 15 actores da Comedievognen (1972, 9 de Fev.). *Diário de Notícias*, n.p. – sem autor.

Albert, J.V. (1959, 22 de Agosto). Vacarme autor d'Edith Piaf. *Jornal de Annecy*, p. 5.

Alvarez, E. (2011). *A dança teatral portuguesa da 1.ª República ao Estado Novo*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.

Antunes, J.F. (1997, 9 de Mar.). *Público*, p. 24.

Armstrong, L. (1948). *Dances of Portugal*. London: Max Parrish & Co. Limited.

Azevedo, M. (1964, 3 de Junho). *Diário de Notícias*, n.p.

Ballets Histoires – *Russian ballet history*. Acedido a 23 Maio 2010 em: <http://www.russianballethistory.com/ballethistories.htm>

Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barreiros, N. (1961, 26 de Maio). *Diário Ilustrado*, p. 14.

Barros, J. (1990). *Os night clubs de Lisboa nos anos 20*. Lisboa: Lúçifer Edições.

Benevides, F. (1894). *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa desde a sua fundação em 1793 até à actualidade*. Lisboa: Typographia Castro Irmão e Typographia e Lithographia de Ricardo de Sousa & Salles.

Bentivoglio, L. (1994). *O teatro de Pina Bausch*. Lisboa: ACARTE-Fundação Calouste Gulbenkian.

Blasis, C. (1820). *Traité élémentaire, théorique, et pratique de l'art de la danse*. Milão: Chez Joseph Beati et Antoine Tenenti.

Bogdan, R. & Biklen, S. K. (sem datas). *Investigação qualitativa em educação*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

Buckle, R. (1984). *Diaghilev*. New York: Atheneum.

- Camacho, C. (1972). Notas biográficas de Águeda Sena (não publicado)
- Castro, F. (1987). *Ao fim da memória* (Vol. II). Lisboa: Verbo.
- Castro, M.J. (coord.). (2012). *Lisboa e os Ballets Russes*. S. Francisco: Blurb.
- Coelho, M.H. (1998). *A dança teatral no primeiro período romântico português de 1834 a 1856*. Dissertação de doutoramento. Faculdade Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.
- Decreto-Lei de 22 de Maio de 1911 – *Diário da República* n.º ??/11. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 46038 de 16 de Novembro – *Diário da República* n.º ??/64 – ? Série. Ministério da Educação. Lisboa
- Decreto-Lei n.º 538/76 de 9 de Julho. *Diário da República* n.º ??/76 – ? Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 147/83 de 27 de Dezembro. *Diário da República* n.º 297/83 – II Série. Ministério da Cultura. Lisboa.
- Decreto-Lei n.º 310/83 de..... *Diário da República* n.º ??/83 – ? Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Denzin, N. (1989). *Interpretive interactionism*. California: Sage Publications.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (1998). *The landscape of qualitative research – theories and issues*. California: Sage Publications.
- Digneffe, F., & Beckers, M. (1997). Do individual ao social: a abordagem biográfica. In L. Albarello, et. al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 17-47). Lisboa: Gradiva.
- Doeser, L. (1977). *Ballet and dance, the world's major companies*. Nova Iorque: Excalibur Books.
- D.P. (1961, 30 de Set.). *Jornal do Comércio*, n.p.
- Dunning, J. (1985). *But first a school*. New York: Viking Penguin.
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J. Lima & J. Pacheco (orgs.). *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto: Porto Editora.
- Ezran, M (2013) *Calouste Gulbenkian Le pétrol et l'art*, Paris : L'Harmattan.
- Faria, J. (1932, 14 de Dez.). A noite de Francis. *Diário da Manhã*, p. 9.
- F.F. (1961, 25 de Maio). *Primeiro de Janeiro*, n.p.
- Figueiredo, L. (2005, 6 de Jul.) Gulbenkian extingue Ballet. *Diário de Notícias*, p. 34.
- França, J. (2006). *A Arte em Portugal no Século XX*. Lisboa; Bertrand.
- Garafola, L. (1989). *Diaghilev's Ballets Russes*. New York: Oxford University Press.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O inquérito – teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

- Gomes, C. (2003). Perdigão, Maria Madalena Bagão da Silva Biscaia de Azeredo, in António Nóvoa (dir.) *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Edições Asa, pp. 1065-1067.
- Graça, F. (1990). *Tália, Euterpe e Terpsicore* (2.^a ed.). Lisboa: Caminho.
- Grigoriev, S. (2009). *The Diaghilev Ballet 1909-1929*. (2.^a ed.). London: Dance Books Ltd.
- Gulbenkian, N. (1965). *Portrait in oil – The autobiography of Nubar Gulbenkian*. New York: Simon and Shuster.
- Homans, J. (2010). *Apollo's Angels*. New York: Random House Trade Paperbacks.
- Ivanova, A. (1982). *Arabesques in Portugal* (não publicado).
- Johnson, L. (1993, Fev.). Kickoff. *Dance Magazine*, vol, p. 7.
- Johnson, B., e A. Onwuegbuzie (2004), “*Mixed Methods Research: A research paradigm whose time has come*”, em *Educational Researcher*, 33: 7, pp. 14-26.
- Laginha, A. (2006, 30 de Setemb.). Obituário de Margarida de Abreu – dança perde a pioneira. *Correio da Manhã*, p. 43.
- Laginha, A. (2000, 31 de Março). *Programa comemorativo dos 60 de actividade artística de Margarida de Abreu*. Lisboa: TNSC.
- L. de B. (1952, 11 de Dez.). *Sonho de uma Noite de Verão de Shakespeare no Teatro D. Maria II*, *O Século*, p. 5.
- Lieven, P. (1973). *O nascimento dos Ballets Russes*. New York: Dover Books.
- Lisboa artística – Os bailes russos no Coliseu (1917, 18 de Out.). *O Século*, n.p.
- Lívio, T. & Dolores, C. (2009). *O Teatro Moderno de Lisboa (1961-1965)*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Marriot, B. (2012). *Monica Mason: a life with the Royal Ballet Exhibition*. Acedido a 5 de Junho de 2012, em: <http://dancetabs.com/2012/05/monica-mason-a-life-with-the-royal-ballet-exhibition-2>
- Martins, C. (2007, 16 de Jun.) 50 anos de arte portuguesa. *Expresso*, p. 17.
- Mascolo, A. (1967, 21 de Abr.). *Programa da conferência-recital de Anton Dolin*. Lisboa: Centro Português de Bailado
- Massine, L. (1968). *My life in ballet*. London: Macmillan.
- Mello, P. (n.d.). *Danças portuguesas*. Porto: Livraria Avis.
- MLR (1961, 25 Maio). Artigo sem título. *Diário Popular*, n.p.
- Moore, Lucy (2013). *Nijinsky: A Life*. London: Profile Books.
- Moreau, Mário (1994). *Coliseu dos Recreios: um Século de História*. Lisboa: Fundação Cidade de Lisboa: Quetzal.
- Negreiros, J. (1917). Manifesto aos Ballets Russes. *Portugal Futurista* (n.º 1), p. 38.

- Negreiros, J., Coelho, R., & Pacheco, J. (1917, Nov.) (ed.). Os bailados russos em Lisboa. *Portugal Futurista* (n.º 1), n.p.
- Negreiros, J. (1971) Poesia. *Rosa dos Ventos (variante)*, Lisboa: Editorial Estampa, p. 219.
- Nijinsky, R. (1934). *Nijinsky*. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte.
- Nogueira, G. (1966, 7 de Out.). *Revista Flama*, n.p.
- Nogueira, F. (2000). *Salazar, o último combate (1964-1970)*, vol. 6. Porto: Livraria Civilização Editora.
- Nogueira, F. (1979). *Diálogos Interditos – parte primeira (1961-1962-1963)*. Lisboa: Editorial Intervenção.
- Os bailes russos (1917, 18 de Dez.). *Monarquia*, n.p.
- Parque infantil (1966, 31 de Dez.). Inserção publicitária. *Diário de Notícias*, n.p.
- Pereira-Müller, M. (2007). Luna Andermatt, grande impulsionadora do bailado em Portugal. Laços – *Revista do Instituto de Odivelas*, p. 27.
- Pinto, L. (1976, 1 de Nov.). Crise no bailado em inventário. *Revista Plateia*, pp. 11-14.
- Pinto, J. (2011, 14 de Fev.). 1961, o annus horribilis de Salazar. *Jornal i*, p. 14.
- Pinto, M. (1918). *Bailados russos*. Lisboa: Atlândita.
- Pinto, M. (1921). Pela dança portuguesa.n.p.
- Pinto, M. (1924). *Danças e bailados*. Lisboa: Portugália Editora.
- Os bailes russos (1917, 3 de Dez.). *República*, n.p.
- Pritchard, J. (2009). Serge Diaghilev's – an itinerary. Part 1: 1909-1921. *Dance Research*, vol. 27 (n.º 1).
- Programa do Grande Circo Místico* (1983). Curitiba: Teatro Guaíra.
- Programa do "Verde-Gaio" – temporada 1940-1941* (1940). Lisboa: SNI.
- Programa do Teatro Monumental – "Música, Mulheres e..."* (1957, Set.). Lisboa: TM
- Quadros, A. (1989). *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos 100 anos*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- Rey, G. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia – caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson Pioneira
- Ribas, T. (1961, 30 de Mai.). *Diário Ilustrado*, p. 8.
- Ribas, T. (1964, 27 de Jun.). *Actualidades*, n.p.
- Ribas, T. (1970). O ballet em Portugal. In Adolfo Salazar. *História da dança e do ballet* (p. 278-p. 294). Lisboa: Artis.
- Ribas, T. (1979). *Programa do espectáculo Margarida de Abreu 40 anos com o bailado*. Lisboa: TNSC.

- Ribas, T. (1989, 4 de Março). *Programa do espectáculo comemorativo dos 50 anos de actividade de Margarida de Abreu*. Lisboa: TNSC.
- Ribas, T. (1982). *Danças populares portuguesas*. Lisboa: ICALP.
- Ribas, T. (1993). *O Teatro da Trindade – 125 anos de vida*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In L. Albarello, et. al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 84-115). Lisboa: Gradiva.
- Saint-Point, V. (2011, 12 Junho-20 Setembro). *Catálogo da exposição Valentine Saint-Point*. Londres: Tate Modern Gallery.
- Santos, J. (1961, 25 de Maio). *Diário da Manhã*, p. 7.
- Santos, V. (1999). *Catálogo da exposição "Verde-Gaio" – uma companhia portuguesa de bailado (1940-1950)*. Lisboa: Museu Nacional do Teatro.
- Sasportes, J. (1970). *História da dança em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sasportes, J. (1965). *Dançar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sasportes, J., Coelho, H. & Assis, M. (1994). *Dançaram em Lisboa 1900-1994*. Lisboa: Lisboa '94.
- Scarlatti, E. (1936, mês?). *O Diabo*, vol. I, pp. 243-244.
- Schau, P. (2011). *Sosso Doukas-Schau – Uma vida ao serviço da dança rítmica*. Lisboa: Edição de autor.
- Sokolova, L. (1989). *Dancing for Diaghilev – the memoirs of Lydia Sokolova*. London: Richard Buckle.
- Taylor, S., & Bogdan, R. (1997). *Introduction to qualitative research methods – a guidebook and resource*. United States of America: John Willwy & Sons.
- Teixeira, N. (1990). Da *belle époque* à era do *jazz-band*. In António Reis (dir.). *Portugal contemporâneo, vol. IV*. Lisboa: Alfa.
- Teixeira, Q. (1955, 14 de Jul.). Entrevista a Fernando Lima. *Diário da Manhã*, n.p.
- Teves, V. (2007). Década de 50 – as emissões regulares. *RTP 50 anos de história*, (p1-16). Lisboa: RTP. Acedido a 21 de Novembro de 2012, em: <http://ww2.rtp.pt/50anos>
- Vasques, E. (2007, Maio). *Sonho do Instituto das Artes já tem quase 40 anos*. Acedido a 22 de Setembro de 2012, em: http://www.ipl.pt/sites/ipl.pt/files/politecnia_no_15_1.pdf
- Vieira, J. (2006). Almada Negreiros. *Fotobiografias do séc. XX*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Vilela, A. (2013). *Segredos da Maçonaria portuguesa*. Lisboa: A esfera dos livros.

Nota: por razões de ordem semântica e de datação que variaram ao longo dos anos não foi possível uniformizar as referências a diplomas, nomeadamente os publicados em Diário da República.

Websites

Fundação Calouste Gulbenkian.

<http://www.gulbenkian.pt>

Sociedade de Advogados Azeredo Perdigão & Associados.

<http://www.azedoperdigao.pt>

Blog

Ballet Gulbenkian da autoria do blogger Luke Stylewalker

<http://balletgulbenkian.blogspot.pt/>

Entrevistas

Entrevista com Norman Dixon, Zagreb, 2013

Entrevista com Bernardette Pessanha, Lisboa, 2011

Entrevista com Brás de Oliveira, Lisboa, 2011

Entrevista com Francisco de Assis Brás de Oliveira, Lisboa, 2011

Entrevista com Luna Andermatt, Lisboa, 2011

Entrevista com Águeda Sena, Cascais, 2010

Entrevista com Margarida de Abreu, Lisboa, 2005

Entrevista com Fernando Lima, Lisboa, 2004

Entrevista com Carlos Trincheiras, Lisboa, 1989

Entrevista com Isabel Santa Rosa, Lisboa, 1989.

Entrevista com Vasco Rebelo de Sousa, Lisboa, 2010

Informações fornecidas por:

Jorge Garcia

Elisa Worm

Paula Pinto

Marta Ataíde

Manuela Valadas

Rui Reis

Palmira Camargo

Ana Rita (Baeta Neves)

Maria (da Graça) Bessa

Epílogo

O que faço da minha eternidade?

Para trás fica um imenso passado
de irreparável solidão abismada
feita de regras, de limites, de espaços
fechados que definitivamente a algemaram

Ela faz parte de uma lenda, de uma saga
de uma história que a inventa e a mostra

Os dias dos meses e dos séculos que
já deixou de contar, de conter, de entender

Pois ao longo dos tempos o vazio é
tão grande que não o suporta mais

O sonho escapa-se-lhe das mãos
Como água ou areia por entre os dedos

Numa história de beleza aturdida
de mitos e poesia desatada ...

Numa fala sem mundo.

Maria Teresa Horta (2013) *A Dama e o Unicórnio*. Lisboa: D. Quixote. n.p.

Anexos

Nota 1: O grau de erro associado à recolha de dados históricos do BG é mínimo. Apesar de não ser nulo. Uma vez que existem situações pontuais em que se optaram por determinados critérios de avaliação cujas variáveis são impossíveis de controlar de a cem por cento de um modo perfeitamente rigoroso.

Nota 2: Se juntar as cronologias do Verde Gaio e da CNB – que já elaborámos – à do BG e contar com os dados referidos no corpo da tese relativos às criações antes de 1940, obteremos uma listagem completa de todas as estreias de dança apresentadas por companhias profissionais de estatura em Portugal no séc. XX.

ANEXO A

Reportório do GEB/GGB/BG por ordem alfabética de título (1961-2005)

Nota Introdutória

A informação contida no presente anexo procurou respeitar o aspecto gráfico da informação originalmente contida nos programas do Ballet Gulbenkian.

Foram, porém, acrescentados alguns elementos importantes tais como as datas de nascimento (e morte, quando ela ocorreu) dos coreógrafos.

Em caso pontuais, corrigiram-se nomes, datas e locais de apresentação dos espectáculos na sequência de testemunhos de artistas que deles fizeram prova. É que alguns dados contidos em alguns programas foram, na prática, alterados não correspondendo aos factos. Segundo testemunhos validados de diversos bailarinos que integraram a companhia nos vários períodos do BG.

Para maior clarificação da informação, quando as obras coreográficas foram concebidas e apresentadas no âmbito dos Estúdios Coreográficos, essa indicação (e o número do evento quando é caso disso) aparece em cor laranja à frente do título do respectivo bailado.

1º ACTO (XIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

MÁRIO PAULO CARDOSO (1964)

Música

RACHMANINOV, 7 trechos corais da *Liturgia de São João Crisóstomo, Op. 31*.

Cenário

MÁRIO PAULO CARDOSO e HELENA LOZANO.

Figurinos

JOÃO ZHORAIDE

Luzes

RUI FERNANDES e PAULO SABINO.

Colaboração na direcção de ensaios

ISABEL QUEIRÓZ

Estreia absoluta

28.07.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

ANGELINA BACELAR; ANA CAETANO; PALMIRA CAMARGO; LUIS DAMAS; WILSON DOMINGUES; PAULA FERNANDES; BENVINDO FONSECA; TERESA LOPES; JOÃO MOURO; CLÁUDIA NÓVOA. RUI PINTO; MARIA JOÃO SALOMÃO; ANTÓNIO TELES; PAULA VALLE; LINDANOR XAVIER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 e 29 de Julho de 1989

... ACIMA DE TUDO, NÓS (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CÉSAR MONIZ (1963)

Música

THE ART OF NOISE, *Visible Silence, Op. 4, Paranuímia, Who is Afraid of the Art of Noise, Moments in*

Love.

Cenário

PEDRO CORREIA DE OLIVEIRA

Figurinos

PEDRO CORREIA DE OLIVEIRA

Luzes

JOSÉ FONSECA

Sonoplastia

MAXIMIANO DE CARVALHO

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

ANGELINA BACELAR; ANA CAETANO; PAULA FERNANDES; BARBARA GRIGGI; FILIPA MAYER. CLÁUDIA NÓVOA; PAULA PINTO; MARIA JOÃO SALOMÃO; JOÃO COSTA; LUIS DAMAS; JOÃO MOURO. JOÃO DE SOUSA; ANTÓNIO TELES; RUI REIS; RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 e 8 de Agosto de 1987

À MESA EM 15 MINUTOS

Coreografia

RUI HORTA (1957)

Música Original

OZZMOØN

Música adicional

KOEN BRANDT e TOM WAITS.

Cenário

RUI HORTA

Figurinos

KATHY BRUNNER

Luzes

RUI HORTA

Estreia absoluta

08.03.2000

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

VANESSA CURADO; MARIËTTE REDEL; LEONARDO CENTI; CARLOS PRADO; MÁRIO SANCHEZ.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Março de 2000 – Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 17 e 18 de Março de 2000

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 14, 15 e 16 de Abril de 2000

FESTSPIELHAUS BREGENZ (BREGENZ, ÁUSTRIA) – 29 de Abril de 2000

AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE FARO (FARO) – 19 e 20 de Maio de 2000

SUZANNE DELLAL CENTRE (TELAVIVE, ISRAEL) – 25 e 26 de Maio de 2000

REBBECA CROWN AUDITORIUM (JERUSALÉM, ISRAEL) – 28 de Maio de 2000

THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 8 e 9 de Julho de 2000

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (SÃO PAULO, BRASIL) – 12 e 13 de Julho de 2000

TEATRO SESI (PORTO ALEGRE, BRASIL) – 15 de Julho de 2000

TEATRO CASTRO ALVES (SALVADOR DA BAIÁ, BRASIL) – 22 de Julho de 2000

OLDENBURGISCHES STAATSTHEATER (OLDENBURG, ALEMANHA) – 11 e 12 de Maio de 2001

HESSISCHES STAATSTHEATER WIESBADEN (WIESBADEN, ALEMANHA) – 15 e 16 de Maio de 2001

2001

STADTTHEATER HEILBRONN (HEILBRONN, ALEMANHA) – 18 e 19 de Maio de 2001

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 08 e 09 de Junho de 2001

ABSTRACÇÕES (IX ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

VANGELIS, DEBUSSY e CODONA.

Figurinos

OLGA RORIZ

Luzes

OLGA RORIZ

Estreia absoluta

24.07.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

Solo I – ANGELINA BACELAR

Solo II – ISABEL QUEIRÓZ

Solo III – ANTÓNIO JORGE

Solo IV – ELISA FERREIRA

Solo V – GAGIK ISMAILIAN

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1981

AD VITAM

Coreografia

PAULO RIBEIRO (1959)

Música original

ANTÓNIO EMILIANO

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

RUI FERNANDES

Estreia absoluta

31.01.1990

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

JOÃO AFONSO; LUIS DAMAS; BENVINDO FONSECA; CÉSAR MONIZ; JOÃO MOURO. RUI PINTO; JOÃO FRANGO; AMÉLIA VAREJÃO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 31 de Janeiro; 1, 2 e 3 de Fevereiro de 1990 –

Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 26 de Maio de 1990

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 2 de Junho de 1990

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 6 de Junho de 1990

TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 9 de Junho de 1990

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1990

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 25 de Junho de 1990

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 28 de Junho de 1990

TEATRO MUNICIPAL BALATAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 de Julho de 1990

CINE-TEATRO MONTEPIO GERAL (BRAGANÇA) – 20 de Julho de 1990

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 25 de Julho de 1990

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29 e 30 de Novembro e 01 de Dezembro de 1990

ADAGIO APPASSIONATO

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

MAX BRUCH, *Adagio Appassionato*, Op. 57.

Cenário

EDUARDO NERY, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

VASCO WELLENKAMP

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

27.01.1988

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

MARGARIDA BETTENCOURT; LUIS DAMAS; BENVINDO FONSECA; BARBARA GRIGGI; TERESA LOPES; CÉSAR MONIZ; CLÁUDIA NÓVOA; PAULA PINTO.

RUI PINTO; FRANCISCO ROUSSEAU. JOÃO DE SOUSA; PAULA VALLE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Janeiro; 4, 5 e 6 de Fevereiro de 1988

Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 e 11 de Fevereiro de 1988

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 e 20 de Maio de 1988

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 28 de Maio de 1988

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 2 e 3 de Junho de 1988

ADEUS... E NEM VOLTEI

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

MADREDEUS: *Matinal* de FRANCISCO RIBEIRO, *Adeus... e nem voltei* de PEDRO AYRES DE MAGALHÃES e *O Pastor* de PEDRO AYRES DE MAGALHÃES.

Figurinos

ANTÓNIO CARRETEIRO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

18.03.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

AGNELO ANDRADE; PAULA FERNANDES; BIRTE LUNDWALL; FILIPA MAYER; RUI PINTO; CARLOS PRADO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20, 27 e 28 de Março de 1993 – Programa 5

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 26 de Junho de 1993

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 3 de Julho de 1993

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Julho de 1993

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Julho de 1993

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 25 de Julho de 1993

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 30 de Julho de 1993

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Janeiro de 1994 – Programa 2

CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Abril de 1994

MUZIEKTHEATER (AMSTERDÃO, HOLANDA) – 1, 4 e 5 de Maio de 1994

FUNDACIÓ CULTURAL DE LA CAIXA DE TERRASSA (TERRASSA, ESPANHA) – 14 e 15 de Maio de

1994

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 12 de Junho de 1994

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 25 de Junho de 1994

TEATRO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 6 de Julho de 1994

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 11 de Julho de 1994

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Julho de 1994

TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 19 de Julho de 1994

PRADERA DE SAN MARCOS (SEGÓVIA, ESPANHA) – 26 de Julho de 1994

TEATRO VICTÓRIA EUGÉNIA (SAN SEBASTIAN, ESPANHA) 13 e 14 de Maio de 1995

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Maio de 1995

TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 4 de Junho de 1995

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Junho de 1995

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 16 de Junho de 1995

ADSUM

Coreografia

ÁGUEDA SENA (1927)

Música

A. VIVALDI, “Largo” do *Concerto em ré maior* e “Larghetto” do *Concerto em lá maior*, para guitarra e orquestra.

Figurinos

ÁGUEDA SENA

Projeção

Desenho de PICASSO

Estreia absoluta

01.03.1975

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; CARLOS FERNANDES; ULRICA CALDAS; CARLOS CALDAS; GRAÇA BARROSO; SOREN BACKLUND.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 3, 7 e 8 de Março de 1975 – Programa 2

ALCINA (XIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

SUSANNA EGRI (1930)

Cenários e Figurinos

EMANUELE LUZZATI

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

18.05.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; CARLOS FERNANDES. MARTA ATAÍDE; ULRICA CALDAS; CARMEN GALINDO; SASHA LORD; LÚCIA LOZANO. LOUISE McELROY; COLLEEN O’SULLIVEN; ISABEL QUEIRÓZ; RAQUEL ROBY; CÉLIA VEIRA. ESTEBAN BRUNAT; CARLOS CALDAS; KIT LETHBY; MIGUEL LYZZARRO; ALBINO MORAIS.

VICTOR NAVARRO; ANTÓNIO RODRIGUES; EXPEDITO SARIAVA; VASCO WELLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) – 18 e 19 de Maio de 1969

AMARAMÁLIA

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

Fados por AMÁLIA RODRIGUES.

Seleção e montagem de música adicional

NUNO VIEIRA DE ALMEIDA

Cenário e Figurinos

JASMIM DE MATOS

Assistentes de Cenografia

ANA LÚCIA NATIVIDADE e RICARDO VAZ.

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

09.03.1994

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

ÂNGELA CLEMENTE; PAULA FERNANDES; BARBARA GRIGGI; TERESA LOPES; BIRTE LUNDWALL; PASCALE MOSSLEMANS; PAULA PINTO; ADRIANA QUEIRÓZ; SANDRA ROSADO; PAULA VALLE. LUIS DAMAS; WILSON DOMINGUES; BENVINDO FONSECA; GAGIK ISMAILIAN; CÉSAR MONIZ; RUI PINTO; CARLOS PRADO; RUI REIS; FRANCISCO ROUSSEAU; FILIPE VALLA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9,10, 11 e 12 de Março de 1994 – Programa 3

MUNICIPAL OPERETTA THÉÂTRE (BUDAPESTE, HUNGRIA) – 29 de Março de 1994

PAVILHÃO MUNICIPAL DE PORTIMÃO (PORTIMÃO) – 9 de Junho de 1994

PALAIS ZENITH (PAU, FRANÇA) – 30 de Junho de 1994

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 8 e 9 de Julho de 1994

TEATRO MUNICIPAL DO LUXEMBURGO (LUXEMBURGO) – 4 e 5 de Janeiro de 1995

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 de Fevereiro de

1995

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 19 e 20 de Maio de 1995

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 12 de Junho de 1995

AUDITÓRIO DO MEMORIAL DA AMÉRICA (SÃO PAULO, BRASIL) – 22, 23, 24 e 25 de Junho de 1995

CENTRO CULTURAL DE MACAU (MACAU) – 8 e 9 de Dezembro de 1995

AMARGO

Coreografia

ÁGUEDA SENA (1927)

Música

TRADICIONAL INDO-PORTUGUESA

Cenário

PAULO GUILHERME

Figurinos

ÁGUEDA SENA

Texto

BERNARDO SANTARENO

Estreia absoluta

25.11.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; GER THOMAS; CARLOS FERNANDES; PENELOPE WRIGHT; OSCAR GONZALEZ.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27e 28 de Novembro de 1972 – [Programa 1](#)

AMOR DE PERDIÇÃO

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

JOLY BRAGA SANTOS

Cenário

MARIA HELENA MATTOS

Figurinos

MARIA HELENA MATTOS

Projecções

MARIA HELENA MATTOS

Estreia absoluta

04.03.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

A Morte – INEZ PALMA.

Teresa – ISABEL SANTA ROSA.

Marina – ISABEL QUEIRÓZ.

Simão – CARLOS TRINCHEIRAS.

Baltazar – ANTÓNIO RODRIGUES.

Baile e Pesadelos – CÉLIA VIEIRA; RAQUEL ROBY; SASHA LORD; CARMEN GALINDO; ABINO DE MORAIS.

CARLOS CALDAS; EXPEDITO SARAIVA; JORGE TRINCHEIRAS.

Freiras – CÉLIA VIEIRA; RAQUEL ROBY; SASHA LORD; CARMEN GALINDO; MARIA BESSA.

CECÍLIA POTIER; LÚCIA LOZANO; ELISABETH GURREIRO.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 4, 5 e 6 de Março de 1968 – [Programa 3](#)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Fevereiro de 1971 – [Programa 4](#)

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Abril de 1971

ANDANTE

Coreografia

HANS VAN MANEN (1932)

Música

WOLFGANG AMADEUS MOZART, “Andante” da *Sinfonia n.º 40*.

Cenário

KESO DEKKER

Figurinos

KESO DEKKER

Luzes

JOOP CABOORT

Direcção de ensaios

MEA VENEMA

Estreia absoluta

21.03.1991

NEDERLANDS DANS THEATER

HAIA (HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

18.11.1992

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

PASCAL MOSELMANS e BENVINDO FONSECA

Locais e datas de apresentação

Programa 1:

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Novembro de 1992

Programa 2:

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 27 de Junho de 1993

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 de Julho de 1993

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 12 de Julho de 1993

ANNONCIATION (ANUNCIAÇÃO)

Coreografia

ANGELIN PRELJOCAJ (1957)

Música

STÉPHANE ROY, *Crystal Music* e ANTÓNIO VIVALDI, *Magnificat*.

Figurinos

NATHALIE SANSON

Desenho de Luzes

JACQUES CHATELET

Assistente de Coreografia

DANIÉLE LÉVÊQUE

Estreia Absoluta

1995

BALLET PRELJOCAJ

ÓPERA DE LAUSANNE (LAUSANNE, SUIÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

23.01.2002

GRANDE AUDITÓRIO DA GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

LAURA MARÍN e MARIËTTE REDEL.

Locais e datas de apresentação

Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23, 24, 25 e 26 de Janeiro 2002

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 1, 2, Fevereiro de 2002

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 3, 4, Maio de 2002

XXVI FESTIVAL DE MUSICA DO ALGARVE, PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (PORTIMÃO) – 10, 11 de Maio de 2002

CINE-TEATRO MUNICIPAL D.JOÃO V (AMADORA) – 17, 18 de Maio de 2002

VIEHAUKTIONSHALLE (WEIMAR, ALEMANHA) – 29 e 30 de Agosto de 2002

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 11 e 12 Outubro de 2002

TEATRO S. LUIZ (LISBOA) – 7 e 8 de Dezembro de 2002

TEATRO S. LUIZ (LISBOA) – 14 e 15 de Dezembro de 2002

ANOTHER PARADOX

Coreografia

BRUNO LISTOPAD (1976)

Música Original

PAUL DE JONG

Cenário

BRUNO LISTOPAD e MARIËTTE REDEL.

Luzes

NIKO VAN DER KLUGT

Assistente de Coreografia

GUNVOR KARLSEN

Estreia absoluta

08.03.2000

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

BARBARA GRIGGI; MARTA REIG TORRES; BERNARDO GAMA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 08, 09, 10 e 11 de Março de 2000 – Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 17 e 18 de Março de 2000

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 14, 15 e 16 de Abril de 2000

AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE FARO (FARO) – 19 e 20 de Maio de 2000

SUZANNE DELLAL CENTRE (TELAVIVE, ISRAEL) – 25 e 26 de Maio de 2000

REBBECA CROWN AUDITORIUM (JERUSALÉM, ISRAEL) – 28 de Maio de 2000

ANTE-MANHÃ

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

GEORGE CRUMB, *The Voice of the Whale*.

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

08.02.1980

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

GRAÇA BARROSO; GER THOMAS. HELENA LOZANO; ANA RITA PALMEIRIM; ELISA FERREIRA; OLGA RORIZ; ANGELINA BACELAR. MARIA DE FREITAS BRANCO; MARIA JOÃO SALOMÃO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10, 13 e 14 de Fevereiro de 1980

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 17 Março 1980

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 20 de Março de 1980

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 de Março de 1980

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 13 de Maio de 1980

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 15 de Maio de 1980

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 23 de Maio de 1980

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 24 de Maio de 1980

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 27 de Maio de 1980

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8, 9 e 10 de Junho de 1980

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1980 –
Programa 1
 CASA DA CULTURA DOS TRABALHADORES DA QUIMIGAL (BARREIRO) – 22 de Novembro de 1980
 CINE TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 25 de Novembro de 1980
 GINÁSIO DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE PÓVOA DE VARZIM (PÓVOA DE VARZIM) – 23 de Julho
 de 1982
 TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 26 de Julho de 1982
 PLAZA PORTICADA (SANTANDER, ESPANHA) – 30 de Julho de 1982
 SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 07, 09 e 10 de Junho de 1983
 CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 17 de Junho de 1983
 TEATRE GREC DE MONTJUIC (BARCELONA, ESPANHA) – 27 de Julho de 1983

ANTIGAS VOZES DE CRIANÇAS (ANCIENT VOICES OF CHILDREN)

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

GEORGE CRUMB, *Ancient Voices of Children* sobre poemas de Garcia Lorca.

Cenário

ARTUR ROSA

Figurinos

ARTUR ROSA

Luzes

COLIN McINTYRE

Estreia absoluta

29.05.72

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNE O'HARA; PATRICK HURDE; CARLOS FERNANDES; RICHARD DEVEAUX; DAVID HYGH.
 ÓSCAR GONZALEZ; MAX MARKSTEIN.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 de Maio de 1972

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 16 de Junho de 1972

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 de Junho de 1972

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 1 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 2 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 7 de Agosto de 1972

SALA MARTINS PENA (BRASILIA, BRASIL) – 20 de Agosto de 1972

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR DA BAIÁ, BRASIL) – 27 de Agosto de 1972

TEATRO SANTA ISABEL (RECIFE, BRASIL) – 2 de Setembro de 1972

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Novembro de 1972 – **Programa 1**

GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) – 28 de Abril de 1973

SADLERS'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 11, 12 e 13 de Julho de 1973

LARGO DA SÉ (FARO) – 30 de Julho de 1973

TORRALTA (PORTIMÃO) – 5 de Agosto de 1973

ANTIGAS VOZES DE CRIANÇAS

Coreografia

VASCO WELLENKMAP (1942)

Música

GEORGE CRUMB, *Ancient Voices of Children* sobre poemas de Garcia Lorca.

Cenário

HELENA LOZANO, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

SÃO

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

03.04.1986

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

GRAÇA BARROSO; ISABEL QUEIRÓZ; ANGELINA BACELAR; PALMIRA CAMARGO; PAULA FERNANDES; BARBARA GRIGGI; TERESA LOPES; BIRTE LUNDWALL; FILIPA MAYER; ANA RITA PALMEIRIM. PAULA PINTO; MARIA JOÃO SALOMÃO; PAULA VALLE; VERA MANTERO; CLÁUDIA NÓVOA. AGNELO ANDRADE; JOÃO COSTA; LUIS DAMAS; CÉSAR MONIZ; JOÃO MOURO; JOÃO NATIVIDADE; FRANCISCO ROUSSEAU; ANTÓNIO TELES; FRANCISCO CAMACHO, LUÍS MAGALHÃES; FRANCISCO MARIANO; RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11 e 12 de Abril de 1986 – Programa

3

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 de Maio de 1986

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 26 de Maio de 1986

THÉÂTRE DANIEL SORANO (DAKAR, SENEGAL) – 5 de Junho de 1986

SALÃO NOBRE DO PALÁCIO DA ASSEMBLEIA NACIONAL (PRAIA, CABO VERDE) – 10 de Junho de

1986

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 3 de Julho de 1986

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 30 de Julho de 1986

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 11 de Outubro de 1986

SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 22 e 24 de Outubro de 1986

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29, 30 e 31 de Janeiro de 1987 – Programa 3

AQUI E AGORA¹

Coreografia

IMPROVISAÇÃO COLECTIVA

Música

Diversas obras do GRUPO DANÇAS OCULTAS

Estreia absoluta

31.07.2005

BALLET GULBENKIAN

TEATRO CAMÕES (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BEKER; MÓNICA GOMES; BARBARA GREGGI; SOFIA INÁCIO; WUBKJE KUINDERSMA. LAURA MARÍN; DANIELA NEUGEBAUER; CLÁUDIA NÓVOA; ANA CLÁUDIA RIBEIRO; SYLVIA RIJMER. IOLANDA RODRIGUES; SANDRA ROSADO; ANA SENDAS; TERESA ALVES DA SILVA; ANN DE VOS; LINDANOR XAVIER; ALLAN FALIERI; BERNARDO GAMA; BRUNO GUILLORÉ; HILLEL KOGAN.

DANILO MAZZOTTA; PEDRO MENDES; CARLOS PRADO; RUI REIS; ROMEU RUNA. JERMAINE MAURICE SPIVEY; RODRIGO VIEIRA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO CAMÕES (LISBOA) – 31 de Julho de 2005

ARCOS

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

FRANCIS POULENC

Cenário

Segundo ideia original de KENNETH ROWELL.

Figurinos

WALTER GORE

Estreia absoluta

? .07.1950

¹ Último bailado do BG.

MERCURY THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

26.02.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; PATRICK HURDE; JOAHNE O'HARA; MARTA ATAÍDA; ISABEL QUEIRÓZ. ULRICA CALDAS; CARLOS FERNANDES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 e 28 de Fevereiro de 1966 – Programa 3

TEATRO VASCO SANTANA (LISBOA) – 31 de Março de 1966 – Programa 6

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 21 de Junho de 1966

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 29 de Agosto de 1966

TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 5 de Setembro de 1966

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8 e 9 de Outubro de 1966

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 e 30 de Janeiro de 1967 – Programa 2

ARDEN COURT

Coreografia

PAUL TAYLOR (1930)

Música

WILLIAM BOYCE (1710-1779), excertos das *Sinfonias n.º 1, 3, 5, 7 e 8*.

Cenário

GENE MOORE

Figurinos

GENE MOORE

Luzes

JENNIFER TIPTON, adaptadas por FERNANDO BESSA.

Direcção de ensaios

SUSAN MCGUIRE

Estreia absoluta

1981

PAUL TAYLOR DANCE COMPANY

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

20.04.1990

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

CLÁUDIA NÓVOA; PAULA FERNANDES; PAULA VALLE; LUIS DAMAS; CÉSAR MONIZ; JOÃO AFONSO; RUI PINTO; BENVINDO FONSECA; JOSÉ GRAVE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 26, 27 e 28 de Abril de 1990 – Programa 4

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 25 de Maio de 1990

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Maio de 1990

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 30 de Maio de 1990

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 1 de Junho de 1990

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 5 de Junho de 1990

TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 8 de Junho de 1990

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 12 de Junho de 1990

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Junho de 1990

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 19 de Junho de 1990

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 23 de Junho de 1990

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 27 de Junho de 1990

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 3 de Julho de 1990

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 11 de Julho de 1990

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE VILA REAL (VILA REAL) – 14 de Julho de 1990

AUDITÓRIO MUNICIPAL (MIRANDELA) – 17 de Julho de 1990

CINE-TEATRO MONTEPIO GERAL (BRAGANÇA) – 19 de Julho de 1990

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 24 de Julho de 1990

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Novembro de 1990 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29, 30 de Novembro e 01 de Dezembro de 1990

– Programa 2

ÁRIA

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

J. S. BACH, “Ária” da *Suite em Ré*.

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

25.03.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

GRAÇA BARROSO; FRANCISCO ROUSSEAU.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Março de 1987 – Programa 5

TEATRO BNH (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 2 de Abril de 1987

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 20 de Maio de 1987

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 23 de Maio de 1987

CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 3 de Junho de 1987

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 8 de Junho de 1987

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 25 de Junho de 1987

CINE-TEATRO DE TOMAR – 27 de Junho de 1987

PARCO RIGNON (TURIM, ITÁLIA) – 9 de Julho de 1987

ARQUIPÉLAGO III

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

ANDRÉ BOUCOURECHLIEV (1925)

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Execução fotográfica

REINALDO VIEGAS

Estreia absoluta

18.03.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

ISABEL SANTA ROSA; SEAN CUNNINGHAM; ISABEL QUEIRÓZ; PENELOPE WRIGHT; MARIA BESSA. SOREN BACKLUND; DAVID HYGH.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Março de 1972 – Programa 6

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 17 de Junho de 1972

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 2 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 8 de Agosto de 1972

PALÁCIO DAS ARTES (BELO HORIZONTE, BRASIL) – 14 de Agosto de 1972

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR DA BAIA, BRASIL) – 27 de Agosto de 1972

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 15 de Junho de 1973

SADLERS'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 9 e 10 de Julho de 1973

ATÉ À ETERNIDADE (VII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

MARTA ATAÍDE (1945)

Música

SERGEI RACHMANINOFF, “Adágio” da *Sinfonia n.º 2 em mi menor, Op. 27*.

Luzes

CARLOS FERNANDES

Figurinos

MARTA ATAÍDE

Estreia absoluta

23.06.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

ULRICA CALDAS; COLLEEN O’SULLIVAN; PALMIRA CAMARGO; ANGELINA BACELAR. MARIA DE FREITAS BRANCO; ELISA FERREIRA; CARLOS CALDAS; GAGIK ISMAILIAN; DAVID HYGH.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23 e 26 de Junho de 1979

ATI (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia e Figurinos

PAULA PINTO (1966)

Música

Tradicional japonesa, *Sakura, Sakura*, interpretada por JEAN-PIERRE RAMPAL.

Luzes

ABEL ALVES e PAULA PINTO

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN (XII ESTÚDIO EXPERIMENTAL DE Coreografia)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete na estreia

PAULA FERNANDES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 e 8 de Agosto de 1987

ATLANTIS (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CÉSAR MONIZ (1963)

Música

LA FURA DELS BAUS, *Banyere, La Fuente, Las Masas, Ágape, ENIGMA, Way to Eternity*

Figurinos

NATACHA FERNANDES

Luzes

CARLOS FERNANDES

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete na estreia

ÂNGELA CLEMENTE; WILSON DOMINGUES; PAULA FERNANDES; BENVINDO FONSECA. ALEXANDRA PINTO; JOÃO Mouro; SANDRA ROSADO; CARLOS PRADO; LINDANOR XAVIER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 5 de Junho de 1993

AUSÊNCIA (V ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

CHARLES IVES, *Pergunta Sem Resposta*

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

HELENA LOZANO

Estreia absoluta

14.07.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete na estreia

HELENA LOZANO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1977

AXIOMA 7

Coreografia

OHAD NAHARIN (1952)

Música

JOHANN SEBASTIAN BACH, *Concerto Brandeburguês n.º 4*.

Cenário

OHAD NAHARIN

Figurinos

OHAD NAHARIN

Luzes

OHAD NAHARIN

Assistente de Coreografia

MARI KAJIWARA

Estreia absoluta

25.01.1991

BALLET DO GRANDE TEATRO DE GENÈVE

GRANDE TEATRO DE GENÈVE (GENÈVE, SUÍÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

13.11.1996

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

IRATXE ANSA; ÂNGELA CLEMENTE; OLGA COBOS; SOFIA INÁCIO; BIRTE LUNDWALL. COLETTE MAYNARD; CLÁUDIA NÓVOA; PAULA PINTO; SANDRA ROSADO; LINDANOR XAVIER. LUIS DAMAS; BENVINDO FONSECA; ANDREW HURST; JAN KODET; CÉSAR MONIZ. MIGUEL OLIVEIRA; CARLOS PRADO; RUI REIS; FRANCISCO ROUSSEAU.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1996 – Programa 1

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Maio de 1997 – Programa 4

HESSISCHES STAATS THEATER (WIESBADEN, ALEMANHA) – 23 e 24 de Maio de 1997

AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 31 de Maio e 01 de Junho de 1997

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 3 de Julho de 1997

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 6 de Julho de 1997

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4, 5, 6 e 7 de Fevereiro de 1998 – Programa 2

VICTORIA THEATRE – NEW JERSEY PERFORMING ARTS CENTER (NEWARK, EUA) – 24, 25 e 26

de Abril de 1998

ZEITERION THÉÂTRE (NEW BEDFORD, MASSACHUSETTS, EUA) – 1 de Maio de 1998

GERMANTOWN PERFORMING ARTS CENTER (MENPHIS, TENNESSEE, EUA) – 7, 8 e 9 de Maio de

1998

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 e 28 de Maio de 1998

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE COIMBRA) – 30 e 31 de Maio de 1998

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE PORTIMÃO (PORTIMÃO) – 22 e 23 de Junho de 1998

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 26 e 27 de Junho de 1998

AZUL-CINZA (V ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ANTÓNIO LAGINHA (1955)

Música

SIBELIUS, *Valsa Triste*.

Cenário

ANTÓNIO LAGINHA

Figurinos

ANTÓNIO LAGINHA

Efeitos sonoros

ANTÓNIO LAGINHA e MAXIMIANO CARVALHO.

Estreia absoluta

14.07.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

MARIA JOÃO SALOMÃO e ANTÓNIO LAGINHA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1977

BACHIANA (IV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

VILLA-LOBOS, *Bachianas Brasileiras n.º 5*.

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

LÚCIA LOZANO

Estreia absoluta

15.07.1976

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

HELENA LOZANO e EXPEDITO SARAIVA

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15 e 16 de Julho de 1976

BAILADO EM FORMA DE FUGA (IX ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ANA RITA PALMEIRIM (1955)

Música

IGOR STRAVINSKY, *Ebony Concerto*.

Figurinos

Guarda-roupa da Fundação Gulbenkian

Luzes

MANUEL FERNANDES

Adereços

DAVID MENDES

Estreia absoluta

24.07.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

JOÃO NATIVIDADE; BERENICE KEATES; MARGARIDA BETTENCOURT; OLGA RORIZ; ELISA FERREIRA; JOÃO COSTA; JOÃO AFONSO; EDMUND STRIPE;

MARIA JOÃO SALOMÃO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1981

BAILE DOS MENDIGOS, O

Coreografia

PAUL SANASARDO (1928)

Música

BEETHOVEN, três peças para bandolim e cravo.

Figurinos

PAUL SANASARDO

Estreia absoluta

09.02.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

I – MARTA ATAÍDE; ISABEL QUEIRÓZ; PALMIRA CAMARGO; MICHÈLE ROMBOLD; ELISA WORM.

II – MICHAEL WROOMAN; JEREMY ALLEN; DAVID HIGHT; JAIR MORAIS; SEAN CUNNINGHAM.

III – PENELOPE WRIGHT; GER THOMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 11 e 12 de Fevereiro de 1974 – Programa 4

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Abril de 1974

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 25 de Abril de 1974

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 26 de Abril de 1974

AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO CALOUSTE GULBENKIAN (BRAGA) – 27 de Abril de 1974

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 29 de Abril de 1974

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 30 de Abril de 1974

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL (VILA REAL DE S. ANTÓNIO) – 10 de Junho de 1974

TEATRO LETHES (FARO) – 12 de Junho de 1974

PRAÇA DO INFANTE (LAGOS) – 14 de Junho de 1974

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 21 e 22 de Junho de 1974 –

Programa 7

TEATRO VASCO SANTANA (LISBOA) – 25 (16H30, 21H30) de Junho de 1974

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 29 e 30 de Julho de 1976 –

Programa de Verão 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21, 22 e 23 de Maio de 1978 – Programa 5

PORTIMÃO – 22 de Julho de 1978

MARINA DE VILAMOURA (VILAMOURA) – 25 de Julho de 1978

FARO – 27 de Julho de 1978

PRAÇA MARQUES DE POMBAL (VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO) – 29 de Julho de 1978

CINE-TEATRO DE AZEITÃO (AZEITÃO) – 7 de Agosto de 1978

CINE-TEATRO CARLOS MANUEL (SINTRA) – 9 de Agosto de 1978

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 12 de Maio de 1980

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 13 de Maio de 1980

TEATRO RIBEIRO CONCEIÇÃO (LAMEGO) – 19 de Maio de 1980

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 23 de Maio de 1980

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 27 de Maio de 1980

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 08, 09 e 10 de Junho de 1980

CASTELO (SILVES) – 10 de Julho de 1980

CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 14 de Julho de 1980

MARINA DE VILAMOURA (VILAMOURA) – 16 de Julho de 1980

GIMNODESPORTIVO DE SESIMBRA (SESEIMBRA) – 26 de Julho de 1980

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 28 e 29 de Julho de 1980

BALADA PARA TRÊS

Coreografia

NORMAN DIXON (1926)

Figurinos

LOURDES FREITAS

Musica

GABRIEL FAURÉ

Poema

ARTUR RAMOS

Estreia absoluta¹

16.05.1961

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

ACADEMIA MILITAR (LISBOA)

Intérpretes

BERNARDETTE PESSANHA; ALBINO MORAIS; MANUELA VARELA CID.

Locais e datas de apresentação

TEATRO DA OPERÁRIA AMORENSE (AMORA) – 17 de Maio de 1961

ESCOLA NAVAL (LISBOA) – 18 de Maio de 1961

TEATRO DA ACADEMIA DE STº AMARO (LISBOA) – 19 de Maio de 1961

PAÇOS DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 15 de Julho de 1961

PARQUE DA CIDADE (VISEU) – 8 de Setembro de 1961

FESTAS DA CIDADE (LAMEGO) – 10 de Setembro de 1961

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 30 de Outubro de 1961

A.E.I.S.T INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO (LISBOA) – 5 de Dezembro de 1961 (16h30)

FACULDADE DE MEDICINA (LISBOA) – 15 de Dezembro de 1961 (21h30)

TEATRO GARCIA DE REZENDE (EVORA) – 4 de Abril de 1962

ESTUFA-FRIA (LISBOA) – 17 de Maio de 1962

CONVENTO DE S. CLARA (GUIMARÃES) – 14 de Julho de 1962

PARQUE DE S. CRUZ (COIMBRA) – 15 de Julho de 1962

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 23 de Julho de 1962

ESTUFA-FRIA (LISBOA) – 30 de Julho de 1962

BANDO, O

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Musica

NORMAN DELLO JOIO

Estreia absoluta

07.08.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

PRAÇA DO IMPÉRIO (LISBOA)

Intérpretes

PAULA HINTON; CARLOS FERNANDES; PATRICK HURDE; ALBINO MORAIS; CARLOS CALDAS;
RAQUEL ROBY; MARTA ATAÍDE; CÉLIA VIEIRA;
ULRICA CALDAS.

Locais e datas de apresentação

PRAÇA DO IMPÉRIO (LISBOA) – 7 de Agosto de 1966

BEHOLD YOU ARE, BEAUTIFUL (III ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

JEREMY ALLEN (1940?)

Musica

OLIVER MESSIAEN (1908)

1 A peça foi, inicialmente, concebida para televisão – embora hoje não existam quaisquer registos no arquivo da RTP – no Verão de 1960 e teve estreia em palco no dia 15 de Dezembro, na sala de Alunos da Faculdade de Medicina em Lisboa, com Isabel Ruth, Wanda Ribeiro da Silva e Carlos Trincheiras no elenco. Só em 16 Maio de 61 é estreada oficialmente pelo GEB na Academia Militar de Lisboa

Intérpretes

MARGERY LAMBERT e PHILLIPE ARRONA.

Estreia absoluta

30.05.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)
AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

MARGERY LAMBERT e PHILLIPE ARRONA.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Maio de 1974

BELA ADORMECIDA, A (3.º ACTO - AS BODAS DE AURORA)

Coreografia

MARIUS PETIPA (1818-1910)

Música

TCHAIKOVSKY

Cenário

SEPPO NURMINAA

Figurinos

SEPPO NURMINAA

Estreia absoluta

16.01.1890

TEATRO MARYINSKY (SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

21.02.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)
POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes na estreia

Polonaise – Conjunto.

Mestre-de-cerimónias – FERNANDO ISASCA.

Pagens – VIRGÍLIO CABRAL, VICTOR COSTA, DOMINGOS MARTINS, ANTÓNIO DIAS.

Pedras preciosas – ULRICA CALDAS, RAQUEL ROBY, COLLEEN O'SULLIVAN, HELENA LOZANO.

Fada lilás – CARMEN GALINDO.

Gata branca – LÚCIA LOZANO.

Gato das botas – CARLOS CALDAS.

Princesa Florina – LOUISE McELROY.

Pássaro azul – KIT LETHBY.

O chapelinho vermelho – CRISTINA MIÑANA.

Princesa Aurora – ISABEL SANTA ROSA.

Príncipe Florimundo (Príncipe Desejado) – JELKO JURESKA.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 21, 22, 24 e 25 de Fevereiro de 1969 – Programa 4

POLONAISE (abertura do 3.º Acto)

Ballet Gulbenkian

Locais e datas de apresentação

ACADEMIA MILITAR (LISBOA) – 23 de Novembro de 1975

BELA E O MONSTRO, A

Coreografia

JOHN AULD (1930)

Música

MAURICE RAVEL (1875-1937)

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

30.12.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

A Bela – ISABEL SANTA ROSA.

O Monstro – CARLOS FERNANDES.

Estátuas – CARLOS CALDAS; JORGE TRINCHEIRAS; EXPEDITO SARAIVA; ANTÓNIO RODRIGUES.

Pássaros Encantados – RAQUEL ROBY; MARTA ATAÍDE.

Princesas – ISABEL QUEIRÓZ; ULRICA CALDAS; INEZ PALMA; CARMEN GALINDO; CÉLIA VIEIRA; CECÍLIA POTIER.

A Princesa dos Pagodes – CRISTINA MIÑANA.

O Séquito da Princesa – CARLOS CALDAS; JORGE TRINCHEIRAS; EXPEDITO SARAIVA; ANTÓNIO RODRIGUES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 30 de Dezembro de 1967

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 02 de Janeiro de 1968

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 29 de Maio de 1968 – [XII Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 11 de Junho de 1968 (1 acto) – [XII Festival Gulbenkian de](#)

Música

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 2 e 6 de Julho de 1968

TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 8 de Julho de 1968

ANGRA DO HEROISMO – 9 de Julho de 1968

TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 10 de Julho de 1968 (1.º acto)

QUINTA DE SANTIAGO (MATOSINHOS) – 3 de Setembro de 1968 (1.º acto)

TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 4 de Setembro de 1968 (1.º acto)

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 5 de Setembro de 1968 (1.º acto)

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 7 de Setembro de 1968 (1.º acto)

PARQUE DA CIDADE (VISEU) – 10 de Setembro de 1968 (1.º acto)

BELO DANÚBIO, O (XIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

LÉONIDE MASSINE (1895-1979)

Música original

JOHANN STRAUSS

Cenário

ÉTIENNE DE BEAUMONT, segundo CONSTANTIN GUYS.

Figurinos

ÉTIENNE DE BEAUMONT, segundo CONSTANTIN GUYS.

Libreto

LÉONIDE MASSINE

Estreia absoluta

17.05.1924 nas SOIRÉES DE PARIS DO CONDE ÉTIENNE DE BEAUMONT

Reposto em 15.04.1933 pelos BALLETS DE MONTE CARLO (FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

24.05.1969

GULBENKIAN DE BAILADO

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

O guarda – ALBINO MORAIS.

O pai – CARLOS TRINCHEIRAS.

A mãe – CÉLIA VIEIRA.

1.ª filha – MARTA ATAÍDE ou CARMEN GALINDO.

Outras filhas – CRISTINA MIÑANA e ANA RITA.

Primeira Valsa:

Costureiras – HÉLENE DIOLOT; RAQUEL ROBY; COLLEEN O'SULLIVAN; INEZ PALMA.

Empregados – VASCO WELLENKAMP; EXPEDITO SARAIVA; ESTEBAN BRUNAT; CARLOS CALDAS.

A mestra da costura – LOUISE McELROY.

O pintor – MIGUEL LYZZARRO.

Polca:

O rei dos dândis – KIT LETHBY.

As cocotes – SASHA LORD; LÚCIA LOZANO; GRAÇA BARROSO; HELENA LOZANO.

Os dândis – ANTÓNIO RODRIGUES; VITOR NAVARRO; MARIA BESSA; ELISA WORM.

Segunda Valsa:

LOUISE McELROY; KIT LETHBY; ULRIKA CALDAS; ISABEL QUEIRÓZ; ESTEBAN BRUNAT; CARLOS CALDAS.

O hussardo – ARMANDO JORGE.

Mazurcas: ARMANDO JORGE; MARTA ATAÍDE ou CARMEN GALINDO.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 24 e 31 Maio de 1969 – [XIII Festival Gulbenkian de Música](#)

PISCINA MUNICIPAL (BEJA) – 6 de Junho de 1969

CINE-TEATRO DE S.ANTÓNIO (FARO) – 7 de Junho de 1969

LUANDA (ANGOLA) – 6 de Agosto de 1969

BENGUELA (ANGOLA) – 12 de Agosto de 1969

NOVA LISBOA (GUINÉ) – 15 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) (?) – 21 de Agosto de 1969

BEIRA (MOÇAMBIQUE) (?) – 28 de Agosto de 1969

NAMPULA (MOÇAMBIQUE) – 2 e 3 de Setembro de 1969

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 de Fevereiro; 1, 2 e 3 de Março de 1971 –

Programa 2

BÊNÇÃO DE DEUS NA SOLIDÃO

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

LISZT, *Bénédiction de Dieu dans la Solitude*.

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

ORLANDO WORM

Figurinos

HELENA LOZANO

Pianista convidada

TANIA ACHOT

Estreia absoluta

10.05.1985

BALLET GULBENKIAN

TEATRO RIVOLI (PORTO)

Intérpretes na estreia

GRAÇA BARROSO; GAGIK ISMAILIAN; PAULA VALLE; FRANCISCO ROUSSEAU; ÂNGELA CLEMENTE; JOÃO COSTA; BARBARA GRIGGI; CÉSAR MONIZ; LUIS DAMAS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 e 11 de Maio de 1985

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 14 de Maio de 1985

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 16 de Maio de 1985

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 17 de Maio de 1985

TEATR WIELKI (VARSÓVIA, POLÓNIA) – 28 e 29 de Maio de 1985

PANSTWOWA OPERA WE WROCLAWIU (WROCLAW, POLÓNIA) – 1 de Junho de 1985

BYDGOSZCZ OPERA (BYDGOSZCZ, POLÓNIA) – 4 de Junho de 1985

TEATR WIELKI W LODZI (LODZ, POLÓNIA) – 7 de Junho de 1985

AUDITÓRIO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 19 de Junho de 1985

CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 20 de Junho de 1985

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 12 de Julho de 1985
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 19 e 20 de Julho de 1985
 JARDINS DO PALÁCIO DO MARQUÊS (OEIRAS) – 26 de Julho de 1985
 CINE-TEATRO LUÍSA TÓDI (SETÚBAL) – 10 de Agosto de 1985
 TEATRO ANTICO (TAORMINA, ITALIANA) – 17 e 18 de Agosto de 1985
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro; 1, 13, 14, 15 e 16 de
 Fevereiro de 1986 – **Programa 2**
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 de Maio de 1986
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 26 de Maio de 1986
 THÉÂTRE DANIEL SORANO (DAKAR, SENEGAL) – 4 de Junho de 1986
 SALÃO NOBRE DO PALÁCIO DA ASSEMBLEIA NACIONAL (PRAIA, CABO VERDE) – 9 de Junho de
 1986
 AUDITÓRIO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 25 de Junho de 1986
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 3 de Julho de 1986
 TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 8 de Julho de 1986
 CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 30 de Julho de 1986
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 10 de Outubro de 1986
 SADLER’S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 21, 23 e 25 de Outubro de 1986
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Novembro de 1986
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5 e 6 de Dezembro de 1986 – **Programa 2**
 VIDEOTECA (LISBOA) – 4, 5, 6 e 7 de Março de 1993

BOCAS DO MUNDO (IX ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ELISA FERREIRA (1953)

Música

STEVE WONDER, *The Secret Life of Plants, The Fist Garden, Hearth Creation*

Figurinos

OLGA RORIZ

Luzes

OLGA RORIZ

Estreia absoluta

24.07.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

ANGELINA BACELAR; GAGIK ISMAILIAN; BIRTE LUNDWALL.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1981

BODAS, AS

Coreografia

CHRISTOPHER BRUCE (1944)

Música

IGOR STRAVINSKY, *Les Noces*.

Interpretação musical

Maestro – MICHEL SWIERCZEWSKI e CORO GULBENKIAN.

Cantores solistas – ANA PAULA RUSSO (soprano); LILIANE BIZINECKE (meio-soprano), GUY FLECHTER (tenor); JOSÉ FARDILHA (barítono); JOSÉ AGUIAR (baixo).

Pianistas – TANIA ACHOT; OLGA PRATS; JOÃO PAULO SANTOS; NUNO VIEIRA DE ALMEIDA.

Percussionistas – DIDIER LAMARRE; ISABELLE BERTELLETI; NICOLAS PIGUET; LAURENT COULBOIS; PATRICE LEFEVRE; PHILIPPE FAUCONNIER.

Cenário

WALTER NOBBE

Figurinos

WALTER NOBBE

Luzes

GRAHAM LARGE

Estreia absoluta

19.04.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Estreia de uma nova versão

29.01.1992

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

Violinista – JOÃO AFONSO.

Noiva – GRAÇA BARROSO.

Mãe – ANA RITA PALMEIRIM.

Pai – JOÃO FIADEIRO.

Primeira-dama de Honor – LUÍSA TAVEIRA.

Damas de Honor – BARBARA GRIGGI; BIRTE LUNDWALL; VERA MANTERO.

MARGARIDA BETTENCOURT; PAULA PINTO; CLÁUDIA NÓVOA.

Noivo – GAGIK ISMAILIAN.

Mãe – ELISA FERREIRA.

Pai – JOÃO COSTA.

Padrinho – FRANCISCO ROUSSEAU.

Amigos do Noivo – LUIS DAMAS; BENVINDO FONSECA; CÉSAR MONIZ; RUI PINTO.

Convidados – AGNELO DE ANDRADE; CARLOS CARVALHO; RUI REIS; JOÃO FRANGO.

Velhos Amigos – ISABEL QUEIRÓZ; JOSÉ GRAVE; OLGA RORIZ.

Outros convidados – ANGELINA BACELAR; ANA CAETANO; PALMIRA CAMARGO; PAULA FERNANDES.

TERESA LOPES; MARIA JOÃO SALOMÃO; PAULA VALLE; JOÃO MOURO.

ANTÓNIO TELES; WILSON DOMINGUES; LINDANOR XAVIER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 21 e 22 de Abril de 1989 – **Programa 4**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro; 1, 4, 5, 6, 7 e 8 de Fevereiro de 1992 – **Programa 2**

BRINCADEIRAS DE RUA

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

JACQUES IBERT (1890-1962)

Cenário

REINALDO MARTINS

Figurinos

WALTER GORE

Estreia absoluta

1952

WIMBLEDON THEATRE (LONDRES, INGLATERRA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

30.12.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

Jogo do avião – JOAHNE O'HARA; RAQUEL ROBY; CRISTINA MIÑANA; SASHA LORD.

Rugby – ALBINO MORAIS; JORGE TRINCHEIRAS.

Saltando à corda – JOAHNE O'HARA; SASHA LORD; RAQUEL ROBY; CRISTINA MIÑANA.

O primeiro amor – MARIA BESSA; ANTÓNIO RODRIGUES.

Escrever na parede – SASHA LORD.

A bola perdida – JORGE TRINCHEIRAS.

Jogo da bola – JOAHNE O'HARA.

Toca e foge – JOAHNE O'HARA; RAQUEL ROBY; CRISTINA MIÑANA; SASHA LORD.
Estátuas – MARIA BESSA com JOAHNE O'HARA; RAQUEL ROBY; CRISTINA MIÑANA; SASHA LORD.

Luta – ALBINO MORAIS; JORGE TRINCHEIRAS.

Mascarada – JOAHNE O'HARA; SASHA LORD; CRISTINA MIÑANA; JORGE TRINCHEIRAS.

O ramo de flores e final – Conjunto.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 30 de Dezembro de 1967

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 2 de Janeiro de 1968

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 29 de Maio de 1968 – [XII Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 11 de Junho de 1968 – [XII Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 5 de Julho de 1968

TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 8 de Julho de 1968

ANGRA DO HEROISMO – 9 de Julho de 1968

TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 10 de Julho de 1968

TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 14 de Julho de 1968

QUINTA DE SANTIAGO (MATOSINHOS) – 3 de Setembro de 1968

TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 4 de Setembro de 1968

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 6 de Setembro de 1968

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 7 de Setembro de 1968

TEATRO PARQUE-CINE (FIGUEIRA DA FOZ) – 8 de Setembro de 1968

PARQUE DA CIDADE (VISEU) – 10 de Setembro de 1968

POLITEAMA (LISBOA) – 10, 11, 13 e 14 de Janeiro de 1969 – [Programa 2](#)

CINE TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 4 de Junho de 1969

BUTTERFLY EFFECT, THE (O EFEITO BORBOLETA)

Coreografia

ITZIK GALILI (1962)

Cenário

ITZIK GALILI

Figurinos

JENNIFER HANNA

Luzes

BENNO VEEN

Assistente de Coreografia

GUY VAIZMAN

Estreia absoluta

08.06.1991

BATSHEVA ENSEMBLE

SUZANNE DELLAL THEATER, TELAVIVE (ISRAEL)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

12.11.1997

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

PASCALE MOSSELMANS; FRANCISCO ROUSSEAU; BERNARDO GAMA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14 e 15 de Novembro de 1997 – [Programa 1](#)

CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Novembro de 1997

VICTORIA THEATER N. JERSEY PERFORMING ARTS CENTER (NEWARK, EUA) – 24, 25 e 26 de Abril de 1998

ZEITERION THEATER (NEW BEDFORD, MASSACHUSETTES, EUA) – 1 de Maio de 1998

GERMANTOWN PERFORMING ARTS CENTER (MENPHIS, TENNESSEE, EUA) – 7, 8 e 9 de Maio de 1998

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 e 28 de Maio de 1998

AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 13 e 14 de Junho de 1998

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE PORTIMÃO (PORTIMÃO) – 22 e 23 de Junho de 1998

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 26 e 27 de Junho de 1998

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 30 de Junho de 1998
THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (BRASIL) – 16, 17 e 18 de Setembro de 1998
AUDITÓRIO DO FORUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA (ALMADA) – 5 de Dezembro de 1998

CAMINHOS DO TEMPO (TIME WAYS)

Coreografia

DENIS CAREY (1938?)

Musica

FRANTISEK KROMMER

Cenário e Figurinos

NADIR AFONSO

Estreia absoluta

05.12.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNE O'HARA; COLLEN O'SULLIVAN; ARMANDO JORGR (dias 5, 6 e 8); SOREN BACKLUND (dias 6 e 7); MICHÈLE RIMBOLD; ULRICA CALDAS; VLADO PILINGER; ANTÓNIO RODRIGUES; VASCO WELLENKAMP; PENELOPE WRITH; MARTA ATAÍDE; REYES DE LARA; CECÍLIA POTIER; LÚCIA LOZANO; JIM HUGHES; DAVID HYGH.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 7 e 8 de Dezembro de 1970 – [Programa 2](#)

CAMPO DA MORTE, O¹ (em memória de Mr. e Mrs. H.)

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

HUMPHREY SEARLE

Cenário

Adaptado por WALTER GORE e REINALDO MARTINS.

Figurinos

WALTER GORE

Estreia absoluta

05.02.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes na estreia

Ela – PAULA HINTON.

Ele – CARLOS FERNANDES.

O irmão – JORGE TRINCHEIRAS.

O povo – INEZ PALMA; CRISTINA MIÑANA; CÉLIA VIEIRA; MARIA BESSA; SASHA LORD; CARMEN GALINDO; CECÍLIA POTIER; LÚCIA LOZANO; ALBINO MORAIS; CARLOS CALDAS; ANTÓNIO RODRIGUES; EXPEDITO SARAIVA.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 5, 6 e 7 de Fevereiro de 1968 – [Programa 1](#)

POLITEAMA (LISBOA) – 15 e 23 de Maio e 1 de Junho de 1968 – [Programa 6](#)

CINE-TEATRO (COVILHÃ) – 2 de Junho de 1968 – [XII Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 6 de Setembro de 1968

TEATRO PARQUE-CINE (FIGUEIRA DA FOZ) – 8 de Setembro de 1968

POLITEAMA (LISBOA) – 21, 22, 24 e 25 de Fevereiro de 1969 – [Programa 4](#)

CANÇÕES SEM PALAVRAS

Coreografia

HANS VAN MANEN (1932)

Música

¹ Conhecido posteriormente por *Sangue no Cais*.

MENDELSSOHN (1809-1847), *Canções sem Palavras*.

Cenário

JEAN PAUL VROOM

Figurinos

JEAN PAUL VROOM

Direcção de ensaios

CARLOS TRINCHEIRAS

Pianista

JORGE MOYANO

Estreia absoluta

1977

FESTIVAL DA HOLANDA (HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

01.12.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

I – *Op. 19 n.º 1 – Andante com moto* – ISABEL QUEIRÓZ; GRAÇA BARROSO; COLLEEN O’SULLIVAN; JANE SALIER; GER THOMAS; JAIR MORAIS; GAGIK ISMAILIAN.

II – *Op. 38 n.º 1 – Com moto* – JANE SALIER; GAGIK ISMAILIAN.

III – *Op. 62 n.º 2 – Allegro com fuoco* – SOREN BACKLUND.

IV – *Op. 19 n.º 6 – Andante sostenuto* – GRAÇA BARROSO e JAIR MORAIS.

V – *Op. 30 n.º 1 – Andante espressivo* – ISABEL QUEIRÓZ e GER THOMAS.

VI – *Op. 19 n.º 5 – Piano agitato* – GRAÇA BARROSO; COLLEEN O’SULLIVAN; JANE SALIER; GAGIK ISMAILIAN.

VII – *Op. 102 n.º 1 – Andante un poco agitato* – GER THOMAS e JAIR MORAIS.

VIII – *Op. 67 n.º 2 – Allegro leggiero* – GRAÇA BARROSO e SOREN BACKLUND.

X – *Op. 85 n.º 4 – Andante sostenuto* – Conjunto.¹

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 01, 05, 09, 10, 29 e 30 de Dezembro de 1978 –

Programa 1

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 05 e 07 (16h00) de Janeiro de 1979

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 06 e 07 (21h30) de Janeiro de 1979

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 03, 04, 07, 08, 09, 10 e 11 de Fevereiro de 1979 –

Programa 3

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 03 de Maio de 1979

CINE-TEATRO AVENIDA (CASTELO BRANCO) – 05 de Maio de 1979

TEATRO-CINE (COVILHÃ) – 07 de Maio de 1979

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 08 de Maio de 1979

CINE-TEATRO (GUARDA) – 09 de Maio de 1979

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Maio de 1979

TEATRO AVEIRENSE (AVIERO) – 12 de Maio de 1979

TETRO RIVOLI (PORTO) – 15 de Maio de 1979

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 16 de Maio de 1979

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 14 e 15 de Julho de 1979

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 16 e 17 de Julho de 1979

TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 21 de Julho de 1979

TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 28 de Julho de 1979

TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 29 de Julho de 1979

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 06 e 07 de Agosto de 1979 – V Festival de Música da Costa do Estoril

GIMNODESPORTIVO DE SESIMBRA (SEIMBRA) – 09 e 10 de Agosto de 1979

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 08, 09, 10, 13 e 14 de Fevereiro de 1980 – **Programa**

2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 18 de Março de 1980

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 22 de Março de 1980

¹ A secção IX do bailado trata-se de um solo de piano sem dança.

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 12 de Maio de 1980
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VILA REAL) – 17 de Maio de 1980
TEATRO RIBEIRO CONCEIÇÃO (LAMEGO) – 19 de Maio de 1980
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 21 de Maio de 1980
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 24 de Maio de 1980
CASTELO (SILVES) – 10 de Julho de 1980
CASTELO (SILVES) – 11 de Julho de 1980
CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 12 de Julho de 1980
CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 14 de Julho de 1980
MARINA DE VILAMOURA (VILAMOURA) – 16 de Julho de 1980
MARINA DE VILAMOURA (VILAMOURA) – 17 de Julho de 1980
GIMNODESPORTIVO DE SESIMBRA (SESEIMBRA) – 26 de Julho de 1980
CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 28 e 29 de Julho de 1980
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 06, 07, 11, 12, 13, 14 e 15 de Novembro de 1981 –

Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14 e 16 de Abril de 1983 – Programa 3 – A
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15 e 16 de Abril de 1983 – Programa 3 – B
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19 de Abril de 1983 – Programa 3 – D
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29 e 30 de Novembro e 1 de Dezembro de 1990

– Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 05, 06, 11 e 12 de Abril de 1991 – Programa 5

CANTATA

Coreografia

MAURO BIGONZETTI (1960)

Música

CANÇÕES TRADICIONAIS NAPOLITANAS interpretadas por CRISTINA VETRONE (voz, órgão e percussão), LORELLA MONTI (voz e percussão), ENZIA PRESTIA (voz, percussão e guitarra) e ENZA PAGLIARA (voz e percussão).

Figurinos

HELENA MEDEIROS

Desenho de Luzes

CARLO CERRI

Estreia absoluta

29.06.2001

BALLET GULBENKIAN

TEATRO RIVOLI (PORTO)

Intérpretes

MAYRA BECKER; BARBARA GRIGGI; SOFIA INÁCIO; LAURA MARÍN; SANDRA ROSADO. TERESA ALVES DA SILVA. LEONARDO CENTI; VINCENT COLOMES; BERANRDO GAMA; HILLEL KOGAN; RUI PINTO; CARLOS PRADO.

Locais e datas de apresentação

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 29 e 30 de Junho e 1 de Julho de 2001 – Programa 4
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 4 e 5 de Julho de 2001
TEATRO VIRIATO (VISEU) – 12, 13 e 14 de Julho de 2001
FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 18 de Julho de 2001
TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 28 e 29 de Setembro de 2001
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Março de 2002 – Programa 3
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 e 22 de Março de 2002
TEATRO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 13 de Abril de 2002
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 10 e 11 de Maio de 2002
CINE-TEATROMUNICIPAL D.JOÃO V (AMADORA) – 17 e 18 de Maio de 2002
CENTRO CULTURAL ÓLGA DO CADAVAL (SINTRA) – 18 e 19 de Julho de 2002
VIEHAUKTIONSHALLE (WEIMAR, ALEMANHA) – 29 e 30 de Agosto de 2002
VIEHAUKTIONSHALLE (WEIMAR, ALEMANHA) – 31 de Agosto e 1 de Setembro de 2002
GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) – 26, 27, 28, 29 e 30 de Setembro de 2002
TEATRO PRINCIPAL (VALENCIA, ESPANHA) – 3, 4 e 5 de Outubro de 2002

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 e 31 de Outubro e 1 e 2 de Novembro de 2002 –
Programa 1
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8 e 9 de Novembro de 2002 – **Programa 2**
 GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 15 e 16 de Novembro de
 2002
 GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO DE ARTES E ESPECTÁCULOS (FIGUEIRA DA FOZ) – 22 e 23
 de Novembro de 2002
 TEATRO SÃO LUIZ (LISBOA) – 7 e 8 de Dezembro de 2002
 CENTRO DE ARTES ESCÉNICAS (SALAMANCA, ESPANHA) – 4 e 5 de Abril de 2003
 TEATRO NACIONAL (ZAGREB, CROÁCIA) – 12 de Abril de 2003
 FESTSPIELHAUS (RECKLINGHAUSEN, ALEMANHA) – 14, 15, 16, 17 e 18 de Maio de 2003
 AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 31 de Maio e 1 de Junho de 2003
 TEATRO MUNICIPAL DE KUOPIO (KUOPIO, FINLÂNDIA) – 12 e 13 de Junho de 2003
 TEATRO JOSÉ LUCIO DE SILVA (LEIRIA) – 20 e 21 de Junho de 2003
 PAVILHÃO DESPORTIVO MUNICIPAL (ALGARVE) – 27 e 28 de Junho de 2003
 ANFITEATRO ROMANO DE ITÁLICA (SEVILHA, ESPANHA) – 8 e 9 de Julho de 2003
 CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL (SINTRA) – 18 e 19 de Julho de 2003
 TEATRO PRINCIPAL (ALICANTE, ESPANHA) – 27 e 28 de Abril de 2004
 TEATRO ARRIAGA (BILBAO, ESPANHA) – 14 e 15 de Maio de 2004
 TEATRO BARAÑAIN (PAMPLONA, ESPANHA) – 18 e 19 de Maio de 2004
 TEATRO MUNICIPAL (BRAGANÇA) – 28 e 29 de Maio de 2004
 TEATRO CAMÕES (LISBOA) – 31 de Julho de 2005 – **ÚLTIMO ESPECTÁCULO**

CÂNTICO (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LUIS DAMAS (1961)

Música original

EMANUEL RAMALHO

Figurinos

LUIS DAMAS e PAULA PINTO.

Luzes

JOSÉ FONSECA

Poema

JOSÉ RÉGIO, *Cântico Negro*, declamado por Filipe Meireles.

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

Bailarinos – PAULA PINTO e FRANCISCO ROUSSEAU.

Vozes – José António Domingues; Filipe Meireles e LUIS DAMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 e 8 de Agosto de 1987

CANTO DA SOLIDÃO

Coreografia

ARMANDO JORGE (1938)

Música

ÁLVARO CASSUTO (1938)

Cenário

DA SILVA NUNES (Armando Jorge)

Figurinos

DA SILVA NUNES (Armando Jorge)

Estreia absoluta

10.11.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

MARGERY LAMBERT e MARTA ATAÍDE; COLLEEN O'SULLIVAN; CECÍLIA POTIER; SOREN BACKLUND; SEAN CUNNINGHAM; DAVID HYGH.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Novembro de 1973 – Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Abril de 1974

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 25 de Abril de 1974

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 26 de Abril de 1974

AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO CALOUSTE GULBENKIAN (BRAGA) – 27 de Abril de 1974

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 29 de Abril de 1974

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 30 de Abril de 1974

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL (VILA REAL DE S. ANTÓNIO) – 11 de Junho de 1974

TEATRO LETHES (FARO) – 13 de Junho de 1974

PRAÇA DO INFANTE (LAGOS) – 15 de Junho de 1974

TEATRO VASCO SANTANA (LISBOA) – 25 de Junho de 1974

JARDINS DU PHARO (MARSELHA, FRANÇA) – 3 e 4 de Julho de 1974

TEATRO ENRICO CECCHETTI (ROMA, ITÁLIA) – 7, 8 e 9 de Julho de 1974

CHATEAU DU PLESSIS-BOURRÉ (PARIS, FRANÇA) – 11 de Julho de 1974

TEATRO NACIONAL (ZAGREB, JUGOSLÁVIA) – 16 de Julho 1974

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 13 de Julho de 1975

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Julho de 1975 –

Programa de Verão 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro e 01 de Fevereiro de 1976 –

Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 7, 8, 9, 10 e 11 de Fevereiro de 1979 –

Programa 3

CANTO DO CISNE, O

Coreografia

CLARA ANDERMATT (1963)

Assistente de Coreografia

AMÉLIA BENTES

Música

VÍTOR RUA, variações sobre o tema *THE SWAN*, de CAMILLE SAINT-SÆENS.

Desenho de luzes

RUI HORTA

Figurinos

ALEKSANDAR PROTICH

Estreia absoluta

3.11.2004

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MÓNICA GOMES; BARBARA GRIGGI; WUBKJE KUINDERSMA; SYLVIA RIJMER; IOLANDA RODRIGUES; ANN DE VOS; JORDI ALGUACIL; BERNARDO GAMA; BRUNO GUILLORÉ; HILLEL KOGAN. PEDRO MENDES; CARLOS PRADO; NELSON SMITH; JERMAINE MAURICE SPIVEY; RODRIGO VIEIRA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5 e 6 de Novembro de 2004 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO DE EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 12 e 13 de Novembro de 2004

TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA (BRAGANÇA) – 15 e 16 de Abril de 2005

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 e 22 de Abril de 2005

SCHAUSPIELHAUS (DRESDEN, ALEMANHA) – 21 e Maio de 2005

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 10 e 11 de Junho de 2005

TEATRO NACIONAL S. JOÃO (PORTO) – 14 e 15 de Junho de 2005

CARNAVAL

Coreografia

MIKHAIL FOKINE (1880-1942)

Música

ROBERT SCHUMANN

Cenário

LEON BAKST

Figurinos

LEON BAKST

Estreia absoluta

20.05.1910

THEATER DES WESTENS (BERLIM, ALEMANHA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

25.01.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

Chiarina – ULRICA CALDAS.

Eusebius – KLAUS GÖTZ.

Estrella – BERNARDETTE PESSANHA.

Florestan – CARLOS FERNANDES.

Pierrot – JOHN AULD.

Arlequim – PATRICK HURDE.

Papillon – RAQUEL ROBY.

Colombina – JOAHNE O'HARA.

Pantolon – WALTER GORE.

Amigos – ISABEL QUEIRÓZ; CARMEN GALINDO; ALBINO MORAIS; CARLOS CALDAS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 25 e 29 de Janeiro de 1966 – Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 15 de Abril de 1966 – Programa 7

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 11 de Março de 1967 – Programa 5

TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 5 de Julho de 1967

CARTA BRANCA (II ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

PATRICK HURDE (1937-2013)

Música

DONIZETTI, "Suite" da ópera *La Favorita*.

Cenário e Figurinos

CECILIA POTIER

Estreia absoluta

01.06.1973

BALLET GULBENKIAN – Grupo Gulbenkian de Bailado

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

JOAHNNE O'HARA e PATRICK HURDE.

MARIA BESSA; DAVID HYGH e PALMIRA CAMARGO.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 e 2 de Junho de 1973

CARTOGRAFIA DOS LUGARES COMUNS

Coreografia

RUI HORTA (1957)

Música original

YENS & YENS

Cenário

RUI HORTA

Figurinos

JOSÉ ANTÓNIO TENENTE

Luzes

RUI HORTA

Assistente de Coreografia

OLGA COBOS

Estreia absoluta

20.01.1999

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

PASCALE MOSSELMANS; ANNE PLAMONDON; MARIËTTE REDEL; SANDRA ROSADO. TERESA ALVES DA SILVA; TERESA SIMAS; LEONARDO CENTI; WILSON DOMINGUES; BERNARDO GAMA; MGUEL OLIVEIRA; CARLOS PRADO; ROMEU RUNA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Janeiro de 1999 – Programa 2

TEATRO NACIONAL (ZAGREB, CROÁCIA) – 22 e 23 de Abril de 1999

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 15 e 16 de Maio de 1999

CINE-TEATRO ACADEMIA (ALMADA) – 18 e 19 de 1999

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 22 e 23 de Maio de 1999

CASAMENTO, O - Um bailado improvável em 10 episódios

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

JACQUES IBERT

Cenário

WALTER GORE

Figurinos

Segundo DEGAS

Estreia absoluta

12.03.66

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

Araminta – ISABEL QUEIRÓZ.

Joseph – JOHN AULD.

Amigos de Joseph:

Jacques – CARLOS TRINCHEIRAS.

Geoges – CARLOS FERNANDES.

Emil – PATRICK HURDE.

Phillippe – CARLOS CALDAS.

Sargento Maintenant – ANTÓNIO RODRIGUES.

Amigos de Araminta:

Florette – MARTA ATAÍDE.

Lulu – RAQUEL ROBY.

Cissie – CÉLIA VIEIRA.

Clara – LÍDIA FRANCO.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 12 de Março de 1966 – Programa 4

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 6 de Dezembro de 1966 – Programa Especial

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 21 de Dezembro de 1966 – Programa Natal 66

TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 28 de Agosto de 1967

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 29 de Agosto de 1967

ABRANTES – 12 de Setembro de 1967

CASSE NOISETTES / 2.º ACTO (Ver Quebra-Nozes)

CASTA DIVA

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

BELLINI (1801-35), ária “Casta Diva”, da ópera *Norma*, interpretada por MARIA CALLAS.

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

ORLANDO WORM

Concepção cénica

NUNO CARINHAS

Adereços

Executados por ILDEBERTO GAMA.

Estreia absoluta

03.12.1986

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete na estreia

GRAÇA BARROSO

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5 e 6 de Dezembro de 1986 – Programa 2

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 e 20 de Maio de 1988

TEATRO-CIRCO (BRAGA) – 28 de Maio de 1988

CATULLI CARMINA

Coreografia

JOHN BUTLER (1918-1993)

Música

CARL ORFF

Cenário e Figurinos

GERMINAL CASADO

Estreia absoluta

25.11.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Catulo – GER THOMAS.

Lésbia – PENELOPE WRIGTH.

Célio – ARMANDO JORGE.

Hipsítia – JOAHNE O’HARA.

Os apaixonados – LUIZA DUARTE; SOREN BACKLUND; DEBORAH HESS; JIM HUGHES; HELENA LOZANO.

DAVID HYGH; COLLEEN O’SULLIVAN; MARK JOHNSON; MICHÈLE RIMBOLD.

FERNANDO LEONARDO; CECÍLIA POTIER; JÚLIO MEDINA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Novembro de 1972 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 11 e 12 de Fevereiro de 1974 – Programa 4

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL (VILA REAL DE S. ANTÓNIO) – 10 de Junho de 1974

TEATRO LETHES (FARO) – 12 de Junho de 1974

PRAÇA DO INFANTE (LAGOS) – 14 de Junho de 1974

JARDINS DU PHARO (MARSELHA, FRANÇA) – 3 e 4 de Julho de 1974

TEATRO ENRICO CECCHETTI (ROMA, ITÁLIA) – 7, 8 e 9 de Julho de 1974

CHATEAU DUPLESSIS-BOURRÉ (PARIS, FRANÇA) – 11 de Julho de 1974

TEATRO NACIONAL (ZAGREB, JUGOSLÁVIA) – 16 de Julho 1974

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Maio de 1976 – Programa 4

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 12 e 13 de Novembro de 1977 – Programa 2

CAVALEIROS DA NOITE (Iniciação)

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música Original

ANTÓNIO EMILIANO

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

30.01.1991

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

BENVINDO FONSECA; GAGIK ISMAILIAN; JOSÉ GRAVE; JOÃO AFONSO; AGNELO ANDRADE.

JOÃO MOURO; WILSON DOMINGUES; JOÃO COSTA; JOÃO FRANGO; ANTÓNIO TELES; CARLOS CARVALHO; CARLOS PRADO; RUI REIS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 e 31 de Janeiro; 1 e 2 de Fevereiro de 1991 –

Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Fevereiro de 1991 – Programa 4

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 19 de Maio de 1991

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 24 de Maio de 1991

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 26 de Maio de 1991

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 29 de Maio de 1991

CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 2 de Junho de 1991

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 6 de Junho de 1991

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 8 de Junho de 1991

TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 11 de Junho de 1991

PAVILÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 14 de Junho de 1991

PAVILÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1991

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Junho de 1991

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 30 de Junho de 1991

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D.LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 6 de Julho de 1991

TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA (LEIRIA) – 6 de Julho de 1991

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 13 de Julho de 1991

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 15 de Julho de 1991

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 17 de Julho de 1991

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 23 de Julho de 1991

THÉÂTRE MUNICIPAL DE LUXEMBOURG (LUXEMBURGO) – 19, 20 e 21 de Outubro de 1991

PALEIS DES BEAUX-ARTS (BRUXELAS, BELGICA) – 24 de Outubro de 1991

GRAND AUDITORIUM, CARLTON CASINO CLUB (CANNES, FRANÇA) – 21 e 27 de Novembro de

1991

CEMITÉRIO DOS PRAZERES

Coreografia

CLARA ANDERMATT (1963)

Banda Sonora e Composição Musical

JOÃO LUCAS

Figurinos

JOSÉ ANTÓNIO TENENTE

Luzes

RUI MARCELINO

Assistente da Coreografia

AMÉLIA BENTES

Estreia absoluta

31.01.1996

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

ÂNGELA CLEMENTE; PAULA FERNANDES; CLÁUDIA NÓVOA; ADRIANA QUEIRÓZ; SANDRA ROSADO; LUIS DAMAS; CÉSAR MONIZ; CARLOS PRADO; FILIPE VALLA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 31 de Janeiro; 1, 2 e 3 de Fevereiro de 1996 –

Programa 2

CENAS DE FAMÍLIA

Coreografia

OSCAR ARAIZ (1940)

Música

FRANCIS POULENC, *Concerto para dois pianos*.

Figurinos

RENATA SCHUSSHEIM

Luzes

OSCAR ARAIZ

Estreia absoluta

24.03.1974

TEATRO ODEÓN (BUENOS AIRES, ARGENTINA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

22.01.1997

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Pai – RUI PINTO.

Mãe – CLÁUDIA NÓVOA.

Filha mais velha – ADRIANA QUEIRÓZ.

Filha mais nova – IRATXE ANSA.

Filho – JAN KODET.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22, 23, 24 e 25 de Janeiro de 1997 – Programa 2

CÉU QUE NOS RESTA, O

Coreografia

JUAN CARLOS GARCÍA (1957)

Música

ORIO ROSSELL

Cenografia

JOSÉ MENHERO e JUAN CARLOS GARCÍA.

Assistente de Coreografia

SONIA RODRÍGUEZ

Estreia Absoluta

17.03.2004

BALLET GULBEMKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MÓNICA GOMES; WUBKJE KUINDERSMA; LAURA MARÍN; IOLANDA RODRIGUES; SANDRA ROSADO. ANN DE VOS; ALLAN FALIERI; BRUNO GUILLORÉ; PEDRO MENDES; RUI PINTO; ROGER VAN DER POEL. JERMAINE MAURICE SPIVEY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17, 18, 19 e 20 de Março de 2004 – Programa 3

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 27 de Março de 2004

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 2 e 3 de Abril de 2004

CHAMELEON

Coreografia

ITZIK GALILI (1962)

Música

JOHN CAGE (1912-1992), *In a Landscape*

Figurinos

NATASJA LANSEN

Desenho de Luzes

ITZIK GALILI

Assistente de Coreografia

ASTRID POSNER

Estreia absoluta

12.02.1998

STADSSCHOUWBURG (HEERLEN-HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

08.11.2000

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER; ÂNGELA CLEMENTE; PAULA FERNANDES; LAURA MARÍN; ANA CLÁUDIA RIBEIRO; TERESA ALVES DA SILVA; LINDANOR XAVIER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Novembro de 2000 – **Programa 1**

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 17 e 18 de Novembro de

2000

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 15 e 16 de Dezembro de 2000

CINE-TEATRO MUNICIPAL D. JOÃO V (DAMAIA) – 2 e 3 de Março de 2001

OLDENBURGISCHES STAATSTHEATER (OLDENBURG, ALEMANHA) – 11 e 12 de Maio de 2001

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8 e 9 de Junho de 2001

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 4 e 5 de Julho de 2001

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 12, 13 e 14 de Julho de 2001

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 18 de Julho de 2001

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 28 e 29 de Setembro de 2001

VIEHAUKTIONSHALLE (WEIMAR, ALEMANHA) – 31 de Agosto e 1 de Setembro de 2002

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 15 e 16 de Novembro de

2002

GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO DE ARTES E ESPECTÁCULOS (FIGUEIRA DA FOZ) – 22 e 23 de Novembro de 2002

TEATRO SÃO LUIZ (LISBOA) – 7 e 8 de Dezembro de 2002

TEATRO SÃO LUIZ (LISBOA) – 14 e 15 de Dezembro de 2002

CENTRO DE ARTES ESCÉNICAS (SALAMANCA, ESPANHA) – 4 e 5 de Abril de 2003

TEATRO NACIONAL (ZAGREB, CROÁCIA) – 12 de Abril de 2003

FESTPIELHAUS (RECKLINGHAUS, ALEMANHA) – 14, 15, 16, 17 e 18 de Maio de 2003

TEATRO MUNICIPAL KUOPIO (KUOPIO, FINLÂNDIA) – 12 e 13 de Junho de 2003

CHARMES

Coreografia

CESC GELABERT (1963)

Música

FREDERIC MOMPOU (1893-1987), *Souvenirs de l'Exposition* (1937), *Scènes d'Enfants* (1915-1918) e *Charmes* (1920-1921).

Cenários

JON BERRONDO

Figurinos

LYDIA AZZOPARDI

Desenho de luzes

SAMANTHA LEE

Assistente de Coreografia

SARAH TAYLOR

Estreia absoluta

26.09.2002

BALLET GULBENKIAN

GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA)

Estreia em Portugal

30.10.2002

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BEKER; SOFIA INÁCIO; ANA CLÁUDIA RIBEIRO; HILLEL KOGAN; SÉBASTIEN MARI. CARLOS PRADO; SANDRA ROSADO; ANN DE VOS; JERMAINE MAURICE SPIVEY; RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) – 26 de Setembro de 2002

TEATRE PRINCIPAL (VALENCIA, ESPANHA) – 3, 4 e 5 de Outubro de 2002

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 e 31 de Outubro, 1 e 2 de Novembro de 2002 –

Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8 e 9 de Novembro de 2002 – **Programa 2**

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 15 e 16 de Novembro de 2002

GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO DE ARTES E ESPECTÁCULOS (FIGUERIA DA FOZ) 22 e 23 de Novembro de 2002

CINCO CANÇÕES DE MAHLER (WENDUNG)

Coreografia

HEINZ SPOERLI (1941)

Música

GUSTAV MAHLER, *Cinco Canções sobre poemas de Friedrich Rückert*.

Figurinos

HEINZ BRENER

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

03.03.1979

BALLET DE BASILEIA (SUIÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

28.11.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GAGIK ISMAILIAN; BIRTE LUNDWALL; MARTA ATAÍDE; OLGA RORIZ; ULRICA CALDAS; ERICK BOWEN; CARLOS CALDAS; MIKIO IKEHATA; SOREN BACKLUND.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29 e 30 de Novembro; 1 e 3 de Dezembro de 1979 – **Programa 1**

CINCO MELODIAS DE VENEZA (VII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

GABRIEL FAURÉ, *Cinco melodias de Veneza, Op. 58*, sobre poemas de VERLAINE

Cenário

HELENA LOZANO (adaptação de uma imagem existente).

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

MANUEL FERNANDES

Estreia absoluta

23.06.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Em surdina – HELENA LOZANO; LUÍSA DUARTE; ANA RITA PALMEIRIM; JAIR MORAIS; PEDRO COELHO; FRANCISCO DUARTE.

Bandolim – ANA RITA PALMEIRIM.

Verde – HELENA LOZANO; PEDRO COELHO; FRANCISCO DUARTE.

Uma clymene – LUÍSA DUARTE; JAIR MORAIS.

Êxtase – Conjunto.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23 e 26 de Junho de 1979

CINCO POEMAS DE AMOR

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

RICHARD WAGNER (1813-1883), *Cinco canções para voz feminina* sobre poemas de MATHILDE WESENDONCK.

Cenário

FERNANDO DE AZEVEDO, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

13.05.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

Primeira Canção: GRAÇA BARROSO; GAGIK ISMAILIAN; ISABEL QUEIRÓZ; JOSÉ GRAVE; COLLEEN O'SULLIVAN; ANA RITA PALMEIRIM; ELISA FERREIRA; ÂNGELA CLEMENTE; EDMUND STRIPE; JOÃO AFONSO; JOÃO COSTA; AGNELO ANDRADE.

Segunda Canção: GRAÇA BARROSO; GAGIK ISMAILIAN; JOSÉ GRAVE; EDMUND STRIPE; JOÃO AFONSO; JOÃO COSTA; AGNELO ANDRADE.

Terceira Canção: ISABEL QUEIRÓZ.

Quarta Canção: GRAÇA BARROSO; GAGIK ISMAILIAN.

Quinta Canção: GRAÇA BARROSO; GAGIK ISMAILIAN; ISABEL QUEIRÓZ; JOSÉ GRAVE; COLLEEN O'SULLIVAN, EDMUND STRIPE, ANA RITA PALMEIRIM, JOÃO AFONSO; ELISA FERREIRA; JOÃO COSTA; ÂNGELA CLEMENTE; AGNELO ANDRADE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15, 16 e 17 de Maio de 1981 – Programa 4

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 9 e 10 de Junho de 1981

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 13 de Junho de 1981

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 23 de Junho 1981

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 e 5 de Julho de 1981

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 4 e 5 de Agosto de 1981

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2, 3, 4, 5 e 6 de Março de 1982 – Programa 3

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 22 de Julho de 1982

GINÁSIO DA ESCOLA PREPARATÓRIA PÓVOA DE VARZIM (PÓVOA DO VARZIM) – 24 de Julho de

1982

PLAZA PORTICADA (SANTANDER, ESPENHA) – 31 de Julho de 1982

CINCO TANGOS**Coreografia**

HANS VAN MANEN (1932)

Música

ASTOR PIAZZOLLA

Cenário

JEAN PAUL VROOM, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

JEAN PAUL VROOM

Estreia absoluta

03.11.1977

BALLET NACIONAL DA HOLANDA

STADSSCHOUWBURG (AMESTERDÃO, HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

23.04.1982

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ; GAGIK ISMAILIAN; MARTA ATAÍDE; COLLEEN O'SULLIVAN; OLGA RORIZ. BIRTE LUNDWALL; ÂNGELA CLEMENTE; BERENICE SANTANA; JOÃO COSTA; EDMUND STRIPE. MIKIO IKEHATA; BRUNO MÁSCOLO; FRANCISCO ROUSSEAU; JOÃO AFONSO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23, 24, de 1982 – Programa 4 – A

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 Abril de 1982 – Programa 4 – B

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 de Abril e 2 de Maio de 1982 – Programa 4 – C

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 14 de Maio de 1982

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 18 de Maio de 1982

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 de Maio de 1982

CINE-TEATROLUÍSA TODI (SETÚBAL) – 24 de Maio de 1982

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR DA BAIA, BRASIL) – 4 de Junho de 1982

TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA (BRASIL) – 8 de Junho de 1982

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (BRASIL) – 12 de Junho de 1982

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (BRASIL) – 15 de Junho de 1982

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 1 e 2 de Julho de 1982

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 22 de Julho de 1982

GINÁSIO DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE PÓVOA DE VARZIM (PÓVOA DE VARZIM) – 23 de Julho de 1982

TEATRO SÃO PEDRO (ESPPINHO) – 26 de Julho de 1982

PLAZA PORTICADA (SANTANDER, ESPANHA) – 30 de Julho de 1982

CASA DA CULTURA DOS TRABALHADORES DA QUIMIGAL (BARREIRO) – 26 de Outubro de 1982

CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 28 de Outubro de 1982

CINE-TEATRO CARLOS MANUEL (SINTRA) – 30 de Outubro de 1982

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 7, e 11 de Dezembro de 1982 – Programa 1 – A

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 9 e 10 de Dezembro de 1982 – Programa 1 – B

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 25 e 27 de Fevereiro de 1983

TEATRE GREC DE MONTJUÏC (BARCELONA, ESPANHA) – 27 e 28 de Julho de 1983

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Abril de 1985

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 16 de Maio de 1985

TEATR WIELKI (VARSÓVIA, POLÓNIA) – 29 de Maio de 1985

TEATR WIELKI W LODZI (LODZ, POLÓNIA) – 8 de Junho de 1985

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 12 de Julho de 1985

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 19 e 20 de Julho de 1985

JARDINS DO PALÁCIO DO MARQUÊS (OEIRAS) – 26 de Julho de 1985

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 1 de Agosto de 1985

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 11 de Outubro de 1986

SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 22 e 24 de Outubro de 1986

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Novembro de 1986

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5 e 6 de Dezembro de 1986 – Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 31 de Janeiro, e 1, 2 e 3 de Fevereiro de 1990 –

Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 26 de Maio de 1990

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 2 de Junho de 1990

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 6 de Junho de 1990

TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 9 de Junho de 1990

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1990

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 25 de Junho de 1990

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 28 de Junho de 1990

TEATRO MUNICIPAL BLATAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 de Julho de 1990

CINE-TEATROMONTEPIO GERAL (BRAGANÇA) – 20 de Julho de 1990

CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 25 de Julho de 1990

CINCO-SEIS-SETE (VI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS FERNANDES (1939)

Música

Cinco – Barbeiro e Cliente: GIOACCHINO ROSSINI, cavatina da ópera *O Barbeiro de Sevilha*.

Seis – Dueto dos Gatos: GIOACCHINO ROSSINI, *Duetto Buffo di due Gatti*.

Sete – Pas-de-Deux: FRANZ LÉHAR, ária da opereta *O País dos Sorrisos*.

Figurinos

CARLOS FERNANDES

Luzes

CARLOS FERNANDES

Adereços

CARLOS FERNANDES, executados por ANTÓNIO COSME.

Estreia absoluta

30.06.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Cinco – CARLOS CALDAS e CARLOS FERNANDES.

Seis – FERNANDO LEONARDO e EXPEDITO SARAIVA.

Sete – MARTA ATAÍDE e CARLOS FERNANDES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 de Junho e 3 de Julho de 1978

CIRCUITOS (III ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ISABEL SANTA ROSA (1931-2001)

Música

CIRCUITOS ELECTRÓNICOS – sobre músicas de BIZET e RIMSKY-KORSAKOV

Figurinos

MICHÉLE RIMBOLD

Luzes

VASCO WELLENKAMP

Estreia absoluta

30.05.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

HELENA LOZANO; MARIA JOSÉ BRANCO; LUÍSA DUARTE; FERNANDO LEONARDO; ELISA WORM; CARLOS CALDAS.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Maio de 1973

CÍRCULO DE QUATRO LADOS (VI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ANTÓNIO LAGINHA (1955)

Música

RICHARD STRAUSS, danças da ópera *Salomé*.

Figurinos

ANTÓNIO LAGINHA

Luzes

ANTÓNIO LAGINHA

Estreia absoluta

01.07.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Cenário

ANTÓNIO LAGINHA

Intérpretes

ELISA FERREIRA; JAIR MORAIS; PALMIRA CAMARGO; EXPEDITO SARAIVA; MIGUEL LYZZARRO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1 e 4 de Julho de 1978

CISNE NEGRO, O (*Pas-de-Deux* do 3.º acto do *Lago dos Cisnes*)

Coreografia

MARIUS PETIPA (1818-1910)

Música

TCHAIKOVSKY (1840-1893)

Estreia absoluta (versão integral em 4 actos)

27.01.1895

TEATRO MARINSKY (S. PETERSBURGO, RUSSIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

24.04.1965

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA)

Figurinos

ARTUR CASAIS (figurino do bailarino)

Intérpretes

MARGERIE LAMBERT e ARMADO JORGE (artistas convidados).

Locais e datas de apresentação

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 24 de Abril de 1965

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 10 de Maio de 1965

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 25 de Maio de 1965 – [IX Festival Gulbenkian de Música](#)

CASTELO (LEIRIA) – 3 de Junho de 1965 – [IX Festival Gulbenkian de Música](#)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro e 01 de Fevereiro de 1972 –

Programa 4

CLOSER VIEW, A

Coreografia

REGINA VAN BERKEL (1963?)

Música

ELENI KARAINDRU

Figurinos

REGINA VAN BERKEL

Luzes

DIETMAR JANECK

Estreia absoluta

19.01.2005

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Cenário

DIETMAR JANECK

Projeção

DIETMAR JANECK

Intérpretes

MONICA GOMES; LAURA MARÍN; BARBARA GRIGGI; ANN DE VOS; WUBKJE KUINDERSMA.
ALLAN FALIERI; BRUNO GUILLORÉ; RUI REIS; CARLOS PRADO; JERMINE MAURICE SPIVEY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Janeiro de 2005 – Programa 2
TEATRO VIRIATO (VISEU) – 28 e 29 de Janeiro de 2005
CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 5 de Fevereiro de 2005

COMBATE DE TANCREDO E CLORINDA, O (X FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música Original

CLAUDIO MONTEVERDI

Figurinos

RONALD WILSON

Estreia absoluta

21.05.1966

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

WALTER GORE e PAULA HINTON.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 21 de Maio de 1966

COMBATE DE TANCREDO E CLORINDA, O

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música Original

CLAUDIO MONTEVERDI (1567-1643)

Assistente de Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS

Texto

TASSO-PETRARCA

Cenário e Figurinos

ANDRÉ ACQUART

Estreia absoluta

10.11.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes (ordem alfabética)

Tancredo – JÚLIO MEDINA

CARLOS CALDAS; MICHEL WROOMAN; JEREMY ALLEN

Clorinda – ISABEL QUEIRÓZ

MICHÈLE RIMBOLD; ULRICA CALDAS; CARLOS FERNANDES

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Novembro de 1973 – Programa 1

COME BACK GLENN MILLER (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

MARTA ATAÍDE (1945)

Música

GLENN MILLER, *In the mood*.

Figurinos

MARTA ATAÍDE

Luzes

MARTA ATAÍDE

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE; ANGELINA BACELAR; MARGARIDA BETTENCOURT; PALMIRA CAMARGO. LUÍSA DUARTE; MARIA JOÃO SALOMÃO; ZAIRE ZEYD; JOÃO AFONSO; CARLOS CARVALHO. JOÃO COSTA; JOSÉ GRAVE; ANTÓNIO JORGE; FRANCISCO ROUSSEAU; EDMUND STRIPE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1983

COMÉDIA OFF

Coreografia

PAULO RIBEIRO (1959)

Banda Sonora e composição musical

JOÃO LUCAS

Dispositivo Cénico

PAULO RIBEIRO

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

RUI MARCELINO

Estreia absoluta

13.11.1996

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; CLÁUDIA NÓVOA; ADRIANA QUEIRÓZ; SANDRA ROSADO; RUI PINTO. CARLOS PRADO; RUI REIS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1996 – Programa 1

COMO REBOLAR ALEGREMENTE SOBRE UM VAZIO

Direcção

VERA MANTERO (1966)

Co-criação

MAYRA BECKER, CLÁUDIA NÓVOA, SANDRA ROSADO, TERESA ALVES DA SILVA, LEONARDO CENTI, JOSEP HUMET, HILLEL KOGAN, CARLOS PRADO.

Música original

NUNO REBELO

Espaço Cénico

ANDRÉ GUEDES

Figurinos

ANDRÉ GUEDES

Desenho de Luzes

JORGE RIBEIRO

Estreia absoluta

21.03.2001

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER; LEONARDO CENTI; JOSEP HUMET; HILLEL KOGAN; CLÁUDIA NÓVOA; CARLOS PRADO; SANDRA ROSADO; TERESA ALVES DA SILVA; ABINE LEÃO KA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Março de 2001 – Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 30 e 31 de Março de 2001

CONCERTINO

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

FRYGIES HIDAS, *Concertino para violino e orquestra*.

Cenário

ESPIGA PINTO

Figurinos

ESPIGA PINTO

Estreia absoluta

05.01.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ; GER THOMAS; ARMANDO JORGE; MARIA JOSÉ BRANCO; JAIR MORAIS.
ELISA FERREIRA; MARIA DE FREITAS BRANCO; ANGELINA BACELAR.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 7, 8 e 9 de Janeiro de 1977 – Programa 1

CONCERTO

Coreografia

ÁGUEDA SENA (1927)

Música

CHOPIN (1810-1849), *Concerto n.º 1*.

Figurinos

ÁGUEDA SENA

Estreia absoluta

14.02.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; MARGERY LAMBERT; GER THOMAS; CARLOS FERNANDES; ISABEL QUEIRÓZ; GRAÇA BARROSO; HELEN MCKERGOW; HELENA LOZANO; SOREN BACKLUND; SANSON CANDELARIA; CARLOS CALDAS; VASCO WELLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16, 17, 19 e 20 de Fevereiro de 1970 – Programa 1

CONCERTO EM SOL MAIOR

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

MAURICE RAVEL (1875-1937), *Concerto em sol maior para piano e orquestra*.

Figurinos

VASCO WELLENKAMP

Estreia absoluta

06.11.1975

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; MARIA JOSÉ BRANCO; PALMIRA CAMARGO; LUIZA DUARTE; HELENA LOZANO; LÚCIA LOZANO; SOREN BACKLUND; CARLOS CALDAS; FERNANDO LEONARDO; MIGUEL LYZARRO. JAIR MORAIS; ERICH PAYER; EXPEDITO SARAIVA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Novembro de 1975 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Março de 1977 – Programa 3
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Maio de 1977
 CINE-TEATRO (OVAR) – 12 de Maio de 1977
 TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 13 de Maio de 1977
 CINE TEATRO (TOMAR) – 17 de Maio de 1977
 TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 18 de Maio de 1977
 CINE-TEATRO (ALCOBAÇA) – 19 de Maio de 1977

CONCERTO PARA TROMPETE (VIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

PIRMIN TREKU (1930-2006)

Música

HAYDN

Figurinos

ARMANDO JORGE

Estreia absoluta

22.05.64

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

PAVILHÃO LUISA TODI (SETÚBAL)

Intérpretes

CÉLIA VIEIRA; INÊS PALMA; ALBINO MORAIS; CARLOS TRINCHEIRAS; CARLOS FERNANDES.
 LUÍS MIGUEL; KLAUS GÖTZ.

Locais e datas de apresentação

PAVILHÃO LUISA TODI (SETÚBAL) – 22 de Maio de 1964 – VIII Festival Gulbenkian de Música

TEATRO DE ALMADA (ALMADA) – 8 de Junho de 1964

ALAMEDA THÉÂTRE (GIBRALTAR) – 8 de Julho de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 22 de Outubro de 1964

CONFIGURAÇÃO

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

GLAZUNOFF

Cenário

WALTER GORE

Figurinos

WALTER GORE

Estreia absoluta

28.01.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

PAULA HINTON; PATRICK HURDE; CARLOS FERNANDES; JOAHNE O'HARA; CARMEN ROCHE.
 RAQUEL ROBY; MARTA ATAÍDE; ISABEL QUEIRÓZ; SASHA LORD; ALBINO MORAIS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 e 30 de Janeiro de 1967 – Programa 2

CONSTRUÇÃO EM METAL NÚMERO 1

Coreografia

EDMUND STRIPE (1961)

Música

JOHN CAGE (1912–1992), *First construction in Metal* (1931).

Cenário

JOSÉ EDUARDO ROCHA

Figurinos

EDMUND STRIPE

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

09.02.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ; GER THOMAS; COLLEEN O'SULLIVAN; BIRTE LUNDWALL; LUÍSA DUARTE. ÂNGELA CLEMENTE; ANGELINA BACELAR; JOÃO AFONSO; AGNELO ANDRADE; CARLOS CARVALHO. JOÃO COSTA; ANTÓNIO JORGE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 18 e 19 de Fevereiro de 1983 – Programa 2 –

A

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12 e 17, de Fevereiro de 1983 – Programa 2 – B

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 25 e 27 de Fevereiro de 1983

CONTINUUM SOBRE UM TEMA DE AKUTAGAWA

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

MÚSICA TRADICIONAL JAPONESA, SHINONHARA e MAYZUMI.

Cenário

JUSTINO ALVES

Figurinos

JUSTINO ALVES

Estreia absoluta

04.12.1971

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

O marido – MILENKO BANOVIH.

A mulher – MICHÈLE RIMBOLD; JOAHNE O'HARA; ULRICA CALDAS.

O estrangeiro – RICHARD DEVAUX; PATRICK HURDE; CARLOS FERNANDES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 04, 05, 06 e 07 de Dezembro de 1971 – Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18, 19 de Dezembro de 1972 – Programa 2

CONTRASTES

Coreografia

MILENKO BANOVIH (1936)

Música

PAUL FETLER

Estreia absoluta

13.11.1971

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNE O'HARA e RICHARD DEVAUX. MICHÈLE RIMBOLD; VLADO PILINGER; DORIS MENGUS; CARLOS CALDAS; ULRICA CALDAS. SEAN CUNNIGHAM; COLLEEN O'SULLIVAN; VASCO WELLENKAMP; HELENA LOZANO. STEPHEN WARD; MARTA ATAÍDE; JIM HUGHES; CÉLIA POTIER; DAVID HYGH.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1971 – Programa 1

CONVIVALDI

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

A. VIVALDI, *Concerto para 2 Violoncelos, Cordas e Baixo Contínuo em Sol Menor, RV 531*.

Figurinos

JASMIM DE MATOS

Luzes

ISABEL WORM

Estreia absoluta

25.03.1992

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; PASCALE MOSSELMANS; SANDRA ROSADO; TERESA LOPES; JOSÉ GRAVE.
CARLOS PRADO; JOÃO COSTA; RUI REIS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Março; 1, 2, 3 e 4 de Abril de 1992

– Programa 3

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 23 de Abril de 1992

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 23 de Maio de 1992

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 28 de Maio de 1992

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 11 de Junho de 1992

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 26 de Junho de 1992

COPÉLIA

Coreografia

JOHN AULD (1930), segundo o original de SAINT-LÉON (2 actos)

Música

LÉO DELIBES

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

25.05.1870

BALLET DA ÓPERA DE PARIS

ÓPERA DE PARIS (FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

23.12.1965

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO VASCO SANTANA (LISBOA)

Intérpretes

Swanhilda – ISABEL SANTA ROSA.

Franz – CARLOS TRINCHEIRAS.

Doutor Coppélius e Burgomestre – JOHN AULD.

Copélia – ROSÁRIO LAPA.

Amigas – MARTA ATAÍDE e RAQUEL ROBY.

Estalajadeira – BERNARDETTE PESSANHA.

Amigo – PATRICK HURDE.

Ciganas – ULRICA CALDAS; CARMEN GANLINDO; INÊZ PALMA.

Mazurca – MARIA BESSA; CARLOS CALDAS; CARLOS FERNANDES; LIDIA FRANCO; KLAUS GÖTZ; PATRICK HURDE; ALBINO MORAIS; ISABEL QUEIRÓZ; ISABEL TASSARA; CÉLIA VIEIRA.

Pierrot – CARLOS FERNANDES.

Mouro – ALBINO MORAIS.

Astrólogo – CARLOS CALDAS.

Espanhola – CARMEN GALINDO.

Boneca – ISABEL TASSARA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO VASCO SANTANA (LISBOA) – 23 de Dezembro de 1965 – Programa de Natal 1965

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 5 e 8 de Fevereiro de 1966 – Programa 2

TEATRO VASCO SANTANA (LISBOA) – 31 de Março de 1966 Programa 6

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 20 de Abril de 1966
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 21 de Junho de 1966
TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 29 de Agosto de 1966
TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 5 de Setembro de 1966
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 5 e 7 de Outubro de 1966
TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 5 de Julho de 1967
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 11 de Junho de 1968 – [XII Festival Gulbenkian de Música](#)
TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 14 de Julho de 1968

CREPÚSCULO, AO

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

RICARDO STRAUSS, “Im Abendrot” das *Quatro Últimas Canções*.

Figurinos e projecções

ESPIGA PINTO

Estreia absoluta

11.02.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARIA JOSÉ BRANCO e JAIR MORAES

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Fevereiro de 1977 – [Programa 2](#)

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Maio de 1977

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 13 de Maio de 1977

CINE-TEATRO DE TOMAR (TOMAR) – 17 de Maio de 1977

TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 18 de Maio de 1977

CINE-TEATRO (ALCOBAÇA) – 19 de Maio de 1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Maio de 1977 – [Programa 4](#)

COSTA DA CAPARICA-PRAIA DA SAÚDE (PARQUE DE CAMPISMO DE ALMADA) – 23 de Julho de

1977

CINE-TEATRO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 25 de Julho de 1977

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 27 de Julho de 1977

PARQUE D. CARLOS I (CALDAS DA RAINHA) – 29 de Julho de 1977

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS (LISBOA) – 26 de Maio de 1979

CRIME DE ALDEIA VELHA, O¹ (VII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

ÁGUEDA SENA (1927)

Música

DMITRI SHOSTAKOVITCH (1906-1975)

Cenário e Figurinos

INEZ GUERREIRO

Som adicional

FERNANDO CONDE

Vozes

CARMEN DOLORES; MARIA JOSÉ; CREMILDA GIL; CÂNDIDA LACERDA; EDITH SARAH; INEZ PALMA; ÁGUEDA SENA; ROGÉRIO PAULO; JÚLIO CLETO; JOÃO FRANCO; VÍTOR RIBEIRO.

Estreia absoluta

24.05.1963

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Bailado do CPB)

PAÇO DOS DUQUE (GUIMARÃES)

Intérpretes

Joana – ELISA WORM.

¹ Peça filmada para a RTP.

Zefa – ISABEL SANTA ROSA.
Rita – INÊS PALMA.
Florinda – LUISE HELENE.
Teresa – BERNARDETTE PESSANHA.
Custodia – CÉLIA VIEIRA.
Margarida – MARTA ATAÍDE.
Maria da Cruz – MANUELA VALADAS.
Padre Júlio – CARLOS TRINCHEIRAS.
António – CARLOS FERNANDES.
Rui – COHEN SARMENTO.
O povo – ISABEL QUEIRÓZ; CARLOS SERRA; LUÍS MIGUEL.

Locais e datas de apresentação

PAÇO DOS DUQUE (GUIMARÃES) – 24 de Maio de 1963 – VII Festival Gulbenkian de Música
 JARDIM BOTÂNICO (COIMBRA) – 26 de Maio de 1963 – VII Festival Gulbenkian de Música
 CASTELO DE LEIRIA (LEIRIA) – 28 de Maio de 1963 – VII Festival Gulbenkian de Música
 TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 e 30 de Janeiro de 1967 – Programa 2

DA VIDA E DA MORTE DE UMA MULHER SÓ

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

R. STRAUSS, W. KOTONSKI, B. SCHÄFFER e K. SEROCKI.

Poemas

ANTÓNIO MARIA LISBOA e PEDRO TAMEN.

Cenário

ESPIGA PINTO

Figurinos

ESPIGA PINTO

Luzes

ORLANDO WORM

Actriz convidada

ÁGUEDA SENA

Estreia absoluta

03.07.1980

GRANDE AUDITÓRIO DA FUNDAÇÃO GUAÍRA (CURITIBA-BRASIL)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

02.03.1982

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ; GER THOMAS; ANTÓNIO JORGE; MIKIO IKEHATA; CARLOS CARVALHO; JOÃO MOURO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2, 3, 4, 5 e 6 de Março de 1982 – Programa 3

DANAÇÃO DE FAUSTO, A (XIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

BERLIOZ

Cenário

JACQUES RAPP

Figurinos

JACQUES RAPP

Estreia absoluta

31.05.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

COLISEU (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE e GER THOMAS. ISABEL QUEIRÓZ; VASCO WELLENKAMP; CARLOS CALDAS; MARIA BESSA; HELENA LOZANO. LÚCIA LOZANO; ELISA WORM; ANA RITA; GRAÇA BARROSO; ULRICA CALDAS; INEZ PALMA. SASHA LORD; CARMEN GALINDO; COLLEEN O'SULLIVEN; EXPEDITO SARAIVA; VICTOR NAVARRO. ANTÓNIO RODRIGUES; KIT LETHBY; MARTA ATAÍDE; RAQUEL ROBY; CRISTINA MIÑANA. MANUELA FONTES; ESTEBAN BRUNAT.

Locais e datas de apresentação

COLISEU (LISBOA) – 31 de Maio e 1 de Junho de 1969

DANÇA RITUAL DO TOURO SELVAGEM (DEUS-TOURO-HOMEM)

Coreografia

CARLOS FERNANDES (1939)

Música

MORTON SUBOTNICK, *The Wild Bull*.

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Máscara

INÊS GUERREIRO

Estreia absoluta

26.03.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE; GER THOMAS; ELISA FERREIRA; MARGARIDA DE MELLO; MARIA DE FREITAS BRANCO; ANGELINA BACELAR.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Março de 1977 – Programa 3

DANÇAS DE BOYCE

Coreografia e Figurinos

WALTER GORE (1910-1979)

Música

WILLIAM BOYCE

Cenário

JOHN PIPER

Estreia absoluta

11.02.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNE O'HARA; PATRICK HURDE; CARMEN ROCHE; RAQUEL ROBY; ISABEL QUEIRÓZ.

MARTA ATAÍDE; SASHA LORD; CARLOS CALDAS; ALBINO MORAIS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 11, 13 e 15 de Fevereiro de 1967 – Programa 3

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 22 de Maio de 1967 – XI Festival Gulbenkian de Música

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 24 de Maio de 1967 – XI Festival Gulbenkian de Música

TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA (LEIRIA) – 25 de Maio de 1967 – XI Festival Gulbenkian de Música

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho e 1 de Julho de 1967

TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 4 de Julho de 1967

TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 5 de Julho de 1967

PARQUE VALENÇAS (SINTRA) – 26 de Agosto de 1967

POLITEAMA (LISBOA) – 24, 25, 27 e 28 de Janeiro de 1969 – Programa 3

POLITEAMA (LISBOA) – 7, 8, 10 e 11 de Fevereiro de 1969 – Programa 5

LUANDA (ANGOLA) – 5 de Agosto de 1969

BENGUELA (ANGOLA) – 11 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 20 de Agosto de 1969

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 27 de Agosto de 1969

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Março de 1972 – Programa 6

DANÇAS (POLOVTSIANAS) DO PRINCIPE IGOR

Coreografia

MIKHAIL FOKINE (1880-1942)

Música original

BORODINE, da ópera *O Príncipe Igor*

Figurinos

SLAVA TUMINE

Cenário

NICOLAS RÖRICH

Estreia absoluta

19.05.1909

COMPANHIA DE SERGE de DIAGHILEFF

THÉÂTRE DU CHATELÉT (PARIS, FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

13.12.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

O chefe guerreiro – GEORGY GOVILOFF (Artista Convidado).

Uma jovem polovtsiana – SASHA LORD.

Princesa persa – INEZ PALMA.

Duas companheiras da princesa – ISABEL QUEIRÓZ; ULRIKA DETHLEFSEN.

As jovens polovtsianas – RAQUEL ROBY; HELENA LOZANO; LÚCIA LOZANO; GRAÇA BARROSO.

Os jovens polovtsianos – ANTÓNIO RODRIGUES; CRISTINA MIÑANA; EXPEDITO SARAIVA; KIT

LETHBORY.

As prisioneiras persas – CÉLIA VIERA; MARIA BESSA; CARMEN GALINDO; MANUELA FONTES.

ISABEL MOREIRA¹; ANA RITA; SVETLANA PIERSON; ANA MARIA CASQUILHO.

PALMIRA FERREIRA²; LOUISE McELROY.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 13, 14, 15, 16 e 17 de Dezembro de 1968 – Programa 1

DANÇAS DOS ESPÍRITOS

Coreografia

CHRISTOPHER BRUCE (1944)

Música

Músicas do folclore da América Latina

Cenário

CHRISTOPHER BRUCE, executados por JOHN CAMPBELL DESIGNS LDT. e Oficinas da Fundação Gulbenkian.

Figurinos

BELINDA SCARLETT

Luzes

NICK CHELTON

Máscaras

INÊS GUERREIRO

Estreia absoluta

03.07.1981

BALLET RAMBERT

¹ Artista convidada, posteriormente conhecida no elenco por Isabel Arbués.

² Artista convidada, posteriormente conhecida no elenco por Palmira Camargo.

TEATRO REAL DE BRISTOL (BRISTOL, INGLATERRA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

20.11.1985

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Os Espíritos – LUIS DAMAS; JOÃO COSTA; ANTÓNIO TELES.

Os Mortos – ISABEL QUEIRÓZ; AGNELO ANDRADE; BARBARA GRIGGI; JOÃO NATIVIDADE.
TERESA LOPES; PAULA VALLE; JOÃO AFONSO; VERA MANTERO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Nov.; 4, 5, 6 e 7 de Dez de 1985 –

Programa 1

CINE-TEATRO (GUARDA) – 17 de Maio de 1986

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 20 de Maio de 1986

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 22 de Maio de 1986

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Maio de 1986

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Maio de 1986

THÉÂTRE DANIEL SORANO (DAKAR, SENEGAL) – 4 de Junho de 1986

SALÃO NOBRE DO PALÁCIO DA ASSEMBLEIA NACIONAL (PRAIA, CABO VERDE) – 9 de Junho de

1986

AUDITÓRIO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 24 de Junho de 1986

AUDITÓRIO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 25 de Junho de 1986

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 28 de Junho de 1986

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 2 e 4 de Julho de 1986

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 8 de Julho de 1986

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 29 de Julho de 1986

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 31 de Julho de 1986

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 10 de Outubro de 1986

SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 21, 23 e 25 de Outubro de 1986

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Novembro de 1986 – **Programa 1**

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 27 de Novembro de 1986

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12 de Fevereiro de 1987

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 16 de Maio de 1987

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 19 de Maio de 1987

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 22 de Maio de 1987

TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE (COIMBRA) – 26 de Maio de 1987

CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 2 de Junho de 1987

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 6 de Junho de 1987

CINE TEATRO (TOMAR) – 27 de Junho de 1987

ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 30 de Junho de 1987

JARDINS DO PALÁCIO DE SETE AIS (SINTRA) – 3 de Julho de 1987

PARCO RIGNON (TURIM, ITÁLIA) – 8 de Julho de 1987

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 6 de Dezembro de 1987

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 28 de Outubro de 1988

CAIRO OPERA HOUSE (CAIRO, EGÍPTO) – 5 de Novembro de 1988

BELGRADO (EX-JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 15 de Maio de 1989

ZAGREB (EX-JUGOSLÁVIA, CROÁCIA) – 18 de Maio de 1989

LIUBLIANA (EX-JUGOSLÁVIA, ESLOVÉNIA) – 22 de Maio de 1989

SALLE COUVERTE COMPLEXE SPORTIF (CASABLANCA, MARROCOS) – 23 de Outubro de 1989

DANÇAS PARA UMA GUITARRA

Coreografia

VASCO WELLENKMAP (1942)

Música

CARLOS PAREDES

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

ORLANDO WORM

Músicos

CARLOS PAREDES, guitarra portuguesa e FERNANDO ALVIM, viola.

Estreia absoluta

08.01.1982

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; HELENA LOZANO; OLGA RORIZ; ELISA FERREIRA; MARIA JOÃO SALOMÃO. ÂNGELA CLEMENTE; GAGIK ISMAILIAN; JOÃO NATIVIDADE; EDMUND STRIPE; JOÃO COSTA. JOÃO AFONSO; JOSÉ GRAVE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 12, 13, 14, 15 e 16 de Janeiro de 1982 –

Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 de Abril e 2 de Maio de 1982 – **Programa 4**

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 14 de Maio de 1982

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 18 de Maio de 1982

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 de Maio de 1982

CINE-TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 24 de Maio de 1982

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR DA BAIA, BRASIL) – 5 de Junho de 1982

TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA (BRASÍLIA, BRASIL) – 9 de Junho de 1982

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 13 de Junho de 1982

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (SÃO PAULO, BRASIL) – 16 de Junho de 1982

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 1 e 2 de Julho de 1982

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 e 5 de Julho de 1982

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 22 de Julho de 1982

GINÁSIO DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE PÓVOA DE VARZIM (PÓVOA DO VARZIM) – 23 de Julho de 1982

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 26 de Julho de 1982

PLAZA PORTICADA (SANTANDER, ESPANHA) – 30 de Julho de 1982

PLAZA PORTICADA (SANTANDER, ESPANHA) – 31 de Julho de 1982

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 18 e 19 de Fevereiro de 1983 – **Programa 2 –**

A

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12 e 17 de Fevereiro de 1983 – **Programa 2 – B**

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 23 e 24 de Fevereiro de 1983

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15 e 16 de Abril de 1983 – **Programa 3 – A**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18 e 20 de Abril de 1983 – **Programa 3 – B**

SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 7, 9 e 10 de Junho de 1983

SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 8 e 11 de Junho de 1983

CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 17 de Junho de 1983

CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 18 de Junho de 1983

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20 de Julho de 1983

TEATRE GREC DE MONTJUÏC (BARCELONA, ESPANHA) – 25 e 26 de Julho de 1983

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 8 de Maio de 1984

GROBES HAUS (WIESBADEN, ALEMANHA) – 18 e 19 de Maio de 1984

KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 21 de Maio de 1984

KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 22 de Maio de 1984

THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA) – 28, 29 e 30 de Maio de 1984

THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA) – 31 de Maio, 1 e 2 de Junho de 1984

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 9 de Junho de 1984

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Junho de 1984

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 13 e 14 de Junho de 1984

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 15 e 16 de Junho de 1984

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho e 01 e 02 de Julho de 1984

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II (LISBOA) – 27 de Março de 1985

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 16 de Maio de 1985

TEATR WIELKI W LODZI (POLÓNIA) – 29 de Maio de 1985

PANSTWOWA OPERA WE WROCLAWIU (WROCLAW, POLÓNIA) – 1 de Junho de 1985
BYDGOSZCZ OPERA (BYDGOSZCZ, POLÓNIA) – 4 de Junho de 1985
TEATR WIELKI W LODZI (LODZI, POLÓNIA) – 8 de Junho de 1985
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 11 de Julho de 1985
CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 1 de Agosto de 1985
TEATRO ANTICO (TAORMINA, ITÁLIA) – 17 e 18 de Agosto de 1985
THÉÂTRE DANIEL SORANO (DAKAR, SENEGAL) – 5 de Junho de 1986
SALÃO NOBRE DO PALÁCIO DA ASSEMBLEIA NACIONAL (PRAIA, CABO VERDE) – 10 de Junho de

1986

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29, 30 e 31 de Janeiro de 1987 – Programa 3

DEDICADO A ?... (VIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

ALLAN PERSON, *Eve Queen, Death on Two Legs.*

Luzes

GAGIK ISMAILIAN

Estreia absoluta

04.07.1980

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOÃO AFONSO; OLGA RORIZ; BIRTE LUNDWALL; MARIA JOÃO SALOMÃO; JOÃO MOURO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 de Julho de 1980

DELICADO

Coreografia

GILLES JOBIN (1964)

Música original

CRISTIAN VOGEL

Figurinos

KARINE VINTACHE

Assistente de Coreografia

JEAN-PIERRE BONOMO

Estreia absoluta

21.01.2004

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER; MÓNICA GOMES; BARBARA GRIGGI; SOFIA INÁCIO; LAURA MARÍN; CLÁUDIA NÓVOA; ANA CLÁUDIA RIBEIRO; SYLVIA RIJMER; IOLANDA RODRIGUES; SANDRA ROSADO; TERESA SIMAS; ANN DE VOS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Janeiro de 2004 – Programa 2

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 30 e 31 de Janeiro de 2004

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 20 e 21 de Fevereiro de 2004

THÉÂTRE METROPOLE (LAUSANNE, SUIÇA) – 1 de Maio de 2004

GRAND CASINO (GENÈVE, SUIÇA) – 4 de Maio de 2004

THEAERHAUS GESSNERALLEE (ZURIQUE, SUIÇA) – 6 de Maio de 2004

STADTTHEATER (BERNA, SUIÇA) – 7 de Maio de 2004

THÉÂTRE CASINO (ZUG, SUIÇA) – 8 de Maio de 2004

THÉÂTRE BASEL GROSSE BUHNE (BASILEIA, SUIÇA) – 10 de Maio de 2004

TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA (LEIRIA) – 3 e 4 de Junho de 2004

TEATRO MUNICIPAL (VISEU) – 11 e 12 de Junho de 2004

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO (PORTO) – 25 e 26 de Junho de 2004

DESPORTISTAS

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

FRANCIS POULENC

Cenário

WALTER GORE

Figurinos

WALTER GORE

Estreia absoluta

24.01.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

PAULA HINTON e CARLOS FERNANDES

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 24, 25, 27 e 28 de Janeiro de 1969 – Programa 3

DEVORADORES DA ESCURIDÃO

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

BENJAMIN BRITTEN

Cenário

WALTER GORE

Figurinos

WALTER GORE

Estreia absoluta

1957

BALLET DA ÓPERA FRANKFURT (ALEMANHA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

25.01 BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

.1966

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

A jovem – PAULA HINTON.

O violento – CARLOS TRINCHEIRAS.

O amável – CARLOS FERNANDES.

Os devoradores – BERNARDETTE PESSANHA; INEZ PALMA; CÉLIA VIEIRA; RAQUEL ROBY.

JOAHNE O'HARA; ULRICA CALDAS; ISABEL QUEIRÓZ; MARTA ATAÍDE.

MARIA BESSA; ROSÁRIO LAPA; CARMEN GALINDO; ISABEL TASSARA; KLAUS GÖTZ.

PATRICK HURDE; CARLOS CALDAS; ALBINO MORAIS; ANTÓNIO RODRIGUES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 25 e 29 de Janeiro de 1966 – Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 15 de Abril de 1966 – Programa 1

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 05 e 07 de Outubro de 1966

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 25, 27 e 28 de Fevereiro de 1967 – Programa 7

LUANDA (ANGOLA) – 5 de Agosto de 1969

BENGUELA (ANGOLA) – 11 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 20 de Agosto de 1969

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 27 de Agosto de 1969

DEZOITO MINUTOS DE MORTE (IX ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

ALLAN PERSONS, baseado em contos fantásticos de EDGAR ALLAN POE.

Figurinos

GAGIK ISMAILIAN

Luzes

GAGIK ISMAILIAN

Estreia absoluta

24.07.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

OLGA RORIZ; BIRTE LUNDWALL; ELISA FERREIRA, MARIA DE FREITAS BRANCO; BERENICE KEATES; MARGARIDA BETTENCOURT; JOSÉ GRAVE; EDMUND STRIPE; JOÃO AFONSO; ANTÓNIO JORGE; AGNELO ANDRADE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1981

DIA ANTES, O (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

WEBERN (1883-1945), *Langsamar Satz* para quarteto de cordas

Figurinos

OLGA RORIZ

Luzes

GAGIK ISMAILIAN

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

OLGA RORIZ; JOÃO AFONSO; ELISA FERREIRA; FRANCISCO ROUSSEAU.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1983

DIMITRIANA OU VARIAÇÕES PARA DUAS BARRAS, UM BANCO E ALGUMAS PERSONAGENS

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

CONSTANÇA CAPDEVILLE, *Dimitriana* e DMITRI GHOSTAKOVITCH, “Andante” do *Concerto n.º 2* para piano e orquestra.

Cenário

CHARTERS DE ALMEIDA

Figurinos

CHARTERS DE ALMEIDA

Estreia absoluta

03.02.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; ISABEL QUEIRÓZ; JAIR MORAIS; SOREN BACKLUND; DAVID HYGH; HELENA LOZANO; BIRTE LUNDWALL; PALMIRA CAMARGO; LUIZA DUARTE; OLGA RORIZ; ANA RITA PALMEIRIM; ANGELINA BACELAR; ELISA FERREIRA; MARIA DE FREITAS BRANCO; MARIA JOÃO SALOMÃO; GAGIK ISMAILIAN; PEDRO COELHO; ANTÓNIO LAGINHA; FRANCISCO DUARTE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 7, 8, 9, 10 e 11 de Fevereiro de 1979 –

Programa 3

TEATRO-CINE (COVILHÃ) – 7 de Maio de 1979

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Maio de 1979
 TEATRO AVEIRENSE (AVEIRENSE) – 12 de Maio de 1979
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 15 de Maio de 1979
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 14 e 15 de Julho de 1979
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 16 e 17 de Julho de 1979
 TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 21 de Julho de 1979
 TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 28 de Julho de 1979
 CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 6 e 7 de Agosto de 1979 – V Festival de Música da Costa do Estoril

DISTÂNCIAS, SONHOS, PROXIMIDADES

Coreografia

ARMANDO JORGE (1938)

Música

DIONNE-BREGENT

Cenário

DA SILVA NUNES

Figurinos

DA SILVA NUNES

Execução do Cenário

INÊS GUERREIRO

Estreia absoluta

19.05.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Primeiro andamento: JAIR MORAES; MARIA JOSÉ BRANCO; MIGUEL LYZARRO; MARIA DE FREITAS BRANCO; ANGELINA BACELAR; LUÍZA DUARTE; OLLEEN O’SULLIVAN; ANA RITA PALMEIRIM. OLGA RORIZ; MARIA JOÃO SALOMÃO; PEDRO COELHO; ANTÓNIO LAGINHA. FERNANDO LEONARDO; JOÃO NATIVIDADE; DAVID HYGH; STEPHEN WARD.

Segundo andamento: MARTA ATAÍDE

Terceiro andamento: Conjunto

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21, 22 e 23 de Maio de 1978 – Programa 5

PORTIMÃO – 24 de Julho de 1978

VILAMOURA – 26 de Julho de 1978

FARO – 28 de Julho de 1978

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO – 31 de Julho de 1978

CINE-TEATRO CARLOS MANUEL (SINTRA) – 8 de Agosto de 1978

DIVERGÊNCIA (V ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

PATRICK HURDE (1937-2013)

Cenário e Figurinos

JOSÉ ANTÓNIO R. FLORES

Sonoplastia

MARIA JOSÉ NOBRE e JORGE COSTA com a colaboração dos bailarinos.

Percussionista

JORGE COSTA

Estreia absoluta

14.07.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ; COLLEEN O’SULLIVAN; DAVID HIGH; JOÃO NATIVIDADE; PEDRO COELHO; FLORÊNCIO MORGADO; ANA RITA PALMEIRIM; MARIA DE FREITAS BRANCO; ANGELINA BACELAR.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1977

DIVERTIMENTO

Coreografia

NORMAN DIXON (1927)

Música

JACQUES IBERT

Estreia absoluta

11.05.1961

BALLET GULBEKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO)

Intérpretes

MARIA ANTONIETA; CARLOS CALDAS; MANUELA VARELA CID; ALBINO MORAIS; BERNARDETTE PESSANHA; ISABEL RUTH; ISABEL SANTA ROSA; CARLOS TRINCHEIRAS; JORGE TRINCHEIRAS

Locais e datas de apresentação

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 11 de Maio de 1961

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 12 de Maio de 1961

A VOZ DO OPERÁRIO (LISBOA) – 15 de Maio de 1961

ACADEMIA MILITAR (LISBOA) – 16 de Maio de 1961

TEATRO DA OPERÁRIA AMORENSE (AMORA) – 17 de Maio de 1961

ESCOLA NAVAL (LISBOA) – 18 de Maio de 1961

TEATRO DA ACADEMIA DE ST.º AMARO (LISBOA) – 19 de Maio de 1961

TEATRO BERNARDIM RIBEIRO (ESTREMOZ) – 5 de Junho de 1961

ESCOLA SALESIANA DO ESTORIL (ESTORIL) – 11 de Junho de 1961

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 15 de Julho de 1961

SANTA CASA DA MESERICÓRDIA (MANGUALDE) – 6 de Setembro de 1961

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 30 de Outubro de 1961

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 22, 23, 24, 25 e 31 de Dezembro de 1961 e 1 de Janeiro de 1961

CAIXA ECONÓMICA OPERÁRIA (LISBOA) – 15 de Dezembro de 1962

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 24 de Maio de 1963 – [VII Festival Gulbenkian de Música](#)

JARDIM BOTÂNICO (COIMBRA) – 26 de Maio de 1963 – [VII Festival Gulbenkian de Música](#)

CASTELO DE LEIRIA (LEIRIA) – 28 de Maio de 1963 – [VII Festival Gulbenkian de Música](#)

“DO IT YOURSELF” – SERVIÇO PERMANENTE (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

MARGARIDA BETTENCOURT (1966)

Música

PAT METHENY, *Au Lait*.

Figurinos

MARGARIDA BETTENCOURT

Luzes

PAULO GRAÇA

Texto

JOÃO NATIVIDADE

Sonoplastia

MAXIMIANO DE CARVALHO

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARGARIDA BETTENCOURT

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 e 8 de Agosto de 1987

DO MEDO DA ILUSÃO E DA QUEDA

Coreografia

JOÃO FIADEIRO (1965)

Música

MEREDITH MONK, *Insect, Doble, Do you be scared.*

Cenário

MARGARIDA PARENTE

Figurinos

CARLOTA LAGIDO

Luzes

RUI FERNANDES

Pesquisa e coordenação

ANDRÉ LEPECKI

Estreia absoluta

20.04.1990

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ELISA FERREIRA; BIRTE LUNDWALL; CLÁUDIA NÓVOA; PAULA PINTO; MARIA JOÃO SALOMÃO; AGNELO ANDRADE; JOÃO COSTA; WILSON DOMINGUES; BENVINDO FONSECA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 26, 27 e 28 de Abril de 1990 – Programa 4

DOIS HOMENS, DUAS MULHERES (VI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

STEPHEN WARD (1952)

Música

VAUGHAN WILLIAMS, *Fantasia sobre um tema de Tallis.*

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

JOSÉ AUGUSTO FONSECA

Estreia absoluta

01.07.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Dois homens – MARCEL VEILLARD e DAVID HYGH.

Duas mulheres – ANA RITA PALMEIRIM e OLGA RORIZ.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1 e 4 de Julho de 1978

DOMINGO, 29 DE NOVEMBRO

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

VIVALDI, excertos de *Stabat Mater* e *Nisi Dominus*, e trechos de *Chen Pe'l*, *Snow Blood*, *Shockproof* e *King Cobra*, de DEADLY WEAPONS.

Cenário

JASMIM DE MATOS, executados por HERNÂNI, RUI MARTINS e ANTÓNIO MIRANDA.

Figurinos

JASMIM DE MATOS

Luzes

PAULO GRAÇA

Direcção de Ensaios

ISABEL QUEIRÓZ

Banda sonora

Concebida por GAGIK ISMAILIAN e realizada por MAXIMIANO DE CARVALHO.

Estreia absoluta

25.01.1989

BALLET GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA PINTO; BARBARA GRIGGI; CLÁUDIA NÓVOA; JOSÉ GRAVE; FRANCISCO ROUSSEAU;
JOÃO COSTA; CÉSAR MONIZ; JOÃO AFONSO; MARGARIDA BETTENCOURT; TERESA LOPES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Janeiro; 3, 4 e 5 de Fev. de 1989 –

Programa 2

DOUBLE P. (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografias

PAULA PINTO (1966) e RUI PINTO (1967)

Música

LUZ CASAL, *Piensa en Mi*.

Cenário

RUI PINTO

Figurinos

PAULA PINTO

Luzes

ABEL ALVES

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN
CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Intérpretes na estreia

PAULA PINTO e RUI PINTO

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997

DUAS VOZES (VIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

VANGELIS, *Heaven and Hell*.

Figurinos

OLGA RORIZ

Luzes

OLGA RORIZ

Estreia absoluta

04.07.1980

BALLET GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

09.02.1983

BALLET GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ELISA FERREIRA e GAGIK ISMAILIAN.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 de Julho de 1980 – VII Estúdio Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 18 e 19 de Fevereiro de 1983 – Programa 2 –

A

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12 e 17 de Fevereiro de 1983 – Programa 2 – B
AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 25 e 27 de Fevereiro de 1983

DUELO, O (Paixão)

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

WAGNER, dueto de amor do 2.º acto da ópera *Tristão e Isolda*.

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

ORLANDO WORM

Aderecista

LUÍS MOURO

Estreia absoluta

19.10.1991

BALLET GULBENKIAN

TEATRO MUNICIPAL DO LUXEMBURGO (LUXEMBURGO)

Intérpretes

PASCAL MOSELLEMAN; FRANCISCO ROUSSEAU; FILIPA MAYER; GAGIK ISMAILIAN. PAULA FERNANDES; BENVINDO FONSECA; ADRIANA QUEIRÓZ; AGNELO ANDRADE. ANA RITA PALMEIRIM; JOSÉ GRAVE; BIRTE LUNDWALL; JOÃO AFONSO; TERESA LOPES. JOÃO MOURO; MARIA JOÃO SALOMÃO; WILSON DOMINGUES; LINDANOR XAVIER; RUI REIS. CLÁUDIA NÓVOA; CARLOS PRADO; MARGARIDA BETTENCOURT; CARLOS CARVALHO. SANDRA ROSADO; JOÃO FRANGO; PAULA PINTO; JOÃO COSTA; PAULA VALLE; ANTÓNIO TELLES.

Locais e datas de apresentação

THÉÂTRE MUNICIPAL DE LUXEMBOURG (LUXEMBURGO, LUXEMBURGO) – 19, 20 e 21 de Outubro de 1991

PALAIS DES BEAUX-ARTS (BRUXELAS, BELGICA) – 24 de Outubro de 1991

GRAND AUDITORIUM CARLTON CASINO CLUB (CANNES, FRANÇA) – 21 e 27 de Novembro de 1991

DULCINEIA

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

DMITRI SHOSTAKOVITCH, 9.ª Sinfonia.

Cenário

ESPIGA PINTO

Figurinos

ESPIGA PINTO

Estreia absoluta

27.02.71

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Dulcineia – ISABEL SANTA ROSA

Visionário – GER THOMAS

Turba – ELISA WORM; ANTÓNIO RODRIGUES; RAQUEL ROBY; MARTA ATAÍDE; GRAÇA BARROSO. COLLEEN O’SULLIVAN; SASHA LORD; CECÍLIA POTIER; REYES DE LARA; SOREN BACKLUND. SEAN CUNNINGHAM; VASCO WELLENKAMP; DAVID HYGH; JIM HUGHES; MIGUEL LYZZARRO. STEPHEN WARD.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28 de Fevereiro e 01 e 02 de Março de 1971 –

Programa 5

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 27 de Abril de 1971

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 de Abril de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 22 de Julho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 23 de Julho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 25 de Julho de 1971

BLANTYRE (ÁFRICA) – 11 de Agosto de 1971
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Maio de 1972 – Programa 7
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Junho de 1972
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Junho de 1972
THEATRO CIRCO (BRAGA) – 14 de Junho de 1972
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 18 de Junho de 1972
TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 28 de Julho de 1972
TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 1 de Agosto de 1972
TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 5 de Agosto de 1972
TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 7 de Agosto de 1972
GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES (BELO HORIZONTE, BRASIL) – 12 de Agosto de 1972
SALA MARTINS PENA (BRASÍLIA, BRASIL) – 18 de Agosto de 1972
TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR, BRASIL) – 25 de Agosto de 1972
TEATRO SANTA ISABEL (RECIFE, BRASIL) – 31 de Agosto de 1972

DUO

Coreografia e Figurinos

JORGE GARCIA (1938)

Música

BENEDETTO MARCELLO, *Adagio para Concerto em dó menor para oboé e orquestra.*

Estreia absoluta

08.12.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PENELOPE WRIGHT e JÚLIO MEDINA

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Dezembro de 1973 – Programa 2

DUO (III ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia, Cenário e Figurinos

CARLOS FERNANDES (1939)

Música

SIBELIUS (1865-1957)

Estreia absoluta

30.05.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

05.05.1975

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

CARLOS FERNANDES e MIGUEL LYZARRO.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Maio de 1974 – III Estúdio

Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5, 9 e 11 de Maio de 1975 – Programa 3

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 25 e 26 de Julho de 1975 –

Programa de Verão 1

E I SOSPURI E LE LACRIME E' L DESIO

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

FRANZ LISZT, *Sposalizio, Sonetti 47, 104 e 123 del Petrarca.*

Cenário

EMÍLIA NADAL

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

17.11.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCALE MOSSELMANS; BARBARA GRIGGI; ÂNGELA CLEMENTE; ADRIANA QUEIRÓZ. GAGIK ISMAILIAN; RUI PINTO; LUIS DAMAS; CARLOS PRADO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17, 18, 19 e 20 de Novembro de 1993 – Programa 1

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Abril de 1994

MUZIEKTHEATER (AMESTERDÃO, HOLANDA) – 1, 4 e 5 de Maio de 1994

FUNDACIÓ CULTURAL DE LA CAIXA DE TERRASSA (TERRASSA, ESPANHA) – 14 e 15 de Maio de

1994

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 12 de Junho de 1994

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 25 de Junho de 1994

TEATRO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 6 de Julho de 1994

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 11 de Julho de 1994

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Julho de 1994

CINE-TEATROGARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 19 de Julho de 1994

PRADERA DE SAN MARCOS (SEGOVIA, ESPANHA) – 26 de Julho de 1994

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22, 23, 24 e 25 de Março de 1995 – Programa 4

TEATRO VICTÓRIA EUGÉNIA (SAN SEBASTIAN, ESPANHA) – 14 de Maio de 1995

CINE-TEATROGARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 3 de Junho de 1995

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 7 de Junho de 1995

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 10 de Junho de 1995

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 15 de Junho de 1995

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Abril de 1996 – Programa 5

TEATRO DE LA ZARZUELA (MADRID, ESPANHA) – 9, 10, 11, 12 e 13 de Outubro de 1996

JOYCE THEATER (NOVA IORQUE, EUA) – 22, 23, 24, 25, 26 e 27 de Abril de 1997

EARTH APPLES (FRUTOS DA TERRA)**Coreografia**

ITZIK GALILI (1962)

MúsicaCanções interpretadas por MERCEDES SOSA, *Como Pájaros en el Aire* (PETECO CARABAJA), *Todavía Cantamos* (VICTOR HEREDIA), *Todo Cambia* (JULIO NUMHAUSER), *Corazón Maldito* (VIOLETA PARRA), *Mocoví – Triptychon* (ARIEL RAMIREZ).**Cenário**

ERIK KOUWENHOVEN

Figurinos

JENNIFER HANNA

Luzes

BENNO VEEN

Assistentes de Coreografia

JENNIFER HANNA e CAS KEMNA

Estreia absoluta

?.06.1993

GALILIDANS

BELLEVUE THÉÂTRE (AMESTERDÃO, HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

31.01.1996

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA FERNANDES; BARBARA GRIGGI; BIRTE LUNDWALL; CLÁUDIA NÓVOA; ADRIANA QUEIRÓZ; SANDRA ROSADO; PAULA VALLE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 31 de Janeiro; 1, 2 e 3 de Fevereiro de 1996 –

Programa 2

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8 e 9 de Junho de 1996

CINE-TEATRO DE SANTO ANTÓNIO (FARO) – 22 de Junho de 1996

CINE-TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 26 de Junho de 1996

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14 e 15 de Março de 1997 – **Programa 3**

ECCE HOMO

Coreografia

JOSEPH LAZZINI (1926-2012)

Música

JOSÉ BERGHMANS

Direcção de ensaios

ALBERTE CLAUZIER

Estreia absoluta

? 01.1968

BALLET DA ÓPERA DE MARSELHA

ÓPERA DE MARSELHA (FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

27.05.1976

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ARMANDO JORGE e ISABEL SANTA ROSA. CARLOS CALDAS. MARTA ATAÍDE; ANGELINA BACELAR; MARIA DE FREITAS BRANCO; MARIA JOSÉ BRANCO.

LUISA DUARTE; ELISA FERREIRA; LÚCIA LOZANO; COLLEEN O'SULLIVAN. ANA RITA PALMEIRIM; OLGA RORIZ. SOREN BACKLUND; PEDRO COELHO; SEAN CUNNINGHAM. MIGUEL LYZARRO; FERNANDO LEONARDO; ALBINO MORAIS; JAIR MORAIS; ERICH PAYER; EXPEDITO SARAIVA.

e

MARGARIDA DE MELO; MARIA JOÃO SALOMÃO; MARIA JOÃO SALVADOR; MANUEL AGUSTO; ANTÓNIO LAGINHA; FLORENCIO MORGADO.¹

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Maio de 1976 – **Programa 4**

ELEGIA (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

GEORG FRIEDERICH HAENDEL (1685-1759), *Andante do concerto em si menor para viola e orquestra.*

Cenário

HELENA LOZANO

Figurinos e Luzes

HELENA LOZANO

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

EDMUND STRIPE; HELENA LOZANO; ÂNGELA CLEMENTE; ZAIRE ZEYD; AGNELO ANDRADE; JOÃO MOURO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1983

¹ 6 artistas convidados.

ELOGIO DA LEVEZA (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ANA RITA PALMEIRIM (1955)

Música

JOSÉ AFONSO, *Era um Redondo Vocábulo*.

Luzes

ANA RITA PALMEIRIM

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete

BIRTE LUNDWALL

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 5 de Junho de 1993

ENCANTADOS DE SERVI-LO

Coreografia

PAULO RIBEIRO (1959)

Música

LUÍS CÍLIA

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

JOOP CABOORT

Estreia absoluta

21.02.1991

NEDERLANDS DANS THEATER II

HAIA (HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

29.01.1992

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

CLÁUDIA NÓVOA; PAULA PINTO; ADRIANA QUEIRÓZ; JOÃO AFONSO; LUIS DAMAS; RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Jan. e 1, 4, 5, 6, 7 e 8 de Fev. de 1992

– Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 22 de Abril de 1992

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 20 de Maio de 1992

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 22 de Maio de 1992

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 27 de Maio de 1992

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 10 de Junho de 1992

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 16 de Junho de 1992

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNHAL) – 26 de Junho de 1992

ENCONTRO, O

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

NORMAN DELLO JOIO

Estreia absoluta

08.10.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL)

Intérpretes

A estranha – PAULA HINTON.

O bando – CARLOS FERNANDES; PATRICK HURDE; ALBINO MORAIS; CARLOS CALDAS; RAQUEL ROBY. MARTA ATAÍDE; CÉLIA VIEIRA; ULRICA CALDAS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8 e 9 de Outubro de 1966

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 6 de Dezembro de 1966

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 11, 13 e 15 de Fevereiro de 1967 – [Programa 3](#)

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 22 de Maio de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 24 de Maio de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA (LEIRIA) – 25 de Maio de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)

ENCONTROS

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

IGOR STRAVINSKY (1882-1971), *Concerto em Ré para Orquestra de Cordas* (1946).

Cenário

ANTÓNIO SENA, executado por HERNÂNI E RUI MARTINS.

Figurinos

OLGA RORIZ

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

01.12.1982

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ELISA FERREIRA; GAGIK ISMAILIAN; BIRTE LUNDWALL; ANA RITA PALMEIRIM; ÂNGELA CLEMENTE; MARGARIDA BETTENCOURT; LUÍSA DUARTE; ZAIRE ZEYD; PALMIRA CAMARGO; JOSÉ GRAVE; EDMUND STRIPE; JOÃO AFONSO; JOÃO NATIVIDADE; FRANCISCO ROUSSEAU; AGNELO ANDRADE; CARLOS CARVALHO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 7 e 11 de Dezembro de 1982 – [Programa 1 – A](#)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 9 e 10 de Dezembro de 1982 – [Programa 1 – B](#)

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 25 e 27 de Fevereiro de 1983

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25 e 26 de Maio de 1983 – I Festival Inter.de Música de Lisboa

SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 8 e 11 de Junho de 1983

CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 18 de Junho de 1983

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15, 16, 17 e 18 de Fev. e 9, 10 e 11 de Março de 1984 – [Programa 2](#)

ENCRUZILHADA

Coreografia

FRANCIS GRAÇA (1904-1980)

Música

JOLY BRAGA SANTOS

Cenário e Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

01.04.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

Noiva – ISABEL SANTA ROSA.

Noivo – CARLOS TRINCHEIRAS.

Fadistas – JOAHNE O'HARA; CARLOS FERNANDES; ULRICA CALDAS; RAQUEL ROBY. JORGE TRINCHEIRAS; MARTA ATAÍDE; ALBINO MORAIS.

Camponeses – ISABEL QUEIRÓZ; INEZ PALMA; CÉLIA VIEIRA; CECÍLIA POTIER; LÚCIA LOZANO. SASHA LORD; CARMEN GALINDO; MARIA BESSA; CARISTINA MIÑANA. ELIZABETH GUERREIRO; EXPEDITO SARAIVA; ANTÓNIO RODRIGUES. VASCO WELLENKAMP; JOSÉ FERNANDES ¹; ANA RITA.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 1, 2 e 3 de Abril de 1968 – Programa 5
 CINE-TEATRO (COVILHÃ) – 2 de Junho de 1968 – XII Festival Gulbenkian de Música
 TEATRO-CIRCO (BRAGA) – 6 de Junho de 1968 – XII Festival Gulbenkian de Música
 PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 7 de Junho de 1968 – XII Festival Gulbenkian de Música
 POLITEAMA (LISBOA) – 7, 8, 10 e 11 de Março de 1969 – Programa 5
 LUANDA (ANGOLA) – 6 de Agosto de 1969
 BENGUELA (ANGOLA) – 12 de Agosto de 1969
 NOVA LISBOA (GUINÉ) – 15 de Agosto de 1969
 LOURENÇO MARQUE (MOÇAMBIQUE) – 21 de Agosto de 1969
 BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 28 de Agosto de 1969

ENIGMAS - Memória de uma tragédia grega (bailado inspirado em *Édipo*, de Sófocles)

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

LUBOS FISER, JAN TAUSINGER, MILOSLAV ISTVAN e LASZLO SARY.

Cenário

ESPIGA PINTO

Figurinos

ESPIGA PINTO

Estreia absoluta

28.10.1977

BALLET GULBENKIAN
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Rainha Jocasta – ISABEL SANTA ROSA.

Édipo Rei – GER THOMAS.

Édipo Infante – JAIR MORAES.

Esfinge – ISABEL QUEIRÓZ e CARLOS CALDAS.

O Coro – FERNANDO LEONARDO; PEDRO COELHO; ANTÓNIO LAGINHA; FLORÊNCIO MORGADO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29 e 30 de Outubro e 11 de Novembro de 1977 –

Programa 1

ENSAIO (III ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ELISA WORM (1939)

Música

COLAGEM DE MÚSICA ANTIGA

Estreia absoluta

30.05.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)
 AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; MARIA JOSÉ BRANCO; LÚCIA LOZANO; LUÍSA DUARTE; PALMIRA CAMARGO.

Locais e datas de apresentação

¹ José Fernandes e Ana Rita (não listada no programa mas verificou-se com fotos) artistas convidados.

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Maio de 1974

ENSAIO DE DANÇA E MOVIMENTO

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

BACH, RABE, MORTHENSON, NIELSON, HAMBRAEUS.

Cenário

WALTER GORE

Figurinos

WALTER GORE

Estreia absoluta

21.02.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

Movimento I: SASHA LORD; ISABEL QUEIRÓZ; RAQUEL ROBY; ULRICA CALDAS; GRAÇA BARROSO. HELENA LOZANO; CÉLIA VIEIRA; MARIA BESSA; EXPEDITO SARAIVA; CARLOS CALDAS. ESTEBAN BRUNAT.

Movimento II: SASHA LORD; RAQUEL ROBY; MARIA BESSA; EXPEDITO SARAIVA; ESTEBAN BRUNAT. ALBINO MORAIS; CARLOS CALDAS.

Movimento III: WALTER GORE e conjunto.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 21, 22, 24 e 25 de Fevereiro de 1969 – [Programa 4](#)

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 24 de Maio de 1969 – [XIII Festival Gulbenkian de Música](#)

COLISEU (LISBOA) – 31 de Maio e 1 de Junho de 1969 – [XIII Festival Gulbenkian de Música](#)

CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 4 de Junho de 1969

PISCINA MUNICIPAL (BEJA) – 6 de Junho de 1969

CINE-TEATRO DE S. ANTÓNIO (FARO) – 7 de Junho de 1969

EPITÁFIO PARA GESUALDO

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

CARLO GESUALDO

Cenário

ANDRÉ ACQUART

Figurinos

ANDRÉ ACQUART

Estreia absoluta

21.11.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; MARGERY LAMBERT; JOAHNE O'HARA; MICHÈLE RIMBOLD; ARMANDO JORGE; GER THOMAS; CARLOS FERNANDES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Novembro de 1970 – [Programa 1](#)

ESBOÇO DE ORFEU

Coreografia

MICHEL DE LUTRY (1937?)

Música

GLUCK

Cenário

Executados por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

MICHEL DE LUTRY

Estreia absoluta

07.08.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

PRAÇA DO IMPÉRIO (LISBOA)

Intérpretes

Cena I:

Orfeu – CARLOS TRINCHEIRAS

Sacerdotes e sacerdotisas – JOAHNNE O'HARA; RAQUEL ROBY; MARTA ATAÍDE; SASHA LORD.

CÉLIA VIEIRA; ULRICA CALDAS; PATRICK HURDE.

CARLOS FERNANDES.

Cena II:

Orfeu – CARLOS TRINCHEIRAS.

Eurídice – ISABEL SANTA ROSA.

Fúrias – INES PALMA; ISABEL QUIEROZ; ROSÁRIO LAPA; ISABEL TASSARA; LÍDIA FRANCO.

ALBINO MORAIS.

Cena III:

Orfeu – CARLOS TRINCHEIRAS.

Eurídice – ISABEL SANTA ROSA.

Espíritos bem-aventurados do Eliseu – JOAHNNE O'HARA; RAQUEL ROBY; ULRICA CALDAS.

PATRICK HURDE; CARLOS FERNANDES; CARLOS CALDAS.

MARTA ATAÍDE; SASHA LORD; CÉLIA VIEIRA.

Cena IV:

Orfeu – CARLOS TRINCHEIRAS.

Eurídice – ISABEL SANTA ROSA.

Rainha da Fúrias – JOAHNNE O'HARA.

Fúrias – Conjunto

Locais e datas de apresentação

PRAÇA DO IMPÉRIO (LISBOA) – 7 de Agosto de 1966

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 25, 27 e 28 de Fevereiro de 1967 – Programa 4

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 6 de Abril de 1967

ESCARGOT

Coreografia

LOUIS FALCO (1942-1993)

Música

RALPH MAC DONALD

Cenário

JACK BRUSCA, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

JACK BRUSCA

Luzes

ORLANDO WORM

Assistente de Coreografia

ALAN SENER

Estreia absoluta

1978

LOUIS FALCO DANCE COMPANY

Estreia pelo Ballet Gulbenkian / Nova versão

03.04.1986

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

OLGA RORIZ; FRANCISCO ROUSSEAU; JOSÉ GRAVE; ELISA FERREIRA; AGNELO ANDRADE; BARBARA GRIGGI.

Locais e datas de apresentação

- 3 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11 e 12 de Abril de 1986 – Programa
- CINE-TEATRO (GUARDA) – 17 de Maio de 1986
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 de Maio de 1986
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 22 de Maio de 1986
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 26 de Maio de 1967
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Maio de 1967
THÉÂTRE DANIEL SORANO (DAKAR, SENEGAL) – 4 de Junho de 1986
SALÃO NOBRE DO PALÁCIO DA ASSEMBLEIA NACIONAL (PRAIA, CABO VERDE) – 9 de Junho de 1986
- AUDITÓRIO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 24 de Junho de 1986
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 28 de Junho de 1986
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 3 e 4 de Julho de 1986
TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 8 de Julho de 1986
CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 30 de Julho de 1986
CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 31 de Julho de 1986
TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 11 de Outubro de 1986
SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 21, 23 e 25 de Outubro de 1986
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Novembro de 1986 – Programa 1
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 27 de Novembro de 1986

ESPAÇO VAZIO

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

ANTÓNIO EMILIANO e excerto da canção *My Way* interpretada por NINA HAGEN.

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

ORLANDO WORM

Concepção cenográfica

NUNO CARINHAS

Estreia absoluta

03.04.1986

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GER THOMAS

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11 e 12 de Abril de 1986 – Programa

3

- CINE-TEATRO (GUARDA) – 17 de Maio de 1986
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 22 de Maio de 1986
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Maio de 1986
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 3 de Julho de 1986
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 3 e 4 de Julho de 1986
CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 31 de Julho de 1986
TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 10 de Outubro de 1986
SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 21, 23 e 25 de Outubro de 1986
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Novembro de 1986
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5 e 6 de Dezembro de 1986 – Programa 2
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6 e 7 de Fevereiro de 1993 – Programa 4

ESPÍRITO ORGÂNICO, BATIDA ORGÂNICA E CAGE ORGÂNICO

Coreografia

PAULO RIBEIRO (1959)

Música

JOHN CAGE, 2.nd *Construction*, 3.rd *Construction* e *Credo in Us*.

Cenário

PROJEÇÕES DOS BAILARINOS EM TEMPO REAL

Interpretação musical

GRUPO DRUMMING

Figurinos

STORYTAILORS, JOÃO BRANCO e LUÍS SANCHEZ.

Desenho de Luzes

NUNO MEIRA

Vídeo

AMÉRICO PAULO

Estreia Absoluta

16.03.2005

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER; SÃO CASTRO; MÓNICA GOMES; BARBARA GRIGGI; WUBKJE KUINDERSMA. LAURA MARÍN; DANIELA NEUGEBAUER;¹ SYLVIA RIJMAR; IOLANDA RODRIGUES; SANDRA ROSADO. ANA SENDAS; TERESA ALVES DA SILVA; ANN DE VOS; LINDANOR XAVIER. JORDI ALGUACIL; ALLAN FALIERI; BERNARDO GAMA; BRUNO GUILLORÉ; HILLEL KOGAN. DANILO MAZZOTTA; PEDRO MENDES; CARLOS PRADO; RUI REIS; ROMEU RUNA; NELSON SMITH; JERMINE SPIVEY; RODRIGO VIEIRA.

Datas e Locais de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Março de 2005 – Programa 3

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 1 e 2 de Abril de 2005

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 8 e 9 de Abril de 2005

TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA (BRAGANÇA) – 15 e 16 de Abril de 2005

TEATRO ACADÉMICO GIL VECENTE (COIMBRA) – 21 e 22 de Abril de 2005

TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA (GUARDA) – 28 e 29 de Abril de 2005

STADTTHEATER (HEIBRONN, ALEMANHA) – 4, 5, 6, 7 e 8 de Maio de 2005

BURGHOF (LORRACH, ALEMANHA) – 12 de Maio de 2005

THEATER IM PFALZBAU (LUDWIGSHAFEN, ALEMANHA) – 15 de Maio de 2005

FORUM LEVERKUSEN (LEVERKUSEN, ALEMANHA) – 18 de Maio de 2005

OLDENBURGISCHES STAATSTHEATER (OLDENBURG, ALEMANHA) – 24 de Maio de 2005

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 3, 4 e 5 de Junho de 2005

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 10 e 11 de Junho de 2005

TEATRO NACIONAL S. JOÃO (PORTO) – 17 e 18 de Junho de 2005

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 24 e 25 de Junho de 2005

ESTRANHOS TRANSEUNTES

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

STEVE REICH, *Music for a Large Ensemble* (1978).

Cenário

ANA SILVA E SOUSA, com colaboração de MARIA DA LUZ GAVINO.

Figurinos

ANA SILVA E SOUSA

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

07.12.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

¹ Bolseira da Rotterdamse Dansacademie junto do Ballet Gulbenkian.

GRAÇA BARROSO; GER THOMAS; HELENA LOZANO; COLLEEN O'SULLIVAN; ANTÓNIO JORGE. ANTÓNIO TELES; FILIPA MAYER; LUIS DAMAS; EDMUND STRIPE; ÂNGELA CLEMENTE; JOSÉ GRAVE; ANGELINA BACELAR; CARLOS CARVALHO; PAULA VALLE; FRANCISCO ROUSSEAU; TERESA LOPES; JOÃO NATIVIDADE. MARGARIDA BETTENCOURT; JOÃO COSTA; PAULA FERNANDES; JOÃO MOURO; ZAIRE ZEYD.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9, 10 de Dez. e 1983; 5, 6 e 7 de Jan. de 1984 –

Programa 1

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 9 de Maio de 1984

GROBES HAUS (WIESBADEN, ALEMANHA) – 18 e 19 de Maio de 1984

KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 21 de Maio de 1984

KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 22 de Maio de 1984

THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA) – 28, 29 e 30 de Maio de 1984

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Junho de 1984

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 15 e 16 de Junho de 1984

TERREIRO DO PALÁCIO DOS GOVERNADORES (LAGOS) – 21 de Junho de 1984

TERREIRO DO PALÁCIO DOS GOVERNADORES (LAGOS) – 22 de Junho de 1984

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho; 1 e 2 de Julho de 1984

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Novembro de 1984 – **Programa 1**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Dezembro de 1984 – **Programa 2**

ESTÚDIO A (I ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

SEAN CUNNINGHAM (1946-2008)

Música original

BÉLA BARTOK

Figurinos

SEAN CUNNINGHAM

Estreia absoluta

01.05.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ e SOREN BACKLUND.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 de Maio de 1972

ESTUDO DE TEXTURA (II ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

IRINA COMPTON (1942 ?)

Estreia absoluta

01.06.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

LUIZA DUARTE; MARTHA GROGAN; CECÍLIA POTIER; MICHÈLE RIMBOLD;

JIM HUGHES; VASCO WELLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 e 2 de Junho de 1973

EURÍDICE MORREU

Coreografia

BIRGIT CULLBERG (1908-1999)

Música

ENIO MORRICONE

Figurinos

EVA SCHAEFER

Direcção de ensaios

SIV ANDER e MARTA ATAÍDE.

Diapositivos

PALLE NIELSEN

Estreia absoluta

1968

BALLET CULLBERG

OREBRO (SUÉCIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

03.05.1975

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Orfeu – PHILLIPPE ARRONA.

Eurídice – PENELOPE WRIGHT.

Hades – CARLOS CALDAS.

Hekate – COLLEEN O’SULLIVAN.

Polícias – SOREN BACKLUND; CARLOS CALDAS; MIGUEL LYZARRO.

Cidadãs e mulheres-soldados – ELISA WORM; LÚCIA LOZANO; LUISA DUARTE; HELENA LOZANO.

Soldados – FERNANDO LEONARDO; JAIR MORAIS; EXPEDITO SARAIVA; ERICH PAYER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5, 9 e 11 de Maio de 1975 – **Programa 3**

EVOCAÇÕES (I ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

PATRICK HURDE (1937)

Música

ÁLVARO CASSUTO

Figurinos e Cenários

CECÍLIA POTIER

Estreia absoluta

01.05.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

10.03.1973

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE e PALMIRA CAMARGO; ANA MARIA CASQUILHO; LUÍSA DUARTE; LÚCIA LOZANO.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 de Maio de 1972 – **I Estúdio Coreográfico**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Março de 1973 – **Programa 5**

EVOCAÇÕES (XIV ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

HUMBERTO RUAZ, por Humberto Ruaz (piano), Vera Morais (flauta), José Calheiros (fagote), Alberto Roque (saxofone) e Paulo Valentim (guitarra portuguesa).

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

24.07.1992

BALLET GULBENKIAN

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

06.02.1993

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA VALLE; SANDRA ROSADO; RUI PINTO; BENVINDO FONSECA.

Locais e datas de apresentação

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1992 – **XIV Estúdio**

Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6 e 7 de Fevereiro de 1993 – **Programa 4**

EXO

Coreografia

NÉ BARROS (1963)

Música original

ALEXANDRE SOARES

Vídeo

CARLOS ASSIS

Desenho de Luzes

CARLOS ASSIS

Figurinos

VERA CASTRO

Assistente de Coreografia

ELISABETE MAGALHÃES

Estreia absoluta

21.03.2001

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE; PASCALE MOSSELMANS; MARIËTTE REDEL; VINCENT COLOMES.
BERNARDO GAMA; RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Março de 2001 – **Programa 3**

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 30 e 31 de Março de 2001

EXSULTATE JUBILATE

Coreografia e Figurinos

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1758-1791)

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

28.01.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO e GAGIK ISMAILIAN. ANGELINA BACELAR; ANA CAETANO; PALMIRA CAMARGO; ANGELA CLEMENTE. PAULA FERNANDES; BARBARA GRIGGI; BIRTE LUNDWALL; VERA MANTERO; FILIPA MAYER; CLÁUDIA NÓVOA; ANA RITA PALMEIRIM; PAULA PINTO; PAULA VALLE; MARIA JOÃO SALOMÃO. AGNELO ANDRADE; JOÃO COSTA; LUIS DAMAS; RUI REIS; CÉSAR MONIZ; JOÃO MOURO. JOÃO NATIVIDADE; RUI PINTO; FRANCISCO ROUSSEAU; JOÃO DE SOUSA; ANTÓNIO TELES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29, 30 e 31 de Janeiro de 1987 – **Programa 3**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12 de Fevereiro de 1987

TEATRO SÉRGIO CARDOSO (SÃO PAULO, BRASIL) – 31 de Março de 1987

TEATRO BNH (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 3 de Abril de 1987

TEATRO BNH (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 4 de Abril de 1987
 TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 14 de Maio de 1987
 TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 16 de Maio de 1987
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 19 de Maio de 1987
 THEATRO CIRCO (BRAGA) – 22 de Maio de 1987
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 26 de Maio de 1987
 AUDITÓRIO MUNICIPAL (LAGOS) – 30 de Maio de 1987
 AUDITÓRIO MUNICIPAL (FARO) – 2 de Junho de 1987
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 06 de Junho de 1987
 ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 30 de Junho de 1987
 JARDINS DO PALÁCIO DE SETEAIS (SINTRA) – 3 de Julho de 1987
 PARCO RIGNON (TURIM, ITÁLIA) – 8 de Julho de 1987
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Nov. e 3, 4 e 5 de Dez. de 1987 –

Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 28 de Outubro de 1988
 CAIRO OPERA HOUSE (CAIRO, EGIPTO) – 5 de Novembro de 1988
 CAIRO OPERA HOUSE (CAIRO, EGIPTO) – 6 de Novembro de 1988
 BELGRADO (EX-JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 15 de Maio de 1989
 ZAGREB (EX-JUGOSLÁVIA, CROÁCIA) – 18 de Maio de 1989
 LIUBLIANA (EX – JUGOSLÁVIA, ESLOVÉNIA) – 22 de Maio de 1988
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO FONTELO (VISEU) – 1 de Junho de 1989
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 7 de Junho de 1989
 ECOLE NORMALE (AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA) – 4 de Julho de 1989
 SALLE COUVERTE COMPLEXE SPORTIF (CASABLANCA, MARROCOS) – 23 de Outubro de 1989
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9 e 10 de Março de 1990 – **Programa 3**
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Maio de 1990
 THEATRO CIRCO (BRAGA) – 30 de Maio de 1990
 TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 8 de Junho de 1990
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 3 de Julho de 1990
 TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 11 de Julho de 1990
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE VILA REAL (VILA REAL) – 14 de Julho de 1990
 AUDITÓRIO MUNICIPAL (MIRANDELA) – 17 de Julho de 1990
 CINE-TEATROMONTEPIO GERAL (BRAGANÇA) – 20 de Julho de 1990

FALLING ANGELS (ANJOS CAÍDOS)

Coreografia

JIRÍ KYLIÁN (1947)

Música

STEVE REICH, *Drumming* (1.ª parte), 1970-71.

Figurinos

JOKE VISSER

Luzes e Desenhos

JOOP CABOORT

Assistente de Coreografia

ROSLYN ANDERSON

Estreia absoluta

23.11.1989

NEDERLANDS DANS THEATER I
 DANSTHEATER (HAIA, HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

19.03.2003

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER; BARBARA GRIGGI; SOFIA INÁCIO; LAURA MARÍN; CLÁUDIA NÓVOA. ANA CLÁUDIA RIBEIRO; SANDRA ROSADO; LINDANOR XAVIER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Março de 2003 – **Programa 4**

GRANDE AUDITÓRIO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FERIA) – 28 e 29 de Março de 2003
TEATRO SÃO LUIZ (LISBOA) – 26 e 27 de Abril de 2003
TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA (LEIRIA) – 20 e 21 de Junho de 2003
TEATRO VIRIATO (VISEU) – 4 e 5 de Julho de 2003
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 7 e 8 de Novembro de 2003 – **Programa 1**
CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 15 de Novembro de 2003
GRANDE AUDITÓRIO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FERIA) – 21 e 22 de Novembro de 2003

FEIRA

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

MAURICE RAVEL

Cenário

WALTER GORE

Figurinos

MARIA HELENA MATTOS

Estreia absoluta

11.03.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

A Mulher – PAULA HINTON.

O Irmão – PATRICK HURDE.

O Homem – CARLOS FERNANDES.

Os Foliões – INEZ PALMA; RAQUEL ROBY; ISABEL QUEIRÓZ; CÉLIA VIEIRA; MARTA ATAÍDE.

SASHA LORD; ELOÍSA GARCIA; CARLOS CALDAS; ALBINO MORAIS.

ANTÓNIO RODRIGUES; EXPEDITO SARAIVA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 11, 13 e 14 de Março de 1967 – **Programa 5**

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho e 1 de Julho de 1967

PARQUE VALENÇAS (SINTRA) – 26 de Agosto de 1967

POLITEAMA (LISBOA) – 4, 5 e 6 de Março de 1968 – **Programa 3**

TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 4 de Setembro de 1968

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 5 de Setembro de 1968

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 7 de Setembro de 1968

LUANDA (ANGOLA) – 6 de Agosto de 1969

LUANDA (ANGOLA) – 8 de Agosto de 1969

BENGUELA (ANGOLA) – 12 de Agosto de 1969

NOVA LISBOA (GUINÉ) – 15 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 21 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 23 de Agosto de 1969

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 28 de Agosto de 1969

NAMPULA (MOÇAMBIQUE) – 2 e 3 de Setembro de 1969

FESTA DE ANIVERSÁRIO (XI FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)¹

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

HANS CHRISTIAN LUMBYE

Estreia absoluta

03.06.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA)

¹ Não há certeza desta peça se ter efectivamente dançado. Existe uma probabilidade de ter sido trocada pela *Suite de Verdi*.

Intérpretes

PAULA HINTON; JOAHNNE O'HARA; RAQUEL ROBY; MARTA ATAÍDE; CÉLIA VIEIRA; SASHA LORD; ISABEL QUEIRÓZ; ELOÍSA GARCIA; LÚCIA LOZANO; CARLOS FERNANDES; PATRICK HURDE. ALBINO MORAIS; EXPEDITO SARAIVA; ANTÓNIO RODRIGUES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) – 3 de Junho de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO ACADÉMICO GILVICENTE (COIMBRA) – 4 de Junho de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 5 de Junho de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)

FESTIVO (VII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS FERNANDES (1939)

Música

GIACOMO MEYERBEER

Luzes

AUGUSTO AVELAR

Estreia absoluta

22.06.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Conjunto – MARTA ATAÍDE; ULRICA CALDAS; PALMIRA CAMARGO; LUÍSA DUARTE; HELENA LOZANO; ISABEL TAMEN; OLGA RORIZ; MARIA JOÃO SALOMÃO; CARLOS CALDAS; PEDRO COELHO; ANTÓNIO LAGINHA; JOÃO NATIVIDADE; TÍNDARO SILVANO; JOÃO MOURO; CARLOS CARVALHO; JOÃO COSTA.

Solo – ULRICA CALDAS.

Pas-de-Deux – MARTA ATAÍDE e CARLOS CALDAS.

Variações I – LUÍSA DUARTE e MARIA JOÃO SALOMÃO.

Variações II – PALMIRA CAMARGO.

Variações III – HELENA LOZANO.

Variações IV – OLGA RORIZ.

Variações V – ULRICA CALDAS.

Final – Conjunto.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22 e 25 de Junho de 1979

FILLE MAL GARDÉE, LA

Coreografia

JOHN AULD (1930)

Música

FERDINAND HÉROLD

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Argumento

JEAN DAUBERVAL

Estreia absoluta

1876

LONDRES

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

22.12.1964

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA)

Intérpretes

Simone, uma camponesa viúva – JOHN AULD.

Lisa, filha de Simone – ISABEL SANTA ROSA.

Colin, um jovem lavrador – CARLOS TRINCHEIRAS.

Tomás, um lavrador abastado – LUÍS MIGUEL.

Alain, filho de Tomás – CARLOS FERNANDES.

Aldeões e Ceifeiros – CÉLIA VIEIRA, INÊS PALMA, KLAUS GÖTZ, DAVID KING, MARTA ATAÍDE;
RAQUEL ROBY, ROSÁRIO LAPA, ISABEL QUEIRÓZ, ISABEL TASSARA; FERNANDA MENEZES ALVES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 22 de Dezembro de 1964

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 24 de Abril de 1965

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 10 de Maio de 1965

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 25 de Maio de 1965 – [IX Festival Gulbenkian de Música](#)

CASTELO DE LEIRIA (LEIRIA) – 3 de Junho de 1965 – [IX Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 e 28 de Fevereiro de 1966 – [Programa 3](#)

TEATRO ROSA DAMASCENO (SANTARÉM) – 23 de Maio de 1966 – [X Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 28 de Agosto de 1967 (1 acto)

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 29 de Agosto de 1967 (1 acto)

ABRANTES – 12 de Setembro de 1967

POLITEAMA (LISBOA) – 18, 19 e 20 de Março de 1968 – [Programa 4](#)

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 5 e 6 de Julho de 1968

TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 8 de Julho de 1968

ANGRA DO HEROISMO – 9 de Julho de 1968

TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 10 (16h00) de Julho de 1968 (Suite do bailado)

TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 10 (21h30) de Julho de 1968 (Suite do bailado)

QUINTA DE SANTIAGO (MATOSINHOS) – 3 de Setembro de 1968 (1 acto)

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 5 de Setembro de 1968 (1 acto)

PARQUE DA CIDADE (VISEU) – 10 de Setembro de 1968 (1 acto)

F.I.M. / FRAGMENTOS INSCRIÇÕES MEMÓRIAS

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Direcção Musical

ANTÓNIO VIEGAS

Coordenação Cénica

JOÃO MENDES RIBEIRO

Seleccção e Adaptação de Figurinos

OLGA RORIZ

Seleccção e Adaptação de Textos

OLGA RORIZ

Desenho de Luzes

CLEMENTE CUBA

Assistente de Coreografia

LUÍS CAROLINO

Estreia absoluta

19.01.2000

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

VANESSA CURADO; PAULA FERNANDES; BARBARA GRIGGI; PASCALE MOSSELMANS; CLÁUDIA NÓVOA;
PAULA PINTO; ANA CLÁUDIA RIBEIRO; SANDRA ROSADO; TERESA ALVES DA SILVA; TERESA SIMAS;
MARTA REIG TORRES; LINDANOR XAVIER; LEONARDO CENTI; YORKIE CHADWICK; LUIS DAMAS;
WILSON DOMINGUES; BERNARDO GAMA; HILLEL KOGAN; SONNY LOCSIN; CÉSAR MONIZ; RUI PINTO;
CARLOS PRADO; RUI REIS; FRANCISCO ROUSSEAU; ROMEU RUNA; MÁRIO SANCHEZ.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Janeiro de 2000 – [Programa 2](#)

FLAT SPACE MOVING (ESPAÇO PLANO EM MOVIMENTO)

Coreografia

RUI HORTA (1957)

Música

PHILIPPE DESCHEPPER, GROUND ZERO, BEAUTIFUL PEOPLE, YENS & YENS e NORBERT ZACHARIAS.

Cenário

RUI HORTA

Figurinos

KATHY BRUNNER

Luzes

RUI HORTA

Assistente de Coreografia

JAN KODET

Assistente de Cenografia

GUNNAR TIPMANN

Estreia absoluta

03.10.1997

BALLET CULLBERG

TEATRO MUNICIPAL DE LUND (SUÉCIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

11.03.1998

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCAL MOSELMANS; CARLOS PRADO; BARBARA GRIGGI; COLETTE MAYNARD. FRANCISCO ROUSSEAU; CÉSAR MONIZ; PAULA FERNANDES; BERNARDO GAMA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Março de 1998 – **Programa 3**
 VICTORIA THEATER | NEW JERSEY PERFORMING ARTS CENTER (NEWARK, EUA) – 24, 25 e 26 de Abril de 1998
 GERMANTOWN PERFORMING ARTS CENTER (MEMPHIS, EUA) – 7, 8 e 9 de Maio de 1998
 AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 13 e 14 de Junho de 1998
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 22 e 23 de Junho de 1998
 TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 30 de Junho de 1998
 THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (SÃO PAULO, BRASIL) – 16, 17 e 18 de Setembro de 1998

FLORESTA, NA

Coreografia

NACHO DUATO (1957)

Música

HEITOR VILLA-LOBOS, Excertos de *A Floresta do Amazonas* na versão de WAGNER TISO, com três canções de NEY MATOGROSSO.

Cenário

WALTER NOBBE

Figurinos

NACHO DUATO

Luzes

JOOP CABOORT

Direcção de Ensaios

JIM VINCENT e KAREN BROWN.

Estreia absoluta

15.02.1990

NEDERLANDS DANS THEATER II (HAIA, HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

25.03.1992

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

CLÁUDIA NÓVOA; PASCALE MOSSELMANS; ALEXANDRA PINTO; PAULA PINTO; BARBARA GRIGGI. LUIS DAMAS; RUI PINTO; AGNELO ANDRADE; RUI REIS; CARLOS PRADO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Março; 1, 2, 3 e 4 de Abril de 1992

– Programa 3

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 22 de Abril de 1992

THEATER CASINO (ZUG, SUIÇA) – 4 de Maio de 1992

STADTHOF 11 (ZURIQUE, SUIÇA) – 6 de Maio de 1992

THÉÂTRE DE CROCHETAN (MONTHEY, SUIÇA) – 8 de Maio de 1992

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 20 de Maio de 1992

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 22 de Maio de 1992

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 27 de Maio de 1992

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 30 de Maio de 1992

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 10 de Junho de 1992

CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 16 de Junho de 1992

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 26 de Junho de 1992

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Junho de 1992

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20, 27 e 28 de Março de 1993 – Programa 5

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 26 de Junho de 1993

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 3 de Julho de 1993

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Julho de 1993

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Julho de 1993

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 25 de Julho de 1993

CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 30 de Julho de 1993

FOR HEAVEN'S SAKE (POR AMOR DE DEUS)

Coreografia

ITZIK GALILI (1962)

Música original

JAAP VAN KEULEN em colaboração com ERAN HORWITZ, interpretada por SAMER ALAYAN, MARK ELIYAH, TIBI GOLAN, ERAN HORWITZ e HAYTHAM SAFIA.

Dramaturgia

MAAIKE BLEEKER

Desenho de Cenário e Adereços (próteses)

ASCON DE NIJS

Figurinos

NATASJA LANSEN

Desenho de Luzes

JACQUELINE ZWIGGELAAR, ITZIK GALILI e OTTO EGGERSGLÜSS.

Engenheiro de Som

JANNES NOORMAN

Assistente de Coreografia

STEPHEN SHROPSHIRE

Seleção e Direção de Ensaios dos Intérpretes Musicais

ERAN HORWITZ

Estreia absoluta

07.11.2001

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER, ÂNGELA CLEMENTE, PAULA FERNANDES, BARBARA GRIGGI, SOFIA INÁCIO; LAURA MARÍN, PASCALE MOSSELMANS, INÊS NOBRE, CLÁUDIA NÓVOA, MARIËTTE REDEL; ANA CLÁUDIA RIBEIRO, SANDRA ROSADO, TERESA ALVES DA SILVA; VINCENT COLOMES; DYLAN ELMORE, BERNARDO GAMA, BRUNO GUILLORÉ, JOSEP HUMET, HILLEL KOGAN; SÉBASTIAN MARI, RUI PINTO, CARLOS PRADO, ROMEU RUNA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9 e 10 de Novembro de 2001 – Programa 1

2001 GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 16 e 17 de Novembro de
LUGENT DANSTHEATER (HAIA, HOLANDA) – 30 de Novembro e 01 de Dezembro de 2001

FORMAS (XIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LUIS DAMAS (1961)

Música original

CARLOS “BECHEGAS” e JORGE PEREIRA, música original para flauta, sintetizadores e computador de ritmos.

Cenografia

VICTOR XAVIER

Luzes

RUI FERNANDES

Estreia absoluta

28.07.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ANA CAETANO; LUIS DAMAS; WILSON DOMINGUES; BENVINDO FONSECA; PAULA PINTO; RUI PINTO; MARIA JOÃO SALOMÃO; PAULA VALLE; LINDANOR XAVIER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 e 29 de Julho de 1989

FOX-TROT 5 HORAS (III ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS FERNANDES (1939)

Música

MAURICE RAVEL

Figurinos

CARLOS FERNANDES

Estreia absoluta

30.05.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

MICHÈLE RIMBOLD e CARLOS FERNANDES.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Maio de 1974

FRACÇÕES (XIV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

RUI PINTO (1967)

Música

Excertos da banda sonora do filme *As Asas do Desejo* e do álbum *Siesta* de MILES DAVIS e MARCUS MILLER.

Figurinos

RUI PINTO e NUNO CARINHAS (do bailado *Encantados de Servi-lo*).

Adereços

RUI PINTO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

24.07.1992

BALLET GULBENKIAN

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA)

Intérpretes

TERESA LOPES; MARIA JOÃO SALOMÃO; FILIPA MAYER; LINDANOR XAVIER; ALEXANDRA PINTO. SANDRA ROSADO; JOÃO MOURO; CARLOS PRADO; JOÃO COSTA; ANTÓNIO TELES; WILSON DOMINGUES; FILIPE VALLA.

Locais e datas de apresentação

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1992

FRAGILE

Coreografia

ITZIK GALILI (1962)

Música

GAVIN BRYARS, *Sub Rosa*.

Figurinos

NATASJA LANSEN

Desenho de Luzes

ITZIK GALILI

Assistente de Coreografia

RONY HAVER

Estreia absoluta

08.01.1997

GALILI DANCE

STADSSCHOUWBURG, HEERLEN (HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

08.11.2000

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

PASCAL MOSEL MANS e DOMINIK SCHOETSCHEL.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Novembro de 2000 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 17 e 18 de Novembro de

2000

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 15 e 16 de Dezembro de 2000

CINE-TEATRO MUNICIPAL D. JOÃO V (DAMAIA) – 02 e 03 de Março de 2001

OLDENBURGISCHES STAATSTHEATER (OLDENBURG, ALEMANHA) – 11 e 12 de Maio de 2001

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8 e 9 de Junho de 2001

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 4 e 5 de Julho de 2001

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 12, 13 e 14 de Julho de 2001

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 18 de Julho de 2001

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 28 e 29 de Setembro de 2001

FRONTEIRA (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

TAKE 6, *Not again, So much 2 say* e DON GRUSIN, *Frontier*.

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

JOSÉ FONSECA

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

FRANCISCO ROUSSEAU e RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 5 de Junho de 1993

GAHVOREH

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música Original

ANTÓNIO EMILIANO

Cenário

GAGIK ISMAILIAN, segundo esboço de NUNO CÔRTE-REAL e executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

GAGIK ISMAILIAN, segundo esboço de NUNO CÔRTE-REAL.

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

13.07.1988

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

OLGA RORIZ; ELISA FERREIRA; BARBARA GRIGGI; BIRTE LUNDWALL; PAULA VALLE; JOSÉ GRAVE; FRANCISCO ROUSSEAU; JOÃO AFONSO; JOÃO COSTA; RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Julho de 1988 – Programa 4

GALOPES, POLKAS & VALSAS (IV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS FERNANDES (1939)

Música

CHOSTAKOVITCH

Luzes

CARLOS FERNANDES

Colaboração plástica

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

15.07.1976

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Polka: MARTA ATAÍDE; HELENA LOZANO; LÚCIA LOZANO; MARGARIDA DE MELO. MARIA DE FREITAS BRANCO; ELISA FERREIRA; ANA RITA PALMEIRIM; ISABEL FERNANDES. MARIA JOSÉ PALMEIRIM; OLGA RORIZ; EXPEDITO SARAIVA; ERICH PAYER; JOÃO NATIVIDADE. CARLOS FERNANDES.

Valsa: MARTA ATAÍDE; ELISA FERREIRA; MARIA DE FREITAS BRANCO; MARGARIDA DE MELO. OLGA RORIZ; MARIA JOSÉ PALMEIRIM¹ e ISABEL FERNANDES.²

Caixa de música: HELENA LOZANO; LÚCIA LOZANO; OLGA RORIZ; CARLOS FERNANDES.

Pas-de-deux: LÚCIA LOZANO e EXPEDITO SARAIVA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15 e 16 de Julho de 1976

GINEVRA

Coreografia, Cenário e Figurinos

WALTER GORE (1910-1979)

Poema

MINSTER LOVELL de DAVID WRIGHT.

Música

SIBELIUS

¹ Artista convidada.

² Idem.

Estreia absoluta

22.06.1956

FESTIVAL DA HOLANDA

HAIA, HOLANDA

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

26.03.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

Ginevra – PAULA HINTON.

Lorde Lovell – CARLOS TRINCHEIRAS.

Amigos e Convidados – MARIA BESSA; CARLOS CALDAS; CARLOS FERNDADES; LÍDIA FRANCO; KLAUS GÖTZ; PATRICK HURDE; ALBINO MORAIS; ISABEL QUEIRÓZ; INEZ PALMA; CÉLIA VIEIRA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 e 28 de Março de 1966 – [Programa 5](#)

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 20 de Abril de 1966 – [Programa 8](#)

TEATRO ROSA DAMASCENO (SANTARÉM) – 23 de Maio de 1966 – [X Festival Gulbenkian de Música](#)

GIRASSOL COR DE LARANJA, O (VII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ELISA FERREIRA (1953)

Música

JACQUES LOUSSIER, *Play Bach*, coral n.º 1.

Figurinos

ANTÓNIO LAGINHA

Luzes

PEDRO COELHO

Voz

JOÃO VILLARET

Estreia absoluta

23.06.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN

Intérpretes

ANGELINA BACELAR e GAGIK ISMAILIAN.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23 e 26 de Junho de 1979

GISELLE

Coreografia

JEAN CORALLI (1779-1854) e JULES PERROT (1810-1892), remontada por WALTER GORE (1910-1979).

Música

ADOLPHE ADAM (1803-1856)

Cenário

HARRY CORDWELL

Figurinos

HARRY CORDWELL

Estreia absoluta

28.06.1841

TEATRO DA ÓPERA DE PARIS (PARIS)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

14.01.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

Acto I:

Giselle – PAULA HINTON.
Albrecht – RONALD HYND.
Bertha – BERNARDETTE PESSANHA.
Hilarion – CARLOS CALDAS.
Príncipe da Courlândia – WALTER GORE.
Bathilde – INEZ PALMA.
Wilfred – CARLOS FERNANDES.
Pas-de-deux dos camponeses – JOAHNE O'HARA e PATRICK HURDE.
Amigos de Giselle – CARMEN GALINDO, SASHA LORD, RAQUEL ROBY, MARTA ATAÍDE; ISABEL QUEIRÓZ, ULRICA CALDAS, ELOISA GARCIA, ANTONIETA RIBEIRO; ROSÁRIO LAPA, CÉLIA VIEIRA, LÚCIA LOZANO, CECÍLIA POTIER.

Acto II:

Giselle – PAULA HINTON.
Albrecht – RONALD HYND.
Príncipe de Courland – WALTER GORE.
Wilfred – CARLOS FERNANDES.
Hilarion – CARLOS CALDAS.
Myrtha – ULRICA CALDAS.
 Duas Willis: *Zulma* – JOAHANE O'HARA e *Moyna* – RAQUEL ROBY
Willis – ISABEL QUEIRÓZ, INEZ PALMA, CÉLIA VIEIRA, SASHA LORD, MARTA ATAÍDE; CARMEN ROCHE, ELOISA GARCIA, ROSÁRIO LAPA, ANTONIETA RIBEIRO, LÚCIA LOZANO.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 14, 16 e 17 de Janeiro de 1967 – **Programa 1**
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 6 de Abril de 1967
 TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 10 de Julho de 1968 (*Pas-de-deux dos camponeses*) – **Programa 2**
 TEATRO-CIRCO (BRAGA) – 6 de Junho de 1968 – **XII Festival Gulbenkian de Música**
 PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 7 de Junho de 1968 – **XII Festival Gulbenkian de Música**
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 5 e 6 de Julho de 1968 (*Pas-de-deux dos camponeses*)
 TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 8 de Julho de 1968 (*Pas-de-deux dos camponeses*)
 ANGRA DO HEROISMO – 9 de Julho de 1968 (*Pas-de-deux dos camponeses*)
 TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 10 de Julho de 1968 – 16h00 (*Pas-de-deux dos camponeses*)
 TEATRO FAIALENSE (HORTA) – 10 de Julho de 1968 – 21h30 (*Pas-de-deux dos camponeses*)

GISELLE

Coreografia

JEAN CORALLI (1779-1854) e JULES PERROT (1810-1892), remontada por ANTON DOLIN (1904-1983).

Música

ADOLPHE ADAM (1803-1856)

Cenário e Figurinos

Segundo a versão original

Estreia absoluta

28.06.1841

TEATRO DA ÓPERA DE PARIS (PARIS)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

14.02.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Acto I:

Giselle – LUCETTE ALDOUS.

Albrecht – JOHN GILPIN.

Bertha – BERNARDETTE PESSANHA.

Hilarion – CARLOS TRINCHEIRAS.

Príncipe da Courlândia – GER THOMAS.

Bathilde – INEZ PALMA.

Wilfred – CARLOS FERNANDES.

Pas-de-deux dos camponeses – JOAHNE O'HARA e PATRICK HURDE.

Amigos de Giselle – CARMEN GALINDO, SASHA LORD, RAQUEL ROBY, MARTA ATAÍDE; ISABEL QUEIRÓZ, ULRICA CALDAS, ELOISA GARCIA, ANTONIETA RIBEIRO; ROSÁRIO LAPA, CÉLIA VIEIRA, LÚCIA LOZANO, CECÍLIA POTIER.

Acto II:

Giselle – LUCETTE ALDOUS.

Albrecht – JOHN GILPIN.

Príncipe de Courland – WALTER GORE.

Wilfred – CARLOS FERNANDES.

Hilarion – CARLOS TRINCHEIRAS.

Myrtha – MARGERY LAMBERT.

Duas Willis: *Zulma* – JOAHANE O'HARA e *Moyna* – RAQUEL ROBY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16, 17, 19 e 20 de Fevereiro de 1970 –

Programa 1

GISELLE

Coreografia

JEAN CORALLI (1779-1854) e JULES PERROT (1810-1892), remontada por JORGE GARCIA (1938).

Música

ADOLPHE ADAM

Cenário

MANUEL LAPA

Figurinos

Segundo a versão original

Estreia absoluta

28.06.1841

TEATRO DA ÓPERA DE PARIS (PARIS)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

06.01.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Acto I:

Giselle – NOELLA PONTOIS.

Albrecht – CYRIL ATANASSOFF.

Bertha – BERNARDETTE PESSANHA.

Hilarion – CARLOS FERNANDES.

Príncipe da Courlândia – SANTOS MANUEL.

Bathilde – MARGERY LAMBERT.

Wilfred – CARLOS CALDAS.

Pas-de-dix – BRENDA ARAVELO, DEBORAH HESS, COLLEEN O'SULLIVAN, ULRICA CALDAS; MICHÈLE RIMBOLD, PENELOPE WRIGHT, SOREN BACKLUND; RICHARD DEVAUX, PATRICK HURDE, JÚLIO MEDINA.

Acto II:

Giselle – NOELLA PONTOIS.

Albrecht – CYRIL ATANASSOFF.

Príncipe de Courland – SANTOS MANUEL.

Wilfred – CARLOS CALDAS.

Hilarion – CARLOS FERNANDES.

Myrtha – MARGERY LAMBERT

Duas Willis: *Zulma* – PENELOPE WRIGHT e *Moyna* – ULRICA CALDAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 06, 07, 08, 09, 11, 12, 13, 14 e 15 de Janeiro de 1973

– Programa 3

ACADEMIA MILITAR (LISBOA) – 23 de Novembro de 1975 (*Pas-de-deux*)

GLÓRIA (IV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS FERNANDES (1939)

Música

GYÖRGY LIGETI, *Atmospheres*.

Música e palavras de NEIL DIAMOND, colagens realizadas por MAXIMIANO DE CARVALHO.

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

15.07.1976

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE; CARLOS FERNANDES; LÚCIA LOZANO; ISABEL FERNANDES;
MARIA JOSÉ PALMEIRIM; OLGA RORIZ; ELISA FERREIRA; MARIA DE FREITAS BRANCO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15 e 16 de Julho de 1976

GLÓRIA

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

FRANCIS POULENC (1899-1963), *Glória*.

Cenário

JOSÉ COSTA REIS, executado por INEZ GUERREIRO.

Figurinos

JOSÉ COSTA REIS

Luzes

ORLANDO WORM

Colaboração de ensaios

GER THOMAS

Estreia absoluta

01.12.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Andamento I e II:

GRAÇA BARROSO; HELENA LOZANO; LUIZA DUARTE; ELISA FERREIRA; ANA RITA PALMEIRIM;
MARIA JOÃO SALOMÃO; MARIA DE FREITAS BRANCO; JANE SALIER; BIRTE LUNDWALL.
ANGELINA BACELAR; SOREN BACKLUND; JAIR MORAIS; MARCEL VEILLARD; STEPHEN WARD; DAVID
HYGH; JOÃO NATIVIDADE; GAGIK ISMAILIAN; PEDRO COELHO; ANTÓNIO LAGINHA. FRANCISCO
DUARTE

Andamento III:

GRAÇA BARROSO; HELENA LOZANO; LUÍZA DUARTE; ELISA FERREIRA; ANA RITA PALMEIRIM;
MARIA JOÃO SALOMÃO; MARIA DE FREITAS BRANCO; JANE SALIER; BIRTE LUNDWALL;
ANGELINA BACELAR

Andamento IV:

JAIR MORAIS; MARCEL VEILLARD; STEPHEN WARD; DAVID HYGH; ANTÓNIO LAGINHA. JOÃO
NATIVIDADE; GAGIK ISMAILIAN; PEDRO COELHO.

Andamento V:

GRAÇA BARROSO; ELISA FERREIRA; HELENA LOZANO; JAIR MORAIS; SOREN BACKLUND.
MARCEL VEILLARD; BIRTE LUNDWALL; GAGIK ISMAILIAN; LUIZA DUARTE. ANA RITA PALMEIRIM; MARIA
JOÃO SALOMÃO; ANGELINA BACELAR; STEPHEN WARD. JOÃO NATIVIDADE; PEDRO COELHO;
ANTÓNIO LAGINHA; FRANCISCO DUARTE.

Andamento VI:

Conjunto

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 5, 9, 10, 29 e 30 de Dezembro de 1978 –

Programa 1

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 5 e 7 de Janeiro de 1979

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 3 de Maio de 1979

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 8 de Maio de 1979

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 14 de Maio de 1979

TEATRO NACIONAL S. CARLOS (LISBOA) – 26 de Maio de 1979

FIL – FEIRA DAS INDÚSTRIAS (LISBOA) – ? 1979

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 14 e 15 de Julho de 1979

TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 20 de Julho de 1979

TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 27 de Julho de 1979

TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 29 de Julho de 1979

GIMNODESPORTIVO (SESIMBRA) – 9 e 10 de Agosto de 1979

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 13 e 14 de Agosto de 1979 – V Festival de Música da Costa do Estoril

GRAND PAS-DE-QUATRE

Coreografia

JORGE GARCIA (1938)

Inspirada no original de JULES PERROT.

Música

CESAR PUGNI

Figurinos

Segundo a litografia de A. E. CHALON.

Estreia absoluta

12.07.1845

HER MAJESTY'S THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

06.11.1975

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Marie Taglioni – ISABEL SANTA ROSA

Fanny Cerrito – MARTA ATAÍDE

Carlotta Grisi – MARIA JOSÉ BRANCO

Lucile Grahn – ULRICA CALDAS

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Novembro de 1975 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6 de Julho de 1977 – Programa 5

PARQUE DE CAMPISMO DO CLUBE DE CAMPISMO (ALMADA) – 23 de Julho de 1977

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 25 de Julho de 1977

CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 27 de Julho de 1977

PARQUE D. CARLOS I (CALDAS DA RAINHA) – 29 de Julho de 1977

GRAVITAÇÃO (XIV FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

MIROSLAV KABELAC (1908)

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

02.06.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARGERY LAMBERT; ARMANDO JORGE; ELISA WORM; HELEN McKERGOW; GRAÇA BARROSO. HELENA LOZANO; RAQUEL ROBY; SASHA LORD; ANTÓNIO RODRIGUES; CARLOS CALDAS. SOREN BACKLUND; VASCO WELLENKAMP; STEPHEN WARD; SANSON CANDELARIA.

Locais e datas de apresentação

Música GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2 de Junho de 1970 – XIV Festival Gulbenkian de Música

Música TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 3 de Junho de 1970 – XIV Festival Gulbenkian de Música

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 4 de Junho de 1970 – XIV Festival Gulbenkian de Música

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 5 de Junho de 1970 – XIV Festival Gulbenkian de Música

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 7 de Junho de 1970 – XIV Festival Gulbenkian de Música

EXPO HALL (OSAKA, JAPÃO) – 22 de Agosto de 1970 – EXPO' 70

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Março de 1971 – Programa 6

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 de Abril de 1971

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 de Abril de 1971

BENGUELA (ANGOLA) – 7 de Julho de 1971

LUANDA (ANGOLA) – 13 de Julho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 22 de Julho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 24 de Julho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 25 de Julho de 1971

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 30 de Julho de 1971

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 31 de Julho de 1971

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Fevereiro de 1972 – Programa 5

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 1 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 2 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 7 de Agosto de 1972

GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES (BELO HORIZONTE, BRASIL) – 14 de Agosto de 1972

SALA MARTINS PENA (BRASÍLIA, BRASIL) – 20 de Agosto de 1972

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR DA BAIÁ, BRASIL) – 27 de Agosto de 1972

TEATRO SANTA ISABEL (RECIFE, BRASIL) – 2 de Setembro de 1972

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Dezembro de 1973 – Programa 2

VILA REAL DE S. ANTÓNIO (PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL) – 10 de Junho de 1974

TEATRO LETHES (FARO) – 12 de Junho de 1974

PRAÇA DO INFANTE (LAGOS) – 14 de Junho de 1974

ANFITEATRO AO AR LIVRE (GULBENKIAN, LISBOA) – 21 e 22 de Junho de 1974 – Programa de

Verão 1

GREEN MAN, THE (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS FERNANDES (1939)

Música

PATRICK COWLEY; FRANCIS LAI; ROCKERS REVENGE

Figurinos

MARTA ATAÍDE

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE; JOSÉ GRAVE; ANGELINA BACELAR; ANTÓNIO JORGE; MARIA JOÃO SALOMÃO. JOÃO COSTA; PAULA PINTO; FRANCISCO ROUSSEAU; PAULA FERNANDES; JOÃO MOURO. FILIPA MAYER; CÉSAR MONIZ; ANA CRISTINA URBANO; LUIS DAMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17 de Julho de 1983

GRITO DOS ANJOS

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

Interpretada por ENDRAUM, LEITMOTIV e ANCHORAGE.

Elementos cénicos

GAGIK ISMAILIAN e ANTÓNIO CARRETEIRO.

Pintura com Aerógrafo

NUNO RAMOS

Figurinos

ANTÓNIO CARRETEIRO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

16.11.1994

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

RUI PINTO; LUIS DAMAS; CÉSAR MONIZ; WILSON DOMINGUES; CARLOS PRADO; FILIPE VALLA.

GAGIK ISMAILIAN

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Novembro de 1994 – Programa 1

GROSSE FUGUE

Coreografia

HANS VAN MANEN (1932)

Música

LUDWIG VAN BEETHOVEN, arranjo para orquestra de cordas da *Grande Fuga Op. 133* para quarteto de cordas e da *Cavatina do Quarteto de Cordas Op. 130*.

Cenário

JEAN PAUL VROOM

Figurinos

HANS VAN MANEN

Luzes

JAN HOFFSTRA

Assistente de Coreografia

MEA VENEMA

Estreia absoluta

08.04.1971

NEDERLANDS DANS THEATER

CIRCUSTHEATER (SHEVENINGEN, HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

27.01.1988

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ; BIRTE LUNDWALL; VERA MANTERO; PAULA FERNANDES; GAGIK ISMAILIAN. JOSÉ GRAVE; FRANCISCO ROUSSEAU; JOÃO COSTA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Janeiro; 4, 5 e 6 de Fev. de 1988 –

Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 e 11 de Fevereiro de 1988

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 e 20 de Maio de 1988

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 28 de Maio de 1988

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 2 e 3 de Junho de 1988

HAENDEL Op.1, n.º15 (II ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

GEORG FRIEDERICH HAENDEL

Estreia absoluta

01.06.1973

BALLET GULBENKIAN

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

MARTA GROGAN; HELENA LOZANO; LÚCIA LOZANO; CECÍLIA POTIER; CARLOS CALDAS. FERNANDO LEONARDO; MAX MARKSTEIN; VASCO WELLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 e 2 de Junho de 1973

HAIKAI – Tema para uma mulher (VII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

JAIR MORAIS (1952)

Música Original

OLIVIER MESSIAEN, excertos de *Sete Haikai*.

Cenário

OLGA RORIZ

Figurinos

BERNARDETTE PESSANHA

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

22.06.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ; GAGIK ISMAILIAN; FRANCISCO DUARTE; TÍNDARO SILVANO; CARLOS CARVALHO; JOÃO AFONSO; JOÃO COSTA; JOSÉ SILVESTRE;¹ JOÃO MOURA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22 e 25 de Junho de 1979

HAPPENING (I ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

ANTÓNIO RODRIGUES (1939)

Figurinos

ANTÓNIO RODRIGUES

Cenário

ANTÓNIO RODRIGUES

Estreia absoluta

1.05.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

10.03.1973

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARIA BESSA; MARIA JOSÉ BRANCO; HELENA LOZANO; FERNANDO LEONARDO; VASCO WELLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 de Maio de 1972 – **I Estúdio Coreográfico**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Março de 1973 – **Programa 5**

¹ Artista convidado.

HERMIT AND THE NAVIGATOR, THE (O EREMITA E O NAVEGADOR)

Coreografia

AMANDA MILLER (1961)

Música original e texto

ARTO LINDSAY

Cenário

AMANDA MILLER

Figurinos

FRANÇOISE HA VAN

Luzes

AMANDA MILLER

Música interpretada por

JOEY BARON e ANTON FIER (tambores), DOUGIE BOWNE (tambores e percussão), CYRO BAPTISTA (percussão), ANGEL FERNANDEZ (trompete) e TOWA (sintetizadores), ADELE LUTZ, MARC ANTHONY THOMPSON e LIVIA MONTE (voz).

Gravação: ROGER MOUTENOT. Mistura de som: PATRICK DILLET.

Estreia absoluta

27.01.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA FERNANDES; TERESA LOPES; ALEXANDRA PINTO; SANDRA ROSADO; MARIA JOÃO SALOMÃO. LINDANOR XAVIER; LUIS DAMAS; WILSON DOMINGUES; JOÃO FRANGO; CÉSAR MONIZ; JOÃO MOURO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Janeiro de 1993 – Programa 3

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 27 de Junho de 1993

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 de Julho de 1993

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 12 de Julho de 1993

HERO

Coreografia

LOUIS FALCO (1942-1993)

Música

FRANK TUSA, BADAL ROY, RADHA SHOTTAN

Cenário

WILLIAM KATZ

Figurinos

WILLIAM KATZ

Luzes

RICHARD NELSON

Montagem

RANKO YOKOYAMA

Assistente de montagem

ALAN SENER

Estreia absoluta

1977

LOUIS FALCO DANCE COMPANY

THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

08.01.1982

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; ANA RITA PALMEIRIM; MARTA ATAÍDE; JOSÉ GRAVE; GAGIK ISMAILIAN. EDMUND STRIPE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 12, 13, 14, 15 e 16 de Janeiro de 1982 – Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23 e 24 de 1982 – Programa 4
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 de Abril e 2 de Maio de 1982 – Programa 4
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 15 de Maio de 1982
 TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 18 de Maio de 1982
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 20 de Maio de 1982
 CINE-TEATROLUÍSA TODI (SETÚBAL) – 24 de Maio de 1982
 TEATRO CASTRO ALVES (SALVADOR, BRASIL) – 4 de Junho de 1982
 TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA (BRASÍLIA, BRASIL) – 8 de Junho de 1982
 TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 12 de Junho de 1982
 TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (SÃO PAULO, BRASIL) – 15 de Junho de 1982
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 1 e 2 de Julho de 1982
 CASA DA CULTURA DOS TRABALHADORES DA QUIMIGAL (BARREIRO) – 26 de Outubro de 1982
 CINE TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 28 de Outubro de 1982
 CINE-TEATRO CARLOS MANUEL (SINTRA) – 30 de Outubro de 1982
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 9 e 10 de Dezembro de 1982 – Programa 1 – B
 AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 23 e 24 de Fevereiro de 1983
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14 e 16 de Abril de 1983 – Programa 3 – A
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21 de Abril de 1983 – Programa 3 – B
 SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 08 e 11 de Junho de 1983
 CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 18 de Junho de 1983
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Nov.; 4, 5, 6 e 7 de Dez. de 1985 –

Programa 1

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 20 de Maio de 1986
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Maio de 1986
 THÉÂTRE DANIEL SORANO (DAKAR, SENEGAL) – 5 de Junho de 1986
 SALÃO NOBRE DO PALÁCIO DA ASSEMBLEIA NACIONAL (PRAIA, CABO VERDE) – 10 de Junho de 1986
 AUDITÓRIO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 25 de Junho de 1986
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 2 de Julho de 1986
 CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 29 de Julho de 1986
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 13 e 14 de Fevereiro de 1987 – Programa 4

HISTÓRIA DE AMOR

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

ROUSSEL

Cenário

WALTER GORE

Figurinos

WALTER GORE

Estreia absoluta

07.03.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Interpretes

Ela – PAULA HINTON

Ele – CARLOS FERNANDES

Amigos – SASHA LORD, ISABEL QUEIRÓZ, CRISTINA MIÑANA, CARMEN GALINDO, KIT LETHBY; ALBINO MORAIS, ANTÓNIO RODRIGUES, ESTEBAN BRUNAT, CARLOS CALDAS.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 7, 8, 10 e 11 de Março de 1969 – Programa 5

CINE-TEATROLUÍSA TODI (SETÚBAL) – 4 de Junho de 1969

HOMENAGEM A FLORBELA

Coreografia

NORMAN DIXON (1926)

Música

FRANK MARTIN (1890)

Cenário

JÚLIO DE SOUSA

Figurinos

JÚLIO DE SOUSA

Voz

CARMEN DOLORES

Poemas

FLORBELA ESPANCA

Direcção de Ensaios

BERNARDETTE PESSANHA

Estreia absoluta

02.05.1962

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO AVENIDA (COIMBRA)

Intérpretes

ISABEL RUTH; CALROS TRINCHEIRAS; BERNARDETTE PESSANHA; ISABEL SANTA ROSA. ALBINO MORAIS; JULIE RIBEIRO.

Vizinhos e amigos – ÁGUEDA SENA; INÊS PALMA; CÉLIA VIEIRA; MAFALDA LENCASTRE; OLGA MARIA.

MANUELA VALADAS; MICHEL LAZARAH; CARLOS SERRA; COHEN SARMENTO.

Locais e datas de apresentação

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 2 de Maio de 1962

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 3 de Maio de 1962

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 4 de Maio de 1962

CASINO PENINSULAR (FIGUEIRA DA FOZ) – 6 de Maio de 1962

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 1 de Junho de 1962

CONVENTO DE S. CLARA (GUIMARÃES) – 14 de Julho de 1962

PARQUE DE S. CRUZ (COIMBRA) – 15 de Julho de 1962

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 23 de Julho de 1962

ESTUFA-FRIA (LISBOA) – 30 de Julho de 1962

CASTELO (MONTEMOR-O-VELHO) – 25 de Agosto de 1962

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 22 de Fevereiro de 1963

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 9 de Março de 1963

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 e 29 de Fevereiro de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 18 de Março de 1964

TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 22 de Maio de 1964

TEATRO DE ALMADA (ALMADA) – 8 de Junho de 1964

ALAMEDA THÉÂTRE (GIBRALTAR) – 8 de Julho de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 22 de Outubro de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 12 e 14 de Março de 1966 – Programa 1

TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROISMO) – 4 de Julho de 1967

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1 de Fevereiro de 1981

HOSSANA PARA UM TEMPO NOVO

Coreografia

ARMANDO JORGE (1938)

Música

JOÃO DE SOUSA CARVALHO (1745-1798)

Cenário

DA SILVA NUNES

Figurinos

DA SILVA NUNES

Fotografia

REINALDO VIEGAS

Assistente de ensaios

MARTA ATAÍDE

Estreia absoluta

18.01.1975

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Tempo de Ansiedade (SOUSA CARVALHO):

ISABEL QUEIRÓZ; MICHÈLE RIMBOLD; GRAÇA BARROSO. ELISA WORM; PALMIRA CAMARGO; HELENA LOZANO; LÚCIA LOZANO. LUISA DUARTE; SOREN BACKLUND; MIGUEL LYZARRO; FERNANDO LEONARDO. JAIR MORAIS; JÚLIO MEDINA; ERICH PAYER.

Tempo de Angústia (MÚSICA TRADICIONAL PORTUGUESA):

SOREN BACKLUND; FERNANDO LEONARDO. MIGUEL LYZARRO; JÚLIO MEDINA; JAIR MORAIS; ERICH PAYER.

Tempo de Nascer e Embalar (MÚSICA TRADICIONAL PORTUGUESA):

ISABEL QUEIRÓZ; ARMANDO JORGE. HELENA LOZANO; PALMIRA CAMARGO; JAIR MORAIS. FERNANDO LEONARDO; LÚCIA LOZANO; LUISA DUARTE; SOREN BACKLUND. MIGUEL LYZARRO.

Tempo de Viver e Lutar (SOUSA CARVALHO):

ARMANDO JORGE; FERNANDO LEONARDO. JAIR MORAIS; SOREN BACKLUND; ERICH PAYER; HELENA LOZANO. PALMIRA CAMARGO; LUISA DUARTE; LÚCIA LOZANO.

Tempo de Sofrer (MÚSICA POPULAR PORTUGUESA):

GRAÇA BARROSO; ARMANDO JORGE. ISABEL QUEIRÓZ; MICHÈLE RIMBOLD; ELISA WORM; HELENA LOZANO; LUISA DUARTE. LÚCIA LOZANO.

Tempo de Morrer (SOUSA CARVALHO):

ARMANDO JORGE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20, 24 e 25 de Janeiro de 1975 – **Programa 1**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Novembro de 197 – **Programa 1**

IDÍLIO DE SIEGFRIED, O

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

WAGNER (1813-1883)

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

06.04.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARGERY LAMBERT e GER THOMAS. MICHÈLE RIMBOLD e MIGUEL LYZARRO. PALMIRA CAMARGO; LUISA DUARTE; HELENA LOZANO; LUCIA LOZANO; COLLEEN O'SULLIVAN. JEREMY ALLEN; DAVID HYGH; JAIR MORAIS; MICHAEL WROOMAN.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Abril de 1974 – **Programa 6**

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Abril de 1974

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 25 de Abril de 1974

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 26 de Abril de 1974

AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO CALOUSTE GULBENKIAN (BRAGA) – 27 de Abril de 1974

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 29 de Abril de 1974

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 30 de Abril de 1974

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL (VILA REAL DE S. ANTÓNIO) – 11 de Junho de 1974

TEATRO LETHES (FARO) – 13 de Junho de 1974

PRAÇA DO INFANTE (LAGOS) – 15 de Junho de 1974

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 3, 7 e 8 de Março de 1975 – Programa 2

IDMEN B

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

XENAKIS, *Idmen B.*

Cenário e Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

07.03.1990

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

LUIS DAMAS; GAGIK ISMAILIAN; RUI PINTO; CLÁUDIA NÓVOA; ELISA FERREIRA; BIRTE LUNDWALL.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9 e 10 de Março de 1990 – Programa 3

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 25 de Maio de 1990

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 1 de Junho de 1990

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 5 de Junho de 1990

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 12 de Junho de 1990

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Junho de 1990

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 19 de Junho de 1990

CINE-TEATROCRISFAL (PORTALEGRE) – 21 de Junho de 1990

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 23 de Junho de 1990

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 27 de Junho de 1990

CINE-TEATROMONTEPIO GERAL (BRAGANÇA) – 19 de Julho de 1990

CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 24 de Julho de 1990

IFIGÉNIA EM TAURIDA (Ópera) (XIV FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

TERENCE GILBERT (193?)

Cenário

HENRY BARDON

Figurinos

ROBIN PIDCOCK

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

17.05.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Elementos não especificados do GGB

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17 e 20 de Maio de 1970

COLISEU (PORTO) – 25 de Maio de 1970

IL BALLO DELLE INGRATE (X FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia, Cenário e Figurinos

WALTER GORE (1910-1979)

Música

CLAUDIO MONTEVERDI

Estreia absoluta

22.05.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

JOHN AULD; MARIA BESSA; JOAHNE O'HARA e INEZ PALMA. MARTA ATAÍDE; ULRICA CALDAS; LÍDIA FRANCO; ROSÁRIO LAPA; IDABEL QUEIRÓZ; ISABEL TASSARA e CÉLIA VIEIRA. CARLOS CALDAS; CARLOS FERNANDES; ALBINO MORAIS e ANTÓNIO RODRIGUES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 22 de Maio de 1966

IMAGENS (V ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

JAIR MORAES (1952)

Música

CLAUDE DEBUSSY, *Imagens*.

Cenário e Figurinos

IRENE BUARQUE

Estreia absoluta

14.07.1977

BALLET GULBENKIAN (V ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JAIR MORAIS e ANGELINA BACELAR; MARIA DE FREITAS BRANCO; MARIA JOSÉ BRANCO. ELISA FERREIRA; OLGA RORIZ; MARIA JOÃO SALOMÃO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1977

IMPROVISOS (XI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia, Cenário, Luzes e Figurinos

CARLOS CARVALHO (1962)

Música

UAKTI

Estreia absoluta

08.08.1984

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA)

Intérpretes

ANTÓNIO JORGE; JOÃO COSTA; JOÃO MOURO

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA) – 8 e 9 de Agosto de 1984

INQUILINOS

Coreografia

PAULO RIBEIRO (1959)

Música

DUMISAN MARAIRE, *Mother Nozipo* pelo KRONOS QUARTET; EVAN LURIE, *Travel* por THE LOUNGE LIZARDS; PIXINGUINHA, *Carinhoso* por ORQUESTRA BRASÍLIA.

Espaço Cénico

JOSÉ GODINHO

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia Absoluta

18.03.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

CLÁUDIA NÓVOA; PAULA PINTO; ADRIANA QUEIRÓZ; SANDRA ROSADO; JOÃO AFONSO. BENVINDO FONSECA; CÉSAR MONIZ; FRANCISCO ROUSSEAU.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20, 27 e 28 de Março de 1993 – Programa 5
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 26 de Junho de 1993
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 3 de Julho de 1993
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Julho de 1993
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Julho de 1993
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 25 de Julho de 1993
CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 30 de Julho de 1993

INSTANTÂNEO

Coreografia

ÁGUEDA SENA (1927)

Música

LUÍS FILIPE PIRES

Cenário e Figurinos

INÊS GUERREIRO

Estreia absoluta

18.03.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

Conquistador – CARLOS FERNANDES.

Vampe – MARTA ATAÍDE.

Garoto – ANTÓNIO RODRIGUES.

Guarda-freio – ESTEBANT BRUNAT.

Turista – SASHA LORD.

Condutor – CARLOS CALDAS.

Estudantes – CRISTINA MIÑANA e KIT LETHBY.

Literata – CÉLIA VIEIRA.

Criadas – ISABEL QUEIRÓZ, RAQUEL ROBY.

Manas gémeas – HELENA LOZANO e LÚCIA LOZANO.

Coronel reformado – VASCO WELLENKAMP.

Vendedeiras – ANA RITA e GRAÇA BARROSO.

Namorados – MANUELA FONTES e VICTOR NAVARRO.

Polícia – EXPEDITO SARAIVA.

Velhinha – INEZ PALMA.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 18, 19, 21 e 22 de Março de 1969 – Programa 6

IN-SUBMERSO (VIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

JOSEPH SCHWANTNER, *Autumn Canticles*

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

MANUEL FERNANDES

Arranjo cénico

HELENA LOZANO

Consultora técnica

CONSTANÇA CAPDEVILLE (1937-1992)

Estreia absoluta

04.07.1980

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

HELENA LOZANO; CARLOS CARVALHO; MARIA DE FREITAS BRANCO; JOÃO AFONSO; ANTÓNIO

TELES

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 de Julho de 1980

IN-TENSÃO (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

RUI REIS (1968)

Música Original

RICHARD WAGNER, *Cavalgada Das Valquírias*

Figurinos

RUI REIS

Luzes

JOÃO GALVÃO

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE, SANDRA ROSADO, RUI REIS

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997

INTERIORES

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

ALEXANDER Scriabine (1872-1915), *Prelúdios para piano*.

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

FERNANDO BESSA

Pianista convidada

TANIA ACHOT

Estreia absoluta

20.11.1985

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; PAULA VALLE; BARBARA GRIGGI; JOSÉ GRAVE; AGNELO ANDRADE; LUIS DAMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Nov. e 4, 5, 6 e 7 de Dez. de 1985

– Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Maio de 1986

AUDITÓRIO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 24 de Junho de 1986

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 28 de Junho de 1986

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 2 de Julho de 1986

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 29 de Julho de 1986

SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES, INGLATERRA) – 22 e 24 de Outubro de 1986

INTER-RUPTO

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

SAMUEL BARBER (1910-1981), concerto para violoncelo e orquestra (1945).

Cenário

ESPIGA PINTO

Figurinos

ESPIGA PINTO

Luzes

COLIN McINTYRE

Estreia absoluta

07.04.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; ARMANDO JORGE. MARTA ATAÍDE; COLLEEN O'SULLIVAN; SEAN CUNNINGHAM; SOREN BACKLUND.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 de Abril de 1973 – **Programa 6**

GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) – 27 de Abril de 1973

LARGO DA SÉ (FARO) – 28 de Julho de 1973

TORRALTA (PORTIMÃO) – 3 de Agosto de 1973

PARQUE DE TURISMO (LAGOS) – 9 de Agosto de 1973

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20, 24 e 25 de Janeiro de 1975 – **Programa 1**

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 13 de Junho de 1975

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 25 e 26 de Julho de 1975 –

Programa de Verão 1

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Julho de 1975 (Pas-de-deux) – **Programa de Verão 2**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11 e 12 de Fevereiro, 10 e 11 de Março de 1978 – **Programa 4**

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 17 de Março de 1978

CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 22 de Março de 1978

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 30 de Março de 1978

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 1 de Abril de 1978

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 4 de Abril de 1978

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 5 de Abril de 1978

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 6 de Abril de 1978

TEATRO CIRCO (BRAGA) – 8 de Abril de 1978

PORTIMÃO – 24 de Julho de 1978

VILAMOURA – 26 de Julho de 1978

FARO – 28 de Julho de 1978

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO – 31 de Julho de 1978

CINE-TEATRO CARLOS MANUEL (SINTRA) – 8 de Agosto de 1978

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Novembro de 1986 – **Programa 1**

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 27 de Novembro de 1978

INVISÍVEIS LIMITES (VII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia, Figurinos e luzes

OLGA RORIZ (1955) e GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

TANGERIN DREAM, KRAFTWERK, SPACE ART-ONYX e VANGELIS.

Cenário

OLGA RORIZ, executado por DAVID ALVES MENDES.

Estreia absoluta

22.06.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ANA RITA PALMEIRIM, LUÍSA DUARTE, ANGELINA BACELAR, MARIA DE FREITAS BRANCO; MARIA JOÃO SALOMÃO, JAIR MORAIS, JOÃO NATIVIDADE, DAVID HYGH, FRANCISCO DUARTE; PEDRO COELHO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22, 23 e 25 de Junho de 1979

IO SONO UNA BAMBINA O SONO UN DISEGNO?

Coreografia

MARGARIDA BETTENCOURT (1966)

Cenário

CARLOS ZÍNGARO, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

CARLOS ZÍNGARO

Luzes

PAULO GRAÇA

Concepção sonora

OPUS SIC, *Obras produzidas utilizando sons sintetizados instrumentalizados e laboratoriais.*

Participação especial

PAULO MAGALHÃES

Estreia absoluta

13.07.1988

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOÃO AFONSO, BIRTE LUNDWALL, FILIPA MAYER, FRANCISCO ROUSSEAU, MARIA JOÃO SALOMÃO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Julho de 1988 – Programa 4

ISOLDA (Morte)

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música original

RICHARD WAGNER

Figurinos

VERA CASTRO

Luzes

ORLANDO WORM

Assistente Vocal

LUÍS MADUREIRA

Estreia absoluta

31.01.1990

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; BÁRBARA GRIGGI; FILIPA MAYER; PAULA VALLE; ADRIANA QUIROZ. ELISA FERREIRA; MARIA JOÃO SALOMÃO; TERESA LOPES; ANGELINA BACELAR; PAULA FERNANDES; PALMIRA CAMARGO; LINDANOR XAVIER; CLÁUDIA NÓVOA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 31 de Janeiro e 1, 2 e 3 de Fevereiro de 1990 –

Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 26 de Maio de 1990

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 2 de Junho de 1990

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 6 de Junho de 1990

TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 9 de Junho de 1990

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1990

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 25 de Junho de 1990

CINE-TEATROS. ANTÓNIO (FARO) – 28 de Junho de 1990
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 de Julho de 1990
TEATRO MUNICIPAL LUISA TODI (SETUBAL) – 25 de Julho de 1990
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 31 de Janeiro de 1991 – Programa 3
CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 19 de Maio de 1991
CINE-TEATROS. ANTÓNIO (FARO) – 24 de Maio de 1991
TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 29 de Maio de 1991
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 6 de Junho de 1991
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 14 de Junho de 1991
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Junho de 1991
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 9 de Julho de 1991
TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 13 de Julho de 1991

ISOLDA – TRILOGIA COREOGRÁFICA

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Guião

OLGA RORIZ e NUNO CARINHAS.

Música original

RICHARD WAGNER e ANTÓNIO EMILIANO.

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

VERA CASTRO e NUNO CARINHAS.

Luzes

ORLANDO WORM

Aderecista

LUÍS MOURO

Estreia absoluta

13.11.1991

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

I – Isolda (morte):

BÁRBARA GRIGGI; ANGELINA BACELAR; MARGARIDA BETTENCOURT; PAULA FERNANDES. TERESA LOPES; FILIPA MAYER; CLÁUDIA NÓVOA; ALEXANDRA PINTO; PAULA PINTO. SANDRA ROSADO; MARIA JOÃO SALOMÃO; PAULA VALLE; LINDANOR XAVIER; FILLIPE VALLA e SÓNIA LIMA.

II – Cavaleiros da Noite (iniciação):

ANGELINA BACELAR e FRANCISCO ROUSSEAU. JOÃO AFONSO; AGNELO ANDRADE; CARLOS CARVALHO; JOÃO COSTA; LUIS DAMAS; JOÃO FRANGO; JOSÉ GRAVE; GAGIK ISMAILIAN; JOÃO MOURO; RUI PINTO; CARLOS PRADO; ANTÓNIO TELES; RUI REIS.

III – O Duelo (paixão):

PASCALE MOSSELMANS e FRANCISCO ROUSSEAU. FILIPA MAYER ; GAGIK ISMAILIAN; PAULA FERNANDES; LUIS DAMAS; ADRIANA QUEIRÓZ; AGNELO ANDRADE; ANA RITA PALMEIRIM; JOSÉ GRAVE; BIRTE LUNDWALL; JOÃO AFONSO; TERESA LOPES. JOÃO MOURO; MARIA JOÃO SALOMÃO; RUI PINTO; LINDANOR XAVIER; RUI REIS; CLÁUDIA NÓVOA; CARLOS PRADO; MARGARIDA BETTENCOURT; CARLOS CARVALHO; SANDRA ROSADO; JOÃO FRANGO; PAULA PINTO; JOÃO COSTA; PAULA VALLE; ANTÓNIO TELLES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1991 – Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Abril de 1992

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 24 de Maio de 1992

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 12 de Junho de 1992

ANFITEATO ROMANO DE ITALICA (SEVILHA, ESPANHA) – 4 de Agosto de 1992

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 e 29 de Novembro de 1992 – Programa 2

JADE (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

JAN KODET (1968)

Música

CHRISTOPHE SECHET, DAVID MOTION, SALLY POTTER e CRAIG ARMSTRONG.

Cenário, Figurinos e luzes

JAN KODET

Assistente de Coreografia

OLGA COBOS

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

11.03.1998

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

IRATXE ANSA, OLGA COBOS, ANDREW HURST, JAN KODET, MIGUEL OLIVEIRA.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997 – XVI Estúdio

Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Março de 1998 – Programa 3

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 30 e 31 de Maio de 1998

AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 13 e 14 de Junho de 1998

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 1 de Julho de 1998

JARDIM CERRADO

Coreografia, Cenário e Figurinos

NACHO DUATO (1957)

Música

MARIA DEL MAR BONET

Luzes

JOOP CABOORT

Estreia absoluta

1983

SCHEVENINGEN CIRCUSTHEATER (HAIA, HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

07.03.1990

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA FERNANDES, PAULA PINTO, PAULA VALLE, AGNELO ANDRADE, FRANCISCO ROUSSEAU, CÉSAR MONIZ.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9 e 10 de Março de 1990 – Programa 3

THÉÂTRE DE BEAULIEU (LAUSANNE, SUIÇA) – 12 e 13 de Maio de 1990

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 25 de Maio de 1990

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Maio de 1990

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 30 de Maio de 1990

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 1 de Junho de 1990

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 5 de Junho de 1990

TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 8 de Junho de 1990

TEATRO AVEIRENSE (AVIERO) – 12 de Junho de 1990

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Junho de 1990

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 19 de Junho de 1990

CINE-TEATROCRISFAL (PORTALERGRE) – 21 de Junho de 1990

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA – 23 de Junho de 1990
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 27 de Junho de 1990
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 3 de Julho de 1990
TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 11 de Julho de 1990
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE VILA REAL (VILA REAL) – 14 de Julho de 1990
AUDITÓRIO MUNICIPAL (MIRANDELA) – 17 de Julho de 1990
CINE-TEATROMONTEPIO GERAL (BRAGANÇA) – 19 de Julho de 1990
FÓRUM MUNICIPAL LUISA TODI (SETÚBAL) – 24 de Julho de 1990
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Novembro de 1990 – Programa 1
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Fevereiro de 1991 – Programa 4
CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 20 de Maio de 1991
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 25 de Maio de 1991
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 26 de Maio de 1991
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 7 de Junho de 1991
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Junho de 1991
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1991
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho de 1991
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 30 de Junho de 1991
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 6 de Julho de 1991
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 10 de Julho de 1991
TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 23 de Julho de 1991
PALAIS DES FESTIVALS – GRAND AUDITORIUM (CANNES, FRANÇA) – 21 e 27 de Novembro de

1991

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6 e 7 de Fevereiro de 1993 – Programa 4
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 25 de Junho de 1993
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 2 de Julho de 1993
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Julho de 1993
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 15 de Julho de 1993
PAVILHÃO DA FÍSICA (TORRES VEDRAS) – 20 de Julho de 1993
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 24 de Julho de 1993
TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 28 de Julho de 1993
TEATRO VICTÓRIA EUGÉNIA (SAN SEBASTIAN (ESPANHA) – 13 de Maio de 1995
TEATRO VICTÓRIA EUGÉNIA (SAN SEBASTIAN (ESPANHA) – 14 de Maio de 1995
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 27 de Maio de 1995
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Maio de 1995
TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 3 de Junho de 1995
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 7 de Junho de 1995
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 10 de Junho de 1995
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 15 de Junho de 1995
TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Abril de 1996 – Programa 4
DOGANA CONGRESS AUDITORIUM (INNSBRUCK, ÁUSTRIA) – 5 e 6 de Julho de 1996

JAZZ MASS (MISSA EM JAZZ)

Coreografia

MICHEL DESCOMBY (1930)

Música

LALO SCHIFRIN

Estreia absoluta

? .11.1967

BALLET STUDIO da ÓPERA DE PARIS

MAÏSON DE LA CULTURE (HAVRE, FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

07.04.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNNE O'HARA; RICHARD DEVEAUX. BRENDA AREVALO, LUISA DUARTE, DEBORAH HESS, MARTHA GROGAN, HELENA LOZANO, CECÍLIA POTIER, PENELOPE WRIGHT, JIM HUGHES, DAVID HYGH, MARK JOHNSON, MAX MARKSTEIN, FERNANDO LEONARDO, ANTÓNIO RODRIGUES, VASCO WELLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9 e 10 de Abril de 1973 – Programa 6

SADLER'S WELLS THÉÂTRE (LONDRES) – 14 de Julho de 1973

LARGO DA SÉ (FARO) – 30 de Julho de 1973

TORRALTA (PORTIMÃO) – 5 de Agosto de 1973

PARQUE DE TURISMO (LAGOS) – 10 de Agosto de 1973

JOGAR AO CÉU (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CLÁUDIA NÓVOA (1968)

Música

NANA VASCONCELOS, *Berimbau e música popular dos pigmeus habitantes na Floresta Baka*, no Sudoeste dos Camarões, *Water Drums e Nursery Ryme*.

Figurinos

GUIOMAR MACHADO

Luzes

LUÍS ALONSO

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Intérpretes

IRATXE ANSA, SOFIA INÁCIO, COLETTE MAYNARD, SANDRA ROSADO.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997

JUDAS

Coreografia

ÁGUEDA SENA (1927)

Música

Música polifónica de FREI MANUEL CARDOSO e concreta de BADINGS.

Cenário e Figurinos

JÚLIO REZENDE

Argumento

ÁGUEDA SENA

Estreia absoluta

05.02.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

Judas – JORGE TRINCHEIRAS.

Inveja – ISABEL SANTA ROSA.

Soberba – CARLOS CALDAS.

Luxúria – JOAHNE O'HARA e CARLOS FERNANDES.

Caridade – RAQUEL ROBY.

Humildade – MARTA ATAÍDE.

Castidade – CARMEN GALINDO.

Labor – CRISTINA MIÑANA.

Bondade pusilânime – EXPEDITO SARAIVA.

Generosidade – ISABEL QUEIRÓZ.

Ira – CÉLIA VIEIRA.

Preguiça – INEZ PALMA, ANTÓNIO RODRIGUES.

Avareza – SASHA LORD.

Ganância – ALBINO MORAIS.

Virtudes modestas – LÚCIA LOZANO, MARIA BESSA, CECÍLIA POTIER, ELISABETH GUERREIRO.

Adolescentes – CRISTINA MIÑANA, ANTÓNIO RODRIGUES, MARIA BESSA, LÚCIA LOZANO.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 5, 6 e 7 de Fevereiro de 1968 – Programa 1

POLITEAMA (LISBOA) – 15 e 23 de Abril e 1 de Maio de 1968 – Programa 6

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28 de Fevereiro, 1 e 2 de Março de 1971 –

Programa 5

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 de Abril de 1971

KABURIAS

Coreografia

NACHO DUATO (1957)

Música

LEO BROUWER, *Elogio de la Danza*.

Cenário

NACHO DUATO

Figurinos

NACHO DUATO

Luzes

NICOLÁS FISCHTEL

Estreia absoluta

26.01.1994

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete

FRANCISCO ROUSSEAU.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Janeiro de 1994 – Programa 2

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Abril de 1994

MUZIEKTHEATER (AMESTERDÃO, HOLANDA) – 1, 4 e 5 de Maio de 1994

FUNDACIÓ CULTURAL DE LA CAIXA DE TERRASSA (TERRASSA, ESPANHA) – 14 e 15 de Maio de

1994

TEATRO NACIONAL S. JOÃO (PORTO) – 27, 28 e 29 de Maio de 1994

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 12 de Junho de 1994

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 25 de Junho de 1994

TEATRO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 6 de Julho de 1994

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 11 de Julho de 1994

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Julho de 1994

TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 19 de Julho de 1994

PRADERA DE SAN MARCOS (SEGÓVIA, ESPANHA) – 26 de Julho de 1994

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22, 23, 24 e 25 de Março de 1995 – Programa 4

TEATRO VICTÓRIA EUGÉNIA (SAN SEBASTIAN, ESPANHA) – 14 de Maio de 1995

TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 4 de Junho de 1995

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 8 de Junho de 1995

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Junho de 1995

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 16 de Junho de 1995

KALIMBA – LUA CHEIA (XI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LUIS DAMAS (1961)

Música

EGBERTO GISMONTI e NANA VASCONCELOS.

Cenário

DÉLIO VARGAS

Figurinos

LUIS DAMAS e DÉLIO VARGAS.

Luzes

LUIS DAMAS

Estreia absoluta

08.08.1984

BALLET GULBENKIAN
CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA)

Intérpretes

AGNELO ANDRADE, ÂNGELA CLEMENTE, ANTÓNIO TELES, JOÃO MOURO, PAULA FERNANDES, TERESA LOPES.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRO ACADEMIA (ALMADA) – 8 e 9 de Agosto de 1984

KEEP GOING

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

LUCIANO BERIO, 3.º andamento da *Sinfonia*.

Figurinos

VASCO WELLENKAMP

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

30.03.1988

COMPANHIA CISNE NEGRO de SÃO PAULO, BRASIL
NEW YORK CITY CENTER (NOVA IORQUE, EUA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

27.10.1988

TEATRO RIVOLI (PORTO)

Intérpretes

ANA CAETANO; BARBARA GRIGGI; TERESA LOPES; BIRTE LUNDWALL; FILIPA MAYER; PAULA PINTO; LUISA TAVEIRA; LINDANOR XAVIER. JOÃO COSTA; WILSON DOMINGUES; JOÃO FIADEIRO; BENVINDO FONSECA; JOÃO MOURO; RUI REIS; FRANCISCO ROUSSEAU; ANTÓNIO TELES; JOÃO DE SOUSA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Outubro de 1988
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 28 de Outubro de 1988
CAIRO OPERA HOUSE (CAIRO, EGIPTO) – 4 de Novembro de 1988
THÉÂTRE DEBUSSY (CANNES, FRANÇA) – 9 de Novembro de 1988
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Nov. e 2, 3 e 4 de Dez. de 1988 –

Programa 1

NOVI SAD (EX–JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 12 de Maio de 1989
BELGRADO (EX–JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 14 de Maio de 1989
ZAGREB (EX–JUGOSLÁVIA, CROÁCIA) – 17 de Maio de 1989
LIUBLIANA (EX–JUGOSLÁVIA, ESLOVÉNIA) – 21 de Maio de 1989
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 31 de Maio de 1989
TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 3 de Junho de 1989
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 6 de Junho de 1989
CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 15 de Junho de 1989
CINEMA SANTO ANTÓNIO (FARO) – 16 de Junho de 1989
ECOLE NORMALE (AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA) – 3 de Julho de 1989
TEATRO JOSÉ LÚCIO SILVA (LEIRA) – 9 de Julho de 1989
PALAIS EL BEDI (MARRAKECH, MARROCOS) – 23 de Outubro de 1989
THÉÂTRE MOHAMMED V (RABAT, MARROCOS) – 27 de Outubro de 1989
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Novembro; 1 e 2 de Dezembro de 1989 –

Programa 1

THÉÂTRE MUNICIPAL DE LUXEMBOURG (LUXEMBURGO, LUXEMBURGO) – 19, 20 e 21 de Outubro de 1991

PALAIS DES BEAUX-ARTS (BRUXELAS, BÉLGICA) – 24 de Outubro de 1991
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 23 de Abril de 1992
THEATER CASINO (ZUG, SUIÇA) – 4 de Maio de 1992
STADTHOF 11 (ZURIQUE, SUIÇA) – 6 de Maio de 1992
THÉÂTRE DE CROCHETAN (MONTHEY, SUIÇA) – 8 de Maio de 1992
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 23 de Maio de 1992
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 28 de Maio de 1992
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 11 de Junho de 1992
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 27 de Junho de 1992
ANFITEATRO ROMANO DE ITALICA (SEVILHA, ESPANHA) – 3 de Agosto de 1992
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Janeiro de 1993 – Programa 3

KINESIS – EXPRESSÕES CINÉTICAS

Coreografia

LYNNE TAYLOR-CORBETT (1947 ?)

Música

VIVALDI, JOAQUIN RODRIGO e JOHN DOWLAND.

Cenário

GENE KELTON

Figurinos

GENE KELTON

Consultor coreográfico

DON LOPEZ

Estreia absoluta

10.02.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

I – MARTA ATAÍDE, ULRICA CALDAS, LUISA DUARTE, MARTHA GROGAN, HELENA LOZANO.

II – CARLOS FERNANDES, ÓSCAR GENZALEZ, JIM HUGHES.

III – BRENDA AREVALO, ARMANDO JORGE, ULRICA CALDAS, CARLOS CALDAS, MARTHA GROGAN. DAVID HIGH, CECILIA POTIER, MAX MARKSTEIN, ELISA WORM, VASCO WELLENKAMP.

IV – BRENDA AREVALO, ARMANDO JORGE.

V – MARTA ATAÍDE, CARLOS FERNANDES, HELENA LOZANO, ÓSCAR GONZALEZ, ELISA WORM, JIM HUGHES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Fevereiro de 1973 – Programa 4

GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) – 27 de Abril de 1973

KOYAANISQATSI (XI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

EDMUND STRIPE (1961)

Música

PHILIP GLASS

Figurinos

EDMUND STRIPE

Estreia absoluta

08.08.1984

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA)

Intérpretes

ANTÓNIO TELES, CARLOS CARVALHO, JOÃO COSTA, LUIS DAMAS, MARIA JOÃO SALOMÃO; PALMIRA CAMARGO, TERESA LOPES, ZAIRE ZEYD.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA) – 8 e 9 de Agosto de 1984

LABIRINTOS**Coreografia**

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

Excertos de LUCIANO BERIO (1925), 4.º andamento da *Sinfonia* (1968), *Sequenza III* para voz solo (1966) e *Chemins II* (1967); STRAVINSKY (1882-1971), *Duo Concertante* para violino e piano (1932) e GEORGE ROCHBERG (1918), *Quinteto para piano e cordas* (1975).

Seleção musical

LUÍS MADUREIRA e VASCO WELLENKAMP

Luzes

ORLANDO WORM

Cenário

FERNANDO FILIPE

Estreia absoluta

21.11.1984

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO, GAGIK ISMAILIAN, PAULA VALLE, JOSÉ GRAVE, ÂNGELA CLEMENTE; ANGELINA BACELAR, MARIA JOÃO SALOMÃO, TERESA LOPES, PAULA FERNANDES; FILIPA MAYER, FRANCISCO ROUSSEAU, JOÃO COSTA, AGNELO ANDRADE, LUIS DAMAS; CÉSAR MONIZ.

Locais e datas de apresentaçãoGRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Novembro de 1984 – [Programa 1](#)**LAGO DOS CISNES, O (II ACTO)****Coreografia**

MARIUS PETIPA (1818-1910), remontado por JOHN AULD (1930).

Música

P. I. TCHAIKOVSKY.

Cenário

Executados por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Estreia absoluta (versão integral em 4 actos)

27.01.1895

TEATRO MARINSKY (S. PETERSBURGO, RUSSIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

06.12.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes*Príncipe Siegfried* – CARLOS TRINCHEIRAS.*Odete* – ISABEL SANTA ROSA.*Barão von Rothbart* – JOHN AULD.*Pequenos Cisnes* – JOAHNNE O'HARA, RAQUEL ROBY, MARTA ATAÍDE, SASHA LORD.*Cisnes Principais* – ISABEL QUEIRÓZ, ULRIKE DETHLEFSEN.

Cisnes – INEZ PALMA, CÉLIA VIEIRA, LÍDIA FRANCO, ELOISA GARCIA, CARMEN ROCHE, ROSÁRIO LAPA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 6 de Dezembro de 1966

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 21 de Dezembro de 1966 – Programa de Natal

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 11, 13 e 15 de Fevereiro de 1967 – [Programa 3](#)CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 22 de Maio de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 24 de Maio de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA (LEIRIA) – 25 de Maio de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho e 1 de Julho de 1967

TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 4 de Julho de 1967

PARQUE VALENÇAS (SINTRA) – 26 de Agosto de 1967

POLITEAMA (LISBOA) – 4, 5 e 6 de Março de 1968 – [Programa 3](#)

POLITEAMA (LISBOA) – 15 e 23 de Abril e 1 de Maio de 1968 – **Programa 6**
CINE-TEATRO (COVILHÃ) – 2 de Junho de 1968 – **XII Festival Gulbenkian de Música**
TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 6 de Setembro de 1968
TEATRO PARQUE-CINE (FIGUEIRA DA FOZ) – 8 de Setembro de 1968

LAGO DOS CISNES, O (II ACTO)

Coreografia

MARIUS PETIPA (1818-1910), remontado por ROLAND CASENAVE (1923-1980).

Música

P. I. TCHAIKOVSKY.

Cenário

Executados por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Estreia absoluta (versão integral em 4 actos)

27.01.1895

TEATRO MARINSKY (S. PETERSBURGO, RUSSIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

06.12.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

Príncipe Siegfried – GER THOMAS ou SOREN BACKLUND

Odete – ISABEL SANTA ROSA ou DORIS MENGUS

Barão von Rothbart – CARLOS FERNANDES

Cisnes Grandes – ISABEL QUEIRÓZ, PENELOPE WRIGHT

Pequenos Cisnes – MICHÈLE RIMBOLD, GRAÇA BARROSO, BRENDA AREVALO, ELISA WORM

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Fevereiro de 1971 – **Programa 4**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Março de 1971 – **Programa 6**

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 23 e 25 de Abril de 1971

BENGUELA (ANGOLA) – 7 e 8 de Julho de 1971

LUANDA (ANGOLA) – 13 e 16 de Julho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 22 e 25 de Julho de 1971

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 30 de Julho de 1971

NAMPULA (MOÇAMBIQUE) – 4 de Agosto de 1971

LÁGRIMA (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)¹

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

NINA HAGEN, *Lacrima*.

Figurinos

OLGA RORIZ

Luzes

OLGA RORIZ

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Estreia na temporada oficial da Companhia

15.02.1984

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Mulher – ELISA FERREIRA.

Amantes – GAGIK ISMAILIAN, JOSÉ GRAVE, JOÃO AFONSO.

Intérpretes na estreia na temporada oficial da Companhia

¹ Ver *Três Canções de Nina Hagen*.

Mulher – ELISA FERREIRA.

Amantes – FRANCISCO ROUSSEAU, JOSÉ GRAVE, JOÃO AFONSO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1983 – X Estúdio Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15, 16, 17 e 18 de Fevereiro e 9, 10 e 11 de Março

de 1984 – **Programa 2**

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 8 de Maio de 1984

GROBES HAUS (WIESBADEN, ALEMANHA) – 18 e 19 de Maio de 1984

KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 21 de Maio de 1984

KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 22 de Maio de 1984

THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA) – 28, 29, 30 de Maio de 1984

THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA) – 31 de Maio; 1 e 2 de Junho de 1984

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 9 de Junho de 1984

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Junho de 1984

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 13 e 14 de Junho de 1984

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 15 e 16 de Junho de 1984

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho; 1 e 2 de Julho de 1984

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 16 de Maio de 1985

TEATR WIELKI (VARSÓVIA, POLÓNIA) – 29 de Maio de 1985

PANSTWOWA OPERA WE WROCLAWIU (WROCLAW, POLÓNIA) – 1 de Junho de 1985

BYDGOSZCZ OPERA (BYDGOSZCZ, POLÓNIA) – 4 de Junho de 1985

TEATR WIELKI W (LODZI, POLÓNIA) – 8 de Junho de 1985

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 1 de Agosto de 1985

TEATRO ANTICO (TAORMINA, ITÁLIA) – 17 e 18 de Agosto de 1985

LAMENTOS

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

HENK BADINGS (1907), SYLVANO BUSSOTTI (1931) com a voz de CATHY BERBERIAN.

Cenário

ESPIGA PINTO

Figurinos

ESPIGA PINTO

Luzes e tema

CARLOS TRINCHEIRAS

Estreia absoluta

06.11.1975

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GER THOMAS, ISABEL SANTA ROSA, PENELOPE WRIGHT, ISABEL QUEIRÓZ

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Novembro de 1975 – **Programa 1**

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 29 e 30 de Julho de 1976 – Prog.

Extra.

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2, 3, 6, 7, 11 e 12 de Dezembro de 1978 – **Programa**

2

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 5 e 7 de Janeiro de 1979

L'AMOUR DANGEREUX

Coreografia

JOANNA DENISE (1928-2010)

Música

SERGE PROKOFIEV

Cenário

MAURÍCIO RIJO realizado por REYNALDO MARTINS.

Estreia absoluta

31.03.1964

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

MARIA BESSA; JEFFERY TAYLOR; BERNARDETTE PESSANHA; INÊS PALMA; CÉLIA VIEIRA. RAQUEL ROBY; MARTA ATAÍDE; ROSÁRIO LAPA; ALBINO MORAIS; CARLOS FERNANDES. COHEN SARMENTO; LUIZ MIGUEL.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 31 de Março de 1964

LIBERA ME

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

CONSTANÇA CAPDEVILLE (1937-1992), com a colaboração do agrupamento MÚSICA COLECTIVA.

Colagens

CONSTANÇA CAPDEVILLE

Cenário

EMÍLIA NADAL

Figurinos

EMÍLIA NADAL

Estreia absoluta

11.02.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Nova versão

04.03.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GER THOMAS, GRAÇA BARROSO, HELENA LOZANO, CARLOS CALDAS, LÚCIA LOZANO; ANGELINA BACELAR, PEDRO COELHO, MARGARIDA DE MELLO, ANTÓNIO LAGINHA; ANA RITA PALMEIRIM, FLORÊNCIO MORGADO, OLGA RORIZ, MARIA JOÃO SALOMÃO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Fevereiro de 1977 – **Programa 2**

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Maio de 1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Maio de 1977 – **Programa 4**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24, 25, 27, 28, 29 e 30 de Março de 1979 – **Programa**

4

Nova Versão

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4, 5, 6, 7 e 8 de Março de 1981 – **Programa 3**

CASA DA CULTURA DOS TRABALHADORES DA QUIMIGAL (BARREIRO) – 14 de Março de 1981

CINE CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 16 de Março de 1981

CINEMA LIDO (AMADORA) – 17 de Março de 1981

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 6 e 7 de Junho de 1981

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 12 de Junho de 1981

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE FONTELO (VISEU) – 17 de Junho de 1981

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 19 de Junho de 1981

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 22 de Junho 1981

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 1 e 2 de Julho de 1981

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 6 e 7 de Agosto de 1981

LIFE-TIME

Coreografia

ELISA MONTE (1949)

Música

ANTHONY DAVIS

Cenário

WILLIAM KATZ, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

WILLIAM KATZ

Luzes

ORLANDO WORM

Direcção de ensaios

DAVID BROWN

Assistente de Coreografia

KEVIN IRVING

Estreia absoluta

13.04.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

OLGA RORIZ, GER THOMAS, GAGIK ISMAILIAN, BIRTE LUNDWALL, ÂNGELA CLEMENTE, JOÃO AFONSO, CARLOS CARVALHO, JOSÉ GRAVE, AGNELO ANDRADE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14 e 16 de Abril de 1983 – Programa 3 – A

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15 e 16 de Abril de 1983 – Programa 3 – B

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18 e 20 de Abril de 1983 – Programa 3 – C

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19 de Abril de 1983 – Programa 3 – D

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21 de Abril de 1983 – Programa 3 – E

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 18 e 19 de Outubro de 1983

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 e 22 de Outubro de 1983

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 25 e 26 Outubro de 1983

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4, 5, 6 e 7 de Abril de 1984 – Programa 3

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 9 de Maio de 1984

THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA) – 31 de Maio; 1 e 2 de Junho de 1984

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 9 de Junho de 1984

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 15 e 16 de Junho de 1984

TERREIRO DO PALÁCIO DOS GOVERNADORES (LAGOS) – 22 de Junho de 1984

LIMBO

Coreografia (dedicada a Mercúrio)

WALTER GORE (1919-1979)

Cenário

WALTER GORE

Música

MAURICE RAVEL

Estreia absoluta

05.02.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

PAULA HINTON; PATRICK HURDE; KLAUS GÖTZ; CARLOS TRINCHEIRAS; CARLOS FERNANDES. RAQUEL ROBY; ISABEL QUEIRÓZ; MARTA ATAÍDE; ULRICA CALDAS; ROSÁRIO LAPA. CARMEN GALINDO; CÉLIA VIEIRA; JOAHNE O'HARA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 5 e 8 de Fevereiro de 1966 – Programa 2

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 25, 27 e 28 de Fevereiro de 1967 – Programa 4

LIVRO DOS SERES IMAGINÁRIOS, O

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

ROBERT PARRIS, *The Book of Imaginary Beings* (1972).

Coreografia e música

Baseadas na obra *Libro de los Seres Imaginários* de JORGE LUÍS BORGES.

Cenário

NUNO CÔRTE-REAL

Figurinos

NUNO CÔRTE-REAL

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

15.02.1984

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

O Pássaro da Chuva – JOÃO NATIVIDADE.

O Rei do Fogo e o seu cavalo – GAGIK ISMAILIAN, ANTÓNIO JORGE, JOÃO COSTA, FRANCISCO ROUSSEAU.

A Boa e a Quip – BIRTE LUNDWALL e EDMUND STRIPE.

O Sátiro – JOSÉ GRAVE.

O Duplo – ISABEL QUEIRÓZ e ELISA FERREIRA.

Ulisses – GER THOMAS.

Grupo – ÂNGELA CLEMENTE, MARGARIDA BETTENCOURT, ANGELINA BACELAR, ZAIRE ZEYD; MARIA JOÃO SALOMÃO, PAULA VALLE, PAULA FERNANDES, TERESA LOPES; FILIPA MAYER, EDMUND STRIPE, JOÃO AFONSO, ANTÓNIO JORGE, JOÃO COSTA; FRANCISCO ROUSSEAU, CARLOS CARVALHO, JOÃO MOURO, ANTÓNIO TELES; LUIS DAMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15, 16, 17 e 18 de Fev. e 9, 10 e 11 de Março de 1984 – [Programa 2](#)

LODO, O

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

BÉLA BARTÓK

Cenário

MARIA HELENA MATOS

Figurinos

MARIA HELENA MATOS

Estreia absoluta

18.03.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

BERNARDETTE PESSANHA; ISABEL QUEIRÓZ; ULRICA CALDAS; ISABEL SANTA-ROSA. CARLOS FERNANDES; CARLOS CALDAS; CÉLIA VIEIRA; MARTA ATAÍDE; RAQUEL ROBY; SASHA LORD; HELELNA LOZANO; CRISTINA MIÑANA; ALBINO MORAIS; EXPEDITO SARAIVA; ANTÓNIO RODRIGUES; VASCO WELLENKAMP; ESTEBAN BRUNAT; VICTOR NAVARRO; INEZ PALMA CARMEN GALINDO;

MARIA BESSA; LÚCIA LOZANO; MANUELA FONTES; COLLEEN O'SULLIVAN

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 7, 8, 10 e 11 de Março de 1969 – [Programa 6](#)

LOVING STONE

Coreografia

MARTINO MÜLLER (1963)

Música

RENÉ AUBRY, ADAM F., JOHN FAHEY, MARTINO MÜLLER e HOWIE B.

Cenário

TATYANA VAN WALSUM

Figurinos

TATYANA VAN WALSUM

Luzes

STEVEN SCOTT

Pintura de Linóleo

LUÍS MOURO e JOÃO MOURO

Produção de Tecidos

GABRIELLE FIRTH

Estreia absoluta

04.02.1998

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE, BERNARDO GAMA, PASCALE MOSSELMANS, RUI REIS, TERESA SIMAS; CÉSAR MONIZ, LINDANOR XAVIER, WILSON DOMINGUES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4, 5, 6 e 7 de Fevereiro de 1998 – **Programa 2**

LÚDICA

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

CONSTANÇA CAPDEVILLE (1937-1992)

Cenário

EMÍLIA NADAL

Figurinos

EMÍLIA NADAL

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

12.11.1980

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; GAGIK ISMAILIAN; HELENA LOZANO; ANA RITA PALMEIRIM; ELISA FERREIRA. OLGA RORIZ; BIRTE LUNDWALL; ANGELINA BACELAR; MARIA DE FREITAS BRANCO; JOSÉ GRAVE; JOÃO NATIVIDADE; HUGH CRAIG; MARK DE GRAEF; MIKIO IKEHATA; EDMUND STRIPE. CARLOS CARVALHO; JOÃO COSTA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1980 –

Programa 1

CASA DA CULTURA DOS TRABALHADORES DA QUIMIGAL (BARREIRO) – 22 de Novembro de 1980

CINE TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 25 de Novembro de 1980

CINEMA LIDO (AMADORA) – 27 de Novembro de 1980

LUNAR, O DIA FRAGMENTADO

Coreografia

RUI HORTA (1957)

Música

KOEN BRANDT, *The Chain Gang*.

Cenário

RUI HORTA

Figurinos

JOSÉ ANTÓNIO TENENTE

Luzes

RUI HORTA

Estreia absoluta

12.03.1997

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

OLGA COBOS; SOFIA INÁCIO; COLETTE MAYNARD; SANDRA ROSADO; LUIS DAMAS. JAN KODET; CÉSAR MONIZ; MIGUEL OLIVEIRA; RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14 e 15 de Março de 1997 – Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14 e 15 de Novembro de 1997 – Programa 1

THEATER IM PFALZBAU (LUDWIGSHAFEN, ALEMANHA) – 29 e 30 de Novembro de 1997

FORUM LEVERKUSEN (LEVERKUSEN, ALEMANHA) – 7 de Dezembro de 1997

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Março de 2002 – Programa 3

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 e 22 de Março de 2002

TEATRO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 13 de Abril de 2002

MADRIGAIS

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

CLÁUDIO MONTEVERDI (excertos de algumas obras) e CARLOS ZÍNGARO (música original)

Cenário

JASMIM DE MATOS

Figurinos

JASMIM DE MATOS

Luzes

FERNANDO BESSA

Adereços e assistência cenográfica

LUÍS MOURO

Execução do Cenário

HERNÂNI e RUI MARTINS.

Estreia absoluta

05.04.1991

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

OLGA RORIZ; PASCALE MOSSELMANS; TERESA LOPES; MARIA JOÃO SALOMÃO; CLÁUDIA NÓVOA; SANDRA ROSADO; BENVINDO FONSECA; JOSÉ GRAVE; RUI PINTO; RUI REIS; CARLOS PRADO; JOÃO MOURO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 11 e 12 de Abril de 1991 – Programa 5

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 13 e 14 de Abril de 1991 – Programa 6

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 20 de Maio de 1991

CINE TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 25 de Maio de 1991

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 7 de Junho de 1991

MADRIGAL DE AMOR (I ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ELISA WORM (1939)

Música

MONTEVERDI

Figurinos

ELISA WORM

Estreia absoluta

01.05.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

CÉLIA POTIER; STEPHEN WARD; MAX MARKSTEIN; ROBERT MONTEUX.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 de Maio de 1972

MAGIA DO VENTO, A

Coreografia

JOANNA DENISE (1928-2010)

Música

FRANZ LISZT

Estreia absoluta

31.03.1964

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

MARIA BESSA e JEFFREY TAYLOR.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 31 de Março de 1964

MAJÍSIMO

Coreografia

JORGE GARCIA (1938)

Música

JULES MASSENET (1842 – 1912), danças da ópera *O Cid*.

Estreia absoluta

1964

BALLET NACIONAL DE CUBA

TEATRO AUDITORIUM (LA HAVANA, CUBA)

Estreia no Ballet Gulbenkian

09.02.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARGERY MABERT; ARMANDO JORGE; MARTA ATAÍDE; PHILLIPPE ARRONA; ULRICA CALDAS.
CARLOS CALDAS; ISABEL QUEIRÓZ; JÚLIO MEDINA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9 de Fevereiro de 1974 – Programa 4

MAKEBA

Coreografia

BENVINDO FONSECA (1964)

Música e interpretação

MIRIAM MAKEBA, *Mbube* (Solomon Linda), *Umhome*, *Ihoyiya*, *Olilili*, *Umhome*.

Música original

CÉSAR VIANA

Figurinos

JOSÉ ANTÓNIO TENENTE

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

17.11.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA PINTO; BIRTE LUNDWALL; ÂNGELA CLEMENTE; CLÁUDIA NÓVOA; TERESA LOPES.
PAULA VALLE; LUIS DAMAS; AGNELO ANDRADE; CÉSAR MONIZ. WILSON DOMINGUES; RUI REIS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17, 18, 19 e 20 de Novembro de 1993 – Programa 1
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO (PORTO) – 27, 28 e 29 de Maio de 1994
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 11 de Junho de 1994
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 24 de Junho de 1994
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 14 de Julho de 1994
PRADERA DE SAN MARCOS (SEGÓVIA, ESPANHA) – 25 de Julho de 1994
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 3 e 4 de Fevereiro de 1995 – Programa 2

MAMMA MORTA, LA (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LUIS DAMAS (1961)

Música

UMBERTO GIORDANO

Cenário

LUIS DAMAS

Figurinos

LUIS DAMAS

Luzes

ABEL ALVES

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Intérpretes

LUIS DAMAS.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997

MANDARIM MARAVILHOSO, O (IX FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

BÉLA BARTÓK

Cenário

MANUEL CUNHA E SILVA

Figurinos

ANAHORY

Argumento

MENYHERT LENGYEL

Estreia absoluta

24.05.1965

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

COLISEU (LISBOA)

Intérpretes

A Rapariga – CLAIRE MOTTE.

O Mandarim – MILKO SPAREMBLEK.

Os Gangsters – ABÍLIO FRIAS ¹; CARLOS FERNANDES e ALBINO MORAIS.²

O Rapaz – DAVID KING.

O Velho Cavaleiro – JOÃO SILVA.

Locais e datas de apresentação

COLISEU (LISBOA) – 24 de Maio de 1965 – IX Festival Gulbenkian de Música

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 25 de Maio de 1965 – IX Festival Gulbenkian de Música

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 11, 13 e 14 de Março de 1967 – Programa 5 do GGB com artistas

convidados

¹ Artista convidado.

² Artistas do Grupo Experimental de Ballet do CPB.

MANDARIM MARAVILHOSO, O (Segunda Versão)

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

BÉLA BARTÓK

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Argumento

MENYHERT LENGYEL

Estreia absoluta

01.06.1971

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

A Rapariga – MARGERY LAMBERT.

O Mandarim – GER THOMAS.

Os Três Gangsters – RICHARD DEVAUX, VLADO PILINGER e JIM HUGHES.

Dois Cavalheiros – CARLOS FERNANDES e ANTÓNIO RODRIGUES.

O Rapaz – STEPHAM WARD.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1 de Junho de 1971 – Programa 8

BENGUELA (ANOGLA) – 6 de Julho de 1971

BENGUELA (ANOGLA) – 8 de Julho de 1971

LUANDA (ANOGLA) – 12 de Julho de 1971

LUANDA (ANOGLA) – 15 de Julho de 1971

LUANDA (ANOGLA) – 16 de Julho de 1971

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1971 – Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 9 de Junho de 1972

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Junho de 1972

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 15 de Junho de 1972

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 29 de Julho de 1972

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 30 de Julho de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 6 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 8 de Agosto de 1972

GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES BELO HORIZONTE, BRASIL) – 13 de Agosto de 1972

SALA MARTINS PENA (BRASÍLIA, BRASIL) – 19 de Agosto de 1972

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR, BRASIL) – 26 de Agosto de 1972

TEATRO SANTA ISABEL (RECIFE, BRASIL) – 1 de Setembro de 1972

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 26 de Junho de 1973

SADLERS'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 14 de Julho de 1973

LARGO DA SÉ (FARO) – 29 de Julho de 1973

TORRALTA (PORTIMÃO) – 4 de Agosto de 1973

PARQUE DE TURISMO (LAGOS) – 10 de Agosto de 1973

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 11 e 12 de Março 1974 – Programa 5

MAR DE SETEMBRO (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ÂNGELA CLEMENTE (1960)

Figurinos

ÂNGELA CLEMENTE

Luzes

FERNANDO BESSA

Sonoplastia

MAXIMIANO DE CARVALHO

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ANGELINA BACELAR.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 e 8 de Agosto de 1987

MARIA, SÓ (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

PAULA PINTO (1966)

Música

TOM WAITS, \$29.

Cenário

PAULA PINTO

Figurinos

PAULA PINTO

Luzes

ABEL ALVES e PAULA PINTO.

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Intérprete

MIGUEL OLIVEIRA.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997

MÁSCARAS DE OSTENDE (XIV FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

JUAN CORELLI (1940 ?)

Música

ROMAN VLAD

Cenário

SALVATORE RUSSO

Figurinos

SALVATORE RUSSO

Estreia absoluta

02.06.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GER THOMAS e ISABEL SANTA ROSA. MARIA BESSA; ULRICA CALDAS; LÚCIA LOZANO; COLLEEN O'SULLIVAN; ISABEL QUEIRÓZ. RAQUEL ROBY. CARLOS CALDAS; CARLOS FERNANDES; DAVID HYGH; XAVIER NEIRA; ANTÓNIO RODRIGUES. STEPHEN WARD.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 3 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 4 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 5 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de Música](#)

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 7 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de Música](#)

EXPO HALL, (OSAKA, JAPÃO) – 22 de Agosto de 1970 – EXPO '70 OSAKA

MEMENTO (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

EGBERTO GISMONTI, *Coração Saudade*.

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

JOÃO GALVÃO

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Intérprete

SOFIA INÁCIO.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997

MEMORARE (VI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

J. S. BACH, ária *Erbarne Dich*, da *Paixão segundo São Mateus*.

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

HELENA LOZANO e MANUEL FERNANDES.

Projeção

HELENA LOZANO e MANUEL FERNANDES.

Estreia absoluta

30.06.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

HELENA LOZANO; JAIR MORAIS

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 de Junho e 3 de Julho de 1978 – VI Estúdio

Coreográfico

TEATRO NACIONAL S. CARLOS (LISBOA) – 26 de Maio de 1979

MEMÓRIA PARA EDITH PIAF

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

Canções interpretadas por EDITH PIAF (*Milord, Mon Dieu, Non, Je ne Regrette Rien*).

Música original adicional

ANTÓNIO VITORINO D'ALMEIDA

Cenário

JOSÉ COSTA REIS, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

JOSÉ COSTA REIS

Luzes

FERNANDO BESSA

Assistente de Coreografia

GAGIK ISMAILIAN

Estreia absoluta

18.11.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; GAGIK ISMAILIAN; BARBARA GRIGGI; PAULA VALLE; PAULA PINTO; TERESA LOPES; MARIA JOÃO SALOMÃO; ANGELINA BACELAR; FILIPA MAYER; CLÁUDIA NÓVOA; FRANCISCO ROUSSEAU; LUIS DAMAS; AGNELO ANDRADE; JOÃO COSTA; CÉSAR MONIZ. BENVINDO FONSECA; JOÃO MOURO; ANTÓNIO TELES; JOÃO DE SOUSA; RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Nov. 3, 4 e 5 de Dez. de 1987 –

Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Outubro de 1988

CAIRO OPERA HOUSE (CAIRO, EGÍPTO) – 4 de Novembro de 1988

THÉÂTRE DEBUSSY (CANNES, FRANÇA) – 9 de Novembro de 1988

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Novembro; 2, 3 e 4 de Dez. de

1988 – **Programa 1**

SADLER'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 14, 15, 16, 17 e 18 de Fevereiro de 1989

NOVI SAD (EX–JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 12 de Maio de 1989

BELGRADO (EX–JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 14 de Maio de 1989

ZAGREB (EX–JUGOSLÁVIA, CROÁCIA) – 18 de Maio de 1989

LIUBLIANA (EX–JUGOSLÁVIA, ESLOVÉNIA) – 21 de Maio de 1989

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO FONTELO (VISEU) – 31 de Maio de 1989

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO FONTELO (VISEU) – 1 de Junho de 1989

TEATRO AVEIRENSE (VEIRO) – 3 de Junho de 1989

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 6 de Junho de 1989

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 7 de Junho de 1989

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 15 de Junho de 1989

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 16 de Junho de 1989

ECOLE NORMALE (AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA) – 3 de Julho de 1989

ECOLE NORMALE (AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA) – 4 de Julho de 1989

TEATRO JOSÉ LÚCIO SILVA (LEIRIA) – 9 de Julho de 1989

PALAIS EL BEDI (MARRAKECH, MARROCOS) – 23 de Outubro de 1989

THEATRE MOHAMMED V (RABAT, MARROCOS) – 27 de Outubro de 1989

THÉÂTRE DE BEAULIEU (LAUSANNE, SUIÇA) – 12 e 13 de Maio de 1990

MEMÓRIAS DO PASSADO (VII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS FERNANDES (1939)

Música

GUSTAV MAHLER, *Quarta Sinfonia*, terceiro andamento/adágio.

Cenário

CARLOS FERNANDES, executados por ARLINDO SÁ com a colaboração de HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

MARTA ATAÍDE

Luzes

CARLOS FERNANDES

Estreia absoluta

23.06.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE e ULRICA CALDAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23 e 26 de Junho de 1979

MESSIAS, O (ALGUMAS DAS REACÇÕES DE ALGUMAS PESSOAS ALGURES NO TEMPO AO OUVIREM A NOTÍCIA DA VINDA DO MESSIAS)

Coreografia

LAR LUBOVITCH (1943)

Música

GEORG FRIEDERICH HAENDEL

Estreia absoluta

13.02.1971

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL ARBUÉS; GER THOMAS; RAQUEL ROBY; MARTA ATAÍDE; GRAÇA BARROSO. COLLEEN O'SULLIVAN; SASHA LORD; CECÍLIA POTIER; REYES DE LARA; SOREN BACKLUND. SEAN CUNNINGHAM; VASCO WELLENKAMP; DAVID HYGH; MIGUEL LYZZARRO. STEPHEN WARD; RICHARD DEVAUX; ULRICA CALDAS; CARLOS CALDAS; PALMIRA CAMARGO. BRENDA AREVALO; MICHÈLE RIMBOLD; JOAHNNE O'HARA; PATRICK HURDE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Fevereiro de 1971 – Programa 4

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28 de Fevereiro; 01 e 02 de Março de 1971 –

Programa 5

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 25 de Abril de 1971

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 27 de Abril de 1971

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 16 de Junho de 1971

VIANA DO CASTELO – 20 de Junho de 1971

BRAGA – 22 de Junho de 1971

ESPINHO – 23 de Junho de 1971

NOVA LISBOA (ANGOLA) – 3 de Julho de 1971

BENGUELA (ANGOLA) – 8 de Julho de 1971

LUANDA (ANGOLA) – 13 de Julho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 23 de Julho de 1971

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 30 de Julho de 1971

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 31 de Julho de 1971

NAMPULA (MOÇAMBIQUE) – 4 de Agosto de 1971

BLANTYRE (MALAWI) – 12 de Agosto de 1971

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 9 de Junho de 1972

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Junho de 1972

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 14 de Junho de 1972

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 15 de Junho de 1972

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 de Junho de 1972

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 29 de Julho

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 30 de Julho

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 2 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 6 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 8 de Agosto de 1972

GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES (BELO HORIZONTE, BRASIL) – 13 de Agosto de 1972

GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES (BELO HORIZONTE, BRASIL) – 14 de Agosto de 1972

SALA MARTINS PENA (BRASÍLIA, BRASIL) – 19 e 20 de Agosto de 1972

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR DA BAIÁ, BRASIL) – 26 e 27 de Agosto de 1972

TEATRO SANTA ISABEL (RECIFE, BRASIL) – 1 de Setembro de 1972

TEATRO SANTA ISABEL (RECIFE, BRASIL) – 2 de Setembro de 1972

GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) – 28 de Abril de 1973

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBEKIAN, LISBOA) – 26 de Junho de 1973

SADLERS'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 9 e 10 de Julho de 1973

SADLERS'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 14 de Julho de 1973

LARGO DA SÉ (FARO) – 28 de Julho de 1973

LARGO DA SÉ (FARO) – 29 de Julho de 1973

TORRALTA (PORTIMÃO) – 3 de Agosto de 1973

TORRALTA (PORTIMÃO) – 4 de Agosto de 1973

PARQUE DE TURISMO (LAGOS) – 9 de Agosto de 1973

PARQUE DE TURISMO (LAGOS) – 10 de Agosto de 1973

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Abril de 1974 – Programa 6
TEATRO VASCO SANTANA (LISBOA) – 25 (16h30 e 21h30) de Junho de 1974
JARDINS DU PHARO (MARSELHA, FRANÇA) – 3 e 4 de Julho de 1974
TEATRO ENRICO CECCHETTI (ROMA, ITÁLIA) – 7, 8 e 9 de Julho de 1974
CHATEAU DU PLESSIS–BOURRE (PARIS, FRANÇA) – 11 de Julho de 1974
TEATRO NACIONAL (ZAGREB, JUGOSLÁVIA) – 16 de Julho 1974
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5, 9 e 11 de Maio de 1975 – Programa 3
TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 13 de Julho de 1975
ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 25 e 26 de Julho de 1975 –

Programa de Verão 1

ACADEMIA MILITAR (LISBOA) – 23 de Novembro de 1975
ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 29 e 30 de Julho de 1976
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11 e 12 de Fevereiro; 10 e 11 de Março de 1978

– Programa 4

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 17 de Março de 1978
TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 18 de Março de 1978
TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 21 de Março de 1978
CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 22 de Março de 1978
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 30 de Março de 1978
TEATRO AVEIRENSE (AVIERO) – 31 de Março de 1978
TEATRO AVEIRENSE (AVIERO) – 1 de Abril de 1978
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 3 de Abril de 1978
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 4 de Abril de 1978
TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 5 de Abril de 1978
TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 6 de Abril de 1978
TEATRO-CIRCO (BRAGA) – 8 de Abril de 1978
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VILA REAL) – 11 de Abril de 1978
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 13 de Abril de 1978
PRAÇA da CÂMARA MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 22 de Julho de 1978
MARINA (VILAMOURA) – 25 de Julho de 1978
JARDIM DA ALAMEDA (FARO) – 27 de Julho de 1978
PRAÇA DO MARQUÊS DE POMBAL (VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO) – 29 de Julho de 1978
AZEITÃO – 07 de Agosto de 1978
CINE-TEATRO CARLOS MANUEL (SINTRA) – 09 de Agosto de 1978
TEATRO AVEIRENSE (AVERO) – 31 de Março de 1979
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1980 –

Programa 1

CASA DA CULTURA DOS TRABALHADORES DA QUIMIGAL (BARREIRO) – 22 de Novembro de 1980
CINE CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 25 de Novembro de 1980
CINEMA LIDO (AMADORA) – 27 de Novembro de 1980
AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 9 e 10 de Junho de 1981
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 13 de Junho de 1981
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1981
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 19 de Junho de 1981
TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 23 de Junho 1981
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 1 e 2 de Julho de 1981
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 e 5 de Julho de 1981
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (SESIMBRA) – 1 e 2 de Agosto de 1981
CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 4 e 5 de Agosto de 1981

METAMORFOSES

Coreografia

FERNANDO LIMA (1928-2005)

Música

PAUL HINDEMITH

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

04.12.1971

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA e ARMANDO JORGE. ISABEL QUEIRÓZ; SOREN BACKLUND; PENELOPE WRIGHT; CARLOS CALDAS; ELISA WORM; RAQUEL ROBY; HELENA LOZANO; SASHA LORD; REYES DE LARA; VASCO WELLENKAMP. JOSÉ MEIER; STEPHEN WARD; DAVID HYGH; FERNANDO LEONARDO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 04, 05, 06 e 07 de Dezembro de 1971 – **Programa 2**

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 9 de Junho de 1972

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Junho de 1972

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 15 de Junho de 1972

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 16 de Junho de 1972

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 de Junho de 1972

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Dezembro de 1972 – **Programa 2**

METAMORFOSES NOCTURNAS

Coreografia

CHRISTOPHER HOUSE (1955)

Música

GYÖRGY LIGETI

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

ROELOF PETER SNIPPE

Assistente de Coreografia

CORALEE MOEN

Estreia absoluta

31.01.1996

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

LUIS DAMAS; WILSON DOMINGUES; RUI PINTO; RUI REIS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 31 de Janeiro; 1, 2 e 3 de Fevereiro de 1996 – **Programa 2**

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO INATEL (VISEU) – 2 de Junho de 1996

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8 e 9 de Junho de 1996

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 15 de Junho de 1996

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 18 de Junho de 1996

CINE-TEATRO DE SANTO ANTÓNIO (FARO) – 21 de Junho de 1996

CINE-TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 26 de Junho de 1996

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Março de 1998 – **Programa 3**

MINUS 7

Coreografia

OHAD NAHARIN (1952)

Música

COLAGEM DE COMPOSIÇÕES DE DIVERSOS AUTORES

Figurinos

RAKEFET LEVY

Desenhos e Luzes

BAMBI

Assistente de Coreografia

AYA ISRAELI E YAEL SHNELL

Estreia absoluta

?02.2002

THE JUILLIARD SCHOOL (NOVA IORQUE, E.U.A)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

19.06.2002

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER; ÂNGELA CLEMENTE; PAULA FERNANDES; BARBARA GRIGGI; SOFIA INÁCIO. LAURA MARÍN; INÊS NOBRE; CLÁUDIA NÓVOA; MARIETTE REDEL; ANA CLÁUDIA RIBEIRO. SANDRA ROSADO; LINDA SCHNEIDER; TERRESA ALVES DA SILVA; LINDANOR XAVIER. VICENT COLOMES; DYLAN ELMORE; BERNARDO GAMA; BRUNO GUILLORÉ; JOSEP HUMET. ABINE LEÃO KA; HILLEL KOGAN; SÉBASTIEN MARI; RUI PINTO; CARLOS PRADO; RUI REIS
ROMEU RUNA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Junho de 2002 – Programa 4

TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA (LEIRIA) – 27 e 28 de Junho de 2002

CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL (SINTRA) – 18 e 19 de Julho de 2002

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17, 18, 22, 23, 24 e 25 de Janeiro de 2003 –

Programa 3

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 2003

CENTRO DE ARTES ESCÉNICAS (SALAMANCA, ESPANHA) – 4 e 5 de Abril de 2003

TEATRO SÃO LUIZ (LISBOA) – 26 e 27 de Abril de 2003

TEATRO SÃO LUIZ (LISBOA) – 28 de Abril de 2003

FESTSPIELHAUS (RECKLINGHAUSEN, ALAMANHA) – 14, 15, 16, 17 e 18 de Maio de 2003

AUDITÓRIO DE CASINO (FUNCHAL) – 31 de Maio e 1 de Junho de 2003

LAKE VALKEISENLAMPI (KUOPIO, FINLÂNDIA) – 14 de Junho de 2003

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (ALGARVE) – 27 e 28 de Junho de 2003

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 4 e 5 de Julho de 2003

ANFITEATRO ROMANO DE ITÁLICA (SEVILHA, ESPANHA) – 8 e 9 de Julho de 2003

TEATRO PRINCIPAL (ALICANTE, ESPANHA) – 27 e 28 de Abril de 2004

TEATRO ARRIAGA (BILBAO, ESPANHA) – 14 e 15 de Maio de 2004

TEATRO BARAÑAIN (PAMPLONA, ESPANHA) – 18 e 19 de Maio de 2004

TEATRO MUNICIPAL (BRAGANÇA) – 28 e 29 de Maio de 2004

MIRAGEM (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

CAMILLE SAINT-SAËNS, *Sinfonia n.º 3 em dó menor, Op. 78.*

Figurinos

OLGA RORIZ

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE; PAULA FERNANDES; PAULA VALLE; FRANCISCO ROUSSEAU; CÉSAR MONIZ. JOÃO Mouro.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 e 8 de Agosto de 1987

MISERERE (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia, espaço cénico e Figurinos

AGNELO ANDRADE (1960)

Música

MICHAEL NYMAN, *Miserere*, interpretação do grupo instrumental de Michael Nyman e do coro London Voices.

Luzes

FERNANDO NOBRE

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARIA JOÃO SALOMÃO; JOÃO AFONSO; AGNELO ANDRADE; JOÃO COSTA; JOÃO MOURO. TERESA LOPES; BIRTE LUNDWALL; CLÁUDIA NÓVOA; ALEXANDRA PINTO; CARLOS PRADO. SANDRA ROSADO; JOSÉ ZIEGLER RAIMUNDO; FRANCISCO ROUSSEAU; ANTÓNIO TELES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 5 de Junho de 1993

MOMENTOS (XIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

RUI PINTO (1967)

Música

CHOPIN, *Larghetto do Concerto n.º 2 em mi menor*, Op. 21.

Espaço Cénico

RUI PINTO e PAULO SABINO.

Figurinos

CARLOS SOARES

Luzes

RUI FERNANDES e PAULO SABINO.

Estreia absoluta

28.07.1989

BALLET GULBENKIAN (13º ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA VALLE; BENVINDO FONSECA; RUI PINTO e MARIO PAULO CARDOSO (artista convidado).

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 e 29 de Julho de 1989

MOMENTUM (XIV ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

QUEEN, *The show must go on*.

Figurinos

GAGIK ISMAILIAN

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

24.07.1992

BALLET GULBENKIAN

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

27.01.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete

GAGIK ISMAILIAN.

Locais e datas de apresentação

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA) – 24 de Julho de 1992 – XIV Estúdio Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Janeiro de 1993 – Programa 3

MONÓLOGOS (VII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ANTÓNIO LAGINHA (1955)

Música

W. A. MOZART, CARLOS PAREDES e G. F. TELEMANN.

Figurinos

ANTÓNIO LAGINHA

Luzes

PEDRO COELHO

Concepção cenográfica

ANTÓNIO LAGINHA

Diapositivos

LUÍS JORGE CARVALHO

Estreia absoluta

22.06.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Prólogo – A Flor, poema dito por ZITA DUARTE.

Andamento I – Jogos de Criança: ANGELINA BACELAR; PALMIRA CAMARGO; ELISA FERREIRA.
MARIA DE FREITAS BRANCO; MARIA JOÃO SALOMÃO.

Andamento II – Stabat Mater: MARTA ATAÍDE; JOÃO NATIVIDADE; ANTÓNIO CARTAXO.

Andamento III – O Canto do Cisne: ANGELINA BACELAR; PALMIRA CAMARGO; ELISA FERREIRA.
HELENA LOZANO; MARIA DE FREITAS BRANCO; MARIA JOÃO SALOMÃO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22, 25 e 26 de Junho de 1979

MONÓLOGOS DO ORIENTE, OS

Coreografia

RUI HORTA (1957)

Música

TIAGO CERQUEIRA, com inserção de Maiz de Murkof.

Cenário, desenho e luzes

RUI HORTA

Figurinos

KATIE BRUNNER

Estreia absoluta

17.03.2004

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER; BARBARA GRIGGI; SYLVIA RIJMER; TERESA SIMAS; JORDI ALGUACIL. HILLEL
KOGAN; ROMEU RUNA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17, 18, 19 e 20 de Março de 2004 – Programa 3

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 27 de Março de 2004

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 2 e 3 de Abril de 2004

TEATRO ABÉNIZ (MADRID, ESPANHA) – 22, 23 e 24 de Abril de 2004

MORTE DO CISNE, A

Coreografia

MIKHAIL FOKINE (1880-1942)

Música

SAINT-SAENS (1835–1921)

Estreia absoluta

22.12.1907
HALL OF NOBLEMAN (SÃO PETERSBURGO, RUSSIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

29.01.1972
BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete

LILIANA COSÍ

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 1972 –

Programa 4

MOSAICO

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

PAUL HINDEMITH

Cenário

FERNANDO DE AZEVEDO

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

10.05.1965
BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)
TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA e CARLOS TRINCHEIRAS. MARTA ATAÍDE; INÉZ PALMA; BERNARDETTE PESSANHA; ISABEL QUEIRÓZ; RAQUEL ROBY; CÉLIA VIEIRA. CARLOS FERNANDES; LUIS MIGUEL.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 10 de Maio de 1965
TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 25 e 29 de Janeiro de 1966 – Programa 1
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 15 de Abril de 1966
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8 e 9 de Outubro de 1966
POLITEAMA (LISBOA) – 13, 14, 16 e 17 de Dezembro de 1968 – Programa 1

MOVIMENTO PARA UMA TELA

Coreografia

JONATHAN LUNN (1955)

Música

STEVE REICH (1936), *Tehillim*, partes I e II.

Cenário

NINO MUSTICA (*Düsseldorf Strasse*), executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

JONATHAN LUNN

Luzes

RUI FERNANDES

Direcção de ensaios

ISABEL QUEIRÓZ

Estreia absoluta

27.10.1988
BALLET GULBENKIAN
TEATRO RIVOLI (PORTO)

Intérpretes

ELISA FERREIRA; VERA MANTERO; CLÁUDIA NÓVOA; ANA RITA PALMEIRIM; OLGA RORIZ. PAULA VALLE. JOÃO AFONSO; AGNELO ANDRADE; LUÍS DAMAS; JOSÉ GRAVE; GAGIK ISMAILIAN; CÉSAR MONIZ.

Locais e datas de apresentação

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Outubro de 1988

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 28 de Outubro de 1988

CAIRO OPERA HOUSE (CAIRO, EGIPTO) – 5 de Novembro de 1988

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Nov. 2, 3 e 4 de Dez. de 1988 –

Programa 1

MOVIMENTO PERPÉTUO

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

CARLOS PAREDES

Seleção e montagem de música adicional

NUNO VIEIRA DE ALMEIDA

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

01.02.1995

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE; PASCALE MOSSELMANS; BIRTE LUNDWALL; ADRIANA QUEIRÓZ. PAULA FERNANDES; PAULA VALLE; BENVINDO FONSECA; FRANCISCO ROUSSEAU; RUI PINTO. LUIS DAMAS; CÉSAR MONIZ; WILSON DOMINGUES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 3 e 4 de Fevereiro de 1995 – **Programa 2**

TEATRO VICTÓRIA EUGÉNIA (SAN SEBASTIAN, ESPANHA) – 14 de Maio de 1995

CINE-TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 4 de Junho de 1995

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 8 de Junho de 1995

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Junho de 1995

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 16 de Junho de 1995

MOVIMENTOS SINFÓNICOS

Coreografia

ARMANDO JORGE (1938)

Música

HAYDN (1732–1809)

Estreia absoluta

01.06.1971

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PENELOPE WRIGHT; ULRICA CALDAS; ISABEL QUEIRÓZ; SEAN CUNNINGHAM; SOREN BACKLUND; CARLOS CALDAS; ELISA WORM; REYS DE LARA; RAQUEL ROBY; MARTA ATAÍDE; JIM HUGHES; STEPHEN WARD; ISABEL ARBUËS; LÚCIA LOZANO; SASHA LORD; PALMIRA CAMARGO. MIGUEL LYZARRO; VASCO WELLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1 de Junho de 1971 – **Programa 8**

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 16 de Junho de 1971

VIANA DO CASTELO – 20 de Junho de 1971

BRAGA – 22 de Junho de 1971

NOVA LISBOA (ANGOLA) – 3 de Julho de 1971

LUANDA (ANGOLA) – 16 de Julho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 25 de Julho de 1971

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 31 de Julho de 1971

BLANTYRE (AFRICA) – 12 de Agosto de 1971

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Fevereiro de 1972 – Programa 4

NAMBAN MATSURI¹

Coreografia

AGUEDA SENA (1927), sobre uma ideia de Águeda Sena, Júlio Resende e José Rodrigues.

Produção e coordenação de actores

CARLOS AVILEZ

Assistente de Coreografia

EXPEDITO SARAIVA

Música

LUIS FILIPE PIRES (criação original)

Figurinos

JULIO RESENDE

Adereços

JOSÉ RODRIGUES, AMÂNDIO DE SILVA e ÂNGELO DE SOUSA.

Assistente de produção

ANTÓNIO MARQUES

Estreia absoluta

24.08.1970

CO-PRODUÇÃO LUSO-NIPÓNICA

EXPO'70 (OSAKA, JAPÃO)

Intérpretes

158 artistas nos quais se incluíam bailarinos do Ballet Gulbenkian e do Grupo de Bailados “Verde-Gaio”, alguns actores do Teatro Experimental de Cascais, actores independentes e estudantes do CITAC e do TEUC.

Duração

1h30 aproximadamente

Locais e datas de apresentação

FESTIVAL PLAZA (OSAKA, JAPÃO) – 24, 25, 26, 27, 28 e 29 de Agosto de 1970 – EXPO 70 OSAKA

NAVIO, O (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

WILSON DOMINGUES (1967)

Música

MADREDEUS: *O Navio* (PEDRO AYRES DE MAGALHÃES); *Confissão* (PEDRO AYRES DE MAGALHÃES); *Solstício* (MADREDEUS).

Figurinos

PAULA PINTO

Luzes

ABEL ALVES

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE; TERESA LOPES; LINDANOR XAVIER; SANDRA ROSADO; JOÃO AFONSO JOÃO MOURO; CÉSAR MONIZ; ANTÓNIO TELES

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 5 de Junho de 1993

NEATNET

Coreografia

¹ Espectáculo multidisciplinar, interpretado por companhias de dança e grupos de teatro. A segunda parte do espectáculo foi preenchida com uma peça de teatro Kabuki tradicional e outra de Kabuki moderno interpretado por artistas japoneses.

CLARA ANDERMATT (1963)

Coordenação e montagem musical

JOÃO LUCAS

Figurinos

JOSÉ ANTÓNIO TENENTE

Luzes

CARLOS GOMES, com assessoria técnica de CARLOS RAMOS.

Assistente de Coreografia

AMÉLIA BENTES

Vídeo

INPUL

Estreia absoluta

08.03.2000

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ANA CLÁUDIA RIBEIRO; SANDRA ROSADO; TERESA SIMAS; LUIS DAMAS; HILLEL KOGAN.
FRANCISCO ROUSSEAU; ROMEU RUNA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Março de 2000 – Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 17 e 18 de Março de 2000

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 14, 15 e 16 de Abril de 2000

FESTSPIELHAUS BREGENZ (BREGENZ, ÁUSTRIA) – 29 de Abril de 2000

AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE FARO (FARO) – 19 e 20 de Maio de 2000

SUZANNE DELLAL CENTRE (TELAVIVE, ISRAEL) – 25 e 26 de Maio de 2000

REBBECA CROWN AUDITORIUM (JERUSALÉM, ISRAEL) – 28 de Maio de 2000

NOCES

Coreografia

ANGELIN PRELJOCAJ (1957)

Música

IGOR STRAVINSKY, *Les Noces*.

Cenografia

ADRIEN CHALGARD

Figurinos

ANNICK GONÇALVES e CAROLINE ANTESKI.

Luzes

JACQUES CHATELET

Remontagem da Coreografia segundo notação coreográfica Benesh

NOEMI PERLOV

Estreia absoluta

18.05.1989

BALLET PRELJOCAJ

MAÏSON DES ARTS DE CRETEIL (FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

10.03.1999

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

SOFIA INÁCIO; COLETTE MAYNARD; ANNE PLAMONDON; SANDRA ROSADO; TERESA SIMAS;
LEONARDO CENTI; YORKIE CHADWICK; WILSON DOMINGUES; BERNARDO GAMA; CARLOS PRADO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Março de 1999 – Programa 3

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 18 e 19 de Março de 1999

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 9 e 10 de Abril de 1999

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 22 e 23 de Maio de 1999

PAVILHÃO DESPORTIVO DA ESCOLA TEIXEIRA GOMES (PORTIMÃO) – 18 e 19 de Junho de 1999

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 1 de Julho de 1999

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 2 de Julho de 1999
 CENTRO CULTURAL DE MACAU (MACAU) – 15 de Outubro de 1999
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24, 25, 26 e 27 de Janeiro de 2001 – Programa 2
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 1 e 2 de Fevereiro de 2001
 CINE-TEATROMUNICIPAL D. JOÃO V (DAMAIA) – 2 e 3 de Março de 2001
 HESSISCHES STAATSTHEATER WIESBADEN (WIESBADEN, ALEMANHA) – 15 e 16 de Maio de 2001
 STADTTHEATER HEILBRONN (HEILBRONN, ALEMANHA) – 18 e 19 de Maio de 2001

NOITE DE QUATRO LUAS (V ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

GEORGE CRUMB, *Night of the Four Moons*, sobre excertos de poemas de GARCIA LORCA.

Estreia absoluta

14.07.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Estreia em reportório

12.11.1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO e GER THOMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1977 – V Estúdio Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 12 e 13 de Novembro de 1977 – Programa 2

TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 18 de Março de 1978

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 21 de Março de 1978

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 31 de Março de 1978

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 3 de Abril de 1978

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VILA REAL DE S. ANTÓNIO) – 11 de Abril de 1978

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 13 de Abril de 1978

PORTIMÃO – 22 de Julho de 1978

VILAMOURA – 25 de Julho de 1978

FARO – 27 de Julho de 1978

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO – 29 de Julho de 1978

AZEITÃO – 7 de Agosto de 1978

CINE-TEATRO CARLOS MANUEL (SINTRA) – 9 de Agosto de 1978

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 31 de Março de 1979

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18, 19 e 20 de Abril de 1980 – Programa 3

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 14 de Maio de 1980

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 21 de Maio de 1980

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 28 de Maio de 1980

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 12, 13 e 14 de Junho de 1980

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25 e 26 de Maio de 1983 – I Festival Internacional de

Música de Lisboa

SADLER'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 8 e 11 de Junho de 1983

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 18 de Junho de 1983

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20 de Julho de 1983

TEATRE GREC DE MONTJUÏC (BARCELONA, ESPANHA) – 25 e 26 de Julho de 1983

NOITE TRANSFIGURADA

Coreografia

JIRÍ KYLIÁN (1947)

Música

ARNOLD SCHÖENBERG, *Verklärte Nacht, Op. 4* (1899), versão para orquestra de cordas (1943).

Figurinos

JOOP STOKVIS

Luzes

JOOP CABOORT

Assistente de Coreografia

HANS KNILL

Estreia absoluta

21.10.1975

NEDERLANDS DANS THEATER

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

05.04.1991

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; FRANCISCO ROUSSEAU; ADRIANA QUEIRÓZ; AGNELO ANDRADE. JOÃO AFONSO; WILSON DOMINGUES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 11 e 12 de Abril de 1991 – Programa 5

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 13 e 14 de Abril de 1991 – Programa 6

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 19 de Maio de 1991

CINE TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 24 de Maio de 1991

CINE TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 26 de Maio de 1991

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 29 de Maio de 1991

CINE-TEATROLÚISA TODI (SETÚBAL) – 2 de Junho de 1991

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 6 de Junho de 1991

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 8 de Junho de 1991

TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 11 de Junho de 1991

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 14 de Junho de 1991

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Junho de 1991

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1991

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Junho de 1991

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho de 1991

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 30 de Junho de 1991

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 6 de Julho de 1991

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 9 de Julho de 1991

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 10 de Julho de 1991

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 13 de Julho de 1991

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 15 de Julho de 1991

TEATRO JORDÃO (GUIOMARÃES) – 17 de Julho de 1991

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 23 de Julho de 1991

GRAND AUDITORIUM, CARLTON CASINO CLUB (CANNES, FRANÇA) – 21 e 27 de Novembro de

1991

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Março; 1, 2, 3 e 4 de Abril de 1992

– Programa 3

ANFITEATRO ROMANO DE ITALICA (SEVILHA, ESPANHA) – 3 de Agosto de 1992

NUAGES

Coreografia

JIRÍ KYLIÁN (1947)

Música

CLAUDE DEBUSSY

Luzes

JOOP CABOORT

Estreia absoluta

1975

STUTTGART BALLET

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

07.02.1985

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO e GAGIK ISMAILIAN.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9, 21, 22, 23 e 24 de Fevereiro de 1985 –

Programa 3

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 e 11 Maio de 1985

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 14 de Maio de 1985

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 17 de Maio de 1985

TEATR WIELKI W LODZI (POLÓNIA) – 28 de Maio de 1985

PANSTWOWA OPERA WE WROCLAWIU (WROCLAW, POLÓNIA) – 1 de Junho de 1985

BYDGOSZCZ OPERA (BYDGOSZCZ, POLÓNIA) – 4 de Junho de 1985

TEATR WIELKI W LODZI (POLÓNIA) – 7 de Junho de 1985

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 11 de Julho de 1985

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Julho de 1985

NUTI

Coreografia

MERYL TANKARD (1955)

Música original e interpretação

COLLIN OFFORD

Cenário

REGIS LANSAC

Figurinos

MERYL TANKARD

Luzes

REGIS LANSAC

Assistente de Coreografia

MICHELLE RYAN

Estreia absoluta

1990

MERYL TANKARD AUSTRALIAN DANCE COMPANY (CAMBERRA, AUSTRÁLIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

19.01.2000

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; ANA CLÁUDIA RIBEIRO; SANDRA ROSADO; TERESA SIMAS;

MARTA REIG TORRES; LINDANOR XAVIER. LEONARDO CENTI; YORKIE CHADWICK; LUIS

DAMAS; BERNARDO GAMA; ROMEU RUNA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Janeiro de 2000 – **Programa 2**

FESTSPIELHAUS BREGENZ (BREGENZ, ÁUSTRIA) – 28 de Abril de 2000

FESTSPIELHAUS BREGENZ (BREGENZ, ÁUSTRIA) – 29 de Abril de 2000

THEATER IM FORUM (LUDWIGSBURG, ALEMANHA) – 24 de Junho de 2000

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 29 e 30 de Junho de 2000

THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (BRASIL) – 8 e 9 de Julho de 2000

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (BRASIL) – 12 e 13 de Julho de 2000

TEATRO SESI (PORTO ALEGRE, BRASIL) – 15 de Julho de 2000

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 29 e 30 de Junho e 1 de Julho de 2001 – **Programa 4**

... OITO SERES E UMA PERGUNTA! (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

RUI PINTO (1967)

Música

BOB DYLAN, *Blowin' in the wind*, interpretada por Bettina Jonic.

Cenário

RUI PINTO

Figurinos

RUI PINTO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; ANGELINA BACELAR; PAULA VALLE; PALMIRA CAMARGO; FRANCISCO ROUSSEAU. ANTÓNIO TELES; JOÃO COSTA; LUIS DAMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 e 8 de Agosto de 1987

ODISSEIA DO SER

Coreografia

RICHARD KUCH (1933)

Música

KARL-BIRGEN BLOMDAHL (1916–1968)

Cenário

CRUZEIRO SEIXAS

Figurinos

CRUZEIRO SEIXAS

Máscaras executadas por:

INEZ GUERREIRO

Estreia absoluta

13.11.1971

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Penélope – A Mulher – MARGERY LAMBERT.

Ataneia – O Ideal – PENELOPE WRIGTH.

Sereias – A Tentação – ELISA WORM, MARIA BESSA, REYES DE LARA.

Calpso – A Posse – DORIS MENGUS; *Partidários do Herói* – SEAN CUNNINGHAM, SOREN BACKLUND; CARLOS CALDAS.

Pretendentes de Penélope – VASCO WELLENKAMP, STEPHAN WARD, DAVID HYGH, JOSÉ MEIER; FERNANDO LEONARDO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1971 – Programa 1

OLD CHILDREN (VELHAS CRIANÇAS)

Coreografia

MATS EK (1945)

Música

FLÅSKKVARTETTEN, JULES MASSENET, EDUARD GRIEG, DE FRUMERIE, KLAMI E CAMILE SAINT-SAËNS.

Cenário

KARIN EK

Figurinos

KARIN EK

Luzes

GÖRAN WESTRUP

Estreia absoluta

29.11.1989

BALLET CULLBERG

THE CITY THEATRE (ESTOCOLMO, SUÉCIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

15.11.1995

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

RUI PINTO; BIRTE LUNDWALL; BENVINDO FONSECA; RUI REIS; PAULA VALLE; BARBARA GRIGGI. CÉSAR MONIZ; PAULA PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15, 16, 17 e 18 de Novembro de 1995 – Programa 1

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Abril de 1996 – Programa 4

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO INATEL (VISEU) – 1 de Junho de 1996

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO INATEL (VISEU) – 2 de Junho de 1996

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 14 de Junho de 1996

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Novembro de 1996 – Programa 1

ON LAND (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

EDMUND STRIPE (1961)

Música

BRIAN ENO

Figurinos

EDMUND STRIPE

Luzes

MANUEL FERNANDES

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOÃO AFONSO; CARLOS CARVALHO; JOÃO COSTA; PAULA FERNANDES; MARIA JOÃO SALOMÃO. ANTÓNIO TELES; ZAIRE ZEYD.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1983

ONDE ESTOU? PARA ONDE VOU? (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ÂNGELA CLEMENTE (1960)

Música

STEPHAN MICUS, *56 Flowerpots* e DAVID DARLING, *Minor Blue*.

Espaço cénico

ÂNGELA CLEMENTE

Figurinos

ÂNGELA CLEMENTE

Luzes

YURI CHATAL

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; BENVINDO FONSECA; MARIA JOÃO SALOMÃO; TERESA LOPES. SANDRA ROSADO; ALEXANDRA PINTO; PAULA FERNANDES; LINDANOR XAVIER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 5 de Junho de 1993

OPUS 43

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

L. BEETHOVEN.

Cenário

GERMINAL CASADO

Figurinos

GERMINAL CASADO

Luzes

COLIN McINTYRE

Estreia absoluta

10.03.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GER THOMAS; COLLEEN O'SULLIVAN; CECÍLIA POTIER; SOREN BACKLUND; SEAN CUNNINGHAM; VASCO WELLENKAMP; RICHARD DEVAUX; CARLOS CALDAS; MICHÉLE RIMBOLD; PENELOPE WRIGTH. MARGERY LAMBERT; JÚLIO MEDINA; DEBORAH HESS; MARK JOHNSON; LUISA DUARTE. MARTHA GROGAN

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Março de 1973 – Programa 5

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Novembro de 1973 – Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Abril de 1974

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 25 de Abril de 1974

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 26 de Abril de 1974

AUDITÓRIO DO CONSERVATÓRIO CALOUSTE GULBENKIAN (BRAGA) – 27 de Abril de 1974

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 29 de Abril de 1974

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 30 de Abril de 1974

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL (VILA REAL DE S. ANTÓNIO) – 11 de Junho de 1974

TEATRO LETHES (FARO) – 13 de Junho de 1974

PRAÇA DO INFANTE (LAGOS) – 15 de Junho de 1974

JARDINS DU PHARO (MARSELHA, FRANÇA) – 3 e 4 de Julho de 1974

TEATRO ENRICO CECCHETTI (ROMA, ITÁLIA) – 7, 8 e 9 de Julho de 1974

CHATEAU DU PLESSIS–BOURRE (PARIS, FRANÇA) – 11 de Julho de 1974

TEATRO NACIONAL (ZAGREB, JUGOSLÁVIA) – 16 de Julho 1974

ORDEM E DESORDEM

Coreografia

RUI PINTO (1967)

Música

USTAD FATEH ALI KHAN, *Raga I*, PIERRE FAURÉ, *Prism* e HECTOR ZAZOU, *The Apparition*.

Cenário

RUI PINTO

Figurinos

RUI PINTO

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

29.07.1995

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

RUI PINTO; CARLOS PRADO; AGNELO ANDRADE; RUI REIS; CÉSAR MONIZ;

WILSON DOMINGUES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Julho de 1995 – Programa 5 – Projecto

95/96

ORFEU (ÓPERA)

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

CLAUDIO MONTEVERDI

Cenário

ALFREDO SILBERMANN

Figurinos

ANNA ANNI

Estreia absoluta

18.05.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Ninfas – MARIA BESSA, PALMIRA CAMARGO, LUISA DUARTE, MARTHA GROGAN, DEBORAH HESS; COLLEEN O'SULLIVAN, MICHÈLE RIMBOLD; RAQUEL ROBY

Fauno – JÚLIO MEDINA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 20, 21 e 22 de Maio de 1973

OUTONO (IV ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

GUSTAV MAHLER, *Adagietto da 5.ª Sinfonia*

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

VASCO WELLENKAMP

Estreia absoluta

15.07.1976

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

05.01.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO e CARLOS CALDAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15 e 16 de Julho de 1976 – **IV Estúdio Coreográfico**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 7, 8 e 9 de Janeiro de 1977 – **Programa 1**

TEATRO-CIRCO (BRAGA) – 6 de Maio de 1977

CINE-TEATROJORDÃO (GUIMARÃES) – 7 de Maio de 1977

CINE-TEATROGARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 9 de Maio de 1977

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Maio de 1977

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 14 de Maio de 1977

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Maio de 1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21, 23 e 22 de Maio de 1978 – **Programa 5**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10, 13 e 14 de Fevereiro de 1980 – **Programa 2**

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 17 de Março de 1980

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 18 de Março de 1980

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (PORTO) – 21 de Março de 1980

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15, 16, 17 e 18 de Fev. 9, 1 e 11 de Março de 1984 –

Programa 2

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 8 de Maio de 1984

GROBES HAUS (WIESBADEN, ALEMANHA) – 18 e 19 de Maio de 1984

KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 21 e 22 de Maio de 1984

THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA) – 31 de Maio, 1 e 2 de Junho de 1984

TERREIRO DO PALÁCIO DOS GOVERNANDORES (LAGOS) – 21 de Junho de 1984

OUTSIGHT

Coreografia

DIDY VELDMAN (1967)

Música Original

PHILLIP FEENEY

Cenário e Figurinos

MARIAM BUETHER

Desenho e Luzes

BEN ORMEROD

Estreia absoluta

03.11.2004

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MÓNICA GOMES; LAURA MARÍN; SYLVIA RIJMER; SANDRA ROSADO; ANA SENDAS. TERESA ALVES DA SILVA; JORDI ALGUACIL; ALLAN ALGUACIL; ROMEU RUNA. JERMAINE MAURICE SPIVEY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5, e 6 de Novembro de 2004 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO do EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 12 e 13 de Novembro de 2004

SCHAUSPIELHAUS (DRESDEN, ALEMANHA) – 21 e Maio de 2005

TEATRO NACIONAL S. JOÃO (PORTO) – 14 e 15 de Junho de 2005

PAISAGEM COM PONTE

Coreografia

PETER SPARLING (1951)

Música

PETER RUTH e JOHN FRANZEN.

Figurinos

PETER SPARLING

Fundo sonoro

PETER RUTH e JOHN FRANZEN.

Luzes

EDWARD M. GREENBERG

Estreia absoluta

04.03.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

I. Invocação: JOSÉ GRAVE.

II. Figuras numa paisagem: OLGA RORIZ, COLLEEN O'SULLIVAN, ANA RITA PALMEIRIM, ANTÓNIO JORGE; HUGH CRAIG, JOÃO COSTA.

III. Seis quadros:

A pedreira – JOSÉ GRAVE, JOÃO NATIVIDADE, HUGH CRAIG, MIKIO IKEHATA, ANTÓNIO JORGE, EDMUND STRIPE, JOÃO COSTA.

O Pinhal – ISABEL QUEIRÓZ, COLLEEN O'SULLIVAN, HELENA LOZANO, OLGA RORIZ; ANA RITA PALMEIRIM, LUÍSA DUARTE, ELISA FERREIRA.

Depois da chuva – ISABEL QUEIRÓZ, ELISA FERREIRA, ANA RITA PALMEIRIM, COLLEEN O'SULLIVAN.

A ponte – JOSÉ GRAVE, JOÃO NATIVIDADE, EDMUND STRIPE, JOÃO COSTA.

Calipso – OLGA RORIZ, COLLEEN O'SULLIVAN, ANA RITA PALMEIRIM, ISABEL QUEIRÓZ; HELENA LOZANO, ELISA FERREIRA, LUÍSA DUARTE.

Pescadores ao anoitecer – JOSÉ GRAVE, JOÃO NATIVIDADE, HUGH CRAIG, MIKIO IKEHATA; ANTÓNIO JORGE, EDMUND STRIPE, JOÃO COSTA.

IV. Partida: JOSÉ GRAVE, OLGA RORIZ, COLLEEN O'SULLIVAN, ANA RITA PALMEIRIM, ANTÓNIO JORGE; HUGH CRAIG, JOÃO COSTA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4, 5, 6, 7 e 8 de Março de 1981 – **Programa 3**
 CASA DA CULTURA DOS TRABALHADORES DA QUIMIGAL (BARREIRO) – 14 de Março de 1981
 CINE TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 16 de Março de 1981
 CINEMA LIDO (AMADORA) – 17 de Março de 1981
 AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 9 e 10 de Junho de 1981
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 13 de Junho de 1981
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE FONTELO (VISEU) – 17 de Junho de 1981
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 23 de Junho 1981
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 04 e 05 de Julho de 1981
 CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 6 e 7 de Agosto de 1981
 CASA DA CULTURA DOS TRABALHADORES DA QUIMIGAL (BARREIRO) – 26 de Outubro de 1982
 CINE TEATRO DA ACADEMIA DE INSTRUÇÃO E RECREIO FAMILIAR ALMADENSE (ALMADA) – 28
 de Outubro de 1982
 CINE-TEATRO CARLOS MANUEL (SINTRA) – 30 de Outubro de 1982
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 7 e 11 de Dezembro de 1982 – **Programa 1 – A**
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12 e 17 de Fevereiro de 1983 – **Programa 2 – B**

PAISAGEM II (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ANA RITA PALMEIRIM (1955)

Música

ALAN HOVHANESS (n. 1911), *Fantasy on a Japanese Woodprint*.

Cenário

ORLANDO WORM

Figurinos

VICTOR PAIVA e JOSÉ MANUEL MESQUITA.

Luzes

LUÍS ALONSO

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARGARIDA BETTENCOURT; ELISA FERREIRA; MARIA JOÃO SALOMÃO; BIRTE LUNDWALL

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1983

PAIXÃO

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

FRANZ SCHUBERT (1797-1828), “Allegro” e “Andante con moto” do *Quarteto de Cordas n.º14 em Ré Menor (A Donzela e a Morte)*.

Cenário

GAGIK ISMAILIAN e ANTÓNIO CARRETEIRO

Figurinos

ANTÓNIO CARRETEIRO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

27.05.1994

BALLET GULBENKIAN

TEATRO NACIONAL S. JOÃO (PORTO)

Intérpretes

PASCAL MOSELMANS; GAGIK ISMAILIAN; PAULA PINTO; WILSON DOMINGUES. SANDRA ROSADO; CARLOS PRADO; RUI PINTO; BIRTE LUNDWALL; ADRIANA QUEIRÓZ. PAULA FERNANDES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO NACIONAL S. JOÃO (PORTO) – 27, 28 e 29 de Maio de 1994 – Programa 4

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 11 de Junho de 1994

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 24 de Junho de 1994

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 14 de Julho de 1994

PRADERA DE SAN MARCOS (SEGÓVIA, ESPANHA) – 25 de Julho de 1994

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 3 e 4 de Fevereiro de 1995 – Programa 2

PALRATÓRIO (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CLÁUDIA NÓVOA (1968)

Música

STEPHANE GRAPELLI, *Tournesol e Greensleeves* (interpretado por Stephane Grapelli)

Figurinos

CLÁUDIA NÓVOA

Luzes

ANTÓNIO TELES

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCALE MOSSELMANS; CLÁUDIA NÓVOA; CARLOS PRADO

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 5 de Junho de 1993

PANAMBI – Ritual de um casamento (VI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

JAIR MORAIS (1952)

Música

ALBERTO GINASTERA

Cenário

JAIR MORAIS

Figurinos

JAIR MORAIS

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

30.06.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Andamento I – PALMIRA CAMARGO, DAVID HYGH, ANGELINA BACELAR, ANA RITA PALMEIRIM; OLGA RORIZ, LUÍSA DUARTE, MARIA JOÃO SALOMÃO, MARIA DE FREITAS BRANCO; WANDA FRANÇA, TERESA CHARTERS, PEDRO COELHO, ANTÓNIO LAGINHA; JOÃO NATIVIDADE, GAGIK ISMAILIAN, JOÃO COSTA, PAULO GOUVEIA.

Andamento II – PEDRO COELHO, ANTÓNIO LAGINHA, JOÃO NATIVIDADE, GAGIK ISMAILIAN, JOÃO COSTA.

Andamento III – ANA RITA PALMEIRIM, OLGA RORIZ, LUÍSA DUARTE, MARIA JOÃO SALOMÃO; MARIA DE FREITAS BRANCO, WANDA FRANÇA, TERESA CHARTERS.

Andamento IV – ANGELINA BACELAR e DAVID HYGH.

Andamento V – Conjunto.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 de Junho e 3 de Julho de 1978

PARA ALÉM DAS SOMBRAS

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

SAMUEL BARBER, *Adágio para cordas, Op. 11*.

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

29.08.1992

FESTIVAL INTERNACIONAL DE DANÇA DE SAN PANTALEO (SAN PANTALEO – ITÁLIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

18.03.1993

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI e BENVINDO FONSECA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20, 27 e 28 de Março de 1993 – **Programa 5**

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 26 de Junho de 1993

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 3 de Julho de 1993

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Julho de 1993

TEATRO JOSÉ LÚCIA DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Julho de 1993

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 25 de Julho de 1993

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 30 de Julho de 1993

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Janeiro de 1994 – **Programa 2**

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Abril de 1994

MUZEIKTHEATER (AMSTERDAM, HOLANDA) – 1, 4 e 5 de Maio de 1994

FUNDACIÓ CULTURAL DE LA CAIXA DE TERRASSA (TERRASSA, ESPANHA) – 14 e 15 de Maio de

1994

TEATRO NACIONAL S. JOÃO (PORTO) – 27, 28 e 29 de Maio de 1994

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 11 de Junho de 1994

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 24 de Junho de 1994

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 14 de Julho de 1994

PRADERA DE SAN MARCOS (SEGÓVIA, ESPANHA) – 25 de Julho de 1994

PARA QUE A TERRA NÃO ESQUEÇA

Coreografia

BENVINDO FONSECA (1964)

Música

HENRYK GÓRECKI (1933), 1.º e 3.º andamentos da *Sinfonia n.º 3*.

Cenário

JUAN SOUTULLO

Figurinos

JOSÉ ANTÓNIO TENENTE

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

29.07.1995

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da Companhia

20.03.1996

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE; BIRTE LUNDWALL; CLÁUDIA NÓVOA; PAULA PINTO; ADRIANA QUEIRÓZ. SANDRA ROSADO; WILSON DOMINGUES; CÉSAR MONIZ; CARLOS PRADO.

Locais e datas de apresentação

95/96 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Julho de 1995 – Programa 5 – Projecto

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Março de 1996 – Programa 3

PARADE

Coreografia, Cenário e Figurinos

WALTER GORE (1910-1979)

Música

BENJAMIN BRITTEN (1913-1976)

Estreia absoluta

– .07.1959

STADSSCHOWNBURG (AMSTERDÃO, HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

05.02.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNNE O'HARA e CARLOS TRINCHEIRAS. CRITINA MIÑANA e ULRICA CALDAS. RAQUEL ROBY e CÉLIA VIEIRA. SASHA LORD e CÉLIA POTIER. INÊZ PALMA; MARTA ATAÍDE; ISABEL QUEIRÓZ; MARIA BESSA; MARTA ATAÍDE; ISABEL QUEIRÓZ; CARLOS FERNANDES; JORGE TRINCHEIRAS; ALBINO MORAIS; CARLOS CALDAS; EXPEDITO SARAIVA. ANTÓNIO RODRIGUES

Mestre-de-cerimónias – JOHN AULD.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 5, 6 e 7 de Fevereiro de 1968 – Programa 1

PARADISE PRACTICE

Coreografia

STIJN CELIS (1964)

Música

KOEN VANDENHOUDT, KING CURTIS e JOHN ZORN.

Figurinos

KATHY BRUNNER

Desenhos e luzes

ERIK BERGLUND

Estreia absoluta

17.01.2003

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

SANDRA ROSADO; TERESA ALVES DA SILVA; ANN DE VOS; BRUNO; GUILLORÉ; ROMEU RUNA; JERMAINE MAURICE SPIVEY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17, 18, 19, 22, 23, 24 e 25 de Janeiro de 2003 –

Programa 3

CINE-TEATROCURVO SEMENDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 31 de Janeiro e 01 de Fevereiro de 2003

TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA (LEIRIA) – 20 e 21 de Junho de 2003

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17, 18, 19 e 20 de Março de 2004 – Programa 3

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 21 de Março de 2004

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 2 e 3 de Abril de 2004

PAS-DE-SIX CLASSIQUE

Coreografia

JOHN AULD (1930)

Música

LÉON MINKUS

Figurinos

JOHN HOGARTH

Estreia absoluta

26.03.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; KLAUS GÖTZ; CÉLIA VIEIRA; CARLOS FERNANDES; JOAHNNE O'HARA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 de Março de 1966 – Programa 5

PASSACAGLIA

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música original

ANTON WEBERN

Estreia absoluta

05.12.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARGERY LAMBERT e GER THOMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 7 e 8 de Dezembro de 1970 – Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 23 e 25 de Abril de 1971

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25 de Maio de 1971 – Programa 7

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 15 de Junho de 1971

FIGUEIRA DA FOZ – 17 de Junho de 1971

AVEIRO – 18 de Junho de 1971

PÓVOA DO VARZIM – 19 de Junho de 1971

ESPINHO – 23 de Junho de 1971

NOVA LISBOA (ANGOLA) – 2 e 3 de Junho de 1971

BENGUELA (ANGOLA) – 7 de Junho de 1971

LUANDA (ANGOLA) – 14 de Junho de 1971

LUANDA (ANGOLA) – 16 de Junho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 21 de Junho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 25 de Junho de 1971

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 29 de Junho de 1971

NAMPULA (MOÇAMBIQUE) – 3 de Agosto de 1971

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro e 01 de Fevereiro de 1972 –

Programa 4

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 3 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 8 de Agosto de 1972

GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES (BELO HORIZONTE, BRASIL) – 14 de Agosto de 1972

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR, BRASIL) – 27 de Agosto de 1972

GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) – 27 de Abril de 1973

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 15 de Junho de 1973

SADLERS'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 9 e 10 de Julho de 1973

LARGO DA SÉ (FARO) – 28 de Julho de 1973

TORRALTA (PORTIMÃO) – 3 de Agosto de 1973

PARQUE DE TURISMO (LAGOS) – 9 de Agosto de 1973

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Abril de 1974 – Programa 6

PASSACAGLIA OP. 1

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

ANTON WEBER, *Passacaglia Op. 1*

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

29.11.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO e BENVINDO FONSENCA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Novembro; 1 e 2 de Dezembro de 1989 –

Programa 1

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 19 de Junho de 1990

CINE-TEATROCRISFAL (PORTALEGRE) – 21 de Junho de 1990

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 23 de Junho de 1990

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 27 de Junho de 1990

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 11 de Julho de 1990

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE VILA REAL (VILA REAL) – 14 de Julho de 1990

AUDITÓRIO MUNICIPAL (MIRANDELA) – 17 de Julho de 1990

CINE-TEATROMONTEPIO GERAL (BRAGANÇA) – 19 de Julho de 1990

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 24 de Julho de 1990

PASSAGEM (XIV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LUIS DAMAS (1961)

Música

JOHANNES BRAHMS, *Concerto para violino e orquestra em ré maior Op. 77.*

Figurinos

PAULA PINTO e LUIS DAMAS.

Luzes

ISABEL WORM

Estreia absoluta

24.07.1992

BALLET GULBENKIAN

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA)

Intérpretes

PAULA PINTO e LUIS DAMAS.

Locais e datas de apresentação

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1992

PASSAGENS

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

RAVI SHANKAR / PHILIP GLASS, *Meetings along the edge*; PIANO CIRCUS, *Tim Seddon: 16*;
REPERCUSSION UNIT, *The grand ambulation of the Bb Zombies.*

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

ORLANDO WORM

Guião e realização de vídeo

OLGA RORIZ e NUNO CARINHAS.

Vídeo

Desenhos de NUNO CARINHAS

Estreia absoluta

27.01.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; PASCALE MOSSELMANS; BIRTE LUNDWALL; PAULA PINTO; CLÁUDIA NÓVOA; ADRIANA QUEIRÓZ; FILIPA MAYER; ÂNGELA CLEMENTE; GAGIK ISMAILIAN; FRANCISCO ROUSSEAU; LUIS DAMAS; AGNELO ANDRADE; JOÃO AFONSO; RUI PINTO; CARLOS PRADO; WILSON DOMINGUES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Janeiro de 1993 – Programa 3

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 25 de Junho de 1993

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 27 de Junho de 1993

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 2 de Julho de 1993

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 de Julho de 1993

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Julho de 1993

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 12 de Julho de 1993

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 15 de Julho de 1993

PAVILHÃO DA FÍSICA (TORRES VEDRAS) – 20 de Julho de 1993

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 24 de Julho de 1993

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 28 de Julho de 1993

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17, 18, 19 e 20 de Novembro de 1993 – Programa 1

PÁSSARO DE FOGO, O (XIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

SERGE LIFAR (1905-1986)

Música

IGOR STRAVINSKY

Cenário

DIMITRI BOUCHENE

Figurinos

DIMITRI BOUCHENE

Estreia absoluta (da versão de SERGE LIFAR)

07.04.1954

ÓPERA DE PARIS (PARIS, FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

24.05.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

Pássaro – PAULA HINTON

Príncipe – MILENKO BANOVIČH

Princesa – CARMEN GALINDO

Feiticeiro – CARLOS FERNANDES

Servos – KIT LETHBY e EXPEDITO SARAIVA

E Conjunto

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 24 Maio de 1969 – XIII Festival Gulbenkian de Música

PISCINA MUNICIPAL (BEJA) – 6 de Junho de 1969

CINE-TEATRO DE S. ANTÓNIO (FARO) – 7 de Junho de 1969

LUANDA (ANGOLA) – 7 de Agosto de 1969

LUANDA (ANGOLA) – 8 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 22 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 23 de Agosto de 1969

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 29 de Agosto de 1969

PASTORAL

Coreografia

ÁGUEDA SENA (1927)

Música

IGOR STRAVINSKY

Cenário e Figurinos

INÊS GUERREIRO, a partir de uma ideia de Águeda Sena.

Estreia absoluta

11.05.1961

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO)

Intérpretes

MARIA ANTONIETA; ISABEL SANTA ROSA; ISABEL RUTH; CARLOS TRINCHEIRAS; JORGE TRINCHEIRAS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 11 de Maio de 1961

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 12 de Maio de 1961

A VOZ DO OPERÁRIO (LISBOA) – 15 de Maio de 1961

ACADEMIA MILITAR (LISBOA) – 16 de Maio de 1961

TEATRO DA OPERÁRIA AMORENSE (AMORA) – 17 de Maio de 1961

ESCOLA NAVAL (LISBOA) – 18 de Maio de 1961

TEATRO DA ACADEMIA DE STº AMARO (LISBOA) – 19 de Maio de 1961

TEATRO BERNARDIM RIBEIRO (ESTROMOZ) – 5 de Junho de 1961

ESCOLA SALESIANA DO ESTORIL (ESTORIL) – 11 de Junho de 1961

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 15 de Julho de 1961

SANTA CASA DA MESERICÓRDA (MANGUALDE) – 6 de Setembro de 1961

PARQUE DA CIDADE (VISEU) – 8 de Setembro de 1961

FESTAS DA CIDADE DE LAMEGO (LAMEGO) – 10 de Setembro de 1961

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 30 de Outubro de 1961

PAWN TO KING 5

Coreografia e Figurinos

JOHN CHESWORTH (193?)

Música

PINK FLOYD

Estreia absoluta

? .11.1968

JEANETTA COCHRANE THEATER

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

13.03.1971

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; SEAN CUNNINGHAM; JOAHNNE O'HARA; CARLOS FERNANDES. PENELOPE WRIGHT; PATRICK HURDE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Março de 1971 – Programa 6

PEEPSHOW

Coreografia e Cenário

WALTER GORE (1910-1979)

Música

JEAN FRANÇAIX

Estreia absoluta

? .06.1952

MERCURY THEATRE (LONDRES)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

26.03.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNNE O'HARA; CARLOS FERNANDES; PATRICK HURDE

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 e 29 de Março de 1966 – Programa 5

PÊNDULO, O (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

RUI PINTO (1967)

Música

ARVO PÄRT, *Cantus in memoriam Benjamin Britten*.

Cenário, Figurinos e Luzes

RUI PINTO

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Intérpretes

CARLOS PRADO (participação especial de JOÃO COSTA).

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997

PERCURSOS

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música Original

HEITOR VILA-LOBOS, *Assobio a jato*.

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

06.11.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO e GER THOMAS

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 11, 12, 13, 14 e 15 de Novembro de 1981 –

Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15, 16, 17 e 18 de Fev. 9, 10 e 11 de Mar. de 1984 –

Programa 2

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 9 de Maio de 1984

KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 22 de Maio de 1984

THEATRE DE LA VILLEN (PARIS, FRANÇA) – 28, 29 e 30 de Maio de 1984

PERCURSOS OSCILANTES

Coreografia

PAULO RIBEIRO (1959)

Música

JOHN LAURIE, NINA SIMONE, HENRY TORGUE e RENÉ AUBRY.

Cenário

VERA CASTRO

Figurinos

VERA CASTRO

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

14.11.1990

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

CLÁUDIA NÓVOA; PASCALE MOSSELMANS; MARIA JOÃO SALOMÃO; ADRIANA QUEIRÓZ. JOSÉ GRAVE; BENVINDO FONSECA; JOÃO AFONSO; FRANCISCO ROUSSEAU; JOÃO MOURO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Novembro de 1990 – [Programa 1](#)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 6 de Fevereiro de 1991 – [Programa 4](#)

PERFIS

Coreografia e Argumento

ANNA MÁSCOLO (1930)

Música

PAUL HINDEMITH

Figurinos e Luzes

JOSÉ LUIZ TINOCO

Estreia absoluta

27.07.1963

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

PARQUE (CALDAS DA RAINHA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE; ALBINO MORAIS; ULRIQUE CALDAS; CARLOS CALDAS; BERNARDETTE PESSANHA; COHEN SARMENTO.

Locais e datas de apresentação

PARQUE (CALDAS DA RAINHA) – 27 de Julho de 1963

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 e 29 de Fevereiro de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 18 de Março de 1964

PAVILHÃO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 22 de Março de 1964 – [VIII Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO DE ALMADA (ALMADA) – 8 de Junho de 1964

ALAMEDA THEATRE (GIBRALTAR) – 8 de Julho de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 22 de Outubro de 1964

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 24 de Abril de 1965

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 10 de Maio de 1965

CASTELO (LEIRIA) – 3 de Junho de 1965 – [IX Festival Gulbenkian de Música](#)

PERGUNTA SEM RESPOSTA

Coreografia

HERVÉ ROBBE (1961)

Música

ANDREA CERA

Figurinos

HERVÉ ROBBE

Desenhos e Luzes

LAURENT MATIGNOM

Estreia absoluta

19.01.2005

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER; SYLVIA RIJMER; LAURA MARÍM; IOLANDA RODRIGUES; TERESA ALVES SILVA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Janeiro de 2005 – [Programa 2](#)

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 28 e 29 de Janeiro de 2005

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 5 de Fevereiro de 2005
 TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO (PORTO) – 17 e 18 de Junho de 2005

PÉRI, A (VII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia e Luzes

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

PAUL DUKAS

Cenário

D'ASSUMPÇÃO

Estreia absoluta

24.05.1963

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA e CARLOS TRINCHEIRAS.

Locais e datas de apresentação

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 24 de Maio de 1963 – [VII Festival Gulbenkian de Música](#)

JARDIM BOTÂNICO (COIMBRA) – 26 de Maio de 1963 – [VII Festival Gulbenkian de Música](#)

CASTELO (LEIRIA) – 28 de Maio de 1963 – [VII Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 e 29 de Fevereiro

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 18 de Março de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 31 de Março de 1964

PERPETUUM

Coreografia

OHAD NAHARIN (1952)

Música

JOHANN STRAUSS II, *Frühlingsstimmen*, Opus 410 (1883); *An der schönen blauen Donau*, Opus 314 (1867); *Ägyptischer Marsch*, Opus 335 (1870); *Eljen a Magyar!*, Opus 332 (1869); *Neue Pizzicato Polka*, Opus 449 (1894); *Wiener Blut*, Opus 354 (1873); *Mein Herr Marquis*, ária da opereta *Die Fledermaus* (1874); *Wiener Bonbons*, Opus 307 (1866).

Cenário

ARIK LEVY

Figurinos

RAKEFET LEVY

Luzes

BAMBI

Assistente de Coreografia

MARI KAJIWARA

Estreia absoluta

13.01.1992

BALLET DU GRAND THÉÂTRE DE GENEVE (SUÍÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

10.11.1999

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

VANESSA CURADO; PAULA FERNANDES; BARBARA GRIGGI; PASCALE MOSSELMANS; CLÁUDIA NÓVOA; PAULA PINTO; ANNE PLAMONDON; MARIÉTTE REDEL; ANA CLÁUDIA RIBEIRO; SANDRA ROSADO; TERESA SIMAS; LINDANOR XAVIER; LEONARDO CENTI; YORKIE CHADWICK; BERNARDO GAMA; HILLEL KOGAN; SONNY LOCSIN; RUI PINTO; CARLOS PRADO; RUI REIS;

FRANCISCO ROUSSEAU; ROMEU RUNA; MÁRIO SANCHEZ; JARDEL DE SOUSA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Novembro de 1999 – [Programa 1](#)

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 19 e 20 de Novembro de

1999

AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 4 e 5 de Dezembro de 1999

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Março de 2001 – Programa 3
GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 30 e 31 de Março de 2001

PERUREIM (MIGALHAS)

Coreografia

ITZIK GALILI (1962)

Música

MICHAEL NYMAN, *Drowning by Numbers*

Cenário

NOAM BEN JACOV

Figurinos

JENNIFER HANNA

Luzes

BENNO VEEN

Estreia absoluta

20.09.1993

SCAPINO BALLET

ROTTERDAMS SCHOUWBURG (ROTTERDÃO, HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

16.11.1994

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE; PAULA FERNANDES; BARBARA GRIGGI; BIRTE LUNDWALL. PASCALE MOSSELMANS; PAULA PINTO; ADRIANA QUEIRÓZ; SANDRA ROSADO; LUIS DAMAS. WILSON DOMINGUES; BENVINDO FONSECA; CÉSAR MONIZ; RUI PINTO. CARLOS PRADO; FILIPE VALLA; RUI REIS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Novembro de 1994 – Programa 1

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Abril de 1996 – Programa 5

DOGANA CONGRESS AUDITORIUM (INNSBRUCK, ÁUSTRIA) – 5 e 6 de Julho de 1996

TEATRO DE LA ZARZUELA (MADRID, ESPANHA) – 9, 10, 11, 12 e 13 de Outubro de 1996

PÉTALAS

Coreografia

BENVINDO FONSECA (1964)

Música

CÉSAR VIANA

Figurinos

JOSÉ ANTÓNIO TENENTE

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

16.11.1994

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

SANDRA ROSADO; ADRIANA QUEIRÓZ; ÂNGELA CLEMENTE; PAULA PINTO; BARBARA GRIGGI.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Novembro de 1994 – Programa 1

PETRUCHKA

Coreografia

MIKHAIL FOKINE (1880-1942)

Remontagem

Goeffrey Davidson

Música

IGOR STRAVINSKY (1882-1971)

Cenário

OCTÁVIO CLÉRIGO, segundo ALEXANDRE BENOIS.

Figurinos

INÊS GUERREIRO, segundo ALEXANDRE BENOIS.

Estreia absoluta

13.06.1911

BALLETS RUSSOS DE SERGE DIAGHILEFF
THÉÂTRE DU CHÂTELET (PARIS, FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

14.03.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Petruchka – PATRICK HURDE

Bailarina – ISABEL SANTA ROSA

Mouro – CARLOS FERNANDES

Mágico – CARLOS TRINCHEIRAS

E *Conjunto*.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Março de 1970 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 7 e 8 de Dezembro de 1970 – Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 23 e 25 de Abril de 1971

PETRUCHKA

Coreografia

MIKHAIL FOKINE (1880-1942)

Remontagem

Yurek Lawovsky

Música

IGOR STRAVINSKY (1882-1971)

Cenário

OCTÁVIO CLÉRIGO, segundo ALEXANDRE BENOIS.

Figurinos

INÊS GUERREIRO, segundo ALEXANDRE BENOIS.

Estreia absoluta

13.06.1911

BALLETS RUSSOS DE SERGE DIAGHILEFF
THÉÂTRE DU CHÂTELET (PARIS, FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

05.01.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Petruchka – PATRICK HURDE

Bailarina – ISABEL SANTA ROSA

Mouro – CARLOS FERNANDES

Mágico – CARLOS TRINCHEIRAS

E *Conjunto*

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 05, 06, 07, 08, 10, 11, 12 e 13 de Janeiro de 1974 –

Programa 3

ACADEMIA MILITAR (LISBOA) – 23 de Novembro de 1975 (*)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 05, 06, 07, 08 e 09 de Janeiro de 1977 – Programa 1

PLACITUDE (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

PAULA PINTO (1966)

Música

NEW YORK JAZZ QUARTET, *Placitude*.

Figurinos

PAULA PINTO

Luzes

MANUEL FERNANDES e PAULA PINTO

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

OLGA RORIZ e BIRTE LUNDWALL

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1983

PLANO PARA IDENTIFICAR O CENTRO (XIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

JOÃO FIADEIRO (1965)

Música

MAXIMALIST, *Kwintet* (excertos) e *Balatum*.

Figurinos

CARLOTA LAGIDO

Luzes

RUI FERNANDES

Intervenção Especial

JOSÉ ZIEGLER RAIMUNDO

Estreia absoluta

28.07.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOÃO FIADEIRO; VERA MANTERO; CLÁUDIA NÓVOA; ANTÓNIO TELES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 e 29 de Julho de 1989

PONTO DE INTERROGAÇÃO (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

VERA MANTERO (1966)

Música

DAVE HOLLAND e MARVIN SMITH, *Walk-a-way*.

Figurinos

VERA MANTERO

Luzes

RUI FERNANDES

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOÃO AFONSO; BIRTE LUNDWALL; CLÁUDIA NÓVOA; RUI REIS; VERA MANTERO. MARIA JOÃO SALOMÃO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 07 e 08 de Agosto de 1987

POR ONDE AS SOMBRAS (VALLEY)

Coreografia

LAR LUBOVITCH (1943)

Música

BEETHOVEN (1770–1827), *Canção Elegíaca Sanft wie du lebstest, Op. 118*.

Assistente de Coreografia

JOHN DAYGER

Estreia absoluta

dia.mes.1979

LAR LUBOVITCH DANCE COMPANY

WHITE MOUNTAIN FESTIVAL (NEW HAMPSHIRE, E.U.A)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

13.05.1981

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; SOREN BACKLUND; COLLEEN O'SULLIVAN; OLGA RORIZ; PALMIRA CAMARGO. ANA RITA PALMEIRIM; EDMUND STRIPE; JOÃO AFONSO; JOÃO COSTA; AGNELO ANDRADE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15, 16 e 17 de Maio de 1981 – Programa 4

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 06 e 07 de Junho de 1981

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 12 de Junho de 1981

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1981

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE FONTELO (VISEU) – 17 de Junho de 1981

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 19 de Junho de 1981

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 22 de Junho 1981

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 01 e 02 de Julho de 1981

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (SESIMBRA) – 01 e 02 de Agosto de 1981

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 06 e 07 de Agosto de 1981

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 08, 09, 12, 13, 14, 15 e 16 de Janeiro de 1982 –

Programa 1

POUCO MENOS QUE TÊ PONTO BÊ PONTO GÊ PONTO SETE SETE BARRA SETE OITO PONTO FINAL PARÁGRAFO (VI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Colagens coreográficas

PEDRO COELHO (1957) e intérpretes.

Música

KRAFTWERK, KISAHISA KATADA, JOHN FIELD, TCHAIKOVSKY e BEETHOVEN.

Luzes

PEDRO COELHO

Estreia absoluta

01.07.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ANGELINA BACELAR; MARIA JOSÉ BRANCO; TERESA CHARTERS; FERNANDO LEONARDO. MIGUEL LYZARRO; JAIR MORAIS; JOÃO NATIVIDADE; OLGA RORIZ

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 01 e 04 de Julho de 1978

PRA LÁ E PRA CÁ

Coreografia

STIJN CELIS (1964)

Concepção

LOUISA LASDUN

Música original

LOUISA LASDUN, *There and Back Again* (1993).

Cenário

STIJN CELIS

Figurinos

PAULA REGO

Luzes

ERIK BERGLUND

Criação do filme de animação em vídeo

TOON VAN ISHOVEN

Adaptação do texto das canções infantis inglesas

JAMES LASDUN

Intérpretes Musicais

CHRISTOPHER ROBSON (Contra-Tenor), YVETTE BONNER (Voz Feminina), ANNE DE DADELSEN (Piano), ARDINA NEHRING | GUNARS LARSENS (Violino), JAN NEHRING | GERHARD PAWLICA (Violoncelo).

Estreia absoluta

11.11.1998

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Jenny Carriça – PAULA VALLE

Aranha – CARLOS PRADO

Mãe – RUI PINTO

Pisco-chilreiro – PASCALE MOSSELMANS

Cuco – BERNARDO GAMA

Cock Robin – MARIO SANCHEZ

Galinha – SANDRA ROSADO

Galo – MIGUEL OLIVEIRA

Gralha – MARIETTE REDEL

Gaio – LEONARDO CENTI

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Novembro de 1998 – Programa 1

1998 GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 21 e 22 de Novembro de

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Junho de 2000 – Programa 4

PRELÚDIO À SESTA DE UM FAUNO

Coreografia

MARIE CHOUINARD (1955)

Música

CLAUDE DEBUSSY, *Prélude à L'après Midi D'un Faune* (1894).

Banda Sonora

JANITORS ANIMATED e SILVY PANET-RAYMOND.

Figurinos

LUC COURCHESNE, LOUIS MONTPETIT e MARIE CHOUINARD.

Desenho de luzes

ALAN LORTIE

Maquilhagem

JACQUES-LEE PELLETIER

Estreia absoluta

?.?.1987

NATIONAL ARTS CENTRE OTTAWA (OTAVA, CANADA)

Versão dançada pelo Ballet Gulbenkian

21.10.1994

COMPANHIA MARIE CHOUINARD

TAIPÉ, TAIWAN

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

5.11.2003

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete

ALLAN FALIERI.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 7 e 8 de Novembro de 2003 – **Programa 1**
 CIN-TEATRO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 15 de Novembro de 2003
 GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 21 e 22 de Novembro de 2003
 2003
 TEATRO NACIONAL S. JOÃO (PORTO) – 18 e 19 de Junho de 2004
 VIELLE CHARITÉ (MARSELHA, FRANÇA) – 2 e 3 de Julho de 2004
 TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO (PORTO) – 18 e 19 de Junho de 2004

PRELÚDIO À SESTA DE UM FAUNO

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

CLAUDE DEBUSSY, *Prélude à L'après Midi D'un Faune* (1894).

Cenário

JOÃO CALVÁRIO, executado por ANTÓNIO MIRANDA.

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

25.01.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BENVINDO FONSECA e VERA MANTERO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Janeiro; 3, 4 e 5 de Fevereiro de 1989 – **Programa 2**

BELGRADO (EX-JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 15 de Maio de 1989

ZAGREB (EX-JUGOSLÁVIA, CROÁCIA) – 18 de Maio de 1989

LIUBLIANA (EX-JUGOSLÁVIA, ESLOVÉNIA) – 22 de Maio de 1989

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO FONTELO (VISEU) – 01 de Junho de 1989

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 07 de Junho de 1989

ECOLE NORMALE (AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA) – 04 de Julho de 1989

SALLE COUVERTE COMPLEXE SPORTIF (CASABLANCA, MARROCOS) – 23 de Outubro de 1989

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Novembro; 01 e 02 de Dezembro de 1989

– **Programa 1**

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 25 de Maio de 1990

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Maio de 1990

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 30 de Maio de 1990

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 01 de Junho de 1990

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE COIMBRA) – 05 de Junho de 1990

TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 08 de Junho de 1990

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 12 de Junho de 1990

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Junho de 1990

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 03 de Julho de 1990

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Março; 1, 2, 3 e 4 de Abril de 1992

– **Programa 1**

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 23 de Abril de 1992

THEATER CASINO (ZUG, SUIÇA) – 04 de Maio de 1992

STADTHOF 11 (ZURIQUE, SUIÇA) – 06 de Maio de 1992

THÉÂTRE DE CROCHETAN (MONTHEY, SUIÇA) – 08 de Maio de 1992

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 23 de Maio de 1992

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 28 de Maio de 1992

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 11 de Junho de 1992

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 27 de Junho de 1992

ANFITEATRO ROMANO DE ITALICA (SEVILHA, ESPANHA) – 03 de Agosto de 1992

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Abril de 1994

MUZIEKTHEATER (AMSTERDÃO, HOLANDA) – 1, 4 e 5 de Maio de 1994

FUNDACIÓ CULTURAL DE LA CAIXA DE TERRASSA (TERRASSA, ESPANHA) – 14 e 15 de Maio de 1994

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 12 de Junho de 1994
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 25 de Junho de 1994
CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 6 de Julho de 1994
TEATRO AVEIRENSE (AVIERO) – 11 de Julho de 1994
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Julho de 1994
TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 18 de Julho de 1994
PRADERA DE SAN MARCOS (SEGÓVIA, ESPANHA) – 26 de Julho de 1994

PRELÚDIO COREOGRÁFICO (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

JOÃO COSTA (1961)

Música

LUCIO DALLA, *Caruso*, interpretado por Lucio Dalla e Luciano Pavarotti.

Figurinos

JOÃO COSTA

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

CARLOS PRADO e WILSON DOMINGUES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 04 e 05 de Junho de 1993

PRESLEY AO PIANO

Concepção e Direcção

OLGA RORIZ (1955) e RICARDO PAIS (1945).

Música

Canções de ELVIS PRESLEY

Figurinos

ANTÓNIO LAGARTO

Luzes

PAULO GRAÇA

Cenografia

ANTÓNIO LAGARTO, Cenário executado por HERNÂNI, RUI MARTINS e ANTÓNIO MIRANDA.

Assistente de Coreografia

CÂNDIDA VIEIRA

Pianista

JOÃO PAULO SOARES

Banda sonora

Concebida por OLGA RORIZ e RICARDO PAIS e realizada por JORGE BARATA.

Técnica vocal e elocução

LUÍS MADUREIRA

Elocução

LUÍS MADUREIRA

Consultor de Karaté

JOÃO COUTINHO

Coordenação de produção

ROSI BURQUETE

Estreia absoluta

08.04.1988

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GER THOMAS e ANGELINA BACELAR; MARGARIDA BETTENCOURT; PALMIRA CAMARGO; PAULA FERNANDES. ELISA FERREIRA; BARBARA GRIGGI; TERESA LOPES; BIRTE LUNDWALL; VERA MANTERO. FILIPA MAYER; CLÁUDIA NÓVOA; ANA RITA PALMEIRIM; PAULA PINTO; ISABEL QUEIRÓZ. OLGA RORIZ; MARIA JOÃO SALOMÃO; PAULA VALLE; JOÃO AFONSO; AGNELO ANDRADE. CARLOS CARVALHO; JOÃO COSTA; LUIS DAMAS; BENVINDO FONSECA; JOSÉ GRAVE;

GAGIK ISMAILIAN; CÉSAR MONIZ; JOÃO MOURO; RUI PINTO; FRANCISCO ROUSSEAU; JOÃO DE SOUSA; ANTÓNIO TELES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 08, 09, 12, 13, 14, 15 e 16 de Abril de 1988 –

Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 08, 09, 10 e 11 de Março de 1989 – **Programa 3**

PRIMEIRO ENCONTRO (II ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

JIM HUGHES (1946 ?)

Música

NORTON SUBOTNIK (excertos de *Touch*).

Estreia absoluta

1.06.1973

BALLET GULBENKIAN

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

PENELOPE WRIGTH e MARK JOHNSON

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 e 2 de Junho de 1973

PROPOSTA PARA UMA COREOGRAFIA (II ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia e Figurinos

ANTÓNIO RODRIGUES (1939)

Música

KAZUO FUKUSHIMA (Hi-ki-yô para flauta, cordas e percussão).

Estreia absoluta

01.06.1973

BALLET GULBENKIAN

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérprete

RICHARD DEUVAUX.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 e 2 de Junho de 1973

PRUMO

Coreografia, desenhos e luzes

HENRIQUE RODOVALHO (1964)

Música Original

HENDRIK LORENZEN

Cenário e Figurinos

SHELL JÚNIOR

Estreia absoluta

23.01.2002

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MAYRA BECKER; BARBARA GRIGGI; SOFIA INÁCIO; ANA CLÁUDIA RIBEIRO; VINCENT COLOMES; BERNARDO GAMA; HILLEL KOGAN; CARLOS PRADO; ROMEU RUNA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23, 24, 25 e 26 de Janeiro de 2002 – **Programa 2**

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 1 e 2 de Fevereiro de 2002
TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 3 e 4 de Maio de 2002
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (PORTIMÃO) – 10 e 11 de Maio de 2002
CINE-TEATRO JOÃO V (AMADORA) – 17 e 18 de Maio de 2002
VIEHAUKTIONSHALLE (WEIMAR, ALEMANHA) – 31 de Agosto e 1 de Setembro de 2002
TEATRO VIRIATO (VISEU) – 11 e 12 de Outubro de 2002
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 e 31 de Outubro, 1 e 2 de Novembro de 2002 –

Programa 1

TEATRO NACIONAL DA CROÁCIA (ZAGREB, CROÁCIA) – 12 de Abril de 2003
TEATRO MUNICIPAL DE KOUPIO (KOUPIO, FINLÂNDIA) – 12 e 13 de Junho de 2003

PSAPPHA

Coreografia

MAURO BIGONZETTI (1960)

Música

IANNIS XENAKIS

Figurinos

KRISTOPHER LILLAR e LOUIS SWANDALE.

Desenhos e luzes

CARLO CERRI

Assistente de Coreografia

THIBAUT CHERRADI

Estreia absoluta

14.10.2001

ATERBBALLETO

TEATRO ARISTO (REGGIO EMILIA, ITÁLIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

17.01.2003

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ALLAN FALIERI; BERNARDO GAMA; BRUNO GUILLORÉ; JOSEP HUMET; ABINE LEÃO KA. HILLEL KOGAN; SÉBASTIAN MARÍ; RUI PINTO; CARLOS PRADO; RUI REIS; ROMEU RUNA. JERMINE MAURICE SPIVEY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 17, 18, 22, 23, 24 e 25 de Janeiro de 2003 –

Programa 3

CINE-TEATRO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 2003

PSYCHÉ

Coreografia

NINI THEILADE (1915–2003)

Música original

CESAR FRANCK (1822–1890)

Cenário

KNUD SONDERLUND

Figurinos

TONE BONNEN

Estreia absoluta

1936

ROYAL DANISH BALLETT

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

14.01.1967

BALLETT GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

Psyché – ISABEL SANTA-ROSA.

Eros – CARLOS TRINCHEIRAS.

Afordite – BERNARDETTE PESSANHA.

Zéfiro – PATRICK HURDE.

Hades – CARLOS FERNANDES.

Duas Irmãs de Psyché – INÊZ PALMA e SASHA LORD.

Faunos – PATRICK HURDE, CARLOS FERNANDES, ALBINO MORAIS, CARLOS CALDAS; ANTÓNIO RODRIGUES.

Dríades – JOAHNNE O'HARA, MARTA ATAÍDE, ROSÁRIO LAPA, ULRICA CALDAS, CÉLIA VIEIRA; RAQUEL ROBY, CARMEN ROCHE.

Servas de Afrodite – ISABEL QUEIRÓZ, ELOISA GARCIA, ANTONIETA RIBEIRO, CARLOS CALDAS; ALBINO. MORAIS, ANTÓNIO RODRIGUES.

Zéfiros – CARLOS FERNANDES, CARLOS CALDAS, ALBINO MORAIS, ANTÓNIO RODRIGUES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 14, 16 e 17 de Janeiro de 1967 – Programa 1

PULCINELLA

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

IGOR STRAVINSKY, *Pulcinella* segundo PERGOLESI.

Figurinos

IKA SKOMRL

Estreia absoluta

7.02.1985

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Pulcinella – JOSÉ GRAVE.

Isabella – ISABEL QUEIRÓZ.

Lélio – FRANCISCO ROUSSEAU.

Laura – ELISA FERREIRA.

Capitão – JOÃO AFONSO.

Zanina – MARGARIDA BENTTENCOURT.

ANGELINA BACELAR; PAULA FERNANDES; PAULA PINTO; FILIPA MAYER. CARLOS CARVALHO; LUÍS DAMAS; JOÃO MOURO; ANTÓNIO TELES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 07, 08, 09, 21, 22, 23 e 24 de Fevereiro de 1985 –

Programa 3

AUDITÓRIO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 19 de Junho de 1985

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 20 de Junho de 1985

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 26 e 27 de Junho de 1985

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Julho de 1985

QUADROS SOLTOS

Coreografia

WALTER GORE (1910–1979)

Música

RUDOLF MAROS (1917–1982)

Cenário

WALTER GORE

Figurinos

WALTER GORE

Cenografia

WALTER GORE

Estreia absoluta

28.08.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM)

Intérpretes

PAULA HINTON; PATRICK HURDE; JOAHNNE O'HARA; CARLOS FERNANDES; SACHA LORD e EXPEDITO SARAIVA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 28 de Agosto de 1967

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 29 de Agosto de 1967

ABRANTES – 12 de Setembro de 1967

POLITEAMA (LISBOA) – 1, 2e 3 de Abril de 1968 – Programa 5

QUASE

Coreografia

RUI LOPES GRAÇA (1964)

Música Original e Arranjos

PEDRO PAIXÃO e FERNANDO RIBEIRO (MOONSPELL).

Espaço Cénico e Figurinos

VERA CASTRO

Desenhos e Luzes

JORGE RIBEIRO

Montagem de Vídeo

PEDRO PAIVA

Rosto na Projecção

DANIELA COSTA

Estreia absoluta

19.01.2005

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

SÃO CASTRO; SÍLVIA RIJMER; SANDRA ROSADO; ANA SENDAS; ALLAN FALIERI; BRUNO GUILLORÉ; ROMEU RUNA; JERMINE MAURICE SPIVEY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO BALLET GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Janeiro de 2005 –

Programa 2

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 28 E 29 DE JANEIRO DE 2005

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 5 de FEVEREIRO de 2005

QUATRO ÁRIAS DE ÓPERA

Coreografias

JOÃO FIADEIRO (1965)

VERA MANTERO (1966)

CLARA ANDERMATT (1963)

PAULO RIBEIRO (1959)

Música

FRANCESCO CILEA (ária *Poveri Fiori* da ópera *Adriana Lecouvreur*), WOLFGANG AMADEUS MOZART (ária *Vedrai Carino* da ópera *Don Giovanni*), GEORG FRIEDERICH HAENDEL (ária *Privarmi ancora* da ópera *Flavio, Re da Longobardi*), GIUSEPPE VERDI (ária *Ella giammai m'amò!* da ópera *Don Carlo*).

Cenário

ÁLVARO SIZA VIEIRA

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

20.03.1996

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Andamento I – BARBARA GRIGGI.

Andamento II – TERESA LOPES, BIRTE LUNDWALL, ADRIANA QUEIRÓZ, PAULA VALLE.

Andamento III – ÂNGELA CLEMENTE, PAULA FERNANDES, CLÁUDIA NÓVOA, ADRIANA QUEIRÓZ. SANDRA ROSADO, PAULA VALLE, LUIS DAMAS, CÉSAR MONIZ, CARLOS PRADO. FILIPE VALLA.

Andamento IV – RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Março de 1996 – Programa 3

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 17 de Junho de 1996

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 18 de Junho de 1996

QUATRO FADINHAS DO APOCALIPSE, AS (XIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia e Figurinos

VERA MANTERO (1966)

Luzes

RUI FERNANDES

Estreia absoluta

28.07.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA FERNANDES, ANGELINA BACELAR, TERESA LOPES, CLÁUDIA NÓVOA

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 e 29 de Julho de 1989

QUE LOUCOS QUE SOMOS!... TU NÃO ÉS? (VI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

OLGA RORIZ (1955) com colaboração de GAGIK ISMAILIAN (1959).

Música

VANGELIS

Luzes

JOSÉ MARQUES

Diapositivos

VASARELY

Estreia absoluta

30.06.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Adolescente – JOÃO NATIVIDADE.

Sociedade – PEDRO COELHO, MARIA JOÃO SALOMÃO, ANA RITA PALMEIRIM, STEPHEN WARD; WANDA FRANÇA¹, MARIA DE FREITAS BRANCO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 de Junho e 03 de Julho de 1978

QUEBRA-NOZES (CASSE NOISETTES) II ACTO

Coreografia

Versão de NORMAN DIXON (1926), segundo o original de LEV IVANOV (1934-1901)

Música

PIOTR I. TCHAIKOVSKY

Estreia absoluta

18.12.1892

TEATRO MARYNSKY (SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

24.12.1961

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA)

¹ Artista convidada.

Intérpretes

Fada do Açúcar – ISABEL SANTA ROSA

Príncipe – CARLOS TRINCHEIRAS

Clara – MARIA MANUELA¹

ISABEL RUTH; JULIE RIBEIRO; CÉLIA VIEIRA; ALBINO MORAIS;

BERNARDETTE PESSANHA; INÊS PALMA; NORMAN DIXON; CARLOS MENDONÇA.

MANUEL VALADAS; OLGA MARIA; MARTA ATAÍDE; ISABEL QUEIRÓZ e SUZANA COIMBRA²

Locais e datas de apresentação

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 22, 23, 24, 25 e 31 de Dezembro de 1961 e 1 de Janeiro de 1962

SOCIEDADE INCRIVEL ALMADENSE (ALMADA) – 2, de Abril de 1962

TEATRO GARCIADA REZENDE (ÉVORA) – 4 de Abril de 1962

SOCIEDADE GUILHERME COSSOUL (LISBOA) – 6 de Abril de 1962

ESCOLA NAVAL (PAÇO DE ARCOS) – 11 de Abril de 1962

A VOZ DO OPERÁRIO (LISBOA) – 13 de Abril de 1962

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 2 de Maio de 1962

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 3 de Maio de 1962

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 4 de Maio de 1962

CASINO PENINSULAR (FIGUEIRA DA FOZ) – 6 de Maio de 1962 (dançou-se apenas o *Grand Pas-de-Deux*).

ESTUFA FRIA (LISBOA) – 17 de Maio de 1962

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 1 de Junho de 1962

PAVILHÃO DOS DESPORTOS (LISBOA) – 15 de Junho de 1962

SPORT ALGÉS E DAFUNDO (OEIRAS) – 22 de Junho de 1962

FESTAS DE SÃO JOÃO (BRAGA) – 24 de Junho de 1962

CONVENTO DE S. CLARA (GUIMARÃES) – 14 de Julho de 1962

PARQUE S. CRUZ (COIMBRA) – 15 de Julho de 1962

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 23 de Julho de 1962

ESTUFA FRIA (LISBOA) – 30 de Julho de 1962

ESTUFA FRIA (LISBOA) – 17 de Agosto de 1962

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 22 de Fevereiro de 1963

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 9 de Março de 1963

ACADEMIA MILITAR (LISBOA) – 23 de Novembro de 1975 (dançou-se apenas o *Grand Pas-de-Deux*).

QUEBRA-NOZES (CASSE NOISETTES)

Coreografia

Versão de ANTON DOLIN (1904-1983), segundo o original de LEV IVANOV (1934-1901)

Coreografia do *Grand Pas de Deux* de LEV IVANOV.

Música

PIOTR I. TCHAIKOVSKY

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

18.12.1892

TEATRO MARYNSKY (SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

02.01.1971 (versão integral)

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Fada do Açúcar – ISABEL SANTA ROSA, MARGERY LAMBERT, ANTOINETTE SIBLEY (Artista Convidada); JOAHNE O'HARA.

¹ Estudante do Curso Especial para Bailarinos do CPB.

² Estudantes do Curso Especial para Bailarinos do CPB.

Príncipe – JOHN GILPIN (Artista Convidado), ARMANDO JORGE, GER THOMAS, PATRICK HURDE.
Conjunto – COMPANHIA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO DE ALMADA (ALMADA) – 8 de Junho de 1964 (dançou-se apenas o *Grand Pas-de-Deux*).

ALAMEDA THEATRE (GIBRALTAR) – 8 de Julho de 1964 (dançou-se apenas o *Grand Pas-de-Deux*).

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11 e 12 de Janeiro de 1971 –

Programa 1

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Abril de 1971

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 25 de Abril de 1971

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 de Abril de 1971

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25 de Maio de 1971 – **Programa 7**

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE COIMBRA – 15 de Junho de 1971

FIGUEIRA DA FOZ – 17 de Junho de 1971

AVEIRO – 18 de Junho de 1971

PÓVOA DO VARZIM – 19 de Junho de 1971

NOVA LISBOA (ANGOLA) – 2 e 3 (15H30) de Julho de 1971 *

NOVA LISBOA (ANGOLA) – 3 de Julho de 1971 (21h30) *

BENGUELA (ANGOLA) – 6 de Julho de 1971 *

LUANDA (ANGOLA) – 12 de Julho de 1971 *

LUANDA (ANGOLA) – 14 de Julho de 1971 *

LUANDA (ANGOLA) – 16 de Julho de 1971 *

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 21 de Julho de 1971 *

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 25 de Julho de 1971 *

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 29 de Julho de 1971 *

NAMPULA (MOÇAMBIQUE) – 3 de Agosto de 1971 *

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20, 21, 26, 27, 28, 29 e 30 de Dezembro de 1971 – **Programa 3**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Dezembro de 1975; 02, 03 e 04 de Janeiro de 1976 – **Programa 2**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23, 27, 28, 29, 30 e 31 de Dezembro de 1977; 02, 03, 04 e 05 de Janeiro de 1978 – **Programa 3**

* 2.º Acto

QUEENS OF GOLUB/ BLACK MILK

Coreografia

OHAD NAHARIN (1952)

Música

A – Excertos de *Queens of Golub* – ARVO PÄRT, *Fratres*.

B – *Black Milk* – PAUL SMADBECK, *Étude n.º 3* para Marimba e *Rhythm Song* para uma ou mais marimbas

Figurinos

RAKEFET LEVY

Luzes

BAMBI

Assistente de Coreografia

MARI KAJIWARA

Estreia absoluta

QUEENS OF GOLUB – 1989

NEDERLANDS DANS THEATER

BLACK MILK

KIBBUTZ DANCE COMPANY – 1985 (uma primeira versão para um elenco feminino)

BATSHEVA DANCE COMPANY – 1991 (a versão actual dançada posteriormente pelo Ballet Gulbenkian)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

20.01.1999

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

I – SANDRA ROSADO; COLETTE MAYNARD; TERESA SIMAS; PASCALE MOSSELMANS.

II – PAULA FERNANDES; PAULA PINTO; LINDANOR XAVIER; ÂNGELA CLEMENTE.

III – LEONARDO CENTI; MÁRIO SANCHEZ; RUI PINTO; YORKIE CHADWICK; MIGUEL OLIVEIRA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Janeiro de 1999 – Programa 2

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 9 e 10 de Abril de 1999

TEATRO NACIONAL (ZAGREB, CROÁCIA) – 22 e 23 de Abril de 1999

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 15 e 16 de Maio de 1999

CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA) – 18 e 19 de Maio de 1999

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 22 e 23 de Maio de 1999

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 e 5 de Junho de 1999

PAVILHÃO DESPORTIVO DA ESCOLA TEIXEIRA GOMES (PORTIMÃO) – 18 e 19 de Junho de 1999

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 1 de Julho de 1999

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 3 e 4 de Julho de 1999

CINE-TEATROLÚISA TODI (SETÚBAL) – 6 de Julho de 1999

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 9, 10 e 11 de Julho de 1999

ESTORIL – 12 de Julho de 1999

AUDITÓRIO MUNICIPAL PARQUE PALMELA (CASCAIS) – 15 e 16 de Julho de 1999

CENTRO CULTURAL DE MACAU (MACAU) – 15 de Outubro de 1999

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Novembro de 1999 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 19 e 20 de Novembro de

1999

RASSEMBLEMENT

Coreografia

NACHO DUATO (1957)

Música

TOTO BYSSAINTHE, *Soley Danmbalab, Papaloko, Dey, Papadanmbalah e Rassemblement.*

Cenário

WALTER NOBBE

Figurinos

NACHO DUATO

Luzes

NICOLÁS FISCHTEL

Assistente de Coreografia

HILDE KOCH

Estreia absoluta

27.02.1990

CULLBERG BALLET (ÖREBRO, SUÉCIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

22.01.1997

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA PINTO; BARBARA GRIGGI; CLÁUDIA NÓVOA; ADRIANA QUEIRÓZ; BENVINDO FONSECA.

RUI REIS; CÉSAR MONIZ; JAN KODET.

Soldados – CARLOS PRADO, LUIS DAMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22, 23, 24 e 25 de Janeiro de 1997 – Programa 2

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Maio de 1997 – Programa 4

AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 31 de Maio e 01 de Junho de 1997

MUSICAL THEATER DER MESSE BASEL (BASILEIA, SUÍÇA) – 16 de Setembro de 1997

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Novembro de 1998 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 21 e 22 de Novembro de

1998

AUDITÓRIO DO FORUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA (ALMADA) – 5 de Dezembro de 1998

RAYMONDA (DIVERTIMENTO)

Coreografia

MARIUS PETIPA (1818-1910), remontado por ARMANDO JORGE (1938).

Música original

ALEXANDRE GLAZUNOFF

Estreia absoluta

07.01.1898

TEATRO MARYINSKY (SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

14.03.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ULRICA CALDAS; ISABEL QUIEROZ; SOREN BACKLUND; GER THOMAS; CARMEN GALINDO. HELEN McKERGOW; CARLOS CALDAS; DAVID HYGH; HELENA LOZANO; ELISA WORM. SANSON CANDELARIA; VASCO WILLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Março de 1970 – Programa 3

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 25 de Abril de 1970

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 27 de Abril de 1970

LUANDA (ANGOLA) – 15 de Junho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 23 de Junho de 1971

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 13 de Julho de 1975

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 25 e 26 de Julho de 1975 –

Programa de Verão 1

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Julho de 1975 –

Programa de Verão 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 1976 –

Programa 3

RECORDANDO (V ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

JORGE TRINCHEIRAS (1939-1991)

Música Original

GUSTAV MAHLER, *Oft denk'ich, sie sind nur ausgegangen* das *Canções das Crianças Mortas*.

Cantora

DULCE CABRITA

Pianista

FILIFE DE SOUSA

Estreia absoluta

14.07.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérprete

JORGE TRINCHEIRAS

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1977

REENCONTRO (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

RUI PINTO (1967)

Música

EDWARD ELGAR, *Nimrod* de *Enigma Variations* e MEREDITH MONK, *Chinook Whispers*.

Figurinos

RUI PINTO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

26.01.1994

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

RUI PINTO (Com a participação especial de JOSÉ ZIEGLER RAIMUNDO)

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 5 de Junho de 1993 – **XV Estúdio Coreográfico**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Janeiro de 1994 – **Programa 2**

CINE-TEATRO ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Abril de 1994

MUZIEKTHEATER (AMSTERDAM, HOLANDA) – 1, 4 e 5 de Maio de 1994

FUNDACIÓ CULTURAL DE LA CAIXA DE TERRASSA (TERRASSA, ESPANHA) – 14 e 15 de Maio de

1994

TEATRO NACIONAL S. JOÃO (PORTO) – 27, 28 e 29 de Maio de 1994

CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 11 de Junho de 1994

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 24 de Junho de 1994

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 14 de Julho de 1994

PRADERA DE SAN MARCOS (SEGÓVIA, ESPANHA) – 25 de Julho de 1994

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22, 23, 24 e 25 de Março de 1995 – **Programa 4**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Março de 1996 – **Programa 3**

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8 e 9 de Junho de 1996

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 14 de Junho de 1996

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 15 de Junho de 1996

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 17 de Junho de 1996

CINE-TEATRO DE SANTO ANTÓNIO (FARO) – 21 de Junho de 1996

CINE-TEATRO DE SANTO ANTÓNIO (FARO) – 22 de Junho de 1996

CINE-TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 26 de Junho de 1996

REGRESSO A UMA TERRA ESTRANHA

Coreografia

JIRÍ KYLIÁN (1947)

Música

LEOS JANACEK (1854-1928)

Direcção de ensaios

DAVID SUTHERLAND

Pianista convidada

TANIA ACHOT

Estreia absoluta

1973

NEDERLANDS DANS THEATER

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

04.04.1984

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Trio – JOSÉ GRAVE, PAULA VALLE, CARLOS CARVALHO.

Dueto – ÂNGELA CLEMENTE, GAGIK ISMAILIAN.

Dueto – PAULA VALLE e JOSÉ GRAVE.

Trio – GAGIK ISMAILIAN, ÂNGELA CLEMENTE, FRANCISCO ROUSSEAU.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4, 5, 6 e 7 de Abril de 1984 – **Programa 3**

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 8 de Maio de 1984
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 9 de Maio de 1984
 KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 22 de Maio de 1984
 THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA) – 28, 29 e 30 de Maio de 1984
 AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 13 e 14 de Junho de 1984
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9, 21, 22, 23 e 24 de Fevereiro de 1985 –

Programa 3

TEATR WIELKI (VARSÓVIA, POLÓNIA) – 29 de Maio de 1985
 TEATR WIELKI W LODZI (LODZ, POLÓNIA) – 8 de Junho de 1985
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 26 e 27 de Junho de 1985
 CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 1 de Agosto de 1985
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 13 e 14 de Fevereiro de 1987 – **Programa 4**

REQUIEM (IV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música Original

TORU TAKEMITSU (1930-1996)

Luzes

VASCO WELLENKAMP

Colaboração plástica

EMÍLIA NADAL

Estreia absoluta

15.07.1976

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; HELENA LOZANO; MARGARIDA DE MELO; ANA RITA PALMEIRIM. EXPEDITO SARAIVA; ERICH PAYER; JOÃO NATIVIDADE; ANTÓNIO LAGINHA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15 e 16 de Julho de 1976

RESSACA, A

Coreografia

NINI THEILADE (1915-2003)

Música

CARL NIELSEN (1865-1931)

Argumento, Cenário e Figurinos

SUSANNE OLAF NIELSEN

Estreia absoluta

01.04.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

Ana, uma rapariga – ISABEL QUEIRÓZ.

Duplo de Ana (no início do 2.ª cena) – ULRICA CALDAS.

Anders, noivo de Ana – JACQUES SAUSIN.

Niels, irmão de Anders – CARLOS CALDAS.

Marie, mãe de Ana – BERNARDETTE PESSANHA.

Padre – JOHN AULD.

Amigos de Ana – MARTA ATAÍDE; SASHA LORD; CÉLIA VIEIRA; CARLOS FERNANDES; JORGE TRICHEIRAS. ANTÓNIO RODRIGUES; INEZ PALMA; RAQUEL ROBY.

Pescadores – INEZ PALMA; RAQUEL ROBY; CARMEN GALINDO; CECÍLIA POTIER; MARIA BESSA. CRISTINA MIÑANA; LÚCIA LOZANO; ELIZABETH GUERREIRO; ALBINO MORAIS. VASCO WELLENKAMP; EXPEDITO SARAIVA; JOSÉ FERNANDES.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 1, 2 e 3 de Abril de 1968 – **Programa 5**

REUNION IN PORTUGAL

Coreografia

LOUIS FALCO (1942-1993)

Música

KURT WEILL (1900-1950), *Suite de Die Dreigroschenoper* (1928).

Cenário

ROCCO BUFANO, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

ROCCO BUFANO

Luzes

ORLANDO WORM

Assistente de Cenografia e Figurinos

LUCIA GANCI

Estreia absoluta

25.05.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

António, um homem de meia idade – GAGIK ISMAILIAN

Elena, mulher de António – OLGA RORIZ

Anna, mãe de António – ELISA FERREIRA

Orlando, pai de António – JOSÉ GRAVE

Nina, irmã de António – BIRTE LUNDWALL

Emma, amante de António – ISABEL QUEIRÓZ

Angela, confessora de António – ANA RITA PALMEIRIM

Sebastian, confidente de António – EDMUND STRIPE

Sisang, inimiga de António – MARGARIDA BETTENCOURT

Mário, competidor de António – AGNELO ANDRADE

Camaradas de António:

Enrico – FRANCISCO ROUSSEAU; *Riccardo* – JOÃO AFONSO; *Cláudio* – CARLOS CARVALHO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25 e 26 de Maio de 1983 – I Festival Inter.de Música de Lisboa

SADLER'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 7, 9 e 10 de Junho de 1983

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 17 de Junho de 1983

TEATRE GREC DE MONTJUÏC (BARCELONA, ESPANHA) – 25 e 26 de Julho de 1983

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 18 e 19 de Outubro de 1983

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 e 22 de Outubro de 1983

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 25 e 26 Outubro de 1983

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9 e 10 de Dezembro de 1983; 05, 06 e 07 de

Janeiro de 1983 – **Programa 1**

RITMO VIOLENTO

Coreografia

NORMAN DIXON (1926)

Música

JOHNNY DIXON

Cenário e Figurinos

STANLEY HOUGHTON

Estreia absoluta

01.05.1961

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet de CPB)

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO)

Intérpretes

A Mãe – BERNARDETTE PESSANHA

O Filho – JORGE TRINCHEIRAS

A Irmã – ISABEL RUTH
O Antigo Namorado – CARLOS TRINCHEIRAS
O Novo Namorado – ALBINO MORAIS
O Grupo – ISABEL SANTA ROSA, MANUELA VARELA CID, MARIA ANTONIETA, VERA RIBEIRO DA SILVA; CARLOS CALDAS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 11 de Maio de 1961
 TEATRO AVEIRENSE (AVERIRO) – 12 de Maio de 1961
 ACADEMIA MILITAR (LISBOA) – 16 de Maio de 1961
 ESCOLA NAVAL (LISBOA) – 18 de Maio de 1961
 TEATRO DA ACADEMIA DE ST.º AMARO (LISBOA) – 19 de Maio de 1961
 TEATRO BERNARDIM RIBEIRO (ESTREMOZ) – 5 de Junho de 1961
 PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 15 de Julho de 1961
 SANTA CASA DA MESERICÓRDIA (MANGUALDE) – 6 de Setembro de 1961
 PARQUE DA CIDADE (VISEU) – 8 de Setembro de 1961
 FESTAS DA CIDADE (LAMEGO) – 10 de Setembro de 1961
 TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 30 de Outubro de 1961
 SOCIEDADE INCRIVEL ALMADENSE (ALMADA) – 2, de Abril de 1962
 ÉVORA – 4 de Abril de 1962
 SOCIEDADE GUILHERME COSSOUL (LISBOA) – 6 de Abril de 1962
 ESCOLA NAVAL (PAÇO DE ARCOS) – 11 de Abril de 1962
 A VOZ DO OPERÁRIO (LISBOA) – 13 de Abril de 1962
 TEATRO AVEIRENSE (AVERIRO) – 4 de Maio de 1962
 CASINO PENINSULAR (FIGUEIRA DE FOZ) – 6 de Maio de 1962
 ESTUFA FRIA (MAFRA) – 17 de Maio de 1962
 TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 1 de Junho de 1962
 PAVILÃO DOS DESPORTOS (LISBOA) – 15 de Junho de 1962
 SPORT ALGÉS E DAFUNDO (OEIRAS) – 22 de Junho 1962
 FESTAS DE SÃO JOÃO (BRAGA) – 24 de Junho 1962

RITUAL DE SOMBRAS

Coreografia

JOHN BUTLER (1918-1993)

Música original

W. KOTOUSKY, Z. KRAUZE, W. SZALONEK, A. DOBROWLSKY, K. SEROCKI

Cenário

ARTUR ROSA

Figurinos

ARTUR ROSA

Estreia absoluta

01.06.1971

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; GER THOMAS; GRAÇA BARROSO; MICHELE RAMBOLD; RICHARD DEVAUX; BRENDA AREVALO; SEAN CUNNINGHAM; DORIS MENGUS; COLLEN O'SULLIVAN; SASHA LORD. ISABEL ARBUÉS; REYES DE LARA; CARLOS CALDAS; VLADO PILINGER; JIM HUGHES; STEPHEN WARD. MIGUEL LYZZARRO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1 de Junho de 1971 – Programa 8

LUANDA (ANGOLA) – 15 de Julho de 1971

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 24 de Julho de 1971

NAMPULÁ (MOÇAMBIQUE) – 4 de Agosto de 1971

BLANTYRE (ÁFRICA) – 12 de Agosto de 1971

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro e 01 de Fevereiro de 1972 –

Programa 4

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 29 de Julho de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 6 de Agosto de 1972
GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES (BELO HORIZONTE, BRASIL) – 13 de Agosto de 1972
SALA MATINS PENA (BRASÍLIA, BRASIL) – 19 de Agosto de 1972
TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR DA BAIA, BRASIL) – 26 de Agosto de 1972
TEATRO SANTA ISABEL (RECIFE, BRASIL) – 1 de Setembro de 1972

RITUAL UM (I ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia, Figurinos

JIM HUGHES (1946?)

Música

CONSTANÇA CAPDEVILLE (1937-1992)

Estreia absoluta

01.05.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

11.03.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

REYES DE LARA e JIM HUGHES

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 de Maio de 1972 – I Estúdio Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Março de 1973 – Programa 5

RITUS (XIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

PAULA PINTO (1966)

Música

INÊS MARTINS, interpretada por Inês Martins (voz) e José Salgueiro (percussão).

Cenário

VICTOR XAVIER

Figurinos

PAULA PINTO

Luzes

ISABEL WORM

Estreia absoluta

28.07.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

LUIS DAMAS; BENVINDO FONSECA; RUI PINTO; PAULA PINTO

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 e 29 de Julho de 1989

RODEAR (VIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS FERNANDES (1939)

Música Original

MAURICE RAVEL, *Concerto para a mão esquerda*.

Luzes

BESSA BRANDÃO

Figurinos

CARLOS FERNANDES

Estreia absoluta

04.07.1980

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE; CARLOS CARVALHO; ANTÓNIO TELES; CARLOS CALDAS; JOÃO COSTA. AGNELO ANDRADE; PEDRO CARNEIRO.¹

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 de Julho de 1980

ROSA ROSAE

Coreografia

CÉSAR MONIZ (1963)

Música

PHILIP GLASS, excertos de *Glass Works (Opening e closing)* e *Songs from the Liquid Days (Lightning e Open the Kingdom)*

Cenário

JOSÉ COSTA REIS, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

JOSÉ COSTA REIS

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

13.07.1988

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ANGELINA BACELAR; PALMIRA CAMARGO; PAULA FERNANDES; ELISA FERREIRA; BARBARA GRIGGI; TERESA LOPES; BIRTE LUNDWALL; FILIPA MAYER; CLÁUDIA NÓVOA; ANA RITA PALMEIRIM. ISABEL QUEIRÓZ; OLGA RORIZ; MARIA JOÃO SALOMÃO; PAULA VALLE; AGNELO ANDRADE. CARLOS CARVALHO; JOÃO COSTA; LUIS DAMAS; BENVINDO FONSECA; JOSÉ GRAVE; JOÃO MOURO. RUI PINTO; FRANCISCO ROUSSEAU; JOÃO DE SOUSA; ANTÓNIO TELES.

Participação especial

FERNANDO SIMÃO e JOÃO DANIEL.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Julho de 1988 – Programa 4

ROSA SEM PORQUÊ

Coreografia

RUI PINTO (1967)

Música

HECTOR BERLIOZ, *Le Spectre de la Rose* do ciclo *Nuits d'Été*.

Cenário

RUI PINTO

Figurinos

RUI PINTO

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

29.07.1995

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Estreia da nova versão e integração na temporada oficial da Companhia

31.01.1996

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

RUI PINTO

Locais e datas de apresentação

¹ Artista convidado.

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Julho de 1995 – Programa 5 – Projecto 95/96

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 31 de Janeiro; 1, 2 e 3 de Fevereiro de 1996 – Programa 2

SABAT DAS BRUXAS (I ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia, Figurinos

SEAN CUNNINGHAM (1946-2008)

Música

BÉLA BARTOK

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

01.05.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

MICHÈLE RIMBOLD; REYES DE LARA; DEBORAH HESS

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 de Maio de 1972

SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA, A

Coreografia

JOSEPH RUSSILLO (1938)

Música

IGOR STRAVINSKY (1882-1971)

Figurinos

RENAUD SANSON

Assistente do figurinista

GHISLAINE DUCERF

Estreia absoluta

1979

BALLET-THÉÂTRE JOSEPH RUSSILLO (LENINEGRADO, RÚSSIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

16.04.1980

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

O Sacerdote – GER THOMAS.

A Eleita – OLGA RORIZ.

O Eleito – GAGIK ISMAILIAN.

A Tribo – COLLEEN O'SULLIVAN, BIRTE LUNDWALL, PALMIRA CAMARGO, LUÍSA DUARTE; ELISA FERREIRA, ANA RITA PALMEIRIM, ANGELINA BACELAR, MARIA DE FREITAS BRANCO; MARIA JOÃO SALOMÃO, BERENICE KEATES, DAVID HYGH, MIKIO IKEHATA; JOÃO NATIVIDADE, HUGH CRAIG, MARK ELIE, JOÃO AFONSO, CARLOS CARVALHO; JOÃO COSTA, JOÃO MOURO, AGNELO ANDRADE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18, 19 e 20 de Abril de 1980 – Programa 3

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 13 de Maio de 1980

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 15 de Maio de 1980

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VILA REAL) – 17 de Maio de 1980

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 20 de Maio de 1980

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 21 de Maio de 1980

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 23 de Maio de 1980

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 24 de Maio de 1980

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 27 de Maio de 1980

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8, 9 e 10 de Junho de 1980

CASTELO (SILVES) – 10 de Julho de 1980

CASTELO (SILVES) – 11 de Julho de 1980

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 12 de Julho de 1980

MARINA DE VILAMOURA (VILAMOURA) – 16 de Julho de 1980
 MARINA DE VILAMOURA (VILAMOURA) – 17 de Julho de 1980
 CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 22 e 23 de Julho de 1980
 GIMNODESPORTIVO DE SESIMBRA (SESIMBRA) – 25 de Julho de 1980
 GIMNODESPORTIVO DE SESIMBRA (SESIMBRA) – 26 de Julho de 1980

SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA, A

Concepção, Coreografia e Desenho de luzes

MARIE CHOUINARD (1955)

Música

ROBER RACINE (*Signatures soneres*) e IGOR STRAVINSKI (*Le Sacre du Printemps*)

Figurinos

LIZ VANDAL

Adereços

ZAVEN PARÉ

Maquilhagem

JACQUES-LEE PELLETIER

Desenho de penteados

DANIEL ÉTHIER

Direcção de ensaios

PASCALE MOSSELMANS e VÍTOR GARCIA.

Estreia Absoluta

18.06.1993

COMPANHIA MARIE CHOUINARD

NATIONAL ARTS CENTER (OTAVA, CANADÁ)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

05.11.2003

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MÓNICA GOMES, ANA CLÁUDIA RIBEIRO, SYLVIA RIJMER, IOLANDA RODRIGUES, SANDRA ROSADO, TERESA SIMAS, JORDI ALGUACIL, ALLAN FALIERI, LUÍS GUERRA, BRUNO GUILLORÉ, SÉBASTIEN MARI, ROGER VAN DER POEL, CARLOS PRADO, RUI REIS, LUIS ALBERTO RODRIGUEZ, ROMEU RUNA, JERMAINE MAURICE SPIVEY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 7 e 8 de Novembro de 2003 – Programa 1

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 15 de Novembro de 2003

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 21 e 22 de Novembro de

2003

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 11 e 12 de Junho de 2004

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO (PORTO) – 18 e 19 de Junho de 2004

AUDITÓRIO GALICIA (SANTIAGO DE COMPOSTELA, ESPANHA) – 22 e 23 de Junho de 2004

VIELLE CHARITÉ (MARSELHA, FRANÇA) – 2 e 3 de Julho de 2004

CENTRO DE ARTES E ESPECTÁCULOS (FIGUEIRA DA FOZ) – 30 de Julho de 2004

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Março de 2005 – Programa 3

TEATRO GRACIA DE REZENDE (ÉVORA) – 1 e 2 de Abril de 2005

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 8 e 9 de Abril de 2005

TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA (BRAGANÇA) – 28 e 29 de Abril de 2005

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 1 e 2 de Abril de 2005

TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA (GUARDA) – 28 e 29 de Abril de 2005

STADTTHEATER (HEIBRONN, ALEMANHA) – 4, 5, 6, 7 e 8 de Maio de 2005

BURGHOF (LORRACH, ALEMANHA) – 12 de Maio de 2005

THEATER IM PFALZBAU (LUDWIGSHAFEN, ALEMANHA) – 15 de Maio de 2005

FORUM LEVERKUSEN (LEVERKUSEN, ALEMANHA) – 18 de Maio de 2005

OLDENBURGISCHES STAATSTHEATER (OLDENBURG, ALEMANHA) – 24 de Maio de 2005

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 3, 4 e 5 de Junho de 2005

SALADE (XII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

SERGE LIFAR (1905-1986)

Música

DARIUS MILHAUD

Figurinos e Cenários

JACQUES RAPP

Estreia absoluta

28.05.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA)

Intérpretes

MICHEL RENAULT; ISABEL SANTA ROSA; CARLOS TRINCHEIRAS; JOAHNE O'HARA; JOHN AULD; JACQUES SAUSIN; CARLOS CALDAS; CARLOS FERNANDES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) – 28 de Maio de 1968 – [XII Festival Gulbenkian De](#)

[Música](#)

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) – 31 de Maio de 1968 – [XII Festival Gulbenkian De](#)

[Música](#)

SAL-CAPATE (XIV ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)

Coreografia

BENVINDO FONSECA (1964)

Música e interpretação

Conjunto MUSLIMGAUZE e cânticos pelo Coro do Mosteiro de S. Simão de Athos (Grécia).

Figurinos

BENVINDO FONSECA

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

24.07.1992

BALLET GULBENKIAN

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

18.11.1992

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCALE MOSSELMANS; ADRIANA QUEIRÓZ; TERESA LOPES; MARIA JOÃO SALOMÃO. CLÁUDIA NÓVOA; SANDRA ROSADO; ALEXANDRA PINTO; LINDANOR XAVIER.

Locais e datas de apresentação

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1992 – [XIV Estúdio](#)

[Coreográfico](#)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Novembro de 1992 – [Programa 1](#)

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 27 de Junho de 1993

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 de Julho de 1993

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 12 de Julho de 1993

SANGUE NO CAIS (com o título original CAMPO DA MORTE)

SASSENACH SUITE

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

MALCOLM ARNOLD

Estreia absoluta

–.05.1961

FESTIVAL DE HINTERSHAM

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

26.03.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ; INEZ PALMA; MARTA ATAÍDE; RAQUEL ROBY; CÉLIA VIEIRA; LÍDIA FRANCO; ROSÁRIO LAPA; PATRICK HURDE; CARLOS TRINCHEIRAS; CARLOS FERNANDES; CARLOS CALDAS; ALBINO MORAIS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 e 27 de Março de 1966 – Programa 5

PRAÇA DO IMPERIO (LISBOA) – 7 de Agosto de 1966

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro e 01 de Fevereiro de 1972 –

Programa 4

SATÉLITES... Cama e mesa na Amadora e um passe de comboio

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

RUDOLF MAROS (1917-1982), *Euforia III* e *Cinco Estudos para Orquestra*.

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

06.04.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Ballet)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

I – Conjunto.

II – ISABEL QUEIRÓZ e JÚLIO MEDINA.

III – ISABEL SANTA ROSA e CARLOS CALDAS; CARLOS FERNANDES, JÚLIO MEDINA, SEAN CUNNINGHAM.

IV – ELISA WORM, MARIA JOSÉ BRANCO, SEAN CUNNINGHAM.

V – ISABEL SANTA ROSA e CARLOS FERANANDES.

VI – Conjunto.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6, 7, 8 e 9 de Abril de 1974 – Programa 6

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL (VILA REAL DE ST ANTÓNIO) – 11 de Junho de 1974

TEATRO LETHES (FARO) – 13 de Junho de 1974

PRAÇA DO INFANTE LAGOS) – 15 de Junho de 1974

TEATRO VASCO SANTANA (LISBOA) – 25 (16h30 e 21h30) de Junho de 1974

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 28 e 29 de Junho de 1974 –

Programa de Verão 2

SEE BLUE THROUGH

Coreografia

DIDY VELDMAN (1967)

Música

ALFRED SCHNITTKE, *Sonata para violino e orquestra de câmara*.

Composição e arranjos de música original

PAUL KENDALL

Cenário

STIJN CELIS

Figurinos

STIJN CELIS

Desenho de Luzes

BEN ORMEROD

Estreia absoluta

24.01.2001

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCAL MOSELMANS, CLÁUDIA NÓVOA, SANDRA ROSADO, TERESA ALVES DA SILVA;
LEONARDO CENTI, DYLAN ELMORE, RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24, 25, 26 e 27 de Janeiro de 2001 – Programa 2

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 1 e 2 de Fevereiro de 2001

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23, 24, 25 e 26 de Janeiro de 2002 – Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 1 e 2 de Fevereiro de 2002

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 3 e 4 de Maio de 2002

VIEHAUKTIONSHALLE (WEIMAR, ALEMANHA) – 29 e 30 de Agosto de 2002

GRAN TEATRO DEL LICEU (BARCELONA, ESPANHA) – 26, 27, 28, 29 e 30 de Setembro de 2002

TEATRE PRINCIPAL (VALÊNCIA, ESPANHA) – 3, 4 e 5 de Outubro de 2002

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 11 e 12 de Outubro de 2002

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8 e 9 de Novembro de 2002 – Programa 2

SEE UNDER X (VER NA LETRA X)

Coreografia

ITZIK GALILI (19692)

Música original e interpretação

RUI JÚNIOR, pelo grupo “O Ó que som tem?” (Rui Júnior, Fernando Molina, Mário Santos, Alexandre Manaia, João Luís Lobo e Nuno Patrício) e “Companhia de Música Tocá Rufar” (Rui Júnior, Fernando Molina, Filipe Henda, Sara Jonatas, Carlos Mil–Homens e Pedro Cadete).

Objectos de Cena

ASCON DE NIJS

Figurinos

NATASJA LANSEN

Luzes

BENNO VEEN

Estreia absoluta

12.11.1997

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; COLETTE MAYNARD; SANDRA ROSADO; TERESA SIMAS; YORKIE CHADWICK; MIGUEL OLIVEIRA; CARLOS PRADO; RUI REIS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14 e 15 de Novembro de 1997 – Programa 1

VICTORIA THEATER|NEW JERSEY PERFORMING ARTS CENTER (NEWARK, NEW JERSEY, EUA)
– 24, 25 e 26 de Abril de 1998

ZEITERION THEATER (NEW BEDFORD, MASSACHUSETTS, EUA) – 1 de Maio de 1998

GERMANTOWN PERFORMING ARTS CENTER (MENPHIS, TENNESSEE, EUA) – 7, 8 e 9 de Maio de

1998

AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 13 e 14 de Junho de 1998

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 30 de Junho de 1998

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 1 de Julho de 1998

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Novembro de 2000 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 17 e 18 de Novembro de

2000

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 15 e 16 de Dezembro de 2000

SEGUNDO MOVIMENTO DE UM BAILADO INCOMPLETO (DEDICADO A CLAIRE)(III ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

PATRICK HURDE (1937-2013)

Música

ERIK SATIE (1866-1925), *Gymnopédies*.

Estreia absoluta

30.05.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Ballet)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes

JOAHNE O'HARA e MICHEL WROOMAN.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Maio de 1974

SEIS DANÇAS

Coreografia

JIRÍ KYLIÁN (1947)

Música

WOLFGANG AMADEUS MOZART, *Sechs Deutsche Tänze, KV 571*.

Cenário

JIRÍ KYLIÁN

Figurinos

JIRÍ KYLIÁN

Luzes

JOOP CABOORT

Assistente de Coreografia

ROSLYN ANDERSON

Estreia absoluta

24.10.1986

NEDERLANDS DANS THEATER

MUZIEKTHEATER, AMSTERDÃO

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

12.11.1997

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCAL MOSELMANS; BARBARA GRIGGI; PAULA PINTO; PAULA FERNANDES; LUIS DAMAS. CARLOS PRADO; FRANCISCO ROUSSEAU; RUI REIS.

Megastars – TERESA SIMAS; TERESA ALVES DA SILVA; YORKIE CHADWICK; ROMEU RUNA. LUÍS SOUSA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14 e 15 de Novembro de 1997 – **Programa 1**

CINE-TEATRO ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Novembro de 1997

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 e 28 de Maio de 1998

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 26 e 27 de Junho de 1998

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (SÃO PAULO, BRASIL) – 16, 17 e 18 de Setembro de 1998

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Janeiro de 1999 – **Programa 2**

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 e 5 de Junho de 1999

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 3 e 4 de Julho de 1999

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 09, 10 e 11 de Julho de 1999

ESTORIL – 12 de Julho de 1999

AUDITÓRIO MUNICIPAL PARQUE PALMELA (CASCAIS) – 15 e 16 de Julho de 1999

CENTRO CULTURAL DE MACAU (MACAU) – 15 de Outubro de 1999

FESTSPIELHAUS BREGENZ (BREGENZ, ÁUSTRIA) – 28 de Abril de 2000

FESTSPIELHAUS BREGENZ (BREGENZ, ÁUSTRIA) – 29 de Abril de 2000

TEATRO CENTREVENTOS (JOINVILLE, BRASIL) – 19 de Julho de 2000

CANKARJEV DOM (LIUBLIANA, ESLOVÉNIA) – 2 de Outubro de 2000

SEM TÍTULO (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS CARVALHO (1962)

Música

PIANO ONE, *Les Regrets*.

Figurinos

CARLOS CARVALHO

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

CARLOS CARVALHO

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 e 8 de Agosto de 1987

SER MÁGICO, O

Coreografia, Figurinos

WALTER GORE (1910-1979)

Música

GUNTHER SHULLER

Argumento

JAMIE DOUGLAS

Cenário

HERNÂNI E RUI MARTINS

Estreia absoluta

-.01.1958

TEATRO MUNICIPAL DE FRANKFURT

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

26.02.1966

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

O ser mágico – PAULA HILTON.

Primeiro Caçador – CARLOS TRINCHEIRAS.

Segundo caçador – CARLOS FERNANDES.

Outros caçadores – CARLOS CALDAS, PATRICK HURDE, KLAUZ GOTZ, ALBINO MORAIS;

ANTÓNIO RODRIGUES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 26 e 28 de Fevereiro de 1966 – Programa 3

SERAFINS (XV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

PAULA PINTO (1966)

Música

DEAD CAN DANCE, *Wilderness* e *The Host of Seraphin*.

Inserção de efeitos e mistura

CARLOS JORGE VALES

Figurinos

PAULA PINTO

Luzes

JOSÉ FONSECA

Estreia absoluta

04.06.1993

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; TERESA LOPES; MARIA JOÃO SALOMÃO; ALEXANDRA PINTO; SANDRA ROSADO; JOÃO AFONSO; JOÃO COSTA; JOÃO MOURO; ANTÓNIO TELES; JOÃO FRANGO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 5 de Junho de 1993

SERENATA (V ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

ALBERT ROUSSEL, *Serenata, Op. 30* para flauta, violino, viola, violoncelo e harpa.

Figurinos

HELENA LOZANO

Estreia absoluta

14.07.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO; HELENA LOZANO; JAIR MORAIS

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1977

SERESTA (XIV ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LINDANOR XAVIER (1971)

Música

MILTON NASCIMENTO e FERNANDO BRANDT, *A Lua Girou*; NILL CRUZ, *Sinfonia Inacabada e Menina Bonita*.

Cenário

VICTOR XAVIER

Figurinos

LINDANOR XAVIER

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

24.07.1992

BALLET GULBENKIAN

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA)

Intérpretes

TERESA LOPES; LINDANOR XAVIER; RUI PINTO; WILSON DOMINGUES.

Locais e datas de apresentação

CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1992

SERGEANT EARLY'S DREAM

Coreografia

CHRISTOPHER BRUCE (1944)

Música

TRADICIONAL BRITÂNICA, IRLANDESA e NORTE-AMERICANA: May Morning Dew/Sergeant Early's Dream, Eighteen Years Old, The Kylebrack Rambler/Ships Are Sailing/ Richard Dwyer's, Geordie, Love Will You Marry Me?/Plins of Boyle, Black is the Colour of My True Love's Hair, Peggy Gordon, Gospel Ship,/Barbara Allen, Junior Crehan's Favourite/Corney is Coming/Se Fadh Mo Bhudhra.

Cenário

WALTER NOBBE

Figurinos

WALTER NOBBE

Luzes

JOHN B. READ

Assistente de Coreografia

DIANE WALKER

Estreia absoluta

05.10.1984

BALLET RAMBERT

FESTIVAL DE CANTERBURY (MARLOWE, INGLATERRA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

25.03.1987

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; BIRTE LUNDWALL; VERA MANTERO; ANA RITA PALMEIRIM; PAULA VALLE.
JOÃO AFONSO; JOSÉ GRAVE; CÉSAR MONIZ; JOÃO NATIVIDADE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Março de 1987 – Programa 5

TEATRO SÉRGIO CARDOSO (SÃO PAULO, BRASIL) – 31 de Março de 1987

TEATRO BNH (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 2 de Abril de 1987

TEATRO BNH (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 3 de Abril de 1987

TEATRO BNH (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 4 de Abril de 1987

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 14 de Maio de 1987

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 20 de Maio de 1987

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 23 de Maio de 1987

AUDITÓRIO MUNICIPAL (LAGOS) – 30 de Maio

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 3 de Junho de 1987

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 8 de Junho de 1987

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 25 de Junho de 1987

PARCO RIGNON (TURIM, ITÁLIA) – 9 de Julho de 1987

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Janeiro; 3, 4 e 5 de Fevereiro de 1989 – Programa 2

SADLER'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 14, 15, 16, 17 e 18 de Fevereiro de 1989

SILFÍDES, AS

Coreografia

MIKHAIL FOKINE (1880-1942)

Música

CHOPIN (1810-1849)

Cenário

Segundo COROT

Estreia absoluta

02.06.1909

THÉÂTRE DU CHATELET (PARIS, FRANÇA)

Remontagem de 1961 – NORMAN DIXON

Remontagem de 1966 – WALTER GORE e PAULA HINTON

Remontagem de 1970 – GEOFFREY DAVIDSON

Remontagem de 1973 – JORGE GARCIA

Remontagem de 1976 – ROLAND CASENAVE

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

24.12.1961

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA)

Intérpretes

Nocturno – JULIE RIBEIRO, ALBINO MORAIS, ISABEL RUTH ou BERNARDETTE PESSANHA, CÉLIA VIEIRA.

Valsa – CÉLIA VIEIRA.

Mazurca – JULIE RIBEIRO.

Mazurca – ALBINO MORAIS.

Prelúdio – ISABEL RUTH ou BERNARDETTE PESSANHA.

Final – Todos os Bailarinos.

Locais e datas de apresentação

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 23, 24, 25 e 31 de Dezembro de 1961 e 1 de Janeiro de 1962

SOCIEDADE INCRIVEL ALMADENSE (ALMADA) – 2 de Abril de 1962

TEATRO GRACIA DE REZENDE (ÉVORA) – 4 de Abril de 1962

SOCIEDADE GUILHERME COSSOUL (LISBOA) – 6 de Abril de 1962

ESCOLA NAVAL (PAÇO DE ARCOS) – 11 de Abril de 1962

A VOZ DO OPERÁRIO (LISBOA) – 13 de Abril de 1962.

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 2 de Maio de 1962

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 3 de Maio de 1962

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 4 de Maio de 1962

CASINO PENINSULAR (FIGUEIRA DA FOZ) – 5 de Maio de 1962

CASINO PENINSULAR (FIGUEIRA DA FOZ) – 6 de Maio de 1962

ESTUFA-FRIA (LISBOA) – 17 de Maio de 1962

ESTUFA-FRIA (LISBOA) – 17 de Agosto de 1962

CASTELO (MONTEMOR-O-VELHO) – 23 de Agosto de 1962

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 24 de Maio de 1963 ([VII Festival Gulbenkian de Música](#))

JARDIM BOTÂNICO (COIMBRA) – 26 de Maio de 1963 ([VII Festival Gulbenkian de Música](#))

CASTELO DE LEIRIA (LEIRIA) – 28 de Maio de 1963 ([VII Festival Gulbenkian de Música](#))

TEATRO TIVOLI (LISBOA) 12 de Março de 1966 – [Programa 4](#)

POLITEAMA (LISBOA) – 10, 11, 13 e 14 de Janeiro de 1969 – [Programa 2](#)

LUANDA (ANGOLA) – 5 de Agosto de 1969

LUANDA (ANGOLA) – 8 de Agosto de 1969

BENGUELA (ANGOLA) – 11 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 20 de Agosto de 1969 (1 acto)

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 23 de Agosto de 1969 (1 acto)

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 27 de Agosto de 1969 (1 acto)

NAMPULA (MOÇAMBIQUE) – 2 e 3 de Setembro de 1969 (1 acto)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 de Fevereiro; 1, 2 e 3 de Março de 1970 –

[Programa 2](#)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 04, 05, 6 e 7 de Dezembro de 1971 – [Programa 2](#)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 de Abril de 1973 – [Programa 6](#)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29 e 30 de Maio de 1976 – [Programa 4](#)

SIMPLE SYMPHONY ([XI FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA](#))

Boisterous bourrée

Playful pizzicato

Sentimental saraband

Frolicsome final

Coreografia

WALTER GORE (1910–1979)

Música

BENJAMIN BRITTEN (1913–1976)

Cenário

RONALD WILSON

Figurinos

RONALD WILSON

Estreia absoluta

? ? 1944

TEATRO REAL (BRISTOL, INGLATERRA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

03.06.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNNE O'HARA e PATRICK HURDE; RAQUEL ROBY e CARLOS TRINCHEIRAS; MARTA ATAÍDE e ALBINO MORAIS; SASHA LORD e EXPEDITO SARAIVA; LÚCIA LOZANO; ISABEL QUEIRÓZ; CÉLIA VIEIRA; ELOÍSA GARCIA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) – 03 de Junho de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO ACADÉMICO GILVICENTE (COIMBRA) – 04 de Junho de 1967

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 05 de Junho de 1967

SINFONIA DA REQUIEM - Diálogo entre uma mulher e uma ausência ([XI FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA](#))

A visita após o enterro (Lacrimoso)

Penélope (Dies Irae)

A vida continua (Requiem Aeternum)

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

BENJAMIN BRITTEN (1913–1976)

Cenário

MARIA HELENA MATTOS

Figurinos

MARIA HELENA MATTOS

Estreia absoluta

03.06.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Ballet)

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA-ROSA; ROSÁRIO LAPA; ISABEL QUEIRÓZ; ELOÍSA GARCIA; SASHA LORD; INEZ PALMA; CARLOS TRINCHEIRAS; EXPEDITO SARAIVA; ALBINO MORAIS; CARLOS CALDAS; ANTÓNIO RODRIGUES.

Locais e datas de apresentação

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) – 03 de Junho de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO ACADÉMICO GILVICENTE (COIMBRA) – 04 de Junho de 1967

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 05 de Junho de 1967

POLITEAMA (LISBOA) – 19, 20 e 21 de Fevereiro de 1968 – [Programa 2](#)

POLITEAMA (LISBOA) – 24, 25, 27 e 28 de Janeiro de 1969 – [Programa 3](#)

LUANDA (ANGOLA) – 07 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 22 de Agosto de 1969

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 29 de Agosto de 1969

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Março de 1970 – [Programa 3](#)

SINFONIA DOS SALMOS

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

IGOR STRAVINSKY

Luzes

COLIN McINTYRE

Estreia absoluta

18.03.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Ballet)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Nova versão

06.11.1981

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ULRICA CALDAS; JOAHNE O'HARA; GER THOMAS; ARMANDO JORGE; MICHÈLE RIMBOLD. COLLEEN O'SULLIVAN; SASHA LORD; MARTA ATAÍDE; ANTÓNIO RODRIGUES; VASCO WELLENKAMP; JIM HUGHES; STEPHEN WARD; ELISA WORM; HELENA LOZANO; REYES DE LARA; CECÍLIA POTIER; MARIA JOSÉ BRANCO; DEBORAH HESS; FERNANDO LEONARDO; ROBERT MONTEUX.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Março de 1972 – Programa 6
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Maio de 1972 – Programa 6
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Junho de 1972
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Junho de 1972
 THEATRO CIRCO (BRAGA) – 14 de Junho de 1972
 TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 17 de Junho de 1972
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 18 de Junho de 1972
 TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 28 de Julho de 1972
 TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 30 de Julho de 1972
 TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 05 de Agosto de 1972
 TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 08 de Agosto de 1972
 GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES (BELO HORIZONTE, BRASIL) – 12 de Agosto de 1972
 SALA MARTINS PENA (BRASÍLIA, BRASIL) – 18 de Agosto de 1972
 SALA MARTINS PENA (BRASÍLIA, BRASIL) – 20 de Agosto de 1972
 TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR, BRASIL) – 25 de Agosto de 1972
 TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR, BRASIL) – 27 de Agosto de 1972
 TEATRO SANTA ISABEL (RECIFE, BRASIL) – 31 de Agosto de 1972
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Fevereiro de 1973 – Programa 4
 GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) – 27 de Abril de 1973
 ANFITEATRO AO LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 15 de Junho de 1973
 SADLERS'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 09 e 10 de Julho de 1973
 SADLERS'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 11, 12 e 13 de Julho de 1973
 LARGO DA SÉ (FARO) – 28 de Julho de 1973
 LARGO DA SÉ (FARO) – 30 de Julho de 1973
 TORRALTA (PORTIMÃO) – 03 de Agosto de 1973
 TORRALTA (PORTIMÃO) – 05 de Agosto de 1973
 PARQUE DE TURISMO (LAGOS) – 09 de Agosto de 1973
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 05, 06, 07, 08, 10, 11, 12 e 13 de Janeiro de 1974 – Programa 3
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 06, 07, 11, 12, 13, 14 e 15 de Novembro de 1981 (nova versão) – Programa 1
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28 e 29 de Abril de 1982 – Programa 4
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 15 de Maio de 1982
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 20 de Maio de 1982
 TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR, BRASIL) – 05 de Junho de 1982
 TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA (BRASÍLIA, BRASIL) – 09 de Junho de 1982
 TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (BRASIL) – 13 de Junho de 1982
 TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (BRASIL) – 16 de Junho de 1982
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 04 e 05 de Julho de 1982
 GINÁSIO DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE PÓVOA DE VARZIM (PÓVOA DE VARZIM) – 24 de Julho de 1982
 PLAZA PORTICADA (SANTANDER, ESPANHA) – 31 de Julho de 1982

SINFONIA DOS SALMOS

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

IGOR STRAVINSKY

Cenário

ANA NATIVIDADE e RICARDO VAZ.

Figurinos

PAULA PINTO

Luzes

ISABEL WORM

Assistente de Coreografia

BENVINDO FONSECA

Estreia absoluta

18.11.1992

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; BIRTE LUNDWALL; PAULA FERNANDES; PAULA PINTO; ADRIANA QUEIRÓZ. ÂNGELA CLEMENTE; MARIA JOÃO SALOMÃO; ALEXANDRA PINTO; SANDRA ROSADO. BENVINDO FONSECA; FRANCISCO ROUSSEAU; JOSÉ GRAVE; LUIS DAMAS; RUI PINTO. JOÃO COSTA; JOÃO MOURO; CARLOS PRADO; WILSON DOMINGUES; JOÃO FRANGO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Novembro de 1992 – Programa 1

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 25 de Junho de 1993

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 2 de Julho de 1993

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Julho de 1993

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 15 de Julho de 1993

PAVILHÃO DA FÍSICA (TORRES VEDRAS) – 20 de Julho de 1993

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO RAINHA D. LEONOR (CALDAS DA RAINHA) – 24 de Julho de 1993

TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 28 de Julho de 1993

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Janeiro de 1994 – Programa 2

SINFONIA EM RÉ

Coreografia

JIRÍ KYLIÁN (1947)

Música

HAYDN (1732–1809), Adagio–Presto, Andante e Minueto da *Sinfonia em Ré n.º 101 (O Relógio)* e Presto da *Sinfonia em Ré n.º 73 (A Caça)*.

Figurinos

TOM SCHENK

Direcção de ensaios

DAVID SUTHERLAND

Estreia absoluta

18.10.1976

NEDERLANDS DANS THEATER

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

09.02.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARGARIDA BETTENCOURT; ÂNGELA CLEMENTE; LUÍSA DUARTE; BIRTE LUNDWALL. COLLEEN O'SULLIVAN; PALMIRA CAMARGO; ISABEL QUEIRÓZ; OLGA RORIZ; MARIA JOÃO SALOMÃO JOÃO AFONSO; AGNELO ANDRADE; CARLOS CARVALHO; JOSÉ GRAVE; GAGIK ISMAILIAN. JOÃO NATIVIDADE; FRANCISCO ROUSSEAU; EDMUND STRIPE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 09, 10, 18 e 19 de Fevereiro de 1983 – Programa 2–

A

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12 e 17, de Fevereiro de 1983 – Programa 2–B

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 23 e 24 de Fevereiro de 1983

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18 e 20 de Abril de 1983 – Programa 3–A

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19 e 21 de Abril de 1983 – Programa 3–B

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25 e 26 de Maio de 1983 – I Festival Inter. de Música

de Lisboa

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20 de Julho de 1983

TEATRE GREC DE MONTJUÍC (BARCELONA, ESPANHA) – 25 e 26 de Julho de 1983

TEATRE GREC DE MONTJUÍC (BARCELONA, ESPANHA) – 27 e 28 de Julho de 1983

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 18 e 19 de Outubro de 1983
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 e 22 de Outubro de 1983
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 25 e 26 Outubro de 1983
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9 e 10 de Dezembro de 1983; 5, 6 e 7 de Janeiro de 1984
 – Programa 1
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 08 de Maio de 1984
 GROBES HAUS (WIESBADEN, ALEMANHA) – 18 e 19 de Maio de 1984
 KAMMERSPIELE BONN – BAD GODESBERG (BONA, ALEMANHA) – 21 de Maio de 1984
 THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA) – 31 de Maio; 01 e 02 de Junho de 1984
 AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 13 e 14 de Junho de 1984
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 09 de Junho de 1984
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Junho de 1984
 AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 13 e 14 de Junho de 1984
 TERREIRO DO PALÁCIO DOS GOVERNADORES (LAGOS) – 21 de Junho de 1984
 TERREIRO DO PALÁCIO DOS GOVERNADORES (LAGOS) – 22 de Junho de 1984
 TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho; 01 e 02 de Julho de 1984
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Novembro de 1984 – Programa 1
 TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 14 de Maio de 1985
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 17 de Maio de 1985
 TEATR WIELKI (VARSÓVIA, POLÓNIA) – 28 de Maio de 1985
 TEATR WIELKI W LODZI (LODZ, POLÓNIA) – 07 de Junho de 1985
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 12 de Julho de 1985
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 19 e 20 de Julho de 1985
 JARDINS DO PALÁCIO DO MARQUÊS (OEIRAS) – 26 de Julho de 1985
 CINE-TEATROLUÍSA TÓDI (SETÚBAL) – 10 de Agosto de 1985
 TEATRO ANTICO (TAORMINA, ITÁLIA) – 17 e 18 de Agosto de 1985
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 13 e 14 de Fevereiro de 1987 – Programa 4
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 20 de Maio de 1987
 CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 03 de Junho de 1987

SKY WELL

Coreografia

NORMAN WALKER (1934)

Música

ALBERTO GINASTERA (1916–1983)

Estreia absoluta

19.02.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Ballet)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNE O'HARA; GER THOMAS; NORMAN WALKER; PENELOPE WRIGHT; ISABEL QUEIRÓZ.
 COLLEEN O'SULLIVAN; MICHÈLE RIMBOLD; SASHA LORD; SEAN CUNNINGHAM. VASCO WELLENKAMP;
 STEPHEN WARD; JOSÉ MEIER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Fevereiro de 1972 – Programa 5

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Junho de 1972

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Junho de 1972

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 16 de Junho de 1972

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 17 de Junho de 1972

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 18 de Junho de 1972

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 28 de Julho de 1972

TEATRO MUNICIPAL (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 02 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 05 de Agosto de 1972

TEATRO MUNICIPAL (SÃO PAULO, BRASIL) – 08 de Agosto de 1972

GRANDE TEATRO DO PALÁCIO DAS ARTES (BELO HORIZONTE, BRASIL) – 12 de Agosto de 1972

SALA MARTINS PENA (BRASÍLIA, BRASIL) – 18 de Agosto de 1972

SALA MARTINS PENA (BRASÍLIA, BRASIL) – 20 de Agosto de 1972

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR, BRASIL) – 25 de Agosto de 1972
TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR, BRASIL) – 27 de Agosto de 1972
TEATRO SANTA ISABEL (RECIFE, BRASIL) – 31 de Agosto de 1972
GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) – 28 de Abril de 1973
ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 26 de Junho de 1973
SADLERS'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 11, 12 e 13 de Julho de 1973
LARGO DA SÉ (FARO) – 29 de Julho de 1973
TORRALTA (PORTIMÃO) – 04 de Agosto de 1973

SÓ LONGE DAQUI – Uma fantasia para cisnes, leopardos ... e outros animais domésticos

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música e colagens

CONSTANÇA CAPDEVILLE (1937–1992)

Figurinos

ANTÓNIO LAGARTO

Espaço cénico

ANTÓNIO LAGARTO

Encenação

RICARDO PAIS (1945)

Guião

RICARDO PAIS, com textos de AL-BERTO (extractos de *Três Cartas da Memória das Índias* – inédito)

Estreia absoluta

04.04.1984

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Nova versão

14.12.1984

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Uma prima ballerina em crise – GRAÇA BARROSO .

Uma misteriosa senhora – ISABEL QUEIRÓZ.

Rex absconditur – GAGIK ISMAILIAN.

Uma viajante suspensa – HELENA LOZANO.

Seis bailarinos em tournée – EDMUND STRIPE; CARLOS CARVALHO; JOSÉ GRAVE; FRANCISCO ROUSSEAU; TERESA LOPES; MARGARIDA BETTENCOURT.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 04, 05, 06 e 07 de Abril de 1984 – Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 Dezembro de 1984 (nova versão) –

Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Abril de 1985 – Programa 4

TEATRO TIVOLI (PORTO) – 10 e 11 de Maio de 1985

SOBRE UM POEMA DE ÁLVARO DE CAMPOS (III ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia, Figurinos e Cenários

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

TORU TAKEMITSU (1930–1996)

Estreia absoluta

30.05.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Intérpretes na estreia

CARLOS CALDAS; HELENA LOZANO; JAIR MORAIS

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Maio de 1974

SOIRÉE MUSICAL (VI ESTÚDIO COREOGRÁFICO, 2.º programa)

Coreografia

MARTA ATAÍDE (1945)

Música

BENJAMIN BRITTEN (1913–1976)

Figurinos

MARTA ATAÍDE

Luzes

MARTA ATAÍDE

Estreia absoluta

01.07.1978

BALLET GULBENKIAN (VI – ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

Quadro I – ANGELINA BACELAR; MARIA JOSÉ BRANCO; PALMIRA CAMARGO; ULRICA CALDAS. LUÍSA DUARTE; COLLEEN O’SULLIVAN; CARLOS CALDAS; DAVID HIGH; GAGIK ISMAILIAN. ANTÓNIO LAGINHA; JAIR MORAIS; MARCEL VEILLARD.

Quadro II – MARCEL VEILLARD; JAIR MORAIS; DAVID HYGH; ANTÓNIO LAGINHA; GAGIK ISMAILIAN.

Quadro III – MARIA JOSÉ BRANCO; COLLEEN O’SULLIVAN; PALMIRA CAMARGO; LUÍSA DUARTE. ANGELINA BACELAR.

Quadro IV / Pas-de-deux – ULRICA CALDAS; CARLOS CALDAS

Quadro V / Final – Conjunto

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 01 e 04 de Julho de 1978

SOLO FOR TWO

Coreografia

MATS EK (1945)

Música

ARVO PART, FUR ALINA, FOR ARINUSHKA, SPIEGEL IM SPIEGEL.

Cenário e Figurinos

PEDER FREIJI

Desenhos e luzes

ERIK BERGLUND

Estreia absoluta

29.03.1966

BALLET CULLBERG

LJUSDAL (SUÉCIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

19.06.2002

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

TERESA ALVES DA SILVA e SÉBASTIEN MARI.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Junho de 2002 – Programa 4

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 27 e 28 Junho de 2002

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Março de 2003 – Programa 4

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 28 e 29 de Março 2003

SOLSTÍCIO DE VERÃO – Danças da memória, do sonho e da meditação

Coreografia

BARRY MORELAND (1943)

Música

JOHN FIELD, *Nocturnos* para piano n.º 13, 14, 12, 4, 8, 5, 6 e 9.

Cenário

BARRY MORELAND

Figurinos

BARRY MORELAND

Estreia absoluta

18.11.1972

LONDON FESTIVAL BALLET (OXFORD, INGLATERRA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

28.10.1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE; CRISTIAN ADAMS; MARCEL VEILLARD.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29 e 30 de Outubro; 11 de Novembro de 1977 –

Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 12 e 13 de Novembro de 1977 – **Programa 2**

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 17 de Março de 1978

TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 22 de Março de 1978

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 30 de Março de 1978

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 01 de Abril de 1978

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 04 de Abril de 1978

TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 05 de Abril de 1978

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 06 de Abril de 1978

TEATRO–CIRCO (BRAGA) – 08 de Abril de 1978

SOM DA NOITE, O (NIGHT SOUND)

Coreografia

JOHN BUTLER (1918–1993)

Música

KAZUO FUKUSHIMA (1930)

Cenário

CHARTERS DE ALMEIDA

Estreia absoluta

16.12.1972

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARGERY LAMBERT; GER THOMAS; JÚLIO MEDINA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Dezembro de 1972 – **Programa 2**

GRAN TEATRO DEL LICEO (BARCELONA, ESPANHA) 28 de Abril de 1973

SADLER'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 14 de Julho de 1973

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Novembro de 1993 – **Programa 1**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30, 31 de Janeiro; 1 de Fevereiro – **Programa 3**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6 de Julho de 1976 – **Programa 5**

CLUBE DE CAMPISMO DA ALMADA (CAPARICA) – 23 de Julho de 1977

CINE–TEARO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 25 de Julho de 1977

TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 27 de Julho de 1977

PARQUE D. CARLOS I (CALDAS DA RAINHA) – 29 de Julho de 1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 15, 16, 17 e 18 de Janeiro de 1981 – **Programa**

2

SONATINA n.º 1 (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

LOPES GRAÇA (N.1906), *Sonatina n.º 1, para violino e piano*

Figurinos

GAGIK ISMAILIAN

Luzes

OLGA RORIZ

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GAGIK ISMAILIAN e ÂNGELA CLEMENTE

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1983

SONHO OU REALIDADE (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ÂNGELA CLEMENTE (1960)

Música

JOHN WILLIAMS, *Remembrances*, uma canção medieval norueguesa intitulada *Innferd*.

Figurinos

ÂNGELA CLEMENTE

Luzes

PAULO SABINO

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Intérpretes

OLGA COBOS e ANDREW HURST.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997

SOURCE, LA

Coreografia e Figurinos

NORMAN DIXON (1926)

Música

LEO DÉLIBES

Estreia absoluta

12.05.1961

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do C.P.B)

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA e CARLOS TRINCHEIRAS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 12 de Maio de 1961

A VOZ DO OPERÁRIO (LISBOA) – 15 de Maio de 1961

TEATRO DA OPERÁRIA AMORENSE (AMORA) – 17 de Maio de 1961

TEATRO DA ACADEMIA DE ST.º AMARO (LISBOA) – 19 de Maio de 1961

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 15 de Julho de 1961

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 30 de Outubro de 1961

A.E.I.S.T INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO (LISBOA) – 5 de Dezembro de 1961 (16h30)

FACULDADE DE MEDICINA (LISBOA) – 5 de Dezembro de 1961(21h30)

SPINALBA, LA (ÓPERA, IX FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

MARTA EGRI (1950)

Música

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA

Cenário

LUCA SABATELLI

Estreia absoluta

26.05.1965

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA)

Intérpretes

MARGERY LAMBERT e ARMANDO JORGE. MARTA ATAÍDE; ROSARIO LAPA; ALBINO MORAIS; ISABEL QUEIRÓZ; INEZ PALMA. ISABAL TASSARA; CÉLIA VIEIRA; FERNANDO ISASCA.

Locais e datas de apresentação

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) – 26 de Maio de 1965 – [IX Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) – 27 de Maio de 1965 – [IX Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) 2 de Junho de 1966 – [X Festival Gulbenkian de Música](#)

SQUARES

Coreografia

HANS VAN MANEN (1932)

Música

ERICK SATIE, *Gymnopédies*.

Cenário

BOB BONIES

Figurinos

HANS VAN MANEN

Direcção de ensaios

MARTA ATAÍDE

Estreia absoluta

1969

NEDERLANDS DANS THEATER

THÉÂTRE DE LA VILLE (PARIS, FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

16.04.1980

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BIRTE LUNDWALL; ULRICA CALDAS; COLLEEN O'SULLIVAN; ANGELINA BACELAR. ELISA FERREIRA; GAGIK ISMAILIAN; MIKIO IKEHATA; CARLOS CARVALHO; DAVID HYGH; HUGH CRAIG.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18, 19 e 20 de Abril de 1980 – [Programa 3](#)

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 14 de Maio de 1980

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 28 de Maio de 1980

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 12, 13 e 14 de Junho de 1980

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 09, 10, 15, 16, 17 e 18 de Janeiro de 1981 –

[Programa 2](#)

STAMPING GROUND

Coreografia

JIRÍ KYLIÁN (1947)

Música

CARLOS CHAVEZ (1899–1978), *Tocata para Instrumentos de Percussão*

Cenário

JIRÍ KYLIÁN

Figurinos

HEIDI DE RAAD

Luzes

JOOP CABOORT

Assistente de Coreografia

ROSLYN ANDERSON

Estreia absoluta

17.02.1983

NEDERLANDS DANS THEATER

CIRCUSTHEATER, SCHEVENINGEN (HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

10.11.1999

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA PINTO; CARLOS PRADO; PASCALE MOSSELMANS; ANNE PLAMONDON; FRANCISCO ROUSSEAU; RUI REIS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Novembro de 1999 – **Programa 1**

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 19 e 20 de Novembro de

1999

AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 04 e 05 de Dezembro de 1999

THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (BRASIL) – 08 e 09 de Julho de 2000

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (BRASIL) – 12 e 13 de Julho de 2000

TEATRO SESI (PORTO ALEGRE, BRASIL) – 15 de Julho de 2000

CENTREVENTOS (JOINVILLE, BRASIL) – 15 de Julho de 2000

TEATRO CASTRO ALVES (SALVADOR, BRASIL) – 22 de Julho de 2000

CANKARJEV DOM (LIUBLIANA, ESLOVÉNIA) – 03 de Outubro de 2000

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24, 25, 26 e 27 de Janeiro de 2001 – **Programa 2**

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 01 e 02 de Fevereiro de 2001

CINE-TEATROMUNICIPAL D. JOÃO V (DAMAIA) – 02 e 03 de Março de 2001

OLDENBURGISCHES STAATSTHEATER (OLDENBURG, ALEMANHA) – 11 e 12 de Maio de 2001

HESSISCHES STAATSTHEATER WIESBADEN (WIESBADEN, ALEMANHA) – 15 e 16 de Maio de

2001

STADTTHEATER HEILBRONN (HEILBRONN, ALEMANHA) – 18 e 19 de Maio de 2001

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 08 e 09 de Junho de 2001

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 04 e 05 de Julho de 2001

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 12, 13 e 14 de Julho de 2001

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 18 de Julho de 2001

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 28 e 29 de Setembro de 2001

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Junho de 2002

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 27 e 28 de Junho de 2002

SUITE BARROCA

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

WILLIAM BOYCE (1711–1779), *Sinfonias n.º 1* em si bemol maior e *n.º 2* em lá maior, e dois últimos andamentos da *Sinfonia n.º 4* em fá maior.

Cenário

VASCO WELLENKAMP e ORLANDO WORM

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

VASCO WELLENKAMP e ORLANDO WORM.

Estreia absoluta

28.11.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Andamento I – LUÍSA DUARTE, ANA RITA PALMEIRIM, ELISA FERREIRA, JOÃO NATIVIDADE; ERICK BOWEN, GAGIK ISMAILIAN, GRAÇA BARROSO, HELENA LOZANO; COLLEEN O'SULLIVAN, MARIA JOÃO SALOMÃO, MIKIO IKEHATA.

Andamento II – GRAÇA BARROSO.

Andamento III – COLLEEN O'SULLIVAN, ANA RITA PALMEIRIM, ELISA FERREIRA, HELENA LOZANO; LUÍSA DUARTE, MARIA JOÃO SALOMÃO.

Andamento IV – HELENA LOZANO, COLLEEN O'SULLIVAN, LUÍSA DUARTE, ANA RITA PALMEIRIM; MIKIO IKEHATA, ERICK BOWEN, JOÃO NATIVIDADE, DAVID HYGH.

Andamento V – GRAÇA BARROSO, GAGIK ISMAILIAN.

Andamento VI – HELENA LOZANO, LUÍSA DUARTE, MIKIO IKEHATA, DAVID HYGH.

Andamento VII – GAGIK ISMAILIAN, GRAÇA BARROSO, ERICK BOWEN.

Andamento VIII – Conjunto.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29 e 30 de Novembro; 1 e 3 de Dezembro de 1979 – **Programa 1**

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 17 de Março de 1980

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 18 de Março de 1980

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 20 de Março de 1980

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 de Março de 1980

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 22 de Março de 1980

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 14 de Maio de 1980

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 15 de Maio de 1980

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 20 de Maio de 1980

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 28 de Maio de 1980

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS FUNCHAL) – 12, 13 e 14 de Junho de 1980

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 22 e 23 de Julho de 1980

GIMNODESPORTIVO DE SESIMBRA (SESIMBRA) – 25 de Julho de 1980

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15, 16 e 17 de Maio de 1981 – **Programa 4**

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 06 e 07 de Junho de 1981

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 12 de Junho de 1981

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1981

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 22 de Junho 1981

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (SESEIMBRA) – 01 e 02 de Agosto de 1981

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 06 e 07 de Agosto de 1981

SUITE DE BACH (XIV FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia

MICHEL DESCOMBEY (1930–2011)

Música

J. S. BACH

Estreia absoluta

02.06.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNNE O'HARA; PATRICK HURD; MARTA ATAÍDE; MARIA BESSA; ULRICA CALDAS. PALMIRA CAMARGO; LUISA DUARTE; DEBORAH HESS; HELENA LOZANO; LÚCIA LOZANO. COLLEEN O'SULLIVAN; CECILIA POTIER; ELISA WORM; PENELOPE WRIGHT; SOREN BACKLUND; CARLOS CALDAS; DAVID HYGH; FERNANDO LEONARDO; MAX MARKSTIEN; ANTÓNIO RODRIGUES; VASCO WELLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 3 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 4 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 5 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de Música](#)

PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 7 de Junho de 1970 – [XIV Festival Gulbenkian de Música](#)

EXPO HALL (OSAKA, JAPÃO) – 22 de Agosto de 1970 – EXPO' 70
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Novembro de 1970 – Programa 1
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 24 de Abril de 1971
 TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 de Abril de 1971
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25 de Maio de 1971 – Programa 7
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 15 de Junho de 1971
 FIGUEIRA DA FOZ – 17 de Junho de 1971
 TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 18 de Junho de 1971
 PÓVOA DO VARZIM – 19 de Junho de 1971
 ESPINHO – 23 de Junho de 1971
 NOVA LISBOA (ANGOLA) – 2 e 3 de Julho de 1971
 BENGUELA (ANGOLA) – 6 de Julho de 1971
 LUANDA (ANGOLA) – 12 de Julho de 1971
 LUANDA (ANGOLA) – 14 de Julho de 1971
 LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 21 de Julho de 1971
 LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 24 de Julho de 1971
 BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 29 de Julho de 1971
 NAMPULA (MOÇAMBIQUE) – 3 de Agosto de 1971
 BLANTYRE (ÁFRICA) – 11 de Agosto de 1971
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Março de 1973 – Programa 5

SUITE DE VERDI (XI FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA)

Coreografia, Cenário e Figurinos

WALTER GORE (1910–1979)

Música

GIUSEPPE VERDI

Estreia absoluta

03.06.1967

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS (LISBOA)

Intérpretes

Entrada geral – Conjunto.

Marcha – PATRICK HURDE, ALBINO MORAIS, CARLOS CALDAS, ANTONIETA RIBEIRO; ANTÓNIO RODRIGUES.

Pas-de-Deux – JOAHNE O'HARA, PATRICK HURDE.

Valsa – INEZ PALMA, SASHA LORD, CÉLIA VIEIRA, MARTA ATAÍDE, ISABEL QUEIRÓZ, PATRICK HURDE; JOAHNE O'HARA.

Solo – PAULA HINTON.

Pas de Neuf – INEZ PALMA, CÉLIA VIEIRA, MARTA ATAÍDE, ISABEL QUEIRÓZ, MARIA BESSA; LÚCIA LOZANO, ALBINO MORAIS, CARLOS CALDAS, ANTÓNIO RODRIGUES.

Pas-de-deux – PATRICK HURDE, CARLOS FERNANDES.

Pas-de-trois – JOAHNE O'HARA, SASHA LORD, ALBINO MORAIS.

Pas-de-deux – PAULA HINTON, CARLOS FERNANDES.

Finale – Conjunto.

Locais e datas de apresentação

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS (LISBOA) – 03 de Junho de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO ACADÉMICO GILVICENTE (COIMBRA) – 04 de Junho de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de](#)

[Música](#)

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 05 de Junho de 1967 – [XI Festival Gulbenkian de Música](#)

POLITEAMA (LISBOA) – 07, 08, 10 e 11 de Março de 1969 – Programa 6

LUANDA (ANGOLA) – 7 de Agosto de 1969

LOURENÇO MARQUES (MOÇAMBIQUE) – 22 de Agosto de 1969

BEIRA (MOÇAMBIQUE) – 29 de Agosto de 1969

SUITE LÍRICA

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

ALBAN BERG

Figurinos

EMÍLIA NADAL

Luzes e projecções

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

10.02.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Andamento I - Allegretto gioviale – ANA RITA PALMEIRIM, STEPHEN WARD, OLGA RORIZ; JOÃO NATIVIDADE.

Andamento II - Andante amoroso – GRAÇA BARROSO, HELENA LOZANO, MARIA JOÃO SALOMÃO.

Andamento III - Allegro misterioso – GER THOMAS.

Andamento IV - Adagio appassionato – HELENA LOZANO, OLGA RORIZ, ANA RITA PALMEIRIM; JAIR MORAIS, MARCEL VEILLARD, STEPHEN WARD.

Andamento V - Presto delirante – GRAÇA BARROSO, GER THOMAS, HELENA LOZANO, JAIR MORAIS; MARCEL VEILLARD, STEPHEN WARD, ANA RITA PALMEIRIM, OLGA RORIZ; MARIA JOÃO SALOMÃO, MARIA DE FREITAS BRANCO, MARIA RUAS¹; DAVID HYGH, PEDRO COELHO, JOÃO NATIVIDADE.

Andamento VI - Largo desolato – GRAÇA BARROSO, GER THOMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11 e 12 de Fevereiro; 10 e 11 de Março de 1978

– Programa 4

SUITE N.º 1 / A NOITE E O AMOR

Coreografia

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

RACHMANINOV, *Suite n.º 1 para dois pianos, Op. 5.*

Cenário

GAGIK ISMAILIAN e NUNO CARINHAS.

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

15.11.1995

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCALE MOSSELMANS; BARBARA GRIGGI; BIRTE LUNDWALL; ÂNGELA CLEMENTE; PAULA VALLE; BENVINDO FONSECA; RUI PINTO; RUI REIS; WILSON DOMINGUES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15, 16, 17 e 18 de Novembro de 1995 – Programa 1

SUITE ROMÂNTICA

Coreografia

NORMAN DIXON (1926)

Música

ANDRÉ MESSAGER

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

11.05.1961

¹ Bailarina estagiária.

GRUPO EXPERIMENTAL DE BALLET DO C.P.B
TEATRO SÃO JOÃO (PORTO)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; ISABEL RUTH; MANUELA VARELA CID; CARLOS TRINCHEIRAS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 11 de Maio de 1961
TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 12 de Maio de 1961
AVOZ DO OPERÁRIO (LISBOA) – 15 de Maio de 1961
TEATRO DA OPERÁRIA AMORENSE (AMORA) – 17 de Maio de 1961
TEATRO DA ACADEMIA DE ST.º AMARO (LISBOA) – 19 de Maio de 1961
TEATRO BERNARDIM RIBEIRO (ESTREMOZ) – 5 de Junho de 1961
PAÇO DOS DUQUES (GUIMARÃES) – 15 de Julho de 1961
SANTA CASA DA MESERICÓRDIA (MANGUALDE) – 6 de Setembro de 1961
PARQUE DA CIDADE (VISEU) – 8 de Setembro de 1961
FESTAS DA CIDADE (LAMEGO) – 10 de Setembro de 1961
TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 30 de Outubro de 1961
A.E.I.S.T. INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO (LISBOA) – 5 de Dezembro de 1961 (16H30)
FACULDADE DE MEDICINA (LISBOA) – 5 de Dezembro de 1961 (21H30)
MONUMENTAL (LISBOA) – 22, 23, 24, 25 e 31 de Dezembro de 1961 e 1 de Janeiro de 1961
PAVILHÃO DOS DESPORTOS (LISBOA) – 15 de Junho de 1962
SPORT ALGÉS E DAGUNDO (OEIRAS) – 22 de Junho de 1962
FESTAS DE SÃO JOÃO (BRAGA) – 24 de Junho de 1962
ESTUFA FRIA (LISBOA) – 17 de Agosto de 1962
CASTELO (MONTEMOR-O-VELHO) – 23 de Agosto de 1962
CAIXA ECONÓMICA OPERÁRIA (LISBOA) – 15 de Dezembro de 1962
TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 22 de Fevereiro de 1963
TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 9 de Março de 1963

SWING SERENADE

Coreografia

PETER SPARLING (1951)

Música

Excertos de obras de G. GERSHWIN, FATS WALLER, BILLY MOLL, MURRAY MENCHER, THAD JONES, H. HUPFELD, ARTHUR BLYTHE.

Cenário

MARK FITZGIBBONS executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

KATE ADAMS e SHELLEY NORTON.

Luzes

EDWARD M. GREENBERG

Estreia absoluta

02.03.1982

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Introdução – EDMUND STRIPE e Conjunto.

I – Jitterbug Waltz – ANGELINA BACELAR, MARGARIDA BETTENCOURT, MARIA DE FREITAS BRANCO, PALMIRA CAMARGO, ÂNGELA CLEMENTE, JOÃO COSTA, LUIZA DUARTE, PAULA FERNANDES, ELISA FERREIRA, JOSÉ GRAVE, DAVID HYGH; GAGIK ISMAILIAN, ANTÓNIO JORGE, HELENA LOZANO, BIRTE LUNDWALL; BRUNO MÁSCOLO, JOÃO NATIVIDADE, COLLEEN O'SULLIVAN, ANA RITA PALMEIRIM, OLGA RORIZ, FRANCISCO ROUSSEAU, MARIA JOÃO SALOMÃO, EDMUND STRIPE, ANTÓNIO TELES.

II – I want a little girl – JOÃO NATIVIDADE, GAGIK ISMAILIAN, OLGA RORIZ, ELISA FERREIRA; BRUNO MÁSCOLO, DAVID HYGH, FRANCISCO ROUSSEAU, JOSÉ GRAVE; EDMUND STRIPE, ANGELINA BACELAR, JOÃO COSTA.

III – What "cha talkin"? – ANA RITA PALMEIRIM, ELISA FERREIRA e todas as bailarinas.

IV – As times goes by – ANGELINA BACELAR, GAGIK ISMAILIAN e Conjunto.

V – Conjunto

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2, 3, 4, 5 e 6 de Março de 1982 – Programa 3

TAIAI (XVI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CÉSAR MONIZ (1963)

Música

MUSLIMGAUZE, *Poona Eunuch* e ALBERTO IGLÉSIAS, *Cautiva*.

Figurinos

JOÃO TOMÉ e FRANCISCO PONTES

Luzes

ABEL ALVES

Estreia absoluta

26.06.1997

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA)

Intérpretes

IRATXE ANSA; OLGA COBOS; COLETTE MAYNARD; ANDREW HURST; JAN KODET; MIGUEL OLIVEIRA.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRODA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 26 e 27 de Junho de 1997

TANGO (XII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

ÂNGELA CLEMENTE (1960)

Música

IGOR STRAVINSKY, *Tango*

Figurinos

ÂNGELA CLEMENTE

Luzes

FERNANDO BESSA

Estreia absoluta

07.08.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA VALLE e CÉSAR MONIZ.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7 e 8 de Agosto de 1987

TEKT

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

IANNIS XENAKIS (1922), *Terretektorh*.

Grafismo e projecções

CHARTERS D'ALMEIDA

Luzes

COLIN McINTYRE

Colaboração fotográfica

REINALDO VIEGAS

Estreia absoluta

08.12.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GER THOMAS; JOAHNNE O'HARA; ISABEL QUEIRÓZ

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Dezembro de 1973 – Programa 2

TEMPO ANTES DO TEMPO DEPOIS, O

Coreografia

LAR LUBOVITCH (1943)

Música

IGOR STRAVINSKY, *Concertino para quarteto de cordas*.

Assistentes do Coreografia

JOHN DAYGER e CHARLES MARTIN

Estreia absoluta

1969

BALLET-THÉÂTRE CONTEMPORAIN

PARIS (FRANÇA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

13.05.1981

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ e JOSÉ GRAVE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15, 16 e 17 de Maio de 1981 – Programa 4

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO (PORTO) – 6 e 7 de Junho de 1981

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 12 de Junho de 1981

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE FONTELO (VISEU) – 16 de Junho de 1981

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DE FONTELO (VISEU) – 17 de Junho de 1981

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 19 de Junho de 1981

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 22 de Junho 1981

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 1 e 2 de Julho de 1981

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (SESIMBRA) – 1 e 2 de Agosto de 1981

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 6 e 7 de Agosto de 1981

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 6, 7, 11, 12, 13, 14 e 15 de Novembro de 1981 –

Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 7 e 11 de Dezembro de 1982 – Programa 1 – A

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15 e 16 de Abril de 1983 – Programa 3 – B

SADLER'S WELLS THEATER (LONDRES, INGLATERRA) – 7, 9 e 10 de Junho de 1983

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 17 de Junho de 1983

TEMPO SUSPENSO

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

EDGAR VARÈSE, *Density 21,5* para flauta e ALAN HOVHANESS, *Sonata Op. 127* para harpa.

Cenário

ARTUR ROSA

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

03.02.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO e GER THOMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 7, 8, 9, 10 e 11 de Fevereiro de 1979 –

Programa 3

TEMPOS MODERNOS

Coreografia

ÁGUEDA SENA (1927)

Música

MARIUS CONSTANT

Cenário e Figurinos

PAULO GUILHERME

Estreia absoluta

10.01.1969

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

1.º Quadro – Os Estigmatizados:

Arianos – KIT LETHBY, ULRICA CALDAS, SASHA LORD, CARMEN GALINDO, MIGUEL LYZARRO.

Mestiços – EXPEDITO SARAIVA, LOUISE McELROY, MARTA ATAÍDE, ISABEL QUEIRÓZ; COLLEN O’SULLIVAN.

Negro – ESTEBAN BRUNAT.

2.º Quadro – O Amor:

Branços – GEORGY GOVILOFF e INÊZ PALMA.

Negros – ISABEL SANTA ROSA e CARLOS FERNANDES.

3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º Quadros: Conjunto.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 10, 11, 13 e 14 de Janeiro de 1969 – **Programa 2**

TENDER HOOKS

Coreografia

DIDY VELDMAN (1967)

Música original e colagem musical

PHILIP FEENEY

Cenário e Figurinos

MIRIAM BUETHER

Desenhos e luzes

BEM ORMEROD

Pintura cenográfica

JOÃO BARROS

Estreia absoluta

19.03.2003

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

LAURA MARÍN; SANDRA ROSADO; TERESA ALVES DA SILVA; ANN DE VOS; BRUNO GUILLORÉ.

HILLEL KOGAN; CARLOS PRADO; ROMEU RUNA; JERMAINE MAURICE SPIVEY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21 e 22 de Março de 2003 – **Programa 4**

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 28 e 29 de Março de 2003

TERRA DE NINGUÉM

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

STEVE REICH, *Tehillim*, partes 1 e 2.

Figurinos

NUNO CÔRTE-REAL

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

29.01.1986

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA PINTO; BIRTE LUNDWALL; ANA RITA PALMEIRIM; BARBARA GRIGGI; FILIPA MAYER. VERA MANTERO; PAULA FERNANDES; JOSÉ GRAVE; JOÃO NATIVIDADE; FRANCISCO ROUSSEAU. JOÃO AFONSO; AGNELO ANDRADE; LUIS DAMAS; CÉSAR MONIZ; JOÃO COSTA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro; 01, 13, 14, 15 e 16 de Fevereiro de 1986 – **Programa 2**

TERRA DO NORTE

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

Tradicional de Trás-os-Montes e Minho (recolha de Michel Giacometti).

Cenário

NUNO CÔRTE-REAL

Figurinos

NUNO CÔRTE-REAL

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

07.02.1985

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOSÉ GRAVE e ELISA FERREIRA; JOÃO AFONSO e BIRTE LUNDWALL; JOÃO NATIVIDADE e MARGARIDA BETTENCOURT; CARLOS CARVALHO e ÂNGELA CLEMENTE; AGNELO ANDRADE e ANGELINA BACELAR; FRANCISCO ROUSSEAU e TERESA LOPES; JOÃO COSTA e ZAIRE ZEYD; JOÃO MOURO e MARIA JOÃO SALOMÃO; ANTÓNIO TELES e FILIPA MAYER; LUÍS DAMAS e PAULA FERNANDES CÉSAR MONIZ e PAULA PINTO; ÁLVARO SANTOS e VERA MANTERO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 7, 8, 9, 21, 22, 23 e 24 de Fevereiro de 1985 –

Programa 3

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 e 11 de Maio de 1985

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 14 de Maio de 1985

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 17 de Maio de 1985

TEATR WIELKI (VARSÓVIA, POLÓNIA) – 28 de Maio de 1985

PANSTWOWA OPERA WE WROCLAWIU (WROCLAW, POLÓNIA) – 1 de Junho de 1985

BYDGOSZCZ OPERA (BYDGOSZCZ, POLÓNIA) – 4 de Junho de 1985

TEATR WIELKI W LODZI (LODZ, POLÓNIA) – 7 de Junho de 1985

AUDITÓRIO MUNICIPAL (PORTIMÃO) – 19 de Junho de 1985

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 20 de Junho de 1985

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 26 e 27 de Junho de 1985

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 11 de Julho de 1985

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Julho de 1985

CINE-TEATROLUÍSA TÓDI (SETÚBAL) – 10 de Agosto de 1985

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro; 01, 13, 14, 15 e 16 de Fevereiro de 1986 – **Programa 2**

TERRA NOVA

Coreografia

RODRIGO PEDERNEIRAS (1955)

Música

NANÁ VASCONCELOS, SIVUCA e GLÓRIA GADELHA.

Cenário

FERNANDO VELLOSO

Figurinos

FREUSA ZECHMEISTER

Luzes

PEDRO PEDERNEIRAS

Estreia absoluta

14.06.2000

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

VANESSA CURADO; BARBARA GRIGGI; SOFIA INÁCIO; CLÁUDIA NÓVOA; MARIÉTTE REDEL. ANA CLÁUDIA RIBEIRO; TERESA ALVES DA SILVA; TERESA SIMAS; MARTA REIG TORRES. LINDANOR XAVIER; LEONARDO CENTI; YORKIE CHADWICK; BERNARDO GAMA; HILLEL KOGAN; SONNY LOCSIN; CARLOS PRADO; FRANCISCO ROUSSEAU; ROMEU RUNA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Junho de 2000 – Programa 4

THEATER IM FORUM (LUDWIGSBURG, ALEMANHA) – 24 de Junho de 2000

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 29 e 30 de Julho de 2000

TEATRO CENTREVENTOS (JOINVILLE, BRASIL) – 19 de Julho de 2000

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR DA BAIA, BRASIL) – 22 de Julho de 2000

CANKARJEV DOM (LIUBLIANA, ESLOVÉNIA) – 2 de Outubro de 2000

CANKARJEV DOM (LIUBLIANA, ESLOVÉNIA) – 3 de Outubro de 2000

TERRITÓRIOS, OS

Coreografia

VERA MANTERO (1966)

Música

PETER ZUMMO, *Chromatic fourth* e *Four Notes Large Intervals*.

Espaço Cénico

SUSANA OLIVEIRA

Figurinos

SUSANA OLIVEIRA

Luzes

RUI FERNANDES

Estreia absoluta

13.07.1988

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ELISA FERREIRA, BENVINDO FONSECA, ANA RITA PALMEIRIM e OLGA RORIZ.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 13, 14, 15 e 16 de Julho de 1988 – Programa 4

THROUGH NANA'S EYES (ATRAVÉS DOS OLHOS DE NANÁ)

Coreografia

ITZIK GALILI (1962)

Música

TOM WAITS (canções compostas e interpretadas por TOM WAITS, excepto *Somewhere* da autoria de LEONARD BERNSTEIN)

Textos

TOM WAITS

Cenário

ITZIK GALILI

Figurinos

ITZIK GALILI

Luzes

BENNO VEEN

Estreia absoluta

22.03.1995

BALLET GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCALÉ MOSSELMANS, PAULA PINTO, BIRTE LUNDWALL, ADRIANA QUEIRÓZ, SANDRA ROSADO, BENVINDO FONSECA, RUI PINTO, CARLOS PRADO, CÉSAR MONIZ, FILIPE VALLA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22, 23, 24 e 25 de Março de 1995 – Programa 4
TEATRO VICTÓRIA EUGÉNIA (SAN SEBASTIAN, ESPANHA) – 13 de Maio de 1995
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 27 de Maio de 1995
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Maio de 1995
CINE-TEATRO GARRETT (PÓVOA) – 3 de Junho de 1995
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 7 de Junho de 1995
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 8 de Junho de 1995
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 10 de Junho de 1995
CINE-TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 15 de Junho de 1995
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 15, 16, 17 e 18 de Novembro de 1995 – Programa 1
TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Abril de 1996 – Programa 5
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO INATEL (VISEU) – 1 de Junho de 1996
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO INATEL (VISEU) – 2 de Junho de 1996
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 14 de Junho de 1996
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 15 de Junho de 1996
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 17 de Junho de 1996
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 18 de Junho de 1996
CINE-TEATRO DE SANTO ANTÓNIO (FARO) – 21 de Junho de 1996
CINE-TEATRO DE SANTO ANTÓNIO (FARO) – 22 de Junho de 1996
DOGANA CONGRESS AUDITORIUM (INNSBRUCK, ÁUSTRIA) – 5 e 6 de Julho de 1996
TEATRO DE LA ZARZUELA (MADRID, ESPANHA) – 9, 10, 11, 12 e 13 de Outubro de 1996
JOYCE THEATER (NOVA IORQUE, EUA) – 22, 23, 24, 25, 26 e 27 de Abril de 1997
HESSISCHES STAATS THEATER (WIESBADEN, ALEMANHA) – 23 e 24 de Maio de 1997
MUSICAL THEATER DER MESSE BASEL (BASILEIA, SUIÇA) – 16 de Setembro de 1997
CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Novembro de 1997
THEATER IM PFALZBAU (LUDWIGSHAFEN, ALEMANHA) – 29 e 30 de Novembro de 1997
STADTHALLE NEUSS (NEUSS, ALEMANHA) – 5 de Dezembro de 1997
THEATER IM PFALZBAU (LEVERKUSEN, ALEMANHA) – 7 de Dezembro de 1997
PALAIS DES BEAUX ARTS (BRUXELAS, BÉLGICA) – 10 de Dezembro de 1997
VLAAMSE OPERA GENT (GENT, BÉLGICA) – 12 de Dezembro de 1997

TOUJOURS CASSANDRA

Coreografia

BARBARA GRIGGI (1964)

Música

ALESSANDRO MARCELLO, *Concerto em Ré Menor para oboé, cordas e contínuo.*

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

29.07.1995

BALLET GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da Companhia

20.03.1996

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI e BENVINDO FONSECA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Julho de 1995 – Programa 5 – Projecto

95/96

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 22 e 23 de Março de 1996 – Programa 3

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO INATEL (VISEU) – 1 de Junho de 1996

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 8 e 9 de Junho de 1996

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 14 de Junho de 1996

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 17 de Junho de 1996

CINE-TEATRO DE SANTO ANTÓNIO (FARO) – 21 de Junho de 1996

CINE-TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 26 de Junho de 1996

TRAIÇÃO OP. 27, n.º 2 DE GIULIETTA GUICCIARDI

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

BEETHOVEN, *Sonata Op. 27, n.º 2* – “*Sonata ao Luar*”.

Cenário

NUNO CARINHAS, executado por HERNÂNI, RUI MARTINS e ANTÓNIO MIRANDA.

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

ORLANDO WORM

Pianista

PEDRO BURMESTER

Estreia absoluta

25.01.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ELISA FERREIRA; BARBARA GRIGGI; LUÍSA TAVEIRA; BIRTE LUNDWALL; VERA MANTERO. FILIPA MAYER; BENVINDO FONSECA; AGNELO ANDRADE; LUIS DAMAS; JOÃO SOUSA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Janeiro; 3, 4 e 5 de Fevereiro de 1989 – Prog. 2

TRANQUILÍSSIMO

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

HENRYK GÓRECKI, 2.º andamento da *Sinfonia n.º 3*.

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

JOÃO CARLOS ANDRADE

Estreia absoluta

13.07.1994

ESCOLA SUPERIOR DE DANÇA

TEATRO S. LUÍS (LISBOA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

16.11.1994

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCALE MOSSELMANS e RUI PINTO

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18 e 19 de Novembro de 1994 – Programa 1

TEATRO VICTÓRIA EUGÉNIA (SAN SEBASTIAN, ESPANHA) – 14 de Maio de 1995

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Maio de 1995

TEATRO GARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 4 de Junho de 1995
 TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 8 de Junho de 1995
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Junho de 1995
 CINE-TEATRO DE SANTO ANTÓNIO (FARO) – 16 de Junho de 1995
 TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Abril de 1996 – Programa 4
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO INATEL (VISEU) – 1 de Junho de 1996
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 15 de Junho de 1996
 CINE-TEATRO DE SANTO ANTÓNIO (FARO) – 22 de Junho de 1996

TRÊS CANÇÕES DE NINA HAGEN¹

Quentes
 Lunático
 Lágrima

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

NINA HAGEN, Der Spinner – Pank, Heiss, Naturträne.

Luzes

OLGA RORIZ

Figurinos

OLGA RORIZ

Estreia absoluta (primeira versão)

19.07.1984

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS (LISBOA) Gala do 1.º Aniversário do CPPD

Estreia da segunda versão

19.08.1984

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

14.12.1984

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ELISA FERREIRA, JOSÉ GRAVE, JOÃO AFONSO e GAGIK ISMAILIAN.

Locais e datas de apresentação

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS (LISBOA) – 19 e 20 de Julho de 1984 – Gala do CPPD

CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA) – 8 e 9 de Agosto de 1984 – XI Estúdio Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 Dezembro de 1984 (nova versão) –

Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Abril de 1985 – Programa 4

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 11 de Julho de 1985

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Julho de 1985

CINE-TEATRO (GUARDA) – 17 de Maio de 1986

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Maio de 1986

THÉÂTRE DANIEL SORANO (DAKAR, SENEGAL) – 5 de Junho de 1986

SALÃO NOBRE DA ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR (PRAIA, CABO VERDE) – 10 de Junho de

1986

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 4 de Julho de 1986

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 31 de Julho de 1986

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 10 de Outubro de 1986

SADLER'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 22 e 24 de Outubro de 1986

¹ À peça *Lágrima*, estreada em 14 de Julho de 1983 no âmbito do X Estúdio Coreográfico e que, posteriormente, passou para o reportório do BG, a coreógrafa acrescentou as canções “Lunático” e “Quente” para um espectáculo do Centro Português da Dança (CPDD) em 17 de Julho de 1984 no Teatro Nacional de São Carlos, re-intitulando-a como *Três Canções de Nina Hagen*. Este bailado viria a ser dançado no XI Estúdio Coreográfico e passaria seguidamente para o reportório.

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Novembro de 1986
VIDEOTECA DE LISBOA – 4, 6 de Março de 1993

TRÊS CENAS DA MINHA VIDA NO ARBUSTO DE FANTASMAS (IX ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

EDMUND STRIPE (1961)

Música

BRIAN ENO e DAVID BYRNE

Figurinos

EDMUND STRIPE

Luzes

MANUEL FERNANDES

Estreia absoluta

24.07.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Mea culpa e Jezebel spirit – MIKIO IKEHATA, BERENICE KEATES, JOÃO AFONSO, JOÃO COSTA; AGNELO ANDRADE.

Moonlight in glory – MIKIO IKEHATA, JOÃO COSTA, AGNELO ANDRADE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1981

TRÊS DANÇAS PARA MÚSICA JAPONESA

Coreografia

JACK CARTER (1923-1998)

Música

KISAHISA KATADA

Cenário e Figurinos

NORMAN McDOWELL

Luzes

CHARLES BRISTOW

Estreia absoluta

1973

SCOTISH BALLET

FESTIVAL DE EDIMBURGO (ESCÓCIA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

06.07.1976

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

CARLOS CALDAS; ULRICA CALDAS; HELENA LOZANO; MIGUEL LYZARRO; DAVID HYGH. JOÃO NATIVIDADE; FLORÊNCIO MORGADO; ANTÓNIO LAGINHA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6 de Julho de 1976 – Programa 5

TEATRO CIRCO BRAGA (BRAGA) – 6 de Maio de 1977

CINE-TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 7 de Maio de 1977

CINE-TEATRO GARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 9 de Maio de 1977

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Maio de 1977

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 14 de Maio de 1977

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Maio de 1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Maio de 1977 – Programa 4

CLUBE DE CAMPISMO DE ALMADA (CAPARICA) – 23 de Julho de 1977

CINE-TEATRO CURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 25 de Julho de 1977

TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 27 de Julho de 1977

PARQUE D. CARLOS I (CALDAS DA RAINHA) – 29 de Julho de 1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29 e 30 de Outubro; 11 de Novembro de 1977 –

Programa 1

TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 18 de Março de 1978
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 21 de Março de 1978
 TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 31 de Março de 1978
 TEATRO RIVOLI (PORTO) – 3 de Abril de 1978
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VILA REAL) – 11 de Abril de 1978
 PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 13 de Abril de 1978
 PORTIMÃO – 24 de Julho de 1978
 VILAMOURA – 26 de Julho de 1978
 FARO – 28 de Julho de 1978
 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO – 31 de Julho de 1978
 CINE-TEATRO CARLOS MANUEL (SINTRA) – 8 de Agosto de 1978
 TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 31 de Março de 1979

TRÊS MOVIMENTOS

Coreografia

JORGE GARCIA (1938)

Música

IGOR STRAVINSKY (1882-1971)

Cenário

COLIN McINTYRE

Estreia absoluta

10.02.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARGERY LAMBERT; GER THOMAS; DEBORAH HESS; SEREN BACKLUND; COLLEEN O'SULLIVAN; SEAN CUNNINGHAM; MICHÈLE RIMBOLD; MARK JOHNSON; PENELOPE WRIGHT; JULIO MEDINA; ISABEL SANTA ROSA; RICHARD DEVAUX.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Fevereiro de 1973 – **Programa 4**

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12 e 13 de Janeiro de 1974 –

Programa 3

TRÊS MUNDOS (X ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia e Cenário

CÉSAR MONIZ (1963)

Música

DEBUSSY, *La fille aux cheveux de lin*, e MUSSORGSKY, *Excertos de Quadros de uma Exposição*.

Luzes

LUÍS ALONSO

Estreia absoluta

14.07.1983

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE, LUÍSA DUARTE, BIRTE LUNDWALL, PAULA FERNANDES, PAULA PINTO; ZAIRE ZEYD, AGNELO ANDRADE, JOSÉ GRAVE, ANTÓNIO JORGE, JOÃO MOURO, ANTÓNIO TELES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 14 e 15 de Julho de 1983

TRÊS PEÇAS EM FORMA DE PÊRA (XI ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

CARLOS CARVALHO (1962)

Música

ERIK SATIE, *Trois morceaux en forme de poire*.

Luzes e Figurinos

CARLOS CARVALHO

Estreia absoluta

08.08.1984

BALLET GULBENKIAN

CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA)

Intérpretes na estreia

AGNELO ANDRADE, ÂNGELA CLEMENTE, JOÃO AFONSO, JOÃO COSTA, TERESA LOPES, ZAIRE ZEYD.

Locais e datas de apresentação

CINE-TEATRO ACADEMIA (ALMADA) – 8 e 9 de Agosto de 1984.

TRÊS POEMAS E POSLÚDIO

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

WITOLD LUTOSLAWSKY.

Cenário

ANDRÉ ACQUART

Figurinos

ANDRÉ ACQUART

Estreia absoluta

21.11.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Primeiro grupo:

O chefe de vermelho – PATRICK HURDE.

Segundo grupo:

O chefe de negro – GER THOMAS.

O homem – VLADO PILINGER.

CARLOS FERNANDES, ULRICA CALDAS, COLLEENN O'SULLIVAN, MARTA ATAÍDE; MARIA BESSA, LÚCIA LOZANO, RAQUEL ROBY, ELISA WORM, ANTÓNIO RODRIGUES; MIGUEL LYZARRO, SOREN BACKLUND, DORIS MENGUS, ISABEL QUEIRÓZ, GRAÇA BARROSO; MICHÉLE RIMBOLD, REYES DE LARA, CECÍLIA POTIER, PENELOPE WRIGHT, CARLOS CALDAS; JIM HUGHES, DAVID HYGH.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Novembro de 1970 – Programa 1

TRÊS SONHOS DE PÁSSAROS

Coreografia

VASCO WELLENKAMP (1942)

Música

FRANÇOIS BAYLE, *Trois rêves d'oiseau*.

Figurinos

VASCO WELLENKAMP

Luzes

FERNANDO BESSA

Texto

ANTÓNIO S. RIBEIRO

Vozes

TERESA LOPES e JOÃO COSTA

Estreia absoluta

29.01.1986

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO, ISABEL QUEIRÓZ, FRANCISCO ROUSSEAU, LUIS DAMAS, CÉSAR MONIZ, ANTÓNIO TELES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro; 1, 13, 14, 15 e 16 de Fevereiro de 1986 – **Programa 2**

TREZE GESTOS DE UM CORPO

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

ANTÓNIO EMILIANO (1959)

Cenário

NUNO CARINHAS

Figurinos

NUNO CARINHAS

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

25.03.1987

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes (solos por ordem de interpretação)

Elenco Masculino (Dia 25 de Março) – JOÃO NATIVIDADE, CÉSAR MONIZ, JOÃO COSTA, JOSÉ GRAVE, ANTÓNIO TELES, CARLOS CARVALHO, AGNELO ANDRADE, FRANCISCO ROUSSEAU, LUÍS DAMAS, JOÃO MOURO, JOÃO DE SOUSA, JOÃO AFONSO, GAGIK ISMAILIAN.

Elenco Feminino (Dia 26 de Março) – MARGARIDA BETTENCOURT, PAULA PINTO, CLÁUDIA NÓVOA, BIRTE LUNDWALL, ÂNGELA CLEMENTE, ANGELINA BACELAR, FILIPA MAYER, PAULA FERNANDES, ANA RITA PALMEIRIM, ISABEL QUEIRÓZ, MARIA JOÃO SALOMÃO, PAULA VALLE, BARBARA GRIGGI.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 25, 26, 27 e 28 de Março de 1987 – **Programa 5**

TEATRO SÉRGIO CARDOSO (SÃO PAULO (BRASIL) – 31 de Março de 1987

TEATRO BNH (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 2 de Abril de 1987

TEATRO BNH (RIO DE JANEIRO, BRASIL) – 3 de Abril de 1987

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 14 de Maio de 1987

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 16 de Maio de 1987

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 19 de Maio de 1987

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 22 de Maio de 1987

THEATRO CIRCO (BRAGA) – 23 de Maio de 1987

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 26 de Maio de 1987

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 2 de Junho de 1987

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 6 de Junho de 1987

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 8 de Junho de 1987

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 25 de Junho de 1987

CINE TEATRO (TOMAR) – 27 de Junho de 1987

ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 30 de Junho de 1987

PARCO RIGNON TURIM, ITÁLIA) – 8 de Julho de 1987

PARCO RIGNON TURIM, ITÁLIA) – 9 de Julho de 1987

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 e 6 de Dezembro de 1987

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28, 29, 30 de Janeiro; 4, 5 e 6 de Fevereiro de 1988 – **Programa 2**

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 e 11 de Fevereiro de 1988

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 de Outubro de 1988

CAIRO OPERA HOUSE (CAIRO, EGIPTO) – 4 de Novembro de 1988

THÉÂTRE DEBUSSY (CANNES, FRANÇA) – 9 de Novembro de 1988

SADLER'S WELLS THEATRE (LONDRES, INGLATERRA) – 14, 15, 16, 17 e 18 de Fevereiro de 1989

NOVI SAD (EX–JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 12 de Maio de 1989

BELGRADO (EX–JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 14 de Maio de 1989

ZAGREB (EX–JUGOSLÁVIA, CROÁCIA) – 17 de Maio de 1989

LIUBLIANA (EX–JUGOSLÁVIA, ESLOVÉNIA) – 21 de Maio de 1989

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO FONTELO (VISEU) – 31 de Maio de 1989
TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 3 de Junho de 1989
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 6 de Junho de 1989
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 15 de Junho de 1989
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 16 de Junho de 1989
ECOLE NORMALE (AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA) – 3 de Julho de 1989
ECOLE NORMALE (AIX-EN-PROVENCE, FRANÇA) – 4 de Julho de 1989
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 9 de Julho de 1989
PALAIS EL BEDI (MARRAKECH, MARROCOS) – 23 de Outubro de 1989
THEATRE MOHAMMED V (RABAT, MARROCOS) – 27 de Outubro de 1989
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Novembro; 1 e 2 de Dezembro de 1989 –

Programa 1

THÉÂTRE DE BEAULIEU (LAUSANNE, SUIÇA) – 12 e 13 de Maio de 1990
THÉÂTRE MUNICIPAL DE LUXEMBOURG (LUXEMBURGO, LUXEMBURGO) – 19, 20 e 21 de
Outubro de 1991
PALAIS DES BEAUX-ARTS (BRUXELAS, BÉLGICA) – 24 de Outubro de 1991
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 23 de Abril de 1992
THEATER CASINO (ZUG, BÉLGICA) – 4 de Maio de 1992
STADTHOF 11 (ZURIQUE, SUIÇA) – 6 de Maio de 1992
THEATRE DU CROCHETAN (MONTHEY, SUIÇA) – 8 de Maio de 1992
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 23 de Maio de 1992
TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 28 de Maio de 1992
CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 30 de Maio de 1992
CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 11 de Junho de 1992
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 27 de Junho de 1992
TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Junho de 1992
ANFITEATRO ROMANO DE ITÁLICA (SEVILHA, ESPANHA) – 3 de Agosto de 1992
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Novembro de 1992 – **Programa 1**
JOYCE THEATER (NOVA IORQUE, EUA) – 22, 23, 24, 25, 26 e 27 de Abril de 1997

TRIUNFO DE AFRODITE, O

Coreografia

MILKO SPAREMBLEK (1928)

Música

CARL ORFF

Cenário

ARTUR CASAIS

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

18.01.1975

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Segunda versão

09.01.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Corifeus – PENELOPE WRIGHT e PHILLIPE ARRONA.

A Noiva – GRAÇA BARROSO.

O Noivo – MIGUEL LYZARRO.

A Madrinha – ULRICA CALDAS.

O Padrinho – CARLOS FERNANDES.

A Irmã da Noiva – MICHÈLE RIMBOLD.

O Irmão do Noivo – JÚLIO MEDINA.

A Família – COLLEEN O'SULLIVAN, ELISA WORM, CARLOS CALDAS, SEAN CUNNINGHAM.

Os Amigos – HELENA LOZANO, FERNANDO LEONARDO, LÚCIA LOZANO, JAIR MORAIS; LUISA DUARTE, ERICH PAYER, PALMIRA CAMARGO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20, 24 e 25 de Janeiro de 1975 – Programa 1

Segunda Versão

Intérpretes

Corifeus – ISABEL QUEIROZ e GAGIK ISMAILIAN.

A Noiva – BERENICE KEATES.

O Noivo – JOÃO NATIVIDADE.

A Madrinha – ULRIKE CALDAS.

O Padrinho – JOSÉ GRAVE.

A Irmã – BIRTE LUNDWALL.

O Irmão – HUGH CRAIG.

A Família – COLLEEN O’SULLIVAN, HELENA LOZANO, EDMUND STRIPE, ANTÓNIO JORGE

Os Rapazes – DAVID HYGH, JOÃO AFONSO, JOÃO COSTA, CARLOS CARVALHO

Os Ansiões – ANGELINA BACELAR, MARIA FREITAS BRANCO, ELISA FERREIRA, ÂNGELA CLEMENTE, MARGARIDA BETTENCOURT, JOÃO MOURO, ANTÓNIO TELES, AGNELO ANDRADE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 15, 16, 17 e 18 de Janeiro de 1981 –

Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) - 1 de Fevereiro de 1981

TRONO, O

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

BÉLA BARTÓK

Cenário e Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

28.02.1970

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Segunda versão

08.12.1973

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Inês – ISABEL SANTA ROSA.

Pedro – ARMANDO JORGE.

Constança – ISABEL QUEIRÓZ.

Afonso IV – JÚLIO MEDINA.

Bufões – COLLEEN O’SULLIVAN e CARLOS FERNANDES.

Conselheiros – CARLOS CALDAS, SEAN CUNNINGHAM, DAVID HYGH.

Corte – MARIA JOSÉ BRANCO, PALMIRA CAMARGO, LUISA DUARTE, LÚCIA LOZANO, CECÍLIA POTIER; ELISA WORM; JEREMY ALLEN, SEAN CUNNINGHAM, DAVID HYGH, FERNANDO LEONARDO; MIGUEL LYZARRO, MICHAEL WROOMAN.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 de Fevereiro; 1, 2 e 3 de Março de 1970 –

Programa 2

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Dezembro de 1973 (nova versão) –

Programa 2

TWILIGHT / CREPÚSCULO

Coreografia

HANS VAN MANEN (1932)

Música

JOHN CAGE (1912–1992), *The Perilous Night* para piano preparado.

Cenário

JEAN-PAUL VROOM, executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

JEAN-PAUL VROOM

Direcção de ensaios

GERLINDE DILL e CARLOS TRINCHEIRAS

Pianista

JORGE PEIXINHO

Estreia absoluta

1972

BALLET NACIONAL DA HOLANDA

(HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

24.03.1979

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GRAÇA BARROSO e GER THOMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24, 25, 27, 28, 29 e 30 de Março de 1979 – Programa

4

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 3 de Maio de 1979

CINE-TEATRO AVENIDA (CASTELO BRANCO) – 5 de Maio de 1979

TEATRO-CINE (COVILHÃ) – 07 de Maio de 1979

CINE-TEATRO (GUARDA) – 09 de Maio de 1979

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 11 de Maio de 1979

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 12 de Maio de 1979

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 14 de Maio de 1979

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 15 de Maio de 1979

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 16 de Maio de 1979

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 14 e 15 de Julho de 1979

TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 20 de Julho de 1979

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 13 e 14 de Agosto de 1979 – V Festival de Música da Costa do Estoril

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 16, 17, 18, 19 e 20 de Abril de 1980 – Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 23 e 24 de Abril de 1982 – Programa 4 – A

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 15 de Maio de 1982

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 20 de Maio de 1982

TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR DA BAIA, BRASIL) – 5 de Junho de 1982

TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA (BRASIL) – 9 de Junho de 1982

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (BRASIL) – 13 de Junho de 1982

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (BRASIL) – 16 de Junho de 1982

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 e 5 de Julho de 1982

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11 e 12 de Abril de 1986 – Programa

3

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 20 de Maio de 1986

ÚLTIMA CANÇÃO (IX ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

RICHARD STRAUSS (1864-1949), *Beim Schlafengehen*, das *Quatro Últimas Canções*

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

MANUEL FERNANDES e HELENA LOZANO.

Projeção

HELENA LOZANO

Estreia absoluta

24.07.1981

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOSÉ GRAVE

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24 e 25 de Julho de 1981

**ÚLTIMA DANÇA PARA MEU PAI – no 40.º aniversário do desastre do “Hindenburg”
(II ESTÚDIO COREOGRÁFICO e REPORTÓRIO)**

Coreografia

PATRICK HURDE (1937)

Música

Canções de DORY PREVIN interpretadas pela própria autora.

Cenário e Figurinos

COLIN McINTYRE

Estreia absoluta

01.06.1973

BALLET GULBENKIAN – Grupo Gulbenkian de Bailado

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da companhia

26.03.1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

Pai – DAVID HYGH.

Filha – ELISA WORM.

LÚCIA LOZANO, CECÍLIA POTIER; SEAN CUNNIGHAN, OSCAR GONZALEZ, FERNANDO LEONARDO, MAX MARKSTIEN.

Intérpretes da nova versão apresentada na temporada oficial da companhia

Pai – DAVID HYGH.

Filha – COLLEEN O’SULLIVAN.

ANGELINA BACELAR, MARIA JOÃO SALOMÃO, PEDRO COELHO, FLORÊNCIO MORGADO; ANTÓNIO LAGINHA, JOÃO NATIVIDADE.

Locais e datas de apresentação

AUDITÓRIO DOIS (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 1 e 2 de Junho de 1973 – II Estúdio

Coreográfico

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Março de 1977 – Programa 3

TEATRO-CIRCO (BRAGA) – 6 de Maio de 1977

CINE-TEATROJORDÃO (GUIMARÃES) – 7 de Maio de 1977

CINE-TEATROGARRETT (PÓVOA DO VARZIM) – 9 de Maio de 1977

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Maio de 1977

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 14 de Maio de 1977

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Maio de 1977

ÚLTIMOS SEGUNDOS DO ÚLTIMO SONHO DE..., OS

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

FRANK MARTIN (1890-1974)), *Pequena Sinfonia Concertante para harpa, cravo, piano e orquestra de cordas.*

Cenário

EMÍLIA NADAL

Figurinos

EMÍLIA NADAL

Realização das maquetas

INÊS GUERREIRO

Estreia absoluta

03.05.1975

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes na estreia

Ela – ISABEL SANTA ROSA, ISABEL QUEIRÓZ, MARIA JOSÉ BRANCO.

Ele – GER THOMAS.

Os outros – COLLEEN O'SULLIVAN, HELENA LOZANO, SOREN BACKLUND, FERNANDO LEONARDO, JAIR MORAIS, ERICH PAYER.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 5, 9 e 11 de Maio de 1975 – Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30 e 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro de 1976

UN/DO

Coreografia

TERO SAARINEN (1964)

Música

SONIC YOUTH, MOGWAI, KISS MY JAZZ, VALENTINO, BÅSTARD E PETER PRINCIPLE.

Figurinos

DALIA LIDER E TERO SAARINEN (1964)

Luzes

MIKKI KUNTTU

Assistente de Coreografia

ANU SISTONEN

Estreia absoluta

14.05.1998

BATSHEVA DANCE COMPANY

SUSAN DELAL CENTER (TELAVIVE-ISRAEL)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

10.03.1999

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCAL MOSELMANS, SANDRA ROSADO, LINDANOR XAVIER, BERNARDO GAMA; MIGUEL OLIVEIRA, ROMEU RUNA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Março de 1999 – Programa 3

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 18 e 19 de Março de 1999

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 9 e 10 de Abril de 1999

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 2 de Julho de 1999

CINE-TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 6 de Julho de 1999

ESTORIL – 12 de Julho de 1999

AUDITÓRIO MUNICIPAL PARQUE PALMELA (CASCAIS) – 15 e 16 de Julho de 1999

UNTIL...WITH/OUT.ENOUGH

Coreografia

ITZIK GALILI (1962)

Música

HENRYK GÓRECKI, *Quarteto de Cordas n.º 2, Op. 64*, "Quasi una Fantasia" (1990-91).

Cenário

NOAM BEN JACOV

Figurinos

NATASJA LANSEN

Luzes

BENNO VEEN

Assistente de Coreografia

JENNIFER HANNA

Estreia absoluta

11.09.1997

GALILI DANCE

STADSSCHOUWBURG HEERLEN (HEERLEN–HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

11.11.1998

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI, PASCALE MOSSELMANS, TERESA ALVES DA SILVA, TERESA SIMAS; YORKIE CHADWICK, MIGUEL OLIVEIRA, RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Novembro de 1998 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 21 e 22 de Novembro de

1998

TEATRO NACIONAL (ZAGREB, CROÁCIA) – 22 e 23 de Abril de 1999

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 15 e 16 de Maio de 1999

CINE-TEATROACADEMIA (ALMADA) – 18 e 19 de Maio de 1999

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 4 e 5 de Junho de 1999

PAVILHÃO DESPORTIVO DA ESCOLA TEIXEIRA GOMES (PORTIMÃO) – 18 e 19 de Junho de 1999

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 1 de Julho de 1999

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 2 de Julho de 1999

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 3 e 4 de Julho de 1999

CANKARJEV DOM (LIUBLIANA, ESLOVÉNIA) – 2 de Outubro de 2000

CANKARJEV DOM (LIUBLIANA, ESLOVÉNIA) – 3 de Outubro de 2000

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10 e 11 de Novembro de 2000 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO DO EUROPARQUE (SANTA MARIA DA FEIRA) – 17 e 18 de Novembro de

2000

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 15 e 16 de Dezembro de 2000

VÁCUO (XIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

LÚCIA LOZANO (1942)

Música

SAMUEL BARBER, *Adagio para cordas, Op. 11.*

Figurinos

HELENA LOZANO

Luzes

JOSÉ FONSECA

Estreia absoluta

28.07.1989

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PAULA VALLE, BENVINDO FONSECA e RUI PINTO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28 e 29 de Julho de 1989

VALSA MAIS TRISTE, A¹

Coreografia

ÁGUEDA SENA (1927)

Música

GUSTAV MAHLER, 2.º andamento e excertos do 3.º andamento da 9.ª *Sinfonia*.

¹ Inspirada no poema *Baile Finlandês* (“Valse Plus Triste”) de Bertolt Brecht.

Cenário, Figurinos e multivisão

EDUARDO SÉRGIO

Assistente da coreógrafa

CARLOS TRINCHEIRAS

Estreia absoluta

26.03.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Peito de arame – GER THOMAS.

Pacóvio – JOÃO NATIVIDADE.

Velha – ISABEL QUEIRÓZ.

Jovem – MARIA JOÃO SALOMÃO.

Cego – EXPEDITO SARAIVA.

Inválido – OLGA RORIZ.

Patrão – FERNANDO LEONARDO.

Criada – HELENA LOZANO.

Riqueza – COLLEEN O’SULLIVAN.

Justiça – CARLOS CALDAS.

Paciência – MARIA JOSÉ BRANCO.

Miséria – MARTA ATAÍDE.

Estupidez – ANA RITA PALMEIRIM.

Fome – ULRICA CALDAS.

Trabalho – JAIR MORAIS.

Patriotismo – LÚCIA LOZANO, PALMIRA CAMARGO, ELISA FERREIRA, MARIA DE FREITAS BRANCO; PEDRO COELHO, ANTÓNIO LAGINHA e FLORÊNCIO MORGADO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Março de 1977 – Programa 3

VALSE-COTILLON

Coreografia

NORMAN DIXON (1926)

Música

JOHAN STRAUSS

Guarda-roupa

ANAHORY

Cabeleira

VITOR MANUEL

Estreia absoluta

2.05.1962

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO AVENIDA (COIMBRA)

Locais e datas de apresentação

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 2 de Maio de 1962

TEATRO AVENIDA (COIMBRA) – 3 de Maio de 1962

CASINO PENINSULAR (FIGUEIRA DA FOZ) – 5 de Maio de 1962

VARIAÇÕES NOSTÁLGICAS¹

Coreografia

ARMANDO JORGE (1938)

Música

SERGEI RACHMANINOFF (1873-1943), *Três Prelúdios para piano*, Op. 23 n.º 4 em ré maior, Op. 32 n.º 5 em sol maior, Op. 32 n.º 12 em sol sustenido menor e 2.ª andamento do *Concerto n.º 2 Op. 18* em dó menor para piano e orquestra.

¹ Bailado inspirado no tema “As Três Irmãs” de Anton Tchekov.

Cenário

DA SILVA NUNES

Figurinos

DA SILVA NUNES

Estreia absoluta

11.02.1977

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

MARTA ATAÍDE; ISABEL QUEIRÓZ; ELISA FERREIRA; MARIA JOSÉ BRANCO; ULRICA CALDAS. COLLEEN O'SULLIVAN; JAIR MORAES; CARLOS CALDAS; FLORÊNCIO MORGADO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Fevereiro de 1977 – Programa 2

TEATRO-CIRCO (BRAGA) – 6 de Maio de 1977

CINE-TEATROJORDÃO (GUIMARÃES) – 7 de Maio de 1977

CINE-TEATROGARRETT (PÓVOA DE VARZIM) – 9 de Maio de 1977

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 10 de Maio de 1977

CINE-TEATRO (OVAR) – 12 de Maio de 1977

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 13 de Maio de 1977

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 14 de Maio de 1977

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 16 de Maio de 1977

CINE-TEATRODE TOMAR (TOMAR) – 17 de Maio de 1977

TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 18 de Maio de 1977

CINE-TEATRO (ALCOBAÇA) – 19 de Maio de 1977

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 26, 27, 28 e 29 de Maio de 1977 – Programa 4

VARIAÇÕES PAGANINI

Coreografia

BARRY MORELAND (1943)

Música

ANDREW LLOYD WEBER, *Paganini Variations*.

Cenário

JOSÉ DE GUIMARÃES

Figurinos

JOSÉ DE GUIMARÃES

Direcção de ensaios

CARLOS TRINCHEIRAS

Estreia absoluta

01.12.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JANE SALIER; MARCEL VEILLARD; BIRTE LUNDWALL; GAGIK ISMAILIAN; PALMIRA CAMARGO. COLLEEN O'SULLIVAN; JOÃO NATIVIDADE; OLGA RORIZ; ANTÓNIO LAGINHA. MARIA DE FREITAS BRANCO; PEDRO COELHO; FRANCISCO DUARTE.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 5, 9, 10, 29 e 30 de Dezembro de 1978 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2, 3, 6, 7, 11 e 12 de Dezembro de 1978 – Programa 2

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 6 e 7 de Janeiro de 1979

CINE-TEATROAVENIDA (CASTELO BRANCO) – 5 de Maio de 1979

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 8 de Maio de 1979

CINE-TEATRO (GUARDA) – 9 de Maio de 1979

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 14 de Maio de 1979

TEATRO SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 16 de Maio de 1979

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 14 e 15 de Julho de 1979

TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 20 de Julho de 1979
TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 27 de Julho de 1979
TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 29 de Julho de 1979
GIMNODESPORTIVO DE SESIMBRA (SESIMBRA) – 9 e 10 de Agosto de 1979
CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 13 e 14 de Agosto de 1979 – V Festival de Música da Costa do Estoril

VARIAÇÕES PARA DEZ

Coreografia

ANNE HEATON (1930)

Música

ALEXANDER GLAZOUNOV (1865-1936)

Figurinos

ARTUR CASAIS

Estreia absoluta

28.02.1964

BALLET GULBENKIAN (Grupo Experimental de Ballet do CPB)

TEATRO TIVOLI (LISBOA)

Intérpretes

Entrada e Adágio – ISABEL SANTA ROSA; CARLOS TRINCHEIRAS; INÊS PALMA; KLAUS GÖTZ; CÉLIA VIEIRA; JORGE TRINCHEIRAS; MARTA ATAÍDE; CARLOS FERNANDES; RAQUEL ROBY; LUIZ MIGUEL.

Solo – RAQUEL ROBY; CÉLIA VEIRA.

Pas-de-Trois – INÊS PALMA; KLAUS GÖTZ; JORGE TRINCHEIRAS.

Solo – MARTA ATAÍDE.

Pas-de-deux – ISABEL SANTA ROSA; CARLOS TRINCHEIRAS.

Locais e datas de apresentação

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 28 e 29 de Fevereiro de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 18 de Março de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 31 de Março de 1964

PAVILHÃO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 22 de Maio de 1964 – [VIII Festival Gulbenkian de Música](#)

TEATRO DE ALMADA (ALMADA) – 8 de Junho de 1964

ALAMEDA THEATRE (GIBRALTAR) – 8 de Julho de 1964

TEATRO TIVOLI (LISBOA) – 22 de Outubro de 1964

TEATRO MONUMENTAL (LISBOA) – 24 de Abril de 1965

CASTELO (LEIRIA) – 3 de Junho de 1965 – [IX Festival Gulbenkian de Música](#)

VARIAÇÕES SEM SENTIDO

Coreografia e Figurinos

NINI THEILADE (1915–2003)

Música

ELSE MARIE PADE

Cenário

MÁRIO ALBERTO

Estreia absoluta

18.03.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; CARLOS TRINCHEIRAS; ULRICA CALDAS; JACQUES SAUSIN; CARLOS FERNANDES; JOHANNE O'HARA; SASHA LORD; ANTÓNIO RODRIGUES; ALBINO MORAIS; EXPEDITO SARAIVA; ISABEL QUEIRÓZ; INEZ PALMA; CARMEN GALINDO; MARTA ATAÍDE; CÉLIA VIEIRA; CECÍLIA POTIER; CARLOS CALDAS; JORGE TRINCHEIRAS; VASCO WELLENKAMP; ANTÓNIO RODRIGUES; MARIA BESSA.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 18, 19 e 20 de Março de 1968 – [Programa 4](#)

VARIAÇÕES SINFÓNICAS**Coreografia**

JORGE GARCIA (1938)

Música

CÉSAR FRANCK

Figurinos

JORGE GARCIA

Estreia absoluta

01.03.1975

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL SANTA ROSA; GER THOMAS; ISABEL QUEIRÓZ; PENELOPE WRIGHT; ULRICA CALDAS. GRAÇA BARROSO; MARIA JOSÉ BRANCO; LUISA DUARTE; HELENA LOZANO; LÚCIA LOZANO. COLLEEN O'SULLIVAN; MICHÈLE RIMBOLD; SOREN BACKLUND; CARLOS CALDAS. SEAN CUNNINGHAM; FERNANDO LEONARDO; MIGUEL LYZZARRO; JAIR MORAIS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 3, 7 e 8 de Março de 1975 – Programa 2

ANFITEATRO AO AR LIVRE (FUNDAÇÃO GULBENKIAN, LISBOA) – 30 e 31 de Julho de 1975 –

Programa de Verão 2

VIAGENS EM NEGRO E MÁRMORE**Coreografia**

GAGIK ISMAILIAN (1959)

Música

SERGEI RACHMANINOFF, *Prelúdios n.º 12 em Dó Maior, Op. 32 n.º 1, n.º 6 em Sol Menor, Op. 23 n.º 5, n.º 13 em Si Bemol Menor, Op. 32 n.º 2, n.º 3 em Si Bemol Maior, Op. 23 n.º 2 e n.º 8 em Dó Menor Op. 23 n.º 7.*

Cenário

JASMIM DE MATOS

Figurinos

JASMIM DE MATOS

Luzes

ORLANDO WORM

Estreia absoluta

30.01.1991

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

AGNELO ANDRADE; FILIPA MAYER; BENVINDO FONSECA; JOÃO AFONSO; JOÃO COSTA; CARLOS PRADO; PASCALE MOSSELMANS; PAULA FERNANDES; ADRIANA QUEIRÓZ; TERESA LOPES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 30 e 31 de Janeiro, 1 e 2 de Fevereiro de 1991 –

Programa 3

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 13 e 14 de Abril de 1991 – Programa 6

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 20 de Maio de 1991

CINE TEATRO SANTO ANTÓNIO (FARO) – 25 de Maio de 1991

CINE-TEATROLÚISA TODI (SETÚBAL) – 2 de Junho de 1991

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 7 de Junho de 1991

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 8 de Junho de 1991

TEATRO SÃO PEDRO (ÁGUEDA) – 11 de Junho de 1991

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 15 de Junho de 1991

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 29 de Junho de 1991

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 10 de Julho de 1991

TEATRO MUNICIPAL SÁ DE MIRANDA (VIANA DO CASTELO) – 15 de Julho de 1991

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 17 de Julho de 1991

VILE PARODY OF ADDRESS, THE

Coreografia

WILLIAM FORSYTHE (1949)

Música

JOHANN SEBASTIAN BACH, *Cravo Bem Temperado, Livro 1, Fuga n.º 22 (Si Bemol Menor)*, por Glenn Gould.

Cenário

WILLIAM FORSYTHE

Figurinos

WILLIAM FORSYTHE

Luzes

WILLIAM FORSYTHE

Assistente de Coreografia

HILDE KOCH

Texto

WILLIAM FORSYTHE dito por Nicolas Champion.

Estreia absoluta

26.11.1988

BALLET FRANKFURT

FRANKFURT (ALEMANHA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

04.02.1998

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ÂNGELA CLEMENTE; PAULA VALLE; RUI REIS; DENISE MITSCHKE; LEONARDO CENTI; BARBARA GRIGGI; RUI PINTO; CARLOS PRADO; CÉSAR MONIZ; MIGUEL OLIVEIRA; WILSON DOMINGUES.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4, 5, 6 e 7 de Fevereiro de 1998 – Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 27 e 28 de Maio de 1998

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 30 e 31 de Maio de 1998

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 26 e 27 de Junho de 1998

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 1 de Julho de 1998

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (BRASIL) – 16, 17 e 18 de Setembro de 1998

AUDITÓRIO DO FORUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA (ALMADA) – 5 de Dezembro de 1998

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 10, 11, 12 e 13 de Março de 1999 – Programa 3

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 18 e 19 de Março de 1999

CINE-TEATRO MUNICIPAL D. JOÃO V (DAMAIA) – 22 e 23 de Abril de 1999

CINE-TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 6 de Julho de 1999

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 9, 10 e 11 de Julho de 1999

VIOLONCELO NÃO ACOMPANHADO EM SUITE DE LUXO

Coreografia

OLGA RORIZ (1955)

Música

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750), excertos das *Suites n.º 1 e 2* para violoncelo solo: “Prélude” da *Suite n.º 1*; “Courante” da *Suite n.º 2*; “Sarabande” da *Suite n.º 1*; “Gigue” da *Suite n.º 2*; “Guige” da *Suite n.º 1*; “Sarabande” da *Suite n.º 2*; “Prélude” da *Suite n.º 2*.

Cenário

JASMIM, Cenário inspirado no quadro *L' Enlèvement des Sabines*, de Nicolas Poussin (1594-1665) executado por HERNÂNI e RUI MARTINS.

Figurinos

JASMIM DE MATOS

Luzes

PAULO GRAÇA

Estreia absoluta

18.11.1987

BALLET GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

GAGIK ISMAILIAN; FRANCISCO ROUSSEAU; JOÃO AFONSO; AGNELO ANDRADE;
CÉSAR MONIZ; LUIS DAMAS; BENVINDO FONSECA; JOÃO COSTA; RUI PINTO; BIRTE
LUNDWALL; MARGARIDA BETTENCOURT; ANA RITA PALMEIRIM; PAULA FERNANDES; MARIA JOÃO
SALOMÃO; FILIPA MAYER; ANGELINA BACELAR; CLÁUDIA NÓVOA.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 18, 19, 20, 21 de Novembro; 3, 4 e 5 de Dezembro
de 1987 – Programa 1

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 e 20 de Maio de 1988

TEATRO-CIRCO (BRAGA) – 28 de Maio de 1988

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 2 e 3 de Junho de 1988

BELGRADO (EX-JUGOSLÁVIA, SÉRVIA) – 15 de Maio de 1989

ZAGREB (EX-JUGOSLÁVIA, CROÁCIA) – 18 de Maio de 1989

LIUBLIANA (EX-JUGOSLÁVIA, ESLOVÉNIA) – 22 de Maio de 1989

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO FONTELO (VISEU) – 1 de Junho de 1989

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 7 de Junho de 1989

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 20, 21, 26, 27 e 28 de Abril de 1990 – Programa 4

VISÃO

Coreografia

LUIS DAMAS (1961)

Música

RAVI SHANKAR

Música Original

CARLOS BECHEGAS

Cenário

EDMÉA BRIGHAM e LUIS DAMAS.

Figurinos

PAULA PINTO

Luzes

ISABEL WORM

Estreia absoluta

29.07.1995

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Primeira apresentação na temporada oficial da Companhia

18.04.1996

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA)

Intérpretes

BARBARA GRIGGI; ÂNGELA CLEMENTE; TERESA LOPES; PAULA PINTO; SANDRA ROSADO.
WILSON DOMINGUES; BENVINDO FONSECA; CÉSAR MONIZ.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29 e 30 de Julho de 1995 – Programa 5 – Projecto
95/96

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 18, 19, 20 e 21 de Abril de 1996 – Programa 4

VISÕES FUGITIVAS

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

SERGEI RACHMANINOFF

Cenário

NOEMI FONTS

Figurinos

NOEMI FONTS

Estreia absoluta

18.03.1968

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

POLITEAMA (LISBOA)

Intérpretes

PAULA HINTON; CARLOS FERNANDES e JOAHNNE O'HARA; SASHA LORD; CRISTINA MIÑANA; CÉLIA VIEIRA; MARIA BESSA; CARMEN GALINDO; CECÍLIA POTIER; JORGE TRINCHEIRAS; CARLOS CALDAS; ANTÓNIO RODRIGUES; VASCO WELLENKAMP.

Locais e datas de apresentação

POLITEAMA (LISBOA) – 18, 19 e 20 de Março de 1968 – Programa 4

POLITEAMA (LISBOA) – 13, 14, 16 e 17 de Dezembro de 1968 – Programa 1

VISÕES FUGITIVAS

Coreografia

HANS VAN MANEN (1932)

Música

SERGEI PROKOFIEV (orquestrado por Rudolf Barschai)

Cenário

KESO DEKKER

Figurinos

KESO DEKKER

Luzes

JOOP CABOORT

Assistente de Coreografia

MEA VENEMA

Estreia absoluta

12.04.1990

NEDERLANDS DANS THEATER

HAIA (HOLANDA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

29.01.1992

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

PASCAL MOSSLEMANS; BARBARA GRIGGI; PAULA FERNANDES; BENVINDO FONSECA. GAGIK ISMAILIAN; FRANCISCO ROUSSEAU.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 29, 30, 31 de Janeiro; 1, 4, 5, 6, 7 e 8 de Fevereiro de 1992 – Programa 2

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 22 de Abril de 1992

TEATRO JORDÃO (GUIMARÃES) – 20 de Maio de 1992

TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 22 de Maio de 1992

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 27 de Maio de 1992

CINE-TEATROCURVO SEMEDO (MONTEMOR-O-NOVO) – 30 de Maio de 1992

CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 10 de Junho de 1992

CINE-TEATRO LUISA TODI (SETÚBAL) – 16 de Junho de 1992

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 26 de Junho de 1992

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 28 de Junho de 1992

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 6 e 7 de Fevereiro de 1993 – Programa 4

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 22, 23, 24 e 25 de Janeiro de 1997 – Programa 2

TEATRO NACIONAL D. MARIA II (LISBOA) – 14, 15, 16 e 17 de Maio de 1997 – Programa 4

HESSISCHES STAATS THEATER (WIESBADEN, ALEMANHA) – 23 e 24 de Maio de 1997

AUDITÓRIO DO CASINO (FUNCHAL) – 31 de Maio e 1 de Junho de 1997

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 3 de Julho de 1997

CINE-CINE-TEATROLUISA TODI (SETÚBAL) – 06 de Julho de 1997

THEATER IM PFALZBAU (LUDWIGSHAFEN, ALEMANHA) – 29 e 30 de Novembro de 1997

STADTHALLE NEUSS (NEUSS, ALEMANHA) – 5 de Dezembro de 1997

FORUM LEVERKUSEN (LEVERKUSEN, ALEMANHA) – 7 de Dezembro de 1997

PALAIS DES BEAUX ARTS (BRUXELAS, BÉLGICA) – 10 de Dezembro de 1997
 VLAAMSE OPERA GENT (GENT, BÉLGICA) – 12 de Dezembro de 1997

VITRAL (VIII ESTÚDIO COREOGRÁFICO)

Coreografia

MARTA ATAÍDE (1945)

Música

VIVALDI, “Primavera” de *As Quatro Estações*.

Luzes

MANUEL FERNANDES

Estreia absoluta

04.07.1980

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

Andamento I – PALMIRA CAMARGO, LUÍSA DUARTE, MARIA JOÃO SALOMÃO, ANGELINA BACELAR; MARIA DE FREITAS BRANCO, ÂNGELA CLEMENTE.

Andamento II – ULRICA CALDAS, CARLOS CALDAS.

Andamento III – PALMIRA CAMARGO, LUÍSA DUARTE, MARIA JOÃO SALOMÃO, ANGELINA BACELAR; MARIA DE FREITAS BRANCO, ÂNGELA CLEMENTE, CARLOS CARVALHO, JOÃO COSTA; JOÃO MOURO.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4 de Julho de 1980

VÓRTICE

Coreografia

CARLOS TRINCHEIRAS (1937-1993)

Música

EDGAR VARÈSE

Cenário

FERNANDO DE AZEVEDO

Figurinos

FERNANDO DE AZEVEDO

Estreia absoluta

18.03.1978

BALLET GULBENKIAN

TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ e PEDRO COELHO.

Locais e datas de apresentação

TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 18 de Março de 1978

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 21 de Março de 1978

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 31 de Março de 1978

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 3 de Abril de 1978

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VILA REAL) – 11 de Abril de 1978

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VISEU) – 13 de Abril de 1978

TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 31 de Março de 1979

WEBERN OPUS 5

Coreografia

MAURICE BÉJART (1927-2007)

Música

ANTON WEBERN, *Cinco Peças Op. 5*.

Direcção de ensaios

CARLOS TRINCHEIRAS

Estreia absoluta

1965

BALLET DU XX ème SIÈCLE
BRUXELAS

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

19.05.1978

BALLET GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ e GER THOMAS.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 19, 20, 21, 22 e 23 de Maio de 1978
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29 e 30 de Novembro; 1 e 3 de Dezembro de

1979

TEATRO RIVOLI (PORTO) – 18 de Março de 1980
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 22 de Março de 1980
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 3, 4, 9 e 10 de Dezembro de 1982

WHIRLIGOGS

Coreografia

LAR LUBOVITCH (1943)

Música Original

LUCIANO BERIO, 3.º andamento da *Sinfonia*.

Direcção de ensaios

CARLOS TRINCHEIRAS

Estreia absoluta

–.12.1970

BAT-DOR COMPANY
TELAVIVE (ISRAEL)

Estreia absoluta pelo Ballet Gulbenkian

09.03.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ e PHILLIPPE ARRONA. MARIA JOSÉ BRANCO; PALMIRA CARMARGO; LUÍSA DUARTE; HELENA LOZANO; LÚCIA LOZANO; COLLEEN O’SULLIVAN; ELISA WORM. JEREMY ALLEN; DAVID HYGH; MICHAEL WROOMAN.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 11 e 12 de Março de 1974 – Programa 5
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 1, 2, 3, 7 e 8 de Março de 1975 – Programa 2
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 11, 12, 13 e 14 de Fevereiro de 1977 – Programa 2
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 11 de Maio de 1977
CINE-TEATRO (OVAR) – 12 de Maio de 1977
TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 13 de Maio de 1977
CINE-TEATRO DE TOMAR (TOMAR) – 17 de Maio de 1977
TEATRO SÃO PEDRO (ABRANTES) – 18 de Maio de 1977
CINE-TEATRO (ALCOBAÇA) – 19 de Maio de 1977
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 28, 29 e 30 de Novembro; 1 e 3 de Dezembro de

1979 – Programa 1

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 10, 13 e 14 de Fevereiro de 1980 – Programa 2
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 17 de Março de 1980
TEATRO AVEIRENSE (AVEIRO) – 20 de Março de 1980
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 21 de Março de 1980
TEATRO SÃO PEDRO (ESPINHO) – 12 de Maio de 1980
TEATRO RIVOLI (PORTO) – 14 de Maio de 1980
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO (VILA REAL) – 17 de Maio de 1980
TEATRO RIBEIRO CONCEIÇÃO (LAMEGO) – 19 de Maio de 1980
PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO FONTELO (VISEU) – 20 de Maio de 1980
TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 28 de Maio de 1980

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 12, 13 e 14 de Junho de 1980
 CASTELO DE SILVES (SILVES) – 11 de Julho de 1980
 CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 12 de Julho de 1980
 CINE-TEATROSANTO ANTÓNIO (FARO) – 14 de Julho de 1980
 MARINA DE VILAMOURA (VILAMOURA) – 17 de Julho de 1980
 CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 22, 23, 28 e 29 de Julho de 1980
 GIMNODESPORTIVO DE SESIMBRA (SESIMBRA) – 25 de Julho de 1980
 GIMNODESPORTIVO DE SESIMBRA (SESIMBRA) – 26 de Julho de 1980
 CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 28 e 29 de Julho de 1980
 CINEMA LIDO (AMADORA) – 27 de Novembro de 1980
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 8, 9, 12, 13, 14, 15 e 16 de Janeiro de 1982 –
Programa 2
 GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 27, 28 e 29 de Abril de 1982 – **Programa 4 – B**
 TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 14 de Maio de 1982
 TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE (COIMBRA) – 19 de Maio de 1982
 TEATRO CASTRO ALVES (SÃO SALVADOR, BRASIL) – 4 de Junho de 1982
 TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA (BRASIL) – 8 de Junho de 1982
 TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO (BRASIL) – 12 de Junho de 1982
 TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (BRASIL) – 15 de Junho de 1982
 GINÁSIO DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE PÓVOA DE VARZIM (PÓVOA DE VARZIM) – 24 de Julho
 de 1982
 PLAZA PORTICADA (SANTANDER, ESPANHA) – 31 de Julho de 1982

WHITE (BRANCO)

Coreografia

PAULO RIBEIRO (1959)

Música Original

DANÇAS OCULTAS, INTERPRETADA AO VIVO PELO GRUPO DANÇAS OCULTAS

Figurinos

CARLOTA LAGIDO

Desenho de luzes

NUNO MEIRA

Estreia absoluta

21.01.2004

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JORDI AGUACIL; ALLAN FALIERI; BRUNO GUILLORÉ; HILLEL KOGAN; SÉBASTIEN MARÍ. ROGER VAN DER POEL; CARLOS PRADO; ROMEU RUNA; JERMAINE MAURICE SPIVEY.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 21, 22, 23 e 24 de Janeiro de 2004 – **Programa 2**

TEATRO GARCIA DE REZENDE (ÉVORA) – 30 e 31 de Janeiro de 2004

TEATRO VIRIATO (VISEU) – 20 e 21 de Fevereiro de 2004

TEATRO ABÉNIZ (MADRID, EAPANHA) – 22, 23 e 24 de Abril de 2004

THÉÂTRE MÉTROPOLE (LAUSANNE, SUIÇA) – 1 de Maio de 2004

GRAND CASNO (GENÈVE, SUIÇA) – 4 de Maio de 2004

THEATERHAUS GESSNERALLEE (ZURICH, SUIÇA) – 6 de Maio de 2004

STADTTHEATER (BERNA, SUIÇA) – 7 de Maio de 2004

THÉÂTER CASINO (ZUG, SUIÇA) – 8 de Maio de 2004

THÉÂTER BASEL GROSSE BUHNNE (BASILEIA, SUIÇA) – 10 de Maio de 2004

TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA (LEIRIA) – 3 e 4 de Junho de 2004

TEATRO MUNICIPAL (VISEU) – 11 e 12 de Junho de 2004

AUDITÓRIO GALICIA (SANTIAGO DE COMPOSTELA) – 22 e 23 de Junho de 2004

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO (PORTO) – 25 e 26 de Junho de 2004

CENTRO DE ARTES E ESPECTÁCULOS (FUGUEIRA DA FOZ) – 30 de Julho de 2004

WINGS (ASAS)

Coreografia

CHRISTOPHER BRUCE (1944)

Música Original

BOB DOWNES, *Bird of the Seventh Dimension*.

Luzes

RICHARD CASWELL

Direcção de ensaios

VASCO WELLENKAMP

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

02.12.1978

BALLET GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

ISABEL QUEIRÓZ; JANE SALIER; BIRTE LUNDWALL; PALMIRA CAMARGO; ANA RITA PALMEIRIM; PEDRO COELHO; GAGIK ISMAILIAN, ANTÓNIO LAGINHA, JAIR MORAIS; STEPHEN WARD.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 2, 3, 6, 7, 11 e 12 de Dezembro de 1978 – Programa

2

TEATRO SÃO JOÃO (PORTO) – 06 e 07 de Janeiro de 1979

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 24, 25, 27, 28, 29 e 30 de Março de 1979 – Programa

4

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 14 e 15 de Julho de 1979

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS (FUNCHAL) – 16 e 17 de Julho de 1979

TEATRO MICAELENSE (PONTA DELGADA) – 21 de Julho de 1979

TEATRO ANGRENSE (ANGRA DO HEROÍSMO) – 28 de Julho de 1979

CASINO ESTORIL (ESTORIL) – 6 e 7 de Agosto de 1979 – V Festival de Música da Costa do Estoril

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 4, 5, 6, 7 e 8 de Março de 1981 – Programa 3

CASA DA CULTURA DOS TRABALHADORES DA QUIMIGAL (BARREIRO) – 14 de Março de 1981

CINE-TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 16 de Março de 1981

CINEMA LIDO (AMADORA) – 17 de Março de 1981

WOLFGANG, BITTE...

Coreografia

RUI HORTA (1957)

Música

WOLFGANG AMADEUS MOZART, excertos do *Requiem* e de *A Flauta Mágica*.

Cenário, Figurinos e Luzes

RUI HORTA

Assistentes do Coreografia

LAURA MARINI e ABOU LAGRAA.

Estreia absoluta

26.07.1991

SOAP DANCE THEATRE FRANKFURT

GASTEIG (MUNIQUE – ALEMANHA)

Estreia pelo Ballet Gulbenkian

12.03.1997

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

IRATXE ANSA; ÂNGELA CLEMENTE; OLGA COBOS; BARBARA GRIGGI; TERESA LOPES. PASCALE MOSSELMANS; ANDREW HURST; CARLOS PRADO; RUI REIS, FRANCISCO ROUSSEAU.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 12, 13, 14 e 15 de Março de 1997 – Programa 3

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA (LEIRIA) – 3 de Julho de 1997

CINE-TEATRO LUÍSA TODI (SETÚBAL) – 6 de Julho de 1997

MUSICAL THEATER DER MESSE BASEL (BASILEIA, SUIÇA) – 16 de Setembro de 1997

CINE-TEATRO ACADEMIA ALMADENSE (ALMADA) – 21 e 22 de Novembro de 1997

STADTHALLE NEUSS (NEUSS, ALEMANHA) – 5 de Dezembro de 1997
 PALAIS DES BEAUX ARTS (BRUXELAS, BÉLGICA) – 10 de Dezembro de 1997
 VLAAMSE OPERA GENT (GENT, BÉLGICA) – 12 de Dezembro de 1997

WOP-BOP-A-LOOBOP

Coreografia

PATRICK HURDE (1937-2013)

Música

“Rock & Roll” dos anos 55 a 60.

Cenário e Figurinos

COLIN McINTYRE

Colaboração fotográfica

REINALDO VIEGAS

Estreia absoluta

09.03.1974

BALLET GULBENKIAN (Grupo Gulbenkian de Bailado)

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA)

Intérpretes

JOAHNNE O’HARA; MARGERY LAMBERT; CARLOS FERNANDES; ARMANDO JORGE. MARIA JOSÉ BRANCO; JEREMY ALLEN; PALMIRA CAMARGO; SEAN CUNNINGHAM; LUÍSA DUARTE. FERNANDO LEONARDO; HELENA LOZANO; MIGUEL LYZARRO; COLLEEN O’SULLIVAN; JAIR MORAIS. MICHÈLE RIMBOLD.

Locais e datas de apresentação

GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN (LISBOA) – 9, 10, 11 e 12 de Março de 1974 – Programa 5

*

Legenda:

Castanho – Títulos de bailados

Amarelo – Notas

Azul – Festivais Gulbenkian de Música

Laranja – Estúdios coreográficos

Vermelho – peças estreadas nos Estúdios Coreográficos que passaram para o repertório.

post scriptum :

Apesar de um programa do CPB datado de 22 de Fevereiro de 1963 registar na lista de repertório do grupo como dançada em 5 de MAIO de 1962, não se encontraram quaisquer registos anteriores da peça “CALEIDOSCOPE” (ou “KALEIDOSCOPE”), com coreografia de Normam Dixon.

Segundo testemunho do próprio Dixon – que abaixo se transcreve – na época era normal certas danças mudarem de nome. O coreógrafo, bem alguns entrevistados, não se recorda da citada obra, “CALEIDOSCOPE” (ou “KALEIDOSCOPE”), e dá como exemplo o bailado “FIREFLIES” (ou “ZIG-ZAGS”), de Walter Gore, que “estava sempre a mudar o nome”.

Coreografia

WALTER GORE (1910-1979)

Música

BRAHMS–PAGGANINI

Cenário e Figurinos

RONALD WILSON

Estreia absoluta

30.05.1949

IT WAS IN THE RAMBERT REPERTOIRE UNTIL 1953, WHEN WALLY AND PAULA HINTON LEFT RAMBERT, I WAS THE ONLY ONE WHO DANCED THE LEADING MALE ROLE WHICH WALTER GORE HAD ALWAYS DANCED. I MYSELF NEVER HAD ANY PROJECT OR IDEAS, BUT I DID FIND THE MUSIC VERY INTERESTING. IN ANY CASE PLENTY OF CHOREOGRAPHERS HAVE ALREADY USED THAT MUSIC. HOPE THAT THIS INFORMATION WILL HELP TO SOLVE WHAT SEEMS TO HAVE BECOME A MYSTERY FOR YOU AND ALSO PUT YOU ON THE RIGHT TRACK WITH RESEARCHING.

NORMAN DIXON

ANEXO B

Lista de espectáculos do GEB/GGB/BG por temporada (1961-2005)

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
1961					
1º Espectáculo / GEB Digressão	11.Maio.1961 16h30	Teatro Nacional S. João Porto Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Pastoral</i> <i>Ritmo Violento</i> <i>Divertimento</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Digressão	12.Maio.1961 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>La Source (Pas de Deux)</i> <i>Pastoral</i> <i>Ritmo Violento</i> <i>Divertimento</i>	11.Maio.1961 12.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Programa 1 I Semana Musical da Fundação Gulbenkian	15.Maio.1961 21h30	Teatro de A Voz do Operário Lisboa Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>La Source (Pas de Deux)</i> <i>Pastoral</i> <i>Divertimento</i>	11.Maio.1961 12.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Programa 2 I Semana Musical da Fundação Gulbenkian	16.Maio.1961 21h30	Academia Militar Lisboa Portugal	<i>Pastoral</i> <i>Balada para Três</i> <i>Ritmo Violento</i> <i>Divertimento</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Digressão Programa 1 I Semana Musical da Fundação Gulbenkian	17.Maio.1961 21h30	Teatro da Operária Amorense Amora Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>La Source (Pas de Deux)</i> <i>Pastoral</i> <i>Divertimento</i>	11.Maio.1961 12.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Programa 2 I Semana Musical da Fundação Gulbenkian	18.Maio.1961 21h30	Escola Naval Lisboa Portugal	<i>Pastoral</i> <i>Balada para Três</i> <i>Ritmo Violento</i> <i>Divertimento</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Programa 1 I Semana Musical da Fundação Gulbenkian	19.Maio.1961 21h30	Teatro da Academia de StºAmaro Lisboa Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>La Source (Pas de Deux)</i> <i>Pastoral</i> <i>Divertimento</i>	11.Maio.1961 12.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Digressão	5.Junho.1961	Teatro Bernardim Ribeiro Estremoz Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Pastoral</i> <i>Ritmo Violento</i> <i>Divertimento</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Digressão	11.Junho.1961	Escola Salesiana do Estoril Estoril Portugal	<i>Pastoral</i> <i>Divertimento</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Digressão	15.Julho.1961 21h30	Paços dos Duques Guimarães Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Pastoral</i> <i>Balada para Três</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>La Source (Pas de Deux)</i> <i>Ritmo Violento</i> <i>Divertimento</i>	12.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Digressão	6.Setembro.1961	Santa Casa da Misericórdia Mangualde Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Pastoral</i> <i>Divertimento</i> <i>Ritmo Violento</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Digressão	8.Setembro.1961	Parque da Cidade Viseu Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Pastoral</i> <i>Balada para Três</i> <i>Ritmo Violento</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961	
Digressão	10.Setembro.1961	Festas da Cidade de Lamego Lamego Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Pastoral</i> <i>Balada para Três</i> <i>Pas de Deux</i> <i>Ritmo Violento</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961 15.Julho.1961 11.Maio.1961	
	30.Outubro.1961 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Pastoral</i> <i>Balada para Três</i> <i>La Source (Pas de Deux)</i> <i>Ritmo Violento</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 11.Maio.1961 12.Maio.1961 11.Maio.1961	
	5.Dezembro.1961 16h30	Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico Lisboa Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>La Source (Pas de Deux)</i> <i>Balada para Três</i>	11.Maio.1961 12.Maio.1961 11.Maio.1961	
	5.Dezembro.1961 21h30	Faculdade de Medicina Lisboa Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>La Source (Pas de Deux)</i> <i>Balada para Três</i>	11.Maio.1961 12.Maio.1961 11.Maio.1961	
	22.Dezembro.1961 21h30 23.Dezembro.1961 21h30 24.Dezembro.1961 21h30 25.Dezembro.1961 21h30 31.Dezembro.1961 21h30	Teatro Monumental Lisboa Portugal	<i>Divertimento</i> <i>Suite Romântica</i> <i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Casse Noisettes - II Acto</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 2.Junho.1909 6.Dezembro.1892	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
1962					
	1.Janeiro.1962 21h30	Teatro Monumental Lisboa Portugal	<i>Divertimento</i> <i>Suite Romântica</i> <i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Casse-Noisettes - II Acto</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 2.Junho.1909 6.Dezembro.1892	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
Digressão	2.Abril. 1962 21h30	Sciedade Incrível Almadense	<i>As Silfides (Norman</i>	2.Junho.1909	24.Dezembro.1961

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
II Semana Musical da Fundação Gulbenkian		Almada Portugal	<i>Dixon)</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Ritmo Violento</i>	6.Dezembro.1892 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961
Digressão	4.Abril. 1962 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Balada para Três</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Ritmo Violento</i>	2.Junho.1909 11.Maio.1961 6.Dezembro.1892 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
II Semana Musical da Fundação Gulbenkian	6.Abril. 1962 21h30	Sociedade Guilherme Cossoul Lisboa Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Ritmo Violento</i>	2.Junho.1909 6.Dezembro.1892 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
Digressão II Semana Musical da Fundação Gulbenkian	11.Abril. 1962 21h30	Escola Naval Paço de Arcos Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Ritmo Violento</i>	2.Junho.1909 6.Dezembro.1892 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
II Semana Musical da Fundação Gulbenkian	13.Abril. 1962 17.30h	Teatro de A Voz do Operário Lisboa Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Ritmo Violento</i>	2.Junho.1909 6.Dezembro.1892 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
Digressão	2.Maio.1962 21h45	Teatro Avenida Coimbra Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Casse Noisettes (Grand Pas-De-Deux)</i> <i>Valse-Cotillon</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	2.Junho.1909 6.Dezembro.1892 2.Maio.1962 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
Digressão	3.Maio.1962 21h45	Teatro Avenida Coimbra Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Casse Noisettes (Grand Pas-De-Deux)</i> <i>Valse-Cotillon</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	2.Junho.1909 6.Dezembro.1892 2.Maio.1962 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
Digressão	4.Maio.1962 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Ritmo Violento</i> <i>Casse Noisettes (Grand Pas-De-Deux)</i> <i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	11.Maio.1961 6.Dezembro.1892 2.Junho.1909 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
Digressão	5.Maio.1962 21h30	Casino Peninsular Figueira da Foz Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Valse-Cotillon</i>	2.Junho.1909 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961
Digressão	6.Maio.1962 21h30	Casino Peninsular Figueira da Foz Portugal	<i>Ritmo Violento</i>	11.Maio.1961	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Casse Noisettes</i> (<i>Grand Pas-De-Deux</i>) <i>As Silfídes (Norman Dixon)</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	6.Dezembro.1892 2.Junho.1909 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
	17.Maio.1962	Estufa Fria Lisboa Portugal	<i>As Silfídes (Norman Dixon)</i> <i>Balada para Três</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Ritmo Violento</i>	2.Junho.1909 11.Maio.1961 6.Dezembro.1892 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
	1.Junho.1962 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Ritmo Violento</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	11.Maio.1961 6.Dezembro.1892 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961
	15.Junho.1962 18h30	Pavilhão dos Desportos Lisboa Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Ritmo Violento</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 6.Dezembro.1892	24.Dezembro.1961
Digressão	22.Junho.1962	Sport Algés e Dafundo Oeiras Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Ritmo Violento</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 6.Dezembro.1892	24.Dezembro.1961
Digressão	24.Junho.1962	Festas de S. João Braga Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Ritmo Violento</i> <i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961 6.Dezembro.1892	24.Dezembro.1961
Digressão	14.Julho.1962 21h45	Convento de S.Clara Guimarães Portugal	<i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Balada para Três</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	6.Dezembro.1892 11.Maio.1961 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961
Digressão	15.Julho.1962	Parque de S.Cruz Coimbra Portugal	<i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Balada para Três</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	6.Dezembro.1892 11.Maio.1961 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961
	23.Julho.1962 21h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Balada para Três</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	6.Dezembro.1892 11.Maio.1961 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961
	30.Julho.1962	Estufa Fria Lisboa Portugal	<i>Casse Noisettes - II</i> <i>Acto</i> <i>Balada para Três</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	6.Dezembro.1892 11.Maio.1961 2.Maio.1962	24.Dezembro.1961
	17.Agosto.1962	Estufa Fria Lisboa Portugal	<i>Suite Romântica</i>	11.Maio.1961	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
		Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Casse Noisettes - II Acto</i>	2.Junho.1909 6.Dezembro.1892	24.Dezembro.1961 24.Dezembro.1961
Digressão	25.Agosto.1962 21h30	Castelo Montemor-o-Velho Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	11.Maio.1961 2.Junho.1909 2.Maio.1962	23.Dezembro.1961
<i>Demonstração Didáctica</i>	15.Dezembro.1962	Caixa Económica Operária Lisboa Portugal	<i>Divertimento</i> <i>Suite Romântica</i>	11.Maio.1961 11.Maio.1961	
1963					
	22.Fevereiro.1963 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Homenagem a Florbela</i> <i>Casse Noisettes - II Acto</i>	11.Maio.1961 2.Maio.1962 6.Dezembro.1892	24.Dezembro.1961
	9.Março.1963 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Suite Romântica</i> <i>Homenagem a Florbela</i> <i>Casse Noisettes - II Acto</i>	11.Maio.1961 2.Maio.1962 6.Dezembro.1892	24.Dezembro.1961
VII Festival Gulbenkian de Música	24.Maio.1963 21h30	Paço dos Duques Guimarães Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>A Péri</i> <i>O Crime da Aldeia Velha</i> <i>Divertimento</i>	2.Junho.1909 24.Maio.1963 24.Maio.1963 11.Maio.1961	22.Dezembro.1961
	26.Maio.1963 21h30	Jardim Botânico Coimbra Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>A Péri</i> <i>O Crime da Aldeia Velha</i> <i>Divertimento</i>	2.Junho.1909 24.Maio.1963 24.Maio.1963 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961
	28.Maio.1963 21h30	Castelo de Leiria Leiria Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>A Péri</i> <i>O Crime da Aldeia Velha</i> <i>Divertimento</i>	2.Junho.1909 24.Maio.1963 24.Maio.1963 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961
Digressão	26. Junho.1963	Casino Peninsular Figueira da Foz Portugal	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>A Péri</i> <i>O Crime da Aldeia Velha</i> <i>Divertimento</i>	2.Junho.1909 24.Maio.1963 24.Maio.1963 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961
Digressão	14.Julho.1963	Jardim do Museu Soares dos Reis Porto	<i>As Silfides (Norman Dixon)</i> <i>A Péri</i> <i>O Crime da Aldeia</i>	2.Junho.1909 24.Maio.1963 24.Maio.1963	24.Dezembro.1961

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Velha Divertimento</i>	11.Maio.1961	
Digressão	15.Julho.1963	Aveiro Portugal	<i>As Sifídes (Norman Dixon)</i> <i>A Péri</i> <i>O Crime da Aldeia</i> <i>Velha Divertimento</i>	2.Junho.1909 24.Maio.1963 24.Maio.1963 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961
Digressão	16.Julho.1963	Coimbra Portugal	<i>As Sifídes (Norman Dixon)</i> <i>A Péri</i> <i>O Crime da Aldeia</i> <i>Velha Divertimento</i>	2.Junho.1909 24.Maio.1963 24.Maio.1963 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961
Digressão	17.Julho.1963	Guimarães Portugal	<i>As Sifídes (Norman Dixon)</i> <i>A Péri</i> <i>O Crime da Aldeia</i> <i>Velha Divertimento</i>	2.Junho.1909 24.Maio.1963 24.Maio.1963 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961
Digressão	18.Julho.1963	Castelo de Leiria Leiria Portugal	<i>As Sifídes (Norman Dixon)</i> <i>A Péri</i> <i>O Crime da Aldeia</i> <i>Velha Divertimento</i>	2.Junho.1909 24.Maio.1963 24.Maio.1963 11.Maio.1961	24.Dezembro.1961
Digressão	27.Julho.1963 21h30	Parque Caldas da Rainha Portugal	<i>Perfis</i> <i>Homenagem a Florbela</i> <i>Variações para Dez</i> <i>A Péri</i>	27.Julho.1963 2.Maio.1962 28.Fevereiro.1964 24.Maio.1963	27.Julho.1963
	Novembro.1963	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Perfis</i> <i>Homenagem a Florbela</i> <i>Variações para Dez</i> <i>A Péri</i>	27.Julho.1963 2.Maio.1962 28.Fevereiro.1964 24.Maio.1963	27.Julho.1963
	Dezembro.1963	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Perfis</i> <i>Homenagem a Florbela</i> <i>Variações para Dez</i> <i>A Péri</i>	27.Julho.1963 2.Maio.1962 28.Fevereiro.1964 24.Maio.1963	27.Julho.1963
1964					
	28.Fevereiro.1964 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Perfis</i> <i>Homenagem a Florbela</i> <i>Variações para Dez</i> <i>A Péri</i>	27.Julho.1963 2.Maio.1962 28.Fevereiro.1964 24.Maio.1963	
	29.Fevereiro.1964 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Perfis</i> <i>Homenagem a Florbela</i>	27.Julho.1963 2.Maio.1962	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Variações para Dez</i> <i>A Péri</i>	28.Fevereiro.1964 24.Maio.1963	
	18.Março.1964 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Homenagem a</i> <i>Florbela</i> <i>Variações para Dez</i> <i>A Péri</i> <i>Perfis</i>	2.Maio.1962 Fevereiro.1964 24.Maio.1963 27.Julho.1963	
	31.Março.1964 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Variações para Dez</i> <i>A Magia do Vento</i> <i>A Péri</i> <i>L'amour Dangereux</i>	28.Fevereiro.1964 31.Março.1964 24.Maio.1963 31.Março.1964	
VIII Festival Gulbenkian de Música	22.Maio.1964 21h30	Fórum Municipal Luísa Todi Setúbal Portugal	<i>Concerto para</i> <i>Trompete</i> <i>Perfis</i> <i>Homenagem a</i> <i>Florbela</i> <i>Variações para Dez</i>	22.Maio.1964 27.Julho.1963 2.Maio.1962 28.Fevereiro.1964	
Digressão	8.Junho.1964 21h30	Teatro de Almada Almada Portugal	<i>Variações para Dez</i> <i>Perfis</i> <i>Quebra-Nozes</i> <i>(Grand Pas -de-</i> <i>Deux)</i> <i>Concerto para</i> <i>Trompete</i> <i>Homenagem a</i> <i>Florbela</i>	28.Fevereiro.1964 27.Julho.1963 18.Dezembro.1892 22.Maio.1964 2.Maio.1962	8.Junho.1964
Primeira Digressão Gibraltar Arts Festival	8.Julho.1964 21h30	Alameda Théâtre Gibraltar	<i>Variações para Dez</i> <i>Perfis</i> <i>Quebra-Nozes</i> <i>(Grand Pas -de-</i> <i>Deux)</i> <i>Concerto para</i> <i>Trompete</i> <i>Homenagem a</i> <i>Florbela</i>	28.Fevereiro.1964 27.Julho.1963 18.Dezembro.1892 22.Maio.1964 2.Maio.1962	8.Junho.1964
	22.Outubro.1964 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Concerto para</i> <i>Trompete</i> <i>Perfis</i> <i>Homenagem a</i> <i>Florbela</i> <i>Variações para Dez</i>	22.Maio.1964 27.Julho.1963 2.Maio.1962 28.Fevereiro.1964	
	22.Dezembro.1964 18h30	Teatro Monumental Lisboa Portugal	<i>La Fille Mal Gardée</i>	1876	22.Dezembro.1964
1965					
	24.Abril.1965 18h30	Teatro Monumental Lisboa Portugal	<i>Variações para Dez</i> <i>Perfis</i> <i>O Cisne Negro</i> <i>La Fille Mal Gardée</i>	28.Fevereiro.1964 27.Julho.1963 1895 1876	24.Abril.1965 22.Dezembro.1964
	10.Maio.1965	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Perfis</i> <i>O Cisne Negro</i> <i>Mosaico</i>	27.Julho.1963 1895	24.Abril.1965 10.Maio.1965

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>La Fille Mal Gardée</i>	1876	22.Dezembro.1964
IX Festival Gulbenkian de Música	24.Maio.1965 21h30	Coliseu Lisboa Portugal	<i>O Castelo do Barba Azul (Ópera)</i>		
		Espectáculo de Ópera e Bailado	<i>O Mandarim Maravilhoso (Estreia em Portugal)</i>		24.Maio.1965
	25.Maio.1965 21h30	Teatro Avenida Coimbra Portugal	<i>Varições para Dez</i>		28.Fevereiro.1964
			<i>Perfis</i>		27.Julho.1963
			<i>O Cisne Negro</i>	1895	24.Abril.1965
			<i>La Fille Mal Gardée</i>	1876	22.Dezembro.1964
	26.Maio.1965 21h30	Teatro Nacional São Carlos Lisboa Portugal	<i>La Spinalba (Ópera)</i>		26.Maio.1965
	27.Maio.1965 18h30	Teatro Nacional São Carlos Lisboa Portugal	<i>La Spinalba (Ópera)</i>		26.Maio.1965
IX Festival Gulbenkian de Música	3.Junho.1965 21h30	Castelo Leiria Portugal	<i>Varições para Dez</i>		28.Fevereiro.1964
			<i>Perfis</i>		27.Julho.1963
			<i>O Cisne Negro</i>	1895	24.Abril.1965
			<i>La Fille Mal Gardée</i>	1876	22.Dezembro.1964
	6.Junho.1965 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Varições para Dez</i>		28.Fevereiro.1964
			<i>Perfis</i>		27.Julho.1963
			<i>O Cisne Negro</i>	1895	24.Abril.1965
			<i>La Fille Mal Gardée</i>	1876	22.Dezembro.1964
IX Festival Gulbenkian de Música	8.Junho.1965 21h30	Teatro Micaelense Ponta Delgada Portugal	<i>Varições para Dez</i>		28.Fevereiro.1964
			<i>Perfis</i>		27.Julho.1963
			<i>O Cisne Negro</i>	1895	24.Abril.1965
			<i>La Fille Mal Gardée</i>	1876	22.Dezembro.1964
	9.Junho.1965 21h30	Teatro Angrense Angra do Heroísmo Portugal	<i>Varições para Dez</i>		28.Fevereiro.1964
			<i>Perfis</i>		27.Julho.1963
			<i>O Cisne Negro</i>	1895	24.Abril.1965
			<i>La Fille Mal Gardée</i>	1876	22.Dezembro.1964
Programa Natal 65 / GGB	23.Dezembro.1965 18h30	Teatro Vasco Santana Lisboa Portugal	<i>Copélia (2 actos)</i>	25.Maio.1870	23.Dezembro.1965
1966					
Programa 1	25.Janeiro.1966 21h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Carnaval</i>	20.Maio.1910	25.Janeiro.1966
	29.Janeiro.1966 18h30		<i>Devoradores da Escuridão</i>	1957	25.Janeiro.1966
			<i>Mosaico</i>		10.Maio.1965
Programa 2	5.Fevereiro.1966 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Copélia (2 actos)</i>	25.Maio.1870	23.Dezembro.1965
	8.Fevereiro.1966 18h30		<i>Limbo</i>		5.Fevereiro.1966
Programa 3	26.Fevereiro.1966 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>La Fille Mal Gardée</i>	1876	22.Dezembro.1964
	28.Fevereiro.1966 18h30		<i>O Ser Mágico</i>	Janeiro.1958	26.Fevereiro.1966
			<i>Arcos</i>	Julho.1950	26.Fevereiro.1966
Programa 4	12.Março.1966 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>As Sifídes (Walter Gore)</i>	2.Junho.1909	24.Dezembro.1961

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	14.Março.1966 18h30		<i>Homenagem a Florbela</i> <i>O Casamento</i>	2.Maio.1962 12.Março.1966	
Programa 5	26.Março.1966 18h30 29.Março.1966 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Pas-de-Six- Classique</i> <i>PeepShow</i> <i>Ginevra</i> <i>Sassenach Suite</i>	26.Março.1966 Junho.1952 22.Junho.1956 Maio.1961	26.Março.1966 26.Março.1966 26.Março.1966
Programa 6	31.Março.1966 18h30	Teatro Vasco Santana Lisboa Portugal	<i>Copélia (2 actos)</i> <i>Arcos</i>	25.Maio.1870 Julho.1950	23.Dezembro.1965 26.Fevereiro.1966
Programa 7	15.Abril.1966 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Carnaval</i> <i>Devoradores da Escuridão</i> <i>Mosaico</i>	20.Maio.1910 1957 10.Maio.1965	25.Janeiro.1966 25.Janeiro.1966
Programa 8	20.Abril.1966 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Copélia (2 actos)</i> <i>Ginevra</i>	25.Maio.1870 22.Junho.1956	23.Dezembro.1965 26.Março.1966
X Festival Gulbenkian Música	21.Maio.1966 21h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>O Combate de Tancredo e Clorinda (WG)</i> <i>Il Ballo delle Ingrate</i>	21.Maio.1966 21.Maio.1966	
	23.Maio.1966 21h30	Teatro Rosa Damasceno Santarém Portugal	<i>La Fille Mal Gardée</i> <i>Ginevra</i>	1876 22.Junho.1956	22.Dezembro.1964 26.Março.1966
	2.junho.1966 18h30	Teatro São Carlos Lisboa Portugal	<i>La Spinalba (Ópera)</i>	26.Maio.1965	
Digressão	21.Junho.1966 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Copélia (2 actos)</i> <i>Arcos</i>	25.Maio.1870 Julho.1950	23.Dezembro.1965 26.Fevereiro.1966
	07.Agosto.1966 22h00	Praça do Império Lisboa Portugal	<i>Esboço de Orfeu</i> <i>O Bando</i> <i>Sassenach Suite</i>	7.Agosto.1966 7.Agosto.1966 Maio.1961	26.Março.1966
Digressão	29.Agosto.1966 21h45	Teatro S. Pedro Espinho Portugal	<i>Copélia (2 actos)</i> <i>Arcos</i>	25.Maio.1870 Julho.1950	23.Dezembro.1965 26.Fevereiro.1966
Digressão	05.Setembro.1966 21h30	Teatro São Pedro Abrantes Portugal	<i>Copélia (2 actos)</i> <i>Arcos</i>	25.Maio.1870 Julho.1950	23.Dezembro.1965 26.Fevereiro.1966
Digressão	05.Outubro.1966 21h30 07.Outubro.1966 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Copélia (2 actos)</i> <i>Devoradores da Escuridão</i>	25.Maio.1870 1957	23.Dezembro.1965 25.Janeiro.1966
Digressão	08.Outubro.1966 21h30 09.Outubro.1966 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Mosaico</i> <i>O Encontro</i> <i>Arcos</i>	10.Maio.1965 8.Outubro.1966 Julho.1950	26.Fevereiro.1966
Programa especial	6.Dezembro.1966 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>O Encontro</i> <i>O Casamento</i>	27.Janeiro.1895 8.Outubro.1966 12.Março.1966	6.Dezembro.1966

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Programa Natal 66	21.Dezembro.1966 15.00h	Teatro Monumental Lisboa Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>O Casamento</i>	27.Janeiro.1895 12.Março.1966	6.Dezembro.1966
1967					
Programa 1	14.Janeiro.1967 21h30 16.Janeiro.1967 18h30 17.Janeiro.1967 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Giselle</i> (Walter Gore) <i>Psyche</i>	28.Junho.1841 1936	14.Janeiro.1967 14.Janeiro.1967
Programa 2	28.Janeiro.1967 18h30 30.Janeiro.1967 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Arcos</i> <i>O Crime da Aldeia Velha</i> <i>Configuração</i>	Julho.1950 24.Maio.1963 28.Janeiro.1967	26.Fevereiro.1966
Programa 3	11.Fevereiro.1967 18h30 13.Fevereiro.1967 18h30 15.Fevereiro.1967 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>O Encontro</i> (2ºActo) <i>Danças de Boyce</i>	27.Janeiro.1895 8.Outubro.1966 11.Fevereiro.1967	6.Dezembro.1966
Programa 4	25.Fevereiro.1967 18h30 27.Fevereiro.1967 18h30 28.Fevereiro.1967 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Esboço de Orfeu</i> <i>Devoradores da Escuridão</i> <i>Limbo</i>	7.Agosto.1966 1957 25.Janeiro.1966 5.Fevereiro.1966	
Programa 5	11.Março.1967 18.30 13.Março.1967 18.30 14.Março.1967 18.30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Carnaval</i> <i>Feira</i> <i>O Mandarim Maravilhoso</i>	20.Maio.1910 11.Março.1967 24.Maio.1965	25.Janeiro.1966
Digressão	06.Abril.1967 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Giselle</i> (Walter Gore) <i>Esboço de Orfeu</i>	28.Junho.1841 7.Agosto.1966	14.Janeiro.1967
XI Festival Gulbenkian de Música	22.Maio.1967 21h30	Cine-Teatro Luisa Todi Setubal Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>O Encontro</i> <i>Danças de Boyce</i>	27.Janeiro.1895 8.Outubro.1966 11.Fevereiro.1967	6.Dezembro.1966
	24.Maio.1967 21h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>O Encontro</i> <i>Danças de Boyce</i>	27.Janeiro.1895 8.Outubro.1966 11.Fevereiro.1967	6.Dezembro.1966
	25.Maio.1967	Teatro José Lucio da Silva Leiria Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>O Encontro</i> <i>Danças de Boyce</i>	27.Janeiro.1895 8.Outubro.1966 11.Fevereiro.1967	6.Dezembro.1966
	3.Junho.1967 18h30	Teatro Nacional São Carlos Lisboa Portugal	<i>Simple Symphony</i> <i>Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência</i> <i>Suite de Verdi</i>	1944 3.Junho.1967 3.Junho.1967	3.Junho.1967

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	4.Junho.1967 18h30	Teatro Nacional São Carlos Lisboa Portugal	<i>Simple Symphony</i> <i>Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência</i> <i>Suite de Verdi</i>	1944	3.Junho.1967 3.Junho.1967 3.Junho.1967
	5.Junho.1967 18h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Simple Symphony</i> <i>Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência</i> <i>Suite de Verdi</i>	1944	3.Junho.1967 3.Junho.1967 3.Junho.1967
Digressão	29.Junho. 1967 21h30 01.Julho.1967 18h00	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>Feira</i> <i>Danças de Boyce</i>	27.Janeiro.1895	6.Dezembro.1966 11.Março.1967 11.Fevereiro.1967
Digressão	04.Julho.1967 21h30	Teatro Angrense Angra do Heroísmo Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>Homenagem a Florbela</i> <i>Danças de Boyce</i>	27.Janeiro.1895	6.Dezembro.1966 2.Maio.1962 11.Fevereiro.1967
Digressão	05.Julho.1967 18h30	Teatro Faialense Horta Portugal	<i>Carnaval</i> <i>Copélia (2 actos)</i> <i>Danças de Boyce</i>	20.Maio.1910 25.Maio.1870	25.Janeiro.1966 23.Dezembro.1965 11.Fevereiro.1967
Digressão	26.Agosto.1967 21h30	Parque Valenças Sintra Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>Feira</i> <i>Danças de Boyce</i>	27.Janeiro.1895	6.Dezembro.1966 11.Março.1967 11.Fevereiro.1967
Digressão	28.Agosto.1967 21h45	Cine-Teatro Garrett Póvoa de Varzim Portugal	<i>La Fille mal Gardée</i> (1 acto) <i>Quadros Soltos</i> <i>O Casamento</i>	1876	22.Dezembro.1964 29.Agosto.1967 12.Março.1966
Digressão	29.Agosto.1967 21h45	Teatro S. Pedro Espinho Portugal	<i>La Fille mal Gardée</i> (1 acto) <i>Quadros Soltos</i> <i>O Casamento</i>	1876	22.Dezembro.1964 29.Agosto.1967 12.Março.1966
Digressão	12.Setembro.1967 18h30	Abrantes Portugal	<i>O Casamento</i> <i>Quadros Soltos</i> <i>La Fille Mal Gardée</i>	1876	12.Março.1966 29.Agosto.1967 22.Dezembro.1964
Programa Natal 67	30.Dezembro.1967 18h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>A Bela e o Monstro</i> <i>Brincadeiras de Rua</i>	1952	30.Dezembro.1967 30.Dezembro.1967
1968					
Programa especial	02.Janeiro.1968 21h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>A Bela e o Monstro</i> <i>Brincadeiras de Rua</i>	1952	30.Dezembro.1967 30.Dezembro.1967
Programa 1	05.Fevereiro.1968 21h30 06.Fevereiro.1968 18h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>Parade</i> <i>O Campo da Morte</i> (Sangue no Cais)	Julho.1959	5.Fevereiro.1968 5.Fevereiro.1968

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	07.Fevereiro.1968 18h30		<i>Judas</i>	5.Fevereiro.1968	
Programa 2	19.Fevereiro.1968 18h30 20.Fevereiro.1968 18h30 21.Fevereiro.1968 18h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>Giselle (Walter Gore)</i> <i>Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência</i>	28.Junho.1841	14.Janeiro.1967 3.Junho.1967
Programa 3	4.Março.1968 18h30 5.Março.1968 18h30 6.Março.1968 18h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>Feira</i> <i>Amor de Perdição</i>	27.Janeiro.1895	6.Dezembro.1966 11.Março.1967 4.Março.1968
Programa 4	18.Março.1968 18h30 19.Março.1968 18h30 20.Março.1968 18h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>La Fille Mal Gardée</i> <i>Variações sem Sentido</i> <i>Visões Fugitivas (Walter Gore)</i>	1876	22.Dezembro.1964 18.Março.1968 18.Março.1968
Programa 5	1.Abril.1968 18h30 2.Abril.1968 18h30 3.Abril.1968 18h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>Encruzilhada</i> <i>Quadros Soltos</i> <i>A Ressaca</i>		1.Abril.1968 29.Agosto.1967 1.Abril.1968
Programa 6	15.Abril.1968 21h30 23.Abril.1968 21h30 01.Maio.1968 21h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>O Campo da Morte (Sangue no Cais)</i> <i>Judas</i>	27.Janeiro.1895	6.Dezembro.1966 5.Fevereiro.1968 5.Fevereiro.1968
XII Festival Gulbenkian de Música	20.Maio.1968 18h30 21.Maio.1968 21h30	Teatro Nacional São Carlos Lisboa Portugal	<i>The Fairy Queen (Ópera)</i>	Maio 1968	
	28.Maio.1968 21h30	Teatro Nacional São Carlos Lisboa Portugal	<i>Salade</i>	28.Maio.1968	
	29.Maio.1968 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>A Bela e o Monstro</i> <i>Brincadeiras de Rua</i> <i>Cópelía (2ºacto)</i>	30.Dezembro.1967 1952	30.Dezembro.1967 1.Dezembro.1965
	31.Maio.1968 18h30	Teatro Nacional São Carlos Lisboa Portugal	<i>Salade</i>	28.Maio.1968	
	2.Junho.1968 21h30	Cine-Teatro da Covilhã Covilhã Portugal	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>O Campo da Morte (Sangue no Cais)</i> <i>Encruzilhada</i>	27.Janeiro.1895	6.Dezembro.1966 5.Fevereiro.1968 1.Abril.1968
	6.Junho.1968 21h30	Teatro-Circo Braga Portugal	<i>Giselle (Walter Gore)</i> <i>Encruzilhada</i>	28.Junho.1841	14.Janeiro.1967 1.Abril.1968
	7.Junho.1968 21h30	Paço dos Duques Guimarães Portugal	<i>Giselle (Walter Gore)</i> <i>Encruzilhada</i>	28.Junho.1841	14.Janeiro.1967 1.Abril.1968
	11.Junho.1968 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>A Bela e o Monstro (1 acto)</i>	30.Dezembro.1967	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Brincadeiras de Rua</i> <i>Copélia (2 actos)</i>	1952 25.Maio.1870	30.Dezembro.1967 23.Dezembro.1965
Digressão	5.Julho.1968 21h30 6.Julho.1968 21h00	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>La Fille Mal Gardée</i> (suite) <i>Giselle</i> (Walter Gore) <i>Brincadeiras de Rua</i> <i>A Bela e o Monstro</i> (1 acto)	1876 28.Junho.1841 1952 30.Dezembro.1967	22.Dezembro.1964 14.Janeiro.1967 30.Dezembro.1967
Digressão	8.Julho.1968 21h00	Teatro Micaelense Ponta Delgada Portugal	<i>La Fille Mal Gardée</i> (suite) <i>Giselle</i> (Walter Gore) <i>Brincadeiras de Rua</i> <i>A Bela e o Monstro</i> (1 acto)	1876 28.Junho.1841 1952 30.Dezembro.1967	22.Dezembro.1964 14.Janeiro.1967 30.Dezembro.1967
Digressão	9.Julho.1968 21h00	Teatro Angrense Angra do Heroísmo Portugal	<i>La Fille Mal Gardée</i> (suite) <i>Giselle</i> (Walter Gore) <i>Brincadeiras de Rua</i> <i>A Bela e o Monstro</i> (1 acto)	1876 28.Junho.1841 1952 30.Dezembro.1967	22.Dezembro.1964 14.Janeiro.1967 30.Dezembro.1967
Digressão	10.Julho.1968 17h00	Teatro Faialense Horta Portugal	<i>La Fille Mal Gardée</i> (suite) <i>Giselle</i> (Walter Gore) <i>Brincadeiras de Rua</i> <i>A Bela e o Monstro</i> (1 acto)	1876 28.Junho.1841 1952 30.Dezembro.1967	22.Dezembro.1964 14.Janeiro.1967 30.Dezembro.1967
Digressão	10.Julho.1968 21h30	Teatro Faialense Horta Portugal	<i>La Fille Mal Gardée</i> (suite) <i>Giselle</i> (Walter Gore) <i>Brincadeiras de Rua</i> <i>A Bela e o Monstro</i> (1 acto)	1876 28.Junho.1841 1952 30.Dezembro.1967	22.Dezembro.1964 14.Janeiro.1967 30.Dezembro.1967
Digressão	14.Julho.1968 16h00	Teatro Micaelense Ponta Delgada Portugal	<i>Copélia (2 actos)</i> <i>Brincadeiras de Rua</i>	25.Maio.1870 1952	23.Dezembro.1965 30.Dezembro.1967
Digressão	03.Setembro.1968	Quinta de Santiago Matosinhos Portugal	<i>A Bela e o Monstro</i> (1ºacto) <i>Brincadeiras de Rua</i> <i>La Fille Mal Gardée</i> (1ºacto)	30.Dezembro.1967 1952 1876	30.Dezembro.1967 22.Dezembro.1964
Digressão	04.Setembro.1968	Cine-Teatro Garrett Póvoa de Varzim Portugal	<i>A Bela e o Monstro</i> (1ºacto) <i>Feira</i> <i>Brincadeiras de Rua</i>	30.Dezembro.1967 11.Março.1967 1952	30.Dezembro.1967
Digressão	05.Setembro.1968 21h45	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>A Bela e o Monstro</i> (1ºacto) <i>Feira</i> <i>La Fille Mal Gardée</i> (1ºacto)	30.Dezembro.1967 11.Março.1967 1876	22.Dezembro.1964

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	06.Setembro.1968 21h45	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>O Campo da Morte</i> (Sangue no Cais) <i>Brincadeiras de Rua</i>	27.Janeiro.1895 5.Fevereiro.1968 1952	6.Dezembro.1966 30.Dezembro.1967
Digressão	07.Setembro.1968 22h00	Teatro S. Pedro Espinho Portugal	<i>A Bela e o Monstro</i> (1ºacto) <i>Feira</i> <i>Brincadeiras de Rua</i>	30.Dezembro.1967 11.Março.1967 1952	30.Dezembro.1967
Digressão	8.Setembro.1968 21h45	Teatro Parque-Cine Figueira da Foz Portugal	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>O Campo da Morte</i> (Sangue no Cais) <i>Brincadeiras de Rua</i>	27.Janeiro.1895 5.Fevereiro.1968 1952	6.Dezembro.1966 30.Dezembro.1967
Digressão	10.Setembro.1968 21h30	Parque da Cidade Viseu Portugal	<i>A Bela e o Monstro</i> (1ºacto) <i>Brincadeiras de Rua</i> <i>La Fille Mal Gardée</i> (1ºacto)	30.Dezembro.1967 1952 1876	30.Dezembro.1967 22.Dezembro.1964
Programa 1	13.Dezembro.1968 18h30 14.Dezembro.1968 18h30 16.Dezembro.1968 18h30 17.Dezembro.1968 21h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>Mosaico</i> <i>Visões Fugitivas</i> (Walter Gore) <i>Danças do Príncipe Igor</i>	10.Maio.1965 18.Março.1968 19.Maio.1909	13.Dezembro.1968
1969					
Programa 2	10.Janeiro.1969 18h30 11.Janeiro.1969 18h30 13.Janeiro.1969 18h30 14.Janeiro.1969 21h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>As Sifídes</i> (Walter Gore) <i>Tempos Modernos</i> <i>Brincadeiras de Rua</i>	2.Junho.1909 10.Janeiro.1969 1952	24.Dezembro.1961 30.Dezembro.1967
Programa 3	24.Janeiro.1969 18h30 25.Janeiro.1969 18h30 27.Janeiro.1969 18h30 28.Janeiro.1969 21h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>Danças de Boyce</i> <i>Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência</i> <i>Desportistas</i>	11.Fevereiro.1967 3.Junho.1967 24.Janeiro.1969	
Programa 4	21.Fevereiro.1969 18h30 22.Fevereiro.1969 18h30 24.Fevereiro.1969 18h30 25.Fevereiro.1969 18h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>Ensaio de Dança e Movimento</i> <i>O Campo da Morte</i> (Sangue no Cais) <i>As Bodas de Aurora</i>	21.Fevereiro.1969 5.Fevereiro.1968 Janeiro 1890	21.Fevereiro.1969
Programa 5	07.Março.1969 18h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>Danças de Boyce</i>	11.Fevereiro.1967	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	08.Março.1969 18h30 10.Março.1969 18h30 11.Março.1969 21h30		<i>História de Amor</i> <i>Encruzilhada</i>	7.Março.1969 1.Abril.1968	
Programa 6	18.Março.1969 21h30 19.Março.1969 18h30 21.Março.1969 18h30 22.Março.1969 18h30	Teatro Politeama Lisboa Portugal	<i>Suite de Verdi</i> <i>O Lodo</i> <i>Instantâneo</i>	3.Junho.1967 18.Março.1969 18.Março.1969	
XIII Festival Gulbenkian de Música	18.Maio.1969 18h30 19.Maio.1969 21h30	Teatro S.Carlos Lisboa Portugal	<i>Alcina (Ópera)</i>	18.Maio.1969	
	24.Maio.1969 21h30	Teatro Tivoli Lisboa Portugal	<i>Ensaio de Dança e Movimento</i> <i>O Pássaro de Fogo (versão Lifar-54)</i> <i>O Belo Danúbio</i>	21.Fevereiro.1969 7.Abril.1954 17.Maio.1924	24.Maio.1969 24.Maio.1969
	31.Maio.1969 21h30 1.Junho.1969 21.20h	Coliseu Lisboa Portugal	<i>A Danação de Fausto (Ópera)</i>	31.Maio.1969	
Digressão	4.Junho.1969 21h30	Cine-Teatro Luisa Todi Setubal Portugal	<i>Ensaio de Dança e Movimento</i> <i>História de Amor</i> <i>Brincadeiras de Rua</i>	21.Fevereiro.1969 7.Março.1969 1952	30.Dezembro.1967
Digressão	6.junho.1969 21h30	Piscina Beja Portugal	<i>Ensaio de Dança e Movimento</i> <i>O Pássaro de Fogo (versão Lifar-54)</i> <i>O Belo Danúbio</i>	21.Fevereiro.1969 7.Abril.1954 Maio 1924	24.Maio.1969 Maio.1969
Digressão	7.Junho.1969 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Ensaio de Dança e Movimento</i> <i>O Pássaro de Fogo (versão Lifar-54)</i> <i>O Belo Danúbio</i>	21.Fevereiro.1969 7.Abril.1954 17.Maio.1924	24.Maio.1969 24.Maio.1969
Digressão	5.Agosto.1969	Luanda Angola	<i>As Sílides (Walter Gore)</i> <i>Devoradores da Escuridão</i> <i>Danças de Boyce</i>	2.Junho.1909 1957 11.Fevereiro.1967	24.Dezembro.1961 25.Janeiro.1966
Digressão	6.Agosto.1969	Luanda Angola	<i>Encruzilhada</i> <i>Feira</i> <i>O Belo Danúbio</i>	1.Abril.1968 11.Março.1967 17.Maio.1924	24.Maio.1969
Digressão	7.Agosto.1969	Luanda Angola	<i>O Pássaro de Fogo (versão Lifar-54)</i> <i>Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência</i>	7.Abril.1954 3.Junho.1967	24.Maio.1969

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Suite de Verdi</i>	3.Junho.1967	
Digressão	8.Agosto.1969	Luanda Angola	<i>As Sílides (Walter Gore)</i> <i>Feira</i> <i>O Pássaro de Fogo (versão Lifar-54)</i>	2.Junho.1909 11.Março.1967 7.Abril.1954	24.Dezembro.1961 24.Maió.1969
Digressão	11.Agosto.1969	Benguela Angola	<i>As Sílides (Walter Gore)</i> <i>Devoradores da Escuridão</i> <i>Danças de Boyce</i>	2.Junho.1909 1957 11.Fevereiro.1967	24.Dezembro.1961 25.Janeiro.1966
Digressão	12.Agosto.1969	Benguela Angola	<i>Encruzilhada</i> <i>Feira</i> <i>O Belo Danúbio</i>	1.Abril.1968 11.Março.1967 17.Maió.1924	24.Maió.1969
Digressão	15.Agosto.1969	Nova Lisboa Angola	<i>Encruzilhada</i> <i>Feira</i> <i>O Belo Danúbio</i>	1.Abril.1968 11.Março.1967 17.Maió.1924	24.Maió.1969
Digressão	20.Agosto.1969	Lourenço Marques Moçambique	<i>As Sílides (Walter Gore)</i> <i>Devoradores da Escuridão</i> <i>Danças de Boyce</i>	2.Junho.1909 1957 11.Fevereiro.1967	24.Dezembro.1961 25.Janeiro.1966
Digressão	21.Agosto.1969	Lourenço Marques Moçambique	<i>Encruzilhada</i> <i>Feira</i> <i>O Belo Danúbio</i>	1.Abril.1968 11.Março.1967 17.Maió.1924	24.Maió.1969
Digressão	22.Agosto.1969	Lourenço Marques Moçambique	<i>O Pássaro de Fogo</i> <i>Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência</i> <i>Suite de Verdi</i>	7.Abril.1954 3.Junho.1967 3.Junho.1967	24.Maió.1969
Digressão	23.Agosto.1969	Lourenço Marques Moçambique	<i>As Sílides (Walter Gore)</i> <i>Feira</i> <i>O Pássaro de Fogo</i>	2.Junho.1909 11.Março.1967 7.Abril.1954	24.Dezembro.1961 24.Maió.1969
Digressão	27.Agosto.1969	Beira Moçambique	<i>As Sílides (Walter Gore)</i> <i>Devoradores da Escuridão</i> <i>Danças de Boyce</i>	2.Junho.1909 1957 11.Fevereiro.1967	24.Dezembro.1961 25.Janeiro.1966
Digressão	28.Agosto.1969	Beira Moçambique	<i>Encruzilhada</i> <i>Feira</i> <i>O Belo Danúbio</i>	1.Abril.1968 11.Março.1967 17.Maió.1924	24.Maió.1969
Digressão	29.Agosto.1969	Beira Moçambique	<i>O Pássaro de Fogo</i> <i>Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência</i> <i>Suite de Verdi</i>	7.Abril.1954 3.Junho.1967 3.Junho.1967	24.Maió.1969
Digressão	02.Setembro.1969 03.Setembro.1969	Nampula Moçambique	<i>As Sílides (Walter Gore)</i> <i>Feira</i> <i>O Belo Danúbio</i>	2.Junho.1909 11.Março.1967 17.Maió.1924	24.Dezembro.1961 24.Maió.1969

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
1970					
Programa 1	14.Fevereiro.1970 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Concerto</i> <i>Giselle (Anton Dolin)</i>	14.Fevereiro.1970	
	15.Fevereiro.1970 15h30			28.Junho.1841	14.Janeiro.1967
	15.Fevereiro.1970 21h30				
	16.Fevereiro.1970 18h30				
	17.Fevereiro.1970 18h30				
	19.Fevereiro.1970 18h30				
	20.Fevereiro.1970 18h30				
Programa 2	28.Fevereiro.1970 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>As Silfídes (Geoffrey Davidson)</i> <i>O Trono</i> <i>O Belo Danúbio</i>	2.Junho.1909	24.Dezembro.1961
	01.Março.1970 15h30			28.Fevereiro.1970	
	01.Março.1970 21h30			17.Maio.1924	24.Maio.1969
	02.Março.1970 18h30				
	03.Março.1970 18h30				
Programa 3	14.Março.1970 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Raymonda (Divertimento)</i> <i>Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência</i> <i>Petruchka</i>	7.Janeiro.1898	14.Março.1970
	15.Março.1970 15h30			3.Junho.1967	
	15.Março.1970 21h30				
	16.Março.1970 18h30				
	17.Março.1970 18h30			13.Junho.1911	14.Março.1970
XIV Festival Gulbenkian de Música	17.Maio.1970 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Ifigénia em Taurida (Ópera)</i>	17.Maio.1970	
	20.Maio.1970 21h30				
	25.Maio.1970 21h30	Coliseu do Porto Porto Portugal	<i>Ifigénia em Taurida (Ópera)</i>	17.Maio.1970	
	2.Junho.1970 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Máscaras de Ostende</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970	
				2.Junho.1970	
				2.Junho.1970	
	3.Junho.1970 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Máscaras de Ostende</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970	
				2.Junho.1970	
				2.Junho.1970	
	4.junho.1970 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Máscaras de Ostende</i>	2.Junho.1970	
2.Junho.1970					

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Gravitação</i>	2.Junho.1970	
	5.junho.1970 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Máscaras de Ostende</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970 2.Junho.1970 2.Junho.1970	
	7.junho.1970 21h30	Paço dos Duques Guimarães Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Máscaras de Ostende</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970 2.Junho.1970 2.Junho.1970	
Digressão Expo 70 - Osaka	22.Agosto.1970 14:00h	Expo Hall Osaka Japão	<i>Suite de Bach</i> <i>Máscaras de Ostende</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970 2.Junho.1970 2.Junho.1970	
Digressão Expo 70 - Osaka	24.Agosto.1970 19.00h 25.Agosto.1970 19.00h 26.Agosto.1970 19.00h 27.Agosto.1970 19.00h 28.Agosto.1970 19.00h 29.Agosto.1970 19.00h	Festival Plaza Osaka Japão	<i>Namban Matsuri</i> (Co-produção coreográfica Luso-Nipónica)	24.Agosto.1970	
Programa 1	21.Novembro.1970 21h30 22.Novembro.1970 15h30 22.Novembro.1970 21h30 23.Novembro.1970 18h30 24.Novembro.1970 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Epitáfio para Gesualdo</i> <i>Três Poemas e Poslúdio</i>	2.Junho.1970 21.Novembro.1970 21.Novembro.1970	
Programa 2	05.Dezembro.1970 21h30 06.Dezembro.1970 15h30 06.Dezembro.1970 21h30 07.Dezembro.1970 18h30 08.Dezembro.1970 15h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Caminhos do Tempo</i> <i>Passacaglia</i> <i>Petruchka</i>	5.Dezembro.1970 5.Dezembro.1970 13.Junho.1911 14.Março.1970	
1971					
Programa 3	02.Janeiro.1971 21h30 03.Janeiro.1971 15h30 03.Janeiro.1971 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Quebra-Nozes (versão integral)</i>	18.Dezembro.1892	8.Junho.1964

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	04.Janeiro.1971 18h30 05.Janeiro.1971 18h30 06.Janeiro.1971 18h30 08.Janeiro.1971 21h30 09.Janeiro.1971 21h30 10.Janeiro.1971 15h30 10.Janeiro.1971 21h30 11.Janeiro.1971 18h30 12.Janeiro.1971 18h30				
Programa 4	13.Fevereiro.1971 21h30 14.Fevereiro.1971 15h30 14.Fevereiro.1971 21h30 15.Fevereiro.1971 18h30 16.Fevereiro.1971 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>O Messias</i> <i>Amor de Perdição</i>	27.Janeiro.1895 13.Fevereiro.1971 4.Março.1968	6.Dezembro.1966
Programa 5	27.Fevereiro.1971 21h30 28.Fevereiro.1971 15h30 28.Fevereiro.1971 21h30 01.Março.1971 18h30 02.Março.1971 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Judas</i> <i>Dulcineia</i> <i>O Messias</i>	5.Fevereiro.1968 27.Fevereiro.1971 13.Fevereiro.1971	
Programa 6	13.Março.1971 21h30 14.Março.1971 15h30 14.Março.1971 21h30 15.Março.1971 18h30 16.Março.1971 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>Pawn to King 5</i> <i>Gravitação</i>	27.Janeiro.1895 Novembro.1968 2.Junho.1970	6.Dezembro.1966 13.Março.1971
Digressão	23.Abril.1971 21h30 25.Abril.1971 15h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>Passacaglia</i> <i>Petruchka</i>	27.Janeiro.1895 5.Dezembro.1970 13.Junho.1911	6.Dezembro.1966 14.Março.1970
Digressão	24.Abril.1971 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Amor de Perdição</i>	2.Junho.1970 4.Março.1968	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Quebra-Nozes (2º acto)</i>	18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	25.Abril.1971 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Raymonda (Divertimento)</i> <i>O Messias</i> <i>Quebra-Nozes (2º acto)</i>	7.Janeiro.1898 13.Fevereiro.1971 18.Dezembro.1892	14.Março.1970 8.Junho.1964
Digressão	26.Abril.1971 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Judas</i> <i>Gravitação</i> <i>Quebra-Nozes (2º acto)</i>	5.Fevereiro.1968 2.Junho.1970 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	27.Abril.1971 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Raymonda (Divertimento)</i> <i>Dulcineia</i> <i>O Messias</i>	7.Janeiro.1898 27.Fevereiro.1971 13.Fevereiro.1971	14.Março.1970
Digressão	28.Abril.1971 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Dulcineia</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970 27.Fevereiro.1971 2.Junho.1970	
Programa 7	25.Maio.1971 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>Quebra-Nozes (2º acto)</i>	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Programa 8	1.Junho.1971 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Movimentos Sinfónicos</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i> <i>Ritual de Sombras</i>	1.Junho.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 1.Junho.1971	
Digressão	15.Junho.1971	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>Quebra-Nozes (2ºActo)</i>	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	16.Junho.1971	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Movimentos Sinfónicos</i> <i>Gravitação</i> <i>O Messias</i>	1.Junho.1971 Junho 1970 Junho 1970 13.Fevereiro.1971	
Digressão	17.Junho.1971	Figueira da Foz Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>Quebra-Nozes (2ºActo)</i>	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	18.Junho.1971	Aveiro Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>Quebra-Nozes (2ºActo)</i>	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	19.Junho.1971	Póvoa do Varzim Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>Quebra-Nozes (2ºActo)</i>	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	20.Junho.1971	Viana do Castelo Portugal	<i>Movimentos Sinfónicos</i> <i>Gravitação</i>	1.Junho.1971 Junho 1970 Junho 1970	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>O Messias</i>	13.Fevereiro.1971	
Digressão	22.Junho.1971	Braga Portugal	<i>Movimentos Sinfónicos</i> <i>Gravitação</i> <i>O Messias</i>	1.Junho.1971 Junho 1970 Junho 1970 13.Fevereiro.1971	
Digressão	23.Junho.1971	Espinho Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>O Messias</i>	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 13.Fevereiro.1971	
Digressão	2.Julho.1971 21h30	Nova Lisboa Angola	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>Quebra-Nozes (2º acto)</i>	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	3.Julho.1971 15h30	Nova Lisboa Angola	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>O Messias</i>	2.Junho.1971 13.Fevereiro.1971 5.Dezembro.1970	
Digressão	3.Julho.1971 21h30	Nova Lisboa Angola	<i>Movimentos Sinfónicos</i> <i>O Messias</i> <i>Quebra-Nozes (2º acto)</i>	1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	6.Julho.1971 21h30	Benguela Angola	<i>Suite de Bach</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i> <i>Quebra-Nozes (2º acto)</i>	2.Junho.1970 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	7.Julho.1971 21h30	Benguela Angola	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>Passacaglia</i> <i>Gravitação</i>	27.Janeiro.1895 5.Dezembro.1970 2.Junho.1970	6.Dezembro.1966
Digressão	8.Julho.1971 21h30	Benguela Angola	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i> <i>O Messias</i>	27.Janeiro.1895 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	6.Dezembro.1966
Digressão	13.Julho.1971 21h30	Luanda Angola	<i>Suite de Bach</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i> <i>Quebra-Nozes (2º acto)</i>	2.Junho.1970 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	14.Julho.1971 21h30	Luanda Angola	<i>O Lago dos Cisnes (2º acto)</i> <i>Gravitação</i> <i>O Messias</i>	27.Janeiro.1895 2.Junho.1970 13.Fevereiro.1971	6.Dezembro.1966
Digressão	15.Julho.1971 21h30	Luanda Angola	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>Quebra-Nozes (2º acto)</i>	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	16.Julho.1971 21h30	Luanda Angola	<i>Raymonda (Divertimento)</i>	7.Janeiro.1898	14.Março.1970

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Ritual de Sombras</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso</i>	1.Junho.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971	
Digressão	17.Julho.1971 15h30	Luanda Angola	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>Passacaglia</i> <i>Quebra-Nozes</i> (2º acto)	27.Janeiro.1895 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	6.Dezembro.1966 8.Junho.1964
Digressão	17.Julho.1971 21h30	Luanda Angola	<i>Movimentos</i> <i>Sinfónicos</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso</i> (2ª Versão) <i>O Messias</i>	1.Junho.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	
Digressão	21.Julho.1971 21h30	Lourenço Marques Moçambique	<i>Suite de Bach</i> <i>Passacaglia</i> <i>Quebra-Nozes</i> (2º acto)	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	22.Julho.1971 21h30	Lourenço Marques Moçambique	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>Dulcineia</i> <i>Gravitação</i>	27.Janeiro.1895 27.Fevereiro.1971 2.Junho.1970	6.Dezembro.1966
Digressão	23.Julho.1971 21h30	Lourenço Marques Moçambique	<i>Raymonda</i> (Divertimento) <i>Ritual de Sombras</i> <i>O Messias</i>	7.Janeiro.1898 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	14.Março.1970
Digressão	24.Julho.1971 15h30	Lourenço Marques Moçambique	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>Passaglia</i> <i>Quebra-Nozes</i> (2º acto)	27.Janeiro.1895 5.Dezembro.1970 18.Dezembro.1892	6.Dezembro.1966 8.Junho.1964
Digressão	24.Julho.1971 21h30	Lourenço Marques Moçambique	<i>Movimentos</i> <i>Sinfónicos</i> <i>Dulcineia</i> <i>Gravitação</i>	1.Junho.1971 27.Fevereiro.1971 2.Junho.1970	
Digressão	28.Julho.1971 21h30	Beira Moçambique	<i>Suite de Bach</i> <i>O Messias</i> <i>Quebra-Nozes</i> (2º acto)	2.Junho.1970 13.Fevereiro.1971 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Digressão	29.Julho.1971 21h30	Beira Moçambique	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>Passacaglia</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970 5.Dezembro.1970 2.Junho.1970	
Digressão	30.Julho.1971	Beira Moçambique	<i>Movimentos</i> <i>Sinfónicos</i> <i>Gravitação</i> <i>O Messias</i>	1.Junho.1971 2.Junho.1970 13.Fevereiro.1971	
Digressão	3.Agosto.1971 21h30	Nampula Moçambique	<i>Suite de Bach</i> <i>O Messias</i> <i>Quebra-Nozes</i> (2º acto)	2.Junho.1970 13.Fevereiro.1971 18.Dezembro.1892	8.Junho.1964

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	4.Agosto.1971 21h30	Numpula Moçambique	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>Passacaglia</i> <i>Gravitação</i>	27.Janeiro.1895 5.Dezembro.1970 2.Junho.1970	6.Dezembro.1966
Digressão	7.Agosto.1971 21h00	Salisbury Rodésia	<i>Suite de Bach</i> <i>Dulcinea</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970 27.Fevereiro.1971 2.Junho.1970	
Digressão	8.Agosto.1971 21h00	Salisbury Rodésia	<i>Movimentos</i> <i>Sinfónicos</i> <i>Ritual de Sombras e</i> (algumas reacções) <i>O Messias</i>	1.Junho.1971 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	
Digressão	11.Agosto.1971 21h00	Blantyre Malawi	<i>Suite de Bach</i> <i>Dulcinea</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970 27.Fevereiro.1971 Junho 1970 Junho 1970	
Digressão	12.Agosto.1971 21h00	Blantyre Malawi	<i>Movimentos</i> <i>Sinfónicos</i> <i>Ritual de Sombras</i> <i>O Messias</i>	1.Junho.1971 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	
Digressão	13.Agosto.1971 21h00	Blantyre Malawi	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>Gravitação</i> <i>O Messias</i>	27.Janeiro.1895 2.Junho.1970 13.Fevereiro.1971	6.Dezembro.1966
Digressão Festival - III Decena Musical	9.Outubro.1971 22h45	Teatro Municipal Lope de Veja Sevilha Espanha	<i>O Lago dos Cisnes</i> (2º acto) <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso (2ª</i> <i>Versão)</i> <i>O Messias</i>	27.Janeiro.1895 24.Mai.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	6.Dezembro.1966
	10.Outubro.1971 20h15	Teatro Municipal Lope de Veja Sevilha Espanha	<i>Suite de Bach</i> <i>Dulcinea</i> <i>Gravitação</i>	2.Junho.1970 27.Fevereiro.1971 2.Junho.1970	
Programa 1	13.Novembro.1971 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Contrastes</i>	13.Novembro.1971	
	14.Novembro.1971 15h30		<i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso (2ª</i> <i>Versão)</i>	24.Mai.1965 - 1.Junho.1971	
	14.Novembro.1971 21h30		<i>Odisseia do Ser</i>	13.Novembro.1971	
	15.Novembro.1971 18h30				
	16.Novembro.1971 18h30				
Programa 2	04.Dezembro.1971 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>As Sílides</i> (Geoffrey Davidson)	2.Junho.1909	24.Dezembro.1961
	05.Dezembro.1971 15h30		<i>Continuum Sobre</i> <i>um Tema de</i> <i>Akutagawa</i>	4.Dezembro.1971	
	05.Dezembro.1971 21h30		<i>Metamorfoses</i>	4.Dezembro.1971	
	06.Dezembro.1971 18h30				

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	07.Dezembro.1971 18h30				
Programa 3	18.Dezembro.1971 21h30 19.Dezembro.1971 15h30 19.Dezembro.1971 21h30 20.Dezembro.1971 18h30 21.Dezembro.1971 18h30 26.Dezembro.1971 15h30 26.Dezembro.1971 21h30 27.Dezembro.1971 18h30 28.Dezembro.1971 18h30 29.Dezembro.1971 18h30 30.Dezembro.1971 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Quebra-Nozes</i> (<i>versão integral</i>)	18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
1972					
Programa 4	29.Janeiro.1972 21h30 30.Janeiro.1972 15h30 30.Janeiro.1972 21h30 31.Janeiro.1972 18h30 01.Fevereiro.1972 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Ritual de Sombras</i> <i>O Cisne Negro</i> <i>Passacaglia</i> <i>A Morte do Cisne</i> <i>Sassenach Suite</i>	1.Junho.1971 1895 5.Dezembro.1970 22.Dezembro.1907 Maio.1961	24.Abril.1965 29.Janeiro.1972 26.Março.1966
Programa 5	19.Fevereiro.1972 21h30 20.Fevereiro.1972 15h30 20.Fevereiro.1972 21h30 21.Fevereiro.1972 18h30 22.Fevereiro.1972 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Movimentos</i> <i>Sinfónicos</i> <i>Sky Well</i> <i>Gravitação</i>	1.Junho.1971 19.Fevereiro.1972 2.Junho.1970	
Programa 6	18.Março.1972 21h30 19.Março.1972 15h30 19.Março.1972 21h30 20.Março.1972 18h30 21.Março.1972 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Danças de Boyce</i> <i>Arquipélago III</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> (<i>Sparemblek</i>)	11.Fevereiro.1967 18.Março.1972 18.Março.1972	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
I Estúdio Coreográfico	1.Maio.1972 18h30	Audatório Dois da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Ritual Um</i> <i>Madrigal de Amor</i> <i>Evocações (Patrick Hurde)</i> <i>Sabat das Bruxas</i> <i>Estúdio A</i> <i>Happening</i>	1.Maio.1972 1.Maio.1972 1.Maio.1972 1.Maio.1972 1.Maio.1972 1.Maio.1972	
Programa 7	29.Maio.1972 18h30 30.Maio.1972 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i> <i>Dulcineia</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Sparemblek)</i>	18.Março.1972 27.Fevereiro.1971 29.Maio.1972	
Digressão	09.Junho.1972 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Metamorfoses</i> <i>O Mandarim Maravilhoso (2ª Versão)</i> <i>O Messias</i>	4.Dezembro.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	
Digressão	10.Junho.1972 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Sky Well</i> <i>Dulcineia</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 27.Fevereiro.1971 18.Março.1972	
Digressão	11.Junho.1972 15h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Sky Well</i> <i>Dulcineia</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 27.Fevereiro.1971 18.Março.1972	
Digressão	11.Junho.1972 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Metamorfoses</i> <i>O Mandarim Maravilhoso (2ª Versão)</i> <i>O Messias</i>	4.Dezembro.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	
Digressão	14.Junho.1972 21h30	Teatro-Circo Braga Portugal	<i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i> <i>Dulcineia</i> <i>O Messias</i>	18.Março.1972 27.Fevereiro.1971 13.Fevereiro.1971	
Digressão	15.Junho.1972 21h30	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Metamorfoses</i> <i>O Mandarim Maravilhoso (2ª Versão)</i> <i>O Messias</i>	4.Dezembro.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	
Digressão	16.Junho.1972 21h30	Teatro S. Pedro Espinho Portugal	<i>Sky Well</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Sparemblek)</i> <i>Metamorfoses</i>	19.Fevereiro.1972 29.Maio.1972 4.Dezembro.1971	
Digressão	17.Junho.1972	Teatro Aveirense Aveiro	<i>Sky Well</i>	19.Fevereiro.1972	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30	Portugal	<i>Arquipélago III</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	18.Março.1972 18.Março.1972	
Digressão	18.Junho.1972 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Sky Well</i> <i>Dulcineia</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 27.Fevereiro.1971 18.Março.1972	
Digressão	19.Junho.1972 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Metamorfozes</i> <i>Antigas Vozes de</i> <i>Crianças</i> <i>(Sparemblek)</i> <i>O Messias</i>	4.Dezembro.1971 29.Maio.1972 13.Fevereiro.1971	
Digressão	28.Julho.1972 21h00	Teatro Municipal Rio de Janeiro Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Dulcineia</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 27.Fevereiro.1971 18.Março.1972	
Digressão	29.Julho.1972 21h00	Teatro Municipal Rio de Janeiro Brasil	<i>O Messias</i> <i>Ritual de Sombras</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso (2ª</i> <i>Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 1.Junho.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971	
Digressão	30.Julho.1972 21h00	Teatro Municipal Rio de Janeiro Brasil	<i>O Messias</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	13.Fevereiro.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 18.Março.1972	
Digressão	01.Agosto.1972 21h00	Teatro Municipal Rio de Janeiro Brasil	<i>Dulcineia</i> <i>Antigas Vozes de</i> <i>Crianças</i> <i>(Sparemblek)</i> <i>Gravitação</i>	27.Fevereiro.1971 29.Maio.1972 2.Junho.1970	
Digressão	02.Agosto.1972 16h00	Teatro Municipal Rio de Janeiro Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Antigas Vozes de</i> <i>Crianças</i> <i>(Sparemblek)</i> <i>Gravitação</i>	19.Fevereiro.1972 29.Maio.1972 2.Junho.1970	
Digressão	02.Agosto.1972 21h00	Teatro Municipal Rio de Janeiro Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Arquipélago III</i> <i>Passacaglia</i> <i>O Messias</i>	19.Fevereiro.1972 18.Março.1972 5.Dezembro.1970 13.Fevereiro.1971	
Digressão	05.Agosto.1972 21h00	Teatro Municipal São Paulo Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Dulcineia</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 27.Fevereiro.1971 18.Março.1972	
Digressão	06.Agosto.1972	Teatro Municipal São Paulo	<i>O Messias</i>	13.Fevereiro.1971	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h00	Brasil	<i>Ritual de Sombras</i> <i>O Mandarim</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i>	1.Junho.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971	
Digressão	07.Agosto.1972 16h00	Teatro Municipal São Paulo Brasil	<i>Dulcineia</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Sparemblek)</i> <i>Gravitação</i>	27.Fevereiro.1971 29.Maio.1972 2.Junho.1970	
Digressão	08.Agosto.1972 16h00	Teatro Municipal São Paulo Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Arquipélago III</i> <i>Passacaglia</i> <i>O Messias</i>	19.Fevereiro.1972 18.Março.1972 5.Dezembro.1970 13.Fevereiro.1971	
Digressão	08.Agosto.1972 21h00	Teatro Municipal São Paulo Brasil	<i>O Messias</i> <i>O Mandarim</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	13.Fevereiro.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 18.Março.1972	
Digressão	12.Agosto.1972 21h00	Grande Teatro do Palácio das Artes Belo Horizonte Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Dulcineia</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 27.Fevereiro.1971 18.Março.1972	
Digressão	13.Agosto.1972 21h00	Grande Teatro do Palácio das Artes Belo Horizonte Brasil	<i>O Messias</i> <i>Ritual de Sombras</i> <i>O Mandarim</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 1.Junho.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971	
Digressão	14.Agosto.1972 21h00	Grande Teatro do Palácio das Artes Belo Horizonte Brasil	<i>O Messias</i> <i>Passacaglia</i> <i>Arquipélago III</i> <i>Gravitação</i>	13.Fevereiro.1971 5.Dezembro.1970 18.Março.1972 2.Junho.1970	
Digressão	18.Agosto.1972 21h00	Sala Martins Pena Brasília Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Dulcineia</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 27.Fevereiro.1971 18.Março.1972	
Digressão	19.Agosto.1972 21h00	Sala Martins Pena Brasília Brasil	<i>O Messias</i> <i>Ritual de Sombras</i> <i>O Mandarim</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 1.Junho.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971	
Digressão	20.Agosto.1972 16h00	Sala Martins Pena Brasília Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 29.Maio.1972	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	18.Março.1972	
Digressão	20.Agosto.1972 21h00	Sala Martins Pena Brasília Brasil	<i>O Messias</i> <i>Ancient Voices of Children</i> <i>Gravitação</i>	13.Fevereiro.1971 29.Maio.1972 2.Junho.1970	
Digressão	25.Agosto.1972 21h00	Teatro Castro Alves São Salvador Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Dulcineia</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 27.Fevereiro.1971 18.Março.1972	
Digressão	26.Agosto.1972 21h00	Teatro Castro Alves São Salvador Brasil	<i>O Messias</i> <i>Ritual de Sombras</i> <i>O Mandarim</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 1.Junho.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971	
Digressão	27.Agosto.1972 16h00	Teatro Castro Alves São Salvador Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Arquipélago III</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 18.Março.1972 18.Março.1972	
Digressão	27.Agosto.1972 21h00	Teatro Castro Alves São Salvador Brasil	<i>O Messias</i> <i>Passacaglia</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Sparemblek)</i> <i>Gravitação</i>	13.Fevereiro.1971 5.Dezembro.1970 29.Maio.1972 2.Junho.1970	
Digressão	31.Agosto.1972 21h00	Teatro Santa Isabel Recife Brasil	<i>Sky Well</i> <i>Dulcineia</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 27.Fevereiro.1971 18.Março.1972	
Digressão	01.Setembro.1972 21h00	Teatro Santa Isabel Recife Brasil	<i>O Messias</i> <i>Ritual de Sombras</i> <i>O Mandarim</i> <i>Maravilhoso (2ª Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 1.Junho.1971 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971	
Digressão	02.Setembro.1972 21h00	Teatro Santa Isabel Recife Brasil	<i>O Messias</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Sparemblek)</i> <i>Gravitação</i>	13.Fevereiro.1971 29.Maio.1972 2.Junho.1970	
Programa 1	25.Novembro.1972 21h30 26.Novembro.1972 15h30 26.Novembro.1972 21h30 27.Novembro.1972	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Amargo</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Sparemblek)</i> <i>Catulli Carmina</i>	25.Novembro.1972 29.Maio.1972 25.Novembro.1972	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	18.20h 28.Novembro.1972 18h30				
Programa 2	16.Dezembro.1972 21h30 17.Dezembro.1972 21h30 18.Dezembro.1972 18h30 19.Dezembro.1972 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	Sky Well O Som da Noite (Night Sound) Continuum Sobre um Tema de Akutagawa Metamorfoses	19.Fevereiro.1972 16.Dezembro .1972 4.Dezembro.1971 4.Dezembro.1971	
1973					
Programa 3	06.Janeiro.1973 21h30 07.Janeiro.1973 15h30 07.Janeiro.1973 21h30 08.Janeiro.1973 18h30 09.Janeiro.1973 18h30 11.Janeiro.1973 18h30 12.Janeiro.1973 18h30 13.Janeiro.1973 21h30 14.Janeiro.1973 15h30 14.Janeiro.1973 21h30 15.Janeiro.1973 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Giselle (Jorge Garcia)</i>	28.Junho.1841	14.Janeiro.1967
Programa 4	10.Fevereiro.1973 21h30 11.Fevereiro.1973 15h30 11.Fevereiro.1973 21h30 12.Fevereiro.1973 18h30 13.Fevereiro.1973 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Três Movimentos</i> <i>Kinesis - Expressões Cinéticas</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	10.Fevereiro.1973 10.Fevereiro.1973 18.Março.1972	
Programa 5	10.Março.1973 21h30 11.Março.1973 15h30 11.Março.1973 21h30 12.Março.1973 18h30 13.Março.1973	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Suite de Bach</i> <i>Ritual Um</i> <i>Happening</i> <i>Evocações (Patrick Hurde)</i> <i>Opus 43</i>	2.Junho.1970 1.Maio.1972 - 10.Março.1973 1.Maio.1972 1.Maio.1972 10.Março.1972	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	18h30				
Programa 6	7.Abril.1973 21h30 8.Abril.1973 15h30 8.Abril.1973 21h30 9.Abril.1973 18h30 10.Abril.1973 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>As Silfídes (Jorge Garcia)</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Jazz Mass</i>	2.Junho.1909 7.Abril.1973 Novembro.1967	24.Dezembro.1961 7.Abril.1973
Digressão	27.Abril.1973 22.30h	Gran Teatro del Liceo Barcelona Espanha	<i>Kinesis -</i> <i>Expressões</i> <i>Cinéticas</i> <i>Passacaglia</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	10.Fevereiro.1973 5.Dezembro.1970 7.Abril.1973 18.Março.1972	
Digressão	28.Abril.1973 22.30h	Gran Teatro del Liceo Barcelona Espanha	<i>Sky Well</i> <i>Antigas Vozes de</i> <i>Crianças</i> <i>(Sparemblek)</i> <i>O Som da Noite</i> <i>(Night Sound)</i> <i>O Messias</i>	19.Fevereiro.1972 29.Maio.1972 16.Dezembro .1972 13.Fevereiro.1971	
	18.Maio.1973 21h30 20.Maio.1973 15.30 21.Maio.1973 21h30 22.Maio.1973 18.30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Orfeu (Ópera)</i>	18.Maio.1973	
II Estúdio Coreográfico	1.Junho.1973 18h30 2.Junho.1973 18h30	Auditório Dois da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Haendel Op.1,nº15</i> <i>Primeiro Encontro</i> <i>Proposta para uma</i> <i>Coreografia</i> <i>Última Dança para</i> <i>Meu Pai</i> <i>Carta Branca</i> <i>Estudo de Textura</i>	1.Junho.1973 1.Junho.1973 1.Junho.1973 1.Junho.1973 1.Junho.1973	
	15.Junho.1973	Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>O Messia</i> <i>Passacaglia</i> <i>Arquipélago III</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	Fevereiro 1971 5.Dezembro.1970 18.Março.1972 18.Março.1972	Fevereiro 1971
	26.Junho.1973 21h30	Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Sky Well</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso (2ª</i> <i>Versão)</i> <i>O Messias</i>	19.Fevereiro.1972 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	09.Julho.1973 10.Julho.1973	Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	<i>O Messias</i> <i>Passacaglia</i> <i>Arquipélago III</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	13.Fevereiro.1971 5.Dezembro.1970 18.Março.1972 18.Março.1972	
Digressão	11.Julho.1973 12.Julho.1973 13.Julho.1973	Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	<i>Sky Well</i> <i>Antigas Vozes de</i> <i>Crianças</i> <i>(Sparemblek)</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	19.Fevereiro.1972 29.Maio.1972 18.Março.1972	
Digressão	14.Julho.1973	Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	<i>Jazz Mass</i> <i>O Mandarim</i> <i>Maravilhoso (2ª</i> <i>Versão)</i> <i>O Som da Noite</i> <i>(Night Sound)</i> <i>O Messias</i>	Novembro.1967 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 Dezembro 1972 13.Fevereiro.1971	7.Abril.1973 Dezembro 1972
Digressão	28.Julho.1973 22h00	Largo da Sé Faro Portugal	<i>O Messias</i> <i>Passacaglia</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	13.Fevereiro.1971 5.Dezembro.1970 7.Abril.1973 18.Março.1972	
Digressão	29.Julho.1973 22h00	Largo da Sé Faro Portugal	<i>Sky Well</i> <i>O Mandarim</i> <i>Maravilhoso (2ª</i> <i>Versão)</i> <i>O Messias</i>	19.Fevereiro.1972 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	
Digressão	30.Julho.1973 22h00	Largo da Sé Faro Portugal	<i>Jazz Mass</i> <i>Antigas Vozes de</i> <i>Crianças</i> <i>(Sparemblek)</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	Novembro.1967 29.Maio.1972 18.Março.1972	7.Abril.1973
Digressão	03.Agosto.1973 22h00	Torralta Portimão Portugal	<i>O Messias</i> <i>Passacaglia</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Sinfonia dos Salmos</i> <i>(Sparemblek)</i>	13.Fevereiro.1971 5.Dezembro.1970 7.Abril.1973 18.Março.1972	
Digressão	04.Agosto.1973 22h00	Torralta Portimão Portugal	<i>Sky Well</i> <i>O Mandarim</i> <i>Maravilhoso (2ª</i> <i>Versão)</i> <i>O Messias</i>	19.Fevereiro.1972 24.Maio.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	
Digressão	05.Agosto.1973 22h00	Torralta Portimão Portugal	<i>Jazz Mass</i> <i>Antigas Vozes de</i>	Novembro.1967 29.Maio.1972	7.Abril.1973

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Crianças (Sparemblek)</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	18.Março.1972	
Digressão	09.Agosto.1973 22h00	Parque de Turismo Lagos Portugal	<i>O Messias</i> <i>Passacaglia</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i>	13.Fevereiro.1971 5.Dezembro.1970 7.Abril.1973 18.Março.1972	
Digressão	10.Agosto.1973 22h00	Parque de Turismo Lagos Portugal	<i>Jazz Mass</i> <i>O Mandarin</i> <i>Maravilhoso</i> <i>O Messias</i>	Novembro.1967 24.Mai.1965 - 1.Junho.1971 13.Fevereiro.1971	7.Abril.1973
Programa 1	10.Novembro.1973 21h30 11.Novembro.1973 15h30 11.Novembro.1973 21h30 12.Novembro.1973 18h30 13.Novembro.1973 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Opus 43</i> <i>O Som da Noite (Night Sound)</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>O Combate de Tancredo e Clorinda (MS)</i>	10.Março.1972 16.Dezembro .1972 10.Novembro.1973 10.Novembro.1973	
Programa 2	08.Dezembro. 1973 21h30 09.Dezembro.1973 15h30 09.Dezembro.1973 21h30 10.Dezembro.1973 18h30 11.Dezembro.1973 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Gravitação</i> <i>Duo (Jorge Garcia)</i> <i>Tekt</i> <i>O Trono (Nova Versão)</i>	2.Junho.1970 8.Dezembro.1973 8.Dezembro.1973 28.Fevereiro.1970	
1974					
Programa 3	05.Janeiro.1974 21h30 06.Janeiro.1974 15h30 06.Janeiro.1974 21h30 07.Janeiro.1974 18h30 08.Janeiro.1974 18h30 10.Janeiro.1974 18h30 11.Janeiro.1974 18h30 12.Janeiro.1974 21h30 13.Janeiro.1974 15h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Três Movimentos</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)</i> <i>Petruchka</i>	10.Fevereiro.1973 18.Março.1972 13.Junho.1911 14.Março.1970	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	13.Janeiro.1974 21h30				
Programa 4	09.Fevereiro.1974 21h30 10.Fevereiro.1974 15h30 10.Fevereiro.1974 21h30 11.Fevereiro.1974 18h30 12.Fevereiro.1974 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Majísimo</i> <i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Catulli Carmina</i>	9.Fevereiro.1974 9.Fevereiro.1974 25.Novembro.1972	
Programa 5	09.Março.1974 21h30 10.Março.1974 15h30 10.Março.1974 21h30 11.Março.1974 18h30 12.Março.1974 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Wop-bob-a-loobop</i> <i>O Mandarim Maravilhoso (2ª Versão)</i> <i>Whirligogs</i>	9.Março.1974 24.Mai.1965 - 1.Junho.1971 Dezembro.1970 9.Março.1974	
Programa 6	06.Abril.1974 21h30 07.Abril.1974 15h30 07.Abril.1974 21h30 08.Abril.1974 18h30 09.Abril.1974 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>O Messias</i> <i>Passacaglia</i> <i>Satélites... Cama e mesa na Amadora e um passe de comboio</i> <i>O Idílio de Siegfried</i>	13.Fevereiro.1971 5.Dezembro.1970 6.Abril.1974 6.Abril.1974	
Digressão	24.Abril.1974	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Opus 43</i>	9.Fevereiro.1974 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
Digressão	25.Abril.1974	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Opus 43</i>	9.Fevereiro.1974 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
Digressão	26.Abril.1974	Teatro Jordão Guimarães Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Opus 43</i>	9.Fevereiro.1974 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
Digressão	27.Abril.1974 21h30	Auditório do Conservatório Calouste Gulbenkian Braga Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Opus 43</i>	9.Fevereiro.1974 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
Digressão	29.Abril.1974	Teatro Aveirense Aveiro	<i>O Baile dos</i>	9.Fevereiro.1974	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30	Portugal	<i>Mendigos</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Opus 43</i>	10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
Digressão	30.Abril.1974 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Opus 43</i>	9.Fevereiro.1974 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
III Estúdio Coreográfico	30.Maio.1974 18h30 31.Maio.1974 18h30	Auditório Dois da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Ensaio</i> <i>Duo (Carlos</i> <i>Fernandes)</i> <i>Segundo</i> <i>Movimento de 1</i> <i>Bailado Incompleto</i> <i>Sobre Um Poema</i> <i>de Álvaro de</i> <i>Campos</i> <i>Fox-trot 5 Horas</i> <i>Behold you are,</i> <i>Beautiful</i> <i>Circuitos</i>	30.Maio.1974 30.Maio.1974 30.Maio.1974 30.Maio.1974 30.Maio.1974 30.Maio.1974 30.Maio.1974 30.Maio.1974	
Digressão	10.Junho.1974 21h30	Praça Marquês de Pombal Vila Real StºAntónio Portugal	<i>Gravitação</i> <i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Catulli Carmina</i>	2.Junho.1970 9.Fevereiro.1974 25.Novembro.1972	
Digressão	11.Junho.1974 21h30	Praça Marquês de Pombal Vila Real StºAntónio Portugal	<i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Satélites... Cama e</i> <i>mesa na Amadora e</i> <i>um passe de</i> <i>comboio</i> <i>Opus 43</i>	6.Abril.1974 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
Digressão	12.Junho.1974 21h30	Teatro Lethes Faro Portugal	<i>Gravitação</i> <i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Catulli Carmina</i>	2.Junho.1970 9.Fevereiro.1974 25.Novembro.1972	
Digressão	13.Junho.1974 21h30	Teatro Lethes Faro Portugal	<i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Satélites... Cama e</i> <i>mesa na Amadora e</i> <i>um passe de</i> <i>comboio</i> <i>Opus 43</i>	6.Abril.1974 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
Digressão	14.Junho.1974 21h30	Praça do Infante Lagos Portugal	<i>Gravitação</i> <i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Catulli Carmina</i>	2.Junho.1970 9.Fevereiro.1974 25.Novembro.1972	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	15.Junho.1974 21h30	Praça do Infante Lagos Portugal	<i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Satélites... Cama e</i> <i>mesa na Amadora e</i> <i>um passe de</i> <i>comboio</i> <i>Opus 43</i>	6.Abril.1974 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
Programa de Verão 1	21.Junho.1974 21h30 22.Junho.1974 21h30	Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Gravitação</i> <i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Catulli Carmina</i>	2.Junho.1970 9.Fevereiro.1974 25.Novembro.1972	
	25.Junho.1974 16h30 25.Junho.1974 21h30	Teatro Vasco Santana Lisboa Portugal	<i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Satélites... Cama e</i> <i>mesa na Amadora e</i> <i>um passe de</i> <i>comboio</i> <i>O Messias</i>	9.Fevereiro.1974 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 13.Fevereiro.1971	
Programa de Verão 2 <i>CANCELADO - devido a</i> <i>chuva</i>	28.Junho.1974 21h30 29.Junho.1974 21h30	Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>O Messias</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Satélites... Cama e</i> <i>mesa na Amadora e</i> <i>um passe de</i> <i>comboio</i> <i>Opus 43</i>	13.Fevereiro.1971 10.Novembro.1973 6.Abril.1974 10.Março.1972	
Digressão	3 Julho 1974 21h30	Jardins du Palais du Pharo Marselha França	<i>O Messias</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Catulli Carmina</i> <i>Opus 43</i>	13.Fevereiro.1971 10.Novembro.1973 25.Novembro.1972 10.Março.1972	
Digressão	4 Julho 1974 21h30	Jardins du Palais du Pharo Marselha França	<i>O Messias</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Catulli Carmina</i> <i>Opus 43</i>	13.Fevereiro.1971 10.Novembro.1973 25.Novembro.1972 10.Março.1972	
Digressão Festival de Nervi	7.Julho.1974 8.Julho.1974 9.Julho.1974	Teatro Enrico Cecchetti Nervi Itália	<i>O Messias</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Catulli Carmina</i> <i>Opus 43</i>	13.Fevereiro.1971 10.Novembro.1973 25.Novembro.1972 10.Março.1972	
Digressão Atelier Coreográfico d'Angers	11.Julho.1974 21h30	Chateau du Plessis-Bourré Angers França	<i>O Messias</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Catulli Carmina</i> <i>Opus 43</i>	13.Fevereiro.1971 10.Novembro.1973 25.Novembro.1972 10.Março.1972	
Digressão primeiro espectáculo <i>CANCELADO devido a</i>	14.Julho.1974	Teatro Nacional Zagreb Jugoslávia	<i>O Messias</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Catulli Carmina</i>	13.Fevereiro.1971 10.Novembro.1973 25.Novembro.1972	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
<i>atraso na chegada do material de cena</i>			<i>Opus 43</i>		10.Março.1972
Digressão segundo espectáculo	16.Julho.1974 20h30	Teatro Nacional Zagreb Jugoslávia	<i>O Messias</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Catulli Carmina</i> <i>Opus 43</i>		13.Fevereiro.1971 10.Novembro.1973 25.Novembro.1972 10.Março.1972
Digressão <i>CANCELADO devido à greve da companhia</i>	18.Julho.1974	Auditório ao ar livre Split Jugoslávia	<i>O Messias</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Catulli Carmina</i> <i>Opus 43</i>		13.Fevereiro.1971 10.Novembro.1973 25.Novembro.1972 10.Março.1972
Digressão <i>CANCELADO devido à greve da companhia</i>	19.Julho.1974	Espectáculo ao ar Livre Hvar Jugoslávia	<i>O Messias</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Catulli Carmina</i> <i>Opus 43</i>		13.Fevereiro.1971 10.Novembro.1973 25.Novembro.1972 10.Março.1972
1975					
Programa 1	18.Janeiro.1975 21h30 19.Janeiro.1975 16h00 19.Janeiro.1975 21h30 20.Janeiro.1975 18h30 24.Janeiro.1975 21h30 25.Janeiro.1975 16h00 25.Janeiro.1975 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Hossana para um Tempo Novo</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>O Triunfo de Afrodite</i>		18.Janeiro.1975 7.Abril.1973 18.Janeiro.1975
Espectáculo em honra do Presidente da República do Senegal	28.Janeiro.1975 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Inter-Rupto</i> <i>O Triunfo de Afrodite</i>		7.Abril.1973 18.Janeiro.1975
Programa 2	01.Março.1975 21h30 02.Março.1975 16h00 02.Março.1975 21h30 03.Março.1975 18h30 07.Março.1975 21h30 08.Março.1975 16h00 08.Março.1975 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Adsum</i> <i>Whirligogs</i> <i>O Idílio de Siegfried</i> <i>Variações Sinfónicas</i>		1.Março.1975 Dezembro.1970 9.Março.1974 6.Abril.1974 1.Março.1975
Programa 3	03.Maio.1975 21h30 04.Maio.1975	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>O Messias</i> <i>Os Últimos</i>		13.Fevereiro.1971 3.Maio.1975

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	16h00 04.Maio.1975 21h30 05.Maio.1975 18h30 09.Maio.1975 21h30 11.Maio.1975 16h00 11.Maio.1975 21h30		<i>Segundos do Último sonho de ...</i> <i>Duo (Carlos Fernandes)</i> <i>Eurídice Morreu</i>	30.Maio.1974 1968	3.Maio.1975
Digressão	13.Julho.1975 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Raymonda (Divertimento)</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>O Messias</i>	7.Janeiro.1898 7.Abril.1973 10.Novembro.1973 13.Fevereiro.1971	14.Março.1970
Programa de Verão 1	25.Julho.1975 21h30 26.Julho.1975 21h30	Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Raymonda (Divertimento)</i> <i>Duo (Carlos Fernandes)</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>O Messias</i>	7.Janeiro.1898 30.Maio.1974 7.Abril.1973 13.Fevereiro.1971	14.Março.1970
Programa de Verão 2	30.Julho.1975 21h30 31.Julho.1975 21h30	Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Raymonda (Divertimento)</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Inter-Rupto (pas-de-deux)</i> <i>Variações Sinfónicas</i>	7.Janeiro.1898 10.Novembro.1973 7.Abril.1973 1.Março.1975	14.Março.1970
Programa 1	06.Novembro.1975 21h15 07.Novembro.1975 21h15 08.Novembro.1975 18h30 09.Novembro.1975 16h00 09.Novembro.1975 21h15	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Concerto em Sol Maior</i> <i>Grand Pas-de-Quatre</i> <i>Lamentos</i> <i>Hossana para um Tempo Novo</i>	6.Novembro.1975 12.Julho.1845 6.Novembro.1975 6.Novembro.1975 18.Janeiro.1975	6.Novembro.1975
	23.Novembro.1975	Academia Militar Lisboa Portugal	<i>Giselle (Jorge Garcia)</i> <i>A Bela Adormecida</i> <i>Casse Noisettes (Grand Pas-De-Deux)</i> <i>Petruchka</i> <i>O Messias</i>	28.Junho.1841 Janeiro 1890 6.Dezembro.1892 13.Junho.1911 13.Fevereiro.1971	14.Janeiro.1967 23.Novembro.1975 24.Dezembro.1961 14.Março.1970
Programa 2	27.Dezembro.1975 21h15 28.Dezembro.1975 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Quebra-Nozes (versão integral)</i>	18.Dezembro.1892	8.Junho.1964

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	28.Dezembro.1975 21h15 29.Dezembro.1975 18h30 30.Dezembro.1975 18h30				
1976					
Programa 2	02.Janeiro.1976 18h30 03.Janeiro.1976 21h15 04.Janeiro.1976 16h00 04.Janeiro.1976 21h15	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Quebra-Nozes (versão integral)</i>	18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Programa 3	29.Janeiro.1976 21h15 30.Janeiro.1976 21h15 31.Janeiro.1976 18h30 01.Fevereiro.1976 16h00 01.Fevereiro.1976 21h15	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Raymonda (Divertimento)</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>O Som da Noite (Night Sound)</i> <i>Os Últimos Segundos do Último sonho de ...</i>	7.Janeiro.1898 10.Novembro.1973 16.Dezembro .1972 3.Maio.1975	14.Março.1970
Programa 4	27.Maio.1976 21h15 28.Maio.1976 21h15 29.Maio.1976 18h30 30.Maio.1976 16h00 30.Maio.1976 21h15	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>As Sinfides (Roland Casenave)</i> <i>Catulli Carmina</i> <i>Ecce Homo</i>	2.Junho.1909 25.Novembro.1972 Janeiro.1968	24.Dezembro.1961 27.Maio.1976
Programa 5	06.Julho.1976 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Grand Pas-de- Quatre</i> <i>O Som da Noite (Night Sound)</i> <i>Três Danças para Música Japonesa</i>	12.Julho.1845 16.Dezembro .1972 1973	6.Novembro.1975 6.Julho.1976
IV Estúdio Coreográfico	15.Julho.1976 18h30 16.Julho.1976 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Galopes, Polkas & Valsas</i> <i>Bachiana</i> <i>Requiem</i> <i>Outono</i> <i>Glória (Carlos Fernandes)</i>	15.Julho.1976 15.Julho.1976 15.Julho.1976 15.Julho.1976 15.Julho.1976	
Programa de Verão	29.Julho.1976 21h30	Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian	<i>O Baile dos Mendigos</i>	9.Fevereiro.1974	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	30.Julho.1976 21h30	Lisboa Portugal	<i>Lamentos</i> <i>O Messias</i>	6.Novembro.1975 13.Fevereiro.1971	
1977					
Programa 1	05.Janeiro.1977 21h15 06.Janeiro.1977 16h00 06.Janeiro.1977 21h15 07.Janeiro.1977 18h30 08.Janeiro.1977 16h00 09.Janeiro.1977 21h15	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Concertino</i> <i>Outono</i> <i>Petruchka</i>	5.Janeiro.1977 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 13.Junho.1911 14.Março.1970	
Programa 2	11.Fevereiro.1977 21h15 12.Fevereiro.1977 16h00 12.Fevereiro.1977 21h15 13.Fevereiro.1977 16h00 14.Fevereiro.1977 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Whirligogs</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Variações</i> <i>Nostálgicas</i> <i>Libera me</i>	Dezembro.1970 9.Março.1974 11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977	
Programa 3	26.Março.1977 21h15 27.Março.1977 16h00 27.Março.1977 21h15 28.Março.1977 18h30 29.Março.1977 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Concerto em Sol</i> <i>Maior</i> <i>Dança Ritual do</i> <i>Touro Selvagem</i> <i>Última Dança para</i> <i>Meu Pai</i> <i>A Valsa Mais Triste</i>	6.Novembro.1975 26.Março.1977 1.Junho.1973 - 26.Março.1977 26.Março.1977	
Digressão	06.Maio.1977 21h15	Teatro-Circo Braga Portugal	<i>Variações</i> <i>Nostálgicas</i> <i>Última Dança para</i> <i>Meu Pai</i> <i>Outono</i> <i>Três Danças para</i> <i>Música Japonesa</i>	11.Fevereiro.1977 1.Junho.1973 - 26.Março.1977 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 1973 6.Julho.1976	
Digressão	07.Maio.1977 18h00	Cine-Teatro Jordão Guimarães Portugal	<i>Variações</i> <i>Nostálgicas</i> <i>Última Dança para</i> <i>Meu Pai</i> <i>Outono</i> <i>Três Danças para</i> <i>Música Japonesa</i>	11.Fevereiro.1977 1.Junho.1973 - 26.Março.1977 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 1973 6.Julho.1976	
Digressão	09.Maio.1977 21h15	Cine-Cine-Teatro Garrett Póvoa de Varzim Portugal	<i>Variações</i> <i>Nostálgicas</i>	11.Fevereiro.1977	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Última Dança para Meu Pai</i> <i>Outono</i> <i>Três Danças para Música Japonesa</i>	1.Junho.1973 - 26.Março.1977 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 1973	6.Julho.1976
Digressão	10.Maio.1977 21h15	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Variações Nostálgicas</i> <i>Última Dança para Meu Pai</i> <i>Outono</i> <i>Três Danças para Música Japonesa</i>	11.Fevereiro.1977 1.Junho.1973 - 26.Março.1977 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 1973	6.Julho.1976
Digressão	11.Maio.1977 21h15	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Concerto em Sol Maior</i> <i>Libera me</i> <i>Ao Crepúsculo</i>	6.Novembro.1975 11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977	
Digressão	12.Maio.1977 21h15	Cine-Teatro Ovar Portugal	<i>Concerto em Sol Maior</i> <i>Variações Nostálgicas</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Whirligogs</i>	6.Novembro.1975 11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977	Dezembro.1970 9.Março.1974
Digressão	13.Maio.1977 21h15	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Concerto em Sol Maior</i> <i>Variações Nostálgicas</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Whirligogs</i>	6.Novembro.1975 11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977	Dezembro.1970 9.Março.1974
Digressão	14.Maio.1977 21h15	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Variações Nostálgicas</i> <i>Última Dança para Meu Pai</i> <i>Outono</i> <i>Três Danças para Música Japonesa</i>	11.Fevereiro.1977 1.Junho.1973 - 26.Março.1977 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 1973	6.Julho.1976
Digressão	16.Maio.1977 21h15	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Variações Nostálgicas</i> <i>Última Dança para Meu Pai</i> <i>Outono</i> <i>Três Danças para Música Japonesa</i>	11.Fevereiro.1977 1.Junho.1973 - 26.Março.1977 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 1973	6.Julho.1976
Digressão	17.Maio.1977 21h15	Cine-Teatro de Tomar Tomar Portugal	<i>Concerto em Sol Maior</i> <i>Variações Nostálgicas</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Whirligogs</i>	6.Novembro.1975 11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977	Dezembro.1970 9.Março.1974
Digressão	18.Maio.1977 21h15	Teatro São Pedro Abrantes Portugal	<i>Concerto em Sol Maior</i> <i>Variações Nostálgicas</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Whirligogs</i>	6.Novembro.1975 11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977	Dezembro.1970 9.Março.1974
Digressão	19.Maio.1977	Cine-Teatro Alcobaça	<i>Concerto em Sol</i>	6.Novembro.1975	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h15	Portugal	<i>Maior</i> <i>Variações</i> <i>Nostálgicas</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Whirligogs</i>	11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977 Dezembro.1970	9.Março.1974
Programa 4	26.Maio.1977 21h15 27.Maio.1977 18h30 28.Maio.1977 16h00 28.Maio.1977 21h15 29.Maio.1977 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Variações</i> <i>Nostálgicas</i> <i>Libera me</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977 11.Fevereiro.1977	1973 6.Julho.1976
V Estúdio Coreográfico	14.Julho.1977 21h15 15.Julho.1977 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Imagens</i> <i>Ausência</i> <i>Azul-Cinza</i> <i>Recordando</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Serenata</i> <i>Divergência</i>	14.Julho.1977 14.Julho.1977 14.Julho.1977 14.Julho.1977 14.Julho.1977 14.Julho.1977 14.Julho.1977 14.Julho.1977	
Digressão	23.Julho.1977 22h00	Parque de Campismo Praia da Saúde Costa da Caparica Portugal	<i>Grand Pas-de-Quatre</i> <i>O Som da Noite (Night Sound)</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	12.Julho.1845 16.Dezembro .1972 11.Fevereiro.1977 1973	6.Novembro.1975 6.Julho.1976
Digressão	25.Julho.1977 21h30	Teatro Curvo Semedo Montemor-o-Novo Portugal	<i>Grand Pas-de-Quatre</i> <i>O Som da Noite (Night Sound)</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	12.Julho.1845 16.Dezembro .1972 11.Fevereiro.1977 1973	6.Novembro.1975 6.Julho.1976
Digressão	27.Julho.1977 21h30	Fórum Municipal Luísa Todi Setúbal Portugal	<i>Grand Pas-de-Quatre</i> <i>O Som da Noite (Night Sound)</i> <i>Ao Crepúsculo</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	12.Julho.1845 16.Dezembro .1972 11.Fevereiro.1977 1973	6.Novembro.1975 6.Julho.1976
Digressão	29.Julho.1977 21h30	Parque D. Carlos I Caldas da Rainha Portugal	<i>Grand Pas-de-Quatre</i> <i>O Som da Noite (Night Sound)</i> <i>Ao Crepúsculo</i>	12.Julho.1845 16.Dezembro .1972 11.Fevereiro.1977	6.Novembro.1975

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	1973	6.Julho.1976
Programa 1	28.Outubro.1977 21h15 29.Outubro.1977 16h00 29.Outubro.1977 21h15 30.Outubro.1977 16h00 11.Novembro.1977 21h15	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Solstício de Verão -- Danças da Memória, do Sonho e da Meditação</i> <i>Enigmas</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	18.Novembro.1972 1973	28.Outubro.1977 6.Julho.1976
Programa 2	03.Novembro.1977 21h15 12.Novembro.1977 16h00 12.Novembro.1977 21h15 13.Novembro.1977 16h00 13.Novembro.1977 21h15	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Solstício de Verão - Danças da Memória, do Sonho e da Meditação</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Catulli Carmina</i>	18.Novembro.1972 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 25.Novembro.1972	28.Outubro.1977
Programa 3	23.Dezembro.1977 21h15 27.Dezembro.1977 18h30 28.Dezembro.1977 16h00 28.Dezembro.1977 21h15 29.Dezembro.1977 16h00 29.Dezembro.1977 21h15 30.Dezembro.1977 16h00 30.Dezembro.1977 21h15 31.Dezembro.1977 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Quebra-Nozes (versão integral)</i>	18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
1978					
Programa 3	02.Janeiro.1978 21h15 03.Janeiro.1978 18h30 04.Janeiro.1978 18h30 05.Janeiro.1978 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Quebra-Nozes (versão integral)</i>	18.Dezembro.1892	8.Junho.1964
Programa 4	10.Fevereiro.1978 21h15 11.Fevereiro.1978	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Inter-Rupto</i> <i>Suite Lírica</i>	7.Abril.1973 10.Fevereiro.1978	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	16h00 11.Fevereiro.1978 21h15 12.Fevereiro.1978 16h00 10.Março. 1978 21h15 11.Março.1978 16h00 11.Março.1978 21h15		<i>O Messias</i>	13.Fevereiro.1971	
Digressão	17.Março.1978 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Solstício de Verão - Danças da Memória, do Sonho e da Meditação Inter-Rupto O Messias</i>	18.Novembro.1972 7.Abril.1973 13.Fevereiro.1971	28.Outubro.1977
Digressão	18.Março.1978 21h30	Teatro S.Pedro Abrantes Portugal	<i>O Messias Vórtice Noite de Quatro Luas Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 18.Março.1978 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 1973	6.Julho.1976
Digressão	21.Março.1978 21h30	Teatro Garcia de Rezende Evora Portugal	<i>O Messias Vórtice Noite de Quatro Luas Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 18.Março.1978 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 1973	6.Julho.1976
Digressão	22.Março.1978 21h30	Fórum Municipal Luísa Todi Setúbal Portugal	<i>Solstício de Verão - Danças da Memória, do Sonho e da Meditação Inter-Rupto O Messias</i>	18.Novembro.1972 7.Abril.1973 13.Fevereiro.1971	28.Outubro.1977
Digressão	30.Março.1978 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Solstício de Verão - Danças da Memória, do Sonho e da Meditação Inter-Rupto O Messias</i>	18.Novembro.1972 7.Abril.1973 13.Fevereiro.1971	28.Outubro.1977
Digressão	31.Março.1978 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>O Messias Vórtice Noite de Quatro Luas Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 18.Março.1978 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 1973	6.Julho.1976
Digressão	01.Abril.1978 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Solstício de Verão - Danças da</i>	18.Novembro.1972	28.Outubro.1977

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Memória, do Sonho e da Meditação</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>O Messias</i>	7.Abril.1973 13.Fevereiro.1971	
Digressão	03.Abril.1978 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>O Messias</i> <i>Vórtice</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 18.Março.1978 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 1973	6.Julho.1976
Digressão	04.Abril.1978 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Solstício de Verão - Danças da Memória, do Sonho e da Meditação</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>O Messias</i>	18.Novembro.1972 7.Abril.1973 13.Fevereiro.1971	28.Outubro.1977
Digressão	05.Abril.1978 21h30	Teatro S. Pedro Espinho Portugal	<i>Solstício de Verão - Danças da Memória, do Sonho e da Meditação</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>O Messias</i>	18.Novembro.1972 7.Abril.1973 13.Fevereiro.1971	28.Outubro.1977
Digressão	06.Abril.1978 21h30	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Solstício de Verão - Danças da Memória, do Sonho e da Meditação</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>O Messias</i>	18.Novembro.1972 7.Abril.1973 13.Fevereiro.1971	28.Outubro.1977
Digressão	8.Abril.1978 21h30	Teatro-Circo Braga Portugal	<i>Solstício de Verão - Danças da Memória, do Sonho e da Meditação</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>O Messias</i>	18.Novembro.1972 7.Abril.1973 13.Fevereiro.1971	28.Outubro.1977
Digressão	11.Abril.1978 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo de Vila Real Vila Real Portugal	<i>O Messias</i> <i>Vórtice</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 18.Março.1978 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 1973	6.Julho.1976
Digressão	13.Abril.1978 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	<i>O Messias</i> <i>Vórtice</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 18.Março.1978 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 1973	6.Julho.1976
Programa 5	19.Mai.1978 21h15	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i>	9.Fevereiro.1974	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	20.Maio.1978 16h00 20.Maio.1978 21h15 21.Maio.1978 16h00 22.Maio.1978 18h30 23.Maio.1978 18h30		<i>Webern Opus 5</i> <i>Outono</i> <i>Distâncias Sonhos</i> <i>Proximidades</i>	1965 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 19.Maio.1978	19.Maio.1978
VI Estúdio Coreográfico (1º Prog)	30.Junho.1978 21h30 03.Julho.1978 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Panambi - Ritual de um casamento</i> <i>Cinco-Seis-Sete</i> <i>Memorare</i> <i>Que loucos que somos!... Tu não és?</i>	30.Junho.1978 30.Junho.1978 30.Junho.1978 30.Junho.1978	
VI Estúdio Coreográfico (2º Prog)	01.Julho.1978 21h30 04.Julho.1978 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Pouco menos que tê ponto bê ponto gê ponto sete sete barra sete oito ponto final parágrafo Círculo de quatro lados</i> <i>Dois homens, duas mulheres</i> <i>Soirée musical</i>	1.Julho.1978 1.Julho.1978 1.Julho.1978 1.Julho.1978	
Digressão	22.Julho.1978 21h45	Jradim Municipal Portimão Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>O Messias</i>	9.Fevereiro.1974 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 13.Fevereiro.1971	
Digressão	24.Julho.1978 21h45	Jardim Municipal Portimão Portugal	<i>Distâncias Sonhos</i> <i>Proximidades</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	19.Maio.1978 7.Abril.1973 1973	6.Julho.1976
Digressão	25.Julho.1978 21h45	Marina Vilamoura Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>O Messias</i>	9.Fevereiro.1974 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 13.Fevereiro.1971	
Digressão	26.Julho.1978 21h45	Marina Vilamoura Portugal	<i>Distâncias Sonhos</i> <i>Proximidades</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	19.Maio.1978 7.Abril.1973 1973	6.Julho.1976
Digressão	27.Julho.1978 21h45	Cinema S. António Faro Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Noite de Quatro Luas</i>	9.Fevereiro.1974 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>O Messias</i>	13.Fevereiro.1971	
Digressão	28.Julho.1978 21h45	Cinema S.António Faro Portugal	<i>Distâncias Sonhos</i> <i>Proximidades</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Três Danças para</i> <i>Música Japonesa</i> <i>(Nova Versão)</i>	19.Maio.1978 7.Abril.1973 1973	6.Julho.1976
Digressão	29.Julho.1978 21h45	Praça do Município Vila Real de Santo António Portugal	<i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Noite de Quatro</i> <i>Luas</i> <i>O Messias</i>	9.Fevereiro.1974 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 13.Fevereiro.1971	
Digressão	31.Julho.1978 21h45	Praça do Município Vila Real de Santo António Portugal	<i>Distâncias Sonhos</i> <i>Proximidades</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Três Danças para</i> <i>Música Japonesa</i> <i>(Nova Versão)</i>	19.Maio.1978 7.Abril.1973 1973	6.Julho.1976
Digressão	07.Agosto.1978 21h30	Cine-Teatro de Azeitão Azeitão Portugal	<i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Noite de Quatro</i> <i>Luas</i> <i>O Messias</i>	9.Fevereiro.1974 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 13.Fevereiro.1971	
Digressão	08.Agosto.1978 21h30	Cine-Teatro Carlos Manuel Sintra Portugal	<i>Distâncias Sonhos</i> <i>Proximidades</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Três Danças para</i> <i>Música Japonesa</i> <i>(Nova Versão)</i>	19.Maio.1978 7.Abril.1973 1973	6.Julho.1976
Digressão	09.Agosto.1978 21h30	Cine-Teatro Carlos Manuel Sintra Portugal	<i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Noite de Quatro</i> <i>Luas</i> <i>O Messias</i>	9.Fevereiro.1974 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 13.Fevereiro.1971	
Programa 1	01.Dezembro.1978 21h30 05.Dezembro.1978 21h30 09.Dezembro.1978 21h30 10.Dezembro.1978 16h00 29.Dezembro.1978 18h30 30.Dezembro.1978 16h00 30.Dezembro.1978 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Variações Paganini</i> <i>Canções sem</i> <i>Palavras</i> <i>Glória (Wellenkamp)</i>	1.Dezembro.1978 1977 1.Dezembro.1978	1.Dezembro.1978
Programa 2	02.Dezembro.1978 21h30 03.Dezembro.1978 16h00 06.Dezembro.1978	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Variações Paganini</i> <i>Lamentos</i> <i>Wings / Asas</i>	1.Dezembro.1978 6.Novembro.1975 Novembro.1970	2.Dezembro.1978

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	18h30 07.Dezembro.1978 18h30 11.Dezembro.1978 21h30 12.Dezembro 1978 21h30				
1979					
Digressão	05.Janeiro.1979 21h30 07.Janeiro.1979 16h00	Teatro São João Porto Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Lamentos</i> <i>Glória (Wellenkamp)</i>	1977 6.Novembro.1975 1.Dezembro.1978	1.Dezembro.1978
Digressão	06.Janeiro.1979 21h30 07.Janeiro.1979 21h30	Teatro São João Porto Portugal	<i>Variações Paganini</i> <i>Wings / Asas</i> <i>Canções sem Palavras</i>	1.Dezembro.1978 Novembro.1970 1977	2.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978
Programa 3	03.Fevereiro.1979 21h30 04.Fevereiro.1979 16h00 07.Fevereiro.1979 21h30 08.Fevereiro.1979 18h30 09.Fevereiro.1979 21h30 10.Fevereiro.1979 21h30 11.Fevereiro.1979 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Canto da Solidão</i> <i>Tempo Suspenso</i> <i>Dimitriana</i>	1977 10.Novembro.1973 3.Fevereiro.1979 3.Fevereiro.1979	1.Dezembro.1978
Programa 4	24.Março.1979 21h30 25.Março.1979 16h00 25.Março.1979 21h30 27.Março.1979 21h30 28.Março.1979 18h30 29.Março.1979 18h30 30.Março.1979 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Twilight (Crepúsculo)</i> <i>Libera me</i>	Novembro.1970 1972 11.Fevereiro.1977	2.Dezembro.1978 24.Março.1979
Digressão	31.Março.1979 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>O Messias</i> <i>Vórtice</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 18.Março.1978 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 1973	6.Julho.1976

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	03.Maio.1979 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Canções sem Palavras Twilight (Crepúsculo) Glória (Wellenkamp)</i>	1977 1972 1.Dezembro.1978	1.Dezembro.1978 24.Março.1979
Digressão	05.Maio.1979 21h30	Cine-Teatro Avenida Castelo Branco Portugal	<i>Varições Paganini Twilight (Crepúsculo) Canções sem Palavras</i>	1.Dezembro.1978 1972 1977	24.Março.1979 1.Dezembro.1978
Digressão	07.Maio.1979 21h30	Cine-Teatro da Covilhã Covilhã Portugal	<i>Canções sem Palavras Twilight (Crepúsculo) Dimitriana</i>	1977 1972 3.Fevereiro.1979	1.Dezembro.1978 24.Março.1979
Digressão	08.Maio.1979 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	<i>Varições Paganini Canções sem Palavras Glória (Wellenkamp)</i>	1.Dezembro.1978 1977 1.Dezembro.1978	1.Dezembro.1978
Digressão	09.Maio.1979 21h30	Teatro Municipal da Guarda Guarda Portugal	<i>Varições Paganini Twilight (Crepúsculo) Canções sem Palavras</i>	1.Dezembro.1978 1972 1977	24.Março.1979 1.Dezembro.1978
Digressão	11.Maio.1979 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Canções sem Palavras Twilight (Crepúsculo) Dimitriana</i>	1977 1972 3.Fevereiro.1979	1.Dezembro.1978 24.Março.1979
Digressão	12.Maio.1979 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Canções sem Palavras Twilight (Crepúsculo) Dimitriana</i>	1977 1972 3.Fevereiro.1979	1.Dezembro.1978 24.Março.1979
Digressão	14.Maio.1979 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Varições Paganini Twilight (Crepúsculo) Glória (Wellenkamp)</i>	1.Dezembro.1978 1972 1.Dezembro.1978	24.Março.1979
Digressão	15.Maio.1979 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Canções sem Palavras Twilight (Crepúsculo) Dimitriana</i>	1977 1972 3.Fevereiro.1979	1.Dezembro.1978 24.Março.1979
Digressão	16.Maio.1979 21h30	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Varições Paganini Twilight (Crepúsculo) Canções sem Palavras</i>	1.Dezembro.1978 1972 1977	24.Março.1979 1.Dezembro.1978
40º Aniversário da	26.Maio.1979	Teatro Nacional de S. Carlos	<i>Memorare</i>	Junho 1978	Junho 1978

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
carreira de Margarida Abreu	21h30	Lisboa Portugal	<i>Ao Crepúsculo</i> <i>Glória (Wellenkamp)</i>	11.Fevereiro.1977 1.Dezembro.1978	
VII Estúdio Coreográfico (1ºProg)	22.Junho.1979 18h30 25.Junho.1979 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Festivo</i> <i>Haikai - Tema para uma mulher</i> <i>Monólogos</i> <i>Invisíveis limites</i>	22.Junho.1979 22.Junho.1979 22.Junho.1979 22.Junho.1979	
VII Estúdio Coreográfico (2ºProg)	23.Junho.1979 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Invisíveis limites</i> <i>Memórias do Passado</i> <i>O Girassol Côr de Laranja</i> <i>Cinco Melodias de Veneza</i> <i>Até à Eternidade</i>	23.Junho.1979 23.Junho.1979 23.Junho.1979 23.Junho.1979 23.Junho.1979	
VII Estúdio Coreográfico (3ºProg)	26.Junho.1979 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Monólogos</i> <i>Memórias do Passado</i> <i>O Girassol Côr de Laranja</i> <i>Cinco Melodias de Veneza</i> <i>Até à Eternidade</i>	22.Junho.1979 23.Junho.1979 23.Junho.1979 23.Junho.1979 23.Junho.1979	
Digressão	14.Julho.1979 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Variações Paganini</i> <i>Twilight (Crepúsculo)</i> <i>Glória (Wellenkamp)</i>	1.Dezembro.1978 1972 1.Dezembro.1978	24.Março.1979
Digressão	15.Julho.1979 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>Dimitriana</i>	Novembro.1970 1977 3.Fevereiro.1979	2.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978
Digressão	16.Julho.1979 21h30 17.Julho.1979 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>Dimitriana</i>	Novembro.1970 1977 3.Fevereiro.1979	2.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978
Digressão	20.Julho.1979 21h30	Teatro Micaelense Ponta Delgada Portugal	<i>Variações Paganini</i> <i>Twilight (Crepúsculo)</i> <i>Glória (Wellenkamp)</i>	1.Dezembro.1978 1972 1.Dezembro.1978	24.Março.1979
Digressão	21.Julho.1979 21h30	Teatro Micaelense Ponta Delgada Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>Dimitriana</i>	Novembro.1970 1977 3.Fevereiro.1979	2.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978
Digressão	27.Julho.1979 21h30	Teatro Angrense Angra do Heroísmo Portugal	<i>Variações Paganini</i>	1.Dezembro.1978	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Crepúsculo</i> <i>Glória (Wellenkamp)</i>	1972 1.Dezembro.1978	Março 1979
Digressão	28.Julho.1979 21h30	Teatro Angrense Angra do Heroísmo Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>Dimitriana</i>	Novembro.1970 1977 3.Fevereiro.1979	2.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978
Digressão	29.Julho.1979 21h30	Teatro Angrense Angra do Heroísmo Portugal	<i>Varições Paganini</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>Glória (Wellenkamp)</i>	1977 1.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978	1.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978
Digressão V Festival de Música da Costa do Estoril	06.Agosto.1979 21h30 07.Agosto.1979 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>Dimitriana</i>	Novembro.1970 1977 3.Fevereiro.1979	2.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978
Digressão	09.Agosto.1979 21h30 10.Agosto.1979 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo de Sesimbra Sesimbra Portugal	<i>Varições Paganini</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>Glória (Wellenkamp)</i>	1977 1.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978	1.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978
Digressão V Festival de Música da Costa do Estoril	13.Agosto.1979 21h30 14.Agosto.1979 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Varições Paganini</i> <i>Twilight</i> <i>(Crepúsculo)</i> <i>Glória (Wellenkamp)</i>	1972 1.Dezembro.1978 1.Dezembro.1978	24.Março.1979
Programa 1	28.Novembro.1979 21h30 29.Novembro.1979 18h30 30.Novembro.1979 21h30 01.Dezembro.1979 16h30 01.Dezembro.1979 21h30 03.Dezembro.1979 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Whirligogs</i> <i>Webern Opus 5</i> <i>Cinco Canções de Mahler</i>	28.Novembro.1979 Dezembro.1970 1965 3.Março.1979	9.Março.1974 19.Maió.1978 28.Novembro.1979
1980					
Programa 2	08.Fevereiro.1980 21h30 09.Fevereiro.1980 16h00 09.Fevereiro.1980 21h30 10.Fevereiro.1980 16h00 13.Fevereiro.1980 21h30 14.Fevereiro.1980 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>Outono</i> <i>Whirligogs</i>	1977 8.Fevereiro.1980 15.Julho.1976 Dezembro.1970	1.Dezembro.1978 5.Janeiro.1977 9.Março.1974
Digressão	17.Março.1980 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Suite Barroca</i>	28.Novembro.1979	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Ante-Manhã</i> <i>Outono</i> <i>Whirligogs</i>	8.Fevereiro.1980 15.Julho.1976 Dezembro.1970	5.Janeiro.1977 9.Março.1974
Digressão	18.Março.1980 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Webern Opus 5</i> <i>Outono</i> <i>Canções sem</i> <i>Palavras</i>	28.Novembro.1979 1965 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 1977	19.Maio.1978 1.Dezembro.1978
Digressão	20.Março.1980 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>Whirligogs</i>	28.Novembro.1979 8.Fevereiro.1980 Dezembro.1970	9.Março.1974
Digressão	21.Março.1980 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>Outono</i> <i>Whirligogs</i>	28.Novembro.1979 8.Fevereiro.1980 15.Julho.1976 - 5.Janeiro.1977 Dezembro.1970	9.Março.1974
Digressão	22.Março.1980 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Webern Opus 5</i> <i>Canções sem</i> <i>Palavras</i>	28.Novembro.1979 1965 1977	19.Maio.1978 1.Dezembro.1978
Programa 3	16.Abril.1980 21h30 17.Abril.1980 18h30 18.Abril.1980 21h30 19.Abril.1980 16h00 19.Abril.1980 21h30 20.Abril.1980 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Squares</i> <i>Twilight</i> <i>(Crepúsculo)</i> <i>Noite de Quatro</i> <i>Luas</i> <i>A Sagração da</i> <i>Primavera</i> <i>(J.Russillo)</i>	1969 1972 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 1979	16.Abril.1980 24.Março.1979 16.Abril.1980
Digressão	12.Maio.1980 21h30	Teatro S. Pedro Espinho Portugal	<i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Whirligogs</i> <i>Canções sem</i> <i>Palavras</i>	9.Fevereiro.1974 Dezembro.1970 1977	9.Março.1974 1.Dezembro.1978
Digressão	13.Maio.1980 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>O Baile dos</i> <i>Mendigos</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>A Sagração da</i> <i>Primavera</i> <i>(J.Russillo)</i>	9.Fevereiro.1974 8.Fevereiro.1980 1979	16.Abril.1980
Digressão	14.Maio.1980 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Noite de Quatro</i> <i>Luas</i> <i>Whirligogs</i> <i>Squares</i>	28.Novembro.1979 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 Dezembro.1970 1969	9.Março.1974 16.Abril.1980
Digressão	15.Maio.1980 21h30	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo	<i>Suite Barroca</i>	28.Novembro.1979	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
		Portugal	<i>Ante-Manhã</i> <i>A Sagração da Primavera</i> (J.Russillo)	8.Fevereiro.1980 1979	16.Abril.1980
Digressão	17.Maio.1980 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo de Vila Real Vila Real Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Whirligogs</i> <i>A Sagração da Primavera</i> (J.Russillo)	1977 Dezembro.1970 1979	1.Dezembro.1978 9.Março.1974 16.Abril.1980
Digressão	19.Maio.1980 21h30	Teatro Ribeiro Conceição Lamego Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Whirligogs</i> <i>Canções sem Palavras</i>	9.Fevereiro.1974 Dezembro.1970 1977	9.Março.1974 1.Dezembro.1978
Digressão	20.Maio.1980 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Whirligogs</i> <i>A Sagração da Primavera</i> (J.Russillo)	28.Novembro.1979 Dezembro.1970 1979	9.Março.1974 16.Abril.1980
Digressão	21.Maio.1980 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>A Sagração da Primavera</i> (J.Russillo)	1977 14.Julho.1977 - 12.Novembro.1977 1979	1.Dezembro.1978 16.Abril.1980
Digressão	23.Maio.1980 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>A Sagração da Primavera</i> (J.Russillo)	9.Fevereiro.1974 8.Fevereiro.1980 1979	16.Abril.1980
Digressão	24.Maio.1980 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>A Sagração da Primavera</i> (J.Russillo)	1977 8.Fevereiro.1980 1979	1.Dezembro.1978 16.Abril.1980
Digressão	27.Maio.1980 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>A Sagração da Primavera</i> (J.Russillo)	9.Fevereiro.1974 8.Fevereiro.1980 1979	16.Abril.1980
Digressão	28.Maio.1980 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Whirligogs</i> <i>Squares</i>	28.Novembro.1979 14.Julho.1977 Dezembro.1970 1969	12.Novembro.1977 9.Março.1974 16.Abril.1980
Digressão	08.Junho.1980	Teatro Municipal Baltazar	<i>O Baile dos</i>	9.Fevereiro.1974	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30 09.Junho.1980 21h30 10.Junho.1980 21h30	Dias Funchal Portugal	<i>Mendigos</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>A Sagração da Primavera</i> <i>(J.Russillo)</i>	8.Fevereiro.1980 1979	16.Abril.1980
Digressão	12.Junho.1980 21h30 13.Junho.1980 21h30 14.Junho.1980 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Whirligogs</i> <i>Squares</i>	28.Novembro.1979 14.Julho.1977 Dezembro.1970 1969	12.Novembro.1977 9.Março.1974 16.Abril.1980
VIII Estúdio Coreográfico	04.Julho.1980 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Vitral</i> <i>In-Submerso</i> <i>Duas Vozes</i> <i>Dedicado a ?...</i> <i>Rodear</i>	4.Julho.1980 4.Julho.1980 4.Julho.1980 4.Julho.1980 4.Julho.1980	
Digressão	10.Julho.1980 21h45	Castelo de Silves Silves Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>A Sagração da Primavera</i> <i>(J.Russillo)</i>	9.Fevereiro.1974 1977 1979	1.Dezembro.1978 16.Abril.1980
Digressão	11.Julho.1980 21h45	Castelo de Silves Algarve Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Whirligogs</i> <i>A Sagração da Primavera</i> <i>(J.Russillo)</i>	1977 Dezembro.1970 1979	1.Dezembro.1978 9.Março.1974 16.Abril.1980
Digressão	12.Julho.1980 21h45	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Whirligogs</i> <i>A Sagração da Primavera</i> <i>(J.Russillo)</i>	1977 Dezembro.1970 1979	1.Dezembro.1978 9.Março.1974 16.Abril.1980
Digressão	14.Julho.1980 21h45	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Whirligogs</i> <i>Canções sem Palavras</i>	9.Fevereiro.1974 Dezembro.1970 1977	9.Março.1974 1.Dezembro.1978
Digressão	16.Julho.1980 21h45	Marina de Vilamoura Vilamoura Portugal	<i>O Baile dos Mendigos</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>A Sagração da Primavera</i> <i>(J.Russillo)</i>	9.Fevereiro.1974 1977 1979	1.Dezembro.1978 16.Abril.1980
Digressão	17.Julho.1980 21h45	Marina de Vilamoura Vilamoura Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Whirligogs</i> <i>A Sagração da Primavera</i>	1977 Dezembro.1970 1979	1.Dezembro.1978 9.Março.1974 16.Abril.1980

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			(J.Russillo)		
Digressão	22.Julho.1980 21h30 23.Julho.1980 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	Suite Barroca Whirligogs A Sagração da Primavera (J.Russillo)	28.Novembro.1979 Dezembro.1970 1979	9.Março.1974 16.Abril.1980
Digressão	25.Julho.1980 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo de Sesimbra Sesimbra Portugal	Suite Barroca Whirligogs A Sagração da Primavera (J.Russillo)	28.Novembro.1979 Dezembro.1970 1979	9.Março.1974 16.Abril.1980
Digressão	26.Julho.1980 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo de Sesimbra Sesimbra Portugal	O Baile dos Mendigos Canções sem Palavras Whirligogs A Sagração da Primavera (J.Russillo)	9.Fevereiro.1974 1977 Dezembro.1970 1979	1.Dezembro.1978 9.Março.1974 16.Abril.1980
Digressão	28.Julho.1980 21h30 29.Julho.1980 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	O Baile dos Mendigos Whirligogs Canções sem Palavras	9.Fevereiro.1974 Dezembro.1970 1977	9.Março.1974 1.Dezembro.1978
Programa 1	12.Novembro.1980 21h30 13.Novembro.1980 18h30 14.Novembro.1980 21h30 15.Novembro.1980 16h00 15.Novembro.1980 21h30 16.Novembro.1980 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	O Messias Ante-Manhã Lúdica	13.Fevereiro.1971 8.Fevereiro.1980 12.Novembro.1980	
Digressão	22.Novembro.1980 21h30	Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal Barreiro Portugal	O Messias Ante-Manhã Lúdica	13.Fevereiro.1971 8.Fevereiro.1980 12.Novembro.1980	
Digressão	25.Novembro.1980 21h30	Fórum Municipal Luísa Todi Setúbal Portugal	O Messias Ante-Manhã Lúdica	13.Fevereiro.1971 8.Fevereiro.1980 12.Novembro.1980	
Digressão	27.Novembro.1980 21h30	Cinema Lido Amadora Portugal	O Messias Lúdica Whirligogs	13.Fevereiro.1971 12.Novembro.1980 Dezembro.1970	9.Março.1974
1981					

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Programa 2	09.Janeiro.1981 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Squares</i> <i>O Som da Noite</i> (<i>Night Sound</i>) <i>O triunfo de Afrodite</i> (<i>Nova Verão</i>)	1969	16.Abril.1980
	10.Janeiro.1981 21h30			16.Dezembro .1972	
	15.Janeiro.1981 18h30			18.Janeiro.1975	
	16.Janeiro.1981 21h30				
	17.Janeiro.1981 16h00				
	17.Janeiro.1981 21h30				
	18.Janeiro.1981 16h00				
Espectáculo em honra do Presidente da República Federativa do Brasil	01.Fevereiro.1981 22h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>O triunfo de Afrodite</i> (<i>Nova Verão</i>)	18.Janeiro.1975	
Programa 3	04.Março.1981 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Paisagem com</i> <i>Ponte</i> <i>Libera me (Nova</i> <i>Versão)</i>	Novembro.1970	2.Dezembro.1978
	05.Março.1981 18h30			4.Março.1981	
	06.Março.1981 21h30			11.Fevereiro.1977 - 4.Março.1981	
	07.Março.1981 16h00				
	08.Março.1981 16h00				
Digressão	14.Março.1981 21h30	Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal Barreiro Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Paisagem com</i> <i>Ponte</i> <i>Libera me (Nova</i> <i>Versão)</i>	Novembro.1970	2.Dezembro.1978
				4.Março.1981	
				11.Fevereiro.1977	4.Março.1981
Digressão	16.Março.1981 21h30	Fórum Municipal Luísa Todi Setúbal Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Paisagem com</i> <i>Ponte</i> <i>Libera me (Nova</i> <i>Versão)</i>	Novembro.1970	2.Dezembro.1978
				4.Março.1981	
				11.Fevereiro.1977	4.Março.1981
Digressão	17.Março.1981 21h30	Cinema Lido Amadora Portugal	<i>Wings / Asas</i> <i>Paisagem com</i> <i>Ponte</i> <i>Libera me (Nova</i> <i>Versão)</i>	Novembro.1970	2.Dezembro.1978
				4.Março.1981	
				11.Fevereiro.1977	4.Março.1981
Programa 4	13.Mai.1981 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Por Onde as</i> <i>Sombras (Valley)</i> <i>O Tempo Antes do</i> <i>Tempo Depois</i> <i>Cinco Poemas de</i> <i>Amor</i>	28.Novembro.1979	
	14.Mai.1981 18h30			1979	13.Mai.1981
	15.Mai.1981 21h30			1969	13.Mai.1981
	16.Mai.1981 16h00				
	16.Mai.1981 16h00				13.Mai.1981

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30 17.Maio.1981 16h00				
Digressão	06.Junho.1981 21h30 07.Junho.1981 21h30	Auditório Nacional Carlos Alberto Porto Portugal	Suite Barroca Por Onde as Sombras (Valley) <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>Libera me (Nova Versão)</i>	28.Novembro.1979 1979 1969 11.Fevereiro.1977	13.Maio.1981 13.Maio.1981 4.Março.1981
Digressão	09.Junho.1981 21h30 10.Junho.1981 21h30	Auditório Nacional Carlos Alberto Porto Portugal	<i>Paisagem com Ponte</i> <i>Cinco Poemas de Amor</i> <i>O Messias</i>	4.Março.1981 13.Maio.1981 13.Fevereiro.1971	
Digressão	12.Junho.1981 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	Suite Barroca Por Onde as Sombras (Valley) <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>Libera me (Nova Versão)</i>	28.Novembro.1979 1979 1969 11.Fevereiro.1977	13.Maio.1981 13.Maio.1981 4.Março.1981
Digressão	13.Junho.1981 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Paisagem com Ponte</i> <i>Cinco Poemas de Amor</i> <i>O Messias</i>	4.Março.1981 13.Maio.1981 13.Fevereiro.1971	
Digressão	16.Junho.1981 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	Suite Barroca Por Onde as Sombras (Valley) <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>O Messias</i>	28.Novembro.1979 1979 1969 13.Fevereiro.1971	13.Maio.1981 13.Maio.1981
Digressão	17.Junho.1981 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Paisagem com Ponte</i> <i>Por Onde as Sombras (Valley)</i> <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>Libera me (Nova Versão)</i>	4.Março.1981 1979 1969 11.Fevereiro.1977	13.Maio.1981 13.Maio.1981 4.Março.1981
Digressão	19.Junho.1981 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>O Messias</i> <i>Por Onde as Sombras (Valley)</i> <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>Libera me (Nova Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 1979 1969 11.Fevereiro.1977	13.Maio.1981 13.Maio.1981 4.Março.1981
Digressão	22.Junho.1981 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	Suite Barroca <i>Por Onde as</i>	28.Novembro.1979 1979	13.Maio.1981

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Sombras (Valley)</i> <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>Libera me (Nova Versão)</i>	1969 11.Fevereiro.1977	13.Maio.1981 4.Março.1981
Digressão	23.Junho.1981 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Paisagem com Ponte</i> <i>Cinco Poemas de Amor</i> <i>O Messias</i>	4.Março.1981 13.Maio.1981 13.Fevereiro.1971	
Digressão	01.Julho.1981 21h30 02.Julho.1981 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>O Messias</i> <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>Por Onde as Sombras (Valley)</i> <i>Libera me (Nova Versão)</i>	13.Fevereiro.1971 1969 1979 11.Fevereiro.1977	13.Maio.1981 13.Maio.1981 4.Março.1981
Digressão	04.Julho.1981 21h30 05.Julho.1981 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Paisagem com Ponte</i> <i>Cinco Poemas de Amor</i> <i>O Messias</i>	4.Março.1981 13.Maio.1981 13.Fevereiro.1971	
IX Estúdio Coreográfico	24.Julho.1981 18h30 25.Julho.1981 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Bailado em forma de fuga</i> <i>Bocas do mundo</i> <i>Três Cenas da Minha Vida no Arbusto de Fantasmas</i> <i>Última canção</i> <i>Abstracções</i> <i>Dezoito minutos de morte</i>	24.Julho 1981 24.Julho 1981 24.Julho.1981 24.Julho 1981 24.Julho 1981 24.Julho 1981	
Digressão	01.Agosto.1981 21h30 02.Agosto.1981 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo de Sesimbra Sesimbra Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Por Onde as Sombras (Valley)</i> <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>O Messias</i>	28.Novembro.1979 1979 1969 13.Fevereiro.1971	13.Maio.1981 13.Maio.1981
Digressão	04.Agosto.1981 21h30 05.Agosto.1981 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Paisagem com Ponte</i> <i>Cinco Poemas de Amor</i> <i>O Messias</i>	4.Março.1981 13.Maio.1981 13.Fevereiro.1971	
Digressão	06.Agosto.1981 21h30 07.Agosto.1981 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Suite Barroca</i> <i>Por Onde as Sombras (Valley)</i> <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>Libera me (Nova Versão)</i>	28.Novembro.1979 1979 1969 11.Fevereiro.1977	13.Maio.1981 13.Maio.1981 4.Março.1981

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Programa 1	06.Novembro.1981 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Canções sem Palavras O Tempo Antes do Tempo Depois Percursos Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	1977	1.Dezembro.1978
	07.Novembro.1981 16h00			1969	13.Maio.1981
	07.Novembro.1981 21h30				6.Novembro.1981
	11.Novembro.1981 21h30				18.Março.1972
	12.Novembro.1981 18h30				
	13.Novembro.1981 21h30				
	14.Novembro.1981 16h00				
	14.Novembro.1981 21h30				
	15.Novembro.1981 16h00				
1982					
Programa 2	08.Janeiro.1982 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Whirligogs Por Onde as Sombras (Valley) Danças para uma Guitarra Hero</i>	Dezembro.1970	9.Março.1974
	09.Janeiro.1982 16h00			1979	13.Maio.1981
	09.Janeiro.1982 21h30				8.Janeiro.1982
	12.Janeiro.1982 21h30			1977	8.Janeiro.1982
	13.Janeiro.1982 21h30				
	14.Janeiro.1982 18h30				
	15.Janeiro.1982 21h30				
	16.Janeiro.1982 16h00				
	16.Janeiro.1982 21h30				
	Programa 3			02.Março.1982 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal
03.Março.1982 21h30		3.Julho.1980	2.Março.1982		
04.Março.1982 18h30			13.Maio.1981		
05.Março.1982 21h30					
06.Março.1982 16h00					
06.Março.1982 21h30					
Programa 4 -A	23.Abril.1982 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Hero Twilight (Crepúsculo) Cinco Tangos</i>	1977	8.Janeiro.1982
	24.Abril.1982 16h00			1972	24.Março.1979
	24.Abril.1982 21h30			3.Novembro.1977	23.Abril.1982

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Programa 4 - B	27.Abril.1982 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Cinco Tangos</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982
	28.Abril.1982 21h30		<i>Whirligogs</i>	Dezembro.1970	9.Março.1974
	29.Abril.1982 18h30		<i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	18.Março.1972	6.Novembro.1981
Programa 4 - C	30.Abril.1982 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Hero</i>	1977	8.Janeiro.1982
	02.Maio.1982 16h00		<i>Danças para uma Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	
			<i>Cinco Tangos</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	14.Maio.1982 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Whirligogs</i>	Dezembro.1970	9.Março.1974
			<i>Danças para uma Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	
			<i>Cinco Tangos</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	15.Maio.1982 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Hero</i>	1977	8.Janeiro.1982
			<i>Twilight (Crepúsculo)</i>	1972	24.Março.1979
			<i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	18.Março.1972	6.Novembro.1981
Digressão	18.Maio.1982 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Hero</i>	1977	8.Janeiro.1982
			<i>Danças para uma Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	
			<i>Cinco Tangos</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	19.Maio.1982 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Whirligogs</i>	Dezembro.1970	9.Março.1974
			<i>Danças para uma Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	
			<i>Cinco Tangos</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	20.Maio.1982 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Hero</i>	1977	8.Janeiro.1982
			<i>Twilight (Crepúsculo)</i>	1972	24.Março.1979
			<i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	18.Março.1972	6.Novembro.1981
Digressão	24.Maio.1982 21h30	Fórum Municipal Luísa Todi Setúbal Portugal	<i>Hero</i>	1977	8.Janeiro.1982
			<i>Danças para uma Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	
			<i>Cinco Tangos</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	04.Junho.1982	Teatro Castro Alves São Salvador da Baía Brasil	<i>Hero</i>	1977	8.Janeiro.1982
			<i>Whirligogs</i>	Dezembro.1970	9.Março.1974
			<i>Cinco Tangos</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	05.Junho.1982	Teatro Castro Alves São Salvador da Baía Brasil	<i>Danças para uma Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	
			<i>Twilight (Crepúsculo)</i>	1972	24.Março.1979
			<i>Sinfonia dos Salmos</i>	18.Março.1972	6.Novembro.1981

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>(Sparemblek) Nova versão</i>		
Digressão	08.Junho.1982	Teatro Nacional de Brasília Brasília Brasil	<i>Hero</i> <i>Whirligogs</i> <i>Cinco Tangos</i>	1977 Dezembro.1970 3.Novembro.1977	8.Janeiro.1982 9.Março.1974 23.Abril.1982
Digressão	09.Junho.1982	Teatro Nacional de Brasília Brasília Brasil	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Twilight (Crepúsculo)</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	8.Janeiro.1982 1972 18.Março.1972	24.Março.1979 6.Novembro.1981
Digressão	12.Junho.1982	Teatro Municipal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil	<i>Hero</i> <i>Whirligogs</i> <i>Cinco Tangos</i>	1977 Dezembro.1970 3.Novembro.1977	8.Janeiro.1982 9.Março.1974 23.Abril.1982
Digressão	13.Junho.1982	Teatro Municipal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Twilight (Crepúsculo)</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	8.Janeiro.1982 1972 18.Março.1972	24.Março.1979 6.Novembro.1981
Digressão	15.Junho.1982	Teatro Municipal de São Paulo São Paulo Brasil	<i>Hero</i> <i>Whirligogs</i> <i>Cinco Tangos</i>	1977 Dezembro.1970 3.Novembro.1977	8.Janeiro.1982 9.Março.1974 23.Abril.1982
Digressão	16.Junho.1982	Teatro Municipal de São Paulo São Paulo Brasil	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Twilight (Crepúsculo)</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	8.Janeiro.1982 1972 18.Março.1972	24.Março.1979 6.Novembro.1981
Digressão	01.Julho.1982 21h30 02.Julho.1982 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Hero</i> <i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Cinco Tangos</i>	1977 8.Janeiro.1982 3.Novembro.1977	8.Janeiro.1982 23.Abril.1982
Digressão	04.Julho.1982 21h30 05.Julho.1982 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Twilight (Crepúsculo)</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	8.Janeiro.1982 1972 18.Março.1972	24.Março.1979 6.Novembro.1981
Digressão	22.Julho.1982 21h30	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Cinco Poemas de Amor</i> <i>Cinco Tangos</i>	8.Janeiro.1982 13.Maio.1981 3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	23.Julho.1982 21h30	Ginásio da Escola Preparatória de Póvoa de	<i>Danças para uma Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
		Varzim Póvoa de Varzim Portugal Póvoa de Varzim Portugal	<i>Ante-Manhã</i> <i>Cinco Tangos</i>	8.Fevereiro.1980 3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	24.Julho.1982 21h30	Ginásio da Escola Preparatória de Póvoa de Varzim Póvoa de Varzim Portugal Póvoa de Varzim Portugal	<i>Cinco Poemas de Amor</i> <i>Whirligogs</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	13.Maio.1981 Dezembro.1970 18.Março.1972	9.Março.1974 6.Novembro.1981
Digressão	26.Julho.1982 21h30	Teatro S. Pedro Espinho Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>Cinco Tangos</i>	8.Janeiro.1982 8.Fevereiro.1980 3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	30.Julho.1982 23.00h	Plaza Porticada Santander Espanha	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>Cinco Tangos</i>	8.Janeiro.1982 8.Fevereiro.1980 3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Digressão	31.Julho.1982 23.00h	Plaza Porticada Santander Espanha	<i>Cinco Poemas de Amor</i> <i>Whirligogs</i> <i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão</i>	13.Maio.1981 Dezembro.1970 8.Janeiro.1982 18.Março.1972	9.Março.1974 6.Novembro.1981
Digressão	26.Outubro.1982 21h30	Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal Barreiro Portugal	<i>Hero</i> <i>Paisagem com Ponte</i> <i>Cinco Tangos</i>	1977 4.Março.1981 3.Novembro.1977	8.Janeiro.1982 23.Abril.1982
Digressão	28.Outubro.1982 21h30	Cine-Teatro da Academia Almadense Almada Portugal	<i>Hero</i> <i>Paisagem com Ponte</i> <i>Cinco Tangos</i>	1977 4.Março.1981 3.Novembro.1977	8.Janeiro.1982 23.Abril.1982
Digressão	30.Outubro.1982 21h30	Cine-Teatro Carlos Manuel Sintra Portugal	<i>Hero</i> <i>Paisagem com Ponte</i> <i>Cinco Tangos</i>	1977 4.Março.1981 3.Novembro.1977	8.Janeiro.1982 23.Abril.1982
Programa 1 - A	01.Dezembro.1982 21h30 02.Dezembro.1982 18h30 07.Dezembro.1982 21h30 11.Dezembro.1982 16h00 11.Dezembro.1982 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Paisagem com Ponte</i> <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>Encontros</i> <i>Cinco Tangos</i>	4.Março.1981 1969 1.Dezembro.1982 3.Novembro.1977	13.Maio.1981 23.Abril.1982
Programa 1 - B	03.Dezembro.1982	Grande Auditório Gulbenkian	<i>Hero</i>	1977	8.Janeiro.1982

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30 04.Dezembro.1982 21h30 09.Dezembro.1982 18h30 10.Dezembro.1982 21h30	Lisboa Portugal	<i>Webern Opus 5</i> <i>Encontros</i> <i>Cinco Tangos</i>	1965 1.Dezembro.1982 3.Novembro.1977	19.Maio.1978 23.Abril.1982
1983					
Programa 2 - A	09.Fevereiro.1983 21h30 10.Fevereiro.1983 18h30 18.Fevereiro.1983 21h30 19.Fevereiro.1983 16h00 19.Fevereiro.1983 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Construção em Metal Número 1</i> <i>Duas vozes</i> <i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	9.Fevereiro.1983 4.Julho.1981 8.Janeiro.1982 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983 9.Fevereiro.1983
Programa 2 - B	11.Fevereiro.1983 21h30 12.Fevereiro.1983 16h00 12.Fevereiro.1983 21h30 17.Fevereiro.1983 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Construção em Metal Número 1</i> <i>Duas vozes</i> <i>Paisagem com Ponte</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	9.Fevereiro.1983 4.Julho.1981 4.Março.1981 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983 9.Fevereiro.1983
Digressão	23.Fevereiro.1983 21h30 24.Fevereiro.1983 21h30	Auditório Nacional Carlos Alberto Porto Portugal	<i>Hero</i> <i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	1977 8.Janeiro.1982 18.Outubro.1976	8.Janeiro.1982 9.Fevereiro.1983
Digressão	25.Fevereiro.1983 18h30 27.Fevereiro.1983 15h30	Auditório Nacional Carlos Alberto Porto Portugal	<i>Encontros</i> <i>Construção em Metal Número 1</i> <i>Duas vozes</i> <i>Cinco Tangos</i>	1.Dezembro.1982 9.Fevereiro.1983 4.Julho.1981 3.Novembro.1977	1.Dezembro.1982 9.Fevereiro.1983 23.Abril.1982
Programa 3 - A	13.Abril.1983 21h30 14.Abril.1983 18h30 16.Abril.1983 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Hero</i> <i>Canções sem Palavras</i> <i>Life-Time</i>	1977 1977 13.Abril.1983	8.Janeiro.1982 1.Dezembro.1978
Programa 3 - B	15.Abril.1983 21h30 16.Abril.1983 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Life-Time</i> <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i> <i>Danças para uma Guitarra</i>	1977 13.Abril.1983 1969 8.Janeiro.1982	1.Dezembro.1978 13.Maio.1981
Programa 3 - C	18.Abril.1983 21h30 20.Abril.1983 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i>	8.Janeiro.1982 1969	8.Janeiro.1982 13.Maio.1981

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Life-Time</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	13.Abril.1983 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Programa 3 - D	19.Abril.1983 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Canções sem</i> <i>Palavras</i> <i>Life-Time</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	1977 13.Abril.1983 18.Outubro.1976	1.Dezembro.1978 9.Fevereiro.1983
Programa 3 - E	21.Abril.1983 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Hero</i> <i>Life-Time</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	1977 13.Abril.1983 18.Outubro.1976	8.Janeiro.1982 9.Fevereiro.1983
I Festival Internacional de Música de Lisboa	25.Maio. 1983 21h30 26.Maio.1983 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Encontros</i> <i>Noite de Quatro</i> <i>Luas</i> <i>Reunion in Portugal</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	1.Dezembro.1982 14.Julho.1977 25.Maio.1983 18.Outubro.1976	12.Novembro.1977 9.Fevereiro.1983
Digressão	07.Junho 1983 19h30 09.Junho.1983 19h30 10.Junho 1983 19h30	Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	<i>Danças para uma</i> <i>Guitarra</i> <i>O Tempo Antes do</i> <i>Tempo Depois</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>Reunion in Portugal</i>	8.Janeiro.1982 1969 8.Fevereiro.1980 25.Maio.1983	13.Maio.1981
Digressão	08.Junho 1983 19h30 11.Junho.1983 14h30 11.Junho.1983 19h30	Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	<i>Encontros</i> <i>Noite de Quatro</i> <i>Luas</i> <i>Hero</i> <i>Danças para uma</i> <i>Guitarra</i>	1.Dezembro.1982 14.Julho.1977 1977 8.Janeiro.1982 8.Janeiro.1982	12.Novembro.1977
Digressão	09.Junho.1983 14h30	Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	<i>Danças para uma</i> <i>Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	
Digressão	17.Junho.1983 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Danças para uma</i> <i>Guitarra</i> <i>O Tempo Antes do</i> <i>Tempo Depois</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>Reunion in Portugal</i>	8.Janeiro.1982 1969 8.Fevereiro.1980 25.Maio.1983	13.Maio.1981
Digressão	18.Junho.1983 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Encontros</i> <i>Noite de Quatro</i> <i>Luas</i> <i>Hero</i> <i>Danças para uma</i> <i>Guitarra</i>	1.Dezembro.1982 14.Julho.1977 1977 8.Janeiro.1982 8.Janeiro.1982	12.Novembro.1977
X Estúdio Coreográfico	14.Julho.1983 21h30 15.Julho.1983 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Paisagem II</i> <i>O Dia Antes</i> <i>Placitude</i> <i>Come Back Glenn</i> <i>Miller</i> <i>On Land</i> <i>Elegia</i>	14.Julho 1983 14.Julho 1983 14.Julho 1983 14.Julho 1983 14.Julho 1983 14.Julho 1983	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Lágrima</i> <i>Três Mundos</i> <i>Sonatina nº 1</i> <i>The Green Man</i>	14.Julho 1983 14.Julho 1983 14.Julho 1983 14.Julho 1983	
Inauguração do Centro de Arte Moderna da FCG	20.Julho.1983 22h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1977 18.Outubro.1976	12.Novembro.1977 9.Fevereiro.1983
Digressão	25.Julho.1983 26.Julho.1983	Teatre Grec de Montjuic Barcelona Espanha	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Noite de Quatro Luas</i> <i>Reunion in Portugal</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1977 25.Maio.1983 18.Outubro.1976	12.Novembro.1977 9.Fevereiro.1983
Digressão	27.Julho.1983 28.Julho.1983	Teatre Grec de Montjuic Barcelona Espanha	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ante-Manhã</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	3.Novembro.1977 8.Fevereiro.1980 18.Outubro.1976	23.Abril.1982 9.Fevereiro.1983
Digressão	18.Outubro.1983 21h30 19.Outubro.1983 21h30	Auditório Nacional Carlos Alberto Porto Portugal	<i>Life-Time</i> <i>Reunion in Portugal</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	13.Abril.1983 25.Maio.1983 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Digressão	21.Outubro.1983 21h30 22.Outubro.1983 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Life-Time</i> <i>Reunion in Portugal</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	13.Abril.1983 25.Maio.1983 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Digressão	25.Outubro.1983 21h30 26.Outubro.1983 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Life-Time</i> <i>Reunion in Portugal</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	13.Abril.1983 25.Maio.1983 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Programa 1	07.Dezembro.1983 21h30 08.Dezembro.1983 18h30 09.Dezembro.1983 21h30 10.Dezembro.1983 16h00 10.Dezembro.1983 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Reunion in Portugal</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	25.Maio.1983 7.Dezembro.1983 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
1984					
Programa 1	05.Janeiro.1984 18h30 06.Janeiro.1984 21h30 07.Janeiro.1984 16h00 07.Janeiro.1984 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Reunion in Portugal</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	25.Maio.1983 7.Dezembro.1983 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Programa 2	15.Fevereiro.1984 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Encontros</i>	1.Dezembro.1982	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	16.Fevereiro.1984 18h30 17.Fevereiro.1984 21h30 18.Fevereiro.1984 16h00 18.Fevereiro.1984 21h30 09.Março.1984 21h30 10.Março.1984 16h00 10.Março.1984 21h30 11.Março.1984 16h00		<i>Percursos</i> <i>Lágrima</i> <i>Outono</i> <i>O Livro dos Seres Imaginários</i>	6.Novembro.1981 14.Julho.1983 15.Julho.1976 5.Janeiro.1977 15.Fevereiro.1984	
Programa 3	04.Abril.1984 21h30 05.Abril.1984 18h30 06.Abril.1984 21h30 07.Abril.1984 16h00 07.Abril.1984 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Life-Time</i> <i>Regresso a uma Terra Estranha</i> <i>Só Longe Daqui- Uma fantasia para cisnes, leopardos...e outros animais domésticos</i>	13.Abril.1983 1973 4.Abril.1984 4.Abril.1984	
Digressão	08.Maio.1984 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Outono</i> <i>Regresso a uma Terra Estranha</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 15.Julho.1976 5.Janeiro.1977 1973 4.Abril.1984 18.Outubro.1976 9.Fevereiro.1983	
Digressão	09.Maio.1984 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Life-Time</i> <i>Regresso a uma Terra Estranha</i> <i>Percursos</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i>	13.Abril.1983 1973 4.Abril.1984 6.Novembro.1981 7.Dezembro.1983	
Digressão	18.Maio.1984 19h30 19.Maio.1984 19h30	Grobes Haus Wiesbaden Alemanha	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Outono</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 15.Julho.1976 5.Janeiro.1977 7.Dezembro.1983 18.Outubro.1976 9.Fevereiro.1983	
Digressão	21.Maio.1984 20h00	Kammerspiele Bonn - Bad Godesberg Bona Alemanha	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Outono</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 15.Julho.1976 5.Janeiro.1977 7.Dezembro.1983	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Sinfonia em Ré</i>	18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Digressão	22.Maio.1984 20h00	Kammerspiele Bonn - Bad Godesberg Bona Alemanha	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Regresso a uma Terra Estranha</i> <i>Percursos</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 1973 Abril 1984 6.Novembro.1981 7.Dezembro.1983	
Digressão	28.Maio.1984 20.45h 29.Maio.1984 20.45h 30.Maio.1984 20.45h	Théâtre de la Ville Paris França	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Regresso a uma Terra Estranha</i> <i>Percursos</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 1973 Abril 1984 6.Novembro.1981 7.Dezembro.1983	
Digressão	31.Maio.1984 20.45h 01.Junho.1984 20.45h 02.Junho.1984 20.45h	Théâtre de la Ville Paris França	<i>Life-Time</i> <i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Outono</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	13.Abril.1983 8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 15.Julho.1976 5.Janeiro.1977 18.Outubro.1976 9.Fevereiro.1983	
Digressão	09.Junho.1984 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Life-Time</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 13.Abril.1983 18.Outubro.1976 9.Fevereiro.1983	
Digressão	11.Junho.1984 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 7.Dezembro.1983 18.Outubro.1976 9.Fevereiro.1983	
Digressão	13.Junho.1984 21h30 14.Junho.1984 21h30	Auditório Nacional Carlos Alberto Porto Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Regresso a uma Terra Estranha</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 1973 Abril 1984 18.Outubro.1976 9.Fevereiro.1983	
Digressão	15.Junho.1984 21h30 16.Junho.1984 21h30	Auditório Nacional Carlos Alberto Porto Portugal	<i>Life-Time</i> <i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i>	13.Abril.1983 8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 7.Dezembro.1983	
Digressão	21.Junho.1984 22h00	Terreiro do Palácio dos Governadores Lagos Portugal	<i>Life-Time</i>	13.Abril.1983	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	7.Dezembro.1983 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Digressão	22.Junho.1984 21h30	Jardim Municipal Portimão Portugal	<i>Life-Time</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	13.Abril.1983 7.Dezembro.1983 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Digressão	29.Junho.1984 21h30 01.Julho.1984 21h30 02.Julho.1984 16h00 02.Julho.1984 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Danças para uma</i> <i>Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 7.Dezembro.1983 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Gala do Conselho PPD	19.Julho.1984 21h30 20.Julho.1984 21h30	Teatro Nacional de S. Carlos Lisboa Portugal	<i>Três Canções de</i> <i>Nina Hagen</i>	19.Julho 1984	
XI Estúdio Experimental de Coreografia	08.Agosto.1984 21h30 09.Agosto.1984 21h30	Cine-Teatro Academia Almada Portugal	<i>Três Peças em</i> <i>Forma de Pêra</i> <i>Kalimba - Lua cheia</i> <i>Improvisos</i> <i>Koyaanisqatsi</i> <i>Três Canções de</i> <i>Nina Hagen</i>	8.Agosto.1984 8.Agosto.1984 8.Agosto.1984 8.Agosto.1984 19.Julho.1984	
Programa 1	21.Novembro.1984 21h30 22.Novembro.1984 18h30 23.Novembro.1984 21h30 24.Novembro.1984 16h00 24.Novembro.1984 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i> <i>Labirintos</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	7.Dezembro.1983 21.Novembro.1984 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Programa 2	14.Dezembro.1984 21h30 15.Dezembro.1984 16h00 15.Dezembro.1984 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Estranhos</i> <i>Transeuntes</i> <i>Três Canções de</i> <i>Nina Hagen</i> <i>Só Longe Daquí -</i> <i>Uma fantasia para</i> <i>cisnes,</i> <i>leopardos...e outros</i> <i>animais domésticos</i>	7.Dezembro.1983 19.Julho 1984 4.Abril.1984	
1985					
Programa 3	07.Fevereiro.1985 21h30 08.Fevereiro.1985 21h30 09.Fevereiro.1985 16h00 09.Fevereiro.1985	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Pulcinella</i> <i>Regresso a uma</i> <i>Terra Estranha</i> <i>Nuages</i> <i>Terra do Norte</i>	7.Fevereiro.1985 1973 1975	Abril 1984 7.Fevereiro.1985 7.Fevereiro.1985

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30 21.Fevereiro.1985 18h30 22.Fevereiro.1985 21h30 23.Fevereiro.1985 16h00 23.Fevereiro.1985 21h30 24.Fevereiro.1985 16h00				
Espectáculo de Gala em honra da rainha Isabel II da Grã-Bretanha	27.Março.1985 20.20h	Teatro Nacional de D. Maria II Lisboa Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	
Programa 4	10.Abril.1985 21h30 11.Abril.1985 18h30 12.Abril.1985 21h30 13.Abril.1985 16h30 13.Abril.1985 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i> <i>Só Longe Daqui- Uma fantasia para cisnes, leopardos...e outros animais domésticos</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982 19.Julho 1984 4.Abril.1984
Digressão	10.Maio.1985 21h30 11.Maio.1985 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Terra do Norte</i> <i>Nuages</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Só Longe Daqui- Uma fantasia para cisnes, leopardos...e outros animais domésticos</i>	7.Fevereiro.1985 1975	7.Fevereiro.1985 10.Maio.1985 4.Abril.1984
Digressão	14.Maio.1985 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Terra do Norte</i> <i>Nuages</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	7.Fevereiro.1985 1975	7.Fevereiro.1985 10.Maio.1985 18.Outubro.1976 9.Fevereiro.1983
Digressão	16.Maio.1985 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Lágrima</i> <i>Danças para uma Guitarra</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982 10.Maio.1985 14.Julho.1983 8.Janeiro.1982
Digressão	17.Maio.1985 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Terra do Norte</i> <i>Nuages</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	7.Fevereiro.1985 1975	7.Fevereiro.1985 10.Maio.1985 18.Outubro.1976 9.Fevereiro.1983
Digressão	28.Maio.1985	Teatr Wielki Varsóvia	<i>Terra do Norte</i>	7.Fevereiro.1985	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
		Polónia	<i>Nuages</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	1975 10.Maio.1985 18.Outubro.1976	7.Fevereiro.1985 9.Fevereiro.1983
Digressão	29.Maio.1985	Teatr Wielki Varsóvia Polónia	<i>Cinco Tangos</i> <i>Regresso a uma Terra Estranha</i> <i>Lágrima</i> <i>Danças para uma Guitarra</i>	3.Novembro.1977 1973 14.Julho.1983 8.Janeiro.1982	23.Abril.1982 Abril 1984
Digressão	01.Junho.1985 19.00h	Panstwowa Opera We Wroclawiu Wroclaw Polónia	<i>Terra do Norte</i> <i>Nuages</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Lágrima</i> <i>Danças para uma Guitarra</i>	7.Fevereiro.1985 1975 10.Maio.1985 14.Julho.1983 8.Janeiro.1982	7.Fevereiro.1985
Digressão	04.Junho.1985	Bydgoszcz Opera Bydgoszcz Polónia	<i>Terra do Norte</i> <i>Nuages</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Lágrima</i> <i>Danças para uma Guitarra</i>	7.Fevereiro.1985 1975 10.Maio.1985 14.Julho.1983 8.Janeiro.1982	7.Fevereiro.1985
Digressão	07.Junho.1985 19.00h	Teatr Wielki W Lodzi Lodz Polónia	<i>Terra do Norte</i> <i>Nuages</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	7.Fevereiro.1985 1975 10.Maio.1985 18.Outubro.1976	7.Fevereiro.1985 9.Fevereiro.1983
Digressão	08.Junho.1985 19.00h	Teatr Wielki W Lodzi Lodz Polónia	<i>Cinco Tangos</i> <i>Regresso a uma Terra Estranha</i> <i>Lágrima</i> <i>Danças para uma Guitarra</i>	3.Novembro.1977 1973 14.Julho.1983 8.Janeiro.1982	23.Abril.1982 Abril 1984
Digressão	19.Junho.1985 21h30	Auditório Municipal Portimão Portugal	<i>Pulcinella</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Terra do Norte</i>	Fevereiro 1985 10.Maio.1985 7.Fevereiro.1985	Fevereiro 1985
Digressão	20.Junho.1985 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Pulcinella</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Terra do Norte</i>	Fevereiro 1985 10.Maio.1985 7.Fevereiro.1985	Fevereiro 1985
Digressão	26.Junho.1985 21h30 27.Junho.1985	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Madeira	<i>Pulcinella</i> <i>Regresso a uma</i>	Fevereiro 1985 1973	Fevereiro 1985 Abril 1984

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30		<i>Terra Estranha</i> <i>Terra do Norte</i>	7.Fevereiro.1985	
Digressão	11.Julho.1985 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	<i>Terra do Norte</i> <i>Nuages</i> <i>Três Canções de</i> <i>Nina Hagen</i> <i>Danças para uma</i> <i>Guitarra</i>	7.Fevereiro.1985 1975 7.Fevereiro.1985 19.Julho 1984 8.Janeiro.1982	
Digressão	12.Julho.1985 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Bênção de Deus na</i> <i>Solidão</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	3.Novembro.1977 10.Maio.1985 18.Outubro.1976	23.Abril.1982 9.Fevereiro.1983
Digressão	16.Julho.1985 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Pulcinella</i> <i>Três Canções de</i> <i>Nina Hagen</i> <i>Nuages</i> <i>Terra do Norte</i>	Fevereiro 1985 19.Julho 1984 1975 7.Fevereiro.1985 7.Fevereiro.1985	Fevereiro 1985
Digressão	19.Julho.1985 21h30 20.Julho.1985 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Bênção de Deus na</i> <i>Solidão</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	3.Novembro.1977 10.Maio.1985 18.Outubro.1976	23.Abril.1982 9.Fevereiro.1983
Digressão	26.Julho.1985 21h30	Jardins do Palácio do Marquês Oeiras Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Bênção de Deus na</i> <i>Solidão</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	3.Novembro.1977 10.Maio.1985 18.Outubro.1976	23.Abril.1982 9.Fevereiro.1983
Digressão	01.Agosto.1985 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Regresso a uma</i> <i>Terra Estranha</i> <i>Lágrima</i> <i>Danças para uma</i> <i>Guitarra</i>	3.Novembro.1977 1973 14.Julho.1983 8.Janeiro.1982	23.Abril.1982 Abril 1984
Digressão	10.Agosto.1985 21h30	Fórum Municipal Luísa Todi Setúbal Portugal	<i>Terra do Norte</i> <i>Bênção de Deus na</i> <i>Solidão</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	7.Fevereiro.1985 10.Maio.1985 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Digressão	17.Agosto.1985 21h30 18.Agosto.1985 21h30	Teatro Antico Taormina Itália	<i>Danças para uma</i> <i>Guitarra</i> <i>Lágrima</i> <i>Bênção de Deus na</i> <i>Solidão</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	8.Janeiro.1982 14.Julho.1983 10.Maio.1985 18.Outubro.1976	9.Fevereiro.1983
Programa 1	20.Novembro.1985 21h30 21.Novembro.1985 18h30 22.Novembro.1985 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Hero</i> <i>Interiores</i> <i>Danças dos</i> <i>Espíritos</i>	1977 20.Novembro.1985 3.Julho.1981	8.Janeiro.1982 20.Novembro.1985

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	23.Novembro.1985 16h00 23.Novembro.1985 21h30 04.Dezembro.1985 21h30 05.Dezembro.1985 18h30 06.Dezembro.1985 21h30 07.Dezembro.1985 16h00 07.Dezembro.1985 21h30				
1986					
Programa 2	29.Janeiro.1986 21h30 30.Janeiro.1986 18h30 31.Janeiro.1986 21h30 01.Fevereiro.1986 16h00 01.Fevereiro.1986 21h30 13.Fevereiro.1986 21h30 14.Fevereiro.1986 21h30 15.Fevereiro.1986 16h00 15.Fevereiro.1986 21h30 16.Fevereiro.1986 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Terra do Norte</i> <i>Três Sonhos de Pássaros</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Terra de Ninguém</i>	7.Fevereiro.1985 29.Janeiro.1986 10.Maio.1985 29.Janeiro.1986	
Programa 3	03.Abril.1986 21h30 04.Abril.1986 21h30 05.Abril.1986 16h00 05.Abril.1986 21h30 08.Abril.1986 21h30 09.Abril.1986 21h30 10.Abril.1986 18h30 11.Abril.1986 21h30 12.Abril.1986 16h00 12.Abril.1986 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Escargot</i> <i>Twilight (Crepúsculo)</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i>	1978 1972 3.Abril.1986 3.Abril.1986	3.Abril.1986 24.Março.1979

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	17.Maio.1986 21h30	Teatro Municipal da Guarda Guarda Portugal	<i>Escargot</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 19.Julho 1984 3.Abril.1986 3.Julho.1981	3.Abril.1986 20.Novembro.1985
Digressão	20.Maio.1986	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Hero</i> <i>Twilight (Crepúsculo)</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1977 1972 3.Julho.1981	8.Janeiro.1982 24.Março.1979 20.Novembro.1985
Digressão	21.Maio.1986	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i> <i>Escargot</i>	 1978	10.Maio.1985 3.Abril.1986 3.Abril.1986
Digressão	22.Maio.1986	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Escargot</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 3.Abril.1986 3.Julho.1981	3.Abril.1986 20.Novembro.1985
Digressão	24.Maio.1986 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Hero</i> <i>Interiores</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1977 20.Novembro.1985 3.Julho.1981	8.Janeiro.1982 20.Novembro.1985 20.Novembro.1985
Digressão	26.Maio.1986 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i> <i>Escargot</i>	 1978	10.Maio.1985 3.Abril.1986 3.Abril.1986
Digressão	27.Maio.1986 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Escargot</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 19.Julho 1984 3.Abril.1986 3.Julho.1981	3.Abril.1986 20.Novembro.1985
Digressão	04.Junho.1986 21h00	Théâtre Daniel Sorano Dakar Senegal	<i>Escargot</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 10.Maio.1985 3.Julho.1981	3.Abril.1986 20.Novembro.1985
Digressão	05.Junho.1986 21h00	Théâtre Daniel Sorano Dakar Senegal	<i>Hero</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i>	1977 3.Abril.1986 19.Julho 1984	8.Janeiro.1982

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Danças para uma Guitarra</i>	8.Janeiro.1982	
Digressão	09.Junho.1986 21h30	Salão Nobre do Palácio da Assembleia Nacional Popular Praia Cabo Verde	<i>Escargot</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 3.Julho.1981	3.Abril.1986 10.Maio.1985 20.Novembro.1985
Digressão	10.Junho.1986 21h30	Salão Nobre do Palácio da Assembleia Nacional Popular Praia Cabo Verde	<i>Hero</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i> <i>Danças para uma Guitarra</i>	1977 8.Janeiro.1982	3.Abril.1986 19.Julho 1984
Digressão	24.Junho.1986 21h30	Auditório Municipal Portimão Portugal	<i>Escargot</i> <i>Interiores</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 3.Julho.1981	3.Abril.1986 20.Novembro.1985 20.Novembro.1985
Digressão	25.Junho.1986 21h30	Auditório Municipal Portimão Portugal	<i>Hero</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1977 3.Julho.1981	8.Janeiro.1982 10.Maio.1985 20.Novembro.1985
Digressão	28.Junho.1986 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Escargot</i> <i>Interiores</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 3.Julho.1981	3.Abril.1986 20.Novembro.1985 20.Novembro.1985
Digressão	02.Julho.1986 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	<i>Hero</i> <i>Interiores</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1977 3.Julho.1981	8.Janeiro.1982 20.Novembro.1985 3.Abril.1986 20.Novembro.1985
Digressão	03.Julho.1986 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	<i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i> <i>Escargot</i>	1978	10.Maio.1985 3.Abril.1986 3.Abril.1986
Digressão	04.Julho.1986 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	<i>Escargot</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 3.Julho.1981	3.Abril.1986 19.Julho 1984 3.Abril.1986 20.Novembro.1985
Digressão	08.Julho.1986 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Escargot</i> <i>Bênção de Deus na</i>	1978	3.Abril.1986 10.Maio.1985

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Solidão</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	29.Julho.1986 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Hero</i> <i>Interiores</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1977 20.Novembro.1985 Julho 1981	8.Janeiro.1982 Novembro 1985
Digressão	30.Julho.1986 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i> <i>Escargot</i>	10.Maio.1985 3.Abril.1986 1978	3.Abril.1986
Digressão	31.Julho.1986 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Escargot</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 19.Julho 1984 3.Abril.1986 3.Julho.1981	3.Abril.1986 20.Novembro.1985
Digressão	10.Outubro.1986 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	10.Maio.1985 19.Julho 1984 3.Abril.1986 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	11.Outubro.1986 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Escargot</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i> <i>Cinco Tangos</i>	1978 3.Abril.1986 3.Novembro.1977	3.Abril.1986 23.Abril.1982
Digressão	21.Outubro.1986 19h30 23.Outubro.1986 19h30 25.Outubro.1986 19h30	Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	<i>Escargot</i> <i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 10.Maio.1985 3.Abril.1986 3.Julho.1981	3.Abril.1986 20.Novembro.1985
Digressão	22.Outubro.1986 19h30 24.Outubro.1986 19h30	Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	<i>Cinco Tangos</i> <i>Interiores</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i>	3.Novembro.1977 20.Novembro.1985 14.Julho.1983 3.Abril.1986	23.Abril.1982
Programa 1	19.Novembro.1986 21h30 20.Novembro.1986 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Escargot</i> <i>Inter-Rupto</i>	1978 7.Abril.1973	3.Abril.1986

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21.Novembro.1986 21h30 22.Novembro.1986 16h00 22.Novembro.1986 21h30		<i>Danças dos Espíritos</i>	3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	27.Novembro.1986 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Escargot</i> <i>Inter-Rupto</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	1978 7.Abril.1973 3.Julho.1981	3.Abril.1986 20.Novembro.1985
Digressão	28.Novembro.1986 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i> <i>Cinco Tangos</i>	10.Maio.1985 3.Abril.1986 19.Julho 1984 3.Novembro.1977	23.Abril.1982
Programa 2	03.Dezembro.1986 21h30 04.Dezembro.1986 18h30 05.Dezembro.1986 21h30 06.Dezembro.1986 16h00 06.Dezembro.1986 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Casta Diva</i> <i>Cinco Tangos</i>	10.Maio.1985 3.Abril.1986 3.Dezembro.1986 3.Novembro.1977	23.Abril.1982
1987					
Programa 3	28.Janeiro.1987 21h30 29.Janeiro.1987 18h30 30.Janeiro.1987 21h30 31.Janeiro.1987 16h00 31.Janeiro.1987 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Danças para uma Guitarra</i> <i>Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)</i> <i>Exsultate Jubilate</i>	8.Janeiro.1982 3.Abril.1986 28.Janeiro.1987	
Programa 4	11.Fevereiro.1987 21h30 13.Fevereiro.1987 21h30 14.Fevereiro.1987 16h00 14.Fevereiro.1987 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Hero</i> <i>Regresso a uma Terra Estranha</i> <i>Sinfonia em Ré</i>	1977 1973 18.Outubro.1976	8.Janeiro.1982 Abril 1984 9.Fevereiro.1983
Espectáculo de Gala em Honra dos Príncipes de Gales	12.Fevereiro.1987	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Programa 5	25.Março.1987 21h30 26.Março.1987 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Ária</i>	25.Março.1987 25.Março.1987	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	27.Março.1987 21h30 28.Março.1987 16h00 28.Março.1987 21h30		<i>Sergeant Early's Dream</i>	5.Outubro.1984	25.Março.1987
Digressão	31.Março.1987	Teatro Sérgio Cardoso São Paulo Brasil	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Sergeant early's dream</i>	28.Janeiro.1987 25.Março.1987 5.Outubro.1984	25.Março.1987
Digressão	02.Abril.1987	Teatro BNH Rio de Janeiro Brasil	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Ária</i> <i>Sergeant early's dream</i>	25.Março.1987 25.Março.1987 5.Outubro.1984	25.Março.1987
Digressão	03.Abril.1987	Teatro BNH Rio de Janeiro Brasil	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Sergeant early's dream</i>	28.Janeiro.1987 25.Março.1987 5.Outubro.1984	25.Março.1987
Digressão	04.Abril.1987	Teatro BNH Rio de Janeiro Brasil	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Sergeant early's dream</i>	28.Janeiro.1987 5.Outubro.1984	25.Março.1987
Digressão	14.Mai.1987 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Sergeant early's dream</i> <i>Exsultate Jubilate</i>	25.Março.1987 5.Outubro.1984 28.Janeiro.1987	25.Março.1987
Digressão	16.Mai.1987 21h30	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	25.Março.1987 28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	19.Mai.1987 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	25.Março.1987 28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	20.Mai.1987 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Sinfonia em Ré</i> <i>Ária</i> <i>Sergeant early's dream</i>	18.Outubro.1976 25.Março.1987 5.Outubro.1984	9.Fevereiro.1983 25.Março.1987
Digressão	22.Mai.1987 21h30	Teatro-Circo Braga Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	25.Março.1987 28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	23.Mai.1987 21h30	Teatro-Circo Braga Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Ária</i>	25.Março.1987 25.Março.1987	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Sergeant Early's Dream</i>	5.Outubro.1984	25.Março.1987
Digressão	26.Maio.1987 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	25.Março.1987 28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	30.Maio.1987 21h30	Auditório Municipal de Lagos Lagos Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Sergeant Early's Dream</i>	28.Janeiro.1987 5.Outubro.1984	25.Março.1987
Digressão	02.Junho.1987 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	25.Março.1987 28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	03.Junho.1987 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Sinfonia em Ré</i> <i>Ária</i> <i>Sergeant Early's Dream</i>	18.Outubro.1976 25.Março.1987 5.Outubro.1984	9.Fevereiro.1983 25.Março.1987
Digressão	06.Junho.1987	Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	25.Março.1987 28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	08.Junho.1987	Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Ária</i> <i>Sergeant Early's Dream</i>	25.Março.1987 25.Março.1987 5.Outubro.1984	25.Março.1987
Digressão	25.Junho.1987 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Ária</i> <i>Sergeant Early's Dream</i>	25.Março.1987 25.Março.1987 5.Outubro.1984	25.Março.1987
Digressão	27.Junho.1987 21h30	Cine-Teatro de Tomar Tomar Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	25.Março.1987 28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	30.Junho.1987 21h30	Cine-Teatro da Academia Almadense Almada Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	25.Março.1987 28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	03.Julho.1987 21h30	Jardins do Palácio de Seteais Sintra Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	08.Julho.1987	Parco Rignon Turim Itália	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Danças dos</i>	25.Março.1987 28.Janeiro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Espíritos</i>		
Digressão	09.Julho.1987	Parco Rignon Turim Itália	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Ária</i> <i>Sergeant Early's Dream</i>	25.Março.1987 25.Março.1987 5.Outubro.1984	25.Março.1987
XII Estúdio Experimental de Coreografia	07.Agosto.1987 21h30 08.Agosto.1987 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>...Oito seres e uma pergunta!</i> <i>Do it yourself - Serviço permanente</i> <i>Mar de Setembro</i> <i>Sem título</i> <i>Ponto de interrogação</i> <i>Miragem</i> <i>Tango</i> <i>Cântico</i> <i>Ati</i> <i>... Acima de tudo, nós</i>	7.Agosto 1987 7.Agosto 1987 7.Agosto 1987 7.Agosto 1987 7.Agosto 1987 7.Agosto 1987 7.Agosto 1987 7.Agosto 1987 7.Agosto 1987	
Programa 1	18.Novembro.1987 21h30 19.Novembro.1987 18h30 20.Novembro.1987 21h30 21.Novembro.1987 16h00 21.Novembro.1987 21h30 03.Dezembro.1987 21h30 04.Dezembro.1987 21h30 05.Dezembro.1987 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Violoncelo Não Acompanhado em Suite de Luxo</i> <i>Memória para Edith Piaf</i> <i>Exsultate Jubilate</i>	18.Novembro.1987 18.Novembro.1987 28.Janeiro.1987	
Ciclo de manifestações do Serviço de Belas-Artes da FCG	04.Dezembro.1987 18h30 06.Dezembro.1987 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	25.Março.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
1988					
Programa 2	27.Janeiro.1988 21h30 28.Janeiro.1988 18h30 29.Janeiro.1988 21h30 30.Janeiro.1988 16h00 30.Janeiro.1988 21h30 04.Fevereiro.1988 18h30 05.Fevereiro.1988 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Grosse Fugue</i> <i>Adagio</i> <i>Appassionato</i> <i>Treze Gestos de um Corpo</i>	8.Abril.1971 27.Janeiro.1988 25.Março.1987	27.Janeiro.1988

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	06.Fevereiro.1988 16h00				
Digressão	10.Fevereiro.1988 21h30 11.Fevereiro.1988 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Grosse Fugue</i> <i>Adagio</i> <i>Appassionato</i> <i>Treze Gestos de um</i> <i>Corpo</i>	8.Abril.1971 27.Janeiro.1988 25.Março.1987	27.Janeiro.1988
Programa 3	08.Abril.1988 21h30 09.Abril.1988 16h00 09.Abril.1988 21h30 12.Abril.1988 21h30 13.Abril.1988 21h30 14.Abril.1988 18h30 15.Abril.1988 22h00 16.Abril.1988 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Presley ao piano</i>	8.Abril.1988	
Digressão	19.Maio.1988 21h45 20.Maio.1988 21h45	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Grosse Fugue</i> <i>Adagio</i> <i>Appassionato</i> <i>Casta Diva</i> <i>Violoncelo Não</i> <i>Acompanhado em</i> <i>Suite de Luxo</i>	8.Abril.1971 27.Janeiro.1988 3.Dezembro.1986 18.Novembro.1987	27.Janeiro.1988
Digressão	28.Maio.1988 21h30	Teatro-Circo Braga Portugal	<i>Grosse Fugue</i> <i>Adagio</i> <i>Appassionato</i> <i>Casta Diva</i> <i>Violoncelo Não</i> <i>Acompanhado em</i> <i>Suite de Luxo</i>	8.Abril.1971 27.Janeiro.1988 3.Dezembro.1986 18.Novembro.1987	27.Janeiro.1988
Digressão	02.Junho.1988 21h30 03.Junho.1988 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Grosse Fugue</i> <i>Adagio</i> <i>Appassionato</i> <i>Violoncelo Não</i> <i>Acompanhado em</i> <i>Suite de Luxo</i>	8.Abril.1971 27.Janeiro.1988 18.Novembro.1987	27.Janeiro.1988
Programa 4	13.Julho.1988 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Io Sono una</i> <i>Bambina o Sono un</i> <i>Disegno?</i>	13.Julho.1988	
Jovens coreógrafos	14.Julho.1988 18h30 15.Julho.1988 21h30 16.Julho.1988		<i>Os Territórios</i> <i>Gahvoreh</i> <i>Rosa Rosae</i>	13.Julho.1988 13.Julho.1988 13.Julho.1988	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	16h00 16.Julho.1988 21h30				
Digressão	27.Outubro.1988 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Movimento para uma Tela</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 27.Outubro.1988 30.Março.1988 27.Outubro.1988 18.Novembro.1987	
Digressão	28.Outubro.1988 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Movimento para uma Tela</i> <i>Keep Going</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	28.Janeiro.1987 27.Outubro.1988 30.Março.1988 27.Outubro.1988 3.Julho.1981 20.Novembro.1985	
Digressão	04.Novembro.1988	Main Hall Cairo Egipto	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988 27.Outubro.1988 18.Novembro.1987	
Digressão	05.Novembro.1988	Main Hall Cairo Egipto	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Movimento para uma Tela</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	28.Janeiro.1987 27.Outubro.1988 3.Julho.1981 20.Novembro.1985	
Digressão	09.Novembro.1988 20h30	Théâtre Debussy Cannes França	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988 27.Outubro.1988 18.Novembro.1987	
Programa 1	16.Novembro.1988 21h30 17.Novembro.1988 18h30 18.Novembro.1988 21h30 19.Novembro.1988 16h00 19.Novembro.1988 21h30 02.Dezembro.1988 21h30 03.Dezembro.1988 16h00 03.Dezembro.1988 21h30 04.Dezembro.1988 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Movimento para uma Tela</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	27.Outubro.1988 30.Março.1988 27.Outubro.1988 18.Novembro.1987	
1989					
Programa 2	25.Janeiro.1989 21h30 26.Janeiro.1989 18h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Sergeant Early's Dream</i> <i>Domingo, 29 de Novembro</i>	5.Outubro.1984 25.Janeiro.1989	25.Março.1987

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	27.Janeiro.1989 21h30 28.Janeiro.1989 16h00 28.Janeiro.1989 21h30 03.Fevereiro.1989 21h30 04.Fevereiro.1989 16h00 04.Fevereiro.1989 21h30 05.Fevereiro.1989 16h00		<i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Traição op. 27 nº 2 de Giuletta Guicciardi</i>	25.Janeiro.1989 25.Janeiro.1989	
Digressão	14.Fevereiro.1989 19h30 15.Fevereiro.1989 19h30 16.Fevereiro.1989 19h30 17.Fevereiro.1989 19h30 18.Fevereiro.1989 19h30	Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Sergeant early's dream</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 5.Outubro.1984 25.Março.1987 18.Novembro.1987	
Programa 3	08.Março.1989 21h30 09.Março.1989 18h30 10.Março.1989 21h30 11.Março.1989 16h00 11.Março.1989 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Presley ao piano</i>	8.Abril.1988	
Programa 4	19.Abril.1989 21h30 21.Abril.1989 21h30 22.Abril.1989 16h00 22.Abril.1989 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>As Bodas</i>	19.Abril.1989	
Digressão	12.Maio.1989 19h30	Novi Sad Sérvia	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988 27.Outubro.1988 18.Novembro.1987	
Digressão	14.Maio.1989	Belgrado Sérvia	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988 27.Outubro.1988 18.Novembro.1987	
Digressão	15.Maio.1989	Belgrado Sérvia	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de</i>	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>um Fauno (V.W.)</i> <i>Violoncelo Não</i> <i>Acompanhado em</i> <i>Suite de Luxo</i> <i>Danças dos</i> <i>Espíritos</i>	18.Novembro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	17.Maio.1989 21h30	Zagreb Croácia	<i>Treze Gestos de um</i> <i>Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith</i> <i>Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
Digressão	18.Maio.1989 21h30	Zagreb Croácia	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de</i> <i>um Fauno (V.W.)</i> <i>Violoncelo Não</i> <i>Acompanhado em</i> <i>Suite de Luxo</i> <i>Danças dos</i> <i>Espíritos</i>	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989 18.Novembro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	21.Maio.1989 19.00h	Liubliana Eslovénia	<i>Treze Gestos de um</i> <i>Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith</i> <i>Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
Digressão	22.Maio.1989 20h00	Liubliana Eslovénia	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de</i> <i>um Fauno (V.W.)</i> <i>Violoncelo Não</i> <i>Acompanhado em</i> <i>Suite de Luxo</i> <i>Danças dos</i> <i>Espíritos</i>	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989 18.Novembro.1987 3.Julho.1981	20.Novembro.1985
Digressão	31.Maio.1989 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Fontelo Viseu Portugal	<i>Treze Gestos de um</i> <i>Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith</i> <i>Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
Digressão	01.Junho.1989 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Fontelo Viseu Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de</i> <i>um Fauno (V.W.)</i> <i>Violoncelo Não</i> <i>Acompanhado em</i> <i>Suite de Luxo</i> <i>Memória para Edith</i> <i>Piaf</i>	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989 18.Novembro.1987 18.Novembro.1987	
Digressão	03.Junho.1989 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Treze Gestos de um</i> <i>Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith</i> <i>Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
Digressão	06.Junho.1989 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Treze Gestos de um</i> <i>Corpo</i>	25.Março.1987	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
Digressão	07.Junho.1989 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Violoncelo Não Acompanhado em Suite de Luxo</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>		28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989 18.Novembro.1987 18.Novembro.1987
Digressão	15.Junho.1989 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
Digressão	16.Junho.1989 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
Digressão	03.Julho.1989 22h00	École Normale Aix-en- Provence França	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
Digressão	04.Julho.1989 22h00	École Normale Aix-en- Provence França	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989 18.Novembro.1987
Digressão	09.Julho.1989 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
XIII Estúdio Coreográfico	28.Julho.1989 21h30 29.Julho.1989 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Ritus</i> <i>As quatro fadinhas do Apocalipse</i> <i>I Acto</i> <i>Plano para identificar o centro</i> <i>Momentos</i> <i>Vácuo</i> <i>Formas</i>		28.Julho 1989 28.Julho 1989 28.Julho 1989 28.Julho 1989 28.Julho 1989 28.Julho 1989 28.Julho 1989
Digressão <i>CANCELADO devido a tempestade</i>	23.Outubro.1989 21h30	Palais El Bedi Marrakech Marrocos	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	27.Outubro.1989 21h30	Théâtre Mohammed V Rabat Marrocos	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 30.Março.1988	27.Outubro.1988 18.Novembro.1987
Digressão	29.Outubro.1989 21h30	Salle Couvert Complexe Sportif Casablanca Marrocos	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Danças dos Espíritos</i>	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989	3.Julho.1981 20.Novembro.1985
Programa 1	29.Novembro.1989 21h30 30.Novembro.1989 18h30 01.Dezembro.1989 21h30 02.Dezembro.1989 16h00 02.Dezembro.1989 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Keep Going</i>	25.Março.1987 25.Janeiro.1989 29.Novembro.1989	30.Março.1988 27.Outubro.1988
1990					
Programa 2	31.Janeiro.1990 21h30 01.Fevereiro.1990 18h30 02.Fevereiro.1990 21h30 03.Fevereiro.1990 16h30 03.Fevereiro.1990 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	23.Abril.1982
Programa 3	07.Março.1990 21h30 08.Março.1990 18h30 09.Março.1990 21h30 10.Março.1990 16h00 10.Março.1990 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Idmen B</i> <i>Jardim Cerrado</i>	28.Janeiro.1987 7.Março.1990 1983	7.Março.1990
Programa 4	20.Abril.1990 21h30 21.Abril.1990 16h00 21.Abril.1990 21h30 26.Abril.1990 18h30 27.Abril.1990 21h30 28.Abril.1990 16h00 28.Abril.1990	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Do Medo da Ilusão e da Queda</i> <i>Violoncelo Não Acompanhado em Suite de Luxo</i> <i>Arden Court</i>	20.Abril.1990 18.Novembro.1987 1981	20.Abril.1990

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30				
Digressão	12.Maio.1990 20h00 13.Maio.1990 17h00	Théâtre de Beaulieu Lausanne Suíça	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Memória para Edith Piaf</i>	25.Março.1987 1983 18.Novembro.1987	7.Março.1990
Digressão	25.Maio.1990 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 25.Janeiro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	26.Maio.1990 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	23.Abril.1982
Digressão	27.Maio.1990 16h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	30.Maio.1990 21h30	Teatro-Circo Braga Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	01.Junho.1990 21h30	Teatro Municipal de Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 25.Janeiro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	02.Junho.1990 21h30	Teatro Municipal de Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	23.Abril.1982
Digressão	05.Junho.1990 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 25.Janeiro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	06.Junho.1990 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	23.Abril.1982
Digressão	08.Junho.1990 21h30	Teatro S. Pedro Águeda Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	09.Junho.1990 21h30	Teatro S. Pedro Águeda Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	23.Abril.1982
Digressão	12.Junho.1990 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 25.Janeiro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	15.Junho.1990 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 25.Janeiro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	16.Junho.1990 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	23.Abril.1982
Digressão	19.Junho.1990 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 29.Novembro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	21.Junho.1990 21h30	Cine-Teatro Crisfal Portalegre Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Jardim Cerrado</i>	7.Março.1990 29.Novembro.1989 1983	7.Março.1990
Digressão	23.Junho.1990 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 29.Novembro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	25.Junho.1990 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	23.Abril.1982
Digressão	27.Junho.1990 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 29.Novembro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	28.Junho.1990 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	23.Abril.1982
Digressão	03.Julho.1990 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	28.Janeiro.1987 25.Janeiro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	04.Julho.1990 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Cinco Tangos</i>	3.Novembro.1977	23.Abril.1982

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	
Digressão	11.Julho.1990 21h30	Teatro Jordão Guimarães Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	28.Janeiro.1987 29.Novembro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	14.Julho.1990 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo de Vila Real Vila Real Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	28.Janeiro.1987 29.Novembro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	17.Julho.1990 21h30	Auditório Municipal Mirandela Portugal	<i>Exsultate Jubilate</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	28.Janeiro.1987 29.Novembro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	19.Julho.1990 21h30	Cine-Teatro Montepio Geral Bragança Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 29.Novembro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	20.Julho.1990 21h30	Cine-Teatro Montepio Geral Bragança Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Exsultate Jubilate</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 28.Janeiro.1987	23.Abril.1982
Digressão	24.Julho.1990 21h30	Cine-Teatro Luisa Todi Setúbal Portugal	<i>Idmen B</i> <i>Passacaglia Op. 1</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Arden Court</i>	7.Março.1990 29.Novembro.1989 1983 1981	7.Março.1990 20.Abril.1990
Digressão	25.Julho.1990 21h30	Cine-Teatro Luisa Todi Setúbal Portugal	<i>Cinco Tangos</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Isolda (Morte)</i>	3.Novembro.1977 31.Janeiro.1990 31.Janeiro.1990	23.Abril.1982
Programa 1	14.Novembro.1990 21h30 15.Novembro.1990 18h30 16.Novembro.1990 21h30 17.Novembro.1990 16h00 17.Novembro.1990 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Arden Court</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Percursos</i> <i>Oscilantes</i>	1981 1983 14.Novembro.1990	20.Abril.1990 7.Março.1990
Programa 2	28.Novembro.1990 21h30 29.Novembro.1990 18h30 30.Novembro.1990 21h30 01.Dezembro.1990 16h00 01.Dezembro.1990 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Canções sem</i> <i>Palavras</i> <i>Ad Vitam</i> <i>Arden Court</i>	1977 31.Janeiro.1990 1981	1.Dezembro.1978 20.Abril.1990

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
1991					
Programa 3	30.Janeiro.1991 21h30 31.Janeiro.1991 18h30 01.Fevereiro.1991 21h30 02.Fevereiro.1991 17.30h 02.Fevereiro.1991 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Isolda (Morte)</i> <i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	31.Janeiro.1990 30.Janeiro.1991 30.Janeiro.1991	
Programa 4	06.Fevereiro.1991 21h30 07.Fevereiro.1991 18h30 08.Fevereiro.1991 21h30 09.Fevereiro.1991 16h00 09.Fevereiro.1991 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Percursos Oscilantes</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	14.Novembro.1990 1983 7.Março.1990 30.Janeiro.1991	
Programa 5	05.Abril.1991 21h30 06.Abril.1991 16h00 06.Abril.1991 21h30 11.Abril.1991 18h30 12.Abril.1991 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Canções sem Palavras</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Madrigais</i>	1977 21.Outubro.1975 5.Abril.1991 5.Abril.1991	1.Dezembro.1978
Programa 6	09.Abril.1991 21h30 10.Abril.1991 21h30 13.Abril.1991 16h00 13.Abril.1991 21h30 14.Abril.1991 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Madrigais</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 5.Abril.1991 Abril 1991 Abril 1991	
Digressão	19.Maio.1991 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Isolda (Morte)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	31.Janeiro.1990 21.Outubro.1975 5.Abril.1991 30.Janeiro.1991	
Digressão	20.Maio.1991 21h30	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Madrigais</i>	30.Janeiro.1991 1983 7.Março.1990 5.Abril.1991	
Digressão	24.Maio.1991 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Isolda (Morte)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	31.Janeiro.1990 21.Outubro.1975 5.Abril.1991 30.Janeiro.1991	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	25.Maio.1991 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Madrigais</i>	30.Janeiro.1991 1983	7.Março.1990 5.Abril.1991
Digressão	26.Maio.1991 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Jardim Cerrado</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 1983	5.Abril.1991 7.Março.1990
Digressão	29.Maio.1991 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Isolda (Morte)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	31.Janeiro.1990 21.Outubro.1975	5.Abril.1991 30.Janeiro.1991
Digressão	02.Junho.1991 21h30	Forum Luísa Todi Setúbal Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975	5.Abril.1991 30.Janeiro.1991
Digressão	06.Junho.1991 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Isolda (Morte)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	31.Janeiro.1990 21.Outubro.1975	5.Abril.1991 30.Janeiro.1991
Digressão	07.Junho.1991 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Madrigais</i>	30.Janeiro.1991 1983	7.Março.1990 5.Abril.1991
Digressão	08.Junho.1991 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975	5.Abril.1991 30.Janeiro.1991
Digressão	11.Junho.1991 21h30	Teatro S. Pedro Águeda Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975	5.Abril.1991 30.Janeiro.1991
Digressão	14.Junho.1991 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Isolda (Morte)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	31.Janeiro.1990 21.Outubro.1975	5.Abril.1991 30.Janeiro.1991
Digressão	15.Junho.1991 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Jardim Cerrado</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 1983	5.Abril.1991 7.Março.1990
Digressão	16.Junho.1991 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Jardim Cerrado</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 1983	5.Abril.1991 7.Março.1990
Digressão	28.Junho.1991 21h00	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Isolda (Morte)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	31.Janeiro.1990 21.Outubro.1975	5.Abril.1991 30.Janeiro.1991

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	29.Junho.1991 21h00	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Jardim Cerrado</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 1983	5.Abril.1991 7.Março.1990
Digressão	30.Junho.1991 21h00	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Jardim Cerrado</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 1983	5.Abril.1991 7.Março.1990
Digressão	06.Julho.1991 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Rainha D. Leonor Caldas da Rainha Portugal	<i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Jardim Cerrado</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 1983	5.Abril.1991 7.Março.1990
Digressão	09.Julho.1991 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Isolda (Morte)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	31.Janeiro.1990 21.Outubro.1975 30.Janeiro.1991	5.Abril.1991
Digressão	10.Julho.1991 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Jardim Cerrado</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 1983	5.Abril.1991 7.Março.1990
Digressão	13.Julho.1991 21h30	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Isolda (Morte)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	31.Janeiro.1990 21.Outubro.1975 30.Janeiro.1991	5.Abril.1991
Digressão	15.Julho.1991 21h30	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 30.Janeiro.1991	5.Abril.1991
Digressão	17.Julho.1991 21h30	Teatro Jordão Guimarães Portugal	<i>Viagens em Negro e Mármore</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 30.Janeiro.1991	5.Abril.1991
Digressão	23.Julho.1991 21h30	Cine-Teatro da Academia Almadense Almada Portugal	<i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Jardim Cerrado</i>	30.Janeiro.1991 21.Outubro.1975 1983	5.Abril.1991 7.Março.1990
Digressão Europália '91	19.Outubro.1991 20.Outubro.1991 21.Outubro.1991	Théâtre Municipal du Luxembourg Luxemburgo	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i> <i>O Duelo</i>	25.Março.1987 30.Março.1988 30.Janeiro.1991 19.Outubro.1991	27.Outubro.1988
Digressão Europália '91	24.Outubro.1991	Paleis des Beaux-Arts Bruxelas Bélgica	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Keep Going</i> <i>Cavaleiros da Noite (Iniciação)</i> <i>O Duelo</i>	25.Março.1987 30.Março.1988 30.Janeiro.1991 19.Outubro.1991	27.Outubro.1988
Programa 1	13.Novembro.1991 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Isolda (trilogia)</i>	13.Novembro.1991	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	14.Novembro.1991 18h30 15.Novembro.1991 21h30 16.Novembro.1991 16h00 16.Novembro.1991 21h30				
Digressão VII Festival International de Danse de Cannes	21.Novembro.1991 20h30 27.Novembro.1991 20h30	Grand Auditorium Carlton Casino Club Cannes França	<i>Jardim Cerrado</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Cavaleiros da Noite</i> <i>O Duelo</i>	1983 21.Outubro.1975 30.Janeiro.1991 19.Outubro.1991	7.Março.1990 5.Abril.1991
1992					
Programa 2	29.Janeiro.1992 21h30 30.Janeiro.1992 18h30 31.Janeiro.1992 21h30 01.Fevereiro.1992 21h30 04.Fevereiro.1992 21h30 05.Fevereiro.1992 21h30 06.Fevereiro.1992 18h30 07.Fevereiro.1992 21h30 08.Fevereiro.1992 16h00 08.Fevereiro.1992 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Encantados de Servi-lo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>As Bodas</i>	21.Fevereiro.1991 12.Abril.1990 19.Abril.1989	29.Janeiro.1992 29.Janeiro.1992
Programa 3	25.Março.1992 21h30 26.Março.1992 21h30 27.Março.1992 21h30 28.Março.1992 21h30 01.Abril.1992 21h30 02.Abril.1992 18h30 03.Abril.1992 21h30 04.Abril.1992 16h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Noite Transfigurada</i> <i>Convivaldi</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Na Floresta</i>	21.Outubro.1975 25.Março.1992 25.Janeiro.1989 15.Fevereiro.1990	5.Abril.1991 25.Março.1992
Digressão	22.Abril.1992 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Encantados de Servi-lo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i>	21.Fevereiro.1991 12.Abril.1990	29.Janeiro.1992 29.Janeiro.1992

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Na Floresta</i>	15.Fevereiro.1990	25.Março.1992
Digressão	23.Abril.1992 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Convivaldi</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Keep Going</i>	25.Março.1987 25.Março.1992 25.Janeiro.1989 30.Março.1988	27.Outubro.1988
Digressão	24.Abril.1992 18h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Isolda (trilogia)</i>	13.Novembro.1991	
Digressão	04.Maio.1992 20h00	Theater Casino Zug Suíça	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Keep Going</i> <i>Na Floresta</i>	25.Março.1987 25.Janeiro.1989 30.Março.1988 15.Fevereiro.1990	27.Outubro.1988 25.Março.1992
Digressão	06.Maio.1992 20h15	Stadthof 11 Zurique Suíça	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Keep Going</i> <i>Na Floresta</i>	25.Março.1987 25.Janeiro.1989 30.Março.1988 15.Fevereiro.1990	27.Outubro.1988 25.Março.1992
Digressão	08.Maio.1992 20h30	Théâtre du Crochetan Monthey Suíça	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Keep Going</i> <i>Na Floresta</i>	25.Março.1987 25.Janeiro.1989 30.Março.1988 15.Fevereiro.1990	27.Outubro.1988 25.Março.1992
Digressão	20.Maio.1992 21h30	Teatro Jordão Guimarães Portugal	<i>Encantados de Servi-lo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Na Floresta</i>	21.Fevereiro.1991 12.Abril.1990 15.Fevereiro.1990	29.Janeiro.1992 29.Janeiro.1992 25.Março.1992
Digressão	22.Maio.1992 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Encantados de Servi-lo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Na Floresta</i>	21.Fevereiro.1991 12.Abril.1990 15.Fevereiro.1990	29.Janeiro.1992 29.Janeiro.1992 25.Março.1992
Digressão	23.Maio.1992 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Convivaldi</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Keep Going</i>	25.Março.1987 25.Março.1992 25.Janeiro.1989 30.Março.1988	27.Outubro.1988
Digressão	24.Maio.1992 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Isolda (trilogia)</i>	13.Novembro.1991	
Digressão	27.Maio.1992 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Encantados de Servi-lo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Na Floresta</i>	21.Fevereiro.1991 12.Abril.1990 15.Fevereiro.1990	29.Janeiro.1992 29.Janeiro.1992 25.Março.1992
Digressão	28.Maio.1992 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Convivaldi</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i>	25.Março.1987 25.Março.1992 25.Janeiro.1989	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Keep Going</i>	30.Março.1988	27.Outubro.1988
Digressão	30.Maió.1992 21h30	Teatro Curvo Semedo Montemor-o-Novo Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Na Floresta</i>	25.Março.1987 12.Abril.1990 15.Fevereiro.1990	29.Janeiro.1992 25.Março.1992
Digressão	10.Junho.1992 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Encantados de Servi-lo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Na Floresta</i>	21.Fevereiro.1991 12.Abril.1990 15.Fevereiro.1990	29.Janeiro.1992 29.Janeiro.1992 25.Março.1992
Digressão	11.Junho.1992 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Convivaldi</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Keep Going</i>	25.Março.1987 25.Março.1992 25.Janeiro.1989 30.Março.1988	27.Outubro.1988
Digressão	12.Junho.1992 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Isolda (trilogia)</i>	13.Novembro.1991	
Digressão	16.Junho.1992 21h30	Cine-Teatro Luisa Todi Setúbal Portugal	<i>Encantados de Servi-lo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Na Floresta</i>	21.Fevereiro.1991 12.Abril.1990 15.Fevereiro.1990	29.Janeiro.1992 29.Janeiro.1992 25.Março.1992
Digressão	26.Junho.1992 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Encantados de Servi-lo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Na Floresta</i>	21.Fevereiro.1991 12.Abril.1990 15.Fevereiro.1990	29.Janeiro.1992 29.Janeiro.1992 25.Março.1992
Digressão	27.Junho.1992 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Convivaldi</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Keep Going</i>	25.Março.1987 25.Março.1992 25.Janeiro.1989 30.Março.1988	27.Outubro.1988
Digressão	28.Junho.1992 18h00	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Na Floresta</i>	25.Março.1987 12.Abril.1990 15.Fevereiro.1990	29.Janeiro.1992 25.Março.1992
XIV Estúdio Experimental	24.Julho.1992 21h45 25.Julho.1992 21h45	Claustros do Convento do Beato Lisboa Portugal	<i>Seresta</i> <i>Passagem</i> <i>Evocações (Lúcia Lozano)</i> <i>Sal-Capate</i> <i>Momentum</i> <i>Fracções</i>	24.Julho 1992 24.Julho 1992 24.Julho 1992 24.Julho 1992 24.Julho 1992 24.Julho 1992	
Digressão	03.Agosto.1992	Anfiteatro Romano de Italica Sevilha Espanha	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Noite Transfigurada</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Keep Going</i>	25.Março.1987 21.Outubro.1975 25.Janeiro.1989 30.Março.1988	5.Abril.1991 27.Outubro.1988

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	04.Agosto.1992	Anfiteatro Romano de Italica Sevilha Espanha	<i>Isolda (trilogia)</i>	13.Novembro.1991	
Programa 1	18.Novembro.1992 20h00 19.Novembro.1992 20h00 20.Novembro.1992 20h00 21.Novembro.1992 16h00 21.Novembro.1992 20h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>Sal-Capate</i> <i>Andante</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)</i>	25.Março.1987 24.Julho.1992 - 18.Novembro.1992 Março 1991	18.Novembro. 1992 12.Novembro.1992
Programa 2	28.Novembro.1992 20h00 29.Novembro.1992 16h00 29.Novembro.1992 20h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Isolda (trilogia)</i>	13.Novembro.1991	
1993					
Programa 3	27.Janeiro.1993 20h00 28.Janeiro.1993 20h00 29.Janeiro.1993 20h00 30.Janeiro.1993 16h00 30.Janeiro.1993 20h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Keep Going</i> <i>Momentum</i> <i>The Hermit and the Navigator</i> <i>Passagens</i>	30.Março.1988 24.Julho.1992 - 27.Janeiro.1993 27.Janeiro.1993 27.Janeiro.1993	27.Outubro.1988
Programa 4	06.Fevereiro.1993 20h00 07.Fevereiro.1993 16h00 07.Fevereiro.1993 20h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Espaço Vazio</i> <i>Evocações (Lúcia Lozano)</i> <i>Jardim Cerrado</i>	12.Abril.1990 3.Abril.1986 24.Julho.1992 1983	29.Janeiro.1992 7.Março.1990
	4.Março.1993 20h30 6.Março.1993 20h30	Vidioteca de Lisboa Lisboa Portugal	<i>Bênção de Deus na Solidão</i> <i>Três Canções de Nina Hagen</i>	10.Maió.1985 19.Julho 1984	
Programa 5	18.Março.1993 20h00 19.Março.1993 20h00 20.Março.1993 20h00 27.Março.1993 20h00 28.Março.1993 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Na Floresta</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Inquilinos</i>	15.Fevereiro.1990 18.Março.1993 29.Agosto.1992	25.Março.1992 18.Março.1993
15º Estúdio Experimental de Coreografia	04.Junho.1993 20h00 05.Junho.1993	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>O Navio</i> <i>Prelúdio</i>	4.Junho.1993 4.Junho.1993	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	20h00		<i>Coreográfico</i> <i>Onde estou? Para onde vou?</i> <i>Miserere</i> <i>Reencontro</i> <i>Serafins</i> <i>Palratório</i> <i>Elogio da Leveza</i> <i>Frenteira</i> <i>Atlantis</i>	4.Junho.1993 4.Junho.1993 4.Junho.1993 4.Junho.1993 4.Junho.1993 4.Junho.1993 4.Junho.1993 4.Junho.1993	
Digressão	25.Junho.1993 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Passagens</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)</i>	27.Janeiro.1993 1983	7.Março.1990 12.Novembro.1992
Digressão	26.Junho.1993 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Na Floresta</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Inquilinos</i>	15.Fevereiro.1990 18.Março.1993 29.Agosto.1992	25.Março.1992 18.Março.1993 18.Março.1993
Digressão	27.Junho.1993 21h30	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>The Hermit and the Navigator</i> <i>Sal-Capate</i> <i>Andante</i> <i>Passagens</i>	27.Janeiro.1993 24.Julho.1992 Março 1991	18.Novembro.1992 18.Novembro.1992 27.Janeiro.1993
Digressão	02.Julho.1993	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Passagens</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)</i>	27.Janeiro.1993 1983	7.Março.1990 12.Novembro.1992
Digressão	03.Julho.1993	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Na Floresta</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Inquilinos</i>	15.Fevereiro.1990 18.Março.1993 29.Agosto.1992	25.Março.1992 18.Março.1993 18.Março.1993
Digressão	04.Julho.1993	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>The Hermit and the Navigator</i> <i>Sal-Capate</i> <i>Andante</i> <i>Passagens</i>	27.Janeiro.1993 24.Julho.1992 Março 1991	18.Novembro.1992 18.Novembro.1992 27.Janeiro.1993
Digressão	10.Julho.1993	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Passagens</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)</i>	27.Janeiro.1993 1983	7.Março.1990 12.Novembro.1992
Digressão	11.Julho.1993	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Na Floresta</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i>	15.Fevereiro.1990 18.Março.1993	25.Março.1992

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Para Além das Sombras</i> <i>Inquilinos</i>	29.Agosto.1992 18.Março.1993	18.Março.1993
Digressão	12.Julho.1993	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>The Hermit and the Navigator</i> <i>Sal-Capate</i> <i>Andante</i> <i>Passagens</i>	27.Janeiro.1993 24.Julho.1992 Março 1991 27.Janeiro.1993	18.Novembro.1992 18.Novembro.1992
Digressão	15.Julho.1993	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Passagens</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)</i>	27.Janeiro.1993 1983 12.Novembro.1992	7.Março.1990
Digressão	16.Julho.1993	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Na Floresta</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Inquilinos</i>	15.Fevereiro.1990 18.Março.1993 29.Agosto.1992 18.Março.1993	25.Março.1992 18.Março.1993 18.Março.1993
Digressão	20.Julho.1993	Pavilhão da Física Torres Vedras Portugal	<i>Passagens</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)</i>	27.Janeiro.1993 1983 12.Novembro.1992	7.Março.1990
Digressão	24.Julho.1993 22h00	Pavilhão Gimnodesportivo Rainha D. Leonor Caldas da Rainha Portugal	<i>Passagens</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)</i>	27.Janeiro.1993 1983 12.Novembro.1992	7.Março.1990
Digressão	25.Julho.1993 22h00	Pavilhão Gimnodesportivo Rainha D. Leonor Caldas da Rainha Portugal	<i>Na Floresta</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Inquilinos</i>	15.Fevereiro.1990 18.Março.1993 29.Agosto.1992 18.Março.1993	25.Março.1992 18.Março.1993 18.Março.1993
Digressão	28.Julho.1993	Cine-Teatro da Academia Almadense Almada Portugal	<i>Passagens</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)</i>	27.Janeiro.1993 1983 12.Novembro.1992	7.Março.1990
Digressão	30.Julho.1993	Cine-Teatro Luisa Todi Setúbal Portugal	<i>Na Floresta</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Inquilinos</i>	15.Fevereiro.1990 18.Março.1993 29.Agosto.1992 18.Março.1993	25.Março.1992 18.Março.1993 18.Março.1993
Programa 1	17.Novembro.1993 21h30 18.Novembro.1993 21h30 19.Novembro.1993 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Passagens</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i> <i>Makeba</i>	27.Janeiro.1993 17.Novembro.1993 17.Novembro.1993	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	20.Novembro.1993 16h00 20.Novembro.1993 21h30				
1994					
Programa 2	26.Janeiro.1994 21h30 27.Janeiro.1994 21h30 28.Janeiro.1994 21h30 29.Janeiro.1994 16h00 29.Janeiro.1994 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)</i> <i>Kaburias</i> <i>Reencontro</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i>	12.Novembro.1992 26.Janeiro.1994 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 29.Agosto.1992 18.Março.1993 18.Março.1993	
Programa 3	09.Março.1994 21h30 10.Março.1994 21h30 11.Março.1994 21h30 12.Março.1994 16h00 12.Março.1994 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Amaramália</i>	9.Março.1994	
Digressão	29.Março.1994	Budapest Operetta Theater Budapeste Hungria	<i>Amaramália</i>	9.Março.1994	
Digressão	21.Abril.1994 22.Abril.1994	Cine-Teatro da Academia Almadense Almada Portugal	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Kaburias</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Reencontro</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	18.Março.1993 29.Agosto.1992 18.Março.1993 26.Janeiro.1994 25.Janeiro.1989 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 17.Novembro.1993	
Digressão	01.Maio.1994 20h15 04.Maio.1994 20h30 05.Maio.1994 20h15	Muziektheater Amesterdão Holanda	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Kaburias</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Reencontro</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	18.Março.1993 29.Agosto.1992 18.Março.1993 26.Janeiro.1994 25.Janeiro.1989 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 17.Novembro.1993	
Digressão	14.Maio.1994 15.Maio.1994	Fundació Cultural de la Caixa de Terrassa Terrassa Espanha	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Kaburias</i>	18.Março.1993 29.Agosto.1992 18.Março.1993 26.Janeiro.1994	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>Reencontro</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	25.Janeiro.1989 4.Junho.1993	26.Janeiro.1994 17.Novembro.1993
Programa 4	27.Maio.1994 28.Maio.1994 29.Maio.1994	Teatro Nacional S. João Porto Portugal	<i>Makeba</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Kaburias</i> <i>Reencontro</i> <i>Paixão</i>	17.Novembro.1993 29.Agosto.1992 4.Junho.1993	18.Março.1993 26.Janeiro.1994 26.Janeiro.1994 27.Maio.1994
Digressão	09.Junho.1994	Pavilhão Municipal de Portimão Portimão Portugal	<i>Amaramália</i>	9.Março.1994	
Digressão	11.Junho.1994	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Makeba</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Reencontro</i> <i>Paixão</i>	17.Novembro.1993 29.Agosto.1992 4.Junho.1993	18.Março.1993 26.Janeiro.1994 27.Maio.1994
Digressão	12.Junho.1994	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Kaburias</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	18.Março.1993 26.Janeiro.1994 25.Janeiro.1989 17.Novembro.1993	
Digressão	24.Junho.1994	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Makeba</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Reencontro</i> <i>Paixão</i>	17.Novembro.1993 29.Agosto.1992 4.Junho.1993	18.Março.1993 26.Janeiro.1994 27.Maio.1994
Digressão	25.Junho.1994	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Kaburias</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	18.Março.1993 26.Janeiro.1994 25.Janeiro.1989 17.Novembro.1993	
Digressão	30.Junho.1994	Palais Zenith Pau França	<i>Amaramália</i>	9.Março.1994	
Digressão	06.Julho.1994	Teatro Curvo Semedo Montemor-o-Novo Portugal	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Kaburias</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	18.Março.1993 26.Janeiro.1994 25.Janeiro.1989 17.Novembro.1993	
Digressão	08.Julho.1994 09.Julho.1994	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Amaramália</i>	9.Março.1994	
Digressão	11.Julho.1994	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Kaburias</i>	18.Março.1993 26.Janeiro.1994	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	25.Janeiro.1989 17.Novembro.1993	
Digressão	14.Julho.1994	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Makeba</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Reencontro</i> <i>Paixão</i>	17.Novembro.1993 29.Agosto.1992 4.Junho.1993 27.Maio.1994	18.Março.1993 26.Janeiro.1994
Digressão	15.Julho.1994	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Kaburias</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	18.Março.1993 26.Janeiro.1994 25.Janeiro.1989 17.Novembro.1993	
Digressão	19.Julho.1994	Cine-Cine-Teatro Garrett Póvoa de Varzim Portugal	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Kaburias</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	18.Março.1993 26.Janeiro.1994 25.Janeiro.1989 17.Novembro.1993	
Digressão	25.Julho.1994	Pradera de San Marcos Segóvia Espanha	<i>Makeba</i> <i>Para Além das Sombras</i> <i>Reencontro</i> <i>Paixão</i>	17.Novembro.1993 29.Agosto.1992 4.Junho.1993 27.Maio.1994	18.Março.1993 26.Janeiro.1994
Digressão	26.Julho.1994	Pradera de San Marcos Segóvia Espanha	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Kaburias</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i>	18.Março.1993 26.Janeiro.1994 25.Janeiro.1989 17.Novembro.1993	
Programa 1	16.Novembro.1994 21h30 17.Novembro.1994 21h30 18.Novembro.1994 21h30 19.Novembro.1994 16h00 19.Novembro.1994 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Pétalas</i> <i>Tranquílissimo</i> <i>Perureim (Migalhas)</i> <i>Grito dos Anjos</i>	16.Novembro.1994 13.Julho.1994 20.Setembro.1993 16.Novembro.1994	16.Novembro.1994 16.Novembro.1994
1995					
Digressão	04.Janeiro.1995 05.Janeiro.1995	Théâtre Municipal du Luxembourg Luxemburgo	<i>Amaramália</i>	9.Março.1994	
Programa 2	01.Fevereiro.1995 21h30 02.Fevereiro.1995 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Makeba</i> <i>Movimento</i> <i>Perpétuo</i>	17.Novembro.1993 1.Fevereiro.1995	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	03.Fevereiro.1995 21h30 04.Fevereiro.1995 16h00 04.Fevereiro.1995 21h30		<i>Paixão</i>		27.Maio.1994
Programa 3	16.Fevereiro.1995 22h00 17.Fevereiro.1995 22h00 18.Fevereiro.1995 22h00 19.Fevereiro.1995 16h00 21.Fevereiro.1995 22h00 22.Fevereiro.1995 22h00 23.Fevereiro.1995 22h00 24.Fevereiro.1995 22h00 25.Fevereiro.1995 22h00 26.Fevereiro.1995 16h00	Teatro Nacional D. Maria II Lisboa Portugal	<i>Amaramália</i>		9.Março.1994
Programa 4	22.Março.1995 21h30 23.Março.1995 21h30 24.Março.1995 21h30 25.Março.1995 16h00 25.Março.1995 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>E I Sospiri E Le Lacrime E' I Desio</i> <i>Kaburias</i> <i>Reencontro</i> <i>Through Nana's Eyes</i>		17.Novembro.1993 26.Janeiro.1994 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 22.Março.1995
Digressão	13.Maio.1995	Teatro Victória Eugénia San Sebastian Espanha	<i>E I Sospiri E Le Lacrime E' I Desio</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Through Nana's Eyes</i>		17.Novembro.1993 1983 7.Março.1990 22.Março.1995
Digressão	14.Maio.1995	Teatro Victória Eugénia San Sebastian Espanha	<i>Movimento</i> <i>Perpétuo</i> <i>Kaburias</i> <i>Tranquilissimo</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i>		1.Fevereiro.1995 26.Janeiro.1994 13.Julho.1994 16.Novembro.1994 18.Março.1993
Digressão	19.Maio.1995 20.Maio.1995	Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	<i>Amaramália</i>		9.Março.1994
Digressão	27.Maio.1995	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>E I Sospiri E Le Lacrime E' I Desio</i> <i>Jardim Cerrado</i>		17.Novembro.1993 1983 7.Março.1990

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Through Nana's Eyes</i>	22.Março.1995	
Digressão	28.Maio.1995	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Adeus... e Nem Voltei</i> <i>Tranquilíssimo</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	18.Março.1993 13.Julho.1994 1983	16.Novembro.1994 7.Março.1990
Digressão	03.Junho.1995	Cine-Cine-Teatro Garrett Póvoa de Varzim Portugal	<i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	17.Novembro.1993 1983	7.Março.1990
Digressão	04.Junho.1995	Cine-Cine-Teatro Garrett Póvoa de Varzim Portugal	<i>Movimento</i> <i>Perpétuo</i> <i>Kaburias</i> <i>Tranquilíssimo</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i>	1.Fevereiro.1995 26.Janeiro.1994 13.Julho.1994	16.Novembro.1994
Digressão	07.Junho.1995	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	17.Novembro.1993 1983	7.Março.1990
Digressão	08.Junho.1995	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Movimento</i> <i>Perpétuo</i> <i>Kaburias</i> <i>Tranquilíssimo</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	1.Fevereiro.1995 26.Janeiro.1994 13.Julho.1994	16.Novembro.1994
Digressão	10.Junho.1995	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	17.Novembro.1993 1983	7.Março.1990
Digressão	11.Junho.1995	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Movimento</i> <i>Perpétuo</i> <i>Kaburias</i> <i>Tranquilíssimo</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i>	1.Fevereiro.1995 26.Janeiro.1994 13.Julho.1994	16.Novembro.1994
Digressão	12.Junho.1995	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Amaramália</i>	9.Março.1994	
Digressão	15.Junho.1995	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	17.Novembro.1993 1983	7.Março.1990
Digressão	16.Junho.1995	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Movimento</i> <i>Perpétuo</i> <i>Kaburias</i> <i>Tranquilíssimo</i> <i>Adeus... e Nem Voltei</i>	1.Fevereiro.1995 26.Janeiro.1994 13.Julho.1994	16.Novembro.1994

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	22.Junho.1995 23.Junho.1995 24.Junho.1995 25.Junho.1995	Auditório do Memorial da América Latina S. Paulo Brasil	<i>Amaramália</i>	9.Março.1994	
Programa 5 "Cinco Coreografias - Projecto 95-96"	29.Julho.1995 21h30 30.Julho.1995 16h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Visão</i> <i>Rosa sem Porquê</i> <i>Ordem e Desordem</i> <i>Toujours Cassandra</i> <i>Para que a Terra não Esqueça</i>	29.Julho.1995 29.Julho.1995 29.Julho.1995 29.Julho.1995 29.Julho.1995	
Programa 1	15.Novembro.1995 21h30 16.Novembro.1995 21h30 17.Novembro.1995 21h30 18.Novembro.1995 16h00 18.Novembro.1995 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Through Nana's Eyes</i> <i>Suite nº 1 A Noite e o Amor</i> <i>Old Children</i>	22.Março.1995 15.Novembro.1995 29.Novembro.1989 15.Novembro.1995	
Digressão	8.Dezembro.1995 20h30 9.Dezembro.1995 20h30	Centro Cultural de Macau Macau Portugal	<i>Amaramália</i>	9.Março.1994	
1996					
Programa 2	31.Janeiro.1996 21h30 01.Fevereiro.1996 21h30 02.Fevereiro.1996 21h30 03.Fevereiro.1996 16h00 03.Fevereiro.1996 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Earth Apples</i> <i>Metamorfoses</i> <i>Nocturnas</i> <i>Rosa sem Porquê</i> <i>Cemitério dos Prazeres</i>	Junho.1993 30.Janeiro.1996 31.Janeiro.1996 29.Julho.1995 31.Janeiro.1996	
Programa 3	20.Março.1996 21h30 21.Março.1996 21h30 22.Março.1996 21h30 23.Março.1996 16h00 23.Março.1996 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Para que a Terra não Esqueça</i> <i>Toujours Cassandra</i> <i>Reencontro</i> <i>Quatro Árias de Ópera</i>	30.Julho.1995 29.Julho.1995 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 20.Março.1996	
Programa 4	18.Abril.1996 21h30 19.Abril.1996 21h30 20.Abril.1996 21h30 21.Abril.1996	Teatro Nacional D. Maria II Lisboa Portugal	<i>Visão</i> <i>Tranquilíssimo</i> <i>Jardim Cerrado</i> <i>Old Children</i>	29.Julho.1995 13.Julho.1994 16.Novembro.1994 1983 7.Março.1990 29.Novembro.1989 15.Novembro.1995	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	17h00				
Programa 5	25.Abril.1996 21h30 26.Abril.1996 21h30 27.Abril.1996 21h30 28.Abril.1996 17h00	Teatro Nacional D. Maria II Lisboa Portugal	<i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i> <i>Perureim (Migalhas)</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	17.Novembro.1993 20.Setembro.1993 16.Novembro.1994 22.Março.1995	
Digressão	01.Junho.1996	Pavilhão Gimnodesportivo do Inatel Viseu Portugal	<i>Old Children</i> <i>Toujours Cassandra</i> <i>Tranquílissimo</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	29.Novembro.1989 15.Novembro.1995 29.Julho.1995 13.Julho.1994 16.Novembro.1994 22.Março.1995	
Digressão	02.Junho.1996	Pavilhão Gimnodesportivo do Inatel Viseu Portugal	<i>Old Children</i> <i>Metamorfozes</i> <i>Nocturnas</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	29.Novembro.1989 15.Novembro.1995 31.Janeiro.1996 22.Março.1995	
Digressão	08.Junho.1996 09.Junho.1996	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Metamorfozes</i> <i>Nocturnas</i> <i>Toujours Cassandra</i> <i>Reencontro</i> <i>Earth Apples</i>	31.Janeiro.1996 29.Julho.1995 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 Junho.1993 30.Janeiro.1996	
Digressão	14.Junho.1996	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Old Children</i> <i>Toujours Cassandra</i> <i>Reencontro</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	29.Novembro.1989 15.Novembro.1995 29.Julho.1995 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 22.Março.1995	
Digressão	15.Junho.1996	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Metamorfozes</i> <i>Nocturnas</i> <i>Tranquílissimo</i> <i>Reencontro</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	31.Janeiro.1996 13.Julho.1994 16.Novembro.1994 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 22.Março.1995	
Digressão	17.Junho.1996	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Quatro Árias de Ópera</i> <i>Toujours Cassandra</i> <i>Reencontro</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	20.Março.1996 29.Julho.1995 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 22.Março.1995	
Digressão	18.Junho.1996	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Quatro Árias de Ópera</i> <i>Metamorfozes</i> <i>Nocturnas</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	20.Março.1996 31.Janeiro.1996 22.Março.1995	
Digressão	21.Junho.1996	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Metamorfozes</i> <i>Nocturnas</i> <i>Toujours Cassandra</i> <i>Reencontro</i> <i>Through Nana's</i>	31.Janeiro.1996 29.Julho.1995 4.Junho.1993 26.Janeiro.1994 22.Março.1995	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Eyes</i>		
Digressão	22.Junho.1996	Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	<i>Earth Apples</i> <i>Tranquilissimo</i> <i>Reencontro</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	Junho.1993 13.Julho.1994 4.Junho.1993 22.Março.1995	30.Janeiro.1996 16.Novembro.1994 26.Janeiro.1994
Digressão	26.Junho.1996	Cine-Cine-Teatro Garrett Póvoa de Varzim Portugal	<i>Metamorfozes</i> <i>Nocturnas</i> <i>Toujours Cassandra</i> <i>Reencontro</i> <i>Earth Apples</i>	31.Janeiro.1996 29.Julho.1995 4.Junho.1993 Junho.1993	26.Janeiro.1994 30.Janeiro.1996
Digressão	05.Julho.1996 20h00 06.Julho.1996 20h00	Dogana Auditorium Congress Innsbruck Áustria	<i>Jardim Cerrado</i> <i>Perureim (Migalhas)</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	1983 20.Setembro.1993 22.Março.1995	7.Março.1990 16.Novembro.1994
Digressão	9.Outubro.1996 20h00 10.Outubro.1996 20h00 11.Outubro.1996 20h00 12.Outubro.1996 20h00 13.Outubro.1996 20h00	Teatro de La Zarzuela Madrid Espanha	<i>E l Sospiri E Le Lacrime E'l Desio</i> <i>Perureim (Migalhas)</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	17.Novembro.1993 20.Setembro.1993 22.Março.1995	16.Novembro.1994
Programa 1	13.Novembro.1996 21h30 14.Novembro.1996 21h30 15.Novembro.1996 21h30 16.Novembro.1996 16h00 16.Novembro.1996 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Old Children</i> <i>Comédia Off</i> <i>Axioma 7</i>	29.Novembro.1989 13.Novembro.1996 Janeiro.1991	15.Novembro.1995 13.Novembro.1996 13.Novembro.1996
1997					
Programa 2	22.Janeiro.1997 21h30 23.Janeiro.1997 21h30 24.Janeiro.1997 21h30 25.Janeiro.1997 16h00 25.Janeiro.1997 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Cenas</i> <i>Rassemblement</i>	12.Abril.1990 24.Março.1974 27.Fevereiro.1990	29.Janeiro.1992 Janeiro 1997 22.Janeiro.1997
Programa 3	12.Março.1997 21h30 13.Março.1997 21h30 14.Março.1997	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Earth Apples</i> <i>Wolfgang, bitte...</i> <i>Lunar, O Dia</i>	Junho.1993 26.Julho.1991 12.Março.1997	30.Janeiro.1996 12.Março.1997

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30 15.Março.1997 16h00 15.Março.1997 21h30		<i>Fragmentado</i>		
Digressão	22.Abril.1997 20h00 23.Abril.1997 20h00 24.Abril.1997 20h00 25.Abril.1997 20h00 26.Abril.1997 14.00h 26.Abril.1997 20h00 27.Abril.1997 14.00h	Joyce Theater Nova Iorque Estados Unidos da América	<i>Treze Gestos de um Corpo</i> <i>E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	25.Março.1987 17.Novembro.1993 22.Março.1995	
Programa 4 Temos cópia	14.Maio.1997 21h30 15.Maio.1997 21h30 16.Maio.1997 21h30 17.Maio.1997 16h00 17.Maio.1997 21h30	Teatro Nacional D. Maria II Lisboa Portugal	<i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Rassemblement</i> <i>Axioma 7</i>	12.Abril.1990 27.Fevereiro.1990 Janeiro.1991	29.Janeiro.1992 22.Janeiro.1997 13.Novembro.1996
Digressão	23.Maio.1997 19h30 24.Maio.1997 19h30	Hessisches Staatstheater Wiesbaden Alemanha	<i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Through Nana's Eyes</i> <i>Axioma 7</i>	12.Abril.1990 Janeiro.1991	29.Janeiro.1992 22.Março.1995 13.Novembro.1996
Digressão	31.Maio.1997 21h30 01.Junho.1997 18h00	Auditório do Casino Funchal Portugal	<i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Rassemblement</i> <i>Axioma 7</i>	12.Abril.1990 27.Fevereiro.1990 Janeiro.1991	29.Janeiro.1992 22.Janeiro.1997 13.Novembro.1996
16º Estúdio Experimental de Coreografia	26.Junho.1997 21h30 27.Junho.1997 21h30	Cine-Teatro da Academia Almadense Almada Portugal	<i>In-Tensão</i> <i>Memento</i> <i>Double P.</i> <i>La Mamma Morta</i> <i>Jade</i> <i>Maria, Só</i> <i>Sonho ou Realidade</i> <i>Jogar ao Céu</i> <i>O Pêndulo</i> <i>Taiá</i>	26.Junho.1997 26.Junho.1997 26.Junho.1997 26.Junho.1997 26.Junho.1997 26.Junho.1997 26.Junho.1997 26.Junho.1997 26.Junho.1997	
Digressão	03.Julho.1997 21h45	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Visões Fugitivas (Van Manen)</i> <i>Wolfgang, bitte...</i>	12.Abril.1990 26.Julho.1991	29.Janeiro.1992 12.Março.1997

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Axioma 7</i>	Janeiro.1991	13.Novembro.1996
Digressão	06.Julho.1997 22h00	Cine-Teatro Luisa Todi Setúbal Portugal	<i>Visões Fugitivas</i> (Van Manen) <i>Wolfgang, bitte...</i> <i>Axioma 7</i>	12.Abril.1990 26.Julho.1991 Janeiro.1991	29.Janeiro.1992 12.Março.1997 13.Novembro.1996
Digressão	16.Setembro.1997 20h00	Musical Theater der Messe Basel Basileia Suíça	<i>Rassemblement</i> <i>Wolfgang, bitte...</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	27.Fevereiro.1990 26.Julho.1991 22.Março.1995	22.Janeiro.1997 12.Março.1997
Programa 1	12.Novembro.1997 21h30 13.Novembro.1997 21h30 14.Novembro.1997 21h30 15.Novembro.1997 16h00 15.Novembro.1997 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Lunar, O Dia Fragmentado</i> <i>Seis Danças</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>See Under X</i>	12.Março.1997 24.Outubro.1986 8.Junho.1991 12.Novembro.1997	12.Novembro.1997 12.Novembro.1997
Digressão	21.Novembro.1997 21h30 22.Novembro.1997 21h30	Cine-Teatro da Academia Almadense Almada Portugal	<i>Wolfgang, bitte...</i> <i>Through Nana's Eyes</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>Seis Danças</i>	26.Julho.1991 22.Março.1995 8.Junho.1991 24.Outubro.1986	12.Março.1997 12.Novembro.1997 12.Novembro.1997
Digressão	29.Novembro.1997 19.00h 30.Novembro.1997 19.00h	Theater im Pfalzbau Ludwigshafen Alemanha	<i>Visões Fugitivas</i> (Van Manen) <i>Lunar, O Dia Fragmentado</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	12.Abril.1990 12.Março.1997 22.Março.1995	29.Janeiro.1992
Digressão	05.Dezembro.1997 20h00	Stadthalle Neuss Neuss Alemanha	<i>Visões Fugitivas</i> (Van Manen) <i>Wolfgang, bitte...</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	12.Abril.1990 26.Julho.1991 22.Março.1995	29.Janeiro.1992 12.Março.1997
Digressão	07.Dezembro.1997 19h30	Forum Leverkusen Leverkusen Alemanha	<i>Visões Fugitivas</i> (Van Manen) <i>Lunar, O Dia Fragmentado</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	12.Abril.1990 12.Março.1997 22.Março.1995	29.Janeiro.1992
Digressão	10.Dezembro.1997 20h00	Palais des Beaux Arts Bruxelas Bélgica	<i>Visões Fugitivas</i> (Van Manen) <i>Wolfgang, bitte...</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	12.Abril.1990 26.Julho.1991 22.Março.1995	29.Janeiro.1992 12.Março.1997
Digressão	12.Dezembro.1997 20h00	Vlaamse Opera Gent Gent Bélgica	<i>Visões Fugitivas</i> (Van Manen) <i>Wolfgang, bitte...</i> <i>Through Nana's Eyes</i>	12.Abril.1990 26.Julho.1991 22.Março.1995	29.Janeiro.1992 12.Março.1997
1998					

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Programa 2	04.Fevereiro.1998 21h30 05.Fevereiro.1998 21h30 06.Fevereiro.1998 21h30 07.Fevereiro.1998 16h00 07.Fevereiro.1998 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Loving Stone</i> <i>The Vile Parody of Address</i> <i>Axioma 7</i>	4.Fevereiro.1998 26.Novembro.1988 Janeiro.1991	4.Fevereiro.1998 13.Novembro.1996
Programa 3	11.Março.1998 21h30 12.Março.1998 21h30 13.Março.1998 21h30 14.Março.1998 16h00 15.Março.1998 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Jade</i> <i>Metamorfoses</i> <i>Nocturnas</i> <i>Flat Space Moving</i>	26.Junho.1997 31.Janeiro.1996 3.Outubro.1997	11.Março.1998
Digressão	24.Abril.1998 20h00 25.Abril.1998 20h00 26.Abril.1998 15.00h	Victoria Theater New Jersey Performing Arts Center Newark New Jersey Estados Unidos da América	<i>Axioma 7</i> <i>Flat Space Moving</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>See Under X</i>	Janeiro.1991 3.Outubro.1997 8.Junho.1991 12.Novembro.1997	13.Novembro.1996 11.Março.1998 12.Novembro.1997
Digressão	01.Maio.1998 20h00	Zeiterion Theater New Bedford Massachusets Estados Unidos da América	<i>See Under X</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>Axioma 7</i>	12.Novembro.1997 8.Junho.1991 Janeiro.1991	12.Novembro.1997 13.Novembro.1996
Digressão	07.Maio.1998 20h00 08.Maio.1998 20h00 09.Maio.1998 20h00	Germantown Performing Arts Center Memphis Tennessee Estados Unidos da América	<i>See Under X</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>Flat Space Moving</i> <i>Axioma 7</i>	12.Novembro.1997 8.Junho.1991 3.Outubro.1997 Janeiro.1991	12.Novembro.1997 11.Março.1998 13.Novembro.1996
Digressão	27.Maio.1998 21h30 28.Maio.1998 21h30	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Seis Danças</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>The Vile Parody of Address</i> <i>Axioma 7</i>	24.Outubro.1986 8.Junho.1991 26.Novembro.1988 Janeiro.1991	12.Novembro.1997 12.Novembro.1997 4.Fevereiro.1998 13.Novembro.1996
Digressão	30.Maio.1998 21h45 31.Maio.1998 16h00	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Jade</i> <i>The Vile Parody of Address</i> <i>Axioma 7</i>	26.Junho.1997 26.Novembro.1988 Janeiro.1991	4.Fevereiro.1998 13.Novembro.1996
Digressão	13.Junho.1998 21h30 14.Junho.1998 16h00	Auditório do Casino Funchal Portugal	<i>Jade</i> <i>Flat Space Moving</i>	26.Junho.1997 3.Outubro.1997	11.Março.1998

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>The Butterfly Effect</i> <i>See Under X</i>	8.Junho.1991 12.Novembro.1997	12.Novembro.1997
Digressão	22.Junho.1998 22h00 23.Junho.1998 22h00	Pavilhão Gimnodesportivo Municipal Portimão Portugal	<i>Flat Space Moving</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>Axioma 7</i>	3.Outubro.1997 8.Junho.1991 Janeiro.1991	11.Março.1998 12.Novembro.1997 13.Novembro.1996
Digressão	26.Junho.1998 21h30 27.Junho.1998 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Seis Danças</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>The Vile Parody of Address</i> <i>Axioma 7</i>	24.Outubro.1986 8.Junho.1991 26.Novembro.1988 Janeiro.1991	12.Novembro.1997 12.Novembro.1997 4.Fevereiro.1998 13.Novembro.1996
Digressão	30.Junho.1998 21h45	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Flat Space Moving</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>See Under X</i>	3.Outubro.1997 8.Junho.1991 12.Novembro.1997	11.Março.1998 12.Novembro.1997
Digressão	01.Julho.1998 21h45	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Jade</i> <i>The Vile Parody of Address</i> <i>See Under X</i>	26.Junho.1997 26.Novembro.1988 12.Novembro.1997	4.Fevereiro.1998
Digressão	16.Setembro.1998 21h00 17.Setembro.1998 21h00 18.Setembro.1998 21h00	Teatro Municipal de São Paulo São Paulo Brasil	<i>Flat Space Moving</i> <i>The Vile Parody of Address</i> <i>The Butterfly Effect</i> <i>Seis Danças</i>	3.Outubro.1997 26.Novembro.1988 8.Junho.1991 24.Outubro.1986	11.Março.1998 4.Fevereiro.1998 12.Novembro.1997 12.Novembro.1997
Programa 1	11.Novembro.1998 21h30 12.Novembro.1998 21h30 13.Novembro.1998 21h30 14.Novembro.1998 16h00 14.Novembro.1998 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Rassemblement</i> <i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Pra Lá e Pra Cá</i>	27.Fevereiro.1990 11.Setembro.1997 11.Novembro.1998	22.Janeiro.1997 11.Novembro.1998
Digressão	21.Novembro.1998 22h00 22.Novembro.1998 16h30	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>Rassemblement</i> <i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Pra Lá e Pra Cá</i>	27.Fevereiro.1990 11.Setembro.1997 11.Novembro.1998	22.Janeiro.1997 11.Novembro.1998
Digressão	05.Dezembro.1998 21h45	Auditório do Forum Municipal Romeu Correia Almada Portugal	<i>The Butterfly Effect</i> <i>Rassemblement (extractos)</i> <i>The Vile Parody of Address</i>	8.Junho.1991 27.Fevereiro.1990 26.Novembro.1988	12.Novembro.1997 22.Janeiro.1997 4.Fevereiro.1998
1999					
Programa 2	20.Janeiro.1999	Grande Auditório Gulbenkian	<i>Seis Danças</i>	24.Outubro.1986	12.Novembro.1997

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h30 21.Janeiro.1999 21h30 22.Janeiro.1999 21h30 23.Janeiro.1999 16h00 23.Janeiro.1999 21h30	Lisboa Portugal	<i>Queens / Black Milk</i> <i>Cartografia dos Lugares Comuns</i>	1991 20.Janeiro.1999	20.Janeiro.1999
Programa 3	10.Março.1999 21h30 11.Março.1999 21h30 12.Março.1999 21h30 13.Março.1999 16h00 13.Março.1999 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>The Vile Parody of Address</i> <i>Un / Do</i> <i>Noces</i>	26.Novembro.1988 14.Maio.1998 18.Maio.1989	4.Fevereiro.1998 10.Março.1999 10.Março.1999
Digressão	18.Março.1999 21h45 19.Março.1999 21h45	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>The Vile Parody of Address</i> <i>Un / Do</i> <i>Noces</i>	26.Novembro.1988 14.Maio.1998 18.Maio.1989	4.Fevereiro.1998 10.Março.1999 10.Março.1999
Digressão	09.Abril.1999 21h45 10.Abril.1999 21h45	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Un / Do</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Noces</i>	14.Maio.1998 1991 18.Maio.1989	10.Março.1999 20.Janeiro.1999 10.Março.1999
Digressão	22.Abril.1999 21h30 23.Abril.1999 21h30	Cine-Teatro Municipal D. João V Damaia Portugal	<i>Cartografia dos Lugares Comuns</i> <i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Queens / Black Milk</i>	20.Janeiro.1999 11.Setembro.1997 1991	11.Novembro.1998 20.Janeiro.1999
Digressão	15.Maio.1999 21h45 16.Maio.1999 16h00	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Cartografia dos Lugares Comuns</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Until...With / Out.Enough</i>	20.Janeiro.1999 1991 11.Setembro.1997	20.Janeiro.1999 11.Novembro.1998
Digressão	18.Maio.1999 19.Maio.1999	Cine-Teatro Academia Almada Portugal	<i>Cartografia dos Lugares Comuns</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Until...With / Out.Enough</i>	20.Janeiro.1999 1991 11.Setembro.1997	20.Janeiro.1999 11.Novembro.1998
Digressão	22.Maio.1999 22h00 23.Maio.1999 16h30	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>Cartografia dos Lugares Comuns</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Noces</i>	20.Janeiro.1999 1991 18.Maio.1989	20.Janeiro.1999 10.Março.1999
Digressão	04.Junho.1999 21h30 05.Junho.1999 18h00	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Seis Danças</i>	11.Setembro.1997 1991 24.Outubro.1986	11.Novembro.1998 20.Janeiro.1999 12.Novembro.1997

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	18.Junho.1999 22h00 19.Junho.1999 22h00	Pavilhão Desportivo da Escola Teixeira Gomes Portimão Portugal	<i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Noces</i>	11.Setembro.1997 1991 18.Maio.1989	11.Novembro.1998 20.Janeiro.1999 10.Março.1999
Digressão	01.Julho.1999 21h45	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Noces</i>	11.Setembro.1997 1991 18.Maio.1989	11.Novembro.1998 20.Janeiro.1999 10.Março.1999
Digressão	02.Julho.1999 21h45	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Un / Do</i> <i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Noces</i>	14.Maio.1998 11.Setembro.1997 18.Maio.1989	10.Março.1999 11.Novembro.1998 10.Março.1999
Digressão	3.Julho.1999 21h45 4.Julho.1999 21h45	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Seis Danças</i>	11.Setembro.1997 1991 24.Outubro.1986	11.Novembro.1998 20.Janeiro.1999 12.Novembro.1997
Digressão	06.Julho.1999 21h45	Cine-Teatro Luisa Todi Setúbal Portugal	<i>The Vile Parody of Address</i> <i>Un / Do</i> <i>Queens / Black Milk</i>	26.Novembro.1988 14.Maio.1998 1991	4.Fevereiro.1998 10.Março.1999 20.Janeiro.1999
Digressão	09.Julho.1999 21h30 10.Julho.1999 16h00 10.Julho.1999 21h30 11.Julho.1999 16h00	Teatro Viriato Viseu Portugal	<i>The Vile Parody of Address</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Seis Danças</i>	26.Novembro.1988 1991 24.Outubro.1986	4.Fevereiro.1998 20.Janeiro.1999 12.Novembro.1997
Digressão	12.Julho.1999 21h45	Casino Estoril Estoril Portugal	<i>Un / Do</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Seis Danças</i>	14.Maio.1998 1991 24.Outubro.1986	10.Março.1999 20.Janeiro.1999 12.Novembro.1997
Digressão	15.Julho.1999 22h00 16.Julho.1999 22h00	Auditório do Parque Palmela Cascais Portugal	<i>Un / Do</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Seis Danças</i>	14.Maio.1998 1991 24.Outubro.1986	10.Março.1999 20.Janeiro.1999 12.Novembro.1997
Digressão	15.Outubro.1999 17h00 15.Outubro.1999 20h00	Centro Cultural de Macau Macau Portugal	<i>Seis Danças</i> <i>Queens / Black Milk</i> <i>Noces</i>	24.Outubro.1986 1991 18.Maio.1989	12.Novembro.1997 20.Janeiro.1999 10.Março.1999
Programa 1	10.Novembro.1999 21h00 11.Novembro.1999 21h00 12.Novembro.1999 21h00 13.Novembro.1999 16h00 13.Novembro.1999 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>Black Milk</i> <i>Perpetuum</i>	17.Fevereiro.1983 1985 13.Janeiro.1992	10.Novembro.1999 Janeiro 1999 10.Novembro.1999
Digressão	19.Novembro.1999	Grande Auditório do	<i>Stamping Ground</i>	17.Fevereiro.1983	10.Novembro.1999

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	22h00 20.Novembro.1999 22h00	Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>Black Milk</i> <i>Perpetuum</i>	1985 13.Janeiro.1992	Janeiro 1999 10.Novembro.1999
Digressão	04.Dezembro.1999 21h30 05.Dezembro.1999 21h30	Auditório do Casino Funchal Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>Perpetuum</i>	17.Fevereiro.1983 13.Janeiro.1992	10.Novembro.1999 10.Novembro.1999
2000					
Programa 2	19.Janeiro.2000 21h00 20.Janeiro.2000 21h00 21.Janeiro.2000 21h00 22.Janeiro.2000 16h00 22.Janeiro.2000 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Nuti</i> <i>F.I.M. (Fragmentos- Inscrições- Memórias)</i>	1990 19.Janeiro.2000	19.Janeiro.2000
Programa 3	08.Março.2000 21h00 09.Março.2000 21h00 10.Março.2000 21h00 11.Março.2000 16h00 11.Março.2000 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Neatnet</i> <i>Another Paradox</i> <i>À Mesa em 15 Minutos</i>	8.Março 2000 8.Março 2000 8.Março 2000	
Digressão	17.Março.2000 22h00 18.Março.2000 22h00	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>Neatnet</i> <i>Another Paradox</i> <i>À Mesa em 15 Minutos</i>	8.Março 2000 8.Março 2000 8.Março 2000	
Digressão	14.Abril.2000 21h30 15.Abril.2000 21h30 16.Abril.2000 16h00	Teatro Viriato Viseu Portugal	<i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Another Paradox</i> <i>Neatnet</i>	8.Março 2000 8.Março 2000 8.Março 2000	
Digressão	28.Abril.2000 19h30	Festspielhaus Bregenz Bregenz Áustria	<i>Nuti</i> <i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Seis Danças</i>	1990 8.Março 2000 24.Outubro.1986	19.Janeiro.2000 12.Novembro.1997
Digressão	29.Abril.2000 19h30	Festspielhaus Bregenz Bregenz Áustria	<i>Nuti</i> <i>Neatnet</i> <i>Seis Danças</i>	1990 8.Março 2000 24.Outubro.1986	19.Janeiro.2000 12.Novembro.1997
Digressão	19.Maio.2000 21h30 20.Maio.2000 21h30	Auditório do Conservatório Regional de Faro Faro Portugal	<i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Another Paradox</i>	8.Março 2000 8.Março 2000	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Neatnet</i>	8.Março 2000	
Digressão	25.Maio.2000 21h00 26.Maio.2000 22h00	The Suzanne Dellal Centre Tel Aviv Israel	<i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Another Paradox</i> <i>Neatnet</i>	8.Março 2000 8.Março 2000 8.Março 2000	
Digressão	28.Maio.2000 21h00	The Rebecca Crown Auditorium Jerusalém Israel	<i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Another Paradox</i> <i>Neatnet</i>	8.Março 2000 8.Março 2000 8.Março 2000	
Programa 4	14.Junho.2000 21h00 15.Junho.2000 21h00 16.Junho.2000 21h00 17.Junho.2000 16h00 17.Junho.2000 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Pra Lá e Pra Cá</i> <i>Terra Nova</i>	11.Novembro.1998 14.Junho.2000	
Digressão	24.Junho.2000 20h00	Theater im Forum Ludwigsburg Alemanha	<i>Nuti</i> <i>Terra Nova</i>	1990	19.Janeiro.2000 14.Junho.2000
Digressão	29.Junho.2000 21h45 30.Junho.2000 21h45	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Nuti</i> <i>Terra Nova</i>	1990	19.Janeiro.2000 14.Junho.2000
Digressão	08.Julho.2000 21h00 09.Julho.2000 17h00	Teatro Municipal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil	<i>Nuti</i> <i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Stamping Ground</i>	1990	19.Janeiro.2000 8.Março 2000 17.Fevereiro.1983 10.Novembro.1999
Digressão	12.Julho.2000 21h00 13.Julho.2000 21h00	Teatro Municipal de São Paulo São Paulo Brasil	<i>Nuti</i> <i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Stamping Ground</i>	1990	19.Janeiro.2000 8.Março 2000 17.Fevereiro.1983 10.Novembro.1999
Digressão	15.Julho.2000 21h00	Teatro SESI Porto Alegre Brasil	<i>Nuti</i> <i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Stamping Ground</i>	1990	19.Janeiro.2000 8.Março 2000 17.Fevereiro.1983 10.Novembro.1999
Digressão	19.Julho.2000 21h00	Teatro Centreventos Joinville Brasil	<i>Seis Danças</i> <i>Stamping Ground</i> <i>Terra Nova</i>	24.Outubro.1986 17.Fevereiro.1983	12.Novembro.1997 10.Novembro.1999 14.Junho.2000
Digressão	22.Julho.2000 21h00	Teatro Castro Alves São Salvador da Baía Brasil	<i>Stamping Ground</i> <i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Terra Nova</i>	17.Fevereiro.1983	10.Novembro.1999 8.Março 2000 14.Junho.2000
Digressão	02.Outubro.2000 19h30	Cankarjev Dom Liubliana Eslovénia	<i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Seis Danças</i>	11.Setembro.1997 24.Outubro.1986	11.Novembro.1998 12.Novembro.1997

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Terra Nova</i>	14.Junho.2000	
Digressão	03.Outubro.2000 19h30	Cankarjev Dom Liubliana Eslovénia	<i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Stamping Ground</i> <i>Terra Nova</i>	11.Setembro.1997 17.Fevereiro.1983	11.Novembro.1998 10.Novembro.1999
Programa 1	08.Novembro.2000 21h00 09.Novembro.2000 21h00 10.Novembro.2000 21h00 11.Novembro.2000 16h00 11.Novembro.2000 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Chameleon</i> <i>Fragile</i> <i>See Under X (ver na letra X)</i>	11.Setembro.1997 12.Fevereiro.1998 8.Janeiro.1997 12.Novembro.1997	11.Novembro.1998 8.Novembro.2000 8.Novembro.2000
Digressão	17.Novembro.2000 22h00 18.Novembro.2000 22h00	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Chameleon</i> <i>Fragile</i> <i>See Under X (ver na letra X)</i>	11.Setembro.1997 12.Fevereiro.1998 8.Janeiro.1997 12.Novembro.1997	11.Novembro.1998 8.Novembro.2000 8.Novembro.2000
Digressão	15.Dezembro.2000 21h45 16.Dezembro.2000 21h45	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Until...With / Out.Enough</i> <i>Chameleon</i> <i>Fragile</i> <i>See Under X (ver na letra X)</i>	11.Setembro.1997 12.Fevereiro.1998 8.Janeiro.1997 12.Novembro.1997	11.Novembro.1998 8.Novembro.2000 8.Novembro.2000
2001					
Programa 2	24.Janeiro.2001 21h00 25.Janeiro.2001 21h00 26.Janeiro.2001 21h00 27.Janeiro.2001 16h00 27.Janeiro.2001 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>See Blue Through</i> <i>Noces</i>	17.Fevereiro.1983 24.Janeiro.2001 18.Maio.1989	10.Novembro.1999 10.Março.1999
Digressão	01.Fevereiro.2001 21h45 02.Fevereiro.2001 21h45	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>See Blue Through</i> <i>Noces</i>	17.Fevereiro.1983 24.Janeiro.2001 18.Maio.1989	10.Novembro.1999 10.Março.1999
Digressão	02.Março.2001 21h30 03.Março.2001 21h30	Cine-Teatro Municipal D. João V Damaia Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>Fragile</i> <i>Chameleon</i> <i>Noces</i>	17.Fevereiro.1983 8.Janeiro.1997 12.Fevereiro.1998 18.Maio.1989	10.Novembro.1999 8.Novembro.2000 8.Novembro.2000 10.Março.1999
Programa 3	21.Março.2001 21h00 22.Março.2001 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Exo</i> <i>Como Rebolar</i> <i>Alegremente Sobre</i>	21.Março.2001 21.Março.2001	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	23.Março.2001 21h00 24.Março.2001 16h00 24.Março.2001 21h00		<i>um Vazio Interior</i> <i>Perpetuum</i>	13.Janeiro.1992	10.Novembro.1999
Digressão	30.Março.2001 22h00 31.Março.2001 22h00	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>Exo</i> <i>Como Rebolar</i> <i>Alegremente Sobre um Vazio Interior</i> <i>Perpetuum</i>	21.Março.2001 21.Março.2001	13.Janeiro.1992 10.Novembro.1999
Digressão	11.Maio.2001 19h30 12.Maio.2001 19h30	Oldenburgisches Staatstheater Oldenburg Alemanha	<i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Fragile</i> <i>Chameleon</i> <i>Stamping Ground</i>	8.Março 2000 8.Janeiro.1997 12.Fevereiro.1998 17.Fevereiro.1983	8.Novembro.2000 8.Novembro.2000 10.Novembro.1999
Digressão	15.Maio.2001 19h30 16.Maio.2001 19h30	Hessisches Staatstheater Wiesbaden Wiesbaden Alemanha	<i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Stamping Ground</i> <i>Noces</i>	8.Março 2000 17.Fevereiro.1983 18.Maio.1989	10.Novembro.1999 10.Março.1999
Digressão	18.Maio.2001 19h30 19.Maio.2001 19h30	Stadtheater Heilbronn Heilbronn Alemanha	<i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Stamping Ground</i> <i>Noces</i>	8.Março 2000 17.Fevereiro.1983 18.Maio.1989	10.Novembro.1999 10.Março.1999
Digressão	08.Junho.2001 21h30 09.Junho.2001 16h00 09.Junho.2001 21h30	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>À Mesa em 15 Minutos</i> <i>Fragile</i> <i>Chameleon</i> <i>Stamping Ground</i>	8.Março 2000 8.Janeiro.1997 12.Fevereiro.1998 17.Fevereiro.1983	8.Novembro.2000 8.Novembro.2000 10.Novembro.1999
Programa 4	29.Junho.2001 21h30 30.Junho.2001 21h30 01.Julho.2001 16h00	Teatro Rivoli Porto Portugal	<i>Nuti</i> <i>Cantata</i>	1990 29.Junho.2001	19.Janeiro.2000
Digressão	04.Julho.2001 21h45 05.Julho.2001 21h45	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>Fragile</i> <i>Chameleon</i> <i>Cantata</i>	17.Fevereiro.1983 8.Janeiro.1997 12.Fevereiro.1998 29.Junho.2001	10.Novembro.1999 8.Novembro.2000 8.Novembro.2000
Digressão	12.Julho.2001 21h30 13.Julho.2001 21h30 14.Julho.2001 21h30	Teatro Viriato Viseu Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>Fragile</i> <i>Chameleon</i>	17.Fevereiro.1983 8.Janeiro.1997 12.Fevereiro.1998	10.Novembro.1999 8.Novembro.2000 8.Novembro.2000

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
			<i>Cantata</i>	29.Junho.2001	
Digressão	18.Julho.2001 21h30	Fórum Municipal Luísa Todi Setúbal Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>Fragile</i> <i>Chameleon</i> <i>Cantata</i>	17.Fevereiro.1983 8.Janeiro.1997 12.Fevereiro.1998	10.Novembro.1999 8.Novembro.2000 8.Novembro.2000
Digressão	28.Setembro.2001 29.Setembro.2001	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>Fragile</i> <i>Chameleon</i> <i>Cantata</i>	17.Fevereiro.1983 8.Janeiro.1997 12.Fevereiro.1998	10.Novembro.1999 8.Novembro.2000 8.Novembro.2000
Programa 1	07.Novembro.2001 21h00 08.Novembro.2001 21h00 09.Novembro.2001 21h00 10.Novembro.2001 16h00 10.Novembro.2001 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>For Heaven's Sake</i>	7.Novembro.2001	
Digressão	16.Novembro.2001 22h00 17.Novembro.2001 22h00	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>For Heaven's Sake</i>	7.Novembro.2001	
Digressão	30.Novembro.2001 20h30 01.Dezembro.2001 20h30	Lucent Danstheater Haia Holanda	<i>For Heaven's Sake</i>	7.Novembro.2001	
2002					
Programa 2	23.Janeiro.2002 21h00 24.Janeiro.2002 21h00 25.Janeiro.2002 21h00 26.Janeiro.2002 16h00 26.Janeiro.2002 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>See Blue Through</i> <i>Annonciation</i> <i>Prumo</i>	24.Janeiro.2001 1995	23.Janeiro.2002 23.Janeiro.2002
Digressão	01.Fevereiro.2002 22h00 02.Fevereiro.2002 22h00	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>See Blue Through</i> <i>Annonciation</i> <i>Prumo</i>	24.Janeiro.2001 1995	23.Janeiro.2002 23.Janeiro.2002
Programa 3	13.Março.2002 21h00 14.Março.2002 21h00 15.Março.2002 21h00 16.Março.2002 16h00 16.Março.2002	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Lunar, O Dia Fragmentado</i> <i>Cantata</i>	12.Março.1997 29.Junho.2001	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h00				
Digressão	21.Março.2002 21h45 22.Março.2002 21h45	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>Lunar, O Dia Fragmentado</i> <i>Cantata</i>	12.Março.1997 29.Junho.2001	
Digressão	13.Abril.2002 21h30	Teatro Curvo Semedo Montemor-o-Novo Portugal	<i>Lunar, O Dia Fragmentado</i> <i>Cantata</i>	12.Março.1997 29.Junho.2001	
Digressão	3.Maio.2002 21h30 4.Maio.2002 21h30	Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	<i>See Blue Through</i> <i>Annonciation</i> <i>Prumo</i>	24.Janeiro.2001 1995 23.Janeiro.2002 23.Janeiro.2002	
Digressão	10.Maio.2002 21h30 11.Maio.2002 21h30	Pavilhão Gimnodesportivo Municipal Portimão Portugal XXVI Festival de Música do Algarve	<i>Prumo</i> <i>Annonciation</i> <i>Cantata</i>	23.Janeiro.2002 1995 23.Janeiro.2002 29.Junho.2001	
Digressão	17.Maio.2002 21h30 18.Maio.2002 21h30	Cine-Teatro Municipal D. João V Amadora Portugal	<i>Prumo</i> <i>Annonciation</i> <i>Cantata</i>	23.Janeiro.2002 1995 23.Janeiro.2002 29.Junho.2001	
Programa 4	19.Junho.2002 21h00 20.Junho.2002 21h00 21.Junho.2002 21h00 22.Junho.2002 16h00 22.Junho.2002 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>Solo For Two</i> <i>Minus 7</i>	17.Fevereiro.1983 29.Março.1996 Fevereiro.2002	10.Novembro.1999 19.Junho.2002 19.Junho.2002
Digressão	27.Junho.2002 21h45 28.Junho.2002 21h45	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	<i>Stamping Ground</i> <i>Solo For Two</i> <i>Minus 7</i>	17.Fevereiro.1983 29.Março.1996 Fevereiro.2002	10.Novembro.1999 19.Junho.2002 19.Junho.2002
Digressão	18.Julho.2002 21h30 19.Julho.2002 21h30	Centro Cultural Olga Cadaval Sintra Portugal	<i>Cantata</i> <i>Minus 7</i>	29.Junho.2001 Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	29.Agosto.2002 30.Agosto.2002	Viehauctionshalle Weimar Alemanha	<i>See Blue Through</i> <i>Annonciation</i> <i>Cantata</i>	24.Janeiro.2001 1995 23.Janeiro.2002 29.Junho.2001	
Digressão	31.Agosto.2002 01.Setembro.2002	Viehauctionshalle Weimar Alemanha	<i>Prumo</i> <i>Chameleon</i> <i>Cantata</i>	23.Janeiro.2002 12.Fevereiro.1998 8.Novembro.2000 29.Junho.2001	
Digressão	26.Setembro.2002 27.Setembro.2002 28.Setembro.2002	Gran Teatro del Liceo Barcelona Espanha	<i>See Blue Through</i> <i>Charmes</i> <i>Cantata</i>	24.Janeiro.2001 26.Setembro.2002 Setembro.2002 29.Junho.2001	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	29.Setembro.2002 30.Setembro.2002				
Digressão	03.Outubro.2002 04.Outubro.2002 05.Outubro.2002	Teatre Principal Valência Espanha	<i>See Blue Through</i> <i>Charmes</i> <i>Cantata</i>	24.Janeiro.2001 Setembro 2002 Setembro 2002 29.Junho.2001	
Digressão	11.Outubro.2002 12.Outubro.2002	Teatro Viriato Viseu Portugal	<i>See Blue Through</i> <i>Annonciation</i> <i>Prumo</i>	24.Janeiro.2001 1995 23.Janeiro.2002 23.Janeiro.2002	
Programa 1	30.Outubro.2002 21h00 31.Outubro.2002 21h00 01.Novembro.2002 21h00 02.Novembro.2002 16h00 02.Novembro.2002 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Prumo</i> <i>Charmes</i> <i>Cantata</i>	23.Janeiro.2002 Setembro 2002 Setembro 2002 29.Junho.2001	
Programa 2	07.Novembro.2002 21h00 08.Novembro.2002 21h00 09.Novembro.2002 16h00 09.Novembro.2002 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>See Blue Through</i> <i>Charmes</i> <i>Cantata</i>	24.Janeiro.2001 Setembro 2002 Setembro 2002 29.Junho.2001	
Digressão	15.Novembro.2002 22h00 16.Novembro.2002 22h00	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>Charmes</i> <i>Chameleon</i> <i>Cantata</i>	Setembro 2002 Setembro 2002 12.Fevereiro.1998 8.Novembro.2000 29.Junho.2001	
Digressão	22.Novembro.2002 22h00 23.Novembro.2002	Centro de Artes e Espectáculos Figueira da Foz Portugal	<i>Charmes</i> <i>Chameleon</i> <i>Cantata</i>	Setembro 2002 Setembro 2002 12.Fevereiro.1998 8.Novembro.2000 29.Junho.2001	
Digressão	07.Dezembro.2002 19h00 08.Dezembro.2002 19h00	Teatro São Luiz Lisboa Portugal	<i>Chameleon</i> <i>Annonciation</i> <i>Cantata</i>	12.Fevereiro.1998 8.Novembro.2000 1995 23.Janeiro.2002 29.Junho.2001	
2003					
Programa 3	17.Janeiro.2003 21h00 18.Janeiro.2003 21h00 18.Janeiro.2003 16h00 22.Janeiro.2003 21h00 23.Janeiro.2003 21h00 24.Janeiro.2003	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Psappha</i> <i>Paradise Practice</i> <i>Minus 7</i>	14.Outubro.2001 17.Janeiro.2003 17.Janeiro.2003 Fevereiro.2002 19.Junho.2002	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	21h00 25.Janeiro.2003 16h00 25.Janeiro.2003 21h00				
Digressão	31.Janeiro.2003 1.Fevereiro.2003	Teatro Curvo Semedo Montemor-o-Novo Portugal	<i>Psappha</i> <i>Paradise Practice</i> <i>Minus 7</i>	14.Outubro.2001 17.Janeiro.2003 Fevereiro.2002	17.Janeiro.2003 19.Junho.2002
Digressão	19.Março.2003 21h00 20.Março.2003 21h00 21.Março.2003 21h00 22.Março.2003 16h00 22.Março.2003 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Falling Angels</i> <i>Solo For Two</i> Tender Hooks	23.Novembro.1989 29.Março.1996 19.Março.2003	19.Março.2003 19.Junho.2002
Programa 4	28.Março.2003 29.Março.2003	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>Falling Angels</i> <i>Solo For Two</i> Tender Hooks	23.Novembro.1989 29.Março.1996 Março 2003	19.Março.2003 19.Junho.2002 Março 2003
Digressão	4.Abril.2003 5.Abril.2003	Centro de Artes Escénicas Salamanca Espanha	<i>Chameleon</i> Cantata <i>Minus 7</i>	12.Fevereiro.1998 29.Junho.2001 Fevereiro.2002	8.Novembro.2000 19.Junho.2002
Digressão	12.Abril.2003 19h30	Teatro Nacional da Croácia Zagreb Croácia	<i>Prumo</i> <i>Chameleon</i> Cantata	23.Janeiro.2002 12.Fevereiro.1998 29.Junho.2001	8.Novembro.2000
Digressão	26.Abril.2003 19h30 27.Abril.2003 19h30	Teatro São Luiz Lisboa Portugal	<i>Falling Angels</i> <i>Minus 7</i>	23.Novembro.1989 Fevereiro.2002	19.Março.2003 19.Junho.2002
Digressão	29.Abril.2003 15h30	Teatro São Luiz Lisboa Portugal	<i>Minus 7</i>	Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	29.Abril.2003 19h30	Teatro São Luiz Lisboa Portugal	<i>Minus 7</i>	Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	14.Maio.2003 20h00 15.Maio.2003 20h00 16.Maio.2003 20h00 17.Maio.2003 19h00 18.Maio.2003 18h00	Festspielhaus Recklinghausen Alemanha	<i>Chameleon</i> Cantata <i>Minus 7</i>	12.Fevereiro.1998 29.Junho.2001 Fevereiro.2002	8.Novembro.2000 19.Junho.2002
Digressão	31.Maio.2003 21h30 1.Junho.2003 16h00	Auditório do Casino Funchal Portugal	Cantata <i>Minus 7</i>	29.Junho.2001 Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	12.Junho.2003 18h00	Teatro Municipal de Kuopio Kuopio Finlândia	<i>Prumo</i>	23.Janeiro.2002	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	13.Junho.2003 18h00		<i>Chameleon</i> Cantata	12.Fevereiro.1998 29.Junho.2001	8.Novembro.2000
Digressão	14.Junho.2003 18h00	Lake Valkeisenlampi Kuopio Finlândia	Minus 7	Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão 21º Festival de Música de Leiria	20.Junho.2003 21h30 21.Junho.2003 21h30	Teatro José Lucio da Silva Leiria Portugal	<i>Falling Angels</i> <i>Paradise Practice</i> Cantata	23.Novembro.1989 17.Janeiro.2003 29.Junho.2001	19.Março.2003
Digressão 27º Festival de Música do Algarve	27.Junho.2003 28.Junho.2003	Pavilhão Desportivo Municipal Algarve Portugal	Cantata Minus 7	29.Junho.2001 Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	4.Julho.2003 21h30 5.Julho.2003 21h30	Teatro Viriato Viseu Portugal	<i>Falling Angels</i> <i>Minus 7</i>	23.Novembro.1989 Fevereiro.2002	19.Março.2003 19.Junho.2002
Digressão	8.Julho.2003 21h30 9.Julho.2003 21h30	Anfiteatro Romano de Itálica Sevilha Espanha	Cantata Minus 7	29.Junho.2001 Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	18.Julho.2003 21h30 19.Julho.2003 21h30	Centro Cultural Olga Cadaval Sintra Portugal	Cantata Minus 7	29.Junho.2001 Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Programa 1	5.Novembro.2003 21h30 6.Novembro.2003 21h30 7.Novembro.2003 21h30 8.Novembro.2003 16h00 8.Novembro.2003 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Falling Angels</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (M.C.)</i> <i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	23.Novembro.1989 18.Junho.1993 18.Junho.1993	19.Março.2003 5.Novembro.2003 5.Novembro.2003
Digressão	15.Novembro.2003 21h30	Teatro Curvo Semedo Montemor-o-Novo Portugal	<i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i> <i>Falling Angels</i>	18.Junho.1993 23.Novembro.1989	5.Novembro.2003 19.Março.2003
Digressão	21.Novembro.2003 22h00 22.Novembro.2003 22h00	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i> <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (M.C.)</i> <i>Falling Angels</i>	18.Junho.1993 18.Junho.1993 23.Novembro.1989	5.Novembro.2003 5.Novembro.2003 19.Março.2003
2004					
Programa 2	21.Janeiro.2004 21h30 22.Janeiro.2004 21h30 23.Janeiro.2004 21h30 24.Janeiro.2004 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Delicado</i> <i>White</i>	21.Janeiro.2004 21.Janeiro.2004	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	30.Janeiro.2004 21h30	Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	<i>Delicado</i>	21.Janeiro.2004	
	31.Janeiro.2004 21h30		<i>White</i>	21.Janeiro.2004	
Digressão	20.Fevereiro.2004	Teatro Viriato Viseu Portugal	<i>Delicado</i>	21.Janeiro.2004	
	21.Fevereiro.2004		<i>White</i>	21.Janeiro.2004	
Programa 3	17.Março.2004 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Paradise Practice</i>	17.Janeiro.2003	
	18.Março.2004 21h30		<i>O Céu que nos Resta</i>	17.Março.2004	
	19.Março.2004 21h30		<i>Os Monólogos do Oriente</i>	17.Março.2004	
	20.Março.2004 16h00				
	20.Março.2004 21h30				
Digressão	27.Março.2004	Teatro Curvo Semedo Montemor-o-Novo Portugal	<i>Paradise Practice</i>	17.Janeiro.2003	
			<i>O Céu que nos Resta</i>	17.Março.2004	
			<i>Os Monólogos do Oriente</i>	17.Março.2004	
Digressão	2.Abril.2004 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>Paradise Practice</i>	17.Janeiro.2003	
	3.Abril.2004 21h30		<i>O Céu que nos Resta</i>	17.Março.2004	
			<i>Os Monólogos do Oriente</i>	17.Março.2004	
Digressão	22.Abril.2004 20h30	Teatro Albéniz Madrid Espanha	<i>Os Monólogos do Oriente</i>	17.Março.2004	
	23.Abril.2004 20h30		<i>White</i>	21.Janeiro.2004	
	24.Abril.2004 20h30				
Digressão	27.Abril.2004 21h00	Teatro Principal Alicante Espanha	Cantata	29.Junho.2001	
	28.Abril.2004 21h00		Minus 7	Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	1.Maio.2004 20h00	Théâtre Métropole Lausanne Suíça	<i>Delicado</i>	21.Janeiro.2004	
			<i>White</i>	21.Janeiro.2004	
Digressão	4.Maio.2004 20h00	Grand Casino Genebra Suíça	<i>Delicado</i>	21.Janeiro.2004	
			<i>White</i>	21.Janeiro.2004	
Digressão	6.Maio.2004 20h00	Theaterhaus Gessnerallee Zurich Suíça	<i>Delicado</i>	21.Janeiro.2004	
			<i>White</i>	21.Janeiro.2004	
Digressão	7.Maio.2004 20h00	Stadttheater Berna Suíça	<i>Delicado</i>	21.Janeiro.2004	
			<i>White</i>	21.Janeiro.2004	
Digressão	8.Maio.2004 20h00	Théâtre Casino Zug Suíça	<i>Delicado</i>	21.Janeiro.2004	
			<i>White</i>	21.Janeiro.2004	
Digressão	10.Maio.2004 20h00	Théâtre Basel Grosse Buhne Basileia Suíça	<i>Delicado</i>	21.Janeiro.2004	
			<i>White</i>	21.Janeiro.2004	
Digressão	14.Maio.2004	Teatro Arriaga Bilbao	Cantata	29.Junho.2001	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	20h00 15.Maio.2004 20h00	Espanha	Minus 7	Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	18.Maio.2004 20h00 19.Maio.2004 20h00	Auditório Barañain Pamplona Espanha	Cantata Minus 7	29.Junho.2001 Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	28.Maio.2004 21h30 29.Maio.2004 23h30	Teatro Municipal Bragança Portugal	Cantata Minus 7	29.Junho.2001 Fevereiro.2002	19.Junho.2002
Digressão	3.Junho.2004 21h30 4.Junho.2004 21h30	Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	Delicado White	21.Janeiro.2004 21.Janeiro.2004	
Digressão	11.Junho.2004 21h30 12.Junho.2004 21h30	Teatro Viriato Viseu Portugal	Delicado White <i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	21.Janeiro.2004 21.Janeiro.2004	18.Junho.1993 5.Novembro.2003
Digressão	18.Junho.2004 21h30 19.Junho.2004 21h30	Teatro Nacional S.João Porto Portugal	<i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (M.C.)</i> <i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	18.Junho.1993 18.Junho.1993	5.Novembro.2003 5.Novembro.2003
Digressão	22.Junho.2004 21h30 23.Junho.2004 21h30	Auditório Galicia Santiago de Compostela Espanha	White <i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	21.Janeiro.2004	18.Junho.1993 5.Novembro.2003
Digressão	25.Junho.2004 21h30 26.Junho.2004 21h30	Teatro Nacional S.João Porto Portugal	<i>Delicado</i> White	21.Janeiro.2004 21.Janeiro.2004	
Digressão	2.Julho.2004 22h00 3.Junho.2004 21h30	Vieille Charité Marselha França	<i>Prelúdio à Sesta de um Fauno (M.C.)</i> <i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	18.Junho.1993 18.Junho.1993	5.Novembro.2003 5.Novembro.2003
Digressão	30.Julho.2004.22h00	Centro de Artes e Espectáculos Figueira da Foz Portugal	White <i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	21.Janeiro.2004 18.Junho.1993	5.Novembro.2003
Programa 1	3.Novembro.2004 21h30 4.Novembro.2004 21h30 5.Novembro.2004 21h30 6.Novembro.2004 16h30 6.Novembro.2004 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Outsight</i> <i>O Canto do Cisne</i>	3.Novembro.2004 3.Novembro.2004	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
Digressão	12.Novembro2004 22h00 13.Novembro2004 22h00	Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	<i>Outsight</i> <i>O Canto do Cisne</i>	3.Novembro.2004 3.Novembro.2004	
2005					
Programa 2	19.Janeiro.2005 21h30 20.Janeiro.2005 21h30 21.Janeiro.2005 21h30 22.Janeiro.2005 21h30	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>Quase</i> <i>A Closer View</i> <i>Pergunta sem Resposta</i>	19.Janeiro.2005 19.Janeiro.2005 19.Janeiro.2005	
Digressão	28.Janeiro.2005 21h30 29.Janeiro.2005 16h00 29.Janeiro.2005 21h30	Teatro Viriato Viseu Portugal	<i>Quase</i> <i>Pergunta sem Resposta</i> <i>A Closer View</i>	19.Janeiro.2005 19.Janeiro.2005 19.Janeiro.2005	
Digressão	5.Fevereiro.2005 21h30	Teatro Curvo Semedo Montemor-o-Velho Portugal	<i>Quase</i> <i>Pergunta sem Resposta</i> <i>A Closer View</i>	19.Janeiro.2005 19.Janeiro.2005 19.Janeiro.2005	
Programa 3	16.Março.2005 21h00 17.Março.2005 21h00 18.Março.2005 21h00 19.Março.2005 16h00 19.Março.2005 21h00	Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	<i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i> <i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico</i>	18.Junho.1993	5.Novembro.2003 16.Março.2005
Digressão	1.Abril.2005 21h30 2.Abril.2005 21h30	Teatro Garcia Rezende Évora Portugal	<i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i> <i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico</i>	18.Junho.1993	5.Novembro.2003 16.Março.2005
Digressão	8.Abril.2005 21h30 9.Abril.2005 21h30	Teatro Aveirense Aveiro Portugal	<i>A Sagração da Primavera (Marie C.)</i> <i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico</i>	18.Junho.1993	5.Novembro.2003 16.Março.2005
Digressão	15.Abril.2005 21h30 16.Abril.2005 21h30	Teatro Municipal de Bragança Portugal	<i>O Canto do Cisne</i> <i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico</i>	3.Novembro.2004 16.Março.2005	
Digressão	21.Abril.2005 21h30	Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	<i>O Canto do Cisne</i>	3.Novembro.2004	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	22.Abril.2005 21h30		<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico</i>	16.Março.2005	
Digressão	28.Abril.2005 21h30 29.Abril.2005 21h30	Teatro Municipal da Guarda Guarda Portugal	<i>A Sagração da Primavera (Marie C.) Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico</i>	18.Junho.1993	5.Novembro.2003 16.Março.2005
Digressão	4.Maio.2005 5.Maio.2005 6.Maio.2005 7.Maio.2005 8.Maio.2005	Stadttheater Heilbronn Alemanha	<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	16.Março.2005	18.Junho.1993 5.Novembro.2003
Digressão	12.Maio.2005	Burghof Lorrach Alemanha	<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	16.Março.2005	18.Junho.1993 5.Novembro.2003
Digressão	15.Maio.2005	Theater im Pfalzbau Ludwigshafen Alemanha	<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	16.Março.2005	18.Junho.1993 5.Novembro.2003
Digressão	18.Maio.2005	Forum Levekusen Leverkusen Alemanha	<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	16.Março.2005	18.Junho.1993 5.Novembro.2003
Digressão	21.Maio.2005	Schauspielhaus Dresden Alemanha	<i>O Canto do Cisne Outsight</i>	3.Novembro.2004 3.Novembro.2004	
Digressão	24.Maio.2005	Oldenburgisches Staatstheater Oldenburg Alemanha	<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	16.Março.2005	18.Junho.1993 5.Novembro.2003
Digressão	3.Junho.2005 21h30 4.Junho.2005 18h00 5.Junho.2005 18h00	Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico A Sagração da Primavera (Marie C.)</i>	16.Março.2005	18.Junho.1993 5.Novembro.2003
Digressão	10.Junho.2005 21h30	Teatro Viriato Viseu Portugal	<i>O Canto do Cisne</i>	3.Novembro.2004	

Âmbito	Data	Local	Bailados	Estreia absoluta	Estreia pelo BG
	11.Junho.2005 21h30		<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico</i>	16.Março.2005	
Digressão	14.Junho.2005 21h30 15.Junho.2005 21h30	Teatro Nacional S.João Porto Portugal	<i>O Canto do Cisne</i> <i>Outsight</i>	3.Novembro.2004 3.Novembro.2004	
Digressão	17.Junho.2005 21h30 18.Junho.2005 21h30	Teatro Nacional S.João Porto Portugal	<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico</i> <i>Pergunta sem Resposta</i>	16.Março.2005 19.Janeiro.2005	
Digressão	24.Junho.2005 21h30 25.Junho.2005 21h30	Teatro Viriato Viseu Portugal	<i>Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico</i> <i>O Canto do Cisne</i>	16.Março.2005 3.Novembro.2004	
último espectáculo	31.Julho.2005 19h30	Teatro Camões Lisboa	<i>Cantata</i> <i>Aqui Agora</i>	29.Junho.2001 31.Julho.2005	

Legenda:

Azul - Festivais Gulbenkian
Amarelo - Estudos Coreográficos
Magenta - Digressões ao estrangeiro
Castanho - Numeração de Programas

ANEXO C

Bailados e respectivo número de representações

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
1º Acto	2
... Acima de tudo, nós	2
...Oito seres e uma pergunta!	2
A Bela Adormecida	1
A Bela e o Monstro	3
A Bela e o Monstro (1 acto)	12
A Closer View	8
A Danação de Fausto (Ópera)	2
A Magia do Vento	1
À Mesa em 15 Minutos	31
A Morte do Cisne	5
A Péri	16
A Ressaca	3
A Sagração da Primavera (J.Russillo)	26
A Sagração da Primavera (Marie C.)	40
A Valsa Mais Triste	5
Abstracções	2
Ad Vitam	20
Adagio Appassionato	15
Adeus... e Nem Voltei	35
Adsum	7
Alcina (Ópera)	2
Amaramália	31
Amargo	5
Amor de Perdição	9
Ancient Voices of Children	1
Andante	8
Annonciation	19
Another Paradox	15
Ante-Manhã	34
Antigas Vozes de Crianças (Sparemblek)	21
Antigas Vozes de Crianças (Wellenkamp)	24
Ao Crepúsculo	21
Aqui Agora	1
Arcos	10
Arden Court	34
Ária	12
Arquipélago III	13

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
As Bodas	14
As Bodas de Aurora	4
As quatro fadinhas do Apocalipse	2
As Silfídes (Geoffrey Davidson)	10
As Silfídes (Jorge Garcia)	5
As Silfídes (Norman Dixon)	28
As Silfídes (Roland Casenave)	5
As Silfídes (Walter Gore)	14
Até à Eternidade	2
Ati	2
Atlantis	2
Ausência	2
Axioma 7	36
Azul-Cinza	2
Bachiana	2
Bailado em forma de fuga	2
Balada para Três	14
Behold you are, Beautiful	2
Bênção de Deus na Solidão	48
Black Milk	7
Bocas do mundo	2
Brincadeiras de Rua	22
Caminhos do Tempo	5
Canções sem Palavras	84
Cantata	81
Cântico	2
Canto da Solidão	36
Carnaval	7
Carta Branca	2
Cartografia dos Lugares Comuns	11
Casse Noisettes - II Acto	23
Casse Noisettes (Grand Pas-De-Deux)	5
Casta Diva	8
Catulli Carmina	31
Cavaleiros da Noite	2
Cavaleiros da Noite (Iniciação)	32
Cemitério dos Prazeres	5
Cenas	5
Chameleon	42

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
Charmes	21
Cinco Canções de Mahler	6
Cinco Melodias de Veneza	2
Cinco Poemas de Amor	23
Cinco Tangos	75
Cinco-Seis-Sete	2
Circuitos	2
Círculo de quatro lados	2
Come Back Glenn Miller	2
Comédia Off	5
Como Rebolar Alegrementemente Sobre um Vazio Interior	7
Concertino	6
Concerto	7
Concerto em Sol Maior	16
Concerto para Trompete	4
Configuração	2
Construção em Metal Número 1	11
Continuum Sobre um Tema de Akutagawa	9
Contrastes	5
Convivaldi	13
Copélia (2 actos)	14
Crepúsculo	1
Da Vida e da Morte de uma Mulher Só	6
Dança Ritual do Touro Selvagem	5
Danças de Boyce	28
Danças do Príncipe Igor	4
Danças dos Espíritos	54
Danças para uma Guitarra	89
Dedicado a ?...	1
Delicado	20
Desportistas	4
Devoradores da Escuridão	12
Dezoito minutos de morte	2
Dimitriana	18
Distâncias Sonhos Proximidades	11
Divergência	2
Divertimento	27
Do it yourself - Serviço permanente	2
Do Medo da Ilusão e da Queda	7

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
Dois homens, duas mulheres	2
Domingo, 29 de Novembro	9
Double P.	2
Duas Vozes	12
Dulcinea	26
Duo (Carlos Fernandes)	11
Duo (Jorge Garcia)	5
E I Sospiri E Le Lacrime E' Desio	46
Earth Apples	14
Ecce Homo	5
Elegia	2
Elogio da Leveza	2
Encantados de Servi-lo	17
Encontros	26
Encruzilhada	15
Enigmas	5
Ensaio	2
Ensaio de Dança e Movimento	8
Epitáfio para Gesualdo	5
Esboço de Orfeu	5
Escargot	34
Espaço Vazio	29
Espírito Orgânico, Batida Orgânica e Cage Orgânico	33
Estranhos Transeuntes	35
Estúdio A	1
Estudo de Textura	2
Eurídice Morreu	7
Evocações (Lúcia Lozano)	5
Evocações (Patrick Hurde)	6
Exo	7
Exsultate Jubilate	51
F.I.M. (Fragmentos-Inscrições-Memórias)	5
Falling Angels	21
Feira	21
Festivo	2
Flat Space Moving	19
For Heaven's Sake	9
Formas	2
Fox-trot 5 Horas	2

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
Fracções	2
Fragile	24
Fronteira	2
Gahvoreh	5
Galopes, Polkas & Valsas	2
Ginevra	4
Giselle (Anton Dolin)	7
Giselle (Jorge Garcia)	12
Giselle (Walter Gore)	15
Glória (Carlos Fernandes)	2
Glória (Wellenkamp)	21
Grand Pas-de-Quatre	10
Gravitação	49
Grito dos Anjos	5
Grosse Fugue	15
Haendel Op.1,nº15	2
Haikai - Tema para uma mulher	2
Happening	6
Hero	62
História de Amor	5
Homenagem a Florbela	25
Hossana para um Tempo Novo	12
Idmen B	16
Ifigénia em Taurida (Ópera)	3
Il Ballo delle Ingrate	1
Imagens	2
Improvisos	2
Inquilinos	11
Instantâneo	4
In-Submerso	1
In-Tensão	2
Interiores	17
Inter-Rupto	46
Inter-Rupto (pas-de-deux)	2
Invisíveis limites	3
Io Sono una Bambina o Sono un Disegno?	5
Isolda (Morte)	27
Isolda (trilogia)	12
Jade	12

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
Jardim Cerrado	71
Jazz Mass	9
Jogar ao Céu	2
Judas	12
Kaburias	32
Kalimba - Lua cheia	2
Keep Going	48
Kinesis - Expressões Cinéticas	6
Koyaaniqatsi	2
La Fille Mal Gardée	17
La Fille mal Gardée (1 acto)	5
La Fille Mal Gardée (suite)	6
La Mamma Morta	2
La Source (Pas de Deux)	8
La Spinalba (Ópera)	3
Labirintos	5
Lágrima	40
Lamentos	15
L'amour Dangereux	1
Libera me	18
Libera me (Nova Versão)	18
Life-Time	30
Limbo	5
Loving Stone	5
Lúdica	9
Lunar, O Dia Fragmentado	21
Madrigais	13
Madrigal de Amor	1
Majísimo	5
Makeba	17
Mar de Setembro	2
Maria, Só	2
Máscaras de Ostende	6
Memento	2
Memorare	3
Memória para Edith Piaf	42
Memórias do Passado	2
Metamorfoses	14
Metamorfoses Nocturnas	17

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
Minus 7	49
Miragem	2
Miserere	2
Momentos	2
Momentum	7
Monólogos	3
Mosaico	10
Movimento para uma Tela	12
Movimento Perpétuo	10
Movimentos Sinfónicos	15
Na Floresta	31
Namban Matsuri (Co-produção coreográfica Luso-Nipónica)	6
Neatnet	16
Nocês	30
Noite de Quatro Luas	41
Noite Transfigurada	42
Nuages	19
Nuti	18
O Baile dos Mendigos	45
O Bando	1
O Belo Danúbio	15
O Campo da Morte (Sangue no Cais)	13
O Canto do Cisne	18
O Casamento	7
O Castelo do Barba Azul (Ópera)	1
O Céu que nos Resta	8
O Cisne Negro	13
O Combate de Tancredo e Clorinda (MS)	5
O Combate de Tancredo e Clorinda (WG)	1
O Crime da Aldeia Velha	11
O Dia Antes	2
O Duelo	6
O Encontro	6
O Encontro (2ºActo)	3
O Girassol Côr de Laranja	2
O Idílio de Siegfried	21
O Lago dos Cisnes (2º acto)	43
O Livro dos Seres Imaginários	9
O Lodo	4

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
O Mandarim Maravilhoso	6
O Mandarim Maravilhoso (2ª Versão)	30
O Mandarim Maravilhoso (Estreia em Portugal)	1
O Messias	135
O Navio	2
O Pássaro de Fogo	3
O Pássaro de Fogo (versão Lifar-54)	5
O Pêndulo	2
O Ser Mágico	2
O Som da Noite (Night Sound)	28
O Tempo Antes do Tempo Depois	41
O Triunfo de Afrodite	8
O triunfo de Afrodite (Nova Versão)	8
O Trono	5
O Trono (Nova Versão)	5
Odisseia do Ser	5
Old Children	17
On Land	2
Onde estou? Para onde vou?	2
Opus 43	25
Ordem e Desordem	2
Orfeu (Ópera)	4
Os Monólogos do Oriente	11
Os Territórios	5
Os Últimos Segundos do Último sonho de ...	12
Outono	45
Outsight	10
Paisagem com Ponte	29
Paisagem II	2
Paixão	12
Palratório	2
Panambi - Ritual de um casamento	2
Para Além das Sombras	30
Para que a Terra não Esqueça	7
Parade	3
Paradise Practice	20
Pas de Deux	1
Pas-de-Six-Classique	2
Passacaglia	42

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
Passacaglia Op. 1	14
Passagem	2
Passagens	20
Pastoral	14
Pawn to King 5	5
PeepShow	2
Percursos	23
Percursos Oscilantes	10
Perfis	15
Perfis	3
Pergunta sem Resposta	10
Perpetuum	16
Perureim (Migalhas)	16
Pétalas	5
Petruchka	29
Placitude	2
Plano para identificar o centro	2
Ponto de interrogação	2
Por Onde as Sombras (Valley)	28
Pouco menos que tê ponto bê ponto gê ponto sete sete barra sete oito ponto final parágrafo	2
Pra Lá e Pra Cá	12
Prelúdio à Sesta de um Fauno (M.C.)	11
Prelúdio à Sesta de um Fauno (V.W.)	61
Prelúdio Coreográfico	2
Presley ao piano	13
Primeiro Encontro	2
Proposta para uma Coreografia	2
Prumo	25
Psappha	10
Psyche	3
Pulcinella	14
Quadros Soltos	6
Quase	8
Quatro Árias de Ópera	7
Que loucos que somos!... Tu não és?	2
Quebra-Nozes (2º acto)	18
Quebra-Nozes (Grand Pas -de-Deux)	2
Quebra-Nozes (versão integral)	45

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
Queens / Black Milk	30
Rassemblement	20
Rassemblement (extractos)	1
Raymonda (Divertimento)	19
Recordando	2
Reencontro	39
Regresso a uma Terra Estranha	31
Requiem	2
Reunion in Portugal	23
Ritmo Violento	22
Ritual de Sombras	15
Ritual de Sombras e (algumas reações)	1
Ritual Um	6
Ritus	2
Rodear	1
Rosa Rosae	5
Rosa sem Porquê	7
Sabat das Bruxas	1
Salade	2
Sal-Capate	10
Sassenach Suite	8
Satélites... Cama e mesa na Amadora e um passe de comboio	9
See Blue Through	32
See Under X	16
See Under X (ver na letra X)	9
Segundo Movimento de 1 Bailado Incompleto	2
Seis Danças	36
Sem título	2
Serafins	2
Serenata	2
Seresta	2
Sergeant Early's Dream	31
Simple Symphony	3
Sinfonia da Requiem - Diálogo entre uma mulher e uma ausência	18
Sinfonia dos Salmos (Sparemblek)	49
Sinfonia dos Salmos (Sparemblek) Nova versão	22
Sinfonia dos Salmos (Wellenkamp)	17
Sinfonia em Ré	77
Sky Well	32

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
Só Longe Daqui- Uma fantasia para cisnes, leopardos...e outros animais domésticos	15
Sobre Um Poema de Álvaro de Campos	2
Soirée musical	2
Solo For Two	14
Solstício de Verão - Danças da Memória, do Sonho e da Meditação	18
Sonatina nº 1	2
Sonho ou Realidade	2
Squares	18
Stamping Ground	50
Suite Barroca	36
Suite de Bach	35
Suite de Verdi	10
Suite Lírica	7
Suite nº 1 A Noite e o Amor	5
Suite Romântica	27
Swing Serenade	6
Taiai	2
Tango	2
Tekt	5
Tempo Suspenso	7
Tempos Modernos	4
Tender Hooks	7
Terra de Ninguém	10
Terra do Norte	34
Terra Nova	12
The Butterfly Effect	27
The Fairy Queen (Ópera)	2
The Green Man	2
The Hermit and the Navigator	8
The Vile Parody of Address	28
Through Nana's Eyes	55
Toujours Cassandra	14
Traição op. 27 nº 2 de Giulietta Guicciardi	9
Tranquilíssimo	18
Três Canções de Nina Hagen	26
Três Cenas da Minha Vida no Arbusto de Fantasmas	2
Três Danças para Música Japonesa	7
Três Danças para Música Japonesa (Nova Versão)	26

Bailado (título por ordem alfabética)	Nº de representações
Três Movimentos	15
Três Mundos	2
Três Peças em Forma de Pêra	2
Três Poemas e Poslúdio	5
Três Sonhos de Pássaros	10
Treze Gestos de um Corpo	89
Twilight (Crepúsculo)	48
Última canção	2
Última Dança para Meu Pai	13
Un / Do	14
Until...With / Out.Enough	30
Vácuo	2
Valse-Cotillon	3
Variações Nostálgicas	21
Variações Paganini	28
Variações para Dez	18
Variações sem Sentido	3
Variações Sinfónicas	9
Viagens em Negro e Mármore	21
Violoncelo Não Acompanhado em Suite de Luxo	25
Visão	6
Visões Fugitivas (Van Manen)	44
Visões Fugitivas (Walter Gore)	7
Vitral	1
Vórtice	8
Webern Opus 5	18
Whirligogs	77
White	26
Wings / Asas	30
Wolfgang, bitte...	13
Wop-bob-a-loobop	5
Total Geral	6460

ANEXO D

Salas de espectáculos e número de representações

Salas de espectáculos (por ordem alfabética)	Nº de representações
Abrantes Portugal	1
Academia Militar Lisboa Portugal	2
Alameda Théâtre Gibraltar	1
Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	10
Anfiteatro Romano De Itálica Sevilha Espanha	4
Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico Lisboa Portugal	1
Auditório Barañain Pamplona Espanha	2
Auditório do Casino Funchal Portugal	8
Auditório do Conservatório Calouste Gulbenkian Braga Portugal	1
Auditório do Conservatório Regional de Faro Faro Portugal	2
Auditório do Forum Municipal Romeu Correia Almada Portugal	1
Auditório do Memorial da América Latina S. Paulo Brasil	4
Auditório do Parque Palmela Cascais Portugal	2
Auditório Dois Fundação Gulbenkian Lisboa Portugal	5
Auditório Galicia Santiago de Compostela Espanha	2
Auditório Municipal Mirandela Portugal	1
Auditório Municipal Portimão Portugal	3
Auditório Municipal de Lagos Lagos Portugal	1
Auditório Nacional Carlos Alberto Porto Portugal	14
Aveiro Portugal	2
Beira Moçambique	6
Belgrado Sérvia (Ex-Jugoslávia)	2
Benguela Angola	5
Blantyre Malawi	3
Braga Portugal	1
Budapest Operetta Theater Budapeste Hungria	1
Burghof Lorrach Alemanha	1
Bydgoszcz Opera Bydgoszcz Polónia	1
Caixa Económica Operária Lisboa Portugal	1
Cankarjev Dom Liubliana Eslovénia	2
Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal Barreiro Portugal	3
Casino Estoril Estoril Portugal	18
Casino Peninsular Figueira da Foz Portugal	3
Castelo Montemor-o-Velho Portugal	1
Castelo de Leiria Leiria Portugal	3
Castelo de Silves Silves Portugal	2
Centro Cultural de Macau Macau	4

Salas de espectáculos (por ordem alfabética)	Nº de representações
Centro Cultural Olga Cadaval Sintra Portugal	4
Centro de Artes e Espectáculos Figueira da Foz Portugal	3
Centro de Artes Escénicas Salamanca Espanha	2
Chateau du Plessis-Bourré Angers França	1
Cine-Cine-Teatro Garrett Póvoa de Varzim Portugal	5
Cinema Lido Amadora Portugal	2
Cine-Teatro Alcobaça Portugal	1
Cine-Teatro Ovar Portugal	1
Cine-Teatro Avenida Castelo Branco Portugal	1
Cine-Teatro Carlos Manuel Sintra Portugal	3
Cine-Teatro Crisfal Portalegre Portugal	1
Cine-Teatro da Academia Almadense Almada Portugal	10
Cine-Teatro da Academia Almadense Almada Portugal	4
Cine-Teatro da Covilhã Covilhã Portugal	2
Cine-Teatro de Azeitão Azeitão Portugal	1
Cine-Teatro de Tomar Tomar Portugal	2
Cine-Teatro Garrett Póvoa de Varzim Portugal	2
Cine-Teatro Montepio Geral Bragança Portugal	2
Cine-Teatro Municipal D. João V Amadora Portugal	4
Cine-Teatro Santo António Faro Portugal	29
Claustros do Convento do Beato Lisboa Portugal	2
Coimbra Portugal	1
Coliseu Lisboa Portugal	3
Coliseu do Porto Porto Portugal	1
Convento de S. Clara Guimarães Portugal	1
Dogana Auditorium Congress Innsbruck Áustria	2
Ecole Normale Aix-en-Provence França	2
Escola Naval Lisboa Portugal	1
Escola Naval Paço de Arcos Portugal	1
Escola Salesiana do Estoril Estoril Portugal	1
Espinho Portugal	1
Estoril Portugal	1
Estufa Fria Lisboa Portugal	3
Expo Hall Osaka Japão	1
Faculdade de Medicina Lisboa Portugal	1
Faro Portugal	2
Festas da Cidade de Lamego Lamego Portugal	1
Festas de S. João Braga Portugal	1
Festival Plaza Osaka Japão	6

Salas de espectáculos (por ordem alfabética)	Nº de representações
Festspielhaus Recklinghausen Alemanha	5
Festspielhaus Bregenz Bregenz Áustria	2
Figueira da Foz Portugal	1
Forum Leverkusen Leverkusen Alemanha	2
Fórum Municipal Luísa Todi Setúbal Portugal	17
Fundació Cultural de la Caixa de Terrassa Terrassa Espanha	2
Germantown Performing Arts Center Memphis Tennessee Estados Unidos da América	3
Ginásio da Escola Preparatória de Póvoa de Varzim	1
Ginásio da Escola Preparatória de Póvoa de Varzim Póvoa de Varzim Portugal	1
Gran Teatro del Liceo Barcelona Espanha	7
Grand Auditorium Carlton Casino Club Cannes França	2
Grand Casino Genebra Suíça	1
Grande Auditório do Europarque Santa Maria da Feira Portugal	24
Grande Auditório Gulbenkian Lisboa Portugal	881
Grande Teatro do Palácio das Artes Belo Horizonte Brasil	3
Grobes Haus Wiesbaden Alemanha	2
Guimarães Portugal	1
Hessisches Staatstheater Wiesbaden Alemanha	4
Jardim Botânico Coimbra Portugal	1
Jardim do Museu Soares dos Reis Porto Portugal	1
Jardins do Palácio de Seteais Sintra Portugal	1
Jardins do Palácio do Marquês Oeiras Portugal	1
Jardins du Palais du Pharo Marselha França	2
Kammerspiele Bonn - Bad Godesberg Bona Alemanha	2
Lake Valkeisenlampi Kuopio Finlândia	1
Largo da Sé Faro Portugal	3
Liubliana Eslovénia (Ex-Jugoslávia)	2
Lourenço Marques Moçambique	9
Luanda Angola	10
Lucent Danstheater Haia Holanda	2
Main Hall Cairo Egipto	2
Marina de Vilamoura Vilamoura Portugal	2
Musical Theater der Messe Basel Basileia Suíça	1
Muziektheater Amesterdão Holanda	3
Nampula Moçambique	4
Nova Lisboa Angola	3
Nova Lisboa Guiné	1
Novi Sad Sévia (Ex-Jugoslávia)	1

Salas de espectáculos (por ordem alfabética)	Nº de representações
Oldenburgisches Staatstheater Oldenburg Alemanha	3
Paço dos Duques Guimarães Portugal	4
Palais des Beaux Arts Bruxelas Bélgica	1
Palais Zenith Pau França	1
Paleis des Beaux-Arts Bruxelas Belgica	1
Panstwowa Opera We Wroclawiu Wroclaw Polónia	1
Parco Rignon Turim Itália	2
Parque D. Carlos I Caldas da Rainha Portugal	2
Parque da Cidade Viseu Portugal	2
Parque de Campismo Praia da Saúde Costa da Caparica Portugal	1
Parque de S.Cruz Coimbra Portugal	1
Parque de Turismo Lagos Portugal	2
Parque Valenças Sintra Portugal	1
Pavilhão da Física Torres Vedras Portugal	1
Pavilhão Desportivo da Escola Teixeira Gomes Portimão Portugal	2
Pavilhão Desportivo Municipal Algarve Portugal	2
Pavilhão dos Desportos Lisboa Portugal	1
Pavilhão Gimnodesportivo Viseu Portugal	9
Pavilhão Gimnodesportivo de Sesimbra Sesimbra Portugal	4
Pavilhão Gimnodesportivo de Vila Real Vila Real Portugal	3
Pavilhão Gimnodesportivo do Fontelo Viseu Portugal	15
Pavilhão Gimnodesportivo do Inatel Viseu Portugal	2
Pavilhão Gimnodesportivo Municipal Portimão Portugal	4
Pavilhão Gimnodesportivo Rainha D. Leonor Caldas da Rainha Portugal	3
Pavilhão Municipal de Portimão Portimão Portugal	1
Pavilhão Pavilhão Gimnodesportivo de Sesimbra Sesimbra Portugal	2
Piscina Beja Portugal	1
Plaza Porticada Santander Espanha	2
Portimão Portugal	2
Póvoa de Varzim Portugal	2
Praça do Império Lisboa Portugal	1
Praça do Infante Lagos Portugal	2
Praça Marquês de Pombal Vila Real StºAntónio Portugal	2
Pradera de San Marcos Segóvia Espanha	2
Quinta de Santiago Matosinhos Portugal	1
Sadler's Wells Theatre Londres Inglaterra	23
Sala Martins Pena Brasília Brasil	4
Salão Nobre do Palácio da Assembleia Nacional Popular Praia Cabo Verde	2

Salas de espectáculos (por ordem alfabética)	Nº de representações
Salisburia Rodésia	2
Salle Couvert Complexe Sportif Casablanca Marrocos	1
Santa Casa da Misericórdia Mangualde Portugal	1
Schauspielhaus Dresden Alemanha	1
Sociedade Guilherme Cossoul Lisboa Portugal	1
Sociedade Incrível Almadense Almada Portugal	1
Sport Algés e Dafundo Oeiras Portugal	1
Stadthalle Neuss Neuss Alemanha	1
Stadthof 11 Zurique Suíça	1
Stadttheater Berna Suíça	1
Stadttheater Heilbronn Alemanha	7
Teatr Wielki Varsóvia Polónia	2
Teatr Wielki W Lodzi Lodz Polónia	2
Teatre Grec de Montjuic Barcelona Espanha	4
Teatre Principal Valência Espanha	3
Teatro Académico Gil Vicente Coimbra Portugal	54
Teatro Albéniz Madrid Espanha	3
Teatro Angrense Angra do Heroísmo Portugal	6
Teatro Antico Taormina Itália	2
Teatro Arriaga Bilbao Espanha	2
Teatro Aveirense Aveiro Portugal	22
Teatro Avenida Coimbra Portugal	3
Teatro Bernardim Ribeiro Estremoz Portugal	1
Teatro BNH Rio de Janeiro Brasil	3
Teatro Camões Lisboa	1
Teatro Castro Alves São Salvador da Baía Brasil	7
Teatro Centreventos Joinville Brasil	1
Teatro Curvo Semedo Montemor-o-Novo Portugal	9
Teatro da Academia de StºAmaro Lisboa Portugal	1
Teatro da Operária Amorense Amora Portugal	1
Teatro de A Voz do Operário Lisboa Portugal	2
Teatro de Almada Almada Portugal	1
Teatro de La Zarzuela Madrid Espanha	5
Teatro Enrico Cecchetti Nervi Itália	3
Teatro Faialense Horta Portugal	3
Teatro Garcia de Rezende Évora Portugal	33
Teatro Jordão Guimarães Portugal	5
Teatro José Lúcio da Silva Leiria Portugal	40
Teatro Lethes Faro Portugal	2

Salas de espectáculos (por ordem alfabética)	Nº de representações
Teatro Micaelense Ponta Delgada Portugal	5
Teatro Monumental Lisboa Portugal	9
Teatro Municipal Bragança Portugal	2
Teatro Municipal Rio de Janeiro Brasil	6
Teatro Municipal São Paulo Brasil	5
Teatro Municipal Baltazar Dias Funchal Portugal	60
Teatro Municipal da Guarda Guarda Portugal	4
Teatro Municipal de Bragança Portugal	2
Teatro Municipal de Kuopio Kuopio Finlândia	2
Teatro Municipal de São Paulo São Paulo Brasil	7
Teatro Municipal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil	4
Teatro Municipal Lope de Veja Sevilha Espanha	2
Teatro Municipal Sá de Miranda Viana do Castelo Portugal	17
Teatro Nacional D. Maria II Lisboa Portugal	24
Teatro Nacional da Croácia Zagreb Croácia	1
Teatro Nacional de Brasília Brasília Brasil	2
Teatro Nacional de São Carlos Lisboa Portugal	14
Teatro Nacional S. João Porto Portugal	16
Teatro Parque-Cine Figueira da Foz Portugal	1
Teatro Politeama Lisboa Portugal	42
Teatro Principal Alicante Espanha	2
Teatro Ribeiro Conceição Lamego Portugal	1
Teatro Rivoli Porto Portugal	53
Teatro Rosa Damasceno Santarém Portugal	1
Teatro S. Pedro Águeda Portugal	3
Teatro S. Pedro Espinho Portugal	7
Teatro Santa Isabel Recife Brasil	3
Teatro São Luiz Lisboa Portugal	6
Teatro São Pedro Abrantes Portugal	3
Teatro Sérgio Cardoso São Paulo Brasil	1
Teatro SESI Porto Alegre Brasil	1
Teatro Tivoli Lisboa Portugal	43
Teatro Vasco Santana Lisboa Portugal	3
Teatro Victória Eugénia San Sebastian Espanha	2
Teatro Viriato Viseu Portugal	25
Teatro-Circo Braga Portugal	8
Terreiro do Palácio dos Governadores Lagos Portugal	2
Terreiro do Palácio dos Governadores Portimão Portugal	1
The Joyce Theater Nova Iorque EUA	7

Salas de espectáculos (por ordem alfabética)	Nº de representações
The Rebecca Crown Auditorium Jerusalém Israel	1
The Suzanne Dellal Centre Tel Aviv Israel	2
Theater Casino Zug Suíça	1
Theater im Forum Ludwigsburg Alemanha	1
Theater im Pfalzbau Ludwigshafen Alemanha	3
Theaterhaus Gessnerallee Zurich Suíça	1
Théâtre Basel Grosse Buhne Basileia Suíça	1
Théâtre Casino Zug Suíça	1
Théâtre Daniel Sorano Dakar Senegal	2
Théâtre de Beaulieu Lausanne Suíça	2
Théâtre de la Ville Paris França	6
Théâtre Debussy Cannes França	1
Théâtre du Crochetan Monthey Suíça	1
Théâtre Métropole Lausanne Suíça	1
Théâtre Mohammed V Rabat Marrocos	1
Théâtre Municipal du Luxembourg Luxemburgo	5
Torralta Portimão Portugal	3
Viana do Castelo Portugal	1
Victoria Theater New Jersey Performing Arts Center Newark New Jersey Estados Unidos da América	3
Vidioteca de Lisboa Lisboa Portugal	2
Viehauktionshalle Weimar Alemanha	4
Vieille Charité Marselha França	2
Vila Real de Santo António Portugal	2
Vilamoura Portugal	2
Vlaamse Opera Gent Gent Bélgica	1
Zagreb Croácia (Ex-Jugoslávia)	2
Zeiterion Theater New Bedford Massachusets Estados Unidos da América	1
Total Geral	2051

ANEXO E

Cronologia dos elencos directivo e pedagógico do BG

1960 - Centro Português de Bailado

Associação cultural sem fins lucrativos com o objectivo de criar uma companhia de bailado profissional, promover espectáculos e criar uma revista (*Bailado*)

Início de um curso de bailado: Nov. de 1960

1961 - Grupo Experimental de Ballet

Início : Fev. de 1961

Estreia oficial: 11 de Maio de 1961 no Teatro S. João no Porto

Directores delegados: Carlos Andrade e José Sasportes, sob direcção do CPB.

Mestre-de-bailado e coreógrafo principal: Norman Dixon (até Out. de 1963)

1.º Interregno - direcções provisórias (Nov. 1963 a Set. 1965)

Directora: Anne Heaton (final de 1963 a Fev. 1964)

Director e mestre-de-bailado: John Auld (Fev. 1964 a Out. 1964)

Directora: Anna Mascolo (Jan. 1965 a Ago 1965)

Mestre-de-bailado: John Auld (Fev. 1964 a Out. 1964)

1965 - Grupo Gulbenkian de Bailado

Director: Walter Gore (Set. 1965 a Dez. 1969)

Mestre-de-bailado: John Auld (até ao final de 1968)

Estreia privada: 25 de Dezembro de 1965 no Teatro Vasco Santana

Estreia oficial: 21 Janeiro de 1966 no Cinema Tivoli

Mestre-de-bailado: Roland Casenave (Jan. a Ago. de 1969)

Mestre-de-bailado: Geoffrey Davidson (Set. de 1969 a Set. de 1970)

2.º Interregno - direcções provisórias (Dez. 1969 a Set. 1970)

Mestres-de-bailado: Geoffrey Davidson (Dez. de 1969 a Out. de 1970)

Director: Milko Sparemblek (Out. 1970 a Abr. 1975)

Mestre-de-bailado: Jorge Garcia (1972 a Jan. 1977)

3.º Interregno - direcções provisórias (Abr. 1975 a Set. 1977)

1975 - Ballet Gulbenkian

1.ª Comissão Artística (Abril de 1975) Jorge Garcia, Carlos Trincheiras, Armando Jorge, Isabel Santa Rosa e Ger Thomas. Penelope Wright (entrou em Maio de 1976)

Mestre-de-bailado: Jorge Garcia (até Janeiro de 1977)

2.ª Comissão Artística (1976 e 1977) Carlos Trincheiras, Armando Jorge, Isabel SantaRosa, Ger Thomas e Jorge Garcia (entrou 1977)

Para além daqueles, passaram pelas sucessivas comissões artísticas os bailarinos Carlos Caldas, Carlos Fernandes (que foi delegado sindical), Graça Barroso e Elisa Worm.

Última Comissão Artística: Carlos Trincheiras, Armando Jorge e Vasco Wellenkamp (até Set. de 1977)¹.

Mestre-de-bailado: Jorge Salavisa (Jan. a Set. 1977)

Director: Jorge Salavisa (Set. 1977 a Mar. 96)

Mestre-de-bailado: Carlos Trincheiras (Jan. 1977 a Ago. 1979)

Mestre-de-bailado: Denise Schultz e Louis Goddfrey (Set. 1979 a ??? de 1980)

Mestre-de-bailado: Jorge Garcia (de ??? 1980 a Ago. de 1984)

A partir da temporada de 1980-81, Vasco Wellenkamp passou a acumular os cargos de coreógrafo residente e professor residente de Dança Moderna, entretanto criado.

Carlos Caldas e Ulrica Caldas foram professores residentes, respectivamente, entre 1982 e 1994 e 1982 e 1989.

¹ Com uma competência meramente consultiva, segundo Carlos Pontes Leça, in Ballet Gulbenkian, 25 anos, FCG, 1991, p. 65.

Em Setembro de 1984 desaparece oficialmente o cargo de Mestre-de-bailado sendo substituído professores residentes e convidados.

Directora: Iracity Cardoso (Mar. 1996 a Ago. 2001)

Professor Residente: Bruce Michelson

Director: Paulo Ribeiro (Set. 2001 a Jun. 2005)

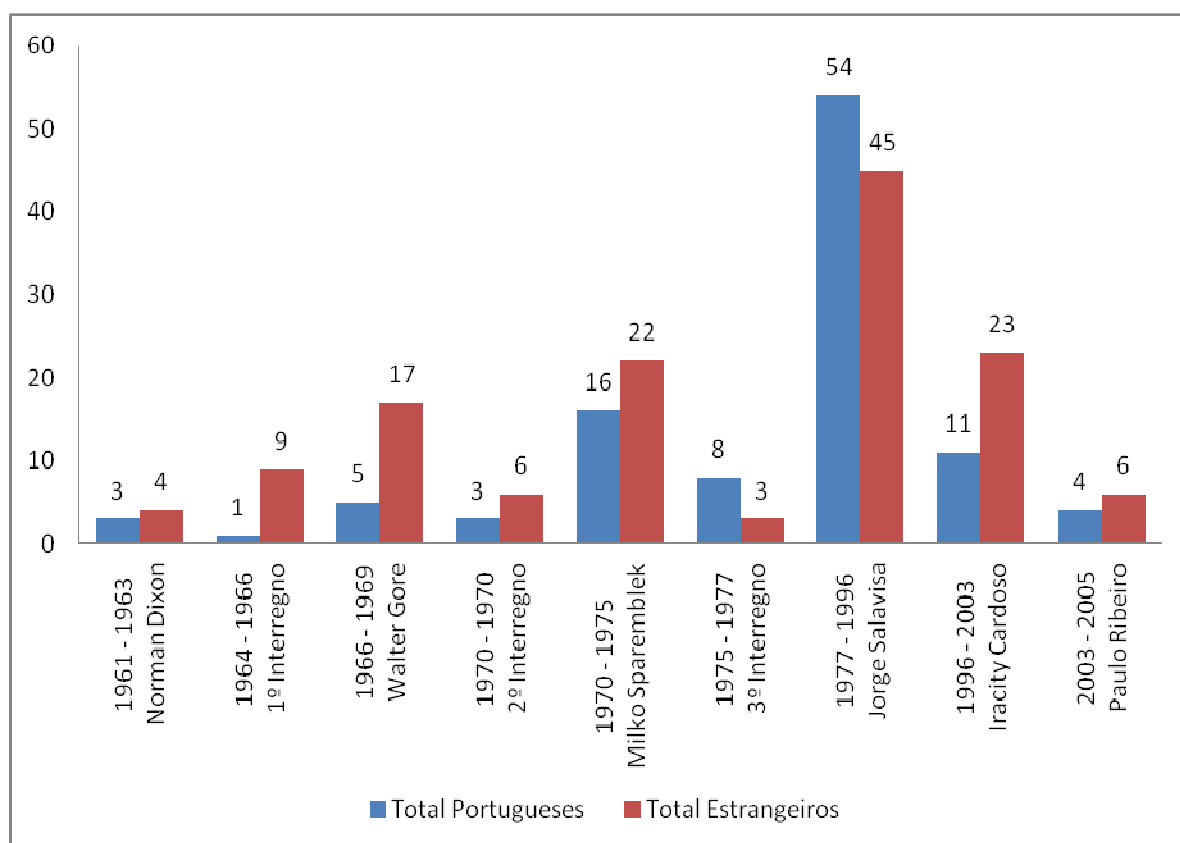
Entre 1984 e 2005 contam-se entre os professores convidados: Sónia Mota, Kazuko Hirabayashi, Ivonice Satie, Jorge Siqueira, Yan Nuyts, Irena Milovan, Ivan Kramer, Hans Breena, Benjamin Harkavy, Yuri Chatal, Gradimir Pankov, Alfonse Poulain.

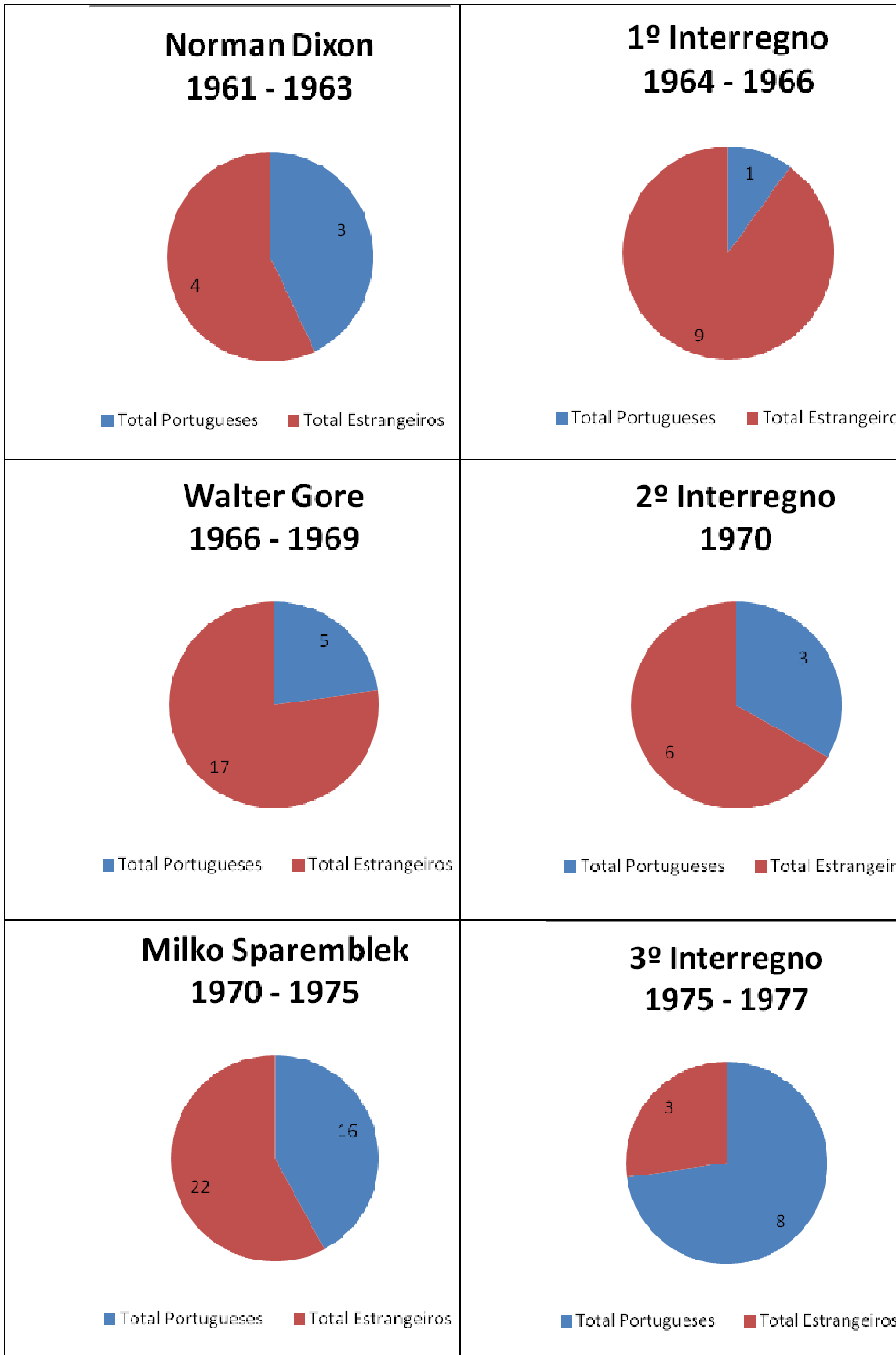
2005 – Encerramento do BG

ANEXO F

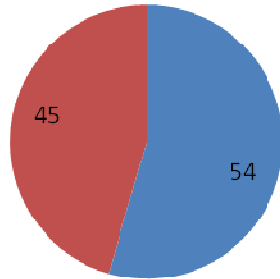
Criações de artistas nacionais e estrangeiros

Director Artístico	Ano	Total Portugueses	Total Estrangeiros
Norman Dixon	1961 - 1963	3	4
1º Interregno	1964 - 1966	1	9
Walter Gore	1966 - 1969	5	17
2º Interregno	1970 - 1970	3	6
Milko Sparemblek	1970 - 1975	16	22
3º Interregno	1975 - 1977	8	3
Jorge Salavisa	1977 - 1996	54	45
Iracity Cardoso	1996 - 2003	11	23
Paulo Ribeiro	2003 - 2005	4	6



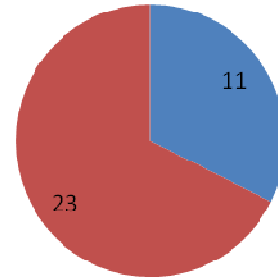


**Jorge Salavisa
1977 - 1996**



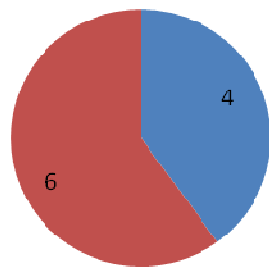
■ Total Portugueses ■ Total Estrangeiros

**Iracity Cardoso
1996 - 2003**



■ Total Portugueses ■ Total Estrangeiros

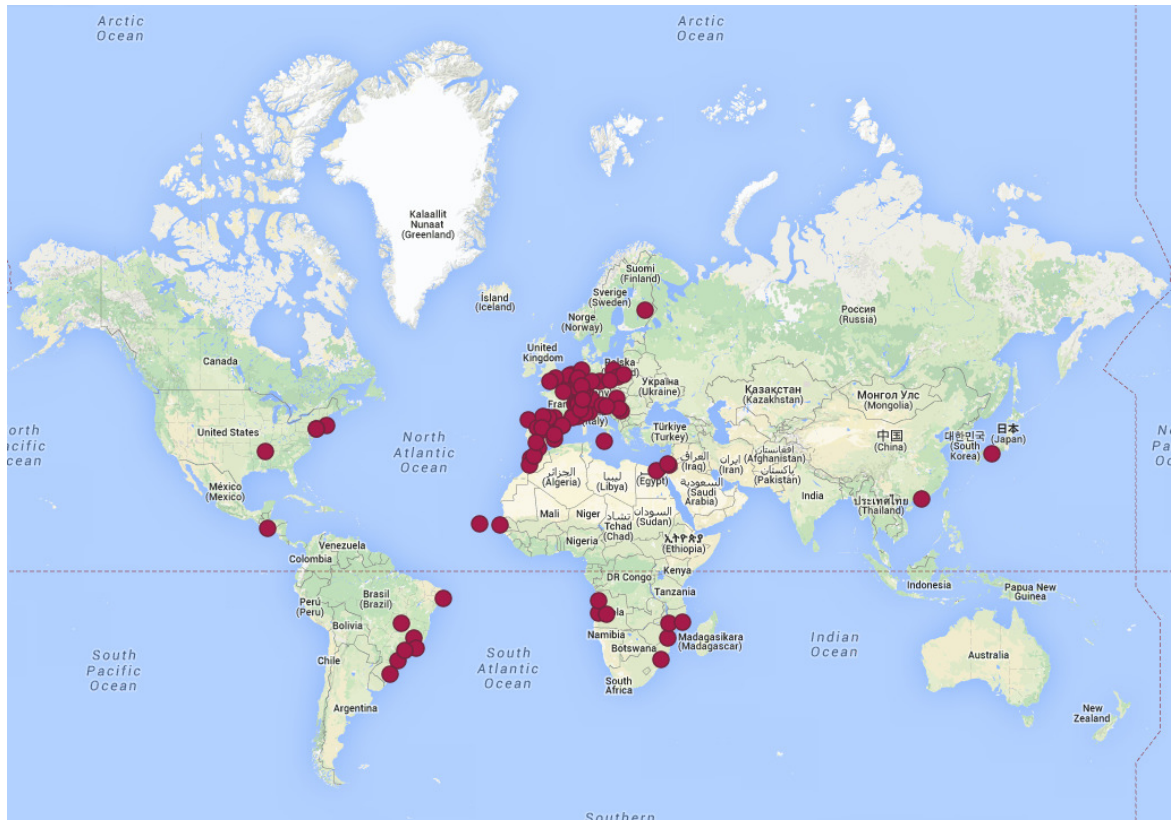
**Paulo Ribeiro
2003 - 2005**



■ Total Portugueses ■ Total Estrangeiros

ANEXO G

Mapa geral de apresentações do BG

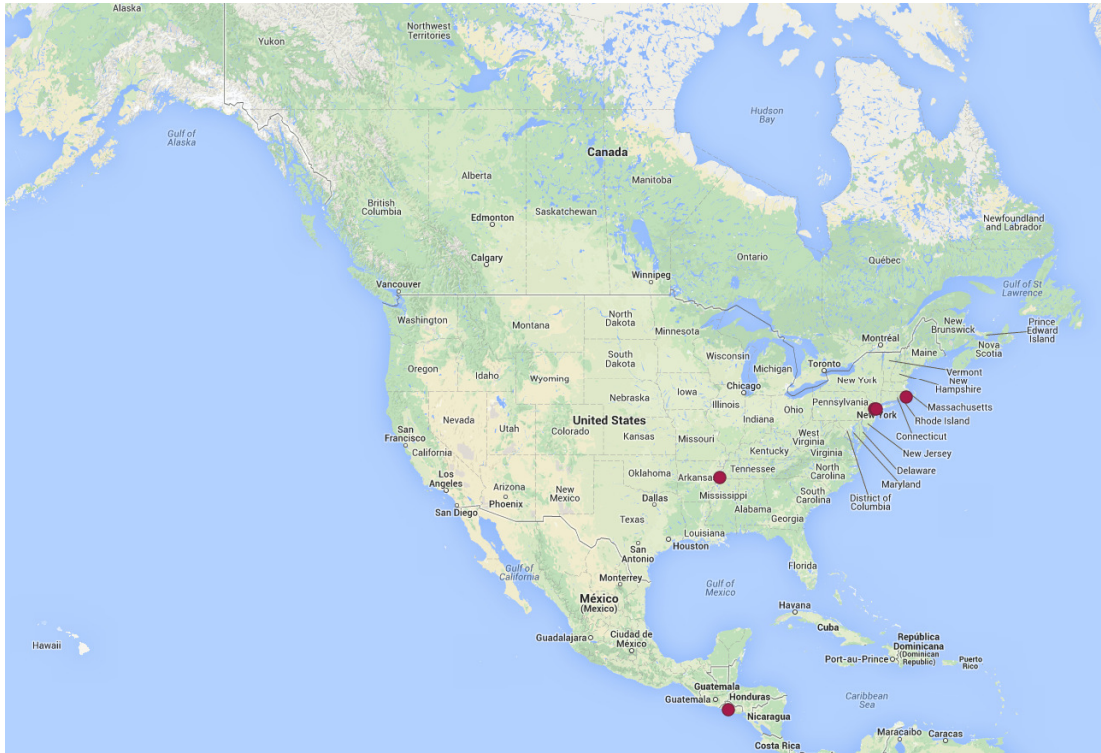




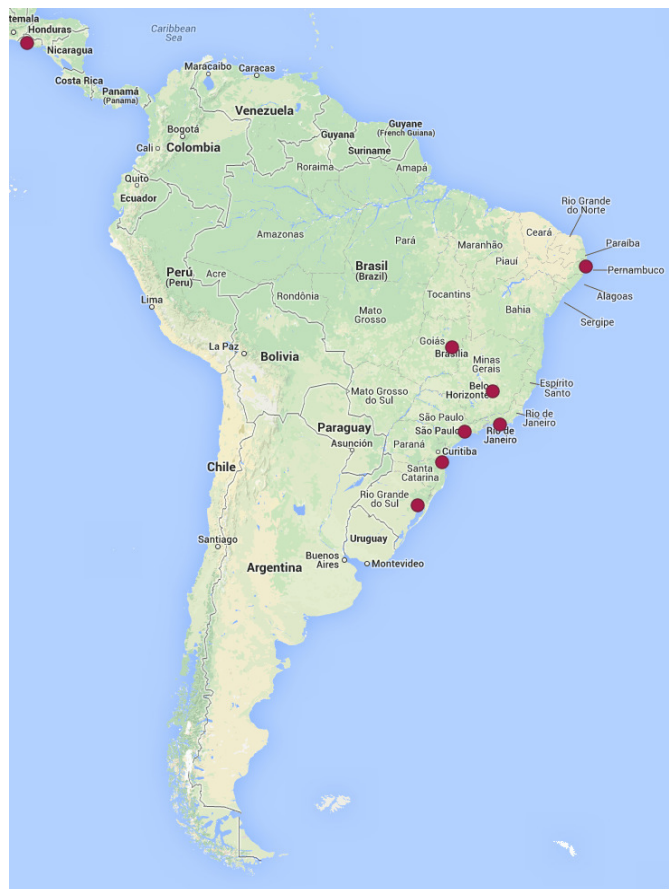
Europa



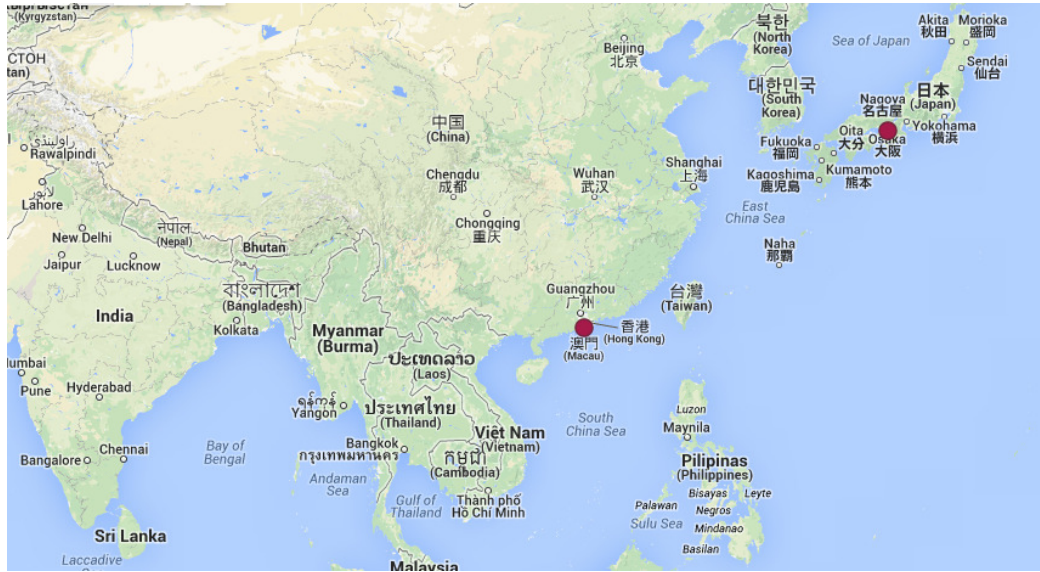
África



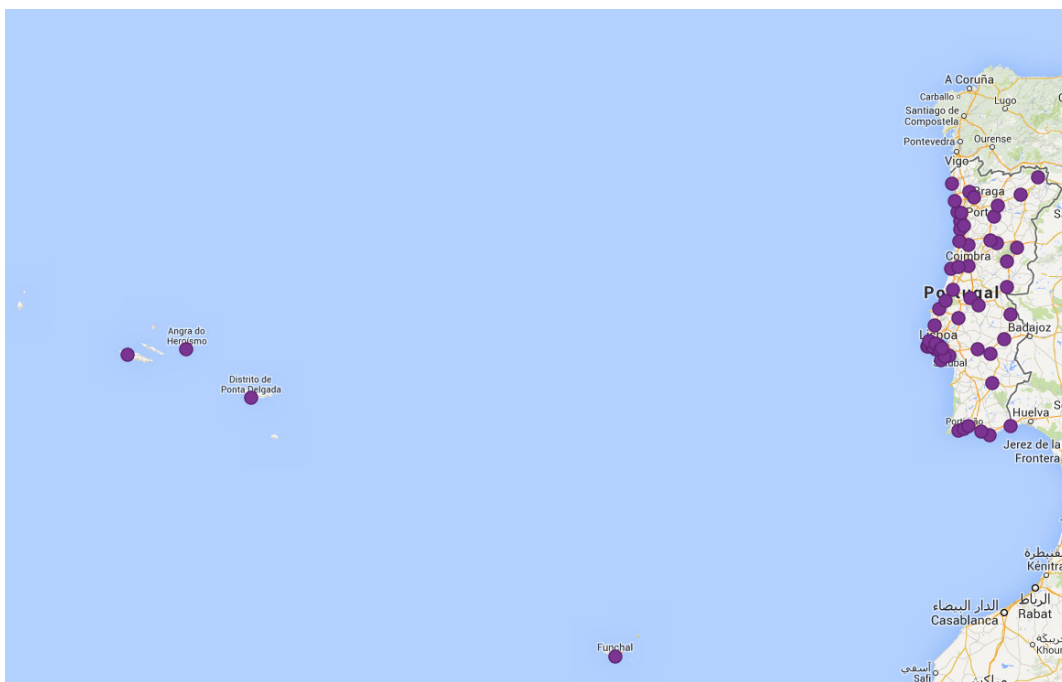
América do Norte



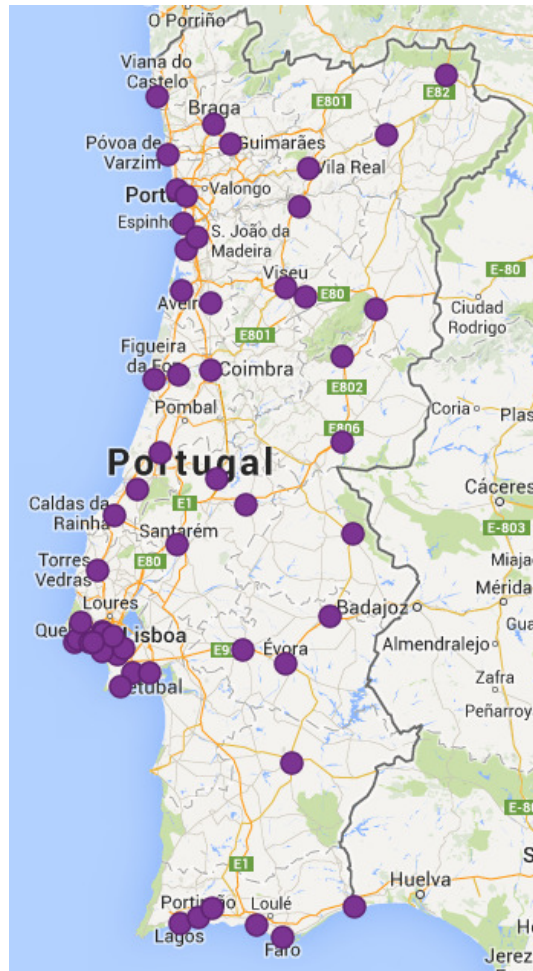
América do Sul



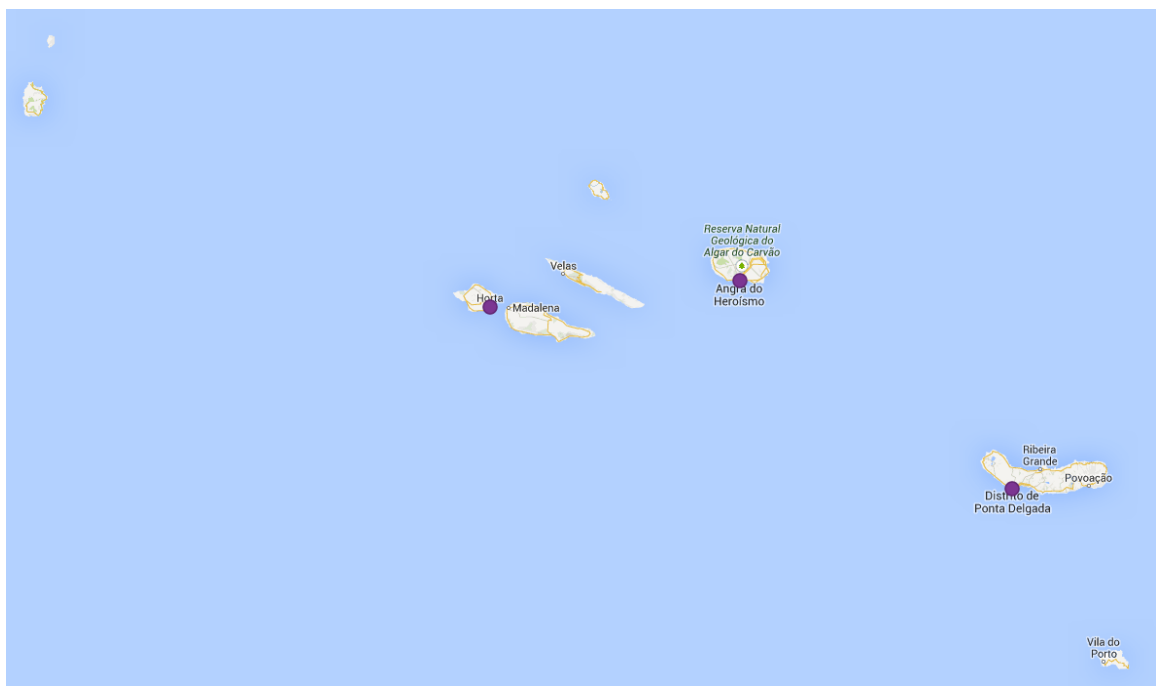
Ásia



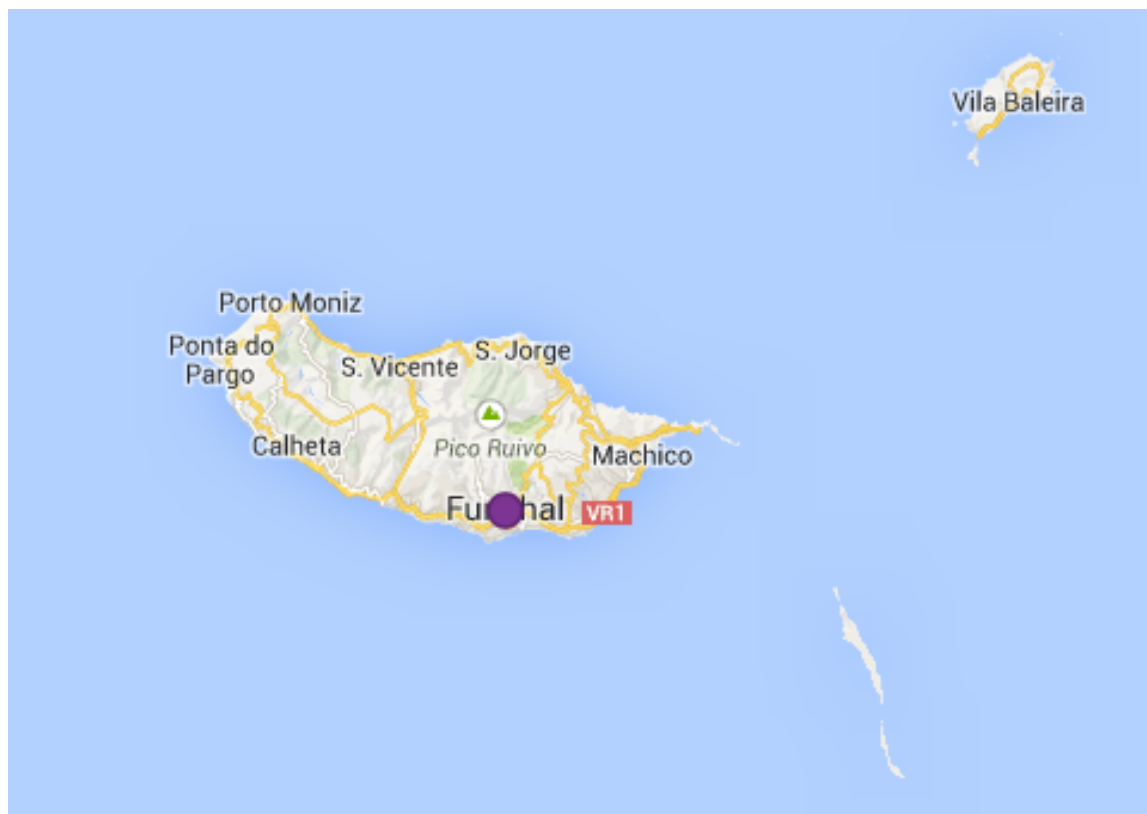
Portugal Continental e Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira



Portugal Continental



Região Autónoma dos Açores



Região Autónoma da Madeira

ANEXO H

Testamento de Calouste Sarkis Gulbenkian

CLÁUSULAS RELATIVAS À CRIAÇÃO DA FUNDAÇÃO

No ano de mil novecentos e cinquenta e três, aos dezoito de Junho, em Lisboa e na Rua Latino Coelho, número três, aonde vim especialmente chamado para este acto, eu, o notário do concelho, Fernando Tavares de Carvalho, com cartório na Rua da Conceição, número cento e trinta e um, primeiro andar, perante mim, o sobredito notário e as duas testemunhas idóneas, ao diante nomeadas e assinadas, compareceu: Calouste Sarkis Gulbenkian nascido em Scutari, Istambul, actualmente súbdito britânico, filho de Sarkis Gulbenkian e de Dirouhi Gulbenkian, viúvo, proprietário e domiciliado em Lisboa, nesta casa, pessoa do meu conhecimento e cuja identidade certifico.

E por ele, Calouste Sarkis Gulbenkian, em presença das mesmas testemunhas, foi dito: Que faz o seu testamento e dispõe dos seus bens pela forma seguinte:

a) Que se matrimoniou em doze de Junho de mil oitocentos e noventa e dois, sem qualquer convenção antenupcial, em Londres, Hotel Metrópole, com a Senhora Nevarte Gulbenkian, falecida no dia um de Julho de mil novecentos e cinquenta e dois;

b) Que, deste casamento, nasceram e existem dois filhos, um, de nome Nubar Sarkis Gulbenkian, nascido em Kadi Koy, perto de Istambul, a dois de Junho de mil oitocentos e noventa e seis, e baptizado na Igreja Sourp Takavor, e outro, Rita Gulbenkian, nascida em Londres, a dois de Julho de mil e novecentos, e como tal os reconhece para todos os efeitos de direito;

c) Que, sendo súbdito britânico, tem o direito de dispor por testamento, livremente, sem qualquer restrição, de todos os seus bens;

d) Que, para todos os efeitos, expressamente declara que deseja que a sua sucessão seja regulada, unicamente, pela lei inglesa, que é a lei nacional, com prejuízo da aplicação de toda e qualquer lei, quer pelo que respeita aos bens situados em Inglaterra, quer pelo que respeita aos bens situados em qualquer outro país;

e) Que, igualmente, pretende que a sua lei nacional, a lei inglesa, seja integralmente observada, qualquer que seja a nacionalidade, originária ou adquirida, que seus filhos possam invocar;

f) Que, todavia, no que respeita à Fundação a que mais tarde fará referencia, pretende que a sua criação, assim como o seu funcionamento sejam regulados, exclusivamente, pela lei portuguesa, uma vez que é nos termos desta lei que ele deseja institui-la e que a mesma seja mantida;

Que, exercendo, como exerce, o referido direito de dispor de todos os seus bens, faz o seu testamento e disposição de última vontade, nos termos das cláusulas seguintes:

DÉCIMA

Pelo presente testamento é criada, nos termos da lei portuguesa, uma Fundação, que deverá denominar-se «Fundação Calouste Gulbenkian». As bases essenciais dessa Fundação são as seguintes:

a) É portuguesa, perpétua, a sua sede é em Lisboa, podendo ter, em qualquer lugar do mundo civilizado, as dependências que forem julgadas necessárias;

b) Os seus fins são de caridade, artísticos, educativos e científicos;

c) A sua acção exercer-se-á, não só em Portugal, mas também em qualquer outro país onde os seus dirigentes o julguem conveniente;

d) Será dirigida e administrada pelos «trustees» adiante designados e por outras pessoas por eles escolhidas ou como for estabelecido nos respectivos estatutos;

e) Logo após a morte do testador, na hipótese de ele o não haver feito antes, os executores testamentários e «trustees» redigirão, e farão aprovar superiormente, os estatutos da mencionada Fundação, e praticarão todos os actos necessários, quer à legislação da Fundação criada por este

testamento, ou à sua criação, caso se entenda que só pela aprovação dos estatutos ela pode considerar-se criada, quer à sua instalação e funcionamento.

§ 1º- Se, para que a Fundação a que esta cláusula se reporta seja válida e juridicamente reconhecida em todos os países em que o testador possui bens, for necessário alargar ou reduzir, ou modificar de qualquer outra maneira, os fins indicados na alínea **b)**, os «trustees» ficam desde já autorizados a fazer o necessário para que a Fundação tenha valor jurídico nesses países.

§ 2º- O testador deseja e espera ter ocasião de criar, ele próprio, em sua vida, a mencionada Fundação. Nesse caso, todas as disposições deste testamento feitas em favor da Fundação a criar pelos «trustees», sob a denominação «Fundação Calouste Gulbenkian» e segundo as bases estabelecidas nas alíneas **a)**, **b)**, **c)**, **d)** e **e)** desta cláusula, considerar-se-ão feitas em favor da Fundação que tiver sido criada pelo testador, e os «trustees» ficam dispensados de criar qualquer outra.

DÉCIMA PRIMEIRA

O património da «Fundação Calouste Gulbenkian» será constituído:

a) Por todos os bens da herança do testador, seja qual for a sua natureza e lugar da sua situação, a que, por este testamento ou outro posterior, ele testador não der destino diverso;

b) Por todos os bens e valores que constituem capital dos «trusts» já criados pelo testador, ou que venham a constituir capital dos «trusts» por ele instituídos neste testamento, ou que, de futuro, venha a instituir, em favor de quaisquer pessoas de sua família ou que não sejam de sua família, singulares ou colectivas, à medida que esses «trusts», por qualquer motivo, terminem, designadamente por morte ou extinção dos respectivos beneficiários; e

c) Por todos os outros bens que o testador, durante a sua vida e por qualquer título, venha a destinar especialmente à Fundação a organizar pelos seus executores testamentários, ou que venha a doar à Fundação, se ele próprio a chegar a criar, em vida, como é seu desejo.

DÉCIMA SEGUNDA

A «Fundação Calouste Gulbenkian», além dos fins gerais referidos na cláusula décima, terá mais os seguintes fins especiais:

a) Manter e pagar todos os subsídios, certos e determinados, que o testador, aquando da sua morte, esteja a pagar, de maneira regular, a pessoas físicas, a quaisquer instituições de caridade, artísticas, religiosas ou científicas, seja qual for o lugar da sua sede ou onde exerçam a sua actividade, mas todas as dúvidas que, a este respeito, possam surgir serão resolvidas pelos seus executores testamentários e «trustees»;

b) Manter e pagar os subsídios com que o testador, presentemente, contribui para o Hospital de Yedi-Kule, em Istambul, e para a Biblioteca Gulbenkian, em Jerusalém; e

c) Pagar as rendas vitalícias e as pensões de reforma estabelecidas, respectivamente, nas cláusulas terceira e quinta e todos os demais encargos deste testamento que não sejam liquidados pelos seus executores testamentários e «trustees» durante o exercício das suas funções.

DÉCIMA QUARTA

A administração de todos os bens da herança do testador, seja qual for a sua natureza e lugar da sua situação, excluídos os bens certos especialmente legados, será exercida pelos «trustees» designados na cláusula seguinte, pela forma que julgarem mais conveniente, mas, em todo o caso, com observância, tanto quanto possível, das seguintes regras:

a) A sede da administração deverá ser em Lisboa, podendo, todavia, os «trustees» criar as delegações que se mostrarem indispensáveis à eficiência dos serviços;

b) Os «trustees» deverão, enquanto ela se mostrar eficaz, utilizar a colaboração efectiva das seguintes pessoas: Senhor Avetoom Pesak Hacobian, Senhor Ekserdjian, Senhor Charles P. L. Whishaw, Senhor Roberto Gulbenkian, Senhor L. G. Denton; e bem assim da firma inglesa de «chartered accountants» Messrs. Thomson McLintock & Co.; e

c) Para a solução dos problemas financeiros de maior importância deverão consultar um banco americano de primeira categoria, como, por exemplo, o Chase National Bank.

DÉCIMA QUINTA

O testador nomeia seus «trustees» as seguintes pessoas:

a) Lord Radcliffe of Wermeth-P. C. G. B. T.-domiciliado em Squire's Mount Hampstead, Londres, N. W. três;

b) O Doutor José de Azeredo Perdigão, advogado, com escritório em Lisboa, na Rua de São Nicolau, vinte e três, segundo andar;

c) O Senhor Kevork Loris Essayan, domiciliado na Avenida de Léna, cinquenta e um, Paris-dezasseis. Se algum dos referidos «trustees» não sobreviver ao testador, a respectiva função será exercida pelos sobreviventes. De momento, Lord Radcliffe, em virtude das suas funções oficiais, não pode aceitar o exercício do cargo. Mas, logo que o impedimento cesse, ele deverá assumir o exercício das funções de «trustee» e a direcção superior da administração da herança e da Fundação.

DÉCIMA SEXTA

Os «trustees» designados serão, ao mesmo tempo, executores testamentários, e o testador, para o exercício da sua dupla função, concede-lhes os mais amplos poderes admitidos pelo direito inglês.

DÉCIMA SÉTIMA

O testador autoriza, especialmente, os seus executores testamentários e «trustees» a tomarem posse de todos os bens da herança, qualquer que seja o lugar onde se encontrem, com dispensa de caução e sem necessidade de inventário, e a disporem, livremente, de todos os mesmos bens, em ordem a plena execução das disposições do testamento.

DÉCIMA OITAVA

Os executores testamentários e «trustees» designados para o efeito de executarem, integralmente, as respectivas disposições, administrarem os ainda administrarem os outros bens da herança até ao momento em que sejam integrados no património da Fundação, poderão, de comum acordo, associar outras pessoas idóneas, com os mesmos poderes, ou com poderes limitados, nomeadamente, o filho do testador, Nubar Sarkis Gulbenkian, e o seu neto, Mikael Essayan, desde que qualquer deles ou ambos, pela sua conduta e respeito pelas disposições do testamento, mereçam esta distinção.

VIGÉSIMA QUINTA

Este testamento anula qualquer outro de data anterior, e, nomeadamente, o testamento feito em seis de Maio de mil novecentos e cinquenta neste Cartório Notarial. Assim o disse, do que dou fé, em presença das testemunhas, cuja idoneidade verifiquei, o Doutor Manuel Antunes Ribeiro, solteiro, maior, advogado, morador nesta cidade, na Rua Escola do Exército, numero trinta e oito, primeiro andar, e o Doutor Ernesto Pereira de Almeida, casado, advogado, morador nesta cidade, na Calçada Marquês de Abrantes, número cento e onze, terceiro andar. Porque o testador, embora compreendendo a língua portuguesa não a domina perfeitamente, foi este acto traduzido e lido em francês, que o mesmo testador muito bem conhece, pelo Doutor Pedro Batalha Reis, casado, membro da Academia Portuguesa de História, morador nesta cidade, na Rua Xavier Cordeiro, número vinte e quatro, intérprete escolhido por ele testador, e que, revestido de tal qualidade, sob a sua palavra de honra me deu a conhecer a vontade do mesmo testador. Lido também este acto por mim, em língua portuguesa e em voz alta, na presença simultânea do testador, das testemunhas e do intérprete, todos o assinaram comigo. O testador vai apor a sua impressão digital.

C. S. Gulbenkian

Manuel Antunes Ribeiro

Ernesto Pereira de Almeida

Pedro Batalha Reis

Fernando Tavares de Carvalho, notário

ANEXO I
Estatutos da FCG

DECRETO-LEI N.º 40690, DE 18 DE JULHO DE 1956 APROVANDO OS ESTATUTOS DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Decreto-Lei N.º 40690

Constitui-se, nos termos deste diploma e dos estatutos que dele fazem parte integrante, a Fundação Calouste Gulbenkian.

Dá-se, por esta forma, o primeiro passo na realização do pensamento generoso do seu instituidor, o súbdito britânico Calouste Sarkis Gulbenkian, cuja herança forma o património desta instituição. A importância dos meios que, pelo seu testamento, lhe foram atribuídos representa a garantia material do exercício da acção que se propõe e que engloba os mais nobres objectivos de solidariedade humana.

Por um lado, foi sua intenção permitir que se desenvolvesse benemerente actividade no campo da assistência. Por outro lado, teve em mente que se iniciasse e prosseguisse esforço generalizado no plano da cultura, em sua expressão educativa, artística e científica, proporcionando para tanto os indispensáveis recursos.

A esta dupla finalidade corresponde a instituição que vai erguer-se de acordo com a vontade do testador, a qual fica pertencendo o avultado remanescente da sua herança. Embora a Fundação tenha a nacionalidade portuguesa e sede em Lisboa, a sua acção exercer-se-á, não só em Portugal, mas também em qualquer outro país onde se mostre aconselhável ou conveniente. Estamos em frente de um belo exemplo de compreensão da função social da riqueza, a opor ao egoísmo que parece assenhorar-se do Mundo e que tende a sacrificar a noção superior de que a fortuna tem deveres na ordem moral, que não pode esquecer nem declinar.

Ninguém mais claramente o terá compreendido do que esse grande criador de riqueza que foi Calouste Sarkis Gulbenkian. O que a sua inteligência, a sua energia e o seu trabalho acumularam durante muitos anos reverte, afinal para a colectividade em benesses materiais e espirituais.

O instituidor escolheu Portugal para instalar a sede da Fundação e quis que ela se constituísse de harmonia com as nossas leis, o que, antes de mais nada, vale como prova de afecto e de preferência pelo País, a que se acolheu em momento delicado da situação internacional, onde passou os últimos anos da sua operosa vida e onde fixou o seu domicílio. Por essa distinção lhe ficam gratos todos os portugueses. Mas não poderiam apenas os motivos sentimentais determinar uma escolha em matéria tão importante, e, necessariamente, outras razões, mais ponderadas e reflectidas, pesaram no ânimo do testador. Bem sabia ele o valor da paz portuguesa e a garantia que ela representava para a obra que iria prolongar o seu pensamento.

Sobejamente apreciava a tranquilidade que entre nós se desfruta e estimava o que há de estável nas instituições e no equilíbrio social, que são o espelho da nossa personalidade, assim como conhecia o grau de respeito que em Portugal se professa, em casos desses, pela vontade dos instituidores.

Por tudo isto, a resolução que tomou foi, também, um acto de fé e de confiança.

Não se desmentirá a justa expectativa de quem entregou ao nosso País a guarda de um legado magnífico, e a administração da Fundação, de maioria portuguesa, não deixará de honrar plenamente essa confiança, pelo acerto dos seus actos e pelo escrúpulo posto na execução da vontade do testador. Nestes termos: Usando da faculdade conferida pela 1ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei o seguinte:

Artigo 1.º

A Fundação Calouste Gulbenkian, criada por Calouste Sarkis Gulbenkian, em testamento datado de 18 de Junho de 1953, é uma instituição particular de utilidade pública geral, com sede em Lisboa, perpétua e dotada de personalidade jurídica, que se rege pelos estatutos anexos ao presente diploma, e que dele fazem parte integrante, e, subsidiariamente, pela legislação portuguesa aplicável.

Artigo 2.º

Os fins da Fundação são caritativos, artísticos, educativos e científicos.

Artigo 3.º

O património da Fundação é constituído pelos bens e valores a que se refere o artigo 8.º dos estatutos.

Artigo 4.º

A administração da Fundação compete a um conselho, composto de três a nove membros, dos quais um será o presidente, devendo a maioria ter a nacionalidade portuguesa.

Artigo 5.º

O exame anual do inventário do património da Fundação e do balanço das receitas e despesas do ano anterior, bem como a verificação da aplicação dos rendimentos de harmonia com os fins estatutários, ficarão a pertencer à comissão revisora de contas, constituída pela forma estabelecida nos estatutos.

Artigo 6.º

A Fundação é isenta de contribuição predial quanto aos imóveis destinados à sua instalação ou à directa realização dos seus fins, beneficiando também das isenções dos demais impostos de que aproveitam as instituições congéneres, nos termos da legislação vigente, e designadamente da isenção prevista no artigo 1.º, alínea a), do Decreto-Lei n.º 37578, de 11 de Outubro de 1949.

Artigo 7.º

São considerados de utilidade pública as expropriações dos imóveis que forem indispensáveis à realização dos fins da Fundação, sendo aplicável ao despejo dos inquilinos dos prédios que lhe pertencerem, quando as instalações por eles ocupadas se tornem necessárias à consecução dos referidos fins, o regime do Decreto-Lei n.º 23 465, de 18 de Janeiro de 1934, salvo quanto ao prazo, que será de seis meses, e quanto à indemnização devida ao arrendatário despejado, que será determinada de harmonia com o disposto no artigo 69.º, alínea c), n.º 3, da Lei n.º 2030, de 22 de Junho de 1948.

Artigo 8.º

Este diploma entra imediatamente em vigor.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 18 de Julho de 1956 -FRANCISCO HIGINO
CRAVEIRO LOPES-António de Oliveira Salazar-Fernando dos Santos Costa-Joaquim
Trigo de Negreiros -João de Matos Antunes Varela -António Manuel Pinto Barbosa -
Américo Deus Rodrigues Thomaz -Eduardo de Arantes e Oliveira-Paul Jorge
Rodrigues Ventura - Francisco de Paula Leite Pinto - Ulisses Cruz de Aguiar Cortês-
Manuel Gomes de Araújo-Henrique Veiga de Macedo.
Para ser presente à Assembleia Nacional.

ESTATUTOS

CAPÍTULO I

Natureza, nacionalidade, duração e sede da instituição

Art. 1º

A Fundação Calouste Gulbenkian, criada por Calouste Sarkis Gulbenkian no seu testamento de 18 de Junho de 1953, com que faleceu em 20 de Julho de 1955, é uma instituição particular de utilidade pública geral, dotada de personalidade jurídica, que se regerá pelos presentes estatutos e, em tudo o que neles for omissivo, pelas leis portuguesas aplicáveis.

Art. 2º

A instituição é portuguesa e perpétua.

Art. 3º

A sua sede é em Lisboa, podendo, contudo, criar dependências onde for julgado necessário ou conveniente.

CAPÍTULO II**Fins e lugares do exercício da actividade da Fundação****Art. 4º**

Os fins da Fundação são caritativos, artísticos, educativos e científicos.

Art. 5º

A acção da Fundação exercer-se-á, não só em Portugal, mas também em qualquer outro país onde os seus administradores julguem conveniente exercê-la.

Art. 6º

Pertence à administração da Fundação escolher, de entre os fins da instituição, não só aquele ou aqueles que em cada lugar devem ser especialmente realizados, mas também a forma e o processo dessa realização.

Art. 7º

Além dos fins gerais mencionados no artigo 4º, a Fundação tem, nos termos expressos do testamento do instituidor, mais os seguintes fins especiais:

- a. Satisfazer todos os subsídios, certos e determinados, que o testador, à data da sua morte, vinha dando, de uma maneira regular, a quaisquer pessoas singulares ou a instituições de caridade, artísticas, religiosas ou científicas, seja qual for o lugar da sua sede ou onde exerçam a sua actividade;
- b. Satisfazer os subsídios que à data da feitura do testamento o testador concedia ao Hospital de Yedi-Kule, em Istambul, e à Biblioteca Gulbenkian, de Jerusalém;
- c. Satisfazer as rendas vitalícias e pensões de reforma instituídas no testamento;
- d. Satisfazer todos os demais encargos e dar execução a todas as determinações do testamento que os executores, por qualquer circunstância, não tenham podido efectivar, designadamente a estipulada na respectiva clausula 24ª.

§ único.

Todas as dúvidas que possam suscitar-se a propósito da execução do fim especial referido na alínea b) do prémio deste artigo serão resolvidas livremente pelos administradores da Fundação.

CAPÍTULO III**Património****Art. 8.º**

O património da Fundação Calouste Gulbenkian é constituído:

- a. Por todos os bens da herança do testador, seja qual for a sua natureza e lugar da sua situação, a que no testamento do instituidor não haja sido dado destino diverso;
- b. Por todos os bens que constituem o capital dos «trusts» criados pelo testador, em vida ou no seu testamento, em favor de terceiros, à medida que esses «trusts», por qualquer motivo, se extingam, sempre que, pelo título de constituição dos mesmos «trusts», outro destino não deva ser dado aos respectivos bens;
- c. Pelos bens que a Fundação adquirir com os rendimentos disponíveis do seu património;
- d. Pelos subsídios, eventuais ou permanentes, que porventura lhe venham a ser concedidos por quaisquer pessoas de direito publico; e, ainda,
- e. Por todos os demais bens que à Fundação advierem por qualquer outro título gratuito.

Art. 9º

A Fundação poderá:

- a. Adquirir bens imobiliários, não só os necessários à instalação da sua sede, dependências e instituições de caridade, artísticas, educativas ou científicas, por ela criadas ou mantidas, mas também os que a sua administração julgue conveniente adquirir com o fim de realizar uma aplicação mais produtiva, ou menos aleatória, dos valores do seu património;

b. Aceitar doações e legados puros e, bem assim, doações e legados condicionais ou onerosos, desde que nestes últimos casos a condição ou o encargo não contrarie os fins da instituição.

CAPÍTULO IV

Administração

Art. 10º

A administração da Fundação compete a um conselho, composto de três a nove membros, dos quais um será o presidente.

Art. 11º

Em razão de a Fundação ser portuguesa e dever funcionar sob a égide das leis do País, a maioria dos membros do conselho deverá ter a nacionalidade portuguesa.

Art. 12º

Enquanto existirem descendentes em linha recta do fundador, um dos lugares do conselho de administração será, de preferência, preenchido por um desses descendentes, quando, em relação ao mesmo, se verificarem as circunstâncias previstas na parte final da primeira regra da cláusula 18ª do testamento do fundador.

Art. 13º

O conselho de administração, em homenagem à memória do fundador, poderá criar o título de presidente honorário da Fundação, para o efeito de o atribuir, quando entender, a um descendente em linha recta do fundador.

O presidente honorário da Fundação não terá função próprias, e, portanto, somente poderá exercer aquelas que lhe resultarem do cargo de vogal do conselho de administração, quando, eventualmente, também fizer parte do mesmo conselho.

Art. 14º

Ao conselho de administração pertencem, como no testamento do fundador se estipula, os mais amplos poderes de representação da Fundação, de livre gerência e disposição do respectivo património e de realização dos fins para que a mesma foi instituída.

Art. 15º

O conselho de administração poderá criar fora de Portugal, nos outros países onde a Fundação venha a exercer, accidental ou permanentemente, a sua actividade, qualquer espécie de representação e organizá-la pela forma que julgar mais eficaz.

Art. 16º

Para a execução do estipulado no artigo anterior, e ainda para o efeito de com ele cooperar no desempenho das suas função, o conselho de administração poderá especialmente:

a. Criar órgãos, permanentes ou não, de consulta e informação em cada um dos ramos das actividades que constituem o objecto ou o fim da Fundação, estabelecer os regulamentos a que o seu funcionamento deva ficar sujeito e preencher os respectivos cargos;

b. Criar, não só os «trusts» previstos no testamento, mas também quaisquer outros que se mostrem necessários e convenientes à boa e mais económica gerência do património da Fundação e transferir para os mesmos o domínio, posse e administração, ou somente a administração, de quaisquer bens que sejam parte do referido património;

c. Delegar, por tempo determinado ou indeterminado, em qualquer ou quaisquer dos seus membros ou em pessoas, singulares ou colectivas estranhas ao conselho a representação do mesmo e o exercício de alguma ou algumas das suas atribuições;

d. Encarregar quaisquer pessoas idóneas, de, sob a designação de secretário geral e de secretários adjuntos, proverem ao expediente ordinário dos serviços da Fundação e de darem execução às deliberações do conselho ou às determinações dos seus membros com funções delegadas;

e. Constituir quaisquer mandatários.

§ único.

Os títulos de delegação e as procurações especificarão os poderes delegados ou conferido e o condicionalismo a que fica sujeito o seu exercício.

Art. 17º

A Fundação Calouste Gulbenkian obriga-se:

- a. Pela assinatura de quaisquer dois membros do seu conselho de administração;
- b. Pela assinatura individual ou conjunta de um ou mais procuradores do conselho de administração, como nos respectivos títulos de delegação ou de mandato se estipular.

Art. 18º

As funções dos vogais do conselho de administração escolhidos pelo fundador no testamento em que criou a Fundação, e nele denominados «trustees», são, como no mesmo testamento se estipula, vitalícias.

São igualmente vitalícias as funções de vogal do conselho de administração quando desempenhadas por qualquer dos actuais descendentes em linha recta do fundador. As funções dos outros vogais do conselho de administração são temporárias e renováveis, como no artigo 20º se determina.

Art. 19º

As vagas actualmente existentes no conselho de administração e as que porventura ocorrerem até terem sido escolhidos, em primeira designação, todos os vogais previstos no artigo 10º serão preenchidas exclusivamente por escolha dos vogais vitalícios designados no testamento e em exercício. As vagas que ocorrerem posteriormente ao completo preenchimento dos lugares do conselho serão providas por deliberação de todos os respectivos vogais e o mesmo se observará quando já não houver vogais vitalícios e, nos termos da regra anterior, o provimento fosse exclusivamente da sua competência.

Art. 20º

As funções dos vogais temporários do conselho durarão por períodos de cinco anos e serão sempre renováveis, como no artigo seguinte se estipula.

Art. 21º

Noventa dias antes, pelo menos, do termo de cada período de duração das funções dos vogais temporários o conselho deliberará, por escrutínio secreto, se deve ou não haver renovação. No caso de ser deliberado que se proceda à renovação, esta recairá sobre os dois vogais do conselho mais antigos, e, no caso de antiguidade ser a mesma, recairá sobre os dois mais velhos.

Art. 22º

Os vogais do conselho de administração serão remunerados como no testamento se estipula.

CAPÍTULO V**Fiscalização****Art. 23º**

O conselho de administração procederá todos os anos a um rigoroso inventário do património da Fundação e a um balanço de todas as suas receitas e despesas. Para esse efeito deverá organizar e manter sempre em dia a respectiva contabilidade, sob a fiscalização permanente, como no testamento se determina, de uma acreditada firma de «chartered accountants».

Art. 24.º

Haverá ainda uma comissão revisora de contas, composta pelo director-geral da Contabilidade Pública, pelo director-geral da Assistência e por mais três vogais, um designado pela Academia das Ciências de Lisboa, outro pela Academia Nacional de Belas-Artes e outro pelo Grémio dos Bancos e Casas Bancárias.

§ único.

As funções dos três referidos vogais durarão pelo período de cinco anos e serão sempre renováveis.

Art. 25º

À comissão revisora de contas pertence:

a. Examinar, até 30 de Junho de cada ano, o inventário do património da Fundação e o balanço das receitas e despesas do ano anterior, tomando por base os relatórios dos «chartered accountants» e documentos que os instruem;

b. Verificar se a aplicação dos rendimentos do património da Fundação se realizou de harmonia com os seus fins estatutários.

Art. 26º

Anualmente a comissão revisora de contas elaborara o seu parecer, que será obrigatoriamente publicado a expensas da Fundação.

Art. 27º

A comissão revisora de contas perceberá a remuneração que, antes de entrar no exercício das suas funções, lhe for fixada pelo conselho de administração. Essa remuneração poderá ser alterada no fim de cada triénio.

CAPÍTULO VI

Disposições transitórias

Art. 28º

Os vogais vitalícios do conselho de administração, após a aprovação destes estatutos, procederão, nos termos do respectivo artigo 19º e da cláusula 18ª do testamento, e à medida que o julgarem necessário, ao provimento, total ou parcial, das vagas existentes no mesmo conselho.

Art. 29º

A primeira comissão revisora de contas deverá estar definitivamente constituída dentro do prazo de sessenta dias, a contar da data da aprovação dos presentes estatutos.

Art. 30º

O primeiro inventário, balanço e contas da Fundação serão encerrados em 31 de Dezembro de 1957.

ANEXO J

Extinción del Ballet Gulbenkian: a sangre fría¹

¹ Publicado originalmente no periódico *Danzahoy*. Laginha, A. (2005). *Extinción del Ballet Gulbenkian: a sangre fría*. Acedido a 20 de Dezembro de 2005 em: <http://www.danzahoy.com>.



Después de 40 años de trabajo el Ballet Gulbenkian cesa sus actividades por decisión de la administración de la fundación que lo subvenciona.

Durante la actual temporada de celebración de sus 44 años, la compañía portuguesa cerró sus puertas definitivamente. Una decisión arbitraria de sus patrocinadores quebró la historia de la danza en Portugal.

La comunidad de la danza portuguesa quedó en estado de shock y sin creerlo. La noticia cayó como un balde de agua helada y todo sonó incoherente, arbitrario, injusto y hasta delirante. La noticia: el conocido y aclamado Ballet Gulbenkian (BG), uno de los más antiguos de Portugal moría por "asesinato", a sangre fría. En medio de la actual temporada de celebración de sus cuatro décadas, el BG cerró sus puertas con la lectura de un lacónico y contradictorio comunicado de la Administración de la Fundación Gulbenkian (FG) en el que se anunciaba el cierre definitivo del ballet. La compañía iba a presentar, en esos días, un programa con creaciones de sus artistas y al mismo tiempo ya ensayaba dos nuevas coreografías para las funciones de inicio de la nueva temporada en octubre. Allí se anunció que los artistas terminarán sus contratos dentro de un año y que aquellos que no quieran buscar trabajo en otras compañías sólo continuarán dando clases en la FG. "Todos los bailarines serán bien recompensados financieramente", añadió la FG en su comunicado.

"¡Todavía no creo que sea verdad! —expresó Benvindo Fonseca, antiguo bailarín principal y coreógrafo del BG, hoy director del Lisboa Ballet Contemporáneo— Yo no tengo palabras para describir el dolor que siento ni para clasificar la manera tan rara y súbita como todo pasó. Jamás pensé que una institución sería pudiera cometer un acto de tan grande irresponsabilidad. ¡Esto es inaceptable!" El nombre de la poderosa Fundación Gulbenkian (FG) —que cumplirá 50 años en 2006— es conocido, sobre todo en Europa, por su compañía de danza, aunque su coro y orquesta también sean de renombre. Las tres agrupaciones fueron creadas como consecuencia del legado del magnate del petróleo, el armenio Calouste Gulbenkian, que dejó en Portugal, no sólo su magnífica colección de arte, sino una poderosa fundación. La cual se transformó, en poco tiempo, en una especie de ministerio de la cultura independiente en una época de dictadura. Antes y después de la "revolución de los claveles" (abril de 1974) la vida cultural del país tuvo su máxima expresión en las iniciativas artísticas (y también sociales) con origen en la FG, ubicada en la capital portuguesa de Lisboa.

Una sólida referencia en la danza nacional, el BG era la compañía mejor estructurada de Portugal, una verdadera compañía nacional y uno de los grupos mundiales con repertorio más extenso y ecléctico. "Todo lo que pasó me parece irreal y muy peligroso –apuntó Bruno Listopad, coreógrafo portugués residente en Holanda y artista invitado del BG–, pues todos los países necesitan de compañías de danza sólidas como el BG. No podemos quedarnos solamente con una compañía de repertório 'clásico', el Ballet Nacional, que no hace mucho por la danza del país".

Durante toda su existencia, el BG formó públicos y un número muy significativo de profesionales en las diversas áreas de la danza. El BG marcó un trayecto, renovó visiones y, sobre todo, elevó la vivencia artística de un público muchas veces limitado en opciones y artísticamente "subnutrido". Después de cuarenta años se convirtió en "patrimonio nacional". "Desde mis tiempos de estudiante –confiesa Fernando Duarte, ex primer bailarín de la Compañía Nacional de Ballet y artista del Ballet Nacional de Noruega– la compañía de la Fundación Gulbenkian fue no sólo un estímulo, sino una fuerte referencia profesional. Con mucho disgusto veo desaparecer 40 años de danza portuguesa". Con el cambio de administradores en la FG, hoy casi todos salidos del mundo de la política, fue una antigua ministra de la Cultura, Teresa Gouveia, que firmó la sentencia de muerte, cuando ya estaba anunciada la programación de la nueva temporada para 2006. Después de una manifestación pública de apoyo a los artistas, en los jardines de la fundación, donde se reunió más de medio millar de amantes de la danza, a la que se sumaron también algunos políticos, sigue una petición "on line" dirigida al Consejo de Administración de la FG. Más de 20.000 firmas aparecen en Internet como una muestra decidida a este "asesinato cultural". Con autoritarismo y arrogancia, el presidente de la FG, Rui Vilar, dijo, seco y tangente, en un segundo comunicado de prensa, que "es una decisión irrevocable y que fue tomada por unanimidad por todos los administradores". (...) El dolor, la injusticia, la falta de sensibilidad y de sentido artístico y patriótico se hacen evidentes no sólo en la comunidad de la danza. El público también acusó recibo de semejante arbitrariedad. Después del cierre del Acarte en años recientes –un servicio cultural para las áreas de vanguardia en la FG – este episodio es lo más trágico que podría haber sucedido al público y a los artistas portugueses.



António Laginha

Licenciado en Arquitectura, tuvo su formación en danza en el Conservatório Nacional (Lisboa), en la Juilliard School (Nova Iorque) y en la New York University/Tisch School of the Arts. Fue bailarín del Ballet Gulbenkian, de la Companhia Nacional de Bailado, de algunas compañías norteamericanas, y se desempeñó como maestro de ballet de la Companhia de Dança de Lisboa. Es coreógrafo, profesor universitario, decano de los críticos de danza de Portugal y director-fundador de la única publicación de danza de Portugal, "Revista da Dança". Desde 1986 publica en periódicos y revistas especializadas, nacionales y extranjeras. En 1998 recibió el Premio Revelación del Ministerio de Cultura/Associação Portuguesa de Escritores, por la obra "O Segredo de Natália" (livro infanto-juvenil de danza). Actualmente dirige el Centro de Dança de Oeiras, fundado en 2001.

ANEXO K

Cronologia dos espectáculos de bailado nos Festivais Gulbenkian de Música

Nota Preliminar

O I Festival Gulbenkian de Música foi organizado fora da Fundação.
Nos anos não assinalados não foram incluídos espectáculos de dança nos festivais.

1957 - I

- Realizaram-se três espectáculos de música no Teatro São Luiz (Lisboa), sob a “orientação” /
organização (de uma comissão de honra da qual constavam)
Marquesa Olga de Cadaval, Elisa de Sousa Pedroso e Pedro de Freitas Branco

1958 - II

– Já sob a tutela de Madalena Perdigão, a directora do recém-fundado Serviço de Música

- Solistas do Ballet Real da Dinamarca
11 de Junho (S. Luiz - Lisboa) e 14 (Coliseu - Lisboa) repetiu no Porto

1959 - III

1960 - IV

1961 - V

1962 - VI

1963 - VII

- Grupo Experimental de Ballet
26 Maio (Jardim Botânico - Coimbra) repete em 2 de Junho (Teatro Avenida - Coimbra) e
em Guimarães, Évora e Leiria

Programa:

As Sílfides - versão recital - (Mikhail Fokine/ Frederik Chopin)
A Peri (Carlos Trincbeiras/Paul Dukas)
O Crime da Aldeia Velha (Águeda Sena/Dmitri Shostakovich)
Divertimento (Norman Dixon/Jacques Ibert)

1964 - VIII

- Grupo Experimental de Ballet
22 Maio (Teatro Luisa Tody - Setúbal) repete em Faro

Programa:

Concerto para Trompete (Pirmin Trecu/Haydn)
Perfis (Anna Máscolo/Paul Hindemith)
Homenagem a Florbela (Norman Dixon/Frank Martin)

Variações para Dez (Anne Heaton/Glazunov)

1965 - IX

- Espectáculo de Danças e Cantares da Arménia
pelo Grupo Folclórico do Líbano

15 Maio (Coliseu - Lisboa) repetiu Porto (Coliseu

, em Setúbal, 19 Maio Coimbra Avenida, Setúbal 16 Maio, Faro S. António Faro e Braga 21

Maio

- Espectáculo de Ópera e Ballet com colaboração do GEB
24 de Maio (Coliseu - Lisboa), 25 Maio (Avenida Coimbra) Rivoli 26 de Maio

Programa:

O Castelo do Barba Azul

O Mandarim Maravilhoso (Milko Sparembek/Béla Bartók)

- Grupo Experimental de Ballet

3 de Junho (Castelo de Leiria) repete no Porto ?????

Programa:

Variações para Dez (Anne Heaton/Glazunov)

Perfis (Anna Máscolo/Paul Hindemith)

O Cisne Negro (Petipa/Tchaikovsky)

La Fille Mal Gardée (John Auld/Ferdinand Hérold)

- La Spinalba c/ GEB ??

1966 - X

- Grupo Gulbenkian de Bailado

21 de Maio (Tivoli - Lisboa) repete em

Programa 1 :

Il Ballo delle Ingrate (Walter Gore/Claudio Monteverdi)

Il Combattimento di Tancredi e Clorinda (Walter Gore/Claudio Monteverdi)

23 de Maio (Teatro Rosa Damasceno - Santarém)

Programa 2 :

La Fille Mal Gardée (John Auld/Ferdinand Hérold)

Ginevra (Walter Gore/Sibelius)

- Berliner Ballet

24 de Maio (Coliseu - Lisboa) e 30 de Maio (Tivoli - Lisboa) repetiu no Porto (Teatro Rivoli)

- La Spinalba (colaboração do GGB)

2 de Junho (TNSC - Lisboa)

1967 - XI

- Alvin Ailey American Dance Theatre

24 de Maio (Tivoli - Lisboa) repetiu em Setúbal, Leiria, Évora, Beja e Faro

- Orfeu (colaboração do GGB)

17 de Maio (TNSC - Lisboa)

- Grupo Gulbenkian de Bailado

22 de Maio (Luisa Tody - Setúbal) repete em 24 de Maio Lisboa Tivoli, Leiria 25 Maio

Programa 1 :

O Lago dos Cisnes - 2º acto - (Ivanov/Tchaikovsky)

O Encontro (Walter Gore/Norman dello Joio)

Danças de Boyce (Walter Gore/ William Boyce)

3 de Junho (TNSC - Lisboa)

Programa 2 :

Simple Symphony (Walter Gore/Benjamin Britten)

Sinfonia da Requiem (Milko Sparembek/Benjamin Britten)

Festa de Aniversário (Walter Gore/Hans C. Lumbye)

1968 - XII

- The Fairy Queen (com a colaboração do GGB)

20 de Maio (TNSC - Lisboa)

- Espectáculos de Ópera e Ballet com colaboração do GGB

28 de Maio (TNSC - Lisboa)

Programa:

Les Malheurs d'Orphée

Salade (Serge Lifar/ Darius Milhaud)

- Ballet do Século Vinte

4 de Junho (Tivoli - Lisboa) 6 de Junho (Coliseu - Lisboa) repetiu em Coimbra

- Grupo Gulbenkian de Bailado

29 de Maio (Teatro José Lúcio da Silva - Leiria) repetiu em Santarém, Aveiro, Faro e Guimarães

Programa 1 :

A Bela e o Monstro (John Auld/Maurice Ravel)

Brincadeiras de Rua (Walter Gore/Jacques Ibert)

Coppélia (John Auld/Léo Delibes)

2 de Junho (Cine-Teatro - Covilhã)

Programa 2 :

O Lago dos Cisnes (2º acto) Ivanov/Tchaikovsky

Sangue no Cais (Walter Gore/Humphrey Searl)

Encruzilhada (Francis Graça/Joly Braga Santos)

6 de Junho (Teatro Circo - Braga)

Programa 3 :

Giselle (Coralli e Perrot/Adolphe Adam)

Encruzilhada (Francis Graça/Joly Braga Santos)

1969 - XIII

- Les Grands Ballets Canadiens

20, 21, 22 Maio (Coliseu - Lisboa) repetiu no Porto e em Coimbra

- Alcina - Haendel (com a colaboração do GGB)

18 de Maio (TNSC - Lisboa)

- A Danação de Fausto" - Berlioz (com a colaboração do GGB)

31 de Maio (Coliseu - Lisboa)

- Grupo Gulbenkian de Bailado

24 de Maio (Cinema Tivoli - Lisboa) repetiu em Évora, Beja e Faro

Programa 1 :

Ensaio de Dança e Movimento (Walter Gore/Back-Rabe-Morthenson-Nielson- Hambreus)

O Pássaro de Fogo (Serge Lifar/ Igor Stravinsky)

O Belo Danúbio (Léonide Massine/Johann Strauss)

Programa 2 :

Ensaio de Dança e Movimento (Walter Gore/Back-Rabe-Hambraeus)

História de Amor (Walter Gore/Alberto Roussel)

Brincadeiras de Rua (Walter Gore/Jacques Ibert)

4 de Junho (Teatro Luisa Todi - Setúbal)

1970 - XIV

- Ifigénia em Taurida - Glük (com a colaboração do GGB)

17 e 20 de Maio (Grande Auditório da Fundação Gulbenkian - Lisboa)

- Gagaku Imperial Dance Theatre

25 de Maio (Grande Auditório da Fundação Gulbenkian - Lisboa)

- Nederlands Dans Theatre

26, 27 de Maio (Grande Auditório da Fundação Gulbenkian - Lisboa) 1 de Junho (Coliseu -

Lisboa)

- Grupo Gulbenkian de Bailado
2 de Junho (Grande Auditório da Fundação Gulbenkian - Lisboa) repetiu no Porto, Aveiro, Beja, Coimbra, Évora, Faro e Guimarães.

Suite de Bach (Michel Descombey/Bach)
Máscaras de Ostende (Juan Corelli/Roman Vlad)
Gravitação - Sparemblek (Miroslav Kabelac)

ANEXO L
Declarações

DECLARAÇÃO

NORMAN ARTHUR DIXON

Eu, abaixo assinado, declaro que li a tese de Doutoramento de ANTÓNIO MANUEL COELHO LAGINHA “*MEMÓRIA DA SAUDADE*”, O Percurso e Identidade Artística do Ballet Gulbenkian como estrutura de referência na Dança Portuguesa (1961-2005)

e verifiquei que todas as citações nela incluídas, que se referem à minha pessoa, extraídas de entrevistas presenciais, por e-mail ou telefónicas, ESTÃO CORRECTAS e RESPEITAM INTEGRALMENTE as minhas ideias e palavras.

Por tal, autorizo a publicação das referidas entrevistas no corpo da tese, bem como em livro, artigos científicos e outros.

Zagreb, 12 de Dezembro 2012

O signatário



DECLARAÇÃO

Maria do Céu Águeda Sena Faria de Vasconcelos

Eu, abaixo assinada, declaro que li a tese de Doutoramento de ANTÓNIO MANUEL COELHO LAGINHA “MEMÓRIA DA SAUDADE”, O Percurso e Identidade Artística do Ballet Gulbenkian como estrutura de referência na Dança Portuguesa (1961-2005)

e verifiquei que todas as citações nela incluídas que se referem à minha pessoa, extraídas de entrevistas presenciais ou telefónicas, ESTÃO CORRECTAS e RESPEITAM INTEGRALMENTE as minhas ideias e palavras.

Por tal, autorizo a publicação das referidas entrevistas no corpo da tese, bem como em livro, artigos científicos e outros.

Cascais, 27 de Maio de 2012

A signatária



DECLARAÇÃO

Maria Bernardete Pessanha Santos (Bernardette Pessanha)

Eu, abaixo assinada, declaro que li a tese de Doutoramento de ANTÓNIO MANUEL COELHO LAGINHA, intitulada “MEMÓRIA DA SAUDADE”, O Percurso e Identidade Artística do Ballet Gulbenkian como estrutura de referência da Dança Portuguesa (1961-2005) e verifiquei que todas as citações nela incluídas, que se referem à minha pessoa, extraídas de entrevistas presenciais ou telefónicas, ESTÃO CORRECTAS e RESPEITAM INTEGRALMENTE as minhas ideias e palavras. Por tal, autorizo a publicação das referidas entrevistas no corpo da tese, bem como em livro, artigos científicos e outros.

Lisboa, 20 de Março de 2013

A signatária B. Pessanha

20-3-2013

ANEXO M
Blog Ballet Gulbenkian

<http://balletgulbenkian.blogspot.pt/>

da autoria do blogger Luke Stylewalker

Ballet Gulbenkian

On July 5th the closing of Ballet Gulbenkian was announced. Please leave your comments and thank you for your support. To read and sign one of the biggest petitions ever in Portugal to reconsider this decision:

<http://www.petitiononline.com/bg05ext/petition.html>

Thursday, August 04, 2005

Então e agora? (DN 02/08/05) 1 comentário

Então e agora?

Elisabete França

Vai tudo de férias e acabou-se? Em Março, estava longe de pensar que Le Sacre du Printemps, de Stravinsky, na coreografia de Marie Chouinard, e a de Paulo Ribeiro para Três Partituras de John Cage/Drum Bass, seriam as últimas peças dançadas no Grande Auditório da fundação pelo Ballet Gulbenkian (BG), estreado como Grupo Gulbenkian de Bailado, que segui desde o Politeama, de 1965 até à abertura do edifício-sede. Ainda em Março, pensava, sim, que o BG, com fases mais e menos boas nestes 40 anos, exibia excelente energia criativa, nível artístico e técnico. Anteontem, fora da fundação como há 40 anos, dançou pela última vez o BG, na sede da Companhia Nacional de Bailado, sua filha clássica, de si saída em 1977.

E agora? Vai tudo de férias e acabou-se?

Será conseqüente a acção cultural anunciada por uma administração que, abruptamente (estúdio coreográfico em marcha, temporada anunciada, ensaios iniciados, assinaturas vendidas), cancelou tudo e extinguiu a companhia? Ao contrário de tanta empresa e instituição, a Gulbenkian goza de boa saúde financeira. Porque não decidiu, por exemplo, anunciar a temporada a vir como última, propondo, a poderes públicos e eventuais mecenas, a continuidade do grupo noutros moldes? Era o mínimo a esperar duma entidade cujo respeito se nos impusera, oásis no nosso deserto, mantendo-se, mesmo após 1974, na vanguarda da oferta artístico-cultural.

Em anos recentes, porém, à mão que dava sobrepôs-se a mão que tira (Jornadas de Música Antiga, Encontros de Música Contemporânea, Bibliotecas, Encontros Acarte). O próprio Serviço Acarte foi extinto. Acredita-se que, quem liquida um serviço de educação pela arte (Acarte) aposte, fundamentalmente, na formação, conforme apregoa? O BG formava, enquanto escola e viveiro de criadores dele saiu a geração da Nova Dança Portuguesa. No entanto, é mais barato financiar avulso, exibindo a flor mecénica na lapela... embora as frágeis companhias existentes não tenham, de todo, condições para suceder ao BG.

Então e agora? Vai tudo de férias e acabou-se?

posted by Luke Stylewalker at 1:13 PM 1 comment

1 Comment

1 – Biranta said...

"Critérios economicistas" que não passam de fachada para prossecução duma sanha destruidora, de gente abjecta, sem cultura e sem referências cívicas, de idoneidade, intelectuais ou sociais. Em boa verdade não há qualquer critério a suportar a decisão; apenas uma "moda", adoptada por gente primária (disfarçada de gente "instruída") cujo resultado destruidor, para a sociedade e para o país, está à vista; uma "moda" que, de tão destruidora, é absolutamente contrária aos "fins" da Fundação, comprometendo, decididamente, o seu prestígio e credibilidade. Gulbenkian deve estar a retorcer-se, no seu túmulo. Mas quem é que, de entre os políticos e "notáveis" deste país, ainda se importa com credibilidade e prestígio? Eles, todos eles, não passam de aprendizes de feiticeiros nazis, que só sabem destruir, gratuitamente. Por isso estas decisões (e outras ainda piores, na mesma linha).

Decisão por unanimidade... Estamos entregues aos bichos...

11:38 AM

- **Alegria desesperada (DN 02/08)**

Only some quotes, the whole article is here:

<http://dn.sapo.pt/2005/08/02/artes/alegria.html>

"O Ballet gulbenkian, no espectáculo de despedida, não só ofereceu a sua arte a amigos e desconhecidos, mas ainda subverteu a tristeza que, à partida, dominava os ânimos ...[...]."

O programa e a mensagem divulgados pelo Ballet Gulbenkian (BG), em folhas A4, sob o título Domingo no Teatro Camões ..[...]. podia tomar-se, à partida, como uma espécie de epitáfio para participantes no ritual fúnebre da companhia. "Não venho ao funeral, faço parte do morto, de alguma maneira", dizia ao DN Nuno Carinhas, acompanhado pela cenógrafa Ana Vaz. O ex-colaborador do BG, também cenógrafo e figurinista ..[...]. lamentava que, no quadro do encerramento diário de fábricas no País, "tenham resolvido fechar uma das tão poucas fábricas de beleza que tínhamos".

Tristeza, perplexidade, indignação e desconfiança dominavam a atmosfera que os bailarinos subverteriam, porém, na sua desesperada e contagiante alegria. Desespero da impotência para inverter o destino por outrém definido, alegria de dançar ainda assim, logo na explosão telúrica e erótica de Cantata, "a agradecer a onda de calor que se gerou à volta deles". Esta vontade - que determinara a prestação pública e gratuita no Teatro Camões, pequeno nos seus quase 900 lugares para acolher quantos queriam integrar "a onda", levando os 27 intérpretes da coreografia colectiva Aqui e Agora, com os músicos do Danças Ocultas, a uma performance suplementar à beira Tejo..[...].

Tanto que Paulo Ribeiro, o último director, chegado com a família ..[...]. só articulou duas frases "Vim ver os bailarinos pela última vez. Agora não vou dizer nada."

Entre a imensidão de gente que, num domingo 31 de Julho, esperara, firme e com mais de uma hora de antecedência, a abertura da bilheteira improvisada no foyer ..[...].. ombreavam figuras públicas com cidadãos anónimos. À aproximação das 19.00, observava-se certa exaltação por parte de quem não chegara a tempo para ter ingresso - largas dezenas, amontoadas à porta. Entre as figuras públicas ..[...]..encontrámos o casal Manuel Maria Carrilho/Bárbara Guimarães. O professor de filosofia, ex-ministro da Cultura e candidato à presidência da CML, que não tem querido "falar sobre isto" nem comenta propostas avulsas mas acha "um bocadinho esquizofrénico fazer distinções entre o cidadão e o candidato", fez breves declarações ao nosso jornal."Em primeiro lugar, foi uma decisão lamentável extinguir o BG. Azeredo Perdigão, como se sabe, era de Viseu, era um conhecimento de família e, desde miúdo, segui o projecto. O BG era uma das melhores representações exteriores do País. Compreendi mal a decisão, que será legítima da parte duma fundação, mas não se pode abrir mão de uma instituição como o BG, assim, sem mais. É um empobrecimento grande para a cidade e para o País. Principalmente num momento em que as coisas estavam a correr bem, do ponto de vista artístico e [da frequência] de público." Quanto a Lisboa, o candidato autárquico do PS pensa que "tem havido grande desinvestimento e desorientação, com falta de uma política de espaços culturais" e defende que "se pense, para o futuro, a ambição da cidade também no domínio das artes do espectáculo".A extinção do BG, para o encenador João Lourenço, chegado na companhia da tradutora, dramaturgista e professora Vera San Payo de Lemos, "é horrível, inacreditável, não se sabe o que se há-de dizer". Todavia, o director do Novo Grupo/Teatro Aberto diz também que "isto representa um espelho da cultura do País. É um gesto muito feio da fundação acabar com o BG é acabar com muito trabalho e sacrifício, com uma das melhores companhias de dança do mundo. E é um exemplo para o Governo: se a Gulbenkian o fez, por que não podem outros fazer?""Completamente cúmplice" com os atingidos, o cantor Luís Madureira recordava-nos "..[...].. Apesar de a fundação ser livre de fazer o que entender, é uma questão de cidadania. As soluções alternativas apresentadas não me parecem suficientes, enquanto frequentador ou enquanto colaborador."

...[...].

posted by Luke Stylewalker at 1:03 PM 0 comments

- **Monday, August 01, 2005**
- **Adeus**



Despedida emocionada

O público acorreu ao Teatro Camões para assistir à última representação do Ballet Gulbenkian e os bilhetes não chegaram para todos. Os bailarinos não encontraram melhor solução do que vir dançar para a rua e foi uma excitação.

<http://www.correiodamanha.pt/noticia.asp?id=168832&idselect=9&idCanal=9&p=94>

Flores aos molhos, muitas palmas, abraços e algumas lágrimas nos olhos, marcaram, ontem à noite, no Teatro Camões, no Parque das Nações, Lisboa, a despedida do Ballet Gulbenkian – que oficialmente já perdeu o título e, com bastante ironia, fez imprimir cartazes onde se lia: “Os bailarinos da ‘Avenida de Berna’ voltam a reunir-se”. A noite foi de emoção para todos e o único ‘senão’ de um serão que prometia ser perfeito foi mesmo a confusão que se armou à porta do teatro. É que apareceu muito mais gente do que a organização esperava e, mesmo depois da direcção da sala ter colado um papel onde se lia ‘Lotação Esgotada’, as pessoas não desarmaram e continuaram a fazer fila à porta do Camões.....

posted by Luke Stylewalker at 12:21 PM 0 comments

- **Última Dança**



ÚLTIMA DANÇA

Lotação muito esgotada e adeus Ballet Gulbenkian

http://jn.sapo.pt/2005/08/01/cultura/lotacao_muito_esgotada_e_adeus_balle.html

posted by Luke Stylewalker at 12:11 PM 0 comments

- **Noite de despedida...**



despedida

Ó último dia do Ballet Gulbenkian

Houve trocas de aplausos calorosos e de flores entre a plateia e o palco

http://dn.sapo.pt/2005/08/01/artes/o_ultimo_do_ballet_gulbenkian.html

posted by Luke Stylewalker at 11:31 AM 3 comments

- **Thursday, July 28, 2005**
- **Ultimo espectáculo do (Ex-) BG no 31/07**



Finalmente o ultimo espectáculo do (Ex) Ballet Gulbenkian!

Dia 31/07/05 no Teatro Camões as 19.00h.

Entrada livre.

Tragam (20) amigos... After-Show party being planned.....

CONVITE:

Convidam as/os bailarinas/os: Mayra Becker, São Castro, Mónica Gomes, Barbara Griggi, Sofia Inácio, Wubkje Kuindersma, Laura Marín, Daniela Neugebauer, Cláudia Nóvoa, Ana Cláudia Ribeiro, Sylvia Rijmer, Iolanda Rodrigues, Sandra Rosado, Ana Sendas, Teresa Alves da Silva, Ann De Vos, Lindanor Xavier, Jordi Alguacil, Allan Falieri, Bernardo Gama, Bruno Guilloré, Hillel Kogan, Danilo Mazzotta, Pedro Mendes, Carlos Prado, Rui Reis, Romeu Runa, Jermaine Maurice Spivey e Rodrigo Vieira. para mostrar "Cantata" de Mauro Bigonzetti que ofereceu os direitos desta obra para que seja a ultima do BG. Mas se vão despedir com mais uma surpresa..... apareçam!

posted by Luke Stylewalker at 11:27 AM 1 comment

1 Comments

1 – João Martins said...

Olá,

Acho que eu também estou em estado de choque.

Pelo menos muito transtornado.

Há uns tempos a Gulbenkian já tinha acabado com as bibliotecas itinerantes.

Um amigo lembrou:

A desculpa era mais ou menos a mesma, que o país tinha evoluído e que já não fazia falta...

As revistas "Colóquio", pouco a pouco, também desaparecerão...

Agora o Ballet.

A outra "grande" companhia, a Nacional de Bailado é "fraca".

A esta opinião, uma amiga disse:

Companhia alternativa fraca? Eu diria talvez "Companhia da Pesada"!

Einstein deve-se ter baseado nestes bailarinos para conceber a Teoria da Gravidade...

Esqueceu-se foi de acrescentar que estes teriam melhor futuro se fizessem as malas e fossem dançar para a lua!

Eu completo:

Newton ou Einstein. A Teoria da "Gravidade" está boa.

O desencanto é realmente grande.

Temos que apoiar agora companhias independentes...

Olga Roriz / Paulo Ribeiro / Rui Horta / Vasco Wellemcamp, Benvindo Fonseca...

... e todos os mais...

Depois, quem sabe o Coro e a Orquestra.

Eu pensava que estas coisas de cancelar programações eram só com o Estado Português, por exemplo o Teatro Nacional de São Carlos.

Vamos ver o que a Gulbenkian vai fazer pelo ballet/bailado nacional...

Provavelmente as futuras temporadas de música e dança subsidiarão as companhias estrangeiras... talvez com alguns solistas ou outros portugueses escondidos nos coros, nas orquestras e nos corpos de bailado...

Depois fui a Sintra para o Bailado.

Bailado!? Ah Bailado Espanhol, da companhia nacional deles.

Muito bom.

Entristece, sim...

Um país que se preze de ter "cultura" tem que ter Companhias de "Repertório". Normalmente não dão lucro, mas elevam o espírito nacional.

Todos os países pequenos da Europa têm.

Portugal tem que ter Bibliotecas pelo país dentro, Teatros Nacionais para ópera e teatro clássico/contemporâneo, Bailado clássico/contemporâneo, Orquestras e Coros, Museus, etc...

Depois devemos ter companhias independentes, em todas as áreas da cultura, subsidiadas ou não.

"Devemos ter" significa: a vida cultural portuguesa sugere naturalmente intervenientes para as várias áreas artísticas; deveria sentir essa necessidade e apetência.

É um modelo clássico de Cultura, é verdade, mas qual a alternativa, a liberal moderna?

O Estado Português parece não querer saber disto, ou é tudo uma questão de dinheiro...

Uma colega perguntou:

Há alguma coisa que se possa fazer?

Respondi:

Pressionar, não sei bem como para além de assistir a todos os espetáculos... e falar sobre eles...

(para quem não é "artista", como eu não sou)

Um amigo afirmou:

O país vai perdendo as suas referências culturais sem que apareçam outras para as substituir.

Sim. Tanto as referências populares como as eruditas.

Mas a cultura em Portugal até agora é para elites, mais do que o "natural" ou o desejável.

Exemplo: a página do jornal "Expresso" online, um jornal de referência, não apresentou qualquer notícia da extinção do Ballet Gulbenkian no dia da extinção e seguinte, mas qualquer "diz que não disse" ou "faz que não fez" sobre o governo do Sócrates (et. al) aparece logo com o maior destaque possível.

Não salva as aparências com os artigos mais ou menos cuidados dois fins de semana após a extinção.

A comunicação social a maior parte das vezes limita-se a transmitir as opiniões interessantes e "encaloradas" dos intervenientes e a demagogia e as eternas incertezas dos políticos.

Os blogs lá vão encaminhando os desabaços e as opiniões que constituirão também parte da opinião pública.

A "Opinião Pública Portuguesa" (nós) na realidade também não existe, limitamo-nos a reagir.

Já temos duas referências culturais nesta mensagem:

Einstein e Socrates... a relatividade e o muro!

(sem conotações políticas directas)
E o Ballet Gulbenkian...

Bons espectáculos...
João Martins
6:15 PM

- **Friday, July 22, 2005**
- **"Without Reasons" from FAZ/Germany**
-



from Germanies *Frankfurter Allgemeine Zeitung* 21/07/05:

"Without Reasons"..... "Portugals best Ballet dissolved".....[...]"The notice without justification leaves Portugal without a single well-know dance company."
posted by Luke Stylewalker at 3:36 PM 0 comments

- **Wednesday, July 18, 2005**

Neue Zürcher Zeitung, newspaper from Switzerland (Zurich), writes about BG... here is the site and article:

<http://www.nzz.ch/2005/07/18/fe/articleCZKFE.html>

- **Aus für das Ballet Gulbenkian**
- **Portugiesische Kompanie aufgelöst**

Lilo Weber

Das Ende kam unerwartet und schnell: Am 5. Juli um 16 Uhr 30 wurde das Ballet Gulbenkian aufgelöst. «It's completely nuts» - total verrückt, sagt Paulo Ribeiro, der künstlerische Direktor der renommiertesten Kompanie Portugals, sichtlich schockiert über den Beschluss der Calouste-Gulbenkian-Stiftung. Das Ballet Gulbenkian war seit vierzig Jahren eine Institution und international geliebtes Kind der Stiftung des Ölbarons Calouste Gulbenkian. 1965 wurde die Kompanie ins Leben gerufen, neun Jahre nach der Gründung der Stiftung, die während vieler Jahre unter der Militärdiktatur von Salazar und Caetano Pionierarbeit in Sachen Kulturförderung betrieb und die noch heute eine der grössten caritativen Organisationen der Welt ist. Zur fortschrittlichen Politik der Stiftung gehörte auch ihre Altersvorsorge. Tänzerinnen und Tänzer werden mit vierzig Jahren pensioniert und erhalten, falls sie zwanzig Jahre lang dabei waren, den vollen Lohn. Das könnte, vermutet Paulo Ribeiro, ein Grund für die Auflösung des Ballet Gulbenkian gewesen sein. Denn in den vierzig Jahren seit Bestehen der Kompanie hätten sich gewissermassen zwei zusätzliche Schattenkompanien gebildet, müssen doch zu den 29 aktiven Tänzerinnen und Tänzer noch deren 70 im Ruhestand bezahlt werden. - Im Übrigen sind finanzielle Gründe kaum vorstellbar. Die Truppe war ständig auf Tournee. Claudia Bauer von der Tanzagentur Ecotopia, die Gulbenkian vertritt, sagt, sie habe Verträge bis zum nächsten Jahr abgeschlossen. Paulo Ribeiro hatte die Kompanie im September 2003 übernommen und das Programm klarer zeitgenössisch ausgerichtet mit Aufträgen an jüngere Choreographen aus der freien internationalen Szene. Letztes Jahr hatte der Lausanner Gilles Jobin ein Stück mit Gulbenkian erarbeitet. Und nun war Guilherme Botelho von der Genfer Alias Compagnie am Proben, als die Nachricht vom Ende eintraf - er durfte am nächsten Tag abreisen. Die Kompanie wurde mit sofortiger Wirkung eingestellt, es wird nur noch trainiert. Bis 2006 erhalten die Mitglieder die Löhne, insgesamt sind 45 Leute von dem Entscheid betroffen. Ein Entscheid, der von offizieller Seite noch immer einer Erklärung bedarf. Es hiess, sagt Ribeiro, man wolle nur noch freien Tanz unterstützen - und dies in derselben Höhe. Bei der Stiftung Gulbenkian in Lissabon schweigen die Direktoren, sind in den Ferien oder sonst wie nicht zu sprechen. Die Presseabteilung verspricht zurückzurufen - was nicht geschieht. Auch die Agentin Claudia Bauer hat kein offizielles Statement erhalten: «In Lissabon verschanzt man sich offenbar hinter verschlossenen Türen, bis niemand mehr anruft.»

TRADUÇÃO (ultimo parágrafo)

"At the Foundation Gulbenkian in Lisbon the administrators keep silent, are on vacation or are not available because of some other reason. The PR department promises to call back -- what doesn't happen. ...[...]

..."It seems like in Lisbon they entrench behind closed doors until nobody calls anymore"..."

posted by Luke Stylewalker at [1:24 PM](#) 0 comments

- **Tuesday, July 19, 2005**
.... from Canada...
Neelanthi Vadivel
Montreal, Canada

To say that the closure of Ballet Gulbenkian is a huge disappointment is the understatement of the century.

A cultural institution, an iconic dance company, the company that most dancers and choreographers can only dream about- what a loss for the dance community and for the world. As a member of the most underappreciated artform in Canada, I must admit that yet another company closure is (unfortunately) not surprising anymore. But for the culturally rich country of Portugal to make such a decision is mind-blowing. Is globalization killing yet another country's cultural integrity?

Because that is what it is-integrity- a respect for your country's identity, heritage and innovative spirit. Dance is the most accessible artform to promote a country's identity to the rest of the world. Dancers represent a nation's most effective cultural ambassadors.

Portugal might as well stop producing and exporting wine...!

With my heartfelt wishes to the dancers who, once again must bear the brunt of a heartless bureaucracy's decisions- keep on pushing. The dancers of the world are with in your struggle.

posted by Luke Stylewalker at [10:48 AM](#) 0 comments

- Monday, July 18, 2005

The extinction and the possible future of *Ballet Gulbenkian* was mentioned in all portuguese newspapers this weekend..... normally more than once. If you think there should be done something to preserve the BG..... tell us what it is and leave a comment....



posted by Luke Stylewalker at [10:10 AM](#) 0 comments

- "Santana Lopes deseja "preservar" Ballet Gulbenkian "



do DN 15/07:

Elisabete França *

Santana Lopes, presidente da Câmara Municipal de Lisboa (CML), decidiu propor o início de conversações com a administração da Fundação Gulbenkian, no sentido de procurar solução para o Ballet Gulbenkian (BG), conforme comunicado emitido ontem à noite. O DN soube, junto de fonte da autarquia, que a CML procura uma solução que concilie os interesses da Fundação Gulbenkian e do Ministério da Cultura. Sendo ponderada a eventual integração do BG na Associação Música, Educação e Cultura (responsável pela Orquestra Metropolitana), e levantando-se, como possíveis sedes residentes, os espaços do Teatro São Luiz ou o Cinema Paris (a recuperar na Estrela). Paulo Ribeiro, director artístico do BG, afirmou ao DN "Não me parece que isto pressuponha um projecto de trabalho. Parece-me mais uma demagogia, uma posição eleitoralista. Estou muito cansado deste jogo de aparências. Por mim, não vou dar qualquer passo neste período delicado." O coreógrafo

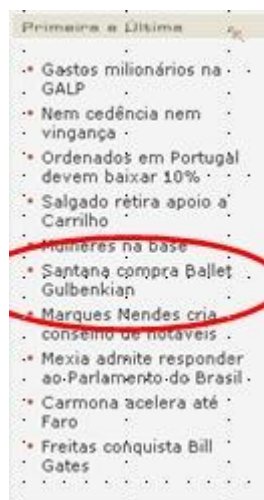
diz achar "isto tudo muito estranho". O director artístico do BG confirmou ao DN ter recebido ontem, à hora de almoço, um telefonema da vereadora da cultura da CML, Maria Manuel Pinto Barbosa, "mas foi tudo muito rápido e a conversa ficou de ser retomada". A estranheza do coreógrafo resulta de episódio que recorda: "Há três anos, quando fui convidado para o BG, planeando trabalho, fiz contactos com Maria Manuel Pinto Barbosa, no sentido de se encontrar um espaço na cidade para estabelecer um interface entre a companhia e o resto do mundo da dança, com actividades pedagógicas, produções de outras companhias, todo um programa retirado da subcave da Av. de Berna. Disse- -me que não faria muito sentido um espaço para uma instituição rica, quando há outras que precisam. Fui eu quem lançou o desafio e não tínhamos voltado a falar". No comunicado, a presidência da autarquia afirmou que, "respeitando" a decisão da Gulbenkian de extinguir a companhia de bailado, "considera também que, em Portugal, onde existem poucas instituições de referência no campo da cultura e das artes, designadamente companhias de bailado, os poderes públicos não podem assistir com indiferença ao desaparecimento de todo um património de excelência que deve ser preservado, incentivado e devidamente enquadrado". A vereadora da cultura irá conduzir o processo para tentar encontrar uma solução com a administração da Gulbenkian e com o director artístico da companhia, bem como com outras instituições e personalidades ligadas a este sector, adianta o comunicado da CML."Não temos conhecimento de que tenha havido qualquer contacto prévio [com a autarquia]", limitou-se a dizer ao DN Leonor Vaz, do gabinete de comunicação da Gulbenkian, ressaltando que, pela hora a que foi emitido o comunicado da CML, não era possível confirmar se a administração o recebeu.

* Com Paula Lobo

posted by Luke Stylewalker at 9:57 AM 0 comments

• **... from "Expresso"...**

unfortunately not possible to read the whole articles online: from Expresso Friday 15th (left) and Saturday 16th (middle and right),





posted by Luke Stylewalker at 9:42 AM 0 comments

- **About Me**
 - [Luke Stylewalker](#)
 - [View my complete profile](#)
- **Links**
 - [Google News](#)
 - [Edit-Me](#)
 - [Edit-Me](#)
- **Previous Posts**
 - [Então e agora? \(DN 02/08/05\) comentario](#)
 - [Alegria desesperada \(DN 02/08\)](#)
 - [Adeus](#)
 - [Última Dança](#)
 - [Noite de despedida...](#)
 - [Ultimo espectáculo do \(Ex-\) BG no 31/07](#)
 - ["Without Reasons" from FAZ/Germany](#)
 - [..NZZ, newspaper from Switzerland, writes about BG...](#)
 - [.... from Canada...](#)
 - [The extinction and the possible future of Ballet Gu...](#)
- **Archives**
 - [July 2005](#)
 - [August 2005](#)

ANEXO N
Breve historial da CNB

Quase duas décadas depois do aparecimento do Grupo Gulbenkian, voltou-se ao "impulso nacional" e, com fins que terão sido quase tão políticos – embora dentro de uma perspectiva histórica bastante diferente – como os com que António Ferro dera alma aos "Bailados Portugueses Verde Gaio", a S.E.C., pela mão de David Mourão-Ferreira, apoiou a realização de um projecto antes sonhado por muitos: a Companhia Nacional de Bailado.

Para tal, reuniram-se bailarinos em Portugal e no estrangeiro, que pouco mais tinham em comum que uma certa juventude e energia, para dar corpo a um grupo que se propunha dançar os clássicos e apresentar um reportório com alguma coerência programática e que, entre outras coisas, certamente necessitaria de muita maturidade interpretativa.

Poder-se-á afirmar que em Dezembro de 1977 voltou a "improvisar-se" outra companhia nacional sob o signo da esperança de se tornar num foco disseminador de ideias (mais do que um mero repositório de artigos museológicos) e informação, e, ao mesmo tempo, forjar uma "tradição" inexistente no nosso país.

A denominada Companhia Nacional de Bailado, muito mais do que uma alternativa ao único grupo de dança profissional então em actividade, o Ballet Gulbenkian, surgiu na sequência de uma derradeira tentativa de provar (entre outras coisas) que, à semelhança dos outros países de uma Europa civilizada, também nós poderíamos ter uma companhia que para se chamar de nacional não necessitasse apenas de se alimentar dos dinheiros públicos. E também que pudesse desmentir aqueles que eventualmente dariam a entender que nem o espírito dos portugueses se identificava muito com a disciplina imposta pelo idioma terpsicórico "académico-clássico", nem o seu perfil e proporções, com as exigências físicas de um bailarino à imagem e semelhança do "tipo-Balanchine", cada vez mais em voga em todo o mundo da dança.

Os anos que antecederam a concretização deste projecto, correspondem sensivelmente a um período pós-revolucionário no país, e em que não só o Ballet Gulbenkian – onde aliás já tinham deixado de pontuar produções puramente clássicas – começava a deixar transparecer algumas fragilidades e contradições (motivadas por um insistente ecletismo), como também se achou propício mostrar ainda estar viva a chama que outrora alimentara experiências mais ou menos frustradas. Algumas delas, possivelmente já tinham partido de grandes personalidades estrangeiras que no séc. XIX passaram por Lisboa nomeadamente os pedagogos Bernardo Vestris, Arthur Saint-Léon e Carlo Blasis; e de outras nacionais, na sua grande maioria sem uma formação adequada e sólida experiência profissional que, apesar das várias tentativas nunca conseguiram implantar (a nível oficial ou não) uma "escola de bailado" suficientemente estruturada e que viesse a servir de base a uma companhia vocacionada para um reportório baseado na tradição clássica. Ou melhor um agrupamento que, nascendo do classicismo, não se fechasse nele nem se resumisse a uma vertente nacionalista tipo Verde Gaio. Ao contrário de muitos outros países – alguns deles com pouca ou nenhuma tradição balética e até com bastante menos prática folclórica – nunca em Portugal, apesar de algumas tentativas (a última tinha partido de Luna Andermatt que, em 1956, criou o Centro de Estudos de Bailado subsidiado pelo Instituto de Alta Cultura), foi possível criar um estabelecimento de ensino, agregado ou não ao teatro nacional de ópera, que reunisse as condições e qualidades necessárias para servir de trampolim a outros voos, tal como acontecera num período de uma certa euforia cultural do "pós-guerra" europeu. Também as visitas de companhias de dança internacionais, de carácter mais ou menos comercial, provocaram um salutar entusiasmo relativo às coisas da dança

e, até, um certo confronto com uma realidade até então inexistente no país. País esse com poucos artistas com um espírito profissional e onde "pensar e escrever sobre dança" era actividade que não merecia grande respeitabilidade nem compensação económica ou intelectual.

Complementando a realização de programas na nova RTP, Luna Andermatt que, com algum pioneirismo levou a Arte de Terpsícore a muitos lares portugueses, segundo "modelos" importados de Inglaterra e França – das escolas do Ballet Real de Inglaterra e do Ballet da Ópera de Paris – deu corpo à Companhia Portuguesa de Bailado, em 1961, cuja qualidade artística a falta de apoio governamental fizeram com que não durasse mais do que uns escassos meses.

Após cerca de uma década à frente da "escola do S. Carlos", Andermatt (que se fizera acompanhar no projecto por Tomaz Ribas) dá lugar a Margarida de Abreu e a Ivo Cruz. Nos últimos anos da sua existência, Anna Ivanova, assessorada por outro inglês, David Boswel, conseguiu alguns resultados prometedores, sobretudo se se tiver em conta o nível artístico e o número de alunos que frequentavam a escola de dança do Conservatório Nacional.

Em 1976, vinte anos depois da primeira tentativa de Luna Andermatt de criar uma escola e uma companhia, e enquanto membro do Conselho Nacional de Cultura, esta viu aprovado a nível oficial um novo projecto. Esse facto levá-la-ia a convidar uma sua colaboradora na televisão, Vera Varela-Cid, o crítico Pedro Risques e uma profissional de gabarito, Isabel Santa Rosa, para a elaboração das normas básicas tendentes a pôr de pé um grupo de arranque, tendo os três primeiros assumido a direcção efectiva da C.N.B. durante o seu primeiro ano de existência. Posteriormente essa tarefa caberia a Armando Jorge, ex-bailarino do Ballet Gulbenkian, que após deixar a companhia voltou a trabalhar no estrangeiro mas emprestou o seu nome à recém-formada companhia na discreta qualidade de Conselheiro Artístico.

Com a solenidade que o evento merecia, o grupo estreou-se em 5 de Dezembro de 1977, curiosamente no Teatro Rivoli, na cidade do Porto, com um elenco "de emergência" constituído maioritariamente por bailarinas de origem anglo-saxónica saídas de duas escolas britânicas; e por um grupo "pré-profissional" e cerca de uma vintena de alunos vinculados a dois "centros" com sede respectivamente em Lisboa e no Porto. Criada em regime experimental, institucionalizada por força de decreto-lei (e posteriormente integrada no Teatro Nacional de S. Carlos E.P., em Julho de 1985), a companhia, desde o seu início teve, teoricamente, por atribuições principais "promover e difundir o bailado, bem como formar e estimular novos bailarinos, coreógrafos, e técnicos; produzir bailados clássicos ou contemporâneos, sempre que possível pertencentes ao património coreográfico e musical português, e encomendar novas partituras susceptíveis de enriquecer esse património; assim como promover cursos de férias, seminários e outras actividades tendentes a difundir a arte "balética" e sua descentralização".

Sendo, pela sua própria natureza, um organismo de "inspiração" nacional, era legítimo esperar dele que tivesse como ponto de honra um acervo coreográfico personalizado e minimamente identificável com a realidade do país que representa para que pudesse ser, quando necessário, um digno embaixador no estrangeiro da nossa cultura. Naturalmente, o seu âmbito também deveria abranger, como aliás vem expresso nos seus estatutos, todo o espaço continental e insular não se limitando simplesmente a qualquer das áreas metropolitanas de Portugal.

Após o afastamento sucessivo de todos os membros originais da Direcção Artística da companhia, Armando Jorge tomou oficialmente as rédeas do grupo tornando-se, até 1994 – ano em

que ele próprio foi destacado pela então Secretaria de Estado da Cultura para outras funções – o único responsável pela sua programação, pelas digressões no País e no estrangeiro, pelo ensino num "centro de formação de bailarinos" criado na companhia e pela realização de concursos coreográficos (85 e 86) e de "cursos de verão" de bailado (entre 81 e 85).

O percurso artístico da CNB debaixo da alçada de Armando Jorge pode bem dividir-se em três períodos distintos. Cada um deles abrange um período que ronda os quatro anos. Um primeiro, "de implantação", com os trabalhos do director e coreógrafo residente a pontuarem a par de peças do reportório tradicional, um segundo, "de desenvolvimento e afirmação", em que se faz apelo a criadores de maior gabarito e a peças de maior dificuldade técnico-estilística e em que se detecta uma significativa quebra na veia coreográfica de Armando Jorge, e um último "de instabilidade" caracterizado por uma certa confusão e inércia. Além do evidente desinteresse mostrado por Armando Jorge tanto a nível de produção coreográfica própria como até da gestão artística, a inclusão efectiva da companhia na estrutura artístico-técnica do Teatro de S. Carlos também contribuiu para uma situação particularmente infeliz e que resultaria na "dispensa" de Armando Jorge.

Apesar das muitas adversidades ao longo da sua existência, o "núcleo" central da companhia melhorou progressivamente, facto imputável à consciencialização profissional e não menos à dura competição vinda dos muitos estrangeiros que, sobretudo, ao longo da primeira década da sua existência, confrontaram os bailarinos portugueses (quase sempre em desvantagem perante aqueles) com a realidade além-fronteiras.

Dos seus primeiros anos, vividos tanto pelos artistas como pelo seu crescente público com um misto de novidade e excitação, ficou-nos um reportório formado por bailados em um acto, e acessíveis a um grupo de poucos recursos técnicos e estilísticos. São dessa época obras como "O Baile dos Cadetes", o "Festival das Flores em Genzano" (pas-de-deux), "Les Sylphides", "Andante", "Canto de Amor e Morte", "Ad Libitum" e "Sinfonia 3". É a fase (única) em que se detecta uma deliberada preocupação de encomendar obras coreográficas originais (e partituras musicais em primeira audição ou não) a artistas portugueses, ou pelo menos residentes em Portugal, nomeadamente Carlos Trincheiras e Patrick Hurde e a alguns canadianos. É ainda a fase mais produtiva do seu "coreógrafo residente", Armando Jorge, que produziu uma vistosa "Carmina Burana"- para a qual concebeu o seu envolvimento plástico – e que no futuro viria a exhibir frequentemente como uma espécie de *ex-libris* da companhia. Simultaneamente requisita-se ao Ballet Gulbenkian o "Canto da Solidão" (sobre partitura homónima de Álvaro Cassuto) de Armando Jorge.

Ao segundo período associa-se um certo refinamento, tanto na escolha das obras como no gosto do próprio público o que culminou na exigência de trabalhos de maior fôlego tais como uma obra completa de August Bournonville ("La Sylphide"), um "Romeu e Julieta" (de George Skibine), uma "Raymonda" (remontada por Terry Westmoreland), uma "Giselle" (cuidadosamente dirigida por Jorge Garcia), uma "Mesa Verde" (Kurt Jooss), uma "Sagração da Primavera" (Carlos Trincheiras) e duas obras seminais do variadíssimo espólio de George Balanchine: "Serenade" e "Concerto Barocco".

Nos últimos anos, na "ausência" de Armando Jorge e com a imprescindível falta de pelo menos um "coreógrafo residente" enérgico e produtivo, a companhia começou a recorrer ostensivamente à produção "enlatada" adquirida no estrangeiro. É por demais visível que, a partir do momento em que o grupo adquiriu alguma coesão e um razoável nível técnico, a filosofia estética

seguida pelo director da C.N.B. começou a ter raízes mais profundas em modelos estrangeiros. Armando Jorge, um dos melhores bailarinos clássicos portugueses cuja carreira se estendeu aos "Grands Ballets Canadiens", teve na década de sessenta a oportunidade de contactar com as obras dos grandes mestres norte-americanos, mormente Balanchine e Limón, as quais posteriormente tentou transladar para Lisboa. Além destas, e à míngua de obras criativas e verdadeiramente contemporâneas, o Director Artístico da C.N.B. refugiou-se na reprodução de grandes extravagâncias do período czarista russo (designadamente "O Quebra-Nozes", "O Lago dos Cisnes", "Coppélia" e "D. Quixote"), datando de 84 a sua última criação original para a companhia.

Se em termos de produção musical a C.N.B. não investiu nem fomentou o desenvolvimento da composição para dança, quanto ao design cénico verifica-se que ao longo da sua existência se podem destringir duas fases distintas: uma em que se solicitou a colaboração de alguns portugueses, mormente Cruzeiro Seixas, Júlio Resende, Lagoa Henriques e Luís Filipe Abreu e outra em que, gradualmente, se foi optando por nomes particularmente conhecidos além-fronteiras. O apelo a cenógrafos-figurinistas da craveira de um Ferruccio Villagrossi, um Peter Farmer ou de um Alexander Vassiliev, teve o propósito evidente de pretender competir, num plano meramente decorativo, com as grandes produções estrangeiras. Mas de todos os artistas plásticos convidados a desenhar para a CNB, o nome do português Nuno Côrte-Real – com créditos bem firmados em todo o mundo e junto de grupos tão importantes como o "Ballet do Século XX" – agiganta-se entre todos eles. Infelizmente, ambos os "ballets" que lhe couberam em sorte, tanto "O Pássaro de Fogo", remontado pelo canadiano Brydon Page, como "Sonho de uma Noite de Verão", numa versão do neozelandês Gray Veredon, resultaram em obras menores e que nem os magníficos cenários e os deslumbrantes figurinos os salvaram de uma morte anunciada.

Das memórias do desaparecido "Verde Gaio", a C.N.B. apresentou em 87 a reconstrução de um bailado de Fernando Lima, "O Fado" (A Severa) com música de Jaime Silva (Filho), estreado em S. Carlos em 1961, cerca de dois anos após a última vez em que os artistas da companhia foram chamados a colaborar num objecto artístico expressamente concebido para o seu elenco feminino: "As Troianas" de Olga Roriz/Constança Capdeville/Nuno Carinhas.

Uma premissa não levanta grandes dúvidas: o público que numa determinada altura começou a acorrer aos espectáculos e a acarinhar a companhia, nas últimas temporadas Armando Jorge começou a diminuir perigosamente e, não menos grave, a envelhecer. Os poucos que se mantiveram fiéis, terá sido por simpatia e carinho relativamente a alguns artistas «da casa» e no ensejo de, pontualmente, confirmarem com olhos aficionados o brilho disperso de algumas estrelas visitantes de renome mundial ou, apenas, por nostalgia de um passado balético "glamouroso" outrora conotado com um S. Carlos em que desfilava a alta sociedade lisboeta. No nosso primeiro teatro ou, pontualmente no Tivoli, passaram, ao longo dos anos 50 e 60, grandes estrelas mundiais que só nos anos 80 voltariam a tocar Lisboa. O mais paradigmático exemplo desse fogo-fátuo que a CNB reeditou foi o par gaulês Sylvie Guillem-Manuel Legris que, em 87 protagonizou o "Lago dos Cisnes".

Possuidora de um variado acervo coreográfico de fazer inveja a qualquer companhia norte-americana dos anos 50, ao deixar o S. Carlos e voltar para as "mãos" de Armando Jorge, a Companhia Nacional acabou por ficar cada vez mais dependente de directivas governamentais a nível económico. E se Armando Jorge tinha um projecto que se esgotou nas suas fragilidades, pior do que isso, foi quando a companhia deixou de ter qualquer projecto reflectindo, ao fim de uns anos, um

enorme desgaste programático e humano. Não se podendo alhear de toda uma problemática geral inerente ao próprio teatro a que, durante alguns, se encontrou vinculada e a uma continuada "rotatividade" no seu elenco, a companhia, ainda com Armando Jorge na direcção, começou a tomar o caminho do Verde Gaio.

Embora se tivesse pensado, em determinada altura, fazer da C.N.B. a companhia de bailado do nosso primeiro teatro, muito poucas vezes (apenas na China e no Brasil), o estado a utilizou como emissária cultural, preferindo frequentemente uma companhia privada, o ballet da rica Fundação Gulbenkian.

Pelas razões apontadas – e que se prendem directamente com a falta de apoio financeiro e de directivas governamentais competentes – a C.N.B., em queda a pique, passou em 94 para as mãos de Isabel Santa Rosa.

Santana Lopes, o Secretário de Estado da Cultura "laranja" que, nos finais de 93, "inventara" um Instituto Português do Bailado e da Dança (IPBD) com o fim de politizar, praticamente, toda a que não dependia da Gulbenkian – que, aliás, nunca chegou a ter uma existência totalmente legal – em vez de procurar alguém que desse uma nova "alma" à companhia, optou por um nome "sonante".

Afastada do país por mais de 15 anos, Santa Rosa, desconhecendo a realidade portuguesa e totalmente controlada por funcionários de um instituto sem qualquer formação em dança ou em gestão de artes, não se conseguiu impor acabando por dar continuidade à "linha" Armando Jorge. Curiosamente, este que nunca foi afastado do seu cargo de director artístico, foi até convidado por Santa Rosa para coreografar um desinteressante "Sonho de Uma Noite Verão". Jorge, que prosseguiu uma carreira (na "concorrência") de empresário de bailado, durante a passagem da sua antiga "partenaire" pela CNB, pôs em cena um velho projecto iniciado muitos anos atrás na própria companhia e viu ratificado no festival Lisboa'94 um programa que ele próprio escolhera, "A Sagração da Primavera" e "As Bodas".

Esmagada por muitas pressões, incapaz de tomar decisões de fundo e semeando a confusão entre bailarinos e pessoal artístico, Santa Rosa, acabou por não dar conta do recado contribuindo para atrasar ainda mais o esperado processo de "mudança" da companhia.

A sua demissão tornou-se evidente e, em 1996, Jorge Salavisa, recém-saído do B.G. onde cumprira cerca de duas décadas na direcção, recebeu "de bandeja" do Secretário de Estado da Cultura, Rui Vieira Nery, um grupo desmotivado e pouco activo, mantendo um elenco algo disfuncional e uma estrutura carenciada de bons quadros artísticos e administrativos.

Com a extinção do IPBD, Salavisa toma nas suas mãos a reestruturação da CNB tendo convidado para directora artística Luísa Taveira. Esta não ficaria nem uma temporada e é substituída pelo holandês Mark Jonkers.

Com a saída de Salavisa é nomeada para directora geral da CNB Ana Caldas que se apressou a despedir Jonkers e a contratar o turco Mehmet Balkan. Com o afastamento de ambos, Vasco Wellenkamp é nomeado director em 2007 e Luisa Taveira, inesperadamente, reincide em 2011.

Fonte:

Laginha, António (1998) *Portugal 45-95 Nas artes, nas letras e nas ideias*. Artes do espectáculo: Dança. Lisboa: Centro Nacional de Cultura, pp. 193-217.

*

